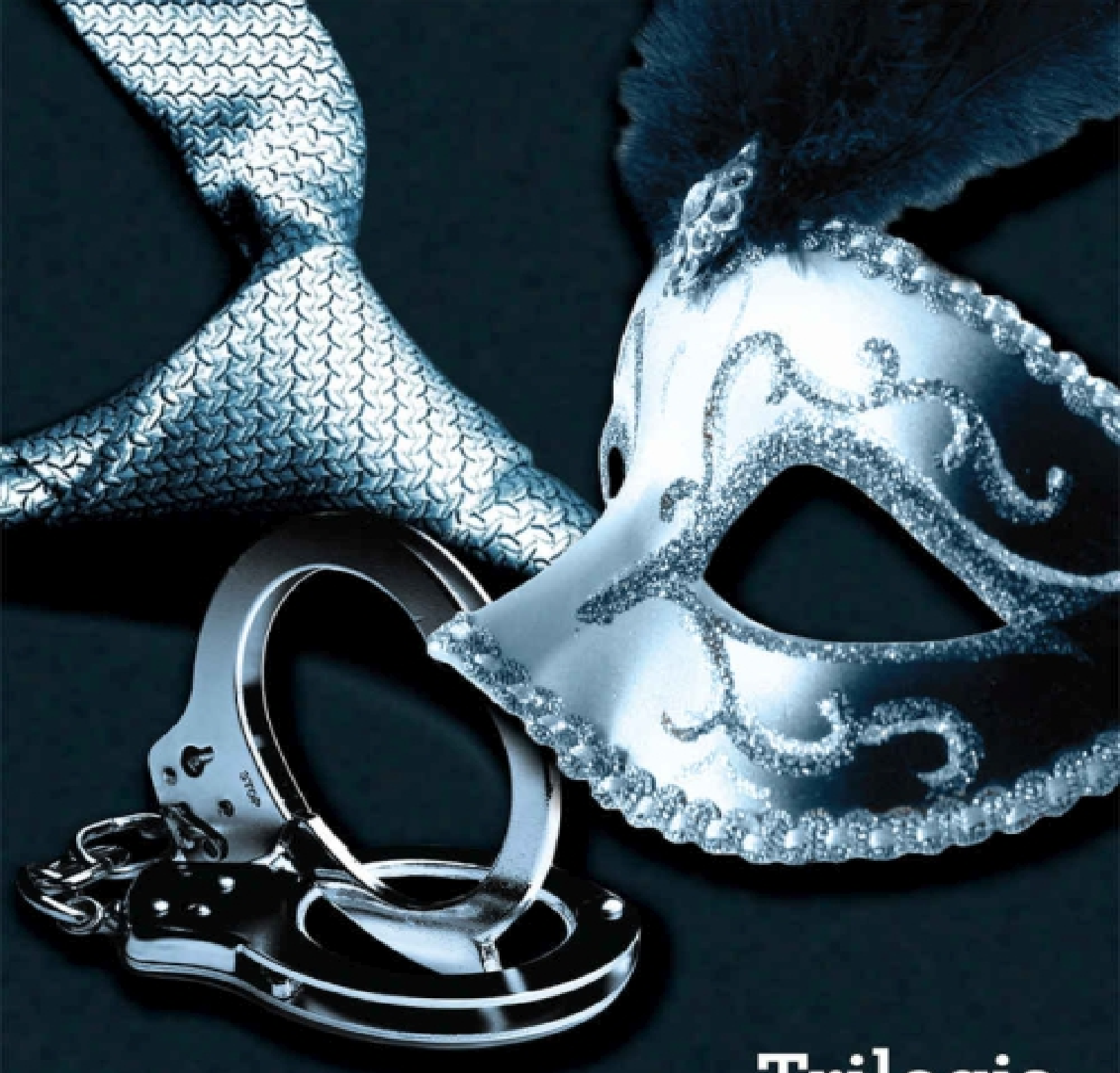




Trilogia
Cinquenta
tons de cinza

E L James





Cinquenta
tons de
cinza

E L James



E L James

Cinquenta tons de cinza

TRADUÇÃO DE ADALGISA CAMPOS DA SILVA



Copyright © Fifty Shades Ltd 2011

A autora publicou, inicialmente na internet e sob o pseudônimo Snowqueen's Icedragon, uma versão em capítulos desta história, com personagens diferentes e sob o título *Master of the Universe*.

TÍTULO ORIGINAL
Fifty Shades of Grey

CAPA
Jennifer McGuire

IMAGEM DE CAPA
© Papuga2006 / Dreamstime.com

PREPARAÇÃO
Cristhiane Ruiz

REVISÃO
Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini
Cristiane Pacanowski

GERAÇÃO DE EPUB
Intrinseca

E-ISBN
978-85-8057-219-3

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-050 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

AGRADECIMENTOS

Por toda a ajuda e o apoio, sou grata às seguintes pessoas:

A meu marido, Niall. Obrigada por tolerar minha obsessão, por ser um deus doméstico e por fazer a primeira revisão do livro.

A minha chefe, Lisa. Obrigada por me aturar no último ano, enquanto eu me entregava a esta loucura.

A CCL. Nunca vou contar, mas obrigada.

Às bunker babes originais. Obrigada pela amizade e pelo apoio permanente.

A SR. Obrigada por todos os conselhos práticos desde o início.

A Sue Malone. Obrigada pela ajuda.

A Amanda e a todas as TWCS. Obrigada pela aposta.

CAPÍTULO UM

Encaro a mim mesma no espelho, frustrada. Maldito cabelo, que simplesmente não me obedece, e maldita Katherine Kavanagh que resolveu ficar doente e me submeter a essa tortura. Eu deveria estar estudando para as provas finais, que são daqui a uma semana, mas estou tentando amansar meu cabelo com a escova. *Não devo dormir com ele molhado. Não devo dormir com ele molhado.* Recitando várias vezes esse mantra, tento, mais uma vez, escová-lo até domá-lo. Reviro os olhos, exasperada, e fito a garota pálida de cabelo castanho e olhos azuis grandes demais para o rosto que me devolve o olhar, e desisto. Minha única opção é prender o cabelo rebelde num rabo de cavalo e torcer que eu esteja mais ou menos apresentável.

Kate é a garota com quem divido a casa, e ela escolheu logo hoje para ser vencida pela gripe. Portanto, não pode fazer a entrevista que conseguiu, com um megamagnata industrial de quem nunca ouvi falar, para o jornal da faculdade. Então ela me convocou como voluntária. Preciso meter a cara para as provas finais, tenho um ensaio para terminar e devia trabalhar hoje à tarde, mas não: vou dirigir duzentos e setenta quilômetros até o centro de Seattle para encontrar o enigmático CEO da Grey Enterprises Holdings, Inc. Como empresário excepcional e principal benemérito de nossa universidade, seu tempo é extraordinariamente precioso — muito mais precioso que o meu —, mas ele concordou em falar com Kate. Uma grande conquista, diz ela. Malditas atividades extracurriculares de Kate.

Ela está encolhida no sofá da sala.

— Ana, me desculpe. Levei nove meses para conseguir essa entrevista. Vou levar mais seis para remarcar, e a essa altura nós duas já estaremos formadas. Como editora, não posso cancelar

tudo. Por favor — Kate implora, com a voz rouca por causa da dor de garganta.

Como ela faz isso? Mesmo doente, está graciosa e muito bonita, o cabelo louro-avermelhado no lugar e os olhos verdes luminosos, apesar de um pouco congestionados e lacrimejantes. Ignoro meu sentimento inoportuno de solidariedade.

— Claro que vou, Kate. E você deve voltar para a cama. Quer um remédio para gripe? Ou um Tylenol?

— Um remédio para gripe, por favor. Aqui estão as perguntas e o meu gravador. Basta apertar esse botão. Tome notas, eu transcreverei tudo.

— Não sei nada sobre ele — murmuro, tentando em vão conter meu pânico crescente.

— As perguntas vão ajudá-la. Vá. A viagem é longa. Não quero que se atrase.

— Tudo bem. Estou indo. Volte para a cama. Fiz uma sopa para você esquentar mais tarde. — Olho para ela com carinho. *Só por você, Kate, eu faria isso.*

— Vou esquentar. Boa sorte. E obrigada, Ana. Como sempre você está salvando a minha vida.

Pego minha mochila, lanço-lhe um sorriso irônico e depois saio para pegar o carro. Não posso acreditar que Kate me convenceu a fazer isso. Mas Kate consegue convencer qualquer um a fazer qualquer coisa. Ela vai ser uma jornalista excepcional. É articulada, forte, persuasiva, sabe argumentar bem, é bonita — e é minha melhor e mais querida amiga.

* * *

AS RUAS ESTÃO VAZIAS quando saio de Vancouver, Washington, em direção à Rodovia Interestadual 5. É cedo, e não preciso estar em Seattle antes das duas da tarde. Felizmente, Kate me emprestou sua Mercedes esportiva CLK. Não sei bem se com Wanda, meu fusca velho, eu chegaria a tempo. Ah, a Mercedes é gostosa de dirigir, e os quilômetros deslizam à medida que piso fundo no acelerador.

Meu destino é a sede da empresa global do Sr. Grey. Trata-se de um prédio comercial de vinte andares, todo de vidro e aço, um desses projetos arquitetônicos excêntricos, com o nome GREY HOUSE escrito discretamente em aço em cima das portas de vidro da entrada. São quinze para as duas quando chego e, com grande alívio por não estar atrasada, entro no saguão imenso — e, para ser sincera, intimidante —, todo de vidro, aço e arenito.

Atrás da mesa maciça de arenito, uma jovem loura muito atraente e bem-arrumada sorri para mim com simpatia. Está vestida com o mais elegante conjunto de terninho cinza e camisa branca que já vi. Parece imaculada.

— Estou aqui para falar com o Sr. Grey. Anastasia Steele da parte de Katherine Kavanagh.

— Um momento, Srta. Steele.

Ela ergue a sobrancelha ligeiramente quando paro sem jeito à sua frente. Começo a desejar ter pedido emprestado um dos blazers formais de Kate em vez de ter vindo com minha jaqueta azul-marinho. Fiz um esforço, e vesti minha única saia, minhas botas até o joelho e um suéter azul. Na minha opinião, isso já é elegante. Ponho uma das mechas rebeldes do meu cabelo para trás da orelha, fingindo que ela não me intimida.

— A Srta. Kavanagh está sendo aguardada. Assine aqui, por favor, Srta. Steele. É o último elevador à direita, vigésimo andar. — Ela sorri gentilmente para mim, sem dúvida se divertindo, enquanto assino.

Ela me entrega um crachá com a palavra “visitante” estampada com firmeza na frente. Não consigo conter um sorrisinho. Está na cara que só estou de visita. Não me encaixo aqui de jeito nenhum. *É sempre a mesma coisa*, suspiro internamente. Agradecendo-lhe, vou até os elevadores passando por dois seguranças, ambos muito mais bem-vestidos que eu com seus ternos pretos bem-cortados.

O elevador me leva zunindo, em alta velocidade, para o vigésimo andar. As portas se abrem e estou em outro amplo saguão — novamente de vidro, aço e arenito branco. Deparo com outra mesa de arenito e outra jovem loura, dessa vez impecavelmente vestida de preto e branco, que se levanta para me receber.

— Srta. Steele, poderia aguardar aqui, por favor? — diz, apontando para uma área de espera com cadeiras de couro brancas.

Atrás das cadeiras brancas, há uma ampla sala de reuniões com paredes de vidro e uma mesa igualmente ampla de madeira escura que tem ao redor pelo menos vinte cadeiras iguais. Além da mesa, há uma janela que vai do piso ao teto com vista para a cidade de Seattle. É uma paisagem incrível, e fico momentaneamente paralisada com a visão. *Uau!*

Sento-me, pesco as perguntas na mochila e as leio, xingando Kate mentalmente por não ter me fornecido uma breve biografia. Não sei nada sobre o homem que estou prestes a entrevistar. Ele poderia ter noventa anos ou trinta. A incerteza é mortificante, e fico de novo com os nervos à flor da pele, o que me deixa agitada. Nunca me senti à vontade com entrevistas cara a cara, prefiro o anonimato de uma discussão em grupo onde posso me sentar sem ser notada no fundo da sala. Para ser franca, gosto mesmo é de ficar sozinha, lendo um romance inglês clássico, encolhida numa cadeira na biblioteca do campus. Não toda contraída de nervoso sentada num prédio colossais de vidro e pedra.

Reviro os olhos para mim mesma. *Controle-se, Steele.* A julgar pelo prédio, que é asséptico e moderno demais, acho que Grey está na faixa dos quarenta anos: forte, bronzeado e com cabelo claro, para combinar com seus funcionários.

Outra loura elegante e bem-vestida sai de uma grande porta à direita. Qual é a de todas essas louras impecáveis? Parece a reunião das mulheres perfeitas. Respiro fundo e me levanto.

— Srta. Steele? — a última loura me chama.

— Sim — graso, e pigarreio. — Sim. — Pronto, esse soa mais seguro.

— O Sr. Grey já vai receber a senhorita. Posso guardar sua jaqueta?

— Ah, por favor. — Tiro a jaqueta com dificuldade.

— Já lhe ofereceram algo para beber?

— Hum, não. — Ai meu Deus, será que a Loura Número Dois está ferrada?

A Loura Número Três fecha a cara e olha para a jovem à mesa.

— Gostaria de chá, café, água? — pergunta, voltando novamente a atenção para mim.

— Um copo d'água. Obrigada — murmuro.

— Olivia, vá buscar um copo d'água para a Srta. Steele, por favor.

Sua voz é severa. Olivia se levanta depressa e corre para uma porta do outro lado do saguão.

— Peço desculpas, Srta. Steele, Olivia é nossa nova estagiária. Sente-se, por favor. O Sr. Grey a atenderá em cinco minutos.

Olivia volta com um copo de água com gelo.

— Aqui está, Srta. Steele.

— Obrigada.

A Loura Número Três marcha até a grande mesa, o clique dos saltos no chão de arenito ecoando no ambiente. Ela se senta e ambas continuam seu trabalho.

Vai ver o Sr. Grey insiste em só ter funcionárias louras. Estou me perguntando se isso não é ilegal quando a porta do escritório se abre e um negro alto, bem-vestido e atraente, com *dreads* curtos, sai lá de dentro. Definitivamente, escolhi a roupa errada.

Ele se volta para a porta e diz para o lado de dentro:

— Golfe esta semana, Grey?

Não escuto a resposta. Ele se vira, me vê e sorri, os olhos escuros franzindo nos cantos. Olivia já se levantou e chamou o elevador. Ela parece ser especialista em se levantar de um pulo. Está mais nervosa que eu!

— Boa tarde, senhoras — diz ele ao entrar no elevador.

— O Sr. Grey vai recebê-la agora, Srta. Steele. Pode entrar — diz a Loura Número Três.

Estou imóvel e bastante trêmula, tentando controlar os nervos. Pego a mochila, abandono o copo d'água e me encaminho para a porta entreaberta.

— Não precisa bater, basta entrar. — Ela sorri com simpatia.

Empurro a porta, tropeço em meus próprios pés e caio estatelada no escritório.

Merda: eu e meus dois pés esquerdos! Caio de quatro no vão da porta da sala do Sr. Grey e mãos delicadas me envolvem, ajudando-me a levantar. Que vergonha, maldita falta de jeito! Tenho que me

armar de coragem para erguer os olhos. Caramba... ele é muito jovem.

— Srta. Kavanagh. — Ele estende uma mão de dedos longos quando já estou de pé. — Sou Christian Grey. A senhorita está bem? Gostaria de se sentar?

Muito jovem. E atraente, muito atraente. É alto, está vestindo um belo terno cinza, camisa branca e gravata preta, tem o cabelo revoltado acobreado e olhos cinzentos vivos que me olham com astúcia. Custa um pouco a conseguir falar.

— Hum. Na verdade... — murmuro.

Se esse cara tiver mais de trinta anos, eu sou um mico de circo. Aturdida, coloco minha mão na dele e nos cumprimentamos. Quando nossos dedos se tocam, sinto um arrepio excitante me percorrer. Retiro a mão rapidamente, envergonhada. Deve ser eletricidade estática. Pisco depressa, no ritmo da minha pulsação.

— A Srta. Kavanagh está indisposta, e me mandou no lugar dela. Espero que não se importe, Sr. Grey.

— E seu nome é?

A voz dele é quente, possivelmente está achando divertido, mas é difícil dizer por sua expressão impassível. Ele parece um pouco interessado, mas acima de tudo educado.

— Anastasia Steele. Estudo Literatura Inglesa com Kate, hum, Katherine... hum... a Srta. Kavanagh, na WSU em Vancouver.

— Entendi — diz ele simplesmente.

Acho que vejo a sombra de um sorriso em sua expressão, mas não tenho certeza.

— Quer se sentar?

Ele me indica um sofá em L de couro branco.

A sala é grande demais para uma pessoa só. Na frente dos janelões que vão do piso ao teto, há uma enorme mesa moderna de madeira escura, ao redor da qual seis pessoas poderiam comer confortavelmente. Ela combina com a mesinha de apoio ao lado do sofá. Todo o resto é branco — teto, chão e paredes —, a não ser a parede ao lado da porta, onde há um mosaico formado por pequenas pinturas, trinta e seis quadrinhos compondo um quadrado. São excepcionais: uma série de objetos corriqueiros pintados com

detalhes tão precisos que parecem fotografias. Dispostos juntos, são de tirar o fôlego.

— Um artista local. Trouton — diz Grey ao cruzar com o meu olhar.

— São lindos. Tornam extraordinário um objeto comum — murmuro, distraída com ele e com os quadros. Ele inclina a cabeça e me olha com atenção.

— Concordo plenamente, Srta. Steele — retruca em voz baixa e, por alguma razão inexplicável, me flagro corando.

À parte os quadros, o restante da sala é frio, limpo e asséptico. Pergunto-me se reflete a personalidade do Adônis que afunda graciosamente numa das poltronas brancas de couro à minha frente. Balanço a cabeça, perturbada com o rumo dos meus pensamentos, e retiro as perguntas de Kate da mochila. Em seguida, configuro o gravador digital canhestramente, deixando-o cair duas vezes na mesa de centro diante de mim. O Sr. Grey não diz nada, aguardando com paciência — espero — enquanto fico cada vez mais sem jeito e nervosa. Quando arranjo coragem para olhar para ele, ele está me observando, uma das mãos relaxadas no colo e a outra segurando o queixo, passando o esguio dedo médio nos lábios. Acho que está tentando conter um sorriso.

— Desculpe — gaguejo. — Não estou acostumada com isso.

— Não tenha pressa, Srta. Steele — diz ele.

— O senhor se incomoda se eu gravar a entrevista?

— Depois de todo esse esforço para configurar o gravador, é agora que me pergunta?

Enrubesco. Ele está me provocando? Acho que sim. Pisco para ele, sem saber bem o que dizer, e acho que ele fica com pena de mim, porque cede.

— Não, não me importo.

— Kate, quer dizer, a Srta. Kavanagh, explicou-lhe para o que era a entrevista?

— Sim. Para sair na edição de formatura do jornal da faculdade, já que eu vou entregar os diplomas na cerimônia de graduação deste ano.

Ah! Isso é novidade para mim, e fico temporariamente preocupada com a ideia de que uma pessoa não muito mais velha

que eu — ok, talvez mais ou menos uns seis anos mais velha, e ok, muitíssimo bem-sucedida, mas mesmo assim — vai entregar meu diploma. Franzo a testa, direcionando a minha atenção rebelde para a tarefa em questão.

— Ótimo. — Engulo em seco. — Tenho algumas perguntas, Sr. Grey. — Coloco uma mecha de cabelo desgarrada atrás da orelha.

— Achei que poderia ter — diz ele, inexpressivo.

Está debochando de mim. Minhas bochechas ficam vermelhas e eu me empertigo na cadeira, esticando as costas para parecer mais alta e mais intimidadora. Apertando o botão do gravador, tento parecer profissional.

— O senhor é muito jovem para ter construído um império deste porte. A que deve seu sucesso?

Olho para ele. Seu sorriso é enternecedor, mas ele parece vagamente desapontado.

— Os negócios têm a ver com pessoas, Srta. Steele, e sou muito bom em avaliar pessoas. Sei como elas funcionam, o que as faz florescer, o que não faz, o que as inspira e como incentivá-las. Emprego uma equipe excepcional, e recompenso-a bem. — Ele faz uma pausa e me fita com aqueles olhos cinzentos. — Acredito que, para alcançar o sucesso em qualquer projeto, é preciso dominá-lo, entendê-lo por completo, conhecer cada detalhe. Trabalho muito para isso. Tomo decisões com base na lógica e nos fatos. Tenho um instinto natural capaz de detectar e promover uma boa ideia, e boas pessoas. No fim, o fator preponderante sempre se resume a pessoas competentes.

— Quem sabe o senhor simplesmente tenha sorte.

Isso não está na lista de Kate, mas ele é muito arrogante. Uma expressão de surpresa brilha rapidamente em seus olhos.

— Não acredito em sorte ou acaso, Srta. Steele. Quanto mais eu trabalho, mais sorte pareço ter. A questão é realmente contar com as pessoas certas em sua equipe e saber direcionar a energia delas. Acho que foi Harvey Firestone que disse: “O crescimento e o desenvolvimento das pessoas é a maior ambição da liderança.”

— O senhor fala como um maníaco por controle. — As palavras saem de minha boca antes que eu possa impedi-las.

— Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele — diz ele sem nenhum vestígio de humor no sorriso.

Olho para ele, e ele sustenta meu olhar, impassível. Meu coração bate mais depressa, e meu rosto torna a corar.

Por que ele me deixa tão nervosa? Será pela impressionante aparência física? Pelo olhar inflamado que dirige a mim? Pelo jeito de passar o dedo no lábio inferior? Queria que ele parasse de fazer isso.

— Além do mais, é possível conquistar um imenso poder quando nos convencemos, em nossos devaneios mais secretos, de que nascemos para controlar — prossegue ele, com a voz macia.

— Acha que possui um imenso poder? — *Maníaco por controle.*

— Emprego mais de quarenta mil pessoas, Srta. Steele. Isso me dá certo senso de responsabilidade, ou poder, se quiser chamar assim. Se eu resolvesse não me interessar mais por telecomunicações e vendesse minha empresa, em um mês, mais ou menos, vinte mil pessoas teriam dificuldade para pagar suas hipotecas.

Meu queixo cai. Estou estarecida com sua falta de humildade.

— O senhor não tem uma diretoria à qual precise responder? — pergunto, enojada.

— A empresa é minha. Não tenho que responder a uma diretoria. — Ele ergue uma sobrancelha para mim.

É claro que eu saberia disso se tivesse feito alguma pesquisa. Mas, cacete, ele é muito arrogante. Mudo de enfoque.

— E tem algum interesse fora o trabalho?

— Tenho interesses variados, Srta. Steele. — A sombra de um sorriso toca seus lábios. — Muito variados.

E, por alguma razão, fico confusa e excitada com seu olhar constante. Seus olhos estão iluminados com algum pensamento perverso.

— Mas se trabalha tanto, o que faz para relaxar?

— Relaxar? — Ele sorri, revelando dentes brancos perfeitos. Prendo a respiração. Ele é mesmo bonito. Ninguém devia ser tão atraente. — Bem, para “relaxar” como você diz, eu velejo, voo, me entrego a várias atividades físicas. — Ele se mexe na cadeira. —

Sou um homem muito rico, Srta. Steele, e tenho hobbies caros e apaixonantes.

Dou uma rápida olhada nas perguntas de Kate, desejando mudar de assunto.

— O senhor investe no setor manufatureiro. Por que, especificamente? — pergunto. Por que ele me deixa tão desconfortável?

— Gosto de construir coisas. Gosto de saber como funcionam: o que faz com que funcionem, como construí-las e desconstruí-las. E tenho adoração por navios. O que mais posso dizer?

— Parece que é o seu coração falando e não a lógica e os fatos. Ele repuxa o canto da boca, e me avalia com o olhar.

— É possível. Embora muitas pessoas digam que eu não tenho coração.

— Por que diriam isso?

— Porque me conhecem bem. — Ele dá um sorriso irônico.

— Seus amigos diriam que é fácil conhecê-lo? — Arrependo-me da pergunta tão logo a faço. Não está na lista de Kate.

— Sou uma pessoa muito fechada, Srta. Steele. Esforço-me muito para proteger minha privacidade. Não dou muitas entrevistas...

— Por que aceitou dar esta?

— Porque sou benemérito da universidade e, em termos práticos, não consegui me livrar da Srta. Kavanagh. Ela não parou de importunar meu pessoal de relações públicas, e eu admiro esse tipo de tenacidade.

Eu sei quão tenaz Kate pode ser. Por isso estou sentada aqui me contorcendo embaraçosamente sob o olhar penetrante deste homem, quando deveria estar estudando para as provas.

— O senhor também investe em tecnologias agrícolas. Por que se interessa por essa área?

— Não podemos comer dinheiro, Srta. Steele, e há muita gente neste planeta que não tem o que comer.

— Essa justificativa soa muito filantrópica. É algo que o torna passional? Alimentar os pobres do mundo?

Ele dá de ombros, muito evasivo.

— É um negócio inteligente — murmura, embora eu ache que está sendo pouco sincero.

Não faz sentido. Alimentar os pobres do mundo? Não vejo os benefícios financeiros disso, só a virtude do ideal. Dou uma olhada na pergunta seguinte, confusa com a atitude dele.

— O senhor tem uma filosofia? Caso tenha, qual é?

— Não tenho uma filosofia propriamente dita. Talvez alguns princípios orientadores. Como diz Carnegie: “*O homem que adquire a habilidade de tomar posse completa da própria mente, pode tomar posse de qualquer coisa a que tenha direito.*” Sou muito singular, ambicioso. Gosto de controlar, a mim e a quem me cerca.

— Então gosta de possuir coisas? — *Você é um maníaco por controle.*

— Quero merecer possuí-las, mas sim, em resumo, eu gosto.

— O senhor parece ser um consumidor voraz.

— Eu sou. — Ele sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos.

De novo, isso não bate com alguém que quer alimentar o mundo, então não posso deixar de pensar que estamos falando de outra coisa, mas não faço a menor ideia do que seja. Engulo em seco. A temperatura da sala está subindo, ou talvez seja só a minha. Quero que a entrevista acabe. Com certeza Kate já tem material suficiente. Olho a pergunta seguinte.

— O senhor foi adotado. Até que ponto acha que isso moldou sua maneira de ser? — Nossa, isso é muito pessoal. Olho para ele, torcendo para que não tenha se ofendido. Ele tem o olhar sombrio.

— Não tenho como saber.

Meu interesse aumenta.

— Quantos anos tinha quando foi adotado?

— Isso é assunto de domínio público, Srta. Steele. — Seu tom é severo.

Droga. Sim, claro, se eu soubesse que iria fazer esta entrevista, teria pesquisado um pouco. Perturbada, prossigo depressa.

— O senhor teve que sacrificar a vida familiar por causa do trabalho.

— Isso não é uma pergunta — afirma ele, contido.

— Peço desculpas — digo, esquiva. Ele me faz parecer uma criança idiota. Tento de novo: — O senhor teve que sacrificar a vida

familiar por causa do trabalho?

— Eu tenho família. Tenho um irmão, uma irmã e pais amorosos. Não tenho interesse em expandir minha família além desse ponto.

— O senhor é gay, Sr. Grey?

Ele respira fundo, e eu me encolho, mortificada. *Droga*. Por que não consigo filtrar de alguma forma o que leio? Como posso dizer a ele que estou apenas lendo as perguntas? Maldita Kate e sua curiosidade!

— Não, Anastasia, não sou. — Ele ergue as sobrancelhas, um brilho frio nos olhos. Não parece satisfeito.

— Peço desculpas. Está... hum... escrito aqui.

É a primeira vez que ele diz meu nome. Minha pulsação se acelera, e minhas bochechas estão esquentando de novo. Nervosa, prendo minha mecha de cabelo desgarrada atrás da orelha.

Ele inclina a cabeça.

— Essas perguntas não são suas?

O sangue se esvai do meu cérebro.

— Hum... não. Kate... A Srta. Kavanagh. Ela compilou as perguntas.

— Vocês são colegas no jornal dos alunos?

Ah, não. Não tenho nada a ver com o jornal dos alunos. Essa é uma atividade extracurricular de Kate, não minha. Meu rosto está em brasa.

— Não. Eu divido o apartamento com ela.

Ele esfrega o queixo com calma e deliberação, os olhos cinzentos me avaliando.

— Você se ofereceu para fazer esta entrevista? — pergunta, a voz mortalmente calma.

Espere aí, quem deve entrevistar quem? Os olhos dele me queimam, e sou compelida a dizer a verdade.

— Fui convocada. Ela está passando mal — falo com a voz fraca de quem se desculpa.

— Isso explica muita coisa.

Ouve-se uma batida na porta, e a Loura Número Três entra.

— Sr. Grey, desculpe interromper, mas a próxima reunião é em dois minutos.

— Ainda não terminamos aqui, Andrea. Por favor, cancele a próxima reunião.

Andrea hesita, olhando-o boquiaberta. Parece perdida. Ele vira a cabeça devagar para encará-la e ergue as sobrancelhas. Ela fica toda cor-de-rosa. *Que bom. Não sou só eu.*

— Está bem, Sr. Grey — murmura ela, e sai.

Ele franze a testa e volta a atenção para mim.

— Onde estávamos, Srta. Steele?

Ah, agora voltamos a “Srta. Steele”.

— Por favor, não quero incomodá-lo.

— Quero saber sobre você. Acho que é muito justo. — Seus olhos estão acesos de curiosidade.

Merda. Aonde quer chegar com isso? Ele põe os cotovelos nos braços da cadeira e ergue os dedos na frente da boca. Sua boca causa muita... distração. Engulo em seco.

— Não há muito que saber — digo.

— Quais são seus planos para depois que se formar?

Dou de ombros, desconcertada com o interesse dele. *Vir para Seattle com Kate, encontrar um trabalho.* Não pensei muito além das provas finais.

— Não fiz planos, Sr. Grey. Só preciso passar nas provas finais. — Para as quais eu deveria estar estudando agora, em vez de ficar sentada em sua sala palaciana, pomposa e asséptica, sentindo-me desconfortável com seu olhar penetrante.

— Temos um excelente programa de estágios aqui — diz ele calmamente.

Ergo as sobrancelhas, surpresa. Será que ele está me oferecendo um emprego?

— Ah. Vou me lembrar disso — murmuro, completamente confusa. — Apesar de não ter certeza se me encaixaria aqui. — Ah, não. Estou pensando alto de novo.

— Por que diz isso? — Ele inclina a cabeça, intrigado, um esboço de sorriso brincando em seus lábios.

— É óbvio, não é? — *Sou desastrada, malvestida, e não sou loura.*

— Não para mim — murmura ele.

Seu olhar é intenso, agora desprovido de humor, e músculos desconhecidos dentro da minha barriga de repente se contraem. Desvio a vista de seu olhar examinador e encaro cegamente meus dedos entrelaçados. *O que está havendo?* Tenho que ir. Agora. Inclino-me para a frente a fim de pegar o gravador.

— Gostaria que eu a levasse para conhecer a empresa? — pergunta ele.

— Tenho certeza de que o senhor é ocupado demais, Sr. Grey, e tenho uma longa viagem pela frente.

— Vai voltar dirigindo para Vancouver? — Ele parece surpreso, até ansioso. Olha pela janela. Começou a chover. — Bem, seria melhor dirigir com cuidado. — Seu tom de voz é severo, autoritário. Por que deveria se interessar? — Conseguiu tudo de que precisava? — acrescenta.

— Sim, senhor — respondo, guardando o gravador na mochila. Seus olhos se estreitam especulativamente.

— Obrigada pela entrevista, Sr. Grey.

— O prazer foi meu — diz ele, educado como sempre.

Quando me levanto, ele fica de pé e estende a mão.

— Até a próxima, Srta. Steele. — E a frase soa como um desafio, ou uma ameaça, não sei bem o quê.

Franzo a testa. Quando nos veríamos de novo? Aperto a mão dele mais uma vez, impressionada com o fato de aquela corrente estranha entre nós continuar presente. Devem ser meus nervos.

— Sr. Grey. — Faço um cumprimento de cabeça para ele.

Encaminhando-se com ágil graça atlética para a porta, ele a abre completamente.

— Só estou garantindo que passe pela porta, Srta. Steele. — Ele me dá um sorrisinho. É óbvio que está se referido à minha entrada nada elegante em sua sala. Fico corada.

— É muita consideração sua, Sr. Grey — digo secamente, e seu sorriso aumenta.

Ainda bem que me acha engraçada. Faço uma cara feia por dentro, enquanto sigo para o saguão. Fico surpresa quando ele vem atrás de mim. Andrea e Olivia olham igualmente surpresas.

— Você veio de casaco? — pergunta Grey.

— De jaqueta.

Olivia levanta-se de um salto e pega a minha jaqueta, que Grey toma de sua mão antes que ela possa entregá-la a mim. Ele a segura e, sentindo-me ridícula e sem jeito, visto-a. Grey põe as mãos por um momento em meus ombros. Suprimo um grito ao sentir o contato. Se ele notou minha reação, não deu bola. Seu comprido dedo indicador aperta o botão do elevador, e ficamos parados esperando: eu, constrangida; ele, tranquilo e dono de si. As portas se abrem, e entro correndo, desesperada para fugir dali. *Eu realmente preciso dar o fora daqui.* Quando olho para ele, está encostado no vão da porta ao lado do elevador com uma das mãos na parede. É realmente muito, muito bonito. É enervante.

— Anastasia — diz ele se despedindo.

— Christian — respondo.

E, felizmente, as portas se fecham.

CAPÍTULO DOIS

Meu coração está palpitando. O elevador chega ao primeiro andar, e saio às pressas tão logo as portas se abrem. Tropeço de novo, mas, felizmente, sem me estatelar no imaculado piso de arenito. Corro para as largas portas de vidro e logo estou livre no ar revigorante, limpo e úmido de Seattle. Erguendo o rosto, recebo com prazer a chuva refrescante. Fecho os olhos e respiro fundo, purificando-me, tentando recuperar o equilíbrio que me resta.

Homem nenhum jamais me afetou como Christian Grey, e não consigo entender por quê. Será sua aparência? Sua educação? Riqueza? Poder? Não entendo minha reação irracional. Dou um imenso suspiro de alívio. O que foi aquilo tudo, pelo amor de Deus? Encostada nos pilares de aço do prédio, tento valentemente me acalmar e organizar meus pensamentos. Balanço a cabeça. O que *foi* isso? Meu coração se estabiliza no ritmo normal, e consigo respirar tranquilamente de novo. Encaminho-me para o carro.

* * *

DEIXANDO PARA TRÁS os limites da cidade, começo a me sentir tola e envergonhada ao repassar mentalmente a entrevista. Com certeza, estou tendo uma reação exagerada a algo imaginário. Tudo bem, então ele é muito atraente, seguro, autoritário, à vontade consigo mesmo — mas, por outro lado, é arrogante e, apesar de todos aqueles modos impecáveis, é autocrático e frio. Bem, superficialmente. Um arrepio involuntário desce pela minha espinha. Ele pode ser arrogante, mas tem o direito de ser — já realizou muita coisa, numa idade muito precoce. Não tem paciência para lidar com idiotas, mas por que deveria? De novo, estou irritada pelo fato de Kate não ter me fornecido uma pequena biografia.

Enquanto vou em direção à Rodovia Interestadual 5, minha mente continua vagando. Estou verdadeiramente perplexa quanto ao que faz alguém ser tão direcionado ao sucesso. Algumas de suas respostas foram muito enigmáticas — como se ele tivesse intenções ocultas. E as perguntas de Kate... Argh! Sobre a adoção e se ele era gay! Estremeço. Não posso acreditar que eu disse aquilo. *Quero me enfiar num buraco!* Toda vez que eu pensar nessa pergunta, vou morrer de vergonha. Maldita Katherine Kavanagh!

Confiro o velocímetro. Estou dirigindo com mais cautela do que estaria em qualquer outra ocasião. E sei que é por causa da lembrança de dois penetrantes olhos cinzentos me encarando e da voz austera me dizendo para dirigir com cuidado. Balançando a cabeça, me dou conta de que Grey parece um homem com o dobro de sua idade.

Esqueça isso, Ana, eu me repreendo. Decido que, no geral, foi uma experiência interessante, mas que não devo ficar pensando nela. *Não pense mais nisso*. Não vou vê-lo nunca mais. Imediatamente, me animo com essa ideia. Ligo o som e aumento o volume, recosto no banco e ouço o rock *indie* retumbante enquanto piso no acelerador. Quando alcanço a Interestadual 5, percebo que posso dirigir na velocidade que eu quiser.

Moramos num pequeno condomínio de apartamentos duplex em Vancouver, perto do campus da WSU. Tenho sorte — os pais de Kate compraram o apartamento para ela, e eu pago uma ninharia de aluguel. Já é meu lar há quatro anos. Quando estaciono na frente de casa, sei que Kate vai querer um relato detalhado, e ela é tenaz. Bem, pelo menos ela tem o gravador. Espero não ter que elaborar muito além do que foi dito na entrevista.

— Ana! Você voltou.

Kate está sentada na nossa sala de estar, cercada de livros. É óbvio que andou estudando para as provas finais. Está usando o pijama de flanela rosa estampado com coelhinhos fofos que ela reserva para quando rompe com os namorados, para todo o tipo de doenças e para o baixo-astral em geral. Ela se levanta num salto e me dá um abraço apertado.

— Estava começando a ficar preocupada. Esperava que você voltasse antes.

— Ah, achei que fiz um bom tempo, considerando a duração da entrevista. — Aceno para ela com o gravador.

— Ana, muito obrigada. Fico lhe devendo essa. Como foi? Como ele é? — Ah, não, lá vem a Inquisição de Katherine Kavanagh.

Faço um esforço para responder à pergunta dela. O que posso dizer?

— Ainda bem que acabou, e não preciso vê-lo de novo. Ele é bastante intimidador, sabe? — Dou de ombros. — É muito focado, chega a ser intenso... e jovem. Muito jovem.

Kate me olha inocentemente. Lanço um olhar desdenhoso para ela.

— Não faça essa cara de boba. Por que não me deu uma biografia? Ele fez com que eu me sentisse uma idiota por não ter feito sequer uma pesquisa básica.

Kate tapa a boca com a mão.

— Nossa, Ana, desculpe. Eu não pensei nisso.

Bufo de raiva.

— No geral, ele foi educado, formal, ligeiramente antiquado, como se tivesse envelhecido antes do tempo. Ele não fala como um homem de vinte e poucos anos. *Quantos anos* ele tem, afinal?

— Vinte e sete, ou vinte e oito, acho. Nossa, Ana, desculpe. Eu devia ter preparado você, mas estava muito apavorada. Passe o gravador para eu começar a transcrever a entrevista.

— Você parece melhor. Tomou a sopa? — pergunto, querendo mudar de assunto.

— Tomei, e estava uma delícia, como sempre. Estou me sentindo muito melhor. — Ela sorri agradecida para mim.

Olho o relógio.

— Tenho que correr. Ainda dá para eu pegar meu turno na Clayton's.

— Ana, você vai ficar exausta.

— Vou ficar bem. Vejo você mais tarde.

* * *

TRABALHO NA CLAYTON'S desde que entrei na WSU. A Clayton's é a maior loja de material de construção na área de Portland e, nos

quatro anos em que trabalho aqui, passei a conhecer um pouco sobre quase tudo o que vendo — embora, por ironia, eu seja um zero à esquerda quando se trata de execução de trabalhos manuais. Deixo isso para meu pai.

* * *

AINDA BEM QUE POSSO trabalhar, pois isso me dá algo em que pensar que não seja Christian Grey. Estamos bastante ocupados — começou a temporada de verão, e as pessoas estão reformando suas casas. A Sra. Clayton fica aliviada em me ver.

— Ana! Pensei que não fosse conseguir vir hoje.

— Minha reunião não demorou tanto quanto eu esperava. Posso trabalhar algumas horas.

— Estou muito feliz em ver você.

Ela me manda para o depósito a fim de começar a reabastecer as prateleiras, e logo a tarefa me absorve.

* * *

MAIS TARDE, QUANDO chego em casa, Katherine está com fones de ouvido e trabalhando em seu laptop. Tem o nariz ainda rosado, mas está totalmente envolvida com o artigo; concentrada, digitando com fúria. Estou esgotada — exausta da longa viagem, da entrevista cansativa e da correria para cima e para baixo na Clayton's. Atiro-me no sofá, pensando no texto que preciso terminar e em tudo que não estudei hoje porque estava entocada com... *e/e*.

— Você conseguiu um bom material, Ana. Ótimo trabalho. Não posso acreditar que você não aceitou quando ele quis levá-la para conhecer a sede. Ele obviamente queria passar mais tempo com você. — Ela me lança um olhar rápido e intrigado.

Fico vermelha, e minha pulsação inexplicavelmente se acelera. Com certeza a razão não foi aquela. Ele só queria me mostrar as instalações para eu poder ver que ele era o dono de tudo aquilo. Percebo que estou mordendo o lábio, e espero que Kate não note. Ela parece absorta na transcrição da entrevista.

— Ouvi o que você disse sobre ele ser formal. Anotou alguma coisa? — pergunta ela.

— Hum... não, não anotei.

— Tudo bem. Ainda posso fazer um ótimo artigo com isso aqui. Pena que não temos fotos. O filho da mãe é bonito, não é?

— Acho que sim. — Tento soar desinteressada, e acho que consigo.

— Ah, o que é isso, Ana! Nem você pode ficar imune à beleza dele. — Ela ergue para mim as sobrancelhas perfeitas.

Droga! Sinto minhas bochechas esquentarem, então a distraio com bajulação, sempre um bom estratagema.

— Você provavelmente teria arrancado muito mais dele.

— Duvido, Ana. Qual é! Ele praticamente lhe ofereceu um emprego. Considerando que eu avisei em cima da hora, você se saiu muito bem. — Ela me olha, especulativa. Faço uma retirada apressada para a cozinha.

— Então, o que achou dele realmente?

Droga, ela é inquisitiva. Por que não pode simplesmente deixar isso para lá?

Pense em alguma coisa — rápido.

— Ele é ambicioso, controlador, arrogante, assustador mesmo, mas muito carismático. Dá para entender o fascínio — acrescento sinceramente, esperando que isso a cale de uma vez por todas.

— Você? Fascinada por um homem? É a primeira vez. — diz ela, com desdém.

Começo a separar os ingredientes de um sanduíche para ela não poder ver meu rosto.

— Por que quis saber se ele era gay? A propósito, essa foi a questão mais embaraçosa. Fiquei mortificada, e ele ficou irritado com a pergunta. — Fecho a cara ao me lembrar.

— Quando aparece nas colunas sociais, ele nunca está acompanhado.

— Foi uma saia justa. A entrevista toda foi uma saia justa. Ainda bem que nunca mais vou ter que olhar para ele.

— Ah, Ana, não pode ter sido tão ruim. Pela voz dele, acho que ficou bastante impressionado com você.

Impressionado comigo? Agora Kate está sendo ridícula.

— Quer um sanduíche?
— Por favor.

* * *

NÃO FALAMOS MAIS de Christian Grey naquela noite, para meu alívio. Quando acabamos de comer, sento-me à mesa de jantar com Kate e, enquanto ela trabalha em seu artigo, escrevo meu texto sobre *Tess of the d'Urbervilles*. Droga, aquela mulher estava no lugar errado, na hora errada e no século errado. Quando termino, é meia-noite, e Kate já foi se deitar há muito tempo. Vou para o quarto, exausta, mas feliz por ter feito tanta coisa numa segunda-feira.

Encolho-me em minha cama de ferro branca, enrolada na colcha da minha mãe, fecho os olhos e adormeço na mesma hora. Sonho com lugares escuros, desolados, pisos brancos frios e olhos cinzentos.

* * *

PELO RESTO DA SEMANA, dedico-me aos estudos e ao meu trabalho na Clayton's. Kate está ocupada também, compilando sua última edição do jornal antes de ter que cedê-la à nova editora enquanto se esforça para as provas finais. Na quarta-feira, ela está muito melhor, e já não tenho mais que aguentar aquele seu pijama de flanela rosa cheio de coelhos. Ligo para minha mãe na Geórgia a fim de saber como ela está, mas também para ela poder me desejar boa sorte nas provas finais. Ela começa a me contar sobre sua última aventura na fabricação de velas — minha mãe vive experimentando novos negócios. Basicamente, está entediada e quer algo para ocupar o tempo, mas tem a concentração de um peixinho dourado. Na semana que vem será algo diferente. Ela me preocupa. Espero que não tenha hipotecado a casa para financiar esse último projeto. E espero que Bob — seu marido relativamente novo, mas muito mais velho — esteja de olho nela agora que não estou mais lá. Ele parece ser muito mais pé no chão que o Marido Número Três.

— Como você está, Ana?

Por um momento, hesito, e tenho toda a atenção de minha mãe.

— Estou bem.

— Ana? Você conheceu alguém?

Uau... como ela faz isso? A empolgação em sua voz é palpável.

— Não, mãe, não é nada. Você será a primeira a saber se eu conhecer.

— Ana, você precisa realmente sair mais, querida. Você me preocupa.

— Mãe, eu estou bem. Como está Bob? — Como sempre, distrair é a melhor política.

Mais tarde naquela noite, ligo para Ray, meu padrasto, o Marido Número Dois de mamãe, o homem que considero meu pai, e o homem cujo sobrenome eu carrego. É uma conversa breve. Na verdade, não é muito uma conversa, mas uma série de resmungos em resposta à minha delicada tentativa de persuasão. Ray não é de falar muito. Mas ainda está vivo, ainda assiste a futebol na tevê (e joga boliche e pesca com mosca ou faz móveis quando não está vendo televisão). Ele é um carpinteiro talentoso e a razão de eu saber a diferença entre uma espátula e um serrote. Parece que está tudo bem com ele.

* * *

SEXTA-FEIRA À NOITE, Kate e eu estamos discutindo o que fazer — queremos descansar um pouco dos estudos, do trabalho e dos jornais dos alunos —, quando a campainha toca. Parado à nossa porta está meu grande amigo José, segurando uma garrafa de champanhe.

— José! Que bom ver você! — Dou-lhe um abraço rápido. — Entre.

José foi a primeira pessoa que conheci quando entrei para a WSU. Ele parecia tão perdido e solitário quanto eu. Sentimos uma enorme afinidade um pelo outro naquele dia, e somos amigos desde então. Não só temos senso de humor, mas também descobrimos que Ray e o pai de José serviram juntos na mesma unidade do Exército. Consequentemente, nossos pais também se tornaram grandes amigos.

José estuda engenharia e é o primeiro de sua família a chegar à faculdade. Ele é um aluno brilhante, mas sua verdadeira paixão é a fotografia. José tem um ótimo olho para fotografar.

— Tenho novidades. — Ele ri, os olhos escuros brilhando.

— Não me diga. Conseguiu não ser posto para fora por mais uma semana — provoco, e ele fecha a cara para mim de brincadeira.

— A Galeria Portland Place vai expor minhas fotos no mês que vem.

— Que incrível! Parabéns!

Feliz por José, torno a abraçá-lo. Kate também sorri para ele.

— Parabéns, José! Eu devia colocar isso no jornal. Nada como mudanças editoriais de última hora numa sexta-feira à noite. — Ela finge aborrecimento.

— Vamos comemorar. Quero que vá à inauguração. — José me olha fixamente e eu enrubesço. — Vocês duas, claro — acrescenta ele, olhando nervoso para Kate.

José e eu somos muito amigos, mas, no fundo, sei que ele gostaria de ser mais que isso. Ele é bonito e divertido, mas não é para mim. É mais como o irmão que nunca tive. Katherine vive me provocando dizendo que me falta o gene “preciso de um namorado”, mas a verdade é que eu simplesmente nunca conheci alguém que... bem, me atraia, embora parte de mim anseie por pernas bambas, coração na boca, frio na barriga, noites em claro.

Às vezes, me pergunto se há algo de errado comigo. Talvez eu tenha passado muito tempo na companhia dos meus heróis literários românticos e, conseqüentemente, tenha ideais e expectativas elevados demais. Mas, na verdade, ninguém nunca me fez sentir assim.

Até muito recentemente, murmura a inoportuna e ainda fraca voz do meu inconsciente. NÃO! Expulso o pensamento de imediato. Não vou cair nessa, não depois daquela entrevista penosa. *O senhor é gay, Sr. Grey?* Estremeço com a lembrança. Sei que sonhei com ele quase todas as noites desde então, mas isso é só para expurgar do meu corpo a terrível experiência, com certeza.

Observo José abrir a garrafa de champanhe. Ele é alto e, com aquela calça jeans e aquela camiseta, é só ombros e músculos, a

pele bronzeada, o cabelo escuro e ardentes olhos negros. Sim, José é bastante atraente, mas acho que, enfim ele está entendendo o recado: somos apenas amigos. A rolha espoca ruidosamente, e ele ergue os olhos e sorri.

* * *

SÁBADO NA LOJA é um pesadelo. Somos assediados por amantes da bricolagem querendo consertar suas casas. O Sr. e a Sra. Clayton, John e Patrick — os outros dois funcionários que trabalham meio expediente — e eu corremos de um lado para o outro. Mas há um período de calma por volta da hora do almoço, e a Sra. Clayton me pede para conferir algumas encomendas enquanto estou sentada atrás do balcão do caixa comendo discretamente meu bagel. Sou envolvida pela tarefa, comparando números do catálogo com os artigos de que precisamos e a quantidade que encomendamos, os olhos pulando do livro de encomendas para a tela do computador e vice-versa ao conferirem se as entradas batem. Então, por alguma razão, ergo a vista... e sou capturada pelo atrevido olhar cinzento de Christian Grey, que está parado no balcão, encarando-me atentamente.

Parada cardíaca.

— Srta. Steele. Que surpresa agradável. — O olhar dele é firme e intenso.

Droga. Que diabo *ele* está fazendo aqui todo despenteado e esportivo, com um suéter grosso, jeans e botas? Acho que meu queixo caiu, e não consigo encontrar meu cérebro nem minha voz.

— Sr. Grey — murmuro, porque é só o que consigo.

Há a sombra de um sorriso nos lábios dele, e seus olhos estão cheios de humor, como se ele estivesse curtindo uma piada íntima.

— Eu estava pela área — diz ele, à guisa de explicação. — Preciso me abastecer de algumas coisas. É um prazer tornar a vê-la, Srta. Steele. — Sua voz é quente e encorpada como caramelo e chocolate derretido... ou algo assim.

Balanço a cabeça para pôr as ideias em ordem. Meu coração dispara, e, por alguma razão, enrubesço furiosamente sob seu exame minucioso. Fico absolutamente desconcertada com a figura

dele parada na minha frente. Minhas lembranças não lhe fazem jus. Ele não é apenas bem-apessoado: é a síntese da beleza masculina, de tirar o fôlego, e está aqui. Aqui na Clayton's. Imagine. Finalmente, minhas funções cognitivas são restauradas e reconectadas ao restante do meu corpo.

— Ana. Meu nome é Ana — murmuro. — Em que posso servi-lo, Sr. Grey?

Ele sorri, e mais uma vez é como se estivesse guardando um grande segredo. É muito desconcertante. Respirando fundo, assumo minha fachada profissional Já Trabalho Nessa Loja Há Anos. *Posso fazer isso.*

— Estou precisando de alguns artigos. Para começar, gostaria de umas braçadeiras de plástico — murmura ele, sua expressão ao mesmo tempo calma e descontraída.

Braçadeiras de plástico?

— Temos de vários tamanhos. Posso lhe mostrar? — digo baixinho, a voz trêmula.

Controle-se, Steele.

Um ligeiro franzido toma a bela testa de Grey.

— Por favor. Vá na frente, Srta. Steele — diz ele.

Tento parecer indiferente ao sair de trás do balcão, mas realmente estou me concentrando muito em não tropeçar em meus próprios pés. Minhas pernas de repente adquirem consistência de gelatina. Ainda bem que hoje de manhã resolvi usar minha melhor calça jeans.

— Estão na seção de artigos de eletricidade, corredor oito. — Minha voz está um pouco alegre demais. Olho para ele e me arrependo disso quase na mesma hora. Droga, ele é bonito.

— Vá na frente — murmura ele, indicando com um gesto de sua mão de dedos esguios muito bem-cuidada.

Com o coração quase me sufocando — porque está na minha garganta, tentando sair pela boca —, encaminho-me por um dos corredores em direção à seção de eletricidade. *Por que ele está em Portland? Por que está aqui na Clayton's?* De uma pequena parte subutilizada do meu cérebro — provavelmente localizada na base do meu bulbo raquidiano, onde mora meu inconsciente — vem a ideia: *Ele está aqui para ver você.* Sem chance! Descarto o

pensamento de imediato. Por que esse homem lindo, poderoso e bem-educado haveria de querer me ver? A ideia é absurda, e eu a expulso da cabeça.

— Está em Portland a trabalho? — pergunto, e minha voz está muito aguda, como se eu tivesse prendido o dedo na porta ou algo do tipo. *Droga! Tente ficar calma, Ana!*

— Eu estava visitando a divisão agrícola da WSU. Fica em Vancouver. No momento, estou financiando umas pesquisas em rotação de culturas e ciência do solo — diz ele, impassível.

Está vendo? Ele não está aqui para ver você, diz com desdém o meu inconsciente, alto e bom som, orgulhoso e amargo. Enrubesco diante de minhas tolas ideias impertinentes.

— Tudo parte do seu plano de alimentar o mundo? — provoco.

— Mais ou menos — reconhece ele, e seus lábios se contraem num breve sorriso.

Ele olha a seleção de braçadeiras que temos no estoque. Que diabo ele vai fazer com isso? Não consigo de jeito nenhum imaginá-lo como um praticante de bricolagem. Seus dedos passeiam por vários pacotes expostos e, por alguma razão inexplicável, preciso desviar o olhar. Ele se abaixa e escolhe um pacote.

— Estas vão servir — diz ele com aquele sorriso muito misterioso, e eu enrubesço.

— Mais alguma coisa?

— Eu gostaria de fita adesiva.

Fita adesiva?

— Está fazendo uma reforma? — As palavras saem antes que eu possa detê-las. Com certeza ele contrata operários ou tem gente para ajudá-lo na decoração.

— Não, não estou reformando — diz ele depressa, depois dá um sorriso forçado, e tenho a estranha sensação de que está rindo de mim.

Será que sou tão engraçada? Tenho uma cara engraçada?

— Por aqui — murmuro, embaraçada. — As fitas adesivas ficam no corredor de decoração.

Olho para trás enquanto ele me segue.

— Trabalha aqui há muito tempo? — A voz dele é grave, e ele está me olhando, olhos cinzentos muito concentrados. Enrubesco

mais ainda. Por que diabo ele me causa esse efeito? Sinto como se tivesse quatorze anos — canhestra, como sempre, e deslocada. *Olhe para a frente, Steele!*

— Quatro anos — murmuro quando chegamos ao nosso objetivo. Para me distrair, abaixo-me e escolho duas larguras de fita adesiva para pintura que temos em estoque.

— Vou levar essa — Grey diz em voz baixa apontando para a fita mais larga, que passo para ele.

Nossos dedos se encostam muito brevemente, e a corrente se manifesta de novo, percorrendo todo o meu corpo como se eu tivesse encostado num fio desencapado. Reprimos um grito involuntário, bem lá no fundo de mim, num lugar escuro e inexplorado. Desesperada, tato em volta procurando me equilibrar.

— Mais alguma coisa? — Minha voz é rouca e arfante. Os olhos dele se arregalam ligeiramente.

— Um pedaço de corda, eu acho. — A voz dele espelha a minha, rouca.

— Por aqui. — Abaixo a cabeça para esconder meu rubor recorrente e sigo para o corredor.

— De que tipo procura? Temos cordas de fios naturais e sintéticos... barbantes... cabos... — Emudeço diante da expressão dele, de seus olhos ficando sombrios. *Caramba.*

— Vou levar quatro metros e meio de corda de fios naturais, por favor.

Rapidamente, com dedos trêmulos, meço quatro metros e meio com a régua fixa, consciente de que seu olhar quente e cinzento está sobre mim. Não ousa encará-lo. Nossa, será que eu poderia me sentir mais inibida? Pegando o estilete no bolso traseiro da minha calça, corto a corda e a enrolo antes de amarrá-la com um nó correção. Por algum milagre, consigo não amputar um dedo com o estilete.

— Você foi escoteira? — pergunta, os lábios esculturais e sensuais repuxados num sorriso. *Não olhe para a boca dele!*

— Atividades organizadas em grupo não são minha praia, Sr. Grey.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Qual é a sua praia, Anastasia? — pergunta ele, de novo com aquela voz suave e o sorriso misterioso. Olho para ele incapaz de me expressar. Estou em placas tectônicas móveis. *Tente ficar calma, Ana*, implora de joelhos meu inconsciente torturado.

— Livros — murmuro, mas, no íntimo, meu inconsciente está gritando: *Você! Você é a minha praia!* Faço-o se calar instantaneamente, aflita com as aspirações exageradas que minha psique está tendo.

— Que tipo de livros? — Ele inclina a cabeça.

Por que está tão interessado?

— Ah, você sabe. O normal. Os clássicos. Literatura inglesa, principalmente.

Ele esfrega o queixo com seus esguios polegar e indicador ao contemplar minha resposta. Ou talvez só esteja muito entediado e esteja tentando disfarçar isso.

— Precisa de mais alguma coisa? — Tenho que me livrar desse assunto; seus dedos naquele rosto são muito sedutores.

— Não sei. O que mais você recomendaria?

O que eu recomendaria? Eu nem sei o que você está fazendo.

— Para um praticante de bricolagem?

Ele balança a cabeça, os olhos cheios de malícia. Enrubesco, e meu olhar desvia espontaneamente para sua calça justa.

— Macacões — respondo, e sei que já perdi o controle do que sai da minha boca.

Ele ergue uma sobrancelha, achando graça de novo.

— Você não ia querer estragar sua roupa. — Faço um gesto vago na direção da sua calça.

— Eu sempre poderia tirá-las. — Ele dá um sorriso afetado.

— Hum.

Sinto meu rosto ficar novamente vermelho. Devo estar da cor do *Manifesto Comunista. Pare de falar. Pare de falar agora.*

— Vou levar uns macacões. Deus me livre de estragar qualquer roupa — diz ele, secamente.

Tento descartar a imagem inoportuna dele sem jeans.

— Precisa de mais alguma coisa? — dou um grunhido ao lhe entregar os macacões azuis.

Ele ignora minha pergunta.

— Como está o artigo?

Ele finalmente me faz uma pergunta normal, sem insinuações e fora da confusa conversa sem pé nem cabeça... uma pergunta à qual posso responder. Agarro-a com unhas e dentes como se fosse uma tábua de salvação, e escolho a honestidade.

— Não o estou redigindo, Katherine é que está. A Srta. Kavanagh. A moça com quem divido a casa, ela é a redatora. Está muito feliz com ele. É a editora do jornal, e ficou arrasada por não ter podido fazer a entrevista pessoalmente. — Sinto como se tivesse subido para respirar. Finalmente, uma conversa normal. — A única preocupação dela é que não tem nenhuma fotografia sua.

— Que tipo de fotografia ela quer?

Tudo bem. Eu não contava com essa resposta. Balanço a cabeça, porque simplesmente não sei.

— Bem, estou por aí. Amanhã, talvez...

— Estaria disposto a fazer uma sessão de fotos?

Minha voz está de novo estridente. Kate ficará no sétimo céu se eu conseguir isso. *E você poderia vê-lo de novo amanhã*, aquele lugar escuro na base do meu cérebro murmura sedutoramente para mim. Descarto a ideia. Que bobagem, é ridículo...

— Kate vai ficar encantada, se a gente conseguir encontrar um fotógrafo.

Estou tão satisfeita que abro um largo sorriso para ele. Ele entreabre os lábios, como se estivesse sugando o ar com força para os pulmões, e pisca. Por uma fração de segundo, ele parece de alguma forma perdido, e a terra se desloca ligeiramente em seu eixo, as placas tectônicas deslizando para uma posição nova.

Minha nossa. Christian Grey parece perdido.

— Fale comigo amanhã. — Enfiando a mão no bolso traseiro, ele saca a carteira. — Meu cartão. O número do meu celular está aí. Você vai precisar ligar antes das dez da manhã.

— Tudo bem. — Sorrio para ele. Kate vai ficar elétrica.

— *Ana!*

Paul surgiu na outra ponta do corredor. Ele é o irmão caçula do Sr. Clayton. Eu tinha ouvido dizer que ele tinha chegado de Princeton, mas não esperava vê-lo hoje.

— Hum... com licença um instante, Sr. Grey.

Grey franze a testa quando me afasto dele.

Paul sempre foi um amigo, e nesse momento estranho que estou tendo com o rico, poderoso, excepcionalmente atraente e maníaco por controle Sr. Grey, é ótimo falar com alguém normal. Paul me dá um abraço apertado e me pega de surpresa.

— Oi, Ana, é muito bom ver você! — derrete-se.

— Olá, Paul, como vai? Veio para o aniversário do seu irmão?

— É. Você está ótima, Ana, ótima mesmo. — Ele sorri enquanto me examina, tomando distância. Então ele me solta, mas mantém um braço possessivo pendurado em meu ombro. Fico trocando de pé, encabulada. É bom ver Paul, mas ele sempre foi muito exagerado.

Quando olho para Christian Grey, ele está nos observando feito um falcão, olhos entreabertos e especulativos, a boca contraída formando uma linha rígida, impassível. Do cliente estranhamente atencioso, ele se transformou em outra pessoa — alguém frio e distante.

— Paul, estou com um cliente. Uma pessoa que você precisa conhecer — digo, tentando desarmar o antagonismo presente na expressão de Grey. Arrasto Paul para conhecê-lo, e eles se avaliam mutuamente. A atmosfera de repente está glacial.

— Ah, Paul, este é Christian Grey. Sr. Grey, este é Paul Clayton. O irmão dele é o proprietário da loja.

E, por alguma razão irracional, sinto que devo explicar melhor.

— Conheço Paul desde que comecei a trabalhar aqui, embora a gente não se veja muito. Ele voltou de Princeton, onde estuda administração de empresas. — Estou balbuciando... *Pare já!*

— Sr. Clayton — Grey estende a mão, o olhar inescrutável.

— Sr. Grey. — Paul retribui o cumprimento. — Espera aí, não é o Christian Grey? Da Grey Enterprises Holdings? — Paul passa da arrogância ao assombro numa fração de segundo. Grey lhe dá um sorriso educado, do qual seus olhos não participam.

— Nossa! Há alguma coisa que eu possa lhe trazer?

— Anastasia já me atendeu, Sr. Clayton. Foi muito atenciosa. — A expressão dele é impassível, mas as palavras... é como se ele estivesse dizendo uma coisa totalmente diferente. É desconcertante.

— Legal — responde Paul. — Depois a gente se fala, Ana.

— Claro, Paul. — Vejo-o desaparecer no estoque. — Mais alguma coisa, Sr. Grey?

— Só isso.

Seu tom é entrecortado e frio. Droga... será que eu o ofendi? Respirando fundo, viro as costas e me encaminho para o caixa. *Qual é o problema dele?*

Registro a corda, os macacões, a fita adesiva e as braçadeiras.

— São quarenta e três dólares, por favor. — Olho para Grey, e queria não ter olhado. Ele está me observando com muita atenção. É enervante.

— Quer uma sacola? — pergunto ao pegar seu cartão de crédito.

— Por favor, Anastasia. — Sua língua acaricia meu nome, e meu coração mais uma vez dispara. Mal posso respirar. Apressadamente, coloco suas compras em uma sacola plástica.

— Você me telefona se quiser que eu pose para as fotos? — Ele está sendo profissional de novo. Faço que sim, mais uma vez sem fala, e devolvo seu cartão de crédito.

— Ótimo. Até amanhã, talvez. — Ele se vira para ir embora, depois para. — Ah... e Anastasia, ainda bem que a Srta. Kavanagh não pôde fazer a entrevista. — Sorri, depois sai da loja a passos largos com uma determinação renovada, pendurando a sacola plástica no ombro, deixando-me como uma massa trêmula de hormônios femininos em fúria.

Antes de voltar ao planeta Terra, passo vários minutos contemplando a porta por onde ele acabou de sair.

Tudo bem — gosto dele. Pronto. Confessei a mim mesma. Não posso mais fugir dos meus sentimentos. Nunca me senti assim antes. Acho-o atraente, muito atraente. Mas isso não tem futuro, eu sei, e suspiro com um sentimento de pena entre doce e amargo. Foi só uma coincidência a vinda dele aqui. Mas mesmo assim, posso admirá-lo de longe, com certeza. Não tem mal nenhum. E se eu encontrar um fotógrafo, posso admirá-lo bastante amanhã. Mordo o lábio antevendo isso e me pego rindo como uma colegial. Preciso telefonar para Kate e organizar a sessão de fotos.

CAPÍTULO TRÊS

Kate está em êxtase.

— Mas o que ele estava fazendo na Clayton's? — Sua curiosidade escapa pelo telefone. Estou enfurnada no estoque, tentando manter minha voz num tom normal.

— Ele estava pela área.

— Isso é uma coincidência enorme, Ana. Você não acha que ele foi aí para ver você?

Meu coração palpita com essa perspectiva, mas é uma alegria que dura pouco. A triste e decepcionante realidade é que ele estava aqui a trabalho.

— Ele estava visitando o departamento de agricultura da WSU. Está financiando uma pesquisa — murmuro.

— Ah, sim. Ele doou dois milhões e meio de dólares ao departamento.

Uau.

— Como você sabe disso?

— Ana, eu sou jornalista, e escrevi um perfil do cara. É meu trabalho saber disso.

— Tudo bem, senhora jornalista, não arranque os cabelos. Então, você quer as fotos?

— Claro que quero. A questão é quem vai fazê-las, e onde.

— Podíamos perguntar onde ele prefere. Disse que estará hospedado na região.

— Você pode entrar em contato com ele?

— Tenho o número do celular dele.

Kate suprime um grito.

— O solteiro mais rico, mais esquivo, mais enigmático do estado de Washington simplesmente deu a você o número do celular dele?

— Hum... deu.

— Ana! Ele gosta de você. Não tenho a menor dúvida. — Seu tom é enfático.

— Kate, ele só estava tentando ser simpático.

No momento em que faço a afirmação, porém, sei que ela não é verdadeira. Christian Grey não faz o tipo *simpático*. Educado, talvez. E uma vozinha murmura dentro de mim: *Talvez Kate tenha razão*. Meu couro cabeludo se arrepia com a ideia de que, talvez, apenas talvez, quem sabe, ele goste de mim. Afinal, ele disse que tinha achado bom o fato de Kate não ter feito a entrevista. Abraço-me numa alegria silenciosa, balançando para um lado e para o outro, considerando a possibilidade de ele talvez gostar de mim. Kate me traz de volta ao presente.

— Não sei quem vamos chamar para fazer as fotos. Levi, nosso fotógrafo de sempre, não pode. Está passando o fim de semana em Idaho Falls. E vai ficar furioso por ter perdido a oportunidade de fotografar um dos principais empresários dos Estados Unidos.

— Hum... Que tal José?

— Grande ideia! Peça a ele, ele faz qualquer coisa por você. Depois ligue para Grey e descubra onde ele prefere nos encontrar.

É irritante como Kate faz pouco de José.

— Acho que você devia ligar para ele.

— Para quem? Para José? — zomba Kate.

— Não, para Grey.

— Ana, é você que tem relação com ele.

— Relação? — dou um chiado, subindo o tom de voz. — Eu mal conheço o cara.

— Pelo menos já estive com ele — diz ela com amargura. — E parece que ele quer conhecê-la melhor. Ligue para ele, Ana — diz, decidida, e desliga.

Ela é muito autoritária às vezes. Olho de cara feia e mostro a língua para o celular.

Estou deixando um recado para José quando Paul entra no estoque procurando por lixas.

— Estamos meio ocupados aqui, Ana — diz ele sem aspereza.

— Eu sei, desculpe — murmuro, dando meia volta para sair.

— Então, de onde você conhece Christian Grey?

A voz despreocupada de Paul não convence.

— Tive que entrevistá-lo para o jornal da faculdade. Kate não estava passando bem.

Dou de ombros, tentando soar descontraída, e acabo não me saindo melhor que ele.

— Christian Grey na Clayton's. Imagine só. — Paul bufa, achando graça. Balança a cabeça, como se quisesse clarear as ideias. — Enfim, quer sair para beber ou fazer alguma coisa hoje à noite?

Sempre que está por aqui, Paul me convida para sair, e eu sempre digo não. É um ritual. Nunca considerei uma boa ideia sair com o irmão do patrão e, além do mais, Paul é uma graça com seu jeito de garoto comum, mas não é nenhum príncipe encantado, por mais que a gente tente imaginar. *Grey é?*, pergunta o meu inconsciente, a sobrelhaça metaforicamente arqueada. Faço-o calar a boca.

— Você não tem um jantar de família ou algo assim com seu irmão?

— É amanhã.

— Talvez outra hora, Paul. Preciso estudar hoje à noite. As provas finais são na semana que vem.

— Ana, um dia desses você vai aceitar. — Ele sorri enquanto corro para a loja.

* * *

— MAS EU fotografo paisagens, Ana, não pessoas — reclama José.

— José, por favor? — imploro. Ando de um lado para o outro na sala do nosso apartamento, agarrada ao celular, observando pela janela a luz do dia que vai morrendo.

— Dá aqui esse telefone.

Kate toma o aparelho de mim, jogando o sedoso cabelo louro-avermelhado por cima do ombro.

— Escute aqui, José Rodriguez, se quiser que o nosso jornal faça a cobertura da inauguração da sua exposição, você vai ter que tirar essas fotos para a gente amanhã, *capiche?* — Kate pode ser assombrosamente severa. — Ótimo. Ana vai ligar dizendo o local e a hora da sessão. Vemos você amanhã.

Ela desliga o meu celular.

— Pronto. Tudo que precisamos fazer agora é decidir o local e o horário. Ligue para ele. — Ela me estende o telefone. Meu estômago revira. — Ligue para Grey, agora!

Olho de cara feia para ela e pego o cartão dele no bolso. Respiro fundo, acalmando-me e, com dedos trêmulos, teclo o número.

Ele atende no segundo toque. Seu tom é seco, calmo e frio.

— Grey.

— Hum... Sr. Grey? É Anastasia Steele.

Não reconheço minha própria voz. Estou muito nervosa. Há uma breve pausa. Estou tremendo por dentro.

— Srta. Steele. Que bom falar com você.

O tom de voz dele mudou. Está surpreso, eu acho, e parece muito... caloroso — *sedutor* até. Minha respiração fica entalada, e enrubesço. De repente, tomo consciência de que Katherine Kavanagh está me olhando boquiaberta, e corro para a cozinha para evitar sua indesejada avaliação.

— Hum... nós gostaríamos de combinar a sessão de fotos para o artigo. — *Respire, Ana, respire*. Encho um pouco os pulmões, a respiração entrecortada. — Amanhã, se possível. Onde seria conveniente para o senhor?

Quase consigo ouvir seu sorriso enigmático pelo telefone.

— Estou no Heathman, em Portland. Pode ser amanhã às nove e meia da manhã?

— Tudo bem, nos vemos lá. — Meu tom é completamente efusivo e ofegante. Pareço uma criança, não uma mulher adulta que pode votar e beber legalmente no estado de Washington.

— Estou ansioso para isso, Srta. Steele.

Visualizo o brilho malicioso em seus olhos. *Como ele pode fazer uma promessa tão tentadora com apenas seis palavrinhas?* Desligo. Kate está na cozinha e me encara com um olhar de total e absoluta consternação.

— Anastasia Rose Steele. Você gosta dele! Nunca vi nem ouvi você tão... tão encantada com alguém antes. Está até vermelha.

— Ah, Kate, você sabe que eu vivo corando. É um risco ocupacional comigo. Não seja ridícula — digo secamente.

Ela pisca para mim, surpresa. É muito raro eu dar um chilique, e por um momento acabo cedendo.

— Só acho esse homem... intimidador, só isso.

— Heathman, é claro — murmura Kate. — Vou ligar para o gerente e negociar um espaço para a sessão de fotos.

— Vou fazer o jantar. Depois, preciso estudar.

Não consigo disfarçar minha irritação quando abro um dos armários para preparar a refeição.

* * *

TENHO UMA NOITE agitada, revirando-me na cama, sonhando com olhos cinzentos, macacões, pernas compridas, dedos longos e lugares sinistros e inexplorados. Acordo duas vezes, o coração acelerado. *Ah, vou estar com uma cara ótima amanhã se dormir tão pouco*, repreendo a mim mesma. Soco o travesseiro e tento sossegar.

* * *

O HEATHMAN FICA na parte central de Portland. O impressionante prédio de pedra marrom foi concluído bem a tempo para a quebra da bolsa de valores no fim dos anos 1920. José, Travis e eu vamos no meu Fusca, e Kate está na Mercedes dela, já que não cabemos todos no meu carro. Travis é amigo de José e também seu assistente, e veio para ajudar com a iluminação. Kate conseguiu que o Heathman cedesse um quarto na parte da manhã em troca de mencionar o hotel nos créditos do artigo. Quando ela informa na recepção que estamos aqui para fotografar Christian Grey, CEO, imediatamente nos dão um *upgrade* para uma suíte melhor. Uma suíte padrão, no entanto, pois aparentemente o Sr. Grey já está ocupando a maior do prédio. Um executivo de marketing exageradamente solícito nos leva até o local — ele é incrivelmente jovem e, por alguma razão, está muito nervoso. Desconfio que a beleza e o jeito autoritário de Kate o desarmem, porque ela faz o que quer com ele. Os quartos são elegantes, sóbrios e equipados com móveis de luxo.

São nove horas. Temos meia hora para nos preparar. Kate está toda animada.

— José, acho que vamos fotografar na frente daquela parede, concorda? — Ela não espera pela resposta. — Travis, tire as cadeiras. Ana, você poderia pedir à camareira para trazer uns refrigerantes? E avise a Grey onde estamos.

Sim, mestra. Ela é muito autoritária. Reviro os olhos, mas faço o que ela manda.

Meia hora depois, Christian Grey aparece na nossa suíte.

Cacete! Ele está usando uma camisa branca aberta no colarinho e calça de flanela cinza de cintura baixa. Seu cabelo bagunçado ainda está molhado do banho. Fico com a boca seca só de olhá-lo... ele é absurdamente *gostoso*. Grey entra na suíte acompanhado por um homem de uns trinta e poucos anos, com a cabeça raspada e a barba por fazer, de terno escuro e gravata, que fica quieto parado no canto. Seus olhos cor de avelã nos observam impassíveis.

— Srta. Steele, tornamos a nos encontrar.

Grey estende a mão, e eu a aperto, piscando sem parar. Nossa... ele é realmente... Quando encosto na mão dele, tomo consciência daquela corrente deliciosa percorrendo meu corpo, arrebatando-me, fazendo-me corar, e estou certa de que minha respiração irregular deve estar audível.

— Sr. Grey, essa é Katherine Kavanagh — murmuro, fazendo um gesto com a mão na direção de Kate, que se adianta, olhando bem nos olhos dele.

— A tenaz Srta. Kavanagh. Como vai? — Ele abre um sorrisinho, parecendo genuinamente divertido. — Creio que deve estar se sentindo melhor. Anastasia disse que esteve indisposta na semana passada.

— Estou bem, obrigada, Sr. Grey.

Kate aperta a mão dele firmemente sem pestanejar. Lembro-me de que ela estudou nas melhores escolas particulares de Washington. Sua família tem dinheiro, e ela cresceu confiante e segura do seu lugar no mundo. Não aceita desaforo. Sempre fico impressionada.

— Obrigada por arranjar tempo para fazer estas fotos.

Ela lhe dá um sorriso educado e profissional.

— É um prazer — responde ele, voltando o olhar para mim, e eu torno a corar. Droga.

— Este é José Rodriguez, nosso fotógrafo — digo, forçando um sorriso para José, que retribui afetuosamente. Seus olhos esfriam quando ele olha de mim para Grey.

— Sr. Grey — diz, acenando com a cabeça.

— Sr. Rodriguez.

A expressão de Grey também muda ao avaliar José.

— Onde o senhor quer que eu fique? — pergunta Grey.

Seu tom é vagamente ameaçador, mas Katherine não vai deixar José comandar o show.

— Sr. Grey, se puder se sentar aqui, por favor. Cuidado com os cabos de iluminação. E depois faremos algumas fotos em pé, também. — Ela o guia para a cadeira encostada na parede.

Travis acende as luzes, cegando Grey momentaneamente, e murmura um pedido de desculpas. Travis e eu recuamos e observamos José iniciar os cliques. Ele faz várias fotos com a câmera na mão, pedindo a Grey para virar para um lado, depois para o outro, para mexer o braço, depois tornar a abaixá-lo. Depois, com o tripé, José faz ainda mais fotos, e Grey posa sentado, com paciência e naturalidade, por uns vinte minutos. Meu desejo se realizou: posso ficar parada admirando Grey de perto. Por duas vezes, nossos olhos se encontram, e tenho que me desgrudar de seu olhar cinzento.

— Chega de posar sentado. — Katherine se intromete de novo. — Pode se levantar, Sr. Grey? — ela pede.

Ele se levanta e Travis corre para retirar a cadeira. A Nikon de José recomeça a clicar.

— Acho que já temos o suficiente — anuncia José cinco minutos depois.

— Ótimo — diz Kate. — Obrigada mais uma vez, Sr. Grey. — Ela aperta a mão dele, e José faz o mesmo.

— Estou ansioso para ler o artigo, Srta. Kavanagh — murmura Grey, e se vira para mim, que estou parada à porta. — Você me acompanha, Srta. Steele? — pergunta.

— Claro — digo, completamente desconcertada.

Olho aflita para Kate, que encolhe os ombros. Vejo José franzindo a testa atrás dela.

— Um bom dia para vocês — diz Grey ao abrir a porta, chegando para o lado para me deixar passar primeiro.

Que inferno... o que é isso? O que ele quer? Paro no corredor do hotel, inquieta e nervosa enquanto Grey sai da suíte acompanhado pelo Sr. Cabeça Raspada naquele terno elegante.

— Ligo para você, Taylor — murmura ele para o Cabeça Raspada. Taylor segue pelo corredor, e Grey volta seu ardente olhar cinzento para mim. *Droga... Será que fiz alguma coisa errada?*

— Estava me perguntando se você tomaria um café comigo agora de manhã.

Meu coração quase sai pela boca. Um encontro? *Christian Grey está me convidando para sair.* Ele está perguntando se você quer um café. *Vai ver ele acha que você ainda não acordou,* choraminga o meu inconsciente, novamente com desdém. Engulo em seco, tentando controlar o nervosismo.

— Tenho que levar todo mundo para casa — murmuro num tom de desculpas, torcendo as mãos e os dedos na frente do corpo.

— *Taylor* — chama ele, fazendo com que eu dê um pulo.

Taylor, que estava se retirando, dá meia-volta no corredor e caminha em nossa direção.

— Eles moram na universidade? — pergunta Grey, a voz suave e inquisitiva.

Concordo com a cabeça, desnorteada demais para falar.

— Taylor pode levá-los. Ele é meu motorista. Estamos com um 4x4 grande, então vai dar para levar o equipamento também.

— Sr. Grey? — pergunta Taylor quando nos alcança, a expressão neutra.

— Por favor, pode levar o fotógrafo, o assistente dele e a Srta. Kavanagh em casa?

— Claro, senhor — responde Taylor.

— Pronto. Agora você pode vir tomar um café comigo? — Grey sorri como se fosse um assunto liquidado.

Franzo a testa.

— Hum, Sr. Grey, hã, isso realmente... olhe, Taylor não precisa levá-los em casa. — Olho rapidamente para Taylor, que continua

estoicamente impassível. — Eu troco de carro com a Kate, se me der um minutinho.

Grey abre um glorioso sorriso, desarmado e espontâneo, mostrando todos os dentes. *Ai, meu Deus...* Ele abre a porta da suíte para que eu entre. Contorno-o depressa para entrar de novo no quarto, e encontro Kate envolvida numa discussão com José.

— Ana, acho que ele realmente gosta de você — diz ela sem qualquer preâmbulo. José me fuzila com um olhar de desaprovação. — Mas eu não confio nele — acrescenta ela.

Levanto a mão na esperança de que ela pare de falar. Por um milagre, ela para.

— Kate, se você levar o Wanda, posso pegar o seu carro?

— Por quê?

— Christian Grey me convidou para tomar um café com ele.

O queixo dela cai. Kate sem palavras! Saboreio o momento. Ela me agarra pelo braço e me arrasta para o quarto contíguo à sala da suíte.

— Ana, tem algo estranho nele. — A voz de Kate tem um tom de advertência. — Ele é deslumbrante, concordo, mas acho que é perigoso. Especialmente para alguém como você.

— Como assim, alguém como eu? — pergunto, ofendida.

— Uma pessoa inocente como você, Ana. Você sabe o que eu quero dizer — diz ela, um pouco irritada.

Enrubesco.

— Kate, é só um café. Minhas provas começam esta semana e preciso estudar, portanto não vou demorar.

Ela contrai os lábios, como se considerasse meu pedido. Finalmente, pega as chaves do carro no bolso e as entrega a mim. Entrego-lhe as minhas.

— Até mais tarde. Não demore, senão mando uma equipe de busca e resgate.

— Obrigada. — Abraço-a.

Saio da suíte e encontro Christian esperando, encostado na parede, parecendo um modelo posando para uma revista de moda sofisticada.

— Tudo bem, vamos tomar café — murmuro, vermelha como um camarão.

Ele sorri.

— Vá na frente, Srta. Steele.

Ele se endireita, estendendo a mão para que eu vá na frente. Vou andando pelo corredor, as pernas bambas, um frio na barriga, e o coração disparado quase saindo pela boca. *Vou tomar café com Christian Grey... e odeio café.*

Andamos juntos pelo largo corredor do hotel até os elevadores. *O que devo dizer a ele?* Meu cérebro está subitamente paralisado de tanta apreensão. Sobre o que vamos conversar? O que diabo tenho em comum com ele? Sua voz suave e quente me desperta do meu devaneio.

— Há quanto tempo conhece Katherine Kavanagh?

Ah, uma pergunta fácil para começar.

— Desde o primeiro ano. Ela é uma boa amiga.

— Hum — responde ele, evasivo.

No que está pensando?

No hall dos elevadores, ele aperta o botão, e a campainha toca quase imediatamente. As portas se abrem, revelando um jovem casal num abraço apaixonado. Surpresos e envergonhados, eles se separam de imediato, olhando com uma expressão culpada para todos os lados, menos para nós. Grey e eu entramos no elevador.

Preciso me esforçar para conter o riso, então fixo os olhos no chão, sentindo minhas bochechas ficarem rosadas. Quando olho disfarçadamente para Grey, ele tem o vestígio de um sorriso nos lábios, mas quase não dá para ver. O jovem casal não diz nada, e vamos até o térreo num silêncio constrangedor. Nem ao menos tem aquela música ambiente suave para nos distrair.

As portas se abrem e, para minha surpresa, Grey pega minha mão, apertando-a com seus longos dedos frios. Sinto a corrente me percorrer, e minha pulsação, que já estava rápida, dispara. Enquanto ele me conduz para fora do elevador, dá para ouvir as risadinhas contidas do casal irrompendo atrás de nós. Grey sorri.

— O que será que os elevadores têm? — murmura ele.

Atravessamos o vasto saguão movimentado do hotel em direção à entrada, mas Grey evita a porta giratória, e me pergunto se é por que ele teria que soltar minha mão.

Lá fora, é um domingo ameno de maio. O sol brilha e há pouco tráfego. Grey vira à esquerda e caminha até a esquina, onde esperamos o sinal abrir. Ele continua segurando minha mão. *Estou na rua e Christian Grey está segurando minha mão.* Ninguém jamais segurou minha mão. Estou tonta e toda formigando. Tento conter o ridículo sorriso que ameaça cortar meu rosto em dois. *Tente ficar calma, Ana,* implora meu inconsciente. O homenzinho verde aparece, e lá vamos nós de novo.

Andamos quatro quarteirões antes de chegar à Portland Coffee House, onde Grey solta minha mão para abrir a porta e eu poder entrar.

— Por que não escolhe uma mesa enquanto pego as bebidas? O que você vai querer? — pergunta ele, mais cortês que nunca.

— Vou querer... hã... um chá preto, com o saquinho à parte.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Nada de café?

— Não gosto de café.

Ele sorri.

— Tudo bem, chá com o saquinho à parte. Doce?

Por um momento, fico aturdida, achando que é uma palavra carinhosa, mas felizmente meu inconsciente se manifesta com os lábios contraídos. *Não, burra, você quer seu chá adoçado?*

— Não, obrigada.

Fico olhando para meus dedos entrelaçados.

— Alguma coisa para comer?

— Não, obrigada. — Balanço a cabeça, e ele se encaminha para o balcão.

Discretamente, olho para ele enquanto está na fila aguardando ser atendido. Eu poderia passar o dia inteiro olhando para ele... é alto, tem ombros largos, é esguio, e o jeito que aquelas calças caem nos seus quadris... *Ai, meu Deus.* Uma ou duas vezes, ele passa aqueles longos dedos graciosos pelo cabelo agora seco, mas ainda revoltado. *Hum... eu gostaria de fazer isso.* A ideia me vem à cabeça espontaneamente, e fico com o rosto em chamas. Mordo o lábio e torno a olhar para minhas mãos, não gostando do rumo que meus pensamentos rebeldes estão tomando.

— Um centavo pelos seus pensamentos? — Grey volta e me pega de surpresa.

Enrubesco. *Eu estava pensando em passar os dedos pelo seu cabelo e me perguntando se seriam macios.* Balanço a cabeça. Ele está trazendo uma bandeja, que deixa sobre a mesinha redonda de fórmica. Grey me entrega uma xícara com um pires, um pequeno bule de chá e um pratinho com um saquinho solitário com o rótulo TWININGS ENGLISH BREAKFAST — o meu preferido. Para ele, há uma xícara de café com o lindo desenho de uma folha na espuma do leite. *Como eles fazem isso?*, eu me pergunto. Grey também comprou um muffin de blueberry para ele. Deixando a bandeja de lado, ele se senta à minha frente e cruza as pernas compridas. Parece tão confortável, tão à vontade em seu corpo, que o invejo. Aqui estou eu, toda atrapalhada e descoordenada, quase incapaz de dar um passo sem cair de cara no chão.

— Em que está pensando? — pergunta ele.

— Este é o meu chá preferido.

Falo baixo, quase ofegante. Simplesmente não posso acreditar que estou sentada com Christian Grey num café em Portland. Ele franze a testa. Sabe que estou escondendo alguma coisa. Ponho o saquinho de chá no bule e quase imediatamente o retiro com a colher. Enquanto coloco o saquinho usado no prato, ele inclina a cabeça e me olha intrigado.

— Gosto do meu chá puro e fraco — murmuro à guisa de explicação.

— Entendo. Ele é seu namorado?

Que... O quê?

— Quem?

— O fotógrafo. José Rodriguez.

Dou uma risada, nervosa porém curiosa. O que lhe deu essa impressão?

— Não. José é um grande amigo meu, só isso. Por que achou que ele fosse meu namorado?

— Pelo jeito como você sorriu para ele e ele sorriu para você.

Seu olhar prende o meu. É enervante. Quero desviar os olhos mas estou presa, enfeitiçada.

— Ele é mais como uma pessoa da família — murmuro.

Grey assente com a cabeça, aparentemente satisfeito com minha resposta, e olha para seu muffin. Seus dedos esguios puxam com destreza o papel, e observo, fascinada.

— Quer um pedaço? — pergunta, e aquele sorriso divertido e misterioso está de volta.

— Não, obrigada.

Franzo a testa e torno a olhar para minhas mãos.

— E o rapaz que conheci ontem na loja? Ele não é seu namorado?

— Não. Paul é apenas um amigo. Eu lhe disse ontem. — Ah, isso está ficando ridículo. — Por quê?

— Você parece nervosa perto dos homens.

Caramba, isso é pessoal. *Só fico nervosa perto de você, Grey.*

— Você me intimida.

Fico vermelha, mas mentalmente me dou um tapinha nas costas pela sinceridade, e torno a baixar os olhos. Ouço a respiração forte dele.

— Você deve mesmo me achar intimidante. — Ele assente. — É muito honesta. Por favor, não olhe para baixo. Gosto de ver o seu rosto.

Ah. Olho para ele, e ele abre um sorriso encorajador, mas irônico.

— Isso me dá alguma pista do que você poderia estar pensando — suspira ele. — Você é um mistério, Srta. Steele.

Misteriosa? Eu?

— Não tenho nada de misteriosa.

— Acho você muito contida — murmura ele.

Sou? *Nossa. Como consegui isso? É desconcertante. Eu, contida? De jeito nenhum.*

— A não ser quando enrubesce, claro, o que acontece com frequência. Eu só gostaria de saber por qual motivo estaria enrubescendo.

Ele põe um pedacinho de muffin na boca e começa a mastigá-lo bem devagar, sem tirar os olhos de mim. E, pegando a deixa, enrubesço. *Droga!*

— Você sempre faz esse tipo de observação pessoal?

— Não tinha me dado conta de que era tão pessoal. Eu a ofendi? — Ele parece surpreso.

— Não — respondo sinceramente.

— Ótimo.

— Mas você é muito arrogante.

Ele ergue as sobrancelhas e, se eu não estou enganada, cora ligeiramente também.

— Estou acostumado a fazer o que quero, Anastasia — murmura ele. — A respeito de tudo.

— Não duvido. Por que não me pediu para chamá-lo pelo primeiro nome?

Fico admirada com minha ousadia. Por que esta conversa ficou tão séria? Isso não está sendo do jeito que eu achava que seria. Não posso acreditar que estou me sentindo tão hostil em relação a ele. É como se ele estivesse tentando me assustar.

— As únicas pessoas que me chamam pelo primeiro nome são meus familiares e alguns amigos íntimos. Prefiro assim.

Ah. Ele ainda não disse “Pode me chamar de Christian”. Ele é maníaco por controle, não há outra explicação, e uma parte de mim está pensando que talvez tivesse sido melhor se Kate o tivesse entrevistado. Dois maníacos por controle juntos. E, claro, ela é quase louca — bem, tem cabelo louro-avermelhado — como todas as mulheres no escritório dele. *E é linda*, meu inconsciente me lembra. Não gosto da ideia de Christian e Kate. Dou um gole no meu chá, e Grey come outro pedacinho do muffin.

— Você é filha única? — pergunta ele.

Opa... ele continua mudando de rumo.

— Sou.

— Fale de seus pais.

Por que ele quer saber? Isso é muito *chato*.

— Minha mãe mora na Geórgia com o novo marido, Bob. Meu padrasto mora em Montesano.

— E seu pai?

— Meu pai morreu quando eu era bebê.

— Sinto muito — murmura ele, e uma aflição transparece fugazmente em seu olhar.

— Não me lembro dele.

— E sua mãe se casou novamente?

Solto o ar com força.

— Pode-se dizer que sim.

Ele franze a testa para mim.

— Você não está me contando muita coisa, não é? — diz ele secamente, esfregando o queixo, como se estivesse se concentrando em seus pensamentos.

— Nem você.

— Você já me entrevistou uma vez, e me lembro de algumas perguntas bem íntimas. — Ele dá um sorrisinho.

Merda. Ele está se lembrando da pergunta sobre ser gay. Mais uma vez, estou mortificada. Daqui para a frente, sei que vou precisar de terapia intensiva para não me sentir tão envergonhada toda vez que me lembrar desse momento. Começo a tagarelar sobre minha mãe — qualquer coisa para bloquear *aquele* momento.

— Minha mãe é maravilhosa. É uma romântica incurável. Já está no quarto marido.

Christian levanta as sobrancelhas, numa expressão de surpresa.

— Sinto falta dela — continuo. — Ela agora tem o Bob. Só torço para ele conseguir tomar conta dela e ajudá-la a se reerguer quando seus projetos disparatados não saírem como o planejado.

Sorrio carinhosamente. Não vejo minha mãe há muito tempo. Christian está me observando com atenção, dando goles esporádicos no café. Eu realmente não devia olhar para a sua boca. Isso me desestabiliza.

— Você se dá bem com seu padrasto?

— Claro. Fui criada por ele. Ele é o único pai que conheço.

— E como ele é?

— Ray? Ele é... fechado.

— Só isso? — pergunta Grey, admirado.

Dou de ombros. O que esse cara espera? A história da minha vida?

— Fechado como a enteada — provoca Grey.

Esforço-me para não revirar os olhos.

— Ele gosta de futebol, especialmente do futebol europeu, de boliche, de pescar e de fabricar móveis. Ele é marceneiro. Ex-militar.

— Suspiro.

— Você morou com ele?

— Morei. Minha mãe conheceu o Marido Número Três quando eu tinha quinze anos. Fiquei com o Ray.

Ele franze a testa como se não entendesse.

— Você não quis morar com sua mãe? — pergunta ele.

Isso realmente não é da conta dele.

— O Marido Número Três morava no Texas. Minha casa era em Montesano. E... você sabe, minha mãe estava recém-casada.

Paro. Minha mãe nunca fala do Marido Número Três. Aonde Grey quer chegar com essa conversa? Isso não é da conta dele. *Agora é a minha vez.*

— E os seus pais? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Meu pai é advogado, minha mãe é pediatra. Eles moram em Seattle.

Ah... ele teve uma educação de alto nível. E eu me pego imaginando um casal bem-sucedido que adota três crianças, e uma delas se transforma num homem que parte para o mundo dos negócios e o conquista sozinho. O que o levou para esse caminho? Os pais dele devem estar orgulhosos.

— O que os seus irmãos fazem?

— Elliot é construtor, e minha irmã caçula está em Paris, estudando culinária com um renomado chef francês.

A irritação cobre os olhos dele. Ele não quer falar de sua família nem dele mesmo.

— Ouvi dizer que Paris é linda — murmuro.

Por que ele não quer falar da família? Será que é por ser adotado?

— É linda. Conhece? — pergunta ele, esquecendo a irritação.

— Eu nunca saí dos Estados Unidos.

Voltamos às banalidades. O que ele está escondendo?

— Gostaria de conhecer?

— Paris? — emito um chiado. A pergunta me desconcerta. Quem não quer conhecer Paris? — Claro — concordo. — Mas eu gostaria de conhecer mesmo a Inglaterra.

Ele inclina a cabeça, passando o dedo indicador no lábio inferior... *ai, meu Deus...*

— Por quê?

Dou várias piscadelas rápidas. *Concentre-se, Steele.*

— É a terra de Shakespeare, Austen, das irmãs Brontë, de Thomas Hardy. Eu gostaria de ver os lugares que inspiraram essas pessoas a escrever tantos livros maravilhosos.

Essa conversa toda sobre expoentes da literatura me lembra que eu devia estar estudando. Dou uma olhada no relógio.

— Preciso ir. Tenho que estudar.

— Para suas provas?

— É. Começam na terça-feira.

— Onde está o carro da Srta. Kavanagh?

— No estacionamento do hotel.

— Acompanho você até lá.

— Obrigada pelo chá, Sr. Grey.

Ele dá aquele sorriso estranho de quem guarda um grande segredo.

— De nada, Anastasia. Foi um prazer. Venha — ordena ele, e estende a mão para mim.

Seguro sua mão, perplexa, e saio do café atrás dele.

Voltamos para o hotel, e posso dizer que num silêncio confortável. Ele pelo menos demonstra a calma e a serenidade de sempre. Quanto a mim, estou tentando desesperadamente avaliar como foi o nosso encontro. Sinto como se tivesse sido entrevistada para um emprego, mas não tenho certeza para qual função.

— Você sempre usa jeans? — pergunta ele do nada.

— Quase sempre.

Ele assente com a cabeça. Estamos de novo no cruzamento em frente ao hotel. Minha cabeça dá voltas. *Que pergunta estranha...* E estou ciente de que nosso tempo juntos é limitado. Acabou. Acabou, e eu o desperdicei totalmente, eu sei. Talvez ele tenha alguém.

— Você tem namorada? — pergunto sem pensar. Droga! *Eu acabei de dizer isso em voz alta?*

Seus lábios se contraem num breve sorriso, e ele me olha de cima.

— Não, Anastasia. Eu não quero saber de namorada — diz ele baixinho.

Ah... *o que quer dizer com isso?* Ele não é gay. Ah, talvez seja! Deve ter mentido para mim na entrevista. E, por um momento, acho que ele vai dar alguma explicação, alguma pista para essa declaração enigmática, mas ele não dá. Tenho que ir embora. Tenho que tentar reorganizar meus pensamentos. Tenho que me afastar dele. Sigo em frente e tropeço, me estatelando no meio da rua.

— Que merda, Ana! — exclama Grey.

Ele puxa tão forte minha mão que caio em cima dele bem na hora em que um ciclista passa a toda na contramão, e por um triz não me atropela.

Tudo acontece muito depressa — de repente estou caindo, e em seguida ele está me apertando com força junto ao peito. Inspiro seu cheiro limpo e agradável. Ele exala um perfume de roupa recém-lavada e algum gel de banho caro. É embriagador, e inspiro profundamente.

— Você está bem? — murmura ele.

Um de seus braços está em volta de mim, prendendo-me a ele, enquanto os dedos da outra mão percorrem meu rosto, sondando-me e me examinando com delicadeza. Seu polegar roça o meu lábio inferior e sua respiração falha. Ele está me olhando nos olhos, e fixo aquele seu olhar ansioso e ardente por um momento, ou talvez para sempre... mas minha atenção é atraída para sua linda boca. E pela primeira vez em vinte e um anos quero ser beijada. Quero sentir sua boca na minha.

CAPÍTULO QUATRO

Beije-me, droga!, imploro a ele, mas não consigo me mexer. Estou paralisada, com uma necessidade estranha e desconhecida, totalmente encantada por ele. Fito a boca de Christian Grey, extasiada, e ele está olhando para mim, as pálpebras caídas, os olhos ficando sombrios. Ele respira com mais força que o normal, enquanto eu paro de respirar completamente. *Estou em seus braços. Beije-me, por favor.* Ele fecha os olhos, respira fundo e balança de leve a cabeça, como se respondesse minha pergunta silenciosa. Quando torna a abrir os olhos, é com uma determinação, um firme propósito.

— Anastasia, você deve ficar longe de mim. Eu não sou homem para você — murmura.

O quê? Por que ele diz isso? Com certeza quem deve decidir sou eu. Franzo a testa, atordoada com a rejeição.

— Respire, Anastasia, respire. Vou levá-la e soltá-la — diz ele com calma, e delicadamente me afasta.

A adrenalina percorre meu corpo, seja por ter escapado por um triz do ciclista, seja por estar tão próxima de Christian, e fico agitada e fraca. NÃO!, grita o meu inconsciente enquanto Grey se afasta, deixando-me desconsolada. Ele mantém as mãos em meus ombros, mas está distante, observando minhas reações com cuidado. E só consigo pensar que queria ser beijada, deixei isso bastante óbvio, e ele não me beijou. *Ele não me quer.* Ele realmente não me quer. Estraguei nosso encontro de modo magnífico.

— Entendi — respiro, conseguindo falar. — Obrigada — murmuro, coberta de humilhação. Como eu pude interpretar tão mal a situação entre nós? Preciso me afastar dele.

— Pelo quê?

Ele franze a testa. Não tirou as mãos de mim.

— Por me salvar — digo em voz baixa.

— Aquele idiota estava na contramão. Ainda bem que eu estava aqui. Nem quero pensar no que poderia ter acontecido com você. Quer ir ao hotel e se sentar um pouco?

Ele me solta, deixando as mãos caírem ao lado do corpo, e fico parada na sua frente me sentindo uma idiota.

Balançando a cabeça, clareio as ideias. Só quero ir embora. Todas as minhas esperanças vagas e desarticuladas foram destruídas. Ele não me quer. *No que eu estava pensando?*, eu me repreendo. *O que Christian Grey ia querer com você?*, meu inconsciente zomba de mim. Envolver-me com os braços e, ao me virar para a rua, vejo com alívio que o homenzinho verde está aceso. Atravesso depressa, consciente de que Grey está atrás de mim. Do lado de fora do hotel, viro-me rapidamente para encará-lo, mas não consigo olhar em seus olhos.

— Obrigada pelo chá e por posar para as fotos — murmuro.

— Anastasia... eu...

Ele para, e, como a angústia em sua voz exige a minha atenção, olho de má vontade para ele. Seus olhos cinzentos estão tristes quando ele passa a mão pelo cabelo. Ele parece dividido, frustrado, a expressão fria, sem todo aquele cuidadoso controle.

— O quê, Christian? — digo com irritação depois que ele não diz... nada.

Só quero ir embora. Preciso levar dali o meu frágil orgulho ferido e cuidar para que ele se recupere.

— Boa sorte nas provas — murmura ele.

Hã? É por isso que ele parece tão desolado? Esta é a grande despedida? Só me desejar sorte nas provas?

— Obrigada. — Não consigo disfarçar o sarcasmo na voz. — Até logo, Sr. Grey.

Dou meia-volta, vagamente espantada por não tropeçar, e, sem olhar de novo para ele, sumo na calçada em direção à garagem subterrânea.

Uma vez sob o concreto escuro e frio da garagem com sua triste luz fluorescente, encosto na parede e ponho as mãos na cabeça. No que eu estava pensando? Lágrimas espontâneas e inoportunas se acumulam em meus olhos. *Por que estou chorando?* Vou afundando no chão, irritada comigo mesma por essa reação insensata.

Levantando os joelhos, encolho-me toda. Quero me tornar o menor possível. Talvez a dor absurda fique menor se eu diminuir. Encostando a cabeça nos joelhos, deixo as lágrimas caírem à vontade. Estou chorando pela perda de algo que nunca tive. *Que ridículo*. Chorar por algo que nunca existiu — minhas esperanças perdidas, meus sonhos perdidos e minhas expectativas destruídas.

Nunca fui rejeitada. Tudo bem... sempre fui uma das últimas a serem escolhidas para o basquete ou o vôlei, mas eu entendia isso — correr fazendo outra coisa ao mesmo tempo, como pular ou jogar uma bola, não é a minha praia. Sou um sério estorvo em qualquer campo esportivo.

Romanticamente, porém, eu jamais me expus. Uma vida de insegurança — sou muito pálida, muito magra, muito desleixada, descoordenada, minha lista de defeitos é longa. Sempre fui eu a repelir quaisquer possíveis admiradores. Houve aquele cara na aula de química que gostava de mim, mas ninguém jamais despertou meu interesse — ninguém exceto o filho da mãe do Christian Grey. Talvez eu devesse ser mais simpática com os homens, como Paul Clayton e José Rodriguez, embora tenha certeza de que nenhum deles foi encontrado soluçando sozinho em um lugar escuro. Talvez eu só precise de uma boa choradeira.

Pare! Pare agora!, meu inconsciente parece gritar para mim de braços cruzados e batendo o pé de frustração. *Entre no carro, vá para casa, estude. Esqueça-o... Agora!* E chega dessa porcaria de autopiedade lamuriosa.

Respiro fundo para me acalmar e me levanto. *Controle-se, Steele*. Encaminho-me para o carro de Kate, enxugando as lágrimas. Não vou pensar nele de novo. Posso simplesmente assumir este incidente como uma experiência positiva e me concentrar nas provas.

* * *

KATE ESTÁ SENTADA à mesa de jantar diante do seu laptop quando chego. Seu sorriso acolhedor murcha quando ela me vê.

— Ana, o que houve?

Ah, não... sem a Inquisição de Katherine Kavanagh. Balanço a cabeça à maneira Kavanagh de pedir para ser deixada em paz. Mas é como se eu estivesse lidando com uma cega, surda e muda.

— Você andou chorando. — Ela tem um talento excepcional para afirmar o óbvio, às vezes. — O que aquele filho da mãe fez com você? — resmunga ela, com uma cara que, nossa, assusta.

— Nada, Kate.

Na verdade, o problema é esse. A ideia me faz dar um sorriso irônico.

— Então por que andou chorando? Você nunca chora — diz ela, num tom mais suave.

Ela se levanta, os olhos verdes cheios de preocupação, e me dá um abraço. Preciso dizer alguma coisa só para que ela me deixe em paz.

— Quase fui atropelada por um ciclista.

É o melhor que consigo dizer, mas isso a distrai momentaneamente... dele.

— Nossa, Ana. Você está bem? Ficou machucada? — Ela faz um rápido exame visual em mim.

— Não. Christian me salvou — murmuro. — Mas fiquei muito abalada.

— Imagino. Como foi o encontro? Sei que você odeia café.

— Tomei chá. Foi ótimo, nada para contar, de fato. Não sei por que ele me convidou.

— Ele gosta de você, Ana.

Ela me larga.

— Não gosta mais. Não vou encontrá-lo de novo.

Sim, consigo falar num tom neutro.

— Como assim?

Droga. Ela está intrigada. Vou para a cozinha para ela não poder ver o meu rosto.

— Pois é... ele é muita areia para o meu caminhãozinho, Kate — digo, no tom mais seco que consigo.

— Como assim?

— Ah, Kate, isso é evidente.

Viro-me e a encaro ali parada na entrada da cozinha.

— Não concordo — diz ela. — Tudo bem, ele tem mais dinheiro que você, mas ele tem mais dinheiro que a maioria das pessoas!

— Kate, ele é... — dou de ombros.

— Ana! Pelo amor de Deus. Quantas vezes preciso repetir? Você é muito inocente — interrompe ela.

Ah, não. Lá vem ela de novo com essa história.

— Kate, por favor. Preciso estudar — digo, cortando a conversa. Ela franze a testa.

— Quer ver o artigo? Está pronto. José fez fotos ótimas.

Será que preciso de um lembrete visual do lindo Christian Não Te Quero Grey?

— Claro.

Consigo a mágica de estampar um sorriso no rosto e vou até o laptop. E lá está ele, me olhando em preto e branco, encarando a mim e a meus defeitos.

Finjo ler o artigo, o tempo todo examinando aquele firme olhar cinzento, tentando encontrar na foto alguma pista que indique por que ele não é homem para mim — suas próprias palavras. E de repente está na cara. Ele é bonito demais. Somos diametralmente opostos e de dois mundos muito diferentes. Eu me imagino como Ícaro se aproximando demais do Sol e caindo na Terra todo queimado em consequência disso. As palavras dele fazem sentido. Ele não é homem para mim. Foi o que ele quis dizer, e isso torna sua rejeição mais fácil de aceitar... um pouco. Não vou morrer por causa disso. Entendo.

— Muito bom, Kate — consigo dizer. — Vou estudar.

Prometo a mim mesma que não vou pensar nele por ora e, abrindo minhas anotações de aula, começo a ler.

* * *

SÓ QUANDO ESTOU na cama, tentando dormir, que deixo meus pensamentos irem à deriva por aquela manhã estranha. Fico me lembrando da frase *não quero saber de namorada*, e fico com raiva de já não ter pescado essa informação antes de estar nos braços dele implorando mentalmente com todas as fibras do meu ser para que ele me beijasse. Ele disse isso com todas as letras. Não me

quer como namorada. Viro-me de lado. Quase dormindo, me pergunto se ele é celibatário. Fecho os olhos e começo a adormecer. Talvez ele esteja se guardando. *Bem, não para você.* Meu inconsciente sonolento tenta me dar um golpe final antes de se soltar nos meus sonhos.

Nessa noite, sonho com olhos cinzentos e folhas desenhadas no leite, e que estou correndo por lugares escuros com uma iluminação assustadora, não sei se estou indo a algum lugar ou fugindo de alguma coisa... não está claro.

—

Largo a caneta. Terminei. Minha prova final acabou. Um sorriso do gato de Alice se abre no meu rosto. Deve ser o primeiro sorriso que dou a semana toda. É sexta-feira e hoje à noite vai ter uma comemoração de verdade. Talvez eu até tome um porre! Nunca tomei um porre na vida. Olho para Kate do outro lado da sala, e ela ainda está escrevendo furiosamente, faltando cinco minutos para o tempo acabar. Acabou, encerrei minha carreira acadêmica. Nunca mais vou me sentar de novo em fileiras de alunos aflitos. Dentro de mim, estou dando cambalhotas, sabendo muito bem que é só na minha cabeça que consigo dar cambalhotas graciosas. Kate para de escrever e larga a caneta. Olha para mim, e vejo também nela o sorriso do gato de Alice.

Voltamos para casa na Mercedes, recusando-nos a discutir nossa prova final. Kate está mais preocupada com a roupa que vai vestir para ir ao bar hoje à noite. E eu procuro as chaves na bolsa.

— Ana, tem um embrulho para você aqui.

Parada na escada que dá acesso à porta de entrada, Kate segura um pacote embrulhado em papel pardo. *Estranho.* Não encomendei nada na Amazon nos últimos dias. Kate me dá o embrulho e pega as minhas chaves para abrir a porta. O pacote está endereçado à Srta. Anastasia Steele. Não tem endereço nem nome do remetente. Talvez seja da minha mãe ou do Ray.

— Deve ser dos meus pais.

— Abra!

Kate entra na cozinha empolgada para comemorarmos com champanhe o fim das provas.

Abro o embrulho e encontro uma caixa de couro contendo três livros antigos aparentemente idênticos, encadernados com tecido e em perfeito estado, e um cartão branco simples. De um dos lados, em tinta preta numa bela letra cursiva, está escrito:

Por que não me disse que havia perigo? Por que não me avisou?

As senhoras sabem do que se proteger, porque leem romances que lhes ensinam sobre esses truques...

Reconheço a citação de *Tess*. Estou estarrecida com a coincidência, já que acabei de passar três horas escrevendo sobre os romances de Thomas Hardy na minha prova final. Talvez não seja coincidência... talvez seja intencional. Examino os livros com atenção, três volumes de *Tess of the d'Urbervilles*. Abro um dos livros. Na folha de rosto, em tipografia antiga, está escrito:

Londres: Jack R. Olgood, McIlvaine and Co., 1891

Putá merda — são as primeiras edições. Devem valer uma fortuna, e imediatamente sei quem as enviou. Kate está ao meu lado olhando os livros. Pega o cartão.

— Primeiras edições — murmuro.

— Não! — Kate arregala os olhos, incrédula. — Grey?

Concordo com a cabeça.

— Não consigo pensar em mais ninguém.

— O que esse cartão significa?

— Não tenho ideia. Acho que é um aviso. Francamente, ele continua me advertindo para ficar longe dele. Não sei por quê. Não é como se eu estivesse arrombando a porta dele. — Franzo a testa.

— Sei que você não quer falar dele, Ana, mas ele está muito a fim de você. Com ou sem advertências.

Não me permiti pensar em Christian Grey nessa última semana. Tudo bem... seus olhos cinzentos continuam me perseguindo em meus sonhos, e sei que vou levar uma eternidade para expurgar do meu cérebro a sensação dos seus braços me envolvendo e do seu perfume maravilhoso. Por que ele me mandou esses livros? Ele me disse que eu não era para ele.

— Encontrei uma primeira edição de *Tess* à venda em Nova York por quatorze mil dólares. Mas a sua está muito mais conservada. Deve ter custado bem mais.

Kate está consultando seu grande amigo Google.

— Essa citação, Tess diz essas palavras para sua mãe depois que Alec d'Urberville tira a virgindade dela.

— Eu sei — reflete Kate. — O que ele está tentando dizer?

— Não sei e nem quero saber. Não posso aceitar esses livros. Vou devolver com outra citação desconcertante de alguma outra parte obscura do livro.

— O trecho em que Angel Clare diz: vá para a puta que pariu? — pergunta Kate com uma expressão totalmente impassível.

— É, esse trecho.

Dou uma risada. Adoro Kate. Ela é fiel e sempre me apoia. Torno a embalar os livros e os deixo sobre a mesa de jantar. Kate me entrega uma taça de champanhe.

— Ao fim das nossas provas e à vida nova em Seattle — ela brinda.

— Ao fim das nossas provas, à vida nova em Seattle e a excelentes resultados. — Brindamos com nossas taças e bebemos.

* * *

O BAR ESTÁ BARULHENTO e agitado, cheio de formandos querendo ficar bêbados. José se junta a nós. Ainda falta um ano para ele se formar, mas está no clima de festa e nos ajuda a comemorar nossa liberdade recém-adquirida pagando uma jarra de margarita para todo mundo. No quinto copo, percebo que não é uma boa ideia depois do champanhe.

— E agora, Ana? — José grita mais alto que o barulho.

— Kate e eu vamos nos mudar para Seattle. Os pais dela compraram um apartamento lá para ela.

— *Dios mío*, vai levar uma vida de pobreza, então? — brinca ele.

— Mas você vai voltar para minha exposição?

— Claro, José, eu não perderia isso por nada no mundo.

Sorrio, e ele passa o braço em volta da minha cintura e me puxa mais para perto.

— É muito importante para mim que você esteja presente, Ana

— murmura ele no meu ouvido. — Outra margarita?

— José Luis Rodriguez! Está tentando me embriedar? Porque está conseguindo... — Eu rio. — Acho melhor eu tomar uma cerveja. Vou buscar para a gente.

— Mais bebida, Ana! — grita Kate.

Kate tem a resistência de um touro. Está pendurada em Levi, um dos nossos colegas de inglês e seu fotógrafo de praxe no jornal dos alunos. Ele desistiu de fotografar a embriaguez que o cerca. Só tem olhos para Kate. Ela está usando uma batinha, jeans justo e salto alto, o cabelo preso no alto da cabeça com cachinhos soltos emoldurando o rosto, espetacular como sempre. Eu faço mais o estilo All Star e camiseta, mas estou usando a calça jeans que mais me favorece. Desvencilho-me do abraço de José e me levanto da mesa.

Uau. Minha cabeça roda.

Tenho que agarrar o encosto da cadeira. Coquetéis à base de tequila não são uma boa ideia.

No caminho para o bar resolvo ir ao banheiro enquanto ainda estou em pé. *Boa ideia, Ana*. Ando trôpega no meio da multidão. Claro, tem fila, mas pelo menos está calmo e fresco no corredor. Pego o celular para aliviar o tédio da espera. *Humm... Para quem eu liguei por último?* Foi para o José? Antes dele tem um número que não reconheço. Ah, sim. Grey, acho que esse número é dele. Sorrio. Não sei que horas são, talvez eu o acorde. Talvez ele possa me dizer por que me mandou aqueles livros com a mensagem enigmática. Desmancho o sorriso embriagado e aperto a tecla “ligar”. Ele atende no segundo toque.

— Anastasia?

Está surpreso com a minha ligação. Bem, francamente, eu estou surpresa com a minha decisão de ligar para ele. Então, meu cérebro atordoado registra... como ele sabe que sou eu?

— Por que me enviou os livros? — pergunto com a voz engrolada.

— Anastasia, você está bem? Está falando de um jeito estranho.

— A voz dele parece preocupada.

— A estranha não sou eu, é você.

Pronto, falei. Minha coragem alimentada pelo álcool.

— Anastasia, você andou bebendo?

— O que você tem com isso?

— Estou... curioso. Onde você está?

— Num bar.

— Que bar? — ele parece exasperado.

— Um bar em Portland.

— Como você vai para casa?

— Vou dar um jeito.

Essa conversa não está tomando o rumo que eu esperava.

— Em que bar você está?

— Por que me enviou os livros, Christian?

— Anastasia, onde você está? Diga agora.

O tom dele é muito... muito autoritário, aquela mania de controle de sempre. Imagino-o como um diretor de cinema dos velhos tempos, usando calças de montaria, segurando um megafone antiquado e um chicote. A imagem me faz rir.

— Você é muito... dominador.

Dou uma risadinha.

— Ana, por favor, onde você está, porra?

Christian Grey falando um palavrão. Torno a rir.

— Estou em Portland... bem longe de Seattle.

— Onde em Portland?

— Boa noite, Christian.

— Ana!

Desligo. Rá! Se bem que ele não me falou dos livros. Franzo a testa. Missão não cumprida. Estou muito bêbada mesmo — minha cabeça gira enquanto me arrasto com a fila. Bem, o objetivo era tomar um porre. Consegui. *Provavelmente uma experiência a não*

ser repetida. A fila andou, e agora é a minha vez. Olho inexpressivamente para o cartaz atrás da porta do banheiro que exalta as virtudes do sexo seguro. Que droga, eu acabei de ligar para Christian Grey? Merda. Meu telefone toca e me assusta. Solto um grito de surpresa.

— Oi — atendo timidamente. Não contava com isso.

— Estou indo buscar você — diz ele, e desliga. Só Christian Grey poderia soar tão calmo e tão ameaçador ao mesmo tempo.

— *Cacete.* — Puxo as calças. Meu coração acelera. Vindo me buscar? *Ah, não.* Vou vomitar... não... estou bem. Aguento firme. Ele só quer me confundir. Eu não disse onde estava. Ele não pode me encontrar. Além do mais, levaria horas para vir de Seattle até aqui, e a essa altura já vamos ter ido embora há muito tempo. Lavo as mãos e me olho no espelho. Estou vermelha e ligeiramente fora de foco. *Humm... tequila.*

Espero no bar pelo que parece uma eternidade pela caneca de cerveja e acabo voltando para a mesa.

— Você demorou muito — Kate me repreende. — Onde estava?

— Na fila do banheiro.

José e Levi estão tendo uma discussão acalorada sobre o time local de beisebol. José para de falar a fim de servir cerveja para todo mundo, e eu bebo um bom gole.

— Kate, acho melhor ir lá fora tomar um pouco de ar puro.

— Ana, você é muito fraquinha.

— Volto em cinco minutos.

Torno a atravessar a multidão. Começo a ficar enjoada, a cabeça rodando, e estou um pouco desastrada. Um pouco mais que o normal.

Beber no estacionamento, no ar frio da noite, dá a dimensão do quanto estou bêbada. Minha visão foi afetada, e estou realmente vendo tudo duplicado, como nos desenhos antigos de *Tom e Jerry*. Acho que vou vomitar. Por que me permiti ficar desse jeito?

— Ana. — José veio atrás de mim. — Você está bem?

— Acho que bebi além da conta.

Dou um sorriso sem graça para ele.

— Eu também — murmura ele, e me lança um olhar profundo com seus olhos escuros. — Precisa de ajuda? — ele pergunta e

chega mais perto, passando o braço em volta de mim.

— José, estou bem. Está tudo sob controle.

Tento afastá-lo com delicadeza.

— Ana, por favor — murmura, e agora está me abraçando e me puxando para ele.

— José, o que você está fazendo?

— Você sabe que gosto de você, Ana, por favor.

Ele tem uma das mãos na altura da minha cintura, segurando-me contra ele, e a outra no meu queixo, inclinando minha cabeça para trás. *Putá merda... ele vai me beijar.*

— Não, José, pare. Não.

Dou um empurrão, mas ele é um muro de músculos, e não consigo movê-lo. Sua mão deslizou para o meu cabelo, e ele está segurando minha cabeça.

— Por favor, Ana, *cariño* — sussurra ele próximo aos meus lábios.

Seu hálito é suave e muito doce — cheira a margarita e cerveja. Ele me beija delicadamente do queixo até o canto da boca. Estou apavorada, bêbada e sem controle. A sensação é sufocante.

— José, não — imploro.

Eu não quero isso. Você é meu amigo e eu acho que vou vomitar.

— Acho que a senhorita disse não — uma voz baixa surge na escuridão.

Putá merda! Christian Grey está aqui. Como? José me larga.

— Grey — diz ele secamente.

Olho aflita para Christian. Ele fuzila José com os olhos, e está furioso. Merda. Estou enjoada, e me encolho, meu corpo não consegue mais tolerar o álcool, e então vomito espetacularmente no chão.

— Uh. *Dios mío*, Ana! — José dá um pulo para trás, enojado. Grey pega o meu cabelo, puxando-o para fora da linha de fogo e delicadamente me conduz até um canteiro elevado no limite do estacionamento. Vejo, com profunda gratidão, que o canteiro está relativamente no escuro.

— Se for vomitar de novo, vomite aqui. Eu seguro você.

Ele está com um braço em volta dos meus ombros — o outro segura meu cabelo para trás num rabo de cavalo improvisado, tirando-o do meu rosto. Tento afastá-lo de modo desajeitado, mas vomito de novo... e de novo. *Ai, merda... quanto tempo isso vai durar?* Mesmo quando meu estômago está vazio e nada sai, continuo sentindo ânsias terríveis. Prometo a mim mesma que nunca mais vou beber. Isso é simplesmente horrível demais para descrever. Finalmente, para.

Minhas mãos estão pousadas na parede de tijolos do canteiro, e eu mal consigo me manter em pé. Vomitar profusamente é exaustivo. Grey me solta e me entrega um lenço. Só ele teria um lenço de linho recém-lavado com um monograma. *CTG*. Eu não sabia que ainda havia desses lenços à venda. Vagamente, me pergunto o que quer dizer o *T* enquanto limpo a boca. Não consigo olhar para ele. Estou morta de vergonha, com nojo de mim. Quero ser engolida pelas azaleias do canteiro e estar em qualquer lugar, menos aqui.

José continua rondando na entrada do bar, nos observando. Gemo e seguro a cabeça com as mãos. Este tem que ser o pior momento da minha vida. Minha cabeça ainda roda enquanto tento me lembrar de algo pior, e só consigo pensar na rejeição de Christian, o que foi muito pior em termos de humilhação. Arrisco olhar para ele. Ele está me observando, o rosto sereno, sem dizer nada. Quando me viro, vejo José, que parece bastante envergonhado e, como eu, intimidado com Grey. Olho furiosa para ele. Tenho algumas palavras adequadas para o meu pseudoamigo, nenhuma das quais posso repetir na frente de Christian Grey, CEO. *Ana, quem você acha que engana? Ele acabou de ver você vomitar por todo o chão e por toda a flora local. Não dá para fingir que você se comporta como uma dama.*

— Eu, hã... vejo você lá dentro — murmura José, mas ambos o ignoramos, e ele volta para o bar com o rabo entre as pernas. Estou sozinha com Grey. Puta que pariu. O que devo dizer a ele? Pedir desculpas pelo telefonema.

— Desculpe — digo baixinho, olhando para o lenço, que torço furiosamente entre os dedos.

É muito macio.

— Por que está pedindo desculpas, Anastasia?

Droga! Ele quer a porra de um reconhecimento.

— Pelo telefonema, principalmente. Por vomitar. Ah, a lista não tem fim — murmuro, sentindo que estou corando.

Por favor, por favor, posso morrer agora?

— Todos já passamos por isso. Talvez não de forma tão dramática quanto você — diz ele secamente. — Tem a ver com conhecer os seus limites, Anastasia. Na verdade, sou favorável a ultrapassar os limites, mas realmente isso é intolerável. Você tem esse tipo de comportamento habitualmente?

Minha cabeça zumbe com o excesso de álcool e de irritação. Que diabo isso tem a ver com ele? Eu não o convidei para vir aqui. Ele parece um homem de meia-idade me repreendendo como se eu fosse uma criança insolente. Parte de mim quer dizer que se eu quiser tomar um porre assim toda noite, a decisão é minha e ele não tem nada a ver com isso. Mas não sou corajosa o bastante. Não agora que vomitei na frente dele. Por que ele continua parado ali?

— Não — digo arrependida. — Eu nunca tinha tomado um porre antes, e não tenho a mínima vontade de fazer isso de novo.

Simplesmente não entendo por que ele está aqui. Começo a me sentir fraca. Ele percebe a minha tonteira e me agarra antes que eu caia, e me abraça para me levantar, segurando-me junto ao peito como se eu fosse uma criança.

— Vamos, vou levar você para casa — murmura ele.

— Preciso avisar a Kate. — *Estou nos braços dele de novo.*

— Meu irmão pode avisar a ela.

— O quê?

— Meu irmão, Elliot, está falando com a Srta. Kavanagh.

— Hã? — Não entendo.

— Ele estava comigo quando você ligou.

— Em Seattle? — Estou confusa.

— Não, estou hospedado no Heathman.

Ainda? Por quê?

— Como me encontrou?

— Rastreei o seu telefone celular, Anastasia.

Ah, claro que rastreou. Como isso é possível? É legal? *Espião*, murmura meu inconsciente através da nuvem de tequila que ainda

flutua no meu cérebro, mas, de alguma forma, por ser ele, eu não me importo.

— Você veio com jaqueta ou bolsa?

— Hã... sim. Vim com as duas coisas. Christian, por favor, preciso avisar a Kate. Ela vai ficar preocupada.

Sua boca se contrai e ele suspira forte.

— Se é necessário.

Ele me solta e, pegando a minha mão, me conduz para dentro do bar. Sinto-me fraca, ainda bêbada, envergonhada, exausta, mortificada, e, em algum nível estranho, absolutamente elétrica. Ele está apertando a minha mão — que leque confuso de emoções. Vou precisar de pelo menos uma semana para assimilar tudo isso.

O bar está barulhento, lotado e, como a música começou a tocar, tem uma multidão na pista de dança. Kate não está na mesa, e José desapareceu. Levi parece perdido e abandonado.

— Cadê a Kate? — grito para Levi mais alto que a barulheira. Minha cabeça começa a latejar no ritmo das batidas da música.

— Dançando — grita Levi, e posso dizer que ele está furioso.

Ele olha desconfiado para Christian. Visto a jaqueta preta e passo a alça da minha bolsinha a tiracolo pela cabeça, e ela fica na altura dos meus quadris. Estou pronta para ir, depois que encontrar Kate.

Encosto no braço de Christian e me estico para gritar em seu ouvido:

— Ela está na pista de dança — meu nariz roça o cabelo dele, e sinto o seu cheiro de limpeza. Todos os sentimentos proibidos e desconhecidos que tentei afastar vêm à tona e correm desordenadamente pelo meu corpo esgotado. Enrubesco e bem, bem lá no fundo de mim, meus músculos se contraem deliciosamente.

Ele revira os olhos, torna a pegar minha mão e me conduz para o bar. Imediatamente é atendido. Ninguém deixa o Sr. Maníaco por Controle Grey esperando. Será que tudo é sempre tão fácil para ele? Não consigo ouvir o que ele pede. Ele me entrega um copo bem grande de água com gelo.

— Beba. — Ele grita essa ordem para mim.

O movimento das luzes segue o ritmo da música, lançando no bar e na clientela uma iluminação colorida estranha, alternada com sombras. Christian está ora verde, ora azul, ora branco, ora num tom vermelho demoníaco. Ele me observa atentamente. Dou um gole hesitante.

— Beba tudo — grita.

Ele é muito autoritário. Passa a mão pelo cabelo revoltado. Parece frustrado, irritado. Qual é o problema desse cara? Além do fato de uma garota boba de porre ligar para ele no meio da noite e ele achar que ela precisa ser acudida. E no fim ainda precisa se livrar do amigo excessivamente amoroso dela. Depois, vê-la passar muito mal aos seus pés. *Ah, Ana... você algum dia vai esquecer isso?* Meu inconsciente me encara furioso por cima dos óculos de leitura. Cambaleio um pouco, e Grey põe a mão no meu ombro para me equilibrar. Obedeço e bebo tudo, o que faz meu estômago embrulhar. Pegando o copo da minha mão, ele o coloca no bar. Reparo nebulosamente em como está vestido: camisa de linho branca folgada, calça jeans justa, tênis All Star preto e um paletó escuro de risca de giz. A camisa está desabotoada no colarinho, e dá para ver uns pelos esparsos na abertura. Em meu estado de espírito meio grogue, Christian Grey parece apetitoso.

Ele torna a pegar minha mão. *Que droga*, está me levando para a pista de dança. Merda. Eu não danço. Ele pode sentir minha relutância, e, embaixo das luzes coloridas, vejo seu sorriso divertido e sarcástico. Ele dá um puxão firme na minha mão, e estou de novo em seus braços, e ele começa a se movimentar, conduzindo-me. Caramba, ele sabe dançar, e eu não consigo acreditar que o estou seguindo passo a passo. Talvez seja pelo fato de estar bêbada que eu consiga acompanhar. Ele está me segurando colada a si, o corpo contra o meu... se não estivesse me apertando tanto, tenho certeza de que eu iria desmaiar a seus pés. Lá do meu íntimo, lembro o aviso que minha mãe sempre me dá: *Nunca confie em um homem que saiba dançar*.

Ele avança comigo até o outro extremo da pista de dança repleta de gente, e nos aproximamos de Kate e Elliot, o irmão de Christian. A música está martelando, barulhenta, retumbando fora e dentro da minha cabeça. Ah, não. *Kate está dançando daquele jeito*. Está se

rebolando toda, e só faz isso quando está a fim de alguém. Isso significa que amanhã seremos três no café da manhã. *Kate!*

Christian se estica e grita no ouvido de Elliot. Não consigo ouvir o que ele diz. Elliot é alto e tem ombros largos, cabelo louro encaracolado e olhos claros com um brilho malicioso. Não dá para ver a cor deles naquele calor pulsante das luzes piscando. Elliot ri e puxa Kate para seus braços, onde ela parece felicíssima de estar... *Kate!* Mesmo com a minha embriaguez fico chocada. Ela acabou de conhecê-lo. Confirma com a cabeça o que quer que Elliot tenha dito, ri para mim e acena. Christian nos leva para fora da pista de dança num passo rápido.

Mas não consegui falar com ela. Ela está bem? Vejo para onde as coisas se encaminham. *Preciso fazer o sermão do sexo seguro.* Na minha cabeça, torço para ela ler um dos cartazes na porta do banheiro. Meus pensamentos invadem meu cérebro, lutando contra a sensação confusa de embriaguez. Está muito quente, muito barulhento, muito colorido — muito claro. Minha cabeça começa a rodar, ah, não... e sinto o chão subindo de encontro ao meu rosto, ou pelo menos é o que parece. A última coisa que ouço antes de desmaiar nos braços de Christian Grey é o seu rude epíteto.

— Merda!

CAPÍTULO CINCO

Está muito silencioso. A luz está apagada. Sinto-me confortável e quentinha nesta cama. *Hum...* Abro os olhos, e, por um momento, curto o ambiente estranho e desconhecido, tranquila e serena. Não tenho ideia de onde estou. A cabeceira atrás de mim tem a forma de um sol imenso. É estranhamente familiar. O quarto é amplo e arejado, mobiliado luxuosamente em tons de marrom, dourado e bege. Já o vi antes. Onde? Meu cérebro atordoado se esforça para examinar a memória visual recente. Puta merda. Estou no Hotel Heathman... em uma suíte. Já estive com Kate em um quarto semelhante. Este parece maior. Ai, merda, é a suíte de Christian Grey. Como vim parar aqui?

Lembranças fragmentadas da noite de ontem voltam lentamente para me assombrar. A bebedeira — *ah não, a bebedeira* — o telefonema — *ah não, o telefonema* — o vômito — *ah não, o vômito*. José e Christian. *Ah, não*. Contraio-me por dentro. Não me lembro de vir para cá. Estou de camiseta, sutiã e calcinha. Sem meias. Sem calça jeans. *Putá merda*.

Olho para a mesa de cabeceira. Nela, há um copo de suco de laranja e dois comprimidos. Advil. Maníaco por controle do jeito que é, ele pensa em tudo. Sento-me na cama e tomo os comprimidos. Na verdade, não me sinto tão mal assim. Provavelmente, estou muito melhor do que mereço. O suco de laranja está divino. Mata a sede e refresca.

Ouço uma batida na porta. Meu coração sobe até a boca e fico sem voz. Ele abre a porta assim mesmo e entra.

Que inferno, ele estava malhando. Está com uma calça de moletom cinza caída daquele jeito nos quadris, e uma camiseta cinza sem manga, escura de suor, assim como seu cabelo. *Suor de Christian Grey. Só a ideia já faz com que eu me sinta esquisita.*

Respiro fundo e fecho os olhos. Pareço uma garotinha de dois anos. Se eu fechar os olhos, não estarei realmente aqui.

— Bom dia, Anastasia. Como está se sentindo?

— Melhor do que mereço — resmungo.

Olho para ele. Ele deixa uma grande sacola de compras em uma cadeira e segura as duas pontas da toalha que está em volta do seu pescoço. Está me encarando, os olhos cinzentos sombrios, e, como sempre, não tenho ideia do que está pensando. Ele esconde os pensamentos e os sentimentos muito bem.

— Como vim parar aqui? — Minha voz é baixa, cheia de arrependimento.

Ele se senta na beira da cama. Está perto o suficiente para que eu o toque, para que eu o cheire. Ai, meu Deus... suor, sabonete e Christian. É um coquetel embriagador. Muito melhor que uma margarita, e agora falo por experiência própria.

— Depois que você desmaiou, eu não quis arriscar o estofamento de couro do meu carro levando-a até sua casa. Então a trouxe para cá — diz ele com frieza.

— Você me colocou na cama?

— Sim. — A expressão de seu rosto é imperturbável.

— Eu vomitei de novo? — Minha voz diminui ainda mais.

— Não.

— Você me despiu? — murmuro.

— Sim. — Ele ergue uma sobrancelha para mim enquanto eu enrubeço intensamente.

— A gente não...? — sussurro, a boca seca de aflição ao não conseguir completar a pergunta. Olho para minhas mãos.

— Anastasia, você estava num estado comatoso. Necrofilia não é minha praia. Gosto de mulheres conscientes e receptivas — diz ele secamente.

— Sinto muito.

Seus lábios se repuxam ligeiramente num sorriso irônico.

— Foi uma noite muito divertida. Não vou esquecê-la tão cedo.

Nem eu. Ah, ele está rindo de mim, o filho da mãe. Eu não pedi para ele me buscar. De alguma maneira, é como se eu fosse a vilã da história.

— Você não tinha que rastrear meu paradeiro com seja lá qual for a engenhoca à la James Bond que esteja desenvolvendo para quem pagar mais — digo tudo isso de uma vez só. Ele continua me olhando, surpreso e, se eu não estiver enganada, meio ofendido.

— Em primeiro lugar, a tecnologia para rastrear telefones celulares está disponível na internet. Em segundo, minha empresa não investe nem fabrica qualquer tipo de aparelho de vigilância. E, em terceiro, se eu não tivesse ido buscá-la, você provavelmente agora estaria acordando na cama do fotógrafo, e, pelo que me lembro, não estava muito entusiasmada em vê-lo lhe fazer a corte — ele rebate com azedume.

Fazer a corte! Olho para Christian. Ele está me fuzilando com o olhar, ofendido. Tento morder o lábio, mas não consigo conter o riso.

— De que crônica medieval você escapou? Parece um cavaleiro cortês.

Seu estado de espírito muda visivelmente. Ele fica com um olhar bem mais suave, uma expressão mais calorosa e um vestígio de sorriso aparece em seus lábios.

— Acho que não, Anastasia. Cavaleiro das trevas, talvez. — Seu sorriso é sarcástico, e ele balança a cabeça. — Você comeu ontem à noite?

O tom é acusador. Faço que não com a cabeça. Que enorme transgressão cometi agora? Ele cerra a mandíbula, mas continua com o rosto impassível.

— Você precisa comer. Foi por isso que passou tão mal. Francamente, é a regra número um antes de beber.

Ele passa a mão no cabelo, e sei que é porque está irritado.

— Vai continuar me repreendendo?

— É isso que estou fazendo?

— Acho que sim.

— Você tem sorte por eu só estar repreendendo você.

— Como assim?

— Bem, se fosse minha, você ficaria uma semana sem conseguir sentar depois do que aprontou ontem. Você não comeu, tomou um porre, se arriscou. — Ele fecha os olhos, uma expressão de pavor estampada por um instante em seu rosto, e estremece.

Quando abre os olhos, me encara com raiva. — Odeio pensar no que poderia ter acontecido com você.

Olho de cara feia para ele. Qual é o problema desse cara? O que ele tem com isso? Se eu fosse dele... *Bem, eu não sou.* Se bem que talvez uma parte minha gostaria de ser. A ideia atravessa a irritação que sinto com suas palavras autoritárias. Enrubesco diante da imprevisibilidade do meu inconsciente, que está saltitando todo feliz diante da ideia de pertencer a Grey.

— Eu ficaria bem. Estava com Kate.

— E o fotógrafo? — ele me interrompe.

Hum... o jovem José. Vou precisar enfrentá-lo em algum momento.

— José só passou dos limites. — Dou de ombros.

— Bem, da próxima vez que ele passar dos limites, talvez alguém deva ensiná-lo a ter bons modos.

— Você gosta mesmo de disciplina — sibilo.

— Ah, Anastasia, você não tem ideia.

Ele aperta os olhos, e então abre um sorriso malicioso. Isso me desarma. Em um momento, estou confusa e irritada, logo em seguida, derreto-me com seu sorriso deslumbrante. *Uau...* É fascinante, porque o sorriso dele é muito raro. Esqueço completamente o que ele está falando.

— Vou tomar uma chuveirada. A menos que você queira ir primeiro.

Ele inclina a cabeça para o lado, ainda sorrindo. Minha pulsação se acelera, e meu cérebro se esqueceu de ativar quaisquer sinapses para me fazer respirar. O sorriso dele aumenta, e ele estica o braço e passa o polegar pelo meu rosto e pelo meu lábio inferior.

— Respire, Anastasia — murmura, e torna a se levantar. — O café da manhã chegará em quinze minutos. Você deve estar faminta.

Ele entra no banheiro e fecha a porta.

Solto o ar que estava segurando. Por que ele é tão atraente? Agora quero entrar naquele chuveiro com ele. Nunca me senti desse jeito em relação a ninguém. Meus hormônios estão enlouquecidos. A pele do meu rosto e do meu lábio inferior formiga onde ele passou

o dedo. Estou me contorcendo com um desconforto, uma carência dolorosa. Não entendo essa reação. *Hum... Desejo.* Isso é desejo. A sensação é essa.

Deito-me nos macios travesseiros de plumas. *Se você fosse minha.* Ai, meu Deus, o que eu faria para ser dele? Ele é o único homem que já fez o sangue disparar nas minhas veias. Mas também é muito antipático. Difícil, complicado e confuso. Uma hora me rejeita, em seguida me manda livros de quatorze mil dólares, depois me segue como um espião. E, apesar de tudo, passei a noite em sua suíte de hotel, e sinto-me em segurança. Protegida. Ele se importa o suficiente para me resgatar de um perigo evidente. Não é um cavaleiro das trevas coisa nenhuma, e sim um cavaleiro romântico numa deslumbrante armadura reluzente, um herói clássico. Sir Gawain ou Sir Lancelot.

Levanto-me da cama, procurando freneticamente minha calça jeans. Ele sai do banheiro com o corpo molhado e brilhando da chuveirada, ainda por se barbear, só com uma toalha na cintura, e lá estou eu: pernas de fora, boquiaberta e toda sem graça. Ele fica surpreso por me ver fora da cama.

— Se estiver procurando sua calça, mandei lavar. — Seu olhar é sombrio. — Estava toda suja de vômito.

— Ah.

Fico rubra. Por que ele sempre me pega desprevenida?

— Mande Taylor comprar outra calça e um par de sapatos. Estão na sacola em cima da cadeira.

Roupas limpas. Um bônus inesperado.

— Hã... Vou tomar um banho — murmuro. — Obrigada.

O que mais posso dizer? Pego a sacola e sigo veloz para o banheiro, afastando-me da enervante proximidade de Christian nu. O *Davi* de Michelangelo não tem nada para cobri-lo.

O banheiro está quente e cheio de vapor. Tiro a roupa rapidamente e entro no chuveiro, ansiosa para entrar no jorro purificante da água. A pressão da água é forte sobre mim, e viro meu rosto para a torrente acolhedora. Eu quero Christian Grey. Eu o quero desesperadamente. É fato. Pela primeira vez na vida, quero ir para a cama com um homem. Quero sentir suas mãos e sua boca em meu corpo.

Ele disse que gosta de mulheres conscientes. *Então, não é celibatário.* Mas não deu em cima de mim, diferentemente de Paul e José. Não entendo. Ele me quer? Ele não quis me beijar na semana passada. Será que eu causo repulsa nele? E no entanto estou aqui, ele me trouxe para cá. Simplesmente não sei qual é seu jogo. No que ele está pensando? *Você dormiu a noite inteira na cama dele, e ele não tocou em você, Ana. Pense um pouco.* O fantasma do meu inconsciente volta a se manifestar. Ignoro-o.

A água está quente e relaxante. *Hum...* Eu poderia ficar debaixo desse chuveiro, no banheiro dele, para sempre. Pego o gel de banho, e tem o cheiro dele. É um cheiro delicioso. Esfrego o produto em mim, fantasiando que é ele — ele esfregando seu sabonete divinamente perfumado em meu corpo, meus seios, minha barriga, entre minhas pernas com aquelas mãos de dedos esguios. *Minha nossa.* Minha pulsação se acelera de novo. Isso está tão... gostoso.

— O café da manhã chegou. — Ele bate na porta, e eu me sobressalto.

— T-tudo bem — gaguejo ao ser cruelmente arrancada do meu devaneio erótico.

Saio do chuveiro e pego duas toalhas. Ponho uma na cabeça, fazendo com ela um turbante no estilo Carmem Miranda. Seco-me às pressas, ignorando a prazerosa sensação da toalha esfregando minha pele supersensibilizada.

Inspeciono a sacola. Taylor comprou não apenas uma calça jeans e um novo par de All Stars, mas também uma camisa azul-clara, meias e lingerie. Ai, meu Deus. Sutiã e calcinha novos. Na verdade, descrevê-los dessa forma prosaica e utilitária não lhes faz jus. São peças sofisticadas de uma grife europeia. Chiques, de renda azul-clara. Uau. Estou assombrada e ligeiramente intimidada com esse conjunto de lingerie. E além do mais, cabe em mim direitinho. É claro que cabe. Enrubesco pensando no Cabelo Rasgado comprando isso para mim. Pergunto-me que outros tipos de serviço ele presta.

Visto-me depressa. As roupas me servem com perfeição. Seco bruscamente o cabelo na toalha e tento controlá-lo com desespero. Mas, como sempre, ele se recusa a cooperar, e minha única opção é prendê-lo com uma presilha que não tenho. Devo ter uma na

bolsa, onde quer que ela esteja. Respiro fundo. É hora de encarar o Sr. Confuso.

Fico aliviada ao encontrar o quarto vazio. Procuro depressa pela minha bolsa — mas ela não está ali. Respirando fundo de novo, entro na sala de estar da suíte. É enorme. Há uma área elegante, com sofás luxuosos e almofadas macias, uma mesa de apoio rebuscada com uma pilha de livros grandes e vistosos, uma área de escritório com um iMac de última geração, e uma enorme tevê de tela plana na parede. Christian está sentado à mesa de jantar do outro lado da sala lendo um jornal. A sala é mais ou menos do tamanho de uma quadra de tênis. Não que eu jogue tênis, mas já observei Kate algumas vezes. *Kate!*

— Merda, Kate — resmungo. Christian me olha.

— Ela sabe que você está aqui e ainda viva. Mandeí uma mensagem de texto para o Elliot — diz ele com um leve vestígio de humor.

Ah, não. Lembro-me da dança ardente dela ontem à noite. Todos os seus passos patenteados visando o máximo de efeito para seduzir o irmão de Christian, nada menos! O que ela vai pensar de mim aqui? Nunca dormi fora de casa. Ela ainda está com Elliot. Ela só fez isso duas vezes antes, e, nas duas, eu tive que aguentar o medonho pijama cor-de-rosa por uma semana por causa das consequências. Kate vai achar que eu também transei.

Christian me olha de modo arrogante. Está com uma camisa de linho branco, com o colarinho e os punhos desabotoados.

— Sente-se — ordena, apontando para um lugar à mesa. Atravesso a sala e me sento em frente a ele conforme suas instruções.

A mesa está repleta de comida.

— Eu não sabia do que você gostava, então pedi uma seleção do cardápio de café da manhã.

Ele abre um sorriso torto de desculpas.

— É muita generosidade sua — murmuro, sem saber o que escolher, embora esteja com fome.

— É, sim — ele concorda, parecendo sentir-se culpado.

Opto por panquecas, mel, ovos mexidos e bacon. Christian tenta disfarçar um sorriso ao voltar para seu omelete de claras. A comida

é deliciosa.

— Chá? — pergunta ele.

— Sim, por favor.

Ele me passa um pequeno bule de água quente e, no pires, há um saquinho de chá Twinings English Breakfast. Nossa, ele se lembra de como eu gosto do meu chá.

— Seu cabelo está muito molhado — censura ele.

— Não encontrei o secador — murmuro, encabulada.

Não que eu tenha procurado.

A boca de Christian se contrai, mas ele não diz nada.

— Obrigada pelas roupas.

— Foi um prazer, Anastasia. Essa cor fica bem em você.

Enrubesco e baixo os olhos.

— Sabe, você realmente devia aprender a receber elogios. — O tom dele é de repreensão.

— Eu devia lhe pagar por essas roupas.

Ele me fuzila com os olhos, como se eu o tivesse ofendido de algum jeito. Prossigo depressa.

— Você já me deu os livros, os quais, claro, não posso aceitar. Mas essas roupas... por favor, deixe-me pagar por elas.

Sorrio timidamente para ele.

— Anastasia, acredite, eu posso arcar com essa despesa.

— A questão não é essa. Por que você deveria comprar roupas para mim?

— Porque eu posso.

Os olhos dele têm um brilho malicioso.

— Só porque pode não significa que deva — respondo baixinho e ele ergue uma sobrancelha para mim, os olhos piscando, e de repente sinto que estamos falando de outra coisa, mas não sei o que é. O que me lembra...

— Por que me mandou aqueles livros, Christian?

Minha voz é suave. Ele pousa os talheres e me olha atentamente, uma emoção insondável no olhar ardente. Merda. Minha boca fica seca.

— Bem, quando quase foi atropelada pelo ciclista, enquanto eu a segurava e você ficava me olhando, toda “beije-me, beije-me, Christian” — ele faz uma pausa e dá de ombros —, achei que eu lhe

devia um pedido de desculpas e um aviso. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Anastasia, eu não sou o tipo de homem sentimental... Não curto romance. Meus gostos são muito singulares. Você devia ficar longe de mim. — Ele fecha os olhos parecendo derrotado. — No entanto, por algum motivo, não consigo ficar longe de você. Mas acho que você já notou isso.

Meu apetite some. *Ele não consegue ficar longe de mim!*

— Então não fique — murmuro.

Ele engasga, os olhos arregalados.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Dê-me uma luz, então.

Ficamos sentados nos olhando, ambos sem tocar na comida.

— Você não é celibatário, certo? — suspiro.

Seus olhos se iluminam, achando graça.

—Não, Anastasia, não sou celibatário.

Ele faz uma pausa para deixar a informação assentar, e fico vermelha. O filtro da boca para o cérebro parou de funcionar. Não posso acreditar que acabei de dizer isso em voz alta.

— Quais são seus planos para os próximos dias? — pergunta ele, a voz grave.

— Hoje eu trabalho a partir do meio-dia. Que horas são? — de repente me apavoro.

— São dez e pouco. Você tem muito tempo. E amanhã?

Ele está com os cotovelos na mesa, e o queixo apoiado nos dedos esguios.

— Kate e eu vamos começar a empacotar as coisas. Vamos nos mudar para Seattle no próximo fim de semana, e trabalho na Clayton's a semana toda.

— Você já tem onde morar em Seattle?

— Já.

— Onde?

— Não me lembro do endereço. É no Pike Market District.

— Não é longe da minha casa. — Ele sorri. — Então, com o que você vai trabalhar em Seattle?

Aonde ele quer chegar com todas essas perguntas? A Inquisição de Christian Grey é quase tão irritante quanto a Inquisição de Katherine Kavanagh.

— Já me candidatei para alguns estágios. Estou aguardando o resultado.

— Você se candidatou para minha empresa, como sugeri?

Enrubesço... *Claro que não.*

— Hã... não.

— E o que há de errado com minha companhia?

— Sua companhia, ou sua *companhia*? — dou um sorrisinho.

— Você está sendo insolente comigo, Srta. Steele?

Ele inclina a cabeça, e acho que parece estar se divertindo, mas é difícil dizer. Enrubesço e olho para minha refeição inacabada. Não consigo olhar nos seus olhos quando ele usa esse tom de voz.

— Eu gostaria de morder esse lábio — murmura ele num tom sinistro.

Engasgo, totalmente sem perceber que estou mordendo o lábio inferior, e fico boquiaberta. Essa deve ser a coisa mais sensual que alguém já me disse. Minha pulsação se acelera, e acho que estou arfando. Minha nossa, me transformei em uma massa confusa e trêmula, e ele ainda nem tocou em mim. Contorço-me na cadeira e encaro seu olhar sinistro.

— Por que não morde? — desafio baixinho.

— Porque não vou tocar em você, Anastasia. Não até ter seu consentimento por escrito para fazer isso.

Seus lábios sugerem um sorriso.

O quê?

— O que quer dizer com isso?

— Exatamente o que estou dizendo. — Ele suspira e balança a cabeça negativamente para mim, divertido mas exasperado, também. — Preciso lhe mostrar algo, Anastasia. A que horas você sai do trabalho hoje?

— Lá pelas oito.

— Bem, podíamos ir a Seattle hoje à noite ou sábado que vem para jantar na minha casa, e eu apresento você aos fatos, então. A decisão é sua.

— Por que não me mostra agora?

— Porque estou usufruindo do meu café e da sua companhia. Quando entender do que se trata, talvez não queira tornar a me ver.

O que isso quer dizer? Será que ele escraviza criancinhas em alguma parte desolada do planeta? Será que pertence a alguma organização criminosa? Isso explicaria por que é tão rico. Será que ele é extremamente religioso? Impotente? Certamente não — ele poderia me provar isso agora mesmo. Enrubesço pensando nas possibilidades. Isso não está me levando a lugar algum. Eu gostaria de resolver o enigma que é Christian Grey o mais cedo possível. Se isso significar que o segredo dele, seja lá qual for, é tão imoral a ponto de eu não querer saber mais dele, então, sinceramente, será um alívio. *Não minta para si mesma*, grita meu inconsciente, *vai ter que ser muito ruim para fazer você correr da raia*.

— Hoje à noite.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Como Eva, você não quer perder tempo para comer o fruto da árvore do conhecimento.

— Está me tratando com insolência, Sr. Grey? — pergunto docemente. *Pretensioso*.

Ele estreita os olhos para mim e pega o BlackBerry. Pressiona um número.

— Taylor. Vou precisar do Charlie Tango.

Charlie Tango! Quem é?

— De Portland, mais ou menos às oito e meia da noite... Não, aguardando no Escala... A noite toda.

A noite toda!

— Sim. De plantão amanhã de manhã. Vou pilotar de Portland para Seattle.

Pilotar?

— Piloto substituto a partir das dez e meia da noite.

Ele desliga o telefone. Nada de por favor nem obrigado.

— As pessoas sempre fazem o que você manda?

— Normalmente, se quiserem manter o emprego — diz ele impassível.

— E se elas não trabalham para você?

— Ah, eu sei ser muito persuasivo, Anastasia. Devia terminar seu café da manhã. Depois deixa você em casa. Passo na Clayton's às oito da noite. Vamos voar para Seattle.

Pisco depressa para ele.

— Voar?

— É, eu tenho um helicóptero.

Olho boquiaberta para ele. Estou no meu segundo encontro com Christian Muito Misterioso Grey. De um café a um voo de helicóptero. Uau.

— Vamos de helicóptero para Seattle?

— Sim.

— Por quê?

Ele sorri com malícia.

— Porque eu posso. Termine seu café da manhã.

Como continuar comendo agora? Vou para Seattle de helicóptero com Christian Grey. E ele quer morder meu lábio... Contorço-me só de pensar nisso.

— Coma — diz ele, mais ríspido. — Anastasia, tenho problemas com desperdício de comida... coma.

— Não consigo comer tudo isso.

Olho boquiaberta para o que ainda há na mesa.

— Coma o que está no seu prato. Se tivesse comido direito ontem, hoje não estaria aqui, e eu não estaria abrindo o jogo tão cedo.

Seus lábios formam uma linha severa. Ele parece zangado.

Franzo a testa e volto para minha comida agora fria. *Estou elétrica demais para comer, Christian. Você não entende?*, explica meu inconsciente. Mas sou muito covarde para verbalizar esses pensamentos em voz alta, especialmente quando ele parece tão emburrado. *Hum*, parece um garotinho. Acho a ideia engraçada.

— Qual é a graça? — pergunta ele.

Balanço a cabeça, sem me atrever a responder, e fico olhando para a comida. Engolindo o último pedaço de panqueca, ergo os olhos para ele. Está me observando com curiosidade.

— Boa garota — diz. — Levo você para casa depois que secar o cabelo. Não quero que fique doente.

Há uma espécie de promessa silenciosa em suas palavras. *O que ele quer dizer?* Deixo a mesa, me perguntando por um momento se eu deveria pedir licença, mas descarto a ideia. Parece um precedente perigoso para se abrir. Volto para o quarto dele. Uma ideia me detém.

— Onde você dormiu ontem à noite?

Viro-me para olhar para ele ainda sentado na cadeira da sala de jantar. Não vejo mantas nem lençóis por aqui — talvez ele tenha mandado guardá-los.

— Na minha cama — diz ele simplesmente, o olhar impassível de novo.

— Ah.

— Sim, foi uma grande novidade para mim também. — Ele sorri.

— Não fazer... sexo. — Pronto, eu disse a palavra. Enrubesco, é claro.

— Não. — Ele balança a cabeça e franze a testa como se estivesse se recordando de algo incômodo. — Dormir com alguém.

Ele pega o jornal e continua a ler.

Pelo amor de Deus, o que isso quer dizer? Ele nunca dormiu com ninguém? É virgem? Por algum motivo, duvido que seja. Fico olhando para ele, incrédula. É a pessoa mais desconcertante que já conheci. Quando me dou conta de que dormi com Christian Grey quero arrancar os cabelos — o que eu daria para estar consciente e poder observá-lo dormindo? Vê-lo vulnerável. De alguma maneira, acho isso difícil de imaginar. Bem, supostamente, tudo será revelado hoje à noite.

No quarto, procuro em uma cômoda e encontro o secador. Usando os dedos, seco o cabelo da melhor maneira possível. Quando termino, entro no banheiro. Quero escovar os dentes. Olho a escova de Christian. Seria como tê-lo em minha boca. *Hum...* Olhando por cima do ombro para a porta com um sentimento de culpa, sinto as cerdas da escova de dentes. Estão molhadas. Ele já deve ter usado a escova. Pego-a depressa, espremo a pasta nas cerdas e escovo os dentes rapidinho. Sinto-me muito travessa. É muita emoção.

Pego a camiseta, o sutiã e a calcinha usados e coloco tudo na sacola de compras que Taylor trouxe. Volto para a sala de estar à procura da minha bolsa e da jaqueta. Que felicidade! Tenho um prendedor de cabelo na bolsa. Com uma expressão inescrutável, Christian me observa fazer um rabo de cavalo. Sinto seus olhos me seguirem quando me sento para esperá-lo terminar. Ele está no BlackBerry falando com alguém.

— Eles querem dois?... Quanto vai custar isso?... Tudo bem, e que medidas de segurança temos finalizadas?... E eles vão via Suez? Até que ponto Ben Sudan é seguro? E quando chegam em Darfur? Tudo bem, vamos fazer. Mantenha-me a par da evolução.

Ele desliga.

— Pronta para partir?

Balanço a cabeça assentindo. Pergunto-me sobre o que era essa conversa. Ele veste um paletó azul-marinho de risca de giz, pega as chaves do carro e se encaminha para a porta.

— Pode passar, Srta. Steele — murmura ele, abrindo a porta para mim.

Sua elegância é descontraída.

Demoro-me um pouco mais do que deveria, absorvendo sua imagem. E pensar que dormi com ele a noite passada e, depois de toda aquela tequila e de todo aquele vômito, ele continua aqui. E ainda por cima quer me levar para Seattle. Por que eu? Não entendo. Passo pela porta relembrando as palavras dele — *Por algum motivo não consigo ficar longe de você* — bem, o sentimento é absolutamente recíproco, Sr. Grey, e meu objetivo é descobrir o seu segredo.

Caminhamos em silêncio em direção ao elevador. Enquanto esperamos, olho discretamente para ele, e ele me olha de rabo de olho. Sorrio, e os lábios dele se contraem.

O elevador chega. Estamos a sós. De repente, por alguma razão inexplicável, possivelmente a proximidade num espaço tão apertado, o clima fica elétrico, carregado de expectativa e excitação. Minha respiração se altera conforme meu coração dispara. Ele vira a cabeça para mim ligeiramente, os olhos escuros cor de ardósia. Mordo o lábio.

— Ah, foda-se a papelada — resmunga ele.

Ele se atira em cima de mim, empurrando-me contra a parede do elevador. Quando me dou conta, uma das mãos dele já está apertando com força minhas mãos acima da minha cabeça. Puta merda. Sua outra mão agarra meu cabelo e o puxa para baixo, deixando-me com o rosto virado para cima, e seus lábios colam nos meus. Não é exatamente doloroso. Solto um gemido em sua boca, proporcionando uma abertura para sua língua. Ele aproveita

inteiramente o espaço, a língua explorando habilmente minha boca. Nunca fui beijada assim. Minha língua afaga timidamente a dele e as duas se unem numa dança lenta e erótica se encostando e se sentindo. Ele levanta a mão para segurar meu queixo e me mantém no lugar. Estou indefesa, as mãos presas, a cabeça imobilizada, e os quadris dele me comprimindo. Sua ereção pressiona minha barriga. *Minha nossa...* Ele me quer. Christian Grey, deus grego, me quer, e eu o quero, aqui, agora, dentro do elevador.

— Você. É. Muito. Gostosa — murmura ele, cada palavra um *staccato*.

O elevador para, a porta se abre, e ele se afasta de mim num piscar de olhos, deixando-me em suspenso. Três executivos de terno nos olham e dão um sorrisinho ao entrar. Minha pulsação está nas alturas, e sinto como se tivesse apostado uma corrida ladeira acima. Quero me encolher e segurar os joelhos... mas isso é simplesmente óbvio demais.

Olho para ele. Parece muito calmo e tranquilo, como se estivesse fazendo as palavras cruzadas do *Seattle Times*. *Que injustiça*. Será que minha presença não o afeta em nada? Ele me olha de rabo de olho, e delicadamente dá um suspiro profundo. Ah, afeta sim — e minha pequenina deusa interior se agita num delicado samba vitorioso. Os executivos descem no segundo andar. Para nós ainda falta mais um.

— Você escovou os dentes — diz ele, me olhando.

— Usei sua escova.

Seus lábios se contraem num sorrisinho.

— Ah, Anastasia Steele, o que eu vou fazer com você?

A porta abre no primeiro andar, ele pega minha mão e me puxa para fora.

— O que será que os elevadores têm? — murmura, mais para si mesmo do que para mim, ao atravessar o saguão. Esforço-me para acompanhar seu passo, porque meu juízo ficou total e completamente espalhado pelo chão e pelas paredes do elevador três do Hotel Heathman.

CAPÍTULO SEIS

Christian abre a porta do carona do Audi SUV preto para mim. É um carro incrível. Ele não menciona o surto de paixão que explodiu no elevador. Será que eu deveria? Será que eu deveria mencionar isso ou fingir que nada aconteceu? Não parece real, meu primeiro beijo de verdade sem qualquer restrição. Com o passar do tempo, atribuo-lhe um status mítico, de lenda arturiana e Cidade Perdida de Atlântida. Nunca aconteceu, nunca existiu. *Talvez eu tenha imaginado tudo.* Não. Toco meus lábios, inchados pelo beijo. Definitivamente aconteceu. Sou outra mulher. Quero desesperadamente este homem, e ele me quer.

Olho para ele. Christian é o mesmo de sempre, educado e ligeiramente distante.

Que confuso.

Ele liga o carro e sai de ré da vaga do estacionamento. Liga o som. Uma música mágica e doce, cantada por duas vozes femininas, toma conta do interior do carro. Minha nossa... meus sentidos estão todos bagunçados, por isso a música me afeta em dobro, provocando arrepios deliciosos que sobem pela minha espinha. Christian pega a Avenida Southest Park, e dirige sem pressa, com tranquilidade e segurança.

— O que estamos ouvindo?

— É o “Dueto das Flores”, de Delibes, da ópera *Lakmé*. Gosta?

— Christian, é maravilhoso.

— É mesmo, não é? — Ele sorri, olhando para mim.

E, por um instante fugaz, aparenta a idade que tem: jovem, descontraído e lindo de morrer. Será que a chave para desvendá-lo é essa? Música? Fico ouvindo as vozes angelicais me provocando e me seduzindo.

— Posso ouvir de novo?

— Claro. — Christian aperta um botão, e a música volta a me acariciar. É como um afago suave, lento, doce e seguro em meus ouvidos.

— Você gosta de música clássica? — pergunto, torcendo por um raro vislumbre de suas preferências pessoais.

— Sou eclético, Anastasia, gosto de tudo, de Thomas Tallis a Kings of Leon. Depende do meu estado de espírito. E você?

— Eu também. Embora eu não saiba quem é Thomas Tallis.

Ele se vira e me olha rapidamente antes de se concentrar de novo na estrada.

— Vou pôr para você ouvir uma hora dessas. Tallis é um compositor inglês do século XVI. Música coral sacra da época Tudor. — Christian sorri para mim. — Parece muito pouco comum, eu sei, mas também é mágico.

Ele aperta um botão e começa a tocar Kings of Leon. Humm... isso eu conheço. “Sex on Fire”. Muito apropriado. A música é interrompida pelo toque de um celular se sobrepondo ao som dos alto-falantes. Christian aperta um botão no volante.

— Grey — diz secamente.

Ele é muito rude.

— Sr. Grey, aqui é Welch. Tenho a informação que o senhor solicitou. — Uma voz áspera, incorpórea, sai dos alto-falantes.

— Ótimo. Envie por e-mail. Alguma coisa a acrescentar?

— Não, senhor.

Ele aperta o botão, a ligação é cortada e a música volta. Nada de até logo nem de obrigado. Ainda bem que nunca cogitei seriamente trabalhar para ele. Estremeço só de pensar nisso. Ele é controlador e frio demais com os funcionários. A música é cortada de novo pelo som do telefone.

— Grey.

— O termo de confidencialidade já foi enviado por e-mail para o senhor, Sr. Grey — diz uma voz de mulher.

— Ótimo. É só isso, Andrea.

— Bom dia, senhor.

Christian desliga apertando um botão no volante. A música acabou de recomeçar quando o telefone volta a tocar. Que inferno,

será que a vida dele é sempre assim? Um telefonema chato atrás do outro?

— Grey — ele atende seco.

— Oi, Christian, você transou?

— Oi, Elliot, estou no viva voz, e não estou sozinho no carro. —

Christian suspira.

— Quem está com você?

Christian revira os olhos.

— Anastasia Steele.

— Oi, Ana!

Ana!

— Oi, Elliot.

— Ouvi falar muito de você — murmura Elliot, rouco.

Christian franze a testa.

— Não acredite em uma palavra do que Kate diz.

Elliot ri.

— Estou indo deixar Anastasia em casa agora. — Christian enfatiza meu nome inteiro. — Quer que eu pegue você?

— Claro.

— Vejo você daqui a pouco. — Christian desliga, e a música volta.

— Por que você insiste em me chamar de Anastasia?

— Por que é seu nome.

— Prefiro Ana.

— Prefere agora?

Estamos quase diante do meu apartamento. Não demorou muito.

— Anastasia — ele murmura. Olho de cara feia para ele, mas ele nem liga. — O que aconteceu no elevador não vai voltar a acontecer. Bem, não a menos que seja premeditado.

Ele estaciona em frente ao meu apartamento. Só agora me dou conta de que não me perguntou onde eu moro, e, no entanto, ele sabe. Enviou os livros, então, é claro que sabe onde moro. Que espião competente, rastreador de telefone celular e proprietário de helicóptero não saberia?

Por que ele não quer me beijar de novo? Fico chateada diante da ideia. Não entendo. Sinceramente, o sobrenome dele deveria ser Enigmático, não Grey. Ele sai do carro, e, com aquelas pernas

compridas que lhe conferem uma graça natural, dá a volta para abrir minha porta, sempre cavalheiro — salvo talvez em momentos raros e preciosos dentro de elevadores. Enrubesco ao me lembrar de sua boca colada na minha, e me ocorre que não consegui tocar nele. Eu queria correr os dedos pelo seu cabelo despenteado, mas não consegui mexer as mãos. Fico frustrada ao pensar nisso.

— Gostei do que aconteceu no elevador — murmuro ao sair do carro. Não tenho certeza se ouvi um suspiro, mas prefiro fingir que não e subo os degraus que levam à porta de entrada.

Kate e Elliot estão sentados à nossa mesa de jantar. Os livros de quatorze mil dólares sumiram. Graças a Deus, tenho planos para eles. Kate está com um sorriso ridículo no rosto, e está despenteada de um jeito sensual. Christian entra na sala comigo e, apesar daquela cara de quem está se divertindo, Kate olha desconfiada para ele.

— Oi, Ana.

Ela se levanta num salto para me dar um abraço, depois se afasta para poder me examinar. Franze a testa e se vira para Christian.

— Bom dia, Christian — diz, num tom um pouco hostil.

— Srta. Kavanagh — diz ele daquele jeito frio e formal.

— Christian, o nome dela é Kate — resmunga Elliot.

— Kate.

Christian a cumprimenta com a cabeça educadamente e olha furioso para Elliot, que ri e se levanta para me abraçar também.

— Oi, Ana. — Ele sorri, os olhos azuis brilhando, e gosto dele na mesma hora. Evidentemente, não tem nada a ver com Christian, mas os dois são irmãos adotivos.

— Oi, Elliot. — Sorrio para ele, e percebo que estou mordendo o lábio.

— Elliot, é melhor a gente ir — diz Christian com suavidade.

— Claro.

Ele toma Kate nos braços e lhe dá um beijo demorado.

Nossa... vão para o quarto. Encaro meus pés, sem jeito. Então, vejo que Christian está me olhando atentamente. Franzo os olhos para ele. Por que não pode me beijar assim? Elliot continua beijando

Kate, abraçando-a e abaixando-a teatralmente até fazer seu cabelo encostar no chão, e então a beija ainda mais.

— Até mais, baby — diz ele, sorrindo.

Kate simplesmente se derrete. Eu nunca a vi se derreter antes — as palavras “bela” e “submissa” me ocorrem. Kate submissa. Nossa, Elliot deve ser bom. Christian revira os olhos para mim, a expressão inescrutável, se bem que talvez esteja achando certa graça. Ele põe para trás da minha orelha uma mecha do meu cabelo que se soltou do rabo de cavalo. Perco o fôlego com o toque, e apoio a cabeça em seus dedos. Seu olhar fica mais doce, e ele passa o polegar no meu lábio inferior. Meu sangue ferve nas veias. E, num instante, não o sinto mais.

— Até mais, baby — murmura, e tenho que rir, porque isso não tem nada a ver com ele. Mas, embora eu saiba que ele está brincando, a palavra carinhosa mexe com alguma coisa lá dentro de mim.

— Pego você às oito.

Ele gira nos calcanhares, abre a porta e sai. Elliot o acompanha até o carro, mas se volta e joga mais um beijo para Kate, e sinto uma inoportuna pontada de inveja.

— E aí, você transou? — pergunta Kate enquanto observamos os dois entrarem no carro e se afastarem, a curiosidade ardente perceptível em sua voz.

— Não — retruco com irritação, torcendo para que isso interrompa as perguntas. Voltamos para o apartamento. — Você obviamente sim.

Não consigo conter a inveja. Kate sempre consegue prender os homens. Ela é irresistível, linda, sexy, engraçada, extrovertida... tudo que eu não sou. Mas o sorriso com que ela responde é contagioso.

— E vou sair com ele de novo hoje à noite.

Ela bate palmas e pula como uma criança. Não consegue conter a empolgação e a felicidade, e não posso deixar de me sentir feliz por ela. Kate feliz... isso vai ser muito interessante.

— Christian vai me levar a Seattle hoje à noite.

— Seattle?

— É.

— E aí *talvez* vocês transem?

— Ah, espero que sim.

— Então você gosta dele?

— Gosto.

— O bastante para...?

— Sim.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Uau. Ana Steele, finalmente apaixonada por um homem, e ele é Christian Grey: gostoso, sensual e bilionário.

— Ah, é só por causa do dinheiro. — Dou um sorrisinho, e ambas temos um acesso de riso.

— Essa blusa é nova? — quer saber Kate, e então lhe conto todos os detalhes aflitivos da minha noite.

— Ele já beijou você? — pergunta ela ao fazer o café.

Fico vermelha.

— Uma vez.

— Uma vez! — caçoa ela.

Balanço a cabeça confirmando, bastante encabulada.

— Ele é muito reservado.

Ela franze a testa.

— Que estranho.

— Estranho é pouco.

— Precisamos garantir que você esteja simplesmente irresistível hoje à noite — diz ela com determinação.

Ah, não... parece que isso vai ser demorado, humilhante e doloroso.

— Tenho que estar na loja daqui a uma hora.

— Posso trabalhar nesse prazo. Vamos.

Kate me pega pela mão e me leva para seu quarto.

* * *

O DIA SE arrasta na Clayton's, apesar do movimento. Como estamos na temporada de verão, tenho que passar duas horas reabastecendo as prateleiras depois que a loja fecha. É um trabalho mecânico, e me dá tempo para pensar. Não tive realmente chance para isso o dia inteiro.

Sob as incansáveis e, francamente, intrusivas instruções de Kate, minhas pernas e axilas estão impecavelmente raspadas, minhas sobancelhas foram feitas, e eu passei por uma esfoliação completa. Foi uma experiência desagradabilíssima. Mas ela me garante que é isso que os homens esperam atualmente. O que mais ele espera? Preciso convencer Kate de que é isso que quero fazer. Por alguma razão estranha, ela não confia em Christian, talvez por ele ser tão rígido e formal. Ela diz não saber identificar o motivo, mas prometi lhe mandar uma mensagem pelo celular assim que chegar em Seattle. Não lhe contei do helicóptero. Ela ia ter um treco.

Há também o problema José. Ele deixou três mensagens e há sete ligações perdidas no meu celular. Também ligou duas vezes lá para casa. Kate foi muito vaga a respeito de onde estou. Ele vai saber que ela está me dando cobertura. Kate nunca é vaga. Mas resolvi deixá-lo se remoendo. Ainda estou muito zangada com ele.

Christian mencionou uma papelada qualquer, e não sei se ele estava brincando ou se vou ter que assinar alguma coisa. É frustrante tentar adivinhar. E, além de toda a angústia, mal consigo conter a empolgação e o nervosismo. Essa noite é a noite! Depois de todo esse tempo, será que estou pronta para isso? Minha deusa interior me olha furiosa, batendo o pezinho com impaciência. Ela está pronta para isso há anos, e está pronta para qualquer coisa com Christian Grey, mas eu ainda não entendo o que ele vê em mim... a tímida Ana Steele... não faz sentido.

Ele é pontual, claro, e está à minha espera quando saio da loja. Salta da parte traseira do Audi para abrir a porta e me lança um sorriso caloroso.

— Boa noite, Srta. Steele — diz.

— Sr. Grey — cumprimento-o polidamente com um aceno de cabeça ao avançar para o banco de trás do carro. Taylor está na direção.

— Olá, Taylor.

— Boa noite, Srta. Steele — ele fala com educação, num tom profissional. Christian entra pelo outro lado e segura minha mão, dando-lhe um apertãozinho que ecoa por todo o meu corpo.

— Como foi o trabalho? — pergunta.

— Muito demorado — respondo e minha voz é áspera, grave demais e carente.

— É, eu também tive um dia longo.

— O que você fez? — consigo perguntar.

— Fui dar uma caminhada com Elliot.

Seu polegar roça os nós dos meus dedos para lá e para cá, meu coração salta e minha respiração se acelera. Como ele faz isso comigo? Só encostou numa pequena parte do meu corpo, e meus hormônios se descontrolam.

O percurso até o heliporto é curto e, quando vejo, já chegamos. Pergunto-me onde estaria o fabuloso helicóptero. Estamos numa área urbanizada da cidade, e até eu sei que um helicóptero precisa de espaço para decolar e pousar. Taylor estaciona, sai do carro e abre a porta para mim. Christian aparece do meu lado num instante e torna a pegar minha mão.

— Pronta? — pergunta.

Faço que sim com a cabeça e quero dizer *para qualquer coisa*. Mas não consigo articular as palavras, pois estou muito nervosa, muito agitada.

— Taylor. — Ele acena rápido com a cabeça para o motorista, e entramos no prédio, direto para o hall dos elevadores.

Elevador! A lembrança do nosso beijo daquela manhã torna a me assombrar. Não pensei em mais nada o dia inteiro, sonhando acordada no caixa da loja. Por duas vezes o Sr. Clayton precisou gritar meu nome para me trazer de volta à Terra. Dizer que ando distraída seria o mínimo. Christian me olha, um sorrisinho nos lábios. Rá! Ele também está pensando nisso.

— São só três andares — diz secamente, os olhos alegres dançando. Ele tem poderes telepáticos, com certeza. É assustador.

Tento manter a expressão impassível ao entrarmos no elevador. As portas se fecham, e lá está aquela estranha atração elétrica estalando entre nós, escravizando-me. Fecho os olhos, tentando em vão não me importar com isso. Ele aperta minha mão e, cinco segundos depois, as portas se abrem para o telhado do prédio. E lá está, um helicóptero branco com o nome GREY ENTERPRISES HOLDINGS, INC. escrito em azul com o logo da companhia ao lado. *Sem dúvida esse não é um uso adequado dos bens da companhia.*

Ele me conduz a um pequeno escritório onde há um senhor sentado à mesa.

— Aqui está seu plano de voo, Sr. Grey. Todas as verificações externas foram feitas. A aeronave está a postos. O senhor está autorizado a decolar.

— Obrigado, Joe. — Christian sorri calorosamente para ele.

Ah, alguém que merece tratamento cortês por parte de Christian. Talvez não seja um empregado. Encaro o velho homem com respeito.

— Vamos — diz Christian, e nos encaminhamos para o helicóptero.

De perto, é muito maior do que pensava. Eu esperava uma versão esportiva para dois, mas tem pelo menos sete lugares. Christian abre a porta e me encaminha para um dos assentos da frente.

— Sente-se. Não toque em nada — ordena ao embarcar depois de mim.

Ele bate a porta com força. Ainda bem que a área está toda iluminada, do contrário eu teria dificuldade de enxergar o interior da pequena cabine do piloto. Sento no lugar que me foi designado, e ele se agacha a meu lado para prender meu cinto de segurança. É um cinto de quatro pontos com todas as correias ligadas a um ponto central. Ele ajusta as duas correias superiores, e eu mal consigo me mexer. Está muito perto e muito concentrado no que faz. Se pudesse me inclinar para a frente, eu encostaria o nariz em seu cabelo. Ele tem um cheiro limpo, fresco, divino, mas estou amarrada com segurança na minha poltrona e efetivamente imóvel. Ele ergue os olhos e sorri. Como sempre, parece estar curtindo uma piada particular, os olhos brilhando. Está terrivelmente perto. Prendo o fôlego enquanto ele puxa uma das correias superiores.

— Você está segura, sem escapatória — murmura ele. — Respire, Anastasia — acrescenta docemente.

Esticando o braço, acaricia meu rosto, correndo os dedos até meu queixo, que segura entre o polegar e o indicador. Inclina-se para a frente e me dá um beijo rápido e casto, deixando-me tonta e trêmula com o toque inesperado e empolgante de seus lábios.

— Gosto dessa correia — sussurra ele.

O quê?

Ele se senta ao meu lado e se prende em seu assento com o cinto, depois dá início a um prolongado procedimento de checagem de aparelhos, acionamento de botões e comutadores do alucinante leque de mostradores, luzes e interruptores à minha frente. Luzinhas piscam de vários lugares, e o painel de instrumentos se acende.

— Ponha os fones de ouvido — diz ele, apontando para um conjunto de fones. Coloco-os, e as lâminas do rotor dão a partida. É ensurdecedor. Ele coloca seu fone e continua acionando vários comandos.

— Só estou fazendo todas as verificações pré-decolagem.

A voz incorpórea de Christian chega aos meus ouvidos através dos fones. Olho para ele e sorrio.

— Você sabe o que está fazendo? — pergunto.

Ele se vira e sorri para mim.

— Tenho brevê de piloto há quatro anos, Anastasia. Você está segura comigo. — Ele abre um sorriso feroz. — Bem, enquanto estivermos voando — acrescenta, e lança uma piscadinha para mim.

Christian dando uma piscadinha!

— Está pronta?

Indico que sim com a cabeça, os olhos arregalados.

— Tudo bem, torre. PDX, aqui é Charlie Tango Golf-Golf Echo Hotel, autorização para decolar. Favor confirmar, câmbio.

— Charlie Tango, autorizado. PDX falando, prossiga para quatro mil, dirigindo-se à zero um zero, câmbio.

— Ok, torre. Charlie Tango preparado, câmbio e desligo. Lá vamos nós — acrescenta ele para mim, e o helicóptero sobe lenta e suavemente no ar.

Portland some diante de nós à medida que rumamos para o espaço aéreo dos Estados Unidos, embora meu estômago continue firme em Oregon. Caramba! Todas as luzes fortes diminuem até estarem piscando com pouca intensidade abaixo de nós. É como olhar para fora de dentro de um aquário. Quando estamos mais alto, não há realmente nada para ver. É um breu, sem nem um raio de luar para iluminar nossa viagem. Como ele pode ver aonde estamos indo?

— Estranho, não? — A voz de Christian está nos meus ouvidos.

— Como sabe que estamos indo na direção certa?

— Aqui. — Ele aponta para um dos indicadores que mostra uma bússola eletrônica. — Este é um EC135 Eurocopter. Um dos mais seguros de sua classe. É equipado para voo noturno. — Olha para mim e sorri.

— Tem um heliporto no alto do prédio onde moro. É para onde estamos indo.

Claro que tem um heliporto onde ele mora. Isso é realmente muita areia para meu caminhãozinho. O rosto dele está suavemente iluminado pelas luzes do painel de instrumentos. Ele está muito concentrado, e a toda hora olha os vários aparelhos à sua frente. Bebo discretamente com os olhos suas feições. Tem um perfil lindo. Nariz reto, queixo quadrado — eu gostaria de passar a língua na mandíbula dele. Ele não se barbeou, e essa barba por fazer torna a perspectiva duplamente tentadora. Hum... eu queria sentir quão áspera é na minha língua, nos meus dedos, no meu rosto.

— Quando voamos à noite, o voo é cego. Temos que confiar nos instrumentos — diz ele, interrompendo meu devaneio erótico.

— Quanto tempo vai levar o voo? — consigo perguntar, sem fôlego. Não estava pensando absolutamente em sexo, não, de jeito nenhum.

— Menos de uma hora. Estamos a favor do vento.

Hum, menos de uma hora para Seattle... não é uma velocidade ruim. Não é de espantar que estejamos voando.

Tenho menos de uma hora antes da grande revelação. Todos os músculos da minha barriga se contraem, sinto aquele friozinho no estômago. Puta merda, qual é a surpresa que ele tem para mim?

— Você está bem, Anastasia?

— Estou.

Minha resposta é curta, cortada, espremida no meu nervosismo.

Acho que ele sorri, mas é difícil dizer no escuro. Christian aciona mais um botão.

— PDX, aqui é Charlie Tango agora a quatro mil, câmbio.

Ele troca informações com o controle de tráfego aéreo. Tudo soa muito profissional para mim. Acho que estamos passando do

espaço aéreo de Portland para o do Aeroporto Internacional de Seattle.

— Compreendido, Sea-Tac, a postos, câmbio e desligo. Olhe ali.
— Ele aponta para um ponto de luz ao longe. — É Seattle.

— Você sempre impressiona as mulheres desse jeito? Venha voar no meu helicóptero? — pergunto genuinamente interessada.

— Nunca trouxe nenhuma garota aqui em cima, Anastasia. É outra primeira vez para mim — diz ele baixinho, com voz séria.

Ah, essa é uma resposta inesperada. Outra novidade? Ah, o lance de dormir, talvez.

— Está impressionada?

— Estou apavorada, Christian.

Ele ri.

— Apavorada? — E, por um instante, ele parece de novo ter a idade que tem.

Balanço a cabeça, assentindo.

— Você é tão... competente!

— Ora, obrigado, Srta. Steele — diz com educação.

Acho que ele está satisfeito, mas não tenho certeza.

Viajamos calados na noite escura por algum tempo. O ponto de luz que é Seattle aumenta lentamente.

— Torre Sea-Tac para Charlie Tango. Plano de voo para Escala pronto. Favor prosseguir. Aguarde contato, câmbio.

— Aqui é Charlie Tango, compreendido, Sea-Tac. Aguardando, câmbio e desligo.

— Está na cara que você gosta disso — murmuro.

— O quê?

Ele me olha. Parece em dúvida à meia luz dos instrumentos.

— Voar — respondo.

— Isso exige controle e concentração... como eu poderia não gostar? Mas o que eu prefiro é planar.

— Planar?

— É, voar em planador. Planadores e helicópteros, piloto as duas coisas.

— Ah.

Hobbies caros. Lembro-me disso da entrevista. Gosto de ler e ir de vez em quando ao cinema. Isso aqui é muita areia para meu

caminhão.

— Charlie Tango, pode seguir, por favor, câmbio.

A voz incorpórea do controle de tráfego aéreo interrompe meus pensamentos. Christian responde, no tom confiante de quem controla a situação.

Seattle se aproxima. Estamos nos arredores da cidade agora. Uau! É absolutamente incrível. Seattle à noite, do céu.

— É bonito, não é? — murmura Christian.

Balanço a cabeça com entusiasmo. Parece do outro mundo, irreal, e eu me sinto num gigantesco *set* de filmagem. Do filme preferido de José, talvez, *Blade Runner*. A lembrança de José tentando me beijar me persegue. Começo a me sentir um pouco cruel por não ter retornado suas ligações. *Ele pode esperar até amanhã... com certeza.*

— Vamos chegar em poucos minutos — avisa Christian, e, de repente, minha cabeça lateja e meu pulso se acelera e tenho uma descarga de adrenalina. Ele volta a se comunicar com o controle aéreo, mas eu já não estou ouvindo. Sinto que vou desmaiar. Meu destino está nas mãos dele.

Estamos agora voando entre os prédios, e dá para ver um arranha-céu com um heliporto em cima. No alto do prédio, lê-se a palavra “Escala” pintada de branco. Vai ficando cada vez mais perto, cada vez maior... como minha ansiedade. *Nossa, tomara que eu não o decepcione.* Ele vai me achar aquém das expectativas, de alguma maneira. Eu devia ter ouvido Kate e pegado emprestado um dos vestidos dela, mas gosto da minha calça jeans preta, e estou com uma blusa verde hortelã e a jaqueta preta de Kate. Estou suficientemente elegante. Agarro a beira da poltrona com cada vez mais força. *Posso fazer isso. Posso fazer isso.* Repito esse mantra enquanto o arranha-céu surge lá embaixo.

O helicóptero reduz a velocidade e flutua. Christian pousa no heliporto no alto do prédio. Sinto o coração na boca. Não consigo decidir se é de nervosismo e ansiedade, de alívio por termos chegado vivos, ou de medo de falhar de alguma forma. Ele desliga o motor e as pás do rotor vão parando até eu só ouvir o som da minha respiração errática. Christian tira seus fones, estica o braço e tira os meus também.

— Chegamos — diz baixinho.

Seu olhar é intenso, meio na sombra e meio na claridade da iluminação para pouso. O cavaleiro das trevas e o herói, essa é uma metáfora adequada para Christian. Ele parece cansado. Tem a mandíbula cerrada e os olhos apertados. Solta o cinto e se aproxima para soltar o meu. Seu rosto está bem próximo.

— Você não precisa fazer nada que não queira. Sabe disso, não é? — O tom dele é muito sincero, desesperado até, o olhar, apaixonado. Ele me pega de surpresa.

— Eu nunca faria nada que não quisesse, Christian.

E, ao dizer isso, não sinto convicção porque, a essa altura, eu talvez faça qualquer coisa por esse homem sentado a meu lado. Mas isso resolve. Ele sossega.

Ele me olha desconfiado por um momento e, de alguma forma, apesar da sua altura, consegue andar com elegância até a porta do helicóptero e abri-la. Salta, esperando que eu o acompanhe, e me ajuda a descer para a pista. Venta muito no alto do prédio, e fico nervosa por estar em pé a uma altura equivalente a pelo menos trinta andares num espaço aberto. Christian passa o braço em volta da minha cintura e me puxa para junto de si.

— Vem — grita acima do ruído do vento.

Ele me arrasta para o elevador, e, depois que digita um número num teclado, as portas se abrem. Está quente no interior todo espelhado do elevador. Vejo Christian ao infinito para qualquer ponto que eu olhe, e o maravilhoso é que ele também está me abraçando ao infinito. Christian digita outro código no teclado, as portas se fecham e o elevador desce.

Logo depois estamos num hall todo branco. No meio, há uma mesa redonda de madeira escura, e, sobre ela, um ramallete incrivelmente imenso de flores brancas. Há quadros em todas as paredes. Ele abre uma porta dupla, e a cor branca permanece no corredor largo em cuja extremidade fica a entrada de uma sala palaciana. É a sala principal, com pé direito duplo. “Enorme” não é a palavra certa para todo aquele tamanho. A parede do fundo é de vidro e dá para uma varanda que domina Seattle.

À direita, há um imponente sofá em U onde dez pessoas poderiam se sentar confortavelmente. Em frente ao sofá, a lareira

mais moderna que se pode imaginar, em aço inoxidável ou talvez platina, acho, e nela arde um fogo suave. À nossa esquerda, ao lado da entrada, fica a cozinha. Toda branca, com as bancadas em madeira escura e um balcão para café da manhã com seis lugares.

Perto da cozinha, diante da parede de vidro, há uma mesa de jantar rodeada de dezesseis cadeiras. E encaixado no canto, um reluzente piano de cauda preto. Ah, sim... ele também deve tocar piano. Há arte de todas as formas e tamanhos nas paredes. Na verdade, o apartamento mais parece uma galeria do que uma casa.

— Posso pegar sua jaqueta? — pergunta Christian.

Balanço a cabeça. Ainda estou com frio por causa do vento do heliporto.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta ele.

Pisco. Depois da noite passada! *Será que ele está tentando ser engraçado?* Por um segundo, penso em pedir uma margarita, mas não tenho coragem.

— Vou beber uma taça de vinho branco. Você me acompanha?

— Sim, por favor — murmuro.

Estou parada nesta sala enorme, sentindo-me deslocada. Vou até a parede de vidro e me dou conta de que, na sua metade inferior, há portas sanfonadas que dão para a varanda. Seattle está acesa e animada ao fundo. Volto para a cozinha — levo alguns segundos, é longe da parede de vidro — e Christian está abrindo uma garrafa de vinho. Já tirou o paletó.

— Pouilly Fumé está bom para você?

— Não entendo nada de vinho, Christian. Tenho certeza de que é ótimo.

Minha voz é suave e hesitante. Meu coração está palpitando. Quero fugir. Essa casa é podre de chique. Exorbitantemente chique no padrão Bill Gates. O que estou fazendo aqui? *Você sabe muito bem o que está fazendo aqui*, me diz com desprezo meu inconsciente. Sim, eu quero ir para a cama com Christian Grey.

— Aqui.

Ele me entrega uma taça de vinho. Até as taças são chiques... pesadas, de cristal moderno. Dou um gole, e o vinho é leve, gelado e delicioso.

— Você está muito calada, e nem está corando. Na verdade, acho que nunca vi você tão branca, Anastasia — murmura ele. — Está com fome?

Balanço a cabeça. Não de comida.

— É uma casa muito grande essa aqui.

— Grande?

— Grande.

— É grande — concorda ele, e seus olhos brilham divertidos.

Bebo outro gole de vinho.

— Você toca? — pergunto, indicando o piano com o queixo.

— Toco.

— Bem?

— Sim.

— Claro que toca. Existe alguma coisa que você não saiba fazer bem?

— Sim... algumas coisas.

Ele dá um gole em seu vinho. Não tira os olhos de mim. Sinto-os me seguindo enquanto me viro para olhar a vasta sala. “Sala” é a palavra errada. Isso não é uma sala — é uma declaração de propósito.

— Quer sentar?

Balanço a cabeça assentindo, e ele me dá a mão e me conduz para o grande sofá branco. Ao me sentar, fico impressionada com o fato de me sentir como Tess Durbeyfield olhando para a casa nova que pertence ao notório Alec d’Urberville. Esse pensamento me faz sorrir.

— Qual é a graça? — Ele se senta a meu lado, virado para mim. Apoia a cabeça na mão direita, o cotovelo apoiado no encosto do sofá.

— Por que me deu especificamente o *Tess of the d’Urbervilles*? — pergunto.

Christian me olha por um instante. Acho que minha pergunta o surpreendeu.

— Bem, você disse que gostava de Thomas Hardy.

— Só por isso?

Até eu noto o desapontamento em minha voz. Ele contrai os lábios.

— Pareceu adequado. Eu poderia manter você num ideal elevadíssimo como Angel Clare ou degradá-la completamente como Alec d'Urberville — murmura ele, e seus olhos possuem um brilho sinistro e perigoso.

— Se só houvesse duas opções, eu ficaria com a degradação — digo, olhando para ele.

Meu inconsciente me olha assombrado. Christian engasga.

— Anastasia, pare de morder o lábio, por favor. Isso distrai muito. Você não sabe o que está dizendo.

— Por isso estou aqui.

Ele franze a testa.

— Sim. Você pode me dar licença um minuto?

Ele desaparece por uma porta larga do fundo da sala. Pouco depois, volta com um papel.

— Este é um termo de confidencialidade. — Ele dá de ombros e tem a elegância de parecer meio encabulado. — Minha advogada insiste nisso. — Ele me entrega o documento. Fico completamente desconcertada. — Se você escolher a segunda opção, a degradação, vai precisar assinar isto.

— E se eu não quiser assinar nada?

— Aí são os ideais elevados de Angel Clare, bem, na maior parte do livro, pelo menos.

— O que esse acordo significa?

— Significa que você não pode revelar nada sobre nós. Para ninguém.

Olho para ele descrente. Puta merda. Isso é ruim, muito ruim, e agora estou muito curiosa para saber.

— Tudo bem. Eu assino.

Ele me entrega uma caneta.

— Você nem vai ler?

— Não.

Ele franze a testa.

— Anastasia, você deve sempre ler qualquer coisa que assinar — aconselha.

— Christian, o que você não conseguiu entender é que de qualquer forma eu não contaria a ninguém. Nem a Kate. Portanto, é irrelevante assinar ou não. Se isso é tão importante para você, ou

para sua advogada... para quem você obviamente conta, tudo bem. Eu assino.

Ele me olha, e assente solenemente com a cabeça.

— *Touché*, Srta. Steele.

Assino ostensivamente na linha pontilhada de ambas as cópias e devolvo uma a ele. Dobro a outra, guardo-a na bolsa e dou um bom gole no vinho. Estou parecendo muito mais corajosa do que na verdade me sinto.

— Isso quer dizer que você vai fazer amor comigo hoje à noite, Christian?

Putá merda. Será que acabei de dizer isso? Ele fica boquiaberto, mas logo se recupera.

— Não, Anastasia, não quero dizer isso. Em primeiro lugar, eu não faço amor. Eu fodo... com força. Em segundo lugar, ainda tem muita papelada para assinar. E em terceiro, você ainda não sabe onde está se metendo. Ainda pode cair fora. Venha, quero mostrar meu quarto de jogos.

Meu queixo cai. *Foder com força*. Putá merda, isso parece muito excitante. Mas por que estamos indo para um quarto de jogos? Estou perplexa.

— Quer jogar Xbox? — pergunto.

Ele ri alto.

— Não, Anastasia. Nada de Xbox, nada de Playstation. Venha.

Ele se levanta, estendendo a mão. Deixo-o me conduzir pelo corredor. À direita da porta dupla por onde entramos, há outra porta que leva a uma escada. Subimos ao segundo andar e viramos novamente à direita. Tirando uma chave do bolso, ele abre outra porta e respira fundo.

— Você pode ir embora quando quiser. O helicóptero está à espera para levá-la na hora que quiser ir. Ou pode passar a noite aqui e voltar para casa amanhã de manhã. Para mim, o que você decidir está bom.

— Abra o raio da porta, Christian.

Ele abre a porta e recua para me deixar entrar. Olho para ele de novo. Quero muito saber o que há ali. Respiro fundo e entro.

E parece que viajei no tempo para o século XVI e sua Inquisição espanhola.

Put a merda.

CAPÍTULO SETE

A primeira coisa que noto é o cheiro: couro, madeira, cera com uma leve essência cítrica. É muito agradável e a iluminação é suave, sutil. Na verdade, não consigo ver de onde vem, mas está em toda a volta da cornija do teto, e emite uma luz acolhedora. As paredes e o teto são de um tom de vermelho-escuro bem fechado, dando ao quarto espaçoso uma sensação de aconchego, e o chão é de madeira muito antiga, envernizada. Há uma grande estrutura de madeira em forma de X presa à parede em frente à porta. É feita de mogno muito polido, e tem algemas pendendo das quatro pontas. Acima do X, há uma ampla grade de ferro, pendurada no teto, de no mínimo dois metros quadrados e meio, da qual pende todo tipo de corda, corrente e grilhões reluzentes. Junto à porta, duas varas polidas e ricamente entalhadas que lembram balaústres, porém mais longas, estão presas à parede como paus de cortina, e delas pende uma impressionante variedade de pás, varinhas, chicotes de montaria e divertidos objetos emplumados.

Ao lado da porta, há uma sólida cômoda em mogno, cujas gavetas são estreitas como se planejadas para conter espécimes num antigo museu. Pergunto-me rapidamente o que elas *realmente* contêm. *Será que quero saber?* No fundo, fica um banco estofado de couro vinho, e, preso à parede ao lado dele, está uma estante de madeira polida que parece um porta-tacos de bilhar, porém, de perto, vê-se que guarda bengalas de vários comprimentos e larguras. Há uma robusta mesa de um metro e oitenta de comprimento no canto oposto, em madeira polida com pernas intrincadamente entalhadas e, sob ela, dois tamboretas formando um conjunto.

Mas o que domina o quarto é a cama. É maior do que o tamanho king size, com quatro colunas e entalhes em estilo rococó e dossel plano. Parece do fim do século XIX. Embaixo do dossel, mais

correntes e algemas. Não há cobertas... só um colchão de couro vermelho e almofadas de cetim vermelho amontoadas numa extremidade.

A alguns palmos do pé da cama há um amplo sofá estilo Chesterfield vermelho-escuro, simplesmente largado no meio do quarto de frente para a cama. Uma arrumação estranha... um sofá virado para a cama. Sorrio comigo mesma. Achei o sofá esquisito, quando na verdade é o móvel mais comum do quarto. Ergo os olhos e olho para cima. Há mosquetões por todo o teto, a intervalos disparatados. Questiono-me vagamente para que servem. O estranho é que a madeira, as paredes escuras, a iluminação instável e o couro vermelho tornam o quarto quase suave e romântico... Sei que é tudo menos isso; é a versão de Christian para suavidade e romantismo.

Viro-me, e ele está me olhando com atenção, como sabia que estaria, a expressão completamente inescrutável. Entro mais um pouco no quarto, e ele me acompanha. O objeto de plumas me intriga. Toco nele timidamente. É de camurça, como um pequeno gato de nove caudas, só que mais felpudo, e tem contas de plástico bem pequenas na ponta.

— Chama-se açoite — diz Christian com a voz baixa e macia.

Açoite... hum. Acho que estou em estado de choque. Meu inconsciente desapareceu, ficou mudo ou simplesmente caiu fulminado. Estou paralisada. Posso observar e absorver, mas não consigo articular meus sentimentos, porque estou em estado de choque. Qual é a reação apropriada à descoberta de que um amante em potencial é um completo tarado sadista ou masoquista? *Medo...* sim... esse parece ser o sentimento preponderante. Reconheço agora. Mas, por incrível que pareça, não tenho medo dele. Não acho que ele vá me machucar, bem, não sem meu consentimento. Muitas perguntas confundem minha cabeça. Por quê? Como? Quando? Com que frequência? Quem? Vou até a cama e passo as mãos nas colunas ricamente entalhadas. São muito resistentes, e o trabalho é impressionante.

— Diga alguma coisa — ordena Christian, a voz enganosamente macia.

— Você faz isso com as pessoas ou elas fazem isso com você?

Ele sorri, achando graça ou aliviado.

— As pessoas? — Ele pisca duas vezes ao considerar a resposta. — Faço isso com mulheres que querem que eu faça.

Não entendo.

— Se você tem voluntárias dispostas, por que estou aqui?

— Por que eu quero muito, muito fazer isso com você.

— Ah. — Engulo em seco. *Por quê?*

Vou até o fundo da sala, bato de leve no banco estofado da altura da minha cintura e corro os dedos pelo couro. *Ele gosta de machucar mulheres.* A ideia me deprime.

— Você é sádico?

— Sou dominador. — Seu olhar é abrasador, intenso.

— O que isso quer dizer? — pergunto.

— Quer dizer que quero que você se entregue espontaneamente a mim, em tudo.

Franzo a testa para ele, tentando assimilar a ideia.

— Por que eu faria isso?

— Para me satisfazer — ele murmura, inclina a cabeça para o lado e vejo a sombra de um sorriso.

Satisfazer! Ele quer que eu o satisfaça! Acho que estou boquiaberta. *Satisfazer Christian Grey.* E me dou conta, naquele momento, de que, sim, é exatamente isso que eu quero fazer. Quero que ele fique absolutamente satisfeito comigo. É uma revelação.

— Em termos muito simples, quero que você queira me agradar — diz ele baixinho. Sua voz é hipnótica.

— Como?

Minha boca está seca, e queria ter tomado mais vinho. Tudo bem, entendo a parte do agrado, mas estou intrigada com o cenário de tortura elisabetana. Será que quero saber a resposta?

— Eu tenho regras, e quero que você as obedeça. Elas são para o seu bem e para o meu prazer. Se seguir essas regras como eu desejo, eu a recompenso. Se não seguir, eu a castigo, e você aprende — murmura. Ele olha para o armário de bengalas ao dizer isso.

— E como tudo isso se encaixa? — faço um gesto mostrando o quarto todo.

— Isso tudo faz parte do pacote de incentivo. Recompensa e castigo.

— Então você se excita exercendo sua vontade sobre mim.

— Tudo gira em torno de conquistar sua confiança e seu respeito, para você deixar que eu exerça minha vontade sobre você. Quanto mais se submeter, maior minha alegria. É uma equação muito simples.

— Tudo bem, e o que eu ganho com isso?

Ele dá de ombros com uma expressão quase de quem pede desculpas.

— Eu — diz simplesmente.

Ai, meu Deus. Christian passa a mão no cabelo ao me olhar.

— Não tem nada a perder, Anastasia — murmura exasperado.

— Vamos voltar lá para baixo, onde consigo me concentrar melhor. Ver você neste quarto me distrai muito.

Ele me estende a mão, e agora eu hesito em pegá-la.

Kate disse que ele era perigoso. Ela estava certíssima. *Como sabia?* Ele é perigoso para minha saúde, porque sei que vou aceitar. E uma parte de mim não quer. Uma parte de mim quer sair correndo aos gritos desse quarto e de tudo o que ele representa. Isso é demais para mim.

— Não vou machucar você, Anastasia.

Sei que está dizendo a verdade. Dou a mão para ele, e saímos do quarto.

— Se você vai querer fazer isso, preciso lhe mostrar uma coisa.

Em vez de descer, ele vira à direita ao sair do *quarto de jogos*, como ele chama, e segue por um corredor. Passamos por várias portas até chegarmos à última. Do outro lado, há um quarto com uma grande cama de casal, todo branco... tudo: mobília, paredes, roupas de cama. É asséptico e frio, mas tem uma vista deslumbrante de Seattle pela parede de vidro.

— Este será seu quarto. Você pode decorá-lo como quiser, ter o que quiser aqui dentro.

— Meu quarto? Espera que eu me mude para cá?

Não consigo disfarçar o tom de pavor na minha voz.

— Não o tempo todo. Só, vamos dizer, de sexta à noite a domingo. Temos que conversar sobre isso tudo, combinar. Se você

quiser fazer isso — acrescenta, em tom baixo e tímido.

— Eu vou dormir aqui?

— Sim.

— Não com você.

— Não. Eu já expliquei. Não durmo com ninguém, a não ser com você quando está completamente bêbada. — A voz dele é de censura.

Minha boca se contrai numa linha rígida. Não consigo juntar as duas coisas. O Christian bom e solidário que me resgata da embriaguez e me segura com delicadeza enquanto vomito em cima das azaleias, e o monstro que possui chicotes e correias num quarto especial.

— Onde você dorme?

— Meu quarto é lá embaixo. Venha, você deve estar com fome.

— Por mais estranho que pareça, perdi o apetite — murmuro com petulância.

— Você precisa comer, Anastasia — repreende ele, segurando minha mão e me levando para o andar de baixo.

Ao chegar no imenso salão, fico profundamente inquieta. Estou à beira de um precipício, e tenho que decidir se vou pular.

— Estou perfeitamente ciente de estar levando você para o mau caminho, Anastasia, por isso quero que pense com cuidado. Você deve ter algumas perguntas — diz ele ao entrar na cozinha, soltando minha mão.

Sim, tenho. Mas por onde começar?

— Você já assinou a declaração de confidencialidade. Agora pode me perguntar o que quiser que eu respondo.

Fico parada diante do balcão de café da manhã, observando-o abrir a geladeira e tirar uma bandeja com vários tipos de queijo, dois maços de folhas e uns cachos de uvas roxas. Ele coloca a bandeja na bancada e começa a cortar uma baguete francesa.

— Sente-se. — Aponta para um dos tamboretos diante do balcão, e lhe obedeço. Se vou fazer isso, tenho que me acostumar. De repente me dou conta de que ele é autoritário assim desde que o conheci.

— Você falou em papelada.

— Sim.

— Que tipo de papelada?

— Bem, além da declaração de confidencialidade, um contrato dizendo o que faremos e o que não faremos. Preciso conhecer seus limites, e você precisa conhecer os meus. Isso é consensual, Anastasia.

— E se eu não quiser fazer isso?

— Tudo bem — diz ele cauteloso.

— Mas aí não teremos nenhum tipo de relação? — pergunto.

— Não.

— Por quê?

— Esse é o único tipo de relação no qual estou interessado.

— Por quê?

Ele dá de ombros.

— É assim que eu sou.

— Como você ficou desse jeito?

— Por que uma pessoa é do jeito que é? Essa é uma resposta um pouco difícil. Por que uns gostam de queijo e outros odeiam? Você gosta de queijo? A Sra. Jones, minha governanta, deixou isso para o jantar.

Ele pega uns pratos grandes num armário e os coloca na minha frente.

Estamos falando de queijo... Que merda.

— Quais regras tenho que seguir?

— Tenho todas por escrito. Vamos examiná-las depois que você tiver comido.

Comida. Como posso comer agora?

— Eu realmente não estou com fome — sussurro.

— Você vai comer — diz ele simplesmente. *Christian dominador, isso esclarece muita coisa.* — Quer mais uma taça de vinho?

— Sim, por favor.

Ele serve o vinho em minha taça e se senta a meu lado. Dou um gole apressado.

— Pode se servir de comida, Anastasia.

Pego um cachinho de uva. Isso eu consigo. Ele aperta os olhos.

— Faz tempo que você é assim? — pergunto.

— Sim.

— É fácil encontrar mulheres que queiram fazer isso?

Ele ergue a sobrancelha para mim.

— Você ficaria espantada — diz secamente.

— Então, por que eu? Eu realmente não entendo.

— Anastasia, eu já lhe disse. Há alguma coisa em você. Não consigo deixá-la. — Ele sorri com ironia. — Sou como a mariposa atraída pela chama. — Sua voz fica sombria. — Quero você desesperadamente, sobretudo agora, que está mordendo o lábio de novo.

Ele respira fundo e engole em seco.

Meu estômago dá cambalhotas. Ele me quer... de um jeito esquisito, é verdade, mas esse homem lindo, estranho e perverso me quer.

— Acho que você inverteu as coisas — resmungo.

Eu sou a mariposa e ele é a chama, e vou me queimar. Eu sei.

— Coma!

— Não. Ainda não assinei nada, então acho que vou me agarrar à minha liberdade mais um pouquinho, se você não se opuser.

Seu olhar fica mais doce, e seus lábios se repuxam num sorriso.

— Como quiser, Srta. Steele.

— Quantas mulheres? — Cuspo a pergunta, estou muito curiosa.

— Quinze.

Oh... menos do que eu pensava.

— Por longos períodos de tempo?

— Algumas delas, sim.

— Já machucou alguém?

— Sim.

Putá merda.

— Muito?

— Não.

— Vai me machucar?

— Como assim?

— Fisicamente, você vai me machucar?

— Vou castigá-la quando for preciso, e vai ser doloroso.

Acho que estou fraca. Tomo outro gole de vinho: isso vai me dar coragem.

— Já apanhou? — pergunto.

— Sim.

Ah... Isso me surpreende. Antes que eu possa questioná-lo mais sobre essa revelação, ele interrompe meu raciocínio.

— Vamos discutir isso no meu escritório. Quero lhe mostrar uma coisa.

É difícil processar. Imaginei tolamente que teria uma noite de amor na cama desse homem, e estamos negociando os termos de um pacto esquisito.

Vou com ele para o escritório, uma sala ampla com outra janela do chão ao teto que dá para a varanda. Ele se senta à mesa, faz um gesto indicando a cadeira de couro onde devo me sentar à sua frente, e me entrega um papel.

— Estas são as regras. Todas elas estão sujeitas a modificações. Elas fazem parte deste contrato, do qual você também pode ter uma cópia. Leia-as agora e vamos discuti-las.

REGRAS

Obediência:

A Submissa obedecerá a quaisquer instruções dadas pelo Dominador imediatamente, sem hesitação ou reserva, e com presteza. A Submissa concordará com qualquer atividade sexual que o Dominador julgar adequada e prazerosa salvo aquelas atividades que estão resumidas em limites rígidos (Apêndice 2). Ela fará isso avidamente e sem hesitação.

Sono:

A Submissa assegurará completar o mínimo de sete horas de sono por noite quando não estiver com o Dominador.

Alimentação:

A Submissa consumirá regularmente os alimentos previamente listados (Apêndice 4) para conservar a saúde. A Submissa não comerá nada entre as refeições, com a exceção de frutas.

Roupas:

Durante a Vigência deste contrato, a Submissa só usará roupas aprovadas pelo Dominador. O Dominador fornecerá à Submissa um orçamento para

o vestuário, que a Submissa deverá usar. O Dominador acompanhará *ad hoc* a Submissa nas compras de vestuário. Se o Dominador solicitar, a Submissa usará, durante a Vigência deste contrato, quaisquer adornos solicitados pelo Dominador, na presença do Dominador e em qualquer outro momento que o Dominador julgar adequado.

Exercícios:

O Dominador fornecerá à Submissa um personal trainer para sessões de uma hora de exercícios, quatro vezes por semana, em horário a ser combinado de comum acordo entre o personal trainer e a Submissa. O personal trainer reportará ao Dominador o progresso da Submissa.

Higiene Pessoal/Beleza:

A Submissa se manterá sempre limpa e depilada. A Submissa visitará um salão de beleza à escolha do Dominador com frequência a ser decidida pelo Dominador e se submeterá aos tratamentos estéticos que o Dominador julgar adequados.

Segurança Pessoal:

A Submissa não se excederá na bebida, não fumará, não fará uso de drogas recreativas nem se colocará desnecessariamente em qualquer situação de risco.

Qualidades Pessoais:

A Submissa não se envolverá em quaisquer relações sexuais com qualquer outra pessoa senão o Dominador. A Submissa se apresentará sempre de forma respeitosa e recatada. Ela deve reconhecer que seu comportamento se reflete diretamente no Dominador. Será responsabilizada por qualquer transgressão, delito ou má conduta incorridos quando não estiver na presença do Dominador.

O não cumprimento de quaisquer das regras acima resultará em punição imediata, cuja natureza será determinada pelo Dominador.

Put a merda.

— Limites rígidos? — pergunto.

— Sim. O que você não fará, o que eu não farei. Precisamos especificar em nosso contrato.

— Não estou certa quanto a aceitar dinheiro para roupas. Parece errado.

Remexo-me com desconforto, a palavra “prostituta” chocalhando na cabeça.

— Quero gastar dinheiro com você. Deixe-me presenteá-la com algumas roupas. Posso precisar que me acompanhe em eventos, e quero você bem-vestida. Tenho certeza que o seu salário, quando você conseguir de fato um emprego, não cobrirá o tipo de roupa que eu gostaria que você usasse.

— Não preciso usar essas roupas quando não estiver com você?

— Não.

— Ok. — *Considere-as um uniforme.*

— Não quero malhar quatro vezes por semana.

— Anastasia, preciso de você ágil, forte e resistente. Confie em mim, você precisa malhar.

— Mas com certeza não quatro vezes por semana. Que tal três?

— Quero que sejam quatro.

— Achei que isso fosse uma negociação.

Ele contrai os lábios.

— Ok, Srta. Steele, outro ponto para você. Que tal uma hora três dias por semana e meia hora um dia?

— Três dias, três horas. Tenho a impressão que você vai garantir que eu me exercite quando eu estiver aqui.

Ele dá um sorriso malicioso, e seus olhos brilham como se estivesse aliviado.

— É verdade. Ok. Fechado. Tem certeza que não quer estagiar na minha empresa? Você negocia bem.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Releio as regras. *Depilar! Depilar o quê? Tudo? Ui.*

— Agora, os limites. Estes são os meus. — Ele me entrega outra folha de papel.

LIMITES RÍGIDOS

Nenhum ato envolverá brincadeiras com fogo.
Nenhum ato envolverá urinar, defecar ou os produtos destas ações.
Nenhum ato envolverá agulhas, facas, perfurações ou sangue.
Nenhum ato envolverá instrumentos médicos ginecológicos.
Nenhum ato envolverá crianças ou animais.
Nenhum ato poderá deixar quaisquer marcas permanentes na pele.
Nenhum ato envolverá controle respiratório.
Não haverá nenhuma atividade que requeira contato direto com corrente elétrica (seja alternada ou direta), fogo ou chamas.

Ui. Ele tem mesmo que escrever isso! Claro, parece tudo muito sensato e, francamente, necessário... Nenhuma pessoa sadia iria querer se envolver com esse tipo de coisa, sem dúvida. Mas eu agora me sinto meio incomodada.

— Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar? — pergunta ele com gentileza.

Merda. Não tenho ideia. Estou absolutamente perplexa. Ele me olha e franze a testa.

— Tem alguma coisa que você se negue a fazer?

— Não sei.

— Como assim, não sabe?

Retorço-me desconfortavelmente e mordo o lábio.

— Eu nunca fiz nada parecido com isso.

— Bem, mas quando fez sexo, houve alguma coisa que não gostou de fazer?

Pela primeira vez, depois de séculos, enrubesço.

— Pode me dizer, Anastasia. Precisamos ser sinceros um com o outro, ou isso não vai dar certo.

Torno a me retorcer e fico olhando para meus dedos contraídos.

— Conte para mim — ordena ele.

— Bem... Eu nunca fiz sexo antes, então não sei.

Falo baixinho. Dou uma olhada para ele, que está me encarando boquiaberto, paralisado e pálido — pálido mesmo.

— Nunca? — suspira ele.

Faço que não com a cabeça.

— Você é virgem?

Balanço a cabeça, corando de novo. Ele fecha os olhos e parece contar até dez. Quando torna a abri-los, está irritado, e olha para mim com raiva.

— Por que não me contou, porra? — rosna.

CAPÍTULO OITO

Christian está andando de um lado para o outro do escritório e passando as mãos no cabelo. As duas mãos — isso é exasperação em dobro. Seu usual autocontrole absoluto parece ter escorrido pelo ralo.

— Não entendo por que você não me contou — ele me censura.

— Nunca surgiu assunto. Não costumo revelar minha condição sexual a cada pessoa que conheço. Quer dizer, a gente mal se conhece.

Encaro minhas mãos. Por que me sinto culpada? Por que ele está tão irritado? Olho para ele.

— Bem, você agora já sabe bastante a meu respeito — diz ele seco, a boca contraída. — Eu sabia que você era inexperiente, mas *virgem*? — Ele fala como se aquilo fosse mesmo um palavrão. — Que inferno, Ana, eu acabei de mostrar a você... — ele resmunga. — Deus me perdoe. Alguém já beijou você, além de mim?

— Claro que sim.

Faço o possível para parecer ofendida. *Ok... talvez duas vezes.*

— E nenhum cara legal fez você perder a cabeça? Eu simplesmente não entendo. Você tem vinte e um anos, quase vinte e dois. É linda.

Ele torna a passar a mão no cabelo.

Linda. Coro de alegria. Christian Grey me acha linda. Aperto os dedos, olhando fixo para eles, tentando disfarçar o sorriso apatetado. *Vai ver ele é míope.* Meu inconsciente levantou a cabeça de maneira sonâmbula. Onde ele estava quando precisei dele?

— E você está discutindo seriamente o que eu quero fazer, apesar de não ter experiência. — Ele franze o cenho. — Como evitou o sexo? Conte para mim, por favor.

Encolho os ombros.

— Ninguém nunca... você sabe... — Chegou tão perto, só você. E você se revela uma espécie de monstro. — Por que está tão irritado comigo? — murmuro.

— Não estou irritado com você. Estou irritado comigo... — Ele suspira. Olha para mim astutamente e então balança a cabeça. — Quer ir embora? — pergunta, com delicadeza.

— Não, a menos que você queira que eu vá — respondo. *Ah, não... eu não quero ir.*

— Claro que não. Gosto de ter você aqui. — Ele levanta as sobrancelhas ao dizer isso e depois olha o relógio. — Está tarde. — E se vira para mim. — Você está mordendo o lábio.

Sua voz é grave, e ele me olha especulativamente.

— Desculpe.

— Não se desculpe. É só que assim também fico com vontade de morder, só que com força.

Arquejo... como ele pode me dizer esse tipo de coisa e esperar que eu não me abale?

— Venha — murmura ele.

— O quê?

— Vamos resolver esse problema agora mesmo.

— Como assim? Que problema?

— O seu, Ana. Vou fazer amor com você, agora.

— Ah. — O chão desaba sob meus pés. *Eu sou um problema.* Prendo minha respiração.

— Quer dizer, se você quiser. Não quero me meter em encrenca.

— Pensei que você não fizesse amor. Pensei que você fodesse, e com força.

Engulo em seco, a boca de repente sem nenhuma saliva.

Ele abre um sorriso malicioso, que produz efeitos diretos *lá embaixo*.

— Posso abrir uma exceção, ou talvez combinar as duas coisas, vamos ver. Eu quero muito fazer amor com você. Por favor, venha para a cama comigo. Quero que nosso acordo dê certo, mas você realmente precisa ter alguma ideia de onde está se metendo. Podemos começar seu treinamento esta noite, com o básico. Isso não quer dizer que fiquei todo sentimental. Trata-se de um meio para um fim, mas um fim que eu quero, e espero que você também.

O olhar dele é intenso.

Eu coro... *nossa*... desejos se realizam, sim.

— Mas ainda não fiz tudo que você exige nas suas regras — digo ofegante, hesitando.

— Esqueça as regras. Esqueça esses detalhes todos por hoje. Eu quero você. Quis desde que você se estatelou no chão da minha sala, e sei que você me quer. Você não estaria aí sentada calmamente discutindo punições e limites se não quisesse. Por favor, Ana, passe a noite comigo.

Ele me estende a mão, com os olhos brilhando, ardentes... excitados, e seguro a mão dele. Ele me puxa para seus braços e sinto todo o seu corpo colado no meu, e sou pega de surpresa por esse movimento rápido. Christian corre os dedos em volta da minha nuca, enrola meu rabo de cavalo no punho e puxa com delicadeza, forçando-me olhar para ele. Ele olha para mim.

— Você é uma garota corajosa — diz. — Estou impressionado.

As palavras parecem um dispositivo incendiário. Meu sangue arde. Ele se abaixa e beija minha boca delicadamente, depois chupa meu lábio inferior.

— Quero morder esse lábio — murmura junto da minha boca, e a puxa cuidadosamente com os dentes.

Dou um gemido e ele sorri.

— Por favor, Ana, deixe eu fazer amor com você.

— Sim — sussurro, porque é por isso que estou aqui.

O sorriso dele é triunfante quando ele me solta, me dá a mão e me conduz pelo apartamento.

Seu quarto é enorme. As janelas até o teto dão para os arranha-céus iluminados de Seattle. As paredes são brancas, e os móveis, azul-claros. A cama imensa é ultramoderna, feita de uma madeira cinzenta e rústica como galhos secos, tem quatro colunas mas é sem dossel. Na parede acima, há uma paisagem marinha impressionante.

Estou tremendo como vara verde. Pronto. Finalmente, depois desse tempo todo, vou fazer isso, com ninguém menos que Christian Grey. Minha respiração está curta, e não consigo tirar os olhos dele. Ele tira o relógio e o coloca em cima de uma cômoda que combina com a cama, e tira o paletó, colocando-o numa

cadeira. Está com aquela camisa de linho branco e calça jeans. É lindo de morrer. Tem o cabelo cor de cobre escuro todo despenteado, a camisa para fora da calça, os olhos cinzentos atrevidos e deslumbrantes. Ele descalça o All Star, se abaixa e tira as meias, uma de cada vez. Os pés de Christian Grey... uau... porque essa atração por pés? Ele se vira para mim com o olhar meigo.

— Presumo que você não tome pílula.

O quê? Merda.

— Achei que não tomasse.

Ele abre a primeira gaveta da cômoda, tira um pacote de camisinhas e me lança um olhar intenso.

— Esteja preparada — murmura. — Quer que eu feche as cortinas?

— Tanto faz — respondo. — Achei que você não deixasse ninguém dormir na sua cama.

— Quem disse que a gente vai dormir? — retruca ele.

— Ah. — *Minha nossa.*

Ele vem devagarinho na minha direção. Seguro, sensual, olhos em brasa, e meu coração começa a palpitar. O sangue lateja em minhas veias. O desejo, palpável e quente, se concentra em minhas entranhas. Ele está em pé na minha frente, olhando nos meus olhos. *É absurdamente sexy.*

— Vamos tirar essa jaqueta, vamos? — diz baixinho e segura as lapelas para despir delicadamente meus ombros da jaqueta, que coloca na cadeira.

— Tem alguma ideia de quanto a desejo, Ana Steele? — murmura.

Engasgo. Não consigo tirar os olhos dele. Ele estica o braço e corre os dedos devagarinho pelo meu rosto até o queixo.

— Tem alguma ideia do que vou fazer com você? — acrescenta, acariciando meu queixo.

A musculatura da minha parte mais íntima e escondida se comprime da maneira mais deliciosa. A dor é tão gostosa e tão aguda que quero fechar os olhos, mas estou hipnotizada pelo seu olhar ardente. Inclinando-se, ele me beija. Seus lábios são exigentes, firmes e lentos, moldando os meus. Começa a

desabotoar minha blusa enquanto vai me dando beijinhos levíssimos pela mandíbula, pelo queixo, terminando nas comissuras da minha boca. Devagarinho, tira minha blusa e a deixa cair no chão. Recua e me olha. Estou com o sutiã de renda azul-clara que me cai como uma luva. *Graças a Deus.*

— Ah, Ana — suspira ele. — Você tem uma pele lindíssima, alva e impecável. Quero beijar cada centímetro dela.

Fico rubra. *Nossa...* Por que ele disse que não fazia amor? Eu farei o que ele quiser. Ele pega a presilha do meu cabelo, solta-a e arqueja quando meu cabelo cai ao redor de meus ombros.

— Gosto de morenas — murmura, com as duas mãos no meu cabelo, uma de cada lado da minha cabeça.

Seu beijo é obstinado, sua língua e seus lábios adulando os meus. Gemo, e minha língua encontra timidamente a dele. Ele me envolve nos braços e me arrasta para junto de si, apertando-me. Mantém uma das mãos no meu cabelo, enquanto a outra desce pela minha coluna até a cintura e depois a bunda. Para ali e aperta delicadamente minhas nádegas, mantendo-me colada a ele, e sinto sua ereção, que ele languidamente pressiona no meu corpo.

Suspiro de novo em sua boca. Mal consigo conter os sentimentos — ou seriam os hormônios? — que me percorrem desenfreados. Quero-o desesperadamente. Segurando seus braços, sinto seus bíceps. Ele é surpreendentemente forte... musculoso. Timidamente, levo as mãos ao seu rosto e afago seu cabelo. É muito macio, desalinhado. Puxo delicadamente, e ele geme. Vai me conduzindo devagarinho para a cama, até eu senti-la atrás dos joelhos. Acho que vai me forçar a deitar, mas não força. Ele me solta, e de repente se ajoelha. Agarra meus quadris com as duas mãos, passa a língua em volta do meu umbigo e vai me mordiscando até um dos lados da cintura, atravessando depois minha barriga para o outro lado.

— Ah — gemo.

Vê-lo ajoelhado na minha frente, sentir sua boca em mim é algo muito inesperado e sensual. Mantenho as mãos em seu cabelo, puxando-o delicadamente ao tentar aquietar minha respiração bastante ruidosa. Ele ergue os olhos para mim através de cílios longuíssimos, o olhar ardente turvo. Então, desabotoa minha calça

jeans, puxa sem pressa o zíper. Sem tirar os olhos de mim, passa as mãos por baixo do cós, roçando de leve minha pele e alcançando minha bunda. As mãos vão deslizando devagarinho por ali rumo à parte de trás das minhas coxas, descendo a calça jeans com elas. Não consigo desviar o olhar. Ele para e molha os lábios, sem interromper o contato visual. Inclina-se para a frente, roçando o nariz na minha coxa até chegar no vértice entre minhas pernas. Eu o sinto. *Ali*.

— Você é muito cheirosa — murmura ele, e fecha os olhos, com uma expressão de puro prazer, e eu praticamente me contorço. Ele puxa o edredom da cama, e gentilmente me empurra até que eu caia no colchão.

Ainda ajoelhado, segura meu pé e desamarra meu All Star, tirando o tênis e a meia. Me apoio nos cotovelos para ver o que ele está fazendo. Estou arfando... de desejo. Christian levanta meu calcanhar e corre o polegar pela sola do meu pé. Quase chega a doer, mas sinto o eco do movimento nas minhas entranhas. Suspiro. Sem desviar os olhos dos meus, ele passa a língua, depois os dentes, pela sola do meu pé. *Merda*. Gemo... como posso sentir isso *ali*? Torno a me deitar, gemendo. Ouço sua risadinha.

— Ah, Ana, o que faço com você? — sussurra.

Tira meu outro tênis e minha outra meia, depois se levanta e arranca totalmente minha calça jeans. Estou deitada na cama dele só de sutiã e calcinha, e ele está me olhando.

— Você é muito bonita, Anastasia Steele. Mal posso esperar para estar dentro de você.

Putá merda. As palavras dele. Ele é tão sedutor. Fico sem fôlego.

— Mostre para mim como você se dá prazer.

O *quê*? Franzo o cenho.

— Não seja tímida, Ana, mostre para mim — murmura ele.

Balanço a cabeça.

— Não sei o que você quer dizer.

Minha voz está rouca. Mal a reconheço, tão cheia de desejo.

— Como você se faz gozar? Quero ver.

Balanço a cabeça.

— Eu não faço — murmuro.

Ele ergue as sobrancelhas, espantado por um instante, com o olhar sombrio e balança a cabeça, incrédulo.

— Bem, vamos ver o que podemos fazer a esse respeito.

Sua voz é macia, provocante, uma ameaça sensual deliciosa. Ele desabotoa sua calça jeans e despe-a devagar, os olhos nos meus o tempo todo. Inclina-se sobre mim, e, me segurando pelos tornozelos, afasta minhas pernas com um gesto rápido e sobe na cama. Ele paira em cima de mim. Eu me retorço de desejo.

— Fique quieta — ordena ele, então se abaixa e me beija, subindo pela parte interna da coxa, prosseguindo por sobre o fino tecido rendado da calcinha.

Ah... não consigo ficar parada. Como posso não me mexer? Contorço-me embaixo dele.

— Vamos ter que trabalhar para manter você imóvel, baby.

Ele beija minha barriga, e enfia a língua em meu umbigo. Continua subindo, beijando meu torso. Minha pele arde. Estou afogueada, com muito calor, muito frio, agarrada ao lençol embaixo de mim. Ele se deita ao meu lado, e sua mão passeia pelo meu quadril, passando pela cintura e subindo até meu seio. Ele me olha, a expressão enigmática, e delicadamente envolve meu seio com a mão.

— Cabe na minha mão perfeitamente, Anastasia — murmura, puxando o bojo do sutiã para baixo com o indicador e liberando meu seio, que, no entanto, continua levantado pela armação e pelo tecido do bojo. Seu dedo passa para o outro seio e repete a operação. Meus seios se intumescem, e meus mamilos endurecem sob seu olhar contínuo. Estou atada pelo meu próprio sutiã.

— Muito bom — sussurra ele em tom de aprovação, e meus mamilos ficam mais duros ainda.

Ele chupa delicadamente um enquanto sua mão vai para o outro seio e ele rodeia com o polegar o bico do mamilo, alongando-o. Gemo, uma sensação doce percorre minhas entranhas. Estou toda molhada. *Ah, por favor*, imploro internamente, agarrando-me com mais força ao lençol. Seus lábios se fecham em volta de meu outro mamilo, e, quando ele puxa, quase tenho espasmos.

— Vamos ver se podemos fazer você gozar assim — sussurra ele, sem interromper o assalto lento e sensual. Meus mamilos

suportam o delicioso impacto de seus dedos e seus lábios hábeis, que acendem cada uma de minhas terminações nervosas e fazem meu corpo inteiro cantar com uma doce agonia. Ele simplesmente não para.

— Oh... por favor — imploro, e inclino a cabeça para trás, a boca aberta enquanto gemo, esticando as pernas. Minha nossa, o que está acontecendo comigo?

— Deixe-se levar, baby — murmura ele.

Seus dentes estão cerrados em volta do meu mamilo, e ele puxa, forte, com o polegar e o indicador, e eu desmancho na sua mão, o corpo estremecendo em espasmos e explodindo em mil pedaços. Ele me beija, a língua enfiada na minha boca, absorvendo meus gritos.

Nossa. Isso foi extraordinário. Agora sei por que todo o alvoroço em torno desse assunto. Ele me olha, um sorriso satisfeito nos lábios, enquanto sei que, nos meus, só há gratidão e assombro.

— Você é muito sensível — suspira ele. — Vai ter que aprender a controlar isso, e agora vai ser muito mais divertido ensinar.

Ele volta a me beijar.

Minha respiração ainda está entrecortada enquanto me recupero do orgasmo. Suas mãos descem pela minha cintura até os quadris, e aí ele me envolve intimamente com a mão em concha... *Meu Deus.* Seu dedo escorrega pela renda fina e me rodeia devagarinho — *ali.* Por um instante, ele fecha os olhos, e sua respiração falha.

— Você está deliciosamente molhada. Nossa, eu quero você.

Ele enfia o dedo dentro de mim, e solto um grito quando enfia de novo e de novo. Manipula meu clitóris, e dou outro grito. Ele movimenta o dedo dentro de mim com mais força ainda. Gemo.

De repente, ele se senta na cama, arranca minha calcinha e a joga no chão. Tira a cueca, e a ereção se revela, livre. *Putá merda...* Ele estica o braço e pega um envelopinho de papel laminado, e aí se mete entre as minhas pernas, afastando-as bem. Se ajoelha e coloca uma camisinha em sua extensão avantajada. *Ah não... Será que vai...? Como?*

— Não se preocupe — suspira ele, os olhos nos meus. — Você também dilata.

Debruça-se, apoiando as mãos em ambos os lados da minha cabeça, de modo a pairar sobre mim, olhando-me nos olhos, a mandíbula cerrada, os olhos ardentes. Só agora percebo que ainda está de camisa.

— Quer mesmo fazer isso? — pergunta suavemente.

— Por favor — imploro.

— Levante as pernas — ordena com delicadeza, e obedeço de imediato. — Agora vou começar a foder com você, Srta. Steele — murmura ele, ao posicionar a cabeça de seu pau na entrada do meu sexo. — Com força — murmura, e me penetra.

— Aai! — grito ao sentir um estranho beliscão lá dentro de mim quando ele tira minha virgindade.

Ele fica imóvel, me encarando, os olhos brilhando em êxtase com a vitória. Sua boca está entreaberta, e sua respiração é áspera. Ele geme.

— Você é tão apertada. Está tudo bem?

Faço que sim, olhos arregalados, segurando os antebraços dele. Sinto-me muito plena. Ele continua parado, deixando que eu me acostume à sensação avassaladora e intrusiva de tê-lo dentro de mim.

— Vou me mexer agora, baby — sussurra ele pouco depois, a voz tensa.

Oh.

Ele se movimenta para trás extremamente devagar. Fecha os olhos e geme, e torna a me penetrar. Grito de novo, e ele para.

— Mais? — murmura, a voz rouca.

— Sim — suspiro.

Ele faz de novo, e torna a parar. Gemo, o corpo aceitando-o... Ah, eu quero isso.

— De novo? — sussurra ele.

— Sim. — É uma súplica.

E ele se mexe, mas dessa vez não para. Apoia-se nos cotovelos e posso sentir o seu peso em cima de mim, apertando-me. No início, os movimentos são lentos, metendo e depois se tirando de dentro de mim. E, à medida que me acostumo com a sensação estranha, mexo os quadris timidamente ao encontro dos dele. Ele acelera o ritmo. Eu gemo, e ele continua o vaivém, mais depressa, implacável,

num ritmo incessante, e eu acompanho, respondendo aos seus estímulos. Ele pega minha cabeça nas mãos e me beija com força, os dentes de novo puxando meu lábio inferior. Ele se agita ligeiramente, e sinto algo crescendo dentro de mim, como antes. Começo a enrijecer à medida que ele se mexe. Meu corpo estremece, arqueia, coberto de suor. *Meu Deus...* Eu não sabia que a sensação seria essa... não sabia que podia ser tão gostoso. Meus pensamentos estão se dispersando... só existe essa sensação... só ele... só eu... ah, por favor... enrijeço.

— Goze para mim, Ana — murmura ele sem fôlego, e obedeço, explodindo em volta dele ao chegar ao clímax e me dividir em um milhão de pedaços embaixo dele. E, quando goza, ele chama meu nome, se impelindo com força, depois se imobilizando ao se esvaziar em mim.

Continuo arfando, tentando acalmar minha respiração, meu coração disparado e meus pensamentos tumultuados. *Uau... isso foi incrível.* Abro os olhos, e ele está com a testa colada à minha, olhos fechados, a respiração ofegante. Christian abre os olhos e me encara com uma expressão sombria, mas meiga. Ainda está dentro de mim. Inclinando-se, me dá um beijo delicado na testa e sai de dentro de mim devagar.

— Ai. — Contraio o rosto diante da sensação desconhecida.

— Machuquei você? — pergunta Christian deitado ao meu lado, apoiado no cotovelo.

Ele prende atrás da minha orelha uma mecha que se soltou do meu cabelo. E sou obrigada a abrir um enorme sorriso.

— Você está me perguntando se me machucou?

— Eu não deixei de reparar na ironia — diz com um sorriso sardônico. — Falando sério, você está bem?

Os olhos dele são intensos, perspicazes, até exigentes.

Espreguiço-me embaixo dele, profundamente relaxada. Sorrio. Não consigo parar de sorrir. Agora entendo todo o estardalhaço. Dois orgasmos... desabar inteira, me sentir como se estivesse dentro de uma máquina de lavar, nossa. Eu não tinha ideia do que meu corpo era capaz, de ser tão contido e liberado com tanta violência, de modo tão gratificante. O prazer foi indescritível.

— Você está mordendo o lábio e não me respondeu.

Ele franze o cenho. Olho para ele, travessa. Está glorioso com aquele cabelo desgrenhado, aqueles ardentes olhos cinzentos apertados, e aquela expressão séria e sombria.

— Eu gostaria de fazer isso de novo — sussurro.

Por um momento, penso ver uma expressão de alívio lhe passar pelo rosto, antes de ele semicerrar as pálpebras e me olhar com os olhos velados.

— Gostaria agora, Srta. Steele? — pergunta secamente.

Inclina-se e me dá um beijinho no canto da boca.

— Você é uma senhorita exigente, não? Vire-se de costas.

Pisco para ele por um instante, e me viro. Ele desabotoa meu sutiã e passa as mãos pelas minhas costas até minha bunda.

— Você tem mesmo uma pele linda — murmura.

Ele faz um movimento, empurrando uma perna entre as minhas, e está deitado nas minhas costas. Sinto a pressão dos botões de sua camisa enquanto ele afasta o cabelo do meu rosto e beija meus ombros nus.

— Por que você está de camisa? — pergunto.

Ele para. Em seguida, tira a camisa, e se deita em cima de mim. Sinto sua pele quente na minha. *Humm...* a sensação é divina. Ele tem pelos dourados no peito que fazem cócegas nas minhas costas.

— Então você quer que eu te coma de novo? — sussurra ele no meu ouvido, e começa a me dar aqueles beijinhos muito de leve em volta da orelha e pelo pescoço.

Sua mão desce, roçando minha cintura, meus quadris e minha coxa até o joelho. Ele levanta mais meu joelho, e me falta ar... *O que ele está fazendo agora?* Se ajeitando entre as minhas pernas, colado nas minhas costas, e sua mão some pela minha coxa na direção da minha bunda. Ele afaga devagarinho meu rosto, e desce os dedos até entre minhas pernas.

— Vou te comer por trás, Anastasia — murmura ele, e, com a outra mão, me agarra pelo cabelo na nuca e puxa de leve, me prendendo. Não consigo mexer a cabeça. Estou imobilizada embaixo dele, sem poder fazer nada.

— Você é minha — sussurra. — Só minha. Não se esqueça disso. — Sua voz é embriagadora, suas palavras, excitantes e sedutoras. Sinto sua ereção crescente na minha coxa.

Seus dedos massageiam delicadamente meu clitóris, em lentos movimentos circulares. Gosto da sua respiração em meu rosto enquanto ele vai mordiscando devagarinho minha mandíbula.

— Você tem um cheiro divino. — Ele esfrega o nariz atrás da minha orelha. Suas mãos me massageiam em movimentos circulares. Num reflexo, meus quadris começam a se mexer, imitando o movimento da mão dele, e uma onda lancinante de prazer corre no meu sangue como adrenalina.

— Fique quieta — ordena ele, a voz meiga mas imperiosa, e enfia o polegar devagarinho dentro de mim, girando e girando, roçando a parede da minha vagina.

O efeito é enlouquecedor — toda a minha energia concentrada naquele pontinho dentro do meu corpo. Gemo.

— Gostou disso? — pergunta ele baixinho, passando os dentes na minha orelha, e começa a flexionar o polegar lentamente, para dentro e para fora... os dedos ainda em movimentos circulares.

Fecho os olhos, tentando manter a respiração sob controle, tentando absorver as sensações caóticas e desordenadas que os dedos dele estão desencadeando em mim, meu corpo pegando fogo. Gemo de novo.

— Você ficou muito molhada, bem depressa. É bastante sensível. Ah, Anastasia, eu gosto disso. Gosto muito disso — murmura.

Quero esticar as pernas, mas não consigo me mexer. Ele está me prendendo, mantendo um ritmo constante, lento e tortuoso. É absolutamente delicioso. Gemo de novo, e ele muda de posição de repente.

— Abra a boca — ordena, e mete o polegar na minha boca.

Arregalo os olhos, pestanejando loucamente.

— Sinta o seu gosto — diz ele baixinho no meu ouvido. — Chupa.

Seu polegar pressiona minha língua, e fecho a boca, chupando-o freneticamente. Provo o gosto salgado do seu polegar e o leve travo metálico do sangue. *Putá merda*. Isso é errado, mas, puta que pariu, é erótico.

— Quero foder a sua boca, Anastasia, e vou fazer isso daqui a pouco — ele fala com uma voz rouca, áspera, a respiração mais

irregular.

Foder a minha boca!, gemo, e mordo o lábio. Ele arqueja, e puxa meu cabelo com mais força. Dói, e eu o solto.

— Menina sacana, gostosa — murmura ele, e se estica para pegar um envelope de papel laminado na mesa de cabeceira. — Fique quietinha, sem se mexer — ordena ao soltar meu cabelo.

Abre o envelope enquanto estou respirando forte, o sangue correndo rápido em minhas veias. A expectativa é estimulante. Ele torna a pôr o peso todo em cima de mim, e agarra meu cabelo, imobilizando minha cabeça. Não consigo me mexer. Ele me capturou de uma forma tentadora, e está posicionado, pronto para me comer de novo.

— Vamos muito devagar dessa vez, Anastasia — sussurra ele.

E, lentamente, me penetra, bem devagar, até estar todo dentro de mim. Aumentando e me ocupando, implacável. Solto um gemido alto. Agora a sensação vai mais fundo, deliciosa. Torno a gemer, e ele mexe os quadris deliberadamente num movimento circular e se retira, faz uma pausa e torna a meter. Repete o movimento várias vezes. Está me levando à loucura, aquelas estocadas provocantes, lentas e calculadas, e a sensação intermitente de completude é avassaladora.

— Você é muito gostosa — repete ele, e minhas entranhas começam a estremecer. Ele sai e espera. — Ah não, ainda não — sussurra, e, conforme o estremecimento vai cessando, recomeça todo o processo.

— Oh, por favor — imploro. Não sei ao certo se consigo aguentar muito mais. Meu corpo está todo tenso, implorando pelo relaxamento.

— Quero machucar você, baby — murmura ele, e continua aquele doce tormento, sem pressa, indo e vindo. — Cada vez que você se mexer amanhã, quero que se lembre que estive aí. Só eu. Você é minha.

Gemo.

— Por favor, Christian — sussurro.

— O que você quer, Anastasia? Diga.

Gemo de novo. Ele se retira e torna a me penetrar lentamente, mexendo de novo os quadris em movimentos circulares.

— Diga — ele pede.

— Você, por favor.

Ele aumenta imperceptivelmente o ritmo, e sua respiração fica mais irregular. Começo a sentir espasmos, e Christian acelera.

— Você. É. Muito. Gostosa — murmura ele entre uma estocada e outra. — Eu. Quero. Você. Muito.

Gemo.

— Você. É. Minha. Goza para mim, baby — grunhe ele.

Suas palavras são a minha perdição, empurrando-me no abismo. Meu corpo estremece em volta dele, e eu gozo, ruidosamente, gritando com a boca no colchão uma versão engrolada do nome dele. Christian segue com duas estocadas secas, e para, se derramando dentro de mim ao gozar. Desaba em cima de mim, o rosto no meu cabelo.

— Porra. Ana — sussurra ele, e se retira de mim imediatamente, rolando para o lado da cama.

Puxo os joelhos até o peito, totalmente esgotada, e imediatamente apago ou desmaio, caindo num sono exausto.

* * *

QUANDO ACORDO, AINDA está escuro. Não tenho ideia de quanto tempo dormi. Espreguiço-me embaixo do edredom, e me sinto dolorida, deliciosamente dolorida. Christian não está por perto. Sento-me na cama, observando a silhueta da cidade diante de mim. Há menos luzes acesas nos arranha-céus, e a aurora começa a se anunciar no leste. Ouço música. As notas cadenciadas do piano, um lamento triste e doce. Bach, acho eu, mas não tenho certeza.

Enrolo-me no edredom e vou de mansinho para o salão. Christian está ao piano, completamente absorto na melodia. Tem uma expressão triste e desolada, como a música. Sua interpretação é espantosa. Encosto na parede da entrada, e fico ouvindo, embevecida. Ele é um músico muito talentoso. Está nu, o corpo banhado pela luz quente de uma luminária ao lado do piano. Com o resto da sala às escuras, é como se estivesse em seu pequeno foco de luz isolado, intocável... sozinho dentro de uma bolha.

Vou de mansinho em sua direção, incitada pela música sublime e melancólica. Sinto-me mesmerizada, observando seus dedos esguios e habilidosos encontrarem e pressionarem as teclas com delicadeza, pensando em como esses mesmos dedos lidaram com meu corpo e o acariciaram com destreza. Enrubesço e suspiro com a lembrança, e aperto as coxas. Ele ergue os olhos, aqueles seus insondáveis olhos cinzentos brilhando, a expressão misteriosa.

— Desculpe — murmuro. — Não queria atrapalhar.

Ele franze o cenho.

— Com certeza, eu que devia estar dizendo isso para você — murmura ele.

Ele acaba de tocar e põe as mãos sobre as pernas.

Vejo agora que está vestindo calça de pijama. Corre os dedos pelo cabelo e se levanta. Usa as calças caídas nos quadris, daquele jeito... *minha nossa*. Fico com a boca seca quando ele displicentemente dá a volta no piano e vem na minha direção. Tem ombros largos, quadris estreitos, e seus músculos abdominais ondulam quando anda. Ele é mesmo um espanto.

— Você devia estar na cama — adverte.

— Essa foi uma peça linda. Bach?

— Transcrição de Bach, mas originalmente um concerto para oboé de Alessandro Marcello.

— É deslumbrante, mas bastante triste, uma melodia muito melancólica.

Ele dá um sorrisinho.

— Para a cama — ordena. — Você vai estar exausta de manhã.

— Acordei e você não estava no quarto.

— Tenho dificuldade de dormir, e não estou acostumado a dormir com alguém — murmura ele.

Não consigo entender seu estado de espírito. Ele parece meio abatido, mas é difícil dizer no escuro. Talvez fosse o tom da peça que estava tocando. Passa o braço em volta de mim e me acompanha gentilmente de volta ao quarto.

— Há quanto tempo você pratica? Toca lindamente.

— Desde os seis anos.

— Ah.

Christian com seis anos... visualizo a imagem de um lindo garotinho de cabelo cor de cobre e olhos cinzentos, e meu coração se derrete — um garotinho cabeludo que gosta de música triste.

— Como está se sentindo? — pergunta ele quando chegamos ao quarto. Ele acende a lâmpada de cabeceira.

— Estou bem.

Ambos olhamos ao mesmo tempo para a cama. Há sangue nos lençóis — prova da perda da minha virgindade. Enrubesco, sem jeito, me enrolando mais no edredom.

— Bem, isso vai dar à Sra. Jones o que pensar — murmura Christian parado à minha frente.

Ele segura meu queixo, inclinando minha cabeça para trás, e fica me olhando. Examina meu rosto com um olhar intenso. Percebo que ainda não tinha visto seu peito nu. Instintivamente, estico a mão para passar os dedos nos pelos de seu tórax. Na mesma hora, ele recua, evitando o contato.

— Deite na cama — diz bruscamente. Sua voz fica mais doce. — Vou deitar com você.

Abaixo a mão e franzo o cenho. Acho que ainda não toquei em seu torso. Ele pega uma camisa na gaveta e a veste depressa.

— Para a cama — torna a ordenar.

Volto para a cama, tentando não pensar no sangue. Ele deita ao meu lado e me aconchega, abraçando-me por trás. Beija meu cabelo com delicadeza e funga.

— Durma, doce Anastasia — murmura, e fecho os olhos, mas não posso deixar de sentir uma ponta de melancolia, seja por causa da música, seja pelo comportamento dele. Christian Grey tem um lado triste.

CAPÍTULO NOVE

A luz inunda o quarto, tirando-me de um sono profundo até eu despertar. Espreguiço-me e abro os olhos. É uma linda manhã de maio, Seattle aos meus pés. Uau, que vista. A meu lado, Christian Grey dorme profundamente. Uau, que vista. Estou surpresa que ele ainda esteja na cama. Está de frente para mim, e tenho a oportunidade inédita de estudá-lo. Seu belo rosto parece mais jovem, relaxado pelo sono. Seus lábios carnudos e esculturais estão ligeiramente entreabertos, e seu cabelo limpo e brilhoso está gloriosamente bagunçado. Deveria ser proibido por lei alguém ser tão bonito assim. Penso no quarto lá em cima... talvez ele não ande dentro da lei, mesmo. Balanço a cabeça, tenho muita coisa em que pensar. É tentador esticar o braço e tocar nele, mas, como um bebê, ele é uma graça quando está dormindo. Não tenho que me preocupar com o que eu digo, com o que ele diz, nem com os planos que ele tem, especialmente com os planos que tem para mim.

Eu poderia passar o dia inteiro olhando para ele, mas tenho necessidades — necessidades fisiológicas. Deslizando da cama, encontro a camisa branca dele no chão e visto-a. Saio por uma porta pensando que poderia ser a do banheiro, mas entro num amplo closet, do tamanho do meu quarto. Fileiras e fileiras de ternos, camisas, sapatos e gravatas caros. Como alguém pode precisar de tanta roupa? Dou um suspiro de desaprovação. Na verdade, o guarda-roupa de Kate deve rivalizar com este. Kate! *Ah, não.* Não pensei nela a noite inteira. Era para eu ter lhe mandado uma mensagem. Merda. Vou arranjar problema. Pergunto-me como devem estar as coisas entre ela e Elliot.

Volto para o quarto e Christian continua dormindo. Tento a outra porta. É o banheiro, e é maior que o meu quarto. Por que um homem sozinho precisa de tanto espaço? Duas pias, reparo com

ironia. Já que ele não dorme com ninguém, uma delas nunca deve ter sido usada.

Olho-me no espelho gigantesco em cima das pias. Será que estou diferente? Sinto-me diferente. Um pouco dolorida, para dizer a verdade, e meus músculos — nossa, é como se eu nunca tivesse feito um exercício na vida. *Você nunca fez um exercício na vida.* Meu inconsciente acordou. Está me olhando com os lábios contraídos, batendo o pé. *Então, você acabou de dormir com ele, de entregar sua virgindade a ele, um homem que não a ama. Aliás, ele tem ideias muito estranhas a seu respeito, quer fazer de você uma espécie de submissa.*

ESTÁ MALUCA?, grita comigo.

Faço uma careta ao me olhar no espelho. Vou ter que processar isso tudo. Honestamente, não tem cabimento me apaixonar por um homem deslumbrante, mais rico que Creso, o último rei da Lídia, que tem um Quarto Vermelho da Dor à minha espera. Estremeço. Estou perturbada e confusa. Meu cabelo está rebelde como sempre. Esse cabelo pós-foda não me cai bem. Tento pôr ordem no caos com os dedos, mas falho completamente e desisto — talvez eu encontre uma presilha na bolsa.

Estou faminta. Volto para o quarto. O belo adormecido continua dormindo, então, deixo-o e vou para a cozinha.

Ah, não... Kate. Deixei a bolsa no escritório de Christian. Vou até lá pegá-la e trago o celular. Três mensagens de texto.

Vc tá bem Ana?

Kd vc Ana?

Droga Ana

Ligo para Kate. Quando ela não atende, deixo uma mensagem para lhe dizer que estou viva e não sucumbi ao Barba Azul, bem, não do jeito que a deixaria preocupada — *ou quem sabe eu tenha sucumbido.* Ah, isso é muito confuso. Tenho que tentar avaliar e analisar meus sentimentos por Christian Grey. Trata-se de uma tarefa impossível. Balanço a cabeça, derrotada. Preciso de um tempo sozinha, longe daqui, para pensar.

Encontro duas presilhas na bolsa e rapidamente faço marias-chiquinhas. Sim! Quanto mais eu me parecer com uma garotinha,

mais protegida talvez eu fique do Barba Azul. Pego o meu iPod e ponho os fones de ouvido. Não há nada como cozinhar com música. Enfio o aparelho no bolso da camisa de Christian, aumento o volume e começo a dançar.

Caramba, estou com fome.

A cozinha dele é intimidadora. É muito elegante e moderna, e os armários não têm puxadores. Levo alguns segundos para deduzir que tenho que pressionar as portas para abri-las. Talvez eu deva preparar um café da manhã para Christian. Ele estava comendo uma omelete outro dia... hã, ontem, no Heathman. Nossa, tanta coisa aconteceu desde então. Olho a geladeira, onde há vários ovos, e decido fazer panquecas com bacon. Começo a fazer a massa, dançando pela cozinha.

É bom estar ocupada. Há brecha para pensar, mas nada muito profundo. A música alta em meus ouvidos também ajuda a evitar grandes reflexões. Vim aqui para passar a noite na cama de Christian Grey e consegui, embora ele não admita ninguém na cama dele. Sorrio, missão cumprida. Mandeï bem. Dou uma risadinha. Mandeï muito bem, e me distraio com a lembrança da noite passada. As palavras, o corpo dele, o seu jeito de fazer amor... Fecho os olhos enquanto meu corpo cantarola ao se lembrar, e meus músculos se contraem deliciosamente no fundo do meu ventre. Meu inconsciente me repreende... *Ele fode — não faz amor*, grita para mim como um gavião. Finjo que não ouço, mas, no fundo, sei que ele tem razão. Balanço a cabeça para me concentrar na comida.

Há um fogão de primeiríssima linha. Acho que já peguei a manha dele. Preciso de algum lugar para manter as panquecas aquecidas, e então começo com o bacon. Amy Studt está cantando no meu ouvido sobre os desajustados. Essa canção costumava significar muito para mim. Porque sou uma desajustada. Nunca me encaixei em lugar algum e agora... Tenho uma proposta indecente do Rei dos Desajustados para considerar. Por que ele é assim? Natureza ou criação? Isso é muito diferente de tudo que conheço.

Ponho o bacon no grill e, enquanto ele frita, bato uns ovos. Viro-me e vejo Christian sentado num dos bancos do balcão da cozinha, debruçado ali, o rosto apoiado nas mãos. Ainda está vestindo a

camiseta com que dormiu. O cabelo pós-foda fica muito bem nele, assim como a barba por fazer. Ele olha para mim, divertido e perplexo. Fico paralisada, enrubesço, então me recupero e tiro os fones de ouvido, as pernas bambas ao vê-lo.

— Bom dia, Srta. Steele. Você está cheia de energia hoje — diz ele secamente.

— E-eu dormi bem — explico, gaguejando.

Seus lábios tentam disfarçar o sorriso.

— Não consigo imaginar por quê. — Ele se cala e franze a testa.

— Eu também dormi bem depois que voltei para a cama.

— Está com fome?

— Muita — diz ele com um olhar intenso, e desconfio que não esteja se referindo à comida.

— Panquecas, ovos e bacon?

— Está ótimo.

— Não sei onde você guarda seus descansos de prato.

Dou de ombros, tentando desesperadamente não parecer nervosa.

— Eu faço isso. Você cozinha. Quer que eu ponha uma música para você continuar a sua... hã... dança?

Olho para os meus dedos, sabendo que estou corando.

— Por favor, não pare por minha causa. É muito divertido. — O tom dele é de deboche.

Contraio os lábios. Divertido, é? Meu inconsciente morreu de rir de mim. Dou meia volta e continuo batendo os ovos, provavelmente um pouco mais forte que o necessário. Num instante, ele está ao meu lado. Puxa com delicadeza a minha maria-chiquinha.

— Adoro esse penteado — murmura. — Ele não vai proteger você.

Hum, Barba Azul...

— Como você gosta dos ovos? — pergunto asperamente.

Ele sorri.

— Bem batidos e mexidos — diz com cara de bobo.

Volto ao que eu estava fazendo, tentando disfarçar o sorriso. É difícil ficar com raiva dele. Especialmente quando ele está sendo tão atipicamente brincalhão. Ele abre uma gaveta e tira dois descansos de prato de ardósia preta e os coloca sobre o balcão da cozinha.

Ponho a mistura de ovos numa panela, pego o bacon, incorporo-o à mistura, e levo de novo ao grill.

Quando me viro, há suco de laranja na mesa, e ele está fazendo café.

— Quer chá?

— Sim, por favor. Se tiver.

Encontro dois pratos e coloco-os na chapa quente do fogão. Christian abre o armário e pega uma caixa de chá Twinings English Breakfast. Contraio os lábios.

— Fui um problema relativamente fácil de resolver, não?

— Você? Não sei bem se já resolvemos alguma coisa, Srta. Steele — diz ele.

O que ele quer dizer com isso? Nossas negociações? Nosso, hã... relacionamento... seja lá qual for? Ele continua muito enigmático. Sirvo o café em pratos aquecidos e coloco-os sobre os descansos. Procuro na geladeira e encontro *maple syrup*.

Olho para Christian, e ele está esperando que eu me sente.

— Srta. Steele. — Ele indica um dos bancos do balcão.

— Sr. Grey — agradeço com um gesto de cabeça.

Ao me sentar no banco alto, faço uma careta.

— Quão dolorida você está? — pergunta ele ao sentar-se.

Fico vermelha. *Por que ele faz essas perguntas íntimas?*

— Bem, para ser honesta, não tenho com que comparar isso — digo secamente. — Está se desculpando? — pergunto com gentileza demais.

Acho que ele está tentando conter um sorriso, mas não dá para ter certeza.

— Não. Eu me perguntava se devíamos continuar com seu treinamento básico.

— Ah. — Olho perplexa para ele. Paro de respirar e tudo dentro de mim se comprime. *Hum... isso é bom.* Suprimo o gemido.

— Coma, Anastasia.

Meu apetite fica duvidoso de novo... mais... mais sexo... sim, por favor.

— Isso está delicioso, por sinal. — Ele sorri para mim.

Provo uma garfada de omelete, mas quase não consigo sentir o gosto. Treinamento básico! *Quero foder a sua boca.* Será que isso

faz parte do treinamento básico?

— Pare de morder o lábio. Isso me distrai muito, e por acaso sei que você não está usando nada por baixo da minha camisa, o que faz com que isso me distraia ainda mais.

Mergulho o saquinho de chá no pequeno bule que Christian providenciou. Estou atordoada.

— Que tipo de treinamento básico você tem em mente? — pergunto, a voz num tom ligeiramente agudo demais, traindo o meu desejo de soar tão natural, desinteressada e calma quanto possível, com os hormônios fazendo estragos pelo meu corpo.

— Bem, já que você está dolorida, pensei que poderíamos nos ater a habilidades orais.

Engasgo com o chá e olho para ele, boquiaberta, olhos arregalados. Ele bate delicadamente nas minhas costas e me passa o suco de laranja. Não faço ideia do que ele está pensando.

— Isto é, se você quiser ficar — acrescenta.

Olho para ele, tentando recuperar o equilíbrio. Sua expressão é misteriosa. Isso é muito frustrante.

— Eu gostaria de ficar por hoje. Se não tiver problema. Tenho que trabalhar amanhã.

— A que horas você tem que estar no trabalho amanhã?

— Às nove.

— Eu deixo você no trabalho amanhã às nove.

Franzo a testa. *Será que ele quer que eu fique mais uma noite?*

— Tenho que ir para casa hoje à noite. Preciso de roupas limpas.

— Podemos lhe arranjar umas aqui.

Não tenho dinheiro sobrando para gastar em roupas. Ele levanta a mão e segura meu queixo, puxando-o e fazendo com que meus dentes soltem meu lábio. Nem percebi que eu estava mordendo-o.

— O que foi? — pergunta ele.

— Preciso estar em casa hoje à noite.

Sua boca está contraída.

— Tudo bem, hoje à noite — ele concorda. — Agora, acabe de comer.

Meus pensamentos e meu estômago estão agitados. Meu apetite desapareceu. Olho para o prato quase intocado. Simplesmente não estou com fome.

— Coma, Anastasia. Você não comeu ontem à noite.

— Eu realmente não estou com fome — sussurro.

Ele estreita os olhos.

— Eu realmente gostaria que você terminasse o que tem no prato.

— Qual seu problema com a comida? — pergunto sem pensar.

Ele faz uma expressão contrariada.

— Eu já disse. Não gosto de desperdício de comida. Coma — diz ele secamente. Seus olhos estão sombrios, aflitos.

Putá merda. O que é isso? Pego o garfo e como lentamente, tentando mastigar. Preciso me lembrar de não encher tanto o prato, para o caso de ele ficar estranho por causa de comida. A expressão dele relaxa à medida que eu vou terminando lentamente o meu café da manhã. Noto que ele não deixa uma migalha no prato. Espera eu terminar, e então retira meu prato.

— Você cozinhou, eu tiro a mesa.

— É muito democrático.

— É. — Ele franze a testa. — Não é meu estilo. Depois que eu fizer isso, vamos tomar um banho de banheira.

— Ah, ok.

Nossa... Eu preferia mil vezes tomar um banho de chuveiro. Meu celular toca, interrompendo meu devaneio. É Kate.

— Oi.

Vou até as portas de vidro da varanda, para longe dele.

— Ana, por que não me mandou uma mensagem ontem à noite?

— Ela está zangada.

— Desculpe. Fui surpreendida pelos acontecimentos.

— Você está bem?

— Estou, sim.

— Você transou?

Ela está à cata de informações. Reviro os olhos diante do tom esperançoso da voz dela.

— Kate, não quero falar pelo telefone. — Christian olha para mim.

— Você transou... Já vi tudo.

Como assim ela já viu tudo? Está blefando, e não posso falar desse assunto. Assinei o raio de um pacto.

— Kate, por favor.

— Como foi? Você está bem?

— Já disse que estou bem.

— Ele foi delicado?

— Kate, por favor! — Não consigo disfarçar a exasperação.

— Ana, não me esconda nada. Ando esperando por esse dia há quase quatro anos.

— A gente se vê à noite. — Desligo.

Vai ser difícil resolver isso. Ela é muito tenaz, quer saber detalhes, e não posso lhe contar porque assinei um... como é mesmo o nome? Termo de confidencialidade. Ela vai surtar, com razão, portanto, preciso de um plano. Volto a observar Christian circular com elegância pela cozinha.

— O termo de confidencialidade, será que ele cobre tudo? — pergunto timidamente.

— Por quê?

Ele se vira para mim enquanto guarda a caixa de chá. Fico vermelha.

— Bem, tenho umas perguntas, sabe, sobre sexo. — Fico olhando para meus dedos. — E gostaria de fazê-las a Kate.

— Você pode perguntar para mim.

— Christian, com todo o respeito... — Minha voz falha. *Não posso perguntar a você.* Vou ter como respostas sua visão enviesada, sacana e distorcida do sexo. Quero uma opinião imparcial. — É só sobre a mecânica da coisa. Não vou mencionar o Quarto Vermelho da Dor.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Quarto Vermelho da Dor? O quarto tem mais a ver com prazer, Anastasia. Pode acreditar — diz ele. — Além do mais — usa um tom mais áspero —, sua amiga está trepando com meu irmão. Eu realmente acharia melhor que você não perguntasse nada a ela.

— Sua família sabe da sua... hum, predileção?

— Não. Não é da conta deles. — Ele vem andando até parar na minha frente. — O que você quer saber? — pergunta, correndo os dedos de leve no meu rosto até o queixo, inclinando minha cabeça para trás para poder me olhar nos olhos. Fico com vergonha. Não consigo mentir para esse homem.

— Nada de específico no momento — sussurro.

— Bem, podemos começar com: como foi a noite de ontem para você?

Seus olhos ardem de curiosidade. *Ele está louco para saber. Uau.*

— Foi boa — murmuro.

Ele dá um sorrisinho.

— Para mim também — concorda ele. — Eu nunca tinha feito sexo baunilha. Tem suas vantagens. Mas vai ver que é por ser com você.

Ele passa o polegar no meu lábio inferior.

Respiro fundo. *Sexo baunilha?*

— Venha, vamos tomar um banho de banheira.

Ele se inclina e me beija. Meu coração dispara e o desejo se acumula bem... *lá embaixo.*

* * *

A BANHEIRA É feita de pedra branca, funda e oval, muito sofisticada. Christian se abaixa e abre a torneira na parede azulejada para enchê-la, e acrescenta à água um óleo de banho que parece caro. A água espuma à medida que a banheira enche, liberando um perfume doce e quente de jasmim. Ele se levanta e me olha, os olhos sombrios, depois tira a camisa e a joga no chão.

— Srta. Steele. — Ele estende a mão.

Estou parada no vão da porta, olhos arregalados e cautelosa, os braços em volta do corpo. Adianto-me, admirando discretamente seu físico. Pego a mão dele, e ele me convida a entrar na banheira enquanto ainda estou com sua camisa. Obedeço. Vou ter que me acostumar a isso quando aceitar sua oferta ultrajante... *se eu aceitar!* A água está bem quentinha.

— Vire-se, olhe para mim — ordena ele com a voz suave.

Obedeço. Ele me observa com atenção.

— Sei que este lábio é delicioso, e já pude comprovar, mas poderia parar de mordê-lo? — diz ele com os dentes cerrados. — Quando você morde, me dá vontade de foder, e você está dolorida, ok?

Automaticamente arquejo, soltando o lábio, chocada.

— Muito bem — provoca ele. — Conseguiu entender?

Ele me fuzila com os olhos. Balanço freneticamente a cabeça, assentindo. *Eu não tinha ideia de que isso o afetava tanto.*

— Ótimo.

Ele estica o braço, tira o iPod do bolso da camisa e o coloca ao lado da pia.

— Água e iPod não é uma combinação inteligente — murmura.

Ele se abaixa, segura a camisa pela parte de baixo, retira-a pela minha cabeça e a joga no chão.

Recua para me olhar. *Estou completamente nua.* Fico vermelha e olho para as mãos na altura do meu baixo ventre, querendo desesperadamente sumir na espuma dentro da água quente, mas sei que ele não vai querer isso.

— Ei — ele me chama. Olho para ele, que está com a cabeça inclinada para o lado. — Anastasia, você é uma mulher muito bonita. Não abaixe a cabeça como se estivesse envergonhada. Você não tem do que se envergonhar, e é uma verdadeira alegria estar aqui olhando para você.

Ele segura meu queixo e levanta minha cabeça para eu encará-lo. Os olhos de Christian estão meigos e carinhosos, até excitados. Ele está muito perto. Bastaria eu esticar o braço para tocar nele.

— Pode se sentar agora.

Ele interrompe meus pensamentos dispersos, e entro correndo na água quente e convidativa. Aah... a água pinica e isso me pega de surpresa, mas tem um perfume divino, também. A dor inicial logo passa. Deito-me e fecho os olhos por um instante, relaxando naquela quentura calmante. Quando os abro, ele está me olhando.

— Por que não se junta a mim? — pergunto, corajosamente, acho eu, a voz rouca.

— Acho que vou fazer isso. Chegue para a frente — ordena.

Ele retira a calça do pijama e entra atrás de mim. A água sobe quando ele se senta e me puxa contra o peito. Coloca as pernas compridas sobre as minhas, os joelhos dobrados e os tornozelos na altura dos meus, e afasta os pés, abrindo minhas pernas. Arquejo, espantada. Seu nariz está no meu cabelo e aspira profundamente.

— Você é muito cheirosa, Anastasia.

Um tremor percorre todo o meu corpo. *Estou nua numa banheira com Christian Grey. Ele está nu.* Se alguém me dissesse que eu faria isso quando acordei na suíte dele no hotel ontem, eu não acreditaria.

Ele pega um vidro de sabonete líquido da prateleira embutida ao lado da banheira e espreme uma quantidade na mão. Esfrega uma mão na outra, fazendo uma espuma macia, encosta as duas mãos no meu pescoço e começa a me ensaboar até os ombros com seus dedos longos e fortes. Suspiro. O toque de suas mãos faz eu me sentir muito bem.

— Está gostando? — Quase posso ouvir seu sorriso.

— Hum.

Ele esfrega meus braços, depois vai para as axilas, lavando-as delicadamente. Ainda bem que Kate insistiu para que eu me raspasse. As mãos dele deslizam nos meus seios, e respiro fundo quando seus dedos os rodeiam e começam a massageá-los de maneira delicada, mas firme. Arqueio o corpo instintivamente, pressionando os seios nas mãos dele. Meus mamilos estão doloridos, muito doloridos, sem dúvida devido ao tratamento nada delicado que receberam ontem à noite. Ele não se demora muito e desliza as mãos para minha barriga. Minha respiração acelera e meu coração dispara. Sua ereção me pressiona por trás. Dá muito tesão saber que é meu corpo que faz com que ele se sinta assim. *Rá... não o seu cérebro*, desdenha meu inconsciente. Descarto o pensamento inoportuno.

Ele para e pega uma esponja enquanto ofego encostada nele, desejando-o... precisando dele. Minhas mãos descansam em suas coxas firmes e musculosas. Ele coloca mais sabonete na esponja e se inclina para lavar entre minhas pernas. Prendo a respiração. Os dedos dele me estimulando através da trama da esponja, isso é divino, e meus quadris começam a mexer em seu próprio ritmo, pressionando a mão dele. À medida que as sensações tomam conta de mim, inclino a cabeça para trás, revirando os olhos, a boca entreaberta, e gemo. A pressão está aumentando lenta e inexoravelmente dentro de mim... *ai, meu Deus*.

— Assim, mesmo, baby. — Christian sussurra no meu ouvido, e com muita delicadeza, morde o lóbulo da minha orelha. — Faça

assim para mim.

Minhas pernas estão imprensadas pelas dele na lateral da banheira, permitindo-lhe fácil acesso às minhas partes mais íntimas.

— Ah... por favor — suspiro. Tento esticar as pernas enquanto meu corpo se enrijece. Estou num estado de submissão sexual total, e ele não permite que eu me mexa.

— Acho que agora você já está suficientemente limpa — diz ele, e para.

O quê! Não! Não! Não! Minha respiração é entrecortada.

— Por que você parou? — suspiro.

— Porque tenho outros planos para você, Anastasia.

O quê... ai, meu Deus... mas... eu estava... isso não é justo.

— Vire-se para mim. Eu também preciso ser esfregado — murmura ele.

Ah! Virando-me, fico chocada ao ver que ele está segurando firme seu pau. Meu queixo cai.

— Quero que você conheça, que fique íntima da minha parte preferida e mais prezada do meu corpo. Sou muito ligado a ela.

É tão grande e ainda está aumentando. Ultrapassa a linha da água, que bate em seu quadril. Olho para ele e fico cara a cara com seu sorriso malicioso. Ele está se divertindo com minha expressão de espanto. Percebo que estou olhando fixo. Engulo em seco. *Isso estava dentro de mim!* Parece impossível. Ele quer que eu toque nele. *Hum...* tudo bem, vamos lá.

Sorrio, pego o sabonete líquido, e coloco um pouco na mão. Faço como ele fez, esfregando o líquido até ficar com as mãos cheias de espuma. Não tiro os olhos dele. Meus lábios estão entreabertos para respirar melhor... de propósito, mordo delicadamente o lábio inferior e corro a língua por ele, localizando o ponto que meus dentes apertavam. Seus olhos estão sérios e sombrios, e se arregalam à medida que passo a língua no lábio inferior. Estico o braço e envolvo-o com as mãos, imitando o jeito que ele segura. Ele fecha os olhos um instante. Nossa... está muito mais duro do que eu esperava. Aperto, e ele põe a mão em cima da minha.

— Assim — sussurra, e mexe a mão para cima e para baixo, pressionando com firmeza meus dedos, que o apertam com mais

força. Ele fecha os olhos de novo, e sua respiração fica presa na garganta. Quando torna a abri-los, vejo um olhar abrasador. — Isso mesmo.

Ele solta minha mão, deixando que eu continue sozinha, e fecha os olhos; eu faço aquele movimento de vaivém nele todo. Ele mexe o quadril, pressionando ligeiramente minhas mãos, e eu automaticamente o aperto mais. Um gemido gutural escapa de dentro dele. *Foder a minha boca... hum*. Eu me lembro dele enfiando o polegar na minha boca e pedindo para eu chupar com força. Ele abre a boca quando sua respiração fica mais intensa. Inclino-me para a frente, enquanto ele ainda mantém os olhos fechados, envolvo-o com os lábios e chupo timidamente, passando a língua na pontinha.

— Hum... Ana.

Ele arregala os olhos, e eu chupo com mais força.

— Hum...

É duro e macio ao mesmo tempo, como aço revestido de veludo, e surpreendentemente gostoso. Salgado e suave.

— Nossa — geme ele, fechando os olhos de novo.

Eu me abaixo e o enfio na boca. Ele geme de novo. *Rá!* Minha deusa interior está elétrica. Posso fazer isso. Posso *fodê-lo* com a boca. Giro a língua pela pontinha de novo, e ele flexiona e levanta os quadris. Está com os olhos abertos agora, excitadíssimos. Seus dentes estão cerrados e ele continua o movimento de vaivém, eu o enfio mais ainda na boca, apoiando-me em suas coxas. Sinto suas pernas tensas embaixo das minhas mãos. Ele me agarra pelas marias-chiquinhas e começa a se mexer de verdade.

— Ai... que gostoso — murmura. Chupo com mais força, passando a língua pela cabeça de seu pau impressionante. Protegendo os dentes com os lábios, aperto a boca em volta dele. Ele sibila ao respirar com os dentes cerrados, e geme. — Nossa. Até onde você aguenta? — pergunta.

Hum... Enfio-o mais fundo ainda na boca, assim posso senti-lo até a garganta, e então novamente nos meus lábios. Minha língua gira em volta da cabeça. Ele é como um pirulito sabor Christian Grey, só meu e de mais ninguém. Chupo cada vez com mais força, enfiando-o mais e mais fundo, movimentando a língua em volta

dele. *Hum...* Eu não tinha ideia que dar prazer podia provocar tanto tesão, vê-lo se contorcer sutilmente de desejo. Minha deusa interior está dançando merengue com passos de salsa.

— Anastasia, vou gozar na sua boca — seu tom ofegante é um sinal de alerta. — Se não quiser que eu goze, pare agora.

Ele mexe os quadris de novo, com os olhos arregalados, cautelosos, cheios de lascívia e desejo — ele me deseja. Deseja a minha boca... *nossa*.

As mãos dele estão segurando meu cabelo. Posso fazer isso. Pressiono com mais força ainda, e, num momento de extraordinária confiança, mostro os dentes. Isso o derruba. Ele grita e fica imóvel, e sinto o líquido quente e salgado descendo pela minha garganta. Engulo depressa. Argh... Não estou segura quanto a isso. Mas basta olhar para ele, e não ligo — ele desmontou na banheira por minha causa. Sento-me e o observo, um sorriso triunfante de satisfação estampado no rosto. Sua respiração está entrecortada. Ele abre os olhos e me fita.

— Você não engasga? — pergunta ele, espantado. — Meu Deus, Ana... isso foi gostoso, muito gostoso. Embora inesperado. — Ele franze a testa. — Sabe, você está sempre me surpreendendo.

Sorrio, e conscientemente mordo o lábio. Ele me olha, especulando.

— Já fez isso antes?

— Não.

E não posso deixar de sentir uma pontinha de prazer com a negação.

— Ótimo — diz ele complacente e, acho eu, aliviado. — Mais uma primeira vez, Srta. Steele. — Ele me avalia — Bem, você ganhou a nota máxima em habilidades orais. Venha, vamos para a cama, estou lhe devendo um orgasmo.

Orgasmo! Mais um!

Rapidamente, ele sai da banheira, presenteando-me com minha primeira visão completa do Adônis, do deus grego que é Christian Grey. Minha deusa interior parou de dançar e está olhando também, boquiaberta e ligeiramente babando. Sua ereção está domada, mas ainda é substancial... Uau. Ele enrola uma pequena toalha na cintura, cobrindo o essencial, e me estende uma toalha maior e

macia. Saindo da banheira, pego a mão que me estende. Ele me enrola na toalha, me puxa para seus braços, e me beija com força, enfiando a língua na minha boca, e fico com a sensação de que talvez esteja manifestando sua gratidão pelo meu primeiro boquete. *Uau.*

Ele se afasta, as mãos no meu rosto, olhando atentamente em meus olhos. Parece perdido.

— Aceite — sussurra com ardor.

Franzo a testa, sem entender.

— O quê?

— Nosso acordo. Ser minha. Por favor, Ana — murmura, implorando, enfatizando a última palavra e meu nome. Torna a me beijar com doçura e paixão antes de recuar e me olhar, piscando ligeiramente. Pega minha mão e me leva de novo para o quarto, e eu o sigo mansamente, trôpega. Pasma. *Ele quer mesmo isso.*

No quarto, ele me olha enquanto estamos parados ao lado da cama.

— Você confia em mim? — pergunta de repente.

Faço que sim com a cabeça, espantada ao me dar conta de que confio nele, sim. *O que ele vai fazer comigo agora?* Sinto uma onda de eletricidade me percorrer.

— Boa garota — diz, passando o polegar no meu lábio inferior.

Entra no closet e volta com uma gravata de jacquard de seda cinza prateada.

— Junte as mãos na frente do corpo — ordena ao tirar a toalha que me cobre e jogá-la no chão.

Faço o que ele pede, e ele amarra meus pulsos com a gravata, apertando bem. Seus olhos brilham de excitação. Ele puxa o nó. Está firme. *Deve ter sido escoteiro para ter aprendido esse nó.* E agora? Minha pulsação está lá nas alturas, meu coração palpitando num ritmo frenético. Ele corre os dedos pelas minhas marias-chiquinhas.

— Você parece uma garotinha com esse penteado — murmura, e se adianta.

Instintivamente, recuo até sentir a cama bater na dobra dos meus joelhos. Ele deixa cair sua toalha, mas não consigo tirar os olhos de seu rosto. A expressão dele é ardente, cheia de desejo.

— Ah, Anastasia, o que devo fazer com você? — pergunta ele ao me deitar na cama, deitando-se ao meu lado e levantando minhas mãos acima da cabeça. — Fique com as mãos nessa posição, sem abaixar, entendeu?

Seus olhos queimam os meus, e a intensidade me tira o fôlego. Este não é um homem que eu queira contrariar... nunca.

— Responda — exige ele, a voz macia.

— Não vou mexer as mãos. — Mal consigo respirar.

— Boa garota — murmura, e calculadamente lambe os lábios devagar.

Fico hipnotizada pela língua dele passando lentamente no lábio superior. Ele me olha nos olhos, observando, avaliando. Então se abaixa e me dá um beijo casto.

— Vou beijar você todinha, Srta. Steele — diz baixinho, e pega meu queixo, forçando-o para cima, o que lhe dá acesso ao meu pescoço. Seus lábios deslizam, beijando, chupando e mordendo de leve até a pequena depressão na base do pescoço. Meu corpo está alerta... todo ele. Aquela experiência do banho me deixou com a pele hipersensível. Meu sangue excitado se concentra no meu baixo ventre, entre as pernas, bem *ali embaixo*. Gemo.

Quero tocar nele. Mexo as mãos de um jeito um tanto canhestro, uma vez que estou amarrada, e sinto seu cabelo. Ele para de me beijar e me olha, balançando a cabeça, me repreendendo. Pega minhas mãos e as coloca de novo acima da minha cabeça.

— Não mexa as mãos, senão vamos ter que começar tudo de novo — adverte com suavidade.

Ah, ele é tão provocante...

— Quero tocar em você. — Minha voz está ofegante e descontrolada.

— Eu sei — concorda. — Mantenha as mãos acima da cabeça — ordena, a voz firme.

Ele torna a segurar meu queixo e começa a beijar meu pescoço como antes. Ah... é muito difícil me controlar. Suas mãos passeiam pelo meu corpo e pelos meus seios enquanto ele alcança com os lábios a base do meu pescoço. Rodeia-a com a ponta do nariz e inicia o cruzeiro preguiçoso de sua boca, rumo ao sul, seguindo a trilha de suas mãos, e descendo do pescoço até os seios. Cada

parte é beijada e mordida delicadamente, e meus mamilos são chupados com suavidade. *Putá merda*. Meus quadris começam a se mexer por conta própria, seguindo o ritmo de sua boca em mim, e estou desesperadamente tentando me lembrar de manter as mãos acima da cabeça.

— Fique quieta — avisa ele, o hálito quente em minha pele. Atingindo meu umbigo, ele enfia a língua ali dentro, e passa os dentes com delicadeza na minha barriga. Arqueio o corpo, desencostando-o da cama.

— Hum. Você é muito gostosa, Srta. Steele.

Ele desliza o nariz pela linha entre minha barriga e meus pelos pubianos, mordendo-me com delicadeza, provocando-me com a língua. De repente, se senta e se ajoelha aos meus pés, segurando meus tornozelos e abrindo bem minhas pernas.

Putá merda. Ele pega meu pé esquerdo, dobra meu joelho e põe meu pé na boca. Observando e avaliando todas as minhas reações, beija ternamente cada um dos meus dedos, depois dá mordidas leves nas partes carnudas. Quando chega no dedo mindinho, morde com mais força, e eu estremeço, gemendo. Ele desliza a língua pela planta do meu pé — e não consigo mais olhar. É muito erótico. Vou entrar em combustão. Fecho os olhos com força e tento absorver e administrar todas as sensações que ele está criando. Beija meu tornozelo e vai deixando uma trilha de beijos da panturrilha até o joelho, parando logo acima. Aí começa no meu pé direito, repetindo todo o processo sedutor e enlouquecedor.

— Ah, por favor — gemo quando morde meu dedo mindinho, o que ressoa nas minhas entranhas.

— Que delícia, Srta. Steele — diz baixinho.

Dessa vez, ele não para no joelho, continua pela parte interna da minha coxa, abrindo minhas pernas. E sei o que ele vai fazer, e uma parte de mim quer empurrá-lo para longe porque estou mortificada e envergonhada. Vai me beijar *ali!* Eu sei. E uma parte de mim está se regozijando com a expectativa. Ele passa para minha outra perna e vai subindo pela coxa, lambendo, chupando e, ali, entre minhas pernas, passa o nariz de cima a baixo no meu sexo, bem devagar, com muita delicadeza. Contorço-me... *Nossa*.

Ele para, esperando que eu me controle. Acalmo-me e levanto a cabeça para olhar para ele, a boca aberta enquanto meu coração disparado se esforça para sossegar.

— Sabe quanto seu cheiro é embriagador, Srta. Steele? — murmura e, mantendo os olhos nos meus, enfia o nariz nos meus pelos pubianos e inspira.

Fico toda vermelha, sentindo-me fraca, e fecho os olhos na mesma hora. Não consigo olhar enquanto ele faz isso!

Christian vai chupando meu sexo em toda a sua extensão. *Ah, porra...*

— Gosto disso. — Ele puxa com delicadeza meus pelos. — Talvez possamos mantê-los.

— Ah... por favor — imploro.

— Hum, gosto quando você implora, Anastasia.

Gemo.

— Olho por olho não costuma ser meu estilo, Srta. Steele — sussurra ele, chupando-me delicadamente sem parar. — Mas você me deu prazer hoje e deve ser recompensada.

Ouçó o tom malicioso de sua voz, e enquanto meu corpo vibra com aquelas palavras, começa a passar a língua em volta do meu clitóris, abaixando minhas coxas com as mãos.

— Ah! — gemo quando meu corpo se arqueia e estremece com o toque de sua língua.

Ele não para de mover a língua em círculos, mantendo a tortura. Estou perdendo toda a noção de identidade, cada átomo do meu ser concentrado naquele pequeno gerador potente entre minhas coxas. Minhas pernas se enrijecem, e ele enfia o dedo dentro de mim. Ouçó seu gemido gutural.

— Oh, baby. Adoro ver você tão molhada para mim.

Ele roda o dedo num amplo círculo, alargando-me, puxando-me, e repete esses movimentos com a língua. Gemo. É demais... Meu corpo implora por alívio, que já não consigo lhe negar. Deixo-me ir, esquecendo todo o raciocínio, o orgasmo tomando conta de mim, em espasmos repetidos. *Putá merda*. Solto um gemido alto, e o mundo desaparece quando a força do meu clímax anula e esvazia tudo.

Estou arfando e ouço vagamente um ruído de papel laminado sendo rasgado. Bem devagar, ele me penetra e começa a se movimentar. Ai... nossa. A sensação é dolorida e doce, atrevida e delicada ao mesmo tempo.

— Está bom? — murmura ele.

— Sim. Ótimo — respondo.

E ele começa a se mexer depressa, duro e grande, metendo sem parar, implacável, empurrando, empurrando até eu estar de novo perto do limite. Gemo.

— Goza para mim, baby.

Sua voz é rouca, dura, áspera em meu ouvido, e explode embaixo dele enquanto me penetra com estocadas rápidas.

— Trepada de agradecimento — diz ele, dando-me mais uma estocada firme e gemendo ao chegar ao clímax, entrando fundo em mim.

Então fica imóvel, o corpo rígido.

Christian desaba com todo o peso em cima de mim, e afundo no colchão. Abaixo as mãos atadas em volta da cabeça dele e o abraço como posso. Sei naquele momento que faria qualquer coisa por esse homem. Sou dele. O milagre que ele me apresentou ultrapassa qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. E ele quer levar isso mais longe, bem mais longe, para um lugar que eu, na minha inocência, nem consigo imaginar. *Ah... o que fazer?*

Ele se apoia nos cotovelos e fica me olhando, os olhos cinzentos e intensos.

— Está vendo como somos bons juntos? — murmura. — Se você se entregar a mim, vai ser muito melhor. Confie em mim, Anastasia, posso levá-la a lugares que você nem sabe que existem.

Suas palavras ecoam em meus pensamentos. Ele esfrega o nariz no meu. Ainda estou atordoada com minha extraordinária reação física, e fico com o olhar perdido, tentando me agarrar a um pensamento coerente.

De repente, ambos escutamos vozes no corredor, do lado de fora do quarto. Custo um pouco a processar o que eu consigo ouvir.

— *Mas se ainda está deitado, deve estar doente. Ele nunca fica deitado até essa hora. Christian nunca dorme tanto.*

— *Sra. Grey, por favor.*

— *Taylor. Você não pode me impedir de ver meu filho.*

— *Sra. Grey, ele não está sozinho.*

— *Como assim, ele não está sozinho?*

— *Tem uma pessoa com ele.*

— *Ah...*

Até eu posso notar o tom de incredulidade na voz dela.

Christian pestaneja depressa, olhando para mim apavorado e achando graça.

— Merda! É minha mãe.

CAPÍTULO DEZ

Ele sai de dentro de mim de repente. Faço uma careta de dor. Senta-se na cama e joga a camisinha usada na lixeira.

— Vamos, precisamos nos vestir, isto é, se você quiser conhecer minha mãe.

Ele dá uma risadinha, pula da cama, e enfia a calça jeans — sem cueca! Faço força para me sentar, pois ainda estou amarrada.

— Christian, não consigo me mexer.

Ele abre mais o sorriso, e se abaixa para me desamarrar. A trama da gravata ficou marcada em volta de meus pulsos. É... sexy. Ele me olha. Está achando graça, os olhos dançando de alegria. Ele me dá um beijo rápido na testa e sorri radiante para mim.

— Outra primeira vez — admite, mas não sei do que está falando.

— Não tenho nenhuma roupa limpa aqui. — De repente, entro em pânico, e, considerando o que acabo de viver, estou achando o pânico avassalador. A mãe dele! *Putá merda*. Não tenho nenhuma roupa limpa, e ela praticamente nos pegou em flagrante. — Talvez eu deva ficar.

— Ah, não deve, não — ameaça Christian. — Você pode usar alguma roupa minha.

Ele veste uma camiseta branca e passa a mão naquele cabelo desgrenhado pós-foda. Apesar da ansiedade, perco o fio dos pensamentos. Sua beleza me desestabiliza.

— Anastasia, você podia vestir um saco e continuaria linda. Por favor, não se preocupe. Eu gostaria que conhecesse minha mãe. Vista-se. Vou lá acalmá-la. — Sua boca se contrai. — Espero você na sala em cinco minutos, do contrário, venho pessoalmente arrastá-la daqui, do jeito que estiver vestida. As camisetas estão nesta gaveta. As camisas de tecido estão no armário. Sirva-se.

Ele me olha especulativamente por um momento, então sai do quarto.

Putá merda. A mãe de Christian. Isso é muito mais do que eu esperava. Talvez conhecê-la ajude a encaixar uma pecinha do quebra-cabeça. Poderia me ajudar a entender por que Christian é do jeito que é... De repente, quero conhecê-la. Pego minha blusa no chão, e fico feliz ao ver que sobreviveu bem à noite, praticamente sem nenhum amassado. Encontro o sutiã azul embaixo da cama e visto-o depressa. Mas se tem uma coisa que odeio é não usar uma calcinha limpa. Procuro na cômoda de Christian e encontro suas cuecas. Visto uma Calvin Klein cinza-escura, enfio a calça jeans e calço os tênis.

Pego a jaqueta, entro depressa no banheiro e dou de cara com meus olhos muito brilhantes, meu rosto afogueado e meu cabelo! Merda... Marias-chiquinhas pós-foda também não. Procuro uma escova na gaveta do banheiro e encontro um pente. Vai ter que servir. Prendo rapidamente o cabelo e me desespero com minhas roupas. Quem sabe eu devo aceitar as roupas que Christian ofereceu. Meu inconsciente contrai os lábios e pronuncia a palavra “prostituta”. Finjo que não ouço. Vestindo a jaqueta, cujos punhos felizmente escondem as marcas reveladoras deixadas pela gravata dele, dou uma última olhada ansiosa no meu reflexo no espelho. Vai ter que servir. Dirijo-me à sala principal.

— Aí está ela.

Christian se levanta do sofá onde está recostado.

Sua expressão é carinhosa e agradecida. A mulher de cabelo ruivo ao lado dele sorri para mim, um sorriso luminoso. Ela se levanta também. Está impecavelmente arrumada, com um vestido de tricô bege e sapatos combinando. Ela é bem cuidada, elegante, linda, e eu morro um pouco por dentro, sabendo que estou um lixo.

— Mãe, esta é Anastasia Steele. Anastasia, esta é Grace Trevelyan-Grey. — A Dra. Trevelyan-Grey me estende a mão. T... *de Trevelyan? A inicial dele.*

— Que prazer em conhecê-la — murmura ela.

Se eu não estiver enganada, há um tom admirado e talvez até aliviado em sua voz, e um brilho caloroso em seus olhos cor de

avelã. Seguro sua mão, e não posso evitar um sorriso, retribuindo sua simpatia.

— Dra. Trevelyan-Grey — cumprimento.

— Pode me chamar de Grace. — Ela sorri, e Christian franze a testa. — Normalmente me chamam de Dra. Trevelyan, e a Sra. Grey é minha sogra. — Ela dá uma piscadela. — Então, como vocês se conheceram?

Ela olha com um ar interrogativo para Christian, sem conseguir esconder a curiosidade.

— Anastasia me entrevistou para o jornal da WSU porque vou entregar os diplomas esta semana.

Putá merda. Eu tinha me esquecido disso.

— Então você se forma esta semana? — pergunta Grace.

— Sim.

Meu celular começa a tocar. *Kate, apostó.*

— Com licença.

O celular está na cozinha. Vou até lá e me debruço no balcão, sem olhar o número.

— Kate.

— *Dios mío, Ana!* — *Putá merda, é José.* Ele parece desesperado. — Onde você está? Ando tentando falar com você. Preciso encontrá-la, para me desculpar pelo meu comportamento na sexta-feira. Por que não retornou minhas ligações?

— Olha, José, agora não é uma boa hora.

Olho ansiosa para Christian, que me observa atentamente, o rosto impassível ao murmurar alguma coisa para a mãe. Viro de costas para ele.

— Onde você está? Kate está sendo muito evasiva — resmunga ele.

— Estou em Seattle.

— O que você está fazendo em Seattle? Está com ele?

— José, ligo para você depois. Não posso falar agora.

Desligo.

Volto despreocupadamente para Christian e sua mãe. Grace está no meio de uma frase.

— ...e Elliot ligou para dizer que você estava aqui. Não vejo você há duas semanas, querido.

— Ele ligou agora? — murmura Christian, observando-me, a expressão impenetrável.

— Achei que podíamos almoçar juntos, mas vejo que você tem outros planos, e não quero atrapalhar seu dia.

Ela pega o sobretudo creme e se vira para ele, oferecendo o rosto. Ele lhe dá um beijinho rápido, carinhoso. Ela não o toca.

— Tenho que levar Anastasia de volta para Portland.

— Claro, querido. Anastasia, foi um grande prazer. Espero que a gente torne a se encontrar.

Ela me estende a mão, os olhos brilhando, e nos cumprimentamos.

Taylor aparece de... *onde?*

— Sra. Grey? — pergunta ele.

— Obrigada, Taylor.

Ele a acompanha através das portas duplas até o hall. Taylor estava lá o tempo todo? Há quanto tempo? Por onde andava?

Christian me olha furioso.

— Então o fotógrafo ligou?

Merda.

— Ligou.

— O que ele queria?

— Só se desculpar. Por sexta-feira.

Ele franze o cenho.

— Entendi — diz simplesmente.

Taylor volta.

— Sr. Grey, há um problema com o carregamento de Darfur.

Christian faz um gesto seco de cabeça para ele.

— Charlie Tango voltou ao Campo da Boeing?

— Sim, senhor.

Taylor me cumprimenta com a cabeça.

— Srta. Steele.

Sorrio timidamente, e ele se retira.

— Ele mora aqui? Taylor?

— Mora.

Seu tom é entrecortado. *Qual é o problema?*

Christian pega o BlackBerry na cozinha e manda uns e-mails, presumo. Contrai os lábios e faz uma ligação.

— Ros, qual é o problema? — pergunta secamente.

Ele escuta, olhando para mim, que fico ali parada no meio da enorme sala, sem saber para onde ir, sentindo-me extraordinariamente inibida e deslocada.

— Não aceito colocar nenhum tripulante em risco. Não, cancele... Vamos jogar pelo ar em vez disso... Ótimo.

Ele desliga. A simpatia desapareceu de seus olhos. Parece ameaçador, e após me olhar rapidamente, entra no escritório e volta pouco depois.

— Este é o contrato. Leia-o, e vamos conversar sobre ele na semana que vem. Sugiro que faça algumas pesquisas, para saber no que está se envolvendo. — Faz uma pausa. — Isto é, se você concordar, e espero que concorde — acrescenta, o tom mais suave, ansioso.

— Pesquisas?

— Você vai ficar espantada com o que se pode encontrar na internet — murmura.

Internet! Não tenho um computador só meu, uso o laptop de Kate, e naturalmente não poderia usar o da Clayton's para esse tipo de "pesquisa".

— O que foi? — pergunta ele, inclinando a cabeça para o lado.

— Eu não tenho computador. Normalmente uso os computadores da faculdade. Vou ver se posso usar o laptop da Kate.

Ele me entrega um envelope pardo.

— Tenho certeza que posso... hã, emprestar um para você. Pegue suas coisas. Vamos de carro para Portland, e almoçamos no caminho. Preciso me vestir.

— Só vou dar um telefonema — digo.

Só quero ouvir a voz de Kate. Ele franze a testa.

— Para o fotógrafo? — Cerra os dentes com um olhar inflamado. Pestanejo. — Eu não gosto de compartilhar, Srta. Steele. Lembre-se disso.

Seu tom calmo, gelado, é um aviso, e, com um olhar frio e demorado para mim, ele volta para o quarto.

Nossa. *Eu só queria ligar para Kate*, tenho vontade de gritar para ele, mas sua repentina atitude de afastamento me paralisou. O que

aconteceu com o homem generoso, relaxado e sorridente que estava fazendo amor comigo meia hora atrás?

* * *

— PRONTA? — pergunta Christian enquanto estamos parados ao lado das portas duplas do hall.

Faço que sim com a cabeça sem convicção. Ele voltou a incorporar sua persona distante, educada e tensa, usando novamente a máscara. Está levando uma bolsa de couro transpassada no corpo. Por que precisa disso? Talvez vá ficar em Portland, e então me lembro da formatura. Ah, sim... ele estará lá na quinta-feira. Usa uma jaqueta de couro preta. Sem dúvida, não parece o multimultimilionário, bilionário ou seja lá o que for, com essa roupa. Parece um *bad boy*, talvez um astro de rock mal-comportado ou um modelo de passarela. Suspiro internamente, desejando ter um décimo da sua compostura. Ele é muito calmo e controlado. Franço a testa, lembrando sua explosão por causa de José... Pelo menos aparentou ser.

Taylor está rondando por ali.

— Amanhã, então — diz ele a Taylor, que assente.

— Sim, senhor. Que carro vai usar?

Ele me olha rapidamente.

— O R8.

— Boa viagem, Sr. Grey. Srta. Steele. — Taylor me olha com simpatia, embora talvez haja uma pontinha de pena escondida no fundo de seus olhos.

Sem dúvida, ele pensa que sucumbi aos hábitos sexuais duvidosos do Sr. Grey. Ainda não, só a seus hábitos sexuais excepcionais, ou vai ver que o sexo é assim para todo mundo. Franço as sobrelhas para essa ideia. Não tenho com o que comparar, e não posso perguntar a Kate. Isso é um problema que vou ter que abordar com Christian. É normalíssimo eu falar com alguém — e não posso falar com ele se num momento é receptivo e em seguida fica distante.

Taylor segura a porta para nós e nos acompanha até a saída. Christian chama o elevador.

— O que foi, Anastasia? — pergunta. — Como sabe que estou remoendo uma coisa na cabeça? Ele pega o meu queixo. — Pare de morder o lábio, ou vou transar com você aqui no elevador, e nem quero saber se vai aparecer alguém.

Enrubesco, mas há um vestígio de sorriso em seus lábios. Finalmente, seu humor parece mudar.

— Christian, estou com um problema.

— O que é? — Tenho toda a sua atenção.

O elevador chega. Entramos, e Christian aperta o botão marcado com um “G”.

— Bem... — Fico vermelha. *Como dizer isso?* — Preciso falar com Kate. Tenho muitas perguntas sobre sexo, e você está muito envolvido. Se quiser que eu faça essas coisas, como vou saber...? — Paro, tentando encontrar as palavras certas. — Eu simplesmente não tenho nenhuma referência.

Ele revira os olhos.

— Fale com ela, se precisar. — Parece exasperado. — Só não deixe que ela mencione nada para Elliot.

Irrito-me com a insinuação dele. *Kate não é assim.*

— Ela não faria isso, e eu não contaria nada que ela me contasse de Elliot, se ela contasse alguma coisa — acrescento depressa.

— Bem, a diferença é que eu não quero saber da vida sexual dele — murmura Christian secamente. — Elliot é um filho da mãe intrometido. Mas só fale a respeito do que já fizemos até agora — avisa ele. — Ela provavelmente me castraria se soubesse o que pretendo fazer com você — acrescenta num tom de voz tão baixo que não tenho certeza se era para eu ouvir.

— Ok — concordo prontamente, sorrindo para ele, aliviada.

A ideia de Kate castrando Christian não é algo em que eu queira pensar.

Ele contrai a boca para mim, e balança a cabeça.

— Quanto antes eu tiver sua submissão, melhor, e podemos parar com isso — diz ele.

— Parar com o quê?

— Com você me desafiando.

Ele pega meu queixo e me dá um beijo rápido e doce na boca. As portas do elevador se abrem. Oferece a mão, e me conduz para a garagem subterrânea.

Eu, desafiando-o... como?

Ao lado do elevador, vejo o Audi 4x4 preto, mas é de um modelo esportivo que soa o alarme, e as luzes se acendem quando Grey aponta a chave para ele. É um desses carros que devia ter uma loura de pernas muito compridas, vestida só de biquíni, esparramada no capô.

— Bonito carro — murmuro secamente.

Ele ergue os olhos e sorri.

— Eu sei — diz, e, por uma fração de segundo, o Christian meigo, jovem e descontraído está de volta.

Isso aquece meu coração. Ele está tão empolgado. *Os meninos e seus brinquedos*. Reviro os olhos para ele, mas não consigo deixar de sorrir. Abre a porta do carro para mim, e eu entro. Opa... É muito baixo. Ele dá a volta no carro com uma elegância natural, e se encaixa com graça lá dentro, apesar de toda a sua altura.

Como ele faz isso?

— Então, que tipo de carro é esse?

— É um Audi R8 Spyder. Está um dia lindo, podemos baixar a capota. Tem um boné aí dentro. — ele aponta para o porta-luvas — Na verdade, deve ter dois. E óculos escuros também, se você quiser.

Ele dá a partida, e o motor ronca atrás de nós. Coloca a bolsa de couro no espaço atrás dos assentos, aperta um botão, e o teto se retrai lentamente. Ao apertar outro botão, Bruce Springsteen nos envolve.

— Não dá para não gostar do Bruce.

Ele sorri para mim, tira o carro da vaga e sobe a rampa íngreme, onde para, esperando a cancela abrir.

Saímos na luminosa manhã de maio de Seattle. Pego os bonés no porta-luvas. Os Mariners. Christian gosta de beisebol? Passo-lhe um boné, e ele o coloca. Puxo o cabelo pela abertura na parte de trás do meu e abaixo a aba.

As pessoas nos olham ao passarmos pelas ruas. Por um instante, acho que é para ele... e aí, uma parte muito paranoica

acha que todo mundo está me olhando porque sabe o que andei fazendo nas últimas doze horas, mas finalmente me dou conta de que é o carro. Christian parece alheio, absorto em seus pensamentos.

Há pouco tráfego, e logo estamos na Interestadual 5, sentido sul, o vento soprando acima de nossas cabeças. Bruce está cantando sobre estar em fogo e sobre seu desejo. Que apropriado. Enrubesço ouvindo a letra. Christian me olha. Ele pôs os óculos escuros e não posso ver o que está sentindo. Contraí ligeiramente a boca, e pousa a mão no meu joelho, apertando com delicadeza. O ar fica preso na minha garganta.

— Está com fome? — pergunta ele.

Não de comida.

— Não muita.

Sua boca se contrai, formando aquela linha tensa.

— Você precisa comer, Anastasia — repreende ele. — Conheço um restaurante ótimo perto de Olympia. Vamos parar lá.

Torna a apertar meu joelho, e leva de volta a mão ao volante ao pisar no acelerador. Estou comprimida no encosto do banco. Caramba, esse carro anda.

* * *

O RESTAURANTE É pequeno e íntimo, um chalé de madeira no meio de uma floresta. A decoração é rústica: cadeiras e mesas espalhadas aleatoriamente, cobertas com toalhas de algodão e decoradas com pequenos vasos de flores. CUISINE SAUVAGE, diz a placa na entrada.

— Faz tempo que não venho aqui. Eles preparam o que colheram ou capturaram.

Ele ergue as sobrancelhas como se estivesse horrorizado, e temos que rir. A garçonete nos traz a carta de vinhos. Cora ao ver Christian, evitando fazer contato visual, escondendo-se embaixo da comprida franja loura. Ela gosta dele! *Eu não sou a única!*

— Duas taças de Pinot Grigio — diz Christian com autoridade.

Contraio os lábios, exasperada.

— O que foi? — pergunta ele bruscamente.

— Eu queria uma Coca Zero — digo baixinho.

Ele aperta os olhos cinzentos e faz que não, balançando a cabeça.

— O Pinot Grigio daqui é um vinho honesto. Vai harmonizar bem com a refeição, seja ela qual for — diz com paciência.

— Seja ela qual for?

— Sim.

Ele dá aquele seu sorriso deslumbrante com a cabeça inclinada para o lado, e meu estômago dá um salto. Não posso deixar de retribuir o glorioso sorriso.

— Minha mãe gostou de você — diz ele secamente.

— É mesmo?

Aquelas palavras me fazem corar de prazer.

— Ah, sim. Ela sempre achou que eu fosse gay.

Fico boquiaberta, e me lembro *daquela pergunta... da entrevista.*
Ah, não.

— Por que ela achou que você fosse gay? — sussurro.

— Porque nunca me viu com uma garota.

— Ah... nem com uma das quinze?

Ele ri.

— Você se lembra. Não, nenhuma das quinze.

— Ah.

— Você sabe, Anastasia, este foi um fim de semana de primeiras vezes para mim também — diz baixinho.

— Foi?

— Eu nunca dormi com ninguém, nunca fiz sexo na minha cama, nunca levei uma garota no Charlie Tango, nunca apresentei uma mulher à minha mãe. O que você está fazendo comigo? — Seus olhos ardem em chamas, com uma intensidade que me tira o fôlego.

A garçonete chega com nossas taças de vinho, e eu imediatamente dou um gole rápido. Será que ele está se abrindo ou só fazendo uma observação despretensiosa?

— Gostei muito deste fim de semana — murmuro.

Ele torna a apertar os olhos.

— Pare de morder esse lábio — reclama. — Eu também gostei — acrescenta.

— O que é sexo baunilha? — pergunto, pelo menos para não pensar naquele olhar intenso e sensual que ele está me dando. Ele

ri.

— É sexo convencional, Anastasia. Nada de brinquedos nem acessórios. — Ele dá de ombros. — Bem... na verdade você não sabe a diferença, mas é o que significa.

— Ah.

Pensei que tivéssemos feito sexo brownie de chocolate com calda quente. Mas, afinal, o que é que eu sei?

A garçonete nos traz uma sopa. Ficamos olhando para ela um tanto inseguros.

— Sopa de urtiga — informa a moça antes de dar meia-volta e retornar bruscamente para a cozinha.

Acho que ela não gosta de ser ignorada por Christian. Provo um pouco da sopa. Está deliciosa. Christian e eu nos entreolhamos com alívio. Dou uma risadinha, e ele inclina a cabeça.

— Esse som é muito agradável — murmura.

— Por que você nunca tinha feito sexo baunilha? Sempre fez... hum, do jeito que faz? — pergunto intrigada.

Ele assente lentamente.

— Mais ou menos. — Sua voz é cautelosa. Ele fica sério, parecendo envolvido em algum tipo de luta interior. Depois ergue os olhos, decidido. — Uma das amigas da minha mãe me seduziu quando eu tinha quinze anos.

— Ah. — *Putá merda, ele era muito novo!*

— Ela tinha gostos muito especiais. Fui submisso a ela durante seis anos. — Ele encolhe os ombros.

— Ah. — Meu cérebro congelou, paralisado de espanto com essa confissão.

— Por isso sei exatamente o que isso envolve, Anastasia. — Seus olhos brilham com perspicácia.

Fico olhando para ele, sem conseguir dizer nada — até meu inconsciente está calado.

— Na verdade, não tive uma introdução normal ao sexo.

Minha curiosidade desperta.

— Então você não namorou ninguém na faculdade?

— Não. — Ele balança a cabeça para enfatizar a resposta.

A garçonete recolhe nossas tigelas, interrompendo-nos momentaneamente.

— Por quê? — pergunto quando ela se retira.

Ele sorri com ironia.

— Quer saber mesmo?

— Quero.

— Eu não quis. Ela era tudo o que eu queria, tudo de que eu precisava. E, além do mais, ela teria me dado uma surra.

Ele sorri com carinho ao se lembrar.

Ah, isso é muita informação — mas quero mais.

— Então, se ela era amiga da sua mãe, que idade tinha?

Ele ri.

— Idade suficiente para saber das coisas.

— Você ainda a vê?

— Sim.

— Ainda... hã...? — enrubesço.

— Não. — Ele balança a cabeça e me oferece um sorriso indulgente. — Ela é uma grande amiga.

— Sua mãe sabe?

Ele me lança um olhar do tipo “não seja boba”.

— Claro que não.

A garçonete volta com um prato de carne de cervo, mas perdi o apetite. Que revelação. *Christian era submisso... Puta merda.* Dou um bom gole no Pinot Grigio — ele tem razão, claro, está delicioso. Nossa... essas revelações todas, é muita coisa para pensar. Preciso de tempo para processá-las, quando estiver sozinha, sem sua presença para me distrair. Ele é tão avassalador, tão prepotente, e agora vem com essa bomba. *Ele sabe como é.*

— Mas não deve ter sido sempre assim. — Estou confusa.

— Bem, foi, embora eu não a visse o tempo todo, era... difícil. Afinal, eu ainda estava no colégio e, depois, na faculdade. Coma, Anastasia.

— Não estou com muita fome, Christian. — *Estou muito atordoada com sua revelação.*

Sua expressão endurece.

— Coma. — O tom de voz é muito, muito baixo.

Olho para ele. Este homem — que sofreu abuso sexual na adolescência — tem um tom muito ameaçador.

— Só preciso de um minutinho — sussurro com calma.

Ele pisca algumas vezes.

— Tudo bem — murmura, e continua a refeição.

É assim que vai ser se eu assinar, ele me dando ordens. *Será que eu quero isso?* Pego a faca e o garfo, e timidamente corto a carne de cervo. É muito saborosa.

— É assim que nossa, hum... relação vai ser? — pergunto. — Você me dando ordens?

Não consigo me obrigar a olhar para ele.

— É — ele responde.

— Entendo.

— E você vai querer que eu faça isso — acrescenta ele, num tom grave.

Sinceramente, eu duvido. Corto outro pedaço de carne, levando-o até a boca.

— É um grande passo — digo baixinho, e então como.

— É. — Ele fecha os olhos rapidamente, e, ao abri-los, arregala-os numa expressão séria. — Anastasia, você tem que seguir sua intuição. Faça a pesquisa, leia o contrato. Terei muito prazer em discuti-lo com você. Estarei em Portland até sexta-feira, se quiser falar comigo sobre isso antes. — As palavras saem apressadas. — Ligue para mim. Quem sabe a gente pode jantar na quarta-feira? Eu quero muito fazer isso dar certo. Na verdade, nunca quis tanto uma coisa quanto quero isso.

Sua sinceridade ardente e seu desejo se refletem em seus olhos. Basicamente é isso que eu não entendo. *Por que eu?* Por que não uma das quinze? Ah, não... Será que vou ser isso — um número? A número dezesseis entre muitas outras?

— O que aconteceu com as quinze? — disparo.

Ele faz cara de surpresa, depois se resigna, balançando a cabeça.

— Várias coisas, mas tudo se resume a... — Ele para, esforçando-se para encontrar as palavras, acho. — Incompatibilidade. — Dá de ombros.

— E acha que eu poderia ser compatível com você?

— Acho.

— Então não está saindo com mais nenhuma delas?

— Não, Anastasia, não estou. Sou monogâmico nas minhas relações.

Ah... *isso é novidade.*

— Entendi.

— Faça a pesquisa, Anastasia.

Pouso o garfo e a faca. Não consigo mais comer.

— Acabou? Só vai comer isso?

Balanço a cabeça, assentindo. Ele me olha de cara feia, mas não diz nada. Dou um pequeno suspiro de alívio. Meu estômago está revirado com todas essas informações, e estou meio tonta por causa do vinho. Observo-o devorar o prato todo. Ele come feito um cavalo. Deve malhar para ficar tão em forma. A lembrança dele com aquela calça de pijama caída nos quadris me vem à mente espontaneamente. É uma imagem que desconcentra. Remexo-me desconfortável na cadeira. Ele me olha, e eu enrubesço.

— Eu daria tudo para saber no que você está pensando agora — murmura.

Enrubesço mais ainda.

Ele me dá aquele sorrisinho perverso.

— Posso adivinhar — provoca ele baixinho.

— Ainda bem que você não pode ler minha mente.

— Sua mente, não, Anastasia, mas seu corpo... *este* eu passei a conhecer muito bem desde ontem. — Sua voz é sugestiva. Como ele sai de um estado de espírito a outro tão depressa? É muito inconstante... Difícil de acompanhar.

Ele chama a garçonete com um gesto e pede a conta. Quando paga, se levanta e estende a mão.

— Venha...

Christian me dá a mão e me conduz ao carro. Esse contato, pele com pele, é o que é tão inesperado da parte dele, normal, íntimo. Não dá para conciliar esse gesto casual, terno, com o que ele quer fazer naquele quarto... O Quarto Vermelho da Dor.

Seguimos calados de Olympia a Vancouver, ambos absortos em nossos pensamentos. Quando ele estaciona em frente ao meu apartamento, são cinco da tarde. As luzes estão acesas — Kate está em casa. Empacotando as coisas, sem dúvida, a menos que

Elliot ainda esteja lá. Christian desliga o motor, e me dou conta de que vou ter que deixá-lo.

— Quer entrar? — pergunto.

Não quero que ele vá embora. Quero prolongar nosso tempo juntos.

— Não. Tenho que trabalhar — diz ele simplesmente, olhando para mim, a expressão insondável.

Olho para as mãos, entrelaço os dedos. De repente, fico emotiva. Christian está indo embora. Ele estica o braço, pega uma das minhas mãos e, lentamente, a leva aos lábios, beijando-a com ternura, um gesto muito antiquado e meigo. Meu coração sai pela boca.

— Obrigado por este fim de semana, Anastasia. Foi... ótimo. Quarta-feira? Pego você no trabalho ou onde preferir — diz baixinho.

— Quarta-feira — confirmo.

Ele torna a beijar minha mão e a põe em meu colo. Sai do carro, dá a volta até meu lado e abre a porta. Por que me sinto tão desconsolada de repente? Estou com um nó na garganta. Não posso deixar que ele me veja assim. Com um sorriso forçado, saio do carro e sigo para casa, sabendo que vou ter que enfrentar Kate. Fico apavorada com a ideia. Viro-me no meio do caminho e olho para ele. *Cabeça erguida, Steele*, repreendo-me.

— Ah... a propósito, estou usando sua cueca.

Dirijo-lhe um sorrisinho e puxo o cós da Calvin Klein que estou usando para lhe mostrar. Ele fica boquiaberto, chocado. Que reação ótima. Meu estado de espírito muda imediatamente, e entro em casa toda faceira, uma parte de mim querendo saltar e dar um soco no ar. *ISSO!* Minha deusa interior está agitada.

Kate está na sala encaixotando os livros.

— Você voltou. Cadê o Christian? Como você está?

Sua voz está exaltada, aflita, e ela vem correndo me segurar pelos ombros para me examinar minuciosamente antes mesmo de eu dizer oi.

Que droga... preciso enfrentar a persistência e a tenacidade de Kate, e ainda tenho um documento legal assinado dizendo que não posso falar. Não é uma boa combinação.

— E aí? Como foi? Eu não conseguia parar de pensar em você, isto é, depois que Elliot foi embora. — Ela dá um sorriso malicioso.

Não posso deixar de sorrir diante de seu interesse e de sua curiosidade ardente, mas de repente fico tímida. Enrubesco. Aquilo foi muito íntimo. Aquilo tudo. Ver e descobrir o que Christian esconde. Mas tenho que lhe contar alguns detalhes, porque ela não vai me deixar em paz até eu falar.

— Foi ótimo, Kate. Muito bom, eu acho — digo baixinho, tentando disfarçar o sorriso envergonhado e revelador.

— Você acha?

— Não tenho nenhum termo de comparação, não é? — encolho os ombros me desculpando.

— Ele fez você gozar?

Puta merda. Ela é muito direta. Fico vermelha.

— Fez — murmuro, exasperada.

Kate me puxa para o sofá e nos sentamos. Segura minhas mãos.

— Isso é *ótimo*. — Ela me olha incrédula. — Foi sua primeira vez. Nossa, Christian deve realmente saber o que faz.

Ah, Kate, se você soubesse...

— Minha primeira vez foi horrível — continua ela, com uma expressão triste.

— É mesmo? — Isso me interessa, algo que ela nunca contou antes.

— Sim, Steve Patrone. Ensino médio, o maior babaca. — Dá de ombros. — Ele foi bruto. Eu não estava pronta. Estávamos os dois bêbados. Você sabe, aquele típico desastre adolescente pós-baile de formatura. Argh! Levei meses para decidir tentar de novo. E não com ele, aquele covarde. Eu era muito nova. Você estava certa em esperar.

— Kate, que horror.

Kate parece nostálgica.

— É, levei quase um ano para atingir meu primeiro orgasmo com penetração, e você aí... de primeira?

Balanço a cabeça timidamente. Minha deusa interior está sentada em posição de lótus com uma expressão serena, apesar do sorriso maroto de autofelicitação.

— Que bom que você perdeu a virgindade com alguém que não confunde cu com cotovelo. — Ela me dá uma piscadela. — Então, quando vai sair com ele de novo?

— Quarta-feira. Vamos jantar.

— Quer dizer que você ainda gosta dele?

— Gosto. Mas não sei quanto... ao futuro.

— Por quê?

— Ele é complicado, Kate. Sabe, vive num mundo muito diferente do meu.

Ótima desculpa. Convincente, também. Muito melhor que: *Ele tem um Quarto Vermelho da Dor e quer fazer de mim sua submissa.*

— Ah, por favor, não deixe que o dinheiro atrapalhe, Ana. Elliot disse que é muito raro Christian sair com alguém.

— Disse? — pergunto quase gritando.

Óbvio demais, Steele! Meu inconsciente me olha, balançando aquele dedo magro e comprido, depois se transforma na balança da justiça para me lembrar de que ele pode me processar se eu falar demais. *Rá... o que ele vai fazer? Tirar todo o meu dinheiro?* Tenho que me lembrar de procurar no Google “*pena por quebrar um termo de confidencialidade*” quando estiver fazendo minha “pesquisa”. É como se tivessem me dado um trabalho escolar. Talvez eu ganhe uma nota. Enrubesco, lembrando-me da minha nota máxima durante o banho hoje de manhã.

— Ana, o que foi?

— Só estou me lembrando de uma coisa que o Christian disse.

— Você está diferente — diz Kate, carinhosa.

— Eu me sinto diferente. Dolorida — confesso.

— Dolorida?

— Um pouquinho.

Fico vermelha.

— Eu também. Homens! — diz ela, fingindo repugnância. — São uns animais.

Ambas rimos.

— Você está dolorida! — exclamo.

— Estou... excesso de uso.

Dou uma risada.

— Conte-me sobre Elliot, o usuário — digo, quando paramos de rir.

Ah, estou relaxando pela primeira vez desde que estava na fila no bar... antes do telefonema que começou tudo isso — quando eu estava admirando o Sr. Grey de longe. Dias felizes e descomplicados.

Kate cora. *Nossa...* Katherine Agnes Kavanagh fica toda Anastasia Rose Steele. Ela me lança aquele olhar inocente. Nunca a vi reagir dessa maneira a um homem. Meu queixo cai.

Cadê a Kate? O que fizeram com ela?

— Ah, Ana — diz com entusiasmo. — Ele é muito... tudo. E quando estamos... ai... muito bom.

Ela mal consegue formar uma frase, não diz coisa com coisa.

— Acho que você está tentando me dizer que gosta dele.

Ela assente com a cabeça, sorrindo como uma maluca.

— E vou sair com ele sábado. Ele vai ajudar na nossa mudança.

Kate aperta as mãos, se levanta do sofá de um salto, e vai dando piruetas até a janela. Mudança. Que droga. Eu tinha me esquecido, mesmo com as caixas de papelão nos cercando.

— Muito prestativo — digo, agradecida. Posso conhecê-lo melhor, também. Talvez ele possa me ajudar a entender seu irmão estranho e perturbador. — Então, o que vocês fizeram ontem à noite? — pergunto.

Ela levanta a cabeça e as sobrancelhas para mim como quem diz: o que você acha, sua idiota?

— Mais ou menos a mesma coisa que você fez, só que jantamos antes. — Ela sorri. — Você está bem mesmo? Parece meio perturbada.

— Eu me sinto perturbada. Christian é muito intenso.

— É, deu para perceber. Mas ele foi legal com você?

— Foi — tranquilizo-a. — Estou com muita fome, quer que eu prepare alguma coisa?

Ela concorda e pega mais dois livros para embalar.

— O que quer fazer com os livros de quatorze mil dólares? — pergunta.

— Vou devolver para ele.

— É mesmo?

— É um presente totalmente estapafúrdio. Não posso aceitar, sobretudo agora — sorrio para Kate, e ela assente.

— Entendi. Chegaram duas cartas para você, e José está ligando de hora em hora. Parece desesperado.

— Vou ligar para ele — murmuro, evasiva.

Se eu contar a Kate sobre José, ela vai comê-lo vivo no café da manhã. Pego as cartas na mesa de jantar e as abro.

— Ei, tenho entrevistas! Daqui a duas semanas, em Seattle, para um estágio!

— Em que editora?

— Nas duas!

— Eu disse que suas notas abririam portas, Ana.

Kate, claro, já tem um estágio certo no *Seattle Times*. Seu pai tem conhecidos por lá.

— Como Elliot está se sentindo em relação a sua viagem? — pergunto.

Kate vai para a cozinha, e, pela primeira vez hoje, parece desconsolada.

— Ele é compreensivo. Uma parte de mim não quer ir, mas é tentador pegar um pouco de sol por umas semanas. Além do mais, mamãe está lá, achando que será nosso último fim de semana em família antes que Ethan e eu entremos no mundo do emprego assalariado.

Eu nunca saí dos Estados Unidos. Kate vai passar duas semanas inteiras em Barbados com os pais e o irmão, Ethan. Estarei sem ela no nosso apartamento novo. Vai ser estranho. Ethan está viajando pelo mundo desde que se formou, no ano passado. Será que vou vê-lo antes que saiam de férias? Ele é um amor de pessoa. O telefone toca, arrancando-me do meu devaneio.

— Deve ser o José.

Suspiro. Sei que tenho que falar com ele. Pego o telefone.

— Oi.

— Ana, você voltou! — José extravasa o alívio gritando para mim.

— É óbvio.

Meu tom é sarcástico, e reviro os olhos para o telefone. Ele fica calado um instante.

— Posso ver você? Quero pedir desculpas por sexta-feira à noite. Eu estava bêbado... e você... bem, Ana, me desculpe, por favor.

— Claro que desculpo, José. Só não faça isso de novo. Você sabe que eu não sinto o mesmo que você.

Ele suspira fundo, triste.

— Eu sei, Ana. Só achei que, se eu pudesse beijá-la, você talvez começasse a gostar de mim.

— José, gosto muito de você, você é muito importante para mim. É como o irmão que eu nunca tive. Isso não vai mudar. Você sabe disso.

É chato decepcioná-lo, mas é a verdade.

— Então você agora está com ele? — Seu tom é cheio de desdém.

— José, não estou com ninguém.

— Mas passou a noite com ele.

— Isso não é da sua conta!

— É o dinheiro?

— José! Como você se atreve! — grito, espantada com sua audácia.

— Ana — choraminga ele, se desculpando ao mesmo tempo.

Não consigo lidar com uma crise de ciúme neste momento. Sei que ele está magoado, mas pensar em Christian Grey já é o suficiente.

— Talvez a gente possa tomar um café ou qualquer outra coisa amanhã. Eu ligo para você. — Tento ser conciliadora. José é meu amigo, e gosto muito dele. Mas, no momento, não preciso disso.

— Então, amanhã. Você me liga? — Seu tom esperançoso me aperta o coração.

— Ligo... boa noite, José. — Desligo, sem esperar por resposta.

— O que foi isso? — pergunta Katherine, com as mãos nos quadris.

Decido que honestidade é a melhor política. Ela está mais intratável que nunca.

— Ele tentou me beijar na sexta-feira.

— José? *E* Christian Grey? Ana, seus feromônios devem estar fazendo hora extra. O que aquele idiota estava pensando? — Ela

balança a cabeça com desgosto e volta a empacotar seus pertences.

Quarenta e cinco minutos depois, fazemos uma pausa no trabalho de embalagem para experimentar a especialidade da casa: minha lasanha. Kate abre uma garrafa de vinho, e nos sentamos em meio às caixas, comendo, bebendo vinho barato e assistindo a bobagens na tevê. Isso é a normalidade. Algo que dá muita segurança e é bem-vindo depois das últimas quarenta e oito horas de... loucura. Faço minha primeira refeição sem pressa, em paz e sem pressão nesse tempo todo. *Qual é o problema dele com a comida?* Kate tira os pratos, e acabo de embalar as coisas da sala. Sobrou o sofá, a tevê e a mesa de jantar. De que mais poderíamos precisar? Só falta embrulhar as coisas da cozinha e dos quartos, e temos o restante da semana.

O telefone toca de novo. É Elliot. Kate me lança uma piscadela e vai saltitante para o quarto, como se tivesse quatorze anos. Sei que ela devia estar redigindo o discurso de formatura, mas parece que Elliot é mais importante. O que esses Grey têm? O que os torna totalmente perturbadores, atraentes e irresistíveis? Bebo mais um gole de vinho.

Fico zapeando a tevê, mas, no fundo, sei que estou adiando. Piscando e soltando faíscas dentro da minha bolsa está aquele contrato. Será que tenho forças e condições de lê-lo hoje à noite?

Ponho as mãos na cabeça. José e Christian, ambos querem algo de mim. Com José é fácil de lidar. Mas Christian... Ele exige um tratamento e uma compreensão totalmente diferentes. Uma parte de mim quer fugir e se esconder. O que vou fazer? Visualizo aqueles olhos cinzentos e aquele olhar intenso e apaixonado, e meu corpo se contrai com a imagem. Suspiro. Ele nem está aqui e estou excitada. Não pode ser só sexo, não é? Lembro-me de sua brincadeira delicada hoje no café da manhã, de sua alegria pelo meu entusiasmo com a viagem de helicóptero, de como ele toca piano — aquela música doce, comovente e tão triste.

Ele é uma pessoa muito complicada. E agora começo a entender por quê. Um jovem privado da adolescência, abusado sexualmente por uma perversa Mrs. Robinson da vida... não admira que aparente ser mais velho do que é. Meu coração se enche de

tristeza, imaginando as coisas pelas quais deve ter passado. Sou muito ingênua para saber exatamente o quê, mas a pesquisa deve me dar alguma luz. Será que quero mesmo saber? Será que quero explorar esse mundo sobre o qual nada sei? É um passo muito grande.

Se não o tivesse conhecido, eu ainda estaria na doce e feliz ignorância. Minha mente se deixa arrastar para ontem à noite e hoje de manhã... e a incrível e sensual sexualidade que experimentei. Quero dizer adeus a isso? *Não!*, exclama meu inconsciente... minha deusa interior balança a cabeça concordando com ele num silêncio zen.

Kate volta à sala, rindo de orelha a orelha. *Vai ver ela está apaixonada.* Olho-a boquiaberta. Nunca agiu assim.

— Ana, vou me deitar. Estou bem cansada.

— Eu também, Kate.

Ela me abraça.

— Ainda bem que você voltou inteira. Christian tem alguma coisa estranha — acrescenta ela baixinho, como quem pede desculpas. Lanço-lhe um sorriso tranquilizador, o tempo todo pensando... *Como ela sabe, caramba?* É isso que a tornará uma grande jornalista, sua intuição acurada.

* * *

PEGO A BOLSA e sigo desanimada para o quarto. Estou cansada dos esforços carnavais do último dia e do dilema completo e absoluto que estou enfrentando. Sento-me na cama e, com extremo cuidado, retiro o envelope de papel pardo da bolsa, virando-o e revirando-o nas mãos. Será que quero mesmo saber a extensão da depravação de Christian? É muito intimidante. Respiro fundo e, com o coração na boca, abro o envelope.

CAPÍTULO ONZE

Há vários papéis dentro do envelope. Com o coração ainda palpitando, sento-me na cama e começo a ler.

CONTRATO

Assinado hoje, ____ de 2011 (“O Início da Vigência”)

ENTRE

SR. CHRISTIAN GREY, residente em 301 Escala, Seattle, WA 98889

(“O Dominador”)

SRTA. ANASTASIA STEELE, residente em 1114 SW Rua Green, Apartamento 7, Haven Heights, Vancouver, WA 98888

(“A Submissa”)

AS PARTES CONCORDAM COM OS TERMOS ABAIXO

1 Os termos a seguir são parte de um contrato vinculante entre o Dominador e a Submissa.

TERMOS FUNDAMENTAIS

2 O propósito fundamental do presente contrato é permitir à Submissa explorar de maneira segura sua sensualidade e seus limites, respeitando e considerando devidamente suas necessidades, suas restrições e seu bem-estar.

3 O Dominador e a Submissa concordam e confirmam que tudo que ocorra sob os termos do presente contrato será consensual, confidencial e sujeito aos limites acordados e aos procedimentos de segurança estabelecidos no presente contrato. Limites e procedimentos de segurança adicionais poderão ser acordados por escrito.

4 O Dominador e a Submissa garantem não sofrer de doenças de natureza sexual, séria, infecciosa ou que constitua uma

ameaça à vida, incluindo, mas não apenas, aids, herpes e hepatite. Se, na vigência do presente contrato (tal como definido acima), ou em qualquer extensão da vigência do presente contrato, qualquer das partes for diagnosticada com ou tiver ciência de quaisquer dessas doenças, a parte em questão se encarregará de informar a outra parte imediatamente e antes de qualquer contato físico entre as partes.

5 A adesão às garantias, acordos e compromissos acima (e quaisquer limites e procedimentos de segurança acordados sob a cláusula 3) são fundamentais para a validade do presente contrato. Qualquer quebra o tornará imediatamente nulo e as partes concordam em assumir total responsabilidade uma perante a outra pela consequência de qualquer quebra.

6 Tudo no presente contrato deve ser lido e interpretado à luz do propósito fundamental e dos termos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

OBRIGAÇÕES

7 O Dominador se responsabilizará pelo bem-estar, pelo treinamento, pela orientação e pela disciplina adequados da Submissa. Ele decidirá a natureza dos referidos treinamento, orientação e disciplina e o tempo e o lugar de sua administração, sujeitos aos termos, limitações e procedimentos acordados no presente contrato ou previamente acordados, em consonância com a cláusula 3.

8 Se, em qualquer momento, o Dominador deixar de cumprir os termos, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos no presente contrato ou acordados em forma de aditamento sob a cláusula 3, a Submissa tem o direito de encerrar o presente contrato no ato e deixar de servir ao Dominador sem aviso prévio.

9 De acordo com esta condição e com as cláusulas 2-5, a Submissa deve servir e obedecer ao Dominador em tudo. De acordo com os termos, limitações e procedimentos de segurança estabelecidos no presente contrato ou acordados em forma de aditamento sob a cláusula 3, ela oferecerá sem questionar ou hesitar o prazer que ele solicitar e aceitará sem questionar o

treinamento, a orientação e a disciplina do Dominador na forma que for.

VIGÊNCIA E TÉRMINO

10 O Dominador e a Submissa celebram o presente contrato no Início da Data de Vigência plenamente cientes de sua natureza e se comprometem a cumprir plenamente suas condições.

11 O presente contrato vigorará por um período de três meses a partir do Início do Contrato (“a Vigência”). Finda a Vigência, as partes discutirão se o contrato e os acordos que celebraram sob o presente contrato são satisfatórios e se as necessidades de cada parte foram atendidas. Cada parte pode propor a extensão do presente contrato sujeita a ajustes de seus termos ou acordos que fizeram na vigência do mesmo. Não havendo acordo para tal extensão, o presente contrato terminará e ambas as partes serão liberadas para retomar suas vidas em separado.

DISPONIBILIDADE

12 A Submissa estará disponível para o Dominador das noites de sexta-feira até as tardes de domingo todas as semanas durante a Vigência em horas a serem especificadas pelo Dominador (“as Horas Designadas”). Mais Horas Designadas podem ser mutuamente acordadas *ad hoc*.

13 O Dominador se reserva o direito de destituir a Submissa de suas funções a qualquer momento e por qualquer razão. A Submissa pode solicitar sua liberação a qualquer momento, devendo tal solicitação ser concedida a critério do Dominador, sendo resguardados apenas os direitos da Submissa mencionados nas cláusulas 1-5 e 8, acima.

LOCAL

14 A Submissa se colocará à disposição durante as Horas Designadas e as horas adicionais acordadas em locais a serem determinados pelo Dominador. O Dominador assegurará que todos os custos de viagens incorridos pela Submissa para este propósito sejam cobertos pelo Dominador.

CLÁUSULAS DO SERVIÇO

15 As seguintes cláusulas do serviço foram discutidas e acordadas e receberão a adesão de ambas as partes durante a Vigência. Ambas as partes aceitam que possam surgir assuntos

não cobertos pelos termos do presente contrato ou pelas cláusulas de serviço, ou que certos assuntos possam ser renegociados. Em tais circunstâncias, outras cláusulas podem ser propostas a título de emenda. Quaisquer cláusulas ou emendas adicionais devem ser acordadas, documentadas e assinadas por ambas as partes e serão sujeitas aos termos fundamentais estabelecidos sob as cláusulas 2-5, acima.

DOMINADOR

15.1 O Dominador tornará prioritárias a saúde e a segurança da Submissa em todos os momentos. O Dominador, em tempo algum, solicitará, exigirá, permitirá ou ordenará que a Submissa participe de atividades detalhadas no Apêndice 2 ou de qualquer ato que uma ou outra parte julgue inseguro. O Dominador não realizará nem permitirá que se realize qualquer ato que possa causar dano sério ou risco à vida da Submissa. As subcláusulas restantes da cláusula 15 deverão ser lidas e sujeitas à presente disposição e às questões fundamentais acordadas nas cláusulas 2-5, acima.

15.2 O Dominador aceita a Submissa como propriedade sua, para controlar, dominar e disciplinar durante a Vigência. O Dominador pode usar o corpo da Submissa a qualquer momento durante as Horas Designadas, ou em quaisquer horas adicionais acordadas, do modo que julgar apropriado, sexualmente ou de outra maneira qualquer.

15.3 O Dominador proporcionará à Submissa todos os treinamentos e orientações necessários de modo a permitir que ela sirva adequadamente ao Dominador.

15.4 O Dominador manterá um ambiente estável e seguro em que a Submissa possa cumprir suas obrigações no serviço do Dominador.

15.5 O Dominador pode disciplinar a Submissa conforme o necessário para assegurar que ela valorize plenamente seu papel de subserviência ao Dominador e para desencorajar condutas inaceitáveis. O Dominador pode açoitar, espancar, chicotear ou castigar fisicamente a Submissa como julgar apropriado, para fins de disciplina, para seu prazer pessoal, ou por qualquer outra razão, a qual não é obrigado a explicar.

15.6 No treinamento e na aplicação da disciplina, o Dominador assegurará que não sejam deixadas marcas permanentes no corpo da Submissa nem sejam provocados ferimentos que possam exigir cuidados médicos.

15.7 No treinamento e na aplicação da disciplina, o Dominador assegurará que a disciplina e os instrumentos usados para os fins disciplinares sejam seguros, e não usados de modo a causar danos sérios, e de modo algum excedam os limites definidos e detalhados no presente contrato.

15.8 Em caso de doença ou ferimento, o Dominador tratará da Submissa, cuidando de sua saúde e segurança, encorajando-a e, quando necessário, buscando cuidados médicos.

15.9 O Dominador manterá sua boa saúde e buscará cuidados médicos quando necessário para manter um ambiente livre de riscos.

15.10 O Dominador não emprestará sua Submissa a outro Dominador.

15.11 O Dominador poderá prender, algemar ou amarrar a Submissa a qualquer momento durante as Horas Designadas ou em quaisquer horas adicionais acordadas por qualquer razão e por períodos de tempo prolongados, tendo a devida consideração com a saúde e a segurança da Submissa.

15.12 O Dominador assegurará que todo equipamento usado para os fins de treinamento e disciplina serão mantidos sempre em perfeito estado de limpeza, higiene e segurança.

SUBMISSA

15.13 A Submissa aceita o Dominador como seu amo, com o entendimento de que é agora propriedade do Dominador, para ser usada como bem aprouver ao Dominador durante a Vigência em geral, mas especificamente durante as Horas Designadas e quaisquer horas adicionais acordadas.

15.14 A Submissa obedecerá às regras (“as Regras”) estabelecidas no Apêndice 1 do presente contrato.

15.15 A Submissa servirá ao Dominador de qualquer maneira que o Dominador julgar adequada e se esforçará para agradar ao Dominador em todos os momentos, da melhor forma possível.

15.16 A Submissa tomará todas as medidas necessárias para conservar-se em boa saúde e solicitará ou buscará ajuda médica sempre que necessário, mantendo o Dominador informado de quaisquer problemas de saúde que venham a surgir.

15.17 A Submissa assegurará adquirir contraceptivos orais e assegurará fazer uso dos mesmos conforme o prescrito para evitar a gravidez.

15.18 A Submissa aceitará sem questionar todo e qualquer ato disciplinar que o Dominador julgue necessário e se lembrará sempre de sua condição e de suas obrigações em relação ao Dominador.

15.19 A Submissa não se tocará ou se dará prazer sexualmente sem a permissão do Dominador.

15.20 A Submissa deverá se submeter a qualquer atividade sexual exigida pelo Dominador, sem hesitar ou questionar.

15.21 A Submissa aceitará ser chicoteada, açoitada, espancada, bengalada ou surrada ou receber quaisquer outros castigos que o Dominador decidir aplicar, sem hesitação, questionamento ou reclamação.

15.22 A Submissa não olhará diretamente nos olhos do Dominador salvo quando especificamente instruída a fazê-lo. A Submissa manterá os olhos baixos e conservará uma atitude respeitosa na presença do Dominador.

15.23 A Submissa sempre se conduzirá de maneira respeitosa para com o Dominador e só se dirigirá a ele como Senhor, Sr. Grey, ou outra forma de tratamento que o Dominador indicar.

15.24 A Submissa não tocará o Dominador sem a permissão deste para fazê-lo.

ATIVIDADES

16 A Submissa não participará de atividades ou quaisquer atos sexuais que uma parte ou outra julgue insegura ou de quaisquer atividades detalhadas no Apêndice 2.

17 O Dominador e a Submissa já discutiram as atividades estabelecidas no Apêndice 3 e registraram por escrito no Apêndice 3 seu acordo em relação às mesmas.

PALAVRAS DE SEGURANÇA

18 O Dominador e a Submissa reconhecem que o Dominador pode fazer exigências à Submissa que não podem ser satisfeitas sem que ocorram danos físicos, mentais, emocionais, espirituais ou outros na hora em que as exigências forem feitas à Submissa. Em tais circunstâncias, a Submissa pode usar uma palavra de segurança (“a[s] Palavra[s]”). Duas palavras serão invocadas dependendo da gravidade das exigências.

19 A Palavra “Amarela” será usada para chamar a atenção do Dominador para o fato de que a Submissa chegou perto de seu limite suportável.

20 A Palavra “Vermelha” será usada para chamar a atenção do Dominador para o fato de que a Submissa não pode tolerar mais qualquer exigência. Quando esta palavra for dita, a ação do Dominador cessará completamente, com efeito imediato.

CONCLUSÃO

21 Nós, abaixo assinados, lemos e entendemos plenamente as disposições do presente contrato. E por estarmos assim justos e contratados, assinamos o presente instrumento.

O Dominador: Christian Grey
Data

A Submissa: Anastasia Steele
Data

APÊNDICE 1 **REGRAS**

Obediência:

A Submissa obedecerá a quaisquer instruções dadas pelo Dominador imediatamente, sem hesitação ou reserva, e com presteza. A Submissa concordará com qualquer atividade sexual que o Dominador julgar adequada e prazerosa, salvo aquelas

atividades que estão resumidas em limites rígidos (Apêndice 2). Ela fará isso avidamente e sem hesitação.

Sono:

A Submissa assegurará alcançar o mínimo de sete horas de sono por noite quando não estiver com o Dominador.

Alimentação:

A Submissa consumirá regularmente os alimentos previamente listados (Apêndice 4) para conservar a saúde. A Submissa não comerá nada entre as refeições, com a exceção de frutas.

Roupas:

Durante a Vigência deste contrato, a Submissa só usará roupas aprovadas pelo Dominador. O Dominador fornecerá à Submissa um orçamento para o vestuário, que a Submissa deverá usar. O Dominador acompanhará *ad hoc* a Submissa nas compras de vestuário. Se o Dominador solicitar, a Submissa usará durante a Vigência deste contrato quaisquer adornos solicitados pelo Dominador, na presença do Dominador e em qualquer outro momento que o Dominador julgar adequado.

Exercícios:

O Dominador fornecerá à Submissa um personal trainer para sessões de uma hora de exercícios, quatro vezes por semana, em horário a ser combinado de comum acordo entre o personal trainer e a Submissa. O personal trainer reportará ao Dominador o progresso da Submissa.

Higiene Pessoal/Beleza:

A Submissa se manterá sempre limpa e depilada. A Submissa visitará um salão de beleza à escolha do Dominador com frequência a ser decidida pelo Dominador e se submeterá aos tratamentos estéticos que o Dominador julgar adequados.

Segurança Pessoal:

A Submissa não se excederá na bebida, não fumará, não fará uso de drogas recreativas nem se colocará desnecessariamente em qualquer situação de risco.

Qualidades Pessoais:

A Submissa não se envolverá em quaisquer relações sexuais com qualquer outra pessoa senão o Dominador. A Submissa se apresentará sempre de forma respeitosa e recatada. Ela deve

reconhecer que seu comportamento se reflete diretamente no Dominador. Ela será responsabilizada por qualquer transgressão, delito ou má conduta incorrido quando não estiver na presença do Dominador.

O não cumprimento de quaisquer das regras acima resultará em punição imediata, cuja natureza será determinada pelo Dominador.

APÊNDICE 2

Limites Rígidos

Nenhum ato envolverá brincadeiras com fogo.

Nenhum ato envolverá urinar, defecar ou os produtos destas ações.

Nenhum ato envolverá agulhas, facas, perfurações ou sangue.

Nenhum ato envolverá instrumentos médicos ginecológicos.

Nenhum ato envolverá crianças ou animais.

Nenhum ato poderá deixar quaisquer marcas permanentes na pele.

Nenhum ato envolverá controle respiratório.

Não haverá nenhuma atividade que requeira contato direto do corpo com corrente elétrica (seja alternada ou direta), fogo ou chamas.

APÊNDICE 3

Limites brandos

A serem discutidos e acordados entre ambas as partes:

A Submissa concorda com:

- Masturbação
- Sexo vaginal
- Cunilíngua
- Introdução de mão na vagina

- Felação
- Sexo anal
- Deglutição de Sêmen
- Introdução de mão no ânus

A Submissa aceita o uso de:

- Vibradores
- Consolos
- Plugues anais
- Outros brinquedos vaginais

A Submissa aceita:

- Bondage com corda
- Bondage com fita adesiva
- Bondage com braceletes de couro
- Bondage com outros materiais
- Bondage com algemas e grilhões

A Submissa aceita ser contida:

- Com as mãos amarradas à frente
- Com os pulsos amarrados aos tornozelos
- Com os tornozelos amarrados
- Atada a peças fixas, mobília etc.
- Com os cotovelos amarrados
- Atada a uma barra espaçadora
- Com as mãos atrás das costas
- Por suspensão
- Com os joelhos amarrados

A Submissa aceita ser vendada?

A Submissa aceita ser amordaçada?

Até que ponto a Submissa está disposta a sentir dor?

Sendo 1 no caso de gostar intensamente e 5 no caso de detestar intensamente:

1 — 2 — 3 — 4 — 5

A Submissa consente em aceitar as seguintes formas de dor/punição/disciplina:

- Surras
- Palmadas
- Chicotadas
- Surras de vara
- Mordidas
- Grampos de mamilos
- Grampos genitais
- Gelo
- Cera quente
- Outros tipos/métodos de dor

Putá merda. Não consigo nem pensar na lista de alimentos. Engulo em seco, a boca ressecada, e releio o contrato.

Minha cabeça está zumbindo. Como posso concordar com tudo isso? E, aparentemente, é para meu bem, *para explorar minha sensualidade, meus limites, com segurança* — ah, tenha dó!, debocho irritada. *Servir e obedecer em tudo*. Tudo! Balanço a cabeça incrédula. Na verdade, os votos de casamento não usam essa palavra... *obedecer*? Isso me desconcerta. Os casais ainda dizem isso? Só três meses — será por isso que já houve tantos votos? Ele não os mantém por muito tempo? Ou será que enjoa

depois de três meses? *Todo fim de semana?* É demais. Nunca verei Kate ou quaisquer amigos que eu possa fazer no emprego novo, se eu fizer algum. Talvez eu deva ter um fim de semana por mês para mim. Talvez quando eu estiver menstruada — isso parece... prático. Ele é meu amo! Pode me tratar como bem entender! *Putá merda.*

Estremeço só de pensar em ser açoitada ou chicoteada. Ser espancada talvez não fosse tão ruim, mas seria humilhante. E amarrada? Bem, ele amarrou minhas mãos. Isso foi... bem, excitante, muito excitante, então talvez não seja tão ruim. Ele não vai me emprestar para outro Dominador — não vai mesmo. Isso seria totalmente inaceitável. *Por que sequer estou pensando nisso?*

Não posso olhar nos olhos dele. *Isso é muito estranho.* O único jeito de eu ter alguma chance de ver o que ele está pensando. Na verdade, a quem estou enganando? Nunca sei o que ele está pensando, mas gosto de olhar nos olhos dele. Ele tem olhos lindos — cativantes, inteligentes, profundos e misteriosos, misteriosos com segredos dominadores. Lembro-me do seu olhar ardente e obscuro e aperto as coxas, contorcendo-me.

E não posso tocar nele. Bem, isso não é surpresa. E essas regras bobas... Não, não. Não posso fazer isso. Ponho as mãos na cabeça. Isso não é jeito de se relacionar. Preciso dormir. Estou um caco. As travessuras físicas todas que andei fazendo nas últimas vinte e quatro horas foram, francamente, exaustivas. E mentalmente... puxa vida, é muita coisa para resolver. Como diria José, é mesmo de foder a cabeça. Quem sabe, pela manhã, isso talvez não seja interpretado como uma piada de mau gosto.

Levanto-me de um salto e mudo de roupa depressa. Talvez eu devesse pegar emprestado o pijama de flanela rosa de Kate. Quero ter o corpo envolto em algo aconchegante e seguro. Vou ao banheiro escovar os dentes usando uma camisa de malha e meu short de dormir.

Fico me olhando no espelho. *Você não pode estar pensando seriamente nisso...* Meu inconsciente está ajuizado e racional, e não atrevido como sempre. Minha deusa interior está dando pulinhos, batendo palmas como uma criança de cinco anos. *Por favor, vamos fazer isso... do contrário, acabaremos sozinhas, na companhia de um monte de gatos e romances clássicos.*

O único homem por quem já senti atração, e ele vem com o raio de um contrato, um açoite, e um mundo inteiro de problemas. Bem, pelo menos eu fiz o que quis este fim de semana. Minha deusa interior para de pular e sorri para mim com serenidade. *Ah, sim...* pronuncia ela, fazendo um gesto de cabeça petulante. E coro com a lembrança da sua boca e das suas mãos, dele dentro de mim. Fechando os olhos, sinto aquele delicioso espasmo familiar dos músculos lá embaixo. Quero fazer isso de novo e de novo. Talvez eu assinasse só a parte do sexo... Será que ele aceitaria? Desconfio que não.

Será que sou submissa? Vai ver que dou essa impressão. Vai ver que o induzi a essa conclusão equivocada na entrevista. Sou tímida, sim... mas submissa? Aceito o *bullying* de Kate — será a mesma coisa? E esses limites brandos, minha nossa. Não consigo imaginar, mas o fato de estarem abertos a discussão me tranquiliza.

Volto para o quarto. Isso é muita coisa para pensar. Preciso ter a cabeça fresca — analisar o problema amanhã de manhã quando estiver descansada. Guardo o documento ofensivo na mochila. Amanhã... Amanhã é outro dia. Deito-me na cama, apago a luz e fico olhando para o teto. Ah, queria jamais tê-lo conhecido. Minha deusa interior faz que não com a cabeça para mim. Ela e eu sabemos que isso é mentira. Eu nunca me senti tão viva quanto me sinto agora.

Fecho os olhos e adormeço profundamente, sonhando de vez em quando com camas de quatro colunas, grilhões e olhos cinzentos intensos.

* * *

KATE ME ACORDA no dia seguinte.

— Ana, estava chamando você. Deve ter apagado.

Abro os olhos com relutância. Ela não só está de pé, como também já foi correr. Olho para o despertador. São oito da manhã. Meu Deus, dormi nove horas direto.

— O que foi? — resmungo sonolenta.

— Tem um homem aqui com uma encomenda para você. Você precisa assinar para receber.

— O quê?

— Anda. É um pacote grande. Parece interessante. — Ela pula com um pé de cada vez, empolgada, e volta saltitando para a sala. Levanto da cama e pego o robe pendurado atrás da porta. Um rapaz elegante de rabo de cavalo está em pé na nossa sala segurando uma caixa grande.

— Oi — murmuro.

— Vou fazer um chá para você. — Kate sai correndo para a cozinha.

— Srta. Steele?

E imediatamente sei quem enviou o pacote.

— Sim — respondo com cautela.

— Tenho um pacote aqui para a senhora, mas devo montar e lhe mostrar como usá-lo.

— É mesmo? A essa hora?

— Só estou seguindo ordens, madame. — Ele sorri de um jeito encantador, mas profissional, de quem não aceita receber não.

Ele acabou de me chamar de madame? Será que envelheci dez anos da noite para o dia? Se envelheci, foi aquele contrato. Torço a boca, nauseada.

— Tudo bem, o que é?

— É um MacBook Pro.

— Claro que é. — Reviro os olhos.

— Ainda não está disponível nas lojas, madame. É o último modelo da Apple.

Como é que isso não me surpreende? Suspiro profundamente.

— Pode montar na mesa de jantar ali.

Vou para a cozinha me juntar a Kate.

— O que é? — pergunta ela, os olhos brilhando, alerta.

Também dormiu bem.

— É um laptop que o Christian mandou.

— Por que ele enviou um laptop? Você sabe que pode usar o meu. — Ela franze a testa.

Não para o que ele tem em mente.

— Ah, é só emprestado. Ele queria que eu experimentasse.

Minha desculpa soa esfarrapada. Mas Kate balança a cabeça, assentindo. *Minha nossa.* Embromei Katherine Kavanagh. Uma

novidade. Ela me entrega o chá.

O laptop Mac é brilhante, prateado e bem bonito. Tem uma tela grande. Christian Grey gosta de grandes dimensões — penso em sua sala de estar; na verdade, em seu apartamento todo.

— Tem o mais moderno Sistema Operacional e um pacote completo de programas, além de um disco rígido de um ponto cinco terabyte, então a senhora vai ter muito espaço, trinta e dois gigas de memória RAM. Para que está planejando usá-lo?

— Hã... e-mail.

— E-mail! — engasga ele, erguendo as sobrancelhas com uma ligeira expressão de nojo.

— E talvez pesquisas na internet? — dou de ombros como quem pede desculpas.

Ele suspira.

— Bem, ele tem wireless, e já o configurei completamente para sua conta. Este bebê está pronto para ser usado em praticamente qualquer lugar do planeta. — Ele lança um olhar comprido para o aparelho.

— Conta?

— Seu novo endereço de e-mail.

Eu tenho um endereço de e-mail?

Ele aponta para um ícone na tela e continua falando comigo, mas é como ruído branco. Não tenho ideia do que ele está dizendo, e, honestamente, não estou interessada. *Só me diga como ligar e desligar isso* — o restante eu adivinho. Afinal, venho usando o computador de Kate há quatro anos. Kate assovia, impressionada quando o vê.

— Isso é tecnologia de última geração. — Ela ergue as sobrancelhas para mim. — A maioria das mulheres recebe flores ou joias — diz sugestivamente, tentando conter um sorriso.

Olho de cara feia para ela, mas ela fica impassível. Ambas temos um acesso de riso, e o homem do computador nos olha boquiaberto, desconcertado. Ele termina o que tinha de fazer e me pede para assinar o recibo de entrega.

Enquanto Kate o acompanha até a porta, eu me sento com minha xícara de chá, abro a caixa de entrada do meu e-mail, e, à

minha espera, há uma mensagem de Christian. Meu coração sai pela boca. *Recebi um e-mail de Christian Grey.* Clico nele, nervosa.

De: Christian Grey
Assunto: Seu novo computador
Data: 22 de maio de 2011 23:15
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,
Creio que tenha dormido bem. Espero que faça bom uso deste laptop, como discutimos.

Aguardo ansioso o jantar de quarta-feira.

Responderei com prazer a quaisquer perguntas antes disso, por e-mail, se a senhorita assim o desejar.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Clico em “responder”.

De: Anastasia Steele
Assunto: Seu novo computador (emprestado)
Data: 23 de maio de 2011 8:20
Para: Christian Grey

Dormi muito bem, obrigada — por algum motivo estranho —, *Senhor*. Entendo que o computador é um empréstimo, portanto, não pertence a mim.

Ana

Quase instantaneamente, recebo uma resposta.

De: Christian Grey
Assunto: Seu novo computador (emprestado)
Data: 23 de maio de 2011 8:22
Para: Anastasia Steele

O computador é um empréstimo. Por tempo indeterminado, Srta. Steele.

Noto pelo seu tom que leu a documentação que lhe dei.

Já tem alguma pergunta?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Não posso deixar de sorrir.

De: Anastasia Steele
Assunto: Mentas investigativas
Data: 23 de maio de 2011 8:25
Para: Christian Grey

Tenho muitas perguntas, mas não próprias para e-mail, e tem gente que trabalha para sobreviver.

Não preciso e nem quero um computador por tempo indeterminado.

Até mais, bom dia, *Senhor*.

Ana

A resposta dele é novamente instantânea e me faz sorrir.

De: Christian Grey
Assunto: Seu novo computador (repito, emprestado)
Data: 23 de maio de 2011 8:26
Para: Anastasia Steele

Até mais, baby.
P.S.: Eu também trabalho para sobreviver.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Desligo o computador sorrindo como uma idiota. Como posso resistir ao Christian brincalhão? Vou me atrasar para o trabalho.

Bem, é minha última semana — o Sr. e a Sra. Clayton provavelmente vão me dar uma folguinha. Corro para o chuveiro sem conseguir tirar o sorriso escancarado do rosto. *Ele me mandou um e-mail.* Estou toda boba, como uma criança. E toda a angústia do contrato desaparece. Lavo o cabelo, tento não pensar no que poderia perguntar a ele por e-mail. Naturalmente, sobre esses assuntos, é melhor conversar pessoalmente. Alguém pode hackear a caixa de mensagens dele. Enrubesco só de pensar nessa possibilidade. Visto-me depressa, grito um tchau apressado para Kate, e saio para minha última semana de trabalho na loja.

* * *

JOSÉ TELEFONA ÀS onze da manhã.

— Oi, vai rolar nosso café?

Ele fala com o jeito do velho José. O José meu amigo, e não... como foi que Christian disse? Alguém que me faz a corte. Argh.

— Claro. Estou no trabalho. Dá para você passar aqui por volta do meio-dia?

— Está marcado.

Ele desliga, e estou de novo repondo os pincéis e pensando em Christian Grey e no seu contrato.

José é pontual. Entra saltitante na loja como um cachorrinho de olhos escuros.

— Ana. — Ele dá aquele seu deslumbrante sorriso hispano-americano com todos os dentes à mostra, e não consigo mais ficar zangada com ele.

— Oi, José — abraço-o. — Estou morrendo de fome. Vou só avisar a Sra. Clayton que vou sair para almoçar.

Quando estamos indo para o café ali pertinho, dou o braço a José. Estou muito agradecida pela... pela normalidade dele. Alguém que eu conheço e entendo.

— Ei, Ana — murmura ele. — Você me perdoou mesmo?

— José, você sabe que nunca consegui ficar de mal com você por muito tempo.

Ele sorri.

* * *

MAL POSSO ESPERAR chegar em casa, a atração de mandar um e-mail para Christian, e talvez eu possa começar minha pesquisa. Kate saiu, então, ligo o laptop e abro minha caixa de mensagens. Claro, há uma mensagem de Christian na caixa de entrada. Estou quase pulando de alegria na cadeira.

De: Christian Grey
Assunto: Trabalhar para ganhar a vida
Data: 23 de maio de 2011 17:24
Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,
Espero que seu dia de trabalho tenha sido ótimo.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Clico em “responder”

De: Anastasia Steele
Assunto: Trabalhar para ganhar a vida
Data: 23 de maio de 2011 17:48
Para: Christian Grey

Senhor... Meu dia de trabalho foi ótimo.
Grata,

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Faça o trabalho!
Data: 23 de maio de 2011 17:50
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,
Encantado em saber que seu dia de trabalho foi ótimo.

Em vez de enviar e-mails, deveria estar pesquisando.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Estorvo
Data: 23 de maio de 2011 17:53
Para: Christian Grey

Sr. Grey, pare de *me* enviar mensagens, e poderei começar meu trabalho. Gostaria de tirar outro A.

Ana

Envolvo-me em meus braços.

De: Christian Grey
Assunto: Impaciente
Data: 23 de maio de 2011 17:55
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,
Pare de *me* enviar e-mails — e faça seu trabalho.

Eu gostaria de lhe dar outro A.

O primeiro foi muito merecido. ;)

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Christian Grey acabou de me mandar uma carinha feliz dando uma piscadinha... *Ai, meu Deus*. Entro no Google.

De: Anastasia Steele
Assunto: Pesquisa na internet
Data: 23 de maio de 2011 17:59
Para: Christian Grey

Sr. Grey,
O que sugeriria que eu colocasse num mecanismo de busca?

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Pesquisa na Internet
Data: 23 de maio de 2011 18:02
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,
Sempre comece pela Wikipédia.

Nada de outros e-mails até ter alguma pergunta.

Estamos entendidos?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Mandão!
Data: 23 de maio de 2011 18:04
Para: Christian Grey

Sim... *Senhor*.
O senhor é muito mandão.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: No controle
Data: 23 de maio de 2011 18:08
Para: Anastasia Steele

Anastasia, você nem imagina.
Bem, talvez já tenha uma vaga ideia.

Faça o trabalho.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Digito “Submissa” na Wikipédia.

Meia hora depois, estou ligeiramente nauseada e francamente chocada até a alma. Será que quero mesmo esse negócio? Nossa... é isso que ele faz no Quarto Vermelho da Dor? Fico olhando para a tela, e uma parte de mim, uma parte muito essencial e úmida que só passei a conhecer há pouquíssimo tempo, está seriamente excitada. Nossa, algumas dessas informações EXCITAM. Mas será que isso é para mim? Merda... Será que eu poderia fazer isso? Preciso de um tempo. Preciso pensar.

CAPÍTULO DOZE

Pela primeira vez na vida, saio para correr sem ninguém me obrigar. Calço meu par de tênisnojento, que nunca uso, visto uma calça de moletom e uma camiseta. Faço marias-chiquinhas no cabelo, corando com a recordação que elas trazem, e ligo meu iPod. Não consigo mais ficar sentada na frente daquela maravilha tecnológica pesquisando material perturbador. Preciso gastar um pouco dessa energia excessiva e enervante. Para ser franca, pensei em correr até o Hotel Heathman e simplesmente exigir sexo do maníaco por controle. Mas são oito quilômetros, e acho que não serei capaz de correr nem um quilômetro, que dirá oito, e, claro, ele poderia me mandar voltar, o que seria bastante humilhante.

Kate está descendo do carro quando saio de casa. Ela quase deixa cair as sacolas de compras quando me vê. Ana Steele de tênis de corrida. Aceno e não paro para a inquisição. Preciso muito ficar sozinha. Com Snow Patrol aos berros em meus ouvidos, parto no crepúsculo azulado.

Atravesso o parque. *O que vou fazer?* Eu o quero, mas nos termos dele? Simplesmente não sei. Talvez eu deva negociar o que quero. Ler aquele contrato ridículo linha por linha e dizer o que é aceitável e o que não é. Em minha pesquisa, descobri que o contrato é legalmente inexecutável. Ele deve saber disso. Imagino que assiná-lo simplesmente estabeleça os parâmetros da relação. Ilustra o que posso esperar dele e o que ele espera de mim — a submissão total. Será que estou preparada para isso? Será que ao menos sou capaz?

Uma única pergunta me atormenta — por que ele é assim? Será porque foi seduzido quando ainda era tão jovem? Simplesmente não sei. Ele ainda é um grande mistério.

Paro ao lado de um pinheiro grande e ponho as mãos nos joelhos, ofegando, puxando o precioso ar para os pulmões. Ah, é

uma sensação boa, catártica. Sinto minha determinação se fortalecer. Sim, preciso dizer a ele o que está bom e o que não está. Preciso lhe enviar por e-mail minhas ideias, e depois podemos discuti-las na quarta-feira. Respiro fundo, tomando um fôlego purificador, e volto correndo para o apartamento.

Kate andou comprando, como só ela é capaz, roupas para suas férias em Barbados. Principalmente biquínis e cangas combinando. Ela vai ficar um espetáculo com todos eles, mas mesmo assim, me deixa sentada, e desfila cada look para que eu faça comentários. Não há muitas maneiras diferentes de dizer “Você está maravilhosa, Kate”. Ela tem um corpo esguio e torneado, lindo. Não é de propósito que faz isso, eu sei, mas peço desculpas e vou para o quarto toda suada com o pretexto de ter que embalar mais caixas. Será que eu poderia me sentir mais inadequada? Levando comigo meu impressionante aparelho tecnológico gratuito, coloco-o sobre minha mesa. Mando um e-mail para Christian.

De: Anastasia Steele

Assunto: Chocada

Data: 23 de maio de 2011 20:33

Para: Christian Grey

Tudo bem, já vi o suficiente.
Foi legal conhecê-lo.

Ana

Aperto “enviar”, abraçando-me, rindo da minha brincadeirinha. Será que ele vai achar graça nela? *Ah, merda* — talvez não. Christian Grey não é conhecido pelo senso de humor. Mas eu sei que o humor está lá, já vi. Talvez eu tenha ido longe demais.guardo a resposta dele.

Espero... e espero. Olho meu despertador. Dez minutos se passaram.

Para me distrair da ansiedade que se manifesta em meu estômago, começo a fazer o que disse a Kate que ia fazer — embalar minhas coisas. Começo encaixotando os livros. Nove da

noite e nada ainda. *Talvez ele tenha saído.* Faço uma expressão petulante ao colocar os fones do iPod, ouço Snow Patrol, e me sento para reler o contrato e fazer meus comentários.

Não sei bem por que, ergo os olhos, talvez tenha percebido com o canto do olho um leve movimento, sei lá, mas, quando vejo, ele está parado à porta do meu quarto, observando-me atentamente. Está com aquela calça de flanela cinza e uma camisa branca, rodando com delicadeza as chaves do carro. Tiro os fones do ouvido e fico paralisada. *Porra!*

— Boa noite, Anastasia. — Sua voz é fria, sua expressão, completamente contida e misteriosa. Perco a capacidade de falar. Xingo Kate por tê-lo deixado entrar aqui sem avisar. Vagamente, me dou conta de que ainda estou com a roupa de corrida, sem tomar banho, asquerosa, e ele está gloriosamente apetitoso, a calça caída daquele jeito nos quadris, e, ainda por cima, no meu quarto.

— Achei que seu e-mail merecia ser respondido pessoalmente — explica, seco.

Abro e fecho a boca duas vezes. O tiro saiu pela culatra. Nunca na vida esperei que ele largasse tudo e aparecesse aqui.

— Posso me sentar? — pergunta, os olhos agora cheios de humor. *Graças a Deus. Quem sabe ele vê o lado engraçado?*

Concordo balançando a cabeça. Ainda não recuperei a capacidade de falar. *Christian Grey está sentado na minha cama.*

— Eu me perguntava como seria seu quarto — diz ele.

Olho em volta, traçando uma rota de fuga. Não, só há a porta ou a janela. Meu quarto é simples, mas aconchegante — alguns móveis de vime e uma cama de casal de ferro branco com uma colcha de retalhos feita por minha mãe quando ela estava na fase de trabalho artesanal com tecido. Todo o restante é azul-claro e creme.

— É muito calmo e sossegado — murmura ele.

Não é mais... não com você aqui.

Finalmente, meu bulbo raquidiano se lembra de sua finalidade. Respiro.

— Como...?

Ele sorri para mim.

— Continuo no Heathman.

Sei disso.

— Quer beber alguma coisa?

A educação leva a melhor sobre tudo que eu gostaria de dizer.

— Não, obrigado, Anastasia. — Ele abre um deslumbrante sorriso irônico, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

Bem, talvez eu precise de uma bebida.

— Então, foi *legal* me conhecer?

Droga, será que ele está *ofendido*? Baixo os olhos. Como vou sair dessa? Se eu disser que foi brincadeira, acho que ele não vai engolir.

— Achei que você fosse responder por e-mail. — Falo baixinho, com uma voz patética.

— Você está mordendo o lábio intencionalmente? — pergunta ele num tom sinistro.

Pisco para ele, engasgando, soltando o lábio.

— Não percebi que estava mordendo — murmuro.

Meu coração está disparado. Sinto aquela atração, aquela eletricidade deliciosa entre nós aumentar, enchendo o ar de estática. Ele está sentado bem perto de mim, os olhos cinzentos misteriosos, os cotovelos apoiados nos joelhos, as pernas abertas. Inclinando-se, lentamente desfaz uma das minhas marias-chiquinhas, os dedos soltando meu cabelo. Minha respiração está curta, não consigo me mexer. Observo hipnotizada sua mão indo para a outra maria-chiquinha, e, puxando a presilha, ele solta o restante do meu cabelo com aqueles dedos longos e habilidosos.

— Então você resolveu fazer um pouco de exercício — diz baixinho, a voz macia e melodiosa. Seus dedos delicadamente ajeitam meu cabelo atrás da orelha. — Por quê, Anastasia?

Contorna minha orelha com os dedos, puxando-a com ritmo e delicadeza. É muito sensual.

— Eu precisava de tempo para pensar — digo.

Estou paralisada, entregue, perigosamente atraída por ele... e ele sabe exatamente o que está fazendo comigo.

— Pensar em quê, Anastasia?

— Em você.

— E resolveu que foi legal me conhecer? Está querendo dizer no sentido bíblico?

Ah, que merda. Fico toda vermelha.

— Não pensei que você conhecesse a Bíblia.

— Eu frequentava a escola dominical, Anastasia. Isso me ensinou muito.

— Não me lembro de ter lido sobre grampos de mamilo na Bíblia. Talvez suas aulas usassem uma tradução moderna.

Seus lábios se contraem em um leve sorriso, e meus olhos são atraídos para sua boca.

— Bem, achei que devia vir até aqui para lembrá-la de como foi *legal* me conhecer.

Putá merda. Fico olhando para ele boquiaberta, e seus dedos vão da minha orelha para meu queixo.

— O que diz disso, Srta. Steele?

Seus olhos me olham inflamados, com uma expressão de desafio. Ele está com os lábios entreabertos, à espera, pronto para dar o bote. O desejo — agudo, líquido e apaixonante — me queima por dentro. Antecipo-me, e me atiro nele. Não sei como, ele se move, e num piscar de olhos estou na cama, sob o corpo dele, meus braços esticados, presos acima da minha cabeça por uma de suas mãos, enquanto a outra segura meu rosto e sua boca cobre a minha.

Sua língua está dentro da minha boca, exigente e possessiva, e eu me deleito com a força que ele usa. Sinto seu corpo todo em cima do meu. Ele *me* deseja, e isso tem um efeito delicioso sobre mim. Não a Kate com um daqueles biquínis pequeninhos, não uma das quinze, não a pervertida Mrs. Robinson. É a *mim*. Esse homem lindo me deseja. Minha deusa interior está tão acesa que poderia iluminar Portland inteira. Ele para de me beijar, eu abro os olhos, e vejo que está olhando para mim.

— Você confia em mim? — Sua voz é ofegante.

Faço que sim com a cabeça, os olhos arregalados, o coração saltando, o sangue latejando nas veias.

Ele põe a mão no bolso da calça e tira aquela gravata de seda cinza prateada... *aquela* gravata que deixou minha pele marcada. Com grande agilidade, monta em mim, já amarrando meus pulsos, mas, dessa vez, amarra a outra ponta da gravata numa das colunas da cabeceira da cama. Ele puxa o laço, verificando se está firme.

Não posso sair do lugar. Estou presa, literalmente, à minha cama, e muito excitada.

Ele sai de cima de mim e fica parado ao lado da cama, me olhando, cheio de desejo. Tem uma expressão triunfante e aliviada.

— Assim é melhor — murmura, e dá um sorriso travesso.

Ele se abaixa e começa a desamarrar um dos meus tênis. Ah, não... não... meus pés. Não, acabei de correr.

— Não — protesto, tentando chutá-lo.

Ele para.

— Se você se debater, amarro seus pés também. Se fizer algum barulho, Anastasia, eu a amordaço. Fique quieta. Katherine agora deve estar lá fora ouvindo.

Amordaçar! Kate! Fico calada.

Ele tira meus sapatos e minhas meias com eficiência, despindo-me lentamente da calça de moletom. Ah... *que calcinha estou usando?* Ele me levanta e puxa a colcha e o edredom de baixo de mim, e me deita de novo, desta vez em cima do lençol.

— Agora, sim. — Lambe devagarinho o lábio inferior. — Você está mordendo o lábio, Anastasia. Você sabe o efeito que isso tem sobre mim.

Ele coloca o indicador sobre minha boca, um aviso.

Meu Deus. Mal consigo me conter, ali deitada, indefesa, vendo-o circular com elegância pelo meu quarto. Isso é um afrodisíaco inebriante. Lentamente, ele descalça os sapatos e as meias, desabotoa a calça, tira a camisa pela cabeça.

— Acho que você já viu muito — diz com uma risadinha safada.

Torna a montar em mim, puxa minha camiseta, e acho que vai tirá-la, mas a enrola até meu pescoço e puxa um pouco mais para cima, deixando-me com a boca e o nariz descobertos, mas os olhos tapados. E, como a camiseta está dobrada, não consigo enxergar nada através dela.

— Hum — sussurra, aprovando. — Isso está ficando cada vez melhor. Vou pegar alguma coisa para beber.

Ele se inclina e me beija, seus lábios macios contra os meus, e seu peso sai da cama. Ouço a porta do quarto rangendo. Pegar alguma coisa para beber? *Onde? Aqui? Em Portland? Em Seattle?* Esforço-me para escutá-lo. Consigo distinguir uns murmúrios, e sei

que ele está falando com Kate — ah, não... *ele está praticamente nu*. O que ela vai dizer? Ouço baixinho alguma coisa espocando. O que é? A porta range, ele está de volta, e atravessa o quarto com passos leves. Ouço gelo tilintando dentro de um copo com líquido. Que tipo de bebida? Christian bate a porta e arrasta os pés pelo quarto, tirando a calça, que cai no chão, e sei que ele está nu. Torna a montar em mim.

— Está com sede, Anastasia? — pergunta, num tom provocante.

— Estou — sussurro, porque de repente fico com a boca seca.

Ouço o gelo tilintando no copo, e ele se inclina e me beija, enchendo minha boca com um líquido delicioso e geladinho. É vinho branco. Aquilo é tão inesperado, tão *quente*, apesar de estar gelado e os lábios de Christian estarem frios.

— Mais? — sussurra ele.

Balanço a cabeça. O vinho é mais divino ainda porque esteve em sua boca. Ele se debruça sobre mim, e bebo mais um gole do que sai dos seus lábios... *minha nossa*.

— Não vamos exagerar, você sabe que sua capacidade para bebida é limitada, Anastasia.

Não dá para evitar. Sorrio, e ele torna a se inclinar para me passar mais um delicioso gole, e se deita a meu lado, a ereção encostada na minha coxa. Ah, eu o quero dentro de mim.

— Isso é *legal*? — pergunta ele, mas noto a acidez de seu tom.

Fico tensa. Ele torna a movimentar o copo, e me beija, passando para minha boca uma pedrinha de gelo com um pouco de vinho. Sem pressa, ele vai me dando beijos gelados até chegar ao centro do meu corpo, começando na garganta, descendo por entre os seios, passando pelo torso até a barriga. Deixa um pedacinho de gelo em meu umbigo, numa poça gelada de vinho. Isso faz com que eu me sinta queimando por dentro, por todo o caminho, até lá embaixo. Uau.

— Agora, você tem que ficar quieta — murmura ele. — Se você se mexer vai molhar a cama toda de vinho.

Flexiono os quadris automaticamente.

— Ah, não. Se derramar o vinho, vou castigá-la, Srta. Steele.

Gemo e tento desesperadamente não mexer os quadris, puxando a gravata que me prende. Ah não... *por favor*.

Com um dedo, ele abaixa os bojos do meu sutiã, um de cada vez, levantando meus seios, expostos e vulneráveis. Inclinando-se, ele beija e puxa meus mamilos, um de cada vez, com os lábios gelados. Luto para não reagir arqueando o corpo.

— Até que ponto isso é *legal*? — pergunta, chupando um dos mamilos.

Ouçõ o gelo tilintar de novo, e então o sinto em volta do mamilo direito enquanto ele puxa o esquerdo com os lábios. Gemo, tentando não me mexer. É uma tortura doce e aflitiva.

— Se derramar o vinho, não deixo você gozar.

— Ah... por favor... Christian... Senhor... Por favor.

Ele está me deixando louca. *Ouçõ-o* sorrir.

O gelo no meu umbigo está derretendo. Estou para lá de quente — quente e gelada e querendo ele dentro de mim. Agora.

Seus dedos frios passeiam languidamente pela minha barriga. Minha pele está supersensível, meus quadris arqueiam automaticamente, e o líquido no meu umbigo, agora mais quente, escorre pela barriga. Christian o lambe rapidamente, me beijando, me mordendo de leve, me chupando.

— Anastasia, você se mexeu. O que vou fazer com você?

Estou arfando ruidosamente. A única coisa que consigo fazer é me concentrar em seu toque e em sua voz. Nada mais é real. Nada mais importa, nada mais é captado pelo meu radar. Seus dedos deslizam para dentro da minha calcinha, e sou recompensada com o gemido ruidoso que ele deixa escapar.

— Ah, Ana — murmura, e enfia dois dedos dentro de mim.

Suspiro.

— Já está pronta para mim tão cedo — diz ele.

Ele enfia e tira os dedos com uma lentidão tentadora, e levanto os quadris, me apertando contra ele.

— Você é uma garota voraz — adverte ele baixinho, passando o polegar em volta do meu clitóris e depois pressionando-o.

Solto um gemido alto e arqueio o corpo embaixo de seus dedos experientes. Ele estica o braço e puxa minha camiseta para eu poder vê-lo. Pisco com a claridade suave da luz da mesa de cabeceira. Quero muito tocá-lo.

— Quero tocar em você — sussurro.

— Eu sei — murmura ele.

Abaixa-se e me beija, ainda mexendo os dedos ritmadamente dentro de mim, rodando e pressionando o polegar. Ele me agarra pelo cabelo, impedindo que eu mexa a cabeça. Sua língua imita o que seus dedos fazem. Começo a tensionar as pernas, pressionando a mão dele. Ele relaxa a mão, obrigando-me a recuar quando já estou quase lá. Faz isso repetidas vezes. É muito frustrante... *Ah, por favor, Christian*, grito mentalmente.

— Esse é seu castigo, tão perto e, no entanto, tão longe. É *legal*? — sussurra no meu ouvido.

Gemo, exausta, esticando a amarra. Estou impotente, perdida num tormento erótico.

— Por favor — imploro, e ele finalmente tem pena de mim.

— Como vou te foder, Anastasia?

Ah... meu corpo começa a estremecer, depois para de novo.

— Por favor.

— O que você quer, Anastasia?

— Você... agora — imploro.

— Fodo você assim... assim... ou assim? As possibilidades são infinitas — sussurra ele em meus lábios.

Ele retira a mão e pega um envelopinho de papel laminado na mesa de cabeceira. Ajoelha-se entre minhas pernas, e, bem devagar, tira minha calcinha, olhando para mim, os olhos brilhando. Põe a camisinha. Observo fascinada, sem reação.

— Até que ponto isso é *legal*? — diz ele se acariciando.

— Eu falei de brincadeira — gemo. *Por favor, me fode, Christian*.

Ele ergue as sobrancelhas e sua mão vai e vem naquela extensão impressionante.

— De brincadeira? — Seu tom é ameaçadoramente meigo.

— Sim. Por favor, Christian — suplico.

— Está rindo agora?

— Não — choramingo.

Estou explodindo de tensão sexual. Ele me olha um instante, avaliando meu desejo, aí me agarra de repente e me vira. Isso me pega de surpresa e, por estar com as mãos atadas, tenho que me apoiar nos cotovelos. Ele empurra meus dois joelhos cama acima, me deixando com o traseiro no ar, e me dá uma palmada forte.

Antes que eu possa reagir, ele me penetra. Grito — por causa da palmada e da súbita investida dele, gozo na mesma hora e torno a gozar de novo e de novo, desmontando embaixo dele enquanto continua a me penetrar deliciosamente. Ele não para. Estou exausta. Não aguento mais... e ele não para de meter... estou ficando excitada de novo... claro que não... não...

— Goza para mim, Anastasia, de novo — grunhe entre dentes, e, incrivelmente, meu corpo responde, estremecendo com outro orgasmo, e grito o nome dele. Torno a me estilhaçar em mil pedaços, e Christian para, finalmente se deixando ir, gozando calado. Ele desaba em cima de mim, ofegando.

— Até que ponto isso foi *legal*? — pergunta com os dentes cerrados.

Minha nossa.

Estou de olhos fechados estirada na cama, arquejante e exausta enquanto ele sai lentamente de dentro de mim. Ele se levanta imediatamente e se veste. Quando termina, volta para a cama e me desamarra delicadamente, tirando minha camiseta. Flexiono os dedos e esfrego os pulsos, sorrindo para a trama do tecido ali impressa. Ajeito o sutiã e ele puxa o edredom e a colcha para me cobrir. Fico olhando para ele completamente aturdida, e ele me lança um sorrisinho.

— Isso foi muito legal — sussurro, com um sorriso tímido.

— Lá vem de novo essa palavra.

— Você não gosta dela?

— Não, ela absolutamente não me atrai.

— Ah... não sei... parece que ela tem um efeito muito positivo em você.

— Agora sou um efeito positivo? Poderia ferir um pouco mais meu ego, Srta. Steele?

— Acho que não há nada de errado com seu ego.

Mas ao dizer isso, não sinto convicção em minhas palavras. Passa pela minha cabeça uma ideia tão fugaz que acaba se perdendo antes que consiga entendê-la.

— Acha?

A voz dele é suave. Ele está deitado a meu lado todo vestido, a cabeça apoiada no cotovelo, e eu só de sutiã.

— Por que você não gosta de ser tocado?
— Porque não. — Ele me dá um beijo carinhoso na testa. —
Então aquele e-mail era o que você chama de brincadeira.

Sorrio para me desculpar e dou de ombros.

— Entendi. Então você continua considerando minha proposta?

— Sua proposta indecente... continuo, sim. Mas tenho umas questões.

Ele ri para mim parecendo aliviado.

— Eu ficaria desapontado se não tivesse.

— Eu ia mandá-las por e-mail, mas você meio que me interrompeu.

— *Coitus interruptus*.

— Viu? Eu sabia que você tinha algum senso de humor. —
Sorrio.

— Só algumas coisas têm graça, Anastasia. Pensei que você estivesse dizendo não, sem discussão. — Sua voz some.

— Ainda não sei. Ainda não decidi. Você vai botar uma coleira em mim?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você andou pesquisando. Não sei, Anastasia. Ainda não botei uma coleira em ninguém.

Ah... será que isso devia me surpreender? Conheço tão pouco *do assunto*... Não sei.

— Alguém já colocou uma coleira em você? — murmuro.

— Já.

— Foi a Mrs. Robinson?

— Mrs. Robinson? — Ele dá uma boa gargalhada, e parece muito jovem e descontraído jogando a cabeça para trás naquela risada contagiosa.

Sorrio para ele também.

— Vou contar a ela que você disse isso. Ela vai adorar.

— Você ainda fala com ela?

Não consigo disfarçar o tom surpreso da minha voz.

— Falo. — Ele agora está sério.

Ah... uma parte de mim de repente fica louca de ciúme... estou perturbada com a profundidade do que sinto.

— Entendi. — Minha voz está tensa. — Então você tem uma pessoa com quem discute seu estilo de vida alternativo, mas eu não posso ter uma.

Ele franze a testa.

— Acho que nunca pensei nisso assim. Mrs. Robinson fazia parte desse estilo de vida. Eu lhe disse que agora ela é uma boa amiga. Se quiser, posso apresentar você a uma das minhas antigas submissas. Você poderia conversar com ela.

O quê? Ele está deliberadamente tentando me perturbar?

— É isso que você chama de brincadeira?

— Não, Anastasia.

Ele balança a cabeça, desconcertado.

— Não, vou fazer isso sozinha, muito obrigada — digo secamente, puxando o edredom até o queixo.

Ele me olha, confuso, admirado.

— Anastasia, eu... — Ele não sabe o que dizer. A princípio, acho eu. — Eu não tive intenção de ofendê-la.

— Não estou ofendida. Estou horrorizada.

— Horrorizada?

— Não quero falar com uma das suas ex-namoradas... escravas... submissas... seja lá como você as chame.

— Anastasia Steele, você está com ciúmes?

Fico vermelha como um pimentão.

— Você vai ficar aqui?

— Tenho um café da manhã de negócios amanhã no Heathman. Além do mais, já lhe disse, não durmo com namoradas, escravas, submissas nem com ninguém. Sexta-feira e sábado foram exceções. Isso não vai se repetir. — Dá para ouvir o tom de determinação em sua voz baixa e rouca.

Contraio os lábios.

— Bem, agora estou cansada.

— Você está me expulsando? — Ele ergue as sobrancelhas, achando graça e um pouco consternado.

— Estou.

— Bem, essa é mais uma novidade. — Ele me olha especulativamente. — Então, não há nada que queira discutir agora? Sobre o contrato?

— Não — respondo com petulância.

— Nossa, eu gostaria de dar uma boa surra em você. Você se sentiria muito melhor, e eu também.

— Você não pode dizer esse tipo de coisa... Eu ainda não assinei nada.

— Um homem pode sonhar, Anastasia. — Ele se inclina e segura meu queixo. — Quarta-feira? — murmura, me dando um beijo de leve na boca.

— Quarta-feira — concordo. — Acompanho você até a porta. Se você me der um minuto.

Sento-me na cama e pego a camiseta, empurrando-o da minha frente. Com relutância, ele se levanta.

— Pode pegar minha calça de moletom, por favor?

Ele a recolhe do chão e me entrega.

— Sim, madame.

Está tentando em vão disfarçar o sorriso.

Aperto os olhos para ele ao vestir a calça. Meu cabelo está todo desgrenhado, e sei que terei de enfrentar a inquisição de Katherine Kavanagh depois que ele for embora. Pego uma presilha de cabelo e abro a porta do quarto, procurando Kate. Ela não está na sala. Tenho a impressão de ouvi-la falar ao telefone em seu quarto. Christian sai atrás de mim. No curto trajeto do meu quarto até a porta da frente, meus pensamentos e sentimentos se transformam. Já não estou com raiva dele. De repente, sinto uma vergonha insuportável. Não quero que vá embora. Pela primeira vez, desejo que ele fosse *normal* — queria uma relação normal, que não precisasse de um acordo de dez páginas, um açoite e mosquetões no teto de seu quarto de jogos.

Abro a porta para ele e fico olhando para minhas mãos. Foi a primeira vez que fiz sexo em casa, e, quanto ao sexo, acho que foi bom à beça. Mas agora tenho a sensação de ser um receptáculo, um vaso vazio a ser preenchido como ele quiser. Meu inconsciente balança a cabeça. *Você queria correr até o Heathman em busca de sexo... recebeu uma entrega expressa em domicílio.* Está de braços cruzados e bate o pé com aquela cara de quem pergunta “está se queixando de quê”. Christian para no portal e segura meu queixo, obrigando-me a fitá-lo nos olhos. Ele franze a testa.

— Você está bem? — pergunta com ternura, acariciando meu lábio inferior com o polegar.

— Estou — respondo, embora, honestamente, não tenha certeza.

Sinto uma mudança de paradigma. Sei que se eu aceitar esse negócio dele, vou me machucar. Ele não tem capacidade, interesse nem disposição de oferecer mais nada... e eu quero mais. *Muito mais*. O ataque de ciúme que tive há pouco me diz que tenho sentimentos mais profundos por ele do que já confessei a mim mesma.

— Quarta-feira — ele confirma, e me dá um beijo delicado.

Algo muda enquanto está me beijando. Seus lábios ficam mais ansiosos colados nos meus, a mão que estava em meu queixo sobe e ele segura minha cabeça com as duas mãos, uma de cada lado. Sua respiração se acelera. O beijo fica mais intenso, e ele se aproxima mais. Ponho as mãos nos braços dele. Quero afagar seu cabelo, mas resisto, sabendo que ele não vai gostar disso. Ele encosta a testa na minha, olhos fechados, a voz embargada.

— Anastasia — sussurra. — O que você está fazendo comigo?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta — retruco.

Respirando fundo, ele me beija na testa e sai. Anda decidido até o carro, passando a mão no cabelo. Olhando para cima ao abrir a porta do carro, dá aquele sorriso de tirar o fôlego. Retribuo com um sorriso fraco, completamente deslumbrado, e torno a me lembrar de Ícaro se aproximando demais do Sol. Fecho a porta de casa quando ele entra em seu carro esporte. Tenho uma vontade avassaladora de chorar, estou angustiada, e me sinto só e melancólica. Voltando depressa para o quarto, fecho a porta e me encosto nela, tentando racionalizar meus sentimentos. Não consigo. Escorrego para o chão, ponho as mãos na cabeça e deixo as lágrimas começarem a rolar.

Kate bate à porta com delicadeza.

— Ana? — murmura.

Abro a porta, ela me olha e me dá um abraço.

— O que houve? O que aquele filho da mãe nojento fez?

— Ah, Kate, nada que eu não quisesse que ele fizesse.

Ela me puxa para a cama, e nos sentamos.

— Você está com o cabelo horrível de quem acabou de trepar.

Apesar da tristeza pungente, acho graça.

— O sexo foi bom, não teve nada de horrível.

Kate sorri.

— Ainda bem. Por que está chorando? Você nunca chora.

Ela pega minha escova na mesa de cabeceira, senta-se atrás de mim e começa a escovar meu cabelo para desembaraçar os nós.

— Simplesmente acho que nossa relação não vai dar em nada.

Fico olhando para baixo.

— Pensei que você tivesse dito que ia sair com ele na quarta-feira.

— Eu vou. Esse era nosso plano original.

— Então, por que ele apareceu aqui hoje?

— Mandeí um e-mail para ele.

— Pedindo para ele passar aqui?

— Não, dizendo que não queria mais sair com ele.

— E ele aparece? Ana, isso é genial.

— Na verdade, foi uma brincadeira.

— Ah. Agora estou realmente confusa.

Com paciência, explico a essência do meu e-mail, sem revelar nada.

— E você achou que ele fosse responder por e-mail.

— Achei.

— Mas em vez disso, ele apareceu aqui.

— É.

— Eu diria que ele está totalmente apaixonado por você.

Franzo a testa. *Christian apaixonado por mim? É difícil.* Ele só está procurando um brinquedo novo — um brinquedo conveniente que pode levar para a cama e com o qual pode fazer coisas atroz.

— Ele veio aqui para me comer, só isso.

— Quem disse que o romance tinha morrido? — pergunta ela, horrorizada.

Eu choquei Kate. Achei que isso fosse impossível. Dou de ombros, pedindo desculpas.

— Ele usa o sexo como arma.

— Come você para torná-la submissa? — Ela balança a cabeça num gesto de desaprovação.

Pisco várias vezes, meu rosto completamente ruborizado. *Ah... acertou na mosca, Katherine Kavanagh, jornalista agraciada com o Prêmio Pulitzer.*

— Ana, eu não entendo, você simplesmente deixa ele fazer amor com você?

— Não, Kate, a gente não faz amor. A gente fode. É a terminologia de Christian. Ele não quer saber de amor.

— Eu sabia que ele tinha alguma coisa esquisita. Ele tem medo de compromisso.

Balanço a cabeça, concordando. Por dentro, definho. Ah, Kate... eu gostaria de poder contar tudo para você, tudo sobre esse cara estranho, triste e sacana, e queria que você me dissesse para tirá-lo da cabeça. Que não me deixasse ser uma idiota.

— Acho que isso tudo é um pouco demais — murmuro. *Esse é o maior eufemismo do ano.*

Porque não quero mais falar sobre Christian, pergunto a ela sobre Elliot, e ela se transforma ao ouvir o nome dele. Fica toda animada, rindo para mim.

Dou um abraço nela.

— Ah, quase esqueci. Seu pai ligou enquanto você estava, hã... ocupada. Aparentemente, Bob sofreu uma lesão, então sua mãe e ele não poderão vir à formatura. Mas seu pai chegará na quinta-feira. Quer que você ligue para ele.

— Ah, minha mãe não me ligou. Bob está bem?

— Está. Ligue para ela de manhã. Agora está tarde.

— Obrigada, Kate. Já estou bem. Vou ligar para o Ray de manhã, também. Acho que vou me deitar.

Ela sorri, mas franze o cenho, preocupada.

Depois que ela sai, me sento e releio o contrato, fazendo mais anotações à medida que avanço na leitura. Quando termino, ligo o laptop, pronta para responder.

Há um e-mail do Christian na minha caixa de entrada.

De: Christian Grey

Assunto: Hoje à noite

Data: 23 de maio de 2011 23:16

Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,
Estou ansioso para receber suas anotações sobre o contrato.

Até lá, durma bem, baby.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Questões
Data: 24 de maio de 2011 00:02
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,
Eis a minha lista de questões. Estou ansiosa para discuti-las melhor no jantar de quarta-feira.

Os números se referem às cláusulas:

2: Não tenho certeza de que isso é exclusivamente para o meu bem — i.e., para explorar a minha sensualidade e os meus limites. Garanto que eu não precisaria de um contrato de dez páginas para fazer isso. Com certeza isso é para o seu bem.

4: Como sabe, o senhor é meu único parceiro sexual. Eu não uso drogas, e não fiz nenhuma transfusão de sangue. É provável que eu seja segura. E o senhor?

8: Posso terminar a qualquer momento se achar que o senhor não está se atendo aos limites acordados. OK, gosto dessa.

9: Obedecê-lo em tudo? Aceitar sua disciplina sem hesitação? Precisamos conversar sobre isso.

11: Um mês de período de experiência. Não três.

12: Não posso assumir o compromisso de todo fim de semana. Tenho minha vida, ou terei. Quem sabe três fins de semana por mês?

15.2: Usar meu corpo da maneira que julgar apropriada, sexualmente ou de outra maneira qualquer. Por favor, defina “outra maneira qualquer”.

15.5: Toda a cláusula de disciplina. Não sei se quero ser chicoteada, açoitada ou receber castigos corporais. Garanto que isso iria contra as cláusulas 2-5. E também “por qualquer outro motivo”. Isso é maldade — e o senhor disse que não era sádico.

15.10: Como se me emprestar para outra pessoa fosse uma opção. Mas ainda bem que isso está aqui por escrito.

15.14: As Regras. Falarei mais sobre isso depois.

15.19: Tocar-me sem sua permissão. Qual é o problema? O senhor sabe que não faço isso, afinal.

15.21: Disciplina — queira ver cláusula 15.5 acima.

15.22: Não posso olhá-lo nos olhos? Por quê?

15.24: Por que não posso tocá-lo?

Regras:

Sono — Concordo com seis horas.

Alimentação — Não vou comer alimentos de uma lista específica. É a lista de alimentos ou eu — não tem negociação.

Roupas — contanto que eu só tenha que usar suas roupas quando estiver com você... tudo bem.

Exercícios — Concordamos com três horas, o contrato ainda menciona quatro.

Limites Brandos:

Podemos examinar todos eles? Nada de introduzir mão ou objetos de qualquer tipo. O que é suspensão? Grampos genitais — você deve estar brincando.

Queira por favor me informar dos planos para quarta-feira. Trabalho até as cinco da tarde nesse dia.

Boa noite.
Ana

De: Christian Grey
Assunto: Questões
Data: 24 de maio de 2011 00:07
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,
É uma longa lista. Por que ainda está acordada?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Virando a noite
Data: 24 de maio de 2011 00:10
Para: Christian Grey

Senhor,
Se está lembrado, eu estava analisando esta lista quando fui distraída e levada para a cama por um maníaco por controle que apareceu de surpresa.

Boa noite.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Pare de virar a noite
Data: 24 de maio de 2011 00:12
Para: Anastasia Steele

VÁ SE DEITAR, ANASTASIA.

Christian Grey
CEO & Maníaco por Controle, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah... maiúsculas gritantes! Desligo. Como ele pode me intimidar estando a dez quilômetros de distância? Balanço a cabeça. Ainda aborrecida, me deito e adormeço imediatamente, caindo num sono profundo, mas perturbado.

CAPÍTULO TREZE

No dia seguinte, ligo para minha mãe depois que chego em casa do trabalho. Foi um dia relativamente calmo na loja, o que me deu um bom tempo para pensar. Estou inquieta, nervosa com meu confronto com o Sr. Maníaco por Controle amanhã, e só fico pensando que talvez eu tenha sido muito negativa em minha reação ao contrato. Talvez ele cancele tudo.

Minha mãe está pesarosa, desculpando-se sem parar por não poder ir à minha formatura. Bob torceu uns ligamentos, o que quer dizer que está mancando por aí. Honestamente, ele é tão propenso a acidentes quanto eu. A expectativa é que se recupere plenamente, mas isso significa que está de repouso, e minha mãe tem que fazer tudo para ele.

— Ana, querida, lamento tanto — choraminga ela ao telefone.

— Mãe, tudo bem. Ray vai estar presente.

— Ana, você parece distraída... está tudo bem, querida?

— Tudo, mãe. — *Ah, se você soubesse.* Conheci um cara podre de rico e ele quer ter um relacionamento totalmente pervertido, no qual não poderei opinar em nada.

— Você conheceu alguém?

— Não, mãe.

Não vou entrar nesse assunto agora de jeito nenhum.

— Bem, querida, vou ficar pensando em você na quinta-feira. Eu amo você... você sabe disso, não é, amorzinho?

Fecho os olhos. Suas palavras preciosas me aquecem a alma.

— Também amo você, mãe. Mande um beijo para o Bob, espero que ele melhore logo.

— Mando, sim, querida. Tchau.

— Tchau.

Acabei entrando no meu quarto com o telefone. Despreocupadamente, ligo a máquina do mal e abro minha caixa de

entrada. Tem um e-mail de Christian de ontem bem tarde, ou de hoje bem cedo, dependendo do ponto de vista. Meu coração dispara na mesma hora, e ouço o sangue latejando nos meus ouvidos. Puta merda... talvez ele tenha dito não, isto é, talvez tenha cancelado o jantar. A ideia dói muito. Descarto-a rapidamente e abro o e-mail.

De: Christian Grey
Assunto: Seus problemas
Data: 24 de maio de 2011 1:27
Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,
Após ter analisado mais detidamente os problemas que propôs, permita-me chamar a atenção para a definição de submisso.

submisso [sub-mis-so] — *adjetivo*.

1. propenso ou pronto a se submeter; que obedece humildemente sem resistir: *servos submissos*.

2. que denota ou envolve submissão: *uma resposta submissa*.

Origem: 1580-90 submiss + -ivo

Sinônimos: 1. afável, dócil, domável, maleável. 2. passivo, resignado, paciente, dócil, manso, controlado. *Antônimos:* 1. rebelde, desobediente.

Por favor, tenha isso em mente para o nosso encontro de quarta-feira.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Minha primeira reação é de alívio. Ele está disposto a discutir minhas questões pelo menos, e ainda quer me ver amanhã. Após refletir um pouco, respondo.

De: Anastasia Steele
Assunto: Meus problemas... E os Seus Problemas?
Data: 24 de maio de 2011 18:29
Para: Christian Grey

Senhor,

Por favor, veja a data de origem: 1580-90. Eu gostaria de lembrar-lhe, respeitosamente, que estamos em 2011. Evoluímos muito desde então.

Permita-me apresentar uma definição para a *sua* consideração para nosso próximo encontro:

compromisso [kom-pro-mis-so] — *substantivo masculino*

1. acerto de diferenças por concessões mútuas; convenção ou comprometimento entre duas ou mais partes litigantes de se sujeitarem a um julgamento ou decisão arbitral. 2. obrigação assumida por uma ou diversas partes. 3. dívida a ser paga em dia combinado.

comprometido [kom-pro-me-ti-do]: — *adjetivo*

1. obrigado por compromisso. 2. dado como penhor de garantia, empenhado. 3. que se envolveu, enredado. 4. que foi prejudicado, danificado.

Ana

De: Christian Grey

Assunto: E os meus problemas?

Data: 24 de maio de 2011 18:32

Para: Anastasia Steele

Tem razão, como sempre, Srta. Steele. Passarei para pegá-la em sua casa amanhã às 19 horas.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: 2011 — As mulheres sabem dirigir

Data: 24 de maio de 2011 18:40

Para: Christian Grey

Senhor,
Tenho carro. Sei dirigir.

Eu preferiria encontrá-lo em algum lugar.

Onde o encontro?

Em seu hotel às 19 horas?

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Jovens teimosas
Data: 24 de maio de 2011 18:43
Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,
Refiro-me ao meu e-mail datado de 24 de maio, enviado à 1h27, e à definição ali incluída.

Algum dia acha que será capaz de obedecer?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Homens intratáveis
Data: 24 de maio de 2011 19:49
Para: Christian Grey

Sr. Grey,
Eu gostaria de ir no meu carro.

Por favor.

Ana.

De: Christian Grey
Assunto: Homens exasperados
Data: 24 de maio de 2011 18:52
Para: Anastasia Steele

Tudo bem.
No meu hotel às 19 horas.
Encontro-a no Marble Bar.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ele é ainda mais rabugento por e-mail. Será que não entende que posso precisar fugir depressa? Não que meu fusca seja rápido... mas mesmo assim — preciso de um meio de fuga.

De: Anastasia Steele
Assunto: Homens não tão intratáveis
Data: 24 de maio de 2011 18:55
Para: Christian Grey

Obrigada.

Bj
Ana

De: Christian Grey
Assunto: Mulheres exasperantes
Data: 24 de maio de 2011 18:59
Para: Anastasia Steele

De nada.

Christian Grey.
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ligo para Ray, que está indo assistir ao Sounders jogar contra um time de futebol de Salt Lake City, então nossa conversa felizmente é curta. Ele vem de carro na quinta-feira para a formatura. Quer me levar para jantar depois. Emociono-me ao falar com Ray, e fico com um nó na garganta. Ele foi meu porto seguro durante todos os altos e baixos românticos da mamãe. Temos uma ligação especial que eu valorizo muito. Apesar de ser meu padrasto, ele sempre me tratou como filha, e mal posso esperar para vê-lo. Já faz muito tempo. Sua força silenciosa é do que preciso agora, do que sinto falta. Talvez eu possa canalizar meu Ray interior para o encontro de amanhã.

Kate e eu nos concentramos em empacotar tudo, dividindo uma garrafa de vinho barato ao fazer isso. Quando finalmente vou me deitar, após quase embalar meu quarto inteiro, estou mais calma. A

atividade física foi uma distração oportuna, e estou cansada. Quero uma boa noite de descanso. Aninho-me na cama e logo adormeço.

* * *

PAUL VOLTOU DE Princeton antes de ir para Nova York começar um estágio numa financeira. Ele passa o dia inteiro atrás de mim na loja pedindo para eu sair com ele. É irritante.

— Paul, pela centésima vez, eu tenho um compromisso hoje à noite.

— Não tem, não, só está dizendo isso para me evitar. Você vive me evitando.

É... parece que você entendeu.

— Paul, nunca achei que fosse uma boa ideia sair com o irmão do chefe.

— Sexta-feira é seu último dia aqui. Você não trabalha amanhã.

— E vou para Seattle no sábado e em breve você vai estar em Nova York. Nem que tentasse, a gente conseguiria ficar mais longe um do outro. Além do mais, vou sair com uma pessoa hoje à noite.

— Com o José?

— Não.

— Com quem, então?

— Paul... ah. — Meu suspiro é exasperado. Ele não vai desistir.

— Christian Grey.

Não posso evitar o tom de irritação. Mas funciona. Paul fica boquiaberto, olhando para mim perplexo. Nossa, até o *nome* dele deixa as pessoas sem fala.

— Você vai sair com Christian Grey? — pergunta ele, afinal, depois de se recuperar do choque.

Seu tom de voz deixa claro que ele não está acreditando.

— Vou.

— Entendi.

Paul exhibe uma expressão desapontada, até aturdida, e, lá no fundo, me incomoda o fato de ele se surpreender com isso. Incomoda a minha deusa interior também. Ela faz um gesto muito feio e vulgar com o dedo para ele.

Depois disso, ele me ignora o dia todo, e, às cinco da tarde, vou embora.

Kate me emprestou dois vestidos e dois pares de sapato, para hoje à noite e para a formatura amanhã. Eu gostaria de me interessar mais por roupas e faço um esforço extra, mas essa não é minha praia. *Qual é sua praia, Anastasia?* A pergunta de Christian feita com a voz suave me persegue. Sacudindo a cabeça e tentando me acalmar, decido pelo modelo justo cor de ameixa para hoje. É discreto e vagamente formal — afinal, estou indo negociar um contrato.

Tomo um banho, raspo as pernas e as axilas, lavo o cabelo, e passo uma boa meia hora secando-o, fazendo-o me envolver como um manto ondulado até a altura dos seios. Prendo-o para afastá-lo do rosto e passo rímel e brilho labial. Raramente uso maquiagem — fico intimidada. Nenhuma das minhas heroínas literárias teve que lidar com maquiagem. Talvez eu entendesse mais do assunto se tivessem tido. Calço os sapatos de salto agulha da mesma cor do vestido, e, às seis e meia, estou pronta.

— E aí? — pergunto a Kate.

Ela ri.

— Puxa, você caprichou, Ana. — Ela aprova com um gesto de cabeça. — Está gostosa.

— Gostosa! O meu objetivo é parecer discreta e formal.

— Também, mas está principalmente gostosa. Esse vestido fica muito bem em você, combina com seu tom de pele. Ficou bem justo.

Ela dá uma risadinha.

— Kate! — censuro.

— Só estou falando a verdade, Ana. Ficou tudo perfeito. Fique com o vestido. Você vai fazer com que ele coma na sua mão.

Contraio a boca. *Ah, você está invertendo as coisas.*

— Deseje-me sorte.

— Você precisa de sorte em um encontro? — Ela franze a testa, intrigada.

— Preciso, Kate.

— Pois então, boa sorte.

Ela me dá um abraço, e eu saio.

Tenho que dirigir descalça. Wanda, meu fusca azul-claro, não foi feito para ser dirigido por quem usa salto agulha. Paro em frente ao Heathman exatamente às seis e cinquenta e oito e entrego as chaves do carro para o manobrista estacionar. Ele olha torto para meu fusca, mas finjo que não vejo. Respiro fundo, preparando-me mentalmente para a batalha, e entro no hotel.

Christian está encostado displicentemente no bar, bebendo uma taça de vinho branco. Usa uma camisa de linho branco, como de praxe, calça jeans preta, gravata preta, e paletó preto. Seu cabelo está mais despenteado que nunca. Suspiro. Fico parada um instante na entrada do bar, olhando para ele, admirando a cena. Ele olha, nervoso, acho eu, para a entrada, e fica imóvel quando me vê. Pisca umas duas vezes, e então dá um sorriso lento, preguiçoso e sensual que me deixa sem fala e toda derretida por dentro. Fazendo um esforço supremo para não morder o lábio, me adianto, ciente de que eu, Anastasia Steele da Semjeitolândia, estou de salto agulha. Ele vem com elegância ao meu encontro.

— Você está maravilhosa — murmura ao se inclinar para me dar um beijo no rosto. — De vestido, Srta. Steele. Aprovo.

Oferecendo o braço, ele me conduz a uma mesa isolada e acena para o garçom.

— O que vai querer beber?

Meus lábios esboçam um sorriso maroto enquanto deslizo para me sentar à mesa — bem, pelo menos ele está me perguntando.

— Vou beber o mesmo que você, por favor.

Viu? Sei ser boazinha e me comportar. Achando graça, ele pede outro copo de Sancerre e desliza para o lugar à minha frente.

— Eles têm uma adega excelente aqui — comenta.

Colocando os cotovelos na mesa, ele junta as mãos na frente da boca, os olhos acesos com uma emoção intraduzível. E pronto... comecei a sentir aquela atração familiar e aquela energia vindo dele, acendendo-me por dentro. Fico me mexendo desconfortável, o coração disparado, enquanto ele me examina. Preciso manter a calma.

— Está nervosa? — pergunta ele delicadamente.

— Estou.

Ele se inclina para mim.

— Eu também — sussurra em tom conspiratório.

Meus olhos procuram depressa os dele. *Ele? Nervoso? Nunca.* Pisco, e Christian me dá aquele adorável sorriso torto. O garçom chega com meu vinho, um pratinho de frutas secas sortidas, e outro de azeitonas.

— Então, como vamos fazer isso? — pergunto. — Analisar meus argumentos um por um?

— Impaciente como sempre, Srta. Steele.

— Bem, eu poderia lhe perguntar o que achou do tempo hoje.

Ele sorri, e pega uma azeitona com aqueles dedos compridos. Joga-a na boca, e meus olhos ficam presos ali, naquela boca que já estive em mim... em todas as partes do meu corpo. Enrubesco.

— Achei que o tempo esteve particularmente normal hoje.

Ele dá um sorrisinho.

— Está debochando de mim, Sr. Grey?

— Estou, Srta. Steele.

— Sabe que este contrato é legalmente inválido?

— Estou plenamente ciente desse fato, Srta. Steele.

— Ia comunicá-lo a mim em algum momento?

Ele franze a testa.

— Acha que eu a coagiria a fazer algo contra sua vontade, e depois fingiria ter poder legal sobre você?

— Bem... sim.

— Não me tem em muito alta conta, não é?

— O senhor não respondeu a minha pergunta.

— Anastasia, não importa se é legal ou não. O contrato representa um acordo que eu gostaria de fazer com você: o que eu espero de você e o que você pode esperar de mim. Se não lhe agrada, então não assine. Se assinar e depois achar que não lhe agrada, há cláusulas de salvaguarda suficientes para que possa cair fora. Mesmo se o contrato fosse legalmente vinculante, acha que eu iria arrastá-la para os tribunais se decidisse cancelá-lo?

Tomo um bom gole de vinho. Meu inconsciente me dá um tapa no ombro. Você precisa conservar a capacidade de raciocínio. *Não beba demais.*

— Relações como esta se baseiam em honestidade e confiança

— prossegue ele. — Se não confiar em mim, confiar para saber

como afeto você, até onde posso ir, até onde posso levá-la, se não puder ser honesta comigo, aí realmente não podemos fazer isso.

Nossa, fomos rápido ao que interessa. Até onde ele pode me levar. Puta merda. O que significa isso?

— Então é bem simples, Anastasia. Você confia em mim ou não? Os olhos dele ardem, fervem.

— Teve discussões semelhantes com, hã... as quinze?

— Não.

— Por quê?

— Porque elas eram todas submissas estabelecidas. Sabiam o que queriam de uma relação comigo e o que eu esperava de modo geral. Com elas, era só uma questão de ajustar os limites brandos, esses detalhes.

— Você frequenta alguma loja? A Butique dos Submissos, ou algo assim?

Ele ri.

— Não exatamente.

— Então, como?

— É isso que você quer discutir? Ou vamos direto ao x da questão? Seus problemas, como você diz.

Engulo em seco. *Será que confio nele?* É a isso que tudo se resume? Confiança? É claro que isso deve ser um sentimento bilateral. Lembro-me da agitação dele quando liguei para José.

— Está com fome? — pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Ah, não... comida.

— Não.

— Já comeu hoje?

Fico olhando para ele. *Honestamente...* Puta merda, ele não vai gostar da minha resposta.

— Não. — Minha voz quase some.

Ele franze o cenho.

— Você tem que comer, Anastasia. Podemos comer aqui ou na minha suíte. O que prefere?

— Acho que devemos ficar em terreno público e neutro.

Ele dá um sorriso irônico.

— Acha que isso me deteria? — sussurra, um aviso sensual.

Arregalo os olhos e torno a engolir em seco.

— Espero que sim.

— Venha, reservei uma sala de jantar privada. Nada de público.

Ele me lança um sorriso enigmático e sai da mesa, estendendo a mão para mim.

— Traga seu vinho — murmura.

Dando-lhe a mão, deslizo para sair e fico em pé ao lado dele. Ele solta minha mão, pega meu cotovelo e me conduz ao mezanino pela imponente escada em frente ao bar. Um rapaz de libré vem ao nosso encontro.

— Sr. Grey, por aqui.

Atravessamos com ele uma luxuosa área de estar até uma sala de jantar íntima. *Só uma mesa isolada.* A sala é pequena, mas suntuosa. Embaixo de um lustre cintilante, a mesa posta com uma toalha de linho branca, copos de cristal, talheres de prata e um ramo de rosas brancas. Há um encanto sofisticado do velho mundo impregnado na sala de lambris de madeira. O garçom puxa minha cadeira, e eu me sento. Ele coloca o guardanapo no meu colo. Christian senta-se em frente a mim. Olho para ele.

— Não morda o lábio — sussurra.

Franzo a testa. Droga. Nem sei o que estou fazendo.

— Eu já fiz os pedidos. Espero que não se importe.

Francamente, estou aliviada. Não tenho certeza se tenho capacidade de tomar mais nenhuma decisão.

— Não, está ótimo — concordo.

— É bom saber que você pode se resignar. Agora, onde estávamos?

— No x da questão.

Tomo mais um bom gole de vinho. É mesmo uma delícia. Christian Grey entende de vinho. Lembro-me do último gole que ele me deu, em minha cama. Coro com essa lembrança intrusiva.

— Sim, as suas questões.

Ele retira uma folha de papel do bolso interno do paletó. Meu e-mail.

— Cláusula 2. Aceita. Isso beneficia a nós dois. Redigirei de novo.

Pisco para ele. Puta merda... vamos examinar cada um desses pontos, um a um? Eu simplesmente não me sinto tão corajosa cara a cara. Ele parece muito sério. Preparo-me para o pior com mais um gole de vinho. Christian continua.

— Minha saúde sexual. Bem, todas as minhas parceiras anteriores fizeram exames de sangue, e eu faço exames regulares a cada seis meses para todos os riscos de saúde que você menciona. Todos os meus testes recentes estão bons. Nunca usei drogas. Na verdade, sou veementemente contra drogas. Tenho uma política rígida de não tolerância com relação a drogas para todos os meus empregados, e insisto em testes aleatórios.

Nossa... mania de controle levada à loucura. Pisco para ele, chocada.

— Nunca fiz nenhuma transfusão de sangue. Isso responde à sua pergunta?

Balanço a cabeça, impassível.

— Sua questão seguinte, eu já mencionei. Você pode ir embora a qualquer momento, Anastasia. Não vou impedi-la. Mas se for, acabou. Só para você saber.

— Tudo bem — respondo baixinho.

Se eu for embora, acabou. A ideia é surpreendentemente dolorosa.

O garçom chega com nosso primeiro prato. Como posso comer? Ai, meu Deus — ele pediu ostras frescas num leito de gelo.

— Espero que goste de ostra — diz ele com a voz macia.

— Nunca comi.

Jamais.

— É mesmo? Bem. — Ele pega uma. — Basta deixar escorregar e engolir. Acho que consegue fazer isso.

Ele me olha, e sei a que está se referindo. Fico vermelha. Ele sorri para mim, espreme um pouco de limão na sua ostra e deixa-a escorregar na boca.

— Hum, que delícia. Tem gosto de mar. — Ele me olha. — Coma — encoraja.

— Então, eu não preciso mastigar?

— Não, Anastasia, não precisa.

Seus olhos brilham, divertidos. Ele parece mais jovem assim.

Mordo o lábio, e sua expressão muda na mesma hora. Ele fecha a cara para mim. Estico o braço e pego a primeira ostra da minha vida. Tudo bem... lá vai. Espremo um pouco de limão nela e jogo-a na boca. Ela escorrega goela abaixo, um gostinho de água do mar, sal, a acidez do limão e uma consistência... aah. Lambo os lábios, e ele está me observando atentamente, o olhar dissimulado.

— E aí?

— Vou comer outra — digo secamente.

— Muito bem — diz ele orgulhoso.

— Você escolheu ostras de propósito? Elas são famosas pelas propriedades afrodisíacas, não são?

— Não, as ostras são o primeiro item do menu. Não preciso de afrodisíaco perto de você. Acho que sabe disso, e imagino que você tenha a mesma reação a meu lado — diz ele simplesmente. — Então, onde estávamos?

Ele olha meu e-mail enquanto pego outra ostra.

Ele tem a mesma reação. Eu o afeto... uau.

— Obedecer a mim em tudo. Sim, quero que você faça isso. Preciso que faça isso. Pense nisso como um teatrinho, Anastasia.

— Mas tenho medo de que você me machuque.

— Machuque como?

— Fisicamente.

E emocionalmente.

— Acha mesmo que eu faria isso? Passar de qualquer limite que você não possa suportar?

— Você disse que já machucou uma pessoa antes.

— É, machuquei. Foi há muito tempo.

— Como a machucou?

— Eu a suspendi no teto do quarto de jogos. Na verdade, essa é uma das suas questões. Suspensão. É para isso que servem os mosquetões no quarto. Brincadeiras com corda. Uma das cordas estava muito apertada.

Faço um gesto, implorando para que ele pare.

— Não preciso saber de mais nada. Então você não vai me suspender?

— Não se você realmente não quiser. Você pode tornar isso um limite rígido.

— Tudo bem.

— Obedecer, então. Acha que consegue fazer isso?

Ele me encara, o olhar intenso. Os segundos passam.

— Eu poderia tentar — sussurro.

— Ótimo. — Ele sorri. — Agora a vigência. Um mês em vez de três não é nada, especialmente se você quiser um fim de semana longe de mim por mês. Acho que não conseguirei ficar longe de você por todo esse tempo. Mal consigo agora. — Ele para.

Ele não consegue ficar longe de mim? O quê?

— Que tal você ter um dia de um fim de semana por mês, mas eu ganhar uma noite no meio dessa semana?

— Tudo bem.

— E por favor, vamos experimentar por três meses. Se não gostar, pode ir embora quando quiser.

— Três meses?

Estou me sentindo coibida. Tomo mais um bom gole de vinho e como outra ostra. Eu poderia aprender a gostar disso.

— A questão da posse, isso é só terminologia e remonta ao princípio da obediência. É para colocá-la no estado de espírito certo, para entender meu ponto de vista. E quero que saiba que tão logo você entre pela porta da minha casa como minha submissa, faço o que quiser com você. Você tem que aceitar isso, e de bom grado. Por isso precisa confiar em mim. Eu vou foder você, a qualquer momento, do jeito que eu quiser, onde eu quiser. Vou discipliná-la, porque você vai fazer besteira. Vou treiná-la para me satisfazer.

“Mas sei que você nunca fez isso. Vamos começar devagar, e eu vou ajudá-la. Vamos desenvolver vários cenários. Quero que você confie em mim, mas sei que tenho que conquistar sua confiança e vou conquistá-la. A frase ‘ou de outra maneira qualquer’ também é para ajudá-la a entrar no espírito; significa que vale tudo.

Ele está muito apaixonado, fascinado. Essa é claramente sua obsessão, o jeito que ele é... Não consigo tirar os olhos dele. Ele quer muito, muito, isso. Para de falar e me encara.

— Ainda está acompanhando? — murmura, a voz quente e sedutora. Bebe um gole de vinho, o olhar penetrante prendendo o meu.

O garçom aparece à porta, e Christian faz um sinal de cabeça sutil, autorizando-o a retirar o prato de ostras.

— Quer mais vinho?

— Tenho que dirigir.

— Então, água?

Assinto com a cabeça.

— Com ou sem gás?

— Com gás, por favor.

O garçom se retira.

— Você está muito calada — comenta Christian.

— Você está muito falante.

Ele sorri.

— Disciplina. Há uma linha muito tênue entre prazer e dor, Anastasia. São dois lados da mesma moeda, e não há um sem o outro. Posso lhe mostrar quão prazerosa pode ser a dor. Você não acredita em mim agora, mas é isso que eu quero dizer com confiança. Vai haver dor, mas nada que você não possa suportar. Mais uma vez, tudo é confiança. Você confia em mim, Ana?

Ana!

— Confio.

Respondo automaticamente, sem pensar... porque é verdade — *confio* nele.

— Muito bem — ele parece aliviado. — O resto são só detalhes.

— Detalhes importantes.

— Tudo bem. Vamos analisá-los.

Estou tonta com todas essas coisas que ele fala. Eu devia ter trazido o gravador digital da Kate para poder ouvir isso de novo depois. Tem muita informação, muita coisa para digerir. O garçom reaparece com nossos pratos: bacalhau negro, aspargos e batatas amassadas com molho holandês. Nunca estive tão sem vontade de comer.

— Espero que goste de peixe — diz Christian, amavelmente.

Belisco minha comida e tomo um gole da água com gás. Eu queria muito que fosse vinho.

— As regras. Vamos falar sobre elas. Comida pode inviabilizar o acordo?

— Pode.

— Posso modificar e dizer que você vai comer pelo menos três refeições por dia?

— Não.

Não vou voltar atrás nisso. Ninguém vai me dizer o que comer. Como eu trepo, sim, mas o que eu como... não, de jeito nenhum.

Ele contrai os lábios.

— Preciso saber que você não está com fome.

Franzo a testa. *Por quê?*

— Você vai ter que confiar em mim.

Ele me olha um instante, e relaxa.

— *Touché*, Srta. Steele — diz baixinho. — Concedo a alimentação e o sono.

— Por que não posso olhar para você?

— Isso é uma coisa entre dominador e submissa. Você vai se acostumar.

Vou?

— Por que não posso tocar em você?

— Por que não.

Ele aperta os lábios com força.

— É por causa da Mrs. Robinson?

Ele me olha intrigado.

— Por que acha isso? — E na mesma hora entende. — Você acha que ela me traumatizou?

Faço que sim com a cabeça.

— Não, Anastasia. Ela não é o motivo. Além do mais, Mrs. Robinson não aceitaria nenhuma dessas porcarias da minha parte.

Balanço a cabeça.

Ah... mas eu tenho que aceitar.

Faço uma expressão zangada.

— Então não tem nada a ver com ela?

— Não. E também não quero que você se toque.

O quê? Ah, sim, a cláusula proibindo a masturbação.

— Por curiosidade... por quê?

— Por que eu quero o seu prazer todo para mim.

A voz dele é grave, mas determinada.

Ah... Não tenho resposta para isso. Num momento, ele vem com “eu quero morder esse lábio”; em outro, com todo esse egoísmo.

Franzo a testa e como um pedacinho do bacalhau, tentando pensar no que consegui. Comida, sono. Ele vai devagar, e ainda não discutimos os limites brandos. Mas não sei se consigo enfrentar isso durante o jantar.

— Já lhe dei muita coisa para pensar, não foi?

— Sim.

— Quer falar dos limites brandos agora?

— Não durante o jantar.

Ele sorri.

— Fica enjoada?

— Por aí.

— Você não comeu muito.

— Estou satisfeita.

— Três ostras, quatro garfadas de bacalhau e um talo de aspargo, nada de batata, nada de frutas secas, nada de azeitonas, e não comeu o dia inteiro. Você disse que eu podia confiar em você.

Nossa, ele fez um inventário.

— Christian, por favor, não é todo dia que preciso lidar com conversas como esta.

— Preciso de você em forma e saudável, Anastasia.

— Eu sei.

— E agora mesmo, quero tirar seu vestido.

Engulo em seco. *Tirar o vestido da Kate*. Sinto aquela tensão dentro de mim. Músculos com os quais agora já estou mais familiarizada se contraem diante dessas palavras. Mas não posso aceitar isso. Sua arma mais potente usada de novo contra mim. Ele é muito bom com sexo — até eu já entendi isso.

— Acho que não é uma boa ideia — digo baixinho. — Ainda não comemos a sobremesa.

— Você quer sobremesa? — bufa ele.

— Quero.

— Você podia ser a sobremesa — murmura ele sugestivamente.

— Não sei se sou doce o bastante.

— Anastasia, você é uma delícia de tão doce. Eu sei.

— Christian, você usa o sexo como uma arma. Isso realmente não é justo — afirmo, olhando para minhas mãos, e depois encarando-o.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso, e vejo que está considerando minhas palavras. Afaga o queixo, pensativo.

— Tem razão. Uso. Na vida, a gente usa o que pode, Anastasia. Isso não muda o quanto desejo você. Aqui. Agora.

Como ele pode me seduzir só com a voz? Já estou ofegante — o sangue fervendo em minhas veias, os nervos formigando.

— Eu gostaria de experimentar uma coisa — murmura ele.

Franzo as sobrancelhas. Ele acabou de me dar um monte de ideias para processar e agora isso.

— Se você fosse minha submissa, não teria que pensar sobre isso. Seria fácil. — A voz dele é macia, sedutora. — Todas essas decisões, todo o cansativo processo de raciocínio por trás disso. O “Será que é a coisa certa a fazer?”; “Será que isso devia acontecer aqui?”; “Pode acontecer agora?” Você não precisaria se preocupar com nenhum desses detalhes. Era o que eu faria como seu Dominador. E agora mesmo, eu sei que você me quer, Anastasia.

Franzo ainda mais a testa. Como ele sabe?

— Sei porque...

Putá merda, ele está respondendo à pergunta que não fiz. Será que também é vidente?

— ...seu corpo está entregando você. Está cruzando as pernas, com o rosto vermelho e a respiração alterada.

Tudo bem, isso é demais.

— Como sabe das minhas pernas? — Meu tom de voz é grave, descrente. Elas estão embaixo da mesa, caramba.

— Senti a toalha mexer, e é um palpite com base em anos de experiência. Estou certo, não estou?

Fico vermelha e baixo os olhos. É isso que me prejudica nesse jogo de sedução. Ele é o único que conhece e entende as regras. Sou simplesmente muito ingênua e inexperiente. Minha única referência é Kate, e ela não aceita desaforo de homem. Minhas outras referências são todas ficcionais; Elizabeth Bennet ficaria ultrajada. Jane Eyre, assustada demais, e Tess sucumbiria, assim como sucumbi.

— Ainda não terminei o bacalhau.

— Prefere bacalhau frio a mim?

Fito-o bruscamente, e vejo uma carência premente naquele brilho prateado de seu olhar ardente.

— Pensei que não gostasse que eu deixasse comida no prato.

— Neste momento, Srta. Steele, estou me lixando para sua comida.

— Christian. Você simplesmente não joga limpo.

— Eu sei. Nunca joguei.

Minha deusa interior franze as sobrancelhas para mim. Você pode fazer isso, ela tenta me persuadir, fazer o mesmo jogo desse deus do sexo. *Posso?* Tudo bem. O que fazer? Minha inexperiência é um problema. Pego um talo de aspargo, olho para ele e mordo o lábio. Então, bem devagarinho, ponho a pontinha do aspargo frio na boca e chupo.

Christian arregala os olhos imperceptivelmente, mas eu percebo.

— Anastasia. O que está fazendo?

Mordo a pontinha.

— Comendo meu aspargo.

Christian se mexe na cadeira.

— Acho que está brincando comigo, Srta. Steele.

Faço-me de inocente.

— Só estou terminando de comer, Sr. Grey.

O garçom escolhe esse momento para bater e, sem ser chamado, entrar. Olha rapidamente para Christian, que fecha a cara para ele, mas depois balança a cabeça, e o garçom retira nossos pratos. A chegada do garçom quebrou o encanto. E aproveito esse precioso momento de lucidez. Tenho que ir. Se eu ficar, sei como nosso encontro vai acabar, e preciso de um tempo depois de uma conversa tão intensa. Por mais que meu corpo deseje seu toque, minha mente está se rebelando. Preciso de distância para pensar em tudo o que ele disse. Ainda não me decidi, e sua postura e suas proezas sexuais não facilitam as coisas.

— Quer uma sobremesa? — pergunta Christian, sempre cavalheiro, mas seus olhos ainda ardem.

— Não, obrigada. Acho que devo ir embora. — Baixo os olhos.

— Ir embora?

Ele não consegue disfarçar a surpresa.

O garçom sai apressadamente.

— Sim. — É a decisão certa. Se eu ficar aqui ele vai transar comigo. Levanto-me, determinada. — Nós dois temos a cerimônia de formatura amanhã.

Christian se levanta de imediato, revelando anos de cortesia arraigada.

— Não quero que você vá.

— Por favor... eu tenho que ir.

— Por quê?

— Porque você me deu muita coisa para pensar... e eu preciso de um pouco de distância.

— Eu poderia fazer você ficar — ameaça ele.

— Sim, poderia facilmente, mas eu não quero que você faça.

Ele passa a mão no cabelo, olhando-me com cautela.

— Sabe, quando você caiu na minha sala para me entrevistar, só dizia “sim, senhor”, “não, senhor”. Achei que fosse uma submissa nata. Mas, francamente, Anastasia, não sei ao certo se você tem algo de submisso nesse seu corpinho delicioso.

Ele se aproxima de mim lentamente enquanto fala, a voz tensa.

— Talvez você tenha razão — murmuro.

— Quero ter a chance de explorar essa possibilidade — sussurra ele, olhando para mim. Estica o braço e acaricia meu rosto, passando o polegar no meu lábio inferior. — Não conheço nenhuma outra maneira, Anastasia. Eu sou assim.

— Eu sei.

Ele se inclina para me beijar, mas para antes de encostar os lábios, os olhos procurando os meus, querendo, pedindo permissão. Levo meus lábios aos dele, e ele me beija, e, porque eu não sei se algum dia vou beijá-lo de novo, me deixa levar — minhas mãos se movendo por conta própria e se emaranhando no cabelo dele, puxando-o para mim, minha boca se abrindo, minha língua roçando na dele. Ele segura minha nuca conforme seu beijo vai ficando mais intenso, respondendo ao meu ardor. Sua outra mão desliza pelas minhas costas e se espalma na altura dos meus rins ao me apertar contra seu corpo.

— Não posso convencê-la a ficar? — pergunta ele entre beijos.

— Não.

— Passe a noite comigo.

— Sem tocar em você? Não.

Ele suspira.

— Garota impossível. — Ele recua, me olhando. — Por que acho que você está me dizendo adeus?

— Por que estou indo embora agora.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe.

— Christian, tenho que pensar. Não sei se quero o tipo de relação que você quer.

Ele fecha os olhos e cola a testa na minha, dando a nós dois a oportunidade de acalmar nossa respiração. Logo depois, beija minha testa, inspira profundamente, o nariz em meu cabelo, e depois me solta, dando um passo para trás.

— Como quiser, Srta. Steele — diz, o rosto impassível. — Acompanho-a até o saguão.

Ele estende a mão. Abaixo-me para pegar a bolsa e retribuo o gesto. *Putá merda, esse pode ser o fim.* Desço obedientemente ao lado dele pela escadaria imponente, minha cabeça formigando, o sangue latejando. Pode ser o último adeus se eu decidir dizer não. Fico com o coração apertado. Que reviravolta. Que diferença um momento de lucidez pode fazer para uma garota.

— Você está com o ticket do estacionamento?

Procuro na bolsa e entrego-lhe o ticket, que ele dá ao porteiro. Olho para ele enquanto esperamos.

— Obrigada pelo jantar — murmuro.

— Foi agradável como sempre, Srta. Steele — diz com educação, embora pareça estar pensando em outra coisa, completamente absorto.

Olhando para ele, memorizo seu belo perfil. A ideia de que poderei não tornar a vê-lo me persegue, inoportuna e muito triste para contemplar. Ele se vira de repente e me olha, a expressão intensa.

— Você vai se mudar este fim de semana para Seattle. Se tomar a decisão certa, posso vê-la no domingo?

Ele parece hesitante.

— Vamos ver. Quem sabe — respondo.

Ele parece aliviado, mas depois franze a testa.

— Agora está mais frio, você não tem um casaco?

— Não.

Ele balança a cabeça, irritado, e tira o blazer.

— Tome. Não quero você se resfriando.

Pisco para ele, enquanto ele segura o blazer, e eu abro os braços. Lembro-me da vez em que ele colocou a jaqueta nos meus ombros, no escritório — quando o conheci — e o efeito que isso me causou na época. Nada mudou: na verdade, está mais intenso. O blazer dele é quente, muito grande, e tem o cheiro dele... delicioso...

Meu carro chega. Christian fica boquiaberto.

— É isso que você dirige?

Ele está horrorizado. Oferece a mão e me leva para a rua. O manobrista sai do carro e me entrega as chaves, e Christian friamente lhe dá uma gorjeta.

— Isso está em condições de andar por aí?

Ele agora me olha furioso.

— Está.

— Será que chega a Seattle?

— Chega, sim.

— Em segurança?

— Sim — digo secamente, exasperada. — Tudo bem, é velho. Mas é meu, e está em condições de andar por aí. Meu padrasto comprou para mim.

— Ah, Anastasia, acho que a gente pode melhorar isso.

— Como assim? — De repente entendo. — Você *não* vai comprar um carro para mim.

Ele me olha furioso, a mandíbula cerrada.

— Vamos ver — diz, determinado.

Ele faz uma careta ao abrir a porta do motorista e me ajuda a entrar. Tiro os sapatos e abro o vidro. Está me olhando, a expressão insondável, olhos sombrios.

— Dirija com cuidado — diz baixinho.

— Até logo, Christian.

Minha voz está rouca por causa das inoportunas lágrimas contidas — *não vou chorar*. Dou um sorrisinho.

Quando me afasto, sinto um aperto no peito, as lágrimas começam a brotar e engulo um soluço. Logo, elas estão escorrendo pelo rosto e eu realmente não entendo por que estou chorando. Eu

estava me segurando. Ele explicou tudo. Foi claro. Ele me quer, mas a verdade é que preciso de mais. Preciso que ele me queira como eu o quero e preciso dele, e, no fundo, sei que isso é impossível. Só estou perturbada.

Nem sei em que categoria colocá-lo. Se eu aceitar isso... será que ele será meu namorado? Será que vou poder apresentá-lo a meus amigos? Ir a um bar, um cinema, até a um boliche com ele? A verdade é que acho que não. Ele não quer me deixar tocar nele nem dormir com ele. Sei que não tive essas coisas no passado, mas quero ter no futuro. E não é o futuro que ele imagina.

E se eu disser sim, e, daqui a três meses, ele terminar, estiver saturado de tentar me transformar em algo que eu não sou? Como vou me sentir? Vou ter investido emocionalmente três meses, fazendo coisas que não tenho certeza se quero fazer. E, se ele então terminar o contrato, como eu poderia enfrentar essa rejeição? Talvez seja melhor recuar agora com o que ainda me resta de autoestima.

Mas a ideia de não tornar a vê-lo é angustiante. Como ele virou uma obsessão para mim tão depressa? Não pode ser só o sexo... pode? Limpo as lágrimas. Não quero analisar meus sentimentos por ele. Tenho medo do que vou descobrir se fizer isso. *O que vou fazer?*

Paro em frente a nosso apartamento. Está tudo apagado. Kate deve ter saído. Fico aliviada. Não quero que ela me pegue chorando de novo. Enquanto tiro minha roupa, ligo a máquina do mal e, na minha caixa de entrada, há uma mensagem de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Hoje à noite

Data: 25 de maio de 2011 22:01

Para: Anastasia Steele

Não entendo por que você fugiu hoje à noite. Espero sinceramente ter respondido a todas as suas perguntas a contento. Sei que lhe dei muita coisa para pensar, e torço muito para que considere seriamente minha proposta. Quero muito fazer essa relação dar certo. Vamos devagar. Confie em mim.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

O e-mail dele me faz chorar mais. Não sou uma fusão. Não sou uma aquisição. Lendo isso, é como se eu fosse. Não respondo. Simplesmente não sei o que dizer a ele. Visto o pijama, me enrolo no blazer dele e vou para a cama. Enquanto me deito olhando para o escuro, penso em todas as vezes que ele me avisou para ficar longe.

Anastasia, você deve se afastar de mim. Não sou homem para você.

Eu não namoro.

Não sou o tipo que manda flores.

Eu não faço amor.

Isso é tudo que eu sei.

E, chorando no travesseiro baixinho, é a essa última ideia que me aferro. Isso também é tudo que eu sei. Talvez juntos possamos planejar um novo rumo.

CAPÍTULO QUATORZE

Christian está em pé em cima de mim segurando um chicote de montaria de couro. Usa uma calça jeans velha, desbotada e rasgada, mais nada. Bate lentamente com o chicote na palma da mão enquanto olha para mim. Seu sorriso é triunfante. Não posso me mexer. Estou nua e algemada, de pernas e braços abertos numa cama grande de quatro colunas. Ele estica o braço e passa a ponta do chicote pela minha testa e pelo meu nariz, fazendo com que eu sinta o cheiro do couro, e desce por meus lábios entreabertos. Enfia a ponta na minha boca, para que eu sinta o gosto do couro macio e de boa qualidade.

— Chupe — ordena ele, com suavidade.

Seguro a ponta com a boca e obedeço.

— Chega — diz de repente.

Estou ofegante quando ele puxa o chicote da minha boca, passa-o embaixo do meu queixo, e vai descendo com o objeto pelo meu pescoço até o tórax. Gira-o lentamente ali e continua descendo pelo meu corpo, passando pelo esterno, entre os seios, pelo torso, até o umbigo. Estou arfando, me contorcendo, puxando as amarras que ferem meus pulsos e tornozelos. Ele gira a ponta em volta do meu umbigo, depois vai descendo, passando pelos meus pelos pubianos até o clitóris. Brande o chicote e acerta um golpe seco naquele meu ponto doce, e eu gozo, gloriosamente, com um grito de alívio.

Acordo de súbito, ofegante, toda suada e sentindo os efeitos do orgasmo. Que inferno. Estou completamente desorientada. *Que diabo acabou de acontecer?* Estou sozinha no meu quarto. Como? Por quê? Sento-me de repente na cama, chocada... uau. É de manhã. Olho o despertador — oito horas. Ponho as mãos na cabeça. Eu não sabia que podia sonhar com sexo. Será que foi alguma coisa que comi? Talvez tenham sido as ostras e minha

pesquisa na internet se manifestando em meu primeiro sonho erótico. É incrível. Eu não sabia que podia ter um orgasmo dormindo.

Kate está saltitando pela cozinha quando entro, trôpega.

— Ana, você está bem? Está com uma cara estranha. Esse blazer que está usando é do Christian?

— Estou bem. — Droga, eu devia ter me olhado no espelho. Evito os olhos verdes penetrantes dela. Ainda estou atordoada com o acontecimento da manhã. — É o blazer dele, sim.

Ela franze a testa.

— Você dormiu?

— Não muito bem.

Encaminho-me para a chaleira. Preciso de um chá.

— Como foi o jantar?

Começou.

— Comemos ostras. Depois bacalhau, portanto, eu diria que não cheirou bem.

— Argh... odeio ostra, e não quero saber da comida. Como foi com ele? Sobre o que vocês conversaram?

— Ele foi atencioso.

Paro de falar. O que posso dizer? O teste de HIV dele deu negativo, ele curte um teatrinho, quer que eu obedeça a todas as suas ordens, machucou uma pessoa que amarrou no teto do quarto de jogos, e quis me comer em uma sala privativa do restaurante. Será que é um bom resumo? Tento desesperadamente me lembrar de algo do meu encontro com Christian que eu possa discutir com Kate.

— Ele não aprova o Wanda.

— Quem aprova, Ana? Isso é notícia velha. Por que está tão tímida? Conte tudo, amiga.

— Ah, Kate, falamos sobre um monte de coisas. Você sabe... sobre como ele é exigente em matéria de comida. Por sinal, ele gostou do seu vestido. — A água na chaleira ferveu, e preparo meu chá. — Aceita chá? Quer ler para mim o seu discurso de hoje?

— Sim, por favor. Trabalhei nele ontem à noite na casa da Becca. Vou buscar. E sim, eu adoraria um chá.

Kate sai correndo da cozinha.

Ufa, Katherine Kavanagh afastada. Coloco um bagel na torradeira. Enrubesco, lembrando-me daquele sonho intenso. Com o que foi mesmo, meu Deus?

Ontem à noite, tive dificuldade de dormir. Minha cabeça estava a mil com várias opções. Estou muito confusa. A ideia que Christian faz de uma relação mais parece uma oferta de emprego. Tem horários estabelecidos, uma descrição do cargo e um procedimento de resolução de conflitos bastante severo. Não foi como imaginei meu primeiro romance — mas, claro, Christian não quer saber de romance. Se eu lhe disser que quero mais, ele pode dizer não... e eu poderia colocar em risco o que já tenho com ele. E isso é o que mais me preocupa, porque não quero perdê-lo. Mas não sei se tenho estômago para ser submissa — no fundo, são as varas e os chicotes que me desanimam. Sou covarde fisicamente, e faço de tudo para evitar sentir dor. Penso no meu sonho... *seria assim?* Minha deusa interior está aos pulos com pompons de animadora de torcida gritando que sim.

Kate volta para a cozinha com o laptop. Concentro-me no bagel e escuto pacientemente todo o seu discurso de formatura.

* * *

JÁ ESTOU PRONTA quando Ray chega. Abro a porta de casa, e ele está parado no pátio com aquele terno de corte ruim. Uma onda de gratidão e de amor por esse homem descomplicado me invade, e jogo os braços em volta dele numa rara demonstração de afeto. Ele leva um susto.

— Oi, Annie, que bom ver você — murmura ao me abraçar. Toma distância, as mãos nos meus ombros, e me olha de cima a baixo, as sobrancelhas franzidas. — Você está bem, filha?

— Claro, pai. Será que uma menina não pode ficar feliz de ver o seu velho?

Ele sorri, aqueles olhos escuros franzindo nos cantos, e me segue até a sala.

— Você está ótima — diz.

— É o vestido da Kate. — Olho para o vestido frente única de chiffon cinza.

Ele franze a testa.

— Cadê a Kate?

— Ela já foi para o campus. Vai fazer o discurso, então tem que chegar cedo.

— Será que devemos ir andando?

— Pai, temos meia hora. Quer um chá? E você pode me contar como vai todo mundo lá em Montesano. Como foi a viagem?

* * *

RAY DEIXA O carro no estacionamento do campus, e acompanhamos o mar de gente pontilhado pelas onipresentes becas nas cores preta e vermelha a caminho do ginásio.

— Boa sorte, Annie. Você parece nervosíssima. Tem que fazer alguma coisa?

Puta merda... por que Ray resolveu ser observador logo hoje?

— Não, pai. Hoje é um grande dia.

E vou vê-lo.

— Sim, minha filhinha está se formando. Estou orgulhoso de você, Annie.

— Oh... obrigada, pai.

Ah, eu adoro esse homem.

O ginásio está lotado. Ray senta-se com os outros pais e convidados na arquibancada, enquanto me encaminho para meu lugar. Estou usando a beca preta e o capelo, e me sinto protegida por esses acessórios, anônima. Ainda não tem ninguém no palco, mas não consigo ficar calma. Meu coração palpita, e sinto falta de ar. Ele está aqui, em algum lugar. Pergunto-me se Kate está falando com ele, interrogando-o, talvez. Vou para meu lugar entre os colegas cujos sobrenomes também começam com S. Estou na segunda fila, o que me proporciona um anonimato ainda maior. Olho para trás e vejo Ray no alto da arquibancada. Aceno para ele. Ele me responde sem jeito com um meio aceno e uma meia continência. Sento-me e aguardo.

O auditório enche depressa, e o burburinho de vozes empolgadas fica cada vez mais alto. A primeira fila de assentos se completa. À minha direita e à minha esquerda, estão duas meninas

que não conheço, de outro curso. Claro que elas são muito amigas e ficam conversando animadamente por cima de mim.

Exatamente às onze horas, o reitor aparece vindo dos bastidores, com os três vice-reitores e os professores catedráticos, todos paramentados com seus trajes de gala em vermelho e preto. Nos levantamos e aplaudimos nosso corpo docente. Alguns catedráticos fazem um gesto de cabeça e acenam, outros parecem entediados. O professor Collins, meu orientador e professor preferido, parece ter acabado de cair da cama, como sempre. No canto do palco, estão Kate e Christian. Ele se destaca com aquele terno cinza feito sob medida, reflexos cor de cobre faiscando no cabelo sob as luzes do auditório. Parece muito sério e contido. Quando se senta, desabotoa o paletó de dois botões, e vejo sua gravata. *Putá merda... é aquela gravata!* Esfrego os pulsos por reflexo. Não consigo tirar os olhos dele. Está com aquela gravata de propósito, sem dúvida. Contraio os lábios. A plateia se senta e os aplausos cessam.

— Olhe para ele! — sibila uma das garotas ao meu lado com entusiasmo para a amiga.

— Ele é gostoso.

Fico rígida. Tenho certeza de que não estão falando do professor Collins.

— Deve ser Christian Grey.

— Ele é solteiro?

Fico irritada.

— Acho que não — digo.

— Ah.

As duas garotas me olham surpresas.

— Acho que ele é gay — murmuro.

— Que pena — resmunga uma delas.

O reitor dá início à cerimônia com seu discurso, e observo Christian examinar sutilmente o local. Afundo-me na cadeira, curvando os ombros, tentando me fazer notar o menos possível. Falho completamente e, um segundo depois, os olhos dele encontram os meus. Ele me fita, o rosto impassível, inescrutável. Remexo-me, desconfortável, hipnotizada por aquele olhar enquanto o rubor vai se espalhando lentamente no meu rosto. Sem querer,

recordo meu sonho, e sinto aquele aperto no estômago. Respiro fundo. A sombra de um sorriso perpassa seus lábios, mas é fugaz. Ele fecha rapidamente os olhos e, ao abri-los, reassume aquela expressão indiferente. Depois de dar uma olhadinha para o reitor, ele se mantém de frente, focando o emblema da WSU pendurado acima da entrada. Não volta a olhar para mim. O reitor segue discursando, e Christian continua sem me dirigir os olhos. Limita-se a olhar para a frente.

Por que ele não me olha? Vai ver que mudou de ideia. Uma onda de mal-estar me invade. Vai ver que o fato de eu tê-lo deixado na mão ontem à noite tenha sido o fim para ele, também. Ele está farto de esperar que eu me decida. Ah, não, talvez eu tenha estragado tudo. Lembro-me do e-mail dele de ontem à noite. Será que está irritado porque não respondi?

De repente, os aplausos irrompem no ginásio quando a Srta. Katherine Kavanagh aparece no palco. O reitor se senta, e Kate joga para trás a linda cabeleira comprida ao colocar os papéis na tribuna. Ela não se apressa, nem se deixa intimidar pelas mil pessoas olhando para ela. Quando está pronta, sorri, ergue os olhos para a plateia cativada, e se lança com eloquência em seu discurso. É serena e engraçada, as meninas ao meu lado caem na gargalhada no instante exato em que ela faz a primeira piada. *Ah, Katherine Kavanagh, você sabe modular sua fala.* Fico muito orgulhosa dela nesse momento, deixando de lado os pensamentos sobre Christian. Embora já tenha ouvido o discurso, presto atenção. Ela domina o ambiente e comanda a plateia.

Seu tema é “O que vem depois da faculdade?” Sim, de fato, o que vem depois? Christian está observando Kate com ar de espanto, acho eu. Sim, poderia ter sido Kate a ir entrevistá-lo. E poderia ser para Kate que ele agora estivesse fazendo propostas indecentes. A bela Kate e o belo Christian juntos. Eu poderia ser uma das duas garotas ao meu lado, admirando-o de longe. Sei que Kate não lhe daria nem bom-dia. De que o chamou outro dia? Nojento. A ideia de um confronto entre Kate e Christian me deixa desconfortável. Devo dizer que não sei em qual dos dois eu apostaria.

Kate conclui o discurso com um floreio, e espontaneamente a plateia se levanta, aplaudindo e festejando, sua primeira ovação de pé. Sorrio para ela e a encorajo, e ela sorri de volta. *Mandou bem, Kate*. Ela se senta, assim como a plateia, e o reitor se levanta para apresentar Christian... *Putá merda*, Christian vai fazer um discurso. O reitor menciona rapidamente as realizações de Christian: CEO de sua própria companhia extraordinariamente bem-sucedida, um verdadeiro *self-made man*.

— ...e também um importante benemérito de nossa universidade. Por favor, uma salva de palmas para o Sr. Christian Grey.

O reitor o cumprimenta com um aperto de mão, e aplausos polidos ecoam pela plateia. Estou com o coração na boca. Ele se aproxima da tribuna e olha em volta. Parece tão seguro quanto Kate, ali parado diante de todos nós. As duas garotas a meu lado se inclinam para a frente, extasiadas. Na verdade, acho que quase todas as mulheres da plateia se inclinam um pouquinho, e alguns homens também. Ele começa, a voz macia, modulada e magnetizante.

— Agradeço imensamente a grande honra com que as autoridades da WSU me contemplaram hoje e que muito me comoveu. Isso me dá a rara oportunidade de falar do trabalho impressionante do departamento de ciência ambiental desta universidade. Nosso objetivo é desenvolver métodos agrícolas viáveis e ecologicamente sustentáveis para países do terceiro mundo. Nossa meta é ajudar a erradicar a fome e a pobreza do mundo. Algumas partes do planeta sofrem de uma disfunção agrícola, cuja consequência é a destruição da sociedade e da ecologia. Eu sei o que é passar fome. Esta é uma jornada muito pessoal para mim...

Meu queixo cai no chão. *O quê?* Christian já passou fome? *Putá merda*. Bem, isso explica muita coisa. E me lembro da entrevista. Ele realmente quer alimentar o mundo. Tento desesperadamente me lembrar do que Kate escreveu no artigo dela. Adotado aos quatro anos, acho eu. Não posso imaginar que Grace o tenha feito passar fome, portanto, isso deve ter sido antes, quando ele era mais novo ainda. Engulo em seco, o coração apertado com a ideia de um

garotinho de olhos cinzentos que não saiu das fraldas passando fome. *Ah, não.* Que tipo de vida ele teve antes que os Grey o resgassem?

Sou tomada por um sentimento de pura indignação. Pobre Christian, fodido, pervertido e filantropo — apesar de garantir que ele não se vê dessa maneira e repeliria quaisquer pensamentos de solidariedade ou piedade. De repente, todos aplaudem e se levantam. Acompanho, apesar de não ter ouvido metade do discurso. Ele está fazendo todas essas boas ações, dirigindo uma empresa enorme, e, ao mesmo tempo, me perseguindo. É perturbador. Lembro-me de breves trechos da conversa que ele teve sobre Darfur... tudo se encaixa. *Comida.*

Ele dá um sorriso rápido diante dos aplausos calorosos — até Kate está aplaudindo — depois volta a se sentar. Não olha na minha direção, e estou ficando doida tentando assimilar essas novas informações. Um dos vice-reitores se levanta, e começamos aquele processo longo e tedioso de entrega dos diplomas. Há mais de quatrocentos a entregar, e só mais de uma hora depois é que ouço meu nome. Dirijo-me até o palco entre as duas garotas risonhas. Christian se detém em mim com um olhar cordial, mas circunspecto.

— Parabéns, Srta. Steele — diz ao me cumprimentar, apertando com delicadeza minha mão. Sinto a eletricidade de sua pele na minha. — Seu laptop está com algum problema?

Franzo as sobrancelhas quando ele me entrega o diploma.

— Não.

— Então *está* ignorando meus e-mails?

— Só vi o de fusões e aquisições.

Ele me olha intrigado.

— Mais tarde — diz, e tenho que andar porque estou atrapalhando a fila.

Volto para meu lugar. E-mails? Ele deve ter mandado outro. O que dizia?

A cerimônia leva mais uma hora para se encerrar. É interminável. Finalmente, há mais uma salva de palmas quando o reitor, acompanhado pelo corpo docente, deixa o palco, precedido por Christian e Kate. Christian não olha para mim, embora eu esteja

desejando com todas as forças que ele o faça. Minha deusa interior não está satisfeita.

Enquanto estou parada esperando nossa fila se dispersar, Kate me chama. Está vindo da parte de trás do palco, na minha direção.

— Christian quer falar com você — grita ela.

As duas garotas, que agora estão paradas a meu lado, se viram e me olham boquiabertas.

— Ele mandou eu vir aqui — continua ela.

Ah...

— Seu discurso foi o máximo, Kate.

— Foi mesmo, não foi? — Ela ri de uma orelha à outra. — Você vem? Ele pode ser muito insistente.

Ela revira os olhos, e eu sorrio.

— Você não tem ideia. Não posso deixar o Ray por muito tempo.

Olho para Ray lá em cima e faço um gesto indicando cinco minutos. Ele balança a cabeça, sinalizando que está tudo bem, e eu vou com Kate para o corredor atrás do palco. Christian está conversando com o reitor e dois membros do corpo docente. Ao me ver, ergue os olhos.

— Com licença, senhores — ouço-o murmurar.

Vem na minha direção e dá um sorriso rápido para Kate.

— Obrigado — diz, e antes que ela possa responder, pega o meu braço e me leva para dentro do que parece um vestiário masculino.

Verifica se está vazio, e depois tranca a porta.

Putá merda, o que ele tem em mente? Pisco para ele quando se volta contra mim.

— Por que não me mandou um e-mail? Ou me respondeu por mensagem de texto?

Seus olhos faíscam. Estou perplexa.

— Não olhei o computador hoje, nem o celular. — Merda, será que ele andou tentando me ligar? Tento a técnica da mudança de assunto que é tão eficaz com Kate. — Seu discurso foi maravilhoso.

— Obrigado.

— Explica seus problemas com comida.

Ele passa a mão no cabelo, exasperado.

— Anastasia, não quero falar disso agora. — Fecha os olhos, parecendo aflito. — Ando preocupado com você.

— Preocupado? Por quê?

— Porque você foi para casa naquele perigo que chama de carro.

— O quê? Não há perigo algum. É ótimo. José sempre leva na oficina para mim.

— José, o fotógrafo?

Christian estreita os olhos, a expressão gelada.

Ai, merda.

— Sim, o fusca era da mãe dele.

— Ah, e provavelmente da mãe dela e da mãe da mãe dela. Não é seguro.

— Já dirijo esse carro há mais de três anos. Sinto muito que você esteja preocupado. Por que não me ligou?

Nossa, a reação dele é totalmente exagerada.

Ele respira fundo.

— Anastasia, preciso de uma resposta sua. Essa expectativa está me deixando maluco.

— Christian, eu... olha, eu deixei meu padrasto sozinho.

— Amanhã. Quero uma resposta amanhã.

— Ok. Amanhã eu respondo, então.

Ele recua, me olhando com tranquilidade, e relaxa os ombros.

— Vai ficar para o coquetel? — pergunta.

— Não sei o que o Ray quer fazer.

— Seu padrasto? Eu gostaria de conhecê-lo.

Ah, não... por quê?

— Não sei bem se é uma boa ideia.

Christian destranca a porta, com uma expressão contrariada.

— Você tem vergonha de mim?

— Não! — É minha vez de falar com exasperação. — Apresentar você ao meu pai dizendo o quê? “Esse é o homem que me deflorou e quer que a gente comece uma relação BDSM?” Você não está usando tênis de corrida.

Christian me olha furioso, depois seus lábios se contraem num rápido sorriso. E, embora eu esteja irritada com ele, dou a contragosto um sorriso interrogativo.

— Só para você saber, posso correr bastante rápido. Diga-lhe simplesmente que sou seu amigo, Anastasia.

Ele abre a porta, e eu saio. Minha cabeça está totalmente confusa. O reitor, os três vice-reitores, quatro catedráticos e Kate ficam me olhando enquanto passo apressadamente por eles. *Merda.* Deixo Christian com o corpo docente e vou atrás de Ray.

Diga a ele que sou seu amigo.

Amizade colorida, repreende meu inconsciente com uma expressão mal-humorada. Eu sei, eu sei. Afasto a ideia desagradável. Como vou apresentá-lo a Ray? O ginásio ainda está com pelo menos metade da lotação, e Ray não saiu do lugar. Ele me vê, acena e desce.

— Oi, Annie. Parabéns.

Ele me envolve com o braço.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto.

— Claro. É o seu dia. Vá na frente.

— A gente não precisa ir, se você não quiser.

Por favor, diga não...

— Annie, acabei de passar duas horas e meia sentado ouvindo só conversa fiada. Preciso de uma bebida.

Dou-lhe o braço, e saímos com a multidão no entardecer ameno. Passamos pela fila do fotógrafo oficial.

— Ah, isso me lembra de uma coisa — Ray tira uma câmera digital do bolso. — Uma para o álbum, Annie.

Reviro os olhos para ele quando me fotografa.

— Já posso tirar a beca e o capelo? Estou me sentindo meio idiota.

Você está meio idiota... Meu inconsciente está impertinente como nunca. *Então vai apresentar o Ray ao homem que está comendo você?* Ele me olha por cima dos óculos. *Ele ficaria muito orgulhoso.* Nossa, às vezes eu odeio meu inconsciente.

A tenda é imensa e está lotada — alunos, pais, professores e amigos, todos conversando satisfeitos. Ray me entrega uma taça de champanhe, ou vinho espumante barato, desconfio. Não está gelado e é doce. Meus pensamentos se voltam para Christian... *e ele não vai gostar disso.*

— Ana!

Viro-me e Ethan Kavanagh me dá um abraço. Ele me rodopia sem derramar meu vinho — uma façanha.

— Parabéns! — Ele sorri para mim, os olhos verdes luminosos.

Que surpresa. Seu cabelo louro e sujo está despenteado e sexy. Ele é bonito como Kate. A semelhança entre os dois é espantosa.

— Ethan! Que bom ver você. Pai, esse é Ethan, irmão de Kate. Ethan, esse é o meu pai, Ray Steele.

Eles se cumprimentam, meu pai avaliando tranquilamente o Sr. Kavanagh.

— Quando voltou da Europa? — pergunto.

— Voltei há uma semana, mas queria fazer uma surpresa para minha irmãzinha — diz em tom conspiratório.

— Que amor! — Dou um sorriso.

— Ela é a oradora, eu não poderia perder isso. — Ele parece sentir um imenso orgulho da irmã.

— Ela fez um discurso maravilhoso.

— Fez mesmo — concorda Ray.

Ethan está com o braço em volta da minha cintura quando deparo com os gelados olhos cinzentos de Christian Grey. Kate está ao lado dele.

— Olá, Ray. — Kate dá dois beijinhos em Ray, fazendo-o corar.

— Já conheceu o namorado da Ana? Christian Grey.

Putá merda... Kate! Porra! O sangue foge do meu rosto.

— Sr. Steele, é um prazer conhecê-lo — diz Christian num tom suave e caloroso, sem se perturbar com a apresentação de Kate. Estende a mão, que Ray, é preciso reconhecer, aceita sem demonstrar um pinga de surpresa com o que acabou de cair em cima dele.

Muito obrigada, Katherine Kavanagh, penso furiosa. Acho que meu inconsciente desmaiou.

— Sr. Grey — murmura Ray, a expressão indecifrável, a não ser talvez pelo olhar ligeiramente arregalado de seus grandes olhos castanhos. Eles deslizam para mim como se me perguntassem “quando pretendia me contar isso?” Mordo o lábio.

— E esse é meu irmão, Ethan Kavanagh — diz Kate a Christian.

Christian dirige seu olhar glacial para Ethan, que ainda está com o braço em volta da minha cintura.

— Sr. Kavanagh.

Eles se cumprimentam. Christian me estende a mão.

— Ana, meu bem — murmura, e quase morro diante do termo carinhoso.

Saio do abraço de Ethan, enquanto Christian sorri com frieza para ele, e tomo meu lugar a seu lado. Kate sorri para mim. Ela sabe exatamente o que está fazendo, a esperta!

— Ethan, mamãe e papai queriam falar com você.

Kate arrasta Ethan dali.

— Há quanto tempo vocês dois se conhecem? — Ray olha impassível de Christian para mim.

A capacidade de falar me abandonou. Quero me enfiar no chão. Christian me envolve com o braço, passando o polegar pelas costas para depois segurar meu ombro.

— Há umas duas semanas mais ou menos — diz ele tranquilamente. — Nos conhecemos quando Anastasia me entrevistou para o jornal da faculdade.

— Não sabia que você trabalhava no jornal da faculdade, Ana.

A voz de Ray tem um tom de censura discreto, revelando sua irritação. *Merda.*

— Kate estava doente — murmuro.

É só o que consigo falar.

— O senhor fez um ótimo discurso, Sr. Grey.

— Obrigado. Pelo que soube, o senhor é um bom pescador.

Ray ergue as sobrancelhas e sorri — um raro, autêntico e legítimo sorriso de Ray Steele. Os dois começam a falar sobre peixes. Na verdade, eu logo me sinto sobrando. Ele está jogando charme para cima do meu pai... *como fez com você*, diz secamente meu inconsciente. Seu poder não tem limites. Peço licença e vou procurar Kate.

Ela está conversando com os pais, que estão mais encantadores do que nunca e me cumprimentam com carinho. Trocamos breves amabilidades, principalmente sobre as férias em Barbados e sobre nossa mudança.

— Kate, como você pôde me entregar para o Ray? — sibilo na primeira oportunidade que temos a sós.

— Porque eu sabia que você não ia dizer nada, e queria ajudar Christian a lidar com os problemas de compromisso.

Kate sorri para mim com doçura.

Fecho a cara. *Sou eu que não quero compromisso com ele, boba!*

— Ele parece muito tranquilo em relação a isso, Ana. Não se preocupe. Olhe para ele agora. Christian não consegue tirar os olhos de você. — Dou uma olhada, e Ray e Christian estão me fitando. — Ele observa você como um falcão.

— É melhor eu ir acudir o Ray, ou o Christian. Não sei qual dos dois. Isso não vai ficar assim, Katherine Kavanagh! — Olho furiosa para ela.

— Ana, eu fiz um favor para você! — grita ela para mim.

— Oi — sorrio para os dois ao voltar.

Eles parecem bem. Christian está curtindo alguma piada particular, e meu pai parece incrivelmente relaxado, considerando que está numa situação social. *O que eles andaram discutindo além de peixes?*

— Ana, onde é o toalete?

— À esquerda da entrada da tenda.

— Já volto. Divirtam-se, crianças.

Ray sai. Olho nervosa para Christian. Fazemos uma breve pausa enquanto um fotógrafo tira uma foto nossa.

— Obrigado, Sr. Grey.

O fotógrafo sai depressa. Pisco por causa do flash.

— Então você conquistou meu pai também?

— Também? — Seus olhos queimam e ele faz uma expressão interrogativa. Enrubesco. Ele afaga meu rosto com os dedos.

— Ah, eu queria saber o que você está pensando, Anastasia — sussurra em tom sinistro, levantando meu queixo até estarmos com os olhos grudados um no outro.

O ar me falta. Como ele pode me afetar dessa maneira, até nessa tenda lotada de gente?

— Neste instante, estou pensando: “bonita gravata” — digo.

Ele sorri.

— Recentemente passou a ser minha favorita.

Fico vermelha.

— Você está linda, Anastasia. Esse vestido frente única lhe cai bem, e consigo acariciar suas costas, sentir sua pele macia.

De repente, é como se estivéssemos sozinhos ali. Só nós dois. Meu corpo inteiro se acende, cada terminação nervosa vibrando baixinho, aquela eletricidade me puxando para ele, tornando-se cada vez mais forte.

— Você sabe que vai ser bom, não sabe? — sussurra ele. Fecho os olhos e minhas entranhas se desenrolam e derretem.

— Mas eu quero mais — sussurro.

— Mais?

Ele me olha intrigado, taciturno. Faço que sim com a cabeça e engulo em seco. *Agora ele sabe.*

— Mais — repete ele baixinho. Testando a palavra, uma palavrinha simples mas tão cheia de promessas. Ele passa o polegar em meu lábio inferior. — Você quer flores e bombons.

Faço que sim novamente. Ele pisca para mim, e vejo sua luta interior estampada em seus olhos.

— Anastasia. — Sua voz é suave. — Isso não é algo que eu conheça.

— Nem eu.

Ele dá um leve sorriso.

— Você não conhece muita coisa — murmura.

— Você conhece tudo o que é errado.

— Errado? Não. — Ele balança a cabeça. Parece muito sincero.

— Experimente — incita ele.

Um desafio provocador, e ele inclina a cabeça e dá aquele sorriso torto deslumbrante.

Suspiro, e sou Eva no Jardim do Éden, e ele é a serpente, e não consigo resistir.

— Tudo bem — murmuro.

— O quê?

Tenho a sua atenção plena, inteirinha. Engulo em seco.

— Tudo bem, vou experimentar.

— Está concordando? — Sua surpresa é evidente.

— Em relação aos limites brandos, sim. Vou experimentar. — Minha voz é muito baixa. Christian fecha os olhos e me puxa para seus braços.

— Nossa, Ana, você é muito surpreendente. Você me deixa sem ar.

Ele recua, e, de repente, Ray já voltou, e o barulho dentro da tenda vai aumentando e não dá para ouvir mais nada. Não estamos sozinhos. *Puta merda, acabei de concordar em ser a submissa dele.* Christian sorri para Ray com os olhos repletos de alegria.

— Annie, vamos pegar alguma coisa para comer?

— Tudo bem. — Pisco para Ray, tentando encontrar o equilíbrio. *O que você fez?*, grita meu inconsciente. Minha deusa interior está dando saltos mortais, numa coreografia digna de um ginasta olímpico russo.

— Gostaria de se juntar a nós, Christian? — pergunta Ray.

Christian! Fico olhando para ele, implorando para que recuse. Preciso de espaço para pensar... o que foi que eu fiz, porra?

— Obrigado, Sr. Steele, mas tenho outros planos. Foi muito bom conhecê-lo.

— Igualmente — responde Ray. — Tome conta da minha menina.

— Ah, pode deixar comigo.

Eles trocam um aperto de mãos. Estou enjoada. Ray não tem ideia de como Christian pretende tomar conta de mim. Ele pega minha mão e a leva aos lábios, beijando com ternura os nós dos meus dedos, me fitando com olhos ardentes.

— Até mais tarde, Srta. Steele — murmura, a voz cheia de promessas.

Sinto um aperto no estômago diante dessa ideia. *Aguentar... até mais tarde?*

Ray pega meu braço e me conduz em direção à entrada da tenda.

— Ele parece um rapaz sério. Bem de vida, também. Você podia arranjar algo muito pior, Annie. Mas por que fiquei sabendo dele pela Katherine? — reclama.

Encolho os ombros, pedindo desculpas.

— Bem, qualquer homem que goste e entenda de pescaria, para mim está ok.

Puta merda — Ray aprova. Se ele soubesse...

* * *

RAY ME DEIXA em casa à tardinha.

— Ligue para sua mãe — diz.

— Vou ligar. Obrigada por ter vindo, pai.

— Eu não perderia isso por nada, Annie. Tenho muito orgulho de você.

Ah, não. Eu não vou ficar emotiva. Sinto um nó na garganta e abraço-o com força. Ele me envolve em seus braços, perplexo, e não consigo evitar — fico com os olhos cheios d'água.

— Ei, Annie, querida — diz Ray num tom animado. — Grande dia... hein? Quer que eu entre para fazer um chazinho para você?

Rio, apesar das lágrimas. Chá sempre é a resposta, segundo Ray. Lembro-me da minha mãe reclamando dele, dizendo que quando se tratava de chá e simpatia, ele era sempre bom no chá e não tanto na simpatia.

— Não, pai, estou bem. Foi muito bom ver você. Farei uma visita assim que estiver instalada em Seattle.

— Boa sorte nas entrevistas. Dê notícias do andamento delas.

— Pode deixar, pai.

— Eu amo você, Annie.

— Também amo você, pai.

Ele sorri, os olhos castanhos carinhosos brilhando, e vai para o carro. Aceno um adeus enquanto ele parte no crepúsculo, e entro desanimada no apartamento.

A primeira coisa que faço é olhar o celular. Como está descarregado, tenho que caçar o carregador e plugá-lo antes de verificar as mensagens. Quatro chamadas perdidas, uma mensagem de voz e duas de texto. Três chamadas perdidas de Christian... nada de mensagem. Uma chamada perdida de José e uma mensagem de voz dele me desejando tudo de bom pela formatura.

Abro as mensagens de texto.

Está em casa em segurança?

Me liga

Ambas são de Christian. Por que ele não ligou para o telefone fixo? Entro no quarto e ligo a máquina do mal.

De: Christian Grey
Assunto: Hoje à noite
Data: 25 de maio de 2011 23:58
Para: Anastasia Steele

Torço para que chegue em casa nesse seu carro.
Avise-me que está bem.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Droga... por que ele está tão preocupado com meu fusca? Ele me presta bons serviços há três anos, e José está sempre disponível para fazer a manutenção para mim. A mensagem seguinte é de hoje.

De: Christian Grey
Assunto: Limites brandos
Data: 26 de maio de 2011 17:22
Para: Anastasia Steele

O que posso dizer que já não tenha dito?
Feliz de discutir isso em detalhes quando você quiser.

Você estava linda hoje.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Quero vê-lo. Clico em “responder”.

De: Anastasia Steele
Assunto: Limites brandos
Data: 26 de maio de 2011 19:23
Para: Christian Grey

Posso ir até aí hoje à noite para discutirmos, se quiser.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Limites brandos
Data: 26 de maio de 2011 19:27
Para: Anastasia Steele

Vou até aí. Falei sério quando disse que não estava satisfeito em ver você dirigindo aquele carro.

Estarei com você em breve.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Putá merda... ele está vindo para cá. Tenho que ter uma coisa pronta para ele — as primeiras edições dos livros de Thomas Hardy ainda estão na estante da sala. Não posso ficar com elas. Embrulho-as em papel pardo, e rabisco no embrulho uma citação de Tess do livro:

“Aceito as condições, Angel. Porque você sabe melhor que ninguém qual deveria ser meu castigo; apenas — apenas — não o torne maior do que posso suportar!”

CAPÍTULO QUINZE

—Oi. — Sinto uma timidez insuportável ao abrir a porta. Christian está parado no pátio de calça jeans e casaco de couro.

— Oi — responde, e seu rosto se ilumina com aquele sorriso radiante. Aproveito um instante para admirar sua beleza. Nossa, ele fica gostoso usando couro.

— Entre.

— Se me dá licença — diz ele achando graça. Ergue uma garrafa de champanhe ao entrar. — Pensei em comemorar sua formatura. Uma boa Bollinger é de doer.

— Escolha de palavras interessante — comento secamente.

Ele ri.

— Ah, gosto da sua presença de espírito, Anastasia.

— Aqui só tem xícaras de chá. Já embalamos todos os copos.

— Xícaras de chá? Para mim, está bom.

Entro na cozinha. Estou toda tremendo por dentro, é como ter uma pantera ou um leão da montanha imprevisível e predador na minha sala.

— Quer os pires também?

— Basta as xícaras, Anastasia — responde Christian distraidamente da sala.

Quando volto, ele está olhando o pacote de papel pardo com os livros. Ponho as xícaras na mesa.

— Isso é para você — murmuro com ansiedade.

Merda... provavelmente vai dar briga.

— Hum, imaginei. Citação muito apropriada. — Seu indicador acompanha distraidamente a letra. — Achei que eu fosse d'Urberville, não Angel. Você decidiu pela degradação. — Ele dá um sorriso feroz. — É bem coisa sua encontrar uma frase que ecoe com tanta propriedade.

— É também um pedido — sussurro.

Por que estou tão nervosa? Minha boca está seca.

— Um pedido? Para eu pegar leve com você?

Balanço a cabeça assentindo.

— Comprei esses livros para você — diz ele calmamente, o olhar impassível. — Pego mais leve se você os aceitar.

Engulo convulsivamente.

— Christian, não posso aceitá-los, é um exagero.

— Está vendo, é disso que eu falava, você me desafiando. Quero que os livros sejam seus, e fim de papo. É muito simples. Você não precisa pensar sobre isso. Como submissa, se limitaria a ficar agradecida por eles. Você aceita o que eu compro porque me dá prazer que aceite.

— Eu não era submissa quando você os comprou para mim — sussurro.

— Não... mas você concordou, Anastasia.

Seu olhar fica cauteloso.

Suspiro. Não vou vencer esta, então vamos ao plano B.

— Então os livros são meus para eu fazer o que quiser?

Ele me olha desconfiado, mas concorda.

— Sim.

— Nesse caso, eu gostaria de doá-los para uma obra de caridade, uma de Darfur, já que esse lugar parece tocar seu coração. Eles podem ser leiloados.

— Se é o que você quer fazer.

Sua boca se contrai. Ele está desapontado. Eu corro.

— Vou pensar no assunto — murmuro.

Não quero desapontá-lo, e me lembro de suas palavras. *Quero que você queira me agradar.*

— Não pense, Anastasia. Não sobre isso.

Sua voz é calma e séria.

Como posso não pensar? *Você pode fingir ser um carro, como as outras posses dele.* Meu inconsciente faz um inoportuno comentário sarcástico. Finjo que não ouço. Ah, não podemos rebobinar a fita? O clima entre nós agora está tenso. Não sei o que fazer. Olho para baixo. Como saio dessa situação?

Ele põe a garrafa de champanhe na mesa e fica parado na minha frente. Levanta meu queixo, inclinando minha cabeça para

trás, e me olha com uma expressão séria.

— Vou comprar muitas coisas para você, Anastasia. Vá se acostumando. Eu posso pagar por elas. Sou um homem muito rico.

— Ele se inclina e me dá um beijo casto nos lábios. — Por favor.

Ele me solta.

Rá, meu inconsciente pronuncia para mim.

— Isso faz com que eu me sinta vulgar — digo.

Christian passa a mão no cabelo, exasperado.

— Não devia. Você está pensando demais, Anastasia. Não se julgue moralmente com base no que os outros podem pensar. Não desperdice sua energia. Isso é só porque você tem reservas quanto ao nosso acordo. É perfeitamente natural. Você não sabe onde está se metendo.

Franzo a testa, tentando processar as palavras dele.

— Ei, pare com isso — ordena ele baixinho, tornando a segurar meu queixo e puxando-o com delicadeza, fazendo-me parar de morder o lábio inferior. — Você não tem nada de vulgar, Anastasia. Não admito que pense isso. Eu simplesmente lhe comprei uns livros antigos que achei que podiam significar alguma coisa para você, só isso. Tome um champanhe. — Seus olhos ficam calorosos e meigos, e sorrio timidamente para ele. — Assim é melhor — murmura.

Ele pega o champanhe, tira o invólucro metálico e o prendedor de arame, sacode a garrafa e torce a rolha, abrindo-a com um estalo seco, e faz um floreio, sem derramar uma gota. Enche as xícaras pela metade.

— É rosa — percebo admirada.

— Bollinger Grande Année Rosé 1999, uma safra excelente — diz com deleite.

— Em xícaras.

Ele sorri.

— Em xícaras. Parabéns pela formatura, Anastasia.

Brindamos, e ele bebe um gole, mas não posso deixar de pensar que se trata realmente da minha rendição.

— Obrigada — murmuro, e tomo um gole. Claro que está delicioso. — Vamos analisar os limites brandos.

Ele sorri e eu coro.

— Impaciente como sempre.

Christian me pega pela mão e me leva para o sofá, onde se senta, puxando-me para seu lado.

— Seu padrasto é um homem muito calado.

Ah... então nada de limites brandos. Só quero tirar isso da minha frente, a ansiedade está me corroendo.

— Você conseguiu fazer com que ele comesse na sua mão. — Faço bico.

Christian acha graça.

— Só porque sei pescar.

— Como soube que ele gostava de pescar?

— Você me disse. Quando saímos para tomar café.

— Ah... disse? — Bebo outro gole. Nossa, ele se lembra dos detalhes. Humm... esse champanhe é mesmo ótimo. — Provou o vinho na recepção?

Christian faz uma careta.

— Provei. Estava horrível.

— Pensei em você quando bebi. Como você ficou tão entendido em vinho?

— Eu não sou entendido, Anastasia. Só sei do que gosto. — Seus olhos brilham, quase prateados, e isso me faz corar. — Mais um pouco? — pergunta, referindo-se ao champanhe.

— Por favor.

Christian se levanta com elegância e pega a garrafa. Enche minha xícara. Será que ele quer me embriagar? Olho para ele desconfiada.

— Esta casa está bem vazia. Está pronta para a mudança?

— Mais ou menos.

— Vai trabalhar amanhã?

— Vou. É meu último dia na Clayton's.

— Eu ajudaria na mudança, mas prometi buscar minha irmã amanhã no aeroporto.

Ah... isso é novidade.

— Mia chega de Paris sábado de manhã bem cedo. Vou voltar para Seattle amanhã, mas ouvi dizer que Elliot vai dar uma mãozinha a vocês.

— Sim, Kate está muito animada com isso.

Christian franze o cenho.

— Sim, Kate e Elliot, quem diria? — murmura ele, e, por alguma razão, não parece satisfeito. — Então, o que vai fazer com relação a trabalho em Seattle?

Quando vamos começar a discutir sobre os limites? Qual é o jogo dele?

— Tenho duas entrevistas para estágios.

— Quando ia me contar isso? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Hã... Estou contando agora.

Ele estreita os olhos.

— Onde?

Não sei por que, talvez porque ele poderia usar sua influência, não quero lhe dizer.

— Em editoras.

— É isso que você quer fazer? Trabalhar em uma editora?

Balanço a cabeça concordando, cautelosa.

— E então?

Ele me olha pacientemente, esperando mais informações.

— E então o quê?

— Não seja boba, Anastasia, quais editoras? — censura ele.

— São pequenas — confesso.

— Por que não quer que eu saiba?

— Influência indevida.

Ele franze a testa.

— Ah, agora você está sendo bobo.

Ele ri.

— Bobo? Eu? Meu Deus, você é provocadora. Beba seu champanhe, vamos falar sobre esses limites.

Christian pega outra cópia do meu e-mail e da lista. Será que ele anda por aí com essas listas no bolso? Acho que tem uma naquele blazer que está comigo. Merda. É melhor eu não me esquecer disso. Esvazio meu copo. Ele me dá uma olhada.

— Mais?

— Por favor.

Grey dá aquele sorriso convencido, segura a garrafa de champanhe e para.

— Você comeu alguma coisa?

Ah, não... isso de novo, não.

— Sim. Comi três pratos no almoço com Ray. — Reviro os olhos para ele. O champanhe está me deixando ousada.

Ele se inclina e pega meu queixo, olhando bem nos meus olhos.

— Da próxima vez que você revirar os olhos para mim, eu lhe darei umas palmadas.

O quê?

— Ah — murmuro, e encontro seu olhar excitado.

— Ah — responde ele, imitando meu tom. — É assim que começa, Anastasia.

Meu coração dispara, e aquele frio na barriga está apertando minha garganta. *Por que isso excita?*

Ele enche minha xícara, e bebo quase tudo. Disciplinada, olho para ele.

— Agora eu tenho sua atenção, não é?

Concordo com a cabeça.

— Responda.

— Sim... você tem minha atenção.

— Ótimo. — Ele dá um sorriso cúmplice. — Então, atos sexuais. Já fizemos quase todos.

Chego mais para perto dele no sofá e olho a lista.

APÊNDICE 3

Limites brandos

A serem discutidos e acordados entre ambas as partes:

A Submissa concorda com:

- Masturbação
- Sexo vaginal
- Cunilíngua
- Introdução de mão na vagina
- Felação
- Sexo anal
- Deglutição de sêmen
- Introdução de mão no ânus

— Nada de introduzir mão, você disse. Mais alguma objeção? — pergunta ele com a voz macia.

Engulo em seco.

— Relação anal não é exatamente uma coisa que eu curta.

— Vou concordar no caso da mão, mas eu realmente gostaria de comer seu cu, Anastasia. Mas vamos esperar. Além do mais, isso não é algo em que a gente possa entrar de cara. — Ele dá um sorriso forçado. — Seu cu vai precisar de treino.

— Treino? — murmuro.

— Ah, sim. Vai precisar ser cuidadosamente preparado. A relação anal pode ser muito prazerosa, pode confiar em mim. Mas se tentarmos e você não gostar, não precisamos fazer de novo.

Ele ri para mim.

Pisco para ele. Ele acha que vou gostar? Como sabe que é prazeroso?

— Você já fez isso? — sussurro.

— Já.

Putá merda. Engasgo.

— Com um homem?

— Não. Eu nunca fiz sexo com homens. Não é a minha.

— Mrs. Robinson?

— Sim.

Putá que pariu... como?

Franzo a testa. Ele passa ao item seguinte da lista.

— E... deglutição de sêmen. Bom, nisso você tira nota máxima.

Enrubesco, e minha deusa interior estala a língua, toda orgulhosa.

— Então. — Ele me olha, sorrindo. — Tudo bem com engolir sêmen?

Faço que sim, sem conseguir olhá-lo nos olhos, e torno a esvaziar a xícara.

— Mais? — pergunta ele.

— Mais.

E me lembro da conversa que tivemos mais cedo enquanto ele enche minha xícara. Será que ele está se referindo àquilo ou só ao champanhe? Será que essa coisa toda de champanhe é demais?

— Brinquedos sexuais? — pergunta ele.

Dou de ombros, olhando a lista.

A Submissa aceita o uso de:

- Vibradores
- Consolos
- Plugues anais
- Outros brinquedos vaginais

— Plugues anais? Isso faz o que está escrito na embalagem? —
Franzo o nariz com nojo.

— Sim — ele sorri. — E estou me referindo à relação anal da qual falei anteriormente. Treino.

— Ah... o que mais?

— Contas, ovos... esse tipo de coisa.

— Ovos? — Estou alarmada.

— Não ovos de verdade. — Ele dá uma gargalhada, sacudindo a cabeça.

Contraio os lábios para ele.

— Ainda bem que você acha graça em mim. — Minha voz não consegue disfarçar quanto me sinto ofendida.

Ele para de rir.

— Peço desculpas. Srta. Steele, me perdoe — diz ele, tentando fazer uma expressão compungida, mas seu olhar continua brincalhão. — Algum problema com brinquedos?

— Não — digo secamente.

— Anastasia — ele tenta me agradar — sinto muito. Pode acreditar. Eu não tinha intenção de rir. Nunca tive essa conversa tão detalhadamente. Você simplesmente é muito inexperiente, só isso.

Seu olhar é sincero.

Amoleço um pouco e bebo outro gole de champanhe.

— Certo... bondage — diz ele, voltando à lista.

Examino a lista, e minha deusa interior fica pulando como uma criança esperando o sorvete.

A Submissa aceita:

- Bondage com corda
- Bondage com fita adesiva
- Bondage com braceletes de couro
- Bondage com outros materiais
- Bondage com algemas e grilhões

Christian ergue a sobrancelha.

— E aí?

— Tudo bem — murmuro e rapidamente olho a lista de novo.

A Submissa aceita ser contida:

- Com as mãos amarradas à frente
- Com os pulsos amarrados aos tornozelos
- Com os tornozelos amarrados
- Atada a peças fixas, mobília etc.
- Com os cotovelos amarrados
- Atada a uma barra espaçadora
- Com as mãos atrás das costas
- Por suspensão
- Com os joelhos amarrados

A Submissa aceita ser vendada?

A Submissa aceita ser amordaçada?

— Já falamos de suspensão. E tudo bem se você quiser estabelecer que isso seja um limite rígido. Toma muito tempo, e só terei você por curtos períodos, afinal. Mais alguma coisa?

— Não vá rir de mim, mas o que é uma barra espaçadora?

— Prometo não rir. Já pedi desculpas duas vezes. — Ele me olha furioso. — Não me faça fazer isso de novo — avisa. E acho que me encolho visivelmente... ah, ele é muito autoritário. — Uma barra espaçadora é uma barra com algemas para os tornozelos ou pulsos. É divertido.

— Tudo bem... Mas amordaçar-me. Eu ficaria preocupada achando que não conseguiria respirar.

— *Eu* ficaria preocupado se você não conseguisse respirar. Não pretendo sufocar você.

— E como vou usar os códigos estando amordaçada?

Ele para.

— Em primeiro lugar, espero que você nunca precise usá-los. Mas se estiver amordaçada, usamos gestos — diz ele simplesmente.

Pisco para ele. Mas se eu estiver amarrada, como isso vai funcionar? Meu cérebro começa a ficar enevoado... *hummm, o álcool.*

— Estou aflita com a mordaça.

— Tudo bem. Vou anotar.

Olho para ele, começando a me dar conta.

— Você gosta de amarrar suas submissas para elas não poderem tocar em você?

Ele arregala os olhos para mim.

— Esse é um dos motivos — responde tranquilamente.

— Foi por isso que amarrou minhas mãos?

— Foi.

— Você não gosta de falar disso — murmuro.

— Não, não gosto. Quer mais um pouco de champanhe? A bebida está deixando você corajosa, e preciso saber como se sente em relação à dor.

Droga... essa é a parte difícil. Ele torna a encher minha xícara, e dou um gole.

— Então, como você se comporta normalmente quando sente dor? — Christian me olha na expectativa. — Você está mordendo o lábio — fala num tom sinistro.

Paro imediatamente, mas não sei o que dizer. Fico vermelha e baixo os olhos.

— Você recebia castigos físicos quando criança?

— Não.

— Então não tem nenhum parâmetro de referência?

— Não.

— Isso não é tão ruim quanto você pensa. Sua imaginação é sua pior inimiga nesse caso — sussurra ele.

— Você tem que fazer isso?

— Tenho.

— Por quê?

— Faz parte, Anastasia. É o que eu faço. Posso ver que você está nervosa. Vamos analisar os métodos.

Ele me mostra a lista. Meu inconsciente sai correndo aos gritos e se esconde atrás do sofá.

- Surras
- Palmadas
- Chicotadas
- Surras de vara
- Mordidas
- Grampos de mamilos
- Grampos genitais
- Gelo
- Cera quente
- Outros tipos/métodos de dor

— Bem, você recusou os grampos genitais. Tudo bem. O que machuca mais é a surra de vara.

Fico lívida.

— Podemos nos preparar para isso.

— Ou não fazer — sussurro.

— Isso faz parte do acordo, baby, mas podemos nos preparar para tudo isso. Anastasia, não vou forçá-la.

— Esse negócio de castigo é o que mais me preocupa. — Minha voz está por um fio.

— Bom, ainda bem que você me disse. Vamos deixar a surra de vara fora da lista por ora. E conforme você for ficando mais à vontade, aumentamos a intensidade. Vamos devagar.

Engulo em seco, e ele me dá um beijo nos lábios.

— Pronto, não foi muito ruim, foi?

Dou de ombros, de novo com o coração na boca.

— Olha, quero falar sobre mais uma coisa, depois vou levá-la para a cama.

— Cama?

Pestanejo depressa, e o sangue lateja em minhas veias, aquecendo lugares cuja existência eu desconhecia até muito pouco tempo.

— Vamos lá, Anastasia, depois dessa conversa toda, quero foder você até a semana que vem. Isso deve ter algum efeito em você, também.

Fico me retorcendo. Minha deusa interior está arfando.

— Viu? Além do mais, tem algo que quero experimentar.

— Algo doloroso?

— Não. Pare de ver dor em tudo. É principalmente prazer. Eu já machuquei você?

Enrubesco.

— Não.

— Pois então. Olha, há pouco você estava falando sobre querer mais — ele para de repente.

Puxa vida... o que ele está dizendo?

Ele segura minha mão.

— Fora do período em que você for minha submissa, quem sabe a gente pode experimentar. Não sei se vai dar certo. Não sei se consigo separar as coisas. Talvez não funcione. Mas estou disposto a tentar. Quem sabe uma noite por semana. Não sei.

Caramba... fico boquiaberta, meu inconsciente está em estado de choque. *Christian Grey está querendo mais!* Está disposto a tentar! Meu inconsciente espia de trás do sofá, ainda demonstrando espanto.

— Tenho uma condição.

Ele olha com cautela para minha expressão estarrecida.

— Qual? — sussurro.

Qualquer coisa. Dou qualquer coisa.

— Que você aceite meu presente de formatura.

— Ah.

E, no fundo, eu sei o que é. Fico apavorada.

Ele está me olhando, avaliando minha reação.

— Vamos — murmura, e se levanta, me arrastando.

Tira o casaco, pendura-o no ombro e se dirige à porta.

Estacionado na rua, há um Audi Hatch vermelho de duas portas, compacto.

— É para você. Parabéns — diz ele, me puxando para seus braços e beijando meu cabelo.

Ele comprou para mim o raio de um carro zero. Putz... Já tive problema suficiente com os livros. Olho para o carro ali parado, tentando desesperadamente determinar como eu me sinto em relação a isso. Por um lado estou apavorada, por outro, agradecida, estarrecida com o fato de ele ter feito isso, mas a emoção predominante é a raiva. Sim, estou irritada, especialmente depois de tudo o que eu lhe disse sobre os livros... mas o carro já está comprado. Ele me dá a mão e me conduz até a nova aquisição.

— Anastasia, aquele seu fusca é velho e, francamente, perigoso. Eu nunca me perdoaria se acontecesse alguma coisa com você quando é muito fácil fazer o que é certo...

Ele está me olhando mas, no momento, não consigo olhar para ele. Fico calada ali em pé, contemplando aquela incrível novidade vermelha e brilhante.

— Mencionei o presente para seu padrasto. Ele deu todo o apoio — murmura.

Olho-o indignada, boquiaberta.

— Você mencionou isso para o Ray? Como pôde?

Mal consigo proferir as palavras. *Como ele se atreve*. Pobre Ray. Sinto-me mal, estou mortificada pelo meu pai.

— É um presente, Anastasia. Você não pode simplesmente agradecer?

— Mas você sabe que é demais.

— Não, para mim, não é, não para minha paz de espírito.

Franzo o cenho para ele, sem saber o que dizer. Ele simplesmente não entende! Teve dinheiro a vida toda. Tudo bem, não a vida toda, não quando criança. E minha visão de mundo muda. A ideia me faz pensar, e amoleço em relação ao carro, sentindo-me culpada pelo chique. Suas intenções são boas. Equivocadas, mas não de má-fé.

— Fico feliz em aceitar este empréstimo, como o do laptop.

Ele suspira profundamente.

— Tudo bem. Um empréstimo. Por tempo indeterminado — diz, olhando-me com cautela.

— Não, não por tempo indeterminado, mas por enquanto. Obrigada.

Christian franze a testa. Estico-me e dou-lhe um beijo no rosto.

— Obrigada pelo carro, senhor — digo com toda a doçura que consigo.

Ele me agarra de repente e me puxa com força contra si, uma das mãos nas minhas costas, a outra me puxando pelo cabelo.

— Você é uma mulher desafiadora, Ana Steele.

Ele me beija com paixão, pressionando meus lábios com a língua para abri-los, agressivamente.

Meu sangue esquenta na mesma hora, e retribuo seu beijo com paixão. Eu o quero loucamente — apesar do carro, dos livros, dos limites brandos... da surra de vara... eu o quero.

— Estou usando todo meu autocontrole para não trepar com você no capô desse carro agora, só para você saber que é minha, e que, se eu quiser comprar a porra de um carro para você, eu compro — diz entre dentes. — Agora vamos lá para dentro, quero deixá-la nua.

Ele me beija bruscamente.

Caramba, ele está zangado. Agarra minha mão e me leva direto para o quarto... sem me dar chance de dizer não. Meu inconsciente está atrás do sofá de novo, tapando o rosto com as mãos. Christian para na entrada e se vira, me olhando.

— Por favor, não fique zangado comigo — sussurro.

Seu olhar é impassível, gelado e penetrante.

— Peço desculpas pelo carro e pelos livros — falo sem completar a frase.

Ele permanece calado, de cara fechada.

— Você me assusta quando está irritado — digo, olhando para ele.

Ele fecha os olhos e balança a cabeça. Ao abri-los, tem a expressão mais calma. Respira fundo e engole em seco.

— Vire de costas — sussurra. — Quero tirar esse vestido.

Mais uma mudança de ânimo repentina. Isso é muito difícil de acompanhar. Obediente, dou meia-volta, e meu coração está aos

saltos, o desejo substituindo de imediato o constrangimento, correndo nas minhas veias e se instalando sinistro e persistente bem lá embaixo, no meu ventre. Ele afasta meu cabelo das costas, que cai para o lado direito, enroscando-se em meu seio. Encosta o indicador na minha nuca e, com uma lentidão de doer, vai deslizando até embaixo pela coluna, roçando minha pele com a unha.

— Gosto desse vestido — murmura. — Gosto de ver sua pele imaculada.

Seu dedo alcança o fecho do vestido e me puxa mais para perto, e então chego para trás, colando nele. Ele se abaixa e cheira meu cabelo.

— Você tem um cheiro muito bom, Anastasia. Muito doce.

Christian roça o nariz na minha orelha e vem descendo pelo pescoço, deixando uma trilha de beijos muito delicados no meu ombro.

Minha respiração muda, fica curta, rápida, cheia de expectativa. Ele está com os dedos no meu zíper. De novo com uma lentidão dolorosa, ele o desce, enquanto vai passeando com os lábios até meu outro ombro, lambendo, beijando e chupando. É irresistivelmente bom nisso. Meu corpo ressoa, e começo a me contorcer languidamente ao seu toque.

— Você. Vai. Ter. Que. Aprender. A. Ficar. Parada — sussurra, beijando-me a nuca entre cada palavra.

Ele puxa o fecho da frente única, e o vestido cai formando um círculo a meus pés.

— Sem sutiã, Srta. Steele. Gosto disso.

Ele envolve meus seios nas mãos, e meus mamilos se contraem a seu toque.

— Levante os braços e ponha-os em volta da minha cabeça — ordena ele, a boca colada em meu pescoço.

Obedeço imediatamente, e meus seios se empinam ao serem pressionados pelas mãos dele, meus mamilos se intumescendo. Passo os dedos por seu cabelo, e dou um puxão muito de leve naquelas mechas sedosas e sensuais. Inclino a cabeça para lhe facilitar o acesso ao meu pescoço.

— Hum... — murmura ele naquele espaço atrás da minha orelha ao começar a esticar meus mamilos com seus dedos compridos, imitando minhas mãos em seu cabelo.

Dou gemidos à medida que a sensação torna-se aguda e clara no meio das minhas pernas.

— Faça você gozar assim? — sussurra ele.

Arqueio as costas para forçar os seios naquelas mãos habilidosas.

— Você gosta disso, não é, Srta. Steele?

— Humm...

— Diga.

Ele continua aquela tortura lenta e sensual, puxando com delicadeza.

— Sim.

— Sim o quê?

— Sim... senhor.

— Muito bem.

Ele me belisca com força e meu corpo se contorce convulsivamente contra o dele.

Arquejo ao sentir aquele prazer e dor profundos. Eu o sinto colado em mim. Dou um gemido e agarro o cabelo dele, puxando com mais força.

— Acho que você ainda não está pronta para gozar — sussurra ele, imobilizando minhas mãos. Ele dá uma mordida leve no lóbulo da minha orelha e puxa. — Além do mais, você me desagradou.

Ah... não, o que isso significa? Meu cérebro registra através da névoa de desejo imperioso, enquanto gemo.

— Talvez eu não permita que você goze.

Ele volta a atenção de seus dedos para meus mamilos, puxando, torcendo, amassando. Esfrego-me nele... movimentando-me de um lado para o outro.

Sinto seu sorriso no meu pescoço e suas mãos descem para meus quadris. Ele engancha os dedos na parte de trás da minha calcinha, rasga o tecido com os polegares e a joga na minha frente para eu ver... *puta merda*. Suas mãos descem para meu sexo, e, por trás, ele enfia o dedo lentamente.

— Ah, sim. Minha doce menina está pronta — sussurra ao me virar de frente para ele. Sua respiração se acelerou. Ele enfia o dedo na boca. — Você é gostosa, Srta. Steele. — Suspira.

Putá merda. O dedo dele está com um gosto salgado... de mim.

— Tire minha roupa — ordena ele tranquilamente, me encarando de cima a baixo, o olhar encoberto.

Só estou de sapatos — bem, o salto-agulha de Kate. Sou pega de surpresa. Nunca despi um homem.

— Você consegue fazer isso. — Ele tenta me convencer.

Pestanejo rapidamente. Por onde começar? Pego a camisa dele, e ele agarra minhas mãos, sorrindo maliciosamente para mim.

— Ah, não. — Ele balança a cabeça, rindo. — A camisa não. Talvez você tenha que tocar em mim para o que já planejei.

Os olhos dele brilham de excitação.

Ah... isso é novidade... posso tocar nele vestido. Ele pega uma das minhas mãos e a coloca em sua ereção.

— Este é o efeito que você causa em mim, Srta. Steele.

Arquejo e flexiono os dedos em volta da cintura dele, e ele sorri.

— Quero estar dentro de você. Tire minha calça. Você está no comando.

Putá merda... eu no comando. Meu queixo cai.

— O que você vai fazer comigo? — provoca ele.

Ah, as possibilidades... ruge minha deusa interior, e, em função de alguma frustração, necessidade e a pura coragem dos Steele, empurro-o na cama. Ele ri ao cair, e olho para ele, me sentindo vitoriosa. Minha deusa interior vai explodir. Arranco seus sapatos, depressa, desajeitadamente, e as meias. Ele está me olhando, achando graça, os olhos brilhando de desejo. Está... glorioso... e é *meu*. Subo na cama e monto nele para sabotar sua calça, enfiando os dedos no cóis, sentindo os pelos no caminho da felicidade. Ele fecha os olhos e levanta os quadris.

— Você vai ter que aprender a ficar parado — repreendo, e puxo os pelos embaixo do cóis da calça.

Ele prende a respiração, e ri para mim.

— Sim, Srta. Steele — murmura, os olhos ardentes. — No meu bolso, camisinha — sussurra.

Procuro devagar em seu bolso, observando seu rosto enquanto tato. Sua boca está aberta. Pego os dois invólucros de papel laminado que encontro e os coloco na cama ao lado de seus quadris. *Dois!* Meus dedos superansiosos desabotoam sua calça, titubeando um pouco. Estou muito excitada.

— Tão ávida, Srta. Steele — diz ele, a voz entremeada de humor.

Abaixo seu zíper, e agora estou diante do problema de lhe tirar a calça... *hum*. Eu a abaixo e puxo. Ela não sai do lugar. Franzo a testa. Como pode ser tão difícil?

— Não consigo ficar parado se você morder esse lábio — avisa ele, depois levanta a pélvis da cama para eu poder abaixar sua calça e a cueca ao mesmo tempo, ai... soltando-o. Ele chuta as roupas para o chão.

Minha nossa, ele é todinho meu para brincar, e de repente é Natal.

— Agora, o que vai fazer? — sussurra ele, sem mais um pinga de humor. Estico o braço e toco nele, observando sua expressão enquanto isso. Ele respira fundo, formando um O com os lábios. Sua pele é muito macia e aveludada... e dura... *hum*, que combinação deliciosa. Inclino-me para a frente, o cabelo me envolvendo, e ele está na minha boca. Chupo, com força. Ele fecha os olhos, mexendo os quadris embaixo de mim.

— Nossa, Ana, calma — geme ele.

Sinto-me muito poderosa. É uma sensação muito excitante, provocá-lo e testá-lo com a boca e a língua. Ele se enrijece embaixo de mim, à medida que subo e desço com a boca em volta dele, metendo-o até o fundo da garganta, apertando os lábios... para cima e para baixo.

— Para, Ana, para. Não quero gozar.

Sento-me, piscando para ele, arfando como ele, mas confusa. *Pensei que estivesse no comando.* A cara da minha deusa interior é a de quem teve o sorvete roubado.

— Sua inocência e seu entusiasmo são irresistíveis — arqueja.
— Você por cima... é isso que a gente precisa fazer.

Ah.

— Põe isso aqui.

Ele me dá um invólucro de papel laminado.

Putá merda. Como? Abro o invólucro, e sinto o toque pegajoso do preservativo de borracha.

— Segure a ponta e depois desenrole. Você não quer deixar ar nenhum na ponta desse troço — diz ofegante.

E, bem lentamente, concentrando-me muito, obedeço.

— Nossa, você está me matando, Anastasia — geme ele.

Admiro meu trabalho e ele. É realmente um belo espécime de homem. Olhar para ele é muito, muito, excitante.

— Agora. Quero ser enterrado em você — murmura ele.

Fico olhando-o, intimidada, e ele se senta de repente, e ficamos nariz com nariz.

— Assim — sussurra, e pega nos meus quadris, me levantando, e, com a outra mão, se posiciona embaixo de mim e, bem devagarinho, me coloca sobre ele.

Gemo à medida que ele vai me abrindo, me preenchendo. Estou boquiaberta, surpresa com aquela sensação doce, sublime e torturante da penetração. *Ah... por favor.*

— Está certo, baby, me sinta inteiro — rosna ele, e fecha os olhos brevemente.

E está dentro de mim, inteiro, e me segura sem deixar que eu me mexa, por segundos... minutos... não tenho ideia, me fitando intensamente nos olhos.

— Assim, vai fundo — murmura.

Flexiona e gira os quadris num movimento só, e eu gemo... puxa vida — a sensação se irradia por toda a minha barriga... para todo canto. *Porra!*

— De novo — sussurro.

Ele dá um sorriso preguiçoso e faz o que eu peço.

Gemendo, empino a cabeça com o cabelo caindo nas costas, e ele, muito lentamente, se deixa afundar na cama.

— Mexa, Anastasia, mexa o quanto quiser. Segure minhas mãos — diz ele, a voz rouca e grave e muito sensual.

Agarro as mãos dele, me aferrando a elas com todas as forças. Suavemente, fico me remexendo com ele dentro de mim. Seus olhos ardem naquela expectativa selvagem. Sua respiração está entrecortada, como a minha, e ele levanta a pélvis quando eu

abaixo, me impelindo para cima de novo. Pegamos o ritmo... para cima e para baixo, para cima e para baixo... sem parar de mexer... e é muito... gostoso. Entre um arquejo e outro, sinto-me totalmente preenchida... com aquela sensação intensa pulsando pelo meu corpo inteiro aumentando, observo-o, olhos nos olhos... e vejo assombro neles, assombro diante de mim.

Eu o estou fodendo. Estou no comando. Ele é meu, e eu sou dele. A ideia me leva, com toda a força, ao limite, e chego ao orgasmo... gritando coisas incoerentes. Ele agarra meus quadris, fecha os olhos, inclina a cabeça para trás, cerra os dentes e goza em silêncio. Desabo em cima dele, entorpecida, entre a realidade e a fantasia, num lugar onde não há limites rígidos nem brandos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Aos poucos o mundo exterior invade meus sentidos e, minha nossa, que invasão. Estou flutuando, pernas e braços moles e lânguidos, absolutamente esgotada. Estou deitada por cima dele, a cabeça em seu peito, e ele tem um cheiro divino: um aroma de roupa de cama recém-lavada misturado com sabonete caro: o melhor e mais sedutor perfume do planeta... Christian. Não quero me mexer, quero respirar esse elixir para sempre. Esfrego o nariz nele, desejando não ter a barreira da sua camisa. E, à medida que o restante do meu corpo vai voltando à razão, ponho a mão em seu peito. É a primeira vez que o toco ali. É firme... forte. Ele automaticamente agarra minha mão, mas suaviza o golpe puxando-a até os lábios e beijando meus dedos com doçura. Vira-se, e fica me olhando.

— Não — murmura, e me dá um leve beijo.

— Por que você não gosta de ser tocado? — sussurro, olhando para seus meigos olhos cinzentos.

— Porque sou cinquenta vezes fodido, de cinquenta maneiras, cinquenta tons diferentes, Anastasia.

Ah... essa honestidade me desarma completamente. Pisco para ele.

— Tive um começo de vida muito duro. Não quero sobrecarregar você com os detalhes. Só não faça.

Ele esfrega o nariz no meu, sai de dentro de mim e se senta.

— Acho que já percorremos todos os pontos básicos. Que tal?

Christian parece totalmente satisfeito e, ao mesmo tempo, fala num tom impassível, como se tivesse acabado de riscar mais um item de uma lista. Continuo tonta com o comentário sobre o seu “começo de vida muito duro”. É muito frustrante — estou louca para saber mais. Mas ele não vai me contar. Inclino a cabeça de lado, imitando o jeito dele, e faço um esforço enorme para esboçar um sorriso.

— Se você acha que acreditei que você me cedeu o controle, bem, então você não levou em conta minhas boas notas. — Sorrio timidamente para ele. — Mas obrigada pela ilusão.

— Srta. Steele, você não é só um rosto bonito. Você já teve seis orgasmos e todos eles pertencem a mim — gaba-se, de novo, com um gracejo.

Enrubescço e pisco ao mesmo tempo, enquanto ele me olha. *Ele está contando!* Ele franze as sobrancelhas.

— Você tem alguma coisa para me contar? — pergunta com a voz séria.

Franzo o cenho. *Droga.*

— Eu tive um sonho hoje de manhã.

— É? — Ele me olha espantado.

Putá merda. Será que arranjei problema?

— Gozei dormindo.

Tapo os olhos com o braço. Ele não diz nada. Olho para ele por baixo do braço, e ele parece achar graça.

— Dormindo?

— Quando gozei, acordei.

— Tenho certeza que acordou. Estava sonhando com o quê?

Droga.

— Com você.

— O que eu estava fazendo?

Torno a tapar os olhos com o braço. E, como uma criancinha, por um instante acho que, se não posso vê-lo, ele também não pode me ver.

— Anastasia, o que eu estava fazendo? Não vou perguntar de novo.

— Você estava com um chicote de montaria.

Ele se remexe e isso balança meu braço.

— É mesmo?

— É.

Estou completamente vermelha.

— Ainda há esperança para você — diz ele, baixinho. — Tenho vários chicotes de montaria.

— De couro marrom trançado?

Ele ri.

— Não, mas garanto que poderia arranjar um.

Ele se inclina e me dá um beijo rápido. Depois se levanta e pega a cueca. *Ah, não... ele está indo embora.* Lanço um olhar rápido para o relógio: são só nove e quarenta. Levanto-me depressa também, pego a calça de moletom e uma camiseta de alcinha, e aí torno a me sentar na cama, de pernas cruzadas, observando-o. Não quero que ele vá embora. O que posso fazer?

— Quando você vai ficar menstruada? — Ele interrompe meus pensamentos.

O quê?

— Odeio usar essas coisas — resmunga ele. Mostra a camisinha, depois a joga no chão e veste as calças. — Quando? — provoca quando não respondo, me olhando como se estivesse aguardando minha opinião sobre o tempo.

Putá merda... isso é assunto pessoal.

— Semana que vem.

Fico olhando para baixo.

— Você precisa arranjar um anticoncepcional.

Ele é muito autoritário. Fico olhando-o impassível. Ele se senta na cama de novo para calçar os sapatos e as meias.

— Você tem uma consulta médica marcada?

Balanço a cabeça, negando. Voltamos às fusões e aquisições — outra mudança de humor de cento e oitenta graus.

Ele franze a testa.

— Posso marcar para você na sua casa. Domingo de manhã, antes de você ir me ver. Ou pode ser na minha. O que prefere?

Nada de pressão, então. Mais uma coisa que ele está pagando... mas, na verdade, é para proveito dele.

— Na sua casa.

Isso significa que é garantido que eu saia com ele domingo.

— Tudo bem. Eu aviso o horário.

— Você está indo embora?

Não vá... fique comigo, por favor.

— Estou.

Por quê?

— Como você vai voltar? — sussurro.

— Taylor vem me pegar.

— Posso levá-lo de carro. Tenho um carro lindo.
Ele me olha com uma expressão carinhosa.
— Está melhorando. Mas acho que você bebeu demais.
— Você me deixou bêbada de propósito?
— Deixei.
— Por quê?
— Porque você pensa demais, e é reticente como seu padrasto.
Com uma gota de vinho você já desanda a falar, e preciso que se comunique honestamente comigo. Do contrário, você se fecha e não tenho ideia do que está pensando. *In vino veritas*, Anastasia.
— E você acha que é sempre honesto comigo?
— Eu me esforço para ser. — Ele me olha com cautela. — Isso só vai funcionar se formos honestos um com o outro.
— Eu gostaria que você ficasse e usasse isto.
Mostro a outra camisinha.
Ele sorri, os olhos brilhando cheios de humor.
— Anastasia, já saí vezes demais da linha aqui hoje. Tenho que ir. Vejo você no domingo. Vou mandar preparar o contrato revisto, e aí a gente pode realmente começar a brincadeira.
— Brincadeira?
Putá merda. Meu coração vem parar na boca.
— Eu gostaria de fazer uma cena com você. Mas não quero que seja antes de você assinar, e eu saber que está preparada.
— Ah, então posso prolongar isso se não assinar?
Ele olha para mim, me avaliando, e sorri.
— Bem, acho que sim, mas talvez eu não aguento a pressão e estoure.
— Estoure? Como?
Minha deusa interior acordou e está alerta.
Ele balança a cabeça devagar, depois sorri, provocando.
— A coisa pode ficar muito feia.
Seu sorriso é contagioso.
— Feia como?
— Ah, você sabe, explosões, perseguição de carro, sequestro, cárcere privado.
— Você me sequestraria?
— Ah, sim.

Ele ri.

— E me prenderia contra minha vontade?

Nossa, isso é sexy.

— Ah, sim. — Ele balança a cabeça. — E estamos falando de TTP 24/7.

— Não estou entendendo — sussurro, o coração aos pulos...

Ele está falando sério?

— Total Troca de Poder, dia e noite.

Os olhos dele brilham, e sua excitação é palpável mesmo de onde estou.

Putá merda.

— Portanto, você não tem escolha — diz ele com sarcasmo.

— É claro. — Não consigo disfarçar o tom de ironia ao olhar para cima.

— Ah, Anastasia Steele, será que você acabou de revirar os olhos para mim?

Merda.

— Não — guincho.

— Acho que revirou. O que eu disse que faria com você se tornasse a revirar os olhos para mim?

Merda. Ele se senta na beira da cama.

— Vem cá — diz com a voz macia.

Fico lívida. Putz... ele fala sério. Sento-me olhando para ele, totalmente imóvel.

— Ainda não assinei — sussurro.

— Eu disse o que faria. Sou um homem de palavra. Vou lhe dar uma surra, e então vou foder você bem depressa e com bastante força. Parece que vamos precisar daquela camisinha, afinal.

A voz dele é muito macia, ameaçadora, e isso é *excitante para cacete*. Minhas entranhas praticamente se contorcem com um desejo forte, irreprimível, líquido. Ele me olha, aguardando, olhos inflamados. Timidamente, estico as pernas. *Será que eu devia fugir?* É isso aí. Nosso relacionamento está em suspenso, aqui, agora. Será que o deixo fazer isso ou digo não e acabou a história? Porque sei que tudo estará terminado se eu disser não. *Faça isso!*, minha deusa interior me implora. Meu inconsciente está tão paralisado quanto eu.

— Estou esperando — diz ele. — Não sou um homem paciente.

Ah, por tudo o que é mais sagrado. Estou ofegando, apavorada, excitada. Meu corpo todo lateja e estou com as pernas bambas. Lentamente, vou me arrastando até ficar ao lado dele.

— Muito bem — murmura ele. — Agora, levante-se.

Ah, merda... será que ele não pode acabar logo com isso? Não sei se aguento. Timidamente, fico em pé. Ele estende a mão, e coloco a camisinha em sua palma. De repente, ele me agarra, me fazendo cair por cima dele. Com um único movimento suave, posiciona-se de tal maneira que fico com o torso deitado na cama a seu lado. Ele joga a perna direita por cima das minhas e me prende com o braço, imobilizando-me. *Ai, porra.*

— Coloque as mãos na cabeça — ordena.

Obedeço na mesma hora.

— Por que estou fazendo isso, Anastasia? — pergunta.

— Porque revirei os olhos para você. — Mal consigo falar.

— Acha que essa é uma atitude educada?

— Não.

— Vai fazer de novo?

— Não.

— Vou lhe dar uma surra toda vez que fizer isso, entendeu?

Muito lentamente, ele abaixa minhas calças. *Ai*, como isso é degradante! Degradante, assustador e excitante. Ele está fazendo disso um bicho de sete cabeças. Estou com o coração na boca. Mal consigo respirar. *Merda, será que vai doer?*

Ele põe a mão na minha bunda nua, acariciando-me delicadamente, fazendo movimentos circulares com a palma da mão. De repente, retira a mão... e me bate — com força. *Ai!* Arregalo os olhos reagindo à dor, e tento me levantar, mas ele põe a mão entre as minhas escápulas, forçando-me para baixo. Torna a acariciar o local onde me bateu, e sua respiração muda — está mais ruidosa, mais forte. Ele me bate de novo e de novo, depressa e sem interrupção. *Putá merda, isso dói.* Não emito um som, o rosto contraído para aguentar a dor. Tento me contorcer para me esquivar das palmadas — estimulada pela descarga de adrenalina que me percorre o corpo.

— Fique quieta — grunhe ele —, senão não vou parar de bater.

Ele agora está me esfregando, e a palmada vem logo em seguida. Surge um padrão rítmico: carinho, afago, palmada. Tenho que me concentrar para enfrentar essa dor. Minha cabeça se esvazia enquanto me esforço para absorver aquela agonia. Ele não me bate duas vezes no mesmo lugar sucessivamente — está espalhando a dor.

— Aaai! — grito na décima palmada, e percebo que andei contando mentalmente os golpes.

— Só estou me aquecendo.

Ele me bate de novo, depois me afaga. A combinação da dor da palmada forte com o carinho é muito cansativa. Ele me bate de novo... isso está ficando mais difícil de aguentar. Meu rosto dói de tanta tensão. Ele me afaga com delicadeza e depois volta a bater. Grito de novo.

— Ninguém vai ouvir você, baby, só eu.

E me bate de novo e de novo. Do fundo da minha alma, quero implorar para que ele pare. Mas não faço isso. Não quero lhe dar esse prazer. Ele continua naquele ritmo sem trégua. Grito mais seis vezes. Dezoito tapas ao todo. Meu corpo está urrando, urrando por causa desse ataque impiedoso.

— Chega — sussurra ele asperamente. — Muito bem, Anastasia. Agora vou foder você.

Ele afaga com delicadeza minha bunda, que arde ao ser acariciada em movimentos circulares e descendentes. De repente, ele enfia dois dedos dentro de mim, pegando-me completamente desprevenida. Arquejo, este novo ataque quebrando o torpor que envolvia meu cérebro.

— Está sentindo? Está vendo quanto seu corpo gosta disso, Anastasia? Você está toda molhada só para mim.

Há um tom de assombro em sua voz. Ele mexe os dedos rapidamente num movimento de vaivém.

Gemo. *Não, claro que não.* E aí os dedos saem... e fico querendo que voltem.

— Da próxima vez farei você contar. Onde está aquela camisinha?

Ele pega a camisinha e me levanta delicadamente, colocando-me de bruços na cama. Escuto o zíper dele e o invólucro sendo

aberto. Ele tira minha calça completamente e me põe ajoelhada, acariciando de leve minha bunda, agora muito dolorida.

— Vou comer você agora. Pode gozar — murmura ele.

O quê? Como se eu tivesse escolha.

E ele está dentro de mim, rapidamente me preenchendo. Solto um gemido forte. Ele mexe, me penetrando com força, um ritmo rápido e ardente na minha bunda dolorida. A sensação é bastante intensa, dura, degradante e alucinante. Meus sentidos estão devastados, desligados, concentrados apenas no que ele está fazendo comigo. Agora ele me faz sentir aquela tensão familiar apertando lá dentro, cada vez mais rápido. NÃO... e meu corpo traiçoeiro explode num orgasmo intenso e violento.

— Ah, Ana! — grita ele ao gozar, segurando-me ali ao se derramar em mim. Ele desaba, arfando ruidosamente ao meu lado, e me puxa para cima dele, enterrando o rosto nos meus cabelos, o corpo colado ao meu.

— Ah, baby — sussurra. — Bem-vinda ao meu mundo.

Ficamos ali deitados, os dois ofegantes, querendo que nossa respiração se estabilize. Ele afaga meu cabelo. Estou de novo em cima de seu peito. Mas dessa vez, não tenho forças para levantar a mão e tocar nele. *Nossa... sobrevivi.* Não foi tão ruim assim. Sou mais forte do que pensava. Minha deusa interior está prostrada... bem, pelo menos está calada. Christian torna a esfregar o nariz no meu cabelo, inspirando profundamente.

— Muito bem, baby — diz, num tom exultante.

Suas palavras me aconchegam como uma toalha macia e felpuda do Hotel Heathman, e estou muito feliz por ele estar satisfeito.

Ele puxa a alça da minha camiseta.

— É com isso que você dorme? — pergunta com delicadeza.

— É — sussurro sonolenta.

— Você devia estar vestida de seda e cetim, menina linda. Vou levá-la para fazer compras.

— Gosto do meu moletom — murmuro, tentando em vão soar irritada.

Ele me dá outro beijo na cabeça.

— Vamos ver — diz.

Ficamos ali deitados mais uns minutos, umas horas, quem sabe, e acho que cochilo.

— Tenho que ir — diz ele, e me dá um beijo na testa. — Você está bem?

Seu tom é meigo.

Penso na pergunta dele. Minha bunda está doendo. Bem, agora está ardendo, e, por incrível que pareça, apesar de exausta, estou radiante. A consciência disso é humilhante, inesperada. Não entendo.

— Estou bem — digo, baixinho. Não quero dizer mais que isso.

Ele se levanta.

— Onde é o banheiro?

— No fim do corredor à esquerda.

Ele pega a outra camisinha e sai do quarto. Levanto-me toda dura e visto a calça. Ela machuca um pouco minha bunda ainda ardida. Estou muito confusa com minha reação. Lembro que ele disse, não me lembro de quando — que eu iria me sentir muito melhor depois de uma boa surra. *Como pode?* Eu realmente não entendo. Mas, por estranho que pareça, é como eu me sinto. Não posso dizer que tenha gostado da experiência. Na verdade, eu ainda faria tudo para evitá-la, mas agora... tenho essa sensação estranha de segurança e saciedade que ficou do prazer. Ponho as mãos na cabeça. Simplesmente não entendo.

Christian volta para o quarto. Não consigo fitá-lo nos olhos. Olho para minhas mãos.

— Encontrei um óleo de bebê. Deixe eu passar um pouco em você.

O quê?

— Não. Vou ficar bem.

— Anastasia — avisa ele, e quero revirar os olhos, mas logo me detenho.

Fico em pé de frente para a cama. Ele senta ao meu lado e, com delicadeza, torna a abaixar minha calça. *Arriando e levantando feito roupa de puta*, comenta meu inconsciente com amargura. Mentalmente eu o mando para aquele lugar. Christian põe óleo na mão e me massageia de maneira terna e cuidadosa — de

removedor de maquiagem a bálsamo calmante para uma bunda espancada, quem diria que aquele líquido era tão versátil.

— Gosto das minhas mãos em você — murmura ele, e tenho que concordar: eu também.

— Pronto — diz quando termina, e levanta minha calça de novo. Olho o relógio. São dez e meia.

— Já vou indo.

— Acompanho você até a porta.

Ainda não consigo olhar para ele.

Ele pega minha mão e me conduz até a porta. Felizmente, Kate não está em casa. Ela deve estar jantando com os pais e Ethan. Ainda bem que não estava por perto para ouvir minha punição.

— Não tem que ligar para o Taylor? — pergunto, evitando contato visual.

— Taylor está aqui desde as nove. Olhe para mim — pede.

Esforço-me para fitá-lo nos olhos, mas, quando faço isso, ele está me olhando espantado.

— Você não chorou — murmura, e de repente me agarra e me beija apaixonadamente. — Domingo — diz, a boca colada na minha, e isso é uma promessa e uma ameaça.

Fico olhando-o descer os degraus e embarcar naquele Audi preto enorme. Não olha para trás. Fecho a porta e paro na sala de um apartamento onde só passarei mais duas noites, impotente. Uma casa onde vivi feliz por quase quatro anos... mas hoje, pela primeira vez na vida, me sinto só e desconfortável aqui, infeliz comigo mesma. Será que me afastei tanto assim de quem eu sou? Sei que ali à espreita, não muito longe do meu exterior bastante entorpecido, há um poço de lágrimas. O que estou fazendo? A ironia é que nem posso me sentar para chorar à vontade. Tenho que ficar em pé. Sei que é tarde, mas resolvo ligar para minha mãe.

— Querida, como você está? Como foi a formatura? — pergunta ela com entusiasmo do outro lado da linha.

Sua voz é um bálsamo calmante.

— Desculpe a hora — sussurro.

Ela faz uma pausa.

— Ana, o que houve? — Está toda séria agora.

— Nada, mãe, eu só queria ouvir sua voz.

Ela fica um instante calada.

— Ana, o que houve? Fale comigo, por favor.

Sua voz é meiga e reconfortante, e sei que ela está interessada. Espontaneamente, minhas lágrimas começam a escorrer. Já chorei muito nesses últimos dias.

— Por favor, Ana — diz ela, e sua angústia espelha a minha.

— Ah, mãe, é um homem.

— O que ele fez com você?

A preocupação dela é palpável.

— Não é isso.

Embora seja... Ah, merda. Não quero preocupá-la. Só quero que outra pessoa seja forte por mim agora.

— Ana, por favor, você está me preocupando.

Respiro fundo.

— Eu meio que me apaixonei por esse cara, e ele é muito diferente de mim, e não sei se devemos ficar juntos.

— Ah, querida, eu queria poder estar com você. Estou morrendo de pena de ter perdido sua formatura. Você se apaixonou por alguém, finalmente. Ah, querida, homens são muito difíceis. Pertencem a uma espécie diferente. Há quanto tempo você o conhece?

Christian definitivamente pertence a uma espécie diferente... um *planeta diferente*.

— Ah, há umas três semanas mais ou menos.

— Ana, querida, isso é praticamente nada. Como você pode conhecer alguém em tão pouco tempo? Pegue leve com ele e mantenha certa distância até decidir se ele é digno de você.

Nossa... me enerva quando minha mãe enxerga tanto as coisas, mas ela está muito atrasada nisso. Será que ele é *digno* de mim? Esse é um conceito interessante. Eu sempre me perguntei se eu era digna dele.

— Querida, sua voz está muito triste. Venha para casa visitar a gente. Sinto sua falta. Bob também ia adorar vê-la. Você pode se distanciar um pouco e talvez enxergar as coisas melhor. Você precisa de um tempo. Anda trabalhando muito.

Puxa vida, isso é tentador. Fugir para a Geórgia, pegar sol, tomar uns drinques. Aproveitar o bom humor da minha mãe... seus braços

amorosos.

— Tenho duas entrevistas de estágio em Seattle na segunda-feira.

— Ah, que notícia boa!

A porta se abre, e Kate aparece, sorrindo para mim. Sua expressão muda quando vê que andei chorando.

— Mãe, tenho que desligar. Vou pensar em dar um pulo aí. Obrigada.

— Querida, por favor, não deixe um homem virar uma obsessão para você. Você é muito jovem. Aproveite a vida.

— Sim, mãe, te amo.

— Ah, Ana, eu também amo muito você. Não se arrisque, querida.

Desligo e encaro Kate, que me olha furiosa.

— Aquele fodedor podre de rico tornou a perturbar você?

— Não... mais ou menos... hã... sim.

— Manda ele ir passear, Ana. Você anda muito instável desde que o conheceu. Nunca vi você assim.

O mundo de Katherine Kavanagh é muito claro, todo preto e branco. Sem os vagos, intangíveis e misteriosos tons de cinza que coloreem meu mundo. *Bem-vinda ao meu mundo.*

— Sente-se, vamos conversar. Vamos tomar um vinho. Ah, você bebeu champanhe. — Ela olha a garrafa. — E do bom.

Meu sorriso não convence, e olho com apreensão para o sofá. Aproximo-me dele com cautela. *Hum... sentar.*

— Você está bem?

— Eu caí sentada no chão.

Ela não pensa em questionar minha explicação, porque sou uma das pessoas mais desastradas do estado de Washington. Nunca pensei que iria enxergar isso como uma bênção. Sento cheia de dedos, e tenho a surpresa agradável de ver que estou bem. Volto a atenção para Kate, mas meus pensamentos retrocedem até o Heathman — *Bem, se fosse minha, você ia passar uma semana sem conseguir se sentar depois do que aprontou ontem.* Ele disse isso e, na hora, eu não conseguia me concentrar em mais nada senão em ser dele. Todos os sinais de alerta estavam ali, eu só fui muito burra e estava muito apaixonada para não ver.

Kate volta para a sala com uma garrafa de vinho tinto e xícaras lavadas.

— Pronto.

Ela me dá uma xícara de vinho. Não vai ser tão gostoso quanto aquele champanhe.

— Ana, se ele é um babaca e tem medo de compromisso, largue ele. Embora eu realmente não entenda esse problema de compromisso. Ele não conseguia tirar os olhos de você na tenda, ficava vigiando feito um falcão. Eu diria que está perdidamente apaixonado, mas talvez ele tenha um jeito diferente de demonstrar isso.

Perdidamente apaixonado? Christian? Jeito diferente de demonstrar? Eu que o diga.

— Kate, é complicado. Como foi sua noite? — pergunto.

Não posso discutir isso com Kate sem revelar demais, mas pergunto sobre o dia dela, e ela embarca. É tranquilizador ficar sentada ouvindo uma conversa normal. A grande novidade é que Ethan pode vir morar com a gente depois das férias deles. Vai ser divertido. Ethan é engraçadíssimo. Franço a testa. Acho que Christian não vai aprovar. *Bem... azar o dele.* Vai ter que engolir. Bebo umas xícaras de vinho e decido encerrar o expediente. Foi um dia muito longo. Kate me dá um abraço, e pega o telefone para ligar para Elliot.

Olho a máquina do mal depois de escovar os dentes. Tem um e-mail de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Você

Data: 26 de maio de 2011 23:14

Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,

Você é simplesmente perfeita. A mulher mais linda, inteligente, espirituosa e corajosa que já conheci. Tome um Advil — isso não é uma exigência. E não dirija mais seu fusca. Eu ficarei sabendo.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah, não dirigir mais meu carro! Digito uma resposta.

De: Anastasia Steele
Assunto: Lisonjas
Data: 26 de maio de 2011 23:20
Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey,
Lisonjas não vão levá-lo a lugar algum, mas já que o senhor está *em toda parte*, não adianta discutir.

Precisarei levar meu fusca a uma oficina para vendê-lo — portanto não aceitarei seus disparates sobre esse assunto.

Vinho tinto é sempre preferível a Advil.

Ana

P.S.: Surra de vara é um limite rígido para mim.

Teclo em “enviar”.

De: Christian Grey
Assunto: Mulheres frustrantes que não conseguem aceitar elogios
Data: 26 de maio de 2011 23:26
Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,
Não a estou lisonjeando. Você devia ir se deitar.

Aceito seu acréscimo aos limites rígidos.

Não beba demais.

Taylor venderá seu carro e conseguirá um bom preço por ele, também.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Taylor — Ele é o homem certo para a função?

Data: 26 de maio de 2011 23:40

Para: Christian Grey

Prezado Senhor,

Estou intrigada com o fato de que esteja disposto a correr o risco de deixar seu braço direito, mas não a mulher com quem você fode de vez em quando, dirigir meu carro. Como posso ter certeza de que Taylor é o homem que vai conseguir o melhor preço pelo referido carro? No passado, provavelmente antes de conhecê-lo, eu era famosa por conseguir me dar bem nos negócios.

Ana

De: Christian Grey

Assunto: Cuidado!

Data: 26 de maio de 2011 23:44

Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,

Estou presumindo que esta conversa seja efeito do vinho tinto, e que tenha tido um dia muito longo.

Mas estou tentado a voltar aí para garantir que passe a semana sem conseguir se sentar.

Taylor é ex-militar e sabe dirigir qualquer veículo, desde uma motocicleta até um tanque Sherman. Seu carro não oferece risco para ele.

Agora, por favor, não se refira à sua pessoa como “uma mulher com quem eu fodo de vez em quando”, porque, com muita franqueza, isso me deixa louco, e você realmente não iria gostar de mim quando estou zangado.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Cuidado você

Data: 26 de maio de 2011 23:57

Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,

Não sei ao certo se gosto do senhor, sobretudo no presente momento.

Srta. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Cuidado você
Data: 27 de maio de 2011 00:03
Para: Anastasia Steele

Por que não gosta de mim?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Cuidado você
Data: 27 de maio de 2011 00:09
Para: Christian Grey

Porque o senhor nunca fica comigo.

Pronto, isso lhe dá algo em que pensar. Desligo a máquina com um floreio que realmente não combina e vou para a cama. Apago a luz e fico olhando para o teto. Foi um dia longo, uma emoção atrás da outra. Foi gostoso passar umas horas com Ray. Ele estava com boa aparência, e, por incrível que pareça, aprovou Christian. Putz, Kate e aquela sua língua de trapo. Ouvir Christian mencionar que passou fome. Que diabo é isso? Nossa, e o carro. Nem contei a Kate sobre o carro. O que Christian estava pensando?

E depois, hoje à noite, ele me bateu mesmo. Nunca ninguém me bateu na vida. Onde é que fui me meter? Muito devagarinho, as lágrimas interrompidas pela chegada de Kate começam a escorrer pelo meu rosto e a entrar pelos ouvidos. Apaixonei-me por alguém tão fechado emocionalmente que só vou me machucar — no fundo, eu sei disso —, alguém que se confessa completamente fodido. *Por que ele é tão fodido?* Deve ser horrível ser tão marcado como ele é, e a ideia de que tenha sofrido alguma crueldade insuportável na primeira infância me faz chorar mais. *Quem sabe, se ele fosse mais normal, ele não quisesse você,* meu inconsciente contribui maliciosamente para minhas elucubrações... e, no fundo, sei que

isso é verdade. Ponho o rosto no travesseiro, e a comporta se abre... e, pela primeira vez em muitos anos, estou soluçando incontrolavelmente.

Sou momentaneamente distraída do meu sofrimento pelos gritos de Kate.

— *O que você acha que está fazendo aqui, porra?*

— *Bem, você não pode!*

— *O que você fez com ela agora, porra?*

— *Desde que conheceu você, ela vive chorando.*

— *Você não pode entrar aqui!*

Christian invade meu quarto e, sem cerimônia, acende a luz, me fazendo apertar os olhos.

— Nossa, Ana — murmura.

Torna a apagar a luz, e logo está a meu lado.

— O que você está fazendo aqui? — digo entre soluços.

Merda. Não consigo parar de chorar.

Ele acende a luz da cabeceira, me fazendo apertar os olhos de novo. Kate chega e fica parada à porta.

— Quer que eu ponha esse babaca para fora? — pergunta ela, irradiando uma hostilidade termonuclear.

Christian ergue as sobrancelhas para ela, sem dúvida surpreso com aquele epíteto lisonjeiro e aquele antagonismo feroz. Faço que não com a cabeça, e ela revira os olhos para mim. *Ah... eu não faria isso perto do Sr. G.*

— Se precisar de mim, é só gritar — diz ela com mais delicadeza. — Grey, você está na minha lista negra e estou de olho em você — sibila ela.

Ele pisca para ela, que dá meia-volta e deixa a porta encostada. Christian me olha com uma expressão séria, o rosto pálido. Está com aquele blazer de risca de giz, de cujo bolso interno saca um lenço para me dar. Acho que ainda tenho aquele seu outro blazer em algum canto.

— O que está acontecendo? — pergunta ele baixinho.

— Por que você está aqui? — pergunto, sem responder-lhe.

Parei de chorar como que por milagre, mas ainda sou sacudida por soluços.

— Parte do meu papel é cuidar das suas necessidades. Você disse que queria que eu ficasse, portanto, estou aqui. E, no entanto, encontro você neste estado. — Ele pisca para mim, realmente perplexo. — Tenho certeza de que sou responsável por isso, mas não faço ideia do motivo. Foi por que bati em você?

Levanto-me da cama, contraindo o rosto por causa da dor. Sento-me e o encaro.

— Você tomou o Advil?

Balanço a cabeça. Ele aperta os olhos, se levanta e sai do quarto. Ouço-o falando com Kate, mas não dá para escutar a conversa. Volta pouco depois com uns comprimidos e uma xícara de água.

— Tome esses comprimidos — ordena com delicadeza ao sentar-se na cama ao meu lado.

Obedeço.

— Fale comigo — murmura. — Você me disse que estava bem. Eu nunca teria ido embora se achasse que você estivesse desse jeito.

Fico olhando para baixo. O que posso dizer que ainda não tenha dito? Quero mais. Quero que ele fique porque *e*/e quer ficar comigo, não porque eu esteja aos prantos, e não quero que ele bata em mim, será que isso é muito absurdo?

— Suponho que, quando disse que estava bem, você não estava.

Enrubesco.

— Achei que estivesse.

— Anastasia, você não pode me dizer o que acha que eu quero ouvir. Isso não é muito honesto — censura. — Como posso acreditar em qualquer coisa que você já me disse?

Olho para ele, e Christian está franzindo as sobrancelhas, com uma expressão triste. Passa as mãos no cabelo.

— Como você se sentiu enquanto eu batia em você e depois de eu ter batido?

— Não gostei. Eu preferiria que você não fizesse isso de novo.

— Você não deveria gostar.

— Por que você gosta disso?

Olho para ele. Minha pergunta o surpreende.

— Quer mesmo saber?

— Ah, pode acreditar, estou muito interessada.

E não consigo disfarçar o tom sarcástico.

Ele aperta os olhos de novo.

— Cuidado — avisa.

Fico lívida.

— Vai me bater de novo?

— Não, hoje não.

Ufa... meu inconsciente e eu damos um suspiro de alívio.

— Então? — provoco.

— Gosto do controle que isso me dá, Anastasia. Quero que você se comporte de um determinado jeito, e se você não se comportar, punirei você, e então aprenderá a se comportar do jeito que eu quero. Gosto de castigar. Quis dar uma surra em você desde que me perguntou se eu era gay.

Coro ao me lembrar disso. *Putz, eu queria me espancar depois de ter feito essa pergunta.* Então Katherine Kavanagh é a responsável por tudo isso, e se tivesse ido naquela entrevista e perguntado se ele era gay, ela estaria sentada aqui com a bunda doendo. Não gosto desse pensamento. Como tudo isso é confuso!

— Então você não gosta do jeito como eu sou.

Ele me olha, de novo perplexo.

— Acho você encantadora do jeito que é.

— Então por que está tentando me mudar?

— Não quero mudar você. Eu gostaria que você fosse gentil e seguisse as regras que lhe dei e não me desafiasse. Simples assim — diz ele.

— Mas você quer me castigar?

— Quero.

— É isso que eu não entendo.

Ele suspira e torna a passar a mão no cabelo.

— Eu sou assim, Anastasia. Preciso estar no controle. Preciso que você se comporte de determinada maneira, e, se você não fizer isso, adoro ver sua linda pele de alabastro ficar cor-de-rosa debaixo das minhas mãos. Isso me excita.

Putá que pariu. Agora sim estamos chegando em algum lugar.

— Então não é a dor que você me faz passar?

Ele engole em seco.

— Um pouco, para ver o que você aguenta, mas não é só isso. É também pelo fato de você ser minha para eu fazer o que achar conveniente. Controle máximo sobre outra pessoa. E isso me excita. Muito, Anastasia. Olha, não estou me explicando muito bem... Nunca tive que me explicar antes. Ainda não pensei nisso muito a fundo. Sempre estive com pessoas com a mesma mentalidade. — Ele encolhe os ombros, se desculpando. — E você ainda não respondeu à minha pergunta: como se sentiu depois?

— Confusa.

— Você ficou sexualmente muito excitada com isso, Anastasia.

Ele fecha os olhos rapidamente, e, ao tornar a abri-los e olhar para mim, eles estão em chamas.

Sua expressão afeta aquela parte obscura de mim, escondida nas minhas entranhas — minha libido, despertada e domada por ele mas, mesmo agora, insaciável.

— Não me olhe assim — murmura ele.

Franzo a testa. *Putz, o que eu fiz agora?*

— Não tenho camisinha, Anastasia, e você está transtornada. Ao contrário do que sua amiga pensa, não sou um monstro. Então, você ficou confusa?

Contorço-me sob aquele seu olhar intenso.

— Você não tem problema em ser sincera comigo por escrito. Seus e-mails sempre me dizem exatamente como se sente. Por que não pode fazer isso quando conversamos pessoalmente? Será que eu a intimido tanto assim?

Puxo um ponto imaginário da colcha azul e creme da minha mãe.

— Você me engana, Christian. Me perturba completamente. Sinto-me como Ícaro se aproximando muito do sol — sussurro.

Ele arqueja.

— Bem, acho que é o contrário — murmura.

— O quê?

— Ah, Anastasia, você me enfeitiçou. Não é óbvio?

Não, não para mim. *Enfeitiçou...* minha deusa interior está olhando boquiaberta. Nem ela acredita nisso.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta. Me escreva um e-mail, por favor. Mas, no momento, eu realmente gostaria de dormir. Posso ficar aqui?

— Quer ficar?

Não consigo disfarçar o tom esperançoso da minha voz.

— Você me quis aqui.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Vou escrever um e-mail — retruca ele com petulância.

Ele se levanta, tira o BlackBerry, as chaves, a carteira e o dinheiro dos bolsos da calça. Puta merda, o homem carrega uma bagulhada danada nos bolsos. Ele tira também o relógio, os sapatos, as meias e a calça, e pendura o blazer na minha cadeira. Vai para o outro lado da cama e se deita.

— Deite-se — ordena.

Deslizo lentamente para debaixo das cobertas, contraindo o rosto, olhando para ele. Minha nossa... ele ficou. Acho que estou entorpecida com o choque eufórico. Ele se apoia no cotovelo, e olha para mim.

— Se vai chorar, chore na minha frente. Preciso saber.

— Quer que eu chore?

— Não especialmente. Só quero saber como você se sente. Não a quero escorregando por entre meus dedos. Apague a luz. Já é tarde, e nós dois temos que trabalhar amanhã.

Está aqui... e continua autoritário, mas não posso me queixar. Ele está na minha cama. Não entendo bem por que... talvez eu deva chorar com mais frequência na frente dele. Apago a luz da cabeceira.

— Deite-se de lado, de costas para mim — murmura ele no escuro.

Reviro os olhos sabendo perfeitamente que ele não pode me ver, mas obedeco. Sem jeito, ele se aproxima, passa o braço em volta de mim e me puxa para junto de si.

— Durma, baby — ordena, e sinto seu nariz nos meus cabelos enquanto ele inspira profundamente.

Puta merda. Christian Grey está dormindo comigo e, aninhada em seus braços, caio num sono tranquilo.

CAPÍTULO DEZESSETE

A chama da vela é muito quente. Bruxuleia e dança na brisa abafada, uma brisa que não traz alívio ao calor. Delicadas asas transparentes se agitam por todos os lados no escuro, pulverizando o círculo de luz com uma poeira de escamas. Tento resistir, mas sou arrastada. É uma luz muito forte, e estou voando muito perto do Sol, ofuscada pela claridade, fritando e derretendo com o calor, cansada de tanto me esforçar para permanecer no ar. Estou com muito calor. O calor... é sufocante, opressor, e me acorda.

Abro os olhos, e estou soterrada por Christian Grey. Ele está todo enrolado em mim. Dorme profundamente com a cabeça no meu peito, o braço por cima do meu corpo, segurando-me junto a ele, uma das pernas enganchada nas minhas. Está me sufocando com o calor do seu corpo, e é pesado. Custo um pouco a compreender que ele ainda está na minha cama, com o sono profundo, e lá fora o dia já raiou — é de manhã. Ele passou a noite inteira comigo.

Estou com o braço direito esticado, sem dúvida à procura de um pouco de ar fresco, e, ao processar o fato de ele continuar ali comigo, me ocorre a ideia de que posso tocar nele. Ele dorme. Timidamente, levanto a mão e passo os dedos em suas costas. Do fundo de sua garganta, sai um leve grunhido aflito, e ele se mexe. Esfrega o nariz no meu peito, inspirando fundo ao acordar. Olhos cinzentos e sonolentos encontram os meus por baixo daquela sua cabeleira desgrenhada.

— Bom dia — resmunga, e franze os olhos. — Nossa, você me atrai mesmo quando estou dormindo.

Com movimentos lentos, ele se desenrosca de mim enquanto se orienta. Percebo sua ereção encostada em minha coxa. Ele vê meu olhar de espanto, e dá um sorriso sensual.

— Humm... isso seria bom, mas acho que devíamos esperar até domingo.

Ele se inclina e esfrega o nariz na minha orelha.

Enrubesco, o calor dele já está me deixando toda vermelha.

— Você está muito quente — murmuro.

— Você também não está nada mal — sussurra ele, se encostando em mim sugestivamente.

Enrubesco mais ainda. *Não foi isso que eu quis dizer.* Ele se apoia no cotovelo e me olha, achando graça. Então se abaixa e, para minha surpresa, toca meus lábios com um delicado beijo.

— Dormiu bem? — pergunta.

Faço que sim com a cabeça, olhando para ele, e me dou conta de que dormi muito bem, a não ser talvez na última meia hora, quando fiquei com muito calor.

— Eu também. — Ele franze a testa. — Sim, muito bem. — Ergue as sobrancelhas, espantado. — Que horas são?

Olho o relógio.

— São sete e meia.

— Sete e meia... merda.

Ele pula da cama e veste a calça.

É minha vez de achar graça ao me sentar na cama. Christian Grey está atrasado e nervoso. Trata-se de algo inédito para mim. Depois de um tempo, me dou conta de que minha bunda já não dói.

— Você é uma péssima influência para mim. Tenho uma reunião. Preciso ir embora. Tenho que estar em Portland às oito. Está rindo de mim?

— Estou.

Ele ri.

— Estou atrasado, e nunca me atraso. Mais uma primeira vez, Srta. Steele.

Ele veste o blazer, depois se abaixa e segura minha cabeça com as mãos.

— Domingo — diz, e a palavra vem carregada de promessas subentendidas. Sinto um espasmo em todo o corpo numa expectativa deliciosa. A sensação é intensa.

Que inferno, se minha mente pudesse se limitar a acompanhar o ritmo do meu corpo...

Ele se inclina e me beija rapidamente. Pega suas coisas na mesa de cabeceira, e os sapatos, que não calça.

— Taylor virá resolver o caso do seu fusca. Eu estava falando sério. Não saia nele. Vejo você no domingo. Aviso o horário por e-mail.

E, como um pé de vento, ele se foi.

Christian Grey passou a noite comigo, e me sinto descansada. E não rolou sexo, só aconchego. Ele me disse que nunca dormiu com ninguém — mas já dormiu três vezes comigo. Sorrio e levanto da cama devagar. Estou mais otimista que ontem. Vou para a cozinha, precisando de uma xícara de chá.

Depois do desjejum, tomo uma ducha e me visto depressa para meu último dia na Clayton's. É o fim de uma era — adeus ao casal Clayton, à WSU, a Vancouver, ao meu apartamento, meu fusca. Olho para a máquina do mal — são só 7h52. Tenho tempo.

De: Anastasia Steele

Assunto: Ataque e agressão: As consequências

Data: 27 de maio de 2011 08:05

Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey,

O senhor quis saber por que fiquei tão confusa depois que me — que eufemismo devemos usar? — espancou, puniu, bateu, atacou. Bem, durante todo o processo assustador, senti-me diminuída, degradada e abusada. E, para minha aflição, o senhor estava certo, fiquei excitada, e isso foi inesperado. Como bem sabe, tudo que se relaciona a sexo é novidade para mim — eu gostaria de ser mais experiente e, portanto, mais preparada. Fiquei chocada por ter ficado excitada.

O que realmente me preocupou foi como me senti depois. E isso é mais difícil de expressar. Fiquei satisfeita por tê-lo deixado feliz, e aliviada pelo fato de não ter sido tão doloroso quanto achei que seria. E, depois, deitada em seus braços, senti-me saciada. Mas fico muito incomodada, culpada até, por me sentir assim. Isso não combina comigo, e, portanto, estou confusa. Isso responde à sua pergunta?

Espero que o mundo das Fusões e Aquisições esteja mais estimulante que nunca... e que não tenha chegado muito atrasado.

Obrigada por ter ficado comigo.

Ana

De: Christian Grey

Assunto: Liberte seu espírito

Data: 27 de maio de 2011 08:24

Para: Anastasia Steele

Descrição interessante no assunto do e-mail... ainda que exagerada, Srta. Steele.

Respondendo às suas questões:

- Continuarei com as surras — essa é a palavra.
- Então, sentiu-se diminuída, degradada, abusada e atacada — isso é muito Tess Durbeyfield de sua parte. Creio que foi você que optou pela degradação, se bem me lembro. Você se sente realmente assim ou acha que deveria se sentir? Duas coisas muito diferentes. Se é assim que se sente, acha que poderia se limitar a tentar aproveitar esses sentimentos, enfrentá-los, por mim? É o que uma submissa faria.
- Estou agradecido pela sua inexperiência. Dou valor a ela, e ainda estou começando a entender o que significa. Simplificando... significa que você é minha em todos os aspectos.
- Sim, você ficou excitada, o que, por sua vez, foi muito excitante, não há nada de errado com isso.
- Feliz está longe de começar a dar a ideia de como eu me senti. Êxtase arrebatador chega perto.
- Uma surra de castigo dói mais do que uma surra sensual — portanto, não vai ser muito mais forte que isso, a menos, claro, que você cometa uma transgressão importante, e, nesse caso, usarei algum implemento para puni-la. Minha mão ficou muito dolorida. Mas gosto disso.
- Eu também me senti saciado — mais do que você jamais poderia imaginar.
- Não gaste sua energia com culpa, remorso etc. Somos maiores de idade e o que fazemos entre quatro paredes fica entre nós. Você precisa libertar seu espírito e ouvir seu corpo.
- O mundo das F&A não é nem de longe tão estimulante quanto você, Srta. Steele.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Put a merda... *minha em todos os aspectos*. Respiro com dificuldade.

De: Anastasia Steele

Assunto: Maiores de idade!

Data: 27 de maio de 2011 08:26

Para: Christian Grey

Não está em reunião?

Muito bem feito que tenha ficado com a mão doendo.

E, se eu ouvisse meu corpo, agora eu estaria no Alasca.

Ana

P.S.: Vou pensar em aproveitar esses sentimentos.

De: Christian Grey

Assunto: Você não chamou a polícia

Data: 27 de maio de 2011 08:35

Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,

Estou numa reunião discutindo o mercado futuro, se está mesmo interessada.

Para que fique registrado, você ficou ao meu lado sabendo o que eu ia fazer.

Em nenhum momento me pediu para parar — não usou nenhum dos códigos.

Você é maior de idade — tem opções.

Com muita franqueza, estou ansioso para ficar de novo com a mão ardendo.

Você obviamente não está ouvindo a parte certa do seu corpo.

O Alasca é muito frio, e não é lugar para fugir. Eu encontraria você.

Posso rastrear seu celular — lembra?

Vá para o trabalho.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Fecho a cara para a tela. Ele tem razão, claro. A opção é minha. Humm. Será que ele fala sério sobre ir atrás de mim? Será que eu devia resolver fugir por uns tempos? Penso rapidamente no convite da minha mãe.

Teclo em “responder”.

De: Anastasia Steele
Assunto: Perseguidor
Data: 27 de maio de 2011 08:38
Para: Christian Grey

Já procurou terapia para sua propensão a perseguir os outros?

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Perseguidor? Eu?
Data: 27 de maio de 2011 08:38
Para: Anastasia Steele

Pago ao eminente Dr. Flynn uma pequena fortuna por minha propensão a perseguição e outras tendências.
Vá para o trabalho.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Charlatões caros
Data: 27 de maio de 2011 08:40
Para: Christian Grey

Permita-me humildemente sugerir que busque uma segunda opinião. Não sei ao certo se o Dr. Flynn é muito eficiente.

Srta. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Segundas opiniões
Data: 27 de maio de 2011 08:43
Para: Anastasia Steele

Não que isso seja da sua conta, mas o Dr. Flynn é a segunda opinião.

Você terá que correr, no carro novo, arriscando-se desnecessariamente — acho que isso é contra as regras.

VÁ PARA O TRABALHO.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: MAIÚSCULAS GRITANTES
Data: 27 de maio de 2011 08:47
Para: Christian Grey

Na qualidade de objeto de suas tendências perseguidoras, considero isso da minha conta, na verdade.

Ainda não assinei. Portanto, que se danem as regras! E só entro às 9h30.

Srta. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Linguística descritiva
Data: 27 de maio de 2011 08:49
Para: Anastasia Steele

“Que se danem?” Não é uma expressão muito educada.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Linguística descritiva
Data: 27 de maio de 2011 08:52
Para: Christian Grey

Para maníacos por controle e perseguidores, está ótimo.
E linguística descritiva é um limite rígido para mim.

Quer parar de me aborrecer agora?

Eu gostaria de ir para o trabalho no carro novo.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Moças difíceis mas divertidas
Data: 27 de maio de 2011 08:58
Para: Anastasia Steele

Minha mão está começando a coçar.
Dirija com cuidado, Srta. Steele.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

É uma alegria dirigir o Audi. Tem direção hidráulica. A direção do Wanda, o meu fusca, é um chumbo, portanto, meu exercício diário, que era dirigi-lo, vai acabar. Ah, mas vou ter um personal trainer para enfrentar, de acordo com as regras de Christian. Franço as sobancelhas. Odeio fazer exercício.

Enquanto estou dirigindo, tento analisar nossa troca de e-mails. Ele às vezes é um filho da puta paternalista. E aí, penso em Grace e me sinto culpada. Mas, claro, ela não é a mãe biológica dele. *Humm*, há toda uma história de dor de causa desconhecida. Bem, filho da puta paternalista então funciona bem. Sim, sou maior de idade, obrigada por me lembrar disso, Christian Grey, e a opção é minha. O problema é que só quero o Christian, não toda a... bagagem... dele — e, no momento, a bagagem dele enche o compartimento de carga de um 747. Será que eu poderia simplesmente relaxar e aceitar isso? Como uma submissa? Eu disse que tentaria. Isso é uma tarefa que não tem mais tamanho.

Deixo o carro no estacionamento da Clayton's. Ao entrar, mal posso acreditar que seja meu último dia. Felizmente, o movimento da loja é grande e o tempo passa depressa. Na hora do almoço, o

Sr. Clayton me chama ao estoque. Está parado ao lado de um motoboy.

— Srta. Steele? — pergunta o motoboy.

Faço uma cara interrogativa para o Sr. Clayton, que dá de ombros, tão intrigado quanto eu. Fico aflita. O que Christian mandou agora? Assino o recibo do pequeno embrulho e o abro imediatamente. É um BlackBerry. Fico mais aflita ainda. Ligo-o.

De: Christian Grey
Assunto: BlackBerry EMPRESTADO
Data: 27 de maio de 2011 11:15
Para: Anastasia Steele

Preciso ter a possibilidade de entrar em contato com você a qualquer hora, e, uma vez que esta é sua forma de comunicação mais honesta, calculei que você precisava de um BlackBerry.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Consumismo levado à loucura
Data: 27 de maio de 2011 13:22
Para: Christian Grey

Acho que precisa ligar já para o Dr. Flynn.
Sua propensão à perseguição está desenfreada.

Estou no trabalho. Escreverei quando chegar em casa.

Obrigada por mais um aparelho.

Eu não estava errada quando disse que você era o consumidor supremo.

Por que faz isso?

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Sagacidade de alguém tão jovem

Data: 27 de maio de 2011 13:24

Para: Anastasia Steele

Bom argumento, como sempre, Srta. Steele.
O Dr. Flynn está de férias.

E faço isso porque posso.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ponho aquele negócio no bolso de trás da calça, já com ódio dele. Mandar e-mails para Christian vicia, mas preciso trabalhar. O telefone toca uma vez no meu traseiro... *Que apropriado*, penso com ironia, mas, usando toda minha força de vontade, ignoro esse pensamento.

Às quatro da tarde, o Sr. e a Sra. Clayton reúnem todos os outros funcionários da loja e, durante um discurso de arrepiar de tão constrangedor, me presenteiam com um cheque de trezentos dólares. Naquele momento, todos os acontecimentos das últimas três semanas me vêm à cabeça: as provas, a formatura, um bilionário intenso e fodido, a perda da virgindade, limites brandos e rígidos, quartos de jogos sem mesas, viagens de helicóptero e o fato de que vou me mudar amanhã. O incrível é que me controlo. Meu inconsciente está assombrado. Dou um abraço forte nos Clayton. Eles foram patrões bondosos e generosos, e sentirei falta deles.

* * *

KATE ESTÁ SAINDO do carro quando chego em casa.

— O que é isso? — pergunta em tom de acusação, apontando para o Audi. Não resisto.

— É um carro — brinco. Ela aperta os olhos, e, por um instante, me pergunto se também vai me dar umas palmadas. — Meu presente de formatura.

Tento agir como se não fosse nada de mais. *Sim, todo dia me dão um carro caro*. Ela fica boquiaberta.

— O filho da mãe é generoso e exagerado, não é?

Balanço a cabeça, concordando.

— Tentei não aceitar, mas francamente, não vale a briga.

Kate contrai os lábios.

— Não me admira que você esteja perturbada. Vi que ele ficou lá em casa.

— É — sorrio com nostalgia.

— Vamos terminar de embalar as coisas?

Faço que sim com a cabeça, e entro atrás dela, lendo o e-mail de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Domingo

Data: 27 de maio de 2011 13:30

Para: Anastasia Steele

Vejo você às 13h no domingo?

A consulta médica está agendada para as 13h30 no Escala.

Estou indo agora para Seattle.

Espero que sua mudança corra bem, e estou ansioso para domingo chegar.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Nossa, ele poderia estar falando do tempo. Decido enviar-lhe um e-mail quando tivermos acabado de embalar tudo. Ele pode ser muito divertido numa hora e muito formal e metido a besta na outra. É difícil acompanhar. Honestamente, parece um e-mail para um empregado. Reviro os olhos para aquilo com uma expressão de desafio e me junto a Kate para organizar a mudança.

* * *

KATE E EU estamos na cozinha quando alguém bate à porta. Taylor está parado no pátio, impecável naquele terno dele. Vejo vestígios de uma antiga carreira militar no cabelo cortado à máquina, no físico enxuto e no olhar gelado.

— Srta. Steele — diz ele. — Vim buscar seu carro.

— Ah, sim, claro. Pode entrar, vou buscar as chaves.

Com certeza ele não foi contratado para isso. Pergunto-me de novo qual é a função de Taylor. Entrego-lhe as chaves, e nos encaminhamos num silêncio que, para mim, é desconfortável, até o fusca azul-claro. Abro a porta e retiro a lanterna do porta-luvas. Pronto. Não tenho mais nada no Wanda que seja pessoal. *Adeus, Wanda. Obrigada.* Acaricio seu teto ao fechar a porta do carona.

— Há quanto tempo trabalha para o Sr. Grey? — pergunto.

— Quatro anos, Srta. Steele.

De repente, sinto uma necessidade premente de bombardeá-lo com perguntas. O que este homem deve saber sobre Christian, sobre todos os seus segredos? Mas, provavelmente, ele assinou um termo de confidencialidade. Olho nervosa para ele. Vejo a mesma expressão taciturna de Ray, e um indício de simpatia brota em mim.

— Ele é um homem bom, Srta. Steele — diz Taylor com um sorriso.

Então, oferece um pequeno aceno de cabeça, entra no meu carro e vai embora.

O apartamento, o fusca, a loja, a mudança agora é total. Entro de novo em casa balançando a cabeça. E a maior mudança de todas é Christian Grey. Taylor o acha um *homem bom*. Será que posso acreditar nele?

* * *

JOSÉ SE JUNTA a nós às oito da noite trazendo comida chinesa. Já terminamos de empacotar. Está tudo embalado, e estamos prontas para partir. Ele traz várias garrafas de cerveja, e Kate e eu nos sentamos no sofá enquanto ele se acomoda no chão entre nós. Assistimos a umas porcarias na tevê, bebemos cerveja e, à medida que a noite vai passando e a cerveja vai fazendo efeito, rememoramos com carinho e estardalhaço a nossa convivência. Foram quatro anos muito bons.

O clima entre José e eu já voltou ao normal, esquecido o beijo roubado. Bem, isso foi varrido para debaixo do tapete onde minha deusa interior está deitada, comendo uvas e tamborilando os dedos,

esperando impacientemente pelo domingo. Ouço uma batida na porta, e fico aflita. Será...?

Kate abre a porta e quase cai para trás ao ver Elliot. Ele a agarra num abraço hollywoodiano que logo se transforma num beijo de filme clássico europeu. *Sinceramente... vão para um quarto.* José e eu nos entreolhamos. Estou horrorizada com a falta de recato deles.

— Vamos até o bar? — convido José, que balança a cabeça freneticamente, concordando.

Estamos muito constrangidos com a excitação sexual desenfreada se desenrolando diante de nós. Kate me olha, ruborizada e com os olhos brilhando.

— José e eu vamos sair para beber alguma coisa rapidinho.

Reviro os olhos para ela. Rá! Ainda posso revirar os olhos à vontade.

— Tudo bem — diz ela com um sorriso.

— Oi, Elliot. Tchau, Elliot.

Ele pisca aqueles enormes olhos azuis para mim, e José e eu já estamos na rua, rindo feito adolescentes.

A caminho do bar, dou o braço a José. Graças a Deus, ele é descomplicado — eu ainda não tinha dado o devido valor a isso.

— Você vem mesmo para a abertura da minha exposição, não vem?

— Claro, José, quando vai ser?

— Dia nove de junho.

— Que dia cai?

De repente me apavoro.

— Numa quinta-feira.

— Sim, devo conseguir vir... e você vai nos visitar em Seattle?

— Tente me impedir.

Ele sorri.

* * *

É TARDE QUANDO volto do bar. Kate e Elliot podem não estar sendo vistos, mas, caramba, podem ser ouvidos. *Putá merda.* Espero que eu não faça tanto barulho. Sei que Christian não faz. Enrubesço ao pensar nisso, e fujo para meu quarto. Depois de um abraço breve e

felizmente nada constrangido, José foi embora. Não sei quando vou tornar a vê-lo, provavelmente na sua exposição de fotografias, e, mais uma vez, fico impressionada com o fato de ele finalmente fazer uma exposição. Vou sentir falta dele e daquele seu encanto infantil. Não consegui lhe contar sobre o fusca. Sei que vai ter um chlique quando descobrir, e só consigo lidar com um homem de cada vez tendo chlique comigo. Uma vez no meu quarto, verifico a máquina do mal e, claro, há um e-mail de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Cadê você?

Data: 27 de maio de 2011 22:14

Para: Anastasia Steele

“Estou no trabalho. Escreverei quando chegar em casa.”

Você ainda está no trabalho ou já colocou o telefone, o BlackBerry e o MacBook na mala?

Ligue para mim, ou serei obrigado a ligar para Elliot.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Droga... *José... Que merda.*

Pego o telefone. Cinco ligações perdidas e uma mensagem de voz. Timidamente, ouço a mensagem. É de Christian.

“Acho que você precisa aprender a lidar com minha expectativa. Não sou um homem paciente. Se diz que vai entrar em contato comigo quando sair do trabalho, você deveria ter a decência de fazer isso. Do contrário, fico preocupado, e preocupação não é uma emoção que me seja familiar, e não a tolero muito bem. Ligue para mim.”

Putá que pariu. Será que ele algum dia vai me dar um tempo? Fecho a cara para o telefone. Christian está me sufocando. Com um medo profundo me dando um frio na barriga, rolo a tela para o número dele e aperto em “ligar”. Com o coração na boca, aguardo até ele atender. Provavelmente vai me dar uma bronca. A ideia é deprimente.

— Oi — diz ele com voz macia, e a resposta me desarma porque estou esperando raiva, mas, em todo caso, ele parece aliviado.

— Oi — murmuro.

— Eu estava preocupado com você.

— Eu sei. Me desculpe por não ter respondido, mas estou bem.

Ele fica em silêncio um instante antes de falar.

— Sua noite foi agradável? — pergunta com uma polidez seca.

— Foi. Terminamos de embalar tudo e Kate e eu jantamos comida chinesa com José.

Fecho os olhos com força ao dizer o nome de José. Christian não fala nada.

— E você? — pergunto para encher o repentino abismo de silêncio ensurdecedor. Não vou deixá-lo me fazer sentir culpada por causa de José.

Finalmente, ele suspira.

— Fui a um jantar beneficente. Foi mortalmente chato. Saí assim que pude.

Ele está com uma voz muito triste e resignada. Fico com o coração apertado. Visualizo-o naquela noite, sentado ao piano em sua sala enorme, e a insuportável melancolia doce e amarga da música que ele tocava.

— Eu queria que você estivesse aqui — sussurro, porque sinto uma necessidade urgente de abraçá-lo. Tranquilizá-lo. Embora ele não vá permitir. Quero estar perto dele.

— Queria? — murmura ele em tom morno.

Putá merda. Esse tom não é dele, e fico apreensiva, sentindo o couro cabeludo formigar.

— Queria — digo.

Depois de uma eternidade, ele suspira.

— Então até domingo?

— É, até domingo — murmuro, sentindo um arrepio.

— Boa noite.

— Boa noite, senhor.

Minha forma de tratamento o pega desprevenido. Vejo pela expiração brusca que ele deu.

— Boa sorte com sua mudança amanhã, Anastasia.

A voz dele é doce. E estamos como dois adolescentes na hora de desligar o telefone, nenhum deles querendo fazer isso.

— Desliga você — sussurro.

Finalmente, noto o sorriso dele.

— Não, desliga você.

E sei que ele abriu o sorriso.

— Não quero.

— Nem eu.

— Você ficou muito zangado comigo?

— Fiquei.

— Ainda está?

— Não.

— Então não vai me castigar?

— Não. Sou de reagir na hora.

— Já notei.

— Pode desligar agora, Srta. Steele.

— Quer que eu faça isso mesmo, senhor?

— Vá se deitar, Anastasia.

— Sim, senhor.

Ambos permanecemos na linha.

— Algum dia acha que conseguirá fazer o que lhe mandam?

Ele está achando graça e ao mesmo tempo exasperado.

— Pode ser. Vamos ver depois de domingo.

E aperto em “finalizar” no telefone.

—

Elliot fica em pé admirando seu trabalho. Ele reconectou nossa tevê ao sistema de satélite no apartamento da Pike Place Market. Kate e eu nos deixamos cair no sofá dando risadinhas, impressionadas com suas proezas com a furadeira. A tela plana está estranha na parede de tijolos do armazém transformado em apartamento, mas, sem dúvida, vou me acostumar com isso.

— Está vendo, baby? É fácil!

Ele dá um largo sorriso para Kate, e ela quase literalmente se dissolve no sofá.

Reviro os olhos para a dupla.

— Eu adoraria ficar, baby, mas minha irmã chegou de Paris. Hoje temos um jantar de família obrigatório.

— Dá para você vir aqui depois? — pergunta Kate timidamente, toda meiga, de um jeito que não é dela.

Levanto e me dirijo à cozinha com o pretexto de desembalar uma das caixas. Eles vão ficar melosos.

— Vou ver se posso fugir — promete ele.

— Eu desço com você.

Kate sorri.

— Tchau, Ana.

Eliot sorri.

— Tchau, Elliot. Diga “oi” para o Christian por mim.

— Só “oi”? — pergunta ele, erguendo sugestivamente as sobrancelhas.

— Só.

Enrubesco. Ele pisca para mim, e fico vermelha quando ele sai atrás de Kate.

Elliot é adorável e muito diferente de Christian. É caloroso, extrovertido, sensual, muito sensual, sensual demais, com Kate. Eles mal conseguem ficar sem se tocar — para ser franca, é constrangedor — e estou verde de inveja.

Kate volta uns vinte minutos depois com uma pizza, e nos sentamos, cercadas de caixas, em nosso novo espaço aberto, comendo direto da caixa. O pai de Kate nos deixou orgulhosas. O apartamento não é grande, mas tem um bom tamanho, três quartos e uma grande área de estar que dá para o Pike Place Market. É todo de assoalho de madeira e tijolos aparentes, e as bancadas da cozinha são de cimento queimado, muito utilitário, muito contemporâneo. Estamos adorando o fato de estar no coração da cidade.

Às oito, o interfone toca. Kate se levanta de um salto — e fico com o coração na boca.

— Entrega, Srta. Steele, Srta. Kavanagh.

Inesperadamente, o sentimento de decepção toma conta de mim. Não é Christian.

— Segundo andar, apartamento dois.

Kate abre a porta para o entregador. O rapaz fica de queixo caído ao ver Kate ali de calça jeans justa, camiseta e cabelo preso num coque no alto da cabeça deixando uns cachinhos escaparem. Ela deixa os homens assim. Ele segura uma garrafa de champanhe que tem amarrado um fio com um balão em forma de helicóptero. Ela dá um sorriso deslumbrante para despachar o rapaz e começa a ler o cartão para mim.

*Senhoritas,
Boa sorte no novo lar.
Christian Grey*

Kate balança a cabeça num gesto de reprovação.

— Por que ele não pode escrever simplesmente “Christian”? E esse balão esquisito em forma de helicóptero?

— Charlie Tango.

— O quê?

— Christian me trouxe para Seattle no helicóptero dele — digo encolhendo os ombros.

Kate me olha boquiaberta. Devo dizer que adoro essas ocasiões — Katherine Kavanagh calada e embasbacada — são muito raras. Permito-me o luxo de me dar um breve instante para usufruir disso.

— É, ele tem um helicóptero, que ele mesmo pilota — afirmo com orgulho.

— Claro que o filho da mãe podre de rico tem um helicóptero. Por que não me contou?

Kate me olha com uma expressão acusadora, mas está rindo, balançando a cabeça, incrédula.

— Ando com muita coisa na cabeça ultimamente.

Ela franze a testa.

— Você vai ficar bem enquanto eu estiver fora?

— Claro — respondo num tom tranquilizador. *Cidade nova, trabalho novo, namorado pirado.*

— Deu nosso endereço a ele?

— Não, mas me perseguir é uma das suas especialidades — reflito friamente.

Kate franze mais a testa.

— De certa forma, não me surpreende. Ele me preocupa, Ana. Pelo menos é um bom champanhe e está gelado.

Claro. Só Christian mandaria um champanhe gelado, ou mandaria a secretária fazer isso... ou talvez Taylor. Abrimos a garrafa e pegamos nossas xícaras — elas foram os últimos artigos a serem embalados.

— Bollinger Grande Année Rosé 1999, uma excelente safra — sorrio para Kate, e fazemos tim-tim com as xícaras.

* * *

ACORDO CEDO NUMA manhã cinzenta de domingo depois de uma noite de um sono surpreendentemente reparador e fico na cama olhando para minhas caixas. *Você devia estar desembalando essas caixas*, reclama meu inconsciente, contraindo aqueles lábios de gavião. *Não... hoje é o dia*. Minha deusa interior não cabe em si, saltitando de um pé para o outro. A expectativa paira pesada e portentosa sobre minha cabeça como a nuvem negra de uma tempestade tropical. Sinto um frio na barriga — assim como uma dor mais sombria, carnal e cativante ao tentar imaginar o que ele fará comigo... e claro, tenho que assinar aquele maldito contrato, ou não? Ouço o tilintar da caixa de entrada da máquina do mal no chão ao lado da minha cama.

De: Christian Grey

Assunto: Minha vida em números

Data: 29 de maio de 2011 08:04

Para: Anastasia Steele

Se vier de carro, você precisará deste código de acesso à garagem subterrânea do Escala: 146963.

Estacione na vaga 5 — é uma das minhas.

Código do elevador: 1880

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Uma safra excelente
Data: 29 de maio de 2011 08:08
Para: Christian Grey

Sim, senhor. Entendido.
Obrigada pelo champanhe e pelo Charlie Tango inflável, que está agora amarrado na minha cama.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Inveja
Data: 29 de maio de 2011 08:11
Para: Anastasia Steele

De nada.
Não se atrase.

Charlie Tango sortudo.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Reviro os olhos diante de sua tirania, mas sua última linha me faz sorrir. Vou para o banheiro, me perguntando se Elliot conseguiu voltar ontem à noite e me esforçando muito para controlar os nervos.

* * *

CONSIGO DIRIGIR O Audi de salto alto! Ao meio-dia e cinquenta e cinco minutos, precisamente, entro na garagem do Escala e estaciono na vaga cinco. Quantas vagas ele possui? O Audi SUV e o R8 estão aqui, ao lado de dois Audis SUVs menores... humm. Confiro no espelho luminoso do quebra-sol o rímel que raramente uso. Eu não tinha um espelho desses no fusca.

Vai, garota! Minha deusa interior está de pompons em punho — está no modo animadora de torcida. Na infinidade de espelhos do elevador, confiro meu vestido cor de ameixa — bem, o vestido cor

de ameixa de Kate. Da última vez que o usei, ele quis me despir. Meu corpo reage ao pensar nisso. A sensação é simplesmente intensa, e relaxo. Estou usando a roupa de baixo que Taylor comprou para mim. Corro pensando naquele cabelo cortado à máquina rondando pelos corredores da Agent Provocateur ou onde quer que tenha feito a compra. As portas se abrem, e estou diante do saguão do apartamento número um.

Taylor está parado à porta quando saio do elevador.

— Boa tarde, Srta. Steele — diz.

— Ah, por favor, me chame de Ana.

— Ana — Ele sorri. — O Sr. Grey está à sua espera.

Aposto que sim.

Christian está sentado no sofá da sala lendo os jornais de domingo. Ergue os olhos enquanto Taylor me guia para a área de estar. A sala é exatamente como me lembro dela — parece que faz uma semana que estive aqui, mas já passou muito mais tempo. Christian tem um aspecto tranquilo e calmo — na verdade, está divino. Descalço, com uma camisa branca de linho solta e calça jeans. Tem o cabelo revoltado, e os olhos brilham com malícia. Ele se levanta e vem ao meu encontro, um sorriso divertido de avaliação nos belos lábios desenhados.

Fico imóvel na entrada da sala, paralisada com sua beleza e a doce expectativa do que está por vir. A familiar eletricidade entre nós está presente, se acendendo lentamente na minha barriga, atraindo-me para ele.

— Humm... esse vestido — aprova, olhando-me. — Seja bem-vinda mais uma vez, Srta. Steele — murmura e, segurando meu queixo, abaixa-se e me dá um beijo delicado nos lábios.

O contato de sua boca com a minha reverbera por todo o meu corpo. Quase paro de respirar.

— Oi — sussurro ruborizada.

— Você chegou na hora. Gosto de pontualidade. Venha. — Ele me pega pela mão e me leva ao sofá. — Queria mostrar uma coisa para você — diz quando nos sentamos.

Ele me entrega o *Seattle Times*. Na página oito, há uma fotografia de nós dois juntos na cerimônia de formatura. *Putá merda*. Saí no jornal. Olho a legenda.

*Christian Grey e uma amiga na cerimônia de formatura
na WSU Vancouver.*

Rio.

— Então agora sou sua “amiga”.

— É o que parece. E está no jornal, portanto deve ser verdade
— diz com ironia.

Sentado a meu lado, tem o corpo todo virado para mim, com uma das pernas dobrada embaixo da outra. Ele arruma meu cabelo para trás da orelha com aquele seu indicador comprido. Fico toda acesa com esse toque, aguardando e carente.

— Então, Anastasia, você tem uma ideia muito melhor das minhas intenções desde a última vez que estive aqui.

— Sim.

Aonde ele quer chegar com isso?

— E, no entanto, voltou.

Assinto timidamente, e seus olhos brilham. Ele balança a cabeça como se estivesse lutando contra a ideia.

— Já comeu? — pergunta do nada.

Merda.

— Não.

— Está com fome? — Ele está realmente tentando não parecer irritado.

— Não de comida — sussurro, e suas narinas se dilatam.

Ele se inclina e sussurra no meu ouvido.

— Você está mais ansiosa que nunca, Srta. Steele, e só para deixá-la a par de um segredinho, eu também. Mas a Dra. Greene deve chegar daqui a pouco. — Ele se endireita no sofá. — Eu gostaria que você tivesse comido — censura ele brandamente.

Meu sangue, que já estava quente, esfria. Puxa vida — a consulta. Eu tinha me esquecido.

— O que pode me dizer sobre a Dra. Greene? — pergunto para mudar de assunto.

— Ela é a melhor ginecologista e obstetra de Seattle. O que mais posso dizer? — pergunta e encolhe os ombros.

— Pensei que fosse me consultar com o seu médico, e não me diga que você na verdade é uma mulher, porque eu não acreditaria.

Ele me olha como quem diz “não seja ridícula”.

— Acho que é mais apropriado você se consultar com um especialista. Não concorda? — diz ele em tom cordial.

Balanço a cabeça concordando. Meu Deus, ela é a melhor ginecologista e obstetra da cidade e ele marcou uma consulta para mim num domingo — na hora do almoço! Nem quero imaginar quanto deve custar isso. Christian franze a testa de repente, como se recordasse algo desagradável.

— Anastasia, minha mãe gostaria que você jantasse com ela hoje. Acho que Elliot vai convidar a Kate, também. Não sei como se sente em relação a isso. Vai ser estranho para mim apresentar você à minha família.

Estranho? Por quê?

— Você tem vergonha de mim? — Não consigo disfarçar o tom magoado.

— Claro que não — diz ele revirando os olhos.

— Por que é estranho?

— Porque nunca fiz isso antes.

— Por que você pode revirar os olhos, e eu não?

Ele pisca para mim.

— Eu não percebi que estava fazendo isso.

— Eu também não percebo, em geral — retruco secamente.

Christian me fuzila com os olhos, sem palavras. Taylor aparece à porta.

— A Dra. Greene está aqui, senhor.

— Acompanhe-a até o quarto da Srta. Steele.

Quarto da Srta. Steele!

— Preparada para algum método anticoncepcional? — pergunta ele ao se levantar e me estende a mão.

— Você não vem também, não é? — arquejo, chocada.

Ele ri.

— Eu pagaria um bom dinheiro para olhar, pode acreditar, Anastasia, mas acho que a médica não aprovaria.

Pego a mão dele, e ele me puxa para seus braços e me beija intensamente. Seguro-o, surpresa. A mão dele está em meus cabelos, segurando minha cabeça, e ele me puxa de encontro a si, a testa encostada na minha.

— Estou muito feliz que você esteja aqui — murmura. — Mal posso esperar para deixá-la nua.

CAPÍTULO DEZOITO

Dra. Greene é alta, loura e impecável, e usa um tailleur azul-royal. Ela me lembra daquelas mulheres que trabalham no escritório de Christian. Parece uma caricatura — mais uma loura perfeita. Seu cabelo longo está preso num coque elegante. Deve ter uns quarenta e poucos anos.

— Sr. Grey.

Ela aperta a mão que Christian lhe estende.

— Obrigado por atender a este chamado tão em cima da hora — diz Christian.

— Obrigada por fazer com que ele valha a pena para mim, Sr. Grey. Srta. Steele.

Ela sorri, o olhar frio e avaliador.

Apertamos as mãos, e noto que ela é uma dessas mulheres que não tem paciência para gente boba. Como Kate. Gosto dela de cara. Ela lança um olhar para Christian, e após um instante esquisito, ele se dá conta.

— Vou estar lá embaixo — resmunga, e se retira do que será meu quarto.

— Bem, Srta. Steele. O Sr. Grey está me pagando uma pequena fortuna para atendê-la. O que posso fazer por você?

* * *

APÓS UM EXAME minucioso e uma conversa demorada, a Dra. Greene e eu optamos pela pílula. Ela redige uma receita e me dá instruções de como devo proceder. Adoro sua atitude séria — ela me fez um sermão sobre a necessidade de tomar a pílula todos os dias à mesma hora. E posso dizer que está morta de curiosidade sobre minha relação com o Sr. Grey. Não lhe dou detalhe algum. De

alguma forma, acho que ela não ficaria tão calma e serena se tivesse visto o Quarto Vermelho da Dor. Enrubesço ao passarmos por sua porta fechada e descemos para a galeria de arte que é a sala de Christian.

Christian está lendo, sentado no sofá. Uma ária impressionante está tocando, envolvendo-o, aconchegando-o, preenchendo a sala com uma música doce e comovente. Por um momento, ele parece sereno. Vira-se e olha para nós quando entramos, sorrindo com carinho para mim.

— Terminaram? — pergunta como se estivesse realmente interessado.

Aponta o controle remoto para uma caixa branca lisa embaixo da lareira que abriga seu iPod, e a melodia intensa perde força mas continua ao fundo. Ele se levanta e vem até nós.

— Sim, Sr. Grey. Tome conta dela. Ela é uma mulher linda e inteligente.

Christian fica desconcertado, como eu. Que coisa imprópria para uma médica dizer. Será que ela está lhe dando algum tipo de aviso não muito sutil? Christian se recupera.

— Pretendo fazer isso — murmura, perplexo.

Olhando para ele, dou de ombros, encabulada.

— Vou lhe mandar a conta — diz ela secamente ao cumprimentá-lo. — Bom dia e boa sorte para você, Ana.

Ela sorri, estreitando os olhos enquanto nos cumprimentamos.

Taylor aparece para acompanhá-la até o elevador. Como ele faz isso? Onde ele fica à espreita?

— Como foi? — pergunta Christian.

— Bem, obrigada. Ela disse que eu tinha que me abster completamente de atividades sexuais por quatro semanas.

Christian fica boquiaberto, chocado. Não consigo mais me manter séria e sorrio para ele feito uma idiota.

— Peguei você!

Ele estreita os olhos, e paro de rir na mesma hora. Na verdade, ele parece bastante severo. *Ah, merda.* Meu inconsciente se encolhe no canto e o sangue me foge do rosto; imagino-o de novo me dando palmadas.

— Peguei você! — diz, e ri. Ele me agarra pela cintura e me puxa para si. — Você é incorrigível, Srta. Steele — murmura, olhando nos meus olhos enquanto enfia os dedos nos meus cabelos, prendendo-me ali. Ele me beija com força, e eu me apoio em seus braços musculosos para me equilibrar.

— Por mais que eu queira comer você aqui e agora, precisamos nos alimentar. Não quero você desmaiada em cima de mim depois — ele fala baixo, com a boca encostada na minha.

— Isso é tudo que você quer de mim: meu corpo? — sussurro.

— Seu corpo e essa sua boca rápida — fala, ofegante.

Ele me beija de novo com paixão, depois me solta bruscamente, pega minha mão e me leva para a cozinha. Estou atordoada. Num momento estamos brincando e no outro... abano meu rosto quente. Ele só pensa em sexo, e neste momento preciso recuperar o equilíbrio e comer alguma coisa. A ária continua tocando ao fundo.

— Que música é essa?

— Villa-Lobos, uma ária das *Bachianas Brasileiras*. Ótima, não é?

— É — murmuro, inteiramente de acordo.

O balcão da cozinha tem dois lugares postos e Christian pega uma tigela de salada na geladeira.

— Que tal salada caesar com frango?

Ah, graças a Deus, nada muito pesado.

— Sim, está ótimo, obrigada.

Observo-o movimentar-se com elegância na cozinha. Ele se sente bastante à vontade com seu corpo, embora não goste de ser tocado... bem, talvez não se sinta tão à vontade assim. Nenhum homem é uma ilha, reflito — exceto, talvez, Christian Grey.

— Em que está pensando? — pergunta, tirando-me de meu devaneio.

Enrubesco.

— Eu só estava olhando seu jeito de andar.

Ele ergue uma sobrancelha, achando graça.

— E? — diz secamente.

Enrubesco mais ainda.

— Você é muito elegante.

— Ora, obrigado, Srta. Steele — murmura. Ele se senta a meu lado segurando uma garrafa de vinho. — Chablis?

— Por favor.

— Pode se servir de salada — diz ele, a voz macia. — Agora me diga, por qual método você optou?

Fico por um momento desconcertada com a pergunta quando me dou conta de que ele está falando da consulta com a Dra. Greene.

— Pílula.

Ele franze a testa.

— E vai se lembrar de tomar regularmente, na hora certa, todos os dias?

Meu Deus... claro que vou. Como ele sabe? Coro com a ideia — provavelmente soube por uma ou mais de uma das quinze.

— Tenho certeza de que você vai me lembrar — murmuro secamente.

Ele me olha entre divertido e condescendente.

— Vou colocar um alarme em meu celular. — Ele dá um sorriso afetado. — Coma.

A salada está deliciosa. Para minha surpresa, estou faminta e, pela primeira vez, termino a refeição antes dele. O vinho é correto e frutado.

— Mais ansiosa que nunca, Srta. Steele? — Ele sorri para meu prato vazio.

Lanço um olhar enviesado para ele.

— Sim — murmuro.

Ele engasga. E, enquanto olha para mim, o clima entre nós vai mudando lentamente, evoluindo... se intensificando. Seu olhar passa de sombrio a apaixonado, e me leva com ele. Christian se levanta, diminuindo a distância entre nós, e me puxa do banco para seus braços.

— Quer fazer isso? — sussurra ele, me examinando com um olhar intenso.

— Ainda não assinei nada.

— Eu sei... mas estou quebrando todas as regras ultimamente.

— Vai me bater?

— Vou, mas não vai ser para machucar. Neste momento, não quero punir você. Se tivesse me encontrado ontem à noite, bem, aí seria outra história.

Que droga. Ele *quer* me machucar... como lido com isso? Não consigo disfarçar a expressão horrorizada.

— Não deixe ninguém tentar convencê-la do contrário, Anastasia. Uma das razões pelas quais pessoas como eu entram nessa é o fato de gostarmos de sofrer ou de causar sofrimento. É muito simples. Você não gosta, então passei um bom tempo ontem pensando sobre isso.

Ele me puxa de encontro a seu corpo, e sua ereção pressiona minha barriga. Eu devia fugir, mas não consigo. Sou atraída por ele em algum nível profundo e primitivo que nem consigo começar a entender.

— Chegou a alguma conclusão? — murmuro.

— Não, e, neste momento, só quero amarrar e foder você até que perca os sentidos. Está preparada para isso?

— Estou — digo baixinho e sinto um aperto em todas as entranhas ao mesmo tempo... *nossa*.

— Ótimo. Venha. — Deixando a louça suja no balcão da cozinha, ele pega minha mão, e nos dirigimos à escada.

Meu coração começa a disparar. Pronto. Vou realmente fazer isso. Minha deusa interior está girando como uma bailarina profissional, fazendo uma pirueta atrás da outra. Ele abre a porta do quarto de jogos, dando um passo atrás para eu passar, e estou mais uma vez no Quarto Vermelho da Dor.

Está igual, o cheiro de couro, a cera de aroma cítrico e a madeira escura, tudo muito sensual. O sangue corre quente e assustado por minhas veias — uma mistura de adrenalina, luxúria e desejo. É uma combinação embriagadora e forte. A postura de Christian é outra, sutilmente alterada, mais dura e mais cruel. Ele me olha, e seus olhos estão excitados, lascivos... hipnóticos.

— Quando está aqui dentro, você é totalmente minha — diz em tom baixo, medindo cada palavra pronunciada lentamente. — Para fazer o que eu quiser. Entendeu?

O olhar dele é tão intenso que balanço a cabeça concordando, a boca seca, o coração parecendo que vai pular para fora do peito.

— Tire os sapatos — ordena ele num tom doce.

Engulo em seco e, muito sem jeito, me descalço. Ele se abaixa, pega os sapatos e os deixa ao lado da porta.

— Ótimo. Não hesite quando eu pedir para fazer algo. Agora vou tirar seu vestido. Ando querendo fazer isso há alguns dias. Quero que você se sinta confortável com seu corpo, Anastasia. Você tem um corpo lindo, e gosto de olhar para ele. É um prazer observá-lo. Na verdade, eu poderia passar o dia inteiro olhando para você, e não quero que fique constrangida e envergonhada com sua nudez. Entendeu?

— Sim.

— Sim o quê?

Ele se inclina sobre mim, o olhar irritado.

— Sim, senhor.

— Está falando sério? — diz ele secamente.

— Sim, senhor.

— Ótimo. Levante os braços acima da cabeça.

Faço o que me foi ordenado, ele se abaixa e pega a barra do vestido. Lentamente, vai subindo com ele e descobre minhas coxas, os quadris, a barriga, os seios, os ombros, até tirá-lo pela cabeça. Dá um passo atrás para me examinar e distraidamente dobra o vestido, sem tirar os olhos de mim. Coloca-o na cômoda grande ao lado da porta. Estica o braço e puxa meu queixo, o toque dele me queima.

— Você está mordendo o lábio — murmura. — Sabe o que isso faz comigo — acrescenta num tom sinistro. — Vire-se de costas.

Viro-me imediatamente, sem hesitar. Ele desabotoa meu sutiã e, então, segurando as alças, vai deslizando lentamente pelos meus braços, roçando minha pele com os dedos e, com a ponta dos polegares, retira-o. Seu toque me dá um calafrio na espinha, despertando todas as terminações nervosas do meu corpo. Está parado atrás de mim, tão perto que sinto o calor irradiando do corpo dele, me aquecendo, me aquecendo toda. Ele puxa meu cabelo, que se solta e cai nas costas, agarra uma mecha na altura da nuca, e inclina minha cabeça para um lado. Vai deslizando o nariz pelo meu pescoço descoberto, inspirando profundamente, depois retorna

até minha orelha. Sinto um aperto dentro de mim, carnal e cheio de desejo. Minha nossa, ele mal me tocou e eu o quero.

— Seu cheiro está divino como sempre, Anastasia — sussurra ao me dar um beijo doce embaixo da orelha.

Gemo.

— Quieta — sussurra. — Não faça nenhum ruído.

Ele puxa meu cabelo para trás, e, para minha surpresa, começa a entrelaçá-lo com dedos ágeis e habilidosos, formando uma trança única. Amarra-a com uma presilha invisível quando termina, e lhe dá um puxão seco, forçando-me a encostar nele.

— Gosto do seu cabelo trançado — sussurra.

Humm... por quê?

Ele larga meu cabelo.

— Vire-se — ordena.

Obedeço, a respiração entrecortada, com um misto de medo e desejo. É uma mistura embriagadora.

— Quando eu disser para vir aqui, é assim que você vai se vestir. Só de calcinha. Entendeu?

— Sim.

— Sim, o quê?

Ele me olha furioso.

— Sim, senhor.

Um indício de sorriso se esboça no canto da sua boca.

— Boa garota. — Seus olhos queimam os meus. — Quando eu disser para vir aqui, quero que você se ajoelhe ali. — Ele aponta para um ponto ao lado da porta. — Faça isso agora.

Pisco, processando as palavras dele, então me viro e, de um jeito meio desajeitado, ajoelho-me, como fui instruída.

— Pode se sentar sobre os calcanhares.

Sento-me.

— Pouse as mãos e os antebraços nas coxas. Ótimo. Agora afaste os joelhos. Mais. Mais um pouco. Perfeito. Olhe para o chão.

Ele vem até mim, e posso ver seus pés e suas canelas. Pés descalços. Eu devia estar anotando se ele quisesse que eu me lembre. Ele se abaixa e pega de novo minha trança, depois puxa minha cabeça para trás, fazendo-me olhar para ele. Dói só um pouquinho.

— Vai se lembrar dessa posição, Anastasia?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Fique aí, não se mexa.

Ele sai do quarto.

Estou ajoelhada, esperando. Aonde ele foi? O que vai fazer comigo? O tempo se altera. Não tenho ideia de quanto tempo ele me deixa assim... alguns minutos, cinco, dez? Minha respiração fica mais acelerada, a expectativa está me devorando por dentro.

E, de repente, ele volta — e fico mais calma e mais excitada ao mesmo tempo. *Será que eu poderia ficar mais excitada?* Posso ver seus pés. Ele mudou de calça. Esta é mais velha, rasgada, macia, e superdesbotada. Merda. A calça jeans é sexy. Ele fecha a porta e pendura alguma coisa atrás.

— Boa garota, Anastasia. Você está adorável assim. Ótimo. Levante-se.

Levanto-me, mas fico de cabeça baixa.

— Pode olhar para mim.

Olho para ele, que está me fitando com atenção, avaliando. Porém, sua expressão é mais doce. Está sem camisa. Nossa... quero tocar nele. Sua calça jeans tem o botão aberto.

— Vou acorrentá-la agora, Anastasia. Me dê a mão direita.

Dou-lhe a mão direita. Ele vira a palma para cima e, quando vejo, já a acertou bem no meio com um chicote de montaria que eu não tinha percebido em sua mão direita. Isso acontece tão depressa que a surpresa nem se registra. E o que é mais espantoso — não dói. Bem, não muito, só arde um pouco.

— Que tal isto? — pergunta ele.

Pisco para ele, confusa.

— Responda.

— Ok. — Franzo a testa.

— Não franza a testa.

Pisco e tento ficar impassível. Consigo.

— Doeu?

— Não.

— Isso não vai machucar. Entendeu?

— Entendi.

Meu tom de voz é inseguro. *Será que não vai machucar mesmo?*

— Estou falando sério — diz ele.

Nossa, minha respiração está muito acelerada. Será que ele sabe o que estou pensando? Ele me mostra o chicote. É de couro marrom trançado. Ergo os olhos de repente para encará-lo, e ele tem o olhar ardente e levemente divertido.

— Nosso objetivo é satisfazer, Srta. Steele — murmura. — Venha.

Ele pega meu braço, coloca-me embaixo da grade e se estica para pegar algemas de couro preto.

— Esta grade é desenhada para que as algemas possam correr por ela.

Olho para cima. *Putá merda* — parece um mapa de metrô.

— Vamos começar aqui, mas quero foder você em pé. Então vamos acabar perto daquela parede.

Ele aponta com o chicote para o grande X de madeira na parede.

— Ponha as mãos acima da cabeça.

Obedeço imediatamente, com a sensação de estar saindo do corpo — como se eu fosse uma observadora casual dos acontecimentos à medida que eles se desenrolam à minha volta. Isso é mais que fascinante, mais que erótico. É a coisa mais excitante e mais assustadora que já fiz na vida. Estou confiando num homem lindo, que, segundo ele mesmo confessa, foi fodido em cinquenta tons diferentes. Sufoco o breve estremecimento de medo. Kate e Elliot sabem que estou aqui.

Ele fica bem próximo de mim ao colocar as algemas. Olho para seu peito. Sua proximidade é divina. Seu cheiro é uma mistura inebriante de sabonete com odor natural, e isso me arrasta de volta para o momento presente. Quero passar o nariz e a língua nos pelos desse peito. Bastaria eu me inclinar para a frente...

Ele dá um passo para trás e me olha, a expressão velada, sacana, sensual, e estou impotente, as mãos amarradas, mas só de olhar para seu belo rosto, ver a sua carência e seu desejo por mim, posso sentir a umidade entre minhas pernas. Ele anda lentamente a meu redor.

— Você fica maravilhosa atada assim, Srta. Steele. E com essa boca rápida calada por ora. Gosto disso.

Parado de novo à minha frente, ele engancha os dedos na minha calcinha e a abaixa sem a menor pressa, despindo-me dela com

uma lentidão de doer, até terminar ajoelhado diante de mim. Sem desgrudar os olhos dos meus, amassa a calcinha, leva-a ao nariz e inspira profundamente. *Putá merda. Ele acabou de fazer isso mesmo?* Sorri com malícia para mim e mete a calcinha no bolso da calça.

Levantando-se do chão preguiçosamente como um gato selvagem, aponta a extremidade do chicote para meu umbigo, rodeando-o sem pressa — me tentando. Ao sentir o toque do couro, estremeço e arquejo. Ele me rodeia de novo, arrastando o chicote em movimentos circulares pela minha barriga. Na segunda volta, empunha o chicote repentinamente, e me golpeia por baixo... acertando meu sexo. Grito surpresa, todas as terminações nervosas em alerta. Estico as correntes. O choque me percorre, e a sensação de prazer é doce e estranha.

— Quieta — murmura, rondando-me de novo, o chicote ligeiramente mais alto na minha barriga. Dessa vez, quando torna a me bater no mesmo lugar, antecipo o golpe. Meu corpo se contorce com a doce aguilhoadada.

Ao me rodear, ele volta a brandir o chicote, dessa vez acertando meu mamilo, e jogo a cabeça para trás enquanto minhas terminações nervosas vibram. Ele acerta o outro... um castigo rápido e doce. O ataque faz meus mamilos se intumescerem, e eu gemo, puxando as algemas de couro.

— Isso é gostoso? — pergunta ele.

— Sim.

Ele me bate de novo nas nádegas. Dessa vez dói.

— Sim o quê?

— Sim, senhor — choramingo.

Ele para... mas já não consigo vê-lo. Estou de olhos fechados tentando absorver a miríade de sensações percorrendo meu corpo. Muito devagar, ele desfere uma grande quantidade de pequenas chicotadas pela minha barriga. Sei aonde isso vai dar e tento me preparar psicologicamente — mas quando ele atinge meu clitóris, dou um grito.

— Ah... por favor! — gemo.

— Quieta — ordena ele, e torna a me bater nas nádegas.

Eu não esperava que isso fosse assim... estou perdida. Perdida num mar de sensações. E de repente, ele está arrastando o chicote no meu sexo, dos pelos pubianos até a entrada da vagina.

— Está vendo como você fica molhada com isso, Anastasia? Abra os olhos e a boca.

Obedeço, completamente seduzida. Ele enfia a ponta do chicote na minha boca, como em meu sonho. *Putá merda.*

— Sinta seu gosto. Chupe. Chupe com força.

Fecho a boca em volta do chicote e fico com os olhos grudados nos dele. Sinto o gosto do couro e o sabor salgado da minha excitação. Os olhos dele estão em chamas. Está muito satisfeito.

Ele puxa o chicote da minha boca, fica diante de mim e me agarra e me beija violentamente, sua língua invadindo minha boca. Depois me abraça e me aperta contra seu corpo. Seu peito esmaga o meu, e estou louca para tocar nele, mas não posso, as mãos inúteis presas no alto.

— Ah, Anastasia, você é muito gostosa — sussurra ele. — Faça você gozar?

— Por favor — suplico.

Levo uma chicotada nas nádegas. *Ai!*

— Por favor o quê?

— Por favor, senhor — choramingo.

Ele sorri para mim, triunfante.

— Com isso? — Ele segura o chicote para eu ver.

— Sim, senhor.

— Tem certeza? — Ele me olha severo.

— Sim, senhor, por favor.

— Feche os olhos.

Deixo de ver o quarto, ele... o chicote. Ele começa de novo a me dar aquelas chicotadas na barriga. Descendo um pouco, elas golpeiam de leve meu clitóris, uma, duas, três vezes, e de novo e de novo até afinal, pronto — eu não aguento mais — e gozo gloriosa e escandalosamente, relaxando. Os braços dele me envolvem e minhas pernas viram gelatina. Dissolvo em seus braços, a cabeça encostada em seu peito, e estou miando e gemendo enquanto as réplicas do meu orgasmo me consomem. Ele me levanta do chão, e, de repente, estamos andando, eu com os braços ainda amarrados

no alto. Sinto a madeira fria e encerada do X em minhas costas, ele desabotoa a calça e me coloca no chão encostada na estrutura ao botar a camisinha, e então me segura pelas coxas e me levanta de novo.

— Levante as pernas e enrosque-se em mim.

Sinto-me muito fraca, mas obedeco enquanto ele põe minhas pernas em volta de seus quadris e se posiciona embaixo de mim. Com um tranco, ele está dentro de mim, e grito de novo, escutando o gemido abafado dele no meu ouvido. Descanso os braços em seus ombros ao ser penetrada. Nossa, está metendo muito fundo. Ele mete de novo, e de novo, o rosto no meu pescoço, a respiração áspera na minha garganta. Sinto novamente a sensação crescendo. Não... de novo, não... Acho que meu corpo não vai aguentar outro tranco. Mas não tenho escolha... e, com a inevitabilidade que já está ficando familiar, relaxo e gozo mais uma vez, e é uma agonia doce e intensa. Perco toda a noção de identidade. Christian acompanha, gritando de alívio entre dentes cerrados, me abraçando com força.

Ele se retira de mim rapidamente e me coloca sentada no X, com seu corpo me apoiando. Desafivela as algemas, solta minhas mãos, e nós dois afundamos no chão. Ele me puxa para seu colo, me aconchegando, e encosto a cabeça em seu peito. Se tivesse forças, eu tocaria nele, mas não tenho. Com um pouco de atraso, noto que ainda está usando a calça.

— Muito bem — murmura. — Doeu?

— Não — sussurro.

Mal consigo manter os olhos abertos. *Por que estou tão cansada?*

— Esperava que doesse? — pergunta ele ao me envolver mais para perto, tirando do meu rosto uns cachos que se soltaram.

— Sim.

— Está vendo? O medo está na sua cabeça, Anastasia. — Ele faz uma pausa. — Você faria isso de novo?

Penso um instante, o cansaço turvando minha mente... *De novo?*

— Sim. — Minha voz é doce.

Ele me abraça apertado.

— Ótimo. Eu também — murmura ele, depois se inclina e me dá um beijo macio no alto da cabeça.

— E ainda não acabei com você.

Ainda não acabou comigo. Deus do céu. Não tenho condições de continuar. Estou absolutamente exausta e lutando contra um desejo avassalador de dormir. Estou encostada em seu peito, os olhos fechados, e ele está enroscado em mim — com os braços e as pernas — e me sinto... segura, e muito confortável. Será que ele vai me deixar dormir, quem sabe, sonhar? Sorrio diante dessa ideia boba, e, encostando o rosto no peito dele, inspiro aquele perfume único e esfrego o nariz nele, mas na mesma hora ele fica tenso... ai, merda. Abro os olhos para olhá-lo. Está me encarando.

— Não — avisa baixinho.

Enrubesco e olho de novo para o peito dele, cheia de desejo. Quero passar a língua em seus pelos, beijá-lo e, pela primeira vez, vejo que ele tem o peito salpicado de pequeninas cicatrizes redondas. *Catapora? Sarampo?*, penso distraidamente.

— Ajoelhe-se ao lado da porta — ordena ao se sentar, colocando as mãos nos joelhos, finalmente me soltando.

Já não está carinhoso, a temperatura de sua voz caiu vários graus.

Levanto-me desajeitadamente, corro até a porta e me ajoelho conforme fui instruída. Estou trêmula e cansadíssima, bastante confusa. Quem diria que eu poderia encontrar tamanha satisfação neste quarto? Quem diria que isso seria tão *exaustivo*? Meus braços e minhas pernas estão pesados, saciados. Minha deusa interior colocou um aviso de NÃO PERTURBE do lado de fora do quarto.

Christian está andando na periferia do meu campo visual. Minhas pálpebras começam a se fechar.

— Eu a estou aborrecendo, Srta. Steele?

Desperto com um sobressalto, e Christian está em pé na minha frente, braços cruzados, me fuzilando com os olhos. Ai, merda, fui pega cochilando — isso não vai ser bom. Seu olhar suaviza quando olho para ele.

— Levante-se — ordena.

Ponho-me de pé com cautela. Ele fica me olhando e esboça um sorriso.

— Você está um caco, não é?

Balanço a cabeça concordando, timidamente, e fico vermelha.

— Força, Srta. Steele. — Ele franze os olhos para mim. — Ainda não estou satisfeito. Fique de mãos postas como se estivesse rezando.

Pisco para ele. *Rezando! Rezando para você pegar leve comigo.* Obedeço. Ele pega uma braçadeira de plástico e a prende bem apertada em volta dos meus pulsos. Que inferno. Meus olhos voam para os dele.

— Está reconhecendo? — pergunta, sem conseguir disfarçar o sorriso.

Putz... as braçadeiras. *Ele estava se reabastecendo* na Clayton's! Tudo se esclarece. Olho para ele boquiaberta, sentindo uma nova descarga de adrenalina. Tudo bem — isso me chamou a atenção — já estou acordada.

— Tenho uma tesoura aqui — ele a segura para eu ver. — Posso cortar a braçadeira e soltá-la imediatamente.

Tento separar os pulsos, testando a braçadeira, e o plástico afunda na minha carne quando faço isso. Dói, mas se eu relaxar os pulsos, não incomoda — o fio não corta minha pele.

— Venha.

Ele pega minhas mãos e me conduz para a cama de quatro colunas. Vejo agora que está arrumada com lençóis vermelhos e tem uma algema em cada canto.

Ele se abaixa e murmura no meu ouvido:

— Quero mais. Muito mais.

E meu coração dispara de novo. *Caramba.*

— Mas vou ser rápido. Você está cansada. Segure a coluna.

Franzo a testa. *Então não é na cama?* Descubro que posso separar as mãos ao segurar a coluna de madeira entalhada.

— Mais embaixo — ordena ele. — Ótimo. Não solte. Se soltar, apanha. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Ótimo.

Ele fica em pé atrás de mim, agarra meus quadris e me levanta, fazendo com que eu fique inclinada para a frente, segurando a coluna.

— Não solte, Anastasia — avisa. — Vou foder você com força por trás. Segure a coluna para se apoiar. Entendeu?

— Sim.

Ele me dá uma palmada na bunda. *Ai... dói.*

— Sim, senhor — digo depressa.

— Abra as pernas.

Ele põe a perna entre as minhas, e, segurando meus quadris, empurra minha perna direita para o lado.

— Assim é melhor. Depois disso, deixo você dormir.

Dormir? Estou ofegante. Não estou pensando em dormir agora. Ele estica o braço e me afaga as costas suavemente.

— Você tem uma pele linda, Anastasia — sussurra, abaixando-se e cobrindo minhas costas de beijos leves como plumas ao longo da coluna.

Ao mesmo tempo, traz as mãos para a frente do meu corpo, apalpando meus seios, e, ao fazer isso, prende meus mamilos entre os dedos e os puxa com delicadeza.

Abafo um gemido ao sentir o corpo todo responder, se acendendo de novo para ele.

Ele me morde e me chupa delicadamente na cintura, puxando meus mamilos, e minhas mãos apertam a coluna finamente entalhada. Suas mãos se afastam, e ouço o agora familiar ruído de papel laminado sendo rasgado, e ele se desvencilha das calças.

— Você tem uma bunda muito atraente e sensual, Anastasia Steele. O que eu gostaria de fazer com ela?

Suas mãos alisam e moldam cada uma das minhas nádegas, então seus dedos descem, e ele enfia dois deles dentro de mim.

— Tão molhadinha. Você nunca me decepçiona, Srta. Steele — murmura ele, e percebo seu tom de assombro. — Se segure bem... vai ser rápido, baby.

Ele agarra meus quadris e se posiciona, e eu me preparo para o ataque, mas ele estica o braço e agarra a ponta da minha trança, enrolando-a no pulso até minha nuca, firmando minha cabeça. Muito lentamente, ele me penetra, puxando meu cabelo ao mesmo tempo. *Ah, a sensação de preenchimento.* Ele sai de mim lentamente, e sua outra mão segura meus quadris com firmeza, e então ele me penetra com força, me sacudindo para a frente.

— Segure-se, Anastasia! — grita entre dentes.

Agarro a coluna com mais força, me movendo de encontro a ele enquanto continua aquela acometida impiedosa, de novo e de novo, os dedos deixando sua marca em meus quadris. Meus braços doem, minhas pernas estão bambas, meu couro cabeludo começa a arder de tanto que ele puxa meu cabelo... e sinto algo crescendo dentro de mim. Ah, não... e, pela primeira vez, tenho medo do meu orgasmo... se eu gozar... vou desmaiar. Christian continua movimentando o corpo com brutalidade contra o meu, a respiração áspera, gemendo, grunhindo. Meu corpo está respondendo... *como?* Sinto um espasmo. Mas, de repente, Christian para, cravando fundo para valer.

— Vamos, Ana, goze para mim — grunhe ele, e meu nome em seus lábios me leva à loucura, e me transformo na vertiginosa sensação física e no doce orgasmo, perdendo total e completamente os sentidos.

Quando volto à razão, estou deitada em cima dele. Ele está de costas no chão e eu estou olhando para o teto, exultante naquela exaustão pós-coito. *Ah... os mosquetões*, penso distraidamente — eu tinha me esquecido deles. Christian esfrega o nariz na minha orelha.

— Levante as mãos — diz ele baixinho.

Meus braços parecem de chumbo, mas eu os levanto. Ele pega a tesoura e passa uma lâmina sob o plástico.

— Eu a declaro inaugurada — sussurra, ao cortar o plástico.

Rio, e esfrego os pulsos depois que são soltos. Sinto a satisfação dele.

— Que som encantador — diz nostalgicamente.

Senta-se de repente, me levando junto, e fico outra vez em seu colo.

— A culpa é minha — diz ele, e me leva para a frente para poder massagear meus ombros e braços. Delicadamente, ele ativa a circulação dos meus membros.

O quê?

Olho-o atrás de mim, tentando entender o que quer dizer.

— Por você não rir com mais frequência.

— Não sou de ficar rindo à toa — resmungo sonolenta.

— Ah, mas quando isso acontece, Srta. Steele, é um deleite para os sentidos.

— Muito lisonjeiro, Sr. Grey — murmuro, tentando ficar de olhos abertos.

Ele relaxa e sorri.

— Eu diria que você está muito fodida e precisa dormir.

— Isso não foi nada lisonjeiro — resmungo jovialmente.

Ele sorri e me retira delicadamente de cima dele ao se levantar, gloriosamente nu. Desejo por um instante estar mais desperta para poder realmente apreciá-lo. Ele pega a calça e a veste, sem cueca.

— Não quero assustar o Taylor, nem a Sra. Jones quanto a isso — diz.

Humm... eles devem saber que filho da mãe sacana ele é. A ideia me preocupa.

Ele se abaixa para me ajudar a ficar em pé e me conduz até a porta, atrás da qual está pendurado um roupão atalhado cinza. Pacientemente, me veste como se eu fosse uma criancinha. Não tenho forças para levantar os braços. Quando estou coberta e respeitável, ele se abaixa e me dá um beijo delicado, a boca se abrindo num rápido sorriso.

— Para a cama — diz ele.

Ah... não...

— Para dormir — acrescenta ao ver minha expressão.

De repente, me levanta e me carrega encolhida no colo para o quarto mais adiante no corredor onde a Dra. Greene me examinou hoje. Vou com a cabeça caída em seu peito. Estou exausta. Não me lembro de já ter estado tão cansada. Ele afasta o edredom, me deita na cama e, o que é mais surpreendente, se deita ao meu lado e me abraça.

— Agora durma, linda menina — murmura, beijando meu cabelo. E antes de poder fazer um comentário divertido, já adormeci.

CAPÍTULO DEZENOVE

Sinto lábios macios deixando um rastro de beijos doces na minha têmpora, e uma parte de mim quer virar e corresponder, mas o que eu mais quero é continuar dormindo. Dou um gemido e me aninho no travesseiro.

— Anastasia, acorde. — A voz de Christian é doce, tentando me convencer.

— Não — gemo.

— Temos que sair em meia hora para jantar na casa dos meus pais. — Ele está achando graça.

Abro os olhos com relutância. Anoitece lá fora. Christian está debruçado na cama, olhando-me com atenção.

— Vamos, dorminhoca. Levante-se.

Ele se abaixa e torna a me beijar.

— Trouxe algo para você beber. Estarei lá embaixo. Não volte a dormir ou vai estar encrocada — ameaça, mas num tom afável.

Ele me dá um beijo rápido e sai, deixando-me sonolenta naquele quarto frio e austero.

Estou descansada, mas, de repente, fico nervosa. Caramba, vou conhecer os pais dele! Ele acabou de me dar uma surra de chicote de montaria e de me amarrar com uma braçadeira de plástico que eu lhe vendi, pelo amor de Deus — e vou conhecer os pais dele. Será também a primeira vez que Kate estará com eles — pelo menos ela estará lá para me apoiar. Giro os ombros. Estão tensos. A exigência dele para que eu tenha um personal trainer agora não parece bizarra. Na verdade, um personal trainer é indispensável se eu quiser ter alguma esperança de acompanhar esse ritmo.

Levanto-me da cama devagar e vejo que meu vestido está pendurado do lado de fora do armário e meu sutiã está em cima da cadeira. Cadê minha calcinha? Olho embaixo da cadeira. Nada. Então, me lembro — ele a guardou no bolso da calça. A lembrança

me faz corar, depois que ele... nem consigo pensar nisso, ele foi muito... bárbaro. Franço o cenho. *Por que ele não devolveu minha calcinha?*

Entro furtivamente no banheiro, desconcertada com a ausência da calcinha. Enquanto me seco após uma ducha agradável mas rápida demais, percebo que fez isso de propósito. Quer que eu fique constrangida e peça a calcinha de volta, e ele vai dizer sim ou não. Minha deusa interior sorri para mim. *Diabo... esse jogo é para dois.* Nesse momento, resolvo não lhe perguntar pela peça íntima e não lhe dar essa satisfação. Vou conhecer os pais dele sem calcinha. *Anastasia Steele!*, meu inconsciente me repreende, mas não lhe dou ouvidos — quase me abraço de contentamento porque sei que isso vai deixá-lo louco.

Volto para o quarto, ponho o sutiã, coloco o vestido e calço os sapatos. Solto a trança e escovo o cabelo às pressas, depois olho para a bebida que ele deixou. É rosa-claro. O que é isso? Cranberry e água com gás. Humm.. é uma delícia e mata minha sede.

Entro rapidamente no banheiro para me ver no espelho: olhos brilhantes, rosto ligeiramente corado, um ligeiro ar de complacência por causa do plano da calcinha, e então desço. Quinze minutos. Nada mal, Ana.

Christian está parado junto à janela panorâmica, usando a calça de flanela cinza que eu adoro, aquela que cai nos quadris daquele jeito incrivelmente sensual, e, claro, camisa de linho branco. Será que ele não tem nenhuma de outra cor? Saindo das caixas de som, a voz macia de Frank Sinatra. Christian se vira e sorri quando entro. Ele me olha com expectativa.

— Oi — digo baixinho, e meu sorriso enigmático encontra o dele.

— Oi — diz ele. — Como se sente? — pergunta com um olhar divertido.

— Bem, obrigada. E você?

— Me sinto superbem, Srta. Steele.

Ele está louco para que eu diga alguma coisa.

— Sinatra. Nunca imaginei que fosse fã dele.

Ele ergue as sobrancelhas para mim, o olhar curioso.

— Gosto eclético, Srta. Steele — murmura, e vem andando na minha direção feito uma pantera até parar na minha frente. Seu

olhar é tão intenso que me tira o fôlego.

Sinatra começa a cantar... uma canção antiga, uma das preferidas de Ray, “Witchcraft”. Christian passa devagarinho os dedos no meu rosto, e imediatamente sinto o efeito lá *embaixo*.

— Dance comigo — diz, a voz rouca.

Ele tira o controle remoto do bolso, aumenta o volume e me estende a mão, aquele olhar cinzento cheio de promessa, desejo e humor. Ele é totalmente sedutor, e estou enfeitiçada. Dou-lhe a mão. Ele sorri preguiçosamente para mim, me puxa para junto de si e me envolve pela cintura.

Ponho uma mão em seu ombro e sorrio para ele, surpreendida por seu bom humor contagiante. Ele dá um passo para o lado, e começamos a dançar. Nossa, como ele dança! Evoluímos pela casa toda, da janela até a cozinha e voltando, rodopiando e girando no compasso da música. E, do jeito que ele conduz, é muito fácil acompanhar.

Deslizamos ao redor da mesa de jantar, chegamos até o piano, recuamos e avançamos diante da parede de vidro. Seattle piscando lá fora, um mural escuro e mágico para nossa dança. Não consigo evitar de ficar rindo à toa. Ele sorri para mim quando a música termina.

— Não há feiticeira mais bela que você — murmura, e me beija com doçura. — Bem, dançar deu uma corzinha ao seu rosto, Srta. Steele. Obrigado pela dança. Pronta para conhecer meus pais?

— Não há de quê, e sim, mal posso esperar para conhecê-los — respondo esbaforida.

— Tem tudo de que precisa?

— Ah, sim — respondo docemente.

— Tem certeza?

Balanço a cabeça do jeito mais descontraído que consigo sob aquele seu exame minucioso e divertido. Ele abre um sorriso de orelha a orelha, e balança a cabeça.

— Tudo bem. Se é este o jogo que quer fazer, Srta. Steele.

Ele me dá a mão, pega o casaco que está pendurado num dos bancos do bar, e me leva para o elevador. Ah, as muitas facetas de Christian Grey. *Será que algum dia conseguirei entender este homem volúvel?*

Olho para ele no elevador. Está achando graça em alguma piada particular, um sorriso se esboçando naquela boca encantadora. Receio que seja à minha custa. *Onde eu estava com a cabeça?* Vou conhecer os pais dele e não estou usando calcinha. Meu inconsciente me dá aquele olhar de “eu te disse” que não ajuda nada. Na relativa segurança do apartamento dele, a ideia parecia engraçada, provocante. Agora, estou quase na rua *sem calcinha!* Ele me olha, e lá está a eletricidade aumentando entre nós. Seu olhar divertido desaparece, e ele fica com uma expressão enigmática, um olhar misterioso... *ai, meu Deus.*

As portas do elevador se abrem no térreo. Christian balança a cabeça, como se quisesse clarear as ideias, e faz um gesto me convidando a sair antes dele, demonstrando cavalheirismo. *Quem ele está enganando?* Ele não é nada cavalheiro. Está com minha calcinha.

Taylor chega no Audi. Christian abre a porta traseira para mim, entro com toda a elegância possível, considerando meu estado de nudez descarada. Ainda bem que o vestido cor de ameixa de Kate é muito justo e o comprimento é na altura do joelho.

Vamos em alta velocidade pela Interestadual 5, ambos calados, sem dúvida inibidos com a presença de Taylor. O estado de espírito de Christian é quase tangível e parece mudar, o bom humor se dissipando lentamente no caminho. Ele está pensativo, olhando pela janela, e sei que está se afastando de mim. Em que está pensando? Não posso lhe perguntar. O que posso falar na frente de Taylor?

— Onde aprendeu a dançar? — pergunto hesitante.

Ele se vira para mim, os olhos misteriosos no clarão intermitente dos postes de luz que passam.

— Quer saber mesmo? — responde baixinho.

Fico aflita, e agora não quero porque posso adivinhar.

— Quero — murmuro com relutância.

— Mrs. Robinson gostava de dançar.

Ah, minha pior suspeita confirmada. Ela lhe ensinou bem, e esse pensamento me deprime — não há nada que eu possa lhe ensinar. Não tenho nenhuma habilidade especial.

— Ela deve ter sido uma boa professora.

— Ela foi.

Meu couro cabeludo formiga. Será que ela teve o que ele tinha de melhor? Antes de ele se tornar tão fechado? Ou será que ela o fez desabrochar? Ele tem um lado tão divertido, tão brincalhão. Sorrio sem querer ao lembrar que estive em seus braços enquanto ele rodopiava comigo pela sala, algo tão inesperado, e que ele está com minha calcinha em algum lugar.

E aí tem o Quarto Vermelho da Dor. Esfrego os pulsos num ato reflexo — braçadeiras de plástico fazem isso com uma garota. Ela lhe ensinou tudo isso, também, ou o estragou, dependendo do ponto de vista. Ou talvez ele fosse assim com ou sem ela. Neste momento me dou conta de que a odeio. Espero nunca encontrá-la porque não me responsabilizo pelos meus atos se isso acontecer. Não me lembro de ter tanta raiva de uma pessoa, sobretudo de alguém que não conheço. Olhando pela janela sem enxergar nada, alimento meu ódio e meu ciúme irracionais.

Meu pensamento se deixa levar para a tarde de hoje. Pelo que percebi das preferências dele, acho que pegou leve comigo. *Será que eu faria isso de novo?* Nem sequer posso fingir criar caso por causa disso. Claro que faria, se ele me pedisse — desde que não me machucasse e que essa fosse a única maneira de estar com ele.

Essa é a moral da história. Quero estar com ele. Minha deusa interior suspira aliviada. Chego à conclusão de que ela raramente usa o cérebro para pensar, usa antes outra parte de sua anatomia, e, no momento, trata-se de uma parte bastante exposta.

— Não — murmura ele.

Estranho, e o encaro.

— Não o quê?

Não encostei nele.

— Não pense demais, Anastasia. — Ele pega minha mão, leva-a aos lábios e beija delicadamente os nós dos meus dedos. — Tive uma tarde maravilhosa. Obrigado.

E está de novo comigo. Pisco para ele e sorrio timidamente. Ele é muito complicado. Faço uma pergunta que anda me incomodando.

— Por que você usa braçadeira de plástico?

Ele sorri para mim.

— É rápido, fácil, e é algo que deixa você experimentar uma sensação diferente. Sei que essas braçadeiras são um pouco

brutas, e gosto disso nos dispositivos de contenção. — Ele me dá um sorriso doce. — Muito eficientes para botar você em seu lugar.

Enrubesco e olho agitada para Taylor, que permanece impassível, olhos na estrada. *O que devo dizer a respeito disso?* Christian dá de ombros inocentemente.

— Faz parte do meu mundo, Anastasia.

Ele aperta e solta minha mão, olhando pela janela de novo.

O mundo dele, de fato, e quero que meu lugar seja ali, mas nesses termos? Simplesmente não sei. Ele não mencionou aquele maldito contrato. Minhas reflexões não me animam nem um pouco. Olho pela janela, e a paisagem mudou. A noite escura reflete meu estado de espírito introspectivo, fechado, sufocado.

Vejo que Christian está me olhando.

— Dou um doce para saber o que você tem na cabeça — diz.

Suspiro e fecho a cara.

— É ruim assim? — pergunta.

— Eu queria saber o que você estava pensando.

Ele dá um sorrisinho.

— Idem — diz, e Taylor segue veloz no meio da noite em direção a Bellevue.

* * *

SÃO QUASE OITO horas quando o Audi pega o caminho de acesso de uma mansão em estilo colonial. É de tirar o fôlego, até no que diz respeito às rosas em volta da porta. Uma pintura perfeita.

— Está preparada? — pergunta Christian enquanto Taylor estaciona diante da impressionante porta de entrada.

Confirmo com a cabeça, e ele torna a apertar minha mão, tranquilizando-me.

— Primeira vez para mim também — sussurra, depois dá um sorriso malicioso. — Aposto que você queria estar de calcinha agora — provoca.

Enrubesco. Eu tinha me esquecido da calcinha. Felizmente, Taylor já está abrindo minha porta, e não pode ouvir nosso diálogo. Franzo as sobrelanceiras para Christian, que dá um sorriso largo quando saio do carro.

A Sra. Grace Trevelyan-Grey está à porta nos esperando. O vestido de seda azul-claro lhe dá um visual elegante e sofisticado. Atrás dela, vejo o Sr. Grey, presumo, alto, louro e tão bonito quanto Christian.

— Anastasia, você já conheceu minha mãe, Grace. Este é meu pai, Carrick.

— Sr. Grey, muito prazer em conhecê-lo. — Sorrio e aperto a mão que ele me estende.

— O prazer é meu, Anastasia.

— Me chame de Ana, por favor.

Seus olhos azuis são meigos e gentis.

— Ana, que bom ver você de novo. — Grace me dá um abraço carinhoso. — Entre, querida.

— Ela está aí? — Ouço uma gargalhada vindo do interior da casa. Olho nervosamente para Christian.

— Deve ser Mia, minha irmã caçula — diz ele quase irritado, mas não exatamente.

Há uma corrente de afeto em suas palavras, em seu jeito mais suave de falar, estreitando os olhos ao mencionar o nome dela. Christian naturalmente a adora. Isso é uma revelação, e ela vem correndo pelo hall, cabelos negros, alta e curvilínea. Tem mais ou menos minha idade.

— Anastasia! Já ouvi falar muito de você.

Ela me dá um abraço apertado.

Caramba. Não posso deixar de sorrir diante de seu entusiasmo sem limites.

— Ana, por favor — murmuro ao ser arrastada para o vasto hall. É todo de assoalho de madeira escura e tapetes, com uma ampla escadaria para o segundo andar.

— Ele nunca trouxe nenhuma garota aqui em casa — diz Mia toda animada, os olhos escuros brilhando.

Vejo Christian revirando os olhos, e ergo as sobrancelhas para ele. Ele estreita os olhos para mim.

— Calma, Mia — Grace censura com doçura. — Olá, querido — diz ela ao dar dois beijinhos em Christian.

Ele sorri com carinho para ela, e depois cumprimenta o pai.

Todos damos meia-volta e nos dirigimos para a sala. Mia ainda não soltou minha mão. A sala é espaçosa, mobiliada com bom gosto em tons de creme, marrom e azul-claro — confortável, discreta e cheia de estilo. Kate e Elliot estão agarrados num sofá, taças de champanhe em punho. Kate se levanta para me abraçar, e finalmente Mia solta minha mão.

— Oi, Ana! — Ela sorri. — Christian — cumprimenta-o com um gesto de cabeça seco.

— Kate. — Ele é igualmente formal com ela.

Franzo a testa para aquele diálogo. Elliot me dá um abraço exagerado. O que é isso, a Semana de Abraçar a Ana? Essa manifestação excessiva de afeto... simplesmente não estou acostumada com isso. Christian está parado a meu lado, o braço em volta de mim. Com a mão nos meus quadris, ele abre os dedos e me puxa para junto dele. Todo mundo está nos olhando. É aflitivo.

— O que querem beber? — O Sr. Grey parece se recuperar. — Prosecco?

— Por favor — Christian e eu respondemos em uníssono.

Ah... isso está muito esquisito. Mia bate palmas.

— Vocês estão até falando a mesma coisa. Eu pego. — Ela sai depressa da sala.

Fico vermelha e, ao ver Kate sentada com Elliot, ocorre-me que Christian só me convidou porque Kate está aqui. Elliot provavelmente convidou Kate espontaneamente para conhecer os pais. Christian ficou encurralado — sabendo que eu descobriria isso por Kate. Franzo a testa ao pensar nisso. Ele me convidou por obrigação. Essa percepção é triste e deprimente. Meu inconsciente balança a cabeça sabiamente, com aquela cara de “até que enfim você sacou, sua burra”.

— O jantar está quase pronto — diz Grace ao sair com Mia da sala.

Christian franze a testa e olha para mim.

— Sente-se — ordena, apontando para o sofá de veludo, e obedeço, cruzando as pernas com cuidado. Ele se senta a meu lado, mas não encosta em mim.

— Estávamos falando sobre férias, Ana — diz o Sr. Grey com simpatia. — Elliot resolveu ir passar uma semana com Kate e a

família dela em Barbados.

Olho para Kate, e ela ri, arregalando os olhos brilhantes. Está exultante. Katherine Kavanagh, mostre um pouco de dignidade!

— Vai descansar um pouco agora que se formou? — pergunta-me o Sr. Grey.

— Estou pensando em passar uns dias na Geórgia — respondo.

Christian me olha boquiaberto, piscando umas duas vezes, a expressão indecifrável. *Ah, merda*. Não tinha falado disso com ele.

— Geórgia? — murmura.

— Minha mãe mora lá, e não a vejo faz tempo.

— Quando pretende ir? — Seu tom é grave.

— Amanhã, no fim da tarde.

Mia volta para a sala e nos entrega um prosecco rosé servido em taças de champanhe.

— À nossa saúde! — O Sr. Grey ergue a taça. O brinde adequado partindo do marido de uma médica me faz sorrir.

— Por quanto tempo? — pergunta Christian, a voz enganosamente suave.

Putá merda... ele está zangado.

— Não sei ainda. Vai depender das entrevistas de amanhã.

Ele cerra as mandíbulas, e Kate faz aquela cara de intrometida. Dá um sorriso carinhoso forçado.

— Ana merece um descanso — diz enfaticamente para Christian.

Por que é tão hostil a ele? Qual é o problema dela?

— Você tem entrevistas? — pergunta o Sr. Grey.

— Sim, amanhã, para estágio em duas editoras.

— Desejo-lhe muito boa sorte.

— O jantar está servido — anuncia Grace.

Todos nos levantamos. Kate e Elliot saem da sala com o Sr. Grey e Mia. Começo a acompanhá-los, mas Christian segura meu braço, detendo-me bruscamente.

— Quando ia me contar da viagem? — pergunta, apressado. Seu tom de voz é terno, mas ele está disfarçando a raiva.

— Não vou viajar. Vou visitar minha mãe, e ainda estava planejando ir.

— E nosso acordo?

— Ainda não temos um acordo.

Ele aperta os olhos, e depois parece se lembrar. Solta minha mão, me dá o braço e me conduz para a outra sala.

— Esta conversa ainda não terminou — sussurra ameaçadoramente ao entrarmos na sala de jantar.

Ah, droga. Deixe de ser tão esquentadinho... *e devolva minha calcinha*. Fuzilo-o com os olhos.

A sala de jantar me lembra o nosso jantar íntimo no Heathman. Há um lustre de cristal sobre a mesa de madeira escura, e um imenso espelho com uma bela moldura entalhada na parede. A mesa, coberta com uma toalha de linho branca engomada, tem como centro um vaso de peônias rosa-claro. É espetacular.

Tomamos nossos lugares. O Sr. Grey está à cabeceira, eu, à sua direita, e Christian, ao meu lado. O Sr. Grey pega a garrafa aberta de vinho tinto e serve Kate. Mia senta-se ao lado de Christian, segura a mão dele e aperta-a com força. Christian sorri com carinho para ela.

— Onde conheceu a Ana? — pergunta-lhe Mia.

— Ela me entrevistou para o jornal da WSU.

— Editado pela Kate — acrescento, esperando afastar a conversa da minha pessoa.

Mia sorri para Kate, sentada à sua frente ao lado de Elliot, e elas começam a falar sobre o jornal da faculdade.

— Vinho, Ana? — pergunta o Sr. Grey.

— Por favor.

Sorrio para ele. O Sr. Grey se levanta para servir as demais taças.

Olho para Christian, e ele se vira para mim, a cabeça inclinada.

— O quê? — pergunta.

— Por favor, não fique zangado comigo — sussurro.

— Não estou zangado com você.

Fico olhando para ele. Ele suspira.

— Estou zangado com você, sim.

Ele fecha os olhos por um instante.

— Muito zangado? — pergunto inquieta.

— Sobre o que vocês dois estão cochichando? — interrompe Kate.

Enrubesco, e Christian lhe lança um olhar furioso como quem diz “não se meta nisso, Kavanagh”. Até Kate murcha sob o olhar dele.

— Sobre minha viagem à Geórgia — digo docemente, esperando desarmar a hostilidade mútua deles.

Kate sorri, com um brilho malicioso nos olhos.

— Como estava o José na sexta-feira quando você foi com ele ao bar?

Putá que pariu, Kate. Arregalo os olhos para ela. O que está fazendo? Ela arregala os olhos para mim, e vejo que está tentando deixar Christian enciumado. *Ela não sabe de nada.* Pensei que tivesse me safado dessa.

— Estava bem — murmuro.

Christian se inclina para o meu lado.

— Muito zangado — sussurra. — Especialmente agora.

Seu tom é calmo e mortal.

Ah, não. Contorço-me.

Grace ressurgue trazendo dois pratos, acompanhada de uma jovem loura de maria-chiquinha. A jovem está elegantemente vestida de azul-claro, e vem com uma bandeja de pratos. Seus olhos imediatamente encontram os de Christian na sala. Ela cora e olha para ele sob umas pestanas compridas cobertas de rímel. O quê?

Em algum lugar da casa um telefone toca.

— Com licença.

O Sr. Grey torna a se levantar e se retira.

— Obrigada, Gretchen — diz Grace com delicadeza, franzindo as sobrancelhas quando o Sr. Grey se retira. — Deixe a bandeja no aparador.

Gretchen balança a cabeça e sai, dando outra olhadinha furtiva para Christian.

Então os Grey têm uma empregada, e a empregada está despindo com os olhos o *meu* aspirante a Dominador. Será que essa noite pode ficar pior ainda? Cruzo os braços e fecho a cara, os olhos baixos.

O Sr. Grey volta.

— É para você, querida. Do hospital — diz ele a Grace.

— Por favor, comecem todos.

Grace sorri ao me entregar um prato e sai.

A comida tem um cheiro delicioso — vieiras com linguíça, pimentões vermelhos e cebola, salpicadas de salsa. E, apesar de estar com um nó na barriga por causa das ameaças veladas de Christian, dos olhares furtivos da bonitinha Srta. Maria-Chiquinha e do desastre da calcinha desaparecida, estou faminta. Coro ao me dar conta de que foi o esforço físico de hoje à tarde que me deu tanta fome.

Momentos depois, Grace volta, com um ar preocupado. O Sr. Grey inclina a cabeça... como Christian.

— Tudo bem?

— Mais um caso de sarampo. — Grace suspira.

— Ah, não.

— É, uma criança. O quarto caso este mês. Se ao menos as pessoas vacinassem os filhos. — Ela balança a cabeça com tristeza, e depois sorri. — Ainda bem que nossos filhos nunca passaram por isso. Nunca pegaram nada pior que catapora, graças a Deus. Coitado do Elliot — diz ao se sentar, sorrindo com indulgência para o filho. Elliot franze o cenho com a comida na boca, constrangido. — Christian e Mia tiveram sorte. Pegaram uma catapora muito branda, cada um só teve meia feridinha.

Mia sorri e Christian revira os olhos.

— Então, pegou o jogo dos Mariners, pai?

Elliot visivelmente quer muito mudar de assunto.

Os *hors d'oeuvres* estão deliciosos, e me concentro em comer enquanto Elliot, o Sr. Grey e Christian falam de beisebol. Christian parece relaxado e calmo conversando com os familiares. Minha cabeça está a mil. Maldita Kate, que jogo ela está fazendo? *Será que ele vai me castigar?* Encolho-me de medo só de pensar nisso. Ainda não assinei aquele contrato. Talvez não assine. Talvez eu fique na Geórgia, onde ele não pode me alcançar.

— Está se adaptando ao apartamento novo, querida? — pergunta Grace educadamente.

Fico agradecida pela pergunta dela, que me distrai dos meus pensamentos disparatados, e lhe conto tudo sobre nossa mudança.

Quando terminamos o primeiro prato, Gretchen aparece, e, mais uma vez, eu gostaria de ter a liberdade de tocar em Christian à

vontade só para mostrar a ela — ele pode ter sido fodido em cinquenta tons, mas é meu. Ela começa a retirar os pratos, chegando muito perto de Christian para o meu gosto. Felizmente, ele parece alheio a ela, mas minha deusa interior está soltando fumaça e de um jeito que não é bom.

Kate e Mia estão conversando animadamente sobre Paris.

— Você conhece Paris, Ana? — pergunta Mia inocentemente, tirando-me do meu devaneio enciumado.

— Não, mas adoraria conhecer.

Sei que sou a única da mesa que nunca saiu dos Estados Unidos.

— Passamos a lua de mel em Paris.

Grace sorri para o Sr. Grey, que retribui o sorriso.

É quase embaraçoso de ver. Está na cara que eles se amam muito, e eu me pergunto por um instante como seria crescer com os dois pais *in situ*.

— É uma cidade linda — concorda Mia. — Apesar dos parisienses. Christian, você devia levar Ana a Paris — declara Mia com determinação.

— Acho que a Anastasia iria preferir Londres — diz Christian com doçura.

Ah... ele se lembrou. Ele põe a mão em meu joelho — os dedos subindo pela minha coxa. Meu corpo inteiro se retesa em resposta. *Não... aqui não, agora não.* Coro e mudo de posição, tentando me afastar dele. Ele agarra minha coxa, me imobilizando. Em desespero, pego o meu vinho.

A Srta. Maria-Chiquinha Europeia volta, toda dengosa, com nossos pratos: filé à Wellington, acho eu. Felizmente, ela nos serve e sai, embora hesite ao entregar o de Christian. Ele me olha intrigado enquanto eu a observo fechar a porta da sala de jantar.

— Então, qual é o problema dos parisienses? — pergunta Elliot à irmã. — Eles não gostaram do seu jeito encantador?

— Não gostaram, não. E o Monsieur Floubert, o ogro para quem eu trabalhava, era um tirano dominador.

Tusso na taça de vinho.

— Anastasia, você está bem? — pergunta Christian solícito, largando minha coxa.

Seu tom bem-humorado voltou. *Ah, ainda bem.* Quando faço que sim, ele bate nas minhas costas com delicadeza e só tira a mão quando vê que me refiz.

A carne está deliciosa e é servida com batata-doce, cenoura, nabo e vagem assados. E fica ainda mais saborosa quando percebo que Christian consegue conservar o bom humor pelo restante do jantar. Desconfio que seja pelo fato de eu estar comendo com tanto apetite. A conversa flui com facilidade entre os Grey, carinhosos e afetuosos, fazendo brincadeiras simpáticas uns com os outros. Durante a sobremesa de creme de limão, Mia nos regala com suas proezas em Paris, a certa altura falando em francês sem perceber. Ficamos todos olhando para ela, que olha para nós sem entender, até Christian lhe dizer, num francês igualmente fluente, o que ela acabou de fazer, ao que ela cai na gargalhada. Ela tem uma risada muito contagiante, e logo estamos todos morrendo de rir.

Elliot discorre sobre seu último projeto imobiliário, uma nova comunidade ecologicamente correta ao norte de Seattle. Olho para Kate, e ela está prestando atenção em cada palavra de Elliot, os olhos brilhando de volúpia ou amor. Ainda não decidi muito bem o quê. Ele ri para ela, e é como se trocassem uma promessa tácita. *Até mais, baby*, ele está dizendo, e isso é excitante, muito excitante. Coro só de olhar para eles.

Suspiro e olho para Christian, o meu Cinquenta Tons. Eu poderia ficar olhando eternamente para ele. Sua barba está começando a crescer, e estou louca para passar os dedos nesse queixo e senti-lo roçando no meu rosto, nos meus seios... entre as minhas pernas. Enrubesco ao constatar a direção de meus pensamentos. Ele me olha e levanta a mão para puxar meu queixo.

— Não morda o lábio — murmura num tom rouco. — Eu quero fazer isso.

Grace e Mia retiram as taças de sobremesa e se dirigem para a cozinha, enquanto o Sr. Grey, Kate e Elliot discutem os méritos dos painéis solares no estado de Washington. Fingindo interesse na conversa, Christian põe de novo a mão no meu joelho, e seus dedos começam a subir pela minha coxa. Perco o ar e fecho as pernas, tentando impedir seu avanço. Vejo-o dar uma risadinha.

— Quer que eu a leve para conhecer a casa? — pergunta ele francamente.

Sei que devo dizer sim, mas não confio nele. Antes que eu consiga responder, porém, ele está de pé, estendendo a mão para mim. Seguro a mão dele, e sinto todos os músculos se contraírem no fundo do meu ventre, em resposta àquele seu olhar sinistro e faminto.

— Com licença — digo ao Sr. Grey, e saio da sala com Christian.

Ele me conduz pelo corredor até a cozinha, onde Mia e Grace estão empilhando a louça. A Maria-Chiquinha Europeia sumiu.

— Vou mostrar o jardim à Anastasia — diz Christian inocentemente à mãe. Ela nos dá um adeusinho e sorri enquanto Mia volta para a sala de jantar.

Saímos num pátio de lajes cinzentas iluminado por luzes embutidas na pedra. Há arbustos em tinhas de pedra cinzenta e, a um canto, uma mesa com cadeiras de aço chiques. Christian passa por elas, sobe alguns degraus e chega num vasto gramado que vai até a baía... uau — é lindo. Seattle pisca no horizonte, e o luar do fresco e claro mês de maio cria uma trilha efervescente e prateada na água em direção a um quebra-mar onde há dois barcos ancorados. Ao lado do quebra-mar, ergue-se um ancoradouro. É muito pitoresco, muito sossegado. Fico parada um instante, olhando boquiaberta.

Christian vai à frente, me puxando, mas meu salto afunda na grama macia.

— Pare, por favor. — Estou tropeçando atrás dele.

Ele para e olha para mim, a expressão insondável.

— Meu salto. Preciso tirar os sapatos.

— Não se incomode — diz ele, e se abaixa, me pega e me joga sobre o ombro.

Espantada, dou um grito bem alto, e ele dá uma palmada na minha bunda.

— Não levante a voz — resmunga.

Ah, não... isso não está bom. Meu inconsciente está de perna bamba. Ele está zangado por algum motivo — poderia ser o José, a viagem à Geórgia, o fato de eu morder o lábio, de estar sem calcinha. Que droga, ele se irrita à toa.

— Aonde vamos? — sussurro.

— Ao ancoradouro — diz ele secamente.

Seguro-me nos quadris dele, pois estou pendurada de cabeça para baixo, e ele vai andando com determinação no gramado ao luar.

— Por quê?

Quicando no ombro dele, minha voz sai ofegante.

— Preciso ficar sozinho com você.

— Para quê?

— Porque vou te dar uma surra e depois te foder.

— Por quê? — digo choramingando baixinho.

— Você sabe por quê — sibila ele.

— Pensei que você fosse o tipo que reage na hora — suplico esbaforida.

— Anastasia, a hora é agora, confie em mim.

Putá merda.

CAPÍTULO VINTE

Christian atravessa a porta de madeira do ancoradouro como um foguete e se detém para ligar alguns interruptores. Ouço as lâmpadas fluorescentes estalando e zumbindo em sequência enquanto uma claridade dura inunda a ampla construção de madeira. De cabeça para baixo, noto um iate impressionante flutuando docemente na água escura da doca, mas só o vejo de relance, pois ele logo sobe uma escada de madeira me carregando para o andar de cima.

Ele para no portal e liga outro interruptor — acendendo agora lâmpadas halógenas, que são mais suaves, com regulador de intensidade — e estamos em um sótão de teto inclinado. A decoração é em estilo náutico da Nova Inglaterra: combinação de azul-marinho e creme com traços de vermelho. Há poucos móveis, dois sofás e é tudo o que consigo ver.

Christian me coloca de pé no chão de madeira. Não tenho tempo de examinar o ambiente — meus olhos não conseguem desgrudar dele. Estou fascinada... observando-o como alguém faria com um predador raro e perigoso, esperando o bote. Ele está ofegante, acabou de atravessar o gramado e subir um lance de escada me carregando nas costas. Os olhos cinzentos estão inflamados de raiva, desejo e pura e legítima volúpia.

Putá merda. Eu poderia entrar em combustão espontânea só com o olhar dele.

— Por favor, não me bata — sussurro, implorando.

Ele fecha a cara, arregalando os olhos. Pisca duas vezes.

— Não quero apanhar de você, aqui, agora. Por favor, não me bata.

Ele fica boquiaberto, surpreso. Num rasgo de coragem, estico o braço hesitantemente e toco seu rosto, correndo os dedos pela borda da sua costeleta até a barba crescida em seu queixo. É uma

mistura curiosa de maciez com aspereza. Ele fecha os olhos lentamente, encosta o rosto na minha mão e fica com a respiração presa na garganta. Levanto a outra mão e corro os dedos pelo seu cabelo. Ele solta um gemido quase inaudível e, quando abre os olhos, está com o olhar desconfiado, como se não entendesse o que estou fazendo.

Adianto-me, ficando mais perto dele, puxo-o delicadamente pelo cabelo, trazendo sua boca até a minha, e beijo-o, enfiando a língua em sua boca por entre seus lábios. Ele geme e me abraça, puxando-me para junto de seu corpo. Suas mãos encontram meu cabelo, e, forte e possessivo, ele retribui meu beijo. Nossas línguas se enroscam, consumindo-se mutuamente. O gosto dele é divino.

De repente, ele recua, nossas respirações ofegantes se misturando. Deixo cair as mãos em seus braços, e ele me olha furioso.

— O que está fazendo comigo? — sussurra, confuso.

— Beijando você.

— Você disse não.

— O quê?

Não para quê?

— Na mesa de jantar, com suas pernas.

Ah... então é tudo por causa disso.

— Mas estávamos na mesa de jantar dos seus pais. — Olho para ele completamente perplexa.

— Ninguém jamais me disse não antes. E isso é muito... excitante.

Seus olhos se arregalam, cheios de espanto e desejo. É uma mistura embriagadora. Engulo em seco instintivamente. Suas mãos descem para minha bunda. Ele me puxa com força contra seu corpo, contra sua ereção.

Minha nossa...

— Você ficou zangado e excitado porque eu disse não? — suspiro espantada.

— Estou zangado porque você nunca me falou da Geórgia. Estou zangado porque você foi beber com aquele cara que tentou seduzi-la quando estava bêbada e a largou com uma pessoa praticamente desconhecida quando você estava passando mal. Que

tipo de amigo faz isso? E estou zangado e excitado porque você fechou as pernas para mim.

Seus olhos têm um brilho perigoso, e ele está levantando minha saia devagarinho.

— Eu quero você, e quero agora. E se não vai me deixar bater em você, que é o que merece, vou trepar com você nesse sofá agora mesmo, para o meu prazer, não o seu.

Meu vestido mal cobre meu traseiro nu. De repente ele faz um movimento, envolve meu sexo com a mão e enfia o dedo devagarinho dentro de mim. Com o outro braço em volta da minha cintura, ele me imobiliza. Sufoco o gemido.

— Isso é meu — sussurra ele, agressivo. — Todo meu. Entendeu?

Ele fica tirando e enfiando o dedo enquanto me olha, avaliando minha reação, o olhar pegando fogo.

— Sim, seu — sussurro, sentindo aquele tsunami de desejo se propagando pela minha corrente sanguínea, afetando tudo. Minhas terminações nervosas, minha respiração. Meu coração dispara, tentando sair do peito, e o sangue lateja em meus ouvidos.

Com um movimento brusco, ele faz várias coisas ao mesmo tempo: retira os dedos de dentro de mim, fazendo com que eu fique querendo mais, abre a braguilha, me empurra para o sofá e se deita por cima de mim.

— Mãos na cabeça — ordena, dentes cerrados ao se ajoelhar para afastar mais minhas pernas.

Olhando para mim com uma cara sinistra, põe a mão no bolso do paletó e saca um envelopinho de papel laminado antes de se desvencilhar do blazer que cai no chão. Ele coloca a camisinha naquela extensão impressionante.

Ponho as mãos na cabeça, e sei que isso é para eu não tocar nele. Estou muito excitada. Sinto meus quadris já se mexendo ao encontro dele — querendo-o dentro de mim — bruto e duro. Ah... a expectativa.

— Não temos muito tempo. Isso vai ser rápido, e é para mim, não para você. Entendeu? Não goze, ou vai apanhar — diz entre dentes.

Put a que pariu... como eu paro?

Com uma estocada rápida, ele está dentro de mim. Dou um gemido gutural, e exulto ao ser possuída dessa forma tão plena. Ele põe as mãos sobre as minhas no alto da minha cabeça, força meus braços com os cotovelos, abaixando-os e abrindo-os, e me imprensa com as pernas. Estou presa. Ele me preenche por inteiro, esmagando-me, quase me sufocando. Mas isso também é divino. É a minha força, é o que eu quero que ele faça, é uma sensação hedonística. Ele se mexe com rapidez e fúria dentro de mim, a respiração áspera em meu ouvido, e meu corpo responde, derretendo em volta dele. *Não posso gozar.* Não. Mas estou indo e vindo ao encontro de cada investida dele, um contraponto perfeito. Bruscamente, e muito depressa, ele arremete com força e para ao chegar ao orgasmo, sibilando entre dentes. Relaxa por um instante, e sinto todo o seu peso gostoso em cima de mim. Não estou pronta para deixá-lo se retirar, meu corpo deseja muito um orgasmo, mas ele é muito pesado, e, naquele momento, não consigo me mexer. Aí, ele sai, me deixando com sede de mais. Ele me olha com raiva.

— Não se masturbe. Quero você frustrada. É isso que você me provoca ao não falar comigo, ao me negar o que é meu.

Seus olhos estão de novo pegando fogo, zangados.

Balanço a cabeça, arfando. Ele se levanta, tira a camisinha, amarra-a na ponta e a põe no bolso da calça. Olho para ele, a respiração ainda irregular, e, sem querer, aperto as coxas, tentando me aliviar um pouco. Christian fecha a braguilha e passa a mão no cabelo ao pegar o blazer. Volta os olhos para mim, a expressão mais suave.

— É melhor a gente voltar para lá.

Sento-me, sem muita firmeza, aturdida.

— Tome. Pode vestir isso.

Do bolso interno, ele saca minha calcinha. Não sorrio ao pegá-la da mão dele, mas, no fundo, eu sei — fui punida com essa trepada, mas tive uma pequena vitória com a calcinha. Minha deusa interior balança a cabeça concordando, um sorriso de satisfação no rosto.

Você não precisou pedi-la.

— *Christian!* — grita Mia do térreo.

Ele se vira e levanta as sobrancelhas para mim.

— Bem na hora. Nossa, às vezes ela é muito irritante.

Olho para ele do mesmo jeito, visto a calcinha às pressas, devolvendo-a a seu devido lugar, e me levanto com toda a dignidade que consigo reunir no estado de pós-foda. Rapidamente, tento ajeitar meu cabelo de quem acabou de trepar.

— Aqui em cima, Mia — grita ele. — Bem, Srta. Steele, sinto-me melhor por isso, mas ainda quero espancar você — diz ele baixinho.

— Acho que não mereço isso, Sr. Grey, especialmente depois de tolerar seu ataque a troco de nada.

— A troco de nada? Você me beijou.

Ele faz de tudo para parecer magoado.

Contraio os lábios.

— Foi um ataque como a melhor forma de defesa.

— Defesa contra o quê?

— Você e sua mão descontrolada.

Ele inclina a cabeça e sorri para mim enquanto Mia está subindo a escada.

— Mas foi tolerável? — pergunta ele baixinho.

Enrubesco.

— Muito pouco — sussurro, mas não consigo evitar o sorriso.

— Ah, vocês estão aí.

Ela sorri para nós.

— Eu estava mostrando a propriedade a Anastasia.

Christian me estende a mão, os olhos intensos.

— Kate e Elliot já vão embora. Aqueles dois não são incríveis? Não conseguem ficar sem se tocar. — Mia finge estar aborrecida com isso e olha de Christian para mim. — O que andaram fazendo aqui?

Nossa, ela é direta. Fico vermelha.

— Estava mostrando a Anastasia meus troféus de remo — diz Christian sem titubear, com cara de paisagem. — Vamos nos despedir de Kate e Elliot.

Troféus de remo? Ele me puxa delicadamente para sua frente e, quando Mia se vira para sair, dá uma palmada na minha bunda. Arquejo com a surpresa.

— Vou fazer isso de novo, Anastasia, e logo — ameaça ele serenamente no meu ouvido, depois me abraça por trás e beija meu cabelo.

* * *

NA CASA, KATE e Elliot estão se despedindo de Grace e do Sr. Grey. Kate me dá um abraço apertado.

— Preciso falar com você sobre sua hostilidade em relação ao Christian — sibilo baixinho no ouvido dela.

— Ele precisa ser hostilizado, só assim você pode ver como ele realmente é. Cuidado, Ana. Ele é muito controlador — murmura ela. — Até logo.

EU SEI COMO ELE É, VOCÊ NÃO!, grito mentalmente para ela. Sei muito bem que ela quer meu bem, mas, às vezes, ela simplesmente passa dos limites, e neste momento já ultrapassou tanto que chegou ao Estado vizinho. Olho de cara feia para ela, e ela me mostra a língua, fazendo-me rir a contragosto. A Kate brincalhona é novidade, deve ser influência de Elliot. Despedimo-nos deles à porta, e Christian se vira para mim.

— A gente devia ir embora também. Você tem entrevistas amanhã.

Mia me dá um abraço carinhoso e nos despedimos.

— Nunca pensamos que ele encontraria alguém! — diz com um entusiasmo exagerado.

Enrubesco e Christian revira os olhos de novo. Contraio os lábios. Por que ele pode fazer isso e eu não? Quero revirar os olhos para ele também, mas não me atrevo, não depois da ameaça no ancoradouro.

— Cuide-se, Ana, querida — diz Grace com simpatia.

Christian, constrangido ou frustrado pela atenção generosa que estou recebendo dos Grey remanescentes, pega minha mão e me puxa para seu lado.

— Não vamos assustá-la nem estragá-la com excesso de carinho — resmunga.

— Christian, pare de provocar — Grace o censura com indulgência, os olhos brilhando de amor e carinho por ele.

De alguma maneira, não acho que ele esteja provocando. Observo disfarçadamente a interação deles. É evidente que Grace o adora com um amor incondicional de mãe. Ele se abaixa e a beija sem naturalidade.

— Mãe — diz, e há um tom subjacente em sua voz, talvez de reverência.

— Sr. Grey, até logo e obrigada. — Estendo a mão para ele e ele me abraça, também!

— Por favor, me chame de Carrick. Espero que a gente se veja de novo muito em breve, Ana.

Feitas as despedidas, Christian me conduz para o carro, onde Taylor está esperando. *Será que ele ficou o tempo todo ali?* Taylor abre a porta para mim, e me instalo no banco traseiro do Audi.

Sinto um peso saindo de meus ombros. Nossa, que dia. Estou exausta, física e emocionalmente. Depois de falar rapidamente com Taylor, Christian se instala no carro a meu lado e se vira para mim.

— Bem, parece que minha família também gosta de você — murmura.

Também? O deplorável pensamento sobre o motivo de eu ter sido convidada salta na minha cabeça, espontânea e inoportunamente. Taylor dá a partida no carro e sai da área iluminada do acesso à casa para a escuridão da rua. Olho para Christian e ele está me olhando.

— O que foi? — pergunta num tom calmo.

Por um instante, fico me questionando. Não. Vou contar. Ele vive reclamando de que não falo com ele.

— Acho que você acabou se sentindo obrigado a me trazer para conhecer seus pais. — Minha voz é doce e hesitante. — Se o Elliot não tivesse convidado a Kate, você nunca teria me convidado.

Não enxergo seu rosto no escuro, mas ele inclina a cabeça para mim, boquiaberto.

— Anastasia, estou satisfeito que você tenha conhecido meus pais. Por que é tão insegura? Isso sempre me espanta. Você é uma mulher muito forte e independente, mas tem ideias muito negativas sobre si mesma. Se eu não quisesse apresentá-la a eles, você não estaria aqui. Foi assim que se sentiu o tempo todo enquanto esteve lá?

Ah! Ele me queria lá — e isso é uma revelação. Ele não parece constrangido como estaria se estivesse me escondendo a verdade. Parece verdadeiramente satisfeito com minha presença... Sinto uma sensação quente se espalhar devagar pelas minhas veias. Ele

balança a cabeça e pega minha mão. Olho nervosamente para Taylor.

— Não se preocupe com o Taylor. Fale comigo.

Encolho os ombros.

— Sim. Pensei isso. E outra coisa, eu só mencionei a Geórgia porque Kate estava falando em Barbados. Ainda não me decidi.

— Você quer ir ver sua mãe?

— Quero.

Ele me olha de um jeito estranho, como se estivesse travando uma luta interna.

— Posso ir com você? — acaba perguntando.

O quê?

— Hã... Acho que não é uma boa ideia.

— Por quê?

— Eu estava esperando uma trégua dessa... intensidade toda, para colocar meus pensamentos em ordem.

Ele me olha.

— Eu sou muito intenso?

Caio na gargalhada.

— Bota intenso nisso!

No clarão dos postes de luz que passam, vejo-o esboçar um sorriso.

— Está rindo de mim, Srta. Steele?

— Eu não me atreveria, Sr. Grey — respondo me fazendo de séria.

— Acho que se atreveria, e acho que ri de mim com frequência.

— Você é bem engraçado.

— Engraçado?

— Ah, é.

— Engraçado estranho ou engraçado rá-rá-rá?

— Ah... muito de um e um pouco do outro.

— O que predomina?

— Deixo para você decidir isso.

— Não sei se consigo decidir alguma coisa perto de você, Anastasia — diz ele com sarcasmo, depois continua baixinho: — Sobre o que você precisa pensar na Geórgia?

— Sobre nós — murmuro.

Ele me olha, impassível.

— Você disse que tentaria — retruca.

— Eu sei.

— Está reconsiderando?

— Talvez.

Ele se mexe, como se estivesse desconfortável.

— Por quê?

Putá merda. Como isso de repente virou uma conversa tão séria e importante? Fui pega de surpresa, como uma prova para a qual não estou preparada. O que digo? Porque acho que estou apaixonada, e você só me vê como um brinquedo? Porque eu não posso tocar em você, porque estou muito assustada para fazer qualquer demonstração de afeto caso você vacile ou me dê uma bronca ou pior — me bata? O que posso dizer?

Olho por um instante pela janela. O carro está passando pela ponte. Ambos estamos mergulhados na escuridão, disfarçando nossos pensamentos e sentimentos, mas não precisamos da noite para isso.

— Por quê, Anastasia? — Christian me pressiona para responder.

Encolho os ombros, encurralada. Não quero perdê-lo. Apesar de todas as suas exigências, de sua necessidade de controle, de seus vícios assustadores, nunca me senti tão viva quanto agora. É emocionante estar sentada aqui ao lado dele. Ele é muito imprevisível, sensual, inteligente e engraçado. Mas seu humor... ah — e ele quer me machucar. Diz que vai pensar a respeito das minhas reservas, mas isso ainda me assusta. Fecho os olhos. O que posso dizer? No fundo, eu só queria mais, mais afeto, mais o Christian brincalhão, mais... amor.

Ele aperta minha mão.

— Fale comigo, Anastasia. Não quero perder você. Essa última semana...

Estamos quase chegando ao fim da ponte, e a luz dos postes torna a iluminar a rua, de modo que seu rosto está ora iluminado, ora no escuro. E essa é uma metáfora muito adequada. Este homem, que já considereei um herói romântico, um corajoso cavaleiro valente — ou o cavaleiro das trevas, como ele disse. Ele

não é um herói. É um homem com sérios e profundos problemas emocionais, e está me arrastando para a escuridão. Será que não posso guiá-lo para a luz?

— Eu ainda quero mais — sussurro.

— Eu sei — diz ele. — Vou tentar.

Pisco para ele, e ele larga minha mão e puxa meu queixo, soltando meu lábio mordido.

— Por você, Anastasia, eu vou tentar.

Está irradiando sinceridade.

E essa é a minha deixa. Solto o cinto de segurança e vou para o colo dele, pegando-o completamente de surpresa. Envolver sua cabeça em meus braços e o beijo com vontade, e, em uma fração de segundo, ele está correspondendo.

— Fique comigo esta noite — sussurra. — Se for embora, vou passar a semana toda sem ver você. Por favor.

— Sim — acquiesço. — Eu também vou tentar. Vou assinar seu contrato.

E essa é uma decisão repentina.

Ele olha para mim.

— Assine depois da Geórgia. Pense sobre isso. Pense bem, baby.

— Vou pensar.

E seguimos calados por uns dois ou três quilômetros.

— Você realmente devia colocar o cinto de segurança — sussurra Christian colado em meu cabelo, em tom de censura, mas não se mexe para me tirar de seu colo.

De olhos fechados, esfrego o nariz no pescoço dele, absorvendo aquela sensual fragrância picante e almiscarada de Christian e sabonete líquido, com a cabeça em seu ombro. Deixo a mente divagar e me permito fantasiar que ele me ama. Ah, e isso é muito real, quase tangível, e uma pequena parte de meu desagradável inconsciente age de uma forma nada típica e *se atreve a ter esperança*. Tomo cuidado para não tocar em seu peito e só me aninho em seus braços com ele bem agarradinho a mim.

— Chegamos em casa — murmura Christian, e esta é uma frase muito tentadora, cheia de potencial.

Em casa, com Christian. Só que o apartamento dele é uma galeria de arte, não um lar.

Taylor abre a porta para nós e eu lhe agradeço timidamente, ciente de que dava para ele ouvir nossa conversa, mas seu sorriso simpático é tranquilizador e não demonstra nada. Depois que saímos do carro, Christian me avalia de maneira crítica. *Ah, não... o que eu fiz agora?*

— Por que você não trouxe um casaco? — pergunta espantado, tirando seu paletó e colocando-o em meus ombros.

Sinto uma onda de alívio.

— Deixei no carro novo — respondo sonolenta, bocejando.

Ele dá uma risadinha.

— Cansada, Srta. Steele?

— Sim, Sr. Grey. — Fico tímida sob seu exame minucioso e provocador. Mesmo assim, sinto que uma explicação se impõe. — Hoje fui solicitada de formas que eu nunca tinha considerado possíveis.

— Bem, se você realmente estiver sem sorte, posso solicitar um pouco mais — promete ao pegar minha mão e me conduzir para o prédio. *Putá merda... de novo!*

Olho para ele no elevador. Presumi que ele queria que eu dormisse com ele, depois me lembro que ele não dorme com ninguém, embora tenha dormido comigo algumas vezes. Franzo a testa, e, bruscamente, a expressão dele muda. Ele segura meu queixo, soltando o lábio que estou mordendo.

— Um dia, vou foder você neste elevador, Anastasia, mas agora você está cansada, então acho que devíamos nos ater a uma cama.

Ele segura meu lábio inferior com os dentes e puxa delicadamente. Derreto-me toda, e paro de respirar ao sentir aquele desejo despertando dentro de mim. Retribuo, mordendo seu lábio superior, provocando-o, e ele geme. Quando as portas do elevador se abrem, ele segura minha mão e me puxa para dentro do apartamento.

— Quer água ou alguma coisa?

— Não.

— Ótimo. Vamos para a cama.

Faço uma cara espantada.

— Vai se conformar com o simples e velho sexo baunilha?

Ele inclina a cabeça.

— Baunilha não tem nada de simples e velho. É um sabor muito intrigante — diz ele baixinho.

— Desde quando?

— Desde sábado passado. Por quê? Estava torcendo por algo mais exótico?

Minha deusa interior estica o pescoço.

— Ah, não. Para mim, já chega de exotismo por hoje.

Minha deusa interior faz bico, sem conseguir esconder o desapontamento.

— Tem certeza? Temos todos os sabores aqui, ou pelo menos trinta e um. — Ele sorri para mim sensualmente.

— Já reparei — respondo secamente.

Ele balança a cabeça.

— Vamos, Srta. Steele, você tem um grande dia amanhã. Quanto antes for para a cama, mais cedo vou te foder, e mais cedo poderá dormir.

— Sr. Grey, você é muito romântico.

— Srta. Steele, você é uma piadista. Talvez eu tenha que controlar esse seu lado de alguma forma. Venha.

Ele me conduz para o quarto e fecha a porta com o pé.

— Mãos para cima — ordena.

Obedeço, e, como num passe de mágica, ele tira meu vestido pela cabeça, pegando-o pela barra e puxando-o com um movimento rápido e preciso.

— Ta-rã! — diz, brincalhão.

Rio e aplaudo educadamente. Ele se inclina com elegância, sorrindo. *Como posso resistir a ele quando está assim?* Ele põe meu vestido na cadeira solitária ao lado da cômoda.

— Qual seu próximo truque? — provoco.

— Ah, minha cara Srta. Steele. Vá para minha cama — resmunga — e eu mostro.

— Acha que pela primeira vez eu devo bancar a difícil? — pergunto sedutora.

Ele arregala os olhos espantado, e vejo um brilho de entusiasmo.

— Bem... a porta está fechada. Não sei como você vai me evitar — diz ele com sarcasmo. — Acho que não tem saída.

— Mas sou boa negociadora.

— Eu também. — Ele me olha, mas aí sua expressão muda, ele fica confuso e o clima no quarto muda bruscamente, ficando tenso. — Não quer foder? — pergunta.

— Não — sussurro.

— Ah. — Ele franze a testa.

Tudo bem, lá vai... respiro fundo.

— Quero que você faça amor comigo.

Ele para e fica me olhando com o olhar perdido. Sua expressão sombria. Ah, merda, isso não está com a cara boa. *Dê um minuto a ele!*, diz meu inconsciente.

— Ana, eu... — Ele passa as mãos no cabelo. As duas. Nossa, ele está realmente espantado. — Pensei que a gente tivesse feito — diz afinal.

— Quero tocar em você.

Instintivamente, ele dá um passo para trás, primeiro com uma expressão assustada, mas depois se controla.

— Por favor — sussurro.

Ele se recupera.

— Ah, não, Srta. Steele, você já teve muitas concessões da minha parte por hoje. Então não.

— Não?

— Não.

Ah... não posso discutir isso... posso?

— Olha, você está cansada. Vamos só nos deitar — diz ele, observando-me com cuidado.

— Então o toque é um limite rígido para você?

— É. Isso não é novidade.

— Por favor, então me diga por quê.

— Ah, Anastasia, por favor. Deixe isso para lá por enquanto — resmunga ele, exasperado.

— É importante para mim.

Ele passa as mãos no cabelo novamente e diz um palavrão baixinho. Vira-se, vai até a cômoda, pega uma camiseta e a atira em mim. Pego-a, perplexa.

— Vista isso e vá para a cama — diz irritado.

Fecho a cara, mas decido agradá-lo. Viro de costas, tiro o sutiã e visto a camiseta o mais depressa que posso para cobrir minha nudez. Não tiro a calcinha. Passei a maior parte da noite sem ela.

— Preciso ir ao banheiro. — Minha voz é um sussurro.

Ele franze a testa, sem entender.

— Agora você está pedindo licença?

— Hã... não.

— Anastasia, você sabe onde é o banheiro. Hoje, a essa altura desse nosso acordo estranho, você não precisa da minha permissão para usá-lo.

Ele não consegue esconder a irritação. Tira a camisa, e corro para o banheiro.

Fico me olhando no imenso espelho, chocada ao ver que continuo com a mesma cara. Depois de tudo que fiz hoje, ainda é a mesma garota normal que me olha dali. *O que esperava — ter criado chifres e um rabo pontudo?*, diz meu inconsciente. *E que diabo está fazendo? O toque é o limite rígido dele. Você está se precipitando. Ele tem que se preparar para isso.* Meu inconsciente está furioso, parece a Medusa, o cabelo desgrenhado, com as mãos na cabeça igual à figura de *O Grito*, de Edvard Munch. Não dou atenção, mas ele não volta para o lugar. *Você está deixando o homem louco — pense em tudo que ele disse, em todas as concessões que fez.* Faço cara feia para minha imagem. Preciso ser capaz de demonstrar carinho — aí, talvez, ele possa retribuir.

Balanço a cabeça, resignada, e pego a escova de dentes de Christian. Meu inconsciente tem razão, claro. Estou querendo apressá-lo. Ele ainda não está pronto, nem eu. Estamos tentando equilibrar a delicada gangorra que é nosso acordo — em lados diferentes, oscilando, e a gangorra balança entre nós. Precisamos os dois chegar mais para o meio. Só espero que nenhum de nós caia ao tentar fazer isso. É tudo muito rápido. Quem sabe eu precise de um distanciamento. A Geórgia parece mais atraente que nunca. Quando começo a escovar os dentes, ele bate à porta.

— Pode entrar — digo com a boca cheia de pasta de dente.

Christian está parado à porta, o pijama caído nos quadris daquele jeito que deixa cada célula do meu corpo em posição de

sentido. Tem o peito nu, e eu o bebo como se estivesse louca de sede e ele fosse uma água fresca de nascente. Ele me olha impassível, depois dá um sorrisinho e vem para o meu lado. Nossos olhos se encontram no espelho, os cinzentos com os azuis. Termino de usar a escova de dentes dele, enxáguo-a e a entrego a ele, sempre olhando em seus olhos. Sem dizer nada, ele pega a escova e a põe na boca. Dou um sorrisinho de volta para ele, e vejo seu olhar dançar, bem-humorado.

— Fique à vontade para usar minha escova de dente — diz ele em tom de gozação.

— Obrigada, senhor.

Dou um sorriso doce e saio, indo para a cama.

Minutos depois, ele se junta a mim.

— Você sabe que não foi assim que imaginei que essa noite acabaria — resmunga petulante.

— Imagine se eu dissesse que você não podia tocar em mim.

Ele se senta de pernas cruzadas na cama.

— Anastasia, eu já disse. Cinquenta vezes. Tive um começo de vida difícil... e você não vai querer saber dessa merda. Por que iria?

— Porque quero conhecer você melhor.

— Você já me conhece o suficiente.

— Como pode dizer isso?

Fico de joelhos, de frente para ele. Ele revira os olhos para mim, frustrado.

— Você está revirando os olhos. Da última vez que fiz isso, acabei no seu colo levando umas palmadas.

— Ah, eu gostaria de botar você de novo nessa posição.

Inspiro subitamente.

— Conte, e pode botar.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Está barganhando comigo?

Seu tom é de espanto e incredulidade.

Balanço a cabeça. *Sim... este é o caminho.*

— Negociando.

— Isso não funciona assim, Anastasia.

— Tudo bem. Conte, e eu reviro os olhos para você.

Ele ri, e tenho um raro vislumbre do Christian descontraído. Já não o vejo assim faz tempo. Ele fica sério.

— Sempre tão ávida por informações. — Ele me olha com curiosidade. Logo depois, desce da cama com elegância. — Não vá embora — diz, e sai do quarto.

Fico na maior aflição, e me abraço. O que ele está fazendo? Será que tem um plano cruel? *Merda*. Suponhamos que ele volte com uma vara, ou algum implemento esquisito de sacanagem. *Putá merda, o que vou fazer?* Quando ele volta, traz uma coisa pequena na mão. Não consigo ver o que é, mas estou morta de curiosidade.

— A que horas é sua primeira entrevista amanhã? — pergunta ele com doçura.

— Às duas.

Um sorriso malicioso se estampa lentamente em seu rosto.

— Ótimo.

E, diante dos meus olhos, ele muda sutilmente. Está mais duro, intratável... excitado. Este é o Christian Dominador.

— Saia da cama. Venha até aqui. — Ele aponta para o lado da cama, e eu me levanto e obedeco rapidamente. Vejo promessa em seu olhar intenso para mim. — Confia em mim? — pergunta.

Balanço a cabeça. Ele estende a mão, e, ali, há duas bolas de prata ligadas por um grosso fio preto.

— São novas — diz enfaticamente.

Olho intrigada para ele.

— Vou botar isso dentro de você, e depois vou bater em você, não para castigá-la, mas para o seu prazer e o meu.

Ele faz uma pausa, avaliando minha reação de espanto.

Dentro de mim! Arquejo, e todos os músculos se comprimem em minhas entranhas. Minha deusa interior está fazendo a dança dos sete véus.

— Depois, a gente fode, e, se você ainda estiver acordada, darei algumas informações sobre meus anos pregressos. De acordo?

Ele está me pedindo permissão! Esbaforida, balanço a cabeça. Não consigo falar.

— Boa garota. Abra a boca.

Boca?

— Abra mais.

Com muita delicadeza, ele põe as bolas na minha boca.

— Elas precisam de lubrificação. Chupe — ordena, com a voz macia.

As bolas são frias, lisas, surpreendentemente pesadas, e de sabor metálico. Minha boca seca se enche de saliva enquanto minha língua explora os objetos estranhos. O olhar de Christian não deixa o meu. Que diabo, isso está me excitando. Estremeço.

— Não se mexa, Anastasia — adverte ele. — Pare.

Ele tira as bolas da minha boca e se senta na beirada da cama depois de jogar o edredom para o lado.

— Venha até aqui.

Fico parada na frente dele.

— Agora vire-se, abaixe-se e segure os tornozelos.

Pisco para ele, e sua expressão fica sinistra.

— Não hesite — adverte-me num tom doce encobrindo não sei o quê, e joga as bolas na boca.

Porra, isso é mais sensual que a escova de dentes. Sigo suas ordens imediatamente. Putz, será que consigo tocar os tornozelos? Vejo que consigo, com facilidade. A camiseta sobe, expondo minha bunda. Ainda bem que fiquei de calcinha, mas desconfio que não vou ficar por muito tempo.

Ele coloca a mão com reverência no meu traseiro e o acaricia muito delicadamente com a mão toda. De olhos abertos, dá para eu ver suas pernas atrás das minhas, mais nada. Fecho bem os olhos quando ele puxa minha calcinha para o lado, enfia o dedo na minha vagina e puxa devagar. Meu corpo se prepara com um misto embriagador de expectativa e excitação. Ele enfia o dedo dentro de mim e o gira vagarosamente de um jeito delicioso. Ah, é gostoso. Gemo.

Sua respiração se interrompe e ele arqueja ao repetir o movimento. Retira o dedo e, muito lentamente, enfia os objetos, uma bola deliciosa de cada vez. *Minha nossa.* Elas estão da temperatura do corpo, aquecidas por nossas bocas. É uma sensação curiosa. Uma vez dentro de mim, eu não sinto as bolas realmente, mas sei que estão *lá*.

Ele endireita minha calcinha, inclina-se à frente, e seus lábios macios beijam minha bunda.

— Levante-se — ordena, e fico em pé, bamba.

Ah! Agora dá para sentir... mais ou menos. Ele segura meus quadris para me firmar enquanto recupero o equilíbrio.

— Você está bem? — pergunta, severo.

— Estou.

— Vire-se.

Fico de frente para ele.

As bolas descem com o peso e, instintivamente, contraio os músculos em volta delas. A sensação me sobressalta, mas não de uma maneira ruim.

— Como se sente? — pergunta ele.

— Estranha.

— No bom ou no mau sentido?

— No bom — confesso, corando.

— Ótimo.

Há um vestígio de humor à espreita em seus olhos.

— Quero um copo d'água. Vá pegar para mim, por favor.

Ah.

— E, quando você voltar, vou te dar umas palmadas. Pense nisso, Anastasia.

Água? Ele quer água... agora... por quê?

Saio do quarto, e fica mais que evidente por que ele quer que eu ande pela casa — quando faço isso, as bolas descem com o peso lá dentro, me massageando. É uma sensação muito estranha e não de todo desagradável. Na verdade, o ritmo da minha respiração se acelera quando me estico para pegar um copo no armário da cozinha, e arquejo. *Minha nossa...* Talvez eu queira ficar com essas bolas. Elas me deixam com vontade de sexo.

Ele está me observando atentamente quando volto.

— Obrigado — diz ao pegar o copo.

Lentamente, dá um gole, depois coloca o copo na mesa de cabeceira. Há um envelope de papel laminado ali, à espera. Como eu. E sei que ele está fazendo isso para aumentar a expectativa. Meu coração começa a bater mais rápido. Ele direciona aqueles seus brilhantes olhos cinzentos para mim.

— Venha. Fique em pé a meu lado. Como da última vez.

Coloco-me do lado dele, o sangue latejando nas veias, e dessa vez... estou excitada. Com tesão.

— Peça — diz ele baixinho.

Pedir o quê?

— Peça — fala num tom um pouco mais duro.

O quê? Licença para saber como estava a água dele? O que ele quer?

— Peça, Anastasia. Não vou repetir.

E há uma ameaça tão grande em suas palavras que a ficha cai. Ele quer que eu lhe peça para me bater.

Putá merda. Ele está me olhando na expectativa, a expressão esfriando. *Merda.*

— Me bata, por favor... senhor — murmuro.

Ele fecha os olhos por um instante, e, saboreando minhas palavras, me puxa pela mão esquerda para cima dos seus joelhos. Caio na mesma hora, e ele me firma quando aterrisso em seu colo. Fico apavorada quando sua mão encosta delicadamente na minha bunda. Estou novamente atravessada em seu colo, o torso deitado na cama. Dessa vez, ele não joga as pernas por cima das minhas, mas afasta o cabelo do meu rosto e o prende atrás da minha orelha. Feito isso, agarra meu cabelo na nuca para me prender. Dá um pequeno puxão, e minha cabeça vai para trás.

— Quero ver seu rosto enquanto bato em você, Anastasia — murmura ele, o tempo todo esfregando delicadamente minha bunda.

Sua mão desce por entre minhas nádegas, e ele faz pressão no meu sexo, e a sensação toda é... gemo. Ah, a sensação é intensa.

— Isso é para nosso prazer, Anastasia — sussurra ele.

Levanta a mão e dá uma palmada sonora na junção entre as coxas, a bunda e a vagina. As bolas são impelidas para a frente dentro de mim, e fico perdida num atoleiro de sensações. A ardência em meu traseiro, o volume das bolas dentro de mim e o fato de ele estar me segurando ali deitada. Levanto o rosto enquanto tento absorver todas essas sensações estranhas. Registro em algum lugar do cérebro que ele não me bateu com tanta força quanto da última vez. Ele acaricia de novo minha bunda, correndo a mão pela minha pele e por cima da calcinha.

Por que ele não tirou minha calcinha? Então, sua mão some, e ele torna a descê-la, eu gemo quando a sensação se espalha. Ele inicia um padrão: da esquerda para a direita e desce. O melhor é quando desce. Tudo vindo para a frente, lá dentro de mim... e, entre uma palmada e outra, ele me acaricia, me apalpa — e sou massageada de dentro para fora. Trata-se de uma sensação muito erótica e estimulante, e, por alguma razão, porque isso está nos meus termos, não me importo com a dor. Assim não dói — bem, dói, mas não é insuportável. É de alguma forma administrável e, sim, prazeroso... até. *Sim, posso fazer isso.*

Ele faz uma pausa ao tirar lentamente minha calcinha. Contorço-me em suas pernas, não por querer escapar das palmadas, mas eu quero mais... alívio, alguma coisa. O toque dele na minha pele sensibilizada deixa um formigamento sensual. É esmagador, e ele recomeça. Umas palmadas leves, depois mais fortes, da esquerda para a direita e desce. Ah, quando desce. Gemo.

— Boa garota, Anastasia — grunhe ele, ofegante.

Ele me bate mais duas vezes, e aí pega o pequeno fio preso às bolas e dá um puxão repentino, tirando-as de dentro de mim. Quase chego ao orgasmo — a sensação é do outro mundo. Com agilidade, ele delicadamente me vira. Escuto mais do que enxergo o invólucro de papel sendo rasgado, e então ele se deita por cima de mim. Segura minhas mãos, levanta-as acima da minha cabeça e me penetra devagarinho, ocupando o lugar onde estiveram as bolas de prata. Dou um gemido alto.

— Ah, baby — murmura ele num vaivém com aquele ritmo sensual, me saboreando, me sentindo.

Ele nunca foi tão delicado, e não demoro nada a chegar ao limite e cair vertiginosamente num orgasmo delicioso e violento. Quando me contraio em volta dele, provooco seu gozo, e ele entra deslizando em mim, depois para, chamando meu nome com desespero e espanto.

— *Ana!*

Ele está calado, arquejando em cima de mim, as mãos ainda entrelaçadas com as minhas acima da minha cabeça. Finalmente, se inclina para trás e me olha.

— Gostei disso — murmura, e depois me beija com doçura.

Não se demora para mais beijos doces. Levanta-se, me cobre com o edredom e vai para o banheiro. Quando volta, vem com o vidro de uma loção branca. Senta ao meu lado na cama.

— Vire de bruços — ordena, e, a contragosto, faço isso.

Honestamente, esse alvoroço todo. Estou muito sonolenta.

— A cor da sua bunda está maravilhosa — diz ele em tom de aprovação, e massageia ternamente a loção refrescante em meu traseiro cor-de-rosa.

— Desembucha, Grey.

Bocejo.

— Srta. Steele, você sabe como acabar com um clima.

— A gente fez um acordo.

— Como está se sentindo?

— Enganada.

Ele suspira, deita-se ao meu lado e me abraça. Com cuidado para não encostar no meu traseiro ardido, estamos de conchinha de novo. Ele me beija com muita delicadeza atrás da orelha.

— A mulher que me botou no mundo era uma prostituta viciada em crack, Anastasia. Agora durma.

Putá merda... o que significa isso?

— Era?

— Ela morreu.

— Há quanto tempo?

Ele suspira.

— Ela morreu quando eu tinha quatro anos. Não me lembro muito dela. Carrick me deu alguns detalhes. Só lembro de algumas coisas. Por favor, agora durma.

— Boa noite, Christian.

— Boa noite, Ana.

Caio num sono confuso e exausto, sonhando com um garotinho de quatro anos de olhos cinzentos num lugar assustador e miserável.

CAPÍTULO VINTE E UM

Há luz por todo lado. Uma luz clara, quente, penetrante, e me esforço para mantê-la a distância por mais uns preciosos minutos. Quero me esconder, só mais um pouco. Mas a claridade é muito forte e finalmente sucumbo ao estado de vigília. Uma manhã gloriosa de Seattle me recebe — o sol entra pelas janelas até o teto e inunda o quarto com uma claridade muito forte. Por que não fechei as cortinas ontem à noite? Estou na vasta cama de Christian Grey sem Christian Grey.

Fico deitada um instante olhando pelas janelas para a vista soberba da silhueta de Seattle. A vida nas nuvens com certeza parece irreal. Uma fantasia — um castelo no ar, desgarrado do chão, a salvo das realidades da vida. Longe do descaso, da fome e de mãos prostitutas viciadas em crack. Estremeço ao pensar no que ele passou quando criança, e entendo por que mora aqui, isolado, cercado de obras de arte belas e preciosas, tão distante do lugar de onde veio... Uma declaração de propósito, de fato. Estranho, porque isso ainda não explica por que não posso tocar nele.

Ironicamente, também sinto-me assim aqui nesta torre. Estou desgarrada da realidade. Estou neste apartamento de fantasia, tendo sexo de fantasia com meu namorado de fantasia, quando a triste realidade é que ele quer um acordo especial, embora tenha dito que vai tentar mais. O que isso realmente significa é o que preciso esclarecer entre nós para ver se ainda estamos em lados opostos da gangorra ou se aos poucos nos aproximamos.

Levanto da cama sentindo-me rígida e, na falta de uma expressão melhor, bem usada. *Sim, é assim que deveria se sentir, depois desse sexo todo.* Meu inconsciente contrai os lábios, desaprovando. Reviro os olhos para ele, agradecida pelo fato de não ter no quarto um maníaco por controle com a mão descontrolada, e decido lhe perguntar pelo personal trainer. Quer

dizer, se eu assinar. Minha deusa interior me olha desesperada. *Claro que você vai assinar.* Não faço caso nem de um nem de outro, e depois de uma ida rápida ao banheiro, saio à procura de Christian.

Ele não está na galeria de arte, mas há uma elegante mulher de meia-idade fazendo faxina na cozinha. A visão dela me paralisa. Ela é loura, tem o cabelo curto e olhos azuis. Está vestindo uma camisa branca e uma saia justa azul-marinho. Ao me ver, sorri.

— Bom dia, Srta. Steele. Gostaria de tomar café?

Seu tom é caloroso, mas profissional, e estou perplexa. Quem é essa loura atraente na cozinha de Christian? Só estou usando a camisa dele. A falta de roupa me deixa inibida e constrangida.

— Acho que estou em desvantagem em relação a você.

Falo baixo, sem conseguir esconder a ansiedade.

— Ah, desculpe-me, sou a Sra. Jones, a governanta do Sr. Grey.
Ah.

— Como vai? — consigo dizer.

— Gostaria de tomar o café da manhã, madame?

Madame!

— Só um chazinho seria ótimo, obrigada. Sabe onde está o Sr. Grey?

— No escritório.

— Obrigada.

Saio correndo para o escritório, mortificada. Por que Christian só tem louras atraentes trabalhando para ele? E uma ideia desagradável me ocorre instintivamente: *Será que são todas suas ex-submissas?* Recuso-me a alimentar essa ideia medonha. Meto a cabeça timidamente pela porta. Ele está ao telefone, virado para a janela, de calça preta e camisa branca. Tem o cabelo ainda molhado do banho, e isso me distrai completamente de meus pensamentos negativos.

— A menos que o P&L dessa companhia melhore, não me interessa, Ros. Não vamos carregar peso morto... não preciso de mais desculpas esfarrapadas. Mande o Marco me ligar, é dá ou desce... Sim, diga ao Barney que o protótipo está com uma cara boa, mas não tenho certeza quanto à interface... Não, simplesmente falta alguma coisa... Quero me reunir com ele hoje à tarde para discutir... Na verdade, com ele e a equipe dele, podemos fazer um

brainstorm... Tudo bem, transfira-me para a Andrea... — Ele aguarda, olhando pela janela, mestre do seu universo, olhando do alto desse castelo no céu para os desprivilegiados lá embaixo. — Andrea...

Erguendo os olhos, ele me vê à porta. Um sorriso lento e sensual se abre naquele rosto encantador, e fico sem palavras, derretendo-me toda por dentro. Ele é, sem dúvida, o homem mais lindo do planeta, lindo demais para os desprivilegiados lá de baixo, lindo demais para mim. *Ele é mais ou menos meu*, por enquanto. A ideia me faz estremecer e dissipa minha insegurança irracional.

Ele continua a conversa, sem tirar os olhos de mim.

— Cancele minha agenda de hoje de manhã, mas mande o Bill me ligar. Estarei no escritório às duas. Preciso falar com o Marco hoje à tarde, isso vai levar pelo menos meia hora... Marque o Barney e a equipe dele depois do Marco, ou talvez amanhã, e arranje tempo para eu estar com o Claude todos os dias dessa semana... Diga a ele para esperar... Ah... Não, não quero publicidade por Darfur. Diga ao Sam para tratar disso... Não... Que evento?... Isso é sábado que vem?... Um momento.

— Quando você volta da Geórgia? — pergunta.

— Sexta-feira.

Ele continua a conversa telefônica.

— Vou precisar de mais uma passagem porque tenho uma namorada... Sim, Andrea, foi o que eu disse, uma namorada, a Srta. Anastasia Steele vai me acompanhar... É só isso.

Ele desliga.

— Bom dia, Srta. Steele.

— Sr. Grey. — Sorrio timidamente.

Ele dá a volta na mesa com aquela graça habitual e para à minha frente. Afaga delicadamente meu rosto com as costas dos dedos.

— Eu não quis acordá-la, você estava com uma expressão muito tranquila. Dormiu bem?

— Estou bem descansada, obrigada. Só vim dar bom-dia antes de tomar um banho.

Olho para ele, absorvendo-o. Ele se inclina e me dá um beijo delicado, e eu não resisto. Jogo os braços em volta de seu pescoço,

e enrolo os dedos em seu cabelo ainda molhado. Encostando o corpo no dele, retribuo o beijo. Eu o quero. Meu ataque o pega de surpresa, mas logo depois ele responde, com um gemido gutural. Suas mãos deslizam pelo meu cabelo e pelas minhas costas abaixo para envolver minha bunda nua, e sua língua explora minha boca. Ele recua, os olhos velados.

— Parece que dormir lhe faz bem — murmura. — Sugiro que vá tomar seu banho, ou será que devo deitá-la na minha mesa agora?

— Escolho a mesa — digo temerária, sentindo uma onda de desejo como uma descarga de adrenalina, despertando tudo ao passar.

Ele me olha perplexo por uma fração de segundo.

— Você realmente está tomando gosto por isso, não é, Srta. Steele? Está ficando insaciável — murmura.

— Só estou tomando gosto por você — sussurro.

Os olhos dele se arregalam e ficam sombrios enquanto suas mãos apalpam minha bunda.

— É isso mesmo, só por mim — rosna e, de repente, com um único movimento fluido, limpa a mesa jogando tudo no chão, me pega nos braços e me deita na extremidade, de modo que minha cabeça quase ultrapassa a beirada.

— Se você quer, você vai ter — murmura, sacando um envelopinho de papel laminado do bolso e abrindo o zíper da calça. *Ah, Sr. Escoteiro.* Ele veste a camisinha no pênis ereto e olha para mim. — Espero que esteja pronta — sussurra, um sorriso lascivo no rosto. E, num instante, está me preenchendo, segurando meus pulsos com força de cada lado do meu corpo, e me penetrando fundo.

Gemo... *ah, sim.*

— Nossa, Ana. Você está prontíssima — elogia com veneração.

Enroscando as pernas na cintura dele, seguro-o do único jeito que posso já que ele está em pé, me olhando, os olhos cinzentos brilhando, apaixonado e possessivo. Ele começa a mexer, mexer para valer. Isso não é fazer amor, é foder — e estou adorando. Gemo. É muito primitivo, muito carnal, e me deixa excitadíssima. Sinto imenso prazer em ser possuída por ele, em ter meu desejo saciado pelo dele. Ele se move com desenvoltura, se deleitando

comigo, se deliciando, os lábios entreabertos enquanto sua respiração se acelera. Mexe os quadris de um lado para o outro, e a sensação é deliciosa.

Fecho os olhos, sentindo aquele delicioso arrebatamento crescer lentamente. Levando-me para as alturas, lá para o castelo no ar. Ah, sim... o ataque dele aumenta ligeiramente. Gemo alto. Sou toda sensação... toda dele, aproveitando cada golpe, cada estocada que me preenche. Ele pega o ritmo, investindo mais depressa, com mais força... e meu corpo inteiro se mexe no ritmo dele, e sinto minhas pernas se retesarem, os estremecimentos internos e as contrações.

— Goze, baby, goze para mim — diz ele entre dentes, e o desejo ardente em sua voz, a tensão, levam-me ao clímax.

Grito sem palavras uma súplica apaixonada ao encostar no Sol e me queimar, caindo sob ele, caindo, voltando a um ápice intenso e claro na Terra. Ele me penetra e para bruscamente ao chegar ao clímax, puxando meus pulsos e depois desabando com graça e sem dizer uma palavra em cima de mim.

Nossa... essa foi inesperada. Lentamente, torno a me materializar na Terra.

— Que diabo você está fazendo comigo? — diz ele baixinho, esfregando o nariz no meu pescoço. — Você me seduz completamente, Ana. Você faz uma mágica poderosa.

Ele solta meus pulsos, e eu passo os dedos em seu cabelo, saindo do êxtase. Aperto as pernas em volta dele.

— Eu é que estou sendo seduzida — murmuro.

Ele olha para mim. Tem uma expressão desconcertada, até alarmada. Colocando as mãos em cada lado do meu rosto, imobiliza minha cabeça.

— Você. É. Minha — diz, cada palavra um *staccato*. — Entendeu?

Ele está muito sério, muito apaixonado — um maníaco. A força do seu pedido é muito inesperada e irresistível. Pergunto-me por que ele está se sentindo assim.

— Sim, sua — murmuro, perturbada com seu ardor.

— Tem certeza que tem que ir à Geórgia?

Balanço a cabeça, lentamente assentindo. E, neste breve momento, vejo sua expressão mudar, e as venezianas descenderem.

Ele sai de mim bruscamente, fazendo-me contrair o rosto.

— Está dolorida? — pergunta, debruçando-se em cima de mim.

— Um pouco — confesso.

— Gosto de você dolorida. — Seus olhos ardem. — Me faz lembrar onde eu estive, e só eu.

Ele pega meu queixo e me beija com violência, depois se levanta e estende a mão para me ajudar a descer da mesa. Olho para a embalagem de papel laminado a meu lado.

— Sempre preparado — digo.

Ele me olha confuso ao fechar a braguilha. Seguro o invólucro vazio.

— Um homem pode ter esperança, Anastasia, até sonhar, e às vezes nossos sonhos se realizam.

Ele parece muito estranho, os olhos ardentes. Simplesmente não entendo. Meu arrebatamento pós-coito está esvaindo-se depressa. *Qual é o problema dele?*

— Então, na sua mesa, isso foi um sonho? — pergunto secamente, tentando usar o humor para tornar mais leve o clima entre nós.

Ele dá um sorriso enigmático que não chega a seus olhos, e sei imediatamente que não é a primeira vez que ele fez sexo na mesa de trabalho. É um pensamento inoportuno. Contorço-me desconfortável enquanto meu êxtase desaparece.

— Seria melhor eu ir tomar um banho. — Levanto-me e passo por ele.

Ele franze a testa e passa a mão no cabelo.

— Tenho que dar mais uns telefonemas. Vou tomar café com você quando sair do banho. Acho que a Sra. Jones lavou suas roupas de ontem. Elas estão no armário.

O quê? Quando é que ela fez isso? Droga, será que ela nos ouviu? Enrubesco.

— Obrigada — murmuro.

— Não há de quê — retruca ele maquinalmente, mas sua voz está estranha.

Não estou dizendo obrigada pela trepada. Embora tenha sido muito...

— O que foi? — pergunta ele, e me dou conta de que estou de cara fechada.

— Qual é o problema? — pergunto com doçura.

— Como assim?

— Bem... você está mais estranho que o normal.

— Você me acha estranho? — Ele tenta conter um sorriso.

— Às vezes.

Ele me olha um instante, curioso.

— Como sempre, estou surpreso com você, Srta. Steele.

— Surpreso como?

— Vamos nos limitar a dizer que isso foi um presente inesperado.

— Nosso objetivo é satisfazer, Sr. Grey. — Inclino a cabeça como ele sempre faz e devolvo as palavras a ele.

— E você satisfaz, você me satisfaz — diz ele, mas parece inquieto. — Pensei que estivesse indo tomar banho.

Ah, ele está me mandando embora.

— Sim... hã, até já.

Saio depressa da sala, completamente pasma.

Ele parecia confuso. *Por quê?* Devo dizer que, em termos de experiência física, essa foi muito satisfatória. Mas, emocionalmente — bem, estou desconcertada com a reação dele, e isso foi tão enriquecedor emocionalmente quanto algodão doce é nutritivo.

A Sra. Jones ainda está na cozinha.

— Quer seu chá agora, Srta. Steele?

— Vou tomar um banho primeiro — resmungo e saio correndo dali com meu rosto em chamas.

No chuveiro, tento imaginar o que há de errado com Christian. Ele é a pessoa mais complicada que conheço, e não entendo seu humor instável. Parecia bem quando entrei no escritório. Transamos... e ele já não estava mais ali. Não, eu não entendo. Olho para meu inconsciente. Ele está assobiando com as mãos atrás das costas, olhando para tudo menos para mim. Ele nem faz ideia, e minha deusa interior ainda está curtindo um resto de ardor pós-coito. É... estamos todos sem saber de nada.

Seco o cabelo com a toalha, penteio-o com o único instrumento capilar de Christian, e faço um coque. O vestido cor de ameixa de

Kate está lavado e passado, pendurado no armário com meu sutiã e minha calcinha limpos. A Sra. Jones é uma maravilha. Calço os sapatos de Kate, endireito o vestido, respiro fundo e volto para a sala.

Christian sumiu, e a Sra. Jones está conferindo o conteúdo da despensa.

— O chá agora, Srta. Steele? — pergunta.

— Por favor.

Sorrio para ela. Sinto-me ligeiramente mais confiante agora que estou vestida.

— Gostaria de comer alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Claro que você vai comer alguma coisa — diz Christian bruscamente, com um olhar furioso. — Ela gosta de panqueca, ovos e bacon, Sra. Jones.

— Sim, Sr. Grey. E o que o senhor vai querer?

— Uma omelete, por favor, e frutas. — Ele não tira os olhos de mim, com uma expressão misteriosa. — Sente-se — ordena, apontando para um dos bancos do balcão.

Obedeço, e ele se senta ao meu lado, enquanto a Sra. Jones se ocupa do café da manhã. Nossa, é desagradável ter outra pessoa ouvindo nossa conversa.

— Já comprou sua passagem aérea?

— Não, vou comprar quando chegar em casa, pela internet.

Ele se apoia nos cotovelos, esfregando o queixo.

— Tem dinheiro?

Ah, não.

— Tenho — digo, fingindo paciência como se estivesse falando com uma criancinha.

Ele me lança um olhar de censura. *Merda.*

— Tenho, sim, obrigada — emendo rapidamente.

— Eu tenho um jato. Não está programado para ser usado nos próximos três dias. Está à sua disposição.

Olho boquiaberta para ele. Claro que ele tem um jato, e preciso resistir à propensão natural do meu corpo de revirar os olhos para ele. Tenho vontade de rir. Mas não rio, já que não consigo interpretar seu estado de espírito.

— Já abusamos seriamente da frota aérea da sua companhia. Eu não gostaria de fazer isso de novo.

— É minha companhia, é meu jato.

Ele parece quase magoado. *Ah, os garotos e seus brinquedos!*

— Obrigada pela oferta. Mas eu ficaria mais feliz pegando um voo regular.

Ele dá a impressão de querer discutir mais, porém decide não fazê-lo.

— Como quiser. — Suspira. — Tem que se preparar muito para sua entrevista?

— Não.

— Ótimo. Não vai me contar mesmo para quais editoras?

— Não.

Ele esboça um sorriso relutante.

— Sou um homem de posses, Srta. Steele.

— Estou perfeitamente ciente disso, Sr. Grey. Vai grampear meu telefone? — pergunto inocentemente.

— Na verdade, como estarei bastante ocupado hoje à tarde, mandarei outra pessoa fazer isso. — Ele dá uma risadinha.

Será que está brincando?

— Se tem uma pessoa sobrando para fazer isso, obviamente tem excesso de funcionários.

— Vou mandar um e-mail para a chefe de recursos humanos e mandá-la fazer a contagem dos funcionários. — Ele contrai os lábios para disfarçar o sorriso.

Ah, graças a Deus, ele recuperou o senso de humor.

A Sra. Jones nos serve o café da manhã e comemos em silêncio por alguns minutos. Após lavar as panelas, ela discretamente se retira. Olho para ele.

— O que foi, Anastasia?

— Sabe, você não me contou por que não gosta de ser tocado.

Ele fica lívido, e sua reação faz com que eu me sinta culpada por ter perguntado.

— Já contei mais coisas a você do que a qualquer outra pessoa.

Ele fala com calma e me olha impassível.

E fica óbvio para mim que ele nunca se abriu com ninguém. Será que não tem nenhum amigo íntimo? Talvez tenha contado a Mrs.

Robinson. Quero perguntar a ele, mas não posso. Não posso ser tão invasiva. Balanço a cabeça ao me dar conta disso. Ele realmente é uma ilha.

— Vai pensar em nosso acordo enquanto estiver fora? — pergunta.

— Vou.

— Vai sentir minha falta?

Olho para ele, surpresa com a pergunta.

— Vou — respondo sinceramente.

Como ele pode significar tanto para mim em tão pouco tempo? Ele realmente mexe comigo... literalmente. Ele sorri, e seus olhos se iluminam.

— Também vou sentir sua falta. Mais do que você imagina — murmura.

Essas palavras aquecem meu coração. Christian realmente está se esforçando. Acaricia meu rosto, inclina-se e me dá um beijo doce.

—

É fim de tarde, estou nervosa e agitada sentada no saguão, esperando pelo Sr. J. Hyde da Seattle Independent Publishing. É minha segunda entrevista de hoje, e a que me deixou mais ansiosa. A minha primeira foi boa, mas era para um conglomerado maior, com filiais por todos os Estados Unidos, e eu seria uma das muitas assistentes editoriais ali. Posso imaginar ser engolida e cuspidada bem depressa em uma máquina corporativa dessas. A SIP é onde quero estar. É pequena e pouco convencional, promove autores locais, e tem uma lista de clientes interessante e original.

O ambiente que me cerca é despojado, mas acho que esse despojamento é antes uma declaração de estilo do que um sinal de frugalidade. Estou sentada em um dos dois sofás de couro verde-escuro estilo Chesterfield — parecidos com o sofá que Christian tem no quarto de jogos. Acaricio o couro com aprovação e me pergunto o que Christian faz naquele sofá. Minha mente divaga enquanto penso nas possibilidades... não. Não posso entrar nessa agora. Coro diante dos meus pensamentos rebeldes e impróprios. A

recepcionista é uma jovem negra com enormes brincos de prata e cabelos compridos alisados. Tem um visual boêmio, o tipo da mulher de quem eu poderia ser amiga. A ideia é tranquilizadora. De vez em quando, ela tira os olhos do computador, olha para mim e me dá um sorriso tranquilizador. Timidamente, sorrio de volta.

Meu voo está reservado, minha mãe está no sétimo céu com minha visita, estou de malas prontas e Kate concordou em me levar de carro ao aeroporto. Christian ordenou que eu levasse o BlackBerry e o Mac. Reviro os olhos ao me lembrar daquele seu autoritarismo despótico, mas vejo agora que este é simplesmente o jeito dele. Ele gosta de controlar tudo, inclusive a mim. No entanto, também é muito imprevisível, agradável e irresistível. Pode ser gentil, bem-humorado, até meigo. E quando demonstra essas qualidades, faz isso de forma inesperada e repentina. Insistiu em me acompanhar até meu carro na garagem. Minha nossa, só vou passar uns dias fora e ele está agindo como se eu fosse passar semanas. Ele sempre me pega desprevenida.

— Ana Steele?

Uma mulher de longos cabelos negros ondulados parada na recepção me distrai da minha introspecção. Ela tem o mesmo visual boêmio da recepcionista. Deve ter uns trinta e muitos ou uns quarenta e poucos anos. É muito difícil saber a idade de mulheres mais velhas.

— Sim — respondo, levantando-me desajeitada.

Ela me lança um sorriso educado, avaliando-me com seus olhos frios cor de avelã. Estou usando uma roupa de Kate, uma jardineira preta sobre uma blusa branca, e meus escarpins pretos. Estilo entrevista, acho eu. Meu cabelo está contido num coque apertado, e, pela primeira vez, os cachinhos estão comportados. Ela me estende a mão.

— Olá, Ana, meu nome é Elizabeth Morgan. Sou a gerente de recursos humanos aqui da SIP.

— Como vai? — Aperto a mão dela. Parece muito descontraída para ser a gerente do RH.

— Acompanhe-me, por favor.

Entramos pelas portas duplas atrás da área da recepção numa ampla sala sem divisórias com decoração alegre, e dali nos

dirigimos a uma pequena sala de reuniões. As paredes são verde-claras, cobertas de capas de livros. Sentado à cabeceira da mesa de conferência de madeira há um homem ruivo de rabo de cavalo. Pequenas argolas de prata brilham em suas duas orelhas. Ele está com uma camisa azul-clara, sem gravata, e calças de brim desbotadas. Quando me aproximo, levanta-se e me olha com misteriosos olhos azul-escuros.

— Ana Steele, sou Jack Hyde, o editor de aquisições aqui na SIP, e é um grande prazer conhecê-la.

Cumprimentamo-nos, e sua expressão é misteriosa, embora bastante simpática.

— Você mora longe? — pergunta amavelmente.

— Não, acabei de me mudar para a área do Pike Street Market.

— Ah, então mora pertinho. Por favor, sente-se.

Sento-me, e Elizabeth se senta ao lado dele.

— Então, porque gostaria de estagiar aqui conosco na SIP, Ana? — pergunta.

Diz meu nome com doçura, e inclina a cabeça, como uma pessoa que conheço — é aflitivo. Fazendo o possível para ignorar a cautela irracional que ele me inspira, começo meu discurso cuidadosamente preparado, consciente do rubor que se espalha por minhas bochechas. Olho para os dois, lembrando-me da aula de Técnica da Entrevista Bem-Sucedida de Katherine Kavanagh. *Mantenha contato visual, Ana!* Nossa, Kate também pode ser mandona, às vezes. Jack e Elizabeth ouvem com atenção.

— Você tem um CR muito impressionante. A que atividades extracurriculares você se entregava na WSU?

Entregava? Pisco para ele. Que escolha de palavras estranha. Começo a entrar nos detalhes da minha atividade de bibliotecária na biblioteca central do campus e da minha única experiência de entrevistar um déspota podre de rico para o jornal da faculdade. Toco de passagem no fato de que não escrevi verdadeiramente o artigo. Menciono as duas sociedades literárias a que pertenci e concluo com meu trabalho na Clayton's e todo o conhecimento inútil que agora possuo sobre ferragens e bricolagem. Os dois riem, o que é a reação pela qual eu torcia. Lentamente, relaxo e começo a aproveitar.

Jack Hyde faz perguntas agudas e inteligentes, mas não me atrapalho — acompanho o ritmo, e quando discutimos minhas preferências de leitura e meus livros favoritos, acho que me saio bem. Jack, por outro lado, parece só gostar da literatura Americana de 1950 em diante. Nada mais. Nada de clássicos — nem mesmo Henry James nem Upton Sinclair nem F. Scott Fitzgerald. Elizabeth não diz nada, só acena com a cabeça de vez em quando e toma notas. Jack, embora goste de discutir, é encantador a seu modo, e quanto mais ele fala, mais minha desconfiança inicial se dissipa.

— E onde você se vê daqui a cinco anos? — pergunta.

Com Christian Grey, a ideia me vem instintivamente à cabeça. Minha mente errática me faz franzir as sobrancelhas.

— Editora de textos, talvez? Quem sabe trabalhando como agente literária, não sei ao certo. Estou aberta a oportunidades.

Ele ri.

— Muito bem, Ana. Não tenho mais perguntas. Quer perguntar alguma coisa? — ele dirige a palavra a mim.

— Quando gostaria que a pessoa começasse? — pergunto.

— Tão logo possível — diz Elizabeth alto e bom som. — Quando você poderia começar?

— Estou disponível a partir da semana que vem.

— É bom saber disso — diz Jack.

— Se ninguém tiver mais nada a dizer — Elizabeth olha para nós dois —, acho que isso encerra a entrevista.

Ela sorri com simpatia.

— Foi um prazer conhecê-la, Ana — diz Jack com gentileza apertando minha mão, e eu pestanejo olhando para ele ao me despedir.

Vou para o carro me sentindo inquieta sem saber por quê. Acho que a entrevista correu bem, mas é muito difícil dizer. As entrevistas parecem situações muito artificiais. Todo mundo agindo da melhor maneira que pode, tentando desesperadamente se esconder por trás de uma fachada profissional. Será que minha postura foi apropriada? Vou ter que esperar para ver.

Entro no meu Audi A3 e volto para casa, mas sem pressa. Meu voo é o último do dia, com escala em Atlanta, e só embarco às dez e vinte e cinco, de modo que tenho muito tempo.

Kate está desembalando caixas na cozinha quando volto.

— Como foram as entrevistas? — pergunta, empolgada.

Só Kate pode ficar deslumbrante com uma camisa de um tamanho bem acima do dela, calça jeans esfarrapada e uma bandana azul-marinho.

— Bem, obrigada, Kate. Não sei se essa roupa estava suficientemente descolada para a segunda entrevista.

— Hã?

— Um visual *boho chic* talvez tivesse resolvido.

Kate ergue uma sobrancelha.

— Você e seu *boho chic*. — Ela inclina a cabeça de lado — Ai! Por que todo mundo está me lembrando do meu Cinquenta Tons preferido? — Na verdade, Ana, você é uma das poucas pessoas que poderiam usar este visual.

Sorrio.

— Eu realmente gostei do segundo lugar. Acho que poderia me encaixar ali. O sujeito que me entrevistou era enervante, mas...

Deixo a frase no ar — merda, estou falando aqui com a Kavanagh Megafone. *Cala a boca, Ana!*

— Ah?

O radar Katherine Kavanagh para uma informação apetitosa entra em ação — uma informação que só virá à tona em algum momento inoportuno e constrangedor, o que me lembra alguma coisa.

— Por falar nisso, quer fazer o favor de parar de provocar Christian? Seu comentário sobre José ontem à noite foi descabido. Christian é um cara ciumento. Isso não leva a nada, você sabe.

— Olha, se ele não fosse irmão do Elliot, eu diria coisa muito pior. Ele é um verdadeiro maníaco por controle. Não sei como você aguenta. Eu estava tentando provocar ciúmes nele, dar uma mãozinha para ele resolver os tais problemas de compromisso. — Ela levanta as mãos na defensiva. — Mas se você não quer que eu me meta, não me meto — diz ela precipitadamente diante da minha cara fechada.

— Ótimo. A vida com o Christian já é suficientemente complicada, pode acreditar.

Putz, estou falando igual a ele.

— Ana. — Ela faz uma pausa, olhando para mim. — Você está bem, não está? Não está indo para a casa da sua mãe para fugir?

Enrubesco.

— Não, Kate. Foi você que disse que eu precisava de descanso.

Ela reduz a distância entre nós e pega minha mão — um gesto nada típico dela. *Ah não...* as lágrimas ameaçam correr.

— Você está, sei lá... diferente. Espero que esteja bem, e sejam quais forem os problemas que esteja tendo com o Sr. Ricaço, pode falar comigo. E vou tentar não provocá-lo, embora, francamente, provocá-lo seja a coisa mais fácil do mundo. Olha, Ana, se há algum problema, me conte, não vou julgar. Vou tentar entender.

Contenho as lágrimas.

— Ah, Kate. — Dou um abraço apertado nela. — Estou começando a achar que realmente me apaixonei por ele.

— Ana, qualquer um pode ver isso. E ele se apaixonou por você. Ele está louco por você. Não consegue desgrudar os olhos.

Rio, insegura.

— Você acha?

— Ele não disse?

— Não com tantas palavras.

— Você disse a ele?

— Não com tantas palavras.

Dou de ombros como quem pede desculpas.

— Ana! Alguém tem que dar o primeiro passo, do contrário vocês não vão a lugar nenhum.

Mas... dizer a ele como eu me sinto?

— Tenho medo de que ele se assuste com isso e fuja.

— E como sabe que ele não está sentindo a mesma coisa?

— Christian, assustado? Não consigo imaginá-lo assustado com nada.

Ao dizer isso, imagino-o quando criança. Vai ver que, naquela época, o temor era o único sentimento que ele conhecia. Essa ideia me deixa com o coração apertado.

— Vocês dois precisam sentar e conversar.

— A gente não anda conversando muito ultimamente.

Enrubesco. Temos feito outras coisas. Comunicação não verbal, e isso é bom. Bem, muito mais que bom. Ela sorri.

— Mas estão transando! Se isso está indo bem, então é meio caminho andado, Ana. Vou comprar comida chinesa. Está pronta para partir?

— Quase. Só temos que sair daqui a umas duas horas mais ou menos.

— Volto em vinte minutos.

Ela pega o casaco e sai, esquecendo de fechar a porta, que bato depois que ela passa. Vou para o quarto, ruminando as palavras dela.

Será que Christian tem medo do que sente por mim? Será que chega a sentir algo por mim? Ele parece muito interessado, diz que sou dele, mas isso simplesmente faz parte daquele seu eu Dominador maníaco por controle que precisa ter tudo que deseja, com certeza. Percebo que, enquanto estiver fora, terei que recapitular todas as nossas conversas e ver se consigo identificar sinais reveladores.

Também vou sentir sua falta... mais do que você imagina...

Você me seduziu totalmente.

Balanço a cabeça. Não quero pensar nisso agora. Deixei o BlackBerry carregando, e, portanto, não o tive comigo a tarde inteira. Aproximo-me dele com cautela e fico desapontada por não encontrar nenhuma mensagem. Ligo a máquina do mal, e também não encontro nada ali. *É o mesmo endereço de e-mail, Ana* — meu inconsciente revira os olhos para mim, e, pela primeira vez, entendo por que Christian quer me bater quando faço isso.

Tudo bem. Bom, vou escrever para ele.

De: Anastasia Steele

Assunto: Entrevistas

Data: 30 de maio de 2011 18:49

Para: Christian Grey

Prezado Senhor,
Minhas entrevistas de hoje correram bem.

Pensei que poderia se interessar.

Como foi o seu dia?

Ana

Sento-me e fico olhando para a tela. As respostas de Christian em geral são instantâneas. Espero... e espero, e, finalmente, ouço o ruído bem-vindo da minha caixa de entrada.

De: Christian Grey
Assunto: Meu dia
Data: 30 de maio de 2011 19:03
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,

Tudo o que você faz me interessa. Você é a mulher mais fascinante que conheço.

Gostei de saber que suas entrevistas correram bem.

Minha manhã superou todas as expectativas.

Em comparação, minha tarde foi muito aborrecida.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Manhã ótima
Data: 30 de maio de 2011 19:05
Para: Christian Grey

Prezado Senhor,
A manhã foi exemplar para mim, também, embora eu tenha me assustado com sua atitude depois do impecável sexo na mesa. Não pense que não reparei.

Agradeço pelo café da manhã. Ao senhor ou à Sra. Jones.

Eu gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre ela — sem que o senhor volte a ficar esquisitíssimo.

Ana.

Meu dedo paira sobre o botão “enviar”, e o fato de que amanhã a essa hora estarei do outro lado do país me tranquiliza.

De: Christian Grey
Assunto: O mercado editorial e você?
Data: 30 de maio de 2011 19:10
Para: Anastasia Steele

Anastasia,
“Esquisitíssimo” não é uma expressão que deva ser usada por alguém que queira entrar no mercado editorial. Impecável? Comparado a quê? Esclareça, por favor. E o que precisa perguntar sobre a Sra. Jones? Estou intrigado.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Você e a Sra. Jones
Data: 30 de maio de 2011 19:17
Para: Christian Grey
Prezado Senhor,

A língua é dinâmica e evolui. Trata-se de uma coisa orgânica. Não está presa em uma torre de marfim com um heliporto no teto e dominando quase toda Seattle, cheia de obras de arte caras penduradas nas paredes.

Impecável em comparação com as outras vezes em que... qual é sua palavra... ah, sim... fodemos. Na verdade a foda foi impecável, ponto, em minha humilde opinião. Mas, como sabe, minha experiência é muito limitada.

A Sra. Jones é uma ex-sub sua?

Ana

Meu dedo paira mais uma vez sobre o botão “enviar”, e aperto-o.

De: Christian Grey
Assunto: Língua. Cuidado com o que fala!
Data: 30 de maio de 2011 19:22
Para: Anastasia Steele

Anastasia,

A Sra. Jones é uma funcionária valiosa. Nunca tive qualquer relação com ela além da profissional. Não emprego ninguém com quem eu tenha tido relações sexuais. Fico chocado que você pense isso. A única pessoa para quem eu abriria uma exceção é você — porque é uma moça inteligente com extraordinárias habilidades de negociação. Contudo, se continuar a usar tal palavreado, posso reconsiderar admiti-la aqui. Ainda bem que tem experiência limitada. Sua experiência continuará sendo limitada — só para mim. Considerarei impecável um elogio, embora, com você, eu nunca tenha certeza se isso é o que quer dizer ou se sua ironia levou a melhor — como sempre.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc., de sua Torre de Marfim.

De: Anastasia Steele

Assunto: Nem por todo o chá da China

Data: 30 de maio de 2011 19:27

Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,

Acho que já manifestei minhas reservas quanto a trabalhar em sua empresa. Minha opinião em relação a isso não mudou, não está mudando nem mudará nunca. Tenho que deixá-lo, pois Kate já voltou com a comida. Minha ironia e eu lhe desejamos uma boa noite.

Entrarei em contato com o senhor quando chegar à Geórgia.

Ana

De: Christian Grey

Assunto: Nem o chá Twinings English Breakfast?

Data: 30 de maio de 2011 19:29

Para: Anastasia Steele

Boa noite, Anastasia.

Espero que você e sua ironia façam uma boa viagem.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Kate e eu paramos em frente à área de desembarque do terminal do Aeroporto Sea-Tac. Ela me dá um abraço.

— Aproveite Barbados, Kate. Ótimas férias para você.

— Até a volta. Não deixe o velho ricaço consumi-la.

— Não vou deixar.

Tornamos a nos abraçar — e então fico sozinha. Dirijo-me ao check-in e fico na fila, esperando com minha bagagem de mão. Não me preocupei com mala, só trouxe a mochila que Ray me deu em meu último aniversário.

— A passagem, por favor.

O jovem entediado atrás do balcão estende a mão sem me olhar.

Espelhando seu tédio, entrego a passagem e minha carteira de motorista como identificação. Estou torcendo por um lugar na janela se for possível.

— Tudo bem, Srta. Steele. A senhora teve um *upgrade* para a primeira classe.

— O quê?

— Se a senhora quiser ir para a sala da primeira classe e aguardar lá o voo...

Parece que ele acordou e está sorrindo para mim como se eu fosse o Papai Noel ou o Coelhoinho da Páscoa.

— Com certeza há algum engano.

— Não, não. — Ele torna a olhar a tela do computador. — Anastasia Steele: *upgrade*. Ele dá um sorriso forçado.

Epa. Aperto os olhos. Ele me entrega o cartão de embarque, e me dirijo à sala da primeira classe resmungando baixinho. Maldito Christian Grey, maníaco por controle intrometido — ele simplesmente não consegue deixar ninguém em paz.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Faço as unhas, uma massagem e já tomei duas taças de champanhe. A sala da primeira classe tem muitas vantagens. A cada gole de Moët, sinto-me ligeiramente mais propensa a perdoar Christian e sua intervenção. Abro o MacBook, esperando testar a teoria de que ele funciona em qualquer lugar do planeta.

De: Anastasia Steele
Assunto: Gestos excessivamente extravagantes
Data: 30 de maio de 2011 21:53
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,
O que realmente me deixa alarmada é como soube em que voo eu estava.

Sua perseguição não conhece limites. Esperemos que o Dr. Flynn já tenha voltado das férias.

Fiz as unhas, uma massagem nas costas e tomei duas taças de champanhe — uma forma muito agradável de começar minha viagem.

Obrigada.

Ana

De: Christian Grey
Assunto: Não há de quê
Data: 30 de maio de 2011 21:59
Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,
O Dr. Flynn já voltou, e tenho uma consulta esta semana.

Quem fez a massagem nas suas costas?

Christian Grey
CEO com amigos nos lugares certos,
Grey Enterprises Holdings, Inc.

A-há! Hora de dar o troco. Tempo de recuperação do investimento. Nosso voo foi chamado, então tenho que lhe mandar um e-mail do avião. Será mais seguro. Quase me abraço com uma alegria travessa.

* * *

A PRIMEIRA CLASSE é muito espaçosa. Com um coquetel de champanhe em punho, instalo-me na suntuosa poltrona de couro ao lado da janela enquanto a cabine vai enchendo devagar. Ligo para Ray para lhe contar onde estou — uma ligação curta, felizmente, pois é muito tarde para ele.

— Te amo, pai — murmuro.

— Boa noite.

Desligo.

Ray parece estar bem. Fico olhando para o meu Mac, e, com a mesma alegria infantil crescendo, abro o laptop e acesso meu e-mail.

De: Anastasia Steele
Assunto: Mãos fortes e competentes
Data: 30 de maio de 2011 22:22
Para: Christian Grey

Prezado Senhor,
Um rapaz muito agradável massageou minhas costas. Sim. Muito agradável mesmo. Eu não teria conhecido Jean-Paul na sala de embarque normal — portanto, obrigada mais uma vez por este presente. Não sei se é permitido enviar e-mails depois da decolagem, e preciso do meu sono de beleza, já que não ando dormindo muito bem ultimamente.

Durma bem, Sr. Grey.
Pensando no senhor,

Ana

Ah, ele vai ficar uma fera — e eu estarei no ar e inalcançável. Bem-feito. Se eu estivesse na sala de embarque normal, Jean-Paul não teria posto as mãos em mim. Ele era um rapaz muito simpático, louro e com um bronzado artificial — francamente, quem é bronzado em Seattle? Simplesmente não dá. Acho que ele era gay — mas vou guardar esse detalhe só para mim. Fico olhando para meu e-mail. Kate tem razão. Com ele, não precisa de muito. Meu inconsciente me olha de cara feia. *Quer mesmo provocá-lo? Ele foi um amor com você, você sabe! Ele gosta de você e quer que você viaje com estilo.* Sim, mas poderia ter me perguntado ou me avisado. Não me deixar com cara de idiota no check-in. Aperto “enviar” e aguardo, sentindo-me uma garota muito má.

— Srta. Steele, a senhora vai precisar guardar seu laptop para a decolagem — diz educadamente a comissária supermaquiada. Ela me dá um susto. Minha consciência culpada está em ação.

— Ah, sinto muito.

Merda. Agora vou ter que esperar para ver se ele respondeu. A comissária me entrega uma manta e um cobertor macios, mostrando os dentes perfeitos. Coloco a manta nos joelhos. Às vezes é bom a gente se sentir mimada.

A primeira classe encheu, a não ser por um lugar ao meu lado, que continua desocupado. *Ah, não...* uma ideia perturbadora me passa pela cabeça. *Vai ver que a poltrona é do Christian.* Ah, merda... não... ele não faria isso. Faria? Eu lhe disse que não queria que viesse comigo. Olho aflita para o relógio, e aí a voz impessoal da cabine de comando anuncia: “Tripulação, portas em automático, preparar para a decolagem.”

O que significa isso? Estão fechando as portas? Fico na expectativa, o couro cabeludo formigando e o coração disparado. A poltrona ao meu lado é a única desocupada na cabine de dezesseis lugares. O avião sacode ao se afastar do portão de embarque, e suspiro aliviada mas um pouco decepcionada também... nada de Christian durante quatro dias. Dou uma olhada no BlackBerry.

De: Christian Grey

Assunto: Aproveite enquanto pode

Data: 30 de maio de 2011 22:25

Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,

Sei o que está tentando fazer — e pode acreditar, conseguiu. Da próxima vez, você estará no porão de carga, amarrada e amordaçada dentro de um caixote. Acredite em mim quando digo que tê-la nesse estado me dará muito mais prazer do que simplesmente fazer um *upgrade* na sua passagem.

Aguardo ansioso a sua volta.

Christian Grey
CEO Com Coceira na Mão
Grey Enterprises Holdings, Inc.

Putá merda. Esse é o problema com o humor de Christian — nunca posso ter certeza se ele está brincando ou se está zangado de verdade. Desconfio neste momento que ele esteja zangado de verdade. Disfarçadamente, para a comissária não ver, digito uma resposta embaixo da manta.

De: Anastasia Steele
Assunto: Brincadeira?
Data: 30 de maio de 2011 22:30
Para: Christian Grey

Não sei se está brincando — e, se não estiver, acho que ficarei na Geórgia. Caixotes são limites rígidos para mim. Desculpe por tê-lo irritado. Diga que me perdoa.

A

De: Christian Grey
Assunto: Brincadeira
Data: 30 de maio de 2011 22:31
Para: Anastasia Steele

Como pode estar mandando e-mail? Está colocando em risco a vida de todo mundo a bordo, inclusive a sua, usando o BlackBerry? Acho que isso infringe uma das regras.

Christian Grey
CEO Com Coceira nas Duas Mãos
Grey Enterprises Holdings, Inc.

Duas mãos! Guardo o BlackBerry, endireito-me na poltrona enquanto o avião taxia para a pista de decolagem, e pego meu exemplar em frangalhos de *Tess* — uma leitura leve para a viagem. Uma vez no ar, inclino a poltrona, e logo estou dormindo.

A comissária me acorda quando iniciamos a descida para Atlanta. A hora local cinco e quarenta e cinco da manhã, mas só dormi mais ou menos umas quatro horas... Estou grogue, porém agradecida pelo copo de suco de laranja que ela me entrega. Olho aflita para o BlackBerry. Não há mais e-mails de Christian. Bem, são quase três da manhã em Seattle, e ele provavelmente quer me impedir de atrapalhar os equipamentos eletrônicos do avião ou seja o que for que impeça os aviões de voarem se houver telefones celulares ligados.

* * *

A ESPERA EM ATLANTA é só de uma hora. E, mais uma vez, estou me deleitando na sala da primeira classe. Fui tentada a me deitar encolhida num dos sofás fofos e convidativos que afundam sob meu peso. Mas não vai dar tempo. Para me manter acordada, começo a escrever no laptop um longo e-mail para Christian deixando fluir tudo o que me vem à cabeça.

De: Anastasia Steele

Assunto: Você gosta de me assustar?

Data: 31 de maio de 2011 06:52 LESTE

Para: Christian Grey

Você sabe o quanto eu não gosto que você gaste dinheiro comigo. Sim, você é muito rico, mas mesmo assim isso me deixa constrangida, como se você estivesse me pagando pelo sexo. No entanto, gosto de viajar de primeira classe, é muito mais civilizado do que de econômica. Então, obrigada. Estou sendo sincera — e gostei, sim, da massagem do Jean-Paul. Ele era muito gay. Omiti isso no meu e-mail para provocá-lo, porque estava irritada com você, e sinto muito por isso.

Mas, como sempre, sua reação é exagerada. Você não pode escrever coisas assim para mim — amarrada e amordaçada dentro de um caixote. (Você falou sério ou era brincadeira?) Isso me assusta... você me assusta... estou completamente envolvida por seu encanto, considerando um estilo de vida com você que eu nem sabia que existia até a semana passada, e aí você escreve uma coisa assim e quero fugir aos gritos para

as montanhas. Não vou fazer isso, claro, porque sentiria sua falta. Sentiria mesmo. Quero que a gente dê certo, mas estou apavorada com a profundidade do sentimento que tenho por você e com o caminho escuro para onde você está me levando. O que está oferecendo é erótico e sensual, e tenho curiosidade, mas também tenho medo de que você me machuque — física e emocionalmente. Depois de três meses, você poderia dizer adeus, e como é que vou ficar se você fizer isso? Embora tenha de admitir que esse risco existe em qualquer relacionamento. Este não é o tipo de relação que algum dia imaginei ter, especialmente para a primeira. Isso é um enorme passo para mim.

Você tinha razão ao dizer que eu não possuía um único osso submisso no corpo... e concordo com você agora. Tendo dito isso, quero estar com você, e se isso for o que tenho que fazer, eu gostaria de tentar, mas acho que não vai dar certo e vou acabar toda roxa — não fico nem um pouco entusiasmada com essa ideia.

Gostei muito de você ter dito que se esforçará mais. Só preciso pensar no que “mais” significa para mim, e essa é uma das razões pelas quais eu queria um pouco de distância. Você me deslumbra tanto que tenho dificuldade de pensar com clareza quando estamos juntos.

Estão chamando meu voo. Tenho que ir.

Depois continuo.

Sua Ana.

Aperto “enviar” e me dirijo sonolenta ao portão de embarque para tomar o outro avião. Este só tem seis lugares na primeira classe, e, quando estamos no ar, me encolho embaixo da manta macia e adormeço.

Mais cedo do que eu gostaria, sou acordada pela comissária me oferecendo mais suco de laranja ao iniciarmos a aproximação do Aeroporto Internacional de Savannah. Bebo lentamente, para lá de cansada, e me permito sentir um mínimo de excitação. Não vejo minha mãe há seis meses. Dando outra olhada disfarçada no BlackBerry, me lembro vagamente de ter enviado um e-mail longo e desconexo a Christian — mas não há resposta. São cinco da manhã em Seattle. Tomara que ele ainda esteja dormindo e não tocando lamentos tristes ao piano.

* * *

A PARTE BOA de viajar só com bagagem de mão é que é possível sair despreocupadamente do aeroporto sem esperar a vida inteira pelas malas nas esteiras. A parte boa de viajar de primeira classe é que deixam a gente desembarcar primeiro.

Minha mãe está esperando com Bob, e é muito bom vê-los. Não sei se é por causa da exaustão, da viagem longa ou de toda a situação com Christian, mas assim que minha mãe me abraça começo a chorar.

— Ah, Ana, querida. Você deve estar muito cansada.

Ela olha aflita para Bob.

— Não, mãe, é só que... estou muito feliz em ver você.

Dou um abraço apertado nela, e é um contato gostoso e acolhedor, como o lar. Com relutância, solto-a, e Bob me abraça sem jeito com um braço só. Ele parece meio trôpego, e me lembro que machucou a perna.

— Seja bem-vinda, Ana. Por que está chorando? — pergunta.

— Ai, Bob, só estou feliz em ver você também.

Olho para seu bonito rosto quadrado e seus brilhantes olhos azuis que me fitam com carinho. Gosto desse marido, mãe. Pode ficar com ele. Ele pega minha mochila.

— Nossa, Ana, o que você tem aí?

Deve ser o Mac, e vamos os três abraçados para o estacionamento.

Sempre me esqueço do calor insuportável que faz em Savannah. Saindo dos limites refrigerados do terminal de desembarque, entramos no calor da Geórgia como se o estivéssemos vestindo. *Ufa!* Ele mina tudo. Preciso me desvencilhar do abraço de mamãe e de Bob para tirar o casaco de capuz. Ainda bem que trouxe uns shorts. Às vezes sinto falta do calor seco de Las Vegas, onde morei com mamãe e Bob aos dezessete anos, mas custo a me acostumar com este calor úmido, mesmo às oito e meia da manhã. Quando estou no banco traseiro do utilitário esportivo Tahoe maravilhosamente refrigerado, sinto-me fraca, e meu cabelo já iniciou um protesto frisado diante do calor. Ali no Tahoe, rapidamente envio uma mensagem de texto para Ray, Kate e Christian:

Cheguei bem em Savannah. A :)

Penso rapidamente em José ao apertar “enviar”, e, através da névoa do meu cansaço, lembro-me de que a exposição é semana que vem. Será que eu devia convidar Christian, sabendo como ele se sente em relação a José? Será que Christian ainda vai querer me ver depois daquele e-mail? Estremeço ao pensar nisso, e então tiro o assunto da cabeça. Vou tratar disso depois. No momento, vou aproveitar a companhia de minha mãe.

— Querida, você deve estar cansada. Vai querer dormir quando chegar em casa?

— Não, mãe. Eu queria ir à praia.

* * *

ESTOU COM MEU maiô frente-única azul, tomando uma Coca Diet, numa espreguiçadeira de frente para o Oceano Atlântico. E pensar que ontem mesmo eu estava contemplando o Estuário na direção do Pacífico. Minha mãe está instalada a meu lado com um chapéu absurdamente grande à la Jackie O, bebendo a Coca dela. Estamos na Praia da Ilha Tybee, só a três quarteirões lá de casa. Ela segura minha mão. Meu cansaço desapareceu, e ali tostando ao sol, sinto-me confortável, segura, aquecida. Pela primeira vez em séculos, começo a relaxar.

— Então, Ana... me conte sobre esse homem que está deixando você nessa confusão toda.

Confusão! Como ela pode saber? O que vou dizer? Não posso entrar em maiores detalhes sobre Christian por causa do termo de confidencialidade, mas, apesar disso, será que eu escolheria falar com minha mãe sobre isso? Fico lívida com essa ideia.

— E então? — provoca ela, e aperta minha mão.

— O nome dele é Christian. Ele é muito bonito. É rico... rico demais. É muito complicado e instável.

Sim — estou felicíssima com minha síntese precisa e acurada. Viro de lado para ficar de frente para ela, na hora que ela faz o mesmo movimento. Ela me olha com aqueles olhos azul-claros.

— Complicado e instável são duas informações sobre as quais quero me concentrar, Ana.

Ah, não...

— Ah, mãe, as oscilações de humor dele me deixam tonta. Ele teve uma criação triste, e é muito fechado, difícil de avaliar.

— Você gosta dele?

— Gosto demais dele.

— É mesmo?

Ela me olha boquiaberta.

— Sim, mãe.

— Os homens são muito complicados, Ana, querida. São criaturas muito simples e literais. Normalmente o que eles falam é o que pensam mesmo. E a gente passa horas tentando analisar o que falaram, quando está na cara. Se eu fosse você, eu o tomaria ao pé da letra. Isso poderia ajudar.

Olho para ela pasma. Parece um bom conselho. Tomar Christian ao pé da letra. Na mesma hora, me vêm à cabeça umas coisas que ele disse.

Não quero perder você...

Você me enfeitiçou...

Você me seduziu completamente...

Vou sentir sua falta, também... mais do que você pensa.

Olho para minha mãe. Ela está no quarto casamento. Talvez saiba alguma coisa sobre os homens afinal de contas.

— Quase todos os homens são mal-humorados, querida, uns mais que outros. Pense no seu pai, por exemplo...

Ela fica com um olhar meigo e tristonho sempre que pensa em meu pai. Meu pai verdadeiro, esse homem mítico que não conheci, arrebatado da gente de forma tão cruel num acidente de treino de combate quando era da marinha. Uma parte minha acha que minha mãe anda procurando meu pai esse tempo todo... talvez finalmente tenha encontrado o que procura em Bob. Pena que não conseguiu encontrar com Ray.

— Eu achava que seu pai era mal-humorado. Mas quando olho para trás, só acho que ele estava muito envolvido com o trabalho dele e tentando nos sustentar. — Ela suspira. — Era muito jovem, nós dois éramos. Talvez a questão fosse essa.

Humm... Christian não é exatamente velho. Sorrio com carinho para ela. Ela é capaz de ficar muito emotiva falando do meu pai, mas tenho certeza de que ele não tinha nada dos maus humores de Christian.

— Bob quer nos levar para jantar fora hoje. No clube de golfe dele.

— Ah, não! O Bob começou a jogar golfe?

Debocho incrédula.

— Nem me fale — reclama minha mãe, revirando os olhos.

* * *

APÓS UM ALMOÇO leve em casa, começo a desfazer a mala. E vou me dar o capricho de um cochilo. Minha mãe desapareceu para moldar umas velas ou o que quer que ela faça com elas, e Bob está no trabalho, de modo que tenho tempo de botar o sono em dia. Ligo o Mac. São duas da tarde na Geórgia, onze da manhã em Seattle. Pergunto-me se tenho uma resposta de Christian. Com agitação, abro meu e-mail.

De: Christian Grey

Assunto: Finalmente!

Data: 31 de maio de 2011 07:30

Para: Anastasia Steele

Anastasia,

Estou aborrecido porque, assim que a gente se afasta um pouco, você se comunica aberta e honestamente comigo. Por que não pode fazer isso quando estamos juntos?

Sim, eu sou rico. Vá se acostumando com isso. Por que eu não deveria gastar dinheiro com você? Já contamos a seu pai que sou seu namorado, pelo amor de Deus. Não é o que os namorados fazem? Como seu Dominador, eu esperaria que você aceitasse sem discutir o que quer que eu gaste com você. Por falar nisso, conte a sua mãe, também.

Não sei como responder a seu comentário sobre se sentir uma puta. Sei que não foi isso que escreveu, mas é o que sugere. Não sei o que posso dizer ou fazer para erradicar esses sentimentos. Eu gostaria que você tivesse tudo do melhor. Dou um duro extraordinário para poder gastar meu dinheiro como achar melhor. Eu poderia lhe comprar o que você quisesse, Anastasia, e quero comprar. Chame isso de redistribuição de riqueza, se quiser. Ou saiba simplesmente que eu não pensaria, nem jamais poderia pensar em você do jeito que você descreveu, e fico furioso por ser esta

a maneira como você se vê. Para uma moça tão inteligente, espirituosa e bonita, você tem alguns autênticos problemas de autoestima, e me dá vontade de marcar uma consulta para você com o Dr. Flynn.

Peço desculpas por tê-la assustado. Acho abominável a ideia de lhe causar medo. Acha mesmo que eu iria deixá-la viajar no porão? Ofereci-lhe meu jato particular, por favor. Sim, foi uma brincadeira, de mau gosto, é óbvio. No entanto, o fato é que pensar em você amarrada e amordaçada me excita (isso não é brincadeira — é verdade). Posso ficar sem o caixote: não ligo para caixotes. Sei que você tem problemas com amordaçamento, já falamos sobre isso, e se/ou quando eu amordaçá-la, vamos discutir antes. O que acho que você não percebe é que, em relações Dom/sub, é a sub que tem todo o poder. Não eu. No ancoradouro você disse não. Não posso tocar em você se você disser não; por isso temos um contrato — o que você fará e o que não fará. Se experimentarmos coisas e você não gostar, podemos rever o contrato. Isso é com você, não comigo. E se você não quiser ser amarrada e amordaçada dentro de um caixote, então isso não vai acontecer.

Quero compartilhar meu estilo de vida com você. Eu nunca quis tanto uma coisa. Francamente, estou assombrado com você, com o fato de uma pessoa tão inocente estar disposta a tentar. Isso me diz mais do que você jamais poderia imaginar. Você não consegue ver que estou envolvido pelo seu encanto, também, embora eu já tenha lhe dito isso inúmeras vezes. Não quero perdê-la. Estou aflito por você ter viajado quase cinco mil quilômetros para se afastar de mim por uns dias, porque não consegue pensar com clareza perto de mim. É a mesma coisa comigo, Anastasia. Perco o juízo quando estamos juntos — esta é a profundidade do meu sentimento por você.

Entendo seu nervosismo. Tentei, sim, ficar longe de você. Eu sabia que você não tinha experiência, embora eu jamais a tivesse perseguido se soubesse exatamente quão inocente você era — e no entanto você ainda consegue me desarmar completamente de um jeito que ninguém conseguiu antes. Seu e-mail, por exemplo: Li-o e reli-o inúmeras vezes tentando entender seu ponto de vista. Três meses é uma quantidade de tempo arbitrária. Poderíamos estabelecer seis meses, um ano? Quanto tempo quer que seja? O que a deixaria confortável? Diga.

Entendo que se trate de um grande passo para você. Tenho que ganhar sua confiança, mas, do mesmo modo, você tem que me avisar quando eu não estiver conseguindo fazer isso. Você parece muito forte e independente, e aí eu leio o que você escreveu aqui, e vejo outro lado seu. Temos que guiar um ao outro, Anastasia, e só você pode me dar as deixas. Você tem que ser honesta comigo, e temos que encontrar um jeito de fazer este acordo funcionar.

Você se preocupa em não ser submissa. Bem, talvez isso seja verdade. Dito isso, você só assume a atitude correta de uma sub no quarto de jogos. Parece que é o único lugar em que me deixa exercer um controle adequado sobre você e é o único lugar em que você obedece. “Exemplar” é o termo que me ocorre. E eu nunca bateria em você para deixá-la roxa, meu objetivo é o cor-de-rosa. Fora do quarto de jogos, gosto que você me desafie. Trata-se de uma experiência muito nova e revigorante, e eu não iria querer mudar isso. Portanto, sim, me diga o que quer em termos de mais. Vou me esforçar

para conservar a mente aberta, e tentarei lhe dar o espaço de que precisa e ficar longe de você enquanto estiver na Geórgia. Aguardo com ansiedade seu próximo e-mail.

Enquanto isso, divirta-se. Mas não exagere.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Putá merda. Ele escreveu uma redação, como se estivéssemos de novo na escola — *e a maior parte dela é boa.* Releio apavorada a sua epístola, e me encolho na cama extra praticamente abraçada com o Mac. Estabelecer o prazo de um ano para nosso acordo? Tenho esse poder? Putz, vou ter que pensar nisso. *Tomar suas palavras ao pé da letra,* é o que minha mãe diz. Ele não quer me perder. Já disse isso duas vezes! Quer fazer com que isso dê certo. *Ah, Christian, eu também!* Ele vai tentar ficar longe! Será que isso significa que poderia não conseguir ficar? De repente, torço para que não consiga. Quero vê-lo. Estamos afastados há menos de vinte e quatro horas, e, sabendo que vou ficar quatro dias sem poder vê-lo, percebo o quanto sinto sua falta. O quanto o amo.

—

— Ana, querida.

A voz é meiga e carinhosa, cheia de amor e doces lembranças do passado.

Sinto uma mão delicada passando em meu rosto. Minha mãe me acorda, e estou agarrada com o laptop.

— Ana, meu amor — continua ela com aquela voz macia e musical enquanto pisco sonolenta na claridade rosada do crepúsculo.

— Oi, mãe.

Espreguiço-me e sorrio.

— Vamos sair para jantar em meia hora. Você quer vir? — pergunta ela de maneira amável.

— Ah, sim, mãe, claro.

Tento, mas não consigo conter um bocejo.

— É um objeto impressionante.

Ela aponta para o laptop.

Ah, merda.

— Ah... isso? — digo buscando um tom displicente e surpreso.

Será que mamãe vai notar? Ela parece ter ficado mais esperta depois que arranjei um “namorado”.

— Christian me emprestou. Acho que eu poderia pilotar um ônibus espacial com isso, mas só uso para mandar e-mails e ter acesso à internet.

Realmente, não é nada. Olhando desconfiada para mim, ela se senta na cama e coloca atrás da minha orelha um cacho de cabelo que se soltou.

— Ele escreveu para você?

Ah, puta merda.

— Escreveu.

Minha displicência está minguando, e enrubesço.

— Vai ver que ele está sentindo sua falta, não é?

— Espero que sim, mãe.

— O que ele diz?

Droga. Tento freneticamente pensar em alguma parte daquele e-mail que eu possa contar a minha mãe. Tenho certeza de que ela não quer ouvir sobre Dominadores nem sobre seu hábito de amarrar e amordaçar, mas não posso mesmo lhe contar porque existe o Termo de Confidencialidade.

— Ele disse para eu me divertir mas não exagerar.

— Isso é razoável. Vou deixar você se aprontar, querida. — Ela se inclina e beija minha testa. — Estou muito feliz por estar aqui, Ana. É ótimo ver você.

E com essa declaração de amor, ela se retira.

Hum, Christian e razoável... dois conceitos que julguei serem mutuamente excludentes, mas depois do e-mail dele, talvez tudo seja possível. Vou precisar de tempo para digerir suas palavras. Provavelmente depois do jantar — e posso lhe responder então. Levanto da cama, tiro depressa a camiseta e o short e vou para o chuveiro.

Trouxe o vestido frente única de Kate que usei na formatura. É a única peça formal que tenho. Uma vantagem do calor é que a roupa

desamassa, então acho que vai dar para ir com esse vestido ao clube de golfe. Enquanto me visto, abro o laptop. Não há novidade nenhuma de Christian, e fico decepcionada. Muito rapidamente, digito um e-mail para ele.

De: Anastasia Steele
Assunto: Loquaz?
Data: 31 de maio de 2011 19:08 LESTE
Para: Christian Grey

Senhor, o senhor é um escritor muito prolixo. Tenho que ir jantar no clube de golfe de Bob, e, só para sua informação, estou revirando os olhos para a ideia. Mas como sua pessoa e sua mão coçando estão muito longe de mim, meu traseiro está seguro, por ora. Adorei seu e-mail. Responderei quando puder. Já sinto sua falta.

Aproveite a tarde.

Sua Ana

De: Christian Grey
Assunto: Seu traseiro
Data: 31 de maio de 2011 16:10
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,
O título deste e-mail está me distraindo. Não é preciso dizer que ele *está* seguro — por ora.

Aproveite o jantar, e eu também sinto sua falta, especialmente do seu traseiro e das suas gracinhas.

Minha tarde será monótona, animada apenas pelos meus pensamentos em você e em seu hábito de revirar os olhos. Acho que foi você que tão acertadamente me mostrou que eu também tenho esse costume desagradável.

Christian Grey
CEO e Revirador de Olhos
Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Revirar os olhos

Data: 31 de maio de 2011 19:14 LESTE

Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey,

Pare de me enviar e-mails. Estou tentando me aprontar para o jantar. Você me distrai muito, mesmo quando está do outro lado do país. E, sim — quem bate em você quando revira os olhos?

Sua Ana

Aperto em “enviar”, e imediatamente a imagem daquela bruxa má da Mrs. Robinson me vem à cabeça. Simplesmente não consigo imaginar. Christian apanhando de uma pessoa da idade da minha mãe, simplesmente não dá. De novo me pergunto se isso lhe causou muitos danos. Minha boca se contrai numa expressão triste. Preciso de uma boneca de vodu para espetar uns alfinetes, talvez assim eu possa descarregar um pouco da raiva que sinto dessa mulher estranha.

De: Christian Grey

Assunto: Seu traseiro

Data: 31 de maio de 2011 16:18

Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,

Ainda prefiro meu título ao seu, em vários aspectos. Ainda bem que sou o mestre do meu próprio destino e ninguém me castiga. A não ser minha mãe, às vezes, e o Dr. Flynn, claro. E você.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Castigar... Eu?

Data: 31 de maio de 2011 19:22 LESTE

Para: Christian Grey

Prezado senhor,

Quando já tive coragem de castigá-lo? Acho que está me confundindo com outra pessoa... o que é muito preocupante. Realmente tenho que me aprontar.

Sua Ana

De: Christian Grey
Assunto: Seu traseiro
Data: 31 de maio de 2011 16:25
Para: Anastasia Steele

Cara Srta. Steele,
Você faz isso o tempo todo por escrito. Posso fechar o zíper do seu vestido?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Por algum motivo desconhecido, as palavras dele saltam da tela e me fazem arquejar. Ah... ele quer fazer um joguinho.

De: Anastasia Steele
Assunto: Conteúdo adulto
Data: 31 de maio de 2011 19:28 LESTE
Para: Christian Grey

Eu preferiria que você o abrisse.

De: Christian Grey
Assunto: Cuidado com o que deseja...
Data: 31 de maio de 2011 16:31
Para: Anastasia Steele

EU TAMBÉM.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Arfando
Data: 31 de maio de 2011 19:33 LESTE
Para: Christian Grey

Devagarinho...

De: Christian Grey
Assunto: Gemendo...
Data: 31 de maio de 2011 16:35
Para: Anastasia Steele

Eu queria estar aí.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Gemendo
Data: 31 de maio de 2011 19:37 LESTE
Para: Christian Grey

EU TAMBÉM...

— Ana! — Minha mãe me chama, sobressaltando-me. *Merda.*
Por que me sinto tão culpada?
— Já vou, mãe.

De: Anastasia Steele
Assunto: Gemendo
Data: 31 de maio de 2011 19:39 LESTE
Para: Christian Grey

Tenho que ir.

Até mais, baby.

Entro correndo no hall, onde Bob e minha mãe aguardam. Minha mãe tem uma expressão preocupada.

— Querida, está se sentindo bem? Está com o rosto vermelho.
— Mãe, estou bem.
— Você está linda, querida.
— Ah, esse vestido é da Kate. Gostou?

Ela faz uma expressão ainda mais preocupada.

— Por que está usando o vestido da Kate?

Ah... não.

— Bom, eu gosto dele e ela não — improviso depressa.

Ela me olha com malícia enquanto Bob destila impaciência com uma cara triste e faminta.

— Amanhã levo você para fazer compras — diz ela.

— Ah, mãe, não precisa. Tenho muita roupa.

— Será que não posso fazer nada pela minha filha? Vamos, Bob está morrendo de fome.

— Estou mesmo — geme Bob, esfregando a barriga e fazendo cara de sofrimento.

Rio e ele revira os olhos, e saímos de casa.

* * *

MAIS TARDE, QUANDO estou no banho me refrescando embaixo da água fresca, penso no quanto minha mãe mudou. Pelo que vi no jantar, ela estava na dela: engraçada e sedutora e entre muitos amigos do clube de golfe. Bob estava carinhoso e atencioso... eles parecem fazer muito bem um ao outro. Estou muito feliz por ela. Isso significa que posso parar de me preocupar, de criticar suas decisões e esquecer os dias sombrios do Marido Número Três. Bob é protetor. E ela está me dando bons conselhos. *Desde quando?* Desde que conheci Christian. *Por quê?*

Quando termino, seco-me rapidamente, com muita vontade de voltar para Christian. Há um e-mail à minha espera, enviado logo depois que saí para jantar.

De: Christian Grey

Assunto: Plágio

Data: 31 de maio de 2011 16:41

Para: Anastasia Steele

Você roubou minha fala.

E me deixou louco.

Bom jantar.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Quem é você para gritar pega ladrão?
Data: 31 de maio de 2011 22:18 LESTE
Para: Christian Grey

Senhor, creio que vai descobrir que a fala originalmente era de Elliot.
Louco?

Sua Ana

De: Christian Grey
Assunto: Assunto inacabado
Data: 31 de maio de 2011 19:22
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,
Você voltou. Saiu tão de repente — logo na hora em que as coisas estavam ficando interessantes.

Elliot não é muito original. Deve ter roubado essa fala de alguém.

Como foi o jantar?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Assunto inacabado?
Data: 31 de maio de 2011 22:26 LESTE
Para: Christian Grey

O jantar foi farto — você vai gostar de saber que comi demais.

Ficando interessante? Como?

De: Christian Grey
Assunto: Assunto inacabado — Definitivamente
Data: 31 de maio de 2011 19:30
Para: Anastasia Steele

Está sendo deliberadamente obtusa? Pensei que tivesse simplesmente me pedido para abrir seu zíper.

E eu estava ansioso para fazer exatamente isso. Também gostei de saber que você comeu bem.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Bem... Sempre há o fim de semana
Data: 31 de maio de 2011 22:36 LESTE
Para: Christian Grey

Claro que comi... É só a insegurança que sinto a seu lado que me tira o apetite.

E eu nunca seria obtusa sem querer, Sr. Grey.

Com certeza já deve ter entendido isso. ;)

De: Christian Grey
Assunto: Não posso esperar
Data: 31 de maio de 2011 19:40
Para: Anastasia Steele

Vou me lembrar disso, Srta. Steele, e, sem dúvida, usar essa informação a meu favor.

Lamento saber que lhe tiro o apetite. Julguei provocar um efeito mais concupiscente em você. É o efeito que ando experimentando, e é muito prazeroso, também.

Aguardo com muita ansiedade a próxima vez.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Linguística ginasta

Data: 31 de maio de 2011 22:36 LESTE

Para: Christian Grey

Anda brincando com o dicionário de novo?

De: Christian Grey

Assunto: No flagra

Data: 31 de maio de 2011 19:40

Para: Anastasia Steele

Você me conhece muito bem, Srta. Steele.

Vou sair para jantar com uma velha amiga agora, portanto estarei dirigindo.

Até mais, baby@.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Que velha amiga? Não pensei que Christian tivesse alguma velha amiga, a não ser... ela? Por que ele ainda tem que falar com ela? De repente, fico roxa de ciúmes. Quero bater em alguma coisa, de preferência na Mrs. Robinson. Desligo o laptop mal-humorada e vou me deitar.

Eu deveria realmente responder ao longo e-mail dele de hoje de manhã, mas, de repente, fiquei muito zangada. Por que ele não consegue vê-la pelo que ela é — uma molestadora de crianças? Apago a luz, espumando, olhando para o escuro. Como ela se atreve? Como ela se atreve a se meter com um adolescente vulnerável? Ela ainda está fazendo isso? Por que eles pararam? Vários cenários me passam pela cabeça: se ele tinha ficado farto, então por que ainda é amigo dela? Idem para ela — será que ela é casada? Divorciada? Putz — será que tem filhos? *Será que teve filhos com Christian?* Meu inconsciente empina a cabeça feia, lasciva, e fico chocada e nauseada com essa ideia. Será que o Dr. Flynn sabe sobre ela?

Levanto com esforço da cama e torno a ligar a máquina do mal. Estou numa missão. Tamborilo os dedos com impaciência enquanto a tela azul não aparece. Seleciono o Google Images e digito

“Christian Grey” no mecanismo de busca. A tela subitamente se enche de imagens de Christian: de traje a rigor, de terno, putz — as fotos de José do Heathman, de camisa branca e calça de flanela. Como essas fotos chegaram na internet? Nossa, ele está bem.

Passo adiante rapidamente: algumas imagens com sócios em empreendimentos, depois uma foto atrás da outra do homem mais fotogênico que conheço intimamente. *Intimamente? Será que conheço Christian intimamente?* Conheço-o sexualmente, e imagino que há muito mais a descobrir. Sei que ele é instável, difícil, engraçado, frio, caloroso... minha nossa, o homem é uma contradição ambulante. Clico na página seguinte. Ele continua sozinho em todas as fotografias, e me lembro de Kate mencionar não ter conseguido encontrar nenhuma fotografia dele com uma figura feminina, o que suscitou sua pergunta sobre ele ser gay. Então, na terceira página, há uma foto minha, com ele, na minha formatura. A única foto dele com uma mulher, e sou eu.

Caramba! Estou no Google! Fico olhando para nós dois juntos. Olho admirada para a câmera, nervosa, espantada. Isso foi justo antes de eu ter aceitado tentar. Da parte dele, Christian está lindíssimo, calmo e sereno, e está com *aquela gravata*. Olho para ele, um rosto tão lindo, um rosto lindo que pode estar olhando para a Mrs. Robinson Maldita neste exato momento. Salvo a foto em meus favoritos e clico em todas as dezoito páginas de resultados de busca... nada. Não acharei a Mrs. Robinson no Google. Mas tenho que saber se ele está com ela. Digito um rápido e-mail para Christian.

De: Anastasia Steele

Assunto: Companhias apropriadas para um jantar

Data: 31 de maio de 2011 23:58 LESTE

Para: Christian Grey

Espero que você e sua amiga tenham tido um jantar muito agradável.

Ana

P.S.: Era a Mrs. Robinson?

Aperto em “enviar” e volto desanimada para a cama, resolvida a perguntar a Christian sobre sua relação com aquela mulher. Uma parte de mim está desesperada para saber mais, e outra parte quer esquecer que ele algum dia me contou. E minha menstruação começou, portanto, preciso me lembrar de tomar a pílula de manhã. Rapidamente programo um alarme na agenda do BlackBerry. Ponho-o na mesa de cabeceira, deito-me e acabo caindo num sono agitado, desejando que estivéssemos na mesma cidade, não a quatro mil quilômetros de distância um do outro.

—

Após uma manhã de compras e mais uma tarde na praia, minha mãe decretou que devíamos passar a noite num bar. Deixamos Bob com a tevê e vamos ao elegante bar do hotel mais exclusivo de Savannah. Estou no segundo Cosmopolitan. Minha mãe, no terceiro. Ela está me permitindo entender um pouco mais o frágil ego masculino. É muito desconcertante.

— Está vendo, Ana, os homens acham que tudo que sai da boca de uma mulher é um problema a ser resolvido. Não uma vaga ideia que a gente gostaria de lançar e discutir um pouco e depois esquecer. Os homens preferem ação.

— Mãe, por que está me dizendo isso? — pergunto, sem conseguir esconder a exasperação.

Ela anda assim o dia inteiro.

— Querida, você parece muito perdida. Nunca levou um garoto lá em casa. Nunca teve um namorado quando estávamos em Vegas. Pensei que poderia rolar alguma coisa com aquele rapaz que você conheceu na faculdade, o José.

— Mãe, José é só um amigo.

— Eu sei, querida. Mas há alguma coisa, e acho que você não está me contando tudo. — Ela me olha, a preocupação de mãe estampada no rosto.

— Eu só precisava me afastar um pouco de Christian para botar a cabeça no lugar... mais nada. Ele tende a me perturbar.

— Perturbar?

— É. Mas eu sinto falta dele.

Franzo a testa. Passei o dia inteiro sem notícias de Christian. Nada de e-mails, nada. Estou tentada a ligar para ele para saber como está. Meu maior receio é que ele tenha sofrido um acidente de carro. O meu segundo maior receio é que Mrs. Robinson esteja de novo exercendo sua influência maligna sobre ele. Sei que isso é irracional, mas no que diz respeito a ela, parece que perdi toda a noção de objetividade.

— Querida, tenho que ir ao toalete.

A breve ausência de minha mãe me dá mais uma chance de olhar meu BlackBerry. Andei o dia inteiro tentando ver disfarçadamente meus e-mails. Finalmente, uma resposta de Christian!

De: Christian Grey
Assunto: Companhias para jantar
Data: 1 de junho de 2011 21:40 LESTE
Para: Anastasia Steele

Sim, jantei com Mrs. Robinson. Ela é apenas uma velha amiga, Anastasia. Estou ansioso para tornar a vê-la. Sinto sua falta.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ele estava jantando com ela. Meu couro cabeludo formiga e a adrenalina e o ódio percorrem meu corpo quando vejo meus piores receios se confirmarem. *Como ele pôde?* Estou fora há dois dias, e ele corre para a peste daquela cachorra.

De: Anastasia Steele
Assunto: VELHAS companhias para jantar
Data: 1 de junho de 2011 21:42 LESTE
Para: Christian Grey

Ela não é só uma velha amiga.

Ela já encontrou outro adolescente para comer?

Será que você ficou muito velho para ela?

Foi por isso que a relação de vocês terminou?

Aperto em “enviar” quando minha mãe volta.

— Ana, você está muito pálida. O que aconteceu?

Balanço a cabeça.

— Nada. Vamos tomar mais um Cosmopolitan — murmuro emburrada.

Ela franze as sobrancelhas, mas olha para um dos garçons e aponta para nossos copos. O garçom compreende, conhece a linguagem universal do “mais uma rodada, por favor”. Assim como ela. Dou uma olhadinha no meu BlackBerry.

De: Christian Grey

Assunto: Cuidado...

Data: 1 de junho de 2011 21:45 LESTE

Para: Anastasia Steele

Isso não é um assunto que eu queira discutir por e-mail.

Quantos Cosmopolitans mais você vai beber?

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Putá merda, ele está aqui.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Corro os olhos nervosamente pelo bar, mas não consigo vê-lo.

— Ana, o que é? Parece que você viu um fantasma.

— É o Christian, ele está aqui.

— O quê? É mesmo? — Ela também corre os olhos pelo bar.

Deixei de mencionar para minha mãe a propensão de Christian a perseguir as pessoas.

Eu o vejo. Meu coração dá um salto e entra num ritmo histérico enquanto ele vem em nossa direção. *Ele está mesmo aqui — por mim.* Minha deusa interior se levanta pulando da *chaise longue*, batendo palmas. Ele atravessa a sala calmamente, e os reflexos cor de cobre de seu cabelo ficam realçados embaixo das lâmpadas halógenas embutidas. Seus olhos cinzentos brilham. De raiva? Tensão? Sua boca está contraída, a mandíbula cerrada. *Ah, puta merda... não.* Estou tão irritada com ele agora, e aqui está ele. Como posso ficar com raiva na frente da minha mãe?

Ele se aproxima da nossa mesa, e me olha desconfiado. Está com a camisa de linho branco e a calça jeans de praxe.

— Oi — digo, sem conseguir disfarçar o choque e o assombro ao vê-lo em carne e osso.

— Oi — responde ele, e me dá um beijo, pegando-me de surpresa.

— Christian, essa é minha mãe, Carla.

Meus bons modos arraigados prevalecem.

Ele cumprimenta minha mãe.

— Sra. Adams, muito prazer em conhecê-la.

Como ele sabe o nome dela? Ele lhe dá aquele sorriso irresistível com a marca registrada Christian Grey. Ela não tem defesa. O queixo de minha mãe praticamente bate na mesa. *Por favor, controle-se, mãe.* Ela pega a mão que ele estende, e os dois

se cumprimentam. Minha mãe não responde. Ah, emudecer completamente é uma característica genética — eu não tinha ideia.

— Christian — ela consegue dizer afinal, ofegante.

Ele lhe sorri com cumplicidade, os olhos faiscando. Estreito os olhos para os dois.

— O que está fazendo aqui?

Minha pergunta soa mais crispada do que eu pretendia, e seu sorriso é substituído por uma expressão cautelosa. Estou elétrica mas também completamente confusa com a presença dele, a ponto de explodir de raiva da Mrs. Robinson. Não sei se quero gritar com ele ou me atirar em seus braços — mas acho que ele não iria gostar nem de uma coisa nem de outra — e quero saber por quanto tempo ele ficou nos observando. Também estou meio aflita com o e-mail que acabei de lhe enviar.

— Vim para ver você, claro. — Ele me olha impassível. *Ah, o que ele está pensando?* — Estou hospedado neste hotel.

— Está hospedado aqui? — Falo como uma caloura sob o efeito de anfetaminas, num tom muito estridente até para os meus ouvidos.

— Bem, ontem você disse que queria que eu estivesse aqui. — Ele faz uma pausa, tentando avaliar minha reação. — Nosso objetivo é satisfazer, Srta. Steele. — A voz dele é calma, sem vestígio de humor.

Merda — ele está zangado? Será que foram os comentários sobre a Mrs. Robinson? Ou o fato de eu estar no terceiro, prestes a ir para o quarto, Cosmopolitan? Minha mãe está olhando aflita para nós dois.

— Não quer beber alguma coisa conosco, Christian?

Ela acena para o garçom, que está a seu lado em uma fração de segundo.

— Vou tomar um gim tônica — diz Christian. — Hendricks, se tiver, ou Bombay Sapphire. Pepino com o Hendricks, limão com o Bombay.

Caramba... só Christian poderia gastar tanta energia para pedir uma bebida.

— E mais dois Cosmopolitans, por favor — acrescento, olhando aflita para ele. Estou bebendo com minha mãe, ele não pode ficar

zangado por causa disso.

— Puxe uma cadeira, Christian.

— Obrigado, Sra. Adams.

Christian puxa uma cadeira próxima e se senta com elegância a meu lado.

— Então coincidiu de você estar hospedado no hotel onde viemos tomar um drinque? — pergunto, fazendo um grande esforço para manter um tom de voz leve.

— Ou coincidiu de vocês terem vindo tomar um drinque no hotel em que estou hospedado — responde Christian. — Eu tinha acabado de jantar, entrei aqui e vi vocês. Estava distraído, pensando no seu último e-mail, de repente olho e vejo você. Uma coincidência e tanto, não é?

Ele inclina a cabeça, e vejo um esboço de sorriso. *Graças a Deus* — talvez a gente consiga salvar a noite, afinal de contas.

— Minha mãe e eu saímos para fazer compras de manhã e fomos à praia à tarde. À noite, decidimos vir tomar um drinque — murmuro, sentindo que lhe devo algum tipo de explicação.

— Você comprou esta blusa? — Ele aponta para minha blusa de alcinha de seda verde nova. — Você fica bem com essa cor. E pegou sol. Está linda.

Coro, sem palavras diante do elogio.

— Bem, eu ia lhe fazer uma visita amanhã. Mas cá está você.

Ele pega minha mão e a aperta com delicadeza, passando o polegar para lá e para cá nos nós dos meus dedos... e sinto aquela tensão familiar. A eletricidade correndo embaixo da minha pele sob a pressão suave de seu polegar, passando para minha corrente sanguínea e palpitando no meu corpo todo, me deixando em fogo. Eu já não o vejo há mais de dois dias. *Nossa...* eu o quero. Fico sem ar. Pisco para ele, sorrindo timidamente, e vejo um sorriso brincar em seus lábios.

— Achei que fosse surpreendê-la. Mas, como sempre, Anastasia, você me surpreende estando aqui.

Olho rapidamente para mamãe, que está contemplando Christian... sim! contemplando! *Pare com isso, mãe.* Como se ele fosse uma criatura exótica, nunca vista antes. Quer dizer, sei que eu nunca tive namorado, e Christian só pode ser classificado como tal

para facilitar a referência, mas será que é tão incrível o fato de eu ter podido atrair um homem? *Este homem? Sim, francamente! Olhe para ele!*, diz meu inconsciente. Ah, cale a boca! Quem convidou você para essa festa? Olho carrancuda para minha mãe, mas ela parece não notar.

— Não quero interromper os momentos que você tem com sua mãe. Vou tomar um drinque rápido e me retirar. Tenho que trabalhar — declara ele todo formal.

— Christian, adorei conhecê-lo — interrompe mamãe, afinal conseguindo falar. — Ana fala de você com muito carinho.

Ele sorri para ela.

— É mesmo?

Ergue uma sobrancelha para mim, achando graça, e cora de novo.

O garçom chega com nossas bebidas.

— Hendricks, senhor — anuncia com um floreio triunfante.

— Obrigado — agradece Christian.

Bebo nervosamente meu Cosmopolitan.

— Quanto tempo vai ficar na Geórgia, Christian? — pergunta mamãe.

— Até sexta-feira, Sra. Adams.

— Quer jantar conosco amanhã? E me chame de Carla, por favor.

— Seria um prazer, Carla.

— Ótimo. Se vocês me dão licença, preciso ir ao toalete.

Mãe... você acabou de ir. Olho desesperada para ela enquanto ela se levanta e sai, deixando-nos a sós.

— Então, você está zangada comigo porque jantei com uma velha amiga.

Christian volta seu olhar ardente e desconfiado para mim, leva minha mão aos lábios e beija com ternura todos os nós dos meus dedos.

Putz, ele quer fazer isso agora?

— Estou — murmuro, e o sangue corre quente em minhas veias.

— Nosso caso terminou há muito tempo, Anastasia — murmura ele. — Não quero ninguém a não ser você. Ainda não entendeu isso?

Pisco para ele.

— Penso nela como uma molestadora de crianças, Christian.

Prendo a respiração, esperando a reação dele.

Christian fica lívido.

— Essa ideia é muito sentenciosa. Não foi assim — murmura, chocado, e solta minha mão.

Sentenciosa?

— Ah, então como foi? — pergunto.

Os Cosmopolitans estão me tornando corajosa.

Ele me olha espantado. Continuo.

— Ela se aproveitou de um garoto vulnerável de quinze anos. Se você fosse uma garota de quinze anos e a Mrs. Robinson fosse um homem, aliciando você para um estilo de vida BDSM, isso seria correto? Se fosse com a Mia, por exemplo?

Ele arqueja e me olha sério.

— Ana, não foi assim.

Olho furiosa para ele.

— Tudo bem, para mim, não dava impressão de ser assim — prossegue ele calmamente. — Ela era uma força do bem. Aquilo de que eu precisava.

— Não entendo.

É a minha vez de fazer cara de espanto.

— Anastasia, sua mãe já vai voltar. Não me sinto bem de falar nisso com você agora. Depois, talvez. Se não me quiser, eu tenho um avião à minha espera em Hilton Head. Posso ir embora.

Ele está zangado comigo... não.

— Não, não vá. Por favor. Estou muito feliz por você estar aqui. Só estou tentando fazer com que entenda. Estou zangada porque, assim que viajei, você foi jantar com ela. Pense em como você fica quando eu chego perto do José. José é um grande amigo. Nunca tive um caso com ele. Ao passo que você e ela...

Deixo a frase no ar, sem querer levar a ideia adiante.

— Está com ciúmes? — Ele me olha, perplexo, e seu olhar fica ligeiramente mais suave, afetuoso.

— Estou, e com raiva do que ela fez com você.

— Anastasia, ela me ajudou. É só o que vou dizer sobre isso. E, quanto ao seu ciúme, ponha-se no meu lugar. Eu não tive que

justificar meus atos para ninguém nos últimos sete anos. Ninguém. Faço o que quero, Anastasia. Gosto da minha autonomia. Não saí com a Mrs. Robinson para irritar você. Saí porque jantamos juntos de vez em quando. Ela é minha amiga e minha sócia.

Sócia? Merda. Isso é novidade.

Ele me olha, avaliando minha expressão.

— Sim, somos sócios. Nosso caso já terminou. Há muitos anos.

— Por que o caso de vocês terminou?

Ele contrai a boca, com os olhos brilhando.

— O marido dela descobriu.

Putá merda!

— Será que a gente pode falar sobre isso outra hora, num local mais reservado? — murmura ele.

— Acho que você nunca vai conseguir me convencer de que ela não é uma espécie de pedófila.

— Eu não penso nela assim. Nunca pensei. Agora chega! — corta ele.

— Você a amava?

— Como vocês vão indo?

Minha mãe voltou, sem que nós reparássemos.

Dou um sorriso forçado enquanto Christian e eu nos endireitamos depressa, numa atitude culpada. Ela olha para mim.

— Bem, mãe.

Christian toma seu gim, observando-me com atenção, a expressão cautelosa. O que está pensando? Será que a amou? Acho que, se amou, vou perder feio.

— Bem, senhoras, vou deixar vocês.

Não... não... ele não pode me deixar no ar assim.

— Por favor, ponham essas bebidas na minha conta, quarto 612. Eu telefono pela manhã, Anastasia. Até amanhã, Carla.

— Ah, é muito bom ouvir alguém chamar a gente pelo nome.

— Belo nome para uma bela mulher — murmura Christian, apertando a mão que ela estende, e ela realmente dá um sorriso sem graça.

Ah, mãe... Até tu, Brutus? Levanto-me, olhando para ele, implorando para que responda à minha pergunta, e ele me dá um beijo casto no rosto.

— Até mais, baby — sussurra em meu ouvido, e sai.

Maldito filho da mãe maníaco por controle. Minha raiva volta com força total. Deixo-me cair na cadeira e me viro para minha mãe.

— Bem, estou de quatro, Ana. Ele é um bom partido. Não sei o que está havendo entre vocês. Acho que precisam conversar. Ufa, que tensão sexual não resolvida aqui. É insuportável.

Ela se abana de um modo teatral.

— MÃE!

— Vá falar com ele.

— Não posso. Vim aqui para ver você.

— Ana, você veio aqui porque estava confusa por causa desse rapaz. É óbvio que vocês são loucos um pelo outro. Você precisa falar com ele. Ele acabou de fazer uma viagem de avião de cinco mil quilômetros para ver você, pelo amor de Deus. E você sabe como é horrível viajar de avião.

Enrubesco. Ainda não lhe contei sobre o avião particular dele.

— O quê? — pergunta ela.

— Ele tem um avião particular — murmuro, encabulada. — E são só quatro mil quilômetros, mãe.

Por que estou encabulada? Ela faz uma cara espantada.

— Nossa — murmura. — Ana, está acontecendo alguma coisa entre vocês dois. Ando tentando sondar isso desde que você chegou aqui. Mas o único jeito de você resolver o problema, seja ele qual for, é discuti-lo com Christian. Pode pensar à vontade, mas só vai chegar a algum lugar depois que realmente conversar.

Franzo as sobrancelhas para minha mãe.

— Ana, querida, você sempre teve propensão a analisar demais tudo. Siga seu instinto. O que acha disso tudo, querida?

Baixo os olhos.

— Acho que estou apaixonada por ele — murmuro.

— Eu sei, querida. E ele por você.

— Não!

— Sim, Ana. Do que mais você precisa? Um letreiro luminoso piscando na testa dele?

Olho boquiaberta para ela e lágrimas me ardem nos cantos dos olhos.

— Ana, querida. Não chore.

— Não acho que ele goste de mim.

— Por mais rica que a pessoa seja, ela não larga tudo e embarca num avião particular para atravessar um país inteiro só para o chá da tarde. Vá até ele! Este lugar é lindo, muito romântico. É também território neutro.

Fico sem jeito sob o olhar dela. Quero e não quero ir.

— Querida, não sinta que tem que voltar comigo. Quero você feliz, e, no momento, acho que a chave para a sua felicidade está lá em cima no quarto 612. Se precisar ir para casa depois, a chave está embaixo do vaso de planta na entrada. Se ficar, bem... você já é adulta. Só pense na sua segurança.

Fico vermelha como um pimentão. *Putz, mãe.*

— Vamos primeiro acabar nossos Cosmopolitans.

— É assim que eu gosto, Ana.

Ela sorri.

* * *

BATO TIMIDAMENTE NO quarto 612 e aguardo. Christian abre a porta. Está no celular. Pisca para mim espantadíssimo e me faz sinal para entrar no quarto.

— Todas as indenizações concluídas?... E o custo?... — Christian assobia entre dentes. — Xiii... esse foi um erro caro... E o Lucas?...

Passo os olhos pelo quarto. Ele está numa suíte, como a do Heathman. Os móveis aqui são ultramodernos. Tudo em tons apagados de roxo-escuro e dourado, com resplendores de bronze nas paredes. Christian vai até um módulo de madeira escura e abre a porta, revelando uma pequena geladeira. Faz sinal para que eu me sirva, depois entra no quarto. Presumo que seja para eu não poder mais ouvir a conversa. Dou de ombros. Ele não interrompeu a ligação quando entrei em seu escritório daquela vez. Ouço água correndo... ele está enchendo uma banheira. Sirvo-me de suco de laranja. Ele volta para o quarto.

— Mande Andrea me enviar o esquema. Barney disse que tinha resolvido o problema... — Christian ri. — Não, sexta-feira... Tem um terreno aqui que me interessa... É, mande o Bill ligar... Não,

amanhã... quero ver o que a Geórgia vai oferecer se viermos para cá. — Christian não tira os olhos de mim.

Ele me entrega um copo e aponta para um balde de gelo.

— Se os incentivos deles forem suficientemente atraentes... acho que devíamos considerar, embora eu não tenha certeza quanto ao maldito calor daqui... Concordo, Detroit tem suas vantagens, também, e é mais fresco...

Ele franze o cenho por um instante. *Por quê?*

— Mande o Bill ligar. Amanhã... não muito cedo.

Ele desliga e fica me olhando com uma expressão misteriosa, e o silêncio se estende entre nós.

Tudo bem... minha vez de falar.

— Você não respondeu à minha pergunta — murmuro.

— Não — diz ele calmamente, com uma expressão cautelosa, olhos arregalados.

— Não, você não respondeu à minha pergunta, ou não, você não a amava?

Ele cruza os braços e se encosta na parede, esboçando um sorriso.

— O que está fazendo aqui, Anastasia?

— Acabei de dizer.

Ele respira fundo.

— Não. Eu não a amava.

Ele olha intrigado para mim, mas achando graça.

Não posso acreditar que eu esteja prendendo a respiração. Ao soltá-la, relaxo, aliviada. *Bem, graças a Deus.* Como eu me sentiria se ele realmente amasse a bruxa?

— Você é uma deusa sexy, Anastasia. Quem diria?

— Está debochando de mim, Sr. Grey?

— Eu não me atreveria.

Ele balança a cabeça solenemente, mas tem um brilho malicioso no olhar.

— Ah, acho que se atreveria, e acho que se atreve, quase sempre.

Ele dá uma risadinha quando lhe devolvo as palavras que ele já me disse antes. Seu olhar muda.

— Por favor, pare de morder o lábio. Você está no meu quarto, não estamos juntos há quase três dias e vim de longe para encontrá-la.

Agora ele fala num tom doce, sensual. Seu BlackBerry toca, distraíndo-nos, e ele o desliga sem olhar para ver quem é. Fico sem ar. Sei aonde isso vai dar... *mas devíamos conversar*. Ele dá um passo na minha direção, com aquele olhar predador sensual.

— Eu quero você, Anastasia. Agora. E você me quer. Por isso está aqui.

— Eu realmente queria saber — sussurro como uma defesa.

— Bem, agora que sabe, você vem ou não?

Coro quando ele para na minha frente.

— Vou — murmuro, olhando aflita para ele.

— Ah, espero que sim. — Ele me olha. — Você ficou muito zangada comigo — sussurra.

— Sim.

— Não me lembro de ninguém já ter ficado zangado comigo a não ser meus familiares. Gosto disso.

Ele afaga meu rosto com a ponta dos dedos. *Nossa*, a proximidade dele, aquele seu cheiro delicioso. Devíamos estar conversando, mas estou com o coração palpitando, o sangue martelando nas veias, o desejo aumentando, desabrochando... em toda parte. Christian se abaixa e passa o nariz em meu ombro, subindo até a base da minha orelha, os dedos deslizando pelo meu cabelo.

— A gente devia conversar — murmuro.

— Depois.

— Tem muita coisa que eu quero falar.

— Eu também.

Ele me dá um beijo delicado no lóbulo da orelha e segura meu cabelo. Puxando minha cabeça para trás, expõe meu pescoço aos seus lábios. Seus dedos roçam meu queixo, e ele beija meu pescoço.

— Quero você — murmura.

Gemo e seguro seus braços.

— Você está menstruada?

Ele continua me beijando.

Putá merda.

Será que nada lhe escapa?

— Estou — sussurro, encabulada.

— Tem cólicas?

— Não.

Coro. *Putz...*

Ele para e olha para mim.

— Tomou a pílula?

— Sim.

Que situação vexaminosa!

— Vamos tomar um banho.

Ah?

Ele pega minha mão e me conduz para o quarto. O quarto é dominado por uma enorme cama king size com drapeados elaborados. Mas não paramos ali. Ele me leva para o banheiro, que tem dois ambientes, todos em tons de água-marinha e mármore branco. É enorme. No segundo, uma banheira rebaixada no piso com acesso por degraus de mármore e espaço suficiente para quatro tomarem banho está se enchendo devagar. O vapor sobe delicadamente acima da espuma, e vejo um banco de pedra que corre em volta da banheira toda. Há velas acesas ao lado. Nossa... ele fez tudo isso enquanto estava ao telefone.

— Você tem um prendedor de cabelo?

Pisco para ele, enfio a mão no bolso da calça e puxo um elástico de cabelo.

— Prenda o cabelo no alto — ordena ele docemente.

Obedeço.

Está quente e abafado ao lado da banheira, e minha blusa começa a colar no corpo. Ele se inclina, fecha a torneira, me leva de volta ao primeiro ambiente do banheiro e para atrás de mim, nós dois de frente para a parede de espelho acima das duas pias de vidro.

— Tire as sandálias — murmura, e obedeco depressa, largando-as no chão de pedra.

— Levante os braços — sussurra.

Faço o que ele manda, e ele tira minha blusa pela cabeça, deixando-me com os seios nus na frente dele. Sem tirar os olhos

dos meus, ele se vira e desabotoa minha calça e abre o zíper.

— Vou comer você no banheiro, Anastasia.

Abaixando-se, ele beija meu pescoço. Inclino a cabeça de lado para lhe facilitar o acesso. Ele engancha os polegares na minha calça e a desce devagarinho pelas minhas pernas, abaixando-se atrás de mim ao puxá-la junto com a calcinha até o chão.

— Tire a calça.

Seguro na beirada da pia, e faço isso. Agora estou nua, me olhando, e ele está ajoelhado atrás de mim. Ele beija, e depois morde delicadamente minha bunda, fazendo-me arquejar. Esforço-me para ficar parada, ignorando minha tendência natural para me cobrir. Ele estende a mão sobre minha barriga, seu palmo indo quase de um quadril ao outro.

— Olha só. Você é muito bonita — murmura. — Veja como fica. — Ele segura minhas duas mãos, encostando as palmas das suas no dorso das minhas, os dedos entre os meus, que, então, ficam abertos. Coloca minhas mãos na minha barriga. — Sinta como sua pele é macia. — Sua voz é doce e grave. Ele faz movimentos circulares com minhas mãos, depois sobe com elas para meus seios. — Sinta a fartura dos seus seios.

Ele faz minhas mãos envolverem meus seios. Fica esfregando delicadamente meus mamilos com os polegares.

Gemo com os lábios entreabertos e empino o corpo, de modo que meus seios encham minhas mãos. Ele aperta meus mamilos entre nossos polegares, puxando-os delicadamente e esticando-os mais. Olho fascinada para a criatura sensual se contorcendo na minha frente. *Ah, isso é gostoso.* Gemo fechando os olhos, já sem querer ver aquela mulher libidinosa no espelho desmontando sob suas próprias mãos... as mãos dele... sentindo minha pele como ele sentiria, experimentando quão excitante isso é — só o toque e seus comandos calmos e doces.

— Isso mesmo, baby — murmura ele.

Ele guia minha mão pelos meus flancos, descendo da cintura para os quadris e chegando a meus pelos pubianos. Desliza a perna entre as minhas, deixando-as mais abertas, e passa minhas mãos no meu sexo, uma de cada vez, estabelecendo um ritmo. É muito erótico. Sou mesmo uma marionete e ele é o titereiro.

— Como você está quente, Anastasia — murmura ele ao beijar e morder meu ombro. Gemo. De repente, ele me solta.

— Continue — ordena, e se afasta para me observar.

Eu me acaricio. *Não*. Quero que ele faça isso. A sensação não é igual. Estou perdida sem ele. Ele despe a camisa pela cabeça e rapidamente tira a calça.

— Prefere que eu faça isso?

O olhar dele queima o meu no espelho.

— Sim... por favor — sussurro.

Ele me envolve de novo nos braços e torna a pegar minhas mãos, continuando com as carícias sensuais no meu sexo, no meu clitóris. Os pelos do seu peito roçam em mim, seu pênis ereto cola em mim. *Ah, depressa... por favor*. Ele morde minha nuca, e fecho os olhos, curtindo a miríade de sensações: meu pescoço, minha virilha... a pele dele atrás de mim. Ele para bruscamente, me vira, e, com uma das mãos, me segura pelos pulsos e prende minhas mãos nas costas, enquanto, com a outra, puxa meu rabo de cavalo. Estou encostada nele, e ele me beija furiosamente, arrasando minha boca com a sua. Fico imobilizada.

Sua respiração está ofegante, no mesmo ritmo da minha.

— Quando começou sua menstruação, Anastasia? — pergunta ele de repente, olhando para mim.

— Hã... ontem — resmungo em meu alto estado de excitação.

— Ótimo.

Ele me solta e me vira.

— Segure-se na pia — ordena, e arrasta meus quadris para trás de novo, como fez no quarto de jogos, e eu fico dobrada.

Ele põe a mão entre minhas pernas e puxa o fio azul — *o quê?! — e delicadamente tira meu absorvente interno e o joga na privada ali ao lado. Puta que pariu*. Nossa mãe... Putz. E aí, ele está dentro de mim... ah! Pele contra pele... mexendo devagarinho... me testando, me pressionando... *puxa vida*. Seguro-me na pia, arfando, pressionando meu corpo no dele, sentindo-o dentro de mim. Ah, a doce agonia... suas mãos agarram meus quadris. Ele entra num ritmo punitivo — indo e vindo, e passa o braço para a frente, acha meu clitóris e me massageia... ah, nossa. Sinto os primeiros espasmos.

— Isso mesmo, baby — diz ele me penetrando, inclinando os quadris, e isso é suficiente para me levar às alturas.

Ai... e eu gozo, alto, agarrada com todas as forças à pia enquanto caio na vertigem do orgasmo, tudo girando e se contraindo ao mesmo tempo. Ele acompanha, me segurando com força, de costas para mim, ao chegar ao clímax e dizer meu nome como se fosse uma ladainha ou uma oração.

— *Ah, Ana!* Sua respiração está ofegante em meu ouvido, em perfeita sintonia com a minha. — Ah, será que algum dia vou me fartar de você? — murmura.

Nos deixamos cair devagarinho no chão, e ele me envolve nos braços, me aprisionando. Será que vai ser sempre assim? Uma coisa tão acachapante, tão devoradora, tão desconcertante e sedutora. Eu queria falar, mas agora estou esgotada e atordoada com o jeito dele de fazer amor e me perguntando se algum dia *eu* vou me fartar *dele*.

Estou encolhida em seu colo, a cabeça encostada em seu peito, enquanto nos acalmamos. Muito sutilmente, aspiro aquele seu cheiro doce e embriagador. *Não posso esfregar o nariz. Não posso esfregar o nariz.* Repito mentalmente o mantra — embora esteja muito tentada a fazer isso. Estamos calados, perdidos em nossos pensamentos. Estou perdida nele... perdida para ele.

Lembro que estou menstruada.

— Estou menstruada — murmuro.

— Isso não me incomoda — responde ele.

— Eu reparei.

Não consigo dissipar a secura da minha voz.

Ele se retesa.

— Você se incomoda? — pergunta com doçura.

Será que me incomoda? Talvez devesse me incomodar... será? Não, não incomoda. Olho para ele, e ele olha para mim, os olhos de um cinza doce e nebuloso.

— Não, de modo algum.

Ele dá um sorriso sem vontade.

— Bom. Vamos tomar banho.

Ele se desenrosca de mim, colocando-me no chão ao se levantar. Aí, vejo de novo as pequenas cicatrizes brancas

redondinhas em seu peito. Não são de catapora, reflito distraidamente. Grace disse que ele quase não foi afetado. *Putá merda...* devem ser queimaduras. Queimaduras de quê? Fico lívida ao me dar conta, chocada e repugnada. De cigarro? Provocadas pela Mrs. Robinson, por sua mãe biológica, por quem? Talvez haja uma explicação plausível, e eu esteja exagerando — uma esperança brota espontaneamente em meu peito, esperança de estar errada.

— O que é?

Christian está com uma cara alarmada.

— Suas cicatrizes — sussurro. — Não são de catapora.

Observo-o fechar-se numa fração de segundo, passando da atitude relaxada e à vontade para a defensiva — até zangada. Ele amarra a cara, a boca contraída.

— Não, não são — diz secamente, mas não dá mais explicações.

Levanta-se, estende a mão para mim, e me ajuda a levantar.

— Não me olhe assim. — Sua voz está mais fria e severa quando ele larga minha mão.

Coro, os olhos baixos, e compreendo que alguém apagou cigarros em Christian. Fico enjoada.

— Ela fez isso? — murmuro antes de conseguir me conter.

Como ele fica quieto, sou obrigada a olhar para ele. Está me fuzilando com os olhos.

— Ela? A Mrs. Robinson? Ela não é um bicho, Anastasia. Claro que não fez. Não entendo por que você tem que demonizá-la.

Ele está ali parado, gloriosamente nu, com meu sangue no corpo... e finalmente estamos tendo essa conversa. E eu também estou nua — nenhum de nós tem onde se esconder, a não ser, talvez, dentro da banheira. Respiro fundo, passo por ele, e entro na água. Está uma delícia, morna, calmante. Dissolvo-me na espuma perfumada e olho para ele, escondendo-me entre as bolhas.

— Fico só me perguntando como você seria se não a tivesse conhecido. Se ela não tivesse apresentado você ao seu... hã, estilo de vida.

Ele suspira, e entra na banheira de frente para mim, a mandíbula cerrada, os olhos gelados. Ao afundar o corpo na água, ele tem o

cuidado de não encostar em mim. *Droga, será que o deixei tão zangado assim?*

Ele me olha impassível, a expressão misteriosa, sem dizer nada. Mais uma vez o silêncio se estende entre nós, mas guardo minha opinião. É sua vez, Grey — não estou cedendo agora. Meu inconsciente está nervoso, roendo as unhas aflito — isso poderia ir para um lado ou para o outro. Christian e eu nos olhamos, mas não recuo. Afinal, depois do que parece um milênio, ele balança a cabeça e dá um sorriso.

— Eu provavelmente teria ido pelo mesmo caminho da minha mãe biológica se não fosse a Mrs. Robinson.

Ah! Pisco para ele. Viciado em crack ou garoto de programa? Possivelmente as duas coisas.

— Ela me amou de um jeito que achei... aceitável — acrescenta encolhendo os ombros.

Que diabo isso quer dizer?

— Aceitável? — sussurro.

— Sim. — Ele me olha com atenção. — Ela me desviou do caminho destrutivo que eu estava seguindo. É muito difícil crescer numa família perfeita quando você não é perfeito.

Ah, não. Fico com a boca seca ao digerir as palavras dele. Ele me olha, a expressão insondável. Não vai me contar mais nada. Que frustração. Por dentro, estou atordoada — ele parece tão repugnado. E a Mrs. Robinson o amava. *Putá merda...* será que ainda ama? Tenho a sensação de ter levado um soco na boca do estômago.

— Ela ainda ama você?

— Acho que não, não desse jeito. — Ele franze a testa como se não tivesse cogitado essa ideia. — Continuo dizendo que isso foi há muito tempo. Já é passado. Eu não poderia mudar o que aconteceu nem se quisesse, e não quero. Ela me salvou de mim mesmo. — Ele está exasperado e passa a mão molhada pelo cabelo. — Eu nunca discuti isso com ninguém. — Faz uma pausa. — A não ser o Dr. Flynn, claro. E é só por causa dele que estou tocando nesse assunto com você agora, porque quero que você confie em mim.

— Eu confio em você, mas quero, sim, conhecê-lo melhor, e sempre que tento conversar, você me desvia. Tem muita coisa que

quero saber.

— Ah, pelo amor de Deus, Anastasia. O que você quer saber? O que tenho que fazer?

Os olhos dele estão inflamados, e embora ele não levante a voz, sei que está tentando se conter.

Olho para as minhas mãos visíveis embaixo da água; as bolhas já começaram a se dispersar.

— Só estou tentando entender. Você é um enigma. Diferente de qualquer pessoa que já conheci. Ainda bem que está me contando o que eu quero saber.

Putz — talvez sejam os Cosmopolitans me dando coragem, mas, de repente, não consigo suportar a distância entre nós. Vou para o lado dele na banheira, me encosto nele, pele com pele. Ele se contrai e me olha desconfiado, como se eu pudesse morder. *Bem, isso é uma reviravolta.* Minha deusa interior lhe lança um olhar admirado e curioso.

— Por favor, não fique zangado comigo — murmuro.

— Não estou zangado com você, Anastasia. Só não estou acostumado com esse tipo de conversa, esse interrogatório. Só falo disso com o Dr. Flynn e com...

Ele para e franze o cenho.

— Com ela. Mrs. Robinson. Você conversa com ela? — provoco, tentando me conter.

— Sim.

— Sobre o quê?

Ele fica de frente para mim na banheira, fazendo a água transbordar ao mudar de posição. Passa o braço em volta de mim, descansando na borda da banheira.

— Persistente, não é? — murmura ele, um vestígio de irritação na voz. — A vida, o universo, negócios. Anastasia, a Mrs. R. e eu nos conhecemos há muito tempo. Podemos discutir qualquer coisa.

— A meu respeito? — murmuro.

— Sim.

Olhos cinzentos me observam com atenção.

Mordo o lábio inferior, tentando controlar a súbita onda de raiva que vem à tona.

— Por que você fala de mim? — Faço força para não soar magoada e petulante, mas não consigo. Sei que devia parar. Estou pressionando-o demais. Meu inconsciente está de novo com aquela cara de *O Grito* de Munch.

— Eu nunca conheci ninguém como você, Anastasia.

— O que significa isso? Alguém que não assinou sua papelada sem fazer perguntas?

Ele balança a cabeça.

— Preciso de conselhos.

— E você se aconselha com a Sra. Pedófila? — pergunto.

O poder sobre meu mau humor é mais vacilante do que eu pensava.

— Anastasia, chega — corta ele num tom severo, apertando os olhos.

Estou patinando em gelo fino, e rumando para o perigo.

— Ou vou lhe dar umas palmadas. Não tenho nenhum interesse sexual ou romântico por ela. Ela é uma grande amiga que prezo muito e minha sócia. Só isso. Temos um passado, uma história em comum, que foi enormemente proveitosa para mim, embora tenha fodido com o casamento dela, mas esse lado da nossa relação acabou.

Nossa, outra parte que eu simplesmente não consigo entender. Ela também era casada. Como eles conseguiram passar tanto tempo impunes?

— E seus pais nunca descobriram?

— Não — resmunga ele —, eu já disse.

E sei que o assunto está encerrado. Não posso lhe perguntar mais nada sobre ela porque ele vai perder a cabeça comigo.

— Terminou? — pergunta secamente.

— Por enquanto.

Ele respira fundo e relaxa visivelmente na minha frente, como se tivessem lhe tirado um peso enorme dos ombros.

— Certo, minha vez — murmura, ficando com um olhar duro, curioso. — Você não respondeu ao meu e-mail.

Coro. Ah, odeio o foco das atenções em mim, e parece que ele vai ficar zangado todas as vezes que discutirmos. Balanço a cabeça. Talvez seja assim que ele se sinta em relação às minhas

perguntas. Não está acostumado a ser desafiado. A ideia reveladora me distrai e me irrita.

— Eu ia responder. Mas agora você está aqui.

— Preferia que eu não estivesse? — sussurra ele, a expressão de novo impassível.

— Não, estou contente — murmuro.

— Ótimo. — Ele dá um suspiro sincero de alívio. — Estou contente de estar aqui, também, apesar do seu interrogatório. Então, embora seja aceitável me encher de perguntas, acha que pode reivindicar um tipo de imunidade diplomática só porque eu vim até aqui para ver você? Não caio nessa, Srta. Steele. Quero saber como se sente.

Ah, não...

— Já disse. Estou contente por você estar aqui. Obrigada por ter vindo — digo debilmente.

— Não há de quê.

Seus olhos brilham quando ele se abaixa e me beija com delicadeza. Sinto-me reagir na mesma hora. A água ainda está quente, o banheiro, enfumaçado. Ele para e recua, olhando-me.

— Não. Acho que quero algumas respostas antes de fazermos algo mais.

Mais? De novo essa palavra. E ele quer respostas... respostas a quê? Não tenho um passado secreto, não tenho uma infância angustiante. O que ele poderia querer saber sobre mim que já não saiba?

Suspiro, resignada.

— O que quer saber?

— Bem, como você se sente em relação ao nosso pretenso acordo, para começar.

Pisco para ele. Hora de verdade ou consequência — meu inconsciente e minha deusa interior se entreolham nervosamente.

Diabo, vamos pela verdade.

— Acho que não consigo fazer isso por um período de tempo muito longo. Um fim de semana inteiro fingindo ser uma pessoa que eu não sou.

Coro e abaixo os olhos.

Ele levanta meu queixo e está rindo para mim, achando graça.

— Não, também acho que não consegue.

E uma parte de mim se sente ligeiramente afrontada e desafiada.

— Está debochando de mim?

— Sim, mas de uma forma positiva — diz com um sorrisinho.

Ele se inclina e me dá um beijinho rápido.

— Você não é uma grande submissa — sussurra ao segurar meu queixo, o olhar bem-humorado.

Olho para ele, chocada, depois caio na gargalhada, e ele me acompanha.

— Talvez eu não tenha tido um bom professor.

Ele bufa.

— Talvez. Vai ver que eu devo ser mais rígido com você.

Ele inclina a cabeça de lado e me dá um sorriso artificial.

Engulo em seco. Putz, não. Mas ao mesmo tempo, meus músculos se contraem deliciosamente lá dentro de mim. Esta é sua maneira de mostrar que ele dá importância. Talvez a única maneira de ele poder mostrar que dá importância — percebo isso. Ele está me olhando, avaliando minha reação.

— Foi tão ruim quando bati em você da primeira vez?

Olho para ele, piscando. *Foi tão ruim?* Lembro-me de ter ficado confusa com minha reação. Pensando bem, doeu, mas não muito. Ele já disse várias vezes que isso é mais psicológico. E da segunda vez... Bem, foi gostoso... sexy.

— Não, não muito — sussurro.

— É mais a ideia da coisa — provoca ele.

— Acho que sim. Sentir prazer, quando supõe que não é para sentir.

— Lembro de ter a mesma sensação. Leva um tempo para entendermos isso.

Puxa vida. Isso foi quando ele era garoto.

— Você sempre pode usar a palavra de segurança, Anastasia. Não se esqueça disso. E, desde que siga as regras, que suprem uma profunda necessidade que tenho de controle e de preservá-la, talvez a gente consiga achar um caminho.

— Por que precisa me controlar?

— Porque isso satisfaz uma necessidade minha que não foi satisfeita em meus anos de formação.

— Então é uma forma de terapia?

— Nunca pensei nisso dessa maneira, mas sim, acho que sim.

Isso eu posso entender. Isso vai ajudar.

— Mas tem aquilo. Você diz “não me desafie”, e, no minuto seguinte, diz que gosta de ser desafiado. É muito complicado.

Ele me olha um instante, depois franze a testa.

— Eu enxergo isso. Mas parece que você está se dando bem até agora.

— Mas a que preço? Estou toda tensa.

— Gosto de você toda tensa.

Ele dá uma risadinha.

— Não foi isso que eu quis dizer!

Jogo água nele, exasperada.

Ele me olha, arqueando uma sobrancelha.

— Será que você acabou de jogar água em mim?

— Sim.

Putá merda... aquele olhar.

— Ah, Srta. Steele. — Ele me agarra e me puxa para seu colo, jogando água no chão todo. — Acho que já falei muito por ora.

Ele segura minha cabeça com as duas mãos e me beija. Profundamente. Possuindo minha boca. Controlando minha cabeça... me controlando. Gemo nos lábios dele. É disso que ele gosta. É nisso que ele é bom. Tudo se acende dentro de mim, e meus dedos estão no cabelo dele, prendendo-o a mim, e estou retribuindo o beijo dele e dizendo quero você, também, da única maneira que sei. Ele geme e me faz montar nele, ajoelhada, em seu pênis ereto. Ele recua e olha para mim, os olhos velados, brilhantes e lascivos. Quando vou segurar a borda da banheira, ele agarra meus dois pulsos e puxa minhas mãos para trás, prendendo-as com uma mão só.

— Vou comer você agora — sussurra, e me levanta, de modo que fico pairando acima dele. — Pronta?

— Sim — murmuro, e ele me move para se encaixar em mim, devagarinho, muito devagarinho... me preenchendo... me observando enquanto me possui.

Gemo e fecho os olhos, extasiada com aquela sensação intensa de preenchimento. Ele flexiona os quadris, e eu arquejo, inclinando-

me à frente, descansando a testa na dele.

— Por favor, solte minhas mãos — sussurro.

— Não me toque — implora ele, soltando meus pulsos e agarrando meus quadris.

Apoiada na borda da banheira, fico subindo e descendo lentamente, abrindo os olhos para vê-lo. Ele me observa, a boca aberta, a respiração ofegante, forçada — a língua entre os dentes. Ele parece muito... excitado. Estamos molhados e escorregadios indo e vindo colados um ao outro. Inclino-me e beijo-o. Ele fecha os olhos. Timidamente, levo as mãos à cabeça dele e corro os dedos pelo seu cabelo, sem descolar os lábios dos seus. Isso é permitido. Ele gosta. Eu gosto. E sincronizamos o nosso movimento. Puxo seu cabelo, inclinando sua cabeça para trás e beijando mais fundo, montando nele — mais depressa, aumentando o ritmo. Gemo, a boca colada à dele. Ele começa a me levantar mais depressa, mais depressa... me segurando pelos quadris. Retribuindo meu beijo. Somos bocas e línguas úmidas, cabelos emaranhados e quadris em vaivém. Pura sensação... pura sofreguidão de novo. Estou perto... estou começando a reconhecer essa tensão... esses espasmos deliciosos. E a água... está agitada em volta de nós, cheia de redemoinhos, nossa própria voracidade, um turbilhão acompanhando a velocidade cada vez mais frenética de nossos movimentos... espirrando para todo lado, espelhando o que está acontecendo dentro de mim... e não estou nem ligando.

Amo este homem. Amo a paixão dele, o efeito que provooco nele. Amo o fato de ele ter vindo de tão longe para me ver. Amo o fato de ele gostar de mim... ele gosta. É tão inesperado, tão gratificante. Ele é meu, e eu sou dele.

— Isso mesmo, baby — sussurra ele.

E eu gozo, o orgasmo me percorrendo num espasmo, um clímax turbulento e apaixonado que me devora inteira. E de repente Christian me amassa... num abraço apertado ao chegar ao auge.

— Ana! — grita, e é uma invocação selvagem que me comove e me toca no fundo da alma.

ESTAMOS DEITADOS NOS olhando, os olhos cinzentos colados nos azuis, cara a cara, na cama super king size, cada um abraçando seu travesseiro na testa. Nus. Sem nos tocarmos. Só olhando e admirando, cobertos com o lençol.

— Quer dormir? — pergunta Christian, a voz macia e solícita.

— Não, não estou cansada.

Sinto-me estranhamente energizada. Foi muito bom conversar — não quero parar.

— O que quer fazer? — pergunta ele.

— Conversar.

Ele sorri.

— Sobre o quê?

— Coisas.

— Que coisas?

— Você.

— O quê exatamente?

— Qual é seu filme preferido?

Ele ri.

— Hoje é *O Piano*.

O sorriso dele é contagioso.

— Claro. Sou boba. Uma trilha sonora tão triste e envolvente, que, sem dúvida, você aprendeu a tocar? Tem muitas conquistas, Sr. Grey.

— E a maior delas é você, Srta. Steele.

— Então sou a número dezessete.

Ele me olha intrigado, sem entender.

— Dezessete?

— O número de mulheres com quem você, hum... fez sexo.

Ele sorri com um olhar incrédulo.

— Não exatamente.

— Você disse quinze.

Minha confusão é óbvia.

— Eu estava me referindo ao número de mulheres no meu quarto de jogos. Achei que você estivesse se referindo a isso. Você não me perguntou com quantas mulheres eu já tinha feito sexo.

— Ah. — *Put a merda... tem mais... Mais quantas?* Olho para ele.
— Sexo baunilha?

— Não. Você é minha única conquista nessa modalidade.

Ele balança a cabeça sorrindo para mim.

Por que ele acha graça nisso? E por que estou rindo para ele também, feito uma idiota?

— Não posso estimar um número. Não fiz marcas na parede nem nada.

— De que estamos falando? Dezenas, centenas... milhares?

Vou arregalando os olhos conforme os números crescem.

— Dezenas. Estamos nas dezenas, pelo amor de Deus.

— Todas submissas?

— Sim.

— Pare de rir de mim — censuro-o em tom brando, tentando em vão manter o rosto impassível.

— Não consigo. Você é engraçada.

— Engraçada estranha ou engraçada rá-rá-rá?

— Um pouco dos dois, acho eu.

Suas palavras imitam as minhas.

— Isso é um atrevimento danado, partindo de você.

Ele se debruça e beija a ponta do meu nariz.

— Isso vai chocar você, Anastasia. Está pronta?

Balanço a cabeça, olhos arregalados, ainda com aquele sorriso idiota no rosto.

— Todas submissas em treinamento, quando eu estava treinando. Há lugares em Seattle e nos arredores da cidade onde se pode praticar. Aprender a fazer o que eu faço — diz ele.

O quê?

— Ah. — Pisco para ele.

— Sim. Já paguei para fazer sexo, Anastasia.

— Isso não é nenhum motivo de orgulho — murmuro ativa. — E tem razão... estou profundamente chocada. E irritada por não poder chocar você.

— Você usou minha cueca.

— Isso chocou você?

— Chocou.

Minha deusa interior dá um salto com vara sobre a barra de quatro metros e meio.

— Você foi sem calcinha conhecer meus pais.

— Isso chocou você?

— Chocou.

A barra sobe para quatro metros e noventa.

— Parece que só consigo chocar você no departamento de lingerie.

— Você me disse que era virgem. Esse foi o maior choque que já tive.

— Sim, a sua cara foi inesquecível — rio.

— Você deixou que eu lhe desse uma surra de chicote de montaria.

— Isso chocou você?

— Sim.

Sorrio.

— Bem, talvez eu deixe você fazer isso de novo.

— Ah, estou torcendo muito para isso, Srta. Steele. Este fim de semana?

— Tudo bem — concordo timidamente.

— Tudo bem?

— É. Vou voltar ao Quarto Vermelho da Dor.

— Você diz meu nome.

— Isso choca você?

— O fato de eu gostar me choca.

— Christian.

Ele ri.

— Quero fazer uma coisa amanhã.

Seus olhos brilham de empolgação.

— O quê?

— Uma surpresa. Para você.

A voz dele é grave e doce.

Ergo uma sobancelha e contenho um bocejo ao mesmo tempo.

— Eu a entedio, Srta. Steele? — pergunta ele com sarcasmo.

— Nunca.

Ele me dá um beijo meigo na boca.

— Durma — ordena, depois apaga a luz.

E, neste instante de calma enquanto fecho os olhos, exausta e saciada, penso que estou no olho da tempestade. E, apesar de tudo que ele disse e de tudo que não disse, acho que nunca fui tão feliz.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Christian está em pé numa jaula de barras de aço, com aquela calça jeans rasgada e macia, de peito nu e pés descalços, o que me dá água na boca, e está olhando para mim. Tem aquele sorriso insolente estampado em seu lindo rosto e seus olhos de um cinza líquido. Segura uma tigela de morangos nas mãos. Aproxima-se com elegância atlética até a frente da jaula, olhando-me atentamente. Segurando um morango carnudo e maduro, ele estende a mão através da grade.

— Coma — diz voluptuosamente.

Tento andar em direção a ele, mas estou amarrada, presa pelo pulso por uma força invisível que me segura. *Deixe eu ir.*

— Venha, coma — diz ele, com aquele delicioso sorriso torcido.

Puxo, puxo... *deixe eu ir!* Quero gritar e berrar, mas não sai som nenhum. Estou muda. Ele se estica mais um pouco, e o morango está encostado nos meus lábios.

— Coma, Anastasia. — Sua boca forma meu nome, demorando sensualmente em cada sílaba.

Abro a boca e mordo, a jaula desaparece e minhas mãos estão livres. Estico o braço para tocar nele, passo os dedos nos pelos de seu peito.

— Anastasia.

Não, gemo.

— Vamos lá, baby.

Não. Quero tocar em você.

— Acorde.

Não. Por favor. Abro os olhos a contragosto por uma fração de segundo. Estou na cama e alguém está esfregando o nariz na minha orelha.

— Acorde — sussurra ele, e o efeito de sua voz doce se espalha feito caramelo quente por minhas veias.

É Christian. Ainda está escuro, e as imagens dele em meu sonho persistem, desconcertantes e tentadoras em minha cabeça.

— Ah... não — gemo.

Quero voltar para seu peito, voltar para o sonho. Por que ele está me acordando? É noite alta, ou assim parece. *Putá merda*. Será que ele quer sexo — agora?

— Hora de levantar, baby. Vou acender a luz.

Ele fala baixo.

— Não — gemo.

— Quero acordar com você — diz ele, beijando meu rosto, as pálpebras, a ponta do nariz, a boca, e abro os olhos. A luz está acesa. — Bom dia, bela adormecida — murmura ele.

Gemo, e ele sorri.

— Você não é uma pessoa matinal — sussurra.

Ofuscada pela claridade, aperto os olhos e vejo Christian debruçado sobre mim, sorrindo. Achando graça. Achando graça em mim. Vestido! De preto.

— Pensei que você quisesse sexo — resmungo.

— Anastasia, sempre quero sexo com você. É reconfortante saber que você sente a mesma coisa — diz ele secamente.

Olho para ele enquanto os meus olhos se adaptam à claridade, mas ele ainda está com a expressão alegre... graças a Deus.

— Claro que quero, só não quando é tão tarde.

— Não é tarde, é cedo. Vamos, levante. Vamos sair. Vou aceitar um vale para o sexo.

— Eu estava tendo um sonho muito bom — choramingo.

— Sonhava com o quê? — pergunta com paciência.

— Com você — digo, corando.

— O que eu estava fazendo dessa vez?

— Tentando me dar morangos para comer.

Ele esboça um sorriso.

— O Dr. Flynn adoraria saber disso. Levante, vista-se. Não precisa tomar banho, podemos fazer isso depois.

Nós!

Sento-me na cama, e o lençol desce para minha cintura, revelando meu corpo. Ele se levanta para me dar espaço, os olhos sombrios.

— Que horas são?

— Cinco e meia da manhã.

— Parece três da madrugada.

— Não temos muito tempo. Deixe você dormir o máximo possível. Venha.

— Não posso tomar uma chuveirada?

Ele suspira.

— Se você tomar, vou querer tomar com você, e você e eu sabemos o que vai acontecer. Vamos perder a hora. Venha.

Ele está animado, irradiando expectativa e entusiasmo, como um garotinho. Isso me faz sorrir.

— O que vamos fazer?

— É surpresa. Eu avisei.

Não posso deixar de rir para ele.

— Tudo bem.

Levanto da cama e procuro minhas roupas. Claro que elas estão bem dobradinhas ao lado da cama. Ele estendeu também uma das suas cuecas de malha — Ralph Lauren, nada menos. Visto-a, e ele sorri para mim. Humm, mais uma cueca de Christian Grey — um troféu para acrescentar à minha coleção, ao lado do carro, do BlackBerry e do Mac, do seu blazer preto e de valiosos livros em primeira edição. Balanço a cabeça diante da generosidade dele, e franzo a testa quando uma cena de *Tess* me passa pela cabeça: a cena do morango. Ela evoca meu sonho. Para o diabo com o Dr. Flynn — Freud adoraria saber disso — e então provavelmente morreria tentando lidar com Christian.

— Vou deixá-la à vontade agora que você se levantou.

Ele sai do quarto, e vou para o banheiro. Tenho necessidades a satisfazer, e quero me lavar rapidamente. Sete minutos depois, estou na área de estar, limpa, penteada, de calça jeans, blusa e com a cueca de Christian Grey. Ele dá uma olhada da mesinha de jantar onde está tomando o café da manhã. Café da manhã! Putz, a essa hora.

— Coma — diz ele.

Putá que pariu... meu sonho. Olho para ele boquiaberta, pensando no jeito que ele disse coma. *Humm, jeito de quem sabe comer.*

— Anastasia — diz ele severo, tirando-me do meu devaneio.
Realmente é muito cedo para mim. Como lidar com isso?

— Vou tomar um chá. Posso comer um croissant mais tarde?
Ele me olha desconfiado, e sorrio com muita doçura para ele.

— Não estrague minha festa, Anastasia — avisa ele com a voz suave.

— Vou comer mais tarde, quando meu estômago acordar. Lá pelas sete e meia... tudo bem?

— Tudo bem.

Ele me olha.

Sinceramente. Tenho que me concentrar muito para não fazer uma careta para ele.

— Quero revirar os olhos para você.

— Claro, faça isso, e vou ganhar o dia — diz ele severo.

Olho para o teto.

— Bem, uma surra me acordaria, eu acho.

Contraio os lábios, na expectativa.

Christian fica boquiaberto.

— Por outro lado, não quero deixar você nem esquentado nem preocupado. De quente, já basta o clima daqui. — Dou de ombros com displicência.

Christian fecha a boca e se esforça para fazer uma expressão contrariada, mas não consegue. Dá para perceber o bom humor escondido no fundo dos seus olhos.

— Você é implicante, como sempre, Srta. Steele. Tome seu chá.

Vejo o rótulo Twinings, e meu coração pula de alegria. *Está vendo, ele se importa, sim*, pronuncia meu inconsciente para mim. Sento-me e o encaro, absorvendo sua beleza. Será que algum dia vou me faltar desse homem?

* * *

QUANDO SAÍMOS DO quarto, Christian joga um casaco de moletom para mim.

— Vai precisar disso.

Olho para ele, intrigada.

— Pode confiar em mim.

Ele sorri, inclina-se e me beija rapidamente nos lábios, depois pega minha mão e saímos.

Na rua, no frio relativo do lusco-fusco do alvorecer, o manobrista entrega a Christian um jogo de chaves de um chamativo carro esporte conversível. Faço uma cara espantada para Christian, que me dá um sorriso.

— Sabe, às vezes é ótimo ser eu — diz ele com um sorriso conspiratório, mas petulante, que simplesmente não posso deixar de emular.

Ele é absolutamente adorável quando está alegre e descontraído. Abre a porta do carro para mim com uma mesura exagerada, e entro. Ele está de muito bom humor.

— Aonde vamos?

— Você vai ver.

Ele sorri ao colocar o carro em movimento, e pegamos a Savannah Parkway. Ele programa o GPS, depois pressiona um botão no volante, e uma música clássica preenche o carro.

— O que é isso? — pergunto quando o som doce de cem cordas de violino nos assalta.

— É de *La Traviata*. Uma ópera de Verdi.

Nossa... é lindo.

— *La Traviata*? Já ouvi falar. Não lembro onde. O que significa?

Christian me olha e dá um sorriso.

— Bem, literalmente, “a mulher perdida”. É baseada no livro de Alexandre Dumas, *A dama das camélias*.

— Ah. Já li.

— Achei que talvez já tivesse lido.

— A cortesã condenada. — Remexo-me desconfortável no assento de couro macio. *Será que ele está tentando me dizer algo?*

— Humm, é uma história deprimente — murmuro.

— Muito deprimente? Quer escolher alguma música? Estão no meu iPod.

Christian está de novo com aquele sorriso misterioso.

Não vejo o iPod dele em lugar nenhum. Ele toca na tela no console entre nós, e pasmem, tem uma lista de músicas.

— Pode escolher.

Ele sorri, e sei que isso é um desafio.

O iPod de Christian Grey, isso deve ser interessante. Rolo a tela e encontro a canção perfeita. Aperto “play”. Eu não o imaginaria sendo um fã de Britney. A batida techno club-mix nos assalta, e Christian abaixa o volume. Talvez seja muito cedo para isso: Britney no máximo da sua sensualidade.

— “Toxic”, hein?

Christian sorri.

— Não sei o que você quer dizer — faço-me de inocente.

Ele abaixa mais um pouco a música, e, no íntimo, estou me abraçando. Minha deusa interior está em pé no pódio esperando sua medalha de ouro. Ele abaixou a música. Vitória!

— Eu não botei essa música no meu iPod — diz afinal, e acelera, fazendo com que eu fique colada no banco enquanto o carro corre na autoestrada.

O quê? Ele sabe o que está fazendo, o filho da mãe. *Quem botou?* E tenho que escutar Britney cantando. *Quem... quem?*

A música termina e o iPod passa para Damien Rice cantando desolado. *Quem? Quem?* Olho pela janela, o estômago revirado. Quem?

— Foi a Leila — responde ele aos meus pensamentos. *Como ele faz isso?*

— Leila?

— Uma ex, que botou a música no meu iPod.

Fico perplexa, tendo como música de fundo as modulações de Damien. Uma ex... ex-submissa? Uma ex...

— Uma das quinze? — pergunto.

— Sim.

— O que aconteceu com ela?

— Terminamos.

— Por quê?

Ai, droga. É muito cedo para esse tipo de conversa. Mas ele está com uma expressão relaxada, até feliz e, ainda por cima, está falando.

— Ela queria mais.

Sua voz é grave, chegando a ser introspectiva, e ele deixa a frase no ar em suspenso entre nós, terminando-a de novo com aquela palavrinha poderosa.

— E você não? — pergunto antes que possa usar meu filtro do cérebro para a boca. Merda, será que eu quero saber?

Ele balança a cabeça.

— Eu nunca quis mais até conhecer você.

Arquejo, encantada. Não é isso que eu quero? Ele quer mais. *Ele também quer!* Minha deusa interior deu um salto mortal do pódio e agora está dando cambalhotas pelo estádio. Não sou só eu.

— O que aconteceu com as outras quatorze? — pergunto.

Putz, ele está falando — aproveite.

— Quer uma lista? Divorciadas, decapitadas, mortas?

— Você não é Henrique VIII.

— Tudo bem. Sem nenhuma ordem especial, só tive relações longas com quatro mulheres, à parte Elena.

— Elena?

— Mrs. Robinson para você.

Ele dá aquele seu sorriso indolente.

Elena! Puta merda. A maligna tem nome e, pelo jeito, deve ser estrangeira. A visão de uma vamp gloriosa de pele clara, cabelos negros e lábios vermelhos me vem à mente, e sei que ela é linda. *Não devo ficar pensando nisso. Não devo ficar pensando nisso.*

— O que aconteceu com as quatro? — pergunto para me distrair.

— Muito perguntadora, muito ansiosa por informações, Srta. Steele — censura ele em tom jovial.

— Acha mesmo, Sr. Quando Deve Ficar Menstruada?

— Anastasia, um homem precisa saber dessas coisas.

— Precisa?

— Eu preciso.

— Por quê?

— Porque não quero que você engravide.

— Nem eu! Bem, só daqui a alguns anos.

Christian pisca, espantado, depois relaxa visivelmente. Tudo bem. Christian não quer filhos. Agora ou nunca? Estou encantada com esse seu súbito e inédito ataque de sinceridade. Quem sabe é a hora? Algo na água da Geórgia? O ar da Geórgia? O que mais quero saber? *Carpe diem.*

— Então as outras quatro, o que houve? — pergunto.

— Uma conheceu outra pessoa. As outras três queriam mais. Eu não estava a fim de mais na época.

— E as outras? — pressiono.

Ele me olha rapidamente e se limita a balançar a cabeça.

— Simplesmente não deu certo.

Ih, um monte de informações para digerir. Olho no espelho lateral do carro, e vejo os tons suaves de azul e rosa se espalhando no céu atrás do carro. A aurora está nos seguindo.

— Para onde estamos indo? — pergunto, perplexa, olhando para a Interestadual 95. Estamos indo para o sul, é só o que sei.

— Um campo de aviação.

— Não estamos voltando para Seattle, estamos?

Arquejo alarmada. Não me despedi de minha mãe. Ela está nos esperando para jantar.

Ele ri.

— Não, Anastasia, vamos nos distrair com meu segundo passatempo favorito.

— Segundo?

Franzo as sobrancelhas para ele.

— É. contei do meu favorito hoje de manhã.

Olho para seu perfil glorioso, intrigada, quebrando a cabeça.

— É me distrair com você, Srta. Steele. Isso está no topo da minha lista. Do jeito que for.

Ah.

— Bem, isso também ocupa um dos primeiros lugares na minha lista de prioridades divertidas e bizarras — murmuro, corando.

— Gostei de ouvir isso — diz ele secamente.

— Então, campo de aviação?

Ele sorri para mim.

— Planar.

O termo diz vagamente alguma coisa. Ele já mencionou isso.

— Vamos atrás da aurora, Anastasia.

Ele se vira e sorri para mim enquanto o GPS o manda entrar à direita no que parece um complexo industrial. Para em frente a um vasto prédio com um letreiro que diz ASSOCIAÇÃO DE PLANADORES DE BRUNSWICK.

Planar! Vamos andar de planador?

Ele desliga o carro.

— Você topa? — pergunta ele.

— Você vai voar?

— Vou.

— Sim, por favor. — Não hesito. Ele sorri e me dá um beijo.

— Outra primeira, Srta. Steele — diz ele ao saltar do carro.

Primeira vez? Que tipo de primeira vez? Voar de planador pela primeira vez... merda! Não — ele disse que já fez isso. Relaxo. Ele dá a volta e abre minha porta. O céu agora está opalescente, irisado com um brilho suave por trás das esporádicas nuvens. Já amanheceu.

Christian pega minha mão e dá a volta no prédio, levando-me para uma longa pista onde há vários aviões estacionados. Ao lado dos aviões, um homem de cabeça raspada e olhar selvagem aguarda com Taylor.

Taylor! Será que Christian vai a algum lugar sem esse homem? Sorrio para ele, e ele sorri para mim com simpatia.

— Sr. Grey, este é seu piloto rebocador, Sr. Mark Benson — diz Taylor.

Christian e Benson trocam cumprimentos e dão início a uma conversa que parece extremamente técnica sobre velocidade, direções dos ventos e coisas assim.

— Olá, Taylor — murmuro timidamente.

— Srta. Steele. — Ele faz um aceno de cabeça ao me cumprimentar, e eu faço cara feia. — Ana — corrige-se. — Ele anda infernal esses últimos dias. Ainda bem que você está aqui — diz em tom conspiratório.

Ah, isso é novidade. Por quê? Com certeza não por minha causa! Quinta-feira de revelações! Deve ser alguma coisa na água de Savannah que faz esses homens se descontraírem um pouco.

— Anastasia — chama Christian. — Venha.

Ele estende a mão.

— Até logo.

Sorrio para Taylor, e, com uma rápida continência para mim, ele volta para o estacionamento.

— Sr. Benson, esta é minha namorada, Anastasia Steele.

— Muito prazer — murmuro ao apertarmos as mãos.

Benson me lança um sorriso deslumbrante.

— O prazer é meu — diz ele, e vejo pelo sotaque que é inglês.

Pego a mão de Christian empolgada, sentindo o frio na barriga aumentar. *Nossa... planar!* Atravessamos o pátio com Mark Benson a caminho da pista. Ele e Christian mantêm uma conversa constante. Capto o teor. Estaremos num Blanik L-23, que aparentemente é melhor que o L-13, embora isso esteja aberto a discussão. Benson vai voar um Piper Pawnee. Ele já é piloto rebocador de faixas há uns cinco anos. Isso não significa nada para mim, mas vejo Christian tão animado, tão confortável, que dá prazer.

O avião é comprido, elegante e branco com listras laranja. Tem uma cabine pequena com dois assentos, um na frente do outro. Está preso por um longo cabo branco a um aviãozinho convencional monomotor. Benson abre a grande cúpula transparente que forma a cabine para que possamos entrar.

— Primeiro precisamos colocar seu paraquedas.

Paraquedas!

— Eu faço isso — interrompe-o Christian e pega a mochila de Benson, que sorri solicitamente para ele.

— Vou buscar um lastro — diz Benson, e se dirige ao avião.

— Você gosta de me amarrar — observo secamente.

— Srta. Steele, você não tem ideia. Venha, coloque os tirantes.

Obedeço, apoiando o braço em seu ombro. Christian se retesa ligeiramente mas não se mexe. Quando estou com os pés dentro das alças, ele puxa o paraquedas para cima, e coloco os tirantes dos braços. Com habilidade, ele afivela a mochila e ajusta todos os tirantes.

— Bom, está bem assim — diz com suavidade, mas seus olhos estão brilhando. — Você tem o prendedor de cabelo de ontem?

Balanço a cabeça.

— Quer que eu prenda o cabelo?

— Quero.

Obedeço depressa.

— Vá entrando — ordena Christian.

Ele continua muito autoritário. Dirijo-me ao banco de trás.

— Não, na frente. O piloto fica atrás.

— Mas você não vai conseguir ver!

— Vou ver muito.

Ele sorri.

Acho que nunca o vi tão feliz — autoritário, mas feliz. Subo e me instalo no assento de couro. É surpreendentemente confortável. Christian vem, se debruça, suspende a mochila nos meus ombros, pega o cinto inferior entre minhas pernas e o passa pela fivela que está encostada na minha barriga. Aperta todos os tirantes.

— Hum, duas vezes em uma manhã, sou um homem de sorte — murmura ele, e me beija rapidamente. — Isso não vai demorar, vinte, trinta minutos no máximo. A essa hora da manhã, as termas não são lá essas coisas, mas é muito impressionante lá em cima. Espero que você não esteja nervosa.

— Empolgada. — Sorrio.

De onde vem esse sorriso ridículo? Na verdade, uma parte de mim está apavorada. Minha deusa interior está embaixo de uma manta atrás do sofá.

— Ótimo.

Ele sorri também, acariciando meu rosto, depois some de vista.

Ouçó e sinto seus movimentos quando ele sobe no avião atrás de mim. Claro que ele me apertou tanto que não consigo me virar para vê-lo... típico! Estamos muito perto do chão. Na minha frente, há um painel de mostradores e alavancas e um bastão grande. Não mexo em nada.

Mark Benson aparece com um sorriso alegre para verificar meus tirantes e se inclina para conferir o chão da cabine. Acho que é o lastro.

— É, está seguro. É a primeira vez? — pergunta.

— É.

— Vai adorar.

— Obrigada, Sr. Benson.

— Pode me chamar de Mark. — Vira-se para Christian. — Tudo bem?

— Sim. Vamos.

Ainda bem que não comi nada. Estou bastante empolgada, e acho que não teria estômago para comida, empolgação e deixar o solo. Mais uma vez, estou me colocando nas mãos habilidosas

desse belo homem. Mark fecha a cúpula da cabine, vai até o avião em frente e embarca.

A hélice única do Piper dá a partida, e meu estômago vem parar na garganta. *Putz... estou fazendo isso mesmo.* Mark taxia lentamente na pista, e, quando o cabo estica, avançamos subitamente. Partimos. Ouço a conversa no rádio atrás de mim. Acho que é Mark falando com a torre — mas não consigo entender o que dizem. Conforme o Piper vai ganhando velocidade, nós também ganhamos. A pista é muito esburacada, e, na nossa frente, o monomotor continua no solo. Putz, será que vamos decolar alguma hora? E, de repente, meu estômago desce vertiginosamente — estamos no ar.

— Lá vamos nós! — grita Christian atrás de mim. E estamos dentro de nossa bolha, só nós dois. Só ouço o barulho do vento passando e o zumbido distante do motor do Piper.

Vou agarrada com as duas mãos na poltrona, apertando tanto que os nós dos meus dedos ficam brancos. Rumamos para oeste, para o interior, nos afastando do nascente, ganhando altura, atravessando campos e bosques e casas e a Interestadual 95.

Puxa vida. Isso é incrível, só o céu acima da gente. A luz é extraordinária, com o tom difuso e quente, e me lembro de José divagando sobre a “hora mágica”, uma hora do dia que os fotógrafos adoram — é essa... justo depois do alvorecer, e estou nela, com Christian.

De repente, lembro-me da exposição de José. Hum. Preciso dizer a Christian. Pergunto-me por um instante como ele vai reagir. Mas não vou me preocupar com isso agora — estou curtindo o passeio. Meus ouvidos estalam à medida que ganhamos altura, e o solo fica cada vez mais longe. Isso é tão calmo. Entendo perfeitamente por que ele gosta de estar aqui em cima. Longe do seu BlackBerry e de todas as pressões do trabalho.

O rádio estala, e Mark menciona três mil pés. Putz, isso parece alto. Olho o solo, e já não consigo distinguir mais nada com clareza lá embaixo.

— Largue — diz Christian no rádio, e, de repente o Piper desaparece e a sensação de tração proporcionada pelo aviãozinho cessa. Estamos flutuando, flutuando sobre a Geórgia.

Putá merda — é empolgante. O avião aderna e vira, obedecendo a inclinação da asa, e subimos em espiral em direção ao Sol. *Ícaro. É isso.* Estou voando perto do Sol, mas ele está comigo, conduzindo-me. Arquejo ao me dar conta disso. Ficamos subindo em espiral, e a vista com essa luz matinal é espetacular.

— Segure firme! — grita ele, e tornamos a mergulhar, só que desta vez ele não para. De repente, estou de cabeça para baixo, olhando para o solo pela cúpula da cabine.

Dou um grito estridente, abrindo os braços instintivamente, espalmando as mãos no material transparente para me segurar. Escuto sua risada. *Filho da mãe!* Mas sua alegria é contagiante, e estou rindo também, enquanto ele endireita o avião.

— Foi bom eu não ter tomado café! — grito para ele.

— É, foi bom, porque vamos fazer isso de novo.

Ele mergulha de novo o avião até estarmos de cabeça para baixo. Dessa vez, porque estou preparada, me seguro na mochila, mas acho isso engraçado e fico rindo feito uma idiota. Ele torna a endireitar o avião.

— Lindo, não é? — grita ele.

— É.

Voamos, dando piquês majestosos no ar, ouvindo o vento e o silêncio, na luz da manhã. Será que poderíamos pedir mais?

— Está vendo o controle na sua frente? — grita ele de novo.

Olho para a alavanca sacolejando entre minhas pernas. *Ah, não,* aonde ele vai com isso?

— Pegue.

Ai, merda. Ele vai me fazer pilotar o avião. *Não!*

— Vai, Anastasia, pegue — insiste com veemência.

Hesitantemente, seguro o controle e sinto o movimento e a guinada do que presumo serem lemes e pás que mantêm o avião no ar.

— Segure firme... não deixe mexer. Está vendo o mostrador do meio na frente? Mantenha a agulha no centro.

Estou apavorada. *Putá merda.* Estou pilotando um planador... Estou planando.

— Muito bem — diz Christian encantado.

— Estou impressionada que você me deixe assumir o controle — grito.

— Você ficaria espantada com o que posso deixar você fazer, Srta. Steele. Agora é comigo de novo.

Sinto o controle mexer subitamente, e solto enquanto descemos em parafuso vários metros, e meus ouvidos estalam de novo. O solo está se aproximando, e parece que já, já, vamos bater lá. É assustador.

— BMA, aqui é BG N Papa Três Alfa, entrando pista esquerda a sotavento sete para a grama, BMA.

Christian fala daquele seu jeito autoritário de sempre. A torre dá uma resposta cheia de chiados pelo rádio, mas não entendo o que dizem. Tornamos a dar uma volta ampla, nos aproximando lentamente do solo. Posso ver o aeroporto, as pistas de pouso, e estamos de novo sobrevoando a Interestadual 95.

— Segure-se. Às vezes isso sacode.

Após outra volta, descemos, e, de repente, estamos no solo com um baque rápido, correndo na grama — *puta merda*. Bato o queixo ao sacolejarmos lá dentro a uma velocidade alarmante, até finalmente pararmos. O avião balança, depois cai para a direita. Respiro fundo e Christian se debruça e abre a cúpula da cabine, saltando e se alongando.

— Como foi? — pergunta, os olhos com um brilho prateado deslumbrante.

Ele vem me soltar.

— Foi sensacional. Obrigada — sussurro.

— Isso é mais? — pergunta ele, a voz esperançosa.

— Muito mais — respondo, e ele sorri.

— Venha.

Ele me estende a mão, e salto da cabine.

Assim que salto, ele me agarra bem colada nele. De repente, está puxando minha cabeça para trás pelos cabelos com uma das mãos, enquanto a outra desce até a cintura. Ele me dá um beijo demorado e apaixonado, explorando minha boca com a língua. Sua respiração está se acelerando, seu ardor... *Putá merda* — seu pênis ereto... estamos num campo. Mas não quero saber. Meus dedos se enroscam em seu cabelo, ancorando-o a mim. Eu o quero aqui,

agora, no chão. Ele se afasta e me olha, os olhos misteriosos e luminosos na luz da manhã, cheios de sensualidade pura e arrogante. Nossa. Ele me tira o fôlego.

— Café — sussurra ele, falando como se essa refeição fosse algo deliciosamente erótico.

Como ele consegue fazer uma refeição de ovos com bacon soar como se fosse o fruto proibido? É um talento extraordinário. Ele se vira, me dá a mão, e voltamos para o carro.

— E o planador?

— Alguém vai cuidar disso — diz ele sem dar importância. — Vamos comer agora.

Seu tom é inequívoco.

Comida! Ele está falando de comida, quando realmente tudo que eu quero é ele.

— Venha.

Ele sorri.

Nunca o vi assim, e é uma alegria ver. De repente estou a seu lado, de mãos dadas, com um sorriso abobalhado no rosto. Isso me lembra quando eu tinha dez anos e passei o dia na Disneylândia com Ray. Foi um dia perfeito, e este com certeza está prometendo ser igual.

* * *

NO CARRO, QUANDO estamos na Interestadual 95 voltando para Savannah, o alarme do meu celular toca. Ah, sim... minha pílula.

— O que é isso? — pergunta Christian, curioso, olhando para mim.

Procuro a caixa na bolsa.

— O alarme para a pílula — murmuro, enrubescendo.

Ele sorri.

— Ótimo, muito bem. Odeio camisinha.

Fico mais vermelha ainda. Ele está mais paternalista que nunca.

— Gostei de você ter me apresentado ao Mark como sua namorada — murmuro.

— Não é o que você é?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sou? Pensei que você quisesse uma submissa.

— Eu também, Anastasia, e quero. Mas já disse. Eu também quero mais.

Minha nossa. Ele está caindo em si, e uma onda de esperança me invade, deixando-me ofegante.

— Estou muito feliz por você querer mais — murmuro.

— Nosso objetivo é satisfazer, Srta. Steele.

Ele dá um sorrisinho ao estacionarmos na International House of Pancakes.

Panquecas. Sorrio para ele também. Não acredito. Quem diria... Christian Grey na IHOP.

* * *

SÃO OITO E MEIA, mas o restaurante está calmo. Cheira a massa doce, fritura e desinfetante. *Humm... não é um cheiro muito tentador.* Christian me conduz a uma mesa.

— Eu nunca teria imaginado você aqui — digo ao nos sentarmos.

— Meu pai nos trazia a um desses restaurantes sempre que minha mãe viajava para um congresso de medicina. Era nosso segredo.

Ele sorri para mim, todo alegre, e pega um cardápio, passando a mão pelo cabelo revolto.

Ah, quero passar as mãos nesse cabelo. Pego um cardápio e o examino. Vejo que estou faminta.

— Sei o que eu quero — sussurra ele, a voz grave e rouca.

Olho para ele, que está me olhando daquele jeito misterioso e ardente que me deixa com todos os músculos da barriga contraídos e me tira o fôlego. *Putá merda.* Meu sangue canta nas veias, respondendo a seu chamado.

— Eu quero o que você quiser — sussurro.

Ele suspira.

— Aqui? — pergunta sugestivamente, levantando uma sobrancelha para mim, com um sorriso malicioso, os dentes prendendo a pontinha da língua.

Nossa... sexo na IHOP. A expressão dele muda, ficando mais misteriosa.

— Não morda o lábio — ordena. — Aqui, não, agora, não. — Seu olhar fica mais duro, e, por um instante, ele parece deliciosamente perigoso. — Se não posso comer você aqui, não me tente.

— Oi, meu nome é Leandra. O que vocês vão querer... hã... gente... hoje...?

Ela deixa a frase inacabada, tropeçando nas palavras ao encher os olhos com o Sr. Lindo à minha frente. Fica toda vermelha, e percebo, contrariada, que estou sentindo um pouquinho de pena dela, porque ele ainda faz isso comigo. A presença dela me permite escapar por um instante do olhar sensual dele.

— Anastasia? — ele me dá a palavra, sem fazer caso da moça, e acho que ninguém poderia pôr tanta sensualidade no meu nome como ele faz naquele momento.

Engulo em seco, rezando para não ficar da mesma cor que a pobre Leandra.

— Eu já disse, quero o que você quiser.

Falo com a voz doce, grave, e ele me olha sequioso. Minha deusa interior se derrete. *Será que estou preparada para o jogo dele?*

Leandra olha de mim para ele e dele para mim. Está praticamente da mesma cor do seu luzidio cabelo ruivo.

— Será que dou mais um tempinho para vocês decidirem?

— Não. Já sabemos o que queremos.

Christian dá um sorrisinho sensual.

— Vamos querer duas porções da panqueca tradicional de leite com *maple syrup* e bacon à parte, dois copos de suco de laranja, um café preto com leite desnatado e um chá preto, se você tiver — diz Christian, sem tirar os olhos de mim.

— Obrigada, senhor. Mais alguma coisa? — sussurra Leandra, olhando para tudo menos para nós dois.

Olhamos para ela, e ela fica de novo toda vermelha e vai saindo depressa.

— Sabe, isso realmente não é justo.

Olho a mesa de fórmica e sigo com o indicador o desenho, tentando soar displicente.

— O que não é justo?

— Como você desarma as pessoas. As mulheres. A mim.

— Desarmo você?

Sorrio com desdém.

— O tempo todo.

— É só impressão, Anastasia — diz ele afável.

— Não, Christian, é muito mais que isso.

Ele franze a testa.

— Você me desarma totalmente, Srta. Steele. A sua inocência. O fato de ir direto ao ponto.

— Foi por isso que você mudou de ideia?

— Mudei de ideia?

— É... sobre... há... a gente?

Ele afaga o queixo pensativamente com aqueles dedos habilidosos.

— Acho que não mudei de ideia propriamente. Só precisamos redefinir nossos parâmetros, redesenhar nossas linhas de batalha, se quiser. Podemos fazer isso dar certo, tenho certeza. Quero você submissa no meu quarto de jogos. Vou punir você quando desobedecer às regras. Estas são as minhas exigências, Srta. Steele. O que diz disso?

— Então eu vou dormir com você? Na sua cama?

— É o que você quer?

— É.

— Então concordo. Além do mais, durmo muito bem quando você está na minha cama. Eu não sabia.

Ele fica sério e sua voz some.

— Achei que você me deixaria se eu não concordasse com tudo isso — sussurro.

— Eu não vou a lugar nenhum, Anastasia. Além do mais... — ele deixa a frase inacabada e, depois de pensar um pouco, acrescenta: — estamos seguindo o seu conselho, a sua definição: compromisso. Você me mandou essa definição num e-mail. E, até agora, está dando certo para mim.

— Adoro que você queira mais — murmuro timidamente.

— Eu sei.

— Como sabe?

— Pode confiar em mim. Eu simplesmente sei.

Ele dá um sorrisinho. Está escondendo alguma coisa. *O quê?*

Nesse momento, Leandra chega com os pratos e nossa conversa termina. Minha barriga ronca, lembrando-me de quão faminta estou. Christian observa com um olhar de aprovação irritante eu devorar a comida toda do prato.

— Posso fazer um convite? — pergunto a Christian.

— Um convite?

— Para esse café da manhã. Deixe que seja por minha conta.

Christian bufa.

— Acho que não — debocha.

— Por favor. Eu quero.

Ele amarra a cara.

— Está tentando me emascular completamente?

— Este talvez seja o único restaurante que vou poder pagar.

— Anastasia, agradeço a intenção. Mesmo. Mas, não.

Contraio os lábios.

— Não fique emburrada — ameaça ele, com um brilho sinistro nos olhos.

* * *

CLARO QUE ELE não me pergunta o endereço de minha mãe. Ele já sabe, perseguidor que é. Quando estaciona em frente à casa, não comento. Para quê?

— Quer entrar? — pergunto timidamente.

— Preciso trabalhar, Anastasia, mas estarei de volta à noite. A que horas?

Não faço caso da inoportuna pontada de decepção. Por que quero passar cada minuto com esse deus do sexo controlador? Ah, sim, eu me apaixonei por ele, e ele sabe voar.

— Obrigada... pelo mais.

— De nada, Anastasia.

Ele me beija, e aspiro aquele seu cheiro sensual.

— Até logo.

— Tente me deter — murmura ele.

Dou adeus enquanto ele sai com o carro para encarar o sol forte da Geórgia. Ainda estou usando o moletom e a cueca dele, e estou muito agasalhada.

Na cozinha, minha mãe está histérica. Não é todo dia que tem que receber um multiziliardário, e está estressada com isso.

— Como você está, querida? — pergunta, e coro porque ela sabe o que eu fiz ontem à noite.

— Tudo bem. Christian me levou para voar de planador hoje de manhã.

Espero que a informação nova a distraia.

— Voar de planador? Tipo num aviãozinho sem motor? É isso?

Faço que sim com a cabeça.

— Nossa.

Ela está sem fala — um conceito novo para minha mãe. Olha para mim boquiaberta, mas acaba se recuperando e retoma a linha de interrogatório original.

— Como foi ontem à noite? Vocês conversaram?

Putz. Fico vermelha como um pimentão.

— A gente conversou, ontem à noite e hoje. Está melhorando.

— Ótimo.

Ela volta a atenção de novo para os quatro livros de culinária que tem abertos na mesa da cozinha.

— Mãe... se quiser, eu faço o jantar.

— Ah, querida, é muita gentileza sua, mas eu quero fazer.

— Tudo bem.

Faço uma careta, sabendo muito bem que a comida de minha mãe nem sempre presta. Talvez ela tenha melhorado desde que se mudou para Savannah com Bob. Houve uma época em que eu não sujeitaria ninguém ao que ela cozinha... nem — quem eu odeio? Ah, sim — a Mrs. Robinson, Elena. Bem, talvez ela. *Será que algum dia vou conhecer essa mulher desprezível?*

Decido mandar um agradecimento rápido a Christian.

De: Anastasia Steele

Assunto: Planar, e não pagar

Data: 2 de junho de 2011 10:20 LESTE

Para: Christian Grey

Às vezes você sabe fazer uma moça se divertir.

Obrigada.

Bj, Ana

De: Christian Grey

Assunto: Planar versus pagar

Data: 2 de junho de 2011 10:24 LESTE

Para: Anastasia Steele

Prefiro fazer as duas coisas a ouvir seu ronco. Também me diverti muito.

Eu sempre me divirto com você.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Roncar

Data: 2 de junho de 2011 10:26 LESTE

Para: Christian Grey

EU NÃO RONCO. E se roncasse, seria muito grosseiro de sua parte assinalar isso.

Você não é nada cavalheiro, Sr. Grey! E está no Extremo Sul, também!

Ana

De: Christian Grey

Assunto: Sonilóquio

Data: 2 de junho de 2011 10:28 LESTE

Para: Anastasia Steele

Nunca pretendi ser cavalheiro, Anastasia, e acho que já lhe demonstrei este ponto em várias ocasiões. Não me intimido com suas maiúsculas GRITANTES. Mas confesso uma mentirinha: não, você não ronca, mas fala. E isso é fascinante.

O que aconteceu com meu beijo?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Putá merda. Sei que falo dormindo. Kate já me disse isso várias vezes. O que eu disse? *Ah, não.*

De: Anastasia Steele
Assunto: Entregar o ouro
Data: 2 de junho de 2011 10:32 LESTE
Para: Christian Grey

Você é um calhorda e um patife — definitivamente não um cavalheiro.
Então, o que eu disse?

Nada de beijos até você falar!

De: Christian Grey
Assunto: Bela adormecida falante
Data: 2 de junho de 2011 10:35 LESTE
Para: Anastasia Steele

Seria muito grosseiro de minha parte dizer, e já fui castigado por isso.

Mas se você se comportar, talvez eu lhe conte hoje à noite. Preciso entrar em reunião agora.

Até mais, baby.

Christian Grey
CEO, Calhorda e Patife, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Certo! Manter silêncio até a noite. Estou possessa. *Droga.* Suponhamos que eu tenha dito dormindo que o odeio, ou pior ainda, que o amo. Ah, espero que não. Não estou pronta para dizer isso a ele, e tenho certeza de que ele não está pronto para ouvir, se é que algum dia vai querer ouvir. Olho de cara feia para meu computador e

decido que, seja o que for que mamãe prepare, vou fazer pão para descarregar minhas frustrações enquanto sovo a massa.

* * *

MINHA MÃE DECIDIU por um gaspacho e depois filés grelhados marinados em azeite, alho e limão. Christian gosta de carne, e isso é simples de fazer. Bob se ofereceu para tomar conta da churrasqueira. *O que há em relação aos homens e o fogo?*, reflito ao me arrastar com o carrinho de compras atrás de minha mãe pelo supermercado.

Enquanto olhamos a gôndola de carnes cruas, meu telefone toca. Procuo-o com pressa, achando que pode ser Christian. Não reconheço o número.

— Alô? — respondo ofegante.

— Anastasia Steele?

— Sim.

— É Elizabeth Morgan, da SIP.

— Ah, oi.

— Estou ligando para lhe oferecer o cargo de assistente do Sr. Jack Hyde. Gostaríamos que começasse na segunda-feira.

— Nossa. Que maravilha. Obrigada!

— Sabe os detalhes do salário?

— Sim. Sim... é... quero dizer, eu aceito a oferta. Eu adoraria ir trabalhar para vocês.

— Excelente. Então até segunda-feira às oito e meia?

— Até segunda. Até logo. E obrigada.

Abro um sorriso rasgado para minha mãe.

— Está empregada?

Balanço a cabeça com alegria, e ela dá gritinhos e me abraça no meio do supermercado.

— Parabéns, querida! Temos que comprar champanhe!

Ela está saltitante, batendo palmas. *Será que tem quarenta e dois ou doze anos?*

Olho para meu telefone e fico intrigada. Há uma ligação perdida de Christian. Ele nunca me liga. Ligo para ele na mesma hora.

— Anastasia — ele atende imediatamente.

— Oi — murmuro tímida.

— Tenho que voltar a Seattle. Aconteceu um imprevisto. Estou indo para Hilton Head agora. Por favor, peça desculpas a sua mãe, não vai dar para eu ir ao jantar.

Ele fala num tom profissional.

— Nada sério, espero.

— Estou com um problema que preciso resolver. Vejo você amanhã. Mando o Taylor buscá-la no aeroporto se eu não puder ir.

Sua voz é fria. Até zangada. Mas, pela primeira vez, não vou logo pensando que é por minha causa.

— Tudo bem. Espero que resolva seu problema. Boa viagem.

— Para você também, baby — sussurra ele e, com essas palavras, meu Christian está de volta. E então desliga.

Ah, não. O último “problema” que ele teve foi minha virgindade. *Espero que não seja nada parecido com isso.* Olho para minha mãe. Sua alegria de há pouco se transformou em preocupação.

— É o Christian. Ele teve que voltar para Seattle. Pede desculpas.

— Ah! Que pena, querida. Podemos assim mesmo fazer nosso churrasco, e agora temos uma coisa para comemorar: seu emprego novo! Você tem que me contar tudinho a respeito.

* * *

É FIM DE TARDE, e mamãe e eu estamos deitadas à beira da piscina. Minha mãe está tão relaxada que está literalmente na horizontal agora que o Sr. Ricaço não vem jantar. Estirada ao sol, esforçando-me para perder a brancura, penso em ontem à noite e no café da manhã de hoje. Penso em Christian, e meu sorriso ridículo se recusa a desaparecer. Ele fica se insinuando para mim, inoportuno e desconcertante, quando me lembro de nossas várias conversas e no que fizemos... no que ele fez.

A atitude de Christian parece ter mudado radicalmente. Ele nega isso, mas admite estar se esforçando por mais. O que poderia ter mudado? O que mudou desde aquele seu longo e-mail e desde ontem? O que ele fez? Sento-me de repente, quase derramando o refrigerante. Ele jantou com... ela. Elena.

Put a merda!

A ideia me deixa de cabeça quente. Será que ela lhe disse alguma coisa? Ah... eu queria ser uma mosca durante o jantar deles. Eu poderia ter pousado na sopa ou no copo de vinho dela e a sufocado.

— O que é, Anastasia, querida? — pergunta mamãe, sobressaltada daquele seu torpor.

— Só um instantinho, mãe. Que horas são?

— Umas seis e meia, querida.

Hum... ele ainda não deve ter pousado. Será que posso perguntar a ele? Será que devo? Ou vai ver que ela não tem nada a ver com isso. Espero realmente que não tenha. O que eu disse dormindo? *Merda...* algum comentário imprudente enquanto sonhava com ele, aposto. Seja o que for, ou tenha sido, espero que a mudança parta dele, não que seja causada por *e/a*.

Estou sufocando nesse calor desgraçado. Preciso dar outro mergulho na piscina.

* * *

ENQUANTO ME PREPARO para dormir, ligo o computador. Não tenho nenhuma notícia de Christian. Nem uma palavra dizendo que chegou bem.

De: Anastasia Steele

Assunto: Chegou bem?

Data: 2 de junho de 2011 22:32 LESTE

Para: Christian Grey

Prezado Senhor,

Queira me informar se chegou bem. Começo a ficar preocupada. Pensando em você.

Bj,

Sua Ana

Três minutos depois, ouço o tilintar da minha caixa de entrada.

De: Christian Grey
Assunto: Perdão
Data: 2 de junho de 2011 19:36
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,
Cheguei bem, e queira aceitar minhas desculpas por não informá-la disso. Não quero lhe causar nenhuma preocupação. É reconfortante saber que me quer bem. Estou pensando em você, e, como sempre, ansioso para vê-la amanhã.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Suspiro. Christian está formal de novo.

De: Anastasia Steele
Assunto: O problema
Data: 2 de junho de 2011 22:40 LESTE
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,
Acho que está muito claro que lhe quero muito bem. Como poderia duvidar disso?

Espero que seu “problema” esteja sob controle.

Bjs,
Sua Ana

P.S.: Vai contar o que eu disse dormindo?

De: Christian Grey
Assunto: Direito de permanecer calado
Data: 2 de junho de 2011 19:45
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,
Fico muito feliz por você me querer bem. O “problema” ainda não foi resolvido.

Quanto ao seu P. S., a resposta é não.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Alegação de insanidade
Data: 2 de junho de 2011 22:48 LESTE
Para: Christian Grey

Espero que tenha sido divertido. Mas você tem que saber que não me responsabilizo por nada que saia da minha boca quando estou inconsciente. Na verdade, você provavelmente me ouviu mal.

Um homem com sua idade avançada com certeza é um pouco surdo.

De: Christian Grey
Assunto: Declaro-me culpado
Data: 2 de junho de 2011 19:52
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,
Perdão, poderia falar mais alto? Não consigo ouvi-la.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Alegação de insanidade de novo
Data: 2 de junho de 2011 22:54 LESTE
Para: Christian Grey

Você está me enlouquecendo.

De: Christian Grey
Assunto: Espero que sim...
Data: 2 de junho de 2011 19:59
Para: Anastasia Steele

Prezada Srta. Steele,

É exatamente o que pretendo fazer sexta-feira à noite. Aguardo este momento com ansiedade.

;))

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Grrrrr
Data: 2 de junho de 2011 23:02 LESTE
Para: Christian Grey

Estou oficialmente puta com você.

Boa noite.

Srta. A. R. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Gata selvagem
Data: 2 de junho de 2011 20:05
Para: Anastasia Steele

Está rosnando para mim, Srta. Steele?

Tenho o meu gato para rosnar.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Gato dele? Nunca vi gato no apartamento dele. Não, não vou lhe responder. Ah, às vezes ele consegue ser muito irritante. Irritante em Cinquenta Tons. Vou para a cama e fico olhando para o teto enquanto minha vista se adapta ao escuro. Ouço o computador tilintar de novo. Não vou olhar. Não, definitivamente não. Não, eu não vou olhar. Droga! Idiota que sou, não consigo resistir à atração das palavras de Christian Grey.

De: Christian Grey
Assunto: O que você disse dormindo
Data: 2 de junho de 2011 20:20
Para: Anastasia Steele

Anastasia,

Eu preferiria ouvir você dizer as palavras que disse dormindo quando está consciente, por isso não vou lhe contar. Vá dormir. Com o que tenho em mente para você amanhã, precisará estar descansada.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah, não... O que eu disse? É tão ruim quanto imagino, tenho certeza.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Minha mãe me dá um abraço apertado.

— Faça o que seu coração mandar, querida, e, por favor, por favor, tente não pensar demais nas coisas. Relaxe e aproveite a vida. Você é muito jovem, querida. Ainda tem muito que viver, simplesmente deixe rolar. Você merece o melhor de tudo — cochicha ela em meu ouvido, suas palavras sinceras soando reconfortantes, e beija meu cabelo.

— Ah, mãe.

Lágrimas quentes e inoportunas irritam meus olhos enquanto nos abraçamos.

— Querida, você conhece o ditado. A pessoa tem que beijar um monte de sapos antes de encontrar seu príncipe.

Dou-lhe um sorrisinho torto, agri-doce.

— Acho que beijei um príncipe, mãe. Espero que ele não vire sapo.

Ela dá aquele seu sorriso mais carinhoso e maternal de amor absolutamente incondicional, e me assombro com o amor que sinto por essa mulher quando nos abraçamos mais uma vez.

— Ana, estão chamando seu voo — diz Bob aflito.

— Você vem me ver, mãe?

— Claro, querida, em breve. Te amo.

— Eu também.

Ela tem os olhos vermelhos por causa do choro contido ao me soltar. Odeio deixá-la. Abraço Bob e me encaminho para o portão de embarque — hoje não tenho tempo para a sala da primeira classe. Apelo para toda a minha força de vontade para não olhar para trás. Mas olho... e Bob está abraçado com minha mãe, e as lágrimas escorrem pelo rosto dela. Não consigo mais conter as minhas.

Abaixo a cabeça e prossigo para o portão de embarque, fitando o piso branco reluzente, fora de foco em meio ao meu pranto.

Uma vez a bordo, no luxo da primeira classe, encolho-me na poltrona e tento me recompor. Deixar mamãe é sempre doloroso para mim... ela é dispersa, desorganizada, mas tornou-se perspicaz, e me adora. Amor incondicional — o que todo filho merece dos pais. Franzo a testa para meus pensamentos rebeldes, pego o BlackBerry e olho para ele desanimada.

O que Christian sabe sobre o amor? Parece que não recebeu o amor incondicional a que tinha direito na primeira infância. Fico com o coração apertado, e as palavras da minha mãe chegam como o sopro de Zéfiro em minha mente. *Sim, Ana. Do que mais você precisa? Um letreiro luminoso piscando na testa dele?* Ela acha que Christian me ama, mas ela é minha mãe, claro que acharia isso. Acha que mereço o melhor de tudo. É verdade, e, num momento de lucidez surpreendente, entendo. É muito simples. Quero o amor dele. *Preciso* que Christian Grey me ame. Por isso sou tão reticente no que diz respeito à nossa relação — porque, no fundo, reconheço em mim uma compulsão arraigada para ser amada e prezada.

E por causa de seus Cinquenta Tons, estou me guardando. O BDSM constitui um desvio da verdadeira questão. O sexo é incrível, ele é rico, lindo, mas isso tudo não significa nada sem seu amor, e o que mata mesmo é eu não saber se ele é capaz de amar. Ele nem sequer gosta dele mesmo. Lembro-me do seu autodesprezo, o amor *dela* sendo a única forma que ele considerava *aceitável*. Punido — chicoteado, surrado, o que quer que a relação dele acarretasse — ele acha que não merece ser amado. Por que se sente assim? Como pode se sentir assim? Suas palavras me perseguem: *É muito difícil crescer numa família perfeita quando você não é perfeito*.

Fecho os olhos, imaginando a dor dele, e não consigo compreender isso. Estremeço ao lembrar que talvez eu tenha revelado muito. O que confessei a Christian enquanto dormia? Que segredos revelei?

Fico olhando para o BlackBerry na vaga esperança de que ele me dê algumas respostas. Não surpreende que ele não seja muito comunicativo. Uma vez que ainda não decolamos, resolvo enviar um e-mail para o meu Cinquenta Tons.

De: Anastasia Steele
Assunto: Indo para casa
Data: 3 de junho de 2011 12:53 LESTE
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,
Mais uma vez, estou acomodada na primeira classe, e lhe agradeço por isso. Estou contando os minutos para vê-lo hoje à noite e talvez conseguir extrair de você sob tortura as minhas confissões noturnas.

Bj,
Sua Ana

De: Christian Grey
Assunto: Indo para casa
Data: 3 de junho de 2011 9:58
Para: Anastasia Steele

Anastasia, estou ansioso para ver você.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Acho estranha a resposta dele. Soa cortada e formal, não aquele seu estilo espirituoso e conciso.

De: Anastasia Steele
Assunto: Indo para casa
Data: 3 de junho de 2011 13:01 LESTE
Para: Christian Grey

Caríssimo Sr. Grey,
Espero que tudo esteja bem em relação ao "problema". O tom de seu e-mail é preocupante.

Bj,
Ana

De: Christian Grey
Assunto: Indo para casa
Data: 3 de junho de 2011 10:04

Para: Anastasia Steele

Anastasia,

O problema poderia estar mais bem encaminhado. Já decolou? Nesse caso, não devia enviar e-mails. Está se arriscando, infringindo a regra que diz respeito à sua segurança pessoal. Falei sério quanto aos castigos.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Merda. Tudo bem. O que o está preocupando? Talvez “o problema”? Talvez Taylor tenha se ausentado sem licença, talvez ele tenha perdido alguns milhões na bolsa — pode ser qualquer coisa.

De: Anastasia Steele
Assunto: Reação exagerada
Data: 3 de junho de 2011 13:06 LESTE
Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey,
As portas da aeronave ainda estão abertas. O voo está atrasado, mas apenas dez minutos. Meu bem-estar e o dos passageiros à minha volta estão assegurados. Talvez, por ora, você queira recolher a mão que coça.

Srta. Steele

De: Christian Grey
Assunto: Desculpas — recolhida a mão que coça
Data: 3 de junho de 2011 10:08
Para: Anastasia Steele

Sinto sua falta e das suas gracinhas, Srta. Steele.

Quero você em segurança em casa.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Desculpas aceitas
Data: 3 de junho de 2011 13:10 LESTE
Para: Christian Grey

Estão fechando as portas. Você não vai ouvir mais nenhum pio meu, especialmente se considerarmos sua surdez.

Tchau.

Bj,
Ana

Desligo o BlackBerry, sem conseguir me livrar da ansiedade. Há alguma coisa com Christian. Talvez “o problema” tenha fugido ao controle. Recosto-me na poltrona olhando para o bagageiro onde estão guardadas minhas malas. Hoje de manhã consegui, com a ajuda de minha mãe, comprar um presentinho para Christian para agradecer pela primeira classe e pelo voo de planador. Sorrio ao lembrar do voo — foi incrível. Ainda não sei se lhe darei meu presente bobo. Talvez ele o considere infantil. E se ele estiver de mau humor, talvez eu não dê. Estou ansiosa para voltar e ao mesmo tempo apreensiva com o que me espera no fim da viagem. Imaginando todos os cenários que poderiam constituir “o problema”, percebo que, mais uma vez, o único lugar vazio é ao meu lado. Balanço a cabeça quando me ocorre que Christian poderia ter comprado o lugar adjacente para eu não poder falar com ninguém. Rejeito a ideia por achá-la absurda — ninguém poderia ser tão controlador, tão ciumento, com certeza. Fecho os olhos enquanto o avião taxia em direção à pista.

* * *

EMERJO NO TERMINAL de chegadas do Sea-Tac oito horas depois para encontrar Taylor à minha espera segurando um cartaz onde se lê SRTA. A. STEELE. *Francamente!* Mas é bom vê-lo ali.

— Olá, Taylor.

— Srta. Steele — ele me cumprimenta formalmente, mas vejo o esboço de um sorriso em seus olhos castanhos perspicazes. Está

impecável como sempre: terno preto elegante, camisa branca e gravata preta.

— Eu o conheço, Taylor, você não precisa de cartaz, e quero, sim, que me chame de Ana.

— Ana. Posso pegar suas malas, por favor?

— Não. Eu aguento. Obrigada.

Sua boca se contrai de modo perceptível.

— M-mas, você se sentiria melhor se pegasse — gaguejo.

— Obrigado. — Ele pega minha mochila e minha recém-comprada mala de rodinhas para as roupas que minha mãe comprou para mim. — Por aqui, madame.

Suspiro. Ele é muito educado. Eu me lembro, embora queira apagar isso da memória, que este homem comprou lingerie para mim. Na verdade — e a ideia me inquieta —, ele é o único homem que já comprou lingerie para mim. Nem Ray teve de se submeter a esse martírio. Caminhamos em silêncio para o Audi SUV preto no estacionamento do aeroporto, e ele abre a porta. Entro no carro, perguntando-me se escolher uma saia tão curta para usar na viagem de volta à Seattle foi boa ideia. Saia curta era legal e ficava bem na Geórgia. Aqui eu me sinto exposta. Depois que Taylor guarda minha bagagem no porta-malas, partimos para o Escala.

A viagem é lenta no tráfego da hora do rush. Taylor mantém os olhos na estrada à sua frente. Taciturno é um termo que nem começa a descrevê-lo.

Não consigo mais suportar o silêncio.

— Como vai Christian, Taylor?

— O Sr. Grey está preocupado, Srta. Steele.

Ah, deve ser o “problema”. Estou explorando um filão de ouro.

— Preocupado?

— É, madame.

Olho intrigada para Taylor, e ele olha para mim pelo retrovisor, nossos olhos se encontrando. Ele não fala mais. Putz, consegue ser tão fechado quanto o maníaco por controle.

— Ele está bem?

— Acho que sim, madame.

— Você se sente mais à vontade me chamando de Srta. Steele?

— Sim, madame.

— Ah, tudo bem.

Bem, isso limita nossa conversa, e continuamos em silêncio. Começo a pensar que o lapso recente de Taylor, quando me disse que Christian estava infernal, foi uma anomalia. Talvez esteja sem jeito por causa disso, receando ter sido desleal. O silêncio é sufocante.

— Poderia pôr uma música, por favor?

— Claro, madame. O que gostaria de ouvir?

— Algo relaxante.

Vejo um sorriso brincar nos lábios de Taylor quando nossos olhos tornam a se encontrar rapidamente no espelho.

— Sim, madame.

Ele aperta uns botões no volante, e os acordes suaves do Cânon de Pachelbel preenchem o espaço entre nós. *Ah, sim...* é disso que preciso.

— Obrigada. — Recosto-me enquanto seguimos em uma velocidade constante pela Interestadual 5 até Seattle.

* * *

VINTE E CINCO minutos depois, ele me deixa em frente à fachada impressionante que é a entrada do Escala.

— Pode entrar, madame — diz, abrindo a porta para mim. — Levo suas malas lá para cima.

Sua expressão é doce, carinhosa, como a de um tio, até.

Putz... Tio Taylor, que ideia.

— Obrigada por ter ido me buscar.

— Foi um prazer, Srta. Steele.

Ele sorri, e entro no prédio. O porteiro acena com a mão e com a cabeça.

Subo para o trigésimo andar sentindo um frio na barriga. *Por que estou tão nervosa?* E sei que é porque não faço ideia de como estará o humor de Christian quando eu chegar. Minha deusa interior está torcendo por um tipo de humor. Meu inconsciente, como eu, está nervosíssimo.

As portas do elevador se abrem, e estou no hall. É muito estranho não ser recebida por Taylor. Claro, ele está estacionando o

carro. Na sala, Christian está no BlackBerry, falando calmamente, olhando pelas janelas enormes para a silhueta de Seattle ao entardecer. Usa um terno cinza, com o paletó aberto, e desliza a mão pelo cabelo. Está agitado, tenso até. *Ah, não — o que houve?* Agitado ou não, ele ainda é um colírio. Como pode ser tão... fascinante?

— Nenhum vestígio... Ok... Sim.

Ele se vira e me vê, e sua atitude muda totalmente. Passa da tensão ao alívio depois outra coisa: um olhar que fala diretamente à minha deusa interior, um olhar de sensualidade lasciva, apaixonado.

Minha boca fica seca e o desejo desabrocha em meu corpo... *nossa*.

— Mantenha-me informado — diz, e desliga o telefone ao se encaminhar decidido para mim. Fico paralisada enquanto ele se aproxima, devorando-me com os olhos. *Putá merda...* Algo vai mal: a tensão em sua mandíbula, a ansiedade em volta de seus olhos. Ele tira o paletó e a gravata, e os pendura no sofá no caminho. Então, seus braços me envolvem, e ele está me puxando de encontro a ele, com força, depressa, puxando meu rabo de cavalo e me fazendo inclinar a cabeça para trás, beijando-me como se sua vida dependesse disso. *O que é isso?* Ele tira sem dó nem piedade o elástico do meu cabelo, mas não ligo para a dor. Seu beijo tem um quê de desespero, de primitivo. Ele precisa de mim, seja por qual motivo, exatamente agora, e eu nunca me senti tão desejada nem tão cobiçada. É uma sensação ao mesmo tempo sinistra, sensual e alarmante. Beijo-o com a mesma paixão, meus dedos enrolando e segurando seu cabelo. Nossas línguas se enroscam, nossa paixão e nosso ardor irrompendo entre nós. O gosto dele é divino, quente e sensual, e o cheiro — de sabonete e de Christian — excitante. Ele afasta a boca da minha, e me olha, tomado por uma emoção não especificada.

— O que foi? — sussurro.

— Estou muito feliz por você ter voltado. Venha tomar uma ducha comigo... agora.

Não consigo decidir se isso é um pedido ou uma ordem.

— Sim — sussurro, e ele me leva pela mão para o banheiro da suíte.

Uma vez lá, ele me solta e abre o chuveiro daquele boxe colossal. Depois, olha para mim, a expressão velada.

— Gostei da sua saia. É curta — diz, num tom grave. — Você tem pernas maravilhosas.

Ele tira os sapatos e se abaixa para tirar as meias, sempre me olhando, com uma avidez que me deixa sem fala. *Nossa...* ser desejada assim por esse deus grego. Imito-o e descalço a sapatilha preta. De repente, ele me pega, me encosta na parede e começa a me beijar toda, no rosto, no pescoço, na boca... deslizando as mãos pelos meus cabelos. Sinto o revestimento liso e frio da parede nas costas enquanto ele me imprensa, e fico espremida entre seu calor e o frio da cerâmica. Timidamente, seguro seus braços, e ele geme quando aperto com força.

— Quero você agora. Aqui... depressa, com força — sussurra, e suas mãos estão nas minhas coxas, levantando minha saia. — Ainda está menstruada?

— Não.

Coro.

— Ótimo.

Ele engancha os polegares na minha calcinha branca de algodão e se ajoelha bruscamente, tirando-a. Minha saia agora está lá em cima, e estou nua da cintura para baixo, arfando de desejo. Ele agarra meus quadris, imprensando-me de novo contra a parede, e me beija no vértice das coxas antes de me abrir as pernas. Dou um gemido alto, sentindo sua língua rodear meu clitóris. *Nossa.* Automaticamente, inclino a cabeça para trás, gemendo enquanto meus dedos procuram o cabelo dele.

Sua língua é incansável, forte e insistente, golpeando-me— rodando, rodando, sem parar. É uma delícia — a intensidade da sensação quase chega a doer. Começo a estremecer, e ele me solta. *O quê? Não!* Estou ofegante, arfando, olhando para ele numa expectativa deliciosa. Ele segura firme meu rosto com as duas mãos e me beija com força, enfiando a língua em minha boca para eu saborear minha excitação. Então, abre a braguilha, se solta e me levanta pelas coxas.

— Enrosque as pernas em mim — ordena, a voz urgente, tensa.

Faço isso e abraço seu pescoço, e, com um movimento rápido e certo, ele me penetra. *Ah!* Ele arqueja e eu gemo. Segura minhas nádegas, apertando a pele macia com os dedos, e começa a mexer, primeiro devagar — num ritmo regular... mas à medida que desenvolve o controle, vai acelerando... mais e mais. *Ahhh!* Inclino a cabeça para trás e me concentro na sensação divina de ser invadida, castigada, empurrada... para a frente, cada vez mais para cima... e quando não aguento mais explodo, caindo na voracidade de um orgasmo intenso e devorador. Ele relaxa com um grunhido fundo e enterra a cabeça no meu pescoço ao se enterrar dentro de mim, gemendo coisas sem nexos durante o gozo.

Sua respiração está irregular, mas ele me beija com ternura, ainda dentro de mim, e pisco olhando os olhos dele, sem enxergar nada. Quando entra em foco, ele sai de dentro de mim com delicadeza, segurando-me firme até eu botar os pés no chão. O banheiro agora está todo enfumaçado... e quente. Sinto-me vestida demais.

— Você parece satisfeito em me ver — murmuro com um sorriso tímido.

Ele dá um sorriso.

— Sim, Srta. Steele. Acho que meu prazer é bastante óbvio. Venha, deixe eu botar você no chuveiro.

Ele desabotoa os outros três botões da camisa, tira as abotoaduras, puxa a camisa pela cabeça e a joga no chão. Então, tira a calça e a cueca e as chuta para o lado. Começa a desabotoar minha blusa enquanto o observo, louca para acariciar seu peito, mas me contenho.

— Como foi a viagem? — pergunta com simpatia. Parece muito mais calmo agora, aquela apreensão desapareceu, diluída na relação sexual.

— Ótima, obrigada — murmuro, ainda ofegante. — Obrigada mais uma vez pela primeira classe. É mesmo uma maneira muito mais agradável de viajar. — Dou um sorriso tímido. — Tenho uma novidade — acrescento nervosamente.

— Ah?

Ele me fita, enquanto acaba de desabotoar minha blusa, tirá-la e jogá-la em cima das suas roupas.

— Arranjei um emprego.

Ele fica imóvel, depois sorri para mim, o olhar meigo e carinhoso.

— Parabéns, Srta. Steele. Agora vai me dizer onde? — brinca.

— Você não sabe?

Ele balança a cabeça, franzindo a testa.

— Por que eu saberia?

— Com as suas habilidades persecutórias, achei que talvez pudesse saber... — deixo a frase inacabada quando seu rosto desaba.

— Anastasia, eu nem sonharia em interferir em sua carreira, a menos que me pedisse, claro. — Ele parece magoado.

— Então você não tem ideia de qual é a empresa?

— Não. Sei que há quatro editoras em Seattle, então imagino que seja uma delas.

— A SIP.

— Ah, a pequena, ótimo. Muito bem. — Ele se inclina e me dá um beijo na testa. — Moça inteligente. Quando começa?

— Segunda-feira.

— Tão cedo, hein? É melhor eu aproveitar você enquanto posso. Vire-se de costas.

Fico perplexa com aquela ordem descontraída, mas obedeço, e ele desabotoa meu sutiã e puxa o zíper da minha saia. Ao tirá-la, envolve minhas nádegas com as mãos e beija meu ombro. Encostado em mim, esfrega o nariz em meu cabelo e aspira, apertando minhas nádegas.

— Você me embriaga, Srta. Steele, e me acalma. Que combinação emocionante!

Ele beija meu cabelo, me pega pela mão e me puxa para dentro do chuveiro.

— Ai — grito.

A água está praticamente escaldante. Christian sorri para mim enquanto a água cai em cascata sobre ele.

— É só água quente.

E, na verdade, ele tem razão. A água está divina, lavando o melado que a manhã da Geórgia e o amor que fizemos deixaram em minha pele.

— Vire de costas — ordena ele, e obedeço, virando para a parede. — Quero lavar você — murmura, e pega o sabonete líquido, espremendo uma dose na mão.

— Tenho mais uma coisa para contar — murmuro, e ele começa a passar as mãos nos meus ombros.

— Ah, é? — pergunta ele, afável.

Preparo-me respirando fundo.

— A exposição de fotografias do meu amigo José começa na quinta-feira em Portland.

Ele fica imóvel, as mãos pairando sobre meus seios. Enfatizei a palavra “amigo”.

— Sim, o que é que tem? — pergunta, sério.

— Eu disse que iria. Quer vir comigo?

Após o que parece uma quantidade de tempo monumental, ele recomeça lentamente a me lavar.

— A que horas?

— Começa às sete e meia.

Ele beija meu ouvido.

— Tudo bem.

Dentro de mim, meu inconsciente relaxa e depois desmonta, afundando numa poltrona velha e surrada.

— O fato de você me convidar a deixou nervosa?

— Sim. Como sabe?

— Anastasia, seu corpo todo simplesmente relaxou — diz ele secamente.

— Bem, parece que você é mais para, hã... ciumento.

— Sim, sou — diz ele num tom misterioso. — E você faz bem em lembrar disso. Mas obrigada pelo convite. Vamos no Charlie Tango.

Ah, o helicóptero, claro, que bobagem. Mais um voo... legal! Sorrio.

— Posso lavar você? — pergunto.

— Acho que não — murmura ele, e me beija delicadamente no pescoço para tornar sua recusa menos traumática.

Fico amuada contra a parede enquanto ele acaricia minhas costas com sabão.

— Vai deixar eu tocar em você algum dia? — pergunto atrevida.

Ele torna a ficar parado, a mão na minha bunda.

— Ponha as mãos na parede, Anastasia. Vou comer você de novo — murmura ele no meu ouvido ao agarrar meus quadris, e sei que a discussão terminou.

* * *

MAIS TARDE, ESTAMOS sentados no balcão da cozinha, vestidos com roupões de banho, depois de comer o esplêndido espagete ao vôngole da Sra. Jones.

— Mais vinho? — pergunta Christian, os olhos cinzentos brilhando.

— Um pouco, por favor.

O Sancerre está geladinho e delicioso. Christian serve uma taça para mim e outra para ele.

— Como vai o, hã... problema que trouxe você a Seattle? — pergunto hesitante.

Ele fecha a cara.

— Fora de controle — murmura ele com amargura. — Mas nada com que você tenha que se preocupar, Anastasia. Tenho planos para você esta noite.

— Ah?

— Sim. Quero você pronta me esperando no quarto de jogos em quinze minutos.

Ele se levanta e olha para mim.

— Pode se preparar no seu quarto. Por falar nisso, o closet agora está cheio de roupas para você. Não quero nenhuma discussão a respeito.

Ele aperta os olhos, desafiando-me a dizer alguma coisa. Quando não digo, ele vai todo empertigado para o escritório.

Eu! Discutir? Com você, Cinquenta Tons? Isso é mais do que vale meu traseiro. Sento-me no banco do balcão, estupefata, tentando assimilar essa informação. Ele comprou roupas para mim. Reviro os olhos de um jeito exagerado, sabendo perfeitamente bem que ele não pode me ver. Carro, telefone, computador... roupas, a próxima coisa vai ser o raio de um apartamento, e aí eu serei sua amante.

Ei! Meu inconsciente está com aquela cara sarcástica. Finjo que não vejo e vou subindo para o *meu* quarto. Então, o quarto ainda é meu... por quê? Pensei que ele tivesse concordado em me deixar dormir com ele. Suponho que ele não esteja acostumado a dividir seu espaço com ninguém, mas eu também não estou. Consolo-me com a ideia de que pelo menos tenho para onde fugir dele.

Examino a porta e vejo que tem fechadura mas não tem chave. Pergunto-me se a Sra. Jones tem uma chave extra. Vou perguntar a ela. Abro a porta do closet e a fecho depressa. *Putá merda — ele gastou uma fortuna.* Parece o armário da Kate — tantas roupas penduradas com capricho. No íntimo, sei que todas elas me servem. Mas não tenho tempo para pensar nisso — tenho que me pôr de joelhos no Quarto Vermelho da... Dor... ou do Prazer, tomara — hoje à noite.

* * *

AJOELHADA AO LADO da porta, estou só de calcinha. Apavorada. Putz, pensei que, depois do banheiro, ele estivesse satisfeito. O homem é insaciável, ou talvez todos os homens sejam como ele. Não tenho ideia, ninguém com quem possa compará-lo. Fechando os olhos, tento me acalmar, me conectar com minha submissa interior. Ela está ali em algum lugar, escondida atrás da minha deusa interior.

A expectativa ferve em minhas veias. O que ele vai fazer? Respiro fundo, controlando a respiração, mas, não posso negar, estou com tesão, excitada, já molhada. Isso é muito... quero pensar, *errado*, mas de alguma forma, não é. É certo para Christian. É o que ele quer — e depois dos últimos dias... de tudo que ele fez, tenho que atender e aceitar o que quer que ele resolva desejar, o que quer que julgue precisar.

A lembrança de seu olhar quando entrei hoje à noite, sua expressão de desejo, o jeito resolutivo como veio andando para mim, como se eu fosse um oásis no deserto. Eu faria qualquer coisa para ver essa expressão de novo. Aperto as coxas pensando na recordação deliciosa, e isso me lembra que preciso abrir as pernas. Abro. Quanto tempo ele vai me deixar esperar? A espera está acabando comigo enchendo-me de um desejo sinistro e tentador.

Olho rapidamente ao redor do quarto com aquela iluminação sutil: o X, a mesa, o sofá, o banco... aquela cama. Ela tem muita relevância, e está feita com lençóis de cetim vermelhos. Que aparato ele vai usar?

A porta abre e Christian entra despreocupado, sem me dar a menor bola. Baixo os olhos rapidamente, olhando para minhas mãos, posicionadas com cuidado nas minhas coxas afastadas. Ele coloca algo na cômoda grande ao lado da porta e se encaminha displicentemente para a cama. Permito-me o prazer de dar uma olhadinha nele, e quase tenho uma síncope. Ele está vestido só com aquele jeans macio e rasgado, por acaso com o último botão aberto. *Está muuuuito gostoso.* Meu inconsciente se abana furiosamente, e minha deusa se requebra toda ao som de um ritmo primitivo e sensual. Ela está prontinha. Passo instintivamente a língua nos lábios. Meu sangue lateja nas veias, grosso e pesado com uma fome lasciva. *O que ele vai fazer comigo?*

Ele se vira despreocupadamente e vai de novo até a cômoda. Abre uma das gavetas e vai tirando dali de dentro itens que coloca em cima do móvel. Estou ardendo de curiosidade, chego até a queimar, mas resisto à tentação avassaladora de dar uma olhadinha furtiva. Quando termina o que está fazendo, ele vem se postar à minha frente. Vejo seus pés descalços e quero beijar cada centímetro deles... lamber o peito do pé, chupar todos os dedinhos. *Putá merda.*

— Você está linda — sussurra ele.

Continuo de cabeça baixa, consciente de que ele está me olhando enquanto estou praticamente nua. Sinto o rubor se espalhar lentamente pelo meu rosto. Ele se abaixa e apanha meu queixo, forçando-me a olhar para ele.

— Você é uma mulher linda, Anastasia. E é toda minha — murmura. — Levante-se.

A ordem é doce, carregada de sensualidade e promessa.

Trêmula, fico em pé.

— Olhe para mim — sussurra ele, e fito seus olhos ardentes. É seu olhar Dominador — frio e sensual como o diabo, o pecado em último grau em uma única mirada tentadora. Fico com a boca seca e

sei que farei qualquer coisa que ele pedir. Há um sorriso quase cruel brincando em seus lábios.

— Não temos um contrato assinado, Anastasia. Mas já discutimos limites. E quero reiterar que temos palavras de segurança, tudo bem?

Putá merda... o que ele tem planejado que eu precise de palavras de segurança?

— Quais são? — pergunta ele em tom autoritário.

Estranho a pergunta, e sua expressão endurece visivelmente.

— Quais são as palavras de segurança, Anastasia? — diz ele devagar e com determinação.

— Amarelo — murmuro.

— E? — ajuda ele, contraindo a boca.

— Vermelho — suspiro.

— Lembre-se delas.

E, é mais forte que eu... faço cara de surpresa para ele e estou prestes a lembrá-lo de minhas notas, mas o súbito brilho gelado em seus olhos cinzentos me detém.

— Não comece com suas gracinhas aqui, Srta. Steele. Senão vou te foder ajoelhada. Entendeu?

Engulo em seco instintivamente. *Tudo bem.* Pisco depressa, arrependida. Na verdade, é antes seu tom de voz do que a ameaça que me intimida.

— E então?

— Sim, senhor — murmuro depressa.

— Muito bem — ele faz uma pausa, fitando-me. — Minha intenção não é você usar a palavra de segurança por estar em sofrimento. O que pretendo fazer com você vai ser intenso. Muito intenso, e você tem que me orientar. Entendeu?

Mais ou menos. Intenso. Nossa.

— Envolverá tato, Anastasia. Você não poderá me ver nem me ouvir. Mas poderá sentir meu toque.

Acho estranho — *não poderei ouvi-lo.* Como isso vai funcionar? Ele se vira, e eu não tinha reparado que, em cima da cômoda, há uma caixa preta fosca lisa e chata. Quando ele faz um gesto com a mão na frente da caixa, ela se abre ao meio: duas portas corrediças se abrem revelando um tocador de CD e uma grande quantidade de

botões. Christian aperta vários deles em sequência. Nada acontece, mas ele parece satisfeito. Estou estupefata. Quando ele torna a virar de frente para mim, tem aquele sorrisinho de quem diz “eu tenho um segredo”.

— Vou amarrar você àquela cama, Anastasia. Mas primeiro vou vendar seus olhos — revela ele, o iPod em punho — e você não vai poder me ouvir. Só vai ouvir a música que vou tocar para você.

Tudo bem. Um interlúdio musical. Não era o que eu estava esperando. Será que ele alguma hora faz o que espero? *Tomara que não seja rap.*

— Venha.

Ele me dá a mão e me leva até a cama antiga de quatro colunas. Há grilhões presos a cada coluna, finas correntes de metal com argolas de couro, brilhando no cetim vermelho.

Puxa vida, acho que meu coração vai pular de dentro do peito, e estou derretendo de dentro para fora, o desejo me percorrendo toda. Seria possível eu estar mais excitada?

— Fique em pé aqui.

Estou de frente para a cama. Ele se abaixa e sussurra em meu ouvido.

— Espere aí. Mantenha os olhos na cama. Imagine que está deitada aí, amarrada e totalmente à minha mercê.

Ih, caramba.

Ele se afasta um instante, e escuto-o indo buscar alguma coisa perto da porta. Todos os meus sentidos estão hiperalertas, minha audição mais aguçada. Ele pegou uma coisa na estante de palmatórias ao lado da porta. *Caramba. O que vai fazer?*

Sinto-o atrás de mim. Ele apanha meu cabelo e começa a trançá-lo.

— Apesar de gostar das suas marias-chiquinhas, Anastasia, estou impaciente para comer você agora mesmo. Então uma trança só vai ter que servir.

Seu tom de voz é baixo, suave.

Seus dedos habilidosos roçam minhas costas de vez em quando ao trançar meu cabelo, e cada toque casual é como um doce choque elétrico em minha pele. Ele prende a ponta com um elástico de cabelo, depois puxa a trança com delicadeza, obrigando-me a

dar um passo atrás e ficar encostada nele. Ele puxa de novo para o lado, inclinando minha cabeça, facilitando seu acesso a meu pescoço. Esfrega o nariz ali, passando os dentes e a língua da base da minha orelha até meu ombro, cantarolando baixinho ao fazer isso, e o som repercute em todo o meu corpo. Até ali embaixo... *ali*, dentro de mim. Instintivamente, gemo baixinho.

— Silêncio, agora — suspira ele colado na minha pele. Levanta as mãos na minha frente, os braços encostando nos meus. Na mão direita, segura um açoite. Lembro-me do nome da primeira vez que estive neste quarto.

— Toque nisso — sussurra, soando como o diabo em pessoa.

Fico em fogo em resposta. Hesitante, estico o braço e toco nas fitas compridas. O instrumento tem muitas tiras compridas, todas de camurça macia arrematadas com continhas na ponta.

— Vou usar isto. Não vai doer, mas vai fazer o sangue aflorar à pele e deixar você muito sensível.

Ah, ele diz que não vai doer.

— Quais são as palavras de segurança, Anastasia?

— Hum... “amarelo” e “vermelho”, senhor — sussurro.

— Boa garota. Lembre-se, o medo está na sua cabeça.

Ele deixa o açoite na cama, e suas mãos vêm para minha cintura.

— Você não vai precisar disso — murmura, enganchando os dedos na minha calcinha e descendo-a pelas minhas pernas. Desvencilho-me dela, sem firmeza, apoiando-me na coluna enfeitada da cama.

— Fique parada — ordena ele, e beija meu traseiro, e depois me dá duas mordidinhas, deixando-me tensa. — Agora deite-se, de costas — acrescenta ao me dar uma palmada forte no traseiro, fazendo-me dar um pulo.

Arrasto-me depressa para a cama e me deito no colchão duro, olhando para ele. Sinto o cetim do lençol macio e fresco na pele. A expressão dele é impassível, a não ser pelos olhos, que brilham com uma excitação apenas contida.

— Mãos acima da cabeça — ordena, e obedeço.

Nossa, meu corpo tem fome dele. Já o quero.

Ele vira, e, de soslaio, observo-o ir de novo até a cômoda e voltar com o iPod e o que parece uma máscara para dormir semelhante à que usei no voo para Atlanta. A ideia me dá vontade de rir, mas não consigo fazer meus lábios cooperarem. Estou muito aflita com a expectativa. Só sei que não movo um só músculo do rosto e tenho os olhos arregalados ao olhar para ele.

Sentando na beira da cama, ele me mostra o iPod. O aparelho tem uma antena estranha e fones de ouvido. Que esquisito. Franzo a testa tentando entender.

— Isso transmite o que está tocando no iPod para o sistema de som do quarto — Christian responde à minha indagação tácita ao dar tapinhas na pequena antena. — Posso ouvir o que você está ouvindo e tenho um controle remoto para isso.

Ele dá aquele seu sorriso indolente e segura um pequeno dispositivo chato que parece uma calculadora muito moderna. Debruça-se sobre mim, inserindo os fones delicadamente nos meus ouvidos, e coloca o iPod em algum lugar na cama acima da minha cabeça.

— Levante a cabeça — ordena, e faço isso imediatamente.

Devagarinho, ele põe a máscara em mim, puxando o elástico na parte de trás, e estou cega. O elástico segura os fones no lugar. Ainda posso ouvi-lo, embora o som esteja abafado quando ele se levanta da cama. Fiquei surda com minha própria respiração — ela é curta e irregular, refletindo minha excitação. Christian pega meu braço esquerdo, estica-o delicadamente para o canto esquerdo, e prende a argola de couro em meu pulso. Quando termina, afaga meu braço inteiro com aqueles dedos compridos. *Ah!* Seu toque provoca um estremecimento delicioso. Ouço-o andar de mansinho para o outro lado, onde ele pega meu braço direito e coloca a algema. Mais uma vez, passa lentamente aqueles dedos pelo meu braço. *Ai nossa...* já estou a ponto de explodir. Por que isso é tão erótico?

Ele vai para o pé da cama e pega meus dois tornozelos.

— Levante a cabeça de novo — ordena.

Obedeço, e ele me arrasta para baixo, de modo que fico com os braços abertos e quase forçando as algemas. Caramba, não dá para mexer os braços. Um estremecimento de inquietação

combinado com um entusiasmo tentador percorre meu corpo, deixando-me mais molhada. Gemo. Abrindo minhas pernas, ele algema primeiro meu tornozelo direito, depois o esquerdo, de modo que estou paralisada, pernas e braços abertos, e totalmente vulnerável a ele. É muito aflitivo eu não poder vê-lo. Esforço-me para ouvir... o que ele está fazendo? E não escuto nada, só minha respiração e as batidas do meu coração enquanto o sangue me lateja furiosamente nos tímpanos.

Bruscamente, o chiado do iPod se transforma em música. De dentro da minha cabeça, uma voz angélica canta sem acompanhamento uma longa nota doce, e quase imediatamente uma outra voz se junta a ela, e depois mais vozes — Caramba, um coro celestial — cantando *a cappella* em minha cabeça, um hinário antiquíssimo. *O que é isso meu Deus?* Nunca ouvi nada parecido. Algo quase insuportavelmente macio roça meu pescoço, descendo languidamente por ele, devagarinho pelo peito, nos meus seios, acariciando-me... puxando meus mamilos, é muito macio, passa roçando. É muito *inesperado*. *É de pele! Uma luva de pele?*

Christian passa a mão, sem pressa e com determinação, na minha barriga, rodeando meu umbigo, depois de um lado do quadril ao outro, e tento prever onde ele vai em seguida... mas a música está em minha cabeça... me transportando... a pele, na linha dos meus pelos pubianos... entre minhas pernas, em minhas coxas, descendo por uma perna... subindo pela outra... quase faz cócegas... mas não propriamente... mais vozes entram... o coro celestial todo cantando em várias vozes alegres e doces, misturadas numa harmonia melódica que está além de tudo que já ouvi. Capto uma palavra e me dou conta de que estão cantando em latim. E a pele continua descendo pelos meus braços e em volta da cintura... e torna a subir por meus seios. Meus mamilos se intumescem sob o toque suave... e estou arfando, perguntando-me aonde a mão dele vai em seguida. De repente, a pele some, e sinto as tiras do açoite no corpo, fazendo o mesmo caminho da pele, e é muito difícil me concentrar com a música na cabeça — parece um coro de cem vozes, tecendo uma tapeçaria etérea de fios de ouro e prata com fibra de seda, misturado com a sensação da camurça macia na

minha pele... passando no meu corpo... *ai, caramba...* desaparece bruscamente. Então, com força, as tiras batem na minha barriga.

— Aaai — grito.

Sou pega de surpresa, mas não dói exatamente: fica formigando, e ele me bate de novo. Com mais força.

— Aaah!

Quero me mexer, me contorcer... fugir, ou acolher, cada golpe... não sei — isso é muito avassalador... não consigo puxar os braços... estou com as pernas presas... completamente imobilizada... e, de novo, ele golpeia meus seios — grito. E é uma agonia doce, suportável, apenas... agradável... não, não na mesma hora, mas a cada golpe que estala em minha pele, num contraponto perfeito com a música em minha cabeça, sou arrastada para uma parte obscura do meu espírito que se rende a esta sensação mais erótica que há. *Sim — entendo isso.* Ele me bate nos quadris, depois vai me dando golpes rápidos nos pelos pubianos, nas coxas, e descendo pela parte interna delas... e tornando a subir por meu corpo... pelos quadris. Ele continua enquanto a música chega ao clímax, e aí, a música para de repente. E ele também. Então, o coro recomeça... mais forte, mais forte, e ele me dá uma saraivada de golpes... e gemo e me contorço. Mais uma vez, o coro cessa e tudo fica em silêncio... a não ser minha respiração descontrolada... e meu desejo descontrolado. Por... ah... o que está acontecendo? O que ele vai fazer agora? A excitação é quase insuportável. Entrei num lugar muito obscuro, muito físico.

A cama balança e se mexe e eu o sinto deitar em cima de mim; a música recomeça. Ele colocou no *repeat*... dessa vez, são o nariz e os lábios dele que fazem as vezes de pele... me descendo pelo pescoço, beijando e chupando... indo para meus seios... Ah! Estimulando cada um dos meus mamilos... a língua girando em volta de um enquanto os dedos brincam sem cessar com o outro... Gemo, alto, acho eu, embora não consiga ouvir. Estou perdida. Perdida nele... perdida nas vozes exaltadas, sublimes... perdida para todas as sensações de que não consigo fugir... Estou inteiramente à mercê do toque experiente dele.

Ele desce para minha barriga — a língua rodeando meu umbigo — pelo mesmo caminho do açoite e da pele... gemo. Ele está

beijando e chupando e mordendo... descendo... e, então, está com a língua *ali*. No encontro das minhas coxas. Jogo a cabeça para trás e grito quando estou quase chegando à explosão do orgasmo. Estou quase lá, e ele para.

Não! A cama se mexe, e ele ajoelha entre minhas pernas. Chega para o lado da coluna da cama, e a algema do meu tornozelo de repente some. Puxo a perna para o meio da cama... descansando-a nele. Ele chega para o outro lado e solta a outra perna. Pega depressa minhas duas pernas, e começa a manipulá-las e massageá-las, reativando a circulação. Então, me levanta pelos quadris e me tira da cama. Estou dobrada, deitada de lado. *O quê?* Ele está se ajoelhando entre minhas pernas... e, com um movimento ágil e certo, está dentro de mim... ah... *porra...* e grito de novo. O estremecimento do meu orgasmo iminente começa, e ele fica imóvel. O estremecimento passa... *ah, não...* ele vai me torturar mais.

— Por favor! — choro.

Ele me segura com mais força... para me alertar? Não sei. Seus dedos comprimem a carne do meu traseiro enquanto estou ali arfando... então, fico deliberadamente imóvel. Muito devagarinho, ele recomeça a se movimentar... saindo e entrando... numa lentidão agonizante. *Putá merda, por favor!* Estou gritando por dentro... e ele vai aumentando o ritmo, acompanhando a intensidade da peça coral com uma precisão infinitesimal — é muito controlado... está totalmente no compasso da música. E não consigo suportar mais.

— Por favor — imploro, e, com um único movimento preciso, ele me deita de novo na cama, e está em cima de mim, apoiado com as mãos na cama ao lado dos meus seios, e me penetra. Quando a música chega ao clímax, eu caio... em queda livre... no orgasmo mais intenso e agonizante que já tive, e Christian me acompanha... me penetrando com força mais três vezes... e afinal parando, depois desabando em cima de mim.

Quando minha consciência volta de onde quer que tenha estado, Christian sai de dentro de mim. A música parou, e posso senti-lo se esticar por cima do meu corpo ao soltar a algema em meu pulso direito. Gemo quando minha mão é libertada. Ele rapidamente solta minha outra mão, retira a máscara dos meus olhos e os fones de

ouvido. Pisco naquela claridade suave e contemplo seus intensos olhos cinzentos.

— Oi — murmura ele.

— Oi — suspiro timidamente em resposta. Seus lábios se contraem num sorriso, ele se abaixa e me dá um beijo delicado.

— Muito bem — sussurra ele. — Vire-se de bruços.

Putá merda — o que ele vai fazer agora? Seu olhar fica mais doce.

— Só vou esfregar seus ombros.

— Ah... tudo bem.

Rolo de bruços com rigidez. Estou muito cansada. Christian monta em cima de mim e começa a massagear meus ombros. Dou um gemido alto — ele tem dedos muito fortes e experientes. Abaixa-se e beija minha cabeça.

— Que música era aquela? — murmuro quase sem articular as palavras.

— Chama-se “Spem in Alium”, um moteto para quarenta vozes de Thomas Tallis.

— Foi... um assombro.

— Eu sempre quis foder ao som dessa música.

— Outra primeira vez, Sr. Grey?

— Com certeza, Srta. Steele.

Gemo de novo quando seus dedos fazem sua mágica em meus ombros.

— Bem, também é a primeira vez que fodo ao som dessa música — murmuro sonolenta.

— Humm... você e eu estamos sempre tendo primeiras vezes juntos.

Sua voz é sem emoção.

— O que eu disse dormindo, Chris, hã, senhor?

Suas mãos interrompem por um instante o trabalho.

— Você disse um monte de coisas, Anastasia. Falou em jaulas e morangos... que queria mais... e que sentia minha falta.

Ah, graças a Deus por isso.

— Só? — Meu tom de alívio é evidente.

Christian para aquela massagem divina e se deita a meu lado, a cabeça apoiada no cotovelo. Está franzindo as sobrancelhas.

— O que achou que tivesse dito?

Ah, merda.

— Que eu achava você feio, presunçoso, e que era um caso perdido na cama.

Ele franze mais as sobrancelhas.

— Bem, naturalmente, sou isso tudo, e agora você me deixou muito intrigado. O que está escondendo de mim, Srta. Steele?

Pisco para ele com inocência.

— Não estou escondendo nada.

— Anastasia, você é uma negação para mentir.

— Pensei que você fosse me fazer rir depois do sexo. Isso não está funcionando.

Ele sorri.

— Não sei contar piada.

— Sr. Grey! Uma coisa que você não sabe fazer?

Rio para ele, e ele ri para mim.

— Não, sou uma negação para contar piada.

Ele parece tão orgulhoso de si que começo a rir.

— Eu também sou uma negação para contar piada.

— Como é bom ouvir isso — murmura ele, e me dá um beijo. —

Está me escondendo alguma coisa, Anastasia. Talvez eu tenha que arrancar isso de você sob tortura.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Acordo com um sobressalto. Penso que acabei de cair escada abaixo num sonho, e me sento depressa, momentaneamente desorientada. Está escuro, e estou sozinha na cama de Christian. Algo me despertou, um pensamento ruim. Olho para o despertador na mesa de cabeceira dele. São cinco da manhã, mas me sinto descansada. Por quê? Ah — é a diferença de fuso horário — são oito da manhã na Geórgia. *Putá merda... preciso tomar a pílula.* Levanto-me da cama, agradecida por seja lá o que tenha me despertado. Ouço notas ao longe no piano. Christian está tocando. Isso eu preciso ver. Adoro vê-lo tocar. Nua, pego o roupão de banho na cadeira e o visto andando pelo corredor ao som mágico do lamento melódico que vem da sala.

Envolto na escuridão, Christian toca sentado numa bolha de luz, e seu cabelo brilha com reflexos acobreados. Parece nu, embora eu saiba que está com a calça do pijama. Está concentrado, tocando lindamente, absorto na melancolia da música. Hesito, observando-o da penumbra, sem querer interrompê-lo. Quero abraçá-lo. Ele parece perdido, triste até, e dolorosamente só — ou talvez seja apenas a música, impregnada de uma tristeza muito pungente. Ele termina a peça, para por uma fração de segundo, depois repete-a. Vou me encaminhando com cautela para ele, como a mariposa atraída pela chama... a ideia me faz sorrir. Ele ergue os olhos para mim e franze a testa antes de tornar a olhar para as mãos.

Ah, merda, será que ele está puto pelo fato de eu o estar perturbando?

— Você devia estar dormindo — censura num tom afável.

Dá para ver que ele está preocupado com alguma coisa.

— Você também — retruco num tom não tão afável.

Ele torna a erguer os olhos, esboçando um sorriso.

— Está me repreendendo, Srta. Steele?

— Estou sim, Sr. Grey.

— Bem, não consigo dormir.

Ele torna a franzir a testa e vejo em seu rosto um sinal de irritação ou raiva. De mim? Com certeza, não.

Ignoro sua expressão e, numa atitude muito corajosa, sento-me a seu lado no banco do piano, encostando a cabeça em seus ombros nus para observar seus dedos ágeis e habilidosos acariciarem as teclas. Ele faz uma pausa quase imperceptível e depois continua a peça até o fim.

— O que estava tocando? — pergunto baixinho.

— Chopin. “Prelúdio opus vinte e oito, número quatro em mi menor”, se lhe interessar — murmura ele.

— Sempre me interessei pelo que você faz.

Ele se vira e pressiona docemente os lábios em meus cabelos.

— Eu não tinha intenção de acordá-la.

— Não acordou. Toque aquela outra.

— Outra?

— A peça de Bach que tocou na primeira noite em que estive aqui.

— Ah, “Marcello”.

Ele começa a tocar lentamente e com determinação. Sinto o movimento de suas mãos e seus ombros ali encostada nele de olhos fechados. As notas tristes e sentidas se irradiam num compasso lento e melancólico à nossa volta, ecoando nas paredes. É uma peça de uma beleza assombrosa, mais triste ainda que a de Chopin, e me perco na beleza do lamento. Até certo ponto, ela reflete como me sinto. O desejo pungente que tenho de conhecer melhor esse homem, de tentar entender a tristeza dele. Antes do que eu gostaria, a peça termina.

— Por que só toca essas músicas tristes?

Endireito-me no banco e vejo-o encolher os ombros em resposta à minha pergunta com uma expressão desconfiada.

— Então você só tinha seis anos quando começou a tocar? — provoco.

Ele balança a cabeça, com uma expressão mais desconfiada ainda. Passado um instante, fala.

— Eu me dediquei a aprender piano para agradar minha mãe.

— Para se encaixar na família perfeita?

— Sim, por assim dizer — responde evasivo. — Por que está acordada? Não precisa se recuperar dos esforços de ontem?

— São oito da manhã para mim. E preciso tomar a pílula.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Bem lembrado — murmura, e dá para ver que está impressionado. — Só você começaria a usar uma pílula que tenha hora certa para ser tomada numa região de fuso horário diferente. Talvez deva esperar meia hora e depois mais meia hora amanhã de manhã. Aí, acabará chegando a um horário razoável.

— Ótimo plano — suspiro. — Então o que faremos em meia hora? — pisco inocentemente para ele.

— Posso pensar em algumas coisas.

Ele sorri lascivamente. Olho impassível para ele, com as entranhas derretendo sob seu olhar cúmplice.

— Poderíamos conversar — sugiro calmamente.

Ele fica amuado.

— Prefiro o que tenho em mente.

Ele me põe no colo.

— Você sempre prefere fazer sexo a conversar.

Rio, e me seguro nele para me equilibrar.

— É verdade. Especialmente com você. — Ele esfrega o nariz em meu cabelo e começa a deixar uma trilha de beijos do meu ouvido até meu pescoço. — Talvez no piano — sussurra.

Ai, nossa. Meu corpo todo se contrai diante dessa ideia. *Piano. Nossa.*

— Quero esclarecer uma coisa — sussurro, enquanto minha pulsação começa a acelerar, e minha deusa interior fecha os olhos, deleitando-se com a sensação dos lábios dele nos meus.

Ele para um pouco antes de prosseguir com aquele ataque sensual.

— Sempre muito ansiosa por informações, Srta. Steele. O que precisa de esclarecimento? — suspira colado em minha nuca, continuando a trilha de beijos doces.

— Nós — sussurro fechando os olhos.

— Hum. O que tem nós?

Ele interrompe os beijos em meu ombro.

— O contrato.

Ele levanta a cabeça para me olhar, a expressão divertida, e suspira, acariciando minha bochecha com a ponta dos dedos.

— Bem, acho que o contrato é irrelevante, você não acha? — Sua voz é grave e rouca, seus olhos, meigos.

— Irrelevante?

— Irrelevante.

Ele sorri. Olho para ele curiosa.

— Mas você estava tão entusiasmado.

— Bem, isso foi antes. Enfim, as Regras não são irrelevantes, ainda estão de pé.

Sua expressão fica ligeiramente mais dura.

— Antes? Antes de quê?

— Antes do... — Ele para, e a expressão desconfiada volta. — Mais. — Encolhe os ombros.

— Ah.

— Além disso, já estivemos duas vezes no quarto de jogos, e você não fugiu gritando.

— Esperava que eu fugisse?

— Nada que você faz é esperado, Anastasia — diz ele secamente.

— Então vou ser clara. Você só quer que eu siga a parte das Regras do contrato o tempo todo mas não o restante do contrato?

— Menos no quarto de jogos. Quero que siga o espírito do contrato no quarto de jogos, e sim, quero que você siga as Regras, o tempo todo. Então saberei que estará segura, e eu poderei ter você sempre que quiser.

— E se eu infringir uma das Regras?

— Aí eu vou puni-la.

— Mas não vai precisar da minha permissão?

— Vou, sim.

— E se eu não der?

Ele me olha um instante, com uma expressão confusa.

— Se você não der, vou ter que encontrar um jeito de persuadi-la.

Eu me afasto dele e me levanto. Preciso me distanciar. Ele fecha a cara e olha para mim. Parece intrigado e desconfiado de novo.

- Então o lado da punição permanece.
- Sim, mas só se você infringir as Regras.
- Vou precisar relê-las — digo, tentando recordar o detalhe.
- Vou buscá-las para você.

O tom dele de repente fica profissional.

Puxa. O assunto ficou sério muito depressa. Ele se levanta do piano e vai num passo ágil até o escritório. Meu couro cabeludo comicha. Preciso de um chá. O futuro de nossa assim chamada relação está sendo discutido às cinco e quarenta e cinco da manhã quando ele está preocupado com outra coisa — será que isso é prudente? Vou para a cozinha, que continua às escuras. Cadê os interruptores de luz? Encontro-os, acendo-os, e ponho água na chaleira. *Minha pílula!* Procuro dentro da bolsa, que deixei no balcão da cozinha, e logo encontro a caixa. Um gole e pronto. Quando termino, Christian está de volta, sentado num dos bancos, observando-me com atenção.

— Aqui está.

Ele empurra uma folha impressa na minha direção, e vejo que riscou umas coisas.

REGRAS

Obediência:

A Submissa obedecerá a quaisquer instruções dadas pelo Dominador imediatamente, sem hesitação ou reserva, e com presteza. A Submissa concordará com qualquer atividade sexual que o Dominador julgar adequada e prazerosa salvo aquelas atividades que estão resumidas em limites rígidos (Apêndice 2). Ela fará isso avidamente e sem hesitação.

Sono:

A Submissa assegurará alcançar um mínimo de sete horas de sono por noite quando não estiver com o Dominador.

Alimentação:

~~A Submissa consumirá regularmente os alimentos previamente listados (Apêndice 4) para conservar a saúde. A Submissa não comerá nada entre as refeições, com a exceção de frutas.~~

Roupas:

Durante a Vigência, a Submissa só usará roupas aprovadas pelo Dominador. O Dominador fornecerá à Submissa um orçamento para o vestuário, que a Submissa deverá usar. O Dominador acompanhará *ad hoc* a Submissa nas compras de vestuário. Se o Dominador solicitar, a Submissa usará, durante a Vigência deste contrato, quaisquer adornos solicitados pelo Dominador, na presença do Dominador e em qualquer outra hora que o Dominador julgar adequado.

Exercícios:

O Dominador fornecerá à Submissa um personal trainer para sessões de uma hora de exercícios, ~~quatro~~ três vezes por semana, em horário a ser combinado de comum acordo entre o personal trainer e a Submissa. O personal trainer reportará ao Dominador o progresso da Submissa.

Higiene pessoal/Beleza:

A Submissa se manterá sempre limpa e com os pelos raspados e/ou depilados. A Submissa visitará um salão de beleza à escolha do Dominador com frequência a ser decidida pelo Dominador e se submeterá a tratamentos que o Dominador julgar adequados.

Segurança pessoal:

A Submissa não se excederá na bebida, não fumará, não fará uso de drogas recreativas nem se colocará desnecessariamente em qualquer situação de risco.

Qualidades pessoais:

A Submissa não se envolverá em quaisquer relações sexuais com qualquer outra pessoa senão o Dominador. A Submissa se conduzirá sempre de forma respeitosa e recatada. Ela deve reconhecer que seu comportamento se reflete diretamente no Dominador. Ela será responsabilizada por quaisquer crimes, delitos e má conduta incorridos quando não na presença do Dominador.

O não cumprimento de quaisquer das regras acima resultará em punição imediata, cuja natureza será determinada pelo Dominador.

— Então o negócio da obediência continua de pé?

— Sim. — Ele sorri.

Balanço a cabeça, achando graça, e, antes que eu me dê conta, reviro os olhos para ele.

— Você revirou os olhos para mim, Anastasia? — sussurra ele.

Ai, porra.

— É possível, depende de qual seja sua reação.

— A mesma de sempre — diz ele, balançando a cabeça, os olhos acesos.

Engulo em seco instintivamente e um estremecimento de excitação me percorre.

— Então... — *Putá merda. O que vou fazer?*

— Sim? — Ele passa a língua no lábio inferior.

— Quer me bater agora?

— Quero. E vou.

— Ah, é mesmo, Sr. Grey? — desafio, rindo para ele. É um jogo a dois.

— Vai me impedir?

— Primeiro você vai ter que me pegar.

Ele arregala os olhos um pouquinho e sorri, levantando-se devagar.

— Ah, é mesmo, Srta. Steele?

O balcão da cozinha está entre nós. Nunca agradeci tanto a sua existência quanto neste momento.

— E você está mordendo o lábio — suspira ele, chegando devagarinho para a sua esquerda enquanto chego para a minha.

— Você não faria isso — provoco. — Afinal, você revira os olhos.

Tento raciocinar com ele. Ele continua a chegar para sua esquerda, como eu.

— Sim, mas você acaba de estabelecer um padrão de excitação mais alto com esse jogo. — Seus olhos ardem, sôfregos.

— Sou muito ágil, você sabe. — Experimento demonstrar displicência.

— Eu também.

Ele está me perseguindo em sua própria cozinha.

— Você vem caladinha? — pergunta ele.

— Vou?

— Srta. Steele, como assim? — Ele dá uma risadinha. — Vai ser pior para você se eu tiver que ir pegá-la.

— Só se você me pegar, Christian. E, no momento, não pretendo deixar você fazer isso.

— Anastasia, você pode cair e se machucar. E com isso vai estar infringindo a regra número sete, agora, seis.

— Ando em perigo desde que conheci você, Sr. Grey, com ou sem regras.

— Sim, é verdade.

Ele para, e fecha a cara.

De repente, avança sobre mim, fazendo-me gritar e correr para a mesa da sala de jantar. Consigo fugir, colocando a mesa entre nós. Meu coração está disparado e já senti uma descarga de adrenalina... puxa... isso é emocionante. Voltei a ser criança, embora isso não esteja certo. Observo-o com cautela vir andando decidido para mim. Vou me afastando aos poucos.

— Você sabe mesmo distrair um homem, Anastasia.

— Nosso objetivo é satisfazer, Sr. Grey. Distraí-lo de quê?

— Da vida. Do universo. — Ele faz um gesto vago com uma das mãos.

— Você pareceu, sim, muito preocupado quando estava brincando.

Ele para e cruza os braços, a expressão divertida.

— Podemos passar o dia inteiro fazendo isso, baby, mas eu vou pegá-la, e simplesmente vai ser pior para você quando isso acontecer.

— Você não me pega, não.

Não posso ser excessivamente confiante. Repito isso como um mantra. Meu inconsciente achou os tênis, e está em posição de largada.

— Qualquer pessoa acharia que você não quer que eu te pegue.

— Eu não quero. A questão é essa. Sinto-me em relação à punição do mesmo jeito que se sente ao ser tocado por mim.

A atitude dele muda numa fração de segundo. O Christian brincalhão desaparece, e ele fica olhando para mim como se eu o tivesse esbofeteado. Está lívido.

— É esse o seu sentimento? — sussurra ele.

Essas cinco palavras, e a forma como ele as pronuncia, dizem muito.

Ah, não. Elas me dizem muito mais sobre ele e sobre como ele se sente. Falam do seu medo e de sua aversão. Franzo as sobancelhas. Não, o que eu sinto não é tão forte. De jeito nenhum. É?

— Não. Isso não me afeta tanto, mas dá uma ideia — murmuro, fitando-o com ansiedade.

— Ah — diz ele.

Merda. Ele parece completa e absolutamente perdido, como se eu tivesse puxado o tapete de debaixo dos pés.

Respirando fundo, dou a volta na mesa até estar parada na frente dele, fitando seus olhos apreensivos.

— Você odeia tanto isso? — suspira ele, horrorizado.

— Bem... não — tranquilizo-o. *Nossa, é isso que ele sente em relação a ser tocado?* — Não. Tenho um sentimento ambivalente em relação a isso. Não gosto, mas não odeio.

— Mas ontem à noite, no quarto de jogos, você...

— Faço isso por você, Christian, porque você precisa. Eu não. Você não me machucou ontem à noite. Aquilo foi num contexto diferente, e consigo racionalizar isso internamente, e confio em você. Mas quando você quer me punir, fico com medo de que me machuque.

Seus olhos escurecem como uma tempestade turbulenta. Passa um bom tempo até ele responder docemente.

— Quero machucar você. Mas não além do que você é capaz de aguentar.

Porra!

— Por quê?

Ele passa a mão pelo cabelo, e dá de ombros.

— Eu simplesmente preciso disso. — Faz uma pausa, olhando angustiado para mim, fecha os olhos e balança a cabeça. — Não sei dizer.

— Não sabe ou não quer?

— Não quero.

— Então sabe por quê.

— Sei.

— Mas não quer me dizer.

— Se eu disser, você vai sair correndo dessa sala para nunca mais voltar. — Ele me olha desconfiado. — Não posso correr esse risco, Anastasia.

— Quer que eu fique?

— Mais do que você pensa. Eu não suportaria perdê-la.

Nossa.

Ele me olha, e, de repente, me puxa para seus braços e está me beijando, beijando-me com paixão. Isso me pega completamente desprevenida, e sinto seu pânico e sua carência desesperada naquele beijo.

— Não me deixe. Dormindo, você disse que não me deixaria, e me implorou para que eu não a deixasse — murmura ele em meus lábios.

Ah... as minhas confissões noturnas.

— Eu não quero ir embora.

E fico com o coração apertado, virado pelo avesso.

Este é um homem carente. Seu medo é óbvio, mas ele está perdido... em algum lugar em sua escuridão. Seus olhos estão arregalados, tristes e torturados. Posso tranquilizá-lo, juntando-me a ele por um instante na escuridão e trazê-lo para a luz.

— Mostre — sussurro.

— Mostrar?

— Mostre o quanto isso pode doer.

— O quê?

— A punição. Quero saber até que ponto pode ser doloroso.

Christian recua, completamente confuso.

— Você experimentaria?

— Sim. Eu disse que experimentaria.

Mas tenho outro motivo. Se eu fizer isso por ele, talvez ele me deixe tocá-lo.

Ele pisca.

— Ana, você é muito confusa.

— Eu estou confusa. Estou tentando entender. E você vai saber, de uma vez por todas, se eu consigo fazer isso. Se eu conseguir lidar com isso, então talvez você...

As palavras me faltam, e seus olhos tornam a se arregalar. Ele sabe que estou me referindo à questão do toque. Por um momento, ele parece dilacerado, mas depois uma determinação ferrenha se instala em suas feições, e ele aperta os olhos, olhando-me com curiosidade, como se estivesse ponderando alternativas.

Bruscamente, ele me segura firme pelo braço, e sobe comigo para o quarto de jogos. Prazer e dor, recompensa e punição — suas palavras de muito tempo atrás ecoam em minha mente.

— Vou mostrar o quanto pode machucar — e você pode tomar sua decisão. — Ele para ao lado da porta. — Está preparada?

Balanço a cabeça, já decidida, e fico vagamente atordoada, sentindo o sangue me fugir do rosto.

Ele abre a porta e, ainda segurando meu braço, pega o que parece um cinto da estante ao lado da porta, depois me leva para o banco de couro vermelho na outra ponta do quarto.

— Debruce no banco — murmura com doçura.

Tudo bem, dá para eu fazer isso. Debruço-me no couro liso e macio. Ele me deixou de roupão. Numa parte sossegada do meu cérebro, estou vagamente surpresa por ele não ter me obrigado a despi-lo. *Putá merda, isso vai doer... eu sei.*

— Estamos aqui porque você disse sim, Anastasia. E fugiu de mim. Vou bater seis vezes, e você vai contar comigo.

Por que ele simplesmente não bate logo? Ele sempre complica tanto a ação de me punir. Reviro os olhos, sabendo perfeitamente bem que ele não me vê.

Ele levanta a barra do meu roupão, e, por alguma razão, isso dá uma sensação de intimidade maior do que a nudez. Acaricia delicadamente minha bunda, passando as mãos quentes nas duas nádegas e descendo até o alto das coxas.

— Estou fazendo isso para você se lembrar de não fugir de mim, e, por mais excitante que isso seja, eu não quero nunca que você fuja de mim — sussurra ele.

E não deixo de perceber a ironia. Eu estava fugindo para evitar isso. Se ele tivesse aberto os braços, eu teria corrido para ele, não dele.

— E você revirou os olhos para mim. Você sabe o que eu acho disso.

De repente, aquele tom aflito e assustado em sua voz desaparece. Ele voltou de onde quer que tenha estado. Ouço isso em sua voz, no jeito que ele põe os dedos nas minhas costas, me segurando — e o clima no quarto muda.

Fecho os olhos, preparando-me para o golpe. Ele vem com força, batendo no meu traseiro, e o impacto da correada é tudo que eu temia. Grito automaticamente e aspiro uma enorme tragada de ar.

— Conte, Anastasia — ordena ele.

— Um! — grito para ele, e a palavra soa como um expletivo.

Ele torna a me bater, e a dor lateja e ecoa ao longo da correada.
Putá merda... isso arde.

— Dois! — grito.

A sensação de gritar é muito boa.

A respiração dele está ofegante e áspera, e a minha é quase inexistente enquanto tento me concentrar para encontrar um pouco de força mental. Levo mais uma correada.

— Três!

As lágrimas brotam em meus olhos, inoportunas. Isso é pior do que eu pensava, muito pior do que espancamento. Ele não está pegando leve.

— Quatro! — grito, e a correia torna a estalar, e agora as lágrimas me escorrem pelo rosto.

Não quero chorar. Fico com raiva de estar chorando. Ele me bate de novo.

— Cinco!

Minha voz é mais um soluço engasgado, estrangulado, e, neste momento, penso que o odeio. Mais uma, não aguento mais. Meu traseiro está pegando fogo.

— Seis — sussurro, sentindo de novo na pele a dor abrasadora, e escuto-o largar a correia atrás de mim, e ele está me puxando para seus braços, todo ofegante e compassivo... e eu não quero nada com ele.

— Solte-me... não...

E me dou conta de que estou me debatendo para me desvencilhar dele, empurrando-o. Lutando com ele.

— Não me toque! — sibilo.

Endireito-me e olho para ele, e ele está me observando como se eu pudesse sair correndo, olhos arregalados, desconcertado. Limpo as lágrimas com as costas da mão, irritada, fuzilando-o com os olhos.

— É disso que você realmente gosta? De mim, assim? — Uso a manga do roupão para secar o nariz.

Ele me olha desconfiado.

— Bem, você é um filho da puta.

— Ana — apela ele, chocado.

— Não se atreva a apelar para mim! Você precisa se resolver, Grey!

E, com isso, dou meia-volta com firmeza e saio do quarto de jogos, fechando a porta calmamente ao passar.

Segurando a maçaneta, fico um instante encostada na porta atrás de mim. Aonde ir? Será que fujo? Será que fico? Estou muito furiosa, lágrimas escaldantes me escorrem pelo rosto, e eu as afasto com um gesto violento. Só quero ficar encolhida. Ficar encolhida e me recuperar de algum modo. Recompôr minha fé abalada. Como pude ser tão idiota? Claro que isso dói.

Timidamente, esfrego minha bunda. Aah! Está doendo. Aonde ir? Não para o quarto dele. Para o meu quarto, ou para o quarto que será meu, não, é meu... *era* meu. Era por isso que ele queria que eu ficasse com esse quarto. Ele sabia que eu precisaria ficar longe dele.

Corro para lá toda rígida, consciente de que Christian pode me seguir. Ainda está escuro no quarto, a aurora é apenas um fiapo no horizonte. Ajeito-me desajeitada na cama, tomando cuidado para não me sentar sobre a parte dolorida. Não tiro o roupão e me enrolo nele, encolhida, e desabo — soluçando violentamente no travesseiro.

O que eu estava pensando? Por que deixei que ele fizesse isso comigo? Eu queria o lado escuro, explorar quão ruim poderia ser — mas é muito escuro para mim. Não posso fazer isso. No entanto, é o que ele faz. É assim que ele tem prazer.

Que toque monumental para me acordar. E, para ser justa com ele, ele me avisou várias vezes. Ele não é normal. Tem carências que não posso satisfazer. Vejo isso agora. Não quero que torne a

me bater assim, jamais. Penso nas duas vezes em que me bateu, e em quão afável foi comigo em comparação a hoje. Será que isso lhe basta? Soluço com mais força no travesseiro. Vou perdê-lo. Ele não vai querer estar comigo se eu não lhe der isso. Por que, por que, por que me apaixonei por ele? Por quê? Por que não posso amar José, ou Paul Clayton, ou alguém feito eu?

Ah, o olhar desconsolado dele quando fui embora. Fui muito cruel, chocada com a selvageria... será que ele vai me perdoar?... será que eu vou perdoá-lo? Meus pensamentos estão todos malucos e confusos, ecoando e ricocheteando no interior do meu crânio. Meu inconsciente balança a cabeça, e minha deusa interior sumiu. Ah, esta é uma manhã de alma negra para mim. Estou só. Quero minha mãe. Eu me lembro de suas palavras de despedida no aeroporto.

Faça o que seu coração mandar, querida, e, por favor, por favor, tente não pensar demais. Relaxe e aproveite a vida. Você é muito jovem, querida. Ainda tem muito que viver, simplesmente deixe rolar. Você merece o melhor de tudo.

Fiz, sim, o que meu coração mandou, e fiquei com a bunda doendo e o espírito abatido por causa disso. Tenho que ir. Chega... Tenho que ir embora. Ele não serve para mim, e eu não sirvo para ele. Como podemos fazer isso dar certo? E a ideia de não tornar a vê-lo praticamente me sufoca... meu Cinquenta Tons.

Ouçõ a porta abrir. *Ah não — ele está aqui.* Ele põe uma coisa na mesa de cabeceira, e sinto a cama mexer com seu peso quando ele se deita atrás de mim.

— Quieta — suspira, e quero me afastar dele, chegar para o outro lado da cama, mas estou paralisada. Não consigo me mexer e fico ali, rígida, inflexível. — Não brigue comigo, Ana, por favor — diz docemente, puxando-me para seus braços, enterrando o nariz no meu cabelo, beijando-me o pescoço. — Não me odeie — diz baixinho, colado em mim, a voz tristíssima. Sinto outra vez um aperto no coração e desabafo com uma onda de soluços mudos. Ele continua me dando beijos ternos, mas eu continuo alheia e ressabiada.

Ficamos séculos deitados assim sem dizer palavra. Ele se limita a me abraçar, e, aos pouquinhos, vou relaxando e paro de chorar. A

aurora chega e vai embora, e a luminosidade suave vai aumentando à medida que amanhece, e continuamos ali calados.

— Trouxe um Advil e um creme de arnica para você — diz ele muito tempo depois.

Viro-me muito devagar para ficar de frente para ele. Estou com a cabeça deitada em seu braço. Seu olhar duro é cauteloso.

Olho para aquele rosto lindo. Ele não está revelando nada, mas continua me fitando, sem piscar. Ah, ele é tão impressionantemente lindo... Em pouquíssimo tempo, tornou-se uma pessoa tão querida para mim. Levanto o braço para afagar seu rosto, passando as pontas dos dedos naquela barba por fazer. Ele fecha os olhos e solta a respiração.

— Eu sinto muito — murmuro.

Ele abre os olhos e me olha intrigado.

— Por quê?

— Pelo que eu disse.

— Você não me disse nada que eu não soubesse. — E seu olhar aliviado fica mais suave. — Sinto muito por ter machucado você.

Encolho os ombros.

— Eu pedi.

E agora sei. Engulo em seco. Lá vai. Preciso dizer a minha parte.

— Acho que não posso ser tudo que você quer que eu seja.

Ele arregala os olhos e pisca, de novo com aquele olhar resabiado.

— Você é tudo que eu quero que seja.

O quê?

— Não entendo. Eu não sou obediente e você pode ter certeza que não vou deixar você fazer *aquilo* comigo de novo. E é disso que você precisa, você disse.

Ele torna a fechar os olhos, e vejo milhares de emoções passando pelo seu rosto. Quando os abre, sua expressão é de desalento. *Ah, não.*

— Tem razão. Eu devo deixar você ir embora. Não sirvo para você.

Meu couro cabeludo comicha e fico toda arrepiada, e o mundo me foge, deixando um abismo imenso à minha frente para eu cair. *Ah, não.*

— Não quero ir — sussurro.

Porra, é isso aí. Dá ou desce. Mais uma vez, meus olhos ficam marejados.

— Também não quero que vá — sussurra ele, a voz rouca. Afaga meu rosto com doçura e limpa uma lágrima com o polegar. — Fiquei cheio de vida desde que conheci você.

Seu polegar traça o contorno do meu lábio inferior.

— Eu também — sussurro. — Eu me apaixonei por você, Christian.

Ele torna a arregalar os olhos, mas, agora, de puro e autêntico medo.

— Não — sussurra ele como se eu tivesse lhe dado um soco.

Ah, não.

— Você não pode me amar, Ana. Não... é um erro.

Ele está apavorado.

— Errado? Errado por quê?

— Bem, olha só pra você. Não posso fazer você feliz.

A voz dele é angustiada.

— Mas você me faz feliz.

Fico séria.

— Não no momento, não fazendo o que quero fazer.

Putá merda. É isso aí mesmo. Tudo se resume a isso — incompatibilidade — e penso em todas aquelas pobres submissas.

— A gente nunca vai superar isso, não é? — pergunto, apavorada.

Ele balança a cabeça, desanimado. Fecho os olhos. Não aguento olhar para ele.

— Bem... é melhor eu ir, então — murmuro, fazendo uma careta ao me sentar na cama.

— Não, não vá.

Ele parece em pânico.

— Não adianta eu ficar.

De repente, sinto-me cansada, cansadíssima mesmo, e quero ir embora já. Levanto da cama, e Christian me acompanha.

— Vou me vestir. Gostaria de um pouco de privacidade — digo, num tom monótono e vazio ao deixá-lo em pé ali no quarto.

Ao descer as escadas, olho a grande sala, pensando em como, há apenas algumas horas, eu descansara a cabeça em seu ombro enquanto ele tocava piano. Tanta coisa aconteceu desde então. Abri os olhos e entrevi a extensão de sua depravação, e agora sei que ele não tem capacidade de amar — de dar e receber amor. O que eu mais temia aconteceu. E o estranho é que isso me torna livre.

A dor é tamanha que me recuso a reconhecê-la. Sinto-me anestesiada. De certa forma, saí do meu corpo e sou agora uma mera observadora dessa tragédia que vem pela frente. Tomo tranquilamente uma ducha rápida, focando apenas em cada um dos momentos seguintes. Apertar o vidro de sabonete líquido. Colocar o sabonete líquido de volta na prateleira. Esfregar a bucha no rosto, nos ombros... e no corpo todo, só ações simples, exigindo apenas pensamentos simples e mecânicos.

Termino o banho — e, como não lavei a cabeça, posso me secar depressa. Visto o roupão e pego a calça jeans e a camisa na minha mala. A calça arranha meu traseiro, mas, sinceramente, é uma dor que acho positiva, pois me distrai do que está acontecendo com meu coração despedaçado.

Abaixo-me para fechar a mala e bato o olho na sacola com o presente de Christian, o kit de um planador Blanik L23, um aeromodelo para ele montar. As lágrimas ameaçam. *Ah, não...* tempos mais felizes, quando havia esperança de mais. Tiro o kit da caixa, sabendo que preciso dar o presente a ele. Arranco uma folha do meu caderno, escrevo às pressas um bilhete para ele e o deixo em cima da caixa.

Isso me faz lembrar uma época feliz.
Obrigada.

Ana.

Olho-me no espelho. Um fantasma pálido e atormentado olha para mim. Faço um coque e não tomo conhecimento de quão inchadas estão minhas pálpebras de tanto chorar. Meu inconsciente

aprova com um aceno de cabeça. Até ele sabe não ser debochado agora. Não posso acreditar que meu mundo esteja desmoronando e virando um monte estéril de cinzas à minha volta, todos os meus sonhos e as minhas esperanças desfeitos. Não, não, não pense nisso. Agora não, ainda não. Respirando fundo, pego a mala, e, depois de deixar o kit do planador com o bilhete no travesseiro dele, vou para a sala.

Christian está ao telefone, de calça jeans preta e camisa de malha, descalço.

— Ele disse o quê? — grita, sobressaltando-me. — Bem, ele poderia ter nos dito a verdade, porra. Qual é o telefone dele? Preciso ligar para ele... Welch, isso é uma verdadeira cagada. — Ele não tira aqueles olhos escuros e sorumbáticos de mim. — Encontre-a — diz secamente e desliga.

Vou até o sofá e pego a mochila, fazendo o possível para ignorá-lo. Tiro o Mac dali de dentro e volto para a cozinha, colocando o laptop cuidadosamente no balcão, junto com o BlackBerry e a chave do carro. Quando me viro, ele está me olhando estupefato e horrorizado.

— Preciso do dinheiro que o Taylor conseguiu com meu fusca.

Minha voz está clara e calma, sem emoção... *extraordinário*.

— Ana, eu não quero essas coisas, elas são suas — diz ele incrédulo. — Leve-as com você.

— Não, Christian. Eu só aceitei como empréstimo, e não as quero mais.

— Ana, seja sensata — até agora ele me censura.

— Não quero nada que me lembre de você. Só preciso do dinheiro que Taylor conseguiu com meu carro.

Minha voz é bem monótona.

Ele arqueja.

— Está realmente tentando me magoar?

— Não. — Fico séria, olhando para ele. Claro que não... eu te amo. — Não estou. Estou tentando me proteger — sussurro. Porque você não me quer do jeito que eu quero você.

— Por favor, Ana, leve essas coisas.

— Christian, eu não quero brigar. Só preciso do dinheiro.

Ele estreita os olhos, mas já não me intimida. Bem, só um pouquinho. Olho impassível para ele, sem pestanejar nem recuar.

— Aceita cheque? — pergunta ele, ácido.

— Aceito. Acho que você tem crédito para isso.

Ele não sorri, apenas se vira e vai para o estúdio. Corro os olhos demoradamente uma última vez pelo apartamento dele — pelas obras de arte nas paredes — todas abstratas, serenas, plácidas... frias, até. *Combina*, penso distraidamente. Meus olhos se deixam ir para o piano. Putz — se eu tivesse ficado de boca fechada, teríamos feito amor em cima do piano. Não, teríamos fodido, fodido em cima do piano. Bem, eu teria feito amor. A ideia me pesa na mente e no que me resta de coração. Ele nunca fez amor comigo, não é? Para ele, fazer amor sempre foi foder.

Christian volta e me entrega um envelope.

— Taylor conseguiu um bom preço. É um carro clássico. Pode perguntar a ele. Ele leva você para casa.

Faz um sinal de cabeça indicando um ponto atrás de mim. Viro-me, e Taylor está parado à porta, impecável como sempre naquele seu terno.

— Não precisa. Posso ir sozinha para casa, obrigada.

Viro-me de novo para Christian, e vejo a fúria mal contida em seus olhos.

— Vai me desafiar a cada vez?

— Por que mudar um hábito da vida inteira?

Encolho ligeiramente os ombros para ele, como um pedido de desculpas.

Ele fecha os olhos frustrado e passa a mão no cabelo.

— Por favor, Ana, deixe o Taylor levar você em casa.

— Vou buscar o carro, Srta. Steele — anuncia Taylor com autoridade.

Christian faz um sinal de cabeça para ele, e, quando olho, já se foi.

Viro-me para Christian. Estamos a um metro um do outro. Ele dá um passo à frente, e, instintivamente, recuo. Ele para, e a angústia em sua expressão é palpável, seus olhos cinzentos inflamados.

— Não quero que você vá — murmura, a voz cheia de desejo.

— Não posso ficar. Sei o que quero e você não pode me dar isso, e não posso dar o que você precisa.

Ele dá mais um passo à frente, e levanto as mãos.

— Não, por favor. — Recuo. Não há condição de eu tolerar ser tocada por ele agora, isso vai me matar. — Não posso fazer isso.

Pego a mala e a mochila, e me encaminho para o hall. Ele me segue, mantendo uma distância cautelosa. Aperta o botão do elevador, e as portas se abrem. Entro.

— Adeus, Christian — murmuro.

— Ana, adeus — diz ele baixinho, parecendo um homem absolutamente alquebrado, num sofrimento agonizante, refletindo como eu me sinto por dentro. Desvio o olhar dele antes que eu mude de ideia e tente consolá-lo.

As portas do elevador se fecham e lá vou eu descendo a toda para as entranhas do subsolo e para meu inferno pessoal.

* * *

TAYLOR ABRE A porta para mim, e entro no banco traseiro do carro. Evito o contato visual. Estou totalmente sem jeito e envergonhada. Sou um fracasso absoluto. Eu tinha esperado trazer o meu Cinquenta Tons para a luz, mas isso provou ser uma tarefa além das minhas poucas habilidades. Desesperadamente, tento refrear minhas emoções. Ao entrarmos na Quarta Avenida, estou olhando pela janela com o olhar perdido, e a enormidade do que fiz me submerge. *Merda — eu o deixei.* O único homem que já amei. O único homem com quem já dormi. Arquejo, sentindo uma dor dilacerante, e a represa se rompe. Lágrimas incontidas me escorrem pelo rosto, e eu as enxugo apressadamente com os dedos, catando os óculos escuros na bolsa. Quando paramos num sinal, Taylor me passa um lenço. Não diz nada, não olha para mim, e eu aceito agradecida.

— Obrigada — murmuro, e este pequeno e discreto ato de bondade é a minha perdição. Recosto-me no luxuoso banco de couro e choro.

* * *

O APARTAMENTO VAZIO e estranho me angustia. Ainda não moro ali tempo suficiente para me sentir em casa. Vou direto para meu quarto, e ali, murchinho, pendurado no pé da minha cama, está um balão triste em forma de helicóptero. Charlie Tango é meu retrato em todos os sentidos. Puxo-o com irritação da grade, arrebentando o fio, e me abraço a ele. *Ah — o que foi que eu fiz?*

Caio na cama, de sapato e tudo, e dou um grito de tristeza. A dor é indescritível... física, mental... metafísica... está em tudo, vai se entranhando em minha medula. Tristeza. Isso é tristeza — e fui eu mesma que busquei. Lá bem no meu íntimo, um pensamento desagradável vem da minha deusa interior, com aquele seu sorrisinho debochado... a dor física provocada por uma correada não é nada comparada a essa desolação. Fico encolhida ali, segurando com desespero o balão murcho e o lenço de Taylor, e me entrego à minha dor.

Cinquenta
tons mais
escuros

E L James



E L James

Cinquenta tons mais escuros

TRADUÇÃO DE JULIANA ROMEIRO



Copyright © Fifty Shades Ltd 2011

A autora publicou, inicialmente na internet e sob o pseudônimo Snowqueen's Icedragon, uma versão em capítulos desta história, com personagens diferentes e sob o título *Master of the Universe*

TÍTULO ORIGINAL

Fifty Shades Darker

CAPA

Jennifer McGuire

IMAGEM

E. Spek/Dreamstime.com

PREPARAÇÃO

Julia Sobral

REVISÃO

Milena Vargas

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-209-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Z e J
Vocês têm meu amor incondicional, sempre

AGRADECIMENTOS

Tenho uma grande dívida de gratidão para com Sarah, Kay e Jada. Obrigada por tudo o que fizeram por mim.

Devo também um ENORME obrigada a Kathleen e Kristi, que me salvaram e resolveram um monte de coisas.

Obrigada também a Niall, meu marido, meu amante e meu melhor amigo (a maior parte do tempo).

E um superobrigada a todas as mulheres maravilhosas do mundo inteiro que tive o prazer de conhecer desde que tudo isso começou, e que hoje considero minhas amigas, entre elas: Ale, Alex, Amy, Andrea, Angela, Azucena, Babs, Bee, Belinda, Betsy, Brandy, Britt, Caroline, Catherine, Dawn, Gwen, Hannah, Janet, Jen, Jenn, Jill, Kathy, Katie, Kellie, Kelly, Liz, Mandy, Margaret, Natalia, Nicole, Nora, Olga, Pam, Pauline, Raina, Raizie, Rajka, Rhian, Ruth, Steph, Susi, Tasha, Taylor e Una. E também às muitas e muitas mulheres talentosas, engraçadas e acolhedoras que conheci on-line (e homens também). Vocês sabem quem são.

Obrigada a Morgan e a Jenn por todas as questões ligadas ao Heathman.

E, finalmente, obrigada a Janine, minha editora. Você é o máximo. E isso é tudo.

PRÓLOGO

Ele voltou. Mamãe está dormindo ou então está doente de novo.

Eu me escondo e me enrosco debaixo da mesa da cozinha. Por entre meus dedos posso ver mamãe. Ela está dormindo no sofá, com a mão sobre o tapete verde e pegajoso, e ele está usando suas botas grandes, com fivelas brilhantes, e está de pé junto dela, gritando.

Ele acerta mamãe com um cinto. *Levante-se! Levante-se! Você é uma cadela filha da puta. Você é uma cadela filha da puta. Você é uma cadela filha da puta. Você é uma cadela filha da puta. Você é uma cadela filha da puta.*

Mamãe soluça. *Pare. Por favor, pare.* Mamãe não grita. Mamãe se encolhe.

Tapo os ouvidos e fecho os olhos. O barulho para.

Ele se vira, e posso ver suas botas à medida que caminha em direção à cozinha. Ainda está com o cinto. Está me procurando.

Ele se abaixa e sorri. Cheira mal. A cigarro e bebida. *Aí está você, seu merdinha.*

Um uivo arrepiante o acorda. *Meu Deus!* Ele está encharcado de suor e seu coração bate muito forte. *Que porra é essa?* Ele se senta na cama e leva a cabeça até as mãos. *Merda. Eles voltaram. O barulho era eu.* Respira fundo, tentando afastar da mente e das narinas o cheiro de uísque barato e de cigarros Camel rançosos.

CAPÍTULO UM

Sobrevivi ao terceiro dia pós-Christian, e ao primeiro dia no emprego. Foi uma distração bem-vinda. O tempo voou numa névoa de rostos novos, trabalho a fazer e a presença do Sr. Jack Hyde. O Sr. Jack Hyde... ele sorri para mim, os olhos azuis cintilantes, ao se recostar contra minha mesa.

— Bom trabalho, Ana. Acho que vamos formar um belo time.

De alguma forma, dou um jeito de curvar os lábios para cima num arremedo de sorriso.

— Acho que já vou indo, se estiver tudo bem para o senhor — murmuro.

— Claro, são cinco e meia. Vejo você amanhã.

— Boa noite, Jack.

— Boa noite, Ana.

Pego minha bolsa, enfio-me no casaco e caminho até a porta. Lá fora, no ar do início de noite de Seattle, respiro fundo. Ele não chega nem perto de encher o vazio em meu peito, um vazio que está ali desde a manhã de sábado, um lembrete oco e doloroso de minha perda. Caminho de cabeça baixa em direção ao ponto de ônibus, olhando para os meus pés e contemplando a vida sem o meu amado Wanda, meu fusca antigo... ou sem o Audi.

Imediatamente bloqueio esses pensamentos. Não. Não pense nele. É claro que tenho dinheiro para comprar um carro — um belo carro novo. Suspeito de que ele tenha sido generoso demais no pagamento, e a ideia deixa um gosto amargo em minha boca, mas eu a afasto e tento manter a cabeça tão vazia e entorpecida quanto possível. Não posso pensar nele. Não quero começar a chorar de novo, não no meio da rua.

O apartamento está vazio. Sinto saudade de Kate, e a imagino deitada numa praia em Barbados, se refrescando com um coquetel. Ligo a tevê de tela plana para que o ruído preencha o vazio e

proporcione uma sensação de companhia, mas não a escuto nem olho para ela. Sento-me e encaro a parede de tijolos com um olhar vazio. Estou apática. Não sinto nada além de dor. Por quanto tempo precisarei suportar isso?

A campainha me acorda da prostração, e meu coração dispara. Quem será? Atendo o interfone.

— Entrega para a Srta. Steele — responde uma voz entediada e distante, e a decepção me atinge em cheio.

Entorpecida, desço até o térreo e vejo um rapaz encostado na porta da frente, mascando ruidosamente um chiclete e segurando uma grande caixa de papelão. Assino para receber o pacote e subo com ele. A caixa é enorme e surpreendentemente leve. Dentro dela, duas dúzias de rosas brancas de caule comprido e um cartão.

Parabéns pelo primeiro dia no trabalho.

Espero que tenha corrido tudo bem.

E obrigado pelo planador. Foi muito gentil de sua parte.

Reservei um lugar especial para ele em minha mesa.

Christian

Encaro o cartão digitado, o buraco em meu peito se expandindo. Sem dúvida foi enviado por uma assistente. Christian provavelmente não tem nada a ver com isso. É doloroso demais pensar no assunto. Examino as rosas — são lindas, não consigo jogá-las no lixo. Obediente, vou até a cozinha procurar um vaso.

* * *

E ASSIM UM PADRÃO se estabelece: acordar, trabalhar, chorar, dormir. Bem, tentar dormir. Não consigo fugir dele nem em meus sonhos. Os olhos ardentes de Grey, o olhar perdido, o cabelo macio e brilhoso me perseguem. E a música... tanta música. Não suporto ouvir música alguma. Tenho o cuidado de evitar a todo custo. Mesmo os *jingles* em comerciais de tevê me deixam trêmula.

Não falei com ninguém, nem mesmo com minha mãe ou Ray. Não estou com cabeça para conversa fiada agora. Não, não quero nada disso. Eu me tornei minha própria ilha. Uma terra destruída e

devastada onde nada cresce e os horizontes são sombrios. Sim, essa sou eu. Sou capaz de interagir de forma impessoal no trabalho, mas é só. Se eu conversar com minha mãe, sei que vou me machucar ainda mais e não tenho mais onde me machucar.

* * *

TENHO TIDO DIFICULDADE de comer. No almoço de quarta, consegui tomar um copo de iogurte, a primeira coisa que comi desde sexta-feira. Estou sobrevivendo graças a uma recém-descoberta tolerância a café com leite e Coca Diet. É a cafeína que me faz seguir em frente, mas isso está me deixando ansiosa.

Jack começou a me rondar. Ele me irrita, fazendo perguntas pessoais. O que ele quer? Sou educada, mas preciso mantê-lo a distância.

Eu me sento e começo a vasculhar a pilha de cartas endereçadas a ele, a distração do trabalho mecânico me satisfaz. Meu e-mail pisca, e rapidamente verifico quem é.

Putá merda. Um e-mail de Christian. *Ah não, aqui não... não no trabalho.*

De: Christian Grey
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:05
Para: Anastasia Steele

Querida Anastasia,

Desculpe essa intromissão em seu trabalho. Espero que tudo esteja correndo bem. Você recebeu minhas flores?

Queria lembrar que amanhã é a abertura da exposição do seu amigo. Tenho certeza de que você não teve tempo de comprar um carro, e a viagem é longa. Eu ficaria mais que feliz em levá-la — se você quiser.

Avise-me.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Lágrimas enchem meus olhos. Apressadamente, deixo minha mesa, corro até o banheiro e me escondo em uma das cabines. A exposição do José. Eu tinha esquecido completamente. E prometi a ele que iria. Merda, Christian tem razão; como vou chegar lá?

Pressiono minhas têmporas. Por que o José não me ligou? Pensando bem, por que ninguém me ligou? Tenho andado tão distraída, que nem reparei que meu celular não tem tocado.

Merda! Que idiota! As ligações ainda estão sendo desviadas para o BlackBerry. Que inferno. Christian está recebendo todas as minhas chamadas — a menos que tenha jogado o BlackBerry fora. Como ele conseguiu meu e-mail?

Ele sabe quanto eu calço; duvido que um endereço de e-mail seja um problema para ele.

Aguento vê-lo de novo? Será que vou suportar? Quero vê-lo de novo? Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás, a mágoa e o desejo tomando conta de mim. É claro que quero.

Talvez... talvez eu pudesse dizer a ele que mudei de ideia... Não, não e não. Não posso ficar com alguém que tem prazer em me infligir dor, alguém incapaz de me amar.

Memórias torturantes invadem minha mente: o planador, as mãos dadas, os beijos, a banheira, a gentileza dele, o humor e o olhar sombrio, taciturno e sexy. Sinto falta dele. Já se passaram cinco dias, cinco dias de agonia que foram como uma eternidade. Choro todas as noites antes de dormir, desejando que não tivesse desistido, desejando que ele fosse diferente, desejando que estivéssemos juntos. Por quanto tempo essa sensação esmagadora e horrível vai durar? Estou no purgatório.

Envolver meu corpo com os braços, apertando-me com força, tentando me manter firme. Sinto falta dele. Realmente sinto falta dele... Eu o amo. Simples assim.

Anastasia Steele, você está no trabalho! Preciso ser forte, mas quero ir à exposição de José, e, no íntimo, a masoquista em mim quer ver Christian de novo. Respiro fundo e volto para minha mesa.

De: Anastasia Steele

Assunto: Amanhã

Data: 8 de junho de 2011 14:25

Para: Christian Grey

Oi, Christian,

Obrigada pelas flores; elas são lindas.

Sim, eu gostaria de uma carona.

Obrigada.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Verifico meu telefone e vejo que ainda está ativado para desviar as chamadas para o BlackBerry. Jack está em reunião, então ligo rapidinho para José.

— Oi, José. É a Ana.

— Olá, mocinha. — Ele é tão caloroso e acolhedor que quase me faz desabar outra vez.

— Não posso demorar muito. A que horas devo chegar amanhã na exposição?

— Você ainda vai poder vir? — Ele parece animado.

— Sim, claro. — Sorrio meu primeiro sorriso sincero em cinco dias ao imaginar sua expressão de alegria.

— Lá pelas sete e meia.

— Vejo você amanhã. Tchau, José.

— Tchau, Ana.

De: Christian Grey
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:27
Para: Anastasia Steele

Querida Anastasia,

A que horas devo buscá-la?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:32
Para: Christian Grey

A exposição abre às 19h30. Que horas você sugere?

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:34
Para: Anastasia Steele

Querida Anastasia,

Portland fica a certa distância. Devo buscá-la às 17h45.

Estou ansioso para vê-la.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Amanhã
Data: 8 de junho de 2011 14:38
Para: Christian Grey

Vejo você amanhã.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Ai, meu Deus. Vou encontrar Christian e, pela primeira vez em cinco dias, meu estado de espírito se eleva um pouco, e me permito imaginar como ele tem passado.

Será que senti minha falta? Provavelmente não do jeito como senti a dele. Será que arrumou uma nova submissa? A imagem é tão dolorosa que a dispenso imediatamente. Olho para a pilha de correspondências que preciso organizar para Jack e volto a trabalhar, tentando afastar Christian de meus pensamentos uma vez mais.

Durante a noite, na cama, reviro-me de um lado para o outro, tentando dormir. É a primeira vez em dias que não choro até adormecer.

Em minha cabeça, visualizo perfeitamente o rosto de Christian na última vez em que o vi, quando deixei seu apartamento. Sua expressão aflita me persegue. Lembro que ele não queria que eu fosse embora, o que era muito estranho. Por que motivo eu ficaria, quando as coisas haviam chegado ao ponto em que chegaram? Ambos tentávamos fugir de nossos próprios problemas: meu medo da punição, o medo dele... de quê? Do amor?

Virando-me de lado, abraço o travesseiro, tomada por uma tristeza esmagadora. Ele acha que não merece ser amado. Por que ele acha isso? Será que tem a ver com o jeito como foi criado? Com sua mãe biológica, a prostituta drogada? Meus pensamentos me atormentam até de madrugada, quando enfim mergulho num sono agitado e exausto.

* * *

O DIA SE ARRASTA, e Jack está especialmente atencioso. Suspeito que seja por causa do vestido ameixa de Kate e das botas pretas de salto alto que peguei no armário dela, mas não perco muito tempo pensando nisso. Decido que preciso usar meu primeiro salário para comprar roupas. O vestido está mais folgado em mim do que de costume, mas finjo não reparar.

Enfim, são cinco e meia; pego meu casaco e a bolsa, tentando acalmar meus nervos. *Vou vê-lo!*

— Vai sair com alguém hoje? — pergunta Jack ao passar por minha mesa a caminho da saída.

— Vou. Não. Não exatamente.

Ele ergue uma sobrancelha, seu interesse obviamente despertado.

— Namorado?

Fico vermelha.

— Não, um amigo. Ex-namorado.

— Talvez amanhã a gente pudesse tomar um drinque depois do trabalho. Você teve uma primeira semana fantástica, Ana. A gente devia comemorar. — Ele sorri e seu rosto é tomado por uma expressão estranha, inquietante, que me deixa desconfortável.

Com as mãos nos bolsos, ele passa pelas portas duplas. Faço uma careta ao vê-lo ir embora. Beber com o chefe, será que é uma boa ideia?

Balanço a cabeça. Primeiro preciso enfrentar uma noite com Christian Grey. Como vou fazer isso? Corro para o banheiro para os últimos retoques.

Dou uma olhada longa e severa no rosto do outro lado do grande espelho na parede. Sou eu, em meu estado pálido de sempre, olheiras escuras ao redor dos olhos grandes demais. Pareço magra e assustada. Queria muito saber usar maquiagem. Passo um pouco de rímel e delineador e belisco as bochechas, na esperança de que isso seja o suficiente para ressaltar um pouco a cor delas. Arrumo o cabelo para que ele caia graciosamente pelas minhas costas, e respiro fundo. É o melhor que consigo fazer.

Nervosa, atravesso o saguão de entrada com um sorriso e um aceno para Claire, na recepção. Acho que poderíamos nos tornar amigas. Jack está conversando com Elizabeth enquanto caminho na direção das portas. Com um largo sorriso, ele se apressa em abri-las para mim.

— Depois de você, Ana — murmura.

— Obrigada. — Sorrio envergonhada.

Lá fora, Taylor me espera junto da calçada. Ele abre a porta traseira do carro. Olho hesitante para Jack, que saiu depois de mim. Está encarando o Audi SUV, consternado.

Viro-me e entro no carro, e lá está ele, Christian Grey, em seu terno cinza, sem gravata, a camisa branca aberta no colarinho. Os olhos cinzentos brilhando.

Minha boca fica seca. Ele está lindo, só que está fazendo uma cara feia para mim. *Por quê?*

— Quando foi a última vez que você comeu? — pergunta, assim que Taylor fecha a porta atrás de mim.

Merda.

— Oi, Christian. Bom ver você também.

— Nada de bancar a espertinha. Responda. — Seus olhos estão em chamas.

Putá merda.

— Hum... Tomei um iogurte na hora do almoço. Ah, e comi uma banana.

— Quando foi a última vez que você fez uma refeição de verdade? — pergunta ele friamente.

Taylor se senta no banco do motorista, liga o carro e começa a dirigir.

Olho para fora e Jack está acenando para mim, embora eu não tenha ideia de como ele consegue me ver através dos vidros escuros. Aceno de volta.

— Quem é? — pergunta Christian.

— Meu chefe. — Dou uma olhada de relance no belo homem ao meu lado, e seus lábios estão contraídos, pressionados numa linha rígida.

— E então? Sua última refeição?

— Christian, isso não é da sua conta — murmuro, sentindo-me surpreendentemente corajosa.

— O que quer que você faça é da minha conta. Fale logo.

Não, não é. Solto um gemido de frustração, revirando os olhos. Christian faz uma careta. E pela primeira vez em muito tempo tenho vontade de rir. Esforço-me para sufocar o riso que ameaça brotar em mim. Christian suaviza o rosto, e tento manter uma expressão séria; vejo o esboço de um sorriso brotar em seus lábios maravilhosamente esculpidos.

— E então? — pergunta ele num tom mais suave.

— *Pasta alla vongole*, sexta passada — sussurro.

Ele fecha os olhos; raiva e arrependimento, quem sabe, tomam conta de seu rosto.

— Entendo — diz ele, a voz inexpressiva. — Parece que, desde então, você perdeu pelo menos uns dois quilos, talvez mais. Por favor, Anastasia, volte a comer — ele me repreende.

Olho para baixo, para os dedos entrelaçados em meu colo. Por que ele sempre faz com que eu me sinta uma criança insolente?

Ele se ajeita no banco do carro, virando-se para mim.

— Como você está? — pergunta, a voz ainda suave.

Bem, eu estou uma merda... Engulo em seco.

— Se dissesse que estou bem, estaria mentindo.

Ele respira fundo.

— Eu também — murmura, e segura a minha mão. — Sinto sua falta — acrescenta.

Ah, não. Pele contra pele.

— Christian, eu...

— Ana, por favor. Nós precisamos conversar.

Eu vou chorar. Não.

— Christian, eu... por favor... Eu chorei muito — sussurro, tentando manter minhas emoções sob controle.

— Ah, baby, não. — Ele puxa minha mão, e antes que eu me dê conta, estou em seu colo. Ele passa os braços ao meu redor, seu nariz está em meu cabelo. — Tenho sentido tanto a sua falta, Anastasia. — Ele suspira.

Quero me soltar de seu abraço, manter a distância, mas os braços dele me envolvem. Ele me aperta contra o peito. Eu me derreto. Ah, é aqui que quero estar.

Descanso a cabeça nele, e ele beija meu cabelo várias vezes. Sinto-me em casa. Ele cheira a linho, amaciante de roupas, gel de banho e, meu cheiro favorito, Christian. Por um momento, permito-me ter a ilusão de que tudo vai ficar bem, e isso alivia minha alma devastada.

Alguns minutos depois, Taylor encosta o carro no meio-fio, embora ainda estejamos dentro da cidade.

— Vamos. — Christian me tira de seu colo. — Chegamos.

O quê?

— Heliporto, no alto deste edifício. — Ele lança um olhar de explicação em direção ao prédio.

Claro. *Charlie Tango*. Taylor abre a porta e eu salto do carro. Ele me lança um sorriso acolhedor e paternal que me transmite segurança. Sorrio de volta.

— Eu preciso devolver seu lenço.

— Fique com ele, Srta. Steele, com os meus melhores cumprimentos.

Fico vermelha enquanto Christian dá a volta no carro e pega minha mão. Ele olha, curioso, para Taylor, que o olha de volta impassível, sem revelar nada.

— Nove? — pergunta Christian.

— Sim, senhor.

Christian acena com a cabeça, vira-se e me conduz pelas portas duplas até o suntuoso saguão. Eu me deleito ao sentir a mão grande e os dedos longos e habilidosos entrelaçados aos meus. Sinto o puxão familiar — sou atraída como Ícaro é pelo Sol. Eu já me queimei antes, e ainda assim aqui estou de novo.

Chegamos aos elevadores, e ele aperta o botão. Olho para ele de relance, e ele está exibindo seu meio sorriso enigmático. Quando as portas se abrem, ele solta minha mão e me conduz para dentro.

As portas se fecham, e arrisco uma segunda olhadela. Ele me olha de volta, os olhos cinzentos vivos, e lá está de novo, no ar entre nós, aquela mesma eletricidade. Chega a ser palpável. Quase posso senti-la, pulsando entre nós, atraindo-nos um para o outro.

— Meu Deus... — arquejo, deleitando-me na intensidade dessa atração visceral e primitiva.

— Também posso sentir — diz ele, o olhar soturno e intenso.

O desejo se concentra, sombrio e mortal, em minha virilha. Ele aperta minha mão, roça meus dedos com o polegar, e, dentro de mim, todos os músculos se enrijecem deliciosamente.

Como ele ainda consegue causar esse efeito em mim?

— Por favor, Anastasia, não morda o lábio — sussurra.

Levanto o olhar para ele, soltando o lábio. Eu o quero. Aqui, agora, no elevador. Como poderia evitar?

— Você sabe como me deixa quando faz isso — murmura.

Ah, então ainda posso afetá-lo. Minha deusa interior desperta de sua letargia de cinco dias.

De repente, as portas se abrem, quebrando o feitiço, e estamos no topo do edifício. Está ventando, e, apesar do casaco preto, sinto frio. Christian passa o braço em volta de mim, puxando-me para junto dele, e caminhamos apressadamente até *Charlie Tango*, que está no centro do heliporto, as hélices girando lentamente.

Um homem alto, louro, de queixo quadrado e usando um terno escuro salta do helicóptero, abaixa-se e corre em nossa direção. Ele troca um aperto de mão com Christian e grita por sobre o ruído do motor.

— Tudo pronto, senhor. Ele é todo seu!

— Já fez todas as verificações?

— Sim, senhor.

— Você pode pegá-lo lá pelas oito e meia?

— Sim, senhor.

— Taylor está esperando por você lá embaixo.

— Obrigado, Sr. Grey. Tenha um bom voo até Portland. Senhora — ele me cumprimenta.

Sem soltar minha mão, Christian acena, abaixa-se e me leva até a porta do helicóptero. Uma vez lá dentro, ele prende meu cinto, apertando bem as tiras, e me lança um olhar cúmplice, além de seu sorriso misterioso.

— Isso deve mantê-la segura — murmura. — Tenho que admitir que gosto de ver você presa assim. Não toque em nada.

Fico profundamente vermelha, e ele corre o indicador ao longo de minha bochecha antes de me entregar os fones de ouvido. *Eu também queria tocar você, mas você não me deixaria.* Faço uma cara feia para ele. Além do mais, ele apertou tanto as tiras que mal posso me mover.

Ele se senta e afivela o próprio cinto, em seguida, começa a executar as checagens de segurança. É tão competente. Isso é muito sedutor. Ele coloca os fones de ouvido e liga um interruptor, os motores se aceleram, ensurdecendo-me.

Ele se vira para mim:

— Pronta? — sua voz ecoa pelos fones.

— Pronta.

Ele abre seu sorriso de menino. Nossa, há quanto tempo não vejo esse sorriso.

— Torre, aqui é *Charlie Tango* Golf-Golf Echo Hotel, pronto para decolagem, destino Portland, via Aeroporto Internacional de Portland. Por favor, confirme, câmbio.

O controlador de tráfego aéreo responde, emitindo instruções numa voz distante.

— Aqui é a torre; *Charlie Tango* está liberado.

Christian vira dois botões, segura o manche, e o helicóptero sobe lenta e suavemente pelo céu de fim de tarde. Seattle e meu estômago ficam lá embaixo; há tanto para ver.

— Nós já perseguimos o amanhecer, Anastasia, agora vamos atrás do crepúsculo — sua voz me vem pelos fones de ouvido. Viro-me para ele, boquiaberta.

O que isso significa? Como ele consegue dizer as coisas mais românticas? Ele sorri, e não consigo não lhe retribuir um sorriso tímido.

— E, com o sol da tarde, há mais para ser visto desta vez — diz.

Na última vez em que voamos até Seattle estava escuro, mas, esta noite, a vista é espetacular, realmente extraordinária. Estamos em meio aos prédios mais altos, subindo cada vez mais.

— Ali fica o Escala. — Ele aponta um edifício. — Ali é a Boeing, e, lá atrás, dá para ver o Space Needle.

Viro a cabeça.

— Nunca fui lá.

— Eu levo você, a gente podia comer lá.

— Christian, nós terminamos.

— Eu sei. Mas ainda posso levar você lá e alimentar você. — Ele me encara.

Balanço a cabeça e decido não contradizê-lo.

— É muito bonito aqui, obrigada.

— Impressionante, não é?

— É impressionante que você possa fazer isso.

— Elogios vindos de você, Srta. Steele? Sou um homem de muitos talentos.

— Tenho total consciência disso, Sr. Grey.

Ele se vira e sorri para mim. Pela primeira vez em cinco dias, relaxo um pouco. Talvez isso não vá ser tão ruim.

— Como vai o novo emprego?

— Bem, obrigada. É interessante.
— E como é o seu chefe?
— Ah, ele é legal. — Como poderia dizer a Christian que Jack me deixa desconfortável? Christian me encara.
— Qual é o problema? — pergunta ele.
— Fora o óbvio, nada.
— O óbvio?
— Ah, Christian, às vezes você é realmente muito estúpido.
— Estúpido? Eu? Não sei se gosto do seu tom, Srta. Steele.
— Bem, problema seu.
— Senti saudade do seu atrevimento. — Seus lábios se contorcem num sorriso.

Suspiro, e minha vontade é gritar bem alto: *E eu senti saudade de você por inteiro, e não apenas do seu atrevimento!* Mas fico calada, olhando pelas janelas de vidro de *Charlie Tango* ao seguirmos em direção ao sul. O crepúsculo está à nossa direita, o Sol está baixo no horizonte, enorme, flamejante e laranja; e, mais uma vez, eu sou Ícaro, voando perto demais dele.

* * *

O ENTARDECER NOS segue desde Seattle, e o céu está tomado de tons de rosa e azul-marinho, perfeitamente entrelaçados de um jeito que só a Mãe Natureza sabe fazer. A noite está clara e nítida, as luzes de Portland brilham acolhendo-nos à medida que Christian pousa o helicóptero. Estamos no topo do estranho prédio de tijolos marrons do qual saímos há menos de três semanas.

Meu Deus, faz tão pouco tempo. No entanto, sinto como se conhecesse Christian a vida toda. Ele aperta vários botões, desligando os motores de *Charlie Tango*, até que tudo o que ouço é o som de minha própria respiração nos fones de ouvido. Hum. Por um instante, isso me faz lembrar da experiência Thomas Tallis. Fico pálida. Realmente, não quero pensar nisso agora.

Christian solta seu cinto e se inclina para abrir o meu.

— Fez boa viagem, Srta. Steele? — pergunta ele, a voz suave, os olhos cinzentos reluzindo.

— Sim, obrigada, Sr. Grey — respondo, educada.

— Bem, vamos lá ver as fotos daquele garoto. — Ele me estende a mão e, apoiando-me nele, desço do *Charlie Tango*.

Um homem de barba e cabelo grisalho caminha até nós, com um largo sorriso no rosto. Eu o reconheço como o mesmo senhor da última vez em que estivemos aqui.

— Joe — Christian sorri e solta minha mão para apertar a de Joe calorosamente.

— Tome conta dele para Stephan. Ele vai chegar lá pelas oito ou nove.

— Certo, Sr. Grey. Senhora — diz ele, acenando para mim. — Seu carro está esperando lá embaixo, senhor. Ah, e o elevador está quebrado, vão ter que usar a escada.

— Obrigado, Joe.

Christian pega minha mão, e seguimos até a escada de emergência.

— Usando esses saltos, sorte sua serem só três andares — resmunga ele, em desaprovação.

É sério?

— Não gostou das botas?

— Gostei muito, Anastasia. — Seu olhar escurece. Acho que vai dizer mais alguma coisa, mas ele para. — Vamos com calma. Não quero que você caia e quebre o pescoço.

* * *

NOS SENTAMOS EM silêncio no carro, enquanto o motorista nos leva até a galeria. Minha ansiedade voltou com força total, e percebo que o tempo passado dentro de *Charlie Tango* foi o olho do furacão. Christian está quieto e taciturno... apreensivo até; nosso bom humor de poucos instantes atrás se dissipou. Tem tanta coisa que quero dizer, mas a viagem é muito curta. Pensativo, Christian olha para fora da janela.

— José é só um amigo — murmuro.

Christian vira-se para mim, os olhos escuros e cautelosos não deixam transparecer nada. Sua boca — ah, essa boca é uma distração que eu não queria ter agora. Eu fico me lembrando dela

em mim, em todos os lugares. Minha pele fica quente. Ele se ajeita em seu assento e franze a testa.

— Esses lindos olhos estão grandes demais no seu rosto, Anastasia. Por favor, prometa-me que você vai comer.

— Prometo que vou comer, Christian — respondo automaticamente, sem convicção.

— Estou falando sério.

— Ah, é? — Não consigo evitar o tom de desdém em minha voz.

Sério, a audácia desse cara, esse homem que durante os últimos dias me fez passar por um inferno. Não, não foi isso. Fui eu que me fiz passar por um inferno. Não. Foi ele. Balanço a cabeça, confusa.

— Não quero brigar com você, Anastasia. Quero você de volta, e quero você saudável — diz ele.

— Mas nada mudou.

Você ainda é o cara com cinquenta tons.

— Chegamos. Na volta a gente conversa.

O carro para na frente da galeria, e Christian desce, deixando-me muda. Ele abre a porta para mim, e salto do carro.

— Por que você faz isso? — minha voz sai mais alta do que eu esperava.

— Isso o quê? — pergunta Christian, surpreso.

— Você fala uma coisa dessas e depois para.

— Anastasia, nós chegamos. No lugar em que você queria estar. Agora nós vamos entrar, e depois conversamos. Eu realmente não quero fazer uma cena no meio da rua.

Olho ao redor. Ele está certo. É público demais. Aperto os lábios enquanto ele olha para mim.

— Certo — resmungo, de mau humor.

Segurando minha mão, ele me conduz para dentro do prédio. Estamos em um armazém reformado: paredes de tijolo, piso de madeira escura, teto branco e encanamento branco. É moderno e arejado, e várias pessoas caminham ao longo da galeria, bebendo vinho e admirando o trabalho de José. Por um momento, meus problemas se dissipam e me dou conta de que José realizou um sonho. *Parabéns, cara!*

— Boa noite e bem-vindos à exposição de José Rodriguez.

Somos recebidos por uma jovem vestida de preto, o cabelo castanho muito curto, batom vermelho e grandes brincos de argola. Ela me olha de relance, então encara Christian por muito mais tempo do que o estritamente necessário, depois volta o olhar para mim, piscando, e suas faces ficam de um vermelho-vivo.

Franzo a testa. *Ele é meu*. Ou era. Tento não fazer cara feia para ela. Assim que seu olhar me focaliza de novo, ela pisca mais uma vez.

— Ah, Ana, é você. Nós também vamos querer a sua opinião a respeito disso tudo. — Sorrindo, ela me entrega um folheto e me conduz em direção a uma mesa com bebidas e aperitivos.

— Você a conhece? — Christian franze as sobrancelhas.

Nego com a cabeça, igualmente intrigada.

Ele dá de ombros, distraído.

— O que você quer beber?

— Vinho branco, obrigada.

Ele franze a testa, mas fica quieto e caminha até o bar.

— Ana!

Abrindo caminho entre as pessoas, José vem em minha direção.

Caramba! Ele está de terno. Está bonito, além de radiante. Abraça-me com força. E faço tudo o que posso para não irromper em lágrimas. Meu amigo, meu único amigo agora que Kate não está aqui. Meus olhos se enchem d'água.

— Ana, que bom que você veio — sussurra ele em meu ouvido. Em seguida, faz uma pausa e me segura à distância de um braço, examinando-me.

— O que foi?

— Ei, você está bem? Você parece, não sei, estranha. *Dios mío*, você emagreceu?

Pisco com força, para espantar as lágrimas. *Merda, José também*.

— Estou bem, José. Estou tão feliz por você. Parabéns pela exposição — minha voz oscila à medida que percebo a preocupação em seu rosto tão familiar, mas tenho que segurar a onda.

— Como você chegou aqui? — pergunta ele.

— Christian me trouxe — digo, apreensiva de repente.

— Ah. — A expressão em seu rosto desmorona, e ele me solta.
— Cadê ele? — Seu olhar escurece.

— Foi buscar as bebidas.

Aponto na direção de Christian com a cabeça e vejo que está conversando com alguém na fila. Ele se vira e nossos olhares se cruzam. E, naquele breve instante, fico paralisada, encarando o homem absurdamente lindo que me olha de volta com alguma emoção insondável. Seu olhar é quente e me queima por dentro, e ficamos ali, perdidos por um momento, olhando um para o outro.

Deus meu... Esse homem maravilhoso me quer de volta, e, lá no fundo, dentro de mim, uma alegria gostosa lentamente desabrocha como uma flor no amanhecer.

— Ana! — José me distrai, e sou arrastada de volta para o presente. — Estou muito feliz que você tenha vindo. Mas, ouça, preciso avisar...

De repente, a Srta. Cabelinho Curto e Batom Vermelho o interrompe.

— José, a jornalista do *Portland Printz* chegou. Vamos lá? — Ela me dá um sorriso educado.

— É o máximo ou não é? Ah, a fama! — Ele sorri, e eu sorrio de volta. Ele está tão feliz. — Falo com você mais tarde, Ana. — Ele beija minha bochecha, e eu o vejo caminhar na direção de uma jovem de pé ao lado de um fotógrafo alto e magro.

As fotografias de José estão por toda parte, e, em alguns casos, ampliadas em telas enormes. Umas em preto e branco, outras a cores. Muitas das paisagens transmitem uma beleza etérea. Uma delas é a foto do entardecer no lago de Vancouver, as nuvens cor-de-rosa se refletem no espelho d'água. Por alguns segundos, sou transportada para a paz e a tranquilidade da imagem. É impressionante.

Christian se junta a mim, e me entrega a taça de vinho branco.

— Presta? — minha voz soa mais normal.

Ele me olha intrigado.

— O vinho.

— Não. Raramente presta neste tipo de evento. O garoto é bom, não é? — Christian está admirando a foto do lago.

— Por que outro motivo você acha que pedi a ele para fotografar você? — Não consigo esconder o orgulho em minha voz. Seus olhos deslizam impassíveis da fotografia para mim.

— Christian Grey? — O fotógrafo do *Portland Printz* aproxima-se de Christian. — Posso tirar uma foto, senhor?

— Claro. — Christian disfarça o mau humor. Dou um passo para trás, mas ele segura minha mão e me puxa para junto de si. O fotógrafo olha para nós dois e não consegue esconder a surpresa.

— Obrigado, Sr. Grey. — Ele tira duas fotos. — Senhorita...? — pergunta.

— Ana Steele — respondo.

— Obrigado, Srta. Steele. — E desaparece.

— Procurei na internet por fotos suas com outras mulheres, e não existe nenhuma. É por isso que Kate achava que você era gay.

Christian contrai a boca num sorriso.

— Isso explica a pergunta indecorosa. Não, eu não saio com qualquer uma, Anastasia, só com você. Mas você sabe disso. — Seus olhos ardem de sinceridade.

— Então, você nunca saiu com as suas... — olho nervosa ao redor, para me certificar de que ninguém pode nos ouvir — submissas?

— Às vezes. Mas nunca para um encontro. Para fazer compras, você sabe. — Ele dá de ombros, os olhos fixos nos meus.

Ah, então é tudo restrito ao quarto de jogos — o Quarto Vermelho da Dor — e ao apartamento dele. Não sei o que pensar a respeito disso.

— Só você, Anastasia — sussurra ele.

Eu coro e encaro meus próprios dedos. À sua maneira, ele se importa comigo.

— Seu amigo parece mais um cara de paisagens do que de retratos. Vamos dar uma olhada. — Ele estende a mão, e eu a seguro.

Caminhamos diante de mais algumas fotos, e percebo um casal acenando para mim, com um largo sorriso de quem acaba de me reconhecer. Deve ser porque estou com Christian. Um rapaz, no entanto, encara-me descaradamente. *Que estranho.*

Entramos na sala seguinte, e eu entendo o porquê dos olhares esquisitos. Na parede oposta a nós vejo sete retratos enormes. Meus.

Encaro as imagens, estupefata, o sangue fugindo do meu rosto. Lá estou: fazendo beicinho, rindo, fazendo cara feia, séria, compenetrada. Tudo em super close-up, tudo em preto e branco.

Putá merda! Lembro-me de José brincando com a câmera em algumas das vezes em que me visitou e quando trabalhei com ele como motorista e assistente de fotografia. Ele tirou umas fotos rápidas, ou assim eu pensava. Não estes retratos reveladores.

Christian está paralisado observando as imagens, uma de cada vez.

— Parece que não sou o único — resmunga, enigmático, a boca franzindo-se rispidamente.

Acho que está com raiva.

— Com licença — diz ele, encarando-me por um momento com seu olhar cinzento e reluzente. Ele se vira e segue até a recepção.

Qual é o problema agora? Hipnotizada, eu o observo conversar animadamente com a Srta. Cabelinho Curto e Batom Vermelho. Ele abre a carteira e puxa o cartão de crédito.

Merda. Deve ter comprado um dos quadros.

— Oi? Você é a musa. Estas fotos estão fantásticas.

Levo um susto ao ser abordada por um rapaz com uma mecha de cabelo louro e brilhoso. Sinto um toque em meu cotovelo e percebo que Christian está de volta.

— Você é um cara de sorte — diz o Sr. Cabelo Louro para Christian, que lhe devolve um olhar gelado.

— Sou mesmo — resmunga ele, sombrio, ao me puxar para um canto.

— Você acabou de comprar uma das fotos?

— Uma das fotos? — bufa ele, sem tirar os olhos das imagens.

— Você comprou mais de uma?

Ele revira os olhos.

— Comprei todas, Anastasia. Não quero estranho nenhum cobiçando você na privacidade de sua casa.

Minha primeira reação é rir.

— E você prefere que seja você? — zombo.

Ele me encara, surpreendido por minha ousadia, acho, mas contendo o riso.

— Para falar a verdade, sim.

— Perverso — gesticulo com a boca para ele e mordo o lábio inferior para conter um sorriso.

Ele fica boquiaberto, e, agora, seu divertimento é óbvio. Então, acaricia o queixo, pensativo.

— Aí está algo que não posso negar, Anastasia. — Ele balança a cabeça, e seu olhar se suaviza com um toque de humor.

— Eu poderia desenvolver mais o assunto, mas assinei um termo de confidencialidade.

Ele suspira, olhando para mim, e seu olhar escurece.

— As coisas que eu gostaria de fazer com essa sua boca atrevida... — murmura.

Suspiro, sei muito bem o que ele quer dizer.

— Que grosseria! — Tento parecer chocada, e consigo. Será que ele não tem limites?

Ele ri para mim, divertindo-se, e, em seguida, franze a testa.

— Você parece muito descontraída nessas fotografias, Anastasia. Normalmente não vejo você assim.

O quê? Uau! Isso é o que eu chamo de desviar o foco da conversa — de brincalhão a sério num instante.

Fico vermelha e olho minhas mãos. Ele inclina minha cabeça para cima, e eu inspiro profundamente ao sentir o contato de seus longos dedos.

— Queria que você se sentisse descontraída desse jeito quando está comigo — sussurra. Todo resquício de humor se foi.

Dentro de mim aquela sensação de alegria se agita novamente. *Como pode?* Temos tantos problemas.

— Você precisa parar de me intimidar, se é isso que quer — rebato.

— E você precisa aprender a se comunicar e a me dizer como se sente — revida ele, os olhos brilhando.

Respiro fundo.

— Christian, você queria que eu fosse uma das suas submissas. É aí que está o problema. Na própria definição de submissa, que você chegou até a me mandar por e-mail uma vez — faço uma

pausa, tentando lembrar as palavras exatas —, acho que os sinônimos eram, abre aspas: dócil, agradável, passiva, dominável, paciente, amável, inofensiva, subjugada. Eu não podia olhar para você. Não podia falar, a menos que você me desse permissão. O que você esperava? — resmungo para ele.

Ele pisca e franze ainda mais a testa à medida que continuo.

— É muito confuso estar com você. Você não aceita que eu o desafie, mas gosta do meu atrevimento. Você quer obediência, exceto quando não quer, para que possa me punir. Eu simplesmente não sei como me portar quando estou com você.

Ele aperta os olhos.

— Boa resposta, como sempre, Srta. Steele — sua voz está gélida. — Venha, vamos comer.

— Mas nós chegamos há meia hora.

— Você já viu as fotos e já falou com seu amiguinho.

— O nome dele é José.

— Você já falou com José, o sujeito que, na última vez em que o vi, estava tentando enfiar a língua em sua boca hesitante enquanto você caía de bêbada e passava mal — rosna ele.

— Ele nunca me bateu — revido.

Christian fecha a cara para mim, a fúria emanando de cada poro.

— Golpe baixo, Anastasia — sussurra, ameaçadoramente.

Fico pálida, Christian passa as mãos pelo cabelo, arrepiando-se de raiva mal contida. Fito seus olhos.

— Vou levar você para comer alguma coisa. Você está prestes a desaparecer na minha frente. Ande, vá se despedir daquele garoto.

— Por favor, não podemos ficar um pouco mais?

— Não. Vá se despedir dele. Agora.

Eu o encaro, o sangue fervendo. Maldito Sr. Maníaco por Controle. Raiva é bom. Raiva é melhor do que lágrimas.

Afasto os olhos dele e dou uma olhada ao redor, à procura de José. Ele está conversando com um grupo de moças. Saio pisando duro, aproximando-me dele e afastando-me do meu Cinquenta Tons. Só porque me trouxe aqui, sou obrigada a fazer o que ele quer? Quem ele pensa que é?

As meninas estão atentas a cada palavra de José. Uma delas se assusta ao me ver. Sem dúvida, ela me reconheceu dos retratos.

— José.

— Ana. Com licença, meninas. — Ele sorri para elas e passa o braço ao meu redor. De certa forma, acho engraçado: José dando uma de galã, impressionando as mulheres.

— Você parece brava — diz ele.

— Tenho que ir — murmuro, obstinada.

— Mas você acabou de chegar.

— Eu sei, mas Christian precisa voltar. As fotos estão lindas, José. Você é muito talentoso.

Ele sorri.

— Foi muito bom ver você.

José vira meu corpo e me aperta num longo abraço, de forma que consigo ver Christian do outro lado da galeria. Está de cara feia, e percebo que é porque estou nos braços de José. Então, num movimento bastante calculado, passo as mãos ao redor de sua nuca. Acho que Christian está prestes a ter um ataque. Seu olhar torna-se tenebroso, e, lentamente, ele caminha até nós.

— Obrigada por me avisar sobre os meus retratos — murmuro.

— Merda. Foi mal, Ana. Eu devia ter avisado. Você gostou?

— Hum... Não sei — respondo com sinceridade, momentaneamente desconcertada pela pergunta.

— Bem, foram todos vendidos, então alguém gostou. Não é legal? Você é praticamente uma modelo. — Ele me aperta ainda mais à medida que Christian chega, de cara feia, embora, por sorte, José não possa vê-lo.

Ele me solta.

— Vê se não desaparece, Ana. Ah, Sr. Grey, boa noite.

— Sr. Rodriguez, muito impressionante — Christian soa friamente educado. — Uma pena que nós precisemos voltar para Seattle. Anastasia? — ele salienta sutilmente o *nós* enquanto pega na minha mão.

— Tchau, José. Parabéns de novo. — Dou-lhe um beijo rápido na bochecha, e, antes que eu perceba, Christian me arrasta para fora do prédio. Sei que ele está fervendo de raiva silenciosa, mas eu também estou.

Ele olha rapidamente para um lado e para o outro da rua, então vira para a esquerda e, de repente, puxa-me para um beco,

empurrando-me com força contra a parede. Segura meu rosto entre as mãos, forçando-me a encarar seus determinados olhos em chamadas.

Eu suspiro, sua boca investe rapidamente contra a minha. Está me beijando, violentamente. Nossos dentes se batem por um instante, em seguida, sua língua está dentro de minha boca.

O desejo explode dentro de mim feito fogos de artifício, e eu o beijo de volta com o mesmo fervor, passando as mãos por seu cabelo, puxando-o com força. Ele geme, um som baixo e sexy que vem do fundo de sua garganta e reverbera em mim. As mãos dele movem-se por meu corpo até o alto de minha coxa, os dedos cravando a minha carne através do vestido ameixa.

Derramo toda a angústia e todo o sofrimento dos últimos dias nesse beijo, atando-o a mim, até que me dou conta — no meio daquele momento de paixão cega — que ele está fazendo o mesmo, ele sente o mesmo que eu.

Christian interrompe o beijo, ofegante. Seus olhos estão inundados de desejo, o que desperta o já aquecido sangue que corre em meu corpo. Minha boca está entreaberta, e tento levar um pouco de ar para os pulmões.

— Você. É. Minha — rosna, enfatizando cada palavra. Ele se afasta de mim e se agacha, mantendo as mãos nos joelhos como se tivesse acabado de correr uma maratona. — Pelo amor de Deus, Ana.

Eu me recosto contra a parede, ofegante, tentando controlar a desordem que toma conta do meu corpo, tentando encontrar meu ponto de equilíbrio de novo.

— Sinto muito — sussurro assim que recupero o fôlego.

— Acho bom. Eu sei o que você estava fazendo. Você quer aquele fotógrafo, Anastasia? Ele obviamente sente algo por você.

Nego com a cabeça, culpada.

— Não. Ele é só um amigo.

— Passei toda a minha vida adulta tentando evitar emoções extremas. Mas você... você desperta sentimentos em mim que me são completamente desconhecidos. É muito... — ele franze a testa, procurando a palavra certa. — Perturbador.

Ele se levanta.

— Eu gosto de ter controle, Ana, mas com você isso... — seu olhar é intenso — desaparece... — Ele acena vagamente com a mão, passa os dedos pelo cabelo e respira fundo.

Por fim, ele segura a minha mão.

— Venha, nós precisamos conversar, e você precisa comer.

CAPÍTULO DOIS

Ele me leva para um restaurante pequeno e intimista.

— Isto vai ter de servir — resmunga. — Não temos muito tempo.

O lugar me parece ótimo. Cadeiras de madeira, toalhas de mesa de linho e paredes da mesma cor que o quarto de jogos de Christian — vermelho-sangue —, com pequenos espelhos dourados pendurados aleatoriamente, velas brancas e vasinhos de rosas também brancas. Ao fundo, Ella Fitzgerald canta suavemente sobre essa coisa chamada amor. É muito romântico.

O garçom nos conduz até uma mesa para dois, em uma área reservada, e eu me sento, apreensiva, imaginando o que Christian vai dizer.

— Não temos muito tempo — avisa ele ao garçom enquanto nos sentamos. — Então já vou fazer o pedido: dois bifos ao ponto, molho béarnaise, se você tiver, batatas fritas e legumes cozidos, qualquer um que tiver na cozinha. E traga a carta de vinhos.

— Claro, senhor.

Surpreso pela eficiência calma e controlada de Christian, o garçom se afasta. Christian coloca o BlackBerry sobre a mesa. Legal, então eu não tenho direito de escolha?

— E se eu não gostar de bife?

— Não comece, Anastasia — suspira ele.

— Não sou criança, Christian.

— Então pare de agir como uma.

É como se ele tivesse me dado um tapa. Então é assim que vai ser, uma conversa agitada e carregada, ainda que em um ambiente romântico, mas certamente sem flores nem corações.

— Então eu sou uma criança porque não gosto de bife? — murmuro, tentando esconder a mágoa.

— Você é uma criança por causar ciúmes em mim deliberadamente. É uma coisa infantil de se fazer. Você não tem

consideração pelos sentimentos do seu amigo, usando-o daquele jeito? — Christian aperta os lábios e fecha a cara quando o garçom retorna com a carta de vinhos.

Eu coro, não tinha pensado nisso. Pobre José. Certamente não quero encorajá-lo. De repente, fico mortificada. Christian tem razão nesse ponto; foi uma coisa impensada. Ele dá uma olhada na carta de vinhos.

— Gostaria de escolher o vinho? — pergunta, levantando as sobancelhas para mim, a arrogância em pessoa. Ele sabe que não entendo nada de vinho.

— Escolha você — respondo, carrancuda, mas humilde.

— Duas taças de Barossa Valley Shiraz, por favor.

— Hum... nós só vendemos esse vinho pela garrafa, senhor.

— Uma garrafa, então — retruca Christian.

— Certo. — Ele se afasta, rebaixado, e eu não o culpo por se sentir assim.

Faço uma cara feia para Christian. Qual o problema dele? Eu, provavelmente. E em algum lugar nas profundezas do meu ser, minha deusa interior desperta, sonolenta, ela se espreguiça e sorri. Esteve adormecida por um bom tempo.

— Você está muito mal-humorado.

— Eu me pergunto o motivo. — Ele me olha, impassível.

— Bem, é bom definir o tom adequado para uma discussão íntima e sincera a respeito do futuro, não acha? — Sorrio para ele docemente.

Sua boca se contrai, mas então, quase a contragosto, seus lábios se curvam, e sei que está tentando conter um sorriso.

— Desculpe — diz ele.

— Está desculpado. E fico muito feliz de informar que não resolvi virar vegetariana desde a nossa última refeição.

— Considerando que aquela foi a última refeição que você fez, acho que essa é uma questão a ser discutida.

— E temos mais uma “questão a ser discutida”.

— Uma questão a ser discutida — ele repete, e seu olhar se suaviza, enchendo-se de humor. Ele passa a mão pelo cabelo, e fica sério de novo. — Ana, na última vez em que conversamos, você me deixou. Estou um pouco nervoso. Eu disse a você que a quero de

volta, e você não disse... nada. — Seu olhar é intenso e ansioso, sua franqueza me desarma. O que diabo eu respondo diante disso?

— Senti sua falta... de verdade, Christian. Os últimos dias têm sido... difíceis — engulo em seco, e um nó se incha em minha garganta à medida que me lembro da minha angústia desesperada desde que o deixei.

A última semana foi a pior fase da minha vida, a dor é quase indescritível. Nada nunca chegou perto. Mas a realidade bate à porta, e me traz de volta.

— Nada mudou. Eu não posso ser o que você quer que eu seja — espremo as palavras através do nó na garganta.

— Você é o que eu quero que você seja — diz ele, a voz enfática.

— Não, Christian, eu não sou.

— Você está chateada por causa do que aconteceu da última vez. Eu fui estúpido, e você... você também. Por que você não usou a palavra de segurança, Anastasia? — seu tom de voz muda, tornando-se acusador.

O quê? Opa, mudança de abordagem.

— Responda.

— Eu não sei. Foi demais para mim. Eu estava tentando ser o que você queria que eu fosse, tentando lidar com a dor, e a palavra sumiu da minha cabeça. Sabe... eu esqueci — sussurro, envergonhada, encolhendo os ombros como num pedido de desculpas.

Talvez pudéssemos ter evitado toda essa mágoa.

— Você esqueceu! — exclama ele, horrorizado, agarrando as laterais da mesa e me olhando de um jeito que me faz murchar.

Merda! Ele está furioso de novo. Minha deusa interior também me encara. *Está vendo, você mesma se colocou nessa situação!*

— Como posso confiar em você? — diz ele, baixando a voz. — Em qualquer situação?

O garçom volta com o nosso vinho e permanecemos olhando um para o outro, olhos azuis em olhos cinzentos. Ambos tomados de recriminações não ditas enquanto o garçom retira a rolha com um floreio desnecessário e serve um pouco de vinho na taça de

Christian. Automaticamente, ele estende a mão e dá um pequeno gole.

— Pode servir — seu tom é seco.

Com cuidado, o garçom enche as nossas taças e deixa a garrafa sobre a mesa, antes de se retirar. Christian não desviou os olhos de mim o tempo inteiro. Sou eu a primeira a fraquejar, rompendo o contato visual. Pego a minha taça e dou um gole generoso. Mal sinto o gosto do vinho.

— Desculpe — sussurro, de repente, sentindo-me uma idiota. Eu o deixei porque achei que fôssemos incompatíveis, mas ele está me dizendo que eu poderia tê-lo detido?

— Por que está se desculpando? — diz ele, assustado.

— Por não ter usado a palavra de segurança.

Ele fecha os olhos, parecendo aliviado.

— Talvez pudéssemos ter evitado todo esse sofrimento — resmungo.

— Você parece bem. — Mais do que bem. Parece você.

— As aparências enganam — diz ele, baixinho. — Não estou nem um pouco bem. Eu sinto como se o Sol tivesse se posto e não tivesse nascido por cinco dias, Ana. Estou vivendo uma noite infinita.

Essa confissão me deixa sem fôlego. *Ah, meu Deus, exatamente como eu.*

— Você disse que nunca iria me deixar, mas foi só as coisas ficarem difíceis para que saísse porta afora.

— Quando foi que eu disse que nunca iria deixar você?

— Dormindo. Foi a coisa mais reconfortante que ouvi em muito tempo, Anastasia. Isso me fez relaxar.

Meu coração se comprime, e eu pego minha taça de vinho.

— Você disse que me amava — sussurra ele. — Isso ficou no passado? — Sua voz é baixa, repleta de ansiedade.

— Não, Christian, não ficou.

Ele me encara, e parece muito vulnerável ao soltar o ar.

— Que bom — murmura.

Fico chocada com a declaração dele. Ele mudou de ideia. Antes, quando eu disse que o amava, parecera horrorizado. O garçom está de volta. Rapidamente, coloca os pratos diante de nós e se afasta.

Ah, não. Comida.

— Coma — ordena ele.

No fundo, sei que estou com fome, mas nesse exato instante meu estômago está dando um nó. Estar sentada diante do único homem que amei em toda a minha vida, debatendo nosso futuro incerto, realmente não é algo que abra meu apetite. Olho em dúvida para meu prato.

— Eu juro, Anastasia, se você não comer, vou colocá-la de bruços no meu colo e dar umas palmadas em você aqui neste restaurante, e não vai ter nada a ver com a minha satisfação sexual. Coma!

Relaxe, Grey. Meu inconsciente me encara por sobre os óculos de leitura. E está em total acordo com meu Cinquenta Tons.

— Tudo bem, vou comer. Controle sua mão nervosa, por favor.

Ele não sorri, mas continua a me encarar. Relutante, ergo meus talheres e corto a carne. Ah, está uma delícia, de dar água na boca. Estou com fome, morta de fome. Mastigo, e ele relaxa visivelmente.

Jantamos em silêncio. A música mudou. Uma mulher de voz suave canta ao fundo, as palavras ecoando meus pensamentos. Nunca mais vou ser a mesma desde que ele apareceu em minha vida.

Olho para Christian. Ele está comendo e me observando. Fome, desejo e ansiedade combinados em um único e cálido olhar.

— Você sabe quem está cantando? — Faço uma tentativa de conversa normal.

Christian faz uma pausa e escuta.

— Não... mas a cantora é boa, quem quer que seja.

— Também gosto.

Por fim, ele abre seu sorriso enigmático. O que está planejando?

— O que foi? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Coma — diz, suavemente.

Já comi metade do prato. Não posso engolir mais nada. Como vou negociar isso?

— Não consigo. Já comi o bastante para o senhor?

Ele me encara impassível, sem responder, e em seguida olha para o relógio.

— Estou satisfeita — acrescento, tomando um gole do delicioso vinho.

— Temos que ir daqui a pouco. Taylor chegou, e amanhã você tem que acordar cedo para trabalhar.

— Você também.

— Eu preciso de muito menos horas de sono do que você, Anastasia. Pelo menos você comeu alguma coisa.

— Não vamos voltar no *Charlie Tango*?

— Não, achei que eu talvez fosse beber. Taylor vai nos levar de volta. Além do mais, desse jeito, pelo menos tenho você no carro só para mim por algumas horas. O que podemos fazer, fora conversar?

Ah, então é esse o plano.

Christian chama o garçom e pede a conta, em seguida, pega o BlackBerry e faz uma ligação.

— Estamos no Le Picotin, Terceira Avenida, South West. — E desliga.

Continua seco ao telefone.

— Você é muito grosso com Taylor. Aliás, com a maioria das pessoas.

— Só vou direto ao ponto, Anastasia.

— Você ainda não foi direto ao ponto esta noite. Nada mudou, Christian.

— Tenho uma proposta para você.

— Tudo isso começou com uma proposta.

— Uma proposta diferente.

O garçom volta, e Christian lhe entrega o cartão sem sequer checar a conta. Ele me encara, contemplativo, enquanto o garçom passa o cartão. O telefone vibra, e ele dá uma olhada.

Então ele tem uma proposta? O que é agora? Visualizo duas situações: sequestro ou trabalhar para ele. Não, nada faz sentido. Christian termina de pagar.

— Vamos. Taylor está lá fora.

Nos levantamos, e ele pega minha mão.

— Não quero perder você, Anastasia. — Ele beija os nós de meus dedos com ternura, e o toque de seus lábios em minha pele ressoa por todo o meu corpo.

Lá fora, o Audi nos espera. Christian abre a porta. Entro no carro e afundo no estofamento de couro. Ele se aproxima da janela do motorista; Taylor salta do carro, e eles conversam brevemente. Isso não faz parte do protocolo habitual. Fico curiosa. Do que será que estão falando? Instantes depois, os dois entram no carro, e eu lanço um olhar para Christian que, com sua expressão impassível de sempre, permanece olhando para a frente.

Por um breve momento, permito-me analisar seu perfil: nariz reto, lábios carnudos e esculpido, o cabelo caindo deliciosamente sobre a testa. Certamente este homem divino não foi feito para mim.

Uma música inunda a parte de trás do carro, uma peça orquestral que não conheço, e Taylor começa a dirigir em meio ao tráfego leve, em direção à Interestadual 5 e a Seattle.

Christian vira-se para mim.

— Como eu estava dizendo, Anastasia, tenho uma proposta para você.

Olho, nervosa, para Taylor.

— Ele não pode nos ouvir — Christian me tranquiliza.

— Como não?

— Taylor — chama Christian. Taylor não responde. Ele o chama de novo e, de novo, fica sem resposta. Christian se inclina e toca seu ombro. Taylor remove um fone de ouvido que eu não tinha notado.

— Sim, senhor?

— Obrigado, Taylor. Pode voltar para a sua música.

— Certo, senhor.

— Feliz, agora? Ele está ouvindo seu iPod. Puccini. Esqueça que ele está aqui. É o que eu faço.

— Você pediu a ele para fazer isso?

— Pedi.

Ah.

— Certo, e a sua proposta?

De repente, Christian parece determinado e metódico. *Putá merda*. Estamos negociando um acordo. Escuto com atenção.

— Primeiro preciso perguntar uma coisa. Você quer um relacionamento baunilha, sem nenhuma trepada sacana?

Fico boquiaberta.

— Trepada sacana? — sussurro.

— Trepada sacana.

— Não acredito que você falou isso.

— Bem, falei. Responda — diz ele calmamente.

Fico vermelha. Minha deusa interior está de joelhos, suplicando com as mãos unidas.

— Eu gosto de uma trepada sacana — murmuro.

— É o que eu achava. Então, do que você não gosta?

De não poder tocá-lo. Do fato de você gostar de me ver sentir dor, do calor do cinto...

— Da ameaça de punição cruel e incomum.

— Como assim?

— Bem, você tem todas aquelas varas, chicotes e outras coisas no seu quarto de jogos, e isso me assusta para cacete. Eu não quero que você use aquilo comigo.

— Certo, então nada de chicotes ou varas... nem de cintos — diz ele sarcasticamente.

Eu o encaro, perplexa.

— Você está tentando redefinir os limites rígidos?

— Não exatamente, só estou tentando entender você, formar uma imagem mais clara do que você gosta e do que não gosta.

— Basicamente, Christian, é difícil lidar com seu prazer em me infligir dor. E com a ideia de que você vai fazer isso porque eu cruzei alguma espécie de linha arbitrária.

— Mas não é arbitrária, as regras estão escritas.

— Não quero um conjunto de regras.

— Nenhuma regra?

— Nenhuma regra. — Balanço a cabeça, mas meu coração está saindo pela boca. Onde ele quer chegar com isso?

— Mas você não se importa se eu bater em você?

— Com o quê?

— Com isso. — Ele levanta a mão.

Eu me contorço, desconfortável, no assento do carro.

— Não, não me importo. Principalmente com aquelas bolas prateadas... — graças a Deus está escuro, meu rosto está ardendo e minha voz diminui à medida que eu me lembro daquela noite. *Sim... Eu faria aquilo de novo.*

— Sim, aquilo foi divertido. — Ele sorri para mim.

— Mais do que divertido — murmuro.

— Então, você pode lidar com alguma dor.

— Acho que sim. — Dou de ombros.

Onde ele está querendo chegar com isso? Minha ansiedade subiu vários níveis na escala Richter.

Ele acaricia o queixo, perdido em pensamentos.

— Anastasia, eu quero começar de novo. Começar pela parte baunilha e, depois, quem sabe, quando você confiar mais em mim e eu achar que você está sendo sincera e é capaz de se comunicar comigo, a gente não possa seguir em frente e fazer algumas das coisas que eu gosto de fazer?

Fico olhando para ele, chocada, sem conseguir pensar em nada — como um computador travado. Ele me olha ansioso, mas na escuridão do Oregon, não consigo vê-lo direito. E então, finalmente, eu me dou conta.

Ele quer a luz, mas será que eu posso pedir isso a ele? E será que eu não gosto do escuro? Só um pouco, às vezes. As lembranças da noite Thomas Tallis voltam à minha mente, sedutoras.

— Mas e os castigos?

— Nada de castigos. — Ele balança a cabeça. — Zero.

— E as regras?

— Nada de regras.

— Nenhuma regra? Mas você tem as suas necessidades.

— Preciso mais de você do que delas, Anastasia. Estes últimos dias têm sido um inferno. Todos os meus instintos me dizem para deixar você ir, que eu não mereço você. As fotos que aquele cara tirou... Eu vejo como ele a enxerga. Você parece tão despreocupada e bonita, não que não esteja bonita agora, mas aqui está você. Eu vejo a sua dor. E é difícil saber que fui eu que fiz você se sentir assim. Mas eu sou um sujeito egoísta. Eu quis você desde que caiu em meu escritório. Você é delicada, honesta, afetuosa, forte, inteligente, inocente de um modo sedutor; a lista é interminável. Você me deixa bobo. Eu quero você, e a ideia de que outra pessoa possa possuir você é como uma faca perfurando minha alma negra.

Minha boca fica seca. *Put a merda*. Se isso não é uma declaração de amor, não sei o que é. E as palavras simplesmente saem de mim como se uma barragem tivesse se rompido.

— Christian, por que você acha que tem uma alma negra? Eu jamais diria isso. Triste, talvez, mas você é um homem bom. Eu sei que é... Você é generoso, é gentil e nunca mentiu para mim. E eu não me esforcei muito. Sábado passado foi um choque. Foi o meu grito de alerta. Eu percebi que até então você tinha pegado leve comigo, e que eu não poderia ser a pessoa que você queria que eu fosse. Então, depois que saí, eu me dei conta de que a dor física a que você me submeteu não era tão ruim quanto a dor de perdê-lo. Eu quero agradá-lo, mas é muito difícil.

— Você me agrada o tempo todo — sussurra ele. — Quantas vezes eu tenho de dizer isso?

— Eu nunca sei o que você está pensando. Às vezes você é tão distante... como uma ilha. Você me intimida. É por isso que eu fico quieta. Eu não sei para que lado o seu humor vai se dirigir. Ele se altera de um extremo a outro num milésimo de segundo. Isso me confunde, e você não me deixa tocar seu corpo, e eu quero tanto demonstrar o quanto amo você.

Ele pisca para mim na escuridão, cautelosamente, acho, e eu não consigo mais resistir. Solto o cinto de segurança, pulo em seu colo, pegando-o de surpresa, e seguro seu rosto em minhas mãos.

— Eu amo você, Christian Grey. E você está disposto a fazer tudo isso por mim. Sou eu quem não merece isso, e eu lamento não poder fazer todas aquelas coisas por você. Talvez com o tempo... eu não sei... mas sim, aceito a sua proposta. Onde eu assino?

Ele passa os braços em volta de mim e me aperta junto a seu corpo.

— Ah, Ana. — Ele expira ao enterrar o rosto em meu cabelo.

Nós ficamos ali, sentados, abraçados, ouvindo a música — uma peça lenta para piano — refletir as emoções dentro do carro, a doce calma que sucede a tempestade. Eu me aninho em seus braços, descansando a cabeça na curva de seu pescoço. Ele acaricia minhas costas delicadamente.

— Toque é um de meus limites rígidos, Anastasia — sussurra ele.

— Eu sei. Gostaria de entender por quê.

Depois de um tempo, ele suspira e, em voz baixa, diz:

— Eu tive uma infância terrível. Um dos cafetões da prostituta drogada... — Sua voz diminui, e seu corpo se enrijece à medida que ele revive alguma espécie de horror inimaginável. — Eu lembro que... — sussurra ele, estremecendo.

De repente, meu coração aperta ao me lembrar das cicatrizes de queimadura marcando sua pele. *Ah, Christian.* Aperto meus braços em volta de seu pescoço.

— Ela maltratava você? Sua mãe? — minha voz é baixa, com a suavidade das lágrimas não derramadas.

— Não que eu me lembre. Ela era negligente. Não me protegia do cafetão. — Ele bufa. — Acho que era eu que cuidava dela. Quando ela finalmente se suicidou, levou quatro dias para alguém se dar conta e nos encontrar... Disso eu me lembro.

Não consigo conter uma exclamação de horror. Puta que pariu. A bile sobe até minha garganta.

— Isso é horrível de muitas maneiras — sussurro.

— Cinquenta — murmura ele.

Inclino a cabeça e pressiono os lábios no pescoço dele, buscando e oferecendo consolo enquanto imagino um menino pequeno, sujo e de olhos cinzentos, perdido e solitário ao lado do corpo da mãe.

Ah, Christian. Inalo o cheiro dele. É um cheiro divino, meu perfume favorito em todo o mundo. Ele aperta os braços em volta de mim e beija meu cabelo, e eu permaneço ali, envolta em seu abraço, enquanto Taylor acelera pela noite.

* * *

QUANDO ACORDO, estamos em Seattle.

— Oi — diz Christian em voz baixa.

— Desculpe — murmuro e me sento, piscando e me espreguiçando. Ainda estou em seus braços, em seu colo.

— Eu poderia ver você dormir para sempre, Ana.

— Falei alguma coisa?

— Não. Estamos quase chegando à sua casa.

Ah?

— Não estamos indo para a sua?

— Não.

Sento-me e olho para ele.

— Por que não?

— Porque você tem que trabalhar amanhã.

— Ah — resmungo.

— Por quê? Tinha algo em mente?

— Bem, talvez. — Ajeito-me no banco do carro.

— Anastasia, não vou tocar em você de novo até que me implore. — Ele ri.

— O quê?!

— Até que você comece a se comunicar comigo. Da próxima vez em que fizermos amor, você vai ter que me dizer exatamente o que quer, nos mínimos detalhes.

— Ah.

Ele me tira de seu colo quando Taylor encosta o carro diante do meu prédio. Christian salta e abre a porta para mim.

— Tenho uma coisa para você. — Ele se move até a parte de trás do carro, abre a mala e tira um grande embrulho de presente. Que diabo é isso? — Só abra quando estiver dentro de casa.

— Você não vai subir?

— Não, Anastasia.

— Então, quando vamos nos ver de novo?

— Amanhã.

— Meu chefe me chamou para tomar um drinque com ele amanhã.

A expressão de Christian enrijece.

— Ah, é mesmo? — sua voz está repleta de ameaça latente.

— Para comemorar minha primeira semana — acrescento depressa.

— Onde?

— Não sei.

— Eu poderia buscar você depois disso.

— Certo... Mando um e-mail ou uma mensagem.

— Ótimo.

Ele me leva até a porta do prédio e espera até que eu ache as chaves dentro da bolsa. Abro a porta, ele se inclina para a frente e segura meu queixo, empurrando de leve minha cabeça para trás. Sua boca paira sobre a minha, e, de olhos fechados, ele deixa um rastro de beijos do canto do meu olho até o canto da minha boca.

Deixo escapar um pequeno gemido enquanto minhas entranhas se derretem.

— Até amanhã — murmura.

— Boa noite, Christian — sussurro, e posso ouvir o desejo em minha voz. Ele sorri.

— Já para dentro — ordena, e eu atravesso a portaria carregando meu presente misterioso. — Até mais, baby — diz ele e, com a sua elegância natural, retorna ao carro.

Uma vez no apartamento, abro o pacote e encontro o meu MacBook Pro, o BlackBerry e outra caixa retangular. O que é isso? Desembrulho o papel prateado. Dentro dele, um estojo de couro preto e fino.

Abro o estojo e vejo um iPad. *Minha nossa... um iPad.* Sobre a tela, um cartão branco com a letra de Christian:

Anastasia, isto é para você.
Eu sei o que você quer ouvir.
A música gravada aqui fala por mim.
Christian

Christian Grey gravou uma música para mim em um iPad de última geração. Balanço a cabeça em desaprovação pelo custo dessa brincadeira, mas, no fundo, adorei o presente. Jack tem um desses no escritório, então sei como funciona.

Ligo o aparelho e fico besta ao ver a imagem na tela: o modelo de um pequeno planador. *Meu Deus.* É o Blanik L-23 que eu dei a ele, montado num suporte de vidro, sobre o que acho que é a mesa de Christian, em seu escritório. Fico pasma.

Ele montou o avião! Ele realmente montou o avião. E então me lembro de que ele chegou a falar disso no bilhete que veio com as

flores. Mal posso acreditar. No mesmo instante, percebo o quanto ele se dedicou na elaboração desse presente.

Deslizo a seta na parte inferior da tela para destravar o iPad e me surpreendo de novo. O papel de parede é a nossa foto na comemoração da minha formatura, a que foi publicada no *Seattle Times*. Christian está tão bonito que não consigo evitar abrir um largo sorriso — *Sim, e ele é meu!*

Com um toque da ponta do dedo, os ícones passam, e outros aparecem na tela seguinte. Um aplicativo para Kindle, iBooks, Words — o que quer que isso seja.

Biblioteca Britânica? Toco no ícone e um menu aparece: ACERVO HISTÓRICO. Corro a lista para baixo e seleciono ROMANCES DO SÉCULO XVIII E XIX. Outro menu. Clico no título: *THE AMERICAN, DE HENRY JAMES*. Uma nova janela se abre, trazendo uma cópia digitalizada do livro. Meu Deus — é uma edição antiga, publicada em 1879, e está disponível no meu iPad! Ele me deu acesso irrestrito à Biblioteca Britânica ao toque de um botão.

Fecho as janelas depressa, consciente de que poderia me perder nesse aplicativo por uma eternidade. Vejo um app chamado “boa comida”, que me faz revirar os olhos e me arranca um sorriso ao mesmo tempo, outro de notícias, um com a previsão do tempo. O bilhete dele, no entanto, falava de música. Volto para a tela principal, toco no ícone do iPod e uma lista de reprodução aparece. Dou uma olhada nas músicas, e a seleção me faz sorrir. Thomas Tallis — não vou me esquecer disso tão cedo. Afinal de contas, ouvi duas vezes enquanto ele me açoitava e trepava comigo.

“Witchcraft”. Meu sorriso se alarga — a dança na enorme sala. A transcrição de Bach para a obra de Marcello — *ah não, isso é triste demais para o meu estado de espírito atual. Hum. Jeff Buckley — sim, já ouvi falar dele. Snow Patrol — minha banda preferida — e uma música chamada “Principles of Lust”, do Enigma. É muito Christian. Sorrio. Outra chamada “Possession”... ah, sim, muito Cinquenta Tons. E mais algumas que nunca ouvi.*

Escolho uma música cujo título me chama a atenção e aperto play. “Try”, de Nelly Furtado. Ela começa a cantar, e sua voz é como um tecido de seda ao meu redor, envolvendo-me. Deito-me na cama.

Isso significa que Christian vai tentar? Tentar este novo tipo de relação? Eu me deleito nos versos, encarando o teto, procurando entender essa reviravolta. Ele sentiu a minha falta. Eu senti a falta dele. Ele deve sentir algo por mim. Tem que sentir. Este iPad, as músicas, os aplicativos... ele se importa. Ele realmente se importa. Meu coração se delicia com a esperança.

A música acaba e lágrimas brotam em meus olhos. Rapidamente pulo para outra: "The Scientist", do Coldplay, uma das bandas preferidas de Kate. Conheço a música, mas nunca tinha prestado atenção na letra antes. Fecho os olhos e deixo as palavras tomarem conta de mim.

As lágrimas começam a escorrer. Não posso contê-las. Se isso não é um pedido de desculpas, o que é? *Ah, Christian.*

Ou é um convite? Será que ele vai responder às minhas perguntas? *Estou procurando significados demais em tudo isso? Provavelmente sim.*

Enxugo as lágrimas. Preciso mandar um e-mail de agradecimento. Levanto da cama e pego a máquina do mal.

Coldplay continua a tocar enquanto eu me sento de pernas cruzadas sobre a cama. O Mac liga e eu digito minha senha.

De: Anastasia Steele

Assunto: iPad

Data: 9 de junho de 2011 23:56

Para: Christian Grey

Você me fez chorar de novo.

Amei o iPad.

Amei as músicas.

Amei o app da Biblioteca Britânica.

Amo você.

Obrigada.

Boa noite.

Bj, Ana.

De: Christian Grey
Assunto: iPad
Data: 10 de junho de 2011 00:03
Para: Anastasia Steele

Fico feliz que tenha gostado. Comprei um para mim também.

Se eu estivesse aí, secaria suas lágrimas com beijos.

Mas não estou, então, vá dormir.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

A resposta dele me faz sorrir. Tão mandão, tão Christian. Será que isso também vai mudar? E percebo naquele momento que eu espero que não. Gosto dele assim — autoritário —, desde que eu possa enfrentá-lo sem medo de ser punida.

De: Anastasia Steele
Assunto: Sr. Rabugento
Data: 10 de junho de 2011 00:07
Para: Christian Grey

Você parece o mandão de sempre, e talvez ainda mais tenso e rabugento, Sr. Grey.

Eu sei de algo que poderia acalmá-lo. Só que você não está aqui, não me deixou ficar com você, e ainda espera que eu implore...

Vá sonhando, senhor.

Bj, Ana.

PS: Reparei que você incluiu o Hino do Perseguidor, "Every Breath You Take". Aprecio seu senso de humor, mas será que o Dr. Flynn sabe disso?

De: Christian Grey

Assunto: Calmaria zen-budista
Data: 10 de junho de 2011 00:10
Para: Anastasia Steele

Minha querida Srta. Steele,

Relacionamentos baunilha também têm palmadas, sabia? Em geral são consensuais e acontecem num contexto sexual... Mas estou mais do que feliz em abrir uma exceção.

Você vai ficar aliviada de saber que o Dr. Flynn também aprecia meu senso de humor.

Agora, por favor, vá dormir, já que amanhã não vou deixar você dormir muito.

Aliás, você vai implorar, confie em mim. E eu mal posso esperar por isso.

Christian Grey
Um CEO tenso, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Boa noite, bons sonhos
Data: 10 de junho de 2011 00:12
Para: Christian Grey

Bem, já que você está me pedindo de forma tão educada, e eu gosto da sua deliciosa ameaça, vou me recolher com o iPad que você tão gentilmente me deu e adormecer enquanto navego pela Biblioteca Britânica, ouvindo a música que diz tudo por você.

Bj,
A.

De: Christian Grey
Assunto: Mais um pedido
Data: 10 de junho de 2011 00:15
Para: Anastasia Steele

Sonhe comigo.

Bj.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Sonhar com você, Christian Grey? Sempre.

Visto depressa o pijama, escovo os dentes e caio na cama. Coloco os fones de ouvido, pego o balão vazio *Charlie Tango* de debaixo do meu travesseiro e o abraço.

Estou transbordando de alegria, um sorriso bobo de orelha a orelha. Que diferença um dia pode fazer. Como vou conseguir dormir?

José Gonzalez começa a cantar uma melodia suave, um riff hipnótico de guitarra, e me deixo levar lentamente pelo sono, admirada de como o mundo se ajeitou em apenas uma noite e imaginando preguiçosamente se eu deveria fazer uma seleção de músicas para Christian.

CAPÍTULO TRÊS

A única vantagem de não ter um carro é que no ônibus, a caminho do trabalho, posso colocar os fones de ouvido no iPad enquanto ele está guardado em segurança dentro da bolsa e ouvir todas as músicas maravilhosas que Christian gravou para mim. Quando chego ao escritório, estou com o sorriso mais idiota estampado no rosto.

Jack me olha, vira-se, e olha novamente.

— Bom dia, Ana. Você está... radiante. — Sua observação me irrita. *Que coisa mais inapropriada!*

— Bom dia, Jack. Dormi bem, obrigada.

Sua testa se enrugou.

— Você pode dar uma lida nisto aqui para mim e preparar os relatórios até a hora do almoço, por favor? — Ele me entrega quatro manuscritos. Ao ver minha expressão de espanto, acrescenta: — Só os primeiros capítulos.

— Claro. — Sorrio de alívio, e ele abre um largo sorriso em troca.

Ligo o computador para começar a trabalhar enquanto termino de comer uma banana e de tomar meu café com leite. Vejo que recebi um e-mail de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Me ajude...

Data: 10 de junho de 2011 08:05

Para: Anastasia Steele

Espero que você tenha tomado café da manhã.

Senti sua falta ontem à noite.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Livros velhos...
Data: 10 de junho de 2011 08:33
Para: Christian Grey

Estou comendo uma banana enquanto escrevo. Não tomo café da manhã há alguns dias, então já é um avanço. Adorei o app da Biblioteca Britânica. Comecei a reler Robinson Crusoé... e, é claro, amo você.

Agora me deixe em paz, estou tentando trabalhar.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Você só comeu isso?
Data: 10 de junho de 2011 08:36
Para: Anastasia Steele

É melhor se esforçar mais. Vai precisar de energia para implorar.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Praga
Data: 10 de junho de 2011 08:39
Para: Christian Grey

Sr. Grey, estou tentando exercer meu ganha-pão, e é você que vai implorar.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Manda ver!
Data: 10 de junho de 2011 08:36
Para: Anastasia Steele

Ora, Srta. Steele, eu adoro um desafio...

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Sorrio para a tela feito uma idiota. Mas preciso ler esses capítulos para Jack e escrever relatórios sobre todos eles. Coloco os manuscritos em cima da mesa e começo.

Na hora do almoço, vou até a cantina para comer um sanduíche de pastrami e ouvir a seleção de músicas em meu iPad. Primeiro, Nitin Sawhney, uma faixa de world music chamada “Homelands” — é boa. O Sr. Grey tem um gosto eclético para música. Volto até minha mesa ouvindo uma música clássica, “Fantasia sobre um tema de Thomas Tallis”, de Vaughn Williams. Hum, ele tem senso de humor, e eu o adoro por isso. Será que esse sorriso estúpido algum dia vai sair do meu rosto?

A tarde se arrasta. Decido, em um momento de descuido, escrever um e-mail para Christian.

De: Anastasia Steele
Assunto: Entediada...
Data: 10 de junho de 2011 16:05
Para: Christian Grey

Não tenho nada para fazer.

Como você está?

O que está fazendo?

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Algo para fazer
Data: 10 de junho de 2011 16:15
Para: Anastasia Steele

Você deveria ter vindo trabalhar para mim.

Certamente teria algo para fazer agora.

Tenho certeza de que seria melhor aproveitada.

Na verdade, posso pensar em diversas formas de aproveitá-la...

Eu estou fazendo minhas fusões e aquisições de sempre.

É tudo muito tedioso.

Seus e-mails na SIP são monitorados.

Christian Grey

Um CEO distraído, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ai, merda. Eu não tinha ideia. Como ele sabe disso? Faço uma cara feia para a tela e rapidamente verifico os e-mails trocados por nós, deletando-os.

Jack chega à minha mesa pontualmente às cinco e meia. Como é sexta-feira, ele está de calça jeans e camisa preta.

— E aí, vamos tomar um drinque, Ana? Em geral a gente dá uma passada rápida no bar do outro lado da rua.

— A gente? — pergunto, esperançosa.

— É, a maior parte do pessoal vai... Você vem?

Por alguma estranha razão que não quero avaliar atentamente, sou tomada por uma sensação de alívio.

— Claro. Como se chama o bar?

— Anos Cinquenta.

— Você está brincando?

— Não. Tem algum significado especial para você? — Ele me olha confuso.

— Não, desculpe. Encontro vocês lá.

— O que você gostaria de beber?

— Uma cerveja, por favor.

— Legal.

Vou até o banheiro e mando um e-mail para Christian do meu BlackBerry.

De: Anastasia Steele
Assunto: Vai combinar direitinho com você
Data: 10 de junho de 2011 17:36
Para: Christian Grey

Estamos indo para um bar chamado Anos Cinquenta.

A quantidade de piadas que eu poderia fazer sobre isso é interminável.

Estou ansiosa para encontrá-lo lá, Sr. Grey.

Bj,
A.

De: Christian Grey
Assunto: Riscos
Data: 10 de junho de 2011 17:38
Para: Anastasia Steele

Fazer piada é uma coisa muito, muito perigosa.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Riscos?
Data: 10 de junho de 2011 17:40
Para: Christian Grey

O que quer dizer com isso?

De: Christian Grey
Assunto: Apenas...
Data: 10 de junho de 2011 17:42
Para: Anastasia Steele

É apenas uma observação, Srta. Steele.

Vejo você em breve.

Até menos, baby.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Confiro meu reflexo no espelho. Que diferença um dia pode fazer. Minhas bochechas estão coradas, meus olhos, radiantes. É o efeito Christian Grey. Uma simples troca de e-mails com ele faz isso com qualquer garota. Sorrio para o espelho e ajeito a camisa azul-clara — a que Taylor comprou para mim. Também estou usando minha calça jeans favorita hoje.

A maioria das mulheres no escritório usa calça jeans ou saias leves. Vou precisar investir em uma ou duas saias soltinhas. Talvez faça isso este fim de semana e desconte o cheque que Christian me deu por Wanda, o fusca.

Assim que saio do prédio, ouço chamarem meu nome:

— Srta. Steele?

Viro-me e vejo uma jovem pálida se aproximar de mim cautelosamente. Parece um fantasma: tão branca e tão estranhamente vazia.

— Srta. Anastasia Steele? — repete ela, e suas feições permanecem estáticas, embora esteja falando.

— Sim?

Ela para, encarando-me a cerca de três metros na calçada. Olho para ela, paralisada. Quem é? O que ela quer?

— Posso ajudar? — pergunto. Como ela sabe meu nome?

— Não... Eu só queria ver você. — Sua voz é estranhamente sedosa.

Como eu, ela tem o cabelo escuro contrastando fortemente com a pele clara. Seus olhos são castanhos feito uísque, mas opacos. Não transmitem nenhum resquício de vida. Seu belo rosto está lívido e marcado pela tristeza.

— Desculpe, estou em desvantagem — digo, tentando ignorar o formigamento que corre por minha coluna numa espécie de alerta.

Olhando de perto, ela parece estranha, descabelada e descuidada. Suas roupas estão largas, inclusive o casaco de marca que usa sobre elas.

Ela ri, produzindo um som estranho e dissonante que só faz alimentar a minha ansiedade.

— O que você tem que eu não tenho? — pergunta, com tristeza.
A ansiedade se transforma em medo.

— Sinto muito, quem é você?

— Eu? Eu não sou ninguém. — Ela levanta o braço e passa a mão pelo cabelo, na altura dos ombros, e, à medida que faz isso, a manga de seu casaco sobe, revelando um curativo sujo em volta do pulso.

Putá merda.

— Tenha um bom dia, Srta. Steele. — Ela se vira e caminha pela rua, e continuo imóvel no meio da calçada. Eu a observo enquanto sua frágil silhueta desaparece de vista, perdida entre as pessoas que saem dos escritórios.

O que foi isso?

Confusa, atravesso a rua na direção do bar, tentando assimilar o que acabou de acontecer, mas meu inconsciente ergue sua cara feia e grita comigo: *Ela tem algo a ver com Christian.*

O bar Anos Cinquenta é um ambiente fechado e impessoal, com flâmulas e cartazes de beisebol pendurados na parede. Jack está junto ao balcão com Elizabeth, Courtney, o outro editor, dois caras do setor financeiro e Claire, da recepção. Claire está usando argolas prateadas, sua marca registrada.

— Oi, Ana! — Jack me entrega uma garrafa de Budweiser.

— Saúde... obrigada — murmuro, ainda abalada pelo encontro com a Garota-Fantasma.

— Saúde — brindamos, e ele continua sua conversa com Elizabeth.

Claire sorri para mim com gentileza.

— Então, como foi sua primeira semana? — pergunta ela.

— Foi boa, obrigada. Todo mundo é muito gentil.

— Você parece muito mais feliz hoje.

— É sexta-feira — respondo rapidamente. — E então, o que vai fazer neste fim de semana?

* * *

MINHA JÁ COSTUMEIRA tática de distração funciona, e estou a salvo. Descubro que Claire tem seis irmãos e que vai passar o fim de

semana com a família, em Tacoma. Ela fica bastante animada com a conversa, e me dou conta de que não conversava com uma mulher da minha idade desde que Kate foi para Barbados.

Distraída, imagino como Kate deve estar agora... e Elliot. Preciso me lembrar de perguntar a Christian se teve notícias dele. Ah, e Ethan, o irmão dela, volta na próxima terça-feira, e vai ficar no nosso apartamento. Acho que Christian não vai gostar muito disso. Assim, meu encontro com a estranha Garota-Fantasma vai desaparecendo de meus pensamentos.

Durante minha conversa com Claire, Elizabeth me passa outra cerveja.

— Obrigada. — Sorrio para ela.

É muito fácil conversar com Claire, ela gosta de falar, e, antes que eu perceba, estou na terceira cerveja, cortesia de um dos caras do financeiro.

Quando Elizabeth e Courtney vão embora, Jack se aproxima de mim e de Claire. Cadê o Christian? Um dos caras do financeiro puxa Claire para uma conversa.

— E então, Ana, acha que foi uma boa ideia vir trabalhar com a gente? — A voz de Jack é suave, e ele está um pouco perto demais. Mas já notei que tem uma tendência a fazer isso com todo mundo, até mesmo no escritório.

— Foi uma boa semana, Jack, obrigada. Sim, acho que tomei a decisão certa.

— Você é uma menina muito inteligente, Ana. Você vai longe.

— Obrigada — murmuro enrubescida, sem saber o que dizer.

— Você mora longe?

— Em Pike Market.

— Não fica muito longe de onde eu moro. — Sorrindo, ele se aproxima ainda mais e se recosta contra o bar, bloqueando minha saída com eficiência. — Vai fazer alguma coisa neste fim de semana?

— Bem... hum...

Eu o sinto antes de vê-lo. É como se todo o meu corpo estivesse inteiramente antenado para sua presença: relaxo e me inflamo ao mesmo tempo, uma estranha dualidade interna, e sinto aquela eletricidade peculiar pulsando dentro de mim.

Christian passa o braço em torno de meus ombros em uma demonstração de afeto aparentemente casual, mas sei o que significa. É um sinal de posse, e, na atual situação, é muito bem-vindo. Ele beija meu cabelo com ternura.

— Oi, baby — murmura.

Não posso evitar a sensação de alívio, segurança e empolgação que o braço dele ao meu redor transmite. Ele me puxa para junto de si, e eu o vejo encarar Jack com sua expressão impassível. Voltando a atenção para mim, ele me lança um breve sorriso torto seguido de um beijo rápido. Está usando o paletó azul-marinho de risca de giz, calça jeans e uma camisa branca aberta. Ele está delicioso.

Jack se afasta, desconfortável.

— Jack, este é Christian — murmuro, quase me desculpando. Mas por que a necessidade de pedir desculpas? — Christian, Jack.

— Sou o namorado — diz Christian com um pequeno e frio sorriso que não chega a alcançar seus olhos enquanto aperta a mão de Jack.

Olho de relance para Jack, que está avaliando o belo exemplar de masculinidade diante de si.

— Sou o chefe — responde Jack com arrogância. — Na verdade, Ana mencionou um ex-namorado.

Ai, merda. Você realmente não está a fim de jogar este jogo com Christian.

— Bem, deixei de ser ex — responde Christian calmamente. — E aí, Ana, vamos? Está na hora.

— Por favor, fique e tome uma bebida com a gente — convida Jack.

Eu não acho que seja uma boa ideia. Por que essa situação é tão desconfortável? Olho para Claire que, obviamente, está observando boquiaberta, em uma franca apreciação carnal por Christian. Quando vou parar de me preocupar com o efeito que ele tem sobre outras mulheres?

— Já temos planos — responde Christian com seu sorriso enigmático.

Temos? E um frisson de antecipação percorre meu corpo.

— Outro dia, quem sabe — acrescenta ele. — Vamos — diz enquanto segura minha mão.

— Vejo vocês na segunda. — Sorrio para Jack, Claire e os dois caras do financeiro, esforçando-me para ignorar a expressão de insatisfação de Jack ao seguir Christian para fora do bar.

Taylor está ao volante do Audi, esperando.

— Por que eu fiquei com a impressão de que aquilo foi um concurso de quem mija mais longe? — pergunto a Christian depois que ele abre a porta do carro para mim.

— Porque foi — murmura ele, lançando-me um sorriso enigmático e fechando minha porta.

— Oi, Taylor — digo, e nossos olhos se encontram no retrovisor.

— Srta. Steele — responde Taylor com um sorriso caloroso.

Christian senta-se ao meu lado, segura minha mão e, delicadamente, beija meus dedos.

— Oi — diz baixinho.

Minhas bochechas ficam cor-de-rosa só de saber que Taylor pode nos ouvir, mas sinto-me grata de que ele não possa ver o olhar escaldante, de esquentar a calcinha, que Christian está me lançando. Preciso de todo o meu autocontrole para não pular em cima dele ali mesmo, no banco de trás do carro.

Ah, o banco de trás do carro... hum.

— Oi — suspiro, a boca seca.

— O que você gostaria de fazer esta noite?

— Você disse que já tínhamos planos.

— Ah, eu sei o que eu quero fazer, Anastasia. Estou perguntando o que você quer fazer.

Sorrio para ele, radiante.

— Entendi — diz ele com um sorriso perverso. — Então... vai ser implorar. Você quer implorar na minha casa ou na sua? — Ele inclina a cabeça para o lado e abre seu sorriso sensual para mim.

— Acho que você está sendo muito presunçoso, Sr. Grey. Mas, só para variar, dessa vez a gente podia ir para a minha casa. — Mordo o lábio deliberadamente, e as feições dele se fecham.

— Taylor, para o apartamento da Srta. Steele, por favor.

— Sim, senhor — responde Taylor, e dá a partida no carro.

— E então, como foi o seu dia? — pergunta ele.

— Bom. E o seu?

— Bom, obrigado.

Seu sorriso absurdamente largo reflete o meu, e ele beija minha mão mais uma vez.

— Você está linda — diz.

— Você também está lindo.

— O seu chefe, Jack Hyde, ele é bom no que faz?

Uau! Isso é que mudança brusca de assunto! Franzo a testa.

— Por quê? Isso não tem nada a ver com o seu concurso de mijo a distância, tem?

Christian ri.

— Aquele homem quer entrar na sua calcinha, Anastasia — diz ele secamente.

Fico rubra, boquiaberta, e olho nervosa para Taylor.

— Bem, ele pode querer o que bem entender... por que estamos tendo essa conversa? Você sabe que não tenho o menor interesse nele. Ele é só meu chefe.

— Esse é o ponto. Ele quer o que é meu. Preciso saber se ele é bom no trabalho dele.

— Acho que sim. — Dou de ombros. Aonde ele está querendo chegar com isso?

— Bem, é melhor ele deixar você em paz, ou vai acabar no olho da rua.

— Ah, Christian, do que você está falando? Ele não fez nada errado... — *Por enquanto*. Ele só fica perto demais quando fala comigo.

— Qualquer movimento dele, conte para mim. Isso se chama torpeza moral da mais baixa. Ou assédio sexual.

— Foi apenas uma cerveja depois do trabalho.

— Estou falando sério. Um movimento, e ele está na rua.

— Você não tem esse poder! — Francamente! E, antes que eu possa revirar os olhos para ele, a ficha cai com a velocidade de um relâmpago. — Ou tem?

Christian me lança seu sorriso enigmático.

— Você está comprando a editora — sussurro horrorizada.

Seu sorriso se desfaz em resposta ao pânico em minha voz.

— Não exatamente — diz ele.

— Você já comprou. A SIP. Já comprou.

Ele pisca para mim, cauteloso.

— Talvez.

— Comprou ou não?

— Comprei.

Que inferno!

— Por quê? — pergunto, chocada. Ah, não, isso é demais.

— Porque eu posso, Anastasia. Preciso de você em segurança.

— Mas você disse que não iria interferir na minha carreira!

— E não vou.

Puxo a minha mão de volta.

— Christian... — As palavras me escapam.

— Você está brava comigo?

— Estou. Claro que estou brava com você — explodo. — Quer dizer, que tipo de executivo responsável toma decisões com base na pessoa que ele está comendo no momento? — Fico branca e uma vez mais olho nervosa para Taylor, que está nos ignorando estoicamente.

Merda. Que hora para o filtro cérebro-boca falhar.

Christian abre a boca e então a fecha novamente, fazendo uma cara feia para mim. Eu o encaro de volta. Enquanto nos enfrentamos, a atmosfera no carro mergulha de cálida com toques de doce reconciliação para gélida e repleta de palavras não ditas e possíveis recriminações.

Felizmente, a desconfortável viagem não dura muito tempo, e Taylor encosta o carro diante do meu prédio. Saio às pressas, sem esperar que ninguém abra a porta para mim, e ouço Christian murmurar para Taylor:

— Acho que é melhor você esperar aqui.

Eu o sinto de pé atrás de mim, bem perto, enquanto me esforço para encontrar as chaves da porta da frente na bolsa.

— Anastasia — diz ele com calma, como se eu fosse um animal selvagem encurralado.

Suspiro e me viro para encará-lo. Estou com tanta raiva que ela chega a ser palpável, uma entidade das trevas que ameaça me sufocar.

— Primeiro, já faz tempo, tempo demais, aliás, que não como você. E segundo, eu queria entrar no mercado editorial. Das quatro editoras de Seattle, a SIP é a mais rentável, mas está no seu limite e vai acabar ficando estagnada. Ela precisa se diversificar.

Eu o encaro friamente. Seu olhar é intenso, ameaçador até, mas sensual como o diabo. Eu poderia me perder em sua profundidade de aço.

— Então você é meu chefe agora — rebato.

— Tecnicamente, eu sou o chefe do chefe do seu chefe.

— E, tecnicamente, isso é uma torpeza moral das mais baixas, o fato de eu estar fodendo com o chefe do chefe do meu chefe.

— No momento, você está discutindo com ele. — Christian faz uma cara feia.

— Isso porque ele é um idiota — exclamo.

Christian recua, atordado. *Ai, merda.* Será que fui longe demais?

— Idiota? — murmura ele, as feições adquirindo uma expressão divertida. *Porra! Estou morrendo de raiva de você, não me faça rir!*

— Isso mesmo. — Luto para manter meu olhar de indignação moral.

— Idiota? — pergunta Christian novamente. Desta vez, seus lábios se contorcem num sorriso reprimido.

— Não me faça rir quando estou com raiva de você! — grito.

E ele sorri, um sorriso deslumbrante, cheio de dentes, um modelo de perfeição, e eu não consigo evitar. Sorrio também e, então, caio na gargalhada. Como eu poderia não ser afetada pela alegria presente naquele sorriso?

— Só porque estou com esse sorriso idiota na cara não significa que eu não esteja morrendo de raiva de você — murmuro ofegante, tentando suprimir minha risada infantil de líder de torcida. *Embora eu nunca tenha sido líder de torcida*, o pensamento amargo atravessa minha mente.

Ele se inclina, e eu acho que vai me beijar, mas não o faz. Enfia o rosto em meu cabelo e inspira profundamente.

— Como sempre, Srta. Steele, você é surpreendente. — Ele volta o corpo para trás, para me encarar, os olhos brilhando cheios de humor. — E então, vai me convidar para entrar ou vou ficar de

castigo por exercer o meu direito democrático, como cidadão norte-americano, empreendedor e consumidor, de comprar o que eu bem entender?

— Você falou com o Dr. Flynn sobre isso?

Ele ri.

— Você vai me deixar entrar ou não, Anastasia?

Tento lançar um olhar relutante — morder o lábio ajuda —, mas estou sorrindo quando abro a porta. Christian se vira e acena para Taylor, e o Audi dá partida.

* * *

É ESTRANHO TER Christian Grey em meu apartamento. O lugar parece pequeno demais para ele.

Ainda estou brava — a perseguição dele não tem limites —, e acabo me dando conta de que é por isso que ele sabia que meu e-mail na SIP era monitorado. Ele provavelmente sabe mais sobre a SIP do que eu. É um pensamento desagradável.

O que posso fazer? Por que ele tem essa necessidade de me manter em segurança? Já sou — *pelo menos um pouco* — adulta, pelo amor de Deus. O que posso fazer para tranquilizá-lo?

Observo seu rosto enquanto ele caminha de um lado para outro na sala, feito um predador enjaulado, e minha raiva desaparece. Vê-lo em meu território depois de achar que tínhamos terminado é reconfortante. Mais do que reconfortante, eu o amo, e meu coração se enche com uma euforia nervosa e inebriante. Ele olha ao redor, avaliando o ambiente.

— Apartamento bacana — diz.

— Os pais de Kate compraram para ela.

Ele acena distraidamente com a cabeça, e seus olhos cinzentos e ousados recaem sobre mim.

— E então... quer uma bebida? — murmuro, enrubescendo.

— Não, obrigado, Anastasia. — Seu olhar escurece.

Por que estou tão nervosa?

— O que você gostaria de fazer, Anastasia? — pergunta ele suavemente, caminhando em minha direção, todo selvagem e

sensual. — Eu sei o que eu quero fazer — acrescenta, em voz baixa.

Recuo até bater contra a bancada de concreto da cozinha.

— Ainda estou brava com você.

— Eu sei. — Ele abre um sorriso torto de desculpas, e eu me derreto... Bem, talvez não tão brava assim.

— Gostaria de comer alguma coisa? — pergunto.

— Sim. Você — murmura ele, assentindo lentamente com a cabeça. Todo o meu corpo se enrijece da cintura para baixo. Sou seduzida até por sua voz, mas aquele olhar, aquele olhar faminto de quem quer me devorar agora... meu Deus.

Ele está de pé na minha frente, mas sem encostar em mim, olhando nos meus olhos e me banhando no calor que irradia de seu corpo. Sinto-me sufocada, agitada, e minhas pernas parecem gelatina à medida que o desejo sombrio toma conta de mim. Eu quero esse homem.

— Você já comeu hoje? — pergunta ele.

— Um sanduíche no almoço — sussurro. Não quero falar de comida.

— Você precisa comer. — Ele estreita os olhos.

— Eu realmente não estou com fome... de comida.

— E você está com fome de quê, Srta. Steele?

— Acho que você sabe, Sr. Grey.

Ele abaixa a cabeça, e de novo acho que vai me beijar, mas não o faz.

— Quer que eu beije você, Anastasia? — sussurra baixinho no meu ouvido.

— Sim — murmuro.

— Onde?

— Em todos os lugares.

— Você vai ter que ser um pouco mais específica do que isso. Eu já avisei que não vou tocar você até que implore e me diga o que fazer.

Estou perdida, ele não está jogando limpo.

— Por favor — peço.

— Por favor, o quê?

— Toque em mim.

— Onde?

Ele está tão tentadoramente perto, seu perfume é inebriante. Eu levanto as mãos, e ele recua de imediato.

— Não, não — ele me repreende, os olhos de repente arregalados e alarmados.

— O quê? — *Não... volte.*

— Não. — Ele balança a cabeça.

— Nem um pouco? — Não consigo evitar o desejo em minha voz.

Ele me olha, hesitante, e eu me sinto encorajada por essa hesitação. Dou um passo na direção dele, e ele recua, erguendo as mãos em defesa, mas sorrindo.

— Espere, Ana. — É um alerta, e ele passa a mão pelo cabelo, exasperado.

— Às vezes você não se importa — observo, melancólica. — Talvez eu devesse pegar uma caneta, aí poderíamos mapear as áreas proibidas.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Isso não é má ideia. Onde fica o seu quarto?

Indico com a cabeça. Será que ele está deliberadamente mudando de assunto?

— Você está tomando a pílula?

Ah, merda. A pílula.

Sua expressão se desfaz ao ver minha reação.

— Não — falo, num gemido.

— Certo — diz ele, e seus lábios se comprimem numa linha fina.

— Venha, vamos comer alguma coisa.

— Achei que estávamos indo para a cama! Eu quero ir para a cama com você.

— Eu sei, baby. — Ele sorri e, de repente, vem em minha direção, pega meus pulsos e me puxa para junto de si de forma que seu corpo pressiona o meu. — Você precisa comer e eu também — murmura, os ardentes olhos cinzentos me encarando. — Além do mais... a expectativa é o segredo da sedução e, neste instante, estou muito interessado em adiar a gratificação.

Hum, desde quando?

— Você já me seduziu e eu quero a minha gratificação agora. Eu imploro, por favor — minha voz parece um gemido.

Ele sorri para mim com ternura.

— Vamos comer. Você está muito magra. — Ele beija minha testa e me solta.

É um jogo, parte de algum plano maligno. Faço uma cara feia.

— Ainda estou com raiva porque você comprou a SIP, e, agora, estou com raiva porque você está me fazendo esperar — resmungo.

— Você é muito ansiosa, não é? Mas vai se sentir melhor depois de uma boa refeição.

— Eu sei o que vai fazer com que eu me sinta melhor.

— Anastasia Steele, estou chocado. — Seu tom é um tanto debochado.

— Pare de me provocar. Você não joga limpo.

Ele sufoca o riso, mordendo o lábio inferior. Simplesmente adorável... um Christian brincalhão divertindo-se com a minha libido.

Se pelo menos as minhas habilidades de sedução fossem melhores, eu saberia o que fazer, mas não poder tocá-lo realmente dificulta as coisas.

Minha deusa interior estreita os olhos, pensativa. Precisamos trabalhar essa questão.

Enquanto Christian e eu nos encaramos — eu, toda alvoroçada e cheia de desejo; ele, descontraído e divertindo-se às minhas custas —, percebo que não tenho comida em casa.

— Eu poderia cozinhar alguma coisa para nós, só que vamos ter que ir ao mercado.

— Ao mercado?

— Comprar comida.

— Você não tem comida em casa? — Sua expressão se enrijece.

Nego com a cabeça. Merda, ele parece muito irritado.

— Vamos às compras, então — diz com firmeza ao se virar em direção à porta, abrindo-a para mim.

* * *

— QUANDO FOI a última vez em que estive em um supermercado?

Christian parece deslocado, mas ele me segue, obediente, segurando uma cesta de compras.

— Não me lembro.

— É a Sra. Jones quem faz as compras?

— Acho que Taylor a ajuda. Não sei bem.

— Você gosta de frango xadrez? É rápido de fazer.

— É uma boa ideia — Christian sorri, sem dúvida imaginando meu verdadeiro motivo para querer uma refeição rápida.

— Eles trabalham com você há muito tempo?

— Taylor, há quatro anos, acho. A Sra. Jones também deve ter o mesmo tempo. Por que você não tem comida em casa?

— Você sabe o porquê — murmuro, enrubescendo.

— Foi você quem me deixou — resmunga ele, em desaprovação.

— Eu sei — respondo em voz baixa, não querendo ser lembrada disso.

Chegamos ao caixa e, em silêncio, esperamos na fila.

Se eu não tivesse ido embora, ele teria oferecido a alternativa do relacionamento baunilha?, pergunto-me inutilmente.

— Você tem alguma coisa para beber? — Ele me traz de volta ao presente.

— Cerveja... Acho.

— Vou pegar um vinho.

Ah, Deus. Não sei que tipo de vinho pode-se comprar num Supermercado Ernie. Christian volta de mãos vazias e com uma cara de nojo.

— Tem uma boa loja de bebidas aqui ao lado — digo depressa.

— Vou ver o que eles têm.

Talvez devêssemos ir logo para a casa dele, assim não teríamos esse aborrecimento todo. Eu o observo deixar o supermercado, determinado e com uma elegância natural. Duas mulheres na entrada param para observá-lo. *Ah, sim, contemplem o meu Cinquenta Tons*, penso, desanimada.

Quero lembrar dele na minha cama, mas ele está bancando o difícil. Talvez eu devesse fazer o mesmo. Minha deusa interior concorda freneticamente. E ali, na fila, estabelecemos um plano. Hum...

* * *

CHRISTIAN LEVA as sacolas de compras até o apartamento. Ele as está carregando desde que saímos do mercado. E parece estranho. Não tem nada da aparência habitual de CEO.

— Você parece tão... doméstico.

— Ninguém nunca me acusou disso antes — responde secamente.

Ele coloca as sacolas na bancada da cozinha. Tiro as compras das bolsas; ele pega uma garrafa de vinho branco e procura um saca-rolhas.

— Este lugar ainda é novo para mim. Acho que o abridor está naquela gaveta ali. — Aponto com o queixo.

Isso parece tão... normal. Duas pessoas se conhecendo, preparando uma refeição. No entanto, é tão estranho. O medo que sempre senti na presença dele passou. Já fizemos tanta coisa juntos, eu coro só de pensar, e ainda assim, mal o conheço.

— Em que você está pensando? — Christian interrompe meu devaneio enquanto tira o paletó risca de giz e o coloca sobre o sofá.

— Em quão pouco conheço você.

Seus olhos se suavizam.

— Você me conhece melhor do que qualquer pessoa.

— Não acho que isso seja verdade. — A Mrs. Robinson surge em meus pensamentos sem ser chamada, uma visão nada bem-vinda.

— Mas é, Anastasia. Sou uma pessoa muito, muito reservada.

Ele me entrega uma taça de vinho branco.

— Saúde — diz.

— Saúde — respondo e tomo um gole enquanto ele guarda a garrafa na geladeira.

— Posso ajudar com isso? — pergunta.

— Não, está tudo bem... pode se sentar.

— Eu queria ajudar. — Sua expressão é sincera.

— Você pode cortar os legumes.

— Não sei cozinhar — diz ele, observando com desconfiança a faca que passo para ele.

— Imagino que você não precise. — Coloco uma tábua e uns pimentões vermelhos na frente dele. Ele fica olhando, confuso. — Você nunca cortou um legume antes?

— Não.

Sorrio para ele.

— Está rindo de mim?

— Parece que há uma coisa que eu sei fazer e você não. Cá entre nós, Christian, acho que se trata de uma primeira vez. Aqui, deixe-me mostrar.

Encosto o corpo no dele, e ele recua. Minha deusa interior ergue o olhar e fica atenta.

— Assim. — Fatio o pimentão, tomando o cuidado de remover as sementes.

— Parece bastante simples.

— Você não vai achar muito difícil — murmuro, com ironia.

Ele me olha impassível por um momento e depois se volta para sua tarefa; eu preparo o frango picado. Ele começa a fatiar com cuidado, bem devagar. *Ai, meu Deus, desse jeito vai levar a noite toda.*

Lavo minhas mãos e vou procurar a panela, o óleo e os outros ingredientes dos quais preciso, roçando repetidas vezes o corpo no dele — meu quadril, meu braço, minhas costas, minhas mãos. Pequenos toques, aparentemente inocentes. E ele fica paralisado a cada vez que faço isso.

— Eu sei o que você está tentando, Anastasia — murmura ele, sombrio, ainda fatiando o primeiro pimentão.

— Acho que as pessoas chamam de cozinhar — digo, piscando os olhos. Pego outra faca e me junto a ele diante da tábua para cortar o alho, a cebolinha e as ervilhas, esbarrando continuamente nele.

— Você é muito boa nisso — resmunga ele ao começar a fatiar o segundo pimentão.

— Fatiar legumes? — Pisco. — Anos de prática. — E esbarro nele com o quadril. Christian fica paralisado mais uma vez.

— Se você fizer isso mais uma vez, Anastasia, eu vou trepar com você no chão dessa cozinha.

Uau. Está funcionando.

— Você vai ter que implorar primeiro.

— É um desafio?

— Talvez.

Ele descansa a faca sobre a mesa e caminha lentamente na minha direção, seus olhos em chamas. Inclina-se para longe de mim e desliga o gás do fogão. O óleo na panela silencia quase imediatamente.

— Acho que vamos comer mais tarde — diz ele. — Coloque o frango na geladeira.

Taí uma frase que eu jamais imaginei ouvir de Christian Grey, e só ele poderia fazê-la soar sensual. Muito sensual, aliás. Pego a vasilha com o frango picadinho e, trêmula, coloco um prato sobre ela e a guardo na geladeira. Quando me viro, ele está junto a mim.

— Então, você vai implorar? — sussurro, fitando corajosamente seus olhos sombrios.

— Não, Anastasia. — Ele balança a cabeça. — Nada de implorar. — Sua voz é suave, sedutora.

E ficamos ali, encarando-nos, deliciando-nos com a visão do outro, sem dizer nada, apenas olhando, a atmosfera ao nosso redor quase estalando de tão carregada. Mordo meu lábio à medida que o desejo que sinto por esse homem maravilhoso se apodera de mim à força, esquentando meu sangue, oprimindo minha respiração, acumulando-se na região abaixo da cintura. Vejo minhas reações refletidas na postura dele, em seus olhos.

Num instante, ele me agarra pelo quadril e me puxa para junto de si, minhas mãos seguram seu cabelo, e sua boca busca por mim. Ele me empurra contra a geladeira, ouço o barulho abafado de garrafas e frascos protestando, sua língua encontra a minha. Solto um gemido dentro de sua boca, e uma de suas mãos segura o meu cabelo, puxando minha cabeça para trás enquanto trocamos um beijo selvagem.

— O que você quer, Anastasia?

— Você — sussurro.

— Onde?

— Cama.

Christian se solta do nosso abraço, me pega nos braços e me carrega depressa e aparentemente sem qualquer esforço até o

quarto. Ele me coloca de pé ao lado da cama e se inclina para acender o abajur na mesa de cabeceira. Dá uma olhada rápida em volta e fecha as cortinas cor de creme.

— E agora? — diz em voz baixa.

— Faça amor comigo.

— Como?

Caramba.

— Você tem que me dizer, baby.

Putá merda.

— Tire minha roupa. — Já estou ofegante.

Ele sorri e pega na abertura da minha camisa com o indicador, puxando-me em direção a ele.

— Boa menina — murmura e, sem tirar os olhos ardentes dos meus, lentamente começa a desabotoar minha camisa.

Com cuidado, apoio minhas mãos em seus braços para manter o equilíbrio. Ele não reclama. Os braços são uma área segura. Quando termina com os botões, ele puxa minha camisa por sobre meus ombros, e eu tiro as mãos dos braços dele para deixar a camisa cair no chão. Ele se estica na direção do cóis de minha calça jeans, abre o botão e puxa o zíper para baixo.

— Diga o que você quer, Anastasia. — Seus olhos estão em chamas; os lábios, entreabertos, a respiração ofegante.

— Beije-me daqui até aqui — sussurro, arrastando o dedo a partir da base da orelha até o pescoço.

Ele tira o meu cabelo do caminho e se curva sobre mim, deixando beijos suaves ao longo do percurso de meu dedo, e depois faz o caminho de volta.

— A calça jeans e a calcinha — murmuro, e ele sorri junto do meu pescoço antes de se ajoelhar diante de mim.

Ah, eu me sinto tão poderosa. Com os polegares enfiados por dentro do cóis, ele desce delicadamente a calça junto com a calcinha ao longo de minhas pernas. Eu dou um passo para fora dos sapatos e das roupas, de forma que fico só de sutiã. Ele para e olha para cima em expectativa, mas não se levanta.

— E agora, Anastasia?

— Beije-me — sussurro.

— Onde?

— Você sabe onde.

— Onde?

Hum, ele está bancando o durão. Envergonhada, aponto rapidamente para o local onde minhas coxas se encontram, e ele sorri com malícia. Fecho os olhos, mortificada, mas, ao mesmo tempo, muito excitada.

— Ah, com prazer. — Ele ri.

Ele me beija e brinca com a língua, essa língua experiente que inspira prazer. Solto um gemido e enfio as mãos em seu cabelo. Ele não para, a língua circulando o meu clitóris, deixando-me louca, de novo e de novo, indo e voltando. *Ahhh... quanto tempo... faz...? Ah...*

— Christian, por favor — imploro. Não quero gozar de pé. Não tenho força para isso.

— Por favor o quê, Anastasia?

— Faça amor comigo.

— Estou fazendo — murmura ele, soprando em mim suavemente.

— Não. Quero você dentro de mim.

— Você tem certeza?

— Por favor.

Ele continua com a sua tortura doce e deliciosa. Solto um gemido alto.

— Christian... por favor.

Ele se levanta e me olha, os lábios brilhando com a prova da minha excitação.

Que tesão...

— E então? — diz ele.

— E então, o quê? — pergunto ofegante, olhando para ele tomada de um desejo frenético.

— Ainda estou vestido.

Eu o encaro, confusa.

Tirar a roupa dele? Sim, eu posso fazer isso. Pego sua camisa e ele recua.

— Não — adverte. Merda, ele quer dizer a calça.

Hum, isso me dá uma ideia. Minha deusa interior fica animada, e eu caio de joelhos diante dele. Um tanto desajeitada e com as mãos

tremendo, abro a calça e a puxo para baixo, junto com a cueca, e ele está livre. *Uau*.

Ergo o olhar para ele através dos cílios, e ele está olhando para mim com... o quê? Apreensão? Espanto? Surpresa?

Ele sai da calça e tira as meias, e eu o seguro, apertando-o com força, deslizando a mão para trás do jeito que ele me ensinou. Ele geme, seu corpo se enrijece, a respiração sibila por entre dentes cerrados. Com muito cuidado, eu o coloco na boca e o chupo com força. Hum, ele tem um gosto bom.

— Ah, Ana... ei, devagar.

Ele segura minha cabeça com ternura, e o enfio mais fundo em minha boca, pressionando meus lábios tão firmemente quanto posso, cobrindo os dentes e sugando com força.

— Caralho — sussurra ele.

Ah, que som gostoso, sensual e inspirador. Então eu repito, engolindo-o ainda mais fundo e rodopiando a língua na ponta. *Hum...* Eu me sinto como Afrodite.

— Ana, chega. Pare.

Faço de novo. *Ande, Grey, implore*. E mais uma vez.

— Ana, você já provou o quanto é boa — murmura ele entre dentes. — Eu não quero gozar na sua boca.

Repito ainda mais uma vez, e ele se abaixa, me agarra pelos ombros, me coloca de pé e me joga na cama. Arrancando a camisa, ele remexe a calça jeans largada no chão e, como um bom menino, tira do bolso um envelopinho de papel laminado. Está ofegante, como eu.

— Tire o sutiã — ele ordena.

Eu me sento e obedeço.

— Deite. Quero ver você.

Eu me deito, olhando para ele enquanto ele desenrola lentamente a camisinha. Eu o quero tanto. Ele me encara e passa a língua nos lábios.

— Você é uma bela visão, Anastasia Steele.

Ele se inclina sobre a cama e lentamente sobe em mim, beijando-me. Beija cada um dos meus seios e brinca com os mamilos, um de cada vez, eu gemo e me contorço embaixo dele, mas ele não para.

Não... Pare. Quero você.

— Christian, por favor.

— Por favor, o quê? — murmura ele entre os meus seios.

— Quero você dentro de mim.

— Agora?

— Por favor.

Olhando para mim, ele abre minhas pernas com as suas e se ajeita de modo que fica pairando sobre meu corpo. Sem tirar os olhos dos meus, entra em mim num ritmo deliciosamente lento.

Fecho os olhos, saboreando a plenitude, a sensação extraordinária de sua posse, minha pélvis se inclinando instintivamente para encontrá-lo, para se juntar a ele, gemendo alto. Ele sai e, muito lentamente, entra de novo.

Meus dedos correm até seu cabelo sedoso e rebelde, e, muito lentamente, ele continua se movendo para dentro e para fora de mim.

— Mais rápido, Christian, mais rápido... por favor.

Ele me olha vitorioso e me beija com força, e então começa a se mover de verdade — *puta merda, um ritmo implacável... ah...* —, e eu sei que não vai demorar muito. Ele estabelece uma cadência acelerada. Fico excitada, as pernas rígidas embaixo dele.

— Goze, baby — suspira. — Goze para mim.

Suas palavras são uma perdição, e, magnificamente, as ideias entorpecidas, eu explodo em um milhão de pedaços ao redor dele, e ele me acompanha gritando o meu nome.

— Ana! Ah, Ana!

Ele cai em cima de mim, a cabeça enterrada em meu pescoço.

CAPÍTULO QUATRO

Quando recupero minha sanidade, abro os olhos e vejo o rosto do homem que amo. A expressão de Christian é suave, leve. Ele esfrega o nariz no meu, apoiando-se sobre os cotovelos, as mãos segurando as minhas ao lado de minha cabeça. Infelizmente, suspeito que seja uma forma de impedir que eu o toque. Ele me dá um beijo delicado nos lábios e sai de dentro de mim.

— Senti falta disso — ofega.

— Eu também — sussurro.

Ele me segura pelo queixo e me beija com força. Um beijo apaixonado e suplicante, mas pedindo o quê? Não sei. Fico sem fôlego.

— Não me deixe de novo — implora ele, olhando fundo nos meus olhos, a expressão séria.

— Está bem — sussurro e sorrio para ele. Seu sorriso de resposta é deslumbrante: alívio, júbilo e uma alegria juvenil combinados em um olhar encantador, capaz de derreter o mais frio dos corações. — Obrigada pelo iPad.

— Não há de quê, Anastasia.

— Qual é sua música preferida lá?

— Isso já seria revelar demais. — Ele sorri. — Agora venha, minha serviçal, preparar uma refeição para mim. Estou morrendo de fome — acrescenta ele, sentando-se de repente e me puxando.

— Serviçal? — Dou uma risadinha.

— Serviçal. Comida, agora, por favor.

— Já que me pede de forma tão educada, senhor, é para já.

Ao me arrastar para fora da cama, tiro o travesseiro do lugar, revelando o balão vazio em forma de helicóptero que guardo debaixo dele. Christian o pega nas mãos e me olha, intrigado.

— É o meu balão — digo, com ar de propriedade, enquanto pego o roupão e me cubro. *Ah, merda... por que ele tinha que ver isso?*

— Na sua cama? — murmura.
— É. — Fico vermelha. — Ele me faz companhia.
— Sortudo esse *Charlie Tango* — diz ele, surpreso.
Sim, sou sentimental, Grey, porque amo você.
— Meu balão — digo novamente e me viro em direção à cozinha, deixando-o com um sorriso de orelha a orelha.

* * *

CHRISTIAN E EU nos sentamos no tapete persa de Kate, comendo frango xadrez e macarrão chinês em tigelas brancas de porcelana com hashis e bebendo um Pinot Grigio branco gelado. Christian encosta no sofá, as longas pernas esticadas à sua frente. Está de calça jeans e camisa e com o cabelo de quem acabou de transar, e isso é tudo. Ao fundo, vindo do iPod dele, Buena Vista Social Club preenche suavemente o ambiente.

— Está gostoso — elogia ele, devorando a comida.

Estou sentada de pernas cruzadas a seu lado, comendo avidamente, morrendo de fome e admirando seus pés nus.

— Normalmente sou eu que faço a comida aqui em casa. Kate não é muito boa na cozinha.

— Foi sua mãe quem lhe ensinou?

— Na verdade, não. — Faço uma careta. — Na época em que eu estava interessada em aprender a cozinhar, minha mãe já morava com o Marido Número Três em Mansfield, no Texas. E o Ray teria vivido à base de torrada e comida de restaurante se não fosse eu.

— Por que você não ficou no Texas com sua mãe? — Christian me olha.

— Eu não me entendia com Steve, o marido dela. E sentia falta de Ray. O casamento da minha mãe com Steve não durou muito. Ela caiu em si, acho. Nunca fala dele — acrescento em voz baixa. Acho que é uma parte sombria da vida dela, algo que nunca chegamos a discutir.

— Então você ficou em Washington com seu padrasto.

— Morei durante um período muito curto no Texas. Depois voltei para ficar com Ray.

— Parece que você cuidava dele — diz Christian com ternura.

— Acho que sim. — Dou de ombros.

— Você está acostumada a cuidar das pessoas. — O tom de sua voz atrai minha atenção, e olho para ele.

— O que foi? — pergunto, espantada por sua expressão cautelosa.

— Quero cuidar de você. — Seus olhos brilham, refletindo uma emoção que não consigo identificar.

Meu coração acelera.

— Já percebi — sussurro. — Só que você faz isso de um jeito estranho.

Ele franze a testa.

— É o único que conheço.

— Ainda estou brava com você por ter comprado a SIP.

— Eu sei, só que não é isso que vai me impedir, baby. — Ele sorri.

— O que eu vou falar para os meus colegas de trabalho, para Jack?

Ele estreita os olhos.

— É melhor esse filho da puta se cuidar.

— Christian! — reclamo. — Ele é meu chefe.

Christian contrai os lábios. Parece uma criança teimosa.

— Não conte a eles — diz.

— Não contar o quê?

— Que eu sou o dono. O negócio foi fechado ontem. A notícia não vai poder ser divulgada por umas quatro semanas até que o setor administrativo da SIP faça algumas mudanças.

— Hum... eu vou perder o emprego? — pergunto, alarmada.

— Sinceramente, duvido muito — responde Christian secamente, tentando conter o riso.

Faço uma cara feia.

— Se eu sair e arrumar outro emprego, você vai comprar a outra empresa também?

— Você não está pensando em sair, está? — Sua expressão se altera, tornando-se cautelosa mais uma vez.

— Talvez. Receio que você não tenha me deixado muita escolha.

— Sim, vou comprar a outra empresa, também. — Ele é inflexível.

Fecho a cara. Não tenho como competir com ele.

— Você não acha que está sendo um pouco superprotetor demais?

— Sim. Tenho plena consciência da impressão que isso passa.

— Chamando Dr. Flynn — murmuro.

Ele baixa a tigela vazia e me olha, impassível. Suspiro. Não quero brigar. Levanto-me e pego sua tigela.

— Quer sobremesa?

— Agora você está falando a minha língua! — diz, lançando-me um sorriso lascivo.

— Não é isso. — *Por que não?* Minha deusa interior desperta de seu cochilo e se senta, prestando atenção. — Tem sorvete. De baunilha.

— Sério? — O sorriso de Christian aumenta. — Acho que nós poderíamos fazer algo com ele.

O quê? Eu o encaro surpresa enquanto ele se põe de pé graciosamente.

— Posso ficar aqui? — pergunta ele.

— Como assim?

— Esta noite.

— Presumi que você fosse ficar.

— Ótimo. Cadê o sorvete?

— No forno. — Lanço um sorriso doce para Christian.

Ele inclina a cabeça para o lado, suspira e balança a cabeça para mim.

— O sarcasmo é a forma mais baixa de humor, Srta. Steele. — Seus olhos brilham.

Ah, merda. O que ele está planejando?

— Ainda posso colocar você de braços no meu colo e lhe dar umas palmadas.

Largo as tigelas na pia.

— Você está com aquelas bolas prateadas?

Ele leva as mãos até o peito, depois desce até a barriga e por último bate nos bolsos da calça jeans.

— Curiosamente, não costumo carregar um kit extra comigo. Não tem muita serventia no escritório.

— Fico feliz em ouvir isso, Sr. Grey, e pensei que você tinha dito que sarcasmo era a forma mais baixa de humor.

— Bem, Anastasia, meu novo lema é: se não pode vencê-los, junte-se a eles.

Fico boquiaberta. *Não posso acreditar que ele acabou de dizer isso.* Ele me olha incrivelmente satisfeito consigo mesmo e sorri. E então se vira, abre o freezer e pega um pote de sorvete de baunilha Ben & Jerry's.

— Isso aqui vai cair muito bem. — Ele olha para mim, os olhos escuros. — Ben & Jerry's e Ana. — Ele diz as palavras bem devagar, pronunciando cada sílaba com bastante clareza.

Ah, meu Deus. Acho que o meu queixo chega a encostar no chão. Ele abre a gaveta e pega uma colher. Quando ergue o olhar para mim, seus olhos estão encobertos, e sua língua desliza sobre os dentes superiores. Ah, essa língua.

Fico sem fôlego. Pelas minhas veias corre um desejo quente, escuro, insinuante e cruel. Nós vamos nos divertir... com comida.

— Espero que você esteja com calor — sussurra ele. — Porque vou refrescar você com isto aqui. Venha. — Ele estende a mão, e eu lhe entrego a minha.

No quarto, ele coloca o sorvete em cima da mesa de cabeceira, tira o edredom e os travesseiros da cama, empilhando-os no chão.

— Você tem outro jogo de lençóis, não tem?

Concordo com a cabeça, olhando para ele, fascinada. Ele pega *Charlie Tango*.

— Não suje meu balão — advirto.

Seus lábios se movem num meio sorriso.

— Nem sonharia com isso, baby, mas quero lambuzar você nestes lençóis.

Praticamente tenho uma convulsão.

— Quero amarrar você.

Hum.

— Tudo bem — sussurro.

— Só as mãos. Na cama. Preciso de você bem paradinha.

— Tudo bem — sussurro de novo, incapaz de qualquer outra coisa.

Ele caminha até mim sem tirar os olhos dos meus.

— Vamos usar isto. — Ele segura a faixa do meu roupão e, com uma lentidão deliciosa e provocante, desfaz o laço e gentilmente puxa a faixa para si.

O roupão se abre, e permaneço paralisada sob seu olhar quente. Depois de um instante, ele desliza o roupão por sobre os meus ombros, fazendo com que caia junto aos meus pés, de modo que fico nua, diante dele. Christian acaricia meu rosto com as costas da mão, e seu toque ressoa nas profundezas de minha virilha. Ele se curva e beija meus lábios brevemente.

— Deite-se na cama de barriga para cima — murmura, os olhos escurecendo, queimando nos meus.

Faço o que ele manda. O quarto está escuro, exceto pela luz suave e insípida do abajur. Normalmente, odeio essas lâmpadas econômicas, elas são tão fracas. Mas, nua diante de Christian, fico feliz com a iluminação turva. Ele fica de pé, junto à cama, olhando para mim.

— Eu poderia ficar aqui olhando para você o dia inteiro, Anastasia — diz ele, e então sobe na cama, passa uma das pernas sobre meu corpo e se senta em cima de mim. — Braços acima da cabeça — ordena.

Obedeço, e ele amarra a ponta da faixa em meu pulso esquerdo e passa a outra extremidade pelas barras de metal na cabeceira da cama. Puxa bem apertado, de forma que meu braço esquerdo fica flexionado acima de mim. Em seguida, amarra a extremidade da faixa com força em minha mão direita.

Uma vez que estou amarrada, olhando-o, ele relaxa visivelmente. Christian gosta de me ver assim, presa. Desse jeito, não posso tocá-lo. E me dou conta de que nenhuma de suas submissas jamais deve tê-lo tocado — e mais, elas sequer tiveram a oportunidade. Ele as mantinha sempre sob controle e a distância. É por isso que gosta das regras.

Ele sai de cima de mim e se inclina para me dar um beijinho rápido nos lábios. Então, fica de pé e tira a camisa. Desabotoa a calça e a deixa cair no chão.

Está gloriosamente nu. Minha deusa interior dá um salto triplo nas barras assimétricas, e, de repente, minha boca fica seca. Ele tem um físico delineado em traços clássicos: ombros largos e musculosos, quadris estreitos. O triângulo invertido perfeito. Obviamente, ele malha. Eu poderia olhar para ele o dia inteiro. Caminha até o pé da cama e agarra meus tornozelos, puxando-me bruscamente para baixo, até que meus braços ficam esticados, e eu, imobilizada.

— Assim é melhor — balbucia.

Com o pote de sorvete na mão, ele sobe devagar na cama, passando de novo a perna por cima de mim. Muito lentamente, abre a tampa do pote e mergulha a colher.

— Hum... ainda está bem duro — diz, com a sobancelha erguida. Ele tira uma colher cheia e a leva até a boca. — Delicioso — murmura, lambendo os lábios. — É incrível como um bom e velho sorvete de baunilha pode ser tão bom. — Abaixa a cabeça, olhando para mim. — Quer um pouco? — brinca.

Christian está tão gostoso, jovem e despreocupado, sentado em cima de mim, comendo sorvete do pote, os olhos alegres, o rosto radiante. Ah, que diabo vai fazer comigo? Como se eu não soubesse. Tímida, faço que sim com a cabeça.

Ele enfia a colher no pote de novo e me oferece, então abro a boca, mas ele a leva depressa de volta para a própria boca.

— Está bom demais para dividir — diz, sorrindo maliciosamente.

— Ei — reclamo.

— O que foi, Srta. Steele, gosta de sorvete de baunilha?

— Gosto — digo de um jeito mais sério do que gostaria e tento, em vão, lutar com o peso dele.

— Ficando agitada, é? — Ele ri. — Eu não faria isso se fosse você.

— Sorvete — imploro.

— Bem, como você me deu tanto prazer hoje, Srta. Steele. — Christian cede e me oferece outra colherada. Desta vez, ele me deixa comer o sorvete.

Quero rir. Ele está realmente se divertindo, e seu bom humor é contagiante. Tira outra colherada e me dá um pouco mais, e de novo. *Ok, já chega.*

— Hum, essa é uma boa maneira de fazer você comer: à força. Eu poderia me acostumar com isso.

Ele pega outra colherada e a leva até a minha boca. Desta vez, eu a mantenho fechada e nego com a cabeça, então ele deixa o sorvete derreter lentamente na colher até pingar em meu pescoço e em meu peito. Ele se inclina e, bem devagar, lambe o sorvete derretido. Meu corpo se acende de desejo.

— Hum. Fica ainda mais gostoso em você, Srta. Steele.

Puxo os braços, e a cama range ameaçadoramente, mas eu nem ligo, estou ardendo de desejo, isso está me consumindo. Ele dá outra colherada e deixa o sorvete pingar em meus seios. Então, com as costas da colher, espalha-o sobre os mamilos.

Ai... é gelado. Meus mamilos se enrijecem sob o sorvete.

— Está com frio? — pergunta Christian baixinho e se inclina para mais uma vez lambe e chupar todo o sorvete de mim; sua boca está quente, comparada ao frio do sorvete.

Isso é tortura. À medida que começa a derreter, o sorvete escorre do meu corpo para a cama, formando rios. Seus lábios continuam a tortura lenta, chupando com força, suavemente sondando o meu corpo. *Ah, por favor!* Estou ofegante.

— Quer um pouco?

Antes que eu possa confirmar ou negar, sua língua está em minha boca, fria e habilidosa, com gosto de Christian e de baunilha. É delicioso.

Exatamente quando estou começando a me acostumar com a sensação, ele se senta de novo e deixa um rastro de sorvete ao longo do meu corpo, cruzando a barriga até o umbigo, onde deposita uma grande bola. *Ai, está mais gelado do que antes, mas estranhamente o sorvete me queima.*

— Bem, você já fez isso antes. — Os olhos de Christian brilham.

— Vai ter que ficar bem paradinha, ou vai espalhar sorvete pela cama toda. — E ele beija cada um dos meus seios e chupa os meus mamilos com força, e então segue o rastro pelo meu corpo, chupando e lambendo ao descer.

Eu tento, tento muito ficar parada, apesar da combinação inebriante do frio com o seu toque quente. Mas meus quadris começam a se movimentar involuntariamente, movendo-se no seu

próprio ritmo, dominados pelo feitiço gelado. Ele desce um pouco mais e começa a comer o sorvete em minha barriga, rodopiando a língua dentro e em torno de meu umbigo.

Solto um gemido. *Putá merda*. É frio, é quente, é enlouquecedor, mas ele não para. Arrasta o sorvete mais para baixo em meu corpo, até meus pelos pubianos, meu clitóris. E eu grito, bem alto.

— Silêncio — diz Christian suavemente e sua língua sedutora começa a trabalhar, lambendo o sorvete; agora estou gemendo baixinho.

— Ah... por favor... Christian.

— Eu sei, baby, eu sei — sussurra ele enquanto sua língua faz a mágica.

Ele não para, não para, e meu corpo está subindo, mais e mais alto. Ele enfia um dedo dentro de mim, depois outro, e os mexe com uma lentidão agonizante, para dentro e para fora.

— Bem aqui — murmura ele e acaricia ritmicamente a parede da frente de minha vagina, continuando o delicioso e implacável ato de lamber e chupar.

Explodo de repente num orgasmo alucinante que atordoa todos os meus sentidos, eclipsando tudo o que está acontecendo fora de meu corpo, enquanto eu me contorço e grito. *Minha mãe do céu*, esse foi rápido.

Percebo vagamente que ele interrompe suas investidas. Está sobre mim, colocando uma camisinha, e, então, me penetra, duro e rápido.

— Ah, sim! — geme ao meter em mim.

Está grudento; o resto de sorvete derretido se espalhando entre nós. É uma distração estranha, mas não me demoro muito pensando nela, já que Christian de repente sai de mim e me vira de costas.

— Assim — murmura ele e, de repente, está dentro de mim de novo.

Mas não inicia de cara seu ritmo costumeiro. Ele se inclina, solta as minhas mãos, e me puxa para junto de si de forma que fico praticamente sentada sobre seu corpo. Suas mãos se deslocam até meus seios, e ele os segura, puxando delicadamente os mamilos. Solto um gemido e jogo a cabeça para trás, apoiando-a em seu

ombro. Ele enfia o rosto em meu pescoço, mordendo-me ao flexionar os quadris, deliciosamente devagar, preenchendo-me de novo e de novo.

— Você sabe o quanto significa para mim? — sussurra em meu ouvido.

— Não.

Ele sorri na minha nuca, os dedos se enroscando ao redor do meu queixo e do pescoço, apertando-me por um momento.

— Ah, sabe sim. Não vou deixar você ir embora.

Solto um gemido, e ele acelera.

— Você é minha, Anastasia.

— Sim, sua — sussurro.

— E eu cuido do que é meu — murmura ele e morde a minha orelha.

Eu grito.

— Isso, quero ouvir.

Ele passa uma das mãos ao redor de minha cintura e com a outra segura meu quadril, enfiando com cada vez mais força dentro de mim, fazendo-me gritar de novo. E o ritmo cadenciado começa. Sua respiração se acelera, ofegante, sintonizando-se com a minha. Eu sinto o formigamento familiar dentro de mim. *De novo!*

Sou apenas sensação. Isto é o que ele faz comigo: pega o meu corpo e me possui por inteira para que eu não pense em nada além dele. Sua magia é poderosa, inebriante. Eu sou uma borboleta presa em sua rede, incapaz de escapar, sem vontade escapar. *Sou dele... totalmente dele.*

— Goze para mim, baby — rosna ele com os dentes cerrados, e no mesmo instante, como aprendiz de feiticeiro que sou, deixo-me levar, e nós gozamos juntos.

* * *

ESTOU DEITADA, ENROLADA em seus braços em meio a lençóis pegajosos. Sua testa está pressionando minhas costas, o nariz enfiado em meu cabelo.

— O que eu sinto por você me assusta — sussurro.

Ele fica quieto.

— Também me assusta, baby — diz baixinho.
— E se você me deixar? — O pensamento é horrível.
— Eu não vou a lugar algum. Acho que nunca vou me cansar de você, Anastasia.

Viro-me e olho para ele. Sua expressão é séria, sincera. Eu me inclino e o beijo com ternura. Ele sorri e ajeita meu cabelo por trás da minha orelha.

— Eu nunca tinha me sentido do jeito que me senti quando você foi embora, Anastasia. Eu moveria o céu e a terra para evitar ter aquela sensação de novo. — Ele soa tão triste, atordoado até.

Eu o beijo mais uma vez. Quero amenizar nosso estado de espírito de alguma forma, mas Christian faz isso por mim.

— Você pode ir comigo à festa de verão do meu pai, amanhã? É um evento de caridade que acontece todo ano. Eu disse que iria.

Sorrio, sentindo-me tímida de repente.

— Claro. — Ah, merda. Não tenho nada para vestir.

— O quê foi?

— Nada.

— Fale — insiste ele.

— Não tenho roupa.

Christian parece desconfortável por um instante.

— Não fique brava, mas ainda estou com todas aquelas roupas lá em casa para você. Tenho certeza de que há pelo menos uns dois vestidos lá.

Pressiono os lábios.

— Ah, é mesmo? — murmuro, a voz sarcástica. Não quero brigar com ele hoje. Preciso de um banho.

* * *

A GAROTA QUE se parece comigo está do lado de fora da SIP. Espere aí, ela sou eu. Estou pálida e suja, e todas as minhas roupas estão muito largas; eu a encaro, e ela está usando a minha roupa, feliz e saudável.

— O que você tem que eu não tenho? — pergunto a ela.

— Quem é você?

— Não sou ninguém... Quem é você? Ninguém também...?

— Então somos duas. Não conte para ninguém, eles nos expulsariam... — Ela sorri devagar, um esgar maligno que se espalha por todo o seu rosto, e é tão frio que começo a gritar.

* * *

— MEU DEUS, ANA! — Christian me sacode para me acordar.

Estou desorientada. *Estou em casa... no escuro... na cama, com Christian.* Balanço a cabeça, tentando clarear as ideias.

— Ana, você está bem? Você estava tendo um pesadelo.

— Ah.

Ele acende o abajur, e somos banhados por sua luz tépida. Ele me olha, o rosto marcado de preocupação.

— A garota — sussurro.

— O que houve? Que garota? — pergunta ele com calma.

— Tinha uma garota do lado de fora da SIP quando saí do trabalho hoje. Ela se parecia comigo... mas não exatamente.

Christian não se move, e à medida que a luz do abajur aquece, vejo que seu rosto está pálido.

— Quando foi isso? — pergunta ele, consternado. Ele se senta e continua olhando para mim.

— Hoje à tarde, quando saí do trabalho. Você sabe quem ela é?

— Sei. — Ele passa a mão pelo cabelo.

— Quem é?

Christian aperta os lábios e não responde.

— Quem é? — insisto.

— Leila.

Engulo em seco. A ex-submissa! Lembro-me de Christian falando sobre ela antes de voarmos no planador. De repente, ele está irradiando tensão. Tem algo errado.

— Aquela que colocou a música “Toxic” no seu iPod?

Ele olha para mim, ansioso.

— É — responde. — Ela disse alguma coisa?

— Ela falou: “O que você tem que eu não tenho?” E quando eu perguntei quem ela era, ela respondeu: “Ninguém.”

Christian fecha os olhos como se sentisse dor. O que aconteceu? O que ela significa para ele?

Meu couro cabeludo se arrepia e pontadas de adrenalina atravessam meu corpo. *E se ela for importante para ele? Talvez ele sinta falta dela? Eu sei tão pouco sobre seus... hum, antigos relacionamentos.* Ela deve ter assinado um contrato, e deve ter feito tudo o que ele queria, deve ter saciado as necessidades dele com prazer.

Ah, não, exatamente quando eu não sou capaz de fazer o mesmo. O pensamento me dá náuseas.

Pulando para fora da cama, Christian veste a calça jeans e segue até a sala. Pelo meu relógio são cinco da manhã. Eu me levanto, visto sua camisa branca e vou atrás dele.

Puta merda, ele está ao telefone.

— Isso, na frente da SIP, ontem... no fim da tarde — diz calmamente. Ele se vira para mim enquanto caminho na direção da cozinha e me pergunta: — Que horas, exatamente?

— Tipo dez para as seis — resmungo.

Com quem ele está falando a esta hora? O que será que Leila fez? Ele repassa a informação para a pessoa do outro lado da linha, quem quer que seja, sem tirar os olhos de mim, uma expressão séria e sombria no rosto.

— Descubra como... Isso... Eu diria que não, mas eu não imaginava que ela seria capaz disso. — Ele fecha os olhos com uma expressão de desgosto. — Eu não sei como isso vai acabar... Certo, eu falo com ela... Certo... Eu sei... Descubra e me avise. Descubra onde ela está, Welch... Ela está em apuros. Descubra onde ela está. — E desliga.

— Você quer um chá? — pergunto.

Chá, a resposta de Ray para qualquer crise e a única coisa que ele sabe fazer direito na cozinha. Encho a chaleira de água.

— Na verdade, eu queria voltar para a cama. — Seu olhar me diz que não é para dormir.

— Bem, eu preciso de um pouco de chá. Vai querer também?

Quero saber o que está acontecendo. E não vou me deixar ser distraída por sexo.

Ele passa a mão pelo cabelo, exasperado.

— Sim, por favor — responde, mas percebo que está irritado.

Coloco a chaleira no fogo e me ocupo pegando as xícaras e um bule. Meu nível de ansiedade disparou para o alerta máximo. Será que ele vai me contar qual é o problema? Ou vou ter que insistir?

Sinto seus olhos em mim. Sua insegurança e sua raiva são palpáveis. Ergo o olhar, e seus olhos estão brilhando com apreensão.

— O que houve? — pergunto com calma.

Ele balança a cabeça.

— Você não vai me dizer?

Ele suspira e fecha os olhos.

— Não.

— Por quê?

— Porque não tem nada a ver com você. Não quero que você se envolva nisso.

— Tem a ver comigo, sim. Ela me encontrou e me abordou na porta do meu trabalho. Como ela sabe a meu respeito? Como ela sabe onde eu trabalho? Acho que tenho o direito de ser informada sobre o que está acontecendo.

Ele passa a mão pelo cabelo novamente, irradiando frustração como se travasse alguma batalha interna.

— Por favor — peço delicadamente.

Ele contrai os lábios e revira os olhos para mim.

— Está bem — diz, resignado. — Não tenho ideia de como ela encontrou você. Talvez a nossa fotografia em Portland, não sei. — Ele suspira de novo, e eu percebo que sua frustração é dirigida a ele mesmo.

Espero com paciência, despejando a água fervente no bule enquanto ele caminha de um lado para o outro. Após um curto intervalo, ele continua.

— Quando eu estava na Geórgia com você, Leila apareceu do nada no meu apartamento e fez uma cena na frente de Gail.

— Gail?

— A Sra. Jones.

— Como assim, “fez uma cena”?

Ele me encara, avaliando-me.

— Conte. Você está escondendo alguma coisa. — Minha entonação é mais enérgica do que eu pretendia.

Ele pisca para mim, surpreso.

— Ana, eu... — E para.

— Por favor?

Ele suspira, derrotado.

— Ela fez uma tentativa desastrada de cortar uma veia.

— Ai, não! — Isso explica o curativo no pulso.

— Gail a levou para o hospital. Mas Leila fugiu antes que eu pudesse chegar lá.

Droga. O que isso significa? Suicida? Por quê?

— O psiquiatra que a atendeu disse que é uma forma típica de chamar a atenção. Ele não acha que ela estivesse realmente correndo perigo. Ela estava a um passo da idealização suicida, como ele mesmo disse. Mas não estou convencido. Venho tentando localizá-la desde então, para ver se posso ajudar.

— Ela disse alguma coisa à Sra. Jones?

Ele me olha, e parece muito desconfortável.

— Nada demais — responde, afinal, mas sei que não está me contando tudo.

Eu me distraio servindo o chá em nossas xícaras. Então Leila quer entrar de novo na vida de Christian e decidiu tentar o suicídio para atrair sua atenção? *Uau... assustador.* Mas eficaz. Christian voltou da Geórgia para vê-la, mas ela desapareceu antes que ele chegasse? Que estranho.

— Mas você não consegue encontrá-la? E a família dela?

— Não sabem onde ela está. Nem o marido sabe.

— Marido?

— É — diz ele, distraído —, ela está casada há uns dois anos.

O quê?

— Ela já era casada enquanto estava com você? — *Putá merda.*
Ele realmente não conhece limites.

— Não! Meu Deus, claro que não. Ela esteve comigo há quase três anos. Ela me deixou e se casou com esse cara pouco depois.

Ah.

— Então, por que ela está tentando chamar sua atenção agora?

Ele balança a cabeça, entristecido.

— Não sei. Tudo o que conseguimos descobrir é que ela largou o marido há uns quatro meses.

— Deixe-me ver se entendi. Já faz três anos que ela não é mais sua submissa?

— Dois anos e meio, mais ou menos.

— E ela queria mais.

— Isso.

— Mas você não?

— Você já sabe disso.

— E aí ela deixou você.

— Isso.

— Então, por que ela está correndo atrás de você agora?

— Eu não sei. — E o tom de sua voz me diz que ele tem ao menos uma teoria.

— Mas você suspeita...

Ele aperta os olhos, visivelmente irritado.

— Eu suspeito que tenha alguma coisa a ver com você.

Comigo? O que ela quer comigo? *“O que você tem que eu não tenho?”*

Eu encaro Christian, maravilhosamente nu da cintura para cima. Eu o tenho; ele é meu. É isso que eu tenho, e ainda assim ela se parecia tanto comigo: o mesmo cabelo escuro e a mesma pele pálida. Franzo a testa diante desse pensamento. *Pois é... o que eu tenho que ela não tem?*

— Por que você não me contou ontem? — pergunta ele em voz baixa.

— Esqueci. — Dou de ombros, num pedido de desculpas. — Você sabe como é, sair para beber depois do trabalho, ao fim da minha primeira semana. Você ter aparecido no bar e a sua... competição de testosterona com Jack, e depois, a gente veio para cá. Esqueci totalmente. Você tem o hábito de me fazer esquecer as coisas.

— Competição de testosterona? — Ele contrai os lábios.

— É. O concurso de mijo.

— Eu vou lhe mostrar o que é uma competição de testosterona.

— Não prefere uma xícara de chá?

— Não, Anastasia, não prefiro. — Seus olhos me queimam por dentro, com aquela expressão de “eu quero você e quero agora”.

Merda... é tão excitante. — Esqueça ela. Venha. — Ele estende a mão para mim.

Minha deusa interior dá três saltos mortais para trás quando seguro a mão dele.

* * *

ACORDO, ESTÁ MUITO quente, e estou enrolada em um Christian Grey nu. Apesar de estar dormindo, ele me segura perto de si. A luz suave da manhã ilumina o quarto através das cortinas. Minha cabeça está em seu peito, minha perna, enroscada na dele, e o meu braço, em sua barriga.

Ergo a cabeça um pouco, com medo de acordá-lo. Ele parece tão jovem, tão relaxado em seu sono, e é meu.

Hum... Estico o braço e, com cuidado, acaricio o peito dele, correndo os dedos por seus pelos, e ele não se mexe. Mal posso acreditar. Ele é mesmo meu — por mais alguns instantes muito preciosos ele é meu. Eu me inclino e carinhosamente beijo uma de suas cicatrizes. Ele geme baixinho, mas não acorda, e eu sorrio. Beijo outra, e seus olhos se abrem.

— Oi. — Sorrio para ele, com um olhar culpado.

— Oi — responde ele com cautela. — O que está fazendo?

— Olhando para você. — Corro meus dedos por seu caminho da felicidade. Ele segura a minha mão, estreita os olhos, e então abre um lindo sorriso de “Christian à vontade”, e eu relaxo. Meu toque secreto permanece em segredo.

Ah... por que ele não me deixa tocá-lo?

De repente, está em cima de mim, pressionando-me contra o colchão, as mãos nas minhas, numa espécie de alerta. Encosta o nariz no meu.

— Acho que você estava aprontando, Srta. Steele — acusa ele, mas mantém o sorriso.

— Gosto de aprontar quando estou com você.

— Ah, é? — Ele me beija de leve nos lábios. — Sexo ou café da manhã? — pergunta, os olhos sombrios, mas bem-humorados.

Sinto sua ereção e inclino a pélvis para encontrá-la.

— Boa escolha — murmura ele contra o meu pescoço, deixando uma trilha de beijos na direção dos meus seios.

* * *

ESTOU DIANTE DA minha cômoda, olhando-me no espelho e tentando convencer meu cabelo a ter alguma coisa que se pareça com estilo. Na verdade, está comprido demais. Estou de calça jeans e camiseta, e Christian, recém-saído do banho, está se vestindo atrás de mim. Olho, faminta, para o corpo dele.

— Quantas vezes por semana você malha? — pergunto.

— Todo dia útil — diz ele, fechando o botão da calça.

— O que você faz?

— Corro, levanto peso e faço kickboxing. — Ele dá de ombros.

— Kickboxing?

— É, tenho um personal trainer, um ex-atleta olímpico que me dá aula. O nome dele é Claude. É muito bom. Você iria gostar dele.

Eu me viro para olhá-lo enquanto ele começa a abotoar a camisa branca.

— Como assim, eu iria gostar dele?

— Você iria gostar da aula dele.

— Para que um personal trainer, se eu tenho você para me manter em forma?

Ele caminha pelo quarto e me envolve em seus braços, os olhos escuros encontrando os meus no espelho.

— Mas eu preciso de você em forma, baby, para fazer as coisas que tenho em mente. Vou precisar que você acompanhe o meu ritmo.

Fico vermelha, as memórias do quarto de jogos tomam conta de minha mente. Sim... o Quarto Vermelho da Dor é extenuante. Será que ele vai me deixar entrar lá de novo? Será que quero entrar lá de novo?

Claro que sim! Minha deusa interior grita.

Encaro seus olhos cinzentos insondáveis e hipnotizantes.

— Você sabe que quer — ele faz com os lábios para mim.

Fico ainda mais vermelha, e o detestável pensamento de que Leila provavelmente era capaz de acompanhar o ritmo dele invade

minha mente sem ser convidado. Pressiono os lábios e Christian faz uma cara feia para mim.

— O que foi? — pergunta, preocupado.

— Nada. — Balanço a cabeça. — Tudo bem, quero conhecer o Claude.

— Quer? — O rosto de Christian se ilumina, pego de surpresa. Sua expressão me faz sorrir. Parece que ele acabou de ganhar na loteria, embora o mais provável é que nunca tenha comprado um bilhete... ele não precisa.

— É. Se isso faz você tão feliz — zombo.

Ele aperta os braços em volta de mim e beija minha bochecha.

— Você não tem ideia — sussurra. — E então, o que gostaria de fazer hoje? — Ele roça o rosto contra o meu pescoço, enviando arrepios deliciosos através de meu corpo.

— Eu queria cortar o cabelo, e hum... Preciso descontar um cheque e comprar um carro.

— Ah — diz ele com um ar cúmplice, mordendo o lábio.

Ele solta uma das mãos de mim, enfia-a no bolso e puxa a chave do meu pequeno Audi.

— Aqui está — diz, calmamente, com uma expressão incerta.

— Como assim, aqui está? — Meu Deus. Pareço irritada. Droga. *Estou irritada. Como ele se atreve!*

— Taylor trouxe de volta ontem.

Abro a boca e fecho de novo, e repito o processo umas duas vezes, mas estou sem palavras. Ele está me devolvendo o carro. Puta merda. Como não previ isso? Bem, também posso jogar esse jogo. Enfio a mão no bolso da minha calça jeans e puxo o envelope com o cheque.

— Aqui, isto é seu.

Christian me olha intrigado, e então reconhece o envelope, ergue as mãos e se afasta de mim.

— Ah, não. Esse dinheiro é seu.

— Não, não é. Eu gostaria de comprar o carro de você.

Sua expressão muda completamente. Fúria, sim, a fúria invade seu rosto.

— Não, Anastasia. Seu dinheiro, seu carro — rebate ele.

— Não, Christian. Meu dinheiro, seu carro. Eu compro de você.

— Eu lhe dei o carro de presente de formatura.

— Se você tivesse me dado uma caneta... teria sido um presente de formatura adequado. Mas você me deu um Audi.

— Você realmente quer discutir isso?

— Não.

— Ótimo, aqui estão as chaves. — Ele as coloca sobre a cômoda.

— Não foi isso o que eu quis dizer!

— Fim de papo, Anastasia. Não me provoque.

Faço uma cara feia para ele, e então tenho uma ideia. Segurando o envelope, eu o rasgo em dois, depois em dois de novo e jogo os pedaços na lixeira. Ah, que sensação boa.

Christian me olha, impassível, mas sei que acabei de cutucar a fera e devo manter a distância. Ele acaricia o queixo.

— Como sempre, Srta. Steele, você é muito desafiadora — diz secamente.

Ele se vira e segue para a sala. Não é a reação que eu esperava. Eu estava prevendo um Armagedom em todas as suas proporções. Dou uma olhada no espelho e encolho os ombros, decidindo-me por um rabo de cavalo.

Minha curiosidade é aguçada. O que meu Cinquenta Tons está fazendo? Eu o sigo até a sala, e ele está ao telefone.

— Sim, vinte e quatro mil dólares. Diretamente.

Ele me olha, ainda impassível.

— Ótimo... Segunda-feira? Excelente... Não, é só isso, Andrea.

— E desliga. — Vai entrar na sua conta na segunda-feira. Não brinque assim comigo. — Ele está fervendo de raiva, mas eu não ligo.

— Vinte e quatro mil dólares! — estou quase gritando. — E como você sabe o número da minha conta? — Minha ira pega Christian de surpresa.

— Eu sei tudo a seu respeito, Anastasia — diz calmamente.

— Meu carro não valia vinte e quatro mil dólares de jeito nenhum.

— Concordo com você, mas o negócio é conhecer o mercado, não importa se você está comprando ou vendendo. Tinha um maluco que queria aquela banheira e estava disposto a pagar esse

dinheiro todo. Aparentemente, é um clássico. Pergunte a Taylor, se não acredita em mim.

Eu o encaro e ele me encara de volta, dois bobos furiosos e teimosos olhando um para o outro.

Até que eu sinto: a energia entre nós, tangível, atraindo-nos um para o outro. De repente, ele me agarra e me empurra contra a porta, a boca na minha, reivindicando-me avidamente, uma mão na minha bunda, apertando-me contra a sua virilha, e a outra na nuca, puxando minha cabeça para trás. Meus dedos estão em seu cabelo, puxando com força, segurando-o junto a mim. Ele roça o corpo contra o meu, aprisionando-me, a respiração ofegante. Eu o sinto. Ele me quer, e eu fico excitada e inebriada ao me dar conta da necessidade que ele tem de mim.

— Por que, por que você tem que me desafiar? — balbucia ele entre seus beijos quentes.

O sangue esquenta em minhas veias. Será que ele sempre vai ter esse efeito sobre mim? E eu sobre ele?

— Porque eu posso. — Estou ofegante. E sinto seu sorriso em meu pescoço mais do que o vejo. Ele pressiona a testa contra a minha.

— Deus do céu, eu quero muito comer você agora, mas as camisinhas acabaram. Eu nunca consigo me saciar de você. Você é enlouquecedora, enlouquecedora.

— E você me deixa maluca — sussurro. — Em todos os sentidos.

Ele balança a cabeça.

— Venha. Vamos tomar café da manhã na rua. Conheço um lugar onde você pode cortar o cabelo.

— Está bem. — Aceito, e assim a nossa briga acaba.

* * *

— EU PAGO. — Pego a conta do café da manhã antes dele.

Ele franze a testa.

— Você precisa ser rápido comigo, Grey.

— Você tem razão, preciso mesmo — diz amargamente, embora eu ache que seja só provocação.

— Não fique com essa cara. Estou vinte e quatro mil dólares mais rica do que quando acordei. Posso pagar — dou uma conferida na conta — vinte e dois dólares e sessenta e sete centavos de café da manhã.

— Obrigado — responde ele a contragosto. Ah, a criança mal-humorada está de volta.

— E agora, para onde vamos?

— Você quer mesmo cortar o cabelo?

— Quero, olhe só como ele está.

— Para mim, você está linda. Sempre.

Eu fico vermelha e encaro meus dedos entrelaçados no colo.

— E ainda tem essa festa do seu pai hoje à noite.

— Lembre-se, é black-tie.

— Onde é?

— Na casa dos meus pais. Eles têm uma tenda no jardim. Você sabe...

— Qual é a caridade?

Christian esfrega as mãos nas coxas, parecendo desconfortável.

— É um programa de reabilitação de drogas para pais com filhos pequenos, chama-se Superando Juntos.

— Parece uma boa causa — digo baixinho.

— Venha, vamos embora. — Deliberadamente interrompendo o assunto, ele fica de pé e me estende a mão. Quando a seguro, ele a aperta com força.

É estranho. Christian pode ser tão caloroso às vezes e, ainda assim, tão fechado em determinados aspectos. Ele me conduz para fora do restaurante, e caminhamos pela rua. A manhã está linda, um clima ameno. O sol está brilhando, e o ar cheira a café e a pão fresquinho.

— Aonde vamos?

— Surpresa.

Certo. Não gosto muito de surpresas.

Andamos dois quarteirões, e as lojas vão se tornando decididamente mais caras. Ainda não tive a oportunidade de explorar a região, mas isto aqui fica literalmente na esquina de onde moro. Kate vai gostar de saber. Tem várias lojinhas de roupa para

alimentar sua fome de moda. Aliás, preciso comprar umas saias soltinhas para trabalhar.

Christian para diante de um grande e elegante salão de beleza e abre a porta para mim. Chama-se Esclava. O interior é todo branco e de couro. Atrás do balcão branco da recepção está sentada uma jovem loura em um uniforme branco impecável. Ela ergue os olhos quando entramos.

— Bom dia, Sr. Grey — diz, animada, as bochechas coradas enquanto pisca os cílios para ele. É o efeito Grey, só que ela o conhece! Como pode?

— Oi, Greta.

E ele também a conhece. O que é isso?

— O de sempre, senhor? — pergunta ela educadamente. Está usando um batom muito cor-de-rosa.

— Não — diz ele rapidamente, com um olhar nervoso para mim.

O de sempre? O que significa isso?

Putá merda! É a regra número 6, a merda do salão de beleza. Toda aquela loucura de depilação... droga!

Era para cá que ele trazia suas submissas? Quem sabe ele trouxe Leila aqui também? O que estou fazendo aqui?

— A Srta. Steele vai dizer o que quer.

Eu o encaro. Ele está introduzindo suas regras de forma dissimulada. Eu já concordei com o personal trainer, e agora isso?

— Por que aqui? — sussurro para ele.

— Sou dono deste lugar, e de mais três iguais a este.

— Você é dono do salão? — pergunto, espantada. Bem, isso é inesperado.

— Sou. É uma atividade paralela. Enfim, você pode fazer o que quiser aqui, de graça. Todos os tipos de massagem: sueca, shiatsu, pedras quentes, reflexologia, banho de algas, limpeza de pele, todas essas coisas que as mulheres gostam... tudo. Eles fazem aqui. — Ele acena os longos dedos com certo desdém.

— Depilação?

Ele ri.

— Depilação também. Em todas as partes do corpo — sussurra ele, com um olhar conspiratório de quem está se divertindo à custa do meu desconforto.

Fico vermelha e me viro para Greta, que está me olhando em expectativa.

— Eu gostaria de cortar o cabelo, por favor.

— Claro, Srta. Steele.

Ao checar os horários no computador, Greta é inteiramente batom rosa e eficiência germânica.

— Franco vai estar livre daqui a cinco minutos.

— Franco é ótimo — diz Christian, tranquilizando-me.

Ainda estou tentando digerir a situação. Christian Grey, CEO, é dono de uma cadeia de salões de beleza.

Dou uma olhada para ele, e, de repente, está pálido. Acabou de ver alguma coisa, ou alguém. Viro-me para ver o que é, e, no fundo do salão, à direita, surge uma loura platinada, fechando a porta atrás de si e falando com um dos cabeleireiros.

Loura Platinada é alta, bronzeada, encantadora, tem em torno dos trinta e muitos ou quarenta e poucos anos, é difícil dizer. E usa um uniforme igual ao de Greta, só que preto. Ela é deslumbrante. O cabelo, cortado num chanel curtinho, brilha incrivelmente. Ao se virar, ela nota a presença de Christian e sorri para ele, um sorriso estonteante e cálido de quem o reconheceu.

— Com licença — murmura Christian às pressas.

Ele atravessa o salão, passando pelos cabeleireiros, todos de branco, e pelas auxiliares junto às pias, até que se aproxima dela, longe demais para que eu possa ouvi-los. Loura Platinada o cumprimenta com dois beijinhos e um afeto óbvio, as mãos descansando em seus braços, e os dois conversam animadamente.

— Srta. Steele?

Greta, a recepcionista, tenta chamar minha atenção.

— Um momento, por favor. — Observo Christian, fascinada.

Loura Platinada se vira, olha para mim e me dirige o mesmo sorriso estonteante, como se me conhecesse. Sorrio de volta educadamente.

Christian parece chateado com alguma coisa. Ele está argumentando com ela, e ela concorda, erguendo as mãos e sorrindo para ele. Ele sorri de volta, é evidente que se conhecem bem. Será que trabalham juntos há muito tempo? Talvez ela seja a gerente do salão, afinal, ela parece ter certo ar de autoridade.

E então, eu me dou conta. Lá no fundo do meu ser, de uma forma visceral, eu sei quem ela é. É ela. *Deslumbrante, mais velha, linda.*

É Mrs. Robinson.

CAPÍTULO CINCO

—Greta, com quem o Sr. Grey está conversando? — Meu couro cabeludo parece estar adquirindo vida própria. Pinica de apreensão, e meu inconsciente grita comigo para segui-lo. Mas consigo soar indiferente o bastante.

— Ah, é a Sra. Lincoln. É a sócia do Sr. Grey. — Greta parece mais do que feliz em me informar.

— Sra. Lincoln? — Eu pensava que Mrs. Robinson fosse divorciada. Talvez ela tenha se casado com algum pobre coitado.

— Sim. Ela normalmente não vem aqui, mas um dos nossos funcionários está doente hoje e ela veio cobri-lo.

— Você sabe o primeiro nome da Sra. Lincoln?

Greta franze a testa para mim e pressiona os lábios cor-de-rosa, perguntando-se o porquê de minha curiosidade. Merda, talvez eu tenha ido longe demais.

— Elena — responde ela, quase relutante.

Sou inundada por uma estranha sensação de alívio de que meu radar não me decepcionou.

Radar? Meu inconsciente bufa para mim. *Só se for radar de pedófilas.*

Eles ainda estão imersos em uma discussão. Christian fala com Elena depressa, e ela parece preocupada, assentindo, franzindo o cenho e balançando a cabeça. Ela estica a mão e acaricia gentilmente o braço dele, mordendo o lábio. Outro aceno de cabeça, e ela olha para mim e me lança um pequeno sorriso tranquilizador.

Tudo o que posso fazer é olhar para ela com o rosto impassível. Acho que estou em choque. Como ele tem coragem de me trazer aqui?

Ela murmura algo para Christian, e ele me olha de relance; em seguida, volta-se para ela e responde. Ela balança a cabeça, acho

que desejando-lhe sorte, mas as minhas habilidades de leitura labial não são muito boas.

Christian caminha de volta para mim, a ansiedade aparente em suas feições. É, *isso mesmo*. Mrs. Robinson retorna para a sala nos fundos do salão, fechando a porta atrás de si.

— Você está bem? — pergunta Christian, franzindo a testa. Seu tom é tenso e cauteloso.

— Na verdade, não. Você não quis me apresentar? — Minha voz soa fria e rígida.

Ele fica boquiaberto, como se eu tivesse lhe tirado o chão.

— Mas eu pensei...

— Para um homem inteligente, você às vezes... — Faltam-me as palavras. — Eu quero ir embora, por favor.

— Por quê?

— Você sabe por quê. — Reviro os olhos.

Ele me encara, os olhos em chamas.

— Sinto muito, Ana. Eu não sabia que ela estaria aqui. Ela nunca está aqui. Abriu uma filial nova no Bravern Center, e normalmente fica lá. Parece que tinha alguém doente hoje.

Eu me viro e caminho em direção à saída.

— Não vamos precisar de Franco, Greta — avisa Christian ao sairmos do salão.

Tenho que me controlar para não correr. Quero fugir rápido e para bem longe. Estou com uma vontade imensa de chorar. Só preciso me afastar de toda essa merda.

Christian caminha silenciosamente ao meu lado enquanto tento digerir tudo isso. Cruzando os braços protetoramente ao meu redor, mantenho a cabeça baixa, evitando as árvores da Segunda Avenida. Sabiamente, ele não tenta encostar em mim. Minha mente está fervilhando de perguntas sem respostas. Será que o Sr. Evasivo vai admitir?

— Você costumava levar suas submissas lá? — disparo.

— Algumas, sim — responde ele calmamente, a voz curta.

— Leila?

— Sim.

— O lugar parece bem novo.

— Foi reformado recentemente.

— Entendi. Então Mrs. Robinson conhece todas as suas submissas.

— Conhece.

— E elas sabiam a respeito dela?

— Não. Nenhuma delas. Só você.

— Mas eu não sou sua submissa.

— Não, você definitivamente não é.

Eu paro e o examino. Seus olhos estão arregalados, amedrontados. Os lábios estão contraídos numa linha rígida e intransigente.

— Você não percebe a maluquice que é tudo isso? — Olho para ele, a voz baixa.

— Sim. Desculpe. — Ele tem a elegância de manter um olhar contrito.

— Quero cortar o cabelo, de preferência num lugar em que você não tenha comido nem as funcionárias nem a clientela.

Ele recua.

— Agora, com licença.

— Você não vai embora, vai? — pergunta.

— Não, eu só quero um maldito corte de cabelo. Em algum lugar em que eu possa fechar os olhos, com alguém para lavar o meu cabelo, e eu possa me esquecer de toda essa bagagem que vem junto com você.

Ele corre a mão pelo cabelo.

— Posso pedir ao Franco para ir até o meu apartamento, ou o seu — diz, em voz baixa.

— Ela é muito atraente.

— Sim, ela é. — Ele pisca.

— Ainda é casada?

— Não. Ela se separou há uns cinco anos.

— Por que você não está com ela?

— Porque nós terminamos. Eu já lhe contei isso. — Ele franze a testa de repente. Erguendo um dedo como quem pede silêncio, puxa o BlackBerry do bolso do paletó. Deve estar vibrando, porque não ouço tocar.

— Oi, Welch — atende, e passa a escutar.

Estamos de pé na Segunda Avenida, e eu olho na direção de uma muda de pinheiro à minha frente, as folhas num tom do mais novo verde.

As pessoas passam agitadas por nós, perdidas em suas tarefas de manhã de sábado, sem dúvida contemplando seus próprios dramas pessoais. Eu me pergunto se isso inclui ex-submissas perseguidoras, ex-Dominatrixes deslumbrantes e um homem que simplesmente não entende o conceito de privacidade tal qual previsto pela lei dos Estados Unidos.

— Morreu num acidente de carro? Quando? — Ele interrompe meu devaneio.

Ah, não. Quem? Ouço com mais atenção.

— É a segunda vez que aquele filho da mãe joga sujo com a gente. Ele deve saber. Será que ele não tem um pingão de sentimento por ela? — Christian balança a cabeça em desgosto. — Agora está começando a fazer sentido... Não... Explica por que, mas não onde...

Christian olha ao redor, como se estivesse procurando por alguma coisa, e eu me vejo imitando suas ações. Nada me chama a atenção. Só há as pessoas fazendo compras, o trânsito e as árvores.

— Ela está aqui — continua Christian. — Está nos observando... Sim... Não. Dois ou quatro, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana... — E Christian me olha diretamente: — Ainda não abordei a questão.

Que questão? Fecho a cara para ele e ele me observa com cautela.

— O quê... — sussurra ele e empalidece, arregalando os olhos. — Certo. Quando?... Tão recente assim? Mas como?... E ninguém checou o histórico?... Entendi. Passe para mim por e-mail o nome, o endereço e as fotos, se tiver os arquivos... Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, a partir de agora. Entre em contato com Taylor. — Christian desliga.

— E aí? — pergunto, exasperada. Será que ele vai me dizer o que houve?

— Era Welch.

— Quem é Welch?

— Meu assessor de segurança.

— Certo. O que aconteceu?

— Leila deixou o marido há cerca de três meses e fugiu com um rapaz que foi morto em um acidente de carro há quatro semanas.

— Ah.

— O idiota do psiquiatra devia ter descoberto isso — diz ele, irritado. — Luto. É esse o problema. Venha. — Ele me estende a mão, e automaticamente coloco a minha sobre a dele, antes de puxá-la de volta.

— Espere aí. A gente estava no meio de uma discussão sobre “nós”. Sobre ela, sua Mrs. Robinson.

As feições de Christian se fecham.

— Ela não é minha Mrs. Robinson. E a gente pode conversar sobre isso na minha casa.

— Eu não quero ir para a sua casa. Eu quero cortar o cabelo! — grito. Se eu conseguir me concentrar apenas em uma coisa...

Ele tira o BlackBerry de novo do bolso e disca um número.

— Greta, aqui é Christian Grey. Quero o Franco na minha casa em uma hora. Fale com a Sra. Lincoln... Ótimo. — E ele afasta o telefone. — Ele vai estar lá à uma da tarde.

— Christian...! — Explodo, exasperada.

— Anastasia, Leila obviamente está sofrendo um surto psicótico. Eu não sei se ela está atrás de você ou de mim, nem o que ela está disposta a fazer. Nós vamos até o seu apartamento pegar as suas coisas, e você pode ficar na minha casa até que ela tenha sido rastreada.

— E por que eu iria querer fazer isso?

— Para que eu possa manter você em segurança.

— Mas...

Ele me encara.

— Você vai comigo para o meu apartamento nem que eu tenha que arrastar você pelo cabelo.

Olho para ele, boquiaberta... isso é inacreditável. Cinquenta Tons ao vivo e a cores.

— Acho que você está exagerando.

— Não estou. A gente pode continuar essa discussão na minha casa. Ande.

Cruzo os braços e o encaro. Isso já foi longe demais.

— Não — respondo, teimosa. Preciso manter minha posição.

— Você pode ir andando ou eu posso carregar você. Para mim, não faz diferença, Anastasia.

— Você não se atreveria. — Faço uma cara feia para ele. Ele não teria coragem de fazer uma cena no meio da Segunda Avenida, teria?

Ele me lança um meio sorriso, mas seus olhos não o acompanham.

— Ah, baby, nós dois sabemos que se você me chamar para a briga eu vou correndo.

Nós nos encaramos e, de repente, ele se abaixa, agarra-me pelas coxas e me levanta. Antes que eu me dê conta, estou em seu ombro.

— Ponha-me no chão! — grito. Ah, é bom gritar.

Ele começa a caminhar pela Segunda Avenida, ignorando-me. Com uma das mãos me segurando firme pelas coxas, ele usa a mão livre para me dar um tapa na bunda.

— Christian — grito. As pessoas estão olhando para a gente. Existe coisa mais humilhante? — Eu vou sozinha! Eu vou sozinha!

Ele me coloca no chão, e antes que possa se ajeitar, saio, pisando firme, na direção do meu apartamento, morrendo de raiva e ignorando-o. Claro que ele me alcança em segundos, mas continuo a ignorá-lo. O que eu posso fazer? Estou com tanta raiva, mas nem sei mais de quê — é tanta coisa.

Enquanto me apresso na direção de casa, faço uma lista mental:

1. Ser carregada no colo: inaceitável para qualquer um com mais de seis anos.
2. Ser levada ao salão de beleza do qual ele é sócio com a ex-amante: quão estúpido ele é?
3. E é o mesmo lugar onde ele levava suas submissas: a mesma estupidez operando aqui.
- 4.

Nem se deu conta de que é uma péssima ideia: e isso porque supostamente é um sujeito inteligente.

5. Ter ex-namoradas malucas. Posso culpá-lo por isso? Estou com tanta raiva; posso, sim.
6. Saber o número da minha conta corrente: isso já é perseguição demais para o meu gosto.
7. Comprar a SIP: tem mais dinheiro do que noção.
8. Insistir que eu fique na casa dele: Leila oferece um risco maior do que ele imaginava... e ele não me falou isso ontem.

E então eu me dou conta. Alguma coisa mudou. O que poderia ser? Eu paro, e Christian para ao meu lado.

— O que aconteceu? — exijo saber.

Ele franze a testa.

— Como assim?

— Com a Leila.

— Eu já disse.

— Não, você não disse. Tem mais alguma coisa nessa história.

Ontem você não insistiu que eu fosse para sua casa. E então, o que aconteceu?

Ele se mexe desconfortavelmente.

— Christian! Fale! — exclamo.

— Ela tirou uma licença para porte de arma ontem.

Ai, merda. Olho para ele, piscando e sentindo o sangue fugir da minha cabeça enquanto absorvo a notícia. Sinto como se fosse desmaiar. E se ela quiser matá-lo? *Não!*

— Isso significa que ela pode simplesmente comprar uma arma — sussurro.

— Ana — diz ele, a voz preocupada, e coloca as mãos sobre os meus ombros, puxando-me para perto —, eu acho que ela não vai fazer nada de estúpido, mas... simplesmente não quero que você corra esse risco.

— Eu, não... e você? — sussurro.

Ele franze a testa, e eu o envolvo em meus braços, abraçando-o com força, o rosto contra o seu peito. Ele não parece se importar.

— Vamos voltar — murmura ele e beija o meu cabelo, e isso é tudo.

Toda a minha fúria desaparece, mas eu não esqueci. A raiva apenas se dissipou sob a ameaça de que algum mal pudesse acontecer a Christian. O pensamento é insuportável.

* * *

CIRCUNSPECTA, FAÇO UMA mala pequena e enfio numa mochila o Mac, o BlackBerry, o iPad e o balão *Charlie Tango*.

— *Charlie Tango* vai também? — pergunta ele.

Faço que sim com a cabeça e Christian me lança um sorriso breve e indulgente.

— Ethan vai chegar na terça-feira — murmuro.

— Ethan?

— O irmão de Kate. Ele vai ficar aqui até encontrar um lugar para morar em Seattle.

Christian me olha imperturbável, mas noto a frieza apoderando-se de seu olhar.

— Bem, que bom que você vai estar comigo. Ele vai ter mais espaço — diz, calmamente.

— Não sei se ele tem as chaves. Vou precisar voltar na terça.

Christian não diz nada.

— Isso é tudo.

Ele pega a mala, e nós saímos. Enquanto caminhamos até os fundos do prédio para o estacionamento, percebo que estou o tempo todo olhando para trás. Não sei se a paranoia tomou conta de mim ou se realmente tem alguém me observando. Christian abre a porta do carona do Audi e me olha em expectativa.

— Não vai entrar? — pergunta.

— Achei que eu fosse dirigir.

— Não. Eu dirijo.

— Algum problema com o jeito como eu dirijo? Não me diga que você sabe qual foi minha nota na prova de direção... Eu não ficaria

surpresa, dadas as suas tendências para perseguição.

Talvez ele saiba que eu passei raspando no exame escrito.

— Entre no carro, Anastasia — diz ele irritado.

— Ok.

Entro às pressas. *Francamente, você não vai se acalmar?*

Talvez ele esteja sentindo o mesmo desconforto que eu. Esse espião sombrio que nos observa... Quer dizer, uma morena pálida e de olhos castanhos que se parece inacreditavelmente comigo mesma e que, possivelmente, carrega uma arma de fogo.

Christian dá partida no carro.

— As suas submissas eram todas morenas?

Ele franze a testa.

— Eram — murmura. Soa inseguro, e o imagino ponderando: *aonde ela quer chegar com isso?*

— Só curiosidade.

— Eu já falei. Prefiro morenas.

— Mrs. Robinson não é morena.

— Talvez seja por isso — diz ele baixinho. — Ela fez com que eu criasse uma aversão a louras.

— Você está brincando! — exclamo.

— Sim. Estou brincando — responde ele, exasperado.

Olho, impassível, pela janela: espiãs morenas por todos os lados, mas nenhuma delas é Leila.

Então, ele só gosta de morenas. Eu me pergunto por quê. Será que Mrs. Maravilhosamente Glamorosa Apesar de Velha Robinson realmente fez com que ele criasse uma aversão a louras? Balanço a cabeça. Sr. Christian Perturbado Grey.

— Conte-me sobre ela.

— O que você quer saber? — Christian fecha a cara, e seu tom de voz é uma espécie de alerta.

— Como é o acordo de negócios de vocês?

Ele relaxa visivelmente, feliz em falar de trabalho.

— Sou um sócio passivo. Não tenho nenhum interesse especial no ramo da beleza, mas ela construiu um negócio de sucesso. Eu só investi e a ajudei a começar.

— Por quê?

— Devia isso a ela.

— Ah, é?

— Quando larguei Harvard, ela me emprestou cem mil dólares para eu abrir meu próprio negócio.

Putá merda... ela também é rica.

— Você largou a faculdade?

— Não era a minha praia. Cursei dois anos. Infelizmente, meus pais não foram tão compreensivos.

Franzo a testa. O Sr. Grey e a Dra. Grace Trevelyan não sendo compreensivos, não consigo imaginar.

— Não parece ter sido um mal negócio para você abandonar a faculdade. Que curso você fazia?

— Política e economia.

Hum... explicado.

— Então ela é rica? — pergunto.

— Ela era uma esposa-troféu entediada, Anastasia. O marido era rico, um cara importante no ramo madeireiro. — Ele me lança um sorrisinho. — Ele não a deixava trabalhar. Sabe como é, um sujeito controlador. Tem alguns homens que são assim. — E abre um rápido sorriso torto.

— Não me diga? Um sujeito controlador? Sem dúvida é uma criatura mítica... — Não acho que eu seja capaz de enfatizar mais o sarcasmo de minha resposta.

O sorriso de Christian aumenta.

— Ela lhe emprestou dinheiro do marido?

Ele assente com a cabeça e um pequeno sorriso malicioso surge em seus lábios.

— Que coisa horrível.

— Ele se vingou à altura — responde Christian com um ar sombrio ao entrar na garagem subterrânea do Escala.

Ah?

— Como?

Christian balança a cabeça como se isso o lembrasse de um episódio particularmente amargo, e estaciona ao lado do Audi Quattro SUV.

— Vamos, Franco vai chegar daqui a pouco.

* * *

NO ELEVADOR, CHRISTIAN me olha.

— Ainda está com raiva de mim? — pergunta, trivialmente.

— Muita.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Certo — diz, e olha para a frente.

Taylor está no saguão, esperando por nós. Como é que ele sempre sabe a hora que Christian vai chegar? Ele pega a minha mala.

— Welch entrou em contato? — pergunta Christian.

— Sim, senhor.

— E?

— Tudo combinado.

— Excelente. Como está a sua filha?

— Bem, senhor, obrigado.

— Ótimo. Vai chegar um cabeleireiro daqui a pouco, Franco De Luca.

— Srta. Steele. — Taylor acena para mim.

— Oi, Taylor. Você tem uma filha?

— Sim, senhora.

— Quantos anos ela tem?

— Sete.

Christian me olha, impaciente.

— Ela mora com a mãe — esclarece Taylor.

— Ah, entendi.

Taylor sorri para mim. Isso é inesperado. Taylor é pai? Sigo Christian até a sala de estar, intrigada com a novidade.

Olho ao redor. Não voltava aqui desde que o deixei.

— Está com fome?

Nego com a cabeça. Christian olha para mim por um instante e decide não discutir.

— Tenho que dar alguns telefonemas. Sinta-se em casa.

— Ok.

Ele desaparece em seu escritório, deixando-me em pé no meio da enorme galeria de arte que ele chama de casa, e fico me perguntando o que fazer.

As roupas! Pego minha mochila e subo até o meu quarto para dar uma conferida no closet. Ainda está cheio de roupas: todas

novas e ainda com as etiquetas. Três vestidos longos de festa, três vestidos de noite e mais três para o dia a dia. Devem ter custado uma fortuna.

Confiro a etiqueta de um dos vestidos de festa: dois mil novecentos e noventa e oito dólares. *Putá merda*. Desabo no chão.

Isso não sou eu. Levo as mãos à cabeça, tentando digerir as últimas horas. É tão cansativo. Por quê, meu Deus, por que eu fui me apaixonar por alguém tão completamente maluco... lindo, sexy para cacete, mais rico que Crespo e louco com L maiúsculo?

Tiro o BlackBerry da mochila e ligo para minha mãe.

— Ana, querida! Há quanto tempo. Como você está, meu bem?

— Ah, você sabe...

— O que houve? Ainda não acertou as coisas com Christian?

— É complicado, mãe. Acho que ele é louco. Esse é o problema.

— Nem me conte. Tem horas em que simplesmente não dá para entender os homens. Bob está na dúvida se a mudança para a Geórgia foi uma boa.

— O quê?

— Pois é, ele está falando em voltar para Las Vegas.

Ah, então eu não sou a única que tem problemas.

Christian aparece na porta:

— Aí está você. Achei que tinha fugido. — Seu alívio é claro.

Levanto a mão para indicar que estou no telefone.

— Desculpe, mãe, tenho que ir. Eu ligo para você depois.

— Ok, meu bem, se cuide. Amo você!

— Também amo você, mãe.

Desligo e olho para o meu Cinquenta Tons. Ele franze a testa, e parece pouco à vontade.

— Por que você está se escondendo aí? — pergunta.

— Não estou me escondendo. Estou me desesperando.

— Desesperando?

— Com tudo isso, Christian. — Aponto para as roupas.

— Posso entrar?

— O closet é seu.

Ele franze a testa de novo e se senta no chão à minha frente, de pernas cruzadas.

— São só roupas. Se você não gostar eu mando devolver.

— Você é muito complicado, sabia?

Ele alisa o queixo... a barba por fazer. Meus dedos coçam de vontade de tocá-lo.

— Eu sei. Mas estou tentando — murmura.

— Está tentando mesmo.

— Você também, Srta. Steele.

— Por que está fazendo isso?

Ele arregala os olhos e a expressão cautelosa retorna.

— Você sabe por quê.

— Não, eu não sei.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Você é uma mulher frustrante.

— Você poderia ter uma bela submissa morena. Uma mulher que perguntaria “a que altura?” todas as vezes em que você dissesse “pule”, isso se ela tivesse permissão para falar, é claro. Então, por que eu, Christian? Simplesmente não entendo.

Ele me olha por um instante, e não tenho ideia do que está pensando.

— Você me faz olhar para o mundo de forma diferente, Anastasia. Você não me quer pelo dinheiro. Você me dá... esperança — diz ele baixinho.

O quê? O Sr. Enigmático está de volta.

— Esperança de quê?

Ele encolhe os ombros.

— De mais. — Sua voz é baixa e calma. — E você está certa. Estou acostumado a mulheres que fazem exatamente o que eu mando, quando eu mando, tudo o que eu quiser. Isso enjoa rápido. Existe algo em você, Anastasia, que me toca em algum nível profundo que eu não sou capaz de compreender. É como um canto de sereia. Eu não consigo resistir a você, e não quero perdê-la. — Ele se aproxima e pega minha mão. — Não vá embora, por favor. Tenha um pouco de fé em mim e um pouco de paciência. Por favor.

Ele parece tão vulnerável... *É perturbador.* Apoio-me em meus joelhos e me curvo para a frente, dando-lhe um beijo suave nos lábios.

— Tudo bem. Fé e paciência, posso fazer isso.

— Ótimo. Porque Franco chegou.

* * *

FRANCO É BAIXINHO, moreno e gay. E eu o adoro.

— Seu cabelo é tão lindo! — exclama ele com um sotaque italiano escandaloso e provavelmente falso. Aposto que é de Baltimore ou qualquer outro lugar, mas seu entusiasmo é contagiante. Christian nos leva até o banheiro e sai às pressas, voltando com uma cadeira do quarto.

— Vou deixar vocês à vontade — resmunga.

— *Grazie*, Sr. Grey. — Franco se vira para mim: — *Bene*, Anastasia, o que vamos fazer hoje?

* * *

CHRISTIAN ESTÁ SENTADO no sofá, analisando o que parecem ser planilhas. Uma música clássica suave preenche o ambiente, vinda da sala de estar. Uma mulher canta apaixonadamente, despejando sua alma na canção. É de tirar o fôlego. Christian ergue o olhar e sorri, distraído-me da música.

— Está vendo! Eu disse que ele ia gostar — anima-se Franco.

— Você está linda, Ana — diz Christian, admirando-me.

— Meu trabalho aqui está feito — exclama Franco.

Christian se levanta e caminha em nossa direção.

— Obrigado, Franco.

Franco se vira, aperta-me em um abraço forte e me dá dois beijinhos.

— Nunca deixe outra pessoa cortar seu cabelo, *bellissima* Ana!

Eu rio, um tanto envergonhada com toda essa intimidade. Christian o conduz ao saguão e retorna um instante depois.

— Que bom que você manteve o cabelo comprido — diz ele, caminhando na minha direção, os olhos reluzentes. Ele pega uma mecha entre os dedos. — Tão macio — murmura, olhando para mim. — Ainda está brava comigo?

Faço que sim com a cabeça, e ele sorri.

— Por que motivo, exatamente?

Reviro os olhos.

— Você quer a lista completa?

— Tem uma lista?
— Uma bem comprida.
— A gente pode falar disso na cama?
— Não. — Faço beicinho, feito uma criança.
— Na mesa do almoço, então. Estou com fome, e não é só de comida. — Ele me lança um sorriso lascivo.
— Não vou deixar você me seduzir com sua expertise sexual.
Ele reprime um sorriso.
— O que está incomodando você, especificamente, Srta. Steele?
Bote para fora.

Ok.

— O que está me incomodando? Bem, tem essa brutal invasão de privacidade, o fato de que você me levou no trabalho da sua ex-amante e de que você costumava levar todas as suas submissas para depilar as partes lá, o jeito como você me tratou na rua, como se eu tivesse seis anos, e, para fechar com chave de ouro, você deixa sua Mrs. Robinson tocar em você! — minha voz vai subindo num crescendo.

Ele ergue as sobrancelhas, e seu bom humor desaparece.

— É uma bela lista. Mas só para esclarecer mais uma vez, ela não é *minha* Mrs. Robinson.

— Ela pode tocar em você — repito.

— Ela sabe onde. — Ele contrai os lábios.

— O que isso quer dizer?

Ele leva as mãos até o cabelo e fecha os olhos por um instante, como se estivesse esperando alguma espécie de orientação divina. Engole em seco.

— Você e eu não temos nenhum tipo de regra. Eu nunca tive uma relação sem regras, e nunca sei onde você vai me tocar. Isso me deixa nervoso. O seu toque significa... — Ele para, procurando as palavras. — Significa... mais, muito mais.

Mais? É uma resposta completamente inesperada, que me deixa perturbada, e essa palavrinha com um significado enorme fica pairando de novo entre nós.

Meu toque significa... mais. Como eu posso ser capaz de resistir quando ele diz esse tipo de coisa? Olhos cinzentos procuram os meus, observando-me, apreensivos.

Com cuidado, estico a mão, e sua apreensão se transforma em sobressalto. Christian dá um passo para trás, e deixo o braço cair.

— Limite rígido — sussurra ele depressa, uma expressão de dor e pânico no rosto.

Não consigo evitar uma frustração esmagadora.

— Como você se sentiria se não pudesse me tocar?

— Arrasado e privado de um direito — responde ele imediatamente.

Ah, meu Cinquenta Tons. Balançando a cabeça, eu lhe ofereço um pequeno sorriso para tranquilizá-lo, e ele relaxa.

— Um dia você vai ter que me explicar direitinho por que esse é um limite rígido.

— Um dia — murmura ele e sai da sua zona de vulnerabilidade em um milésimo de segundo.

Como ele consegue mudar tão depressa? É a pessoa mais inconstante que já conheci.

— Bom, e o resto de sua lista. Invadir sua privacidade. — Ele contorce a boca ao contemplar a questão. — É porque eu sei o número da sua conta?

— Sim, isso é revoltante.

— Eu sempre verifico o histórico das minhas submissas. Posso mostrar a você. — Ele dá meia-volta e caminha em direção ao escritório.

Eu o sigo, obediente e atordoada. De um arquivo trancado a chave, ele puxa uma pasta suspensa com uma etiqueta: ANASTASIA ROSE STEELE.

Putá que pariu. Eu o encaro. Ele encolhe os ombros, como quem pede desculpas.

— Tome, pode ficar com isso — diz, baixinho.

— Puxa, muito obrigada — rebato.

Folheio o conteúdo. Há uma cópia da minha certidão de nascimento, pelo amor de Deus, a lista dos meus limites rígidos, o termo de confidencialidade, o contrato... *minha nossa...* o número do meu seguro social, meu currículo, meu histórico profissional.

— Então você sabia que eu trabalhava na Clayton's?

— Sabia.

— Não foi coincidência. Você não apareceu lá por acaso?

— Não.

Não sei se fico com raiva ou lisonjeada.

— É muita maluquice. Você tem noção disso?

— Não vejo as coisas dessa forma. Para fazer o que eu faço, tenho que ser muito cuidadoso.

— Mas isso é particular.

— Eu não faço uso indevido dessas informações. Qualquer um com o mínimo de esforço pode descobrir isso, Anastasia. Para ter controle, é preciso informação. Eu sempre operei assim. — Ele me olha, uma expressão cuidadosa e inescrutável.

— Você usa essas informações indevidamente, sim. Você depositou vinte e quatro mil dólares que eu não queria na minha conta.

Ele pressiona os lábios numa linha rígida.

— Eu já falei. Foi o valor que o Taylor conseguiu pelo seu carro. É inacreditável, eu sei, mas é verdade.

— Mas o Audi...

— Anastasia, você tem alguma ideia de quanto dinheiro eu ganho?

Enrubesco.

— Por que eu teria? Não preciso saber quanto você tem em sua conta bancária, Christian.

Seu olhar se suaviza.

— Eu sei. E essa é uma das coisas que eu amo em você.

Olho para ele, chocada. *Que ele ama em mim?*

— Anastasia, eu ganho uns cem mil dólares por hora.

Fico boquiaberta. A quantia é obscena.

— Vinte e quatro mil dólares não são nada. O carro, os livros, as roupas, isso não é nada — sua voz é suave.

Olho para ele. Ele realmente não tem ideia. Extraordinário.

— Se você estivesse no meu lugar, como você se sentiria, com toda essa... generosidade vindo de bandeja para você? — pergunto.

Ele me olha fixamente, e lá está, a síntese do seu problema: empatia, ou a falta dela. O silêncio se estende entre nós.

Finalmente, ele dá de ombros.

— Não sei — responde, parecendo genuinamente confuso.

Meu coração amolece. É isso... sem dúvida é esse o cerne de seus Cinquenta Tons. Ele não pode se colocar no meu lugar. Bem, agora eu sei.

— Não é legal. Quer dizer, você é muito generoso, mas isso me deixa desconfortável. Já falei isso várias vezes.

Ele suspira.

— Eu quero lhe dar o mundo, Anastasia.

— Eu só quero você, Christian. Não quero os extras.

— Mas eles estão incluídos no pacote. Fazem parte do que sou.

Ah, essa discussão não vai dar em nada.

— Vamos comer? — pergunto. A tensão entre nós é exaustiva.

Ele franze a testa.

— Claro.

— Eu cozinho.

— Ótimo. Se não quiser, tem comida pronta na geladeira.

— A Sra. Jones tira folga nos fins de semana? E aí você come congelados na maior parte deles?

— Não.

— Hum?

Ele suspira.

— Minhas submissas cozinham, Anastasia.

— Ah, claro. — Fico vermelha. Como pude ser tão burra? Sorrio com ternura para ele: — O que o senhor gostaria de comer?

— Qualquer coisa que a senhorita encontre na cozinha — diz, sombriamente.

* * *

APÓS UMA CONFERIDA no impressionante conteúdo da geladeira, decido por fritada espanhola. Tem até batata congelada: perfeito. É rápido e fácil. Christian ainda está no escritório, na certa invadindo a privacidade de algum pobre coitado inocente e compilando informações. O pensamento é desagradável e me deixa um gosto amargo na boca. Minha cabeça dá voltas. Ele realmente não conhece limites.

Se vou cozinhar, preciso de música, e não vou ser uma submissa na cozinha! Caminho até a caixa de som ao lado da

lareira e pego o iPod de Christian. Aposto que tem outras músicas escolhidas por Leila aqui... A simples ideia me apavora.

Onde ela está?, pergunto-me. *O que ela quer?*

Tremo. Que passado. Minha cabeça nem é capaz de dar conta.

Dou uma olhada na extensa lista. Quero algo animado. Hum, Beyoncé... não parece muito o gosto musical de Christian. “Crazy in Love”. Ah, *sim!* Que adequado. Aperto o botão de repetir e ligo a música bem alto.

Volto rebolando até a cozinha, pego uma tigela, abro a geladeira e retiro os ovos. Quebro os ovos na tigela e começo a bater, dançando o tempo todo.

Abrindo a geladeira mais uma vez, tiro as batatas, presunto e — *isso!* — ervilhas do congelador. Isso basta. Encontro uma frigideira, ponho no fogo, coloco um pouco de azeite e volto a bater os ovos.

Falta de empatia, fico pensando. Será que isso é exclusivo do Christian? Talvez todos os homens sejam assim, incapazes de compreender as mulheres. Eu simplesmente não sei. Talvez essa nem seja uma grande descoberta.

Queria que Kate estivesse em casa, ela saberia. Está em Barbados há tempo demais. Deve voltar no final da semana, depois das férias adicionais que tirou com Elliot. Gostaria de saber se o caso deles ainda é desejo à primeira vista.

Uma das coisas que eu amo em você.

Paro de bater. Ele disse isso. Significa que existem outras coisas? Sorrio pela primeira vez desde que vi Mrs. Robinson, um sorriso genuíno, sincero, de orelha a orelha.

Christian passa os braços em volta de mim, e dou um pulo.

— Interessante escolha de música — ronrona ao me beijar abaixo da orelha. — Seu cabelo está com um cheiro bom. — Ele mergulha o rosto no meu cabelo e inspira fundo.

O desejo se espalha por minha barriga. *Não.* Fujo de seu abraço.

— Ainda estou brava com você.

Ele franze a testa.

— Quanto tempo você vai continuar com isso? — pergunta, passando a mão pelo cabelo.

Dou de ombros.

— Pelo menos até que eu tenha comido.

Ele contorce os lábios, achando graça. Virando-se, pega o controle remoto na bancada e desliga a música.

— Foi você que colocou essa música no seu iPod? — pergunto.

Ele nega com a cabeça, o olhar sombrio, e eu sei que foi ela... a Garota-Fantasma.

— Você não acha que ela estava tentando lhe dizer alguma coisa, na época?

— Bem, pensando agora, acho que sim, provavelmente — responde, baixinho.

Como se queria demonstrar. Zero empatia. Meu inconsciente cruza os braços e aperta os lábios, revoltado.

— Por que você não apagou?

— Gosto da música. Mas se isso ofende você, eu apago.

— Não, tudo bem. Gosto de cozinhar ouvindo música.

— O que você quer ouvir?

— Surpreenda-me.

Ele caminha até o iPod, e volto a bater os ovos. Momentos depois, a voz celestial, doce e comovente de Nina Simone preenche a sala. É uma das preferidas de Ray: “I Put a Spell on You”.

Enrubesco e me viro para Christian. O que ele está tentando me dizer? Já tem muito tempo que ele me enfeitiçou. Meu Deus... seu olhar mudou, o ar brincalhão desapareceu, e seus olhos estão escuros, intensos.

Eu o observo, encantada, enquanto lentamente, como o predador que é, ele caminha na minha direção, acompanhando o ritmo da música. Está descalço, vestindo apenas uma camisa para fora da calça jeans, e tem um olhar ardente.

Nina canta “você é meu” no exato instante em que Christian me alcança, sua intenção bastante clara.

— Christian, por favor — sussurro, o batedor sobrando em minha mão.

— Por favor, o quê?

— Não faça isso.

— Isso o quê?

— Isso.

Ele está de pé na minha frente, olhando para mim.

— Tem certeza? — Ele solta o ar e se aproxima, tirando o batedor da minha mão e colocando-o de volta na tigela. Meu coração sobe até a boca. Eu não quero... eu quero... desesperadamente.

Ele é tão frustrante. Tão sensual e tão desejável. Afasto os olhos de seu olhar hipnotizante.

— Quero você, Anastasia — murmura ele. — Eu amo e odeio, e eu amo discutir com você. É tudo muito novo. Preciso saber que estamos bem. E esse é o único jeito que conheço para descobrir.

— O que eu sinto por você não mudou — sussurro.

Sua proximidade é irresistível, excitante. A atração já tão conhecida está lá, todas as minhas sinapses incitam-me para ele, minha deusa interior no máximo da libido. Encarando os pelos na abertura de sua camisa, mordo o lábio, impotente, impulsionada pelo desejo — eu quero prová-lo.

Ele está muito perto, mas não me toca. Seu calor aquece minha pele.

— Não vou tocar você até que me diga que sim — sussurra ele. — Mas neste instante, depois desta manhã de merda, eu só quero me enterrar em você e esquecer tudo que não seja nós dois.

Ai... Nós dois. A combinação mágica, duas palavrinhas simples, mas tão poderosas, capazes de selar o acordo. Ergo a cabeça para olhar suas belas feições, ainda sérias.

— Vou tocar seu rosto. — Expiro e, por um instante, vejo a surpresa refletida em seus olhos antes de ele concordar.

Levanto a mão e acaricio sua bochecha, correndo os dedos em sua barba por fazer. Ele fecha os olhos e solta o ar, oferecendo o rosto para o meu toque. Inclina-se devagar, e meus lábios automaticamente se erguem para receber os seus. Ele paira sobre mim.

— Sim ou não, Anastasia? — sussurra.

— Sim.

Sua boca suavemente toca a minha, persuadindo, abrindo meus lábios enquanto seus braços se fecham em volta de mim, puxando-me para si. Sua mão sobe por minhas costas, os dedos se enroscam em meu cabelo por trás de minha cabeça e puxam

suavemente, a outra mão alcançando o meu quadril, comprimindo-me contra ele. Solto um gemido baixinho.

— Sr. Grey. — Taylor tosse de leve, e Christian me solta imediatamente.

— Taylor — responde ele, a voz gélida.

Eu me viro e vejo um Taylor desconfortável na entrada da sala. Christian e Taylor se encaram, em algum tipo de comunicação silenciosa.

— Escritório — diz Christian, e Taylor atravessa a sala apressado. — Continuamos daqui a pouco — sussurra para mim antes de seguir Taylor para fora da cozinha.

Respiro fundo e com força. Será que não consigo resistir a ele nem por um minuto? Balanço a cabeça, com raiva de mim mesma e agradecida pela interrupção de Taylor, por mais embaraçosa que tenha sido.

O que mais Taylor deve ter interrompido no passado? O que será que ele viu? Não quero nem pensar nisso. Almoço. Vou fazer o almoço. Ocupo-me cortando as batatas. O que será que Taylor veio dizer? Minha mente dá voltas... será que é sobre Leila?

Dez minutos depois, eles voltam, bem quando a fritada fica pronta. Christian parece preocupado.

— Falo com eles daqui a dez minutos — diz a Taylor.

— Estaremos prontos — responde Taylor, deixando a enorme sala.

Pego dois pratos aquecidos e os coloco no balcão da cozinha.

— Almoço?

— Por favor — responde Christian, sentando-se em um dos bancos. Agora ele está me observando atentamente.

— Algum problema?

— Não.

Faço uma cara feia. Está escondendo alguma coisa. Sirvo os pratos e me sento a seu lado, resignada.

— Está gostoso — murmura Christian, dando mais uma garfada.

— Quer uma taça de vinho?

— Não, obrigada. — *Preciso manter as ideias em ordem quando estou com você, Grey.*

A comida realmente está gostosa, embora eu não esteja com muita fome. Mas como mesmo assim, sabendo que Christian vai reclamar se eu não comer. Por fim, ele interrompe o nosso silêncio e coloca para tocar a música clássica que ouvi antes.

— Qual é essa? — pergunto.

— Canteloube, *Canções de Auvergne*. Essa se chama “Bailero”.

— É linda. Que língua é essa?

— Francês antigo... Occitano, na verdade.

— Você fala francês; consegue entender a letra? — Lembro-me do francês impecável que falou no jantar com os pais...

— Algumas palavras, sim. — Christian sorri, relaxando visivelmente. — Minha mãe tinha um mantra: um instrumento musical, uma língua estrangeira, uma arte marcial. Elliot fala espanhol; Mia e eu falamos francês. Elliot toca guitarra, eu toco piano, e Mia, violoncelo.

— Uau. E as artes marciais?

— Elliot luta judô. Mia bateu o pé e se recusou aos doze anos. — Ele sorri com a lembrança.

— Eu queria que minha mãe tivesse sido assim tão organizada.

— Dra. Grace é formidável quando se trata das realizações de seus filhos.

— Ela deve ter muito orgulho de você. Eu teria.

Uma expressão sombria passa pelo rosto de Christian, e ele parece momentaneamente desconfortável. Ele me olha com cautela, como se estivesse em território desconhecido.

— Já decidiu o que vai usar esta noite? Ou eu vou ter que escolher? — Seu tom de repente se torna brusco.

Uau! Ele parece irritado. *Por quê? O que foi que eu disse?*

— Hum... ainda não. Foi você quem escolheu todas aquelas roupas?

— Não, Anastasia, não fui eu. Dei uma lista e seu tamanho a uma personal shopper na Neiman Marcus. Elas devem servir em você. Só para que você saiba, eu contratei segurança adicional para a noite de hoje e para os próximos dias. Com Leila imprevisível e escondida em algum lugar pelas ruas de Seattle, acho que é uma boa precaução. Não quero que você saia sozinha, está bem?

Pisco para ele.

- Ok. — O que aconteceu com o Grey “quero você agora”?
- Ótimo. Vou avisar a eles. Não vou demorar.
- Eles estão aqui?
- Estão.

Onde?

Christian pega o prato, coloca-o na pia e desaparece da cozinha. Que diabo foi isso? É como se ele fosse um monte de pessoas diferentes num só corpo. Isso não é um sintoma de esquizofrenia? Preciso pesquisar no Google.

Termino de comer, lavo o prato depressa e volto para o *meu* quarto carregando a pasta que diz ANASTASIA ROSE STEELE. No closet, pego os três vestidos longos. E agora, qual deles?

* * *

DEITADA NA CAMA, encaro o Mac, o iPad e o BlackBerry. Estou sobrecarregada de tecnologia. Começo a transferir a seleção de músicas de Christian do iPad para o Mac e, em seguida, abro o Google e começo a navegar pela internet.

* * *

ESTOU ATRAVESSADA NA cama, olhando o Mac, quando Christian entra.

— O que está fazendo? — pergunta ele baixinho.

Fico em pânico por um instante, perguntando-me se eu deveria deixá-lo ver o site em que estou — Transtorno de Personalidade Múltipla: Sintomas.

Esticando-se ao meu lado, ele dá uma olhada no site, achando graça.

— Entrou nesse site por um motivo específico? — pergunta como quem não quer nada.

O Christian brusco se foi e o Christian brincalhão está de volta. De que jeito eu vou ser capaz de acompanhar isso?

— Estou pesquisando. Para entender uma personalidade difícil.

— Eu lhe ofereço o meu olhar mais inexpressivo. Seus lábios se contorcem num sorriso reprimido.

— Uma personalidade difícil?

— Meu projeto nas horas vagas.

— Então eu virei um projeto para suas horas vagas? Um hobby? Uma espécie de experimento científico, talvez? E eu achando que era tudo. Srta. Steele, assim você me magoa.

— Como você sabe que é você?

— É só um palpite. — Ele sorri.

— É verdade que você é a única pessoa problemática, inconstante e maníaca por controle que eu conheço intimamente.

— Achei que eu fosse a única pessoa que você conhecia intimamente. — Ele arqueia uma sobrancelha.

Fico vermelha.

— É. Isso também.

— E aí, já chegou a alguma conclusão?

Eu me viro e olho para ele. Está deitado de lado, a cabeça apoiada no cotovelo, a expressão suave, divertida.

— Acho que você precisa muito se tratar.

Ele se aproxima e coloca meu cabelo atrás da orelha, com carinho.

— Acho que preciso muito de você. Tome. — Ele me entrega um batom.

Faço uma careta, perplexa. É vermelho-sangue, nem um pouco a minha cara.

— Você quer que eu use isto? — murmuro. Ele ri.

— Não, Anastasia, a menos que você queira. Acho que não é muito a sua cor — conclui secamente.

Ele se senta na cama, cruza as pernas e tira a camisa. *Ai, meu Deus.*

— Gostei da sua ideia de fazer um mapa.

Olho para ele, sem entender. Mapa?

— Um mapa das áreas proibidas — explica-se.

— Ah. Eu estava brincando.

— Eu, não.

— Você quer que eu desenhe em você com batom?

— O batom sai. Depois de um tempo.

Isso significa que eu poderia tocá-lo livremente. Um pequeno sorriso surge em meus lábios quando começo a imaginar.

— E se eu usasse algo mais permanente, um marcador, por exemplo?

— Posso fazer uma tatuagem. — Seus olhos se acendem com humor.

Christian Grey com uma tatuagem? Estragando seu corpo maravilhoso já marcado de tantas maneiras? De jeito nenhum!

— Não, nada de tatuagem! — Rio para esconder meu horror.

— Batom, então. — Ele sorri.

Fecho o Mac e o empurro de lado. Isso pode ser divertido.

— Venha. — Ele me estende a mão. — Sente no meu colo.

Tiro as sapatilhas, ergo o corpo até me sentar e me arrasto na direção dele. Ele se deita sobre a cama, mas mantém os joelhos flexionados.

— Recoste-se contra as minhas pernas.

Subo em cima dele e me sento, uma perna de cada lado, do jeito que ele falou. Seus olhos estão arregalados e cautelosos. Mas ele também está se divertindo.

— Você parece... empolgada com a ideia — comenta, ironicamente.

— Estou sempre aberta a novas informações, Sr. Grey, e isso significa que você vai relaxar, porque eu vou saber onde ficam os limites.

Ele concorda com a cabeça, como se não pudesse acreditar que está prestes a me deixar desenhar em todo o seu corpo.

— Abra o batom — ordena.

Hum, ele está no modo ultra-autoritário, mas não me importo.

— Deixe eu pegar sua mão.

Estico a mão livre.

— A que está segurando o batom. — Ele revira os olhos para mim.

— Está revirando os olhos para mim?

— Estou.

— Isso é uma grosseria, Sr. Grey. Conheço algumas pessoas que ficam realmente violentas diante de um revirar de olhos.

— Ah, conhece, é? — seu tom é irônico.

Ofereço-lhe a mão com o batom, e, de repente, ele se levanta, de modo que ficamos cara a cara.

— Pronta? — pergunta ele num murmúrio baixo e suave que torna tudo tenso e retesado dentro de mim. *Uau.*

— Pronta — sussurro.

Sua proximidade é sedutora, seu corpo musculoso tão próximo, o cheiro de Christian misturado ao meu gel de banho. Ele guia minha mão até a curva do ombro.

— Faça força para baixo — diz.

Minha boca fica seca à medida que ele conduz minha mão do alto de seu ombro para baixo, até a lateral do peito, passando ao redor da clavícula. O batom deixa uma linha vermelha larga e forte no seu rastro. Ele para na base do tórax e então me conduz ao longo de sua barriga. Fica tenso e olha no fundo dos meus olhos, aparentemente impassível, mas, sob o olhar cauteloso e imperturbável, vejo que está se controlando.

Ele contém sua aversão, a mandíbula retesada, e há sinais de tensão ao redor dos olhos. Quando chegamos à metade de sua barriga, ele solta a minha mão e murmura:

— E agora até o outro lado.

Repito a linha que desenhei no lado esquerdo. A confiança que ele está depositando em mim é inebriante, mas, temperada pelo fato de que posso, conto sua dor: sete cicatrizes pequenas, redondas e brancas marcam seu peito. Ver essa profanação terrível de seu lindo corpo é como um purgatório sombrio e profundo. Quem faria isso a uma criança?

— Pronto, terminei — sussurro, contendo a emoção.

— Não, não terminou — responde ele, e traça uma linha com o indicador ao redor da base do pescoço. Sigo a linha do seu dedo deixando uma faixa escarlate. Ao terminar, mergulho nas profundezas de seus olhos cinzentos. — Agora as costas — murmura.

Christian se mexe, de forma que tenho que sair de cima dele, e, em seguida, vira-se na cama e se senta de pernas cruzadas, de costas para mim.

— Repita nas costas a linha que você fez em meu peito — sua voz é baixa e rouca.

Obedeço, e vou atravessando suas costas com uma linha vermelha, e, à medida que o faço, conto mais cicatrizes marcando

seu corpo. Nove ao todo.

Putá merda. Preciso conter a necessidade premente de beijar cada uma delas e deter as lágrimas que enchem meus olhos. Que tipo de animal faria isso? Sua cabeça está abaixada, seu corpo tenso à medida que finalizo o circuito em suas costas.

— Ao redor da nuca, também? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça, e desenha mais uma linha que se junta à primeira na base de sua nuca, logo abaixo do cabelo.

— Pronto — murmuro, e ele parece estar usando um colete bizarro, cor de pele com uma bainha vermelho-sangue.

Seus ombros relaxam, e ele se vira lentamente de frente para mim uma vez mais.

— Esses são os limites — diz de mansinho, os olhos escuros e as pupilas dilatadas... de medo? Luxúria? Quero me jogar em cima dele, mas me seguro e olho-o com admiração.

— Posso lidar com isso. Agora, quero me jogar em cima de você — sussurro.

Ele me lança um sorriso malicioso e abre as mãos, num gesto silencioso de consentimento.

— Bem, Srta. Steele, sou todo seu.

Solto um gritinho de prazer infantil e me lanço em seus braços, derrubando-o na cama. Ele gira o corpo, soltando uma gargalhada de menino repleta de alívio de que o calvário tenha terminado. E, de alguma forma, acabo debaixo dele na cama.

— Agora, aquela conversa que a gente estava tendo antes do almoço... — sussurra e, mais uma vez, sua boca exige a minha.

CAPÍTULO SEIS

Minhas mãos estão em seu cabelo, e minha boca febril devora a dele, saboreando a sensação de sua língua na minha. E ele faz o mesmo, devorando-me. É divino.

De repente, ele ergue o meu corpo e agarra a barra da minha camiseta, puxando-a sobre a minha cabeça e jogando-a no chão.

— Quero sentir você — diz avidamente contra a minha boca enquanto suas mãos movem-se atrás de mim para abrir meu sutiã. Num movimento rápido, o sutiã solta, e ele o joga para o lado.

Ele me empurra de volta na cama, pressionando-me contra o colchão, a boca e a mão correndo até meus seios. Meus dedos se enroscam em seu cabelo quando ele alcança um de meus mamilos com os lábios e o puxa com força. Grito bem alto à medida que a sensação percorre meu corpo, atingindo e enrijecendo todos os músculos ao redor da virilha.

— Isso, baby, quero ouvir você — murmura ele em minha pele superaquecida.

Nossa, quero ele dentro de mim, agora. Sua boca brinca com meu mamilo, puxando-o, fazendo-me contorcer e ansiar por ele. Sinto seu desejo misturado com... o quê? Veneração. É como se ele estivesse me adorando.

Ele me provoca com os dedos, meu mamilo crescendo e endurecendo sob seu toque habilidoso. Sua mão desce até minha calça jeans, e ele abre o botão com habilidade, puxando o zíper para baixo e deslizando a mão para dentro de minha calcinha, os dedos contra meu sexo.

Sua respiração fica ofegante quando ele enfia o dedo em mim. Empurro a pélvis para cima, para junto da palma da mão dele, e ele responde, esfregando-a em mim.

— Ah, baby — ofega ele pairando em cima de mim, os olhos vidrados nos meus. — Você está tão molhada — sua voz é cheia de

admiração.

— Quero você — murmuro.

Sua boca se junta novamente à minha, e sinto seu desespero faminto, sua necessidade de mim.

Isso é novidade — nunca foi desse jeito, exceto talvez quando voltei da Geórgia — e suas palavras de hoje mais cedo me vêm à cabeça... *Preciso saber que estamos bem. E esse é o único jeito que conheço para descobrir.*

O pensamento me ilumina. Saber que tenho esse efeito sobre ele, que posso lhe oferecer tanto conforto ao fazer isso... Ele se senta, agarra a parte de baixo da minha calça jeans e a puxa, tirando depois minha calcinha.

Mantendo os olhos fixos nos meus, ele se levanta, saca um envelopinho de papel laminado do bolso e o joga para mim, em seguida, tira a calça jeans e a cueca num movimento rápido.

Rasgo o pacote com voracidade, e quando ele se deita ao meu lado de novo, coloco a camisinha nele. Ele pega minhas mãos e gira o corpo, deitando-se de costas.

— Você. Em cima — ordena, montando-me sobre si. — Quero olhar para você.

Ah.

Ele conduz meu corpo, e, hesitante, solto o peso em cima dele. Christian fecha os olhos e flexiona os quadris ao encontro dos meus, preenchendo-me, abrindo-me, sua boca formando um O perfeito ao soltar o ar.

Ah, isso é tão bom — eu possuindo-o, ele me possuindo.

Ele segura minhas mãos, e não sei se é para me dar apoio ou para evitar que eu o toque, mesmo que eu já tenha meu mapa.

— Você é uma delícia — murmura.

Eu me levanto de novo, inebriada com o poder que tenho sobre ele, observando Christian Grey lentamente desfazer-se embaixo de mim. Ele solta minhas mãos e agarra meus quadris, e coloco as mãos em seus braços. Ele investe com força dentro de mim, fazendo-me gritar.

— Isso, baby, sintame — diz, a voz tensa.

E é exatamente isso o que eu faço, jogando a cabeça para trás. Ele faz isso tão bem.

Eu me mexo — contrapondo o ritmo dele em perfeita simetria —, entorpecendo todos os meus pensamentos e minha razão. Sou só sensação, perdida nesse vazio de prazer. *Para cima e para baixo... de novo e de novo... Ah, sim...* Abro os olhos e o encaro, a respiração ofegante, e ele está me encarando também, os olhos reluzentes.

— Minha Ana — gesticula com os lábios.

— Sim — digo, rouca. — Sempre.

Ele geme alto, fechando de novo os olhos, jogando a cabeça para trás. Ver Christian atingindo o clímax é o suficiente, e gozo de forma barulhenta, exaustiva, desmoronando sobre ele.

— Ah, baby — geme ele, chegando ao orgasmo e deixando-se levar.

* * *

MINHA CABEÇA ESTÁ em seu peito, na área proibida, minha bochecha aninhada nos pelos enrolados. Estou ofegante, radiante, e resisto à vontade de beijá-lo.

Fico ali, deitada em cima dele, recuperando o fôlego. Ele alisa meu cabelo, e sua mão desliza ao longo de minhas costas, acariciando-me enquanto sua respiração se acalma.

— Você é tão linda.

Ergo a cabeça para olhar para ele, com a expressão cética. Ele franze a testa em resposta e se senta depressa, pegando-me de surpresa, o braço correndo ao redor de mim, para me manter no lugar. Ficamos cara a cara, e eu aperto seu bíceps.

— Você. É. Linda — diz ele novamente, num tom enfático.

— E você é incrivelmente gentil, às vezes. — Eu o beijo suavemente.

Ele me levanta e sai de dentro de mim. Eu estremeço. Inclinando-se para a frente, ele me beija com ternura.

— Você não tem ideia de como é atraente, tem?

Fico vermelha. O que ele quer com isso agora?

— Todos aqueles caras atrás de você... isso não lhe dava nenhuma pista?

— Caras? Que caras?

— Você quer a lista? — Christian faz uma careta. — O fotógrafo, ele é louco por você; aquele sujeito da loja de ferragens; o irmão mais velho da sua amiga com quem você divide o apartamento. Seu chefe — acrescenta ele amargamente.

— Ah, Christian, não é verdade.

— Pode acreditar. Eles querem você. Eles querem o que é meu. — Ele me puxa para si, e eu levo os braços até seus ombros, minhas mãos em seu cabelo, observando-o, deliciada. — Minha — repete, os olhos brilhando, possessivos.

— Sim, sua — tranquilizo-o, sorrindo.

Ele relaxa, e me sinto perfeitamente à vontade, nua em seu colo, em plena luz do dia, num sábado à tarde. Quem poderia imaginar? As marcas de batom permanecem em seu belo corpo. Reparo, no entanto, que há algumas manchas no edredom, e me pergunto brevemente o que a Sra. Jones vai fazer com elas.

— A linha ainda está intacta — murmuro e, corajosamente, sigo o trajeto em seu ombro com o indicador. Ele se enrijece, piscando de repente. — Quero explorar.

Ele me olha, cético.

— O apartamento?

— Não. Eu estava pensando no mapa do tesouro que desenhamos em você. — Meus dedos coçam de vontade de tocá-lo.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso e indeciso, piscando para mim. Esfrego o nariz no dele.

— E o que isso envolveria exatamente, Srta. Steele?

Retiro a mão de seu ombro e corro meus dedos por seu rosto.

— Só quero tocar você em todos os lugares em que estou autorizada.

Christian pega meu indicador com os dentes, mordendo de leve.

— Ai — protesto, e ele sorri, um rosnado baixo vindo da garganta.

— Tudo bem — diz, soltando meu dedo, mas sua voz está repleta de apreensão. — Espere. — Ele se inclina para trás, levantando-me novamente, e retira a camisinha, deixando-a, sem a menor cerimônia, no chão ao lado da cama. — Odeio essas coisas. Estou pensando em chamar a Dra. Greene para dar uma injeção em você.

— E você acha que é só chamar, que a obstetra e ginecologista mais famosa de Seattle vai vir correndo?

— Posso ser muito persuasivo — murmura ele, colocando meu cabelo atrás da orelha. — Franco fez um ótimo trabalho. Gostei dessas camadas.

O quê?

— Pare de mudar de assunto.

Ele me puxa de volta, de modo que fico sentada sobre ele, recostada em seus joelhos erguidos, um pé de cada lado de seus quadris. Ele se reclina para trás, sobre os braços.

— Pode tocar à vontade — diz, sério. Parece nervoso, mas está tentando esconder.

Mantendo meus olhos fixos nos dele, ergo a mão e corro o dedo logo abaixo da linha de batom, ao longo de seus músculos abdominais finamente esculpidos. Ele recua e eu paro.

— Não tenho que fazer isso — sussurro.

— Não, tudo bem. Só preciso de uma... readaptação. Faz tempo que ninguém me toca — murmura ele.

— Mrs. Robinson? — As palavras saem espontâneas de minha boca, e, surpreendentemente, consigo afastar toda a amargura e o rancor de minha voz.

— Não quero falar dela. Só vai estragar seu bom humor — responde ele, balançando a cabeça, o desconforto aparente.

— Eu aguento.

— Não, você não aguenta, Ana. Você fica possessa toda vez que eu a menciono. Meu passado é meu passado. É um fato. Não posso mudá-lo. Tenho sorte que você não tenha um, porque eu ficaria louco se tivesse.

Faço uma cara feia, mas não quero brigar.

— Ficaria louco? Mais do que já é? — Sorrio, na esperança de aliviar o clima entre nós.

— Louco por você — sussurra ele e contrai os lábios.

Meu coração se incha de alegria.

— Quer que eu chame o Dr. Flynn?

— Acho que não vai ser necessário — diz ele secamente.

Chego meu corpo para trás, de modo que ele estica as pernas; coloco meus dedos novamente em sua barriga e os deixo percorrer

sua pele. Ele fica parado mais uma vez.

— Gosto de tocar em você.

Meus dedos descem até o umbigo e continuam, seguindo pelo caminho da felicidade. Ele abre os lábios e sua respiração se altera, os olhos escurecem e sua ereção se mexe debaixo de mim. *Caramba. Segunda rodada.*

— De novo? — murmuro.

— Ah, sim, Srta. Steele, de novo. — Ele sorri.

* * *

QUE JEITO DELICIOSO de passar uma tarde de sábado. Sob o chuveiro, tomo banho distraída, com cuidado para não molhar o cabelo preso, contemplando as últimas horas. Christian e baunilha parecem estar se dando muito bem, obrigada.

Ele revelou muito hoje. É desconcertante tentar assimilar todas as informações e refletir sobre o que descobri: os detalhes do salário dele... *Uau, ele é podre de rico, e para alguém tão jovem, é simplesmente extraordinário...* e as pastas que ele tem sobre minha vida e sobre a vida de todas as suas submissas morenas. Será que todas elas estão naquele arquivo?

Meu inconsciente pressiona os lábios e balança a cabeça... *Nem pense em ir até lá. Faço uma careta. Nem uma olhadinha?*

E então tem essa Leila — possivelmente com uma arma, solta por aí — e seu péssimo gosto musical ainda no iPod dele. Pior ainda, a pedófila Mrs. Robinson, não consigo entender essa mulher, e nem quero. Não quero que ela e aquele cabelo brilhoso sejam um espectro em nosso relacionamento. Ele tem razão, eu morro de raiva quando penso nela, então talvez seja melhor não pensar.

Saio do chuveiro, seco-me e, de repente, sou tomada por um ódio inesperado.

Mas quem não morreria de raiva? Que pessoa normal e em sã consciência faria aquilo com um garoto de quinze anos? Quanto será que ela contribuiu para a piração dele? Não consigo entendê-la. E, pior ainda, ele diz que ela o ajudou. Mas como?

Penso nas cicatrizes, a manifestação física e gritante de uma infância terrível e um lembrete revoltante das cicatrizes mentais que

ele deve carregar. Meu doce e triste Cinquenta Tons. Ele disse tantas coisas românticas hoje. *Ele é louco por mim.*

Olhando para o meu reflexo, lembro-me de suas palavras, meu coração enchendo-se mais uma vez, e meu rosto se transforma com um sorriso ridículo. Talvez a gente consiga fazer isso dar certo. Mas por quanto tempo até que ele queira me dar uma surra porque desrespeitei alguma linha arbitrária?

Meu sorriso se desfaz. Isso é o que eu não sei. É a nuvem que paira sobre nós. Umas trepadas sacanas, sim, eu posso fazer isso, e o que mais?

Meu inconsciente me encara impassível, dessa vez sem nenhuma crítica ou palavra de sabedoria para me oferecer. Volto para o quarto para me vestir.

Christian está se arrumando no primeiro andar, fazendo sei lá o quê, então tenho o quarto todo para mim. Além dos vestidos no closet, as gavetas estão cheias de lingerie nova. Escolho um espartilho preto com uma etiqueta que diz quinhentos e quarenta dólares. Ele tem um bordado de prata feito uma filigrana e a menor das calcinhas combinando. Pego também meias sete oitavos, cor da pele, uma seda tão fina, tão elegante. *Uau, elas são... provocantes... e bem sensuais.*

Estou me esticando para pegar o vestido quando Christian entra sem aviso. *Ei, você podia bater na porta!* Ele fica paralisado, olhando-me, os olhos cinzentos brilhando famintos. Sinto como se todo o meu corpo tivesse enrubescido. Ele está usando uma calça preta de terno e uma camisa branca, o colarinho aberto. E ainda posso ver a linha de batom. Continua me encarando.

— Precisa de alguma coisa, Sr. Grey? Imagino que você tenha algum propósito nessa visita além de ficar me encarando feito um bobo de boca aberta.

— Obrigado, Srta. Steele, mas estou me divertindo muito aqui, feito um bobo de boca aberta — murmura ele sombrio, entrando no quarto e se embevecendo com a minha visão. — Lembre-me de mandar um bilhete de agradecimento a Caroline Acton.

Franzo a testa. *Quem é essa?*

— A personal shopper da Neiman — acrescenta ele em resposta, embora eu não tenha formulado a pergunta em voz alta.

— Ah.

— Estou bastante distraído.

— Estou vendo. O que você quer, Christian? — Lanço-lhe um olhar de quem não está para brincadeiras.

Ele revida com seu sorriso torto e tira do bolso as bolas prateadas, pegando-me completamente desprevenida. Puta merda! Ele quer me bater? Agora? Por quê?

— Não é o que você está pensando — diz depressa.

— Esclareça — sussurro.

— Achei que você podia usar isto hoje à noite.

E as implicações dessa frase permanecem entre nós enquanto a informação é assimilada.

— Durante a festa? — Fico chocada.

Ele confirma lentamente com a cabeça, seus olhos escurecendo.

Meu Deus.

— Você vai me bater depois?

— Não.

Por um momento, sinto uma pontadinha fugaz de decepção. Ele ri.

— Quer que eu bata?

Engulo em seco. Simplesmente não sei.

— Bem, pode ter certeza de que não vou bater em você daquele jeito, nem que você implore.

Hum! Isso é novidade.

— Quer brincar disso? — continua ele, segurando as bolas. — Você pode tirá-las a qualquer momento, se for demais.

Olho para ele. Parece tão perversamente tentador... o cabelo despenteado pós-foda, os olhos escuros dançando com pensamentos eróticos, os belos lábios curvados num sorriso sensual e brincalhão.

— Está bem — concordo suavemente. *É isso aí!* Minha deusa interior recuperou a voz e está gritando aos quatro ventos.

— Boa menina. — Christian sorri. — Venha aqui, e eu vou colocá-las em você depois que calçar os sapatos.

Os sapatos? Viro-me e olho os saltos agulha de camurça cor de gelo que combinam com o vestido que escolhi para usar.

Faça o que ele está pedindo!

Ele estende a mão para me apoiar enquanto calço os sapatos Christian Louboutin, uma bagatela de três mil duzentos e noventa e cinco dólares. Eu devo estar, pelo menos, uns doze centímetros mais alta.

Ele me conduz até a beirada da cama e não se senta: caminha até a única cadeira do quarto e a pega, posicionando-a diante de mim.

— Quando eu acenar com a cabeça, você se abaixa e se segura na cadeira. Entendeu? — Sua voz soa áspera.

— Entendi.

— Ótimo. Agora abra a boca — ordena, a voz ainda baixa.

Eu obedeço, imaginando que ele vai enfiar as bolas na minha boca, para lubrificá-las. Mas não, ele enfia o indicador.

Ah...

— Chupe — diz ele.

Aperto sua mão, segurando-o firme e acatando suas ordens. Está vendo? Posso ser obediente, quando quero.

Ele tem gosto de sabonete... hum. Chupo com força, e sou recompensada ao ver seus olhos se arregalando e sua boca se abrindo ao inspirar. Desse jeito, não vou precisar de lubrificante nenhum. Ele coloca as bolas na boca enquanto chupo seu dedo, girando a língua ao redor dele. Quando ele tenta retirá-lo, cravo os dentes.

Ele sorri e balança a cabeça, advertindo-me, e eu o deixo tirar o dedo. Ele acena, e eu me abaixo, segurando nas laterais da cadeira. Christian puxa a minha calcinha para o lado e, bem devagar, desliza o dedo para dentro de mim, fazendo movimentos circulares, de forma que eu o sinto por todos os lados. Não consigo reprimir o gemido que me escapa dos lábios.

Ele retira o dedo momentaneamente e, com cuidado, insere as bolas, uma de cada vez, empurrando-as para dentro de mim. Uma vez que estão lá dentro, ele desliza minha calcinha de volta para o lugar e beija minha bunda. Correndo as mãos por minhas pernas, do tornozelo até a coxa, gentilmente me beija no alto de cada uma de minhas coxas.

— Você tem belas pernas, Srta. Steele — murmura.

De pé, ele me agarra pelo quadril e me puxa para ele. Sinto sua ereção.

— Talvez quando a gente voltar eu coma você desse jeito, Anastasia. Pode ficar de pé agora.

O peso das bolas subindo e descendo dentro de mim me deixa tonta, mais do que excitada. Atrás de mim, Christian se abaixa para beijar meu ombro.

— Comprei isto para você usar na festa de gala do sábado passado. — Ele passa os braços ao meu redor e estende a mão. Nela, repousa uma pequena caixa vermelha com o nome *Cartier* na tampa. — Mas você me deixou, então perdi a oportunidade.

Ah!

— Esta é a minha segunda chance — murmura ele, a voz embargada por alguma emoção desconhecida. Está nervoso.

Com cuidado, abro a caixa. Dentro brilha um par de brincos pendentes. Cada um com quatro diamantes, um na base, então um pequeno espaço e depois três diamantes pendurados e perfeitamente espaçados, um depois do outro. São lindos, simples e clássicos. O tipo de coisa que eu escolheria, se algum dia tivesse a oportunidade de fazer compras na Cartier.

— São lindos — sussurro, e porque representam uma segunda chance, eu os adoro. — Obrigada.

Ele relaxa junto ao meu corpo à medida que a tensão se dissipa, e beija meu ombro de novo.

— Você vai usar o vestido de cetim prateado? — pergunta.

— Vou. Tudo bem?

— Claro. Vou deixar você terminar de se arrumar. — E sai pela porta sem olhar para trás.

* * *

ENTREI EM UMA espécie de universo paralelo. A jovem que está me olhando do espelho merece um tapete vermelho. O vestido longo tomara que caia, de cetim prateado, é simplesmente deslumbrante. Talvez eu mesma escreva para Caroline Acton. É justo e realça as poucas curvas que tenho.

Meu cabelo cai em ondas suaves ao redor do rosto, escorrendo dos ombros até os seios. Num dos lados, passo-o por trás da orelha, revelando o brinco da segunda chance. Optei por manter uma maquiagem mínima, um visual mais natural. Delineador, rímel, um pouco de blush rosa e batom rosa pálido.

Na verdade, nem preciso de blush. Já estou levemente corada pelo movimento constante das bolas de prata. Sim, elas vão garantir um pouco de cor em meu rosto esta noite. Balançando a cabeça ao pensar na audácia das ideias eróticas de Christian, eu me abaixo para pegar meu lenço de cetim e minha carteira prateada e saio em busca de meu Cinquenta Tons.

Ele está conversando com Taylor e outros três homens no corredor, de costas para mim. Suas expressões de surpresa e admiração alertam Christian para minha presença. Ele se vira enquanto espero por ele, meio sem jeito.

Minha boca fica seca. Ele está lindo... Smoking preto, gravata-borboleta preta e uma expressão de assombro. Ele caminha na minha direção e beija meu cabelo.

— Anastasia. Você está de tirar o fôlego.

Fico vermelha com o elogio na frente de Taylor e dos outros homens.

— Uma taça de champanhe antes de irmos?

— Por favor — murmuro, muito rapidamente.

Christian acena para Taylor, que se dirige ao saguão com os três seguranças. Na sala de estar, pega uma garrafa de champanhe da geladeira.

— Equipe de segurança? — pergunto.

— Guarda-costas. Estão sob orientação de Taylor. Ele também é treinado nisso. — Christian me entrega uma taça de champanhe.

— Ele é muito versátil.

— Sim, é. — Christian sorri. — Você está linda, Anastasia. Saúde. — Ele ergue a taça e encosto a minha na dele. O champanhe tem um tom rosa pálido. E um sabor deliciosamente fresco e leve.

— Como você está se sentindo? — pergunta, os olhos em chamas.

— Ótima, obrigada. — Sorrio docemente, sem revelar nada, sabendo muito bem que ele está se referindo às bolas de prata.

Ele dá um sorrisinho.

— Tome, você vai precisar disto. — Ele me entrega uma bolsa grande de veludo que estava sobre a bancada da cozinha. — Abra — diz, entre goles de champanhe. Intrigada, enfio a mão na abertura e puxo uma intrincada máscara prateada com penas azul-cobalto e uma pluma no topo. — É um baile de máscaras — diz com naturalidade.

— Entendi.

A máscara é linda. Tem uma fita prateada costurada na ponta e uma filigrana de prata primorosa ao redor dos olhos.

— Vai realçar seus lindos olhos, Anastasia.

Sorrio para ele, timidamente.

— Você também vai usar uma?

— Claro. São muito libertadoras, de certa forma — acrescenta, levantando uma sobrancelha.

Hum. Isso vai ser divertido.

— Venha. Quero lhe mostrar uma coisa. — Estendendo a mão, Christian me conduz por um corredor e uma porta junto às escadas. Abre a porta, revelando um cômodo grande, mais ou menos do mesmo tamanho que o quarto de jogos, que deve estar bem acima de nós. Este é forrado de livros. *Uau*, uma biblioteca, cada uma das paredes repletas de livros do chão ao teto. No centro, uma mesa de sinuca iluminada por um longo abajur Tiffany triangular, em forma de prisma.

— Você tem uma biblioteca! — exclamo, admirada, tomada pela emoção.

— Sim, a sala da sinuca, como Elliot chama. O apartamento é bem grande. Quando você falou hoje de “explorar”, eu me dei conta de que nunca fiz um tour com você. Agora não temos tempo, mas pensei em lhe mostrar esta sala e, quem sabe, desafiá-la para uma partida de sinuca num futuro próximo.

Sorrio para ele.

— Combinado. — Isso me enche de alegria. José e eu fortalecemos nossa amizade em torno de uma mesa de sinuca.

Jogamos juntos há três anos. Sou craque no taco. José é um bom professor.

— O que foi? — pergunta Christian, divertindo-se.

Ai, eu realmente preciso parar de expressar todas as emoções que sinto no instante em que as sinto, repreendo-me.

— Nada — respondo depressa.

Christian estreita os olhos.

— Bem, talvez o Dr. Flynn possa descobrir seus segredos. Você vai encontrá-lo esta noite.

— O charlatão caro? — *Putá merda*.

— Ele mesmo. Está morrendo de vontade de conhecê-la.

* * *

CHRISTIAN SEGURA MINHA mão e acaricia suavemente meus dedos com o polegar quando nos sentamos na parte de trás do Audi, seguindo para o norte. Eu me contorço com a sensação em minha virilha. Resisto à vontade de gemer, já que Taylor está bem à frente, sem o iPod, ao lado de um dos seguranças que acho que se chama Sawyer.

Estou começando a sentir uma dor leve e agradável no fundo da barriga, causada pelas bolas. Distraída, pergunto-me quanto tempo vou ser capaz de aguentar sem um instante de, hum... alívio? Cruzo as pernas. E então, algo que estava no fundo de minha mente vem à tona.

— Onde você conseguiu o batom? — pergunto a Christian em voz baixa.

Ele sorri para mim e aponta para a frente.

— Taylor — gesticula com a boca.

Dou uma gargalhada.

— Ui. — E paro imediatamente... as bolas.

Mordo o lábio. Christian sorri para mim, os olhos brilhando maliciosamente. Ele sabe exatamente o que está fazendo, animal sexual que é.

— Relaxe — sussurra. — Se for demais... — sua voz diminui, e ele suavemente beija cada um de meus dedos, em seguida, suga com gentileza a ponta do mindinho.

Agora sei que está fazendo isso de propósito. Fecho os olhos enquanto um desejo sombrio toma conta do meu corpo. Eu me rendo brevemente à sensação, os músculos retesando-se dentro de mim.

Quando abro os olhos de novo, Christian está me fitando de perto, um príncipe sombrio. Deve ser o smoking e a gravata-borboleta, mas ele parece mais velho, sofisticado, um libertino devastadoramente lindo e com intenções licenciosas. Ele me tira o fôlego. Eu sou seu brinquedinho sexual, e, para falar a verdade, ele é o meu. O pensamento traz um sorriso ao meu rosto, e o sorriso de resposta que surge no dele é deslumbrante.

— Então, o que podemos esperar deste evento?

— Ah, o de sempre — diz Christian com desdém.

— Não para mim — lembro-o.

Christian sorri e mais uma vez beija com carinho minha mão.

— Um monte de gente esbanjando dinheiro. Leilão, rifa, jantar, dança... minha mãe sabe como dar uma festa. — Ele sorri, e pela primeira vez durante todo o dia, eu me permito ficar um pouco animada com a festa.

Há uma fila de veículos caros diante da mansão dos Grey. Lanternas de papel compridas e de um rosa pálido iluminam a entrada, e, à medida que nos aproximamos, de dentro do Audi, reparo que elas estão por toda parte. Na luz do fim do dia, parecem mágicas, como se estivéssemos adentrando um reino encantado. Olho para Christian. Muito adequado para o meu príncipe, e minha empolgação infantil floresce, suplantando todos os outros sentimentos.

— Hora de colocar a máscara. — Christian sorri, vestindo sua máscara preta simples, e o meu príncipe se torna mais sombrio, mais sensual.

Tudo o que posso ver de seu rosto é a linda boca e a mandíbula forte. Meu coração acelera com a simples visão dele. Coloco minha máscara e sorrio, ignorando o desejo profundo dentro de mim.

Taylor encosta o carro, e um manobrista abre a porta de Christian. Sawyer corre para abrir a minha.

— Pronta? — pergunta Christian.

— Tanto quanto é possível.

— Você está linda, Anastasia. — Ele beija minha mão e sai do carro.

Um tapete verde-escuro atravessa o gramado e segue ao longo da lateral da casa, conduzindo-nos ao impressionante jardim nos fundos. Christian passa o braço protetoramente em volta do meu corpo, descansando a mão em minha cintura, e seguimos o tapete verde junto a figurões da elite de Seattle vestindo suas melhores roupas e usando todos os tipos de máscaras, as lanternas iluminando o caminho. Dois fotógrafos guiam os convidados para posar diante de uma treliça coberta de heras.

— Sr. Grey! — chama um deles.

Christian acena para ele e me puxa para junto de si, enquanto posamos rapidamente para uma foto. Como eles sabem que é ele? O cabelo rebelde cor de cobre, só pode ser.

— Dois fotógrafos? — pergunto a Christian.

— Um é do *Seattle Times*, o outro é para produzir um souvenir. Nós vamos poder comprar uma cópia no final da festa.

Hum, minha foto vai aparecer nos jornais de novo. Por um instante, Leila invade meus pensamentos. Foi assim que ela me encontrou, após eu posar com Christian. A ideia é perturbadora, embora o fato de que estou irreconhecível debaixo dessa máscara seja reconfortante.

Ao final do tapete, garçons em ternos brancos carregam bandejas com taças transbordantes de champanhe, e fico feliz quando Christian me passa uma delas, distraíndo-me com eficiência dos pensamentos sombrios.

Nós nos aproximamos de uma grande pérgula branca adornada com versões menores das lanternas de papel. Sob ela, brilha uma pista de dança quadriculada em preto e branco e delimitada por uma cerca baixa com entradas em três dos lados. Em cada uma das entradas ostentam-se duas elaboradas esculturas de cisnes feitas de gelo. O quarto lado da pérgula é ocupado por um palco no qual um quarteto de cordas toca suavemente uma música melancólica e etérea que não reconheço. O palco parece preparado para receber uma *big band*, mas, como não há sinal dos músicos, imagino que seja para mais tarde. Segurando minha mão, Christian me conduz

entre os cisnes até a pista de dança onde os outros convidados estão reunidos, conversando e bebendo champanhe.

Na direção da baía há uma enorme tenda aberta no lado mais próximo de nós, e posso ver as mesas e cadeiras organizadas formalmente. *São tantas!*

— Quantas pessoas foram convidadas? — pergunto a Christian, assustada pelo tamanho da tenda.

— Acho que umas trezentas. Você vai ter que perguntar à minha mãe. — Ele sorri para mim.

— Christian!

Uma jovem aparece saindo da multidão e joga os braços ao redor de seu pescoço; e imediatamente sei que se trata de Mia. Ela está usando um vestido longo elegante de chiffon rosa-claro e uma elaborada máscara veneziana deslumbrante, combinando com o vestido. Está linda. Por um momento, sinto-me muito grata pelo vestido que Christian me deu.

— Ana! Ai, querida, você está linda! — Ela me dá um abraço rápido. — Você tem que conhecer minhas amigas. Nenhuma delas consegue acreditar que Christian finalmente tem uma namorada.

Dirijo um rápido olhar de pânico para Christian, que encolhe os ombros como quem diz eu-sei-que-ela-é-impossível-tive-que-conviver-com-ela-durante-anos, e deixo Mia me conduzir até um grupo de quatro jovens, todas vestidas com roupas caras e impecavelmente arrumadas.

Mia nos apresenta rapidamente. Três delas são simpáticas e gentis, mas uma, acho que se chama Lily, olha para mim de forma amarga por debaixo de sua máscara vermelha.

— Claro que todo mundo pensava que Christian era gay — diz ela, cheia de sarcasmo e escondendo o rancor num sorriso largo e falso.

— Lily, comporte-se — resmunga Mia para ela. — É evidente que ele tem um ótimo gosto para mulheres. Só estava esperando a pessoa certa aparecer, e não era você!

Lily fica da mesma cor que a máscara, assim como eu. Tem algo mais desconfortável que isso?

— Meninas, vocês se importam se eu roubar meu par de volta? — Passando o braço em volta de minha cintura, Christian me puxa

para junto de si.

Todas as quatro sorriem, enrubescem e se alvoroçam; é o sorriso deslumbrante de Christian fazendo o que sempre faz. Mia revira os olhos para mim, e tenho que rir.

— Prazer em conhecê-las — digo enquanto ele me arrasta para longe. — Obrigada — gesticulo com os lábios para Christian quando estamos a certa distância.

— Vi que Lily estava com Mia. Que criatura desagradável.

— Ela gosta de você — murmuro secamente.

Ele estremece.

— Bem, o sentimento não é recíproco. Venha, deixe-me apresentá-la a algumas pessoas.

Passo a meia hora seguinte em um turbilhão de apresentações. Conheço dois atores de Hollywood, mais dois CEOs e vários médicos importantes. *De jeito nenhum vou ser capaz de lembrar todos os nomes.*

Christian me mantém junto de si, e fico feliz por isso. Francamente, a riqueza, o glamour, as proporções e a luxuosidade do evento me intimidam. Nunca fui a nada parecido na vida.

Os garçons de branco movem-se sem esforço por entre a multidão crescente de convidados com garrafas de champanhe, enchendo minha taça com uma regularidade preocupante. *Não posso beber demais. Não posso beber demais*, repito para mim mesma, mas estou começando a me sentir meio zozza, e não sei se é o champanhe, a atmosfera carregada de mistério e excitação criada pelas máscaras, ou as bolas prateadas secretas. A dor silenciosa abaixo da minha cintura está se tornando impossível de ignorar.

— Então você trabalha na SIP? — pergunta um senhor careca que usa uma meia-máscara de urso... ou será um cachorro? — Ouvi rumores de uma aquisição hostil.

Fico vermelha. Sim, *houve* uma aquisição hostil, por parte de um homem que tem mais dinheiro do que noção e é um perseguidor por excelência.

— Sou só uma assistente, Sr. Eccles. Não saberia desse tipo de coisa.

Christian fica quieto e sorri tranquilamente para Eccles.

— Senhoras e senhores! — O mestre de cerimônias, vestindo uma impressionante máscara de arlequim preta e branca, nos interrompe. — Queiram tomar seus assentos. O jantar será servido.

Christian segura minha mão, e seguimos a multidão que vai conversando até a tenda.

O interior é deslumbrante. Três lustres enormes e baixos irradiam luzes coloridas sobre o forro de seda marfim do teto e das paredes. Deve haver, pelo menos, trinta mesas, e elas me lembram da sala de jantar privada do Hotel Heathman... taças de cristal, toalhas impecáveis de linho branco sobre as mesas e, no centro, um arranjo primoroso de peônias cor-de-rosa em torno de um candelabro de prata. Ao lado, uma cesta de guloseimas embrulhada em papel de seda.

Christian verifica a organização dos lugares e me leva até uma mesa no centro. Mia e Grace Trevelyan-Grey já estão sentadas, absortas numa conversa com um rapaz que não conheço. Grace está usando um vestido verde brilhante com uma máscara veneziana combinando. Está radiante, nem um pouco tensa, e me cumprimenta efusivamente.

— Ana, que bom ver você de novo! Está tão linda.

— Mãe — Christian a cumprimenta com austeridade, e eles trocam dois beijos.

— Ah, Christian, tão formal! — ela o repreende, provocando-o.

Os pais de Grace, o Sr. e a Sra. Trevelyan, juntam-se a nós na mesa. Parecem exuberantes e jovens, embora seja difícil dizer por causa das máscaras cor de bronze idênticas que estão usando. Estão muito felizes em ver Christian.

— Vovó, vovô, gostaria de apresentar Anastasia Steele.

A Sra. Trevelyan praticamente se joga em cima de mim.

— Ah, finalmente ele encontrou alguém, que maravilha, e você é tão bonita! Espero que dê em casamento — exclama, apertando minha mão.

Putá merda. Ainda bem que estou de máscara.

— Mãe, não deixe Ana sem graça — Grace me socorre.

— Não ligue para essa velha indiscreta, minha querida. — O Sr. Trevelyan aperta minha mão. — Ela acha que, só porque tem mais

idade, tem o direito divino de dizer qualquer disparate que passa por essa cabeça branca.

— Ana, este é Sean. — Mia apresenta timidamente seu jovem par. Ele me lança um sorriso caloroso, e seus olhos castanhos brilham com diversão quando apertamos as mãos.

— Prazer em conhecê-lo, Sean.

Christian aperta a mão de Sean, encarando-o astuciosamente. Não me diga que a pobre Mia também sofre com a arrogância de seu irmão. Sorrio para ela com simpatia.

Lance e Janine, amigos de Grace, são o último casal a se sentar à mesa, mas ainda não há nenhum sinal do Sr. Carrick Grey.

De repente, ouço o silvo de um microfone, e a voz do Sr. Grey no sistema de som toma conta do ambiente, fazendo com que o burburinho desapareça. Carrick está de pé em um pequeno palco numa das extremidades da tenda, usando uma impressionante máscara dourada de Punchinello.

— Bem-vindos, senhoras e senhores, ao nosso baile anual de caridade. Espero que vocês aproveitem o que preparamos para esta noite e que abram bem esses bolsos para ajudar o fantástico trabalho que a nossa equipe tem feito com a Superando Juntos. Como vocês sabem, trata-se de uma causa muito importante tanto para minha esposa como para mim.

Olho nervosa para Christian, que, acho, está encarando o palco impassível. Ele retribui o olhar e sorri.

— Agora vou passar a palavra para o nosso mestre de cerimônias. Por favor, sentem-se e aproveitem a noite — finaliza Carrick.

Após aplausos educados, o burburinho na tenda recomeça. Estou sentada entre Christian e seu avô, admirando o pequeno cartão branco com a caligrafia fina em tinta prateada que ostenta meu nome, enquanto um garçom acende o candelabro com uma vela longa. Carrick se junta a nós, surpreendendo-me com dois beijinhos.

— Bom ver você de novo, Ana — murmura. Ele está realmente muito bonito com sua extraordinária máscara dourada.

— Senhoras e senhores, por favor, escolham um representante em cada mesa — diz o mestre de cerimônias.

— Uh... eu, eu! — diz Mia imediatamente, quicando com entusiasmo em seu assento.

— No centro da mesa, vocês vão encontrar um envelope — continua o mestre. — Cada um de vocês deve arrumar, implorar, pedir emprestado ou roubar uma nota do valor mais alto possível, escrever o nome nela e colocá-la dentro do envelope. Os representantes da mesa, por favor, devem guardar esses envelopes com cuidado. Vamos precisar deles mais tarde.

Merda. Não trouxe dinheiro comigo. Que idiota... é um evento de caridade!

Christian pega a carteira e tira duas notas de cem dólares.

— Aqui — diz ele.

O quê?

— Devolvo depois — sussurro.

Ele contorce a boca, e sei que não está feliz, mas não argumenta. Assino o meu nome usando sua caneta-tinteiro — preta com motivos florais brancos na tampa —, e Mia passa o envelope pela mesa.

Na minha frente vejo outro cartão, também escrito com tinta prateada: o menu da noite.

BAILE DE MÁSCARAS EM APOIO À SUPERANDO JUNTOS
MENU

TARTARE DE SALMÃO COM CRÈME FRAÎCHE E
PEPINO SERVIDO EM TORRADA DE BRIOCHE
ALBAN ESTATE ROUSSANNE 2006

PEITO DE PATO SELVAGEM ASSADO,
PURÊ DE GIRASSOL-BATATEIRO,

CEREJAS ASSADAS COM TOMILHO E FOIE GRAS
CHÂTEAUNEUF-DU-PAPE VIEILLES VIGNES 2006
DOMAINE DE LA JANASSE

BOLO CHIFFON DE NOZES E COBERTURA DE AÇÚCAR CRISTALIZADO,
FIGOS EM CALDA, ZABAGLIONE, SORVETE DE BORDO
VIN DE CONSTANCE 2004 KLEIN CONSTANTIA

SELEÇÃO DE PÃES E QUEIJOS LOCAIS
ALBAN ESTATE GRENACHE 2006

CAFÉ E PETITS FOURS

Bem, está explicado o número de taças de cristal de tamanhos variados que preenchem o espaço à minha frente. Nosso garçom está de volta, oferecendo vinho e água. Atrás de mim, as aberturas da tenda pelas quais entramos estão sendo fechadas, e à nossa frente dois garçons erguem o toldo, revelando o pôr do sol sobre a baía Meydenbauer.

A vista é de tirar o fôlego: as luzes cintilantes de Seattle a distância e a calmaria alaranjada e sombria da baía refletindo o céu azul. Uau. É um cenário sereno e pacífico.

Dez garçons, cada um segurando um prato, surgem entre nossos assentos. Numa largada silenciosa, servem as entradas em completa sincronia, em seguida desaparecem novamente. O salmão parece delicioso, e percebo que estou faminta.

— Com fome? — murmura Christian de forma que só eu possa ouvir. Sei que ele não está se referindo à comida, e os músculos dentro de mim respondem.

— Muita — sussurro, ousadamente mirando seus olhos; ele entreabre os lábios e inspira.

Rá! Está vendo? Também sei brincar.

Imediatamente, o avô de Christian começa a conversar comigo. É um senhor incrível, orgulhoso da filha e dos três netos.

É estranho pensar em Christian quando criança. A memória de suas queimaduras me vem espontaneamente à cabeça, mas eu a

afasto depressa. Não quero pensar nisso agora, embora, ironicamente, elas sejam a razão por trás desta festa.

Queria que Kate estivesse aqui com Elliot. Ela iria se enturmar tão bem — o impressionante número de garfos e facas diante dela não a assustaria —, iria comandar a mesa. Eu a imagino disputando com Mia quem deveria ser a representante. A ideia me faz sorrir.

A conversa na mesa tem seus altos e baixos. Mia é divertida, como sempre, e praticamente ofusca o pobre Sean, que fica quieto a maior parte do tempo, como eu. A avó de Christian é a que mais fala. Também tem um senso de humor ácido, geralmente às custas do marido. Sinto um pouco de pena do Sr. Trevelyan.

Christian e Lance falam animadamente sobre um aparelho que a empresa de Christian está desenvolvendo, inspirado no conceito de E. F. Schumacher de que o Pequeno É Bonito. É difícil acompanhar. Christian parece decidido a capacitar comunidades carentes em todo o mundo usando tecnologia a corda: aparelhos que não precisam de eletricidade ou de baterias e requerem manutenção mínima.

Vê-lo tão à vontade é surpreendente. Ele é apaixonado e dedicado a melhorar a vida dos menos afortunados. Por meio de sua empresa de telecomunicações, está decidido a ser o primeiro no mercado a lançar um celular a corda.

Uau. Eu não tinha ideia. Quer dizer, eu sabia de sua paixão por alimentar o mundo, mas isso...

Lance parece incapaz de compreender o plano de Christian de distribuir a tecnologia sem patenteá-la. Pergunto-me vagamente como Christian conseguiu tanto dinheiro, sendo tão disposto a dar tudo de bandeja.

Durante o jantar, um fluxo constante de homens em smokings elegantes e máscaras escuras passa por nossa mesa, interessados em conhecer Christian, cumprimentá-lo e trocar amenidades. Ele me apresenta a alguns, mas não a todos. Fico intrigada, querendo saber como e por que ele faz a distinção.

Durante uma dessas conversas, Mia se debruça sobre a mesa e sorri para mim.

— Ana, você pode ajudar no leilão?

— Claro — respondo, muito animada.

No momento em que a sobremesa é servida, já anoiteceu, e eu me sinto realmente desconfortável. Preciso me livrar dessas bolas. Antes que eu possa pedir licença, o mestre de cerimônias aparece em nossa mesa, e com ele, se não estou enganada, vem a Srta. Europeia das Maria-Chiquinhas.

Qual é o nome dela? Hansel, Gretel... Gretchen.

Ela está de máscara, é claro, mas sei quem é porque não tira os olhos de Christian. Ela fica vermelha, e, em meu egoísmo, sinto-me mais do que feliz em ver que ele não parece nem notar sua presença.

O mestre de cerimônias pede o nosso envelope e, com um floreio muito praticado e espalhafatoso, pede a Grace que sorteie o vencedor. É Sean, e ele ganha a cesta embrulhada em papel de seda.

Aplauzo educadamente, mas estou achando impossível me concentrar em qualquer coisa.

— Com licença — murmuro para Christian.

Ele me olha atentamente.

— Você precisa ir ao toalete?

Concordo com a cabeça.

— Eu lhe mostro onde fica — diz ele, sombrio.

Quando me levanto, todos os homens da mesa se levantam comigo. *Nossa, quanta educação.*

— Não, Christian! Você não vai levar Ana... Deixe que eu vou.

Mia fica de pé antes que Christian possa protestar. Ele cerra a mandíbula, sei que está contrariado. Francamente, eu também estou. *Tenho... necessidades.* Dou de ombros, desculpando-me com ele, e ele se senta depressa, resignado.

Ao voltarmos, sinto-me um pouco melhor, embora o alívio de remover as bolas não tenha sido tão imediato quanto eu esperava. Agora elas estão guardadas na segurança de minha carteira.

Como eu pude achar que poderia aguentar a noite inteira? Ainda estou ardendo de desejo... talvez possa convencer Christian a me levar até o ancoradouro mais tarde. A ideia me faz corar, e lanço um olhar para ele enquanto me sento. Ele me encara, a sombra de um sorriso cruzando seus lábios.

Ufa... não está mais com raiva pela oportunidade perdida, embora eu talvez esteja. Sinto-me frustrada, irritada mesmo. Christian aperta minha mão, e nós ouvimos atentamente o discurso de Carrick, que voltou ao palco para falar da Superando Juntos. Christian me passa mais um cartão, com a lista dos prêmios em leilão. Dou uma olhada rápida.

ITENS E GENTIS DOADORES DO LEILÃO
PARA A SUPERANDO JUNTOS

BASTÃO DE BEISEBOL ASSINADO PELOS JOGADORES DO SEATTLE MARINERS
— DRA. EMILY MAINWARING

BOLSA, CARTEIRA E CHAVEIRO GUCCI — ANDREA WASHINGTON

CUPOM DE UM DIA GRÁTIS PARA DUAS PESSOAS NO ESCLAVA, BRAVERN
CENTER
— ELENA LINCOLN

PAISAGISMO E DECORAÇÃO DE JARDIM — GIA MATTEO

CAIXA COM SELEÇÃO DE PERFUMES E PRODUTOS DE BELEZA COCO DE MER
— ELIZABETH AUSTIN

ESPELHO VENEZIANO — SR. E SRA. J. BAILEY

DUAS CAIXAS DE VINHO ALBAN ESTATES À ESCOLHA — ALBAN ESTATES

DOIS INGRESSOS VIP PARA *XTY IN CONCERT* — SRA. L. YESYOV

CORRIDA AUTOMOBILÍSTICA EM DAYTONA — EMC BRITT INC.

PRIMEIRA EDIÇÃO DE *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN
— DR. A. F. M. LACE-FIELD

DIRIGIR UM ASTON MARTIN DB7 POR UM DIA — SR. & SRA. L.W. NORA

INTO THE BLUE, ÓLEO SOBRE TELA DE J. TROUTON — KELLY TROUTON

AULA DE PILOTAGEM EM PLANADOR
— SOCIEDADE DE PLANADORES DE SEATTLE

FIM DE SEMANA A DOIS NO HOTEL HEATHMAN, PORTLAND — HOTEL
HEATHMAN

FIM DE SEMANA EM ASPEN, COLORADO (PARA SEIS) — SR. C. GREY

UMA SEMANA A BORDO DO IATE *SUSIECUE* (SEIS LEITOS),
ATRACADO EM SANTA LÚCIA — DR. E SRA. LARIN

UMA SEMANA NO LAGO ADRIANA, MONTANA (PARA OITO) — SR. & DRA.
GREY

—

Putá merda. Olho assustada para Christian.

— Você tem uma propriedade em Aspen? — sussurro. O leilão já começou, então tenho que manter a voz baixa.

Ele faz que sim com a cabeça, surpreso e irritado, acho, com meu espanto. Com o dedo nos lábios, pede-me silêncio.

— Você tem mais algum imóvel? — pergunto.

Ele faz que sim de novo e inclina a cabeça, numa advertência.

O salão inteiro explode em gritos e aplausos, um dos prêmios foi vendido por doze mil dólares.

— Eu lhe conto depois — diz Christian em voz baixa. — Queria ter ido lá com você — acrescenta, aborrecido.

Bem, mas não foi. Fico amuada e percebo que ainda estou irritada, sem dúvida é o efeito frustrante das bolas. Meu humor piorou depois que vi o nome da Mrs. Robinson na lista de generosos doadores.

Olho ao redor, procurando por ela, mas não consigo identificar o cabelo revelador. Certamente Christian teria me avisado se ela tivesse sido convidada para a festa. Fico me remoendo, aplaudindo quando necessário, enquanto cada lote é vendido por quantias chocantes.

O leilão passa para o fim de semana na casa de Christian, em Aspen, e já chegou a vinte mil dólares.

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas — grita o mestre de cerimônias.

E então, não sei o que dá em mim, mas de repente ouço minha própria voz soar claramente por sobre a multidão.

— Vinte e quatro mil dólares!

Cada uma das máscaras na mesa se vira para mim, com espanto, e a maior reação de todas vem do meu lado. Ouço sua inspiração profunda e sinto sua ira me dominar como uma onda.

— Vinte e quatro mil dólares, para a bela senhorita de vestido prata, dou-lhe uma, dou-lhe duas... Vendido!

CAPÍTULO SETE

Puta merda, eu realmente fiz isso? Deve ser o álcool. Tomei champanhe e quatro taças de quatro vinhos diferentes. Dou uma olhada em Christian, que está ocupado aplaudindo.

Droga, ele vai ficar com tanta raiva, e estamos nos dando tão bem. Meu inconsciente finalmente decide dar as caras, e parece o sujeito do quadro *O grito*, de Edvard Munch.

Christian se debruça em minha direção, um enorme sorriso falso plantado na cara. Ele me dá um beijo na bochecha e se aproxima do meu ouvido para sussurrar numa voz muito fria e controlada:

— Não sei se caio de joelhos em adoração por você ou se lhe dou umas boas palmadas.

Ah, eu sei o que eu quero neste exato instante. Ergo o olhar para ele, piscando através da máscara. Queria poder ler seus olhos.

— Opção dois, por favor. — Suspiro, tomada por um frenesi, à medida que os aplausos vão morrendo.

Ele entreabre os lábios e inspira fundo. *Ah, essa boca maravilhosa... eu quero ela em mim, agora.* Anseio por ele. Ele me lança um sorriso radiante e sincero que me tira o fôlego.

— Está sofrendo, é? Vamos ver o que podemos fazer a respeito — murmura, correndo os dedos ao longo do meu queixo.

Seu toque ressoa fundo dentro de mim, lá onde aquela dor surgiu e cresceu. Quero pular em cima dele aqui e agora, mas nós ficamos sentados e assistimos ao leilão do lote seguinte.

Mal consigo ficar parada. Christian passa o braço ao redor de mim, acariciando ritmicamente minhas costas com o polegar, provocando arrepios deliciosos por minha coluna. Sua mão livre segura a minha e a leva até os lábios, e então a pousa em seu colo.

Lenta e sorrateiramente, de forma que eu não perceba seu jogo até que seja tarde demais, ele conduz minha mão ao longo de sua coxa até sua ereção. Engasgo, e meus olhos correm a mesa em

pânico; no entanto, todos estão atentos ao palco. *Ainda bem que estou de máscara.*

Aproveitando-me totalmente, acaricio-o de mansinho, deixando meus dedos explorarem. Christian mantém a mão sobre a minha, encobrindo meus ousados dedos, enquanto seu polegar brinca suavemente em minha nuca. Ele abre a boca num leve suspiro, e é a única reação a meu toque inexperiente que consigo notar. Mas significa muito. Ele me quer. Todos os músculos abaixo do meu umbigo se contraem. Está ficando insuportável.

Uma semana no lago Adriana, em Montana, é o último item do leilão. É claro que o Sr. e a Dra. Grey têm uma casa em Montana, e os lances sobem rapidamente, mas mal reparo no que está acontecendo. Eu o sinto crescer sob meus dedos, e isso me faz sentir tão poderosa.

— Vendido, por cento e dez mil dólares! — declara, vitorioso, o mestre de cerimônias.

Todos aplaudem, e, relutante, eu os acompanho, e Christian também, estragando nossa diversão.

Ele se vira para mim e sua boca se contrai.

— Pronta? — gesticula com os lábios por sobre o barulho das pessoas.

— Pronta — gesticulo de volta.

— Ana! — chama Mia. — Está na hora!

O quê? Não. De novo, não!

— Hora de quê?

— O leilão da primeira dança. Venha! — Ela se levanta e estende a mão.

Olho para Christian, que está, acho, fazendo uma cara feia para Mia, e não sei se choro ou se rio, mas é o riso que vence. Eu me deixo levar por uma onda catártica de gargalhadas infantis, enquanto somos mais uma vez detidos pelo furacão alto e cor-de-rosa que é Mia Grey. Christian olha para mim e, depois de um instante, vejo um rastro de sorriso em seus lábios.

— A primeira dança é minha, viu? E não vai ser na pista — murmura ele lascivamente em minha orelha.

Minhas risadas se acalmam à medida que a expectativa alimenta as chamadas de meu desejo. *Ah, sim!* Minha deusa interior dá uma

pirueta tripla em seus patins.

— Mal posso esperar. — Eu me inclino e deixo um beijo comportado e leve em seus lábios.

Olhando ao redor, percebo que os outros convidados da mesa estão espantados. É claro, nunca viram Christian com uma namorada antes.

Ele abre um amplo sorriso. E parece... feliz.

— Venha, Ana — insiste Mia.

Pego sua mão estendida e a sigo até o palco, onde outras dez jovens se reuniram, e percebo, um tanto inquieta, que Lily está entre elas.

— Senhores, o ponto alto da noite! — exclama o mestre de cerimônias por sobre o burburinho de vozes. — O momento pelo qual todos vocês estavam esperando! Essas doze lindas jovens concordaram em vender sua primeira dança pelo lance mais alto!

Ah, não. Fico vermelha da raiz do cabelo até o dedinho do pé. Eu não tinha entendido que era isso. Que humilhante!

— É por uma boa causa — sussurra Mia para mim, percebendo meu desconforto. — Além do mais, Christian vai ganhar. — Ela revira os olhos. — Não consigo imaginá-lo deixando alguém dar um lance mais alto que o dele. Ele não tirou os olhos de você a noite toda.

Isso, concentre-se na boa causa, e Christian vai ganhar, com certeza. Afinal de contas, não é como se a grana estivesse curta para ele.

Mas isso significa gastar mais dinheiro com você!, meu inconsciente rosna para mim. Mas eu não quero dançar com mais ninguém — eu não posso dançar com mais ninguém —, e ele não está gastando dinheiro comigo, está doando para caridade. *Que nem os vinte e quatro mil dólares que ele já gastou?* Meu inconsciente estreita os olhos.

Merda. Acho que me deixei levar por um lance impulsivo. Por que estou discutindo comigo mesma?

— Agora, senhores, por favor aproximem-se e deem uma boa olhada naquela que pode ser a sua primeira dança de hoje: doze jovens doces e graciosas.

Meu Deus! Estou me sentindo num açougue. Observo, horrorizada, enquanto pelo menos vinte homens andam na direção do palco, Christian entre eles, caminhando com elegância por entre as mesas e parando uma vez ou outra para cumprimentar alguém. Uma vez que todos se reuniram, o mestre de cerimônias começa.

— Senhoras e senhores, seguindo a tradição do baile de máscaras, vamos manter o mistério por trás dos disfarces e revelar apenas o primeiro nome. Para começar, temos a jovem Jada.

Jada está gargalhando feito uma colegial. Talvez eu não esteja assim tão deslocada. Ela está usando um vestido longo de tafetá azul-marinho e máscara combinando. Dois rapazes se aproximam em expectativa. Sorte dela.

— Jada fala japonês fluente, é habilitada para pilotar aviões de caças e é ginasta olímpica... hum — O mestre de cerimônias pisca para a multidão. — E então, senhores, qual é o lance?

Jada arqueja, surpreendida pela apresentação; é claro que ele está inventando tudo. Ela se volta para os dois candidatos e sorri, tímida.

— Mil dólares! — grita um deles.

Muito rapidamente o lance sobe para cinco mil dólares.

— Dou-lhe uma... dou-lhe duas... vendida! — declara o mestre de cerimônias a plenos pulmões — ...para o rapaz de máscara! — É claro, como todos estão de máscara, a multidão ri, grita e aplaude. Jada dá um sorriso radiante para o seu comprador e rapidamente deixa o palco.

— Está vendo? É divertido! — sussurra Mia. — Só espero que Christian ganhe você... A gente não vai querer uma briga, não é? — acrescenta ela.

— Uma briga? — pergunto, horrorizada.

— Ah, é. Ele era muito esquentadinho quando era mais novo. — Ela estremece.

Christian arrumando briga? O refinado e sofisticado Christian, que adora música coral da época Tudor? Não consigo imaginar. O mestre de cerimônias me distrai com a apresentação seguinte: uma jovem de vestido vermelho e cabelo muito preto e longo.

— Senhores, eu lhes apresento a maravilhosa Mariah. O que vamos fazer com Mariah? Ela é uma toureira experiente, toca

violoncelo tão bem que poderia integrar qualquer orquestra e é campeã de salto com vara... e então, senhores? Qual vai ser o lance para uma dança com a encantadora Mariah?

Mariah olha para o mestre de cerimônias.

— Três mil dólares! — grita bem alto um mascarado de cabelo e barba louros.

Mais um lance, e Mariah é vendida por quatro mil dólares.

Christian me observa feito um gavião. Sr. Briguento Trevelyan-Grey... quem diria?

— Quando?

Mia me olha, confusa.

— Em que época Christian era esquentadinho?

— No início da adolescência. Levou nossos pais à loucura, voltava para casa com o lábio cortado, o olho roxo. Foi expulso de dois colégios. Machucava feio os adversários.

Fico boquiaberta.

— Ele não contou para você? — Ela suspira. — Tinha uma péssima reputação entre os meus amigos. Foi mesmo *persona non grata* por alguns anos. Mas depois parou, quando completou uns quinze, dezesseis anos. — Ela dá de ombros.

Minha nossa. Mais uma peça do quebra-cabeça que se encaixa.

— Então, qual vai ser o lance para a exuberante Jill?

— Quatro mil dólares — grita uma voz grave à direita. Jill guincha de emoção.

Paro de prestar atenção ao leilão. Então Christian teve problemas na escola, brigas. Pergunto-me por quê. Olho para ele. Lily está nos observando com atenção.

— E agora, deixe-me apresentar a bela Ana.

Ai, merda, sou eu. Olho nervosa para Mia e ela me empurra para o centro do palco. Graças a Deus eu não caio, mas fico morrendo de vergonha diante do público. Quando vejo Christian, ele está sorrindo para mim. Filho da mãe.

— A bela Ana toca seis instrumentos musicais, fala mandarim fluentemente e é adepta da ioga... muito bem, senhores — e antes que ele possa terminar a frase, Christian o interrompe, encarando-o através da máscara:

— Dez mil dólares.

Ouço Lily arquejar de incredulidade atrás de mim. *Putá merda.*

— Quinze.

O quê? Todos nos viramos para um homem alto e impecavelmente vestido, de pé à esquerda do palco. Pisco para Christian. Merda, o que ele vai fazer agora? Mas ele está coçando o queixo e lançando um olhar irônico para o estranho. Está claro que o conhece. O estranho acena educadamente para ele.

— Bem, senhores! É uma noite de lances altos.

A empolgação do mestre de cerimônias emana de sua máscara de arlequim quando ele se vira com um sorriso para Christian. É um espetáculo e tanto, mas à minha custa. Estou com vontade de chorar.

— Vinte — acrescenta Christian calmamente.

O burburinho do público cerrou. A esta altura, todos estão de olho em mim, em Christian e no Sr. Misterioso ao lado do palco.

— Vinte e cinco — diz o estranho.

Isso poderia ser mais constrangedor.

Christian o encara impassível, mas achando graça. Todos os olhos estão nele. O que ele vai fazer? Meu coração está saindo pela boca. Estou enjoada.

— Cem mil dólares — diz ele, alto e bom som, para toda a tenda ouvir.

— Que merda é essa? — resmunga Lily atrás de mim, e um suspiro de assombro e diversão percorre o público.

O estranho ergue a mão em sinal de derrota, rindo, e Christian sorri afetadamente em resposta. Do canto do olho vejo Mia quicando de felicidade.

— Cem mil dólares pela formosa Ana! Dou-lhe uma... dou-lhe duas... — Ele encara o estranho, que balança a cabeça num pesar simulado e acena com um galanteio. — Vendida! — grita o mestre de cerimônias em triunfo.

Em meio a uma salva de aplausos e gritos, Christian estende a mão para me ajudar a sair do palco. Ele me olha com um sorriso divertido enquanto eu desço e beija as costas de minha mão antes de colocá-la em seu braço e me conduzir para fora da tenda.

— Quem era? — pergunto.

— Alguém que você pode conhecer mais tarde. — Ele olha para mim. — Agora, quero lhe mostrar uma coisa. Temos uns trinta minutos até que o leilão da primeira dança termine. Depois, teremos que estar de volta à pista para que eu possa desfrutar da dança pela qual paguei.

— Uma dança caríssima — murmuro em desaprovação.

— Tenho certeza de que vai valer cada centavo. — Ele sorri para mim perversamente. Ah, ele tem um sorriso maravilhoso, e a dor está de volta, tomando conta de meu corpo.

Estamos no gramado. Achei que íamos para o ancoradouro, mas, infelizmente, parece que estamos seguindo para a pista de dança onde a *big band* já começa a se preparar. São pelo menos vinte músicos, e alguns convidados estão perambulando, fumando discretamente. Mas, como a maior parte da ação ainda acontece na tenda, não atraímos muita atenção.

Christian me leva para os fundos da casa e abre uma porta que dá para uma sala de estar confortável que nunca vi antes. Ele atravessa a sala vazia a caminho de uma escada em espiral com um elegante corrimão de madeira. Tirando minha mão de seu braço, conduz-me até o segundo andar e depois por mais um lance de escadas, até o terceiro. Abre uma porta branca e entramos em um dos quartos da casa.

— Este era o meu quarto — diz, em voz baixa, de pé junto da porta, trancando-a atrás de si.

É um cômodo grande, inóspito e com pouca mobília. As paredes são brancas, assim como os móveis; uma cama de casal, uma escrivaninha com uma cadeira, prateleiras cheias de livros e troféus, ao que parece, de kickboxing. Nas paredes, pôsteres de filmes: *Matrix*, *O clube da luta*, *O show de Truman* e dois pôsteres enquadrados com fotos de lutadores. Um deles se chama Giuseppe DeNatale — nunca ouvi falar.

Mas o que me chama a atenção é um mural de cortiça sobre a escrivaninha, salpicado de fotos, flâmulas dos Mariners e canhotos de bilhetes. É um pedaço do jovem Christian. Meus olhos se voltam para o homem maravilhoso agora de pé no centro do quarto. Ele me fita com olhos sombrios, taciturnos e sensuais.

— Nunca trouxe uma garota aqui — murmura.

— Nunca? — pergunto num sussurro.

Ele balança a cabeça.

Engulo em seco, e a dor que vinha me incomodando nas últimas horas agora está berrando, implacável e ardente. Vê-lo aqui, de pé, no carpete azul-marinho, usando essa máscara... é para lá de erótico. Eu o quero. Agora. De qualquer jeito. Tenho que me segurar para não me jogar em cima dele e rasgar suas roupas. Ele caminha em minha direção, fazendo um lento passo de valsa.

— Não temos muito tempo, Anastasia, e do jeito que estou me sentindo neste instante, não precisamos de muito tempo. Vire de costas. Deixe-me tirar esse vestido.

Eu me viro e encaro a porta, agradecida pelo fato de que esteja trancada. Inclinando-se sobre mim, ele sussurra baixinho em meu ouvido:

— Fique de máscara.

Solto um gemido, e meu corpo se enrijece em resposta. Ele nem me tocou ainda.

Ele segura a parte de cima do meu vestido, os dedos deslizando pela minha pele, e o toque reverbera por todo meu corpo. Com um movimento rápido, abre o zíper. Segurando o vestido, ele me ajuda a sair dele, depois se vira e, com cuidado, dobra-o sobre uma cadeira. Tira o paletó e o ajeita sobre meu vestido. E então me olha por um momento, sorvendo-me. Estou com o espartilho e a calcinha combinando, e me deleito com seu olhar sensual.

— Sabe, Anastasia — diz ele gentilmente e caminha em minha direção, soltando a gravata, que fica pendendo ao redor de seu pescoço, e abrindo o botão mais alto da camisa. — Fiquei com tanta raiva quando você comprou o meu item no leilão. As mais variadas ideias invadiram a minha mente. Eu tive de lembrar a mim mesmo que punição é uma carta fora do baralho. Mas aí você veio e se ofereceu. — Ele me encara através da máscara. — Por que fez isso? — sussurra.

— Eu me ofereci? Não sei. Frustração... excesso de álcool... uma boa causa — gaguejo, submissa, encolhendo os ombros. Talvez para atrair a atenção dele?

Eu precisava dele naquele instante. Preciso mais ainda agora. A dor aumentou, e sei que ele pode amenizá-la, acalmar esse grito,

esse monstro salivante que tenho dentro de mim, com o monstro dentro dele. Ele aperta a boca numa linha fina e, bem devagar, umedece o lábio superior. Quero essa língua em mim.

— Eu jurei a mim mesmo que não bateria em você de novo, nem que você me implorasse.

— Por favor — imploro.

— Mas então eu me dei conta de que você estava provavelmente muito desconfortável naquele momento, e que não está acostumada com isso. — Ele abre um sorriso cúmplice, cretino, arrogante, mas não ligo, porque ele está absolutamente certo.

— Isso. — Expiro.

— Então, talvez haja certa... liberdade. Se eu for fazer isso, você tem que me prometer uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Você vai usar a palavra de segurança se precisar dela, e eu só vou fazer amor com você, tudo bem?

— Tudo. — Estou ofegante. Quero as mãos dele em mim.

Ele inspira, e então pega minha mão e caminha até a cama. Jogando o edredom de lado, ele se senta, pega um travesseiro e o coloca junto ao corpo. Olha para mim, de pé diante dele, e, de repente, puxa meu braço com força, de forma que caio no colo dele. Ele tira o corpo para que eu fique deitada na cama, meu peito sobre o travesseiro, a cabeça de lado. Debruçando-se, ele tira meu cabelo dos ombros e corre os dedos pelas plumas de minha máscara.

— Coloque as mãos para trás — murmura.

Ah! Ele tira a gravata-borboleta e a usa para amarrar rapidamente meus pulsos nas costas, junto da curva da coluna.

— Você quer mesmo isso, Anastasia?

Fecho os olhos. Essa é a primeira vez desde que o conheci que realmente quero. Preciso disso.

— Quero — respondo.

— Por quê? — pergunta ele baixinho, acariciando minha bunda com a palma da mão.

Gemo só de sentir o contato de sua mão em minha pele. *Não sei por quê... Você me disse para não pensar demais. Depois de um dia como o de hoje... discutir a respeito de dinheiro, Leila, Mrs. Robinson, meu arquivo, o mapa feito de batom, esta festa*

extravagante, as máscaras, o álcool, as bolas prateadas, o leilão... Eu quero.

— Preciso de um motivo?

— Não, baby — diz ele. — Só estou tentando entender você.

Sua mão esquerda envolve minha cintura, mantendo-me firme no lugar, enquanto a palma de sua mão direita pousa com força logo acima das minhas coxas. A dor da palmada se conecta diretamente com a dor dentro de mim.

Minha nossa... Solto um gemido alto. Ele me bate de novo, exatamente no mesmo lugar. Outro gemido.

— Dois — murmura. — Vamos até o doze.

Meu Deus! Desta vez a sensação é diferente: é tão carnal, tão... urgente. Ele acaricia minha bunda com seus longos dedos, e estou impotente, amarrada e pressionada contra o colchão, à mercê dele, e por vontade própria. Ele me bate de novo, um pouquinho mais para o lado, e de novo, do outro lado, e então para e tira minha calcinha bem devagar. Com gentileza, acaricia minha bunda com a palma da mão, antes de continuar a me bater, cada tapa ardente desbastando o meu desejo — ou alimentando-o, não sei. Eu me entrego ao ritmo das palmadas, absorvendo cada uma delas, saboreando-as.

— Doze — murmura ele em sua voz grave e rígida. E acaricia minha bunda de novo, correndo os dedos até meu sexo e, lentamente, enfia dois dedos dentro de mim, movendo-os em círculos, de novo e de novo e de novo, torturando-me.

Solto um gemido alto, meu corpo se apoderando de mim, e eu gozo, contorcendo-me em torno de seus dedos. É tão intenso, inesperado e rápido.

— Muito bem, baby — murmura, condescendente. Ele solta meus pulsos, mantendo os dedos dentro de mim enquanto permaneço deitada por cima dele, exausta, ofegante. — Ainda não terminei com você, Anastasia — diz e se vira, sem tirar os dedos de mim. Pousa meus joelhos no chão, de forma que fico debruçada na cama, se ajoelha atrás de mim e abre o zíper. Tira os dedos de dentro de mim, e eu ouço o já conhecido barulho de papel laminado sendo rasgado. — Abra as pernas — rosna, e eu obedeço. Ele acaricia minha bunda e desliza para dentro de mim. — Isso não vai

demorar — murmura e, segurando meus quadris, sai e entra de novo com força.

— Ah! — grito, mas a sensação de plenitude é divina.

Ele está atingindo em cheio o ponto da minha dor, de novo e de novo, erradicando-a a cada investida suave e cortante. A sensação é inebriante, exatamente o que preciso. Eu me mexo na direção dele, os dois investindo um contra o outro.

— Ana, não — geme ele, tentando me manter parada. Mas eu quero mais, e me esfrego nele, mantendo o ritmo. — Ana. Merda! — sussurra ele e goza, e seu murmúrio torturado desencadeia um segundo orgasmo, um gozo de cura que se prolonga, saindo de mim à força e me deixando exausta e sem fôlego.

Christian se debruça para a frente e me beija no ombro, e então sai de dentro de mim. Passando os braços ao meu redor, descansa a cabeça em minhas costas, e ficamos ali, ambos ajoelhados junto à cama, por quanto tempo? Segundos? Minutos, talvez, até que nossas respirações se acalmam. A dor em minha barriga desapareceu, e tudo o que eu sinto é uma serenidade consoladora e satisfatória.

Christian se mexe e beija minhas costas.

— Acho que você me deve uma dança, Srta. Steele — murmura.

— Hum — respondo, saboreando a ausência de dor e me deleitando de júbilo.

Ele se senta sobre os calcanhares e me puxa da cama para junto de si.

— Não temos muito tempo. Vamos. — Ele beija meu cabelo e me força a ficar de pé.

Resmungo, mas me sento na cama e pego a calcinha do chão, vestindo-a. Preguiçosamente, caminho até a cadeira para pegar o vestido e reparo que não tirei os sapatos durante nosso encontro secreto. Christian já se arrumou e ajeitou a cama, e está dando o nó na gravata.

Enquanto coloco o vestido, dou uma olhada nas fotografias do quadro de cortiça. Mesmo como um adolescente noturno, Christian já era lindo: com Elliot e Mia na rampa de esqui; sozinho em Paris, o Arco do Triunfo indicando a localização da foto; em Londres; Nova

York; no Grand Canyon; diante do Opera House de Sydney; até na muralha da China. O Sr. Grey já era viajado quando jovem.

Há também entradas para diversos shows: U2, Metallica, The Verve, Sheryl Crow, Filarmônica de Nova York tocando *Romeu e Julieta*, de Prokofiev — que mistura eclética! E no canto, uma foto três por quatro de uma jovem. Em preto e branco. Ela me parece familiar, mas por mais que eu tente, não consigo identificar quem é. Graças a Deus, não é Mrs. Robinson.

— Quem é essa? — pergunto.

— Ninguém importante — murmura ele, vestindo o paletó e ajeitando a gravata. — Posso fechar o seu zíper?

— Então por que ela está no seu quadro de fotos?

— Um descuido de minha parte. Como está a minha gravata? — Ele ergue o queixo, feito um menino, e eu sorrio e ajeito para ele.

— Agora está perfeita.

— Como você — sussurra ele, e me segura, beijando-me com fervor. — Está se sentindo melhor?

— Muito, obrigada, Sr. Grey.

— O prazer é todo meu, Srta. Steele.

* * *

OS CONVIDADOS ESTÃO se reunindo na pista de dança. Christian sorri para mim — chegamos bem a tempo — e me conduz até a pista quadriculada.

— E agora, senhoras e senhores, é hora da primeira dança. Sr. e Dra. Grey, estão prontos? — Carrick faz que sim com a cabeça, o braço ao redor de Grace. — Senhoras e senhores do leilão da primeira dança, todos prontos? — Todos acenamos com a cabeça. Mia está com alguém que não reconheço. O que será que aconteceu com Sean? — Então, vamos começar. É com você, Sam!

Um jovem rapaz caminha até o palco em meio a aplausos calorosos, vira-se para a banda atrás de si e estala os dedos. Os acordes familiares de “I’ve Got You Under My Skin” preenchem a noite.

Christian sorri para mim, pega-me em seus braços e começa a me conduzir. Ah, ele dança tão bem, é fácil seguir. Nós sorrimos um

para o outro, feito dois bobos, enquanto ele me gira pela pista.

— Adoro essa música — murmura ele, olhando-me nos olhos. — Parece muito apropriada. — Ele não está mais rindo, ficou sério.

— Você também está sob a minha pele — respondo. — Ou estava, lá no seu quarto.

Ele pressiona os lábios, mas não consegue disfarçar que está se divertindo.

— Srta. Steele — adverte-me de brincadeira —, eu não tinha ideia de que você podia ser tão vulgar.

— Nem eu, Sr. Grey. Acho que são minhas experiências recentes. Foram muito educativas.

— Para nós dois. — Christian está sério de novo, e poderíamos ser só os dois e a banda ali. Estamos em nossa própria bolha.

Quando a música termina, aplaudimos. O cantor, Sam, se curva em agradecimento e apresenta a banda.

— A senhorita me concederia a próxima dança?

Reconheço o homem que fez as ofertas em mim durante o leilão. Relutante, Christian me solta, mas parece achar graça também.

— Fique à vontade. Anastasia, este é John Flynn. John, Anastasia.

Merda!

Christian sorri e se encaminha para fora da pista.

— Como vai, Anastasia? — pergunta Dr. Flynn suavemente, e eu reparo que ele é inglês.

— Oi — gaguejo.

A banda começa outra música, e Dr. Flynn me segura em seus braços. Ele parece muito mais jovem do que eu imaginava, embora eu não consiga ver seu rosto. Está usando uma máscara parecida com a de Christian. É alto, mas não tanto quanto Christian, nem se move com a mesma elegância.

O que posso perguntar a ele? Por que Christian é tão maluco? Por que ele ofereceu um lance para dançar comigo? É a única coisa que quero saber, mas, de alguma forma, parece grosseiro.

— Fico feliz de finalmente poder conhecê-la, Anastasia. Está se divertindo? — pergunta ele.

— Estava — suspiro.

— Ah. Espero que eu não seja o responsável por essa mudança de sentimento. — Ele me lança um sorriso cálido e ligeiro que me deixa mais à vontade.

— Você é o psicólogo, Dr. Flynn. Você é quem deve me dizer. Ele sorri.

— Esse é o problema, não é? O fato de eu ser psicólogo?

Dou um risinho.

— Tenho medo do que posso lhe revelar, então me sinto um pouco encabulada e intimidada. E, na verdade, tudo o que quero fazer é perguntar a respeito de Christian.

— Primeiro, estamos numa festa. — Ele sorri. — Portanto, não estou trabalhando. — Sussurra em tom conspiratório. — E segundo, eu realmente não posso falar de Christian com você. Além do mais, ficaríamos aqui até o Natal — brinca ele.

Arquejo, chocada.

— É uma piada de psicólogo, Anastasia.

Fico vermelha, envergonhada, e então me sinto ligeiramente ressentida. Ele está fazendo uma piada a respeito de Christian.

— Você acaba de confirmar o que eu venho dizendo para ele... que você é um charlatão muito caro — repreendo-o.

— Talvez você tenha um pouco de razão nesse ponto — Dr. Flynn solta uma gargalhada.

— Você é inglês?

— Sim. De Londres, originalmente.

— Como veio parar aqui?

— Uma circunstância fortuita.

— Você não revela muito, não é?

— Não tenho muito a revelar. Sou uma pessoa maçante, na verdade.

— Isso é bem autodepreciativo.

— É um traço inglês. Faz parte de nossa identidade nacional.

— Ah.

— E eu poderia acusá-la da mesma coisa, Anastasia.

— Está dizendo que também sou uma pessoa maçante, Dr. Flynn?

— Não, Anastasia. — Ele ri com desdém. — Que você não revela muita coisa.

— Não tenho muito a revelar. — Sorrio.

— Honestamente, duvido. — Ele franze a testa de modo inesperado.

Fico vermelha, mas a música termina e Christian está de volta ao meu lado. Dr. Flynn me solta.

— Foi um prazer conhecê-la, Anastasia. — Ele me lança um sorriso caloroso e eu me sinto como se tivesse passado numa espécie de teste secreto.

— John. — Christian acena para ele.

— Christian. — Dr. Flynn acena de volta, vira-se e desaparece na multidão.

Christian me puxa para junto de si, para a próxima dança.

— Ele é muito mais jovem do que eu esperava — murmuro. — E terrivelmente indiscreto.

— Indiscreto? — Christian inclina a cabeça.

— Ah, sim, ele me contou tudo — brinco com ele.

Christian fica tenso.

— Bom, nesse caso, vou pegar sua bolsa. Imagino que você não queira mais nada comigo — diz de mansinho.

Eu paro.

— Ele não me contou nada! — Minha voz sai cheia de pânico.

Christian pisca antes de o alívio tomar seu rosto. Ele me puxa para seus braços de novo.

— Então, vamos aproveitar esta dança. — Ele me olha, confortando-me e me fazendo rodopiar.

Por que ele acha que eu iria querer deixá-lo? Não faz sentido.

Dançamos as duas músicas seguintes, e eu me dou conta de que preciso ir ao banheiro.

— Não vou demorar.

A caminho do banheiro, percebo que deixei minha bolsa na mesa do jantar, e volto até a tenda. Quando entro, vejo que as luzes ainda estão acesas, embora o salão esteja deserto, exceto por um casal lá no fundo, que deveria procurar um quarto! Pego minha bolsa.

— Anastasia?

Uma voz suave me assusta. E eu me viro e vejo uma mulher num vestido longo preto, de veludo bem justo. Sua máscara é

peculiar. Cobre o rosto até o nariz, e também o cabelo. É linda, com um filete de ouro elaborado.

— Que bom que está sozinha — acrescenta ela delicadamente.

— Passei a noite toda querendo falar com você.

— Desculpe, não sei quem você é.

Ela tira a máscara e solta o cabelo.

Merda! É Mrs. Robinson.

— Desculpe, assustei você?

Fico boquiaberta. *Putá que pariu — que diabo essa mulher quer?*

Não sei como a convenção social diz que devemos nos comportar com molestadores de crianças. Ela está sorrindo gentilmente e me convidando a me sentar a uma mesa. E porque não tenho nenhuma referência a respeito do que fazer, obedeço só por educação, agradecida pelo fato de ainda estar de máscara.

— Vou ser breve, Anastasia. Sei o que você pensa de mim... Christian me contou.

Eu a fito, impassível, não revelando nada, mas fico feliz que ela saiba. Isso me poupa o trabalho de ter que falar, e ela pode ir direto ao assunto. Parte de mim está mais do que intrigada em saber o que ela poderia ter para me dizer.

Ela faz uma pausa e volta o olhar para além de mim, por cima de meu ombro.

— Taylor está nos observando.

Viro a cabeça e o vejo vigiando a tenda da entrada. Sawyer está com ele e os dois olham para todos os lados, menos para nós.

— Não temos muito tempo — diz ela, depressa. — Já deve estar claro para você que Christian a ama. Eu nunca o vi desse jeito, *nunca* — enfatiza a última palavra.

O quê? Ele me ama? Não. Por que ela está me falando isso? Para me reconfortar? Não consigo entender.

— Ele não vai dizer a você, porque provavelmente nem se dá conta disso, apesar de tudo o que eu disse para ele, mas ele é assim. Não é muito conectado com nenhum sentimento ou emoção positiva que possa ter. Ele se concentra demais no negativo. Em todo caso, você já deve ter percebido isso sozinha. Ele acha que não merece.

Estou em parafuso. *Christian me ama?* Ele não disse isso, e essa mulher disse a ele como ele se sente? Que bizarro.

Centenas de imagens varrem a minha cabeça: o iPad, o planador, viajar para me ver, todas as suas atitudes, a possessividade dele, cem mil dólares por uma dança. Isso é amor?

E, francamente, ouvir isso dessa mulher não é nada bem-vindo. Eu preferiria ouvir isso dele.

Meu coração se aperta. Ele acha que não merece? Por quê?

— Eu nunca o vi tão feliz, e está claro que você também tem sentimentos por ele. — Um sorriso rápido passa por seus lábios. — Isso é ótimo, e eu desejo toda a felicidade do mundo aos dois. Mas eu queria avisar que se você o machucar de novo, mocinha, eu vou encontrá-la onde quer que esteja, e não vai ser nada agradável quando isso acontecer.

Ela me encara, os gélidos olhos azuis cravados em meu crânio, tentando penetrar debaixo de minha máscara. A ameaça é tão surpreendente, tão inesperada, que deixo escapar uma risada involuntária e de descrença. De todas as coisas que ela podia me dizer, essa é a mais inesperada.

— Você está achando graça, Anastasia? — balbucia ela, descrente. — Você não o viu no sábado passado.

Minha expressão se desfaz e fica sombria. A ideia de Christian infeliz não é nem um pouco agradável, e sábado passado foi o dia em que eu o deixei. Ele deve ter corrido para ela. O pensamento me enjoa. Por que eu estou sentada aqui, ouvindo essa baboseira, logo dessa mulher? Eu me levanto devagar, fitando-a com intensidade.

— Eu estou rindo da sua audácia, Sra. Lincoln. Christian e eu não temos nada a ver com você. E se eu o deixar, e você vier me procurar, eu estarei esperando, não tenha dúvidas. E talvez você prove o gosto do próprio veneno, em nome da criança de quinze anos de idade de quem você abusou e cuja cabeça você provavelmente perturbou ainda mais do que já era perturbada.

Ela fica boquiaberta.

— Agora, se me dá licença, tenho coisa melhor a fazer do que desperdiçar meu tempo com você. — Eu me viro, a raiva e a adrenalina possuindo meu corpo, e caminho na direção de Taylor,

para a saída da tenda, no mesmo instante em que Christian chega, aparentando confusão e preocupação.

— Aí está você — murmura ele, e então fecha a cara ao ver Elena.

Passo por ele sem responder, dando-lhe a oportunidade de escolha: ela ou eu. Ele toma a decisão correta.

— Ana — chama Christian. Eu paro e me viro para ele, que me alcança. — Qual o problema? — Ele me olha, a preocupação entalhada em suas feições.

— Por que você não pergunta para a sua ex? — respondo, acidamente.

Ele contorce a boca e arregala os olhos.

— Estou perguntando a você — diz, a voz suave, mas com uma insinuação bem mais ameaçadora.

Nós nos encaramos.

Tá legal, eu sei que vamos terminar brigando se eu não contar a ele.

— Ela está ameaçando vir atrás de mim se eu magoar você de novo. Provavelmente com um chicote — digo, irritada.

O alívio toma conta de seu rosto, suavizando a expressão de sua boca com um toque de humor.

— Tenho certeza que você é capaz de apreciar a ironia nisso — diz, e vejo que está se esforçando muito para conter o riso.

— Não tem graça, Christian!

— Não. Você está certa. Vou falar com ela. — Ele assume uma expressão séria, embora ainda esteja tentando conter o riso.

— Você não vai fazer nada disso. — Cruzo os braços, a raiva crescendo novamente.

Ele pisca para mim, surpreso com meu ataque.

— Olhe, eu sei que você está amarrado a ela financeiramente, não leve a mal o trocadilho, mas... — Eu paro. O que estou pedindo? Que ele a deixe? Pare de vê-la? Posso fazer isso? — Preciso ir ao banheiro. — Olho para ele, minha boca fechada numa linha rígida.

Ele suspira e inclina a cabeça. Dá para ser mais gato do que isso? Será a máscara ou só ele?

— Por favor, não fique brava. Eu não sabia que ela estava aqui. Ela disse que não viria. — Seu tom é pacificador, como se ele estivesse falando com uma criança. Ele estica o braço e corre o polegar ao longo de meu lábio inferior trêmulo. — Não deixe Elena estragar a nossa noite, por favor, Anastasia. Ela é notícia velha.

“Velha” sendo a palavra principal da sua frase, penso duramente, e ele levanta meu queixo e gentilmente toca os lábios nos meus. Suspiro, concordando e piscando para ele. Ele se ajeita e me segura pelo cotovelo.

— Eu vou acompanhar você até o banheiro para que não seja interrompida de novo.

Ele me conduz pelo gramado em direção aos banheiros de luxo que foram instalados temporariamente no jardim. Mia disse que foram encomendados para a festa, mas eu não tinha ideia de que vinham em versões tão chiques.

— Eu espero por você aqui fora, baby — murmura ele.

Quando saio, meu humor está um pouco melhor. Decidi não deixar Mrs. Robinson arruinar minha noite, pois é provavelmente tudo o que ela quer. Christian está ao telefone a certa distância, evitando um grupo de pessoas que ri e conversa perto da entrada dos banheiros. À medida que me aproximo, posso ouvi-lo. Está muito ríspido.

— Por que você mudou de ideia? Achei que tínhamos um acordo. Bem, deixe ela em paz... Esse é o primeiro relacionamento normal que eu tenho, e não quero que estrague tudo por causa de alguma preocupação inoportuna que você tem por mim. Deixe. Ela. Em. Paz. Estou falando sério, Elena. — Ele faz uma pausa por um instante, ouvindo. — Não, claro que não. — Fecha a cara seriamente ao dizer isso. Erguendo o olhar, ele me vê. — Tenho que ir. Boa noite. — E desliga.

Inclino a cabeça e ergo uma sobrancelha para ele. Por que está telefonando para ela?

— Como vai a sua notícia velha?

— Mal-humorada — responde ele, sarcástico. — Você quer dançar mais? Ou quer ir embora? — E confere o relógio. — Os fogos de artifício vão começar em cinco minutos.

— Adoro fogos de artifício.

— Então a gente fica para ver. — Ele passa o braço ao meu redor e me puxa para junto de si. — Não deixe que ela se intrometa na nossa vida, por favor.

— Ela se preocupa com você — balbucio.

— Sim, e eu com ela... como amigo.

— Acho que é mais do que amizade para ela.

— Anastasia. — Christian franze a testa. — Elena e eu... é complicado. Nós temos uma história em comum. Mas é só uma história. Eu já falei um milhão de vezes, ela é uma amiga. É só isso. Por favor, esqueça esse assunto. — Ele beija meu cabelo e, para não estragar a noite, deixo para lá. Só estou tentando entender.

Caminhamos de mãos dadas até a pista de dança. A banda ainda está tocando.

— Anastasia.

Viro-me e vejo Carrick atrás de nós.

— Será que você me concederia a honra da próxima dança? — Ele estende a mão para mim.

Christian dá de ombros e sorri, soltando minha mão, e eu deixo Carrick me conduzir até a pista. Sam começa a cantar “Come Fly with Me”, Carrick passa o braço ao redor de minha cintura e, gentilmente, me faz rodopiar em meio à multidão.

— Eu queria agradecer pela sua generosa contribuição à nossa caridade, Anastasia.

Pelo tom de sua voz, suspeito que seja só um jeito educado de me perguntar se posso bancar tal contribuição.

— Sr. Grey...

— Pode me chamar de Carrick, por favor, Ana.

— Fico muito feliz de poder contribuir. Recebi um dinheiro inesperado há pouco tempo. Não preciso dele. E é uma causa tão importante.

Ele sorri para mim, e eu aproveito a oportunidade para fazer umas perguntas inocentes. *Carpe diem*, meu inconsciente sussurra para mim.

— Christian me contou um pouco sobre o passado dele, então acho que é apropriado apoiar seu trabalho — acrescento, na esperança de que isso possa incentivar Carrick a me dar uma pequena luz sobre o mistério que é seu filho.

— Contou, foi? — Carrick parece surpreso. — Isso não é comum. Você sem dúvida teve um efeito muito positivo sobre ele, Anastasia. Acho que nunca o vi tão, tão... animado.

Fico vermelha.

— Desculpe, não queria envergonhá-la.

— Bem, em minha limitada experiência, já vi que ele não é um homem comum.

— Não, não é — concorda Carrick em voz baixa.

— O início da infância dele me pareceu terrivelmente traumático, pelo que ele me contou.

Carrick franze a testa, e me pergunto se fui longe demais.

— Minha esposa era a médica de plantão quando a polícia chegou com ele. Ele era pele e osso, e estava muito desidratado. Não falava. — Carrick franze a testa novamente, perdido na memória terrível, apesar da música animada que nos rodeia. — Na verdade, ele não falou por quase dois anos. Foi tocando piano que ele finalmente se soltou. Ah, e com a chegada de Mia, é claro. — Ele sorri para mim, com carinho.

— Ele toca lindamente. E realizou tantas coisas, vocês devem se orgulhar muito dele. — Soo distraída. *Caramba. Não falou por dois anos.*

— Imensamente. Ele é muito determinado, muito talentoso, um jovem muito inteligente. Mas cá entre nós, Anastasia, é vê-lo como está esta noite, despreocupado, agindo conforme sua idade, que nos faz verdadeiramente felizes. Eu estava comentando sobre isso com Grace hoje. E creio que devemos agradecer a você por isso.

Acho que coro até o dedinho do pé. O que devo responder?

— Ele sempre foi tão solitário. Pensei que nunca o veria com alguém. O que quer que você esteja fazendo, por favor, continue. Nós queremos vê-lo feliz. — Carrick para de repente, como se *ele* tivesse ido longe demais. — Sinto muito, não era minha intenção deixá-la desconfortável.

Nego com a cabeça.

— Também quero vê-lo feliz — murmuro, sem saber o que mais dizer.

— Bem, estou muito satisfeito que você tenha vindo esta noite. Foi um verdadeiro prazer ver vocês dois juntos.

Assim que os acordes finais de “Come Fly with Me” silenciam, Carrick me solta e me cumprimenta com uma reverência. Respondo com uma mesura, refletindo sua cortesia.

— Já chega de dançar com homens velhos. — Christian está ao meu lado novamente. Carrick ri.

— Sem essa de “velho”, filho. Já tive meus momentos, todo mundo sabe. — Carrick pisca para mim de brincadeira e caminha pela multidão.

— Acho que meu pai gosta de você — murmura Christian, observando-o se misturar com as pessoas.

— E por que não haveria de gostar? — Lanço um olhar debochado através dos cílios.

— É um bom argumento, bem colocado, Srta. Steele. — Ele me puxa num abraço, e a banda começa a tocar “It Had to Be You”. — Dance comigo — sussurra, sedutoramente.

— Com prazer, Sr. Grey — sorrio em resposta, e ele me leva por toda a pista uma vez mais.

* * *

À MEIA-NOITE, CAMINHAMOS em direção à praia, entre a tenda e o ancoradouro, onde os demais convidados estão reunidos para assistir aos fogos de artifício. De volta ao comando, o mestre de cerimônias permitiu a remoção das máscaras, para facilitar a visão. Christian está com o braço ao meu redor, mas estou ciente de que Taylor e Sawyer estão por perto, provavelmente porque estamos no meio da multidão. Eles olham para todos os lados, exceto para o cais, onde dois técnicos vestidos de preto fazem os últimos preparativos. Ver Taylor me faz lembrar de Leila. Talvez ela esteja aqui. *Merda*. O pensamento me dá calafrios, e eu me aninho mais em Christian. Ele me olha e me puxa mais para perto.

— Tudo bem? Está com frio?

— Estou bem. — Olho rapidamente ao redor e vejo os outros dois seguranças, cujos nomes não consigo lembrar, perto de nós. Coloco-me diante de Christian e ele passa os braços sobre meus ombros.

De repente, uma música clássica empolgante toma conta do cais e dois foguetes se projetam no ar, explodindo com um estrondo ensurdecedor sobre a baía e iluminando tudo em um dossel deslumbrante de laranja e branco cintilante, que se transforma em uma chuva brilhosa sobre a água calma. Fico boquiaberta à medida que mais foguetes se lançam ao ar e explodem em um caleidoscópio de cor.

Não me lembro de ter visto um espetáculo de fogos tão impressionante, exceto talvez na televisão, e nunca é assim tão bonito na tevê. É tudo sincronizado com a música. Salva após salva, estrondo após estrondo, luz e mais luz, as pessoas respondem com suspiros e *oohs* e *aahs*. É algo de outro mundo.

Na balsa, na baía, diversas faixas de luz prateada iluminam o céu, até uns seis metros de altura, mudando de cor para azul, vermelho, laranja e de volta para o prata... e ainda mais foguetes explodem à medida que a música atinge o seu auge.

Meu rosto está começando a doer por causa do sorriso ridículo de admiração que tenho engessado na cara. Olho para Christian, e ele está do mesmo jeito, maravilhado feito uma criança diante do espetáculo. Para encerrar, uma saraivada de seis foguetes que, disparados no escuro, explodem simultaneamente, iluminando-nos com um tom dourado maravilhoso, enquanto a multidão irrompe em aplausos frenéticos e entusiasmados.

— Senhoras e senhores — exclama o mestre de cerimônias à medida que os aplausos e assobios diminuem. — Tenho apenas um aviso para acrescentar ao final desta noite maravilhosa: a generosidade de vocês arrecadou um total de um milhão, oitocentos e cinquenta e três mil dólares!

Aplausos espontâneos irrompem de novo, e, da balsa, uma mensagem se acende em fagulhas prateadas, formando as palavras “A Superando Juntos Agradece a Todos”, que brilham sobre a água.

— Nossa, Christian... isso foi maravilhoso. — Sorrio para ele e ele se inclina para me beijar.

— Hora de ir — murmura, um largo sorriso em seu belo rosto, e suas palavras prometem muito.

De repente, sinto-me cansada.

Ele ergue o olhar de novo. Taylor está próximo, a multidão se dispersa em torno de nós. Eles não se falam, mas algo se passa entre os dois.

— Fique aqui comigo um momento. Taylor quer que a gente espere até que as pessoas tenham se dispersado.

Ah.

— Acho que esses fogos de artifício provavelmente o envelheceram uns cem anos — acrescenta.

— Ele não gosta de fogos de artifício?

Christian me olha com carinho e balança a cabeça, mas não desenvolve o assunto.

— Então, Aspen — diz ele, e sei que ele está tentando me distrair. E funciona.

— Ih... Não paguei minha oferta — engasgo.

— Você pode mandar um cheque. Eu tenho o endereço.

— Você ficou com muita raiva.

— Sim, fiquei.

Sorrio.

— A culpa é sua e dos seus brinquedinhos.

— Você se entregou completamente, Srta. Steele. Um resultado dos mais satisfatórios, se me lembro bem. — Ele sorri, provocante.

— Aliás, onde estão?

— As bolas? Na minha carteira.

— Eu gostaria de tê-las de volta. Elas são um dispositivo potente demais para serem deixadas em suas mãos inocentes.

— Preocupado de que eu me entregue de novo, talvez para outra pessoa?

Seus olhos brilham perigosamente.

— Espero que isso não aconteça, Ana — diz ele, a frieza transparecendo em sua voz. — Quero todo o seu prazer.

Uau.

— Você não confia em mim?

— Implicitamente. Agora, posso ter as bolas de volta?

— Vou pensar no seu caso.

Ele estreita os olhos para mim.

A música recomeça na pista de dança, mas agora é um DJ tocando uma música pulsante, o baixo se sobressaindo numa batida

repetitiva.

— Quer dançar?

— Estou muito cansada, Christian. Gostaria de ir embora, se estiver tudo bem para você.

Christian olha de relance para Taylor, que acena com a cabeça, e partimos em direção à casa, seguindo dois convidados meio bêbados. Fico feliz que ele esteja segurando minha mão — meus pés estão doendo, os sapatos são muito altos e apertados.

Mia se aproxima toda animada.

— Vocês não estão indo embora, estão? A música de verdade acabou de começar. Vamos, Ana. — Ela agarra a minha mão.

— Mia — adverte Christian —, Anastasia está cansada. Nós estamos indo para casa. Além disso, temos um dia cheio amanhã.

Temos?

Mia faz beicinho, mas, surpreendentemente, não pressiona Christian.

— Você tem que voltar na semana que vem. Quem sabe nós duas não fazemos compras juntas?

— Claro, Mia. — Sorrio, embora no fundo da minha mente eu não tenha ideia de como, já que preciso trabalhar para viver.

Ela me dá um beijo rápido e abraça Christian com força, surpreendendo a nós dois. E mais inesperado ainda: ela coloca as mãos diretamente nas lapelas de seu paletó, e tudo o que ele faz é olhar para ela, indulgente.

— Gosto de ver você feliz assim — diz ela com ternura, e lhe dá um beijo na bochecha. — Tchau. Divirtam-se. — Ela se afasta e se junta aos amigos que a esperam, entre eles, Lily, que parece ainda mais azeda sem a máscara.

Pergunto-me vagamente onde será que Sean está.

— Vamos dar boa-noite aos meus pais antes de sair. Venha. — Christian me leva através de um grupo de convidados até Grace e Carrick, que se despedem de nós calorosamente.

— Ah, Anastasia, volte outro dia, por favor. Foi ótimo recebê-la aqui — diz Grace com gentileza.

Fico um pouco sem jeito com a reação dela e de Carrick. Felizmente, os pais de Grace já foram dormir, então, pelo menos, sou poupada do entusiasmo deles.

Descontraídos e cansados, Christian e eu caminhamos de mãos dadas até a frente da casa, onde os incontáveis carros estão em fila à espera dos convidados. Olho para meu Cinquenta Tons. Ele parece feliz. É um verdadeiro prazer vê-lo desse jeito, embora eu suspeite de que seja incomum após um dia tão extraordinário.

— Você está bem aquecida? — pergunta ele.

— Sim, obrigada. — Enrolo o lenço de cetim ao meu redor.

— Eu me diverti muito esta noite, Anastasia. Obrigado.

— Eu também, em alguns momentos mais do que em outros — sorrio.

Ele sorri de volta e concorda com a cabeça, e então franze a testa.

— Não morda o lábio — adverte de uma maneira que faz meu sangue gelar.

— O que você quis dizer com ter um dia cheio amanhã? — pergunto para distrair a mim mesma.

— A Dra. Greene vai vir para dar um jeito em você. Além disso, tenho uma surpresa.

— A Dra. Greene! — exclamo, num sobressalto.

— É.

— Por quê?

— Porque eu odeio camisinha — responde ele baixinho. Avaliando minha reação, seus olhos brilham na luz suave das lanternas de papel.

— O corpo é meu — resmungo, irritada por ele não ter me consultado.

— É meu também — sussurra ele.

Eu o encaro, e vários convidados passam por nós, ignorando-nos. Ele parece muito sério. Sim, meu corpo é dele... ele sabe disso melhor do que eu.

Levanto os braços em sua direção, e ele se encolhe ligeiramente, mas permanece no mesmo lugar. Segurando a gravata-borboleta pela ponta, desato o nó, revelando o botão de cima de sua camisa. Gentilmente, o desabotoo.

— Você fica sexy assim — sussurro.

Na verdade, ele é sexy o tempo todo, mas assim fica ainda mais sexy.

Ele sorri.

— Preciso levar você para casa. Venha.

Junto do carro, Sawyer passa um envelope para Christian. Ele franze a testa e me olha enquanto Taylor abre a porta para mim, parecendo aliviado por algum motivo. Christian entra no carro e me entrega o envelope fechado. Taylor e Sawyer se sentam à nossa frente.

— É para você. Um dos funcionários entregou a Sawyer. Com certeza é de mais um dos seus admiradores. — Christian torce a boca. Fica claro que é uma ideia desagradável para ele.

Olho o envelope. De quem é? Abro e leio rapidamente sob a luz fraca. Puta merda, é *dela*! Por que ela não me deixa em paz?

Talvez eu não tenha feito um julgamento correto a seu respeito. E você certamente formou uma ideia errada de mim. Ligue para mim se tiver alguma dúvida que gostaria de esclarecer, poderíamos combinar um almoço. Christian não quer que eu fale com você, mas eu ficaria mais do que feliz em ajudar. Não me leve a mal, eu aprovo a relação de vocês, acredite em mim. Mas... se você machucá-lo... Ele já se machucou o suficiente. Ligue para mim: (206) 279-6261

Mrs. Robinson

Porra, ela assinou Mrs. Robinson! Ele contou a ela. O filho da mãe.

— Você contou a ela?

— Conteí o quê a quem?

— Que a chamo de Mrs. Robinson — respondo irritada.

— É da Elena? — Christian fica chocado. — Isso é ridículo — resmunga ele, correndo a mão pelo cabelo, e dá para ver que está irritado. — Amanhã eu falo com ela. Ou segunda-feira — murmura amargamente.

E embora eu tenha vergonha de admitir, uma pequena parte de mim está satisfeita. Meu inconsciente concorda sabiamente. Elena está deixando Christian furioso, e isso só pode ser bom, com certeza. Decido ficar quieta por enquanto, mas enfio o bilhete na

bolsa, e, num gesto que é uma garantia de aliviar seu humor, devolvo-lhe as bolas.

— Até a próxima — murmuro.

Ele me olha, e é difícil ver seu rosto no escuro, mas acho que está sorrindo. Ele pega a minha mão e a aperta.

Olho pela janela, para a escuridão, refletindo sobre o longo dia de hoje. Descobri tantas coisas sobre ele, recolhendo aqui e ali detalhes que estavam faltando: os salões de beleza, o mapa de seu corpo, sua infância. No entanto, ainda há muito a descobrir. E Mrs. R? Sim, ela tem carinho por ele, um carinho profundo, ao que parece. Percebo isso, e ele também tem carinho por ela, mas não da mesma maneira. Não sei mais o que pensar. Toda essa informação faz minha cabeça doer.

* * *

CHRISTIAN ME ACORDA assim que estacionamos diante do Escala.

— Vou precisar carregar você? — pergunta gentilmente.

Sonolenta, nego com a cabeça. De jeito nenhum.

Dentro do elevador, apoio-me nele, encostando a cabeça em seu ombro. Sawyer está diante de nós, mexendo-se de maneira desconfortável.

— Foi um longo dia, hein, Anastasia?

Concordo com a cabeça.

— Cansada?

Concordo com a cabeça.

— Você não está muito falante.

Concordo com a cabeça, e ele sorri.

— Venha. Vou botar você na cama. — Ele pega minha mão ao sairmos do elevador, mas paramos no saguão assim que Sawyer ergue a mão. Em uma fração de segundo, estou bem acordada de novo. Sawyer fala em sua manga. Não sabia que estava usando um rádio.

— Certo, T — diz ele e se vira para nós. — Sr. Grey, os pneus do Audi da Srta. Steele foram cortados e jogaram tinta nele.

Putá merda. Meu carro! Quem faria isso? E no instante em que a pergunta se materializa na minha mente, já sei a resposta. Leila.

Olho para Christian, e ele está pálido.

— Taylor receia que alguém possa ter entrado no apartamento e que ainda esteja lá. Ele quer ter certeza.

— Entendo — sussurra Christian. — Qual é o plano de Taylor?

— Ele está subindo pelo elevador de serviço com Ryan e Reynolds. Vão fazer uma busca e depois liberar a entrada. Aguardarei aqui com o senhor.

— Obrigado, Sawyer — Christian aperta o braço em torno de mim. — Este dia só melhora. — Ele suspira amargamente e enfia o rosto em meu cabelo. — Olhe, não posso ficar aqui esperando. Sawyer, tome conta da Srta. Steele. Não deixe que ela entre até que você tenha recebido um ok. Imagino que Taylor esteja exagerando. Não tem como ela ter entrado no apartamento.

O quê?

— Não, Christian... você tem que ficar aqui comigo — imploro.

Ele me solta.

— Obedeça, Anastasia. Espere aqui.

Não!

— Sawyer? — pede Christian.

Sawyer abre a porta do saguão, liberando a entrada de Christian no apartamento. Em seguida, fecha a porta atrás de si e se põe de pé na frente dela, olhando-me impassível.

Putá merda. Christian! Os mais variados desfechos horripilantes passam por minha cabeça, mas tudo o que posso fazer é ficar aqui e esperar.

CAPÍTULO OITO

Sawyer fala em sua manga novamente.

— Taylor, o Sr. Grey entrou no apartamento. — Ele tem um sobressalto, afastando o fone da orelha, provavelmente recebeu uma bronca de Taylor.

Ah, não, se Taylor está preocupado...

— Por favor, deixe-me entrar — imploro.

— Desculpe, Srta. Steele. Isso não vai demorar muito. — Sawyer ergue as mãos em um gesto defensivo. — Taylor e os outros estão entrando agora.

Ah, sinto-me tão impotente. Imóvel, permaneço escutando, ávida pelo menor ruído, mas tudo o que ouço é minha respiração acelerada. Está alta e curta, meu couro cabeludo coça, minha boca está seca, e eu me sinto fraca. *Por favor, que Christian esteja bem*, rezo em silêncio.

Não tenho ideia de quanto tempo se passou, e continuamos sem ouvir nada. Claro que o fato de não haver som algum é bom: não há tiros. Começo a caminhar ao redor da mesa no saguão e a examinar as pinturas nas paredes para me distrair.

Nunca tinha olhado de verdade para elas antes: são todas figurativas, todas religiosas — Nossa Senhora com o menino, em todos os dezesseis quadros. *Que estranho.*

Christian não é religioso, é? Todos os quadros na sala de estar são pinturas abstratas, já estes são tão diferentes. Mas eles não me distraem por muito tempo. *Onde está Christian?*

Olho para Sawyer, e ele me observa, impassível.

— O que está acontecendo?

— Sem notícias, Srta. Steele.

De repente, a maçaneta se move. Sawyer vira-se com um salto e saca a arma do coldre no ombro.

Fico paralisada. Christian aparece na porta.

— Tudo certo — diz ele, franzindo a testa para Sawyer, que baixa a arma depressa e dá um passo para trás para me deixar entrar. — Taylor está exagerando — resmunga Christian ao me estender a mão.

Fico ali de pé, olhando para ele, incapaz de me mover, assimilando cada pequeno detalhe: o cabelo rebelde, a tensão ao redor dos olhos, a mandíbula rígida, os dois primeiros botões da camisa abertos. Acho que devo ter envelhecido uns dez anos. Christian franze a testa para mim, preocupado, o olhar sombrio.

— Está tudo bem, baby. — Ele se move na minha direção, envolvendo-me em seus braços e beijando meu cabelo. — Vamos lá, você está cansada. Cama.

— Eu fiquei tão preocupada — digo, regozijando-me em seu abraço e inalando o perfume doce, a cabeça em seu peito.

— Eu sei. Estamos todos nervosos.

Sawyer sumiu, presumivelmente está dentro do apartamento.

— Cá entre nós, essas suas ex-namoradas estão se mostrando um desafio e tanto, Sr. Grey — murmuro ironicamente.

Christian relaxa.

— Sim. Estão.

Ele me solta e segura minha mão, conduzindo-me ao longo do corredor até a sala de estar.

— Taylor e sua equipe estão verificando todos os closets e armários. Não acho que ela esteja aqui.

— Por que estaria? — Não faz sentido.

— Pois é.

— Ela conseguiria entrar?

— Não vejo como. Mas Taylor às vezes é cuidadoso demais.

— Você já conferiu o quarto de jogos? — sussurro.

Christian me olha de soslaio, a testa enrugada.

— Já, está trancado, mas Taylor e eu checamos.

Respiro fundo para me acalmar.

— Você quer uma bebida ou alguma coisa? — pergunta Christian.

— Não. — O cansaço toma conta de mim, tudo o que quero é ir para a cama.

— Venha. Deixe-me colocar você na cama. Você parece exausta. — A expressão de Christian se suaviza.

Franzo a testa. E ele, não pretende dormir também? Será que ele quer dormir sozinho?

Fico aliviada quando ele me leva para seu quarto. Coloco minha carteira sobre a cômoda e a esvazio. Dou uma olhada no bilhete de Mrs. Robinson.

— Aqui — entrego-o a Christian. — Não sei se você quer ler isso. Eu prefiro ignorar.

Christian dá uma olhada rápida e contrai a mandíbula.

— Não sei bem que dúvidas ela poderia esclarecer — diz com desdém. — Preciso falar com Taylor. — Ele olha para mim. — Deixe-me abrir seu vestido.

— Você vai dar queixa do carro para a polícia? — pergunto, virando-me de costas.

Ele afasta meu cabelo e abre o zíper, os dedos roçando de leve em minhas costas nuas.

— Não. Não quero envolver a polícia. Leila precisa de ajuda, não de intervenção policial, e não quero a polícia aqui. Só precisamos redobrar nossos esforços para encontrá-la. — Ele se inclina e beija meu ombro com carinho. — Vá para a cama — ordena ele, deixando o quarto.

* * *

EU ME DEITO, olhando para o teto, esperando que ele volte. Aconteceu tanta coisa hoje, há tanto para assimilar. Por onde começar?

Acordo num sobressalto, desorientada. Estava dormindo? Piscando por causa da luz tênue vinda do corredor, que invade o quarto pela porta entreaberta, percebo que Christian não está comigo. Onde ele está? Ergo os olhos. Há uma sombra de pé na beira da cama. Uma mulher, talvez? Vestida de preto? É difícil dizer.

No meu estado confuso, estico-me e acendo a luz da cabeceira. Volto a olhar, mas não há ninguém ali. Balanço a cabeça. Será que foi só minha imaginação? Um sonho?

Sento-me e passo os olhos pelo quarto, um mal-estar indistinto e insidioso tomando conta de mim, mas estou realmente sozinha.

Esfrego o rosto. Que horas são? Onde está Christian? O despertador marca duas e quinze da manhã.

Saio da cama meio tonta e começo a procurá-lo, desconcertada por minha imaginação fértil. Dei para ver coisas agora. Deve ser uma reação aos eventos dramáticos da noite.

A sala está vazia, exceto pela luz que emana dos três lustres sobre o balcão de café da manhã. Mas a porta do escritório de Christian está entreaberta, e eu o ouço ao telefone.

— Não sei por que você está me ligando a esta hora. Não tenho nada a dizer para você... bem, pode me contar agora. Não precisa deixar recado.

Fico imóvel junto à porta, sentindo-me culpada por estar escutando. Com quem ele está falando?

— Não, escute você. Eu já pedi, agora estou mandando. Deixe-a em paz. Ela não tem nada a ver com você. Entendeu?

Ele soa agressivo e irritado. Hesito em bater.

— Eu sei que você se preocupa. Mas estou falando sério, Elena. Deixe-a em paz, merda. Preciso dizer uma terceira vez? Você está me ouvindo?... Ótimo. Boa noite. — Ele bate o telefone na mesa.

Merda. Bato de leve na porta.

— O que foi? — rosna Christian, e a minha vontade é de correr e me esconder.

Ele está sentado atrás da mesa, a cabeça entre as mãos. Ergue o olhar, com uma expressão feroz no rosto que se suaviza logo que me vê. Seus olhos estão arregalados e cautelosos. De repente, ele parece muito cansado, e meu coração se comprime.

Ele pisca, descendo o olhar ao longo de minhas pernas e voltando até meu rosto. Estou usando uma de suas camisetas.

— Você só devia usar cetim ou seda, Anastasia. — Ele solta um suspiro. — Mas até com minha camiseta fica linda.

Ah, um elogio inesperado.

— Senti sua falta. Venha para a cama.

Ele levanta lentamente da cadeira, ainda está com a camisa branca e a calça preta do smoking. Mas agora seus olhos estão brilhando, cheios de promessas... ainda que haja também um

resquício de tristeza. Ele está diante de mim, encarando-me atentamente sem me tocar.

— Você sabe o que significa para mim? — murmura ele. — Se alguma coisa acontecesse com você por minha causa... — Sua voz diminui, e sua testa se franze, a dor que perpassa seu rosto é quase palpável. Ele parece tão vulnerável, seu medo tão aparente.

— Nada vai acontecer comigo. — Eu o tranquilizo, mantendo a voz calma. Acaricio seu rosto, correndo os dedos pela barba. É inesperadamente macia. — Sua barba cresce muito rápido — sussurro, incapaz de esconder em minha voz a admiração que sinto por este belo e complicado homem que está diante de mim.

Traço a linha de seu lábio inferior, em seguida, corro os dedos até a base do pescoço, para a mancha leve de batom que começa a desaparecer. Ele me olha, ainda sem me tocar, e entreabre os lábios. Corro o indicador ao longo da linha, e ele fecha os olhos. Sua respiração suave se acelera. Meus dedos encostam em sua camisa, e desço a mão para abrir o próximo botão ainda fechado.

— Não vou tocar em você. Só quero abrir sua camisa — sussurro.

Ele arregala os olhos e me encara assustado. Mas não se move nem me interrompe. Muito lentamente, abro o botão, mantendo o tecido longe de sua pele, e desço a mão com cuidado até o próximo botão, repetindo o processo devagar, concentrando-me no que estou fazendo.

Não quero tocá-lo. *Bem, quero tocá-lo... mas não vou fazer isso.* No quarto botão, a linha vermelha reaparece, e eu sorrio timidamente para ele.

— De volta a território seguro. — Corro os dedos ao longo da linha antes de abrir o último botão. Abro sua camisa e passo para os punhos, tirando as abotoaduras pretas de pedra polida, uma de cada vez. — Posso tirar sua camisa? — pergunto, em voz baixa.

Ele faz que sim com a cabeça, os olhos ainda arregalados, enquanto desço a camisa por seus ombros. Ele solta as mãos e então está parado à minha frente, nu da cintura para cima. Sem a camisa, parece recuperar o equilíbrio. Sorri para mim.

— E minha calça, Srta. Steele? — pergunta, levantando uma sobrancelha.

— No quarto. Quero você na sua cama.

— Quer, é? Srta. Steele, você é insaciável.

— Não imagino por quê. — Seguro a mão de Christian, puxo-o para fora do escritório e o levo até o quarto. Está frio dentro do cômodo.

— Você abriu a porta da varanda? — pergunta ele, franzindo a testa para mim ao entrar.

— Não. — Não me lembro de ter feito isso. Lembro-me de ter dado uma olhada ao redor do quarto ao acordar. Definitivamente, a porta estava fechada.

Merda... Todo o sangue foge do meu rosto, e encaro Christian, boquiaberta.

— O que foi? — pergunta ele, olhando para mim.

— Quando acordei... tinha alguém aqui — sussurro. — Pensei que eu estivesse imaginando coisas.

— O quê? — Ele me olha horrorizado, corre para a porta da varanda e dá uma olhada para fora, em seguida entra de novo no quarto e tranca a porta atrás de si. — Tem certeza? Quem? — pergunta, a voz firme.

— Uma mulher, acho. Estava escuro. Eu tinha acabado de acordar.

— Vista-se — rosna ele para mim. — Agora!

— Minhas roupas estão lá em cima — choramingo.

Ele abre uma das gavetas da cômoda e puxa uma calça de moletom.

— Coloque isto.

A calça é grande demais, mas é melhor não discutir com ele agora.

Ele pega uma camiseta e a veste depressa. Agarrando o telefone na mesinha de cabeceira, aperta dois botões.

— Ela ainda está aqui, porra — sussurra ao telefone.

Aproximadamente três segundos depois, Taylor e um dos seguranças adentram o quarto. Christian faz um resumo detalhado do que aconteceu.

— Faz quanto tempo? — pergunta Taylor, encarando-me de forma profissional. Ainda está de paletó. Será que esse homem nunca dorme?

— Cerca de dez minutos — murmuro, sentindo-me culpada por algum motivo.

— Ela conhece o apartamento como a palma da mão — diz Christian. — Vou sair com Anastasia. Ela está escondida em algum lugar aqui dentro. Encontre-a. Quando Gail volta?

— Amanhã à noite, senhor.

— Ela não deve voltar até que este lugar esteja seguro. Entendido? — diz Christian.

— Sim, senhor. O senhor vai para Bellevue?

— Não vou levar esse problema para a casa dos meus pais. Faça uma reserva para mim em algum lugar.

— Certo. Eu ligo para o senhor.

— Não estamos todos exagerando um pouco? — pergunto.

Christian olha para mim de cara feia.

— Ela pode ter uma arma — rosna.

— Christian, ela estava ao pé da cama. Teria atirado em mim naquele momento, se quisesse mesmo fazer isso.

Christian faz uma pausa por um instante, talvez para conter a raiva. Numa voz ameaçadoramente baixa, ele diz:

— Não estou preparado para assumir o risco. Taylor, Anastasia precisa de sapatos.

Christian entra em seu closet e o segurança fica de vigia. Não consigo me lembrar do nome dele, Ryan talvez. Ele olha alternadamente para o corredor e para a porta da varanda. Christian retorna dois minutos depois com uma bolsa de couro, vestindo uma calça jeans e o paletó de risca de giz. Ele coloca uma jaqueta jeans sobre meus ombros.

— Venha. — Ele aperta minha mão com força, e eu praticamente tenho que correr para acompanhá-lo até a sala de estar.

— Não acredito que ela poderia se esconder aqui dentro — murmuro, olhando para fora pela porta da varanda.

— O lugar é grande. Você ainda não viu tudo.

— Por que você não liga para ela... não diz que quer conversar?

— Anastasia, ela está instável, e talvez armada — diz ele, irritado.

— Então a gente simplesmente foge?

— Por enquanto, sim.

— E se ela tentar atirar em Taylor?

— Taylor conhece e entende armas — diz, com desgosto. — Vai ser mais rápido que ela.

— Ray foi do exército. Ele me ensinou a atirar.

Christian ergue as sobrancelhas e por um momento parece perplexo.

— Você, com uma arma? — pergunta, incrédulo.

— Sim — digo, ofendida. — Sei atirar, Sr. Grey, então é melhor você tomar cuidado. Não é só com as suas ex-submissas que precisa se preocupar.

— Vou me lembrar disso, Srta. Steele — responde ele secamente, mas acha graça, e é bom saber que mesmo nesta situação ridiculamente tensa, sou capaz de fazê-lo sorrir.

Taylor nos encontra no saguão de entrada e me entrega uma pequena mala e meu All Star preto. Fico surpresa de que tenha separado algumas roupas para mim. Sorrio timidamente para ele com gratidão, e seu sorriso de resposta é rápido e tranquilizador. Antes que eu possa evitar, abraço-o com força. Ele é tomado de surpresa, e quando o solto, vejo que está com o rosto vermelho.

— Tenha cuidado — murmuro.

— Sim, Srta. Steele — balbucia ele, envergonhado.

Christian franze a testa para mim e depois volta o olhar interrogativamente para Taylor, que sorri de leve e ajusta a gravata.

— Avise-me para onde estou indo — diz Christian.

Taylor enfia a mão no casaco, tira a carteira e entrega um cartão de crédito a Christian.

— Talvez precise disto quando chegar lá.

— Bem pensado. — Christian concorda com a cabeça.

Ryan se junta a nós.

— Sawyer e Reynolds não encontraram nada — diz a Taylor.

— Acompanhe o Sr. Grey e a Srta. Steele até a garagem — ordena Taylor.

A garagem está deserta. Bem, são quase três da manhã. Christian abre a porta do carona do R8 para mim e coloca minha mala e sua bolsa no bagageiro da frente do carro. O Audi ao nosso lado está uma bagunça completa: todos os pneus cortados, coberto

de tinta branca. É arrepiante, e fico feliz que Christian esteja me levando daquele lugar.

— Vai chegar outro na segunda-feira — diz Christian, desolado, ao se sentar ao meu lado.

— Como ela sabia que o carro era meu?

Ele me olha nervoso e suspira.

— Ela tinha um Audi A3. Eu compro um para todas as minhas submissas. É um dos carros mais seguros da categoria.

Ah.

— Então, não foi bem um presente de formatura.

— Anastasia, ao contrário do que eu esperava, você nunca foi minha submissa, então, tecnicamente, é um presente de formatura.

— Ele liga o carro e acelera até a saída do estacionamento.

Ao contrário do que ele esperava. Ai, não... Meu inconsciente balança a cabeça, com tristeza. Este é o ponto ao qual a gente sempre retorna.

— E você ainda espera por isso? — sussurro.

O telefone embutido do carro vibra.

— Grey — atende Christian.

— Fairmont Olympic. Em meu nome.

— Obrigado, Taylor. E, Taylor, tenha cuidado.

Taylor faz uma pausa.

— Sim, senhor — responde calmamente, e Christian desliga.

As ruas de Seattle estão vazias, e Christian corre pela Quinta Avenida em direção à Interestadual 5. Uma vez na rodovia, ele pisa no acelerador, no sentido norte. Está correndo tanto que por um instante sou jogada contra o encosto do banco.

Olho de relance para ele. Está mergulhado em pensamentos, irradiando um silêncio mortal e taciturno. Não respondeu a minha pergunta. Ele dirige o olhar para o retrovisor com frequência, e percebo que está verificando se não estamos sendo seguidos. Talvez seja por isso que estamos na I-5. Achei que o Fairmont ficava em Seattle.

Olho pela janela, tentando raciocinar com minha mente exausta e hiperativa. Se Leila quisesse me machucar, teve uma oportunidade mais do que suficiente no quarto.

— Não. Não é o que eu espero, não mais. Pensei que fosse óbvio. — Christian interrompe meus pensamentos, a voz macia.

Pisco para ele, apertando a jaqueta jeans em volta de mim. Não sei se o frio que sinto vem de mim ou de fora.

— Eu me preocupo que, você sabe... que eu não seja suficiente.

— Você é mais do que suficiente. Pelo amor de Deus, Anastasia, o que eu tenho que fazer?

Fale-me de você. Diga que me ama.

— Por que você achou que eu o largaria quando eu disse que o Dr. Flynn tinha me contado tudo o que havia para saber a seu respeito?

Ele suspira pesadamente, fechando os olhos por um instante, e demora muito tempo para responder.

— Você não pode nem começar a entender as profundezas da minha depravação, Anastasia. E não é algo que eu queira compartilhar com você.

— E você realmente acha que eu o deixaria se soubesse? — Minha voz é alta, incrédula. Ele não entende que eu o amo? — É essa a ideia que faz de mim?

— Eu sei que você me deixaria — responde, com tristeza na voz.

— Christian... Acho que isso é muito pouco provável. Não posso imaginar ficar sem você — *nunca*...

— Você já me deixou uma vez... não quero passar por isso de novo.

— Elena disse que encontrou você no sábado passado — sussurro baixinho.

— Não encontrou, nada. — Ele franze a testa.

— Você não foi vê-la depois que eu saí?

— Não — responde ele, irritado. — Já disse que não, e não gosto que duvidem de mim — ele me repreende. — Não fui a lugar algum no fim de semana passado. Eu me sentei e montei o planador que você me deu. Levei uma eternidade — acrescenta, em voz baixa.

Meu coração se contrai de novo. Mrs. Robinson disse que o viu no sábado.

Viu ou não viu? Está mentindo. Por quê?

— Ao contrário do que Elena pensa, não corro para ela toda vez que tenho um problema, Anastasia. Não corro para ninguém. Você já deve ter notado, não sou muito de conversar. — Ele aperta as mãos no volante.

— Carrick me contou que você não falou por dois anos.

— Contou, é? — Christian pressiona os lábios.

— Eu meio que tentei obter informações. — Encaro meus dedos, envergonhada.

— Então, o que mais meu pai lhe contou?

— Que a sua mãe foi a médica que o examinou quando você chegou ao hospital. Depois que o encontraram no apartamento.

A expressão de Christian permanece vazia... cuidadosa.

— Ele disse que aprender a tocar piano ajudou. E Mia.

Ao ouvir o nome, seus lábios se curvam num sorriso carinhoso. Depois de um momento, ele diz:

— Ela tinha uns seis meses quando chegou. Fiquei muito feliz, Elliot menos. Ele já tivera de aceitar a minha chegada. Ela era perfeita. — A reverência gentil e triste em sua voz é envolvente. — Claro, não é mais tão perfeita hoje em dia — resmunga, e eu recorro às suas tentativas bem-sucedidas de impedir nossas intenções lascivas durante a festa. O que me faz rir. — Você acha isso engraçado, Srta. Steele? — Christian me lança um olhar de soslaio.

— Ela parecia determinada a nos manter afastados.

Ele ri sem alegria.

— É, e teve bastante sucesso. — Ele estica o braço e aperta meu joelho. — Mas no final a gente acabou conseguindo. — Sorri e, em seguida, olha novamente pelo retrovisor. — Acho que não estamos sendo seguidos. — E pega uma saída da rodovia, voltando para o centro de Seattle.

— Posso perguntar uma coisa sobre Elena? — Estamos parados em um sinal de trânsito.

Christian me olha com cautela.

— Se for realmente necessário — resmunga, emburrado, mas não deixo sua irritação me deter.

— Você me disse há muito tempo que ela o amava de uma maneira que você achou aceitável. O que isso quer dizer?

— Não é óbvio? — pergunta ele.

— Não para mim.

— Eu estava fora de controle. Não suportava ser tocado. Ainda não suporto. Para um adolescente de quatorze, quinze anos com os hormônios em fúria, era uma época difícil. Ela me mostrou uma maneira de colocar minha energia para fora.

Ah.

— Mia disse que você arrumava muita briga.

— Meu Deus, o que deu nessa família tagarela? Na verdade, é você. — Paramos em mais um sinal, e ele estreita os olhos para mim. — Você arranca informação das pessoas. — Ele balança a cabeça com um desgosto simulado.

— Mia ofereceu essa informação livremente — resmungo, indignada. — Na verdade, ela foi muito comunicativa. Estava preocupada que você fosse começar uma briga na tenda, caso não me ganhasse no leilão.

— Ah, baby, não havia esse perigo. De jeito nenhum eu deixaria alguém dançar com você.

— Você deixou o Dr. Flynn.

— Ele é sempre a exceção à regra.

Christian conduz o carro pela impressionante e arborizada entrada de veículos do Hotel Fairmont Olympic e encosta junto à porta da frente, ao lado de uma exótica fonte de pedra.

— Venha. — Ele salta do carro e pega nossa bagagem.

Um manobrista corre em nossa direção, parecendo surpreso, sem dúvida pela nossa chegada tardia. Christian lhe lança as chaves do carro.

— Está em nome de Taylor — diz.

O manobrista acena com a cabeça e não consegue conter a alegria ao entrar no R8 e partir. Christian pega minha mão e caminhamos em direção ao lobby.

De pé ao lado dele junto ao balcão da recepção, sinto-me completamente ridícula. Aqui estou, no hotel mais luxuoso de Seattle, vestindo uma jaqueta jeans larga demais, uma calça de moletom larga demais e uma camiseta velha, ao lado deste elegante deus grego. Não é de espantar que a recepcionista olhe de um para o outro, como se a soma de nós dois não fizesse sentido. Claro que

está intimidada por Christian. Reviro os olhos enquanto ela enrubesce e gagueja. *Até suas mãos estão tremendo.*

— O senhor... precisa de ajuda... com as malas, Sr. Taylor? — pergunta ela, corando novamente.

— Não, a Sra. Taylor e eu damos conta sozinhos.

A Sra. Taylor! Mas não tenho aliança. Escondo as mãos atrás de mim.

— Os senhores estão na Suíte Cascade, Sr. Taylor, décimo primeiro andar. O rapaz vai ajudá-los com as malas.

— Não precisa — responde Christian secamente. — Onde ficam os elevadores?

A Srta. Bochechas Rosadas indica o caminho, e Christian pega minha mão uma vez mais. Dou uma olhada de relance pelo saguão suntuoso, repleto de cadeiras estofadas e completamente vazio, exceto por uma mulher de cabelo escuro sentada em um sofá aconchegante, dando biscoitinhos a seu cachorro. Ela ergue a cabeça e sorri para nós enquanto caminhamos até os elevadores. Então o hotel permite animais de estimação? Muito estranho para um local tão sofisticado!

A suíte tem dois quartos, uma sala de jantar formal e até um piano de cauda. A lareira está acesa na enorme sala principal. Essa suíte é maior que o meu apartamento.

— Bem, Sra. Taylor, não sei quanto a você, mas eu realmente gostaria de uma bebida — murmura Christian, trancando a porta da frente.

Ele coloca minha mala e sua bolsa sobre o móvel ao pé da cama king size com dossel e me leva pela mão até a sala, onde o fogo arde reluzente. É uma visão bem-vinda. Fico diante da lareira aquecendo as mãos, e Christian nos prepara uma bebida.

— Armagnac?

— Por favor.

Depois de um momento, ele se junta a mim diante do fogo e me passa uma taça de cristal com o conhaque.

— Foi um dia cheio, hein?

Concordo com a cabeça e seus olhos cinzentos me analisam, preocupados.

— Estou bem — eu o tranquilizo. — E você?

— Bem, neste instante gostaria de beber isto e, depois, se você não estiver muito cansada, gostaria de levá-la para a cama e me perder em você.

— Acho que posso fazer isso pelo senhor, Sr. Taylor. — Sorrio-lhe timidamente enquanto ele tira os sapatos e as meias.

— Sra. Taylor, pare de morder o lábio — sussurra ele.

Fico vermelha por dentro. O armagnac é delicioso, desliza suavemente por minha garganta, deixando um ardor cálido. Quando volto os olhos para Christian, ele está bebendo e me observando, o olhar escuro e faminto.

— Você nunca deixa de me surpreender, Anastasia. Mesmo depois de um dia como hoje, ou, no caso, ontem, você não está choramingando nem fugindo e gritando por aí. Estou impressionado. É uma mulher muito forte.

— Você é um bom motivo para ficar — murmuro. — Já falei, Christian, não vou a lugar algum, não importa o que você tenha feito. Você sabe o que sinto por você.

Sua boca se contorce, como se ele duvidasse de minhas palavras, e sua testa se franze como se fosse doloroso ouvir o que estou dizendo. Ah, Christian, o que eu tenho que fazer para que entenda o que eu sinto por você?

Deixe que ele bata em você, meu inconsciente zomba de mim. Interiormente, faço uma cara feia para ele.

— Onde você vai pendurar os retratos de mim que José tirou? — Tento melhorar o clima da conversa.

— Depende. — Ele contrai os lábios. Trata-se obviamente de um tópico muito mais agradável para ele.

— De quê?

— Das circunstâncias — responde com um ar misterioso. — A exposição ainda não terminou, então não tenho que decidir de imediato.

Inclino a cabeça e estreito os olhos.

— Pode fazer essa cara pelo tempo que quiser, Sra. Taylor. Não vou contar nada — brinca ele.

— Posso arrancar a verdade de você sob tortura.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sério, Anastasia, acho que você não deveria fazer promessas que não pode cumprir.

Meu Deus, é isso que ele pensa? Coloco meu copo no console sobre a lareira, me aproximo e, para sua surpresa, pego o copo dele e o deixo junto ao meu.

— É isso que a gente vai descobrir — murmuro.

Muito corajosa, sem dúvida impulsionalizada pelo conhaque, seguro a mão de Christian e o puxo na direção do quarto. Paro ao pé da cama. Christian está tentando esconder seu divertimento.

— Agora que me trouxe até aqui, Anastasia, o que vai fazer comigo? — brinca, mantendo a voz baixa.

— Vou começar tirando sua roupa. Quero terminar o que comecei mais cedo — seguro seu paletó pelas lapelas, com cuidado para não tocá-lo, e ele não recua, mas prende a respiração.

Gentilmente, tiro o paletó por sobre os ombros, e ele me encara, todo e qualquer traço de humor desaparecendo de seus olhos à medida que eles se arregalam, queimando dentro dos meus, cautelosos e... urgentes? Há tantas interpretações para esse olhar. *O que ele está pensando?* Coloco o paletó sobre a poltrona.

— Agora a camiseta — sussurro e levanto-a pela barra. Ele me ajuda, erguendo os braços e recuando, para facilitar sua retirada. Uma vez sem a camisa, ele me olha intensamente, vestindo apenas a calça jeans que pende provocativa de seus quadris, expondo o elástico da cueca.

Meus olhos movem-se avidamente por sua barriga musculosa até o que sobrou da linha de batom, desbotada e manchada, e então para o seu peito. Tudo o que quero é correr a língua em meio aos pelos em seu peito, saborear seu gosto.

— E agora? — sussurra ele, os olhos brilhando.

— Quero beijar você aqui — deslizo o dedo de um lado a outro de seu quadril.

Ele entreabre os lábios e inspira fundo.

— Não a estou impedindo. — Ele solta o ar.

Seguro sua mão.

— Então é melhor você se deitar — murmuro e o levo para junto da cama com dossel. Ele parece perplexo, e me dou conta de que

talvez ninguém tenha tomado as rédeas com ele desde... ela. *Não, não pense nisso.*

Levantando as cobertas, ele se senta na beirada da cama e olha para mim, esperando, a expressão cautelosa e séria. Fico diante dele e deixo a jaqueta jeans escorregar de meus ombros até cair no chão, depois tiro o moletom.

Ele esfrega o polegar nas pontas dos dedos. Sei que está se coçando para me tocar, mas suprime o desejo. Tomo fôlego e, reunindo toda a coragem que tenho, tiro a camiseta por sobre a cabeça, ficando nua diante dele. Seus olhos não deixam os meus, mas ele inspira e entreabre os lábios.

— Anastasia, você é a própria Afrodite — murmura.

Seguro seu rosto nas mãos, erguendo sua cabeça, e me debruço para beijá-lo. Ele solta um gemido grave, no fundo da garganta.

Assim que minha boca toca a dele, ele me agarra pelos quadris, e, antes que eu possa me dar conta, estou presa sob o seu corpo, suas pernas forçando as minhas a se separarem, ele se aninhando entre minhas pernas. E ele está me beijando, atacando minha boca, nossas línguas entrelaçadas. Sua mão corre de minha coxa até o quadril, e então para em minha barriga e sobe até meus seios, apertando e puxando meu mamilo sedutoramente.

Solto um gemido e flexiono o quadril involuntariamente contra ele, encontrando um delicioso atrito contra o fecho de sua calça e sua ereção crescente. Ele para de me beijar e me olha perplexo e sem fôlego. E então move o quadril, empurrando sua ereção contra mim... *Isso. Bem aí.*

Fecho os olhos e solto outro gemido, e ele repete, mas desta vez eu respondo, movendo-me com ele, deliciando-me com seus gemidos ao me beijar de novo. Christian continua a lenta e deliciosa tortura, esfregando-se em mim, eu me esfregando nele. E ele tem razão, nós nos perdemos um no outro, e é inebriante ao ponto de me fazer esquecer todo o resto. Todas as minhas preocupações desaparecem. Estou aqui, neste momento, com ele, o sangue correndo em minhas veias, vibrando alto nos ouvidos, misturado ao som de nossa respiração ofegante. Enterro as mãos em seu cabelo, segurando-o junto à minha boca, consumindo-o, minha língua tão

faminta quanto a dele. Corro os dedos ao longo de seus braços e da parte inferior das costas até o cócs da calça jeans e enfio minhas mãos atrevidas e gananciosas dentro dela, instando-o a continuar, mais e mais, esquecendo-me de tudo, exceto de nós.

— Você vai acabar comigo, Ana — sussurra ele de repente, soltando-se de mim e ajoelhando-se. Ele se desvencilha da calça num instante e me estende um envelopinho de papel laminado. — Você me quer, baby, e eu com certeza quero você. Você sabe o que fazer.

Com dedos ansiosos e hábeis, rasgo o pacote e coloco a camisinha nele. Christian sorri para mim, a boca aberta, os olhos cinzentos nebulosos e cheios de promessas carnavais. Debruçando-se sobre meu corpo, ele esfrega o nariz no meu, os olhos fechados, e, deliciosamente, bem devagar, entra em mim.

Agarro seus braços e jogo o queixo para cima, entregando-me à plenitude extraordinária que é estar sob seu domínio. Ele corre os dentes ao longo do meu queixo, sai de mim e desliza de novo para dentro, tão lento, tão gentil, tão carinhoso, seu corpo pressionando o meu, os cotovelos e as mãos dos dois lados do meu rosto.

— Você me faz esquecer de tudo. Você é a melhor terapia — suspira ele, movendo-se a um ritmo dolorosamente lento, saboreando cada centímetro de mim.

— Por favor, Christian, mais rápido — murmuro, querendo mais.

— Ah, não, baby. Quero devagar. — Ele me beija com ternura, mordendo suavemente meu lábio inferior e absorvendo meus gemidos suaves.

Passo as mãos em seu cabelo e me entrego ao seu ritmo enquanto meu corpo lentamente sobe mais e mais, até cair, rápido e pesado, atingindo o orgasmo.

— Ah, Ana. — Ele suspira, entregando-se, meu nome uma bênção em seus lábios quando ele atinge o clímax.

* * *

SUA CABEÇA REPOUSA em minha barriga, os braços em volta de mim. Meus dedos passeiam por seu cabelo rebelde, e ficamos ali, por quanto tempo não sei. Está tão tarde, e estou tão cansada, mas

tudo o que quero é desfrutar do sereno esplendor de fazer amor com Christian Grey, porque foi isso que fizemos: amor delicado e carinhoso.

Ele evoluiu muito, assim como eu, em tão pouco tempo. É quase coisa demais para digerir. Em meio a toda essa maluquice, estou perdendo de vista a jornada simples e honesta que ele está percorrendo comigo.

— Nunca vou me cansar de você. Não me deixe — murmura ele e beija minha barriga.

— Não vou a lugar algum, Christian, e pelo que me lembro eu que queria beijar sua barriga — resmungo, sonolenta.

Ele sorri junto à minha pele.

— Agora não tem nada impedindo você, baby.

— Acho que não sou capaz de me mexer... Estou tão cansada.

Christian suspira e, relutante, move o corpo, deitando-se ao meu lado, a cabeça apoiada no cotovelo, puxando as cobertas sobre nós. Ele olha para mim, os olhos reluzentes, cálidos e amorosos.

— Durma. — Ele beija o meu cabelo e passa o braço em volta de mim, e eu apago.

* * *

QUANDO ABRO OS OLHOS, o quarto está iluminado, fazendo-me piscar. Estou tonta de sono. *Onde estou? Ah, no hotel...*

— Oi — murmura Christian, sorrindo carinhosamente para mim. Está na cama, deitado ao meu lado, completamente vestido. Há quanto tempo está aqui? Estava me analisando? De repente, sinto-me incrivelmente tímida, e meu rosto esquenta sob seu olhar firme.

— Oi — respondo, feliz por estar de bruços. — Há quanto tempo você está me olhando?

— Eu poderia ver você dormir por horas, Anastasia. Mas estou aqui só há uns cinco minutos. — Ele se inclina e me dá um beijo suave. — A Dra. Greene vai chegar daqui a pouco.

— Ah. — Eu havia me esquecido da intromissão inadequada de Christian.

— Dormiu bem? — pergunta ele, com gentileza. — Deve ter dormido, com todo aquele ronco.

Ah, o Christian brincalhão e provocador.

— Eu não ronco! — respondo petulante, fazendo beicinho.

— Não. Não ronca. — Ele sorri para mim. A linha tênue de batom vermelho ainda visível ao redor de seu pescoço.

— Você tomou banho?

— Não. Estava esperando por você.

— Ah... tudo bem. Que horas são?

— Dez e quinze. Não tive coragem de acordar você antes, estava tão cansada... de partir o coração.

— Você me disse que nem sequer tinha coração.

Ele sorri com tristeza, mas não responde.

— O café da manhã está servido: panquecas e bacon para você. Venha, levante-se, estou começando a me sentir sozinho aqui. — Ele se levanta da cama, dando-me um tapa na bunda, o que me faz dar um pulo.

Hum... Essa é a ideia que Christian faz de afeto.

Ao me espreguiçar, todo o meu corpo dói... sem dúvida, é o resultado de todo o sexo e toda a dança e de tanto tempo me equilibrando em cima de sapatos de salto alto caríssimos. Caio para fora da cama e me arrasto até o suntuoso banheiro, repassando os acontecimentos do dia anterior em minha cabeça. Ao sair, estou usando um dos roupões de banho supermacios que estavam pendurados no cabide de bronze no banheiro.

Leila, a garota que se parece comigo, é a imagem mais surpreendente que meu cérebro invoca, isso e a sua presença fantasmagórica no quarto de Christian. O que ela queria? Eu? Christian? Para fazer o quê? E por que diabo ela destruiu o meu carro?

Christian disse que eu ganharia outro Audi, como todas as suas submissas. Não é um pensamento bem-vindo. Mas agora que fui tão generosa com o dinheiro que ele me deu, não há muito que eu possa fazer.

Caminho até o quarto principal da suíte: nenhum sinal de Christian. Finalmente o encontro na sala de jantar. Eu me sento à mesa, feliz com o impressionante café da manhã que encontro diante de mim. Christian está lendo os jornais de domingo e tomando café, já terminou de comer. Ele sorri para mim.

— Coma. Você vai precisar de energia hoje — brinca.

— Ah, é? E por quê? Vai me trancar no quarto? — De repente, minha deusa interior acorda num salto, toda desgrenhada e com uma aparência de quem acabou de transar.

— Por mais tentadora que seja essa ideia, achei que a gente podia sair hoje. Tomar um pouco de ar.

— É seguro? — pergunto com ar inocente, tentando afastar a ironia de minha voz, mas não consigo.

A expressão de Christian se desmancha, e ele contrai a boca em uma linha rígida.

— Para onde vamos, é. E isso não é assunto para brincadeira — acrescenta severamente, estreitando os olhos.

Fico vermelha e olho para meu café da manhã. Não estou com a mínima vontade de levar bronca depois de todo o drama que passamos, e de ter ido dormir tão tarde. Então como em silêncio, sentindo-me petulante.

Meu inconsciente balança a cabeça para mim, em sinal de reprovação. Christian não brinca quando o assunto é minha segurança. Eu já deveria saber disso. Minha vontade é de revirar os olhos para ele, mas me seguro.

Certo, estou cansada e irritada. O dia de ontem foi cheio, e não dormi o suficiente. Por que, meu Deus, ele tem que estar com essa aparência tão limpa e descansada? A vida não é justa.

Alguém bate à porta.

— Deve ser a médica — resmunga Christian, na certa ainda chateado com minha ironia. Ele se afasta da mesa.

Será que não se pode ter direito a uma manhã calma e normal? Suspiro com força, deixando metade do meu café da manhã e me levantando para cumprimentar a Dra. Anticoncepcional Injetável.

* * *

ESTAMOS NO QUARTO, e a Dra. Greene está me olhando boquiaberta. Está menos formal do que da última vez, usando um twin-set de cashmere rosa-claro e calça preta, além de ter deixado os finos cabelos louros soltos.

— E você simplesmente parou de tomar? Do nada?

Fico vermelha, sentindo-me uma idiota.

— É. — É possível falar mais baixo do que isso?

— Existe uma chance de você estar grávida — diz ela, com naturalidade.

O quê! O mundo desmorona sob meus pés. Meu inconsciente se joga no chão, com ânsias de vômito, e acho que também vou passar mal. *Não!*

— Aqui, faça xixi neste potinho. — Hoje ela está em modo superprofissional, sem tempo para gentilezas.

Obediente, pego o pequeno recipiente de plástico que ela me estende e caminho até o banheiro. Não. Não. *Não.* De jeito nenhum... De jeito nenhum... Por favor, não. Não.

O que Christian vai fazer? Fico pálida. Ele vai enlouquecer.

Não, por favor! Faço uma oração silenciosa.

Entrego a amostra à Dra. Greene, e, com cuidado, ela mergulha um palito branco dentro do potinho.

— Quando foi a sua última menstruação?

Como é que eu posso pensar nessas minúcias, quando tudo o que consigo fazer é olhar ansiosamente para o palito branco?

— Hum... Quarta-feira? Não essa agora, antes dessa. Dia primeiro de junho.

— E quando você parou de tomar a pílula?

— Domingo. Domingo passado.

Ela franze os lábios.

— Deve estar tudo bem — diz bruscamente. — Pela sua cara imagino que uma gravidez não planejada não seria uma boa notícia.

— Então a injeção é uma boa ideia se você não consegue se lembrar de tomar a pílula todos os dias. — Ela me lança um olhar severo, e eu hesito diante de sua autoridade. Erguendo o palito branco, ela dá uma olhada nele. — Tudo certo. Você não ovulou ainda, então desde que tenha tomado as devidas precauções não deve estar grávida. Agora, deixe-me explicar a respeito da injeção. A gente não optou por ela da última vez por causa dos efeitos colaterais, mas, francamente, os efeitos colaterais de se ter uma criança são muito mais persistentes, e duram anos. — Ela sorri, satisfeita com a própria piada, mas não sou nem capaz de começar a reagir, estou atordoada demais.

Então a Dra. Greene começa a discorrer sobre os efeitos colaterais, e eu fico ali, paralisada de alívio, sem ouvir uma palavra sequer. Acho que preferiria infinitas mulheres fantasmagóricas ao pé da minha cama a ter de confessar a Christian que poderia estar grávida.

— Ana! — exclama a Dra. Greene. — Vamos fazer logo isso. — Ela me arranca de meu devaneio, e, de bom grado, arregajo a manga.

* * *

CHRISTIAN FECHA A porta atrás dela e me olha com cautela.

— Tudo bem? — pergunta.

Em silêncio, faço que sim, e ele inclina a cabeça, o rosto tenso de preocupação.

— Anastasia, o que foi? O que a Dra. Greene falou?

Balanço a cabeça.

— Em sete dias, você não vai mais precisar de camisinha — murmuro.

— Sete dias?

— Isso.

— Ana, o que houve?

Engulo em seco.

— Não há nada com que se preocupar. Por favor, Christian, deixe para lá.

Christian surge na minha frente. Ele segura meu queixo, inclinando minha cabeça para trás, e me olha firme nos olhos, tentando decifrar meu pânico.

— Fale! — exclama.

— Não tem nada para falar. Quero me vestir. — Solto meu queixo de suas mãos.

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo, franzindo a testa para mim.

— Vamos tomar banho — diz, afinal.

— Claro — murmuro, distraída, e ele torce a boca.

— Venha — diz ele, amuado, apertando minha mão com força. Ele caminha até o banheiro, arrastando-me atrás de si. Parece que

não sou a única de mau humor. Christian liga o chuveiro e se despe antes de se virar para mim. — Não sei se algo deixou você chateada ou se é só mau humor por ter dormido pouco — diz ele, abrindo meu roupão. — Mas quero que você me diga. Minha imaginação está dando voltas aqui, e não gosto disso.

Reviro os olhos para ele, e ele me encara de volta, fazendo uma cara feita. *Merda! Tudo bem... lá vai.*

— A Dra. Greene me repreendeu por ter parado de tomar a pílula. Ela disse que eu poderia estar grávida.

— O quê? — Ele empalidece, e suas mãos congelam enquanto me encara, subitamente lívido.

— Mas não estou. Ela fez um teste. Foi um choque, só isso. Não acredito que pude ser tão burra.

Ele relaxa visivelmente.

— Tem certeza de que não está grávida?

— Tenho.

Ele exala profundamente.

— Ótimo. É, dá pra imaginar que seja perturbador ouvir esse tipo de notícia.

Faço uma careta... *perturbador?*

— Eu estava mais preocupada com a sua reação.

Ele franze o cenho para mim, confuso.

— Com a minha reação? Bem, naturalmente, estou aliviado... teria sido o cúmulo do descuido e da falta de educação engravidar você.

— Então, talvez seja melhor a gente se abster — revido.

Ele me olha por um instante, perplexo, como se eu fosse algum tipo de experimento científico.

— Você acordou de mau humor hoje.

— Foi só um choque, só isso — repito, petulante.

Segurando as abas do meu roupão, ele me puxa para um abraço, beijando o meu cabelo e pressionando minha cabeça contra seu peito. Eu me distraio com as cócegas que o pelo do seu peito faz em meu rosto. Ah, se ao menos eu pudesse acariciá-lo!

— Ana, não estou acostumado com isso — murmura ele. — Minha tendência natural é arrancar as informações de você a tapa, mas duvido seriamente que você queira isso.

Put a merda.

— Não, não quero. Isso aqui ajuda — aperto Christian com força, e ficamos séculos ali, num abraço estranho, Christian nu, eu de roupão, mais uma vez chocada com sua honestidade. Ele não sabe nada de relacionamentos, e nem eu, exceto o que aprendi com ele. Bem, ele me pediu para ter fé e paciência; talvez eu devesse fazer isso mesmo.

— Venha, vamos tomar banho — diz Christian afinal, soltando-me.

Dando um passo para trás, ele tira meu roupão, e eu o sigo até o chuveiro, erguendo o rosto para o jato d'água. A ducha é gigantesca e tem espaço para nós dois. Christian pega o xampu e começa a lavar o cabelo. Ele me passa o frasco, e eu repito o gesto.

Ah, *isso é bom*. Fechando os olhos, eu me entrego àquela água purificadora e cálida. Ao enxaguar o xampu, sinto suas mãos ensaboando meu corpo: ombros, braços, axilas, seios, costas.

Delicadamente, ele me gira e me puxa contra si, à medida que vai descendo: tórax, barriga, seus dedos hábeis entre minhas pernas — *hum* —, minha bunda. Ah, isso é tão bom, e tão íntimo. Ele me vira mais uma vez de frente para ele.

— Aqui — diz de mansinho, entregando-me a loção de banho. — Quero que você limpe o resto do batom.

Meus olhos se abrem em um turbilhão e, afoitos, fitam os dele. Ele está me encarando atentamente, lindo e encharcado, os olhos cinzentos maravilhosos e reluzentes sem revelar absolutamente nada.

— Por favor, não desvie muito da linha — resmunga ele com firmeza.

— Tudo bem — murmuro, tentando absorver a enormidade do que ele acabou de me pedir para fazer: tocá-lo nos limites da zona proibida.

Ponho um pouquinho de sabonete nas mãos e as esfrego uma na outra, para fazer espuma, em seguida as coloco sobre seus ombros e suavemente limpo a linha de batom em cada um dos lados. Ele fica rígido e fecha os olhos, o rosto impassível, mas está ofegante, e sei que não é de luxúria, mas de medo. E isso me dói o coração.

Com os dedos trêmulos e com muito cuidado, sigo a linha ao longo da lateral de seu peito, ensaboando e esfregando suavemente; ele inspira, a mandíbula tensa, os dentes cerrados. *Ah! Meu coração se aperta e minha garganta dá um nó. Droga, vou chorar.*

Paro para colocar mais sabonete na mão e o sinto relaxar diante de mim. Não posso olhar para ele. Não posso suportar ver sua dor, é demais. Minha vez de inspirar fundo.

— Pronto? — pergunto, e a tensão é alta e clara em minha voz.

— Pronto — sussurra ele, a voz rouca, cheia de medo.

Gentilmente, coloco as mãos em cada lado de seu peito, e ele se enrijece de novo.

É demais. Estou impressionada com a confiança que ele está depositando em mim, impressionada pelo seu medo, pelos danos causados a este homem belo, abatido e problemático.

Meus olhos se enchem d'água e lágrimas escorrem por meu rosto, perdidas na água do chuveiro. *Ah, Christian! Quem fez isso com você?*

Seu peito se move depressa a cada respiração curta, seu corpo está rígido, a tensão irradiando em ondas à medida que minhas mãos se movem ao longo da linha, apagando-a. Ah, se eu pudesse apagar sua dor, eu o faria — eu faria qualquer coisa —, e tudo o que quero é beijar cada cicatriz que vejo, afastar com meus beijos aqueles terríveis anos de descuido. Mas sei que não posso, e minhas lágrimas caem espontaneamente por meu rosto.

— Não. Por favor, não chore — pede ele, a voz angustiada ao me apertar com força em seus braços. — Por favor, não chore por mim. — E eu explodo em um turbilhão de soluços, enterrando meu rosto em seu pescoço, enquanto penso num menino perdido em meio a um mar de medo e dor, assustado, abandonado, abusado... machucado além de toda a resistência.

Afastando-me, ele segura meu rosto com as mãos, inclina-o para trás e se aproxima para me beijar.

— Não chore, Ana, por favor — murmura ele contra a minha boca. — Foi há muito tempo. Estou doido para que você me toque, mas simplesmente não consigo suportar. É demais para mim. Por favor, por favor, não chore.

— Também quero tocar você. Mais do que imagina. Ver você assim... tão machucado e com medo, Christian... me fere profundamente. Eu amo tanto você.

Ele desliza o polegar por meu lábio inferior.

— Eu sei. Eu sei — sussurra ele.

— Você é muito fácil de amar. Você não enxerga isso?

— Não, baby, não enxergo.

— Mas você é. E eu amo você, e sua família também ama. E Elena e Leila também... elas têm um jeito estranho de demonstrar isso, mas elas amam você. E você merece.

— Pare. — Ele coloca o dedo sobre meus lábios e balança a cabeça, uma expressão angustiada em seu rosto. — Não posso ouvir isso. Não sou nada, Anastasia. Sou a casca de um homem. Não tenho coração.

— Você tem, sim. E eu o quero para mim, por inteiro. Você é um homem bom, Christian, um homem muito bom. Nunca duvide disso. Olhe para o que você fez... o que você conquistou — soluço. — Olhe o que você fez por mim... o que você deixou para trás, por mim — sussurro. — Eu sei. Eu sei o que você sente por mim.

Ele me olha, os olhos arregalados e em pânico, e tudo o que podemos ouvir é o fluxo contínuo da água que flui sobre nós no chuveiro.

— Você me ama — digo.

Seus olhos se arregalam ainda mais, e sua boca se abre. Ele inspira fundo, como se tomasse fôlego. E parece torturado, vulnerável.

— Sim — murmura. — Amo.

CAPÍTULO NOVE

Não posso conter minha alegria. Meu inconsciente me encara em um silêncio atordado, e meu rosto se abre em um sorriso de orelha a orelha enquanto observo, ansiosa, os olhos torturados de Christian.

Sua confissão doce e suave me toca em um nível profundo e elementar, como se ele estivesse buscando uma absolvição; suas duas palavrinhas são meu maná do céu. Lágrimas enchem meus olhos mais uma vez. *Sim, ama. Eu sei que me ama.*

É uma revelação libertadora, como se um peso enorme fosse tirado de mim. Esse homem lindo e fodido, a quem já considerei meu herói romântico — forte, solitário, misterioso: ele possui todas essas características —, também é frágil, estranho e cheio de desprezo por si mesmo. Meu coração se enche de alegria, mas também de dor por seu sofrimento. E sei neste momento que meu coração é grande o suficiente para nós dois. *Espero* que seja grande o suficiente para nós dois.

Eu me inclino para pegar seu querido e belo rosto entre as mãos e beijá-lo suavemente, derramando todo o amor que sinto nesse contato suave. Quero devorá-lo debaixo da ducha quente. Christian geme e me envolve em seus braços, segurando-me como se eu fosse o ar que ele precisa para respirar.

— Ah, Ana — sussurra, a voz rouca. — Quero você, mas não aqui.

— Sim — murmuro fervorosamente junto a sua boca.

Ele desliga o chuveiro e pega minha mão, levando-me para fora do box e me envolvendo no roupão. Christian enrola uma toalha na cintura, pega uma menor e começa a secar meu cabelo com delicadeza. Quando termina, envolve minha cabeça com a toalha de forma que, diante do grande espelho sobre a pia, pareço usar um véu. Ele está de pé atrás de mim, e nossos olhos se encontram no

espelho, olhos cinzentos fumegantes mergulhando em olhos azuis reluzentes, e isso me dá uma ideia.

— Posso retribuir? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça, mas franze a testa. Procuro outra toalha em meio à enorme quantidade de toalhas felpudas empilhadas ao lado da penteadeira e, diante dele, na ponta dos pés, começo a secar seu cabelo. Ele se inclina para a frente, facilitando o processo, e, a cada vislumbre de seu rosto que capturo por sob o tecido, percebo que está sorrindo feito um garotinho.

— Faz tempo que ninguém faz isso comigo. Muito tempo — murmura ele, mas, em seguida, franze a testa. — Na verdade, acho que ninguém nunca secou meu cabelo.

— Certamente Grace já deve ter feito isso, não? Secado seu cabelo quando você era pequeno?

Ele nega com a cabeça, atrapalhando meu trabalho.

— Não. Ela respeitou meus limites desde o primeiro dia, apesar de ter sido doloroso para ela. Fui uma criança muito autossuficiente — diz baixinho.

Sinto uma pontada nas costelas ao imaginar uma criança de cabelo cor de cobre cuidando de si mesma, porque ninguém mais se importa. O pensamento é tão triste que me faz ficar enjoada. Mas não quero que minha melancolia interrompa esse princípio de intimidade.

— Bem, eu me sinto honrada — brinco, com gentileza.

— Com certeza, Srta. Steele. Ou talvez seja eu quem se sinta honrado.

— Isso nem precisa ser dito, Sr. Grey — respondo, com mordacidade.

Termino de secar seu cabelo, pego outra toalha pequena e dou a volta, ficando de pé atrás dele. Nossos olhos se encontram de novo no espelho, e seu olhar vigilante e interrogativo me impele a falar.

— Posso tentar uma coisa?

Depois de um momento, ele faz que sim com a cabeça. Com cuidado e muito suavemente, corro o tecido macio ao longo de seu braço esquerdo, absorvendo a água sobre sua pele. Erguendo o olhar, verifico a expressão dele no espelho. Ele pisca para mim, os olhos queimando os meus.

Eu me aproximo e beijo seu bíceps, ele entreabre os lábios bem de leve. Seco o outro braço de modo semelhante, deixando beijos em torno do bíceps, e um pequeno sorriso se abre em seus lábios. Cuidadosamente, seco suas costas sob a tênue linha de batom ainda visível. Não cheguei a lavar as costas dele.

— Ao longo das costas — diz ele em voz baixa —, com a toalha.

Ele respira fundo e fecha os olhos com força enquanto eu o seco depressa, tomando cuidado para tocá-lo apenas com a toalha.

Ele tem as costas tão bonitas: ombros largos e esculturais, todos os pequenos músculos bem definidos. Realmente cuida do próprio corpo. A bela visão é prejudicada apenas por suas cicatrizes.

Com dificuldade, eu as ignoro e reprimo a vontade irresistível de beijar cada uma. Quando termino, ele solta o ar e eu me inclino para a frente e o recompenso com um beijo no ombro. Passando os braços ao redor dele, seco sua barriga. Nossos olhos se encontram mais uma vez no espelho, sua expressão divertida, mas também cautelosa.

— Segure isto. — Eu lhe passo uma toalha de rosto, e ele faz uma cara feia, confuso. — Lembra de quando estávamos na Geórgia? Você fez com que eu me tocasse usando suas mãos — acrescento.

Seu rosto escurece, mas ignoro a reação e coloco meus braços em torno dele. Olhando para nós dois no espelho — sua beleza, sua nudez, minha cabeça coberta —, parecemos quase personagens bíblicos, como numa pintura barroca do Antigo Testamento.

Procurro sua mão, que ele me entrega de bom grado, e a levo até seu peito, para secá-lo, esfregando a toalha devagar e de forma um tanto desajeitada ao longo de seu corpo. Uma vez, duas vezes, e de novo. Christian está completamente imobilizado, rígido com a tensão, exceto por seus olhos, que seguem minha mão segurando a dele.

Meu inconsciente olha com aprovação, sorrindo em vez de contrair a boca como de costume. E eu sou como uma mestra de marionetes. Sua ansiedade se esvai em ondas, mas ele mantém contato visual, embora seus olhos estejam mais escuros, mais mortais... refletindo seus segredos, talvez.

Será que quero mesmo me meter nisso? Confrontar seus demônios?

— Acho que você já está seco — sussurro, ao soltar a mão, olhando para as profundezas cinzentas dos olhos refletidos no espelho. A respiração dele está acelerada, seus lábios, entreabertos.

— Preciso de você, Anastasia — sussurra ele.

— Também preciso de você. — E, ao dizer essas palavras, percebo como são verdadeiras. Não consigo me imaginar sem Christian, nunca mais.

— Deixe-me amar você — diz ele, a voz rouca.

— Deixo — respondo, e, virando-se, ele me pega em seus braços, seus lábios buscando os meus, suplicando por mim, adorando-me, acalentando-me... e me amando.

* * *

ELE CORRE OS DEDOS de cima a baixo em minha coluna enquanto nos encaramos, deleitando-nos na felicidade e na plenitude pós-coito. Estamos deitados juntos, eu, de bruços, abraçando o travesseiro, ele, de lado, e me delicio com seu toque delicado. Sei que neste momento ele precisa me tocar. Sou um bálsamo para ele, uma fonte de conforto, e como eu poderia lhe negar isso? Sinto exatamente o mesmo por ele.

— Então, você é capaz de ser delicado — murmuro.

— Hum... é o que parece, Srta. Steele.

— Não foi bem assim na primeira vez em que... hum, fizemos isso. — Sorrio.

— Não? — Ele solta um risinho. — Quando roubei sua virtude.

— Não acho que você tenha roubado — resmungo, arrogante. *Não sou uma donzela indefesa.* — Acho que minha virtude foi oferecida muito livremente e de bom grado. Eu também queria você e, se me lembro bem, aproveitei bastante. — Sorrio timidamente para ele, mordendo o lábio.

— Eu também, se me lembro bem, Srta. Steele. Nosso objetivo é satisfazer — fala ele devagar, e seu rosto se suaviza, sério. — E

isso significa que você é minha, completamente. — Todos os resquícios de humor desaparecem à medida que ele me olha.

— Sim, sou sua — respondo. — Eu queria perguntar uma coisa.

— Vá em frente.

— Seu pai biológico... você sabe quem ele era? — O pensamento vinha me incomodando.

Sua testa se enrugou e, em seguida, ele balançou a cabeça.

— Não tenho ideia. Não era o animal do cafetão, pelo menos.

— Como você sabe?

— Algo que meu pai... algo que Carrick me disse.

Olho para o meu Cinquenta Tons com ansiedade, aguardando.

— Tão sedenta por informação, Anastasia. — Ele suspira, balançando a cabeça. — O cafetão encontrou o corpo da prostituta drogada e avisou às autoridades. Mas levou quatro dias para fazer a descoberta. Fechou a porta quando saiu... e me deixou com ela... com o corpo. — Seus olhos ficam nublados com a lembrança.

Inspiro fundo. Pobre menininho, a história é terrível demais até para imaginar.

— A polícia o interrogou mais tarde. Ele negou incisivamente que eu tivesse qualquer coisa a ver com ele, e Carrick disse que ele não se parecia nada comigo.

— Você se lembra de como ele era?

— Anastasia, essa é uma parte da minha vida que não revisito com frequência. Sim, eu me lembro. Nunca vou esquecê-lo. — A expressão de Christian se fecha, o rosto tornando-se rígido e mais angular, os olhos encobertos pela ira. — Podemos falar de outra coisa?

— Desculpe. Não queria deixar você triste.

Ele balançou a cabeça.

— Tudo isso é passado, Ana. Não é algo sobre o que quero pensar.

— E qual é a minha surpresa, então? — Preciso mudar de assunto antes que ele volte à antiga atitude. Sua expressão se ilumina imediatamente.

— Você topa sair para pegar um pouco de ar fresco? Quero mostrar uma coisa.

— Claro.

Fico espantada com a rapidez com que ele se altera, inconstante como sempre. Ele sorri para mim com seu sorriso infantil, despreocupado, de “tenho apenas vinte e sete anos”, e meu coração pula até a boca. Então, é alguma coisa importante para ele, dá para perceber. Ele me dá um tapa na bunda, brincalhão.

— Vá se vestir. Calça jeans está bom. Espero que Taylor tenha separado uma para você.

Ele se levanta e veste uma cueca. Ah... Eu poderia ficar aqui o dia todo, observando-o passear pelo quarto.

— Ande — repreende-me, mandão como sempre. Eu sorrio para ele.

— Só admirando a vista.

Ele revira os olhos para mim.

Enquanto nos vestimos, percebo que nos movemos com a sincronia de duas pessoas que se conhecem bem, um prestando atenção ao outro, trocando de vez em quando um sorriso tímido e um toque gentil. E me dou conta de que isso é tão novo para mim quanto é para ele.

— Seque o cabelo — ordena Christian, depois que nos vestimos.

— Autoritário como sempre. — Sorrio, e ele se inclina para beijar meu cabelo.

— Isso nunca vai mudar, baby. Não quero que você fique doente.

Reviro os olhos, e ele contorce a boca, divertindo-se.

— Você sabe que as palmas das minhas mãos ainda coçam, não sabe, Srta. Steele?

— Fico feliz em ouvir isso, Sr. Grey. Estava começando a achar que você estava perdendo o jeito.

— Eu posso facilmente demonstrar que esse não é o caso, se você assim o desejar.

Christian retira de sua bolsa um grande suéter creme de malha grossa e o coloca sobre os ombros. De calça jeans, camiseta branca e com o cabelo magistralmente desgrehado, parece saído das páginas de uma revista de moda.

Ninguém deveria ser tão bonito. E não sei se é a distração momentânea de sua aparência perfeita ou se é porque sei que ele me ama, mas as ameaças dele já não me encham de pavor. Esse é o meu Cinquenta Tons; é assim que ele é.

Ao pegar o secador de cabelo, uma sensação quase tangível de esperança floresce. Vamos encontrar um meio-termo. Só precisamos reconhecer as necessidades um do outro e equilibrá-las. *Sou capaz disso, não sou?*

Olho para mim mesma no espelho da penteadeira. Estou vestindo a camisa azul-clara que Taylor comprou e lembrou de colocar na mala para mim. Meu cabelo está uma bagunça, o rosto corado, os lábios inchados. Eu os toco, lembrando-me dos beijos escaldantes de Christian, e não consigo evitar um pequeno sorriso diante do espelho. *Sim, amo*, ele disse.

* * *

— PARA ONDE ESTAMOS indo, exatamente? — pergunto enquanto esperamos pelo manobrista no saguão do hotel.

Christian pisca para mim com ar conspiratório, tentando desesperadamente conter a alegria. Sinceramente, essa atitude é totalmente nova.

Ele estava assim quando saímos para voar no planador. Talvez seja isso que a gente vá fazer agora. Dou uma olhada nele. Ele me encara de volta daquele seu jeito superior, o sorriso torto, e se inclina para me dar um beijo de leve.

— Você tem alguma ideia de como me faz feliz? — murmura.

— Tenho... Sei exatamente. Porque você faz o mesmo por mim.

O manobrista aparece trazendo o carro de Christian e exibindo um sorriso gigante. Nossa, está todo mundo tão feliz hoje.

— Belo carro, senhor — murmura ele ao entregar as chaves. Christian lhe dá uma piscadela e uma gorjeta obscenamente alta.

Faço cara feia. Francamente.

* * *

À MEDIDA QUE AVANÇAMOS pelo tráfego, Christian mergulha profundamente em seus pensamentos. Uma voz jovem de mulher vem dos alto-falantes. É um timbre bonito, rico e suave, e me perco na tristeza comovente daquela voz.

— Preciso fazer um desvio. Não deve demorar muito — diz ele, distraído, afastando-me da música.

Ah, por quê? Estou curiosa para saber qual é a surpresa. Minha deusa interior está pulando feito uma criança de cinco anos.

— Claro — murmuro. Tem alguma coisa errada. De repente, ele parece sombriamente determinado.

Christian entra no estacionamento de uma enorme concessionária de veículos, encosta o carro e se vira para mim, a expressão cautelosa.

— Precisamos comprar um carro novo para você.

Fico boquiaberta.

Agora? Em um domingo? Que diabo é isso? E esta é uma concessionária da Saab.

— Não vai ser um Audi? — É, estupidamente, a única coisa que consigo pensar em dizer, e, graças a Deus, ele chega a ficar corado.

Christian, envergonhado. Mais uma primeira vez!

— Achei que você poderia gostar de outra coisa — balbucia ele. Está quase se contorcendo.

Ah, por favor... A oportunidade é valiosa demais para não provocá-lo. Sorrio para ele:

— Um Saab?

— É. Um 9-3. Venha.

— O que você tem com carros estrangeiros?

— Os alemães e os suecos fazem os carros mais seguros do mundo, Anastasia.

Ah, é?

— Pensei que você já tinha mandado substituírem o A3.

Ele me lança um olhar sombrio e divertido.

— Posso cancelar isso. Venha. — Saltando do carro, caminha até o lado do carona e abre a porta para mim. — Estou lhe devendo um presente de formatura — diz em voz baixa, estendendo a mão para mim.

— Christian, você realmente não tem que fazer isso.

— Sim, eu tenho. Por favor. Venha. — Seu tom diz que ele não está para brincadeiras.

Resigno-me ao meu destino. Um Saab? Eu quero um Saab? Eu bem que gostava do meu Audi Especial de Submissa. Era tão

chique.

Claro, agora ele está sob uma tonelada de tinta branca... Estremeço. E ela ainda está solta por aí.

Seguro a mão de Christian, e entramos na loja.

Troy Turniansky, o vendedor, praticamente pula em cima de Christian, feito um carrapato. Sabe detectar uma venda garantida. Ele tem um sotaque estranho, não definido, talvez britânico? É difícil dizer.

— Um Saab, senhor? Usado? — Ele esfrega as mãos de contentamento.

— Novo — Christian contrai os lábios.

Novo!

— Você tem algum modelo em mente, senhor? — E é um bajulador, também.

— 9-3, 2.0T, modelo esporte, sedã.

— Excelente escolha, senhor.

— Que cor, Anastasia? — Christian inclina a cabeça.

— Hum... preto? — Dou de ombros. — Você realmente não precisa fazer isso.

Ele franze a testa.

— Preto não é muito visível à noite.

Ah, pelo amor de Deus. Resisto à tentação de revirar os olhos.

— Seu carro é preto.

Ele franze as sobrancelhas para mim.

— Amarelo, então. — Dou de ombros.

Christian faz cara feia. Amarelo obviamente não é a cor preferida dele.

— Que cor você quer que eu escolha, então? — pergunto como se ele fosse uma criança, o que ele não deixa de ser, em muitos sentidos. O pensamento não é bem-vindo. Triste e circunspecto ao mesmo tempo.

— Prata ou branco.

— Prata, então. Você sabe que eu posso ficar com o Audi — acrescento, reprimida por meus pensamentos.

Troy empalidece, sentindo que está perdendo a venda.

— Que tal o conversível, senhora? — pergunta, batendo uma mão na outra com entusiasmo.

Meu inconsciente está se remoendo de desgosto por todo esse negócio de compra de carros, mas minha deusa interior o derruba no chão. *Conversível? Nossa!*

Christian franze a testa e me olha de relance.

— Conversível? — pergunta, erguendo uma sobrancelha.

Fico vermelha. É como se ele tivesse uma conexão direta com minha deusa interior, o que ele obviamente tem. E pode ser bem inconveniente às vezes. Olho para minhas mãos.

Christian se vira para Troy.

— Quais são as estatísticas de segurança do conversível?

Percebendo a vulnerabilidade de Christian, Troy dá o bote, desfiando todos os tipos de estatísticas.

É claro que Christian me quer em segurança. É uma religião para ele, e, como o maníaco por controle que é, ele ouve atentamente a lenga-lenga bem afiada de Troy. Ele realmente se preocupa.

Sim. Amo. Lembro-me de suas palavras sussurradas esta manhã, e um brilho derretido se espalha por minhas veias como mel aquecido. Este homem — uma dádiva de Deus para as mulheres — me ama.

Então me dou conta de que estou rindo para ele feito uma idiota, e quando ele me olha de volta, acha graça, ainda que pareça intrigado por minha expressão. Estou tão feliz que minha vontade é abraçar a mim mesma.

— Quero um pouco desse entorpecente que você tomou, Srta. Steele — murmura ele assim que Troy volta para seu computador.

— O entorpecente é você, Sr. Grey.

— Sério? Bem, você sem dúvida parece alterada. — Ele me dá um beijo rápido. — E obrigado por aceitar o carro. Foi mais fácil do que da última vez.

— Bem, não é um A3.

Ele sorri.

— Aquele não é o carro certo para você.

— Eu gostava dele.

— Senhor, sobre o 9-3? Localizei um na concessionária de Beverly Hills. Podemos trazê-lo para cá em dois dias — diz Troy, radiante.

— Topo de linha?
— Sim, senhor.
— Excelente. — Christian saca seu cartão de crédito, ou será o de Taylor? O pensamento é inquietante. Eu me pergunto como Taylor está, e se encontrou Leila no apartamento. Massageio a testa. Sim, Christian também vem com toda essa bagagem.
— Se puder me acompanhar, Sr... — Troy olha o nome no cartão
— ...Grey.

* * *

CHRISTIAN ABRE A PORTA para mim, e eu me sento de novo no banco do passageiro.

— Obrigada — digo, quando ele se senta ao meu lado. Ele sorri.
— Não há de quê. — A música recomeça assim que Christian liga o motor.
— Quem está cantando? — pergunto.
— Eva Cassidy.
— Tem uma voz linda.
— Tem, tinha.
— Ah.
— Morreu jovem.
— Ah.
— Está com fome? Você não terminou o café da manhã. — Ele me lança um olhar rápido, a desaprovação estampada no rosto.
Xi.

— Estou.
— Então primeiro vamos almoçar.
Christian conduz o carro na direção da orla e depois segue para o norte, ao longo do viaduto Alaskan Way. Mais uma vez o dia em Seattle está lindo. Nas últimas semanas o tempo tem se mantido incomumente bom.

Christian parece feliz e descontraído enquanto ouvimos a voz doce e triste de Eva Cassidy e seguimos pela estrada. Alguma vez já me senti tão tranquila em sua companhia antes? Não sei.

Sinto-me menos tensa a respeito de seu temperamento, confiante de que ele não vai me castigar, e ele também parece mais

à vontade. Ele vira à esquerda, seguindo pela orla, e entra num estacionamento em frente a uma ampla marina.

— Vamos comer aqui. Vou abrir a porta para você — diz de um jeito que indica que é melhor eu não me mover, e o vejo dando a volta no carro. Será que um dia vou me acostumar a isso?

* * *

ANDAMOS DE MÃOS dadas até a orla, onde a marina se estende diante de nós.

— Quantos barcos — murmuro, admirada.

São centenas deles, de todos os formatos e tamanhos, subindo e descendo nas águas tranquilas da marina. No estuário de Puget, dezenas de velas deslizam ao vento, de um lado para o outro. É uma vista extraordinária. O vento aumentou um pouco, então aperto o casaco em meu corpo.

— Frio? — pergunta ele, abraçando-me com força.

— Não, só admirando a vista.

— Poderia admirá-la o dia inteiro. Venha, por aqui.

Christian me leva até um bar à beira-mar e se dirige ao caixa. A decoração é mais típica da Nova Inglaterra do que da Costa Oeste: paredes brancas, móveis azul-claros e enfeites náuticos pendurados por toda parte. É um lugar iluminado e alegre.

— Sr. Grey! — O *barman* cumprimenta Christian calorosamente. — O que vai querer hoje?

— Boa tarde, Dante. — Christian sorri enquanto nos sentamos nos bancos do bar. — Esta bela moça é Anastasia Steele.

— Bem-vinda ao SP's Place. — Dante me lança um sorriso amigável. Ele é negro e lindo, os olhos escuros me avaliando e, ao que parece, aprovando. Um grande diamante em sua orelha pisca para mim. Gosto dele imediatamente. — O que vai querer beber, Anastasia? — Viro-me para Christian, que me encara em expectativa. Ah, ele vai me deixar escolher.

— Por favor, pode me chamar de Ana, e vou beber o mesmo que Christian. — Sorrio timidamente para Dante. Christian é muito melhor do que eu para escolher vinhos.

— Vou tomar uma cerveja. Este é o único bar em Seattle que tem Adnams Explorer.

— Cerveja?

— É. — Ele sorri para mim. — Duas Adnams Explorers, por favor, Dante.

Dante concorda e coloca as cervejas no balcão.

— Eles fazem um ensopado de frutos do mar delicioso aqui — diz Christian.

Ele está perguntando minha opinião.

— Ensopado e cerveja parece ótimo. — Sorrio para ele.

— Dois ensopados? — pergunta Dante.

— Por favor. — Christian sorri.

Conversamos durante a refeição como nunca fizemos antes. Christian está relaxado e calmo; parece jovem, feliz e animado apesar de tudo que aconteceu ontem. Ele me conta a história da Grey Enterprises Holdings, Inc. e, quanto mais revela, mais sinto sua paixão por dar um jeito em empresas com problemas, as esperanças que tem na tecnologia que está desenvolvendo e os sonhos de tornar a terra no terceiro mundo mais produtiva. Ouço, extasiada. Ele é engraçado, inteligente, filantrópico e bonito, e me ama.

Por sua vez, Christian me atormenta com perguntas sobre Ray e minha mãe, sobre como foi crescer nas florestas exuberantes de Montesano e minhas passagens breves pelo Texas e por Las Vegas. Ele quer saber quais são meus livros e filmes preferidos, e fico surpresa com o quanto temos em comum.

Enquanto conversamos, percebo que ele está deixando de ser o Alec do livro de Thomas Hardy para se transformar em Angel. Da vilania à perfeição em tão pouco tempo.

Já passam de duas da tarde quando terminamos de comer. Christian acerta a conta com Dante, que se despede de nós calorosamente.

— Esse lugar é ótimo. Obrigada pelo almoço — digo. Christian pega minha mão, e deixamos o bar.

— Voltaremos aqui — diz ele, e caminhamos à beira-mar. — Queria lhe mostrar uma coisa.

— Eu sei... e mal posso esperar para ver o que é.

* * *

CAMINHAMOS DE MÃOS DADAS ao longo da marina. É uma tarde muito agradável. As pessoas estão aproveitando o domingo: passeando com o cachorro, admirando os barcos, vendo os filhos correrem pelo calçadão.

À medida que avançamos pela marina, os barcos vão ficando maiores. Christian me leva até o cais e para diante de um catamarã enorme.

— Pensei que a gente podia velejar hoje. Este é o meu barco.

Putá merda. Deve ter no mínimo uns quinze metros. Dois cascos brancos e elegantes, um deck, uma cabine espaçosa e, estendendo-se até lá no alto, um mastro impressionante. Não sei nada de barcos, mas dá para perceber que este é especial.

— Uau... — murmuro, admirada.

— Construído por minha empresa — diz ele, com orgulho, e meu coração se infla. — Foi concebido do zero pelos melhores arquitetos navais do mundo e construído aqui em Seattle, no meu quintal. Motor elétrico híbrido, bolinas assimétricas, vela mestra de topo quadrado.

— Certo... está me deixando tonta, Christian.

Ele sorri.

— É um belo barco.

— Realmente parece imponente, Sr. Grey.

— E é, Srta. Steele.

— Qual é o nome?

Ele me leva até a lateral do barco para que eu possa ver por mim mesma: *The Grace*. Fico surpresa.

— Você deu o nome de sua mãe?

— Dei. — Ele inclina a cabeça, confuso. — Por que você acha isso estranho?

Dou de ombros. Estou surpresa, ele sempre parece ambíguo na presença dela.

— Adoro minha mãe, Anastasia. Por que não daria o nome dela ao meu barco?

Fico vermelha.

— Não, não é isso... é só... — Droga, como vou colocar isso em palavras?

— Anastasia, Grace Trevelyan-Grey salvou minha vida. Devo tudo a ela.

Olho para ele e deixo que a suave reverência em sua voz ao proferir essa confissão tome conta de mim. Fica claro, pela primeira vez, que ele ama a mãe. Por que então essa ambivalência estranha e tensa que ele tem em relação a ela?

— Quer subir a bordo? — pergunta ele, os olhos brilhantes, animados.

— Sim, por favor. — Sorrio.

Ele parece contente e, segurando minha mão, caminha até a pequena prancha, conduzindo-me a bordo. Chegamos a um convés sob um toldo rígido.

De um lado há uma mesa e um banco em forma de U forrado de couro azul-claro que deve acomodar pelo menos oito pessoas. Dou uma olhada através das portas de correr para o interior da cabine e levo um susto ao perceber que tem alguém lá dentro. Um homem alto e louro abre as portas e emerge: bronzeado, o cabelo encaracolado e os olhos castanhos, ele está vestindo uma camisa polo rosa desbotada de manga curta, bermuda e mocassins. Deve ter uns trinta anos.

— Mac. — Christian sorri.

— Sr. Grey! Bem-vindo de volta. — Eles apertam as mãos.

— Anastasia, este é Liam McConnell. Liam, minha namorada, Anastasia Steele.

Namorada! Minha deusa interior dá um passo rápido de balé. Ela ainda está toda boba com o conversível. Tenho que me acostumar. Não é a primeira vez que ele diz isso, mas ouvi-lo ainda é emocionante.

— Como vai? — Liam aperta minha mão. — Pode me chamar de Mac — diz ele calorosamente, e não consigo identificar de onde vem seu sotaque. — Bem-vinda a bordo, Srta. Steele.

— Pode me chamar de Ana, por favor — murmuro, corando. Ele tem olhos castanhos profundos.

— Como ela está, Mac? — Christian nos interrompe depressa, e, por um momento, acho que está falando de mim.

— Prontinha para mandar ver, senhor. — Mac sorri. *Ah, o barco, The Grace. Sua bobinha.*

— Vamos lá, então.

— Vai sair com ela?

— Vou. — Christian lança um sorriso breve para Mac. — Quer fazer um tour rápido, Anastasia?

— Sim, por favor.

Eu o sigo para dentro da cabine. Bem em frente a nós há um sofá em L de couro creme e, acima dele, uma janela enorme e curva oferece uma vista panorâmica para a marina. À esquerda fica a cozinha, muito bem equipada, toda em madeira clara.

— Este é o salão principal. E a cozinha ao lado — diz Christian, fazendo um gesto com a mão na direção da cozinha.

Ele pega minha mão e me leva pelo salão principal. É surpreendente, de tão grande. O chão é forrado com a mesma madeira clara. Tem um ar moderno e elegante, transmitindo uma sensação leve e arejada, mas é tudo muito funcional, como se ele não passasse muito tempo ali.

— Banheiros dos dois lados. — Christian aponta duas portas, em seguida, abre uma porta pequena e de formato estranho diante de nós e entra num cômodo. É um quarto de luxo. *Ah...*

Uma cama king size, lençóis de linho azul-claro e madeira clara, exatamente como seu quarto no Escala. É evidente que quando Christian escolhe um padrão, permanece fiel a ele.

— E aqui, a cabine principal. — Ele me encara, os olhos cinzentos brilhando. — Você é a primeira garota que vem aqui, tirando as da família. — Ele sorri. — Elas não contam.

Fico vermelha sob seu olhar abrasador, e meu pulso acelera. *Sério? Mais uma primeira vez.* Ele me puxa para seus braços, os dedos enrolados em meu cabelo, e me beija com força por um longo tempo. Quando me solta, estamos os dois sem fôlego.

— Talvez a cama tenha que ser batizada — sussurra em minha boca.

Ah, no mar!

— Mas não agora. Vamos, Mac deve estar zarpando.

Ignoro a pontada de decepção quando ele pega minha mão e me leva de volta pelo salão. Ele indica outra porta.

— O escritório, e ali na frente, mais duas cabines.
— Quantas pessoas podem dormir a bordo?
— Seis. Mas nunca trouxe mais ninguém além da família. Gosto de velejar sozinho. Mas não com você aqui. Preciso ficar de olho em você.

Ele abre uma gaveta e puxa um colete salva-vidas de um vermelho berrante.

— Aqui — passando-o por sobre minha cabeça, ele aperta as tiras, um leve sorriso brincando em seus lábios.

— Você adora me amarrar, não é?

— De todos os jeitos — responde ele, com um sorriso maldoso.

— Você é um perverso.

— Eu sei. — Ele ergue as sobrancelhas e amplia o sorriso.

— Meu perverso — sussurro.

— Sim, seu.

Uma vez que está bem preso, ele segura as laterais do colete e me beija.

— Para sempre. — Suspira e me solta antes que eu possa responder.

Para sempre! Puta merda.

— Venha. — Ele pega minha mão e me leva para fora. Nós subimos alguns degraus e chegamos ao convés superior, onde uma cabine pequena abriga um timão grande e um banco alto. Na proa do barco, Mac está mexendo nas cordas.

— Foi aqui que você aprendeu todos os seus truques com cordas? — pergunto a Christian inocentemente.

— Nós de marinheiro são bem úteis — responde ele, avaliando-me. — Srta. Steele, você parece curiosa. Gosto de você curiosa. Eu ficaria mais do que feliz em demonstrar o que posso fazer com uma corda. — Ele sorri para mim, e eu o encaro de volta, impassível, como se ele tivesse me chateado.

A decepção em seu rosto é aparente.

— Peguei você — sorrio.

Sua boca se contorce e ele aperta os olhos.

— Talvez eu tenha que dar um jeito em você mais tarde, mas agora preciso conduzir meu barco. — Ele se senta aos controles, aperta um botão e liga os motores barulhentos.

Mac volta correndo pela lateral do barco, sorrindo para mim, e salta para o convés lá embaixo, onde começa a desatar um nó. Talvez ele também conheça alguns truques com corda. A ideia indesejada invade minha cabeça, e fico vermelha.

Meu inconsciente me encara. Mentalmente, dou de ombros para ele e olho para Christian. Culpa dele. Ele pega o fone e fala com a Guarda Costeira enquanto Mac grita que estamos prontos para partir.

Mais uma vez, fico espantada com a competência de Christian. Não há nada que esse homem não possa fazer? Então me lembro de sua tentativa sincera de cortar e picar um pimentão em meu apartamento na sexta passada. O pensamento me faz sorrir.

Lentamente, Christian conduz *The Grace* para fora do ancoradouro e em direção à entrada da marina. Atrás de nós, uma pequena multidão se reuniu junto às docas para assistir a nossa partida. Crianças pequenas acenam, e eu aceno de volta.

Christian me olha por sobre o ombro e, em seguida, coloca-me entre suas pernas e aponta os vários mostradores e dispositivos no painel.

— Pegue o timão — ordena ele, mandão como sempre, mas obedeço.

— Sim, sim, capitão! — Dou uma risadinha.

Colocando as mãos confortavelmente sobre as minhas, ele continua a conduzir o barco para fora da marina, e, em poucos minutos, estamos em mar aberto, nas águas frias e azuis do estuário de Puget. Longe do abrigo do muro de proteção da marina, o vento é mais forte, e o mar sussurra e se agita abaixo de nós.

Não consigo parar de sorrir, sentindo a empolgação de Christian: é tão divertido. Fazemos uma curva aberta e seguimos em direção ao oeste, para a península Olympic, o vento atrás de nós.

— Hora de velejar — diz Christian, animado. — Aqui, sua vez. Mantenha-a neste curso.

O quê? Ele sorri, vendo o pavor estampado em meu rosto.

— Baby, é muito fácil. Segure o timão e mantenha os olhos no horizonte, sobre a proa. Você vai se sair muito bem, como sempre. Quando as velas subirem, você vai sentir uma puxada no timão. Apenas segure firme. Quando eu fizer assim — e ele faz um sinal

com a mão como se estivesse cortando a garganta —, você pode desligar o motor. Este botão aqui — aponta um grande botão preto. — Entendeu?

— Entendi. — Aceno com a cabeça freneticamente, sentindo-me em pânico. *Meu Deus, achei que eu não fosse ter que fazer nada!*

Ele me dá um beijo rápido e sai de sua cadeira de capitão, seguindo para a frente do barco, onde se junta a Mac e começa a desenrolar as velas, a desatar cordas e a girar manivelas e polias. Eles trabalham bem em equipe, gritando vários termos náuticos um para o outro, e é comovente assistir Christian interagindo com outra pessoa de forma tão despreocupada.

Talvez Mac seja amigo de Christian. Ele não parece ter muitos amigos, até onde sei, mas bem, eu também não tenho. Pelo menos não aqui em Seattle. A única amiga que tenho está de férias, tomando sol em Saint James, na costa oeste de Barbados.

Sinto uma pontada súbita por Kate. Estou com mais saudade dela do que achei que sentiria quando ela partiu. Espero que mude de ideia e volte para casa com o irmão, Ethan, em vez de prolongar a viagem com Elliot, o irmão de Christian.

Christian e Mac içam a vela grande. Ela se infla assim que o vento toma conta dela, faminto, e o barco dá uma guinada brusca, acelerando. Posso senti-lo no timão. *Uau!*

Eles começam a abrir a vela de proa, e eu a observo, fascinada, subir o mastro. O vento a atinge em cheio, esticando-a.

— Segure firme e desligue os motores! — grita Christian para mim por sobre o barulho do vento, fazendo o sinal. Mal posso ouvir sua voz, mas aceno com entusiasmo, olhando para o homem que amo, eufórico em meio ao vento, segurando-se por causa do balanço do barco.

Aperto o botão, o rugido dos motores cessa e *The Grace* segue em direção à península Olympic, cortando as águas como se estivesse voando. Quero gritar e celebrar: com certeza esta é uma das experiências mais emocionantes da minha vida, exceto talvez pelo planador, e quem sabe o Quarto Vermelho da Dor.

Uau. Este barco é rápido! Mantenho-me firme, segurando o timão, lutando contra o leme, e mais uma vez Christian está atrás de mim, as mãos sobre as minhas.

— E aí, o que está achando? — grita ele por cima do som do vento e do mar.

— Christian! É maravilhoso.

Ele abre um sorriso de orelha a orelha.

— Espere só até a bujarrona estar aberta. — Ele aponta com o queixo para Mac, que está desenrolando a tal bujarrona: uma vela de um vermelho-escuro muito intenso. Isso me lembra as paredes do quarto de jogos.

— Bela cor — grito.

Ele me lança um sorriso feroz e dá uma piscadela. Ah, é de propósito.

A vela se abre num estranho formato elíptico, acelerando o barco. E *The Grace* segue cortando as águas do estuário.

— A vela assimétrica. Para ganhar velocidade. — Christian responde à minha pergunta silenciosa.

— É incrível. — Não consigo pensar em nada melhor para dizer.

Estou com o sorriso mais idiota estampado no rosto ao furarmos a água, rumo à maravilha que são as montanhas Olympic e a ilha de Bainbridge. Olhando para trás, vejo Seattle encolhendo, o monte Rainier a distância.

Nunca tinha notado como a paisagem de Seattle e seus arredores é selvagem e bonita: verde, viçosa e típica do clima temperado, árvores altas e penhascos se sobressaindo aqui e ali. É uma beleza primitiva, mas serena, numa maravilhosa tarde ensolarada que me tira o fôlego. A quietude é impressionante se comparada à velocidade com que cortamos a água.

— A que velocidade estamos agora?

— Uns quinze nós.

— Não tenho ideia do que isso significa.

— Mais ou menos vinte e oito quilômetros por hora.

— Só? Parece muito mais rápido.

Ele aperta minhas mãos, sorrindo.

— Você está linda, Anastasia. É bom ver um pouco de cor em suas bochechas... e não por estar envergonhada. Você está como nas fotos do José.

Eu me viro e lhe dou um beijo.

— Você sabe como agradar uma garota, Sr. Grey.

— Nosso objetivo é satisfazer, Srta. Steele. — Ele levanta meu cabelo e beija minha nuca, provocando arrepios deliciosos ao longo de minha coluna. — Gosto de ver você feliz — murmura, apertando os braços em volta de mim.

Fito a imensidão azul, perguntando-me o que fiz no passado para o destino ter sorrido para mim e me presenteado com esse homem lindo.

Sim, você é uma sortuda filha da mãe, meu inconsciente exclama. *Mas você ainda tem um longo caminho pela frente. Ele não vai querer essa porcaria de baunilha para sempre... você vai ter que ceder.* Mentalmente, fito seu rosto insolente e crítico, e descanso a cabeça no peito de Christian. Lá no fundo sei que meu inconsciente tem razão, no entanto, afasto o pensamento. Não quero estragar meu dia.

* * *

UMA HORA DEPOIS, estamos ancorados em uma enseada pequena e isolada da ilha de Bainbridge. Mac foi até a praia no bote inflável, fazer o quê, não sei, mas tenho minhas suspeitas, porque assim que Mac liga o motor de popa, Christian agarra minha mão e praticamente me arrasta para sua cabine, um homem com uma missão.

Ele para diante de mim, exalando sua sensualidade embriagante enquanto seus dedos habilidosos soltam depressa as tiras do meu colete salva-vidas. Christian o joga para um lado e me encara fixamente, os olhos escuros e dilatados.

Já estou completamente entregue e ele mal me tocou. Ele leva a mão até meu rosto, e seus dedos se movem para meu queixo, meu pescoço, meu colo, queimando-me com seu toque, até o primeiro botão da minha blusa azul.

— Quero ver você — sussurra ele e, com destreza, abre o botão. Inclinando-se, deixa um beijo suave em meus lábios entreabertos. Estou ofegante e ansiosa, excitada pela combinação poderosa de sua beleza envolvente, a sexualidade crua encarcerada nesta cabine e o balanço suave do barco. Ele chega para trás. — Tire a roupa para mim. — Suspira, os olhos em chamas.

Ah, meu Deus. Fico mais do que feliz em obedecer. Sem tirar os olhos dele, abro cada botão lentamente, saboreando seu olhar abrasador. Ah, isso é inebriante. Posso ver seu desejo, está evidente em seu rosto... e em outros lugares.

Deixo minha camisa cair no chão e alcanço o botão da calça jeans.

— Pare — ordena ele. — Sente-se.

Sento-me na borda da cama, e, em um movimento ligeiro, ele está de joelhos na minha frente, desamarrando o cadarço de um dos meus tênis, depois o outro, e então os tira, e depois minhas meias. Ele pega meu pé esquerdo e o levanta, dando um beijo suave embaixo do dedão, roçando os dentes nele.

— Ah! — gemo ao sentir o efeito que aquilo produz em minha virilha. Ele fica de pé e me levanta da cama.

— Continue — diz, afastando-se para me observar.

Abro o zíper e enfio os polegares no cóis da calça, enquanto rebolo para deslizá-la pelas pernas. Um leve sorriso brinca em seus lábios, mas seus olhos permanecem escurecidos.

E não sei se é porque ele fez amor comigo esta manhã, e realmente quero dizer fez amor, com suavidade, gentileza, ou se foi sua declaração apaixonada — *sim... amo* —, mas não me sinto nada envergonhada. Quero ser sensual para esse homem. Ele merece isso, ele me faz me sentir sensual. Tá, é tudo novidade para mim, mas estou aprendendo sob sua tutela especializada. E bom, muito disso é novidade para ele também. O que equilibra as coisas entre a gente um pouco, acho.

Estou usando um dos conjuntos novos de calcinha branca de renda e sutiã combinando: itens de marca com uma etiqueta de preço condizente. Livro-me da calça jeans e fico ali diante dele, com a lingerie pela qual ele pagou, mas já não me sinto barata. Eu me sinto sua.

Abro o sutiã, deslizo as alças por meus braços e o deixo cair sobre minha blusa. Lentamente, tiro a calcinha, deixando-a escorregar até os tornozelos, e me desvencilho dela com um passo para o lado, surpresa com minha elegância.

De pé diante dele, estou nua e não me sinto envergonhada, e sei que é porque ele me ama. Não preciso mais me esconder. Ele não

diz nada, apenas me olha. Tudo o que vejo é o seu desejo, sua adoração até, e algo mais, a profundidade de sua necessidade, a profundidade do seu amor por mim.

Ele segura a barra do seu suéter cor de creme e o puxa por sobre a cabeça, depois tira a camiseta, revelando seu peito, sem tirar os olhos cinzentos e destemidos dos meus. Tira os sapatos, as meias e por último segura o botão da calça jeans.

Eu me aproximo e sussurro:

— Deixe que eu faça isso.

Seus lábios se entreabrem por um instante, e ele sorri.

— À vontade.

Dou um passo na direção dele, deslizo meus dedos ousados para dentro do cóis da calça e o puxo de modo que ele é obrigado a dar um passo em minha direção. Ele suspira involuntariamente ante a minha audácia inesperada, em seguida sorri. Abro o botão, mas antes de descer o zíper, deixo meus dedos brincarem por ali, acompanhando sua ereção através do brim macio. Ele flexiona os quadris contra a minha mão e fecha os olhos por um instante, saboreando o toque.

— Você está ficando tão ousada, Ana, tão corajosa — sussurra ele e segura meu rosto com ambas as mãos, inclinando-se para um beijo profundo.

Coloco minhas mãos em seu quadril — metade em sua pele fria, metade na cintura da calça.

— Você também — murmuro contra seus lábios enquanto meus polegares massageiam círculos lentos em sua pele, e ele sorri.

— Estamos chegando lá.

Deslizo as mãos até a frente da calça e abro o zíper. Meus dedos intrépidos percorrem os pelos pubianos dele até a sua ereção, e eu o agarro com firmeza.

Ele solta um gemido baixo na garganta, seu hálito doce me envolvendo, e me beija de novo, com ternura. Minha mão se move sobre ele, em torno dele, acariciando-o, apertando-o com força, e ele me envolve em seus braços, a mão direita espalmada contra o meio das minhas costas, os dedos abertos. A mão esquerda está no meu cabelo, segurando-me junto à sua boca.

— Ah, Ana, eu quero tanto você — ofega ele, dando um passo brusco para trás e tirando a calça e a cueca num movimento rápido e ágil. Ele é lindo, com ou sem roupa, cada centímetro dele.

É perfeito. *A única profanação de sua beleza são as cicatrizes*, penso, com tristeza. E elas vão muito além da sua pele.

— O que foi, Ana? — murmura ele, acariciando meu rosto com os nós dos dedos, com gentileza.

— Nada. Faça amor comigo, agora.

Ele me puxa em seus braços, beijando-me, enfiando as mãos no meu cabelo. Nossas línguas entrelaçadas, ele me conduz de costas até a cama e suavemente me deita sobre ela, juntando-se a mim, ao meu lado.

Ele corre o nariz ao longo do meu queixo, e minhas mãos acariciam seu cabelo.

— Você tem alguma ideia de como o seu cheiro é delicioso, Ana? É um perfume irresistível.

Suas palavras fazem o que sempre fazem: inflamam meu sangue, aceleram minha pulsação. E ele esfrega o nariz em meu pescoço, meus seios, beijando-me com reverência.

— Você é tão linda — murmura ao envolver um dos meus mamilos em sua boca e chupá-lo suavemente.

Solto um gemido e jogo a cabeça para trás.

— Quero ouvir você, baby.

Sua mão segue até minha cintura, e eu me regozijo com a sensação de seu toque, pele contra pele, sua boca sedenta em meus seios e seus longos dedos habilidosos em mim, acariciando-me, afagando-me. Ele desce a mão por meus quadris, minha bunda e ao longo de minha perna até o joelho, e durante todo esse tempo está beijando e chupando meus seios.

Segurando meu joelho, ele de repente ergue minha perna, passando-a sobre seu quadril, fazendo-me suspirar, e eu sinto, mais do que vejo, seu sorriso de resposta contra minha pele. Ele gira o corpo, de forma que fico montada nele, e me passa um envelopinho de papel laminado.

Chego para trás e o seguro entre as mãos. Simplesmente não consigo resistir a ele, em toda a sua glória. E me curvo para beijá-lo, enfiando-o na boca, brincando com a língua a seu redor e, então,

chupando com força. Ele geme e flexiona o quadril, entrando ainda mais em minha boca.

Hum... que gosto bom. Quero ele dentro de mim. Eu me sento e o encaro; está ofegante, observando-me atento e boquiaberto.

Depressa, rasgo o papel laminado e coloco a camisinha nele. Ele me estende as mãos. Seguro uma delas e, com a mão livre, posiciono-me sobre ele, lentamente, reivindicando-o como meu.

Ele geme baixinho, fechando os olhos.

A sensação dele dentro de mim... me abrindo... me preenchendo, solto um gemido baixo, *é divina.* Ele coloca as mãos na minha cintura e me move para cima e para baixo, metendo em mim. *Ah... é tão bom.*

— Ah, baby — sussurra ele e, de repente, ergue-se, de forma que ficamos cara a cara, e a sensação é extraordinária, de plenitude.

Suspiro, agarrando seus braços enquanto ele segura minha cabeça entre as mãos e me olha nos olhos... os dele intensos e cinzentos, ardendo de desejo.

— Ana. O que você me faz sentir — murmura e me beija apaixonadamente, com ardor fervoroso.

Eu o beijo de volta, tonta com a deliciosa sensação dele dentro de mim.

— Eu amo você — murmuro.

Ele geme como se doesse ouvir minhas palavras sussurradas, e rola, levando-me com ele, sem interromper nosso precioso contato, de modo que fico debaixo de seu corpo. Envolvero as pernas em sua cintura.

Ele me olha com uma adoração maravilhada, e tenho certeza de que sua expressão se espelha em minha face à medida que acaricio seu belo rosto. Muito lentamente, ele começa a se mover, fechando os olhos e gemendo baixinho.

O balanço suave do barco e a tranquilidade da cabine são quebrados apenas pelas nossas respirações misturadas enquanto, lentamente, ele entra e sai de mim, tão controlado e tão gostoso: é divino. Ele coloca o braço por cima de minha cabeça, a mão em meu cabelo, e acaricia meu rosto com a outra mão ao se inclinar para me beijar.

Estou aninhada nele, e ele faz amor comigo, entrando e saindo devagar, saboreando-me. Eu o toco, atendo-me aos limites: seus braços, seu cabelo, a parte inferior de suas costas, sua bunda. E minha respiração se acelera à medida que o ritmo constante dele me dá mais e mais prazer. Ele beija minha boca, meu queixo, depois mordisca minha orelha. Posso ouvir sua respiração ofegante a cada investida suave de seu corpo.

Meu corpo começa a tremer. *Ah... Essa sensação que agora conheço tão bem... Estou perto... Ah...*

— Isso, baby... goze para mim... por favor... Ana — murmura ele, e suas palavras são minha perdição.

— Christian — grito, e ele geme, e nós gozamos juntos.

CAPÍTULO DEZ

—Mac vai voltar daqui a pouco — murmura ele.

— Hum. — Pisco para ele, encontrando seu olhar cinzento e gentil. Meu Deus, seus olhos têm uma cor incrível, especialmente aqui, no mar, refletindo a luz que vem da água através das pequenas janelas da cabine.

— Por mais que eu quisesse ficar aqui com você pelo resto da tarde, ele vai precisar da minha ajuda com o bote. — Debruçando-se, Christian me beija com ternura. — Ana, você está tão linda, toda despenteada e sexy. Me faz querer você de novo. — Ele sorri e se levanta da cama. Fico ali, de bruços, admirando a vista.

— Você também não é nada mau, capitão. — Faço um beicinho em admiração e ele sorri.

Eu o observo caminhar pela cabine e se vestir. Esse homem que acabou de fazer amor gentil comigo mais uma vez. Mal posso acreditar na minha sorte. Mal posso acreditar que ele é meu. Ele se senta ao meu lado para calçar os sapatos.

— Capitão, é? — diz secamente. — Bem, sou o senhor deste navio.

Inclino a cabeça.

— Você é o senhor do meu coração, Sr. Grey. — *E do meu corpo... e da minha alma.*

Ele balança a cabeça, incrédulo, e se abaixa para me beijar.

— Vou estar no convés. Tem um chuveiro no banheiro, se você quiser. Precisa de alguma coisa? Uma bebida? — pergunta ele, solícito, e tudo o que posso fazer é sorrir. É o mesmo homem que está falando comigo? É mesmo aquele homem de Cinquenta Tons? — O que foi? — diz ele, reagindo ao meu sorriso idiota.

— Você.

— O que tem eu?

— Quem é você e o que fez com Christian?

Seus lábios se contorcem num sorriso triste.

— Ele não está muito longe, baby — diz, em voz baixa, e há um toque de melancolia em sua voz que imediatamente faz com que eu me arrependa de minha pergunta. Mas ele balança a cabeça, afastando a tristeza. — Você vai encontrá-lo em breve — ele sorri —, especialmente se não se levantar. — E, esticando-se, me dá um tapa forte na bunda, e eu rio e grito ao mesmo tempo.

— Estava ficando preocupada.

— Ah, é? — Christian franze a testa. — Você realmente me manda sinais contraditórios, Anastasia. Como é que um homem pode entendê-la? — Ele se inclina e me beija de novo. — Até mais, baby — acrescenta e, com um sorriso deslumbrante, levanta-se e me deixa só com meus pensamentos dispersos.

* * *

QUANDO APAREÇO NO deque, Mac está de volta a bordo, mas ele passa para o convés superior assim que abro as portas do salão. Christian está no BlackBerry. *Falando com quem?*, eu me pergunto. Ele caminha devagar e me puxa para perto, beijando meu cabelo.

— Ótima notícia... Ótimo. Isso... Sério? A escada de incêndio?... Entendi... É, hoje à noite.

Ele desliga o telefone, e o som de motores sendo acionados me assusta. Mac deve estar na cabine de pilotagem acima de nós.

— Hora de voltar — diz Christian, beijando-me mais uma vez ao colocar o colete salva-vidas em mim.

* * *

O SOL ESTÁ baixo no céu atrás de nós enquanto percorremos o caminho de volta para a marina, e eu reflito sobre esta tarde maravilhosa. Sob a tutela cuidadosa e paciente de Christian, já guardei a vela grande, uma vela de proa e uma bujarrona, e também aprendi a dar um nó direito, um nó volta do fiel e um nó catau. Seus lábios estavam trêmulos durante toda a lição.

— Talvez eu amarre você um dia — murmuro, mal-humorada.
Sua boca se contorce com humor.

— Você vai ter que me pegar primeiro, Srta. Steele.

Suas palavras me fazem lembrar dele me perseguindo por todo o apartamento, a emoção e o desfecho terrível. Faço uma cara feia e estremeço. Depois disso, eu o deixei.

Será que o deixaria de novo, agora que ele admitiu que me ama? Olho bem dentro de seus olhos claros e cinzentos. Será que poderia deixá-lo de novo, se ele me fizesse algo terrível? Eu seria capaz de traí-lo desse jeito? Não. Acho que não.

Ele dá uma volta mais completa comigo pelo barco, explicando todos os projetos e técnicas inovadores, e os materiais de alta qualidade usados para construí-lo. Lembro-me da entrevista na primeira vez em que nos encontramos; desde então percebi sua paixão por barcos. Eu pensava que seu amor era só pelos navios oceânicos que sua empresa constrói — e não por catamarãs elegantes e sensuais também.

E, claro, ele fez amor comigo, carinhosamente e sem pressa. Balanço a cabeça, lembrando do meu corpo contorcido e ardendo de desejo sob suas mãos experientes. Ele é um amante excepcional, tenho certeza — embora, é claro, eu não tenha parâmetros de comparação. Mas Kate teria se gabado mais se sexo fosse sempre assim. Não é muito do feitio dela poupar detalhes.

Porém, por quanto tempo isso vai ser suficiente para ele? Simplesmente não sei, e o pensamento é desconcertante.

E então, ele se senta, e eu fico no círculo de segurança de seus braços pelo que parecem horas, num silêncio confortável e companheiro, enquanto *The Grace* desliza, aproximando-se cada vez mais de Seattle. Estou ao timão, Christian aconselhando, fazendo um ou outro ajuste.

— Velejar tem uma poesia tão antiga quanto o mundo — murmura ele no meu ouvido.

— Parece uma citação. — Sinto seu sorriso.

— E é. Antoine de Saint-Exupéry.

— Ah...

* * *

JÁ É FIM DE TARDE quando Christian, as mãos ainda nas minhas, nos conduz para dentro da marina. As luzes dos barcos estão piscando, refletidas na água escura, mas ainda está claro... um início de noite ameno e brilhante, uma introdução para o que na certa será um pôr do sol espetacular.

Uma multidão se reúne no cais quando Christian lentamente gira o barco num espaço relativamente pequeno. Ele faz isso com facilidade e dá ré de mansinho, entrando no mesmo espaço do ancoradouro do qual saímos mais cedo. Mac salta para o cais e amarra *The Grace* com firmeza a um cabeço de amarração.

— Chegamos — murmura Christian.

— Obrigada — agradeço, tímida. — Foi uma tarde perfeita.

— Também achei. — Christian sorri. — Talvez a gente possa matricular você numa escola de vela, para sairmos juntos, só nós dois, por alguns dias.

— Eu adoraria. Podemos batizar o quarto de novo e de novo.

Ele se inclina e me beija debaixo da orelha.

— Hum... vou esperar ansioso, Anastasia — sussurra, fazendo cada pelo do meu corpo se arrepiar.

Como ele faz isso?

— Venha, o apartamento está liberado. Já podemos voltar.

— E as nossas coisas no hotel?

— Taylor já buscou.

Ah! Quando?

— Hoje cedo, depois de fazer uma varredura em *The Grace* com a equipe de segurança — Christian responde a minha pergunta silenciosa.

— O coitado não dorme nunca?

— Ele dorme. — Christian franze a sobrancelha para mim, intrigado. — Está só fazendo o trabalho dele, Anastasia, o que faz muito bem, aliás. Jason é um verdadeiro achado.

— Jason?

— Jason Taylor.

Achava que Taylor era o primeiro nome dele. Jason. Combina com ele: sólido, confiável. Por algum motivo isso me faz sorrir.

— Você gosta muito de Taylor — diz Christian, avaliando-me especulativo.

— Acho que sim. — Sua observação me pega de surpresa. Ele franze a testa. — Não sinto atração por ele, se é isso que está fazendo você franzir a testa. Pode parar.

Christian está praticamente fazendo beicinho, emburrado.

Nossa, às vezes ele é tão infantil.

— Acho que Taylor cuida muito bem de você. É por isso que gosto dele. Ele parece gentil, confiável e leal. É do caráter avuncular dele que eu gosto.

— Avuncular?

— É.

— Certo, avuncular. — Christian está testando a palavra e o significado. Eu rio.

— Ah, Christian, cresça, pelo amor de Deus.

Ele fica boquiaberto, surpreso com minha explosão, mas, em seguida, franze a testa como se estivesse ponderando a respeito de meu pedido.

— Estou tentando — diz, afinal.

— Isso é verdade. E muito — respondo baixinho, mas depois reviro os olhos para ele.

— As lembranças que você evoca quando revira os olhos para mim, Anastasia. — Ele sorri.

Sorrio em resposta.

— Bem, se você se comportar, talvez a gente possa reviver algumas delas.

— Se eu me comportar? — Sua boca se contorce com diversão. Ele ergue uma das sobrancelhas e acrescenta: — Sério, Srta. Steele, o que a faz achar que eu quero reviver tais memórias?

— Provavelmente, a forma como seus olhos se iluminaram feito luzes de Natal quando eu disse isso.

— Você já me conhece muito bem — diz ele, secamente.

— Gostaria de conhecê-lo melhor.

— E eu a você, Anastasia. — Ele sorri com gentileza.

* * *

— OBRIGADO, MAC. — Christian aperta a mão de McConnell e salta para o cais.

— É sempre um prazer, Sr. Grey, até a próxima. Ana, muito bom conhecer você.

Aperto sua mão timidamente. Ele deve saber o que Christian e eu estávamos aprontando no barco quando ele desembarcou.

— Tenha uma boa noite, Mac, e obrigada.

Ele sorri para mim e lança uma piscadela, fazendo-me corar. Christian segura minha mão, e caminhamos pelo cais até o calçadão da marina.

— De onde Mac é? — pergunto, curiosa sobre seu sotaque.

— Da Irlanda... Irlanda do Norte. — Christian se corrige.

— Ele é seu amigo?

— Mac? Ele trabalha para mim. Ele me ajudou a construir *The Grace*.

— Você tem muitos amigos?

Ele franze a testa.

— Na verdade, não. Fazendo o que faço... não cultivo amizades. Só tem a... — Ele para, faz uma careta, e sei que ia falar da Mrs. Robinson. — Está com fome? — pergunta, tentando mudar de assunto.

Faço que sim com a cabeça. Na verdade, estou faminta.

— Vamos comer lá onde deixei o carro. Venha.

* * *

AO LADO DO SP'S Place há um pequeno bistrô italiano chamado Bee's. Ele me faz lembrar do restaurante de Portland: poucas mesas e alguns nichos reservados junto às paredes, a decoração fria e moderna, com uma enorme fotografia em preto e branco de uma festa na virada do século servindo de mural.

Christian e eu estamos sentados em um dos reservados, debruçados sobre o cardápio e tomando um Frascati leve e delicioso. Quando ergo os olhos do menu, depois de ter feito minha escolha, vejo Christian me observando pensativo.

— O que foi? — pergunto.

— Você está linda, Anastasia. Pegar um pouco de ar faz bem a você.

Fico vermelha.

— Para falar a verdade, acho que minha pele está um pouco irritada por causa do vento. Mas foi uma tarde adorável. Uma tarde perfeita. Obrigada.

Ele sorri, seu olhar cálido.

— O prazer é todo meu — murmura.

— Posso perguntar uma coisa? — Decido embarcar numa missão para desencavar mais informações.

— Qualquer coisa, Anastasia. Você sabe disso. — Ele inclina a cabeça, tão bonito.

— Você não parece ter muitos amigos. Por quê?

Ele dá de ombros e franze a testa.

— Já falei, eu realmente não tenho tempo. Tenho sócios, embora isso seja muito diferente de amizade, imagino. Tenho minha família e é isso. Fora Elena.

Ignoro a menção àquela monstra filha da mãe.

— Nenhum amigo homem da mesma idade que você, com quem sair e gastar energia?

— Você sabe como eu gosto de gastar energia, Anastasia. — Christian contorce a boca. — E eu estive trabalhando, construindo meu negócio. — Ele parece intrigado. — É só o que eu faço, além de velejar e voar de vez em quando.

— Nem na faculdade?

— Não.

— Só Elena, então?

Ele faz que sim com a cabeça, a expressão desconfiada.

— Deve ser meio solitário.

Seus lábios se curvam num pequeno sorriso melancólico.

— O que você gostaria de comer? — pergunta, mudando de assunto mais uma vez.

— Vou querer o risoto.

— Boa escolha. — Christian chama o garçom, pondo fim à conversa.

Depois de fazermos o pedido, eu me ajeito, desconfortável, em meu assento, encarando meus dedos. Se ele está em um modo falante, preciso aproveitar.

Tenho que conversar com ele sobre suas expectativas, sobre suas... hum... necessidades.

— Anastasia, qual o problema? Fale.

Ergo o olhar para seu rosto preocupado.

— Fale — diz ele, com mais ênfase, e sua preocupação evolui para... o quê? Medo? Raiva?

Respiro fundo.

— Só estou preocupada que isso não seja suficiente para você. Você sabe, para gastar energia.

Ele contrai a mandíbula, e seu olhar endurece.

— Eu dei algum sinal de que isso não é o bastante?

— Não.

— Então por que você acha isso?

— Porque eu sei como você é. Do que você... hum... precisa — gaguejo.

Ele fecha os olhos e esfrega a testa com os longos dedos.

— O que eu tenho que fazer? — Sua voz é baixa e sinistra, como se ele estivesse com raiva, e meu coração afunda.

— Não, você não entendeu. Você tem sido incrível, e eu sei que foram só alguns dias, mas espero não estar forçando você a ser alguém que não é.

— Eu ainda sou eu, Anastasia, fodido em todos os meus cinquenta tons. Sim, eu tenho que conter meu desejo de ser controlador... mas essa é a minha natureza, o jeito como lidei com a minha vida. Sim, eu espero que você se comporte de determinada maneira, e quando você não o faz é ao mesmo tempo desafiador e estimulante. Nós ainda fazemos o que eu gosto. Você me deixou bater em você após seu lance absurdo de ontem. — Ele sorri com carinho pela memória. — Gosto de punir você. E não acho que um dia essa vontade vá esmorecer... mas estou tentando, e não é tão difícil quanto achei que seria.

Eu me contorço na cadeira e fico vermelha, lembrando o nosso encontro ilícito no quarto de sua infância.

— Eu gostei daquilo — sussurro, sorrindo timidamente.

— Eu sei. — Seus lábios se curvam num sorriso relutante. — Eu também. Mas preciso admitir, Anastasia, tudo isso é novo para mim, e estes últimos dias têm sido os melhores da minha vida. Não quero mudar nada.

Ah!

— Também foram os melhores da minha vida, sem dúvida — murmuro e o sorriso dele aumenta. Minha deusa interior concorda freneticamente com a cabeça e me cutuca com força. *Ok, ok.* — Então você não quer me levar para seu quarto de jogos?

Ele inspira e fica pálido, todos os resquícios de humor desaparecem.

— Não, não quero.

— Por que não? — sussurro. Não é a resposta que eu esperava.

E sim, lá está: aquela leve pontada de decepção. Minha deusa interior sai pisando duro e fazendo beicinho, de braços cruzados feito uma criança com raiva.

— Na última vez em que estivemos lá, você me deixou — diz, baixinho. — Vou me afastar de qualquer coisa que poderia fazer você me deixar de novo. Fiquei arrasado quando você foi embora. Já expliquei isso. Nunca mais quero me sentir daquele jeito. Já falei como me sinto a seu respeito. — Seus olhos cinzentos estão arregalados e intensos de sinceridade.

— Mas isso não parece justo. Não pode ser confortável para você ter que ficar constantemente preocupado com o que eu sinto. Você fez todas essas mudanças por mim, e eu... eu acho que deveria retribuir de alguma forma. Não sei... talvez... tentar... umas fantasias — gaguejo, o rosto tão vermelho quanto as paredes do quarto de jogos.

Por que é tão difícil falar sobre isso? Já fiz todo tipo de trepada sacana com esse homem, coisas de que eu nem sequer tinha ouvido falar há algumas semanas, coisas que eu nunca teria pensado serem possíveis, e ainda assim o mais difícil é falar com ele.

— Ana, você retribui, sim, mais do que imagina. Por favor, por favor, não se sinta assim.

E lá se foi o Christian descontraído. Seus olhos agora estão arregalados de preocupação, e é angustiante.

— Baby, faz só um fim de semana — continua ele. — Dê um tempo para a gente. Pensei muito em nós dois na semana passada, quando você foi embora. Nós precisamos de tempo. Você precisa confiar em mim, e eu em você. Talvez com o tempo a gente possa se aventurar, mas gosto de como você está agora. Gosto de ver

você feliz assim, relaxada e descontraída, e de saber que eu sou a causa disso. Eu nunca... — Ele para e passa a mão pelo cabelo. — A gente precisa aprender a caminhar antes de correr. — E, de repente, sorri.

— Qual é a graça?

— Flynn. Ele diz isso o tempo todo. Nunca pensei que iria citar uma frase dele.

— Um Flynnismo.

— Isso mesmo. — Christian ri.

O garçom chega com as entradas e bruschettas, e a conversa muda de rumo à medida que Christian relaxa.

Mas quando os pratos desconuns são colocados diante de nós, não consigo deixar de refletir sobre minhas lembranças de Christian hoje: relaxado, feliz e despreocupado. Pelo menos ele está rindo agora, à vontade de novo.

Suspiro de alívio por dentro enquanto ele começa a me perguntar sobre lugares em que já estive. É uma conversa curta, já que nunca saí dos Estados Unidos. Christian, por outro lado, já conheceu o mundo. E nós mergulhamos numa conversa mais fácil, mais feliz, sobre os lugares que ele já visitou.

* * *

APÓS UMA REFEIÇÃO deliciosa e farta, Christian me leva de volta ao Escala, com a voz suave de Eva Cassidy saindo dos alto-falantes do carro. O que me dá um momento de paz para pensar. Tive um dia alucinante: a Dra. Greene, nosso banho juntos, a declaração de Christian, fazer amor no hotel e no barco, comprar o carro. Até o próprio Christian tem sido tão diferente. É como se ele estivesse deixando algo para trás ou redescobrimo algo... não sei o quê.

Quem imaginaria que ele poderia ser tão gentil? Será que ele próprio sabia disso?

Ao olhar para seu rosto, noto que ele também parece perdido em pensamentos. E me dou conta de que ele nunca teve uma adolescência, pelo menos não uma adolescência normal. Balanço a cabeça.

Minha mente volta para a festa e para minha dança com o Dr. Flynn, e o medo de Christian de que Flynn tivesse me contado tudo sobre ele. Christian ainda está escondendo algo. Como podemos seguir em frente, se ele se sente assim?

Ele acha que eu o deixaria se o conhecesse por inteiro. Acha que eu iria embora se fosse ele mesmo. *Ah, este homem é tão complicado.*

À medida que nos aproximamos da casa dele, Christian começa a irradiar tensão, até que seu nervosismo se torna palpável. Ele sonda as calçadas e ruas transversais, seus olhos disparando por todos os lados, e sei que está procurando por Leila. Começo a procurar também. Qualquer jovem morena é uma suspeita, mas não a avistamos.

Quando entra na garagem, sua boca está comprimida numa linha tensa e austera. Eu me pergunto por que viemos para cá, se ele vai ficar tão desconfiado e nervoso. Sawyer está na garagem, de patrulha. O Audi ferrado se foi. Ele caminha até a minha porta assim que Christian estaciona ao lado do SUV.

— Oi, Sawyer — cumprimento-o.

— Srta. Steele. — Ele acena com a cabeça. — Sr. Grey.

— Nenhum sinal? — pergunta Christian.

— Não, senhor.

Christian assente com a cabeça, segura minha mão e caminha até o elevador. Sei que seu cérebro está trabalhando, ele está distraído. Assim que entramos no elevador, ele se vira e me diz:

— Você não tem permissão para sair daqui sozinha. Entendeu?

— Entendi.

Minha nossa! Segure a onda. Mas sua preocupação me faz sorrir. Minha vontade é de abraçar a mim mesma: eu conheço esse homem autoritário e rude. É impressionante que o tenha achado tão ameaçador quando ele falava assim comigo há apenas uma semana. Agora eu o entendo melhor. Esse é o seu mecanismo de defesa. Ele está estressado com a história de Leila, ele me ama e quer me proteger.

— Qual é a graça? — murmura ele, uma pitada de diversão em sua expressão.

— Você.

— Eu? Srta. Steele? Por que sou engraçado? — pergunta, amuado.

Christian amuado é... tão sexy.

— Não faça essa carinha.

— Por quê? — Ele parece estar se divertindo ainda mais.

— Porque ela tem o mesmo efeito sobre mim que eu tenho sobre você quando faço isso. — Mordo o lábio inferior deliberadamente.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso e deliciado ao mesmo tempo.

— Sério? — E faz a mesma cara amuada de novo, inclinando-se para me dar um beijo rápido e inocente.

Ergo meus lábios ao encontro dos seus, e, no instante em que eles se tocam, a natureza do beijo muda: um fogo corre por minhas veias a partir desse ponto de contato íntimo, impelindo-me para junto dele.

De repente, meus dedos estão enrolados em seu cabelo enquanto ele me agarra e me empurra contra a parede do elevador, as mãos emoldurando meu rosto, apertando-me em seus lábios à medida que nossas línguas duelam. E não sei se é o confinamento do elevador que torna tudo muito mais real, mas eu sinto seu desejo, sua ansiedade, sua paixão.

Putá merda. Eu o quero, aqui, agora.

O elevador apita e para, as portas se abrem, e Christian afasta o rosto do meu, seu quadril ainda me pressionando contra a parede, sua ereção se enterrando em mim.

— Uau — murmura ele, ofegante.

— Uau — repito sua expressão, fazendo uma inspiração bem-vinda.

Ele me encara, os olhos brilhando.

— O que você faz comigo, Ana... — E acaricia meu lábio inferior com o polegar.

Pelo canto do olho, vejo Taylor dando um passo para trás até sair de meu campo de visão. Levanto o rosto e beijo o cantinho da boca lindamente delineada de Christian.

— O que você faz comigo, Christian.

Ele dá um passo para trás e pega minha mão, seus olhos agora escurecidos, nublados.

— Venha — ordena.

Taylor ainda está no hall de entrada, esperando discretamente por nós.

— Boa noite, Taylor — diz Christian, cordialmente.

— Sr. Grey, Srta. Steele.

— Ontem eu era a Sra. Taylor. — Sorrio para ele, que fica vermelho.

— Soa bem, Srta. Steele — responde Taylor com naturalidade.

— Também achei.

Christian aperta minha mão e faz cara feia.

— Quando vocês acabarem, gostaria de ouvir o relatório de Taylor. — Ele olha para Taylor, que agora parece desconfortável, e eu me encolho toda por dentro. Passei do ponto.

— Desculpe — gesticulo com a boca para Taylor, que dá de ombros e sorri com gentileza antes de eu me voltar e acompanhar Christian.

— Já falo com você. Só quero discutir uma coisa com a Srta. Steele — diz Christian a Taylor, e sei que estou em apuros.

Ele me leva até o seu quarto e fecha a porta.

— Não flerte com os funcionários, Anastasia — ele me repreende.

Abro a boca para me defender, mudo de ideia, depois abro de novo.

— Não estava flertando. Estava sendo simpática, há uma diferença.

— Não seja simpática com os funcionários nem flerte com eles. Não gosto disso.

Ah. Adeus, Christian despreocupado.

— Desculpe — murmuro e olho para meus dedos.

Ele não tinha feito com que eu me sentisse uma criança nenhuma vez, o dia todo. Segura meu queixo e ergue meu rosto, até nossos olhares se encontrarem.

— Você sabe como sou ciumento — sussurra.

— Você não tem razão nenhuma para ter ciúmes, Christian. Sou sua de corpo e alma.

Ele pisca como se isso fosse difícil de processar. E se aproxima, dando-me um beijo rápido, mas sem sinal da paixão de momentos

atrás, no elevador.

— Não vou demorar. Sinta-se em casa — diz ele de mau humor, afastando-se e me deixando sozinha em seu quarto, atordoada e confusa.

Por que diabo ele teria ciúme de Taylor? Balanço a cabeça em descrença.

Pelo relógio da mesa de cabeceira, vejo que já passa das oito. Decido separar minhas roupas para o dia de trabalho, amanhã. Subo até meu quarto no segundo andar e abro as portas do closet. Está vazio. Todas as roupas sumiram. *Ah, não!* Christian me levou a sério e devolveu tudo. *Merda.*

Meu inconsciente me encara. *Você e sua boca grande.*

Por que ele me levou a sério? O conselho de minha mãe volta para me assombrar: “Os homens são criaturas literais.” Faço beicinho, olhando o espaço vazio. Havia roupas lindas, o vestido prata que usei na festa, por exemplo.

Caminho desconsolada pelo quarto. *Espere um momento... o que é que está acontecendo?* O iPad sumiu. Cadê o meu Mac? *Ah, não.* A primeira coisa que me vem à cabeça é que Leila pode ter roubado tudo.

Desço correndo até o quarto de Christian. E na mesinha de cabeceira estão meu Mac, meu iPad e minha mochila. Está tudo aqui.

Abro a porta do closet. Minhas roupas estão ali — todas elas —, junto com as de Christian. Quando isso aconteceu? Por que ele nunca me avisa antes de fazer essas coisas?

Eu me viro, e ele está parado, junto à porta.

— Ah, eles conseguiram fazer a mudança — murmura, distraído.

— O que houve? — pergunto. Ele tem uma expressão desagradável no rosto.

— Taylor acha que Leila entrou pela escada de emergência. Ela devia ter uma chave. Todas as fechaduras foram trocadas. A equipe de Taylor fez uma busca em todos os cômodos do apartamento. Ela não está aqui. — Ele faz uma pausa e passa a mão pelo cabelo. — Queria saber onde está. Mas ela conseguiu fugir de todas as nossas tentativas de encontrá-la, quando tudo de que precisa é ajuda. — Ele franze a testa, e meu ressentimento anterior desaparece.

Envolvo-o em meus braços. Abraçando-me de volta, ele beija meu cabelo.

— O que você vai fazer quando encontrá-la? — pergunto.

— Dr. Flynn conhece um lugar.

— E o marido?

— Ele lavou as mãos. — O tom de Christian é amargo. — A família dela é de Connecticut. Acho que ela está completamente sozinha.

— Isso é triste.

— Tudo bem se todas as suas coisas ficarem aqui? Quero dividir o quarto com você — murmura ele.

Uau, mudança rápida de direção.

— Tudo bem.

— Quero que você durma comigo. Não tenho pesadelos quando estamos juntos.

— Você tem pesadelos?

— Tenho.

Aperto-o mais em meu abraço. Mais bagagem. Meu coração se comprime por ele.

— Eu estava só separando minha roupa para o trabalho amanhã — murmuro.

— Trabalho! — exclama Christian como se fosse um palavrão e me solta, me encarando.

— Sim, trabalho — respondo, confusa com sua reação.

Ele me olha com total incompreensão.

— Mas Leila... ela está solta por aí — ele faz uma pausa. — Não quero que você vá para o trabalho.

O quê?

— Isso é ridículo, Christian. Eu tenho que ir trabalhar.

— Não, você não tem.

— Eu tenho um emprego novo, do qual gosto. Claro que tenho que ir trabalhar. — *O que ele quer dizer?*

— Não, você não tem — repete ele, enfaticamente.

— Você acha que eu vou ficar aqui fazendo nada enquanto você sai por aí sendo o Mestre do Universo?

— Para falar a verdade... acho.

Ah, Cinquenta, Cinquenta, Cinquenta... dai-me forças.

— Christian, eu preciso trabalhar.
— Não, você não precisa.
— Sim. Eu. Preciso — falo bem devagar, como se ele fosse uma criança.

— Não é seguro. — Ele faz cara feia para mim.
— Christian... Eu preciso trabalhar para viver, e vou ficar bem.
— Não, você não precisa trabalhar para viver... E como você sabe que vai ficar bem? — Ele está quase gritando.

O que ele quer dizer? Que vai me sustentar? Ah, isso já é mais que ridículo. A gente se conhece há o quê... umas cinco semanas?

Ele está com raiva agora, seus olhos cinzentos tempestuosos e ligeiros, mas não estou nem aí.

— Pelo amor de Deus, Christian, Leila estava aqui, ao pé da sua cama, e ela não me fez mal nenhum, e sim, eu preciso trabalhar. Não quero ficar em dívida com você. E tenho que pagar o empréstimo da faculdade.

Ele pressiona a boca numa linha sombria, e eu coloco as mãos no quadril. Não vou abrir mão disso. Quem ele pensa que é?

— Não quero que você vá para o trabalho.

— Isso não depende de você, Christian. Não é uma decisão que você possa tomar.

Ele corre os dedos pelo cabelo e me encara. Os segundos passam, minutos até, enquanto fitamos um ao outro.

— Sawyer vai com você.

— Christian, não precisa disso. Você está sendo irracional.

— Irracional? — rosna ele. — Ou ele vai com você ou eu vou ser realmente irracional e vou prender você aqui.

Ele não faria isso, faria?

— Como, exatamente?

— Ah, eu dou o meu jeito, Anastasia. Não me force.

— Certo! — cedo, erguendo as mãos para acalmá-lo.

Putá merda... Meu Cinquenta Tons está de volta com todas as forças.

Ficamos ali, fazendo cara feia um para o outro.

— Tudo bem, Sawyer pode vir comigo se isso fizer você se sentir melhor — aceito, revirando os olhos.

Christian estreita os dele e dá um passo ameaçador em minha direção. Imediatamente, dou um passo para trás. Ele para e respira fundo, fechando os olhos e correndo as mãos pelo cabelo. Ah, não. Ele está realmente furioso.

— Quer dar uma volta pelo apartamento?

Uma volta? Você está brincando comigo?

— Tudo bem — murmuro com cautela. Mais uma mudança de direção... O Sr. Inconstante está de volta. Ele me estende a mão, e quando eu a seguro, ele aperta a minha com carinho.

— Não queria assustar você.

— Você não me assustou. Eu estava me preparando para correr — brinco.

— Correr? — Christian arregala os olhos.

— É brincadeira! — *Caramba*.

Ele me leva para fora do closet, e eu preciso de um tempo para me acalmar. A adrenalina ainda está correndo por meu corpo. Uma briga com Christian nunca deve ser encarada levianamente.

Ele faz um tour comigo pelo apartamento, mostrando os diferentes cômodos. Além do quarto de jogos e dos três quartos extras do andar de cima, fico boba ao descobrir que Taylor e a Sra. Jones têm uma ala só para eles, com cozinha, uma sala de estar espaçosa e um quarto para cada um. A Sra. Jones ainda não voltou da visita à irmã, que vive em Portland.

No primeiro andar, o cômodo que me chama a atenção é o que fica em frente ao escritório dele: uma sala com uma tevê de plasma enorme e vários videogames. É aconchegante.

— Então você tem um Xbox? — sorrio.

— Tenho, mas sou uma porcaria. Elliot sempre ganha. Foi engraçado quando você pensou que este era o meu quarto de jogos. — Ele sorri para mim, seu acesso de raiva já esquecido. Graças a Deus ele está recuperando o bom humor.

— Que bom que você me acha engraçada, Sr. Grey — respondo, arrogante.

— Você é, Srta. Steele, quando não está sendo irritante, claro.

— Normalmente sou irritante quando você é irracional.

— Eu? Irracional?

— É, Sr. Grey. Irracional poderia ser seu nome do meio.

- Não tenho nome do meio.
 - Então Irracional funciona direitinho.
 - Acho que é uma questão de opinião, Srta. Steele.
 - Gostaria de ouvir a opinião profissional do Dr. Flynn.
- Christian sorri.
- Pensei que Trevelyan fosse seu nome do meio.
 - Não. Sobrenome. Trevelyan-Grey.
 - Mas você não usa.
 - É muito longo. Venha — ordena ele.

Saio com ele da sala da tevê, atravessamos a sala de estar e o corredor principal, passando pela despensa e por uma adega impressionante, até chegarmos ao escritório grande e bem equipado de Taylor. Ele fica de pé assim que entramos. A sala é espaçosa o suficiente para uma mesa de reuniões com seis lugares. Acima de uma escrivaninha, há uma parede cheia de monitores. Não tinha ideia de que o apartamento tinha circuito interno de segurança. Aparentemente, ele controla a varanda, a escada, o elevador de serviço e o saguão.

- Oi, Taylor. Estou só mostrando o apartamento a Anastasia.

Taylor faz que sim com a cabeça, mas não sorri. Eu me pergunto se ele também levou uma bronca, e por que ainda está trabalhando. Quando sorrio para ele, ele acena com a cabeça educadamente. Christian segura minha mão mais uma vez e me leva até a biblioteca.

- E, claro, você já esteve aqui. — Christian abre a porta e eu dou uma olhada para o feltro verde da mesa de bilhar.

- Vamos jogar? — pergunto.

- Está bem. — Christian sorri, surpreso. — Você já jogou antes?

- Algumas vezes — minto, e ele estreita os olhos, inclinando a cabeça.

- Você é uma péssima mentirosa, Anastasia. Ou você nunca jogou antes ou...

- Com medo de um pouco de competição? — Passo a língua de leve pelos lábios.

- Eu? Com medo de uma menininha como você? — Christian zomba bem-humorado.

— Faça sua aposta, Sr. Grey.

— Você é assim tão confiante, Srta. Steele? — Ele sorri, divertido e incrédulo ao mesmo tempo. — O que você quer apostar?

— Se eu ganhar, você me leva de novo para o quarto de jogos.

Ele me olha como se não tivesse entendido o que acabei de dizer.

— E se eu ganhar? — pergunta ele expressando todo o seu choque.

— Aí a escolha é sua.

Ele contorce a boca ao pensar numa resposta.

— Fechado. — Sorri. — Quer jogar bilhar, sinuca ou bilhar francês?

— Bilhar, por favor. Não conheço os outros.

De um armário embaixo de uma das estantes de livros, Christian pega um estojo grande de couro. Dentro dele, as bolas de bilhar estão arrumadas sobre o forro de veludo. Com destreza, ele as coloca no triângulo sobre o feltro. Acho que nunca joguei bilhar numa mesa tão grande antes. Christian me passa um taco e um pouco de giz.

— Quer estourar? — pergunta ele com polidez fingida. Está se divertindo, acha que vai ganhar.

— Tudo bem. — Passo giz na ponta do taco e sopro o excesso, olhando Christian através dos cílios, e seus olhos escurecem.

Acerto a bola branca com uma tacada rápida e direta, atingindo-a no centro do triângulo com tanta força que uma bola listrada gira e mergulha na caçapa superior direita. Além de espalhar todas as bolas restantes.

— Fico com as listradas — digo inocentemente, lançando um sorriso tímido para Christian, que contorce a boca, divertindo-se.

— Como quiser — diz ele, educadamente.

Continuo, matando as próximas três bolas numa rápida sucessão. Por dentro, estou dando pulinhos. Nesse momento, sou muito grata a José por ter me ensinado a jogar, e a jogar bem. Christian assiste impassível, sem entregar nada, mas sua animação parece ter esmorecido. Erro a listrada verde por um fio.

— Sabe, Anastasia, eu poderia passar o dia inteiro aqui assistindo você se inclinar e se esticar em cima dessa mesa — diz

ele, com um tom de apreciação.

Fico vermelha. Ainda bem que estou de calça jeans. Ele sorri. Está tentando me desconcertar, o filho da mãe. Ele tira o suéter creme e o joga no encosto de uma cadeira, sorrindo para mim ao caminhar até a mesa para sua primeira tacada.

Ele se inclina sobre a mesa. Minha boca fica seca. *Hum, entendi o que ele quer dizer.* Christian, numa calça apertada e numa camiseta branca, flexionando o corpo, desse jeito... é algo a se admirar. Quase perco a linha de raciocínio. Ele enfia quatro bolas rápidas, antes de cometer uma falta, matando a branca.

— Um erro básico, Sr. Grey — provoco.

— Ah, Srta. Steele — ele sorri —, sou apenas um simples mortal. Sua vez, creio. — Ele aponta para a mesa.

— Você não está tentando perder, está?

— Ah, não. Pelo prêmio que tenho em mente, Anastasia, quero ganhar. — Ele encolhe os ombros casualmente. — Mas, de qualquer forma, eu sempre quero ganhar.

Estreito os olhos para ele. *Bom, vamos lá...* Que bom que estou usando a blusa azul, que tem um belo de um decote. Caminho ao redor da mesa, abaixando-me a cada oportunidade disponível, oferecendo a Christian uma boa visão da minha bunda e do meu decote sempre que posso. Também sei jogar esse jogo. Lanço uma olhada para ele.

— Sei o que você está fazendo — sussurra ele, os olhos sombrios.

Inclino a cabeça para um lado, coquete, acariciando de leve o taco, e correndo minha mão para cima e para baixo bem devagar.

— Hum... Estou apenas tentando decidir onde vai ser minha próxima tacada — murmuro, distraída.

Debruçando-me sobre a mesa, acerto a listrada laranja, armando uma jogada melhor. Então, posiciono-me bem na frente de Christian e me apoio na mesa. Preparo minha próxima tacada, inclinando-me bem sobre a mesa. Ouço Christian inspirar fundo, e, claro, erro a tacada. *Merda.*

Ele se aproxima por trás de mim enquanto ainda estou debruçada sobre a mesa e coloca a mão em minha bunda. *Hum...*

— Você está tentando me provocar, Srta. Steele? — E dá um tapa com força na minha bunda.

Inspiro bruscamente.

— Estou — murmuro, porque é verdade.

— Cuidado com o que deseja, baby.

Passo a mão no ponto em que ele me bateu enquanto ele caminha até o outro lado da mesa e se inclina para dar a tacada. Ele mata a bola vermelha na caçapa esquerda. Em seguida, tenta acertar a amarela, no canto superior, mas erra. Abro um sorriso.

— Quarto Vermelho, aí vamos nós — ameaço.

Ele apenas ergue uma sobrancelha e faz um gesto para eu prosseguir. Mato a listrada verde com facilidade e, por um golpe de sorte, encaçapo a laranja, a última das bolas listradas.

— Você tem que cantar a bola — murmura Christian, e é como se ele estivesse falando de outra coisa, algo sombrio e devasso.

— Acima e à esquerda.

Miro na preta, acerto a bola, mas ela não cai. Bate longe da caçapa. *Droga.*

Christian abre um sorriso perverso ao se debruçar sobre a mesa e mata suas duas últimas bolas com facilidade. Estou praticamente ofegante, observando-o, seu corpo alongando-se sobre a mesa. Ele fica de pé e passa o giz no taco, os olhos ardendo nos meus.

— Se eu ganhar...

Ah, sim?

— Vou lhe dar umas palmadas e comer você em cima dessa mesa.

Putá merda. Cada músculo abaixo do meu umbigo se contrai de tensão.

— Acima, à direita — murmura ele, mirando na preta e se curvando para dar a tacada.

CAPÍTULO ONZE

Com elegância, Christian acerta a bola branca de forma que ela atravessa a mesa e toca a preta, fazendo-a rolar bem devagarinho, bater numa quina e, finalmente, mergulhar na caçapa do alto à direita.

Droga.

Ele se levanta, e sua boca se abre num sorriso triunfante de “você é minha, Srta. Steele”. Deixando o taco de lado, ele caminha despreocupado em minha direção, com o cabelo despenteado, a calça jeans e a camiseta branca. Nem parece um CEO, lembra muito mais um *bad boy* do subúrbio da cidade. Puta merda, ele é sexy demais.

— Você não vai dar uma de má perdedora agora, vai? — murmura ele, mal contendo o sorriso.

— Depende de quão forte você me bater — sussurro, apoiando-me no taco.

Ele pega o taco da minha mão e o coloca de lado, em seguida engancha o dedo no meu decote e me puxa para junto dele.

— Bem, vamos contar os seus delitos, Srta. Steele. — Ele estende os longos dedos. — Primeiro, provocar ciúmes em mim com meus próprios funcionários. Segundo, brigar comigo porque quer ir trabalhar. Terceiro, empinar esse traseiro delicioso para mim durante os últimos vinte minutos.

Seus olhos brilham com animação num tom suave de cinza, e, baixando o rosto, ele esfrega o nariz no meu.

— Quero que você tire a sua calça jeans e esta beleza de camisa. Agora. — Ele me dá um beijo suave nos lábios e caminha até a porta, trancando-a.

Ao se virar e me fitar, seus olhos estão ardendo. Fico paralisada feito um zumbi, o coração batendo forte, o sangue pulsando, incapaz de mover um único músculo. Em minha mente, tudo o que

consigo pensar é: *isso é para ele*. E a frase se repete em minha cabeça como um mantra.

— A roupa, Anastasia. Você ainda está vestida. Tire a roupa ou eu que vou tirá-la para você.

— Você tira — finalmente encontro minha voz, e ela soa baixa e fogosa.

Christian sorri.

— Ah, Srta. Steele. É um trabalho sujo, mas acho que dou conta do recado.

— Você normalmente dá conta da maioria dos recados, Sr. Grey.

— Ergo uma sobrancelha para ele, e ele sorri.

— Ora, Srta. Steele, o que você quer dizer com isso?

Caminhando em minha direção, ele para junto a uma mesa pequena embutida numa das estantes, onde pega uma régua de acrílico de trinta centímetros. Segura suas duas extremidades e a flexiona, mantendo os olhos fixos nos meus.

Merda, ele escolheu sua arma. Minha boca fica seca.

De repente, sinto-me quente, alvoroçada e úmida em todos os lugares certos. Só mesmo Christian para me excitar apenas com um olhar e uma régua. Ele a coloca no bolso de trás da calça jeans e caminha na minha direção, os olhos sombrios cheios de promessas. Sem dizer uma palavra, ajoelha-se na minha frente e começa a desamarrar o cadarço dos meus tênis, de maneira rápida e eficiente, arrancando meus All Stars e as meias. Eu me apoio na mesa de bilhar para não cair. Olhando para baixo enquanto ele solta o cadarço, fico maravilhada com a profundidade dos sentimentos que tenho por este homem. Eu o amo.

Ele me segura pelo quadril, desliza os dedos pelo cóis da minha calça e abre o botão e o zíper. Em seguida, olha para cima através de seus longos cílios, abrindo seu sorriso mais lascivo ao baixar lentamente minha calça. Desvencilho-me dela, contente por estar usando uma calcinha bonita de renda branca, e ele me agarra pela parte de trás das pernas e corre o nariz até o topo de minhas coxas. Quase derreto.

— Quero ser bem duro com você, Ana. Você vai ter que me dizer para parar se for demais — ofega ele.

Meu Deus. Ele me beija... lá. Gemo baixinho.

— Palavra de segurança? — murmuro.

— Não, nada de palavra de segurança, só me diga para parar, e eu paro. Entendeu? — Ele me beija de novo, enfiando o rosto em mim. *Ah, isso é bom.* Christian fica de pé, o olhar intenso. — Responda — ordena, com voz aveludada.

— Sim, sim, entendi. — Sua insistência me deixa intrigada.

— Você ficou dando dicas e me enviando sinais confusos durante todo o dia, Anastasia — diz ele. — Você disse que estava preocupada que eu tivesse perdido a mão. Não sei o que quis dizer com isso, e não sei o quão sério você estava falando, mas nós vamos descobrir. Ainda não quero voltar para o quarto de jogos, então nós podemos tentar isso agora, mas você tem que me prometer que, se não gostar, vai me avisar. — Uma intensidade ardente nascida de sua ansiedade substitui sua arrogância anterior.

Uau, por favor, não fique ansioso, Christian.

— Eu aviso. Nada de palavra de segurança — confirmo, para assegurá-lo.

— Nós somos amantes, Anastasia. Amantes não precisam de palavras de segurança. — Ele franze a testa. — Precisam?

— Acho que não — murmuro. *Como vou saber?* — Prometo.

Ele procura em meu rosto qualquer indício de que eu vá perder a coragem para pôr em prática minhas convicções, e eu estou nervosa, mas também animada. Fico muito mais feliz de fazer isso sabendo que ele me ama. É bem simples para mim, e neste instante, não quero pensar demais no assunto.

Um sorriso lento se estende por todo o seu rosto, e ele começa a desabotoar minha camisa, seus dedos habilidosos desempenhando o trabalho com facilidade, embora ele não a tire completamente. Ele se inclina e pega o taco.

Ah, não, o que ele vai fazer com isso? Um arrepio de medo atravessa meu corpo.

— Você joga bem, Srta. Steele. Tenho que admitir que estou surpreso. Por que não mata a preta para mim?

Esquecendo meu medo, faço beicinho, perguntando-me por que diabo ele deveria ficar surpreso. A sensualidade desse filho da mãe arrogante... Minha deusa interior está se aquecendo ao fundo,

fazendo sua série de exercícios de solo, um sorriso enorme estampado no rosto.

Posiciono a bola branca. Christian dá a volta na mesa e fica bem atrás de mim quando me inclino para dar a tacada. Ele coloca a mão em minha coxa direita e corre os dedos para cima e para baixo ao longo de minha perna, chega até minha bunda e então volta para a perna, acariciando-me de leve.

— Vou errar, se você continuar fazendo isso — sussurro, fechando os olhos e saboreando a sensação de suas mãos em mim.

— Não me importo se você vai acertar ou errar, baby. Só queria ver você assim, semivestida, debruçada na minha mesa de bilhar. Você tem ideia de como está gostosa neste instante?

Fico vermelha, e minha deusa interior coloca uma rosa na boca e começa a dançar tango. Respirando fundo, tento ignorá-lo e alinhar minha tacada. É impossível. Ele continua a acariciar minha bunda, mais e mais.

— Acima, à esquerda — murmuro, e então acerto a bola branca. Ele me dá um tapa com força, e atinge em cheio meu traseiro.

É tão inesperado que solto um grito. A bola branca bate na preta, que faz uma tabela bem longe da caçapa. Christian acaricia minha bunda outra vez.

— Acho que você vai ter que tentar de novo — sussurra ele. — Concentre-se, Anastasia.

Estou ofegante agora, empolgada com o jogo. Ele caminha até o outro lado da mesa, posiciona a bola preta de novo e rola a branca na minha direção. Parece tão carnal, os olhos escuros, o sorriso lascivo. Como eu seria capaz de resistir? Pego a bola e a coloco no lugar, pronta para jogar novamente.

— Hã-hã — adverte ele. — Espere.

Ah, como ele adora prolongar a agonia. Ele volta para trás de mim. Fecho os olhos quando ele acaricia minha coxa esquerda dessa vez, e então volta a apalpar minha bunda.

— Agora. — Ele expira.

Não consigo conter o gemido à medida que o desejo dá voltas dentro de mim. E eu tento, tento de verdade, pensar em que ponto tenho que acertar a bola branca na preta. Movo o corpo ligeiramente para a direita, e ele me acompanha. Mais uma vez, debruço-me

sobre a mesa. Usando meus últimos resquícios de força interior — que diminuíram consideravelmente, já que agora sei o que vai acontecer quando eu acertar a bola branca —, miro a bola e faço a tacada. Christian me bate mais uma vez, com força.

Ai! Erro de novo.

— Ah, não! — gemo.

— Mais uma, baby. E se errar essa, você vai ver só.

O quê? Ver o quê?

Mais uma vez ele posiciona a bola preta e volta, dolorosamente devagar, até estar de pé atrás de mim, acariciando de novo minha bunda.

— Você consegue — insiste ele.

Não... não com você me distraindo desse jeito. Empurro a mão dele com a minha bunda, e ele me dá um tapinha de leve.

— Ansiosa, Srta. Steele? — murmura.

Sim. Quero você.

— Bem, vamos tirar isso. — Ele desliza suavemente minha calcinha ao longo de minhas coxas e a tira. Não vejo o que ele faz com ela, mas me faz sentir completamente exposta ao dar um beijo de leve em cada nádega. — Dê a sua tacada, baby.

Quero chorar; não vou conseguir. Sei que vou errar. Alinho a branca, dou a tacada e, em minha impaciência, nem toco a bola preta. Espero o golpe, mas ele não vem. Em vez disso, ele se debruça sobre mim, espremendo-me de encontro à mesa, e tira o taco de minha mão, rolando-o na beirada da mesa. Eu o sinto, encostado em minha bunda, duro.

— Você errou — diz suavemente em meu ouvido. Meu rosto fica pressionado contra o feltro. — Espalme as mãos na mesa.

Obedeço.

— Muito bem. Vou bater em você agora e quem sabe na próxima vez você não erre mais. — Ele se move para a minha esquerda, de forma que fica de pé ao meu lado, a ereção forçando meu quadril.

Solto um gemido e meu coração salta até a boca. Estou ofegante e uma onda de excitação corre, densa e quente, por minhas veias. Ele acaricia minha bunda com ternura e envolve meu pescoço com a outra mão, seus dedos apertando meu cabelo em torno de minha

nuca, o cotovelo em minhas costas, mantendo-me firme. Estou completamente indefesa.

— Abra as pernas — murmura ele e, por um momento, hesito. Ele me bate com força... com a régua! O barulho é mais forte que a pancada, e me pega de surpresa. Solto um gemido, e ele me bate de novo. — As pernas — ordena.

Abro as pernas, ofegante. E a régua me ataca de novo. Ai... isso dói, mas o som que faz contra a pele parece pior do que a dor.

Fecho os olhos e absorvo a dor. Não é tão ruim assim, e a respiração de Christian se torna mais rápida. Ele me bate de novo e de novo, e eu gemo. Não sei quantos golpes sou capaz de suportar. Mas ouvi-lo, saber o quanto está excitado, alimenta o meu desejo e a minha vontade de continuar. Estou adentrando o lado negro, um lugar em minha mente que não conheço bem, mas que já visitei antes, no quarto de jogos... com Tallis. A régua me acerta de novo, e eu grito alto; Christian geme em resposta. E me bate de novo e de novo... e uma vez mais... mais forte agora... e eu estremeço.

— Pare. — A palavra salta de minha boca antes que eu perceba. Christian larga a régua imediatamente e me solta.

— Já chega? — sussurra.

— Chega.

— Quero comer você agora — diz ele, a voz tensa.

— Sim — murmuro, cheia de desejo.

Ele abre o zíper da calça enquanto permaneço deitada, ofegante, em cima da mesa, sabendo que ele vai ser bruto.

Mais uma vez eu me surpreendo por ter aguentado firme e, sim, por ter gostado do que ele fez comigo até agora. É tão sombrio, mas tão a cara dele.

Ele enfia dois dedos em mim e os mexe num movimento circular. A sensação é deliciosa. Fechando os olhos, entrego-me ao estímulo. Ouço o barulho revelador de um envelopinho sendo rasgado, e então ele está de pé atrás de mim, entre minhas pernas, afastando-as mais ainda.

Lentamente, ele entra em mim, preenchendo-me. Ouço seu gemido de puro prazer, e isso agita minha alma. Ele agarra meu quadril com força, sai de dentro de mim e volta, desta vez entrando com mais força, fazendo-me gritar. Ele para por um momento.

— De novo? — pergunta, em voz baixa.

— De novo... Estou bem. Pode se soltar... e me leve com você — murmuro sem fôlego.

Ele geme baixinho, sai de mim mais uma vez, e então entra com força, e repete isso de novo e de novo, bem devagar, deliberadamente, num ritmo punitivo, brutal e divino.

Ah, meu Deus... Minhas entranhas começam a se acelerar. Ele também sente e aumenta a cadência, empurrando-me, mais forte, mais rápido... e eu me entrego, explodindo em torno dele... um orgasmo esgotante, de paralisar a alma, que me deixa exausta.

Estou ligeiramente consciente de que Christian também está atingindo o clímax, gritando meu nome, seus dedos pressionando meu quadril; em seguida, ele para e desaba em cima de mim. Nós escorregamos até o chão, e ele me envolve em seus braços.

— Obrigado, baby — diz ele, ofegante, cobrindo meu rosto de beijos suaves. Abro os olhos e o encaro, ele aperta os braços ao meu redor. — Sua bochecha está vermelha por causa do feltro — murmura, acariciando minha face. — Como foi? — Seus olhos estão arregalados e cautelosos.

— Bom demais — murmuro. — Gosto quando você é bruto, Christian, e também gosto quando é gentil. Gosto que seja com você.

Ele fecha os olhos e me abraça ainda mais apertado.

Caramba, estou cansada.

— Você nunca falha, Ana. Você é linda, inteligente, estimulante, divertida, sensual, e todos os dias eu agradeço à Divina Providência ter sido você a me entrevistar, e não Katherine Kavanagh. — Ele beija meu cabelo. Sorrio e bocejo em seu peito. — Estou cansando você — continua ele. — Venha. Banho, depois cama.

* * *

ESTAMOS OS DOIS na banheira de Christian, um de frente para o outro, mergulhados na espuma até o queixo, o doce aroma de jasmim nos envolvendo. Christian está massageando meus pés, um de cada vez. É tão bom que deveria ser proibido.

— Posso perguntar uma coisa? — murmuro.

— Claro. Qualquer coisa, Ana, você sabe disso.

Respiro fundo e me sento, hesitando apenas ligeiramente.

— Amanhã, quando eu for trabalhar, Sawyer pode simplesmente me deixar na porta da frente do prédio e depois me pegar no final do dia? Por favor, Christian. Por favor — imploro.

Suas mãos interrompem a massagem e ele franze a testa.

— Achei que a gente tinha concordado — resmunga ele.

— Por favor — imploro.

— E o almoço?

— Eu preparo alguma coisa para levar daqui, assim eu não tenho que sair, por favor.

Ele beija o peito do meu pé.

— Acho muito difícil dizer não para você — murmura, como se achasse que isso fosse um defeito seu. — Você não vai sair?

— Não.

— Certo.

— Obrigada. — Sorrio para ele, e fico de joelhos, derramando água para todo canto e beijando-o.

— Não há de quê, Srta. Steele. Como vai a sua bunda?

— Dolorida. Mas nada de mais. A água alivia.

— Estou feliz que você tenha me pedido para parar — diz ele, olhando para mim.

— Minha bunda também.

Ele sorri.

* * *

EU ME ESPREGUIÇO na cama, esgotada. Ainda são dez e meia, mas é como se fossem três da manhã. Este deve ter sido um dos fins de semana mais cansativos da minha vida.

— A Sra. Acton não mandou nenhuma roupa de dormir? — pergunta Christian, a voz cheia de desaprovação ao olhar para mim.

— Não tenho ideia. Gosto de usar suas camisetas — murmuro, sonolenta.

Sua expressão se suaviza, e ele se inclina e beija minha testa.

— Preciso trabalhar. Mas não quero deixá-la sozinha. Posso usar o seu laptop para logar no escritório? Vou atrapalhar você se

trabalhar daqui?

— O laptop não é meu — sussurro, adormecendo.

* * *

O ALARME TOCA, acordando-me com as notícias do trânsito. Christian ainda está dormindo ao meu lado. Esfregando os olhos, focalizo o relógio: seis e meia, cedo demais.

Está chovendo lá fora pela primeira vez em séculos, e a luz é suave e doce. Estou tão aquecida e confortável aqui neste enorme e moderno arranha-céu, com Christian ao meu lado. Eu me espreguiço e viro o corpo para o homem delicioso junto a mim. Ele abre os olhos, piscando, sonolento.

— Bom dia. — Sorrio e acaricio seu rosto, inclinando-me para beijá-lo.

— Bom dia, baby. Normalmente acordo antes de o alarme tocar — murmura ele, impressionado.

— Está programado para muito cedo.

— É verdade, Srta. Steele. — Christian sorri. — Tenho que me levantar. — Ele me beija, e então está de pé.

Eu me jogo de volta nos travesseiros. Uau, acordar em um dia de semana ao lado de Christian Grey. Como foi que isso aconteceu? Fecho os olhos e cochilo.

— Vamos, dorminhoca, acorde. — Christian se inclina sobre mim. Está barbeado e limpo... *Hum, ele cheira tão bem.* De camisa branca e terno preto, sem gravata; o CEO está de volta. — O que foi? — pergunta ele.

— Eu queria que você voltasse para a cama.

Ele entreabre os lábios, surpreso com a provocação, e sorri quase sem graça.

— Você é insaciável, Srta. Steele. Por mais que a ideia seja tentadora, tenho uma reunião às oito e meia, então preciso sair daqui a pouco.

Ah, dormi por mais uma hora ou algo assim. *Merda.* Pulo da cama, e Christian ri.

* * *

TOMO BANHO E me visto depressa, colocando as roupas que separei ontem: uma saia-lápis cinza, camisa de seda cinza-clara e sapatos de salto pretos, tudo do meu guarda-roupa novo. Escovo e prendo o cabelo, então caminho até a sala de estar, sem saber muito bem o que esperar. Como vou até o trabalho?

Christian está tomando café no balcão. A Sra. Jones está na cozinha fazendo panquecas e bacon.

— Você está linda — murmura ele.

Passando o braço em volta de mim, ele me beija embaixo da orelha. Com o canto do olho, vejo a Sra. Jones sorrir. Fico vermelha.

— Bom dia, Srta. Steele — diz ela, servindo-me um prato de panquecas e bacon.

— Ah, obrigada. Bom dia — murmuro. Eu bem que poderia me acostumar com isso.

— O Sr. Grey me disse que a senhora vai levar algo para almoçar no trabalho. O que gostaria de comer?

Olho de relance para Christian, que está fazendo muita força para não sorrir. Estreito os olhos para ele.

— Um sanduíche... uma salada. Pode ser qualquer coisa. — Sorrio para a Sra. Jones.

— Vou preparar um embrulho para a senhora.

— Por favor, Sra. Jones, pode me chamar de Ana.

— Ana. — Ela sorri e se vira para fazer chá.

Nossa... que legal.

Viro-me e inclino a cabeça para Christian, desafiando-o: vá em frente, acuse-me de flertar com a Sra. Jones.

— Tenho que ir, Ana. Taylor vai voltar e deixar você no trabalho com Sawyer.

— Só até a porta.

— É. Só até a porta. — Christian revira os olhos. — Mas tenha cuidado.

Dou uma olhada ao redor e vejo Taylor de pé junto à entrada. Christian se levanta e me dá um beijo, segurando meu queixo.

— Até mais, baby.

— Tenha um bom dia no escritório, querido — exclamo. Ele se vira, abre seu belo sorriso para mim e vai embora.

A Sra. Jones me passa uma xícara de chá, e, de repente, eu me sinto desconfortável sozinha ali com ela.

— Há quanto tempo você trabalha para Christian? — pergunto, sentindo-me na obrigação de puxar uma conversa.

— Há uns quatro anos, mais ou menos — responde ela com gentileza, enquanto prepara meu almoço.

— Sabe, eu mesma posso fazer isso — balbucio, envergonhada que ela esteja fazendo aquilo por mim.

— Tome seu café da manhã, Ana. Este é o meu trabalho. E gosto dele. É bom cuidar de alguém que não seja o Sr. Taylor e o Sr. Grey. — Ela sorri com doçura.

Minhas bochechas ficam rosadas de prazer, e eu quero bombardear essa mulher de perguntas. Ela deve saber muito sobre Christian, mas, embora seja acolhedora e simpática, é também muito profissional. Sei que só vou deixar nós duas envergonhadas se começar a interrogá-la, então termino meu café da manhã num silêncio razoavelmente confortável, interrompido apenas por suas perguntas a respeito de minhas preferências gerais com relação a comida.

Vinte e cinco minutos depois Sawyer aparece na entrada da sala de estar. Já escovei os dentes e estou pronta para sair. Segurando a sacola de papel pardo com meu almoço — acho que nem a minha mãe já fez isso por mim —, pego o elevador com Sawyer, até o primeiro andar. Ele é muito calado, não revela nada. Taylor está nos esperando no Audi, e eu me sento no banco de trás do carro assim que Sawyer abre a porta para mim.

— Bom dia, Taylor — cumprimento-o com vivacidade.

— Srta. Steele. — Ele sorri.

— Taylor, sinto muito por meus comentários inapropriados ontem à noite. Espero não ter criado problemas para você.

Pelo retrovisor, vejo Taylor franzir a testa espantando enquanto conduz o carro pelo trânsito de Seattle.

— Srta. Steele, raramente tenho problemas — responde ele com ar tranquilizador.

Ah, que bom. Talvez Christian não tenha dado uma bronca nele. Foi só comigo então, penso um tanto amarga.

— Fico feliz em ouvir isso, Taylor — sorrio.

* * *

JACK ME OLHA, avaliando minha aparência enquanto caminho até minha mesa.

— Bom dia, Ana. Teve um bom fim de semana?

— Sim, obrigada. E você?

— Foi bom. Sente-se... tenho trabalho para você.

Concordo com a cabeça e me sento diante do computador. Parece que passaram-se anos desde a última vez em que vim trabalhar. Ligo o computador e abro o e-mail e é claro que há uma mensagem de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Chefe

Data: 13 de junho de 2011 08:24

Para: Anastasia Steele

Bom dia, Srta. Steele,

Só queria agradecer pelo fim de semana maravilhoso, apesar de todo o drama.

Espero que você nunca mais vá embora, nunca.

E só para lembrar: a notícia da SIP permanece embargada por quatro semanas.

Apague este e-mail assim que o ler.

Seu,

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc., e chefe do chefe do seu chefe

Espera que eu nunca mais vá embora? Será que ele quer que eu me mude de vez para a casa dele? Deus do céu... Mal o conheço. Deleto a mensagem.

De: Anastasia Steele

Assunto: Chefão

Data: 13 de junho de 2011 09:03

Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey,

Você está me pedindo para morar com você? E, claro, sei que a maior prova de sua impressionante capacidade de perseguição permanece embargada pelas próximas quatro semanas. Devo fazer um cheque em nome da Superando Juntos e mandar para o seu pai? Por favor, não apague este e-mail. Por favor, responda a ele.

Amo você

Bj,

Anastasia Steele

Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

— Ana! — Jack me faz pular da cadeira.

— Sim? — Fico vermelha, e Jack franze a testa para mim.

— Tudo certo?

— Claro. — Reviro minhas coisas e pego meu bloquinho antes de correr até a sala dele.

— Ótimo. Como você provavelmente se lembra, vou participar daquele Simpósio de Ficção em Nova York na quinta-feira. Já tenho as entradas e as reservas, mas gostaria que você fosse comigo.

— Para Nova York?

— Sim. A gente vai ter que ir na quarta-feira e passar a noite lá. Acho que você vai aprender muito com a experiência. — Seus olhos escurecem ao dizer isso, mas seu sorriso é educado. — Você pode fazer os arranjos necessários para a viagem? E reservar mais um quarto no hotel em que vou ficar? Acho que Sabrina, minha assistente anterior, deixou os detalhes em algum lugar.

— Certo. — Lanço um sorriso lívido para Jack.

Merda. Volto para minha mesa. Christian não vai gostar muito disso... O problema é que quero ir. Parece uma oportunidade de verdade, e tenho certeza de que consigo manter Jack afastado, se é que ele tem mesmo alguma intenção nesse sentido. De volta à minha mesa, vejo que há uma resposta de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Chefão, eu?
Data: 13 de junho de 2011 09:07
Para: Anastasia Steele

Sim. Por favor.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings Inc.

Ele realmente quer que eu me mude para a casa dele. Ah, Christian... é cedo demais. Apoio a cabeça nas mãos, tentando recuperar o juízo. Isso é tudo de que eu precisava depois de um fim de semana extraordinário. Nem tive um momento de tranquilidade para refletir e entender tudo o que experimentei e descobri nestes dois últimos dias.

De: Anastasia Steele
Assunto: Flynnismo
Data: 13 de junho de 2011 09:20
Para: Christian Grey

Christian,

O que aconteceu com aprender a caminhar antes de correr?

Podemos falar sobre isso hoje à noite, por favor?

Fui convidada a participar de uma conferência em Nova York, na quinta-feira.

Isso significa passar a noite de quarta lá.

Achei que você devia saber.

Bj,

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: O QUÊ?

Data: 13 de junho de 2011 09:21
Para: Anastasia Steele

Sim. Vamos conversar esta noite.

Você vai sozinha?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Nada de maiúsculas gritantes numa segunda de manhã!
Data: 13 de junho de 2011 09:30
Para: Christian Grey

Podemos falar sobre isso hoje à noite?

Bj,

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Você ainda não me ouviu gritar
Data: 13 de junho de 2011 09:35
Para: Anastasia Steele

Fale agora.

Se for com essa criatura desprezível com quem você trabalha, então a resposta é não, nem por cima do meu cadáver.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings Inc.

Meu coração afunda. Merda... é como se ele fosse meu pai.

De: Anastasia Steele
Assunto: Não, VOCÊ ainda não me ouviu gritar
Data: 13 de junho de 2011 09:46

Para: Christian Grey

Sim. É com Jack.

Eu quero ir. É uma grande oportunidade para mim.

E nunca fui a Nova York.

Pare de se preocupar e de ficar arrancando os cabelos à toa.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Não, VOCÊ ainda não viu nada
Data: 13 de junho de 2011 09:50
Para: Anastasia Steele

Anastasia,

Não é com a merda dos meus cabelos que estou preocupado.

A resposta é NÃO.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings Inc.

— Não! — grito para o monitor, fazendo com que o escritório inteiro interrompa o que está fazendo para olhar para mim.

Jack coloca a cabeça para fora de sua sala.

— Tudo bem, Ana?

— Sim. Desculpe — murmuro. — Eu... só esqueci de salvar um documento.

Estou rubra de vergonha. Ele sorri para mim, mas com uma expressão intrigada. Respiro fundo várias vezes e rapidamente digito uma resposta. Estou com tanta raiva.

De: Anastasia Steele
Assunto: Cinquenta Tons

Data: 13 de junho de 2011 09:55

Para: Christian Grey

Christian,

Você precisa segurar a sua onda.

Eu NÃO vou dormir com Jack, nem que a vaca tussa.

AMO você. Isso é o que acontece quando as pessoas se amam.

Elas CONFIAM umas nas outras.

Não acho que você vá DORMIR COM, BATER, COMER ou AÇOITAR qualquer outra pessoa. Tenho FÉ e CONFIANÇA em você.

Por favor, tenha a COMPOSTURA de agir da mesma forma comigo.

Ana

Anastasia Steele

Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Eu me sento, à espera de sua resposta. Nada chega. Ligo para a companhia aérea e marco minha passagem, com o cuidado de escolher o mesmo voo que Jack. Ouço o bip indicando a chegada de mais um e-mail.

De: Elena Lincoln

Assunto: Encontro para um almoço

Data: 13 de junho de 2011 10:15

Para: Anastasia Steele

Cara Anastasia,

Eu realmente gostaria de almoçar com você. Acho que começamos com o pé esquerdo, e eu gostaria de consertar isso. Você está livre em algum momento esta semana?

Elena Lincoln

Putá merda, Mrs. Robinson, não! Como ela descobriu meu e-mail? Levo as mãos à cabeça. Dá para este dia ficar pior?

O telefone toca e ergo a cabeça cansada para atendê-lo, olhando para o relógio. São apenas dez e vinte, e eu já desejo não ter deixado a cama de Christian.

— Escritório de Jack Hyde. Ana Steele falando.

Uma voz dolorosamente familiar grita do outro lado:

— Você poderia apagar o último e-mail que me mandou e tentar ser um pouco mais cautelosa com as palavras que usa em seu e-mail de trabalho? Eu já falei, o sistema é monitorado. Vou tentar reduzir os danos do lado de cá. — E desliga.

Putá merda... Fico ali sentada, encarando o telefone. Christian desligou na minha cara. Esse homem está pisoteando a minha nova carreira e ainda desliga na minha cara? Fito o fone e, se não fosse um objeto inanimado, sei que ele murcharia apavorado sob meu olhar fulminante.

Abro meus e-mails e apago o que mandei para ele. Não é tão ruim assim. Eu só falei em bater e, bem, açoitar. Se ele tem tanta vergonha disso, não deveria fazer o que faz. Pego meu BlackBerry e ligo para o celular dele.

— O quê? — atende ele.

— Vou para Nova York quer você queira, quer não — respondo.

— Não vá contando...

Desligo, interrompendo-o no meio da frase. A adrenalina domina meu corpo. Pronto... Falei. Estou com muita raiva.

Respiro fundo, tentando me recompor. Fechando os olhos, imagino que estou em um lugar feliz. *Hum... uma cabine de barco com Christian.* Afasto a imagem, já que estou com muita raiva de Christian agora para deixá-lo se aproximar de meu lugar feliz.

Abrindo os olhos, alcanço calmamente meu bloco de anotações, repassando com cuidado a lista de coisas a fazer. Respiro fundo, recobrando o equilíbrio.

— Ana! — grita Jack, assustando-me. — Não marque a passagem!

— Tarde demais. Já marquei — respondo, enquanto ele caminha de sua sala em minha direção. Parece furioso.

— Olhe, aconteceu alguma coisa. Por alguma razão, de repente, todas as viagens e despesas de hotel para os funcionários têm que ser aprovadas pela direção. A ordem veio de cima. Vou falar com o Roach. Aparentemente, acabaram de aprovar uma proibição de todos os gastos. Não estou entendendo. — Jack aperta a ponte do nariz e fecha os olhos.

Todo o sangue me foge do rosto e meu estômago dá um nó.
Christian!

— Atenda as minhas chamadas. Vou ver o que Roach tem a dizer — ele pisca para mim e segue para falar com seu chefe. Mas não o chefe do seu chefe.

Droga. Christian Grey... Meu sangue começa a ferver de novo.

De: Anastasia Steele

Assunto: O que você fez?

Data: 13 de junho de 2011 10:43

Para: Christian Grey

Por favor, me diga que você não vai interferir em meu trabalho.

Realmente quero ir a esta conferência.

Eu não deveria ter que lhe pedir isso.

Já apaguei o e-mail agressivo.

Anastasia Steele

Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey

Assunto: O que você fez?

Data: 13 de junho de 2011 10:46

Para: Anastasia Steele

Estou apenas protegendo o que é meu.

O e-mail que você tão imprudentemente me enviou já foi deletado do servidor da SIP, da mesma forma que os meus e-mails para você.

Aliás, confio em você implicitamente. É nele que não confio.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Verifico se ainda tenho os e-mails dele, e eles desapareceram. A influência desse homem não conhece limites. Como ele faz isso? Quem ele conhece que pode furtivamente mergulhar nas profundezas dos servidores da SIP para deletar e-mails? Estou tão por fora aqui.

De: Anastasia Steele
Assunto: Cresça
Data: 13 de junho de 2011 10:43
Para: Christian Grey

Christian,

Não preciso de proteção contra meu próprio chefe.

Ele pode até dar em cima de mim, mas vou dizer não.

Você não pode interferir. Isso é errado e controlador em muitos níveis.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: A resposta é NÃO
Data: 13 de junho de 2011 10:50
Para: Anastasia Steele

Ana,

Sei o quanto você é “eficaz” em lutar contra atenção indesejada. Lembro-me de que foi assim que tive o prazer de passar minha primeira noite com você.

Pelo menos o fotógrafo tem sentimentos por você. Já esse cretino, não. Ele é um mulherengo e vai tentar seduzi-la. Pergunte a ele o que aconteceu com a última assistente dele e com a outra antes dela.

Não quero brigar por isso.

Se você quer conhecer Nova York, eu a levo lá. Podemos ir neste fim de semana. Tenho um apartamento na cidade.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah, Christian! Não é essa a questão. Isso é tão frustrante. E é óbvio que ele tem um apartamento em Nova York. Onde mais ele tem propriedades? Claro que tinha de voltar ao assunto José. Será que algum dia ele vai esquecer isso? Eu estava bêbada, pelo amor de Deus. Jamais ficaria bêbada com Jack.

Balanço a cabeça para o monitor, mas acho que não posso continuar a discutir com ele por e-mail. Terei de esperar até a noite.

Verifico a hora. Jack ainda não voltou da reunião com Jerry, e eu preciso lidar com Elena. Leio seu e-mail de novo e decido que a melhor maneira de lidar com isso é enviá-lo para Christian. Deixar que ele se concentre nela e não em mim.

De: Anastasia Steele
Assunto: EN: Encontro para um almoço ou Bagagem irritante
Data: 13 de junho de 2011 11:15
Para: Christian Grey

Christian,

Enquanto você esteve ocupado interferindo na minha carreira e se livrando de minhas mensagens, recebi o seguinte e-mail da Sra. Lincoln. Eu realmente não gostaria de encontrá-la, e mesmo que quisesse, não estou autorizada a deixar o edifício. Como ela descobriu meu endereço, não sei. O que você sugere que eu faça? Aí vai o e-mail dela:

Cara Anastasia,

Eu realmente gostaria de almoçar com você. Acho que começamos com o pé esquerdo, e eu gostaria de consertar isso. Você está livre em algum momento esta semana?

Elena Lincoln

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Bagagem Irritante
Data: 13 de junho de 2011 11:23
Para: Anastasia Steele

Não fique brava comigo. Só estou pensando em você.

Se alguma coisa acontecesse com você, eu nunca iria me perdoar.

Vou lidar com a Sra. Lincoln.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Mais tarde
Data: 13 de junho de 2011 11:32
Para: Christian Grey

Será que podemos conversar sobre isso hoje à noite? Estou tentando trabalhar, e sua interferência contínua está me distraindo.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Jack retorna após o meio-dia e me diz que não posso participar da viagem para Nova York, embora ele ainda esteja indo, e que não há nada que ele possa fazer para mudar a política da diretoria. Ele volta para sua sala, batendo a porta, visivelmente furioso. Por que está tão bravo?

No fundo, sei que suas intenções são menos do que honrosas, mas tenho certeza de que sou capaz de lidar com ele, e me pergunto o que Christian sabe a respeito das assistentes anteriores de Jack. Afasto os pensamentos e continuo com meu trabalho, mas decido que vou tentar fazer Christian mudar de ideia, embora as perspectivas sejam desoladoras.

À uma hora da tarde, Jack põe a cabeça para fora da sala:

— Ana, por favor, você poderia trazer algo para eu almoçar?

— Claro. O que você gostaria?

— Pastrami no pão de centeio, sem mostarda. Eu pago quando você voltar.

— Alguma coisa para beber?

— Uma Coca, por favor. Obrigado, Ana. — Ele volta para sua sala enquanto eu pego minha bolsa.

Merda. Prometi a Christian que não iria sair. Suspiro. Ele nunca vai saber, e vou ser rápida.

Na recepção, Claire me oferece um guarda-chuva, já que ainda está caindo um pé-d'água. Ao sair pela porta da frente, aperto o casaco em volta do corpo e dou uma olhada de relance em ambas as direções por debaixo do imenso guarda-chuva. Parece estar tudo bem. Nenhum sinal da Garota-Fantasma.

Caminho apressada e discretamente, espero, na direção da lanchonete. No entanto, quanto mais me aproximo, mais tenho um sentimento assustador de que estou sendo seguida, e não sei se é a minha paranoia exagerada ou se é realidade. Merda. Espero que não seja Leila com uma arma.

É só a sua imaginação, diz meu inconsciente. *Quem iria querer atirar em você?*

Em quinze minutos, estou de volta, sã e salva, mas aliviada. Acho que a paranoia extrema de Christian e sua vigilância superprotetora estão começando a me afetar.

Enquanto entrego o almoço de Jack, ele me olha por trás do telefone.

— Obrigado, Ana. Já que você não vem comigo, vou precisar que trabalhe até mais tarde. Precisamos desses resumos prontos. Espero que você não tenha planos. — Ele sorri para mim calorosamente, e eu fico vermelha.

— Não, tudo bem — digo com um sorriso e o coração apertado. Isto vai dar problema. Christian vai pirar, tenho certeza.

Ao voltar para minha mesa, decido não lhe dizer imediatamente, caso contrário, ele pode ter tempo para interferir de alguma forma. Eu me sento e como o sanduíche de salada de frango que a Sra. Jones preparou para mim. Está uma delícia. Ela faz um sanduíche muito bom.

Na certa, se eu morasse com Christian, ela prepararia meu almoço todos os dias da semana. A ideia é inquietante. Nunca

sonhei com a riqueza obscena nem com todos os luxos que vêm com ela; só com o amor. Encontrar alguém que me amasse e não tentasse controlar cada movimento meu. O telefone toca.

— Escritório de Jack Hyde...

— Você me garantiu que não sairia — Christian me interrompe, a voz fria e dura.

Meu coração afunda pela milionésima vez. Merda. Como ele sabe?

— Jack me pediu para comprar o almoço dele. Eu não tinha como dizer não. Você colocou alguém para me vigiar? — Meu couro cabeludo pinica com a ideia. Não é de surpreender que eu tenha me sentido tão paranoica: *havia* alguém me observando. O pensamento me deixa com raiva.

— É por isso que eu não queria que você voltasse a trabalhar — revida ele.

— Christian, por favor. Você está... — sendo tão *Cinquenta Tons* — ...me sufocando.

— Sufocando? — sussurra ele, surpreso.

— É. Você tem que parar com isso. Falo com você hoje à noite. Infelizmente, tenho que trabalhar até mais tarde porque não posso ir a Nova York.

— Anastasia, não quero sufocar você — diz ele em voz baixa, horrorizado.

— Bem, é o que está fazendo. Tenho que trabalhar. Falo com você depois — desligo, sentindo-me exausta e um tanto deprimida.

Depois de um fim de semana maravilhoso, a realidade está batendo à porta. Nunca senti tanta vontade de fugir. Fugir para um retiro tranquilo em que eu possa pensar nesse homem, sobre como ele é e sobre como lidar com ele. Em um nível, sei que ele está machucado, entendo isso claramente agora. O que é tão desolador quanto desgastante. Pelos pequenos pedaços de informação preciosa que ele tem me dado sobre sua vida, eu entendo o porquê. Uma criança rejeitada, um ambiente medonho e abusivo, uma mãe que não podia protegê-lo, a quem ele não podia proteger e que morreu na frente dele.

Tremo. Meu pobre Cinquenta Tons. Sou dele, mas não para ser mantida numa gaiola. Como é que eu vou fazê-lo enxergar isso?

Com o coração pesado, arrasto para meu colo um dos manuscritos que Jack quer que eu avalie e começo a ler. Não consigo pensar numa solução fácil para o problema de Christian com o controle. Vou ter que falar com ele mais tarde, cara a cara.

Meia hora depois, Jack me manda por e-mail um documento que preciso arrumar e preparar para impressão em tempo para a conferência. Isso vai me ocupar não apenas pelo resto da tarde, mas uma boa parte da noite também. Começo a trabalhar.

Quando olho para cima, já são mais de sete da noite e o escritório está deserto, embora a luz na sala de Jack ainda esteja acesa. Não reparei nas outras pessoas saindo, mas já estou quase terminando. Mando o documento de volta para Jack por e-mail, para a sua aprovação, e verifico a caixa de entrada. Nenhuma mensagem de Christian, então dou uma olhada rápida no BlackBerry, e levo um susto quando ele começa a vibrar: Christian.

— Oi — atendo.

— Oi, que horas você vai terminar?

— Lá pelas sete e meia, acho.

— Encontro você lá embaixo.

— Tudo bem.

Ele parece quieto, nervoso até. Por quê? Com medo da minha reação?

— Ainda estou brava com você, mas é só isso — sussurro. — Temos muito o que conversar.

— Eu sei. Vejo você às sete e meia.

Jack sai de sua sala.

— Tenho que desligar. Vejo você mais tarde — desligo.

Olho para Jack à medida que caminha despreocupado em minha direção.

— Só preciso de uns poucos ajustes. Mandeí um e-mail com as orientações para você.

Ele se inclina sobre mim enquanto busco o arquivo, bem perto... perto demais. Seu braço toca o meu. Por acaso? Recuo, mas ele finge não perceber. Seu outro braço repousa sobre o encosto de minha cadeira, tocando minhas costas. Empino o corpo para não encostar nele.

— Páginas dezesseis e vinte e três, e acho que é só — murmura ele, a boca a centímetros do meu ouvido.

Minha pele se eriça com sua proximidade, mas decido ignorar a sensação. Abro o documento e, trêmula, começo a efetuar as mudanças. Ele ainda está debruçado sobre mim, e todos os meus sentidos estão atentos. É perturbador e estranho, e, por dentro, estou gritando: *Chega para lá!*

— Depois disso já pode imprimir. Pode ser amanhã. Obrigado por ficar até mais tarde e resolver isso, Ana. — Sua voz é suave e gentil, como se ele estivesse falando com um animal ferido. Meu estômago dá voltas. — Acho que o mínimo que eu poderia fazer é recompensá-la com um drinque. Você merece. — Ele coloca uma mecha solta do meu cabelo atrás da minha orelha e acaricia suavemente o lóbulo.

Tremo, rangendo os dentes, e afasto a cabeça. *Merda!* Christian tinha razão. *Não me toque.*

— Na verdade, hoje eu não posso. — *Nem dia nenhum, Jack.*

— Nem um drinque? — insiste ele.

— Não, não posso. Mas obrigada.

Jack se senta na beirada da minha mesa e franze a testa. Em minha cabeça, um alarme alto dispara. Estou sozinha no escritório. Não posso sair. Olho nervosa para o relógio. Ainda faltam cinco minutos até que Christian chegue.

— Ana, acho que formamos um belo time. Que pena que não consegui arrumar esta viagem para Nova York. Não será o mesmo sem você.

Tenho certeza que não. Sorrio de leve para ele, porque não consigo pensar no que dizer. E, pela primeira vez durante todo o dia, sinto uma pontinha de alívio por não estar indo com ele.

— E então, como foi o fim de semana? — pergunta ele suavemente.

— Bem, obrigada. — Aonde ele quer chegar?

— Saiu com o namorado?

— Saí.

— O que ele faz?

Manda em você...

— É empresário.

— Interessante. De que tipo de negócio?

— Ah, todo tipo de coisa.

Jack deita a cabeça de lado e se inclina em minha direção, invadindo meu espaço pessoal de novo.

— Você está sendo muito reservada, Ana.

— Bem, ele trabalha com telecomunicações, manufatura e agricultura. — Jack ergue as sobrancelhas.

— Quantas coisas. E ele trabalha para quem?

— Ele trabalha para ele mesmo. Se estiver tudo certo com o documento, eu gostaria de ir, tudo bem?

Ele se inclina para trás. Meu espaço pessoal está seguro novamente.

— Claro. Desculpe, não queria prendê-la aqui — diz, dissimuladamente.

— A que horas o prédio fecha?

— A segurança fica aqui até as onze da noite.

— Bom. — Sorrio, e meu inconsciente relaxa em sua poltrona, aliviado de saber que não estamos sozinhos no prédio. Desligo o computador, pego minha bolsa e me levanto, pronta para sair.

— Você gosta dele, então? Do seu namorado?

— Amo o meu namorado — respondo, olhando Jack diretamente nos olhos.

— Entendi. — Jack franze a testa e se levanta da minha mesa.

— Qual é o sobrenome dele?

Fico vermelha.

— Grey. Christian Grey — murmuro.

Jack fica boquiaberto.

— O solteiro mais rico de Seattle? Esse Christian Grey?

— É. Ele mesmo. — Isso, esse Christian Grey, seu futuro patrão, que vai acabar com a sua raça se você invadir meu espaço pessoal de novo.

— Bem que eu achei que o conhecia de algum lugar — diz Jack de forma sombria, e sua testa se franze novamente. — Bem, ele é um homem de sorte.

Pisco para ele. O que posso responder a isso?

— Tenha uma boa noite, Ana. — Jack sorri, mas o sorriso não transparece em seus olhos, e ele caminha com firmeza de volta

para sua sala, sem olhar para trás.

Deixo escapar um longo suspiro de alívio. Bem, esse problema parece estar resolvido. A mágica de Christian funcionou mais uma vez. Só o seu nome já é um talismã, capaz de fazer este homem bater em retirada com o rabo entre as pernas. Permito-me um pequeno sorriso vitorioso. *Está vendo, Christian? Só o seu nome já me protege, você não precisava ter tido todo aquele trabalho de proibir gastos extras com funcionários.* Arrumo minha mesa e verifico a hora. Christian deve estar lá embaixo.

O Audi está parado junto à calçada, e Taylor salta para abrir a porta traseira. Nunca fiquei tão feliz em vê-lo, e corro para dentro do carro, para fugir da chuva.

Christian está no banco de trás, olhando para mim, os olhos arregalados e cautelosos. Ele se prepara para a minha raiva, o maxilar tenso.

— Oi — murmuro.

— Oi — responde ele com cautela. Ele estende o braço e agarra minha mão, apertando-a com força, e meu coração derrete um pouco. Estou tão confusa. Nem cheguei a pensar no que preciso dizer a ele. — Ainda está brava? — pergunta.

— Não sei — murmuro. Ele levanta minha mão e a roça de leve contra os lábios.

— Foi um dia de merda — diz.

— É, foi. — Mas, pela primeira vez desde que ele saiu para o trabalho hoje de manhã, começo a relaxar. Estar em sua companhia é um bálsamo; toda aquela merda com Jack, os e-mails irritados para lá e para cá e o incômodo que é Elena no plano de fundo. Agora sou só eu e meu maníaco por controle no banco de trás do carro.

— Está melhor agora que você está aqui — murmura ele.

Ficamos em silêncio enquanto Taylor dirige em meio ao tráfego noturno, os dois taciturnos e contemplativos. No entanto, percebo que aos poucos Christian também relaxa ao meu lado, acariciando com delicadeza meus dedos com seu polegar, num ritmo suave.

Taylor para o carro na porta do prédio, e nós corremos, fugindo da chuva. Christian aperta minha mão enquanto esperamos pelo elevador, os olhos varrendo a entrada do edifício.

— Pelo visto você ainda não encontrou Leila.

— Não. Welch ainda está procurando por ela — resmunga desanimado.

O elevador chega e entramos. Christian me encara, os olhos cinzentos indecifráveis. Ah, ele está lindo: o cabelo desgrehado, a camisa branca, o terno escuro. E, de repente, lá está ela, do nada, aquela sensação. Ah, meu Deus, o desejo, a luxúria, a eletricidade. Se fosse visível, seria uma intensa aura azul ao redor de nós dois, entre nós dois; é tão forte. Seus lábios se entreabrem e ele me olha.

— Você está sentindo? — ofega.

— Estou.

— Ah, Ana. — Ele geme e me agarra, passando os braços em volta de mim, a mão na minha nuca inclinando minha cabeça para trás. Seus lábios encontram os meus. Meus dedos estão em seu cabelo e acariciam seu rosto quando ele me empurra contra a parede do elevador. — Odeio discutir com você. — Ele respira contra minha boca, e tem algo de desesperado e apaixonado em seu beijo que se reflete no meu.

O desejo explode em meu corpo, toda a tensão do dia procurando uma saída, lutando contra ele, pedindo mais. Somos só língua e respiração e mãos e toque e uma sensação boa, muito boa. Sua mão está em meu quadril, e de repente ele está puxando minha saia para cima, seus dedos acariciando minhas coxas.

— Deus do céu, você está de liga. — Ele geme satisfeito enquanto seu polegar acaricia a pele no alto da meia-calça. — Quero ver isso — ofega ele e levanta minha saia, expondo a parte de cima de minhas coxas.

Dando um passo para trás, ele aperta o botão de “parar”, e o elevador estaciona suavemente entre o vigésimo segundo e o vigésimo terceiro andares. Seus olhos estão escuros, os lábios, entreabertos, e ele está tão ofegante quanto eu. Nós olhamos um para o outro sem nos tocar. Fico feliz que haja uma parede às minhas costas, servindo de apoio enquanto eu me deleito sob o olhar sensual e carnal desse homem maravilhoso.

— Solte o cabelo — ordena ele, a voz rouca. Levanto o braço e desfaço o rabo de cavalo, soltando o cabelo, que cai em ondas

fartas, envolvendo meus ombros e seios. — Abra os dois botões de cima da camisa — sussurra, os olhos selvagens agora.

Ele me faz sentir tão devassa. Abro cada botão com uma lentidão dolorosa, revelando o contorno de meus seios de forma tentadora. Ele respira fundo.

— Você tem alguma ideia de como está sensual neste exato momento?

Mordo o lábio de propósito e nego com a cabeça. Ele fecha os olhos por um instante e, ao abri-los novamente, eles estão em chamas. Christian avança e apoia as mãos contra as paredes do elevador, uma de cada lado do meu rosto. Está o mais perto que pode, sem me tocar.

Ergo o rosto até encontrar o olhar dele, que se inclina para baixo e encosta o nariz no meu, o único contato entre nós. Estou tão excitada, sozinha com ele no confinamento deste elevador. Quero este homem... agora.

— Acho que você sabe, Srta. Steele. Acho que você adora me deixar louco.

— Eu deixo você louco? — sussurro.

— Em todos os aspectos, Anastasia. Você é uma sereia, uma deusa.

E ele se aproxima, agarrando minha perna acima do meu joelho e puxando-a em torno de sua cintura, de modo que estou em pé sobre uma perna, equilibrando-me nele. Sinto-o contra mim, duro e me querendo, contra as minhas coxas, enquanto corre os lábios por meu colo. Solto um gemido e envolvo os braços em torno de seu pescoço.

— Vou comer você aqui mesmo, Anastasia.

Ele ofega e eu arquejo as costas em resposta, pressionando-me contra seu corpo, ansiosa pelo atrito. Ele geme fundo em sua garganta e me ergue ainda mais, abrindo a calça.

— Segure em mim, meu bem — murmura, e magicamente ergue um pacotinho de alumínio, mantendo-o diante de minha boca. Pegoo com os dentes e ele puxa, e, juntos, rasgamos o pacote. — Boa menina.

Ele dá um passo curto para trás e coloca a camisinha.

— Deus, mal posso esperar pelos próximos seis dias — rosna ele, olhando-me através de olhos semicerrados. — Espero que você não ligue muito para esta calcinha — diz, puxando-a com dedos habilidosos, e ela se rasga em suas mãos.

Meu sangue está correndo nas veias. Estou ofegante de desejo.

Suas palavras são inebriantes, toda a angústia do dia é esquecida. Somos apenas ele e eu, fazendo o que fazemos melhor. Sem tirar os olhos dos meus, ele lentamente desliza para dentro de mim. Meu corpo se arqueia, e eu inclino a cabeça para trás, fechando os olhos, saboreando a sensação dele dentro de mim. Ele sai e entra de novo, tão devagar, tão gentil. Solto um gemido.

— Você é minha, Anastasia — murmura ele contra o meu pescoço.

— Sim. Sua. Quando você vai aceitar isso? — ofego.

Ele geme e começa a se mover de verdade. E eu me entrego ao seu ritmo implacável, saboreando cada investida, sua respiração irregular, sua necessidade de mim, espelhando a minha necessidade dele.

Isso tudo me faz sentir poderosa, forte, desejada e amada: amada por esse homem cativante, complicado, a quem retribuo o amor com todo o meu coração. Ele aumenta suas investidas, a respiração ofegante, perdendo-se em mim ao mesmo tempo que eu me perco nele.

— Ah, meu bem — geme Christian, os dentes roçando meu queixo. E eu gozo loucamente em volta dele. Sinto seu corpo enrijecer, e ele me aperta com força, gozando logo em seguida, sussurrando meu nome.

* * *

AGORA QUE CHRISTIAN está esgotado, calmo e me beijando com delicadeza, sua respiração se tranquiliza. Ele me mantém de pé contra a parede do elevador, nossas testas pressionadas uma contra a outra; meu corpo parece uma gelatina, fraco, mas saciado com o clímax.

— Ah, Ana — murmura ele. — Preciso tanto de você. — E beija minha testa.

— E eu de você, Christian.

Soltando-me, ele endireita minha saia e fecha os dois botões de minha camisa, depois digita a senha no painel do elevador, ligando-o novamente. A máquina sobe com um solavanco, e preciso me apoiar nos braços de Christian.

— Taylor deve estar se perguntando onde estamos. — Ele me lança um sorriso travesso.

Droga. Passo os dedos por entre o cabelo numa tentativa vã de disfarçar o aspecto pós-foda, então desisto e prendo-o num rabo de cavalo.

— Vai ter que ser isso mesmo.

Christian sorri, fecha o zíper e coloca o preservativo no bolso da calça.

E assim ele volta a ser a personificação de um empresário americano; como seu cabelo rebelde está sempre com um aspecto pós-foda, a diferença é mínima. Exceto que agora ele está sorrindo, relaxado, os olhos cheios de charme juvenil. Será que todos os homens são assim tão facilmente aplacáveis?

Taylor está nos esperando quando as portas se abrem.

— Ocorreu um problema com o elevador — murmura Christian ao sairmos, e não sou capaz de olhar nenhum dos dois nos olhos. Corro pelas portas duplas para o quarto de Christian em busca de uma calcinha nova.

* * *

AO VOLTAR, ENCONTRO Christian sem o blazer, sentado no balcão do café da manhã, conversando com a Sra. Jones. Ela sorri gentilmente para mim, servindo-nos dois pratos quentes. Hum, o cheiro é delicioso: *coq au vin*, se não me engano. Estou faminta.

— Bom apetite, Sr. Grey, Ana — diz ela, deixando-nos a sós.

Christian pega uma garrafa de vinho branco na geladeira, e, enquanto jantamos, ele me conta sobre o quão próximo está de aperfeiçoar um aparelho de telefone celular movido a energia solar. Está empolgado com o projeto, e então percebo que o dia dele não foi inteiramente ruim.

Pergunto-lhe sobre suas outras propriedades. Ele sorri, e descubro que só tem o apartamento de Nova York, a casa de Aspen e o apartamento no Escala. Nada mais. Quando terminamos, tiro nossos pratos e os levo até a pia.

— Deixe isso. Gail vai lavar — diz ele. Eu me viro e o encaro, ele está me observando atentamente. Será que vou me acostumar a ter alguém arrumando tudo por mim? — Bem, agora que você está mais dócil, Srta. Steele, vamos conversar sobre hoje?

— Acho que é você quem está mais dócil. E acho que estou fazendo um belo trabalho em domesticar você.

— Me domesticar? — bufa ele, divertido. Quando faço que sim com a cabeça, ele franze a testa como se estivesse refletindo a respeito de minhas palavras. — É. Talvez seja isso que você esteja fazendo, Anastasia.

— Você estava certo sobre Jack — murmuro, séria agora, e me debruço contra a bancada da cozinha, avaliando sua reação. A expressão no rosto de Christian se desfaz, e seu olhar se endurece.

— Ele tentou alguma coisa? — sussurra, a voz fria e mortal.

Nego com a cabeça, para tranquilizá-lo.

— Não, nem vai tentar, Christian. Eu disse a ele hoje que sou sua namorada, e ele se retraiu na hora.

— Tem certeza? Eu poderia demitir esse filho da puta. — Christian faz cara feia.

Eu suspiro, encorajada pela taça de vinho.

— Você tem que me deixar lutar minhas próprias batalhas. Não pode ficar constantemente tentando adivinhar tudo o que vai me acontecer e me proteger o tempo todo. É sufocante, Christian. Nunca vou evoluir com essa interferência incessante. Preciso de um pouco de liberdade. Eu jamais sonharia em interferir nos seus assuntos.

Ele pisca para mim.

— Só quero que você fique segura, Anastasia. Se alguma coisa acontecesse com você, eu... — Ele para.

— Eu sei, e entendo porque você sente tanta necessidade de me proteger. E parte de mim adora isso. Sei que se precisar de você, você vai estar lá, da mesma forma como eu vou estar lá por você. Mas, se quisermos alguma esperança de um futuro juntos, você tem

que confiar em mim e no meu julgamento. Sim, eu vou me enganar de vez em quando, vou cometer alguns erros, mas tenho que aprender.

Ele me encara, a expressão ansiosa, incitando-me a dar a volta na bancada e caminhar em sua direção, de modo que fico de pé entre suas pernas, e ele permanece sentado no banco. Segurando suas mãos, passo seus braços ao redor de minha cintura e apoio as mãos neles.

— Você não pode interferir no meu trabalho. É errado. Não preciso de você invadindo o meu dia feito um cavaleiro numa armadura branca que vem para salvar o dia. Sei que você quer controlar tudo, e entendo o porquê, mas você não pode. É uma meta impossível... você tem que aprender a se desligar. — Ergo as mãos e acaricio seu rosto, ele me encara de olhos arregalados. — Se você puder fazer isso... se puder me dar isso... eu venho morar com você — acrescento com gentileza.

Ele respira fundo, surpreso.

— Você faria isso? — sussurra.

— Faria.

— Mas você mal me conhece. — Ele franze a testa e, de repente, soa angustiado e em pânico, nem um pouco Christian.

— Eu o conheço o suficiente, Christian. Nada que você me diga sobre si mesmo vai me assustar. — Corro os nós dos dedos gentilmente por sua bochecha. Sua expressão se transforma, vai de ansiosa a duvidosa. — Mas, se você pudesse me dar só um pouquinho de espaço... — imploro.

— Estou tentando, Anastasia. Eu não podia ficar de braços cruzados e deixar você ir para Nova York com aquele... cretino. Ele tem uma reputação terrível. Nenhuma das assistentes dele durou mais de três meses, e elas nunca são transferidas para outro setor da empresa. Não quero que você passe por isso, baby — suspira. — Não quero que nada aconteça com você. Que você se machuque... o pensamento me apavora. Não posso prometer que não vou interferir, não se achar que você pode se machucar. — Ele faz uma pausa e respira fundo. — Eu amo você, Anastasia. Vou fazer tudo que posso para protegê-la. Não consigo imaginar minha vida sem você.

Putá merda. Minha deusa interior, meu inconsciente e eu própria encaramos Christian em choque.

Três palavrinhas. Meu mundo para, dá uma volta e começa a girar em torno de um novo eixo; saboreio o momento, fitando seus lindos olhos sinceros e cinzentos.

— Eu também amo você, Christian. — Inclino-me para beijá-lo, dando um beijo profundo.

Aproximando-se de forma imperceptível, Taylor pigarreja. Christian afasta o rosto, encarando-me fixamente. Ele se levanta, o braço ao redor de minha cintura.

— Sim? — dirige-se a Taylor.

— A Sra. Lincoln está subindo, senhor.

— O quê?

Taylor encolhe os ombros, desculpando-se. Christian suspira pesadamente e balança a cabeça.

— Bem, isso vai ser interessante — resmunga e me lança um sorriso torto de resignação.

Merda! Por que essa mulher maldita não consegue deixar a gente em paz?

CAPÍTULO DOZE

—Você falou com ela hoje? — pergunto a Christian enquanto esperamos pela Mrs. Robinson.

— Falei.

— O que você disse?

— Falei que você não quer se encontrar com ela, e que eu entendo os seus motivos. Falei também que não gosto que ela aja pelas minhas costas — responde ele, o rosto impassível, sem revelar nada.

Bom.

— E o que ela respondeu?

— Ela me dispensou de um jeito que só Elena é capaz de fazer.

— Ele franze os lábios numa linha fina.

— Por que você acha que ela veio aqui?

— Não tenho ideia. — Christian dá de ombros.

Taylor entra na sala de estar de novo.

— A Sra. Lincoln — anuncia.

E aqui está ela...

Por que tem de ser tão atraente? Está toda de preto: calça jeans justa, uma camisa que realça o corpo perfeito e o cabelo numa moldura brilhante e sedosa.

Christian me puxa para junto de si.

— Elena — diz, a voz soando intrigada.

Ela me olha boquiaberta, paralisada. E pisca por um instante antes de encontrar o que dizer.

— Desculpe. Não sabia que você estava acompanhado, Christian. É segunda-feira — diz ela, como se aquilo esclarecesse por que está ali.

— Namorada — responde ele à guisa de explicação, inclinando a cabeça para um lado e abrindo um sorriso despreocupado na direção dela.

Um sorriso lento e radiante, dirigido inteiramente a ele, abre-se no rosto dela. É tão irritante.

— Claro. Oi, Anastasia. Não sabia que você estaria aqui. Sei que você não quer falar comigo. Aceito isso.

— Aceita? — questiono calmamente, fitando-a e surpreendendo a todos nós.

Franzindo a testa de leve, ela avança mais para dentro do cômodo.

— Sim, já entendi a mensagem. Não vim aqui para ver você. Como eu disse, Christian raramente está acompanhado durante a semana. — Ela para. — Estou com um problema e preciso conversar com ele a respeito.

— Ah? — Christian se ajeita. — Aceita uma bebida?

— Sim, por favor — murmura ela, agradecida.

Christian serve uma taça de vinho enquanto Elena e eu permanecemos de pé, encarando-nos desconfortavelmente. Ela brinca com um anel grosso de prata no dedo médio, e fico sem saber para onde olhar. Por fim, ela me lança um sorriso contrito e se aproxima da bancada da cozinha, sentando-se no banco da ponta. Obviamente conhece bem o lugar e se sente à vontade na casa.

Será que eu fico? Ou devo me retirar? *Ah, isso é tão difícil.* Meu inconsciente faz a cara mais hostil que pode na direção dela.

São tantas coisas que quero dizer a essa mulher, e nenhuma delas é agradável. Mas ela é amiga de Christian — sua única amiga —, e mesmo com todo o ódio que sinto, sou educada por natureza. Decido ficar, e me sento no banco que Christian desocupou com o máximo de elegância de que sou capaz. Ele serve mais vinho em nossas taças e se senta no banco entre nós duas. Será que ele percebe como esta situação é embaraçosa?

— Qual o problema? — pergunta.

Elena me olha um tanto nervosa, e Christian estende o braço, segurando minha mão.

— Anastasia está comigo agora — diz ele, respondendo à sua pergunta não dita e apertando meus dedos. Fico vermelha, e meu inconsciente sorri para ele, abandonando sua expressão de raiva de um instante atrás.

A expressão de Elena se suaviza como se ela estivesse feliz por ele. Feliz *de verdade*. Ah, não consigo entender essa mulher, e fico desconfortável e irritável na presença dela.

Ela respira fundo e se ajeita no banco, sentando-se na beirada e parecendo agitada. Depois dá uma olhada rápida para as próprias mãos e começa a girar freneticamente o anel de prata.

Qual o problema dela? É a minha presença? Sou eu quem está causando isso nela? Porque me sinto do mesmo jeito — não a quero aqui. Ela ergue o rosto e encara Christian bem nos olhos.

— Estou sendo chantageada.

Putá merda. Não era bem o que eu esperava ouvir. Christian se enrijece. Será que alguém descobriu sua propensão para espancar e foder menores de idade? Contenho minha repugnância e um pensamento rápido a respeito do troco sendo dado pelas atitudes dela me passa pela cabeça. Meu inconsciente esfrega as mãos com deleite mal disfarçado. *Que bom.*

— De que forma? — pergunta Christian, o medo transparecendo em sua voz.

Ela enfia a mão na imensa bolsa de couro de marca e puxa um bilhete, entregando-o a ele.

— Coloque aqui, na bancada. — Christian aponta para o balcão com o queixo.

— Não quer tocar?

— Não. Impressões digitais.

— Christian, você sabe que não posso levar isso à polícia.

Por que estou ouvindo isso? Ela está comendo algum outro pobre garoto?

Ela coloca o papel diante dele, e ele se aproxima para ler.

— Estão pedindo só cinco mil dólares — diz, quase que distraidamente. — Tem alguma ideia de quem seja? Alguém do grupo?

— Não — diz ela, com sua voz mais gentil e delicada.

— Linc?

Linc? Quem é Linc?

— O quê? Depois de todo esse tempo? Acho que não — balbucia ela.

— Isaac já sabe?

— Não contei ainda.

Quem é Isaac?

— Acho que ele deveria saber — diz Christian. Ela balança a cabeça, e agora me sinto como se estivesse me intrometendo. Não quero me envolver nisso. Tento soltar a mão de Christian, mas ele me aperta com força e se vira para mim.

— O que foi? — pergunta.

— Estou cansada. Acho que vou dormir.

Seus olhos me estudam, mas à procura de quê? Censura? Aceitação? Hostilidade? Mantenho a expressão o mais neutra possível.

— Tudo bem — diz ele. — Não vou demorar.

Ele me solta e eu fico de pé. Elena me olha com cautela. Fico ali, pressionando os lábios, fitando-a de volta, impassível.

— Boa noite, Anastasia. — Ela me lança um leve sorriso.

— Boa noite — murmuro, e minha voz soa fria. Viro-me para deixar o cômodo. É muita tensão para que eu possa suportar. Assim que começo a caminhar, eles continuam a conversa.

— Acho que eu não posso fazer muita coisa, Elena — diz Christian. — Se é uma questão de dinheiro... — E a voz dele fica mais baixa. — Posso pedir a Welch para investigar.

— Não, Christian, só queria dividir isso com você — diz ela.

Já fora da sala, ouço-a dizer:

— Você parece muito feliz.

— E estou — responde ele.

— Você merece.

— Queria que isso fosse verdade.

— Christian — repreende-o Elena.

Paro e fico ouvindo com atenção. Não consigo evitar.

— Ela sabe o quão negativo você é a respeito de si mesmo? Sobre os seus problemas?

— Ela me conhece melhor do que ninguém.

— Ai! Essa doeu.

— É verdade, Elena. Não preciso fazer joguinhos com ela. E estou falando sério, deixe Anastasia em paz.

— Qual o problema dela?

— Você... O que nós tivemos. O que nós fizemos. Ela não entende.

— Faça-a entender.

— Isso é passado, Elena, e por que eu iria querer corrompê-la explicando a relação doentia que tivemos? Ela é boa, gentil e inocente, e, por algum milagre, me ama.

— Não é milagre nenhum, Christian — zomba Elena, bem-humorada. — Tenha um pouco de fé em si mesmo. Você é um partido e tanto. Já falei isso inúmeras vezes. E ela também parece ótima. Forte. Alguém que vai estar do seu lado.

Não consigo ouvir a resposta de Christian. Então eu sou forte, é? Realmente não me sinto forte.

— Você não sente falta? — continua Elena.

— De quê?

— Do quarto de jogos.

Prendo a respiração.

— Isso realmente não é da sua conta — rebate Christian.

Ah.

— Desculpe. — Ela ri com desdém e sem muita sinceridade.

— Acho que é melhor você ir embora. E, por favor, telefone antes de aparecer de novo.

— Desculpe, Christian — diz ela, e, pelo tom, dessa vez parece estar sendo sincera. — Desde quando você é assim tão sensível? — Ela está repreendendo-o de novo.

— Elena, nós temos uma relação de trabalho que tem beneficiado incrivelmente a nós dois. Vamos manter as coisas assim. O que aconteceu entre a gente é passado. Anastasia é o meu futuro, e eu não vou arriscar isso de forma alguma, então chega dessa merda.

Sou o futuro dele!

— Entendi.

— Olhe, sinto muito pelo seu problema. Talvez você tenha que encarar a situação e pagar pra ver — diz, o tom de voz mais ameno.

— Não quero perder você, Christian.

— Não sou seu para você perder, Elena — responde ele.

— Não foi o que quis dizer.

— E o que você quis dizer? — pergunta ele bruscamente, irritado.

— Olhe, não quero discutir com você. Sua amizade significa muito para mim. Vou deixar Anastasia em paz. Mas estarei aqui se você precisar de mim. Sempre.

— Anastasia acha que você me viu no sábado passado. Você ligou, foi só isso. Por que você falou para ela que encontrou comigo?

— Queria que ela soubesse o quão perturbado você ficou quando ela foi embora. Não quero que ela magoe você.

— Ela sabe. Eu mesmo falei. Pare de interferir. Falando sério, você está parecendo uma mãe dominadora. — Christian soa resignado, e Elena ri, mas sua risada tem um quê de tristeza.

— Eu sei. Desculpe-me. Você sabe como eu me preocupo com você. Nunca achei que você fosse se apaixonar, Christian. É muito gratificante ver isso. Mas eu não suportaria se ela machucasse você.

— Estou assumindo os riscos — responde ele secamente. — Agora, tem certeza de que não quer que Welch dê uma pesquisada no assunto?

— Imagino que não faria mal algum. — Ela suspira pesadamente.

— Certo. Falo com ele amanhã de manhã.

Fico ali, escutando a discussão deles, tentando decifrar os dois. Eles realmente parecem velhos amigos, como Christian me descreveu. Apenas amigos. E ela se preocupa com ele... talvez demais. Mas pode alguém que o conhece não se preocupar com ele?

— Obrigada, Christian. E desculpe. Não queria atrapalhar vocês. Estou indo. Da próxima vez eu ligo.

— Ótimo.

Ela está indo embora! Merda! Corro pelo corredor na direção do quarto de Christian e me sento na cama. Ele entra momentos depois.

— Ela já foi — diz com cautela, avaliando minha reação.

Ergo o olhar para ele, tentando formular minha pergunta.

— Você pode me contar mais sobre ela? Estou tentando entender por que você acha que ela o ajudou. — Paro, ponderando com cuidado sobre minha próxima frase. — Eu abomino essa mulher, Christian. Acho que ela lhe causou danos irreparáveis. Você não tem amigos. Ela o afastou das outras pessoas?

Ele suspira e corre os dedos pelo cabelo.

— Por que diabo você quer saber sobre ela? Tivemos um longo caso, ela me batia para caralho com frequência, e eu comia ela de maneiras que você nem pode imaginar. Fim de papo.

Fico pálida. Merda, ele está com raiva — de mim. Pisco para ele.

— Por que está com tanta raiva?

— Porque aquela merda toda já *acabou!* — grita, furioso. Ele suspira de exasperação e balança a cabeça.

Agora estou lívida. *Merda.* Encaro minhas mãos cruzadas em meu colo. Só quero entender.

Ele se senta ao meu lado.

— O que você quer saber? — pergunta, exausto.

— Você não precisa me dizer nada. Não quero me meter.

— Anastasia, não é isso. Não gosto de falar dessa droga. Vivi numa bolha durante anos sem que nada me afetasse e sem precisar me justificar para ninguém. Ela sempre esteve do meu lado, como uma espécie de confidente. E agora meu passado e meu futuro estão colidindo de um jeito que nunca achei que fosse possível.

Dou uma olhada para ele e vejo que está me encarando, os olhos arregalados.

— Nunca achei que fosse ter um futuro com alguém, Anastasia. Você me dá esperança e me faz pensar sobre todas as possibilidades. — Ele se cala.

— Eu estava ouvindo — sussurro e volto a encarar minhas mãos.

— O quê? A nossa conversa?

— É.

— E aí? — Ele parece resignado.

— Ela se preocupa com você.

— É, ela se preocupa. E eu me preocupo com ela, do meu jeito, mas isso não chega nem perto do que sinto por você. Se o problema for esse.

— Não estou com ciúme. — Fico magoada que ele pense isso... ou será que estou com ciúme? Merda. Talvez seja isso. — Você não ama Elena — murmuro.

Ele suspira de novo. Está mesmo com raiva.

— Há muito tempo eu achei que a amava — diz, entre os dentes.

Ah.

— Quando estávamos na Geórgia... você disse que não a amava.

— É verdade.

Franzo a testa.

— Eu já amava você, Anastasia — sussurra ele. — Você é a única pessoa por quem eu viajaria cinco mil quilômetros.

Meu Deus. Não entendo. Ele ainda queria que eu fosse submissa dele naquela época. Franzo ainda mais a testa.

— O que eu sinto por você é muito diferente de qualquer coisa que já senti por Elena — diz ele, tentando explicar.

— E quando você ficou sabendo disso?

— Ironicamente, foi a própria Elena quem me falou. — Ele dá de ombros. — Ela me encorajou a ir até a Geórgia.

Eu sabia! Lá mesmo em Savannah eu já sabia disso. Olho para ele, mantendo o olhar vazio.

Como interpretar isso? Talvez ela esteja do meu lado e só tenha medo de que eu o machuque. A ideia é dolorosa. Eu jamais iria querer machucá-lo. Ela tem razão... ele já sofreu demais.

Talvez ela não seja tão má assim. Balanço a cabeça. Não quero aceitar o relacionamento que eles tiveram. É algo que desaprovo. Sim, é isso. Ela é uma figura repugnante que se aproveitou de um garoto vulnerável, roubando a adolescência dele, não importa o que ele diga.

— Então você a desejava? Quando era mais novo.

— Sim.

Ah.

— Ela me ensinou muita coisa. Ensinou-me a acreditar em mim mesmo.

Ah.

— Mas ela também bateu muito em você.

— É, bateu. — Ele sorri com afeto.

- E você gostava?
- Naquela época, sim.
- Tanto que você quis fazer isso com outras pessoas?
- É. — Ele arregala os olhos, com seriedade.
- E ela ajudou você com isso?
- Ajudou.
- Ela foi sua submissa?
- Sim.

Putá merda.

— E você espera que eu goste dela? — minha voz soa frágil e magoada.

— Não, embora isso fosse facilitar e muito a minha vida — diz ele, com cautela. — Entendo sua hesitação.

— Reticência! Meu Deus, Christian... se ela tivesse feito isso com um filho seu, como você se sentiria?

Ele pisca para mim como se não tivesse entendido a pergunta. E então franze a testa.

— Eu não precisava ter ficado com ela. A escolha também foi minha, Anastasia — murmura.

Isto não está levando a lugar nenhum.

— Quem é Linc?

— O ex-marido dela.

— Lincoln Timber?

— Ele mesmo. — Ele sorri.

— E Isaac?

— O submisso atual dela.

Ah, não.

— Ele tem vinte e tantos anos, Anastasia. É um adulto que sabe o que está fazendo — acrescenta depressa, decifrando com precisão a minha expressão de nojo.

— Da mesma idade que você — murmuro.

— Olhe, Anastasia, como falei para ela, ela é parte do meu passado. Você é o meu futuro. Não deixe que ela atrapalhe isso, por favor. E, sinceramente, já cansei desse assunto. Preciso trabalhar. — Ele fica de pé e me encara. — Esqueça isso. Por favor.

Eu o encaro, obstinada.

— Ah, já ia me esquecendo — acrescenta ele. — Seu carro chegou um dia antes. Está lá na garagem. A chave está com Taylor.

Uau... o Saab?

— Posso dirigir amanhã?

— Não.

— Por que não?

— Você sabe por quê. O que me faz lembrar: se for sair do escritório, avise-me. Sawyer estava lá, vigiando você. Aparentemente não posso confiar em você para cuidar de si mesma sozinha. — Ele faz cara feia, fazendo-me sentir feito uma criança levada... de novo. E eu teria discutido a respeito, mas ele já está tão nervoso por causa do assunto Elena, que não quero pressioná-lo mais ainda, mas não consigo evitar um comentário.

— Parece que também não posso confiar em você — murmuro.

— Você podia ter me avisado que Sawyer estava me vigiando.

— Você quer brigar por causa disso também? — rebate ele.

— Não achei que estivéssemos brigando. Achei que estivéssemos conversando — murmuro, petulante.

Ele fecha os olhos por um instante, lutando para conter a raiva. Engulo em seco e o observo, ansiosa. A reação dele é imprevisível.

— Tenho que trabalhar — diz, com calma, e deixa o quarto.

Solto o ar. Não tinha percebido que estava prendendo a respiração. Jogo-me para trás, na cama, e fico encarando o teto.

Será que algum dia vamos ter uma conversa normal, sem descambar para uma briga? É tão cansativo.

Nós simplesmente não nos conhecemos direito. Será que quero mesmo morar com ele? Nem sei se eu deveria preparar um chá ou um café para ele enquanto trabalha. Será que posso interrompê-lo? Não tenho ideia do que ele gosta ou não.

Está claro que ele cansou do assunto Elena... e tem razão. Preciso seguir em frente. Deixar isso para trás. Bem, pelo menos ele não espera que eu seja amiga dela. E tomara que agora ela pare de me atazanar para marcar um encontro.

Levanto-me da cama e vou até a janela. Abro a porta da varanda e caminho até a balaustrada de vidro. Sua transparência é enervante. Aqui no alto, o ar é frio e fresco.

Observo as luzes cintilantes de Seattle. Ele se mantém tão longe de tudo, aqui em cima, na sua fortaleza. Não precisa se explicar a ninguém. *Ele tinha acabado de dizer que me ama, e então toda essa porcaria vem à tona por causa dessa mulher terrível.* Reviro os olhos. A vida dele é tão complicada. Ele é tão complicado.

Com um suspiro profundo e um último olhar para a cidade de Seattle, esparramada feito um tecido dourado aos meus pés, decido ligar para Ray. Já faz um tempo que não falo com ele. A conversa é curta, como de costume, mas fico sabendo que ele está bem, e que estou ligando no meio de uma partida importante de futebol.

— Espero que esteja tudo bem com Christian — diz ele, casualmente, e sei que está jogando verde para obter informações, embora na verdade ele não queira saber.

— É. Estamos bem. — Mais ou menos, e estou indo morar com ele. Embora a gente não tenha decidido quando. — Amo você, pai.

— Também amo você, Annie.

Desligo e verifico as horas. São apenas dez da noite. A nossa briga me deixou estranhamente irritada e inquieta.

Tomo um banho rápido e volto para o quarto, decidindo colocar uma das camisolas que Caroline Acton escolheu para mim na Neiman Marcus. Christian está sempre reclamando das camisetas. São três. Escolho a rosa-clara e a visto, passando-a pela cabeça. O tecido desliza, acariciando e aderindo-se à minha pele ao escorregar por meu corpo. Dá uma sensação luxuosa: o cetim mais fino e delicado. *Uau!* Olho-me no espelho e pareço uma atriz de cinema dos anos trinta. A camisola é longa, elegante... e não tem nada a ver comigo.

Pego o robe do conjunto e decido procurar por um livro na biblioteca. Podia ler no meu iPad, mas, neste instante, preciso do conforto e da segurança de um livro físico. Vou deixar Christian sozinho. Talvez ele recupere o bom humor quando tiver terminado de trabalhar.

A biblioteca de Christian tem tantos livros. Verificar título por título vai demorar uma eternidade. Dou uma olhada de relance para a mesa de sinuca e fico vermelha ao lembrar nossa última noite. Sorrio quando vejo que a régua ainda está no chão. Abaixo-me para pegá-la e bato com ela contra a palma da mão. Ai! Dói.

Por que não consigo suportar um pouco mais de dor pelo meu homem? Desconsolada, deixo a régua sobre a mesa e continuo em minha busca por uma boa leitura.

A maioria dos livros são primeiras edições. Como ele pode ter acumulado uma coleção como esta em tão pouco tempo? Talvez o trabalho de Taylor inclua a compra de livros. Decido-me por *Rebecca*, de Daphne du Maurier. Já faz tempo que li esse livro. Sorrio ao me ajeitar numa das poltronas estofadas e ler a primeira linha:

Na noite passada, sonhei que estava em Manderley novamente...

Acordo num sobressalto com Christian me erguendo em seus braços.

— Oi — murmura ele. — Você caiu no sono. Não conseguia encontrá-la. — Ele enfia o rosto no meu cabelo.

Sonolenta, passo os braços ao redor de seu pescoço e, enquanto ele me leva para o quarto, sinto seu cheiro... ah, é um cheiro tão bom... Ele me coloca na cama e me cobre.

— Durma, baby — sussurra, pressionando os lábios contra minha testa.

* * *

ACORDO DE REPENTE com um pesadelo, momentaneamente desorientada, e me vejo conferindo ansiosa o pé da cama, mas não há ninguém lá. Vindo da sala de estar, ouço o leve rastro de uma melodia elaborada sendo tocada ao piano.

Que horas são? Verifico o despertador — duas da manhã. Será que Christian não veio dormir? Desembolo as minhas pernas do roupão, que ainda estou vestindo, e me levanto da cama.

Fico de pé na penumbra da sala de estar, ouvindo. Christian está entregue à música. Parece são e salvo em sua bolha de luz. E a canção que está tocando tem uma melodia alegre, uma cadência que me soa familiar, mas é tão complexa. *Ele toca tão bem*. Por que eu sempre me surpreendo com isso?

De algum jeito, no entanto, a cena parece diferente. E meu dou conta de que a tampa do piano está abaixada, deixando-me completamente exposta. Ele ergue o rosto e nossos olhares se encontram, seus olhos cinzentos e iluminados pela luz suave do abajur. Continua tocando, sem cometer nenhum deslize, enquanto caminho na direção dele. Seus olhos me seguem, deleitando-se com a minha visão, reluzindo. Quando me aproximo, ele para de tocar.

— Por que você parou? Estava tão bonito.

— Você tem alguma ideia de como está atraente? — diz, a voz suave.

Ah.

— Venha para a cama — sussurro, e seus olhos queimam quando ele estende a mão para mim.

Quando seguro sua mão, ele me puxa de forma inesperada, e caio em seu colo. Ele me envolve nos braços, enfiando o rosto na minha nuca, atrás da orelha, e um calafrio corre ao longo de minha coluna.

— Por que a gente briga? — sussurra ele, os dentes brincando com o lóbulo da minha orelha.

Meu coração dá um pulo e começa a bater apressado, aquecendo todo o meu corpo.

— Porque estamos nos conhecendo, e porque você é teimoso, irritadiço, mal-humorado e difícil — murmuro, ofegante, abaixando a cabeça para lhe facilitar o contato com meu pescoço. Ele corre o nariz pela minha pele, e sinto que está sorrindo.

— Sou tudo isso, Srta. Steele. Não sei como você me aguenta. — Ele morde o lóbulo de minha orelha, e eu solto um gemido. — É sempre assim? — suspira ele.

— Não tenho ideia.

— Nem eu. — Ele solta o laço do meu roupão, abrindo-o, e suas mãos deslizam pelo meu corpo, até os meus seios. Meus mamilos se enrijecem debaixo do cetim da camisola sob o toque delicado. Ele continua até minha cintura, em direção ao meu quadril. — Você fica tão gostosa com esse tecido, e eu consigo ver tudo... até isto. — Ele mexe de leve em meus pelos pubianos através da camisola,

fazendo-me arquejar, com sua outra mão agarra meu cabelo pela nuca.

Puxando minha cabeça para trás, ele me beija, sua língua apressada, implacável, carente. Solto um gemido em resposta e acaricio seu rosto tão querido. Ele levanta minha camisola com gentileza, bem devagar, tentadoramente, até que está afagando minhas costas nuas e, em seguida, correndo o polegar ao longo da parte interna de minhas coxas.

De repente ele se levanta, assustando-me, e me coloca em cima do piano. Meu pé descansa sobre as teclas, produzindo acordes dissonantes e desconstruídos, e suas mãos deslizam ao longo de minhas pernas, abrindo meus joelhos. Ele segura minhas mãos.

— Deite-se — ordena, mantendo minhas mãos seguras enquanto me deito em cima do piano.

A tampa do piano contra as minhas costas é rígida e firme. Ele abre ainda mais minhas pernas, meus pés dançando sobre as teclas, sobre as oitavas mais altas e as mais baixas.

Minha nossa. Eu sei o que ele vai fazer, e a expectativa... Solto um gemido alto quando ele beija a parte de trás do meu joelho e vai subindo, beijando, chupando e mordendo a minha coxa. O cetim macio da minha camisola sobe, deslizando em minha pele sensível à medida que ele empurra o tecido. Flexiono os pés e os acordes soam novamente. Fechando os olhos, eu me entrego enquanto sua boca alcança o alto de minhas coxas.

Ele me beija... *lá... Meu Deus...* e então assopra de mansinho, antes de sua língua circundar meu clitóris. Ele abre ainda mais minhas pernas. Eu me sinto tão entregue, tão exposta. Ele me segura firme, as mãos logo acima de meus joelhos, e sua língua continua me torturando, sem trégua, sem descanso... implacável. Erguendo o quadril, acompanhando seu ritmo, eu me entrego.

— Ah, Christian, por favor — gemo.

— Ah, não, baby, ainda não. — Ele brinca comigo, mas eu vou ficando mais excitada à medida que acelera, e então ele para.

— Não — reclamo.

— Essa é a minha vingança, Ana — rosna ele baixinho. — Se você discute comigo, vou descontar no seu corpo de alguma forma.

Ele deixa uma trilha de beijos em minha barriga, suas mãos correndo pelas minhas coxas, apertando-me, excitando-me. Sua língua circula meu umbigo enquanto suas mãos — *e seus polegares...* ah, esses *polegares* — alcançam o topo de minhas coxas.

— Ah! — grito quando ele enfia um dos dedos em mim.

O outro segue pelo corpo, devagar, num ritmo agonizante, circulando a minha pele. Minhas costas se levantam do piano, e eu me contorço sob seu toque. É quase insuportável.

— Christian! — exclamo, retorcendo-me descontrolada pelo desejo.

Ele se apieda de mim e para. Erguendo meus pés das teclas, ele me empurra e, de repente, estou deslizando sobre o piano, escorregando sobre o cetim, e ele está junto de mim, e para por um instante entre as minhas pernas para colocar a camisinha. Paira sobre o meu corpo, e estou ofegante, fitando-o com uma necessidade furiosa, e percebo que ele está nu. Quando foi que tirou a roupa?

Ele me encara de volta, e seus olhos estão repletos de fascínio, fascínio e paixão, e é de tirar o fôlego.

— Quero tanto você — diz ele e, bem devagar, com maestria, mergulha dentro de mim.

* * *

ESTOU ESPARRAMADA EM cima dele, retorcida, meus membros pesados e preguiçosos, nós dois deitados em cima do piano de cauda. *Meu Deus*. O corpo dele é muito mais confortável do que o piano. Com cuidado para não encostar em seu peito, descanso o rosto nele e permaneço completamente imóvel. Ele não se opõe, e fico ali escutando sua respiração se acalmar junto com a minha. Com ternura, ele acaricia meu cabelo.

— Você costuma beber chá ou café à noite? — pergunto, sonolenta.

— Que pergunta esquisita — responde ele vagamente.

— Pensei em levar uma bebida para você no seu escritório, mas então percebi que não sabia o que você prefere.

— Ah, entendi. De noite é sempre água ou vinho, Ana. Embora talvez eu devesse experimentar chá.

Sua mão move-se ritmicamente ao longo de minhas costas, afagando-me de leve.

— Sabemos mesmo muito pouco a respeito um do outro — murmuro.

— Eu sei — responde ele, e sua voz é pesarosa. Eu me sento para fitá-lo nos olhos.

— O que foi? — pergunto.

Ele balança a cabeça como se quisesse afastar uma ideia desagradável e, erguendo a mão, acaricia meu rosto, os olhos brilhantes e sinceros.

— Amo você, Ana Steele.

—

O despertador toca às seis da manhã com as notícias sobre o trânsito, e eu acordo num sobressalto de meu sonho desconcertante com mulheres exageradamente loiras e morenas. Não consigo entender sobre o que era o sonho e imediatamente sou distraída por um Christian Grey enrolado em volta de mim feito seda, sua cabeça com o cabelo desgrehado no meu colo, a mão no meu peito, a perna em cima de mim, pressionando-me para baixo. Ainda está dormindo, e eu estou com muito calor. No entanto, ignoro meu desconforto e estendo a mão com cuidado para correr os dedos gentilmente por seu cabelo, e ele se mexe. Erguendo os olhos cinzentos e reluzentes, sorri para mim sonolento. *Meu Deus... ele é adorável.*

— Bom dia, linda — diz ele.

— Bom dia para você também, lindo. — Sorrio de volta para ele. Ele me beija, sai de cima de mim e se apoia em um dos cotovelos, me fitando.

— Dormiu bem? — pergunta.

— Dormi, apesar da interrupção no meio da noite.

— Hum. — Seu sorriso se amplia. — Você pode interromper meu sono assim sempre que quiser. — E me beija de novo.

— E você? Dormiu bem?

— Eu sempre durmo bem com você, Anastasia.

— Não teve mais pesadelos?

— Não.

Levanto as sobrancelhas e arrisco uma pergunta:

— Sobre o que são os seus pesadelos?

Ele franze a testa e seu sorriso desaparece. *Merda... eu e a minha curiosidade idiota.*

— São flashbacks da minha primeira infância, ou foi o que o Dr. Flynn me disse. Alguns são bem vívidos, outros menos. — Ele baixa o tom de voz, e suas feições adquirem um olhar distante e angustiado. Distraído, começa a correr os dedos ao longo de minha clavícula, desviando minha atenção.

— E você acorda gritando e chorando? — Tento, em vão, fazer uma piada.

Ele me olha confuso.

— Não, Anastasia. Nunca chorei. Não que eu me lembre. — Ele franze a testa, como se mergulhasse nas profundezas de suas memórias. Droga, na certa é um lugar sombrio demais para se visitar a essa hora da manhã.

— Você não tem memórias felizes da sua infância? — pergunto depressa, numa tentativa de distraí-lo. Ele parece pensativo por um instante, ainda correndo os dedos por minha pele.

— Eu me lembro da prostituta viciada cozinhando. Lembro-me do cheiro. Acho que era um bolo de aniversário. Para mim. E me lembro da chegada de Mia com meus pais. Minha mãe estava preocupada com minha reação, mas eu adorei o bebezinho logo de cara. Minha primeira palavra foi *Mia*. Lembro-me da minha primeira aula de piano. A Srta. Kathie, minha professora, era o máximo. Ela criava cavalos também. — Ele sorri saudosamente.

— Você disse que sua mãe o salvou. Como?

Seu devaneio se interrompe, e ele me encara, como se eu fosse incapaz de compreender que dois mais dois é igual a quatro.

— Ela me adotou — responde ele trivialmente. — Quando a vi pela primeira vez, achei que fosse um anjo. Estava toda de branco e era tão gentil e calma enquanto me examinava. Nunca vou me esquecer daquilo. Se ela tivesse dito não ou se Carrick tivesse dito não... — Ele encolhe os ombros, dando uma olhada de relance para

o relógio. — Isso tudo é meio pesado para essa hora da manhã — murmura.

— Fiz uma promessa de conhecer você melhor.

— Fez, é, Srta. Steele? Achei que você queria saber se eu prefiro chá ou café. — Ele sorri. — De qualquer forma, sei de um jeito que pode ajudar você a me conhecer melhor. — Ele pressiona o quadril contra o meu.

— Acho que já conheço você bastante bem nesse quesito. — Minha voz é arrogante e soa como uma reprimenda, arrancando um largo sorriso em seu rosto.

— Acho que eu nunca vou conhecer você o bastante nesse quesito — murmura ele. — Sem dúvida existem vantagens de se acordar ao seu lado — diz ele, num tom suave e capaz de me derreter de tão sedutor.

— Você não tem que se levantar? — pergunto, a voz grave e rouca. *Ah... o que ele faz comigo.*

— Hoje não. Só tem uma coisa que quer se levantar agora, Srta. Steele. — Seus olhos brilham repletos de lascívia.

— Christian! — arquejo, chocada.

Ele se move depressa, ficando em cima de mim, apertando-me na cama. Segurando minhas mãos, ele as puxa para cima, sobre a minha cabeça, e começa a beijar meu pescoço.

— Ah, Srta. Steele. — Ele sorri contra minha pele, mandando arrepios ao longo do meu corpo, enquanto suas mãos passeiam pelo meu corpo e começam a tirar bem devagar minha camisola de cetim. — Ah, as coisas que eu queria fazer com você — murmura.

E eu perco, acabou o interrogatório.

* * *

A SRA. JONES PREPARA meu café da manhã com panquecas e bacon e, para Christian, uma omelete de bacon. Nós nos sentamos lado a lado no balcão, num silêncio confortável.

— Quando vou conhecer seu personal trainer, Claude, e ver o que ele é capaz de fazer? — pergunto.

— Depende. Vai querer ir a Nova York neste fim de semana ou não? — Ele me olha sorrindo. — Ou você pode marcar uma sessão

de manhã cedo durante a semana. Posso pedir para a Andrea checar a agenda dele e avisar você.

— Andrea?

— Minha secretária.

Ah, claro.

— Uma das suas muitas lours — brinco com ele.

— Ela não é minha. Ela trabalha para mim. Você é minha.

— Eu trabalho para você — murmuro acidamente.

Ele sorri, como se tivesse esquecido.

— É verdade. — Seu sorriso é contagiante.

— Talvez Claude possa me ensinar a lutar kickbox — eu o alerto.

— Ah, é? Para melhorar as suas chances contra mim? —

Christian ergue uma sobrancelha, divertindo-se. — Quero ver, Srta. Steele. — Ele está tão feliz se comparado ao humor azedo de ontem depois que Elena foi embora. Talvez seja todo esse sexo... talvez seja isso o que o faz ficar tão descontraído.

Dou uma olhada para o piano atrás de mim, saboreando a memória de ontem à noite.

— Você abriu a tampa do piano de novo.

— Eu tinha fechado para não acordar você. Pelo visto não deu certo, mas fico feliz por isso. — Seus lábios se contorcem num sorriso lascivo enquanto ele dá uma garfada na omelete. Fico rubra e retribuo o sorriso.

Ah, sim... momentos de diversão em cima daquele piano.

A Sra. Jones se aproxima e me passa uma sacola de papel com o meu almoço, fazendo-me corar de culpa.

— Para mais tarde, Ana. Atum, tudo bem?

— Ah, sim. Obrigada, Sra. Jones. — Lanço um sorriso tímido para ela, que retribui calorosamente, antes de deixar a sala de estar. Suspeito que seja para nos dar um pouco de privacidade.

— Posso perguntar uma coisa? — Viro-me para Christian.

— Claro. — Sua expressão de divertimento se desfaz.

— E você não vai ficar bravo?

— É sobre Elena?

— Não.

— Então não vou ficar bravo.

— Mas agora eu tenho uma pergunta complementar.

— Ah, é?

— Que é sobre ela.

Ele revira os olhos.

— O que é? — diz, exasperado.

— Por que você fica tão bravo quando pergunto a respeito dela?

— Sinceramente?

— Achei que você sempre fosse sincero comigo. — Faço cara feia para ele.

— Tento ser.

— Isso me parece uma resposta um tanto evasiva. — Aperto os olhos.

— Eu sempre sou sincero com você, Ana. Não faço joguinhos. Bem, não esse tipo de joguinho — ele especifica, os olhos queimando.

— Que tipo de jogos você quer jogar?

Ele inclina a cabeça e sorri para mim.

— Srta. Steele, você se distrai tão facilmente.

Solto um risinho. É verdade.

— Sr. Grey, você é uma distração em tantos sentidos. — Encaro seus olhos cinzentos e alegres, iluminados de diversão.

— Meu som preferido no mundo é a sua risada, Anastasia. E então, a sua pergunta original? — diz ele suavemente, e acho que está rindo de mim. Tento torcer a boca para demonstrar meu descontentamento, mas gosto do Christian brincalhão. Ele é divertido. Adoro essa implicância amigável pela manhã. Franzo a testa, tentando me lembrar da pergunta.

— Ah, sim. Você só via suas submissas nos fins de semana?

— Sim, só nos fins de semana — responde ele, observando-me nervoso.

Sorrio para ele.

— Então, nada de sexo durante a semana.

— Ah, então é aí que você quer chegar com isso. — Ele solta uma gargalhada e parece um tanto aliviado. — Por que você acha que eu malho todos os dias da semana? — Agora ele está definitivamente rindo de mim, mas eu não ligo. Quero me abraçar de tanta felicidade. Mais uma primeira vez... quer dizer, mais um monte

de primeiras vezes. — Você parece muito satisfeita consigo mesma, Srta. Steele.

— E estou, Sr. Grey.

— Com razão. — Ele sorri. — Agora tome o seu café da manhã. Hum, o Christian autoritário... ele nunca está muito longe.

* * *

ESTAMOS NA PARTE de trás do Audi. Taylor está dirigindo. Vai me deixar primeiro no trabalho e, depois, Christian. Sawyer está no banco do carona.

— Você não falou que o irmão da sua amiga chegava hoje? — pergunta Christian, quase como quem não quer nada, a voz sem entregar sentimento nenhum.

— Meu Deus, Ethan — ofego. — Tinha me esquecido. Ah, Christian, obrigada por me lembrar. Vou ter que passar lá no apartamento.

— Que horas? — Sua expressão se desfaz.

— Não sei que horas ele chega.

— Não quero que você vá a lugar nenhum sozinha — diz ele, rudemente.

— Eu sei — murmuro e contenho a vontade de revirar os olhos para o Sr. Exagerado. — Sawyer vai estar espionando... digo... patrulhando, hoje? — Olho de relance para o banco do carona e vejo as orelhas de Sawyer ficando vermelhas.

— Vai — revida Christian, o olhar glacial.

— Se eu estivesse com o Saab seria muito mais fácil — resmungo, petulante.

— Sawyer vai estar de carro, e ele pode levar você até o seu apartamento, dependendo da hora.

— Certo. Acho que Ethan deve entrar em contato comigo durante o dia. Eu aviso qual é o plano, quando souber.

Ele me encara sem dizer nada por um instante. O que será que está pensando?

— Tudo bem — concorda. — Mas nada de sair sozinha, entendeu? — Ele estende o indicador na minha direção.

— Sim, querido — resmungo.

Então, vejo um traço de humor percorrer seu rosto.

— E talvez você devesse usar o seu BlackBerry. Só vou mandar e-mails para ele. Acho que isso deve evitar que o meu técnico de TI tenha mais uma manhã profundamente interessante, tudo bem? — diz, zombeteiro.

— Certo, Christian. — Não consigo resistir e reviro os olhos para ele. Ele sorri de volta para mim.

— Ora, ora, Srta. Steele, acredito que esteja fazendo a palma da minha mão coçar.

— Ah, Sr. Grey, você e essa sua palma que não se cansa nunca. O que vamos fazer com isso?

Ele ri e, em seguida, é distraído por seu BlackBerry, que deve estar no modo vibrar, porque não ouvi tocar. Ele olha para a tela e faz uma careta.

— O que foi? — atende bruscamente e passa a ouvir com atenção.

Aproveito a situação para examinar suas belas feições: o nariz reto, o cabelo desarrumado sobre a testa. Minha cobiça é distraída por sua expressão, que se altera de incredulidade para diversão. Presto atenção.

— Não me diga... Era brincadeira... Quando ele lhe disse? — Christian ri, quase relutante. — Não, não se preocupe. Não precisa se desculpar. Fico feliz que haja uma explicação lógica. Parecia mesmo uma quantia ridícula de tão baixa... Não tenho dúvidas de que você já esteja planejando uma vingança bem má e criativa. Pobre Isaac. — Ele sorri. — Ótimo... Até mais. — Ele desliga o telefone e me olha de relance, os olhos subitamente cautelosos, mas, estranhamente, também parece aliviado.

— Quem era?

— Você realmente quer saber? — pergunta ele em voz baixa.

Com essa reação, já sei quem era. Balanço a cabeça e encaro com tristeza a Seattle cinzenta pela janela. Por que ela não pode deixá-lo em paz?

— Ei. — Ele pega a minha mão e beija o nó dos meus dedos, um de cada vez, e, de repente, está chupando meu mindinho com força. E depois mordendo devagar.

Uau! Ele tem uma conexão direta com a minha virilha, perco o ar e olho nervosa para Taylor e Sawyer, e então para Christian, e seus olhos estão escurecidos. Ele me lança um sorriso lento e carnal.

— Não se preocupe, Anastasia — murmura ele. — Ela é passado. — E deixa um beijo na palma da minha mão, enviando arrepios por todo o meu corpo, e meu instante de raiva é esquecido.

* * *

— BOM DIA, ANA — balbucia Jack enquanto caminho até minha mesa. — Bonito vestido.

Fico vermelha. O vestido faz parte de meu novo guarda-roupa, cortesia de meu riquíssimo namorado. É um vestido trapézio sem mangas, de linho azul-claro, bem justo, e estou usando sandálias de salto cor de creme. Christian gosta de saltos, acho. O pensamento me faz sorrir por dentro, mas me recomponho depressa, lançando um sorriso inosso e profissional para meu chefe.

— Bom dia, Jack.

Estou prestes a chamar um portador para levar sua brochura para impressão quando ele coloca a cabeça para fora da sala.

— Você pode me trazer um café, por favor, Ana?

— Claro. — Caminho até a cozinha e cruzo com Claire, da recepção, que também está preparando um café.

— Oi, Ana — cumprimenta ela animada.

— Oi, Claire.

Nós conversamos brevemente sobre a sua reunião de família durante o fim de semana, que ela aproveitou muitíssimo, e conto que fui velejar com Christian.

— Você tem um namorado dos sonhos, Ana — diz, os olhos embaçados.

Minha vontade é de revirar os olhos para ela.

— É, ele não é feio — sorrio, e nós duas caímos na gargalhada.

* * *

— DEMOROU, HEIN! — reclama Jack quando trago seu café.

Opa!

— Desculpe. — Fico vermelha e em seguida faço uma cara feia. Levei o mesmo tempo de sempre. Qual o problema dele? Talvez esteja nervoso com alguma coisa.

— Desculpe, Ana. — Ele balança a cabeça. — Não queria gritar com você, querida.

Querida?

— Tem alguma coisa acontecendo na direção, e eu não sei o que é. Fique de olhos bem abertos, viu? Se ouvir algum boato... eu sei como vocês meninas conversam. — Ele sorri para mim, e eu fico ligeiramente enjoada. Ele não tem ideia de como nós “meninas” conversamos. Além do mais, eu sei o que está acontecendo. — Qualquer coisa, avise-me, certo?

— Claro — resmungo. — Mande a brochura para impressão. Vai ficar pronta às duas horas.

— Ótimo. Aqui. — Ele me entrega uma pilha de manuscritos. — Preciso de um resumo dos primeiros capítulos de tudo isso aqui depois, pode cadastrar.

— Pode deixar.

Fico aliviada de deixar sua sala e sentar à minha mesa. Ah, é duro saber das coisas. O que ele vai fazer quando descobrir? Meu sangue chega a congelar. Algo me diz que Jack vai ficar irritado. Dou uma olhada no meu BlackBerry e sorrio. Tem um e-mail de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Nascer do sol

Data: 14 de junho de 2011 09:23

Para: Anastasia Steele

Adoro acordar de manhã com você.

Christian Grey

CEO, Total e Absolutamente Apaixonado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Acho que meu rosto chega a se dividir em dois com o sorriso que abro.

De: Anastasia Steele
Assunto: Pôr do sol
Data: 14 de junho de 2011 09:35
Para: Christian Grey

Caro Total e Absolutamente Apaixonado,

Também adoro acordar com você. Mas adoro estar na cama com você, e em elevadores, em cima de pianos e de mesas de sinuca, em barcos, escrivaninhas, chuveiros e banheiras e em estranhas estruturas de madeira em forma de x com algemas e camas com dossel e lençóis de seda vermelhos e ancoradouros e quartos de infância.

Sua,
Maníaca Sexual e Insaciável
Bj.

De: Christian Grey
Assunto: Computador molhado
Data: 14 de junho de 2011 09:37
Para: Anastasia Steele

Querida Maníaca Sexual e Insaciável,

Acabei de derramar café em todo o meu teclado.

Acho que isso nunca me aconteceu antes.

Realmente admiro mulheres que se concentram em geografia.

Devo concluir que você só me quer pelo meu corpo?

Christian Grey
CEO, Total e Absolutamente Chocado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Rindo — e molhada também
Data: 14 de junho de 2011 09:42
Para: Christian Grey

Querido Total e Absolutamente Chocado,

Sempre.

Tenho que trabalhar.

Pare de me distrair.

Bj,

MSI

De: Christian Grey

Assunto: Tenho mesmo que fazer isso?

Data: 14 de junho de 2011 09:50

Para: Anastasia Steele

Querida MSI,

Como sempre, seu desejo é uma ordem.

Adoro saber que você está rindo e que está molhadinha.

Até mais, baby.

Bj,

Christian Grey

CEO, Total e Absolutamente Apaixonado, Chocado e Enfeitiçado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Coloco o BlackBerry na mesa e começo a trabalhar.

* * *

NA HORA DO ALMOÇO, Jack me pede para ir até a lanchonete para ele. Ligo para Christian assim que saio de sua sala.

— Anastasia — atende ele imediatamente, a voz cálida e carinhosa. Como esse homem consegue me fazer derreter pelo telefone?

— Christian, Jack quer que eu vá comprar o almoço dele.

— Preguiçoso filho da mãe — resmunga Christian.

Eu o ignoro e continuo a falar:

— Então eu vou dar uma saída. Talvez fosse melhor se você me passasse o telefone de Sawyer, assim eu não precisaria perturbar você.

— Você não me perturba, baby.

— Você está sozinho?

— Não. Tem seis pessoas aqui me olhando e se perguntando com quem estou falando.

Merda...

— Sério? — arquejo, em pânico.

— Sim, sério. É a minha namorada — anuncia ele fora do telefone.

Deus do céu!

— Na certa todos eles pensavam que você era gay...

Ele ri.

— É, provavelmente. — Ouço-o sorrindo.

— Bem, melhor eu ir andando. — Tenho certeza de que ele sabe como estou envergonhada por interrompê-lo.

— Vou avisar a Sawyer. — Ele ri de novo. — Teve notícias do seu amigo?

— Ainda não. Você vai ser o primeiro a saber, Sr. Grey.

— Ótimo. Até mais, baby.

— Tchau, Christian. — Sorrio.

Toda vez que ele diz isso, me faz sorrir... É tão não Christian, mas, de alguma forma, tão a cara dele também.

* * *

QUANDO SAIO, SEGUNDOS depois, Sawyer está me esperando na portaria do prédio.

— Srta. Steele — ele me cumprimenta formalmente.

— Sawyer — aceno em resposta, e seguimos juntos até a lanchonete.

Não me sinto tão à vontade junto de Sawyer quanto me sinto com Taylor. Ele fica vigiando a rua enquanto avançamos pelo quarteirão. Na verdade, me deixa ainda mais nervosa, e eu me vejo espelhando seus movimentos.

Será que Leila está por aqui em algum lugar? Ou estamos todos contagiados pela paranoia de Christian? Será que isso é mais uma faceta de seus Cinquenta Tons? O que eu não daria por meia hora de bate-papo indiscreto com o Dr. Flynn para descobrir.

Não há nada de errado. É hora do almoço em Seattle: as pessoas correndo para comer, fazer compras, encontrar os amigos. Observo duas moças se abraçando ao se encontrarem.

Sinto falta de Kate. Faz apenas duas semanas que ela saiu de férias, mas a sensação que tenho é que foram as duas semanas mais longas da minha vida. Aconteceu tanta coisa... ela nem vai acreditar quando eu contar. Bem, contar a versão editada, claro, condizente com o “termo de confidencialidade”. Franzo a testa. Vou ter que conversar com Christian a respeito disso. O que Kate acharia? Fico pálida só de pensar. Talvez ela volte hoje, junto com Ethan. Sinto um arrepio de empolgação com a ideia, mas acho que é pouco provável. Na certa vai ficar por lá com Elliot.

— Onde você fica quando está esperando e vigiando do lado de fora do prédio? — pergunto a Sawyer enquanto entramos na fila para o almoço.

Sawyer está diante de mim, de frente para a porta, constantemente monitorando a rua e todos que entram na lanchonete. É irritante.

— Fico no café, do outro lado da rua, Srta. Steele.

— Não é chato?

— Não para mim, senhora. É o que eu faço — responde ele com rigidez.

Fico vermelha.

— Desculpe, não quis dizer... — Minha voz desaparece quando noto sua expressão gentil de compreensão.

— Por favor, Srta. Steele. Meu trabalho é protegê-la. E é isso que eu vou fazer.

— E aí, nenhum sinal de Leila, ainda?

— Não, senhora.

Franzo a testa.

— Como você sabe quem ela é?

— Eu vi uma foto.

— Ah, e essa foto está aí com você?

— Não, senhora. — Ele aponta para a própria cabeça. — Está em minha memória.

Claro. Gostaria muito de dar uma olhada na fotografia de Leila para ver como ela era antes de se tornar a Garota-Fantasma. Será que Christian me deixaria ficar com uma cópia? Sim, provavelmente deixaria — para minha segurança. Traço um plano, e meu inconsciente deleita-se com a ideia, acenando em sinal de aprovação.

* * *

AS BROCHURAS RETORNARAM para o escritório e, para meu alívio, estão perfeitas. Levo uma até a sala de Jack. Seus olhos se iluminam; não sei se por minha causa ou por causa das brochuras. Prefiro pensar que é por causa delas.

— Estão ótimas, Ana. — Ela as folheia casualmente. — É, bom trabalho. Você vai sair com o seu namorado esta noite? — Seus lábios se contorcem à menção da palavra “namorado”.

— Vou. A gente mora junto. — É um pouco verdade. Bem, estamos morando juntos no momento. E, oficialmente, concordei em me mudar para o apartamento dele, então não chega a ser mentira. Espero que seja o suficiente para mantê-lo afastado.

— Será que ele se importaria se você saísse comigo hoje, para tomar uma cerveja? Para comemorar o seu trabalho árduo?

— Um amigo meu vai chegar à cidade hoje, e nós três vamos sair para jantar. — E eu estarei ocupada todas as noites, Jack.

— Entendi. — Ele suspira, exasperado. — Talvez quando eu voltar de Nova York, então? — Ele ergue uma sobrancelha em expectativa, com um olhar sombrio muito sugestivo.

Ah, não. Sorrio, sem me comprometer, segurando-me para não dar de ombros.

— Gostaria de um chá ou um café? — pergunto.

— Café, por favor. — Sua voz é grave e rouca, como se estivesse me pedindo outra coisa. Puta que pariu. Ele não vai desistir. Posso ver isso agora. *Ai... O que fazer?*

Solto um longo suspiro de alívio ao sair de sua sala. Ele me deixa nervosa. Christian está certo a seu respeito, e parte de mim

está morrendo de raiva que Christian *esteja* mesmo certo a respeito dele.

Eu me sento em minha mesa e o BlackBerry toca... um número que não reconheço.

— Ana Steele.

— Oi, Steele! — A fala arrastada de Ethan me pega desprevenida por um instante.

— Ethan! Como vai? — Quase dou um gritinho de alegria.

— Feliz por estar de volta. Cansei de tanto sol e drinques com rum, e de ver a minha irmã mais nova perdidamente apaixonada pelo figurão. Tem sido um inferno, Ana.

— Claro! Mar, praia, sol e drinques com rum, realmente parece uma descrição saída do *Inferno* de Dante. — Solto uma risadinha. — Onde você está?

— No aeroporto, esperando minhas malas. O que você está fazendo?

— Estou no trabalho. Sim, agora sou assalariada — respondo, diante de seu assombro. — Você quer dar uma passada aqui e pegar as chaves? Posso encontrar você mais tarde no apartamento.

— Parece ótimo. Vejo você em uns quarenta e cinco minutos, uma hora, talvez? Onde fica?

Passo o endereço da SIP.

— Até daqui a pouco, Ethan.

— Até mais, baby — responde ele e desliga.

O quê? O Ethan também está se despedindo assim? E me dou conta de que ele acabou de passar uma semana com Elliot. Digito um e-mail apressado para Christian.

De: Anastasia Steele

Assunto: Visitante dos Trópicos

Data: 14 de junho de 2011 14:55

Para: Christian Grey

Caríssimo Total e Absolutamente ACE,

Ethan chegou e está vindo aqui buscar as chaves do apartamento.

Eu gostaria de verificar se ele se instalou direitinho, mais tarde.

Por que você não me busca depois do trabalho? A gente podia dar uma passada no apartamento e depois jantamos TODOS juntos?

Por minha conta.

Sua

Bj,

Ana

Ainda MSI

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Jantar fora
Data: 14 de junho de 2011 15:05
Para: Anastasia Steele

Aprovo seu plano. Exceto a parte de você pagar o jantar!

Fica por minha conta.

Pego você às seis.

Bj,

PS: Por que você não está usando o BlackBerry???

Christian Grey
CEO, Total e Absolutamente Irritado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Mandão
Data: 14 de junho de 2011 15:11
Para: Christian Grey

Ah, não precisa ficar tão nervosinho.

Está tudo em código.

Vejo você às seis.

Bj,

Ana

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Mulher irritante
Data: 14 de junho de 2011 15:18
Para: Anastasia Steele

Nervosinho!

Você vai ver só o nervosinho.

Mal posso esperar.

Christian Grey
CEO, Total e Absolutamente e Ainda mais Irritado, mas Sorrindo por Algum Motivo Desconhecido, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Promessas. Promessas.
Data: 14 de junho de 2011 15:23
Para: Christian Grey

Quero só ver, Sr. Grey.

Também mal posso esperar. ;D

Bj,

Ana

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

Ele não responde, mas eu também não esperava que respondesse. Fico imaginando-o reclamar a respeito de mensagens ambíguas, e a ideia me faz sorrir. Fantasio por um instante sobre o que ele poderia fazer, mas logo estou me remoendo na cadeira. Meu inconsciente me lança um olhar de reprimenda por sobre os óculos: trate de trabalhar.

* * *

ALGUNS MOMENTOS DEPOIS, meu telefone toca. É Claire, da recepção.

— Tem um cara bem gatinho aqui embaixo querendo falar com você. Ana, a gente precisa sair juntas um dia desses. Você conhece uns caras bem gostosos — sussurra ela para mim em tom de conspiração no telefone.

Ethan! Pegando as chaves na bolsa, corro até o saguão de entrada.

Minha nossa — o cabelo louro queimado de sol, um bronzado de matar e os olhos castanhos reluzentes me fitando do sofá de couro verde. Assim que me vê, ele fica boquiaberto e se levanta, indo na minha direção.

— Uau, Ana. — Ele franze a testa para mim enquanto se inclina para me dar um abraço.

— Você está com uma ótima aparência. — Sorrio para ele.

— Você está... uau... diferente. Mais cosmopolita, sofisticada. O que aconteceu? Mudou o cabelo? As roupas? Não sei o que é, Steele, mas você está uma gata!

Fico absolutamente vermelha.

— Ah, Ethan. São só essas roupas de trabalho — repreendo-o, e Claire me observa com uma sobrelance arqueada e um sorriso torto. — Como foi Barbados?

— Divertido — diz ele.

— Quando Kate volta?

— Ela e Elliot voltam na sexta. O namoro deles está bem sério.

— Ethan revira os olhos.

— Estou com saudade dela.

— É? E como estão as coisas com o Sr. Mandachuva?

— Sr. Mandachuva? — contendo o riso. — Bem, estão interessantes. Ele vai nos levar para jantar hoje à noite.

— Legal. — Ethan parece genuinamente satisfeito. Ufa!

— Aqui. — Entrego as chaves para ele. — Você tem o endereço?

— Tenho. Até mais, baby. — Ele se inclina e me dá um beijo na bochecha.

— Mania do Elliot?

— É, a gente acaba pegando.

— É verdade. Até mais, baby. — Sorrio quando ele pega uma mala enorme de junto do sofá e deixa o prédio.

Quando me viro, Jack está no saguão, observando-me a distância, com uma expressão indecifrável. Lanço um sorriso radiante na direção dele e retorno para minha mesa, sentindo seus olhos me acompanharem por todo o percurso. Isso está começando a me irritar. O que eu faço? Não tenho ideia. Vou ter que esperar até Kate voltar. Com certeza ela vai ter um plano. A ideia ameniza meu humor sombrio, e eu começo a trabalhar no próximo manuscrito.

* * *

ÀS CINCO PARA AS SEIS meu telefone vibra. É Christian.

— Nervosinho falando — diz ele, e eu sorrio. Ainda é o meu Christian brincalhão. Minha deusa interior está batendo palmas de júbilo feito uma garotinha.

— Bem, e aqui fala a Maníaca Sexual e Insaciável. Imagino que você esteja aqui fora, errei?

— Estou sim, Srta. Steele. Ansioso para encontrá-la. — Sua voz é cálida e sedutora, e meu coração se agita loucamente.

— Idem, Sr. Grey. Já estou descendo. — E desligo.

Desligo o computador e pego minha bolsa e meu casaco creme.

— Estou indo, Jack — aviso pela porta.

— Tudo bem, Ana. Obrigado por hoje! E aproveite a noite.

— Você também.

Por que ele não pode ser assim o tempo todo? Não o entendo.

* * *

O AUDI ESTÁ PARADO junto ao meio-fio, e Christian salta enquanto me aproximo. Ele tirou o paletó e está usando a calça cinza, minha preferida, a que pende do quadril... daquele jeito. Como esse deus grego pode ser meu? Vejo-me sorrindo feito uma idiota em resposta ao próprio sorriso bobo dele.

Ele passou o dia todo dando uma de namorado apaixonado; apaixonado por mim. Esse homem maravilhoso, complexo e cheio de problemas... apaixonado por mim. E eu por ele. Uma onda de alegria explode de repente dentro de mim, e eu saboreio o momento, sentindo-me por um instante como se pudesse conquistar o mundo.

— Srta. Steele, você está tão bonita quanto hoje de manhã. — Christian me puxa em seus braços e me beija profundamente.

— Você também, Sr. Grey.

— Vamos lá buscar o seu amigo. — Ele sorri para mim e abre a porta do carro.

Taylor dirige até o apartamento, e Christian me conta como foi o seu dia: muito melhor do que ontem, aparentemente. Fito-o em adoração enquanto ele tenta me explicar uma espécie de descoberta que o departamento de ciência do meio ambiente realizou na Universidade do Estado de Washington, em Vancouver. Suas palavras não fazem muito sentido para mim; no entanto, sou cativada por sua paixão e interesse no assunto. Talvez vá ser assim, dias bons e dias ruins, e se os dias bons forem como este, não terei muito do que reclamar. Ele me passa uma folha de papel.

— São os horários em que Claude está disponível esta semana — diz ele.

Ah! O personal trainer.

Assim que paramos diante do apartamento, ele tira o BlackBerry do bolso.

— Grey — atende. — Ros, o que foi? — Ele ouve com atenção, e eu sei que vai ser uma conversa longa.

— Vou buscar Ethan. Volto em dois minutos — gesticulo com a boca para Christian, erguendo dois dedos.

Ele faz que sim com a cabeça, visivelmente distraído pela ligação. Taylor abre a porta para mim, sorrindo com gentileza. Sorrio

de volta; até Taylor está sentindo. Toco o interfone e falo, animada, nele.

— Oi, Ethan, sou eu. Abre aí.

Ouçõ o barulho da porta se abrindo e subo as escadas até o apartamento. Só então me ocorre que não venho aqui desde sábado de manhã. Parece que faz muito mais tempo. Ethan gentilmente deixou a porta aberta. Entro no apartamento e, não sei por que, congelo no instante em que piso nele. Levo um tempo para perceber que é porque a figura pálida e débil de pé junto à bancada da cozinha e segurando um revólver é Leila, e ela está me encarando impassível.

CAPÍTULO TREZE

Putá merda.

Ela está aqui, fitando-me com uma expressão preocupante e vazia, segurando um revólver. Meu inconsciente desaba, desfalecido, e acho que nem se alguém trazer saís para ele cheirar vai conseguir trazê-lo de volta.

Pisco repetidas vezes na direção de Leila enquanto minha mente é um turbilhão. Como ela entrou aqui? Cadê Ethan? Puta merda! Cadê Ethan?

Um medo enregelante toma o meu coração, e meu couro cabeludo pinica, cada folículo em minha cabeça retesado de terror. E se ela tiver feito alguma coisa a ele? Começo a respirar depressa, a adrenalina e um medo paralisante correndo pelo meu corpo. *Fique calma, fique calma*, repito o mantra para mim mesma de novo e de novo.

Ela inclina a cabeça, observando-me como se eu fosse uma peça exposta num show de horrores. Ei, não sou eu a maluca aqui.

A sensação é de que passou toda uma eternidade até que eu tenha assimilado a situação, embora na verdade tenha levado uma fração de segundo. Leila permanece com uma expressão vazia, e sua aparência está mais imunda e malcuidada do que nunca. Ainda está usando o mesmo casaco encardido e parece estar precisando desesperadamente de um banho. O cabelo está oleoso e escorrido, emplastrado na cabeça, seus olhos num tom de marrom opaco, levemente confusos.

Apesar da minha boca completamente seca, tento falar:

— Oi. Leila, não é isso? — arranho.

Ela sorri, mas seus lábios se movem numa curva incômoda, em vez de num sorriso de verdade.

— Ah, ela fala — sussurra, e sua voz é suave e rouca ao mesmo tempo, um som horripilante.

— Sim, eu falo — digo com gentileza, como se estivesse conversando com uma criança. — Você está aqui sozinha?

Cadê Ethan? Meu coração pula com a ideia de que ele possa estar machucado.

Seu rosto desmorona de tal forma que acho que está prestes a desabar em lágrimas — ela parece tão abandonada.

— Sozinha — sussurra. — Sozinha.

E o grau de tristeza naquela única palavra é de partir o coração. O que ela quer dizer? Eu estou sozinha? Ela está sozinha? Está sozinha porque feriu Ethan? Ah... não... preciso lutar contra esse medo paralisante apertando minha garganta à medida que as lágrimas ameaçam escorrer.

— O que você está fazendo aqui? Posso ajudar? — minhas palavras são calmas, uma interrogação gentil apesar do pânico sufocante em minha garganta.

Ela franze as sobrancelhas como se estivesse completamente atordoada com minhas perguntas. Mas não faz nenhum movimento violento em minha direção. Sua mão ainda está relaxada em torno da arma. Adoto uma nova estratégia, tentando ignorar a tensão em meu couro cabeludo.

— Quer tomar um chá? — Por que estou perguntando a ela se ela quer tomar um chá? É a resposta de Ray para qualquer situação emotiva, brotando de forma inapropriada.

Caramba, ele teria um troço se me visse aqui neste exato momento. Seu treinamento militar já teria dado as caras, e ele já a teria desarmado a essa altura. Na verdade, ela não está bem apontando a arma para mim. Talvez eu possa me mover. Ela balança a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse alongando o pescoço.

Inspiro fundo, tentando acalmar minha respiração apavorada, e caminho em direção à bancada da cozinha. Ela franze a testa como se não conseguisse entender muito bem o que eu estou fazendo e se move de leve, para continuar de frente para mim. Pego a chaleira e, trêmula, encho-a com água da torneira. Enquanto me mantenho em movimento, minha respiração se acalma. É, se ela me quisesse morta, já teria atirado a essa altura. Ela me observa com uma

curiosidade ausente, confusa. Ao ligar a chaleira, a imagem de Ethan me persegue. Será que está machucado? Amarrado?

— Tem mais alguém no apartamento? — pergunto, com cuidado.

Ela inclina a cabeça para o outro lado e, com a mão direita — a mão livre — segura uma mecha do cabelo comprido e oleoso e começa a puxá-la e enrolá-la no dedo. Na certa é um tique nervoso, e, distraída com aquilo, percebo mais uma vez o quanto ela se parece comigo. Seguro a respiração, esperando a resposta dela, a ansiedade assomando-se a um nível quase insuportável.

— Sozinha. Completamente sozinha — murmura ela.

E aquilo me conforta. Talvez Ethan não esteja aqui. O alívio me fortalece.

— Tem certeza de que não quer um chá ou um café?

— Não estou com sede — responde ela de mansinho e dá um passo cuidadoso na minha direção. Minha sensação de fortalecimento evapora. Merda! Começo a ofegar de novo, sentindo o medo crescer em minhas veias. Apesar disso, e sendo mais do que corajosa, eu me viro para pegar duas xícaras no armário.

— O que você tem que eu não tenho? — pergunta ela, a voz adquirindo a entonação monótona de uma criança.

— O que você quer dizer, Leila? — pergunto do jeito mais gentil que sou capaz.

— O Dominador... o Sr. Grey... ele deixa você chamá-lo pelo nome.

— Não sou uma submissa, Leila. É... O Dominador sabe que não sou capaz, que sou inadequada para assumir essa função.

Ela inclina a cabeça para o outro lado. É um gesto absolutamente perturbador e nada natural.

— I-na-de-qua-da. — Ela testa a palavra, sentindo o som em sua língua. — Mas o Dominador está feliz. Eu o vi. Ele ri e sorri. São reações muito raras... muito raras para ele.

Ah.

— Você se parece comigo. — Ela muda de tática, surpreendendo-me, seus olhos parecendo me focalizar de verdade pela primeira vez. — O Dominador gosta de moças obedientes que se parecem com você e comigo. As outras, todas iguais... todas iguais... e, no entanto, você dorme na cama dele. Eu vi você.

Merda! Ela estava mesmo no quarto. Não foi imaginação minha.

— Você me viu na cama dele? — sussurro.

— Nunca dormi na cama do Dominador — balbucia.

Ela parece uma aparição etérea caída do céu. Uma pessoa pela metade. Está tão acabada que, apesar de segurar um revólver, de repente sinto uma onda de compaixão por ela. Sua mão se flexiona em torno da arma, e eu arregalo os olhos, que ameaçam saltar do meu rosto.

— Por que o Dominador gosta da gente desse jeito? Me faz pensar numa coisa... numa coisa... o Dominador é sombrio... o Dominador é um homem sombrio, mas eu o amo.

Não, não, ele não é. Eu me remoo por dentro. Ele não é sombrio. Ele é um homem bom, e ele não está mais no escuro. Ele se juntou a mim na luz. E agora ela está aqui, tentando arrastá-lo de volta com uma ideia errada de que o ama.

— Leila, você quer me dar a arma? — pergunto, delicadamente.

Ela aperta a arma com força, abraçando-a junto ao peito.

— Ela é minha. É tudo o que tenho. — E acaricia o revólver. — Para que ela possa se unir ao seu amor.

Merda! Que amor... Christian? É como se ela tivesse me dado um soco no estômago. Sei que daqui a pouco ele virá para cá para ver por que estou demorando tanto. Será que ela quer atirar nele? A ideia é tão aterradora que sinto minha garganta inchar e doer com um nó gigantesco, e quase me engasgo, parece com o medo que está alojado em minha barriga.

E neste exato momento a porta se abre, e Christian está de pé junto à entrada, com Taylor atrás de si.

Numa olhada de relance, os olhos de Christian correm da minha cabeça aos meus pés, e percebo neles uma leve faísca de alívio. Mas o alívio é passageiro, esvaindo-se no instante em que ele se vira para Leila. Ele fica paralisado, observando-a, sem mover um único músculo. E olha para ela com uma intensidade que nunca vi antes, os olhos selvagens, arregalados, furiosos e em pânico.

Ah, não... ah, não.

Leila arregala os olhos e, por um instante, é como se tivesse recuperado a razão. Ela pisca depressa e aperta de novo a arma com a mão.

Minha respiração fica presa na garganta, e meu coração começa a bater tão forte que ouço o sangue pulsar em meus ouvidos. *Não, não, não!*

Meu mundo oscila precariamente nas mãos dessa pobre e desajustada mulher. Será que ela vai atirar? Em nós dois? Só em Christian? O pensamento é paralisante.

Mas, depois de uma eternidade, o tempo suspenso ao nosso redor, sua cabeça pende de leve para a frente, e ela fita Christian através dos longos cílios, uma expressão contrita no rosto.

Christian estende a mão, pedindo a Taylor para ficar onde está. O rosto lívido de Taylor denuncia sua fúria. Nunca o vi desse jeito, mas ele permanece no mesmo lugar, enquanto Christian e Leila encaram um ao outro.

Percebo que estou prendendo a respiração. O que ela vai fazer? O que ele vai fazer? Mas eles só continuam a se encarar. A expressão de Christian é crua, repleta de alguma emoção desconhecida. Pode ser pena, medo, carinho... ou é amor? Não, por favor, amor não!

Seus olhos mergulham nela, e de algum jeito angustiante de tão lento, a atmosfera no apartamento se altera. A tensão está se acumulando, e eu posso sentir a conexão entre os dois, a carga que emana de um para o outro.

Não! De repente eu sinto como se *eu* fosse a enxerida, atrapalhando os dois enquanto eles permanecem se encarando. Sou uma estranha... uma *voyeur*, espionando uma cena proibida e íntima por detrás de cortinas fechadas.

O olhar intenso de Christian se aviva, e sua atitude muda sutilmente. Ele parece mais alto, mais magro de algum jeito, mais frio e mais distante. Reconheço a postura. Já o vi desse jeito... no quarto de jogos.

Meu couro cabeludo pinica de novo. Este é o Christian Dominador, e como parece à vontade. Se ele nasceu para o papel ou se foi moldado para ele, eu não sei, mas com o coração apertado e a barriga dando voltas, observo Leila responder a seu olhar, os lábios se entreabrindo, a respiração acelerando, o primeiro sinal de vida corando-lhe o rosto. *Não!* É um vislumbre indesejado de seu passado, algo angustiante de se presenciar.

Enfim, ele fala algo com ela, sem emitir som. Não consigo distinguir o que é, mas o efeito que tem sobre Leila é imediato. Ela se joga no chão de joelhos, a cabeça abaixada, e a arma cai, escorregando ociosa no piso de madeira. *Putá merda.*

Christian caminha calmamente até onde o revólver caiu e se abaixa com elegância para pegá-lo. Ele o observa com nojo mal-disfarçado e o enfia no bolso do paletó. Olha mais uma vez para Leila, ajoelhada obedientemente junto à bancada da cozinha.

— Anastasia, vá com Taylor — ordena.

Taylor dá um passo à frente e olha para mim.

— Ethan — sussurro.

— Lá embaixo — responde ele com naturalidade, sem tirar os olhos de Leila.

Lá embaixo. Não aqui. Ethan está bem. O alívio corre forte e ligeiro pelas minhas veias, e, por um instante, acho que vou desmaiar.

— Anastasia. — A voz de Christian soa contida, num sinal de alerta.

Pisco para ele e, de repente, sou incapaz de me mover. Não quero deixá-lo com ela. Ele se move e fica de pé junto de Leila, e então ela se ajoelha aos seus pés. Inclina-se sobre ela, protetoramente. Ela está tão quieta, chega a ser artificial. Não consigo tirar os olhos dos dois — juntos...

— Pelo amor de Deus, Anastasia, será que você pode me obedecer pelo menos uma vez na vida e sair daqui? — Christian fixa os olhos nos meus, encarando-me, e sua voz é fria como gelo. A raiva sob sua fala contida e sob o uso deliberado dessas palavras chega a ser palpável.

Com raiva de mim? De jeito nenhum. Por favor... não! É como se ele tivesse me dado um tapa com força. Por que ele quer ficar com ela?

— Taylor. Leve a Srta. Steele lá para baixo. Agora.

Taylor faz que sim com a cabeça, e encaro Christian.

— Por quê? — choramingo.

— Agora. Para o apartamento. — Seus olhos queimam, gelados, em mim. — Preciso ficar sozinho com Leila — diz, em tom de urgência.

Acho que ele está tentando passar algum tipo de mensagem, mas depois de tudo o que aconteceu estou tão transtornada que não sei dizer ao certo. Dou uma olhada de relance para Leila e noto um pequeno sorriso tomar seus lábios, mas fora isso, ela permanece inteiramente imperturbável. Uma submissa completa. *Merda!* Meu coração para.

É disso que ele precisa. É disso que ele gosta. *Não!* Quero chorar.

— Srta. Steele. Ana — Taylor me estende a mão, implorando-me para sair com ele. Estou paralisada pelo espetáculo de horror diante de mim. Ele confirma meus piores medos e mexe com todas as minhas inseguranças: Christian e Leila juntos. O Dominador e sua Submissa.

— Taylor — diz Christian com urgência, e Taylor se abaixa e me pega no colo.

A última coisa que vejo ao ir embora é Christian acariciando gentilmente a cabeça de Leila e murmurando algo bem baixinho para ela.

Não!

Taylor me conduz pelas escadas abaixo, e vou soltando meu peso nos braços dele, tentando entender o que acabou de acontecer nos últimos dez minutos — ou será que foi mais? Ou menos? Não compreendo mais o conceito de tempo.

Christian e Leila, Leila e Christian... juntos? O que ele está fazendo com ela agora?

— Meu Deus, Ana! Que merda está acontecendo?

Fico aliviada por ver Ethan andando de um lado para o outro pelo saguão, ainda carregando a mala grande. *Ah, graças a Deus ele está bem!* Quando Taylor me solta eu praticamente me jogo em cima de Ethan, envolvendo os braços em torno de seu pescoço.

— Ethan. Ah, graças a Deus! — Eu o abraço, apertando-o junto de mim. Estava tão preocupada, e por um instante, desfruto de uma leve trégua em meu pânico crescente a respeito do que está se desenrolando em meu apartamento.

— Que merda é essa, Ana? E quem é esse cara?

— Ah, desculpe, Ethan, este é Taylor. Ele trabalha com Christian. Taylor, este é Ethan, o irmão da amiga que mora comigo.

Eles se cumprimentam com um aceno.

— Ana, o que está acontecendo lá em cima? Eu estava pegando as chaves do apartamento na bolsa quando uns caras apareceram do nada e as tomaram da minha mão. Um deles era Christian... — a voz dele desaparece.

— Ah, você chegou depois... Graças a Deus.

— É, eu encontrei um amigo de Pullman. A gente saiu para beber. O que está acontecendo lá em cima?

— Tem uma garota, uma ex de Christian. No nosso apartamento. Ela pirou, e Christian está... — minha voz falha, e meus olhos começam a se encher de lágrimas.

— Ei — sussurra Ethan e me puxa para junto de si uma vez mais. — Alguém já chamou a polícia?

— Não, não é assim. — Soluço no peito dele, e, agora que comecei, não consigo mais parar de chorar, a tensão do que acabou de acontecer se desfazendo nas minhas lágrimas. Ethan me aperta com força, mas eu percebo seu espanto.

— Ei, Ana, vamos beber alguma coisa. — Ele dá um tapinha meio sem jeito nas minhas costas.

De repente, eu também me sinto sem jeito, envergonhada, e, para falar a verdade, tudo o que quero é ficar sozinha. Mas faço que sim com a cabeça, aceitando seu convite. Quero sair daqui, ir para bem longe do que quer que esteja acontecendo lá em cima.

Eu me viro para Taylor.

— Alguém tinha checado o apartamento? — pergunto em meio às lágrimas, limpando o nariz com as costas da mão.

— Hoje à tarde. — Taylor encolhe os ombros como quem pede desculpas e me passa um lenço. Ele parece arrasado. — Sinto muito, Ana — murmura.

Eu franzo a testa. Nossa, ele parece estar se sentindo tão culpado. Não quero que se sinta pior ainda.

— Parece que ela tem uma habilidade incomum de escapar da gente — acrescenta, fazendo de novo uma cara feia.

— Ethan e eu vamos beber alguma coisa e então vamos para o Escala. — Eu enxugo os olhos.

Taylor troca o peso de uma perna para a outra, desconfortável.

— O Sr. Grey queria que você fosse direto para o apartamento — diz ele, em voz baixa.

— Bem, a gente sabe onde Leila está agora. — Não consigo conter a amargura na minha voz. — Então, não tem motivo para tanta segurança. Diga a Christian que nós o veremos mais tarde.

Taylor abre a boca para falar, mas muda de ideia sabiamente.

— Você quer deixar a mala com Taylor? — pergunto a Ethan.

— Não, posso levar comigo, obrigado.

Ethan acena para Taylor e então me conduz até a porta. Tarde demais, eu me lembro que deixei a bolsa no banco de trás do Audi. Não tenho nada comigo.

— Minha bolsa...

— Não se preocupe — murmura Ethan, o rosto marcado pela preocupação. — Tudo bem, eu pago.

* * *

ESCOLHEMOS UM BAR do outro lado da rua e nos sentamos nos bancos de madeira junto à janela. Quero ver o que está acontecendo — quem vem e, mais importante, quem vai. Ethan me passa uma garrafa de cerveja.

— Problemas com uma ex? — pergunta, com gentileza.

— É um pouco mais complicado do que isso — murmuro, subitamente na defensiva. Não posso falar sobre o assunto, assinei um termo de confidencialidade. E pela primeira vez me arrependo disso, e me ressinto com o fato de que Christian não falou nada sobre rescisão.

— Eu tenho tempo — diz Ethan com carinho e dá um longo gole em sua cerveja.

— É uma ex, de muito tempo atrás. Ela largou o marido por causa de um outro sujeito. E aí, há algumas semanas, o sujeito morreu em um acidente de carro, e agora ela veio atrás de Christian — dou de ombros. Pronto, não entreguei muita coisa.

— Veio atrás dele?

— Ela estava com uma arma.

— Cacete!

— Ela não chegou a ameaçar ninguém com o revólver. Acho que queria machucar a ela mesma. Mas é por isso que eu estava tão preocupada com você. Não sabia se você estava no apartamento.

— Entendi. Ela parece bem desequilibrada.

— É, ela é.

— E o que Christian está fazendo com ela agora?

O sangue foge do meu rosto e a bile sobe até minha garganta.

— Não sei — murmuro.

Ethan arregala os olhos. Afinal, ele entendeu.

Essa é a raiz do meu problema. Que merda que eles estão fazendo lá em cima? Conversando, espero. Apenas conversando. Ainda assim, tudo que passa pela minha cabeça é a mão dele afagando com carinho o cabelo dela.

Ela está perturbada, e Christian se preocupa com ela; é só, tento racionalizar. Mas, lá no fundo, meu inconsciente está balançando a cabeça com tristeza.

É mais do que isso. Leila foi capaz de satisfazer as necessidades dele de um jeito que eu não consigo. A ideia é deprimente.

Tento me concentrar em tudo o que fizemos nos últimos dias — a declaração de amor dele, seus flertes bem-humorados, seu humor brincalhão. Mas as palavras de Elena voltam para me atormentar. É nisso que dá ouvir a conversa dos outros... quem mandou ser curiosa?

Você não sente falta... Do quarto de jogos?

Termino minha cerveja em tempo recorde, e Ethan me passa outra. Não sou a melhor companhia, mas ele fica ao meu lado, conversando, tentando me animar, contando-me de Barbados e da extravagância de Kate e Elliot, o que é uma distração maravilhosa. Mas é só isso: uma distração.

Minha mente, meu coração, minha alma ainda estão naquele apartamento com Christian e a mulher que um dia foi sua submissa. Uma mulher que pensa que ainda o ama. Uma mulher que se parece comigo.

No meio da nossa terceira cerveja, uma caminhonete enorme com os vidros incrivelmente escuros encosta junto ao Audi na frente do meu prédio. Eu reconheço o Dr. Flynn assim que ele salta do

carro, acompanhado por uma mulher usando o que parece um uniforme de hospital azul-claro. Vejo de relance Taylor conduzi-los pela porta da frente.

— Quem é aquele? — pergunta Ethan.

— Ele se chama Dr. Flynn. Christian o conhece.

— É médico?

— Psiquiatra.

— Ah.

Nós dois assistimos, e poucos minutos depois eles estão de volta. Christian está carregando Leila, que está enrolada num cobertor. O *quê?* Observo horrorizada eles entrarem na caminhonete e seguirem em frente à toda.

Ethan me lança um olhar compreensivo, e eu me sinto desolada, completamente desolada.

— Você pode me arranjar algo um pouco mais forte para beber?

— pergunto a Ethan, a voz quase desaparecendo.

— Claro. O que você quer?

— Um conhaque. Por favor.

Ethan concorda com a cabeça e caminha até o bar. Fico olhando pela janela para a porta da frente. Momentos mais tarde Taylor aparece, entra no Audi e segue para o Escala... ou atrás de Christian? Não sei.

Ethan coloca um grande copo de conhaque na minha frente.

— Vamos lá, Steele. Vamos encher a cara.

Parece a melhor proposta que recebi nos últimos tempos. Nós brindamos, e eu dou um longo gole no líquido cor de âmbar que, desce queimando em minha garganta, o calor ardente, uma distração bem-vinda da dor terrível que está brotando em meu coração.

—

Está tarde, e eu me sinto um pouco tonta. Ethan e eu estamos trancados fora do apartamento. Ele insiste em caminhar comigo até o Escala, mas não quer passar a noite lá. Ligou para o amigo com quem encontrou mais cedo e já combinou de dormir na casa dele.

— Então, é aqui que o magnata mora. — Ethan assobia, impressionado.

Faço que sim com a cabeça.

— Tem certeza que não quer que eu suba com você? — pergunta.

— Não, preciso enfrentar isso. Ou só ir para a cama.

— Vejo você amanhã?

— Claro. Obrigada, Ethan. — Dou um abraço nele.

— Vai dar tudo certo, Steele — murmura ele em meu ouvido. E então me solta e me observa caminhar até o prédio. — Até mais, baby— diz.

Dou um sorriso amarelo e aceno para ele, e então aperto o botão para chamar o elevador.

Saio do elevador e entro no apartamento de Christian. Taylor não está à espera, o que é incomum. Ao abrir as portas duplas, caminho em direção à sala de estar. Christian está ao telefone, andando de um lado para o outro junto ao piano.

— Ela está aqui — diz. Ele se vira para mim e desliga o telefone. — Onde você estava? — rosna, mas não caminha em minha direção.

Está com raiva de mim? Ele acabou de passar sei lá quanto tempo com a ex-namorada maluca, agora está com raiva de mim?

— Você bebeu? — pergunta, horrorizado.

— Um pouco. — Não achei que estivesse tão óbvio.

Ele arqueja e corre os dedos pelo cabelo.

— Eu falei para você voltar para cá. — Sua voz é ameaçadoramente baixa. — São dez e quinze. Estava preocupado com você.

— Fui tomar uma bebida ou três com Ethan enquanto você cuidava da sua ex — rebato. — Não sabia quanto tempo você iria ficar... com ela.

Christian estreita os olhos e dá alguns passos na minha direção, mas então para.

— Por que está falando assim?

Dou de ombros e baixo os olhos.

— Ana, qual o problema? — Pela primeira vez ouço outra coisa que não raiva em sua voz. O quê? Medo?

Engulo em seco, tentando pensar no que quero dizer.

— Onde está Leila? — pergunto, olhando para ele.

— Num hospital psiquiátrico em Fremont — responde ele, e seu rosto está examinando o meu. — Ana, o que houve? — Ele caminha até parar bem na minha frente. — Qual o problema?

Balanço a cabeça.

— Não sirvo para você.

— O quê? — Ele arqueja, os olhos arregalados de tensão. — Por que você acha isso? Como pode pensar uma coisa dessas?

— Não posso ser tudo o que você quer.

— Você é tudo o que eu quero.

— Só de ver você com ela... — minha voz falha.

— Por que você está fazendo isso comigo? Isso não tem nada a ver com você, Ana. Tem a ver com ela. — Ele inspira fundo, correndo as mãos pelo cabelo mais uma vez. — Ela está doente.

— Mas eu senti... o que vocês tiveram juntos.

— O quê? Não. — Ele se aproxima, e eu dou um passo para trás, instintivamente.

Ele baixa a mão, piscando. Parece tomado pelo pânico.

— Você está indo embora? — sussurra ele, seus olhos arregalados de medo.

Não respondo, estou tentando organizar meus pensamentos.

— Você não pode — implora ele.

— Christian... eu... — Faço um esforço enorme para estruturar as ideias.

O que estou tentando dizer? Preciso de tempo, tempo para assimilar isso. Só me dê um pouco de tempo.

— Não. Não! — diz ele.

— Eu...

Ele corre o olhar ao redor da sala, agitado. Procurando por inspiração? Por intervenção divina? Não sei.

— Você não pode ir. Ana, eu amo você!

— Eu também amo você, Christian, é só que...

— Não... não! — diz ele, desesperado, e leva as mãos à cabeça.

— Christian...

— Não — sussurra ele, os olhos arregalados de pânico, e, de repente, ele está de joelhos diante de mim, a cabeça abaixada, as

mãos espalmadas nas coxas. Ele respira fundo e não se move.

O quê?

— Christian, o que você está fazendo?

Ele continua a olhar para o chão, sem erguer os olhos para mim.

— Christian! O que você está fazendo? — repito, numa voz aguda. Ele não se move. — Christian, olhe para mim! — ordeno, em pânico.

Ele ergue a cabeça, sem qualquer hesitação, e me encara passivo com seus olhos frios e cinzentos... Está quase sereno, em expectativa.

Putá merda... Christian. O submisso.

CAPÍTULO QUATORZE

Christian está de joelhos diante de mim, mantendo-me paralisada com o seu olhar cinzento e inabalável, e essa é a visão mais assustadora e circunspecta que já vi na vida — mais até do que Leila e sua arma. A leve vertigem do álcool desaparece num instante e é substituída por uma coceira no couro cabelo e uma sensação incômoda de predestinação enquanto o sangue foge da minha cabeça.

Respiro fundo, chocada. *Não. Não, isso é errado, errado e inquietante.*

— Christian, por favor, não faça isso. Não quero isso.

Ele continua a me observar passivamente, sem se mover, sem dizer nada.

Ah, droga. Meu pobre Christian. Meu coração se aperta. O que eu fiz com ele? Lágrimas brotam em meus olhos.

— Por que você está fazendo isso? Fale comigo — sussurro.

Ele pisca uma vez.

— O que você quer que eu fale? — pergunta suavemente, sem emoção, e por um instante fico aliviada de que ele esteja falando, mas não desse jeito... não. Não.

As lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto, e de repente é demais vê-lo naquela mesma posição, prostrado como a criatura patética que foi Leila. A imagem de um homem poderoso que, na verdade, ainda é só um garoto, um garoto que foi terrivelmente abusado e negligenciado, que não se sente merecedor do amor de sua família perfeita e de sua muito menos do que perfeita namorada... meu menino perdido... é de partir o coração.

Compaixão, perda e desalento, todas essas sensações me invadem, e sou tomada por um desespero paralisante. Vou ter que lutar para trazê-lo de volta, para trazer *o meu* Cinquenta Tons de volta.

A ideia de dominar alguém é aterrorizante. A ideia de dominar Christian me dá náuseas. Isso me igualaria a ela... à mulher que fez isso com ele.

Estremeço com o pensamento, e luto contra a bile em minha garganta. Não posso fazer isso, de jeito nenhum. Não quero fazer isso.

À medida que meus pensamentos se iluminam, vejo uma única saída. Sem desviar os olhos, eu me ajoelho diante dele.

O piso de madeira sob minhas canelas é duro, e eu limpo as lágrimas com as costas da mão.

Desse jeito, somos iguais. Estamos no mesmo nível. É a única maneira de trazê-lo de volta.

Seus olhos se arregalam quase imperceptivelmente enquanto eu o encaro, mas, fora isso, sua expressão e sua postura permanecem as mesmas.

— Christian, você não tem que fazer isso — imploro. — Eu não vou embora. Já falei milhões de vezes, eu não vou embora. Tudo o que aconteceu... é esmagador. Eu só preciso de um pouco de tempo para pensar... um pouco de tempo para mim mesma. Por que você sempre pensa o pior? — Meu coração se aperta mais uma vez, porque eu sei: é por ele ter tantas dúvidas e tanta raiva de si mesmo.

As palavras de Elena voltam para me perseguir. *“Ela sabe o quão negativo você é a respeito de si mesmo? Sobre os seus problemas?”*

Ah, Christian. O medo envolve meu coração mais uma vez e eu começo a tagarelar.

— Eu ia sugerir voltar para o meu apartamento esta noite. Você nunca me dá um tempo... um tempo para pensar nas coisas — soluço, e vejo seu cenho esboçar um leve franzido. — Só um tempo para pensar. A gente mal se conhece, e toda essa bagagem que vem com você... Eu preciso... Eu preciso de tempo para pensar em tudo isso. E agora que Leila está... bem, de qualquer forma... já não está mais solta por aí, não é mais uma ameaça... Eu pensei... Eu pensei... — minha voz desaparece e eu o olho para ele.

Ele está me olhando com atenção, e acho que está me ouvindo.

— Ver você com Leila... — Fecho os olhos e a memória dolorosa de sua interação com a ex-submissa me corrói mais uma vez. — Foi um choque tão grande. Eu tive um vislumbre de como era a sua vida... e... — Encaro meus dedos entrelaçados, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto. — Isso tem a ver com eu não ser boa o suficiente para você. Foi uma amostra da sua vida, e eu estou com muito medo de que você acabe se cansando de mim, e aí eu vou... eu vou terminar feito a Leila... uma sombra. Porque eu amo você, Christian, e se você me deixar, o mundo vai ser um lugar sem luz. Eu vou estar na escuridão. Não quero ir embora. Estou só morrendo de medo que você me deixe...

Enquanto digo essas palavras — na esperança de que ele as esteja ouvindo —, me dou conta de qual é o meu verdadeiro problema. Eu simplesmente não entendo por que ele gosta de mim. Eu *nunca* entendi por que ele gosta de mim.

— Eu não entendo por que você me acha atraente — murmuro. — Você é, bem, você é você... e eu... — Dou de ombros e olho para ele. — Eu não entendo. Você é lindo, sexy, bem-sucedido, bom, gentil, carinhoso... tudo isso... e eu não. E eu não consigo fazer as coisas que você gosta de fazer. Não consigo dar a você o que você precisa. Como você poderia ser feliz comigo? Como eu poderia segurá-lo? — minha voz é um sussurro à medida que expresso meus medos mais sombrios. — Nunca entendi o que você viu em mim. E ver você com ela, aquilo trouxe tudo à tona de novo. — Dou uma fungada e limpo o nariz com as costas da mão, encarando sua expressão impassível.

Ah, ele é tão exasperador. *Fale comigo, merda!*

— Você vai ficar aqui de joelhos a noite toda? Porque também posso fazer isso — explodo.

Acho que sua expressão se suaviza — ele parece estar achando graça. Mas é tão difícil dizer.

Eu poderia esticar a mão e tocá-lo, mas isso seria um abuso enorme da posição na qual ele me colocou. Não é o que eu quero, mas não sei o que ele quer, ou o que ele está tentando me dizer. Simplesmente não entendo.

— Christian, por favor, por favor... fale comigo — suplico, apertando as mãos no meu colo. A posição é desconfortável, mas

continuo de joelhos, encarando seus lindos e sérios olhos cinzentos. E espero.

E espero.

E espero.

— Por favor — imploro mais uma vez.

Seu olhar intenso escurece de repente, e ele pisca.

— Eu estava com tanto medo — sussurra.

Ah, graças a Deus! Meu inconsciente cambaleia de volta para sua poltrona, frouxo de alívio, e toma um longo gole de gim.

Ele voltou a falar! A gratidão toma conta de mim, e eu inspiro, tentando conter a emoção e a onda de novas lágrimas que ameaçam brotar em meus olhos.

Sua voz é grave e calma.

— Quando vi Ethan chegar do lado de fora, eu soube que alguém tinha aberto a porta para você entrar no apartamento. Tanto eu quanto Taylor pulamos para fora do carro. A gente sabia, e vê-la daquele jeito com você... e armada. Acho que morri um milhão de vezes, Ana. Alguém ameaçando você... todos os meus piores medos concretizados. Eu estava com tanta raiva, dela, de você, de Taylor, de mim mesmo.

Ele balança a cabeça, revelando sua agonia.

— Eu não sabia o quão volátil ela estaria. Não sabia o que fazer. Não sabia como ela iria reagir. — Ele para e franze o cenho. — E foi então que ela me deu uma dica; parecia arrependida. E eu simplesmente soube o que tinha de fazer. — Ele se cala, olhando para mim, tentando decifrar minha reação.

— Continue — sussurro.

Ele toma fôlego.

— Vê-la daquele jeito, sabendo que eu talvez tivesse algo a ver com seu estado mental... — Ele fecha os olhos uma vez mais. — Ela sempre foi tão levada e animada. — Ele estremece e inspira asperamente, quase como num soluço.

É uma tortura ouvir isso, mas permaneço de joelhos, atenta, acolhendo a visão.

— Ela poderia ter machucado você. E teria sido minha culpa. — Seus olhos se desviam dos meus, repletos de um horror incompreensível, e, mais uma vez, ele fica em silêncio.

— Mas não machucou — sussurro. — E você não era o responsável por ela estar naquele estado, Christian. — Pisco para ele, encorajando-o a continuar.

E então eu me dou conta de que tudo o que ele fez foi para me manter em segurança, e talvez Leila também, porque ele também se preocupa com ela. Mas quanto? A pergunta permanece em minha cabeça, indesejável. Ele diz que me ama, mas ele foi tão duro, expulsando-me daquele jeito do meu próprio apartamento.

— Eu só queria que você saísse — murmura ele, com a estranha habilidade de sempre de ler meus pensamentos. — Eu queria você longe do perigo, e... Você. Simplesmente. Não. Ia. Embora — resmunga ele entre os dentes, balançando a cabeça, sua exasperação palpável.

E então ele me olha com atenção.

— Anastasia Steele, você é a mulher mais teimosa que eu já conheci. — Ele fecha os olhos e balança a cabeça em descrença.

Ah, ele voltou. Dou um longo e purificante suspiro de alívio.

Ele abre os olhos de novo, a expressão desamparada... sincera.

— Você não ia me deixar? — pergunta.

— *Não!*

Ele fecha os olhos de novo e todo o seu corpo relaxa. Quando os reabre, posso ver sua dor e sua angústia.

— Eu achei... — Ele para. — Isto aqui sou eu, Ana. Eu por inteiro... e sou todo seu. O que eu tenho que fazer para você entender? Para você ver que quero você do jeito que for. Que eu amo você.

— Eu também amo você, Christian, e ver você desse jeito é... — Balanço a cabeça e as lágrimas retornam. — Achei que eu tinha estragado você.

— Estragado? Eu? Ah, não, Ana. É exatamente o oposto. — Ele estica a mão e pega a minha. — Você é a minha tábua da salvação — sussurra, beijando meus dedos antes de apertar minha mão na sua.

Com os olhos arregalados e cheios de medo, ele gentilmente puxa minha mão e a coloca em seu peito, sobre o coração — na zona proibida. Sua respiração se acelera. Seu coração está batendo

apressado, num ritmo frenético sob os meus dedos. Ele não tira os olhos dos meus; sua mandíbula está tensa, os dentes cerrados.

Eu arquejo. *Ah, meu Cinquenta Tons!* Ele está me deixando tocá-lo. E é como se todo o ar de meus pulmões tivesse sumido, desaparecido. O sangue pulsa em minhas orelhas à medida que meu coração acelera para se encaixar ao ritmo do dele.

Ele solta minha mão, deixando-a sobre seu peito. Flexiono os dedos de leve, sentindo o calor de sua pele sob o tecido da camisa. Ele está prendendo a respiração. Não posso suportar. Início um movimento para retirar a mão.

— Não — diz ele depressa, colocando mais uma vez a mão sobre a minha, apertando meus dedos contra seu corpo. — Não tire.

Encorajada por essas palavras, eu me aproximo de modo que nossos joelhos se tocam e, com cuidado, ergo a outra mão para que ele saiba exatamente o que vou fazer. Ele arregala os olhos, mas não me interrompe.

Gentilmente, começo a desabotoar sua camisa. O que é difícil, usando apenas uma das mãos. Movo os dedos sob a mão dele e ele me solta, permitindo que eu abra sua camisa com as duas mãos. Ao abri-la, revelando seu peito, meus olhos não desgrudam dos dele.

Ele inspira fundo, e seus lábios se entreabrem à medida que sua respiração se acelera; posso sentir seu medo crescente, mas ele não desiste. Ainda está agindo como submisso? Não tenho ideia.

Será que devo fazer isso? Não quero machucá-lo, nem física nem mentalmente. A visão de Christian desse jeito, oferecendo-se para mim, foi o meu grito de alerta.

Ergo o braço, e minha mão paira sobre o peito dele, eu o encaro... pedindo permissão. Ele inclina a cabeça muito sutilmente, juntando coragem na expectativa pelo meu toque, e a tensão irradia de seu corpo, mas dessa vez, não é por raiva — é por medo.

Hesito. Posso mesmo fazer isso com ele?

— Sim — sussurra ele, mais uma vez com sua estranha habilidade de responder a minhas perguntas não ditas.

Passo a ponta dos dedos em seus pelos e os acaricio bem de leve, seguindo em direção ao esterno. Ele fecha os olhos, seu rosto se contorce como se estivesse experimentando alguma dor

intolerável. É insuportável de se ver, então ergo os dedos imediatamente, mas ele agarra a minha mão depressa e a coloca de volta no lugar, espalmada contra seu peito nu de modo que seus pelos fazem cócegas em minha palma.

— Não — diz ele, a voz tensa. — Eu preciso disso.

Seus olhos estão tão apertados. Deve ser uma verdadeira agonia. É realmente atormentador de se ver. Com cuidado, deixo meus dedos correrem ao longo de seu peito, até a altura do coração, maravilhada com o contato, em pânico de que isso seja um passo grande demais.

Ele abre os olhos, e eles estão ardentes, queimando-me.

Putá merda. Seu olhar é abrasador, selvagem, mais do que intenso, e sua respiração está acelerada. Meu sangue se agita. Eu me contorço sob seus olhos.

Ele não me interrompeu, então corro os dedos ao longo de seu peito novamente, e seus lábios relaxam, abrindo-se. Ele está ofegante, e não sei se é de medo ou outra coisa.

Faz tanto tempo que eu queria beijá-lo ali que eu me ergo em meus joelhos, mantendo os olhos fixos nos dele por um instante, para deixar minha intenção perfeitamente clara. E então eu me abaixo e, suavemente, deixo um beijo carinhoso logo acima de seu coração, sentindo a pele quente e perfumada sob meus lábios.

Seu gemido contido me toca tão profundamente que eu recuo, temerosa do que vou ver em seu rosto. Seus olhos estão apertados, mas ele não se moveu.

— De novo — sussurra ele, e eu me aproximo de seu peito novamente, dessa vez na intenção de beijar uma das cicatrizes.

Ele expira, e eu beijo mais uma. Ele geme alto, e, de repente, seus braços estão ao redor de mim, sua mão em meu cabelo, comprimindo minha cabeça com tanta força que meus lábios encontram sua boca sedenta. E estamos nos beijando, meus dedos correndo pelo cabelo dele.

— Ah, Ana — sussurra ele, girando-me e me empurrando contra o chão de forma que fico debaixo de seu corpo.

Ergo minhas mãos para segurar o seu lindo rosto e, naquele momento, sinto suas lágrimas.

Ele está chorando... não. Não!

— Christian, por favor, não chore. Eu estava falando sério quando disse que nunca vou deixar você. Mesmo. Sinto muito se transmiti alguma outra impressão... Por favor, por favor, me perdoe. Eu amo você. E sempre vou amar.

Ele paira em cima de mim, encarando meu rosto, e sua expressão é de dor.

— O que foi?

Ele arregala os olhos.

— Que segredo é esse que você acha que vai me fazer fugir daqui correndo? Que faz você ter tanta certeza de que eu iria embora? — imploro, a voz trêmula. — Conte para mim, Christian, *por favor...*

Ele se senta, de pernas cruzadas, e eu me sento também, com as pernas esticadas. Pergunto-me vagamente se não poderíamos nos levantar do chão. Mas não quero interromper sua linha de pensamento. Ele finalmente vai se abrir para mim.

Ele me encara, e parece profundamente desolado. *Droga... é alguma coisa grave.*

— Ana... — Ele para, procurando as palavras, as feições atormentadas... Aonde vai com isso?

Ele inspira fundo e engole em seco.

— Eu sou um sádico, Ana. Eu gosto de chicotear garotas morenas feito você porque todas vocês se parecem com a prostituta viciada... minha mãe biológica. E eu tenho certeza de que você é capaz de imaginar por quê. — Ele solta as palavras apressado, como se estivesse com a frase preparada na cabeça há dias e dias, desesperado para se livrar dela.

Meu mundo para. *Ah, não.*

Não era o que eu esperava. Isso é pesado. Muito pesado. Eu o encaro, tentando entender as implicações do que ele acabou de dizer. Isso explica por que somos todas tão parecidas.

Meu primeiro pensamento é que Leila tinha razão: *“O Dominador é sombrio.”*

E me lembro da primeira conversa que tive com ele sobre suas tendências, quando estávamos no Quarto Vermelho da Dor.

— Você disse que não era sádico — sussurro, tentando desesperadamente entender... criar uma desculpa para ele.

— Não, eu disse que era Dominador. Se menti para você, foi uma mentira por omissão. Me desculpe. — Ele olha de relance para suas unhas bem cuidadas.

Acho que está mortificado. Mas mortificado por ter mentido para mim? Ou por causa do que ele é?

— Na época em que você me perguntou aquilo, eu tinha imaginado um relacionamento completamente diferente entre a gente — murmura ele. E, pelo seu olhar, sei que está apavorado.

E é só então que me dou conta. Se ele é um sádico, ele realmente precisa de toda aquela porcaria de chicote e vara. Ai, merda. Seguro a cabeça nas mãos.

— Então é verdade — sussurro, erguendo o olhar para ele —, não posso lhe dar o que você quer.

Pronto, é isso. Realmente somos incompatíveis.

O mundo começa a se desfazer aos meus pés, desmoronando ao meu redor, o pânico enchendo minha garganta. É isso. A gente não pode dar certo.

Ele franze a testa.

— Não, não, não. Ana. Não. Você pode, sim. Você *já* me dá o que eu quero. — Ele fecha os punhos. — Por favor, acredite em mim — murmura, as palavras num apelo emocionado.

— Não sei no que acreditar, Christian. Isso é tão terrível — sussurro, a garganta seca e dolorida se fechando, engasgando-me com as lágrimas não derramadas.

Ao me encarar de novo, seus olhos estão arregalados e brilhantes.

— Ana, acredite em mim. Depois que eu a puni e você me deixou, minha visão de mundo mudou. Eu não estava brincando quando disse que faria de tudo para nunca mais sentir aquilo de novo. — Ele me observa, numa súplica sofrida. — Quando você disse que me amava, foi uma revelação. Ninguém nunca tinha me dito aquilo antes, e foi como se eu tivesse concluído uma etapa... ou talvez como se você tivesse concluído uma etapa, não sei. Dr. Flynn e eu ainda estamos discutindo a questão a fundo.

Ah. Um sopro de esperança envolve meu coração por um instante. Talvez a gente possa dar certo. Eu quero que funcione. *Não quero?*

— O que significa isso tudo? — murmuro.

— Que eu não preciso daquilo. Não agora.

O quê?

— Como você sabe? Como pode ter tanta certeza?

— Eu simplesmente sei. A ideia de machucar você... machucar você de verdade... é repugnante para mim.

— Eu não entendo. E quanto à régua, às palmadas, toda aquela trepada sacana?

Ele corre uma das mãos pelo cabelo e quase chega a sorrir, mas em vez disso, solta um suspiro pesaroso.

— Estou falando de bater de verdade, Anastasia. Você devia ver o que sou capaz de fazer com uma vara ou com um chicote.

— Prefiro não ver. — Fico boquiaberta, chocada.

— Eu sei. Se você quisesse fazer essas coisas, então tudo bem... mas você não quer, e eu entendo. Não posso fazer aquela merda toda com você se não quiser. Já falei uma vez, o poder é todo seu. E agora, desde que você voltou, não sinto nenhuma vontade.

Fico paralisada, encarando-o por um instante, tentando assimilar tudo o que ele disse.

— Mas quando a gente se conheceu, era isso que você queria, não era?

— Era, sem dúvida.

— E como pode a sua vontade simplesmente desaparecer, Christian? Como se eu fosse algum tipo de panaceia, e você estivesse... curado, por falta de palavra melhor... Eu não entendo.

Ele suspira mais uma vez.

— Eu não diria “curado”... Você não acredita em mim?

— Eu só acho tudo isso... inacreditável. É diferente.

— Se você nunca tivesse me deixado, então eu talvez não me sentisse assim. O fato de você ter ido embora foi a melhor coisa que poderia ter acontecido... para nós dois. Aquilo fez com que eu me desse conta do quanto eu queria você, só você. E estou falando sério quando digo que quero você do jeito que for.

Eu fito seu rosto. Devo acreditar nisso? Minha cabeça dói só de pensar no assunto, e, lá no fundo, sinto-me... entorpecida.

— Você ainda está aqui. Achei que já teria sumido por aquela porta a essa altura — sussurra ele.

— Por quê? Porque eu talvez pense que você é doente, porque espanca e transa com mulheres que se parecem com a sua mãe? O que teria lhe dado essa impressão? — solto, explodindo.

Ele fica branco ao som de minhas palavras duras.

— Bem, eu não diria exatamente assim, mas é — responde ele, os olhos arregalados e feridos.

Ele permanece com a expressão séria, e eu me arrependo do meu ataque. Franzo a testa, sentindo uma pontada de culpa.

O que eu vou fazer? Olho para Christian, e ele parece tão arrependido, tão sincero... parece o meu Cinquenta Tons.

E, do nada, eu me lembro da foto em seu quarto de criança, e então me dou conta de por que aquela mulher me pareceu tão familiar. Ela se parecia com ele. Devia ser sua mãe biológica.

A facilidade com que ele a dispensou me vem à cabeça: *Ninguém importante...* Ela é a responsável por tudo isso... e eu pareço com ela... *Putá merda!*

Ele me encara, os olhos inchados, e sei que está esperando pelo meu próximo passo. Parece verdadeiro. Ele disse que me ama, mas estou muito confusa.

Tudo isso é muito terrível. Ele já me assegurou a respeito de Leila, mas agora eu sei, com mais certeza do que nunca, como ela era capaz de excitá-lo. A ideia é esgotante e desagradável.

— Christian, eu estou exausta. A gente pode conversar sobre isso amanhã? Quero ir para a cama.

Ele pisca para mim, surpreso.

— Você não vai embora?

— Você quer que eu vá?

— Não! Achei que você iria embora assim que eu contasse.

Todas as vezes em que ele falou que eu iria embora assim que soubesse seu segredo mais sombrio me vêm à cabeça... e agora eu sei. Merda. O dominador é sombrio.

Será que eu deveria ir embora? Olho para ele, esse homem louco que eu amo... isso mesmo, que eu amo.

Posso deixá-lo? Eu já o deixei uma vez, e aquilo praticamente acabou comigo... e com ele. Eu o amo. Sei disso, apesar dessa

revelação.

— Não me deixe — sussurra ele.

— Pelo amor de Deus... *não!* Eu não vou embora! — grito, e é libertador. Pronto, falei. Não vou embora.

— Mesmo? — Ele arregala os olhos.

— O que eu preciso fazer para você entender que não vou fugir? O que você quer que eu diga?

Ele me encara, demonstrando seu medo e sua angústia novamente. E inspira.

— Tem uma coisa que você pode fazer.

— O quê? — rebato.

— Casar-se comigo — sussurra.

O quê? Ele realmente acabou de...

Pela segunda vez em menos de meia hora meu mundo para de girar.

Putá merda. Eu fito o homem profundamente perturbado a quem entreguei o meu amor. Não posso acreditar no que ele acabou de dizer.

Casar? Ele está me pedindo em casamento? Isso é alguma brincadeira? Não consigo evitar: uma risadinha nervosa e descrente irrompe dentro de mim. Mordo o lábio para impedir que ela se transforme numa gargalhada histérica em todas as suas proporções, mas falho miseravelmente. Deito de costas no chão e me entrego, rindo como nunca ri antes na vida, uma gargalhada libertadora e de poder curativo.

E, por um instante, vejo-me sozinha, observando de fora essa cena absurda, uma garota exausta, rindo junto a um menino lindo e perturbado. Coloco o braço por cima do rosto, e meu riso vai se transformando em lágrimas escaldantes. *Não, não... isso é demais.*

À medida que a histeria vai se dissipando, Christian tira meu braço do rosto com carinho. Eu me viro e olho para ele.

Ele está debruçado em cima de mim. A boca retorcida num divertimento irônico, mas seus olhos estão em chamas, talvez feridos. *Ah, não.*

Com gentileza, ele limpa do meu rosto um rastro de lágrimas com as costas da mão.

— Você acha meu pedido de casamento engraçado, Srta. Steele?

Ah, *Christian!* Esticando o braço, eu acaricio seu rosto, desfrutando o toque de sua barba por fazer sob meus dedos. Meu Deus, eu amo esse homem.

— Sr. Grey... Christian. A sua noção de *timing* é, sem dúvida... — Fico olhando para ele, sem saber o que dizer.

Ele sorri para mim, mas as rugas ao redor de seus olhos me dizem que está magoado. Ele está falando sério.

— Você está me matando aqui, Ana. Quer se casar comigo?

Eu me sento e me debruço sobre ele, apoiando as mãos em seus joelhos. Fito seu belo rosto.

— Christian, eu acabei de encontrar a sua ex-namorada apontando uma arma para mim, de ser expulsa do meu próprio apartamento, de ver você dar uma de Cinquenta Tons termonuclear...

Ele abre a boca para falar, mas eu ergo a mão, e, obediente, ele fica quieto.

— Você acabou de revelar informações a seu respeito que são, francamente, bem chocantes, e agora você me pede para eu me casar com você.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse ponderando os fatos. Está achando engraçado. Graças a Deus.

— É, acho que é um resumo justo e bem preciso da situação — diz, friamente.

— O que aconteceu com adiar a gratificação? — Balanço a cabeça para ele.

— Passei dessa fase. Agora sou um adepto convicto da gratificação instantânea. *Carpe diem*, Ana — sussurra ele.

— Olhe, Christian, eu conheço você há uns três minutos, e tem tanta coisa que preciso saber. Eu bebi muito, estou com fome, estou cansada, e quero ir dormir. Preciso pensar a respeito da sua proposta da mesma forma como avaliei o contrato que você me ofereceu. E... — pressiono os lábios para mostrar minha desaprovação, mas também para aliviar o clima entre nós — ... não foi um pedido de casamento muito romântico.

Ele inclina a cabeça para o lado, e seus lábios se curvam num sorriso.

— É um bom argumento e bem colocado, Srta. Steele, como sempre — suspira, a voz envolta em alívio. — Então, isso é um não?

Suspiro.

— Não, Sr. Grey, não é um não, mas também não é um sim. Você só está fazendo isso porque está com medo e não confia em mim.

— Não, estou fazendo isso porque finalmente conheci alguém com quem eu quero passar o resto da minha vida.

Ah. Meu coração dispara, e eu derreto por dentro. Como ele consegue falar as coisas mais românticas no meio das situações mais bizarras? Minha boca se abre de espanto.

— Nunca achei que isso fosse acontecer comigo — continua, a expressão irradiando sinceridade pura.

Fico encarando-o, boquiaberta, procurando as palavras certas.

— Posso pensar... por favor? Pensar sobre tudo o que aconteceu hoje? Sobre o que você acabou de me contar? Você me pediu fé e paciência. Bem, estou pedindo o mesmo a você, Grey. Preciso disso, agora.

Seus olhos fitam os meus, estudando-me, e, depois de um instante, ele se aproxima e passa meu cabelo por trás da orelha.

— Posso fazer isso. — E me beija rapidamente nos lábios. — Não muito romântico, é? — Ele ergue uma sobrancelha, e eu balanço a cabeça em desaprovação. — Flores e corações, então? — pergunta baixinho.

Faço que sim, e ele me lança um sorriso de leve.

— Está com fome?

— Estou.

— Você não comeu. — Seus olhos endurecem, e sua mandíbula se tenciona.

— Não, eu não comi. — Sento-me sobre os calcanhares e o encaro passivamente. — Ser expulsa do meu apartamento depois de presenciar meu namorado interagindo intimamente com sua ex-submissa tirou o meu apetite consideravelmente. — Eu o encaro com as mãos nos quadris.

Christian balança a cabeça e fica de pé num movimento elegante. *Ah, finalmente a gente vai poder se levantar do chão.* E estende a mão para mim.

— Deixe eu preparar alguma coisa para você comer — diz ele.

— Não posso simplesmente ir dormir? — resmungo, cansada, segurando sua mão.

Ele me levanta. Meu corpo está pesado. Ele me encara, a expressão gentil.

— Não, você precisa comer. Venha. — O Christian mandão está de volta, e é um alívio.

Ele me leva para a cozinha, até um dos bancos, e segue para a geladeira. Dou uma olhada no meu relógio e vejo que já são quase onze e meia da noite; tenho que acordar cedo para trabalhar amanhã.

— Christian, na verdade, não estou com fome.

Ele me ignora de propósito enquanto vasculha a geladeira gigante.

— Queijo? — pergunta.

— Não a essa hora.

— Pretzel?

— Da geladeira? Não — rebato.

Ele me olha sorrindo.

— Você não gosta de pretzel?

— Não às onze e meia. Christian, eu vou para a cama. Você pode continuar aí remexendo essa geladeira a noite toda se quiser. Estou cansada, e meu dia foi cheio demais. Um dia para se esquecer. — Deslizo para fora do banco e ele me olha de cara feia, mas, neste instante, não estou nem aí. Quero dormir... estou exausta.

— Macarrão com queijo? — Ele ergue uma tigela branca coberta com papel-alumínio. Ele parece tão esperançoso e amável.

— Você gosta de macarrão com queijo? — pergunto.

Ele faz que sim animado, e meu coração desmancha. Ele parece tão jovem, de repente. Quem diria? Christian Grey gosta de comida de criança.

— Quer um pouco? — pergunta ele, em expectativa. Não posso resistir a ele, e estou mesmo com fome.

Aceito com um aceno de cabeça e abro um sorriso fraco. Seu sorriso em resposta é de tirar o fôlego. Ele tira o papel-alumínio e coloca a tigela no micro-ondas. Sento-me de novo no banco e fico observando a beleza que é o Sr. Christian Grey — o homem que quer se casar comigo — movendo-se com elegância e facilidade em sua cozinha.

— Então você sabe usar o micro-ondas, hein? — brinco.

— Se vier numa embalagem, normalmente eu consigo fazer alguma coisa. O problema é comida de verdade.

Não posso acreditar que esse é o mesmo homem que estava de joelhos na minha frente há menos de meia hora. Está de volta a seu modo inconstante. Ele arruma os pratos, os talheres e os jogos americanos na bancada.

— Está muito tarde — resmungo.

— Não vá trabalhar amanhã.

— Eu tenho que ir trabalhar amanhã. Meu chefe está indo para Nova York.

Christian franze a testa.

— Você quer ir para lá no fim de semana?

— Eu olhei a previsão do tempo, e parece que vai chover — digo, balançando a cabeça.

— Ah, então o que você quer fazer?

O toque do micro-ondas nos avisa que nosso jantar está pronto.

— Eu só quero viver um dia de cada vez por enquanto. Essa agitação toda, tudo isso é... cansativo. — Ergo uma sobrancelha para ele, que ignora, sabiamente.

Christian coloca a tigela entre os nossos pratos e se senta ao meu lado. Parece mergulhado em pensamentos, distraído. Sirvo o macarrão para nós dois. O cheiro está uma delícia, e eu começo a salivar de expectativa. Estou faminta.

— Desculpe por Leila — murmura ele.

— Por que você está pedindo desculpas? — Hum, o gosto está tão bom quanto o cheiro. Minha barriga ronca de agradecimento.

— Deve ter sido um choque e tanto para você, dar de cara com ela no apartamento. O próprio Taylor tinha feito uma busca mais cedo. Ele está muito chateado.

— Não culpo Taylor.

— Nem eu. Ele esteve procurando por você.

— Sêrio? Por quê?

— Eu não sabia onde você estava. Você esqueceu sua bolsa, seu telefone. Eu não tinha como encontrá-la. Onde você se meteu?
— pergunta ele. Sua voz é suave, mas suas palavras têm algo de sinistro.

— Ethan e eu fomos para o bar do outro lado da rua. Para que eu pudesse ver o que estava acontecendo.

— Entendi.

O clima entre nós muda subitamente. Não é mais leve e tranquilo.

Tudo bem... também posso jogar esse jogo. Vamos devolver a bola para você, Christian. Tentando soar indiferente e acalmar minha curiosidade avassaladora, mas também morrendo de medo da resposta, pergunto:

— E então, o que você fez com Leila no apartamento?

Ergo o olhar para ele, que está paralisado, com o garfo cheio de macarrão suspenso no ar. *Ah, não, isso não é bom.*

— Você quer mesmo saber?

Minha barriga se aperta num nó, e meu apetite desaparece.

— Quero — sussurro.

Ah, você quer? Quer mesmo? Meu inconsciente joga uma garrafa de gim vazia no chão e se ajeita em sua poltrona, encarando-me, apavorado.

Christian pressiona os lábios numa linha rígida e hesita.

— Nós conversamos, e eu dei um banho nela. — Sua voz é rouca, e, como eu não respondo, ele continua depressa. — E eu coloquei uma roupa sua nela. Espero que você não se importe. Mas ela estava imunda.

Putá merda. Ele deu um banho nela?

Que coisa mais inadequada de se fazer. Fico bamba, encarando meu prato cheio de macarrão. Imaginar a cena me dá náuseas.

Tente racionalizar, orienta meu inconsciente. Aquela parte fria e intelectual do meu cérebro sabe que ele só fez isso porque ela estava suja, mas é difícil demais. Meu ser frágil e ciumento não aguenta.

De repente, sinto vontade de chorar — não lágrimas elegantes escorrendo comportadas pelas bochechas, mas um choro descontrolado, um uivo para a lua. Respiro fundo para suprimir a vontade, mas minha garganta está seca e incômoda por causa das lágrimas e dos soluços reprimidos.

— Era tudo o que eu podia fazer, Ana — diz ele, calmamente.

— Você ainda sente alguma coisa por ela?

— Não! — diz ele, chocado, fechando os olhos numa expressão angustiada.

Eu me viro e encaro minha comida, enjoada. Não posso suportar olhar para ele.

— Vê-la daquele jeito, tão diferente, tão destruída. Eu me preocupo com ela, como um ser humano se preocupa com outro. — Ele dá de ombros como se tentasse espantar uma lembrança desagradável. Meu Deus, o que ele espera de mim, piedade? — Ana, olhe para mim.

Não posso. Sei que, se o fizer, vou explodir em lágrimas. Isso é demais para assimilar. Sou um tanque de gasolina transbordando — cheio além de sua capacidade. Não tem espaço para mais nada. Eu simplesmente não posso suportar mais merda nenhuma. Vou entrar em combustão e explodir, e vai ser feio se eu tentar. Deus do céu!

Christian cuidando de sua ex-submissa de forma tão íntima... a imagem invade a minha cabeça. Dando banho nela, pelo amor de Deus... nua. Uma dor aguda domina o meu corpo.

— Ana.

— O quê?

— Não faça isso. Não significa nada. Foi que nem cuidar de uma criança, uma criança perturbada e despedaçada — murmura ele.

Que diabo ele sabe sobre cuidar de uma criança? Trata-se de uma mulher com quem ele teve um relacionamento sexual absolutamente intenso e pervertido.

Ah, isso dói. Eu respiro fundo, buscando forças. Ou quem sabe ele esteja apenas se referindo a ele mesmo. Ele é a criança perturbada. Isso faz mais sentido... ou talvez não faça sentido nenhum. Ah, isso tudo é tão terrível, e, de repente, sinto-me cansada até os ossos. Preciso dormir.

— Ana?

Eu me levanto, carrego meu prato até a pia e jogo a comida no lixo.

— Ana, por favor.

Eu me volto para ele e o encaro.

— Chega, Christian! Chega desse “Ana, por favor”! — grito, e minhas lágrimas começam a escorrer. — Cansei dessa merda por hoje. Vou dormir. Estou exausta e nervosa. Me deixe em paz um pouco.

Eu me viro e praticamente corro para o quarto, levando comigo a memória de seus olhos arregalados e assustados. Bom saber que também posso assustá-lo. Tiro as roupas num instante e, depois de vasculhar a gaveta dele, puxo uma de suas camisetas e entro no banheiro.

Olho meu reflexo no espelho, praticamente sem reconhecer a garota abatida, de olhos vermelhos e rosto inchado que me encara de volta, e é demais. Desabo no chão do banheiro e me entrego à emoção avassaladora que já não posso mais conter, soltando soluços gigantescos de arrebentar o peito, enfim deixando as lágrimas rolarem livremente.

CAPÍTULO QUINZE

—Ei — murmura Christian baixinho e me puxa para junto de si —, por favor, não chore, Ana, por favor — implora.

Ele está no chão do banheiro, e estou em seu colo. Passo os braços ao redor dele e choro em seu pescoço. Murmurando suavemente junto ao meu cabelo, ele acaricia minhas costas e minha cabeça delicadamente.

— Desculpe, baby — sussurra, o que me faz chorar ainda mais e abraçá-lo com mais força.

Ficamos assim por uma eternidade. Até que, uma vez que já me acabei de tanto chorar, Christian se ergue, carregando-me em seu colo até o quarto, onde me coloca na cama. Em poucos segundos, está ao meu lado, e as luzes se apagam. Ele me puxa para junto de si, abraçando-me com força, e finalmente me arrasto para um sono sombrio e perturbado.

* * *

ACORDO NUM SOBRESSALTO. Estou tonta e com muito calor. Christian está agarrado a mim feito uma trepadeira. Ele resmunga, dormindo, assim que deslizo para fora de seus braços, mas não acorda. Sento-me na cama e olho para o despertador. São três da manhã. Preciso de um Advil e de alguma coisa para beber. Arrasto as pernas para fora da cama e caminho até a cozinha.

Encontro uma caixa de suco de laranja na geladeira e me sirvo de um copo. Hum... está delicioso, sinto um alívio imediato da tonteira. Vasculho os armários à procura de algum analgésico e, enfim, acho uma caixa de plástico cheia de remédios. Engulo dois comprimidos de Advil e bebo mais um copo de suco de laranja.

Caminhando para a imensa janela, observo a sonolenta Seattle. As luzes piscam sob o castelo de Christian nas alturas, ou devo dizer fortaleza? Pressiono a testa contra o vidro gelado: é um alívio. Tenho tanta coisa em que pensar depois de todas as revelações de ontem. Apoio-me de costas na janela e escorrego até o chão. A sala de estar parece cavernosa na escuridão, iluminada apenas pelas três lâmpadas acima da bancada da cozinha.

Será que eu conseguiria viver aqui, casada com Christian? Depois de tudo o que ele fez nesta casa? De toda a história deste lugar?

Casamento. É quase inacreditável, além de totalmente inesperado. Mas até aí, tudo a respeito de Christian é inesperado. Meus lábios se curvam num sorriso diante da ironia dessa realidade. Christian Grey: espere o inesperado —cinquenta tons de loucura.

Meu sorriso desaparece. Eu sou parecida com a mãe dele. Isso me magoa profundamente, e o ar me escapa dos pulmões. Todas nós somos parecidas com a mãe dele.

Como posso seguir em frente diante da revelação desse pequeno segredo? Agora sei por que ele não queria me dizer. Mas ele na certa não se lembra muito bem da mãe. Será que eu deveria conversar com o Dr. Flynn? Será que Christian deixaria? Talvez ele pudesse esclarecer algumas coisas.

Balanço a cabeça. Estou exausta, mas gosto da serenidade da sala de estar e de suas belas obras de arte: frias e austeras, mas ainda assim bonitas à sua maneira em meio à penumbra, e provavelmente bastante valiosas. Será que eu conseguiria morar aqui? Na alegria e na tristeza? Na saúde e na doença? Fecho os olhos, inclino a cabeça contra o vidro e inspiro fundo.

Minha tranquilidade é interrompida por um grito visceral e primitivo que faz cada pelo no meu corpo se arrepiar. *Christian! Puta merda, o que aconteceu?* Fico de pé e corro de volta para o quarto antes que os ecos daquele som horrível cessem, meu coração pulando de medo.

Ligo um dos interruptores, e a luz de cabeceira de Christian se acende. Ele está se revirando na cama, contorcendo-se de agonia. *Não!* Ele grita de novo, e o som misterioso e devastador me atravessa mais uma vez.

Merda, um pesadelo!

— Christian — debruço-me sobre ele, agitando-o pelos ombros, tentando acordá-lo.

Ele abre os olhos e, selvagens e vagos, eles percorrem depressa o quarto vazio antes de se voltarem para mim.

— Você foi embora, você foi embora, você só pode ter ido embora — murmura, e seus olhos arregalados se tornam acusatórios. Parece tão perdido que sinto um aperto no coração. Pobre Christian.

— Estou aqui. — Sento-me na cama ao seu lado. — Estou aqui — murmuro baixinho num esforço para tranquilizá-lo. Estico a mão, pousando-a na lateral de seu rosto, tentando acalmá-lo.

— Você não estava aqui — sussurra ele rapidamente. Seus olhos ainda estão selvagens e apavorados, mas ele parece estar se acalmando.

— Fui só beber alguma coisa. Estava com sede.

Ele fecha os olhos e esfrega o próprio rosto. Ao abri-los de novo, parece tão desolado.

— Você está aqui. Ah, graças a Deus. — Ele se aproxima de mim e me agarra forte, puxando-me para junto de si na cama.

— Fui só buscar uma bebida — murmuro.

Ah, a intensidade de seu medo... Posso senti-lo. Sua camiseta está encharcada de suor, e seu coração ainda pulsa forte enquanto ele me abraça apertado. Está me fitando, como se para se assegurar de que estou realmente aqui. Faço um carinho de leve em seu cabelo e depois em sua bochecha.

— Christian, por favor. Estou aqui. Não vou a lugar nenhum — digo com calma.

— Ah, Ana — suspira ele.

E então segura meu queixo para manter meu rosto firme, e sua boca cobre a minha. Sinto o desejo invadindo-o, e espontaneamente meu corpo corresponde: está tão conectado e em sintonia com o dele. Seus lábios estão em minha orelha, meu pescoço, e de volta em minha boca, os dentes suavemente puxando meu lábio inferior, a mão subindo pelo meu corpo desde o quadril até o peito, puxando a camiseta para cima. Acariciando-me, percorrendo as reentrâncias e as curvas de minha pele, provocando a mesma reação de sempre,

seu toque enviando arrepios por todo o meu corpo. Ele segura meu seio, seus dedos apertando meu mamilo, e eu solto um gemido.

— Quero você — murmura.

— Estou aqui para você, Christian. Só para você.

Ele geme e me beija mais uma vez, apaixonadamente, com um fervor e um desespero que jamais transmitiu antes. Agarrando a bainha de sua camiseta, puxo-a para cima, e ele me ajuda a retirá-la por sobre sua cabeça. Ajoelhando-se entre minhas pernas, ele rapidamente me coloca sentada e arranca minha camiseta.

Seus olhos estão sérios, repletos de desejo e de segredos sombrios — já revelados. Ele segura meu rosto nas mãos e me beija, e nós dois afundamos de novo na cama, uma de suas coxas entre minhas pernas, de modo que ele está deitado com metade do corpo em cima de mim. Sua ereção está rígida contra meu quadril, por baixo da cueca. Ele me quer, mas suas palavras de hoje escolhem esse exato momento para me assombrar, as coisas que ele falou sobre sua mãe. E é como um balde de água fria na minha libido. Merda. Não posso fazer isso. Não agora.

— Christian... Pare. Não posso continuar — sussurro apressada contra sua boca, minhas mãos empurrando seus braços.

— O que foi? O que houve? — murmura e começa a beijar meu pescoço, correndo a ponta da língua levemente para baixo. *Ah...*

— Não, por favor. Não posso fazer isso, não agora. Preciso de um tempo, por favor.

— Ah, Ana, não pense demais — sussurra ele, mordendo de leve o lóbulo da minha orelha.

— Ah! — suspiro, sentindo a reação direto na virilha. Meu corpo se contorce, traindo-me. Estou tão confusa.

— Ainda sou eu, Ana, o mesmo eu. Eu amo você e preciso de você. Toque em mim. Por favor. — Ele esfrega o nariz no meu, e seu apelo silencioso e sincero me comove, e me derreto.

Tocá-lo. Tocá-lo enquanto fazemos amor. Deus do céu.

Ele se ergue em cima de mim, olhando para baixo, e, na meia-luz da lâmpada de cabeceira, sei que está esperando pela minha resposta, e que está sob o meu feitiço.

Ergo a mão e, com cuidado, coloco-a sobre a faixa macia de pelos em seu peito. Ele inspira e aperta os olhos como se sentisse

dor, mas não retiro a mão. Levo-a até seus ombros, sentindo o tremor que o percorre. Ele geme, e eu o puxo para baixo, colocando as duas mãos sobre suas costas, onde nunca tinha tocado antes, em suas omoplatas, segurando-o junto de mim. Seu gemido reprimido me excita mais do que qualquer coisa.

Ele enterra a cabeça em meu pescoço, beijando-me e me chupando e me mordendo, e arrasta o nariz até meu queixo, e me beija, sua língua possuindo minha boca, suas mãos movendo-se sobre meu corpo novamente. Seus lábios vão descendo... descendo... até os meus seios, adorando-os, e minhas mãos permanecem sobre seu ombro e suas costas, deliciando-se com os músculos fortes flexionados, sua pele ainda úmida do pesadelo. Seus lábios se fecham sobre meu mamilo, puxando e apertando até ele se erguer em resposta à sua boca habilidosa.

Solto um gemido e corro as unhas ao longo de suas costas. Ele suspira, um gemido abafado.

— Puta merda, Ana — arqueja, meio gritando, meio gemendo.

Isso me parte o coração, mas também me atinge por dentro, contraindo todos os músculos abaixo da minha cintura. Ah, o que eu consigo fazer com ele! Fico ofegante, acompanhando sua respiração torturada com a minha própria.

Sua mão desce pelo meu corpo, ao longo de minha barriga até o meu sexo, e seus dedos estão em mim, dentro de mim. Solto um gemido à medida que ele os move daquele jeito, e elevo a pélvis para encorajar seu toque.

— Ana — suspira Christian.

De repente, ele me solta e se senta. Tira a cueca e se inclina até a mesa de cabeceira para pegar um envelopinho de papel laminado. Ao me passar o preservativo, seus olhos estão com uma tonalidade ardente de cinza.

— Você quer fazer isso? Você ainda pode dizer não. Você sempre pode dizer não — murmura.

— Não me dê a chance de pensar, Christian. Também quero você.

Rasgo o pacote com os dentes enquanto ele se ajoelha entre minhas pernas e, com dedos trêmulos, coloco a camisinha nele.

— Devagar — diz Christian. — Você vai me fazer gozar, Ana.

Fico maravilhada diante do que posso fazer com esse homem apenas com um toque. Ele se deita em cima de mim, e, ao menos nesse instante, as dúvidas são afastadas e trancafiadas nos confins sombrios e assustadores de minha mente. Estou intoxicada por esse homem, meu homem, meu Cinquenta Tons. Ele gira o corpo de repente, pegando-me completamente de surpresa, e me coloca por cima. *Uau.*

— Você. Faça você — murmura, os olhos brilhando com uma intensidade feroz.

Meu Deus. Devagar, bem devagar, eu o enterro dentro de mim. Ele joga a cabeça para trás e fecha os olhos, soltando um gemido. Pego suas mãos e começo a me mexer, deleitando-me na plenitude de minha posse, deleitando-me com sua reação, observando-o se desfazer embaixo de mim. Sinto-me como uma deusa. Debruço-me e beijo seu queixo, correndo os dentes ao longo de sua barba por fazer. Ele tem um gosto delicioso. Ele aperta meus quadris e estabiliza meu ritmo, um movimento lento e tranquilo.

— Ana, toque em mim... por favor.

Ah. Eu me inclino para a frente e me equilibro mantendo as mãos sobre seu peito. E ele grita, quase um soluço de choro, e mergulha bem fundo dentro de mim.

— Ah — solto um gemido e corro as unhas de leve sobre seu peito, por seus pelos, e ele geme alto e gira abruptamente, de forma que fico mais uma vez debaixo dele.

— Chega — ele arqueja. — Por favor, já chega. — E é um pedido sincero.

Erguendo as mãos, seguro seu rosto, sentindo a umidade em suas bochechas, e o puxo para junto de meus lábios para que possa beijá-lo. Fecho as mãos em suas costas.

Ele solta um gemido profundo e grave enquanto se mexe dentro de mim, empurrando-me para a frente e para cima, mas não consigo chegar lá. Minha cabeça está encoberta demais por problemas. Estou muito envolvida nele.

— Vamos, Ana — implora ele.

— Não.

— Sim — rosna.

E muda de posição suavemente, girando os quadris, de novo e de novo.

Minha nossa...

— Vamos, baby, eu preciso disso. Goze para mim.

E eu explodo, meu corpo escravo do dele, e me enrosco nele, agarrando-me ao seu corpo como uma trepadeira enquanto ele grita meu nome e atinge o orgasmo junto comigo, para então desmoronar, seu peso me pressionando contra o colchão.

* * *

EMBALO CHRISTIAN EM meus braços, sua cabeça em meu peito, enquanto permanecemos deitados, envolvidos pela sensação de satisfação. Corro os dedos por seu cabelo escutando sua respiração voltar ao normal.

— Nunca me deixe — sussurra ele, e eu reviro os olhos sabendo que ele não pode me ver. — Sei que você está revirando os olhos para mim — murmura, e posso ouvir o traço de humor em sua voz.

— Você me conhece bem — sussurro.

— Queria conhecer ainda mais.

— O mesmo vale para você, Grey. Sobre o que era o seu pesadelo?

— O de sempre.

— Conte para mim.

Ele engole em seco e fica tenso, antes de emitir um longo suspiro.

— Devo estar com uns três anos, e o cafetão da prostituta está enfurecido de novo. Ele fuma, um cigarro atrás do outro, e não consegue achar um cinzeiro. — Ele para, e sinto um aperto no coração, congelando por dentro. — Doeu muito — diz ele. — É da dor que eu me lembro. É o que me faz ter pesadelos. Isso, e o fato de que ela não fez nada para impedi-lo.

Ah, não. É insuportável. Aperto-o com força, minhas pernas e braços segurando-o junto a mim, e tento não deixar que meu desespero me sufoque. Como alguém poderia tratar uma criança assim? Ele levanta a cabeça e me encara com seu olhar intenso e cinzento.

— Você não é igual a ela. Nunca pense isso. Por favor.

Pisco para ele. É muito reconfortante ouvir isso. Ele coloca a cabeça de volta em meu peito, e acho que já terminou de contar tudo, mas me surpreende ao continuar.

— Às vezes, nos sonhos, ela está só lá deitada no chão. E eu acho que ela está dormindo. Mas ela não se mexe. Ela nunca se mexe. E eu estou com fome. Muita fome.

Ah, que merda.

— Então eu ouço um barulho alto e ele está de volta, e me bate com muita força, xingando a prostituta viciada. A primeira reação dele sempre foi a de usar os punhos ou o cinto.

— É por isso que você não gosta de ser tocado?

Ele fecha os olhos e me aperta com força.

— É complicado — murmura e enfia o rosto entre os meus seios, inspirando profundamente e tentando me distrair.

— Fale — peço.

Ele suspira.

— Ela não me amava. Eu não me amava. O único toque que eu conhecia era... doloroso. O problema nasceu aí. Flynn sabe explicar melhor do que eu.

— Posso conversar com Flynn?

Christian levanta a cabeça e me encara.

— Você está pegando a doença do Cinquenta Tons também, é?

— Nem lhe conto. Gosto de tudo que está pegando em mim neste instante — remexo-me provocativamente debaixo dele, e ele sorri.

— Ah, Srta. Steele, eu também gosto disso. — Ele se inclina para cima e me beija. E então, me encara por um momento. — Você é tão importante para mim, Ana. Eu estava falando sério sobre me casar com você. A gente pode se conhecer melhor depois. Eu posso cuidar de você. Você pode cuidar de mim. A gente pode ter filhos, se você quiser. Vou colocar o meu mundo a seus pés, Anastasia. Quero você de corpo e alma, para sempre. Por favor, pense nisso.

— Vou pensar, Christian. Vou pensar — tranquilizo-o, recuperando mais uma vez o fôlego. *Filhos? Nossa.* — Mas eu realmente queria falar com o Dr. Flynn, se você não se importar.

— Qualquer coisa para você, baby. Qualquer coisa. Quando você gostaria de vê-lo?

— Quanto antes melhor.

— Certo. Amanhã de manhã eu resolvo isso. — Ele olha para o relógio. — Está tarde. É melhor a gente dormir. — Ele se estica para desligar a lâmpada da cabeceira e me puxa para junto de si.

Olho para o despertador. Merda, já são três e quarenta e cinco.

Ele me envolve em seus braços, minhas costas em seu peito, e mergulha o rosto em meu pescoço.

— Eu amo você, Ana Steele, e quero você ao meu lado, para sempre — murmura, beijando meu pescoço. — Agora durma.

Fecho os olhos.

* * *

RELUTANTE, ABRO MINHAS pálpebras pesadas, e a claridade invade o quarto. Solto um gemido. Sinto-me tonta, desconectada de meus membros de chumbo, e Christian está enrolado em torno de mim feito hera. Como de costume, está muito quente. Não pode ser mais do que cinco da manhã, o alarme ainda não tocou. E estico-me, tentando me libertar de seu calor, girando-me dentro de seus braços, e ele murmura algo ininteligível em seu sono. Olho para o relógio: oito e quarenta e cinco.

Merda, vou chegar atrasada. *Cacete*. Arrasto-me para fora da cama e corro para o banheiro. Tomo banho em quatro minutos, e já estou de volta ao quarto.

Christian se senta na cama, observando-me com um divertimento mal disfarçado, misturado com cautela, enquanto eu me seco e pego minhas roupas. Talvez ele esteja esperando para ver qual será a minha reação às revelações de ontem. Agora, eu simplesmente não tenho tempo.

Dou uma checada nas roupas que escolhi: calça preta, camisa preta. Tudo meio Mrs. Robinson demais, mas não tenho um segundo para mudar de ideia. Visto a calcinha e o sutiã pretos, consciente de que ele está assistindo a cada movimento meu. É... irritante. Vai ter que ser essa calcinha e esse sutiã mesmo.

— Você está bonita — ronrona Christian da cama. — Sabe, você pode ligar e dizer que está doente. — Ele me lança seu sorriso torto e devastador, cento e cinquenta por cento capaz de deixar minha calcinha molhada.

Ah, ele é tão tentador. Minha deusa interior faz beicinho provocantemente para mim.

— Não, Christian, eu não posso. Não sou uma CEO megalomaníaca com um sorriso bonito e que goza de total liberdade.

— Eu gosto de gozar em total liberdade... — Ele sorri e abre um pouco mais seu maravilhoso sorriso, um exemplar em alta definição, versão cinematográfica.

— Christian! — chamo sua atenção e jogo a toalha para ele, e ele ri.

— Sorriso bonito, é?

— É. Você sabe o efeito que tem sobre mim. — Coloco meu relógio de pulso.

— Sei, é? — Ele pisca inocentemente.

— Sim, sabe. O mesmo efeito que produz em todas as mulheres. É realmente muito cansativo ver todas elas desfalecendo por você.

— Ah, é? — Ele ergue a sobrancelha para mim, parecendo ainda mais entretido.

— Não banque o inocente, Sr. Grey, isso não combina nada com você — murmuro distraída ao puxar o cabelo num rabo de cavalo e calçar meus sapatos pretos de salto alto. Pronto, isso vai servir.

Quando me abaixo para lhe dar um beijo de despedida, ele me agarra e me puxa para a cama, inclinando-se sobre mim e sorrindo de orelha a orelha. *Meu Deus*. Ele é tão bonito: os olhos brilhando de malícia, o cabelo despenteado de quem acabou de transar de novo, o sorriso deslumbrante. Agora está em modo brincalhão.

Estou cansada, ainda tentando me recuperar de todas as revelações de ontem à noite, mas ele está novo em folha e sexy para cacete. Ah, meu exasperante Christian.

— O que posso fazer para convencê-la a ficar? — diz ele em voz baixa, e meu coração se acelera, batendo agitado. Ele é a tentação em pessoa.

— Nada — resmungo, esforçando-me para me sentar. — Me solte.

Ele faz beicinho, e eu desisto. Sorrindo, passo meus dedos por sobre seus lábios bem desenhados: meu Cinquenta Tons. Amo tanto esse homem, com toda a sua monumental maluquice. Nem sequer comecei a processar os eventos de ontem e como me sinto em relação a eles.

Eu me inclino para beijá-lo, grata por ter escovado os dentes. Ele me dá um beijo forte e longo, e, em seguida, coloca-me de pé com agilidade, deixando-me atordoada, sem fôlego e um tanto vacilante.

— Taylor vai levar você. É mais rápido do que procurar um lugar para estacionar. Ele está esperando fora do prédio — diz, gentilmente, e parece aliviado.

Será que está preocupado com a minha reação de hoje? Certamente a noite passada — digo, esta manhã — mostrou a ele que não vou fugir.

— Certo. Obrigada — resmungo, decepcionada por estar de pé novamente, confusa por sua hesitação e vagamente irritada por mais uma vez não poder dirigir meu Saab. Mas ele tem razão, é claro, vai ser muito mais rápido ir com Taylor. — Aproveite sua manhã preguiçosa, Sr. Grey. Queria poder ficar, mas o dono da empresa em que trabalho não aprovaria que seus funcionários faltassem só por causa de um sexo gostoso. — Pego minha bolsa.

— Pessoalmente, Srta. Steele, não tenho dúvida alguma de que ele aprovaria. Na verdade, acho que ele insistiria por isso.

— Por que você vai ficar aí na cama? Não é muito a sua cara.

Ele cruza as mãos atrás da cabeça e sorri para mim:

— Porque eu posso, Srta. Steele.

Balanço a cabeça para ele:

— Até mais, baby. — Sopro um beijo e saio do quarto.

* * *

TAYLOR ESTÁ ESPERANDO por mim e parece entender que estou atrasada, porque corre feito um morcego saído do inferno, deixando-me no trabalho às nove e quinze. Fico aliviada quando ele encosta o carro junto ao meio-fio: aliviada por estar viva... o jeito como estava

dirigindo era assustador. E aliviada por não estar terrivelmente atrasada, apenas quinze minutos.

— Obrigada, Taylor — murmuro, pálida. Eu me lembro de Christian me dizendo que ele dirigia tanques; talvez também carros de corrida.

— Ana. — Ele acena e se despede, e eu corro para o escritório, percebendo ao abrir a porta da recepção que Taylor parece ter superado a formalidade do “Srta. Steele”. Isso me faz sorrir.

Claire sorri para mim enquanto passo pela recepção e sigo até minha mesa.

— Ana! — Jack me chama. — Venha aqui.

Merda.

— Que horas são essas? — atira ele.

— Sinto muito. Perdi a hora. — Fico vermelha.

— Não deixe que isso aconteça de novo. Traga um café para mim, e depois preciso que você digite umas cartas. Depressa — grita, fazendo-me encolher.

Por que está tão bravo? Qual é o problema? O que eu fiz? Corro para a cozinha para preparar o café. Talvez eu devesse ter faltado. Eu poderia estar... bem, fazendo algo divertido com Christian, ou tomando café da manhã com ele, ou simplesmente conversando, o que seria uma novidade.

Jack mal se dá conta da minha presença quando me aventuro de volta na sua sala para lhe entregar o café. Ele estica uma folha de papel na minha direção: está manuscrita num garrancho quase ilegível.

— Digite isto, traga aqui para eu assinar, tire xerox e envie para todos os nossos autores.

— Sim, Jack.

Ele não ergue o olhar quando saio da sala. Nossa, está mesmo com raiva.

É com algum alívio que finalmente sento à minha mesa. Tomo um gole de chá enquanto espero meu computador terminar de ligar. Abro meus e-mails.

De: Christian Grey

Assunto: Sentindo sua falta

Data: 15 de junho de 2011 09:05

Para: Anastasia Steele

Por favor use o seu BlackBerry.

Bj,

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele

Assunto: Gente de sorte

Data: 15 de junho de 2011 09:27

Para: Christian Grey

Meu chefe está uma arara.

A culpa é sua por ter me segurado até tarde com as suas... travessuras.

Você devia se envergonhar.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey

Assunto: Travessuras?

Data: 15 de junho de 2011 09:32

Para: Anastasia Steele

Você não precisa trabalhar, Anastasia.

Você não tem ideia de como estou chocado com minhas próprias travessuras.

Mas gosto de fazê-la ficar acordada até tarde ;)

Por favor, use seu BlackBerry.

Ah, e case-se comigo, por favor.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Meu ganha-pão
Data: 15 de junho de 2011 09:35
Para: Christian Grey

Sei que sua tendência natural é ficar insistindo, mas pode ir parando.

Preciso falar com seu psicólogo.

Só então vou dar minha resposta.

Não sou contra continuar vivendo em pecado.

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: BLACKBERRY
Data: 15 de junho de 2011 09:40
Para: Anastasia Steele

Anastasia, se é para começar a falar do Dr. Flynn, então USE O SEU BLACKBERRY.

Não estou pedindo.

Christian Grey
Um CEO fulo da vida, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah, merda. Agora ele está bravo comigo. Bem, por mim ele pode cozinhar em fogo brando. Pego o BlackBerry da bolsa e olho para ele com ceticismo. No mesmo instante, começa a tocar. Será que ele não consegue me deixar em paz por um minuto?

— Sim? — atendo, irritada.

— Ana, oi.

— José! Tudo bem? — Ah, é bom ouvir sua voz.

— Estou bem, Ana. Olhe, você ainda está saindo com aquele tal de Grey?

— Hum, estou... Por quê? — Aonde ele quer chegar com isso?

— Bem, ele comprou todas as suas fotos, e pensei em ir até Seattle para entregá-las. A exposição termina na quinta, então

posso passar aí na sexta à noite. E talvez a gente pudesse beber alguma coisa ou algo assim. Na verdade, eu estava esperando descolar um lugar para dormir também.

— Legal, José. Claro, com certeza a gente pode marcar alguma coisa. Vou falar com Christian e ligo de volta para você, tudo bem?

— Beleza, fico esperando. Tchau, Ana.

— Tchau.

E ele desliga. Nossa mãe. Não tenho notícias de José desde a exposição. Nem sequer perguntei como foi ou se ele vendeu mais alguma foto. Que bela amiga eu sou.

Então, eu poderia sair na sexta à noite com José. O que Christian acharia disso? De repente, reparo que estou mordendo o lábio com tanta força que dói. Ah, aquele sujeito tem dois pesos e duas medidas. Ele pode — e tremo só de pensar no assunto — dar banho na maluca da ex-amante dele, mas provavelmente vai pirar se eu quiser sair para tomar um drinque com José. Como vou lidar com isso?

— Ana! — Jack me arranca de meu devaneio. Ele ainda está com raiva? — Cadê a carta?

— Hum, quase pronta. — Merda. Qual o problema dele hoje?

Digito a carta o mais rápido que posso, imprimo e, nervosa, caminho até sua sala.

— Aqui está. — Coloco a folha em sua mesa e me viro para sair. Jack examina o documento de relance com seus olhos críticos e penetrantes.

— Não sei o que você faz fora daqui, mas eu pago você para trabalhar — grita ele.

— Sei disso, Jack — murmuro, em tom de desculpa. Sinto o meu rosto corar lentamente.

— Está cheio de erros — resmunga ele. — Faça de novo.

Droga. Ele está começando a soar como alguém que eu conheço; no entanto, a grosseria de Christian eu posso tolerar. Jack já está começando a me irritar.

— E me traga outro café, enquanto isso.

— Desculpe — sussurro e corro para fora de sua sala o mais rápido que posso.

Deus do céu. Ele está insuportável. Volto para minha mesa, corrijo com pressa a carta, que tinha dois erros, e verifico o texto inteiro antes de imprimir. Agora está perfeito. Pego mais um café, indicando a Claire com um revirar de olhos que estou na merda hoje. Respiro fundo e entro na sala dele de novo.

— Melhor — murmura ele com relutância ao assinar a carta. — Tire xerox disso, archive o original e mande as cópias para todos os autores. Entendeu?

— Certo. — Não sou uma idiota. — Jack, aconteceu alguma coisa?

Ele ergue o rosto, seus olhos azuis escurecendo à medida que correm meu corpo de cima a baixo. Um arrepio me atravessa a espinha.

— Não.

Sua resposta é curta e grossa, cheia de desdém. E eu permaneço ali, feito a idiota que eu disse que não era, até que deixo a sala. Talvez ele também sofra de algum transtorno de personalidade. Nossa, estou cercada. Sigo até a copiadora, que, naturalmente, resolveu engolir o papel. Quando consigo consertá-la, descubro que o papel acabou. Realmente não é o meu dia.

Quando finalmente retorno à minha mesa e começo a colocar as cartas nos envelopes, meu BlackBerry vibra. Posso ver pela parede de vidro que Jack está ao telefone. Atendo: é Ethan.

— Oi, Ana. Como foi ontem à noite?

Ontem à noite. Uma sequência rápida de imagens cruza a minha mente: Christian de joelhos, sua revelação, seu pedido de casamento, macarrão com queijo, o tanto que chorei, o pesadelo dele, o sexo, tocar seu corpo...

— Hum... tudo bem — murmuro, pouco convincente.

Ethan faz uma pausa e então decide me acompanhar em minha encenação.

— Legal. Posso passar aí para pegar as chaves?

— Claro.

— Passo aí daqui a meia hora. Você vai ter tempo para tomar um café?

— Hoje não. Cheguei atrasada, e meu chefe está bravo feito um urso com dor de cabeça e urtiga na bunda.

— Parece ruim.

— Ruim e feio. — Dou uma risadinha.

Ethan ri e meu humor melhora um pouco.

— Certo. A gente se vê em trinta minutos. — Ele desliga.

Ergo a cabeça e vejo que Jack está olhando para mim. Ah, merda. Decido ignorá-lo e continuo a colocar as cartas nos envelopes.

Meia hora depois, meu telefone toca. É Claire.

— Ele está aqui de novo, na portaria. O deus louro.

É uma alegria ver Ethan depois de toda a angústia de ontem e de todo o mau humor do meu chefe hoje, mas logo ele está indo embora.

— Será que a gente se vê hoje à noite?

— Provavelmente vou ficar com Christian. — Fico vermelha.

— Esse cara pegou você de jeito, hein? — Ethan observa com bom humor.

Dou de ombros. Ah, é muito mais do que isso, e, neste momento, percebo como ele me pegou de jeito mesmo. E para a vida toda. E, surpreendentemente, Christian parece sentir o mesmo. Ethan me dá um abraço rápido.

— Até mais, Ana.

Volto para minha mesa, lutando contra essa constatação. Ah, o que eu não faria por um dia sozinha, para poder pensar em tudo isso.

— Onde você se meteu? — Jack de repente está pairando diante de mim.

— Tive que cuidar de uns assuntos na portaria. — Ele está realmente me dando nos nervos.

— Quero meu almoço. O de sempre — diz abruptamente e volta para sua sala.

Por que não fiquei em casa com Christian? Minha deusa interior cruza os braços e comprime os lábios, ela também quer uma resposta para essa pergunta. Pegando minha bolsa e meu BlackBerry, corro para a porta e verifico meus e-mails.

De: Christian Grey

Assunto: Sentindo sua falta

Data: 15 de junho de 2011 09:06

Para: Anastasia Steele

Minha cama é grande demais sem você.

Parece que vou ter que trabalhar, afinal de contas.

Até mesmo CEOs megalomaníacos precisam de alguma coisa para fazer.

Bj,

Christian Grey

Um CEO entediado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

E logo em seguida, mais um, enviado um pouco mais tarde, esta manhã:

De: Christian Grey

Assunto: Um pouco de discrição...

Data: 15 de junho de 2011 09:50

Para: Anastasia Steele

...não faz mal a ninguém.

Por favor, seja discreta... seus e-mails do trabalho são monitorados.

QUANTAS VEZES TENHO QUE DIZER ISSO?

Sim, maiúsculas gritantes, como você diz. USE SEU BLACKBERRY.

Temos uma consulta com o Dr. Flynn amanhã à noite.

Bj,

Christian Grey

Um CEO ainda fulo da vida, Grey Enterprises Holdings, Inc.

E mais um ainda, de mais tarde. Ah, não.

De: Christian Grey
Assunto: Cri, cri, cri...
Data: 15 de junho de 2011 12:15
Para: Anastasia Steele

Você não me responde.

Por favor, diga que está tudo bem.

Você sabe como eu me preocupo.

Vou mandar Taylor até aí para verificar!

Bj,

Christian Grey
Um CEO muito ansioso, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Reviro os olhos e ligo para ele. Não quero que se preocupe.

— Telefone de Christian Grey, Andrea Parker falando.

Ah. Fico tão desconcertada que não tenha sido Christian quem atendeu que paro no meio da rua, e o jovem atrás de mim resmunga com raiva ao ter que desviar para não esbarrar em mim. Estou de pé sob o toldo verde da lanchonete.

— Alô? Posso ajudar? — Andrea preenche o silêncio incômodo.

— Desculpe... Hum... Eu estava querendo falar com Christian.

— O Sr. Grey está numa reunião neste momento — responde ela com eficiência. — Gostaria de deixar algum recado?

— Você pode dizer a ele que a Ana ligou?

— Ana? Anastasia Steele?

— Hum... Isso. — A pergunta me deixa confusa.

— Só um instante, por favor, Srta. Steele.

Ouçõ com atenção ela afastar o telefone, mas não consigo entender bem o que está acontecendo. Poucos segundos depois, Christian está na linha:

— Você está bem?

— Sim, estou ótima.

Ele solta o ar, aliviado.

— Christian, por que eu não estaria bem? — sussurro de um jeito tranquilizador.

— Você sempre responde meus e-mails tão depressa. Depois de tudo que eu falei ontem à noite, estava preocupado — diz calmamente, e depois ele fala com alguém em seu escritório: — Não, Andrea. Diga a eles para esperarem — diz com firmeza. Ah, conheço esse tom de voz. Não posso ouvir a resposta de Andrea. — Não. Eu disse para esperar — responde ele.

— Christian, obviamente você está ocupado. Só estou ligando para que você saiba que está tudo bem, de verdade. Só estou muito ocupada hoje. Jack está me comendo no chicote. Hum... quero dizer... — Fico vermelha e me calo.

Christian não responde por um minuto.

— Comendo você no chicote, é? Bem, houve uma época em que eu o teria achado um cara de sorte. — Sua voz é cheia de ironia. — Não o deixe ficar por cima, baby.

— Christian! — repreendo-o e sei que ele está sorrindo.

— Só fique de olho nele. Que bom que você está bem. A que horas posso buscar você?

— Eu mando um e-mail.

— Do BlackBerry — diz ele com firmeza.

— Sim, senhor — revido.

— Até mais, baby.

— Até...

Ele ainda está no telefone.

— Ande, desligue — brigo com ele, sorrindo.

Ele solta um suspiro profundo sobre o fone.

— Queria que você não tivesse saído para trabalhar hoje de manhã.

— Eu também. Mas estou ocupada. Desligue.

— Desligue você. — Ouço seu sorriso. Ah, o Christian brincalhão. Amo o Christian brincalhão. Hum... Amo Christian, ponto.

— A gente já teve essa conversa.

— Você está mordendo o lábio.

Merda, ele tem razão. Como ele sabe?

— Sabe, Anastasia, você acha que eu não conheço você. Mas eu a conheço melhor do que pensa — murmura ele daquele jeito sedutor que me deixa fraca, e molhada.

— Christian, a gente conversa mais tarde. Neste instante, eu também realmente gostaria de não ter saído hoje de manhã.

— Fico esperando seu e-mail, Srta. Steele.

— Tenha um bom dia, Sr. Grey.

Desligo o telefone e me apoio na vitrine fria e dura da lanchonete. Meu Deus, ele me domina até pelo telefone. Balanço a cabeça para afastar qualquer pensamento a respeito de Grey e entro na lanchonete, deprimida pela simples ideia de voltar para o Jack.

* * *

QUANDO RETORNO, ele está de cara feia.

— Tudo bem se eu sair para almoçar agora? — pergunto com cuidado.

Ele ergue o olhar para mim e faz uma cara ainda mais feia.

— Se for necessário — resmunga. — Quarenta e cinco minutos. Para compensar o tempo que você perdeu hoje de manhã.

— Jack, posso lhe fazer uma pergunta?

— O quê?

— Você parece meio nervoso hoje. Eu fiz alguma coisa que o ofendeu?

Ele pisca para mim por um instante.

— Acho que não estou no clima para listar os seus pequenos delitos agora. Estou ocupado. — E volta a olhar para o monitor, claramente indicando que devo me retirar.

Uau... O que foi que eu fiz?

Viro-me e deixo sua sala e, por um minuto, acho que vou chorar. Por que ele criou uma aversão tão súbita e intensa por mim? Uma ideia muito desagradável surge em minha cabeça, mas eu a ignoro. Não preciso dessa merda agora. Já tenho o suficiente com que me preocupar.

Saio do prédio e caminho até a Starbucks mais próxima, peço um café com leite e me sento junto à janela. Tiro o iPod da bolsa e

coloco os fones de ouvido. Escolho uma música ao acaso e aperto “repeat” para que ela não pare de tocar. Preciso de um pouco de música para pensar.

Minha mente voa. Christian, o sádico. Christian, o submisso. Christian, o intocável. Os impulsos edipianos de Christian. Christian dando banho em Leila. Solto um gemido e fecho os olhos enquanto a última imagem me assombra.

Posso mesmo me casar com esse homem? Ele é muita coisa para assimilar. É complexo e difícil, mas no fundo sei que não quero deixá-lo, apesar de todos os seus problemas. Nunca poderia deixá-lo. Amo Christian. Seria como cortar meu braço direito fora.

Nunca me senti assim tão viva como agora. Desde que o conheci, experimentei todos os tipos de sentimentos profundos e assombrosos, e de novas experiências. Com Christian, não existe o tédio.

Reverendo minha vida antes dele, é como se tudo tivesse sido em preto e branco, como nas fotos de José. Agora meu mundo inteiro está a cores, e elas são ricas, vivas e saturadas. Estou planando em um raio de luz deslumbrante, a luz ofuscante de Christian. Ainda sou Ícaro, voando perto demais do sol. Rio de mim mesma. Voar com Christian: quem poderia resistir a um homem que pode voar?

Posso desistir dele? Quero desistir dele? É como se ele tivesse ligado um interruptor e me acendido por dentro. Conhecê-lo tem sido um aprendizado. Descobri mais sobre mim nas últimas semanas do que jamais soube em toda a minha vida. Aprendi sobre o meu corpo, meus limites rígidos, meus limites brandos, minha tolerância, minha paciência, minha compaixão e minha capacidade de amar.

E então o pensamento me acerta como se fosse um raio. É disso que ele precisa de mim, é a isso que ele tem direito: amor incondicional. Ele nunca o recebeu da prostituta viciada. É disso que ele precisa. Posso amá-lo incondicionalmente? Posso aceitá-lo pelo que ele é apesar de suas revelações na noite passada?

Sei que ele é problemático, mas não acho que seja irrecuperável. Suspiro, lembrando-me das palavras de Taylor: *“Ele é um homem bom, Srta. Steele.”*

Já tive provas cabais de sua bondade: o trabalho de caridade que ele desempenha, a ética com que conduz seus negócios, sua generosidade. E, ainda assim, ele não a enxerga por si só. Acha que não merece ser amado. Tendo em vista seu passado e suas predileções, tenho uma ideia do desprezo que ele tem por si próprio — é por isso que ele nunca se abriu para ninguém. *Será que consigo ultrapassar essa barreira?*

Certa vez ele me disse que eu não poderia sequer começar a entender as profundezas de sua depravação. Bem, agora ele já me contou, e, dados os primeiros anos de sua vida, não me surpreende... embora ainda tenha sido um choque ouvir aquilo em voz alta. Pelo menos ele me contou... e parece mais feliz agora. Já sei de tudo.

Será que isso desvaloriza o seu amor por mim? Não, acho que não. Ele nunca sentiu isso antes, e nem eu. Nós dois evoluímos muito.

Lágrimas enchem meus olhos e os fazem arder à medida que me recordo das barreiras finais desmoronando na noite passada, no momento em que ele me deixou tocá-lo. E foi preciso que Leila e toda a sua loucura aparecessem para nos conduzir até esse ponto.

Talvez eu devesse me sentir agradecida. O fato de que ele deu banho nela já não me deixa com um gosto tão amargo na boca. Eu me pergunto que roupas ele lhe deu. Espero que não tenha sido o vestido ameixa. Gostava dele.

Então, posso amar esse homem com todos os seus problemas de forma incondicional? Porque ele não merece nada menos do que isso. Ele ainda precisa aprender a ter limites e outros detalhes, como empatia, e a ser menos controlador. Ele diz que já não sente mais vontade de me machucar; talvez o Dr. Flynn seja capaz de lançar alguma luz sobre isso.

Basicamente, isto é o que mais me preocupa: que ele precise disso e que sempre tenha encontrado mulheres como ele, que também precisam disso. FRANZO a testa. Sim, é dessa segurança que eu preciso. Quero ser todas as coisas para esse homem, o alfa e o ômega e tudo que existe entre um e outro, porque ele é tudo para mim.

Espero que Flynn possa me dar algumas respostas, e talvez aí eu possa dizer sim. E Christian e eu possamos encontrar a nossa própria fatia de paraíso junto ao sol.

Olho lá fora, para a Seattle apressada em sua hora de almoço. Sra. Christian Grey. Quem diria? Fito o relógio. *Merda!* Pulo da cadeira e corro para a porta. Uma hora inteira sentada ali, para onde foi o tempo? Jack vai pirar!

* * *

ME ESGUEIRO DE VOLTA para minha mesa. Por sorte, ele não está em sua sala. Parece que escapei dessa vez. Encaro meu monitor sem de fato enxergá-lo, tentando reorganizar meus pensamentos e me focar no trabalho.

— Onde você estava?

Dou um pulo. Jack está de pé atrás de mim, de braços cruzados.

— Estava no subsolo, tirando xerox — minto.

Jack aperta os lábios numa linha fina e intransigente.

— Vou sair para o aeroporto às seis e meia. Preciso que você fique aqui até a hora em que eu for embora.

— Tudo bem. — Abro o sorriso mais doce que sou capaz de produzir.

— Quero dez cópias do meu roteiro em Nova York. E empacote as brochuras. E me traga um café! — rosna ele e volta para sua sala.

Solto um suspiro de alívio e dou a língua para ele enquanto ele fecha a porta atrás de si. Filho da mãe.

* * *

ÀS QUATRO HORAS da tarde, Claire me liga da recepção.

— Tem uma Mia Grey no telefone para você.

Mia? Espero que ela não queira fazer compras.

— Oi, Mia!

— Ana, oi. Como vai? — Seu entusiasmo é sufocante.

— Bem. Ocupada, hoje. E você?

— Estou tão entediada! Precisava achar alguma coisa para fazer, por isso resolvi organizar uma festa de aniversário para o Christian.

Aniversário do Christian? Puxa, eu não tinha ideia.

— Quando é?

— Eu sabia. Eu sabia que ele não iria contar. É no sábado. Mamãe e papai chamaram todo mundo para um jantar de comemoração. Estou oficialmente convidando você.

— Ah, que ótimo. Obrigada, Mia.

— Já liguei para o Christian e disse a ele, e ele me deu o seu número daí.

— Legal.

Minha mente está dando voltas — que diabo posso dar para Christian de aniversário? O que comprar para um homem que já tem tudo?

— E quem sabe a gente não possa almoçar na semana que vem?

— Claro. Que tal amanhã? Meu chefe vai estar em Nova York a trabalho.

— Ah, isso seria legal, Ana. Que horas?

— Quinze para uma?

— Estarei aí. Tchau, Ana.

— Tchau — desligo.

Christian. Aniversário. Que diabo eu compro para ele?

De: Anastasia Steele

Assunto: Antediluviano

Data: 15 de junho de 2011 16:11

Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,

Quando exatamente você ia me contar?

O que eu devo comprar para o meu velho de aniversário?

Quem sabe baterias novas para o aparelho de surdez?

Bj,

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Pré-histórico
Data: 15 de junho de 2011 16:20
Para: Anastasia Steele

Não zombe dos idosos.

Que bom saber que você está bem.

E que Mia entrou em contato.

Baterias novas são sempre úteis.

Não gosto de comemorar meu aniversário.

Bj,

Christian Grey
Um CEO surdo como uma porta, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: HUUUUUM
Data: 15 de junho de 2011 16:24
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,

Posso até vê-lo fazendo beicinho ao escrever essa última frase.

Você sabe o efeito que isso tem em mim.

Bjs,

Anastasia Steele
Assistente de Jack Hyde, Editor, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Revirar de olhos
Data: 15 de junho de 2011 16:29
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,

SERÁ QUE DÁ PARA USAR O SEU BLACKBERRY?

Bj,

Christian Grey
Um CEO com a mão coçando, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Reviro os olhos. Por que ele é tão sensível a respeito dos e-mails?

De: Anastasia Steele
Assunto: Inspiração
Data: 15 de junho de 2011 16:33
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,

Ah... essas mãos não se aguentam paradas por muito tempo, não é?

Eu me pergunto o que o Dr. Flynn diria sobre isso?

Mas agora, já sei o que dar a você de aniversário — e espero ficar bem dolorida...

;))

Um bj.

De: Christian Grey
Assunto: Crise de angina
Data: 15 de junho de 2011 16:38
Para: Anastasia Steele

Srta. Steele,

Não acho que meu coração poderia suportar a tensão de mais um e-mail desses — nem a minha calça, diga-se de passagem.

Comporte-se.

Bj,

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Steele
Assunto: Estou tentando
Data: 15 de junho de 2011 16:42
Para: Christian Grey

Christian,

Estou tentando trabalhar, e meu chefe está impossível.

Por favor, pare de me atrapalhar e de ser você também tão impossível.

Seu último e-mail quase me fez entrar em combustão.

Bj,

PS: Você pode me buscar às seis e meia?

De: Christian Grey
Assunto: Estarei aí
Data: 15 de junho de 2011 16:47
Para: Anastasia Steele

Nada me daria mais prazer.

Na verdade, posso pensar numa série de coisas que me dariam mais prazer, e todas elas envolvem você.

Bj,

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Fico vermelha ao ler sua resposta e balanço a cabeça. Implicar um com o outro por e-mail é muito legal e tal, mas a gente precisa mesmo conversar. Talvez depois da consulta com Flynn. Guardo o BlackBerry e termino o relatório de fluxo de caixa.

* * *

ÀS SEIS E QUINZE, o escritório está vazio. Estou com tudo pronto para Jack. O táxi para o aeroporto já está marcado, e só preciso entregar a ele os documentos que ele precisa levar. Olho ansiosamente pelo vidro da sala dele, mas Jack ainda está absorto num telefonema, e não quero interrompê-lo — não com o humor em que está hoje.

Enquanto espero que ele desligue, me dou conta de que não comi nada durante o dia todo. Ah, merda, Christian não vai gostar disso. Corro até a cozinha para ver se sobrou algum biscoito.

Assim que abro o pote comunitário, Jack aparece do nada na porta da cozinha, dando-me um susto.

Ei. O que ele está fazendo aqui?

Jack me encara.

— Bem, Ana, acho que agora pode ser uma boa hora para discutir os seus pequenos delitos. — Ele entra na cozinha, fechando a porta atrás de si, e no mesmo instante minha boca fica seca e minha cabeça começa a latejar diante dos sinais de perigo.

Ah, merda.

Ele contrai os lábios num sorriso grotesco, e seus olhos brilham com intensidade, um azul-cobalto bem escuro.

— Finalmente tenho você sozinha — diz ele, lambendo lentamente o lábio inferior.

O quê?

— E então, você vai ser boazinha e ouvir com muita atenção o que eu tenho a dizer?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Os olhos de Jack brilham com um azul mais escuro, e ele sorri com desdém ao lançar um olhar malicioso por todo o meu corpo.

O medo me paralisa. O que é isso? O que ele quer? Em algum recanto dentro de mim, apesar da boca seca, encontro a determinação e a coragem para balbuciar algumas palavras, o mantra das minhas aulas de autodefesa “Mantenha-os falando” reverberando em meu cérebro feito um protetor vindo do além.

— Jack, acho que agora não é um bom momento para isso. Seu táxi vai chegar em dez minutos, e eu preciso lhe entregar os documentos. — Minha voz soa calma, mas rouca, traindo-me.

Ele sorri, e é um sorriso despótico, como se dissesse “que se foda”, e isso se reflete em seus olhos. Eles brilham sob a luz fluorescente e fria da lâmpada comprida acima de nós nesse cômodo monótono e sem janelas. Então dá um passo em minha direção, encarando-me, sem desviar os olhos dos meus. Suas pupilas vão se dilatando, posso ver o preto eclipsando o azul. Ah, não. Meu medo começa a aumentar.

— Você sabe que eu tive que brigar com Elizabeth para dar esta vaga para você... — Sua voz vai sumindo à medida que ele dá outro passo na minha direção.

Dou um passo para trás, batendo nos armários encardidos da cozinha. *Mantenha-o falando, mantenha-o falando, mantenha-o falando.*

— Jack, qual é o problema? Se você quer expor as suas queixas a meu respeito, então talvez a gente devesse falar com o RH. A gente pode fazer uma reunião com Elizabeth em um ambiente mais formal.

Cadê os seguranças? Ainda estão no prédio?

— A gente não vai precisar do RH para resolver essa situação, Ana. — Ele ri. — Quando contratei você, achei que você seria

dedicada. Achei que você tinha potencial. Mas, agora, estou na dúvida. Você anda distraída e desleixada. E eu fico me perguntando... será que é o seu *namorado* que está desviando você do foco? — e pronuncia a palavra “namorado” com um desprezo assustador. — Então, resolvi dar uma olhada nos seus e-mails para ver se descobria alguma coisa. E sabe o que eu encontrei, Ana? O que era esquisito? Os únicos e-mails pessoais na sua conta foram enviados para o seu namorado todo-poderoso. — Ele faz uma pausa, avaliando minha reação. — E eu comecei a pensar... cadê os e-mails dele? Eles não existem. Nada. Nenhum. E então, Ana, que história é essa? Como é possível os e-mails dele não estarem no nosso sistema? Você é algum tipo de espiã industrial colocada aqui pela empresa de Grey? É isso?

Putá merda, os e-mails. *Droga*. O que foi que eu escrevi?

— Jack, do que você está falando?

Tento parecer perplexa, e sou bem convincente. Essa conversa não está indo do jeito que eu esperava, e não confio nem um pouco nele. Jack está exalando algum feromônio subliminar que me deixa em estado de alerta. Trata-se de um sujeito nervoso, inconstante e totalmente imprevisível. Tento argumentar com ele.

— Você acabou de dizer que teve que convencer Elizabeth a me contratar. Então como eu poderia ter sido colocada aqui como espiã? Decida-se, Jack.

— Mas foi o Grey quem estragou a viagem para Nova York, não foi?

Droga.

— Como foi que ele fez isso, Ana? O que foi que o riquinho e metido do seu namorado fez isso?

O pouco sangue que me restava no rosto vai embora. Acho que vou desmaiar.

— Não sei do que você está falando, Jack — sussurro. — O táxi vai chegar daqui a pouco. Não é melhor eu ir buscar as suas coisas? — Por favor, deixe-me sair. Pare com isso.

Jack continua, divertindo-se com meu desconforto.

— Ele achou que eu ia dar em cima de você? — Ele sorri, e sinto seus olhos se aquecerem. — Bem, quero que você pense numa coisa enquanto eu estiver em Nova York. Eu consegui este emprego

para você, e espero que você me mostre alguma gratidão. Aliás, tenho direito a um pouco de gratidão. Tive que lutar por você. Elizabeth queria alguém mais bem qualificada, já eu... eu vi algo em você. Então, nós precisamos fechar um acordo. Um acordo no qual você me mantenha satisfeito. Você está me entendendo direitinho, Ana?

Merda!

— Encare isso como uma redefinição da descrição do seu cargo. E se você me mantiver satisfeito, não vou tentar descobrir como o seu namorado está mexendo os pauzinhos dele, se é puxando o saco dos contatos que tem ou se é molhando a mão de algum coleguinha de faculdade.

Fico boquiaberta. *Ele está me chantageando. Em troca de sexo!* E o que posso dizer? A notícia da compra da editora não pode ser anunciada pelas próximas três semanas. Mal posso acreditar no que está acontecendo. Sexo... comigo!

Jack se aproxima até ficar de pé bem na minha frente, olhando nos meus olhos. Seu perfume doce e enjoativo invade minhas narinas, o cheiro chega a me dar náuseas, e, se não estou enganada, sinto um odor amargo de álcool em seu hálito. *Cacete, ele andou bebendo... quando?*

— Você é uma vadia que gosta de provocar meu pau com essa roupinha apertada, não é, Ana? — sussurra ele entre os dentes.

O quê? Provocar seu pau... Eu?

— Jack, não sei do que você está falando — respondo, sentindo uma onda de adrenalina atravessar meu corpo.

Ele está mais perto agora. Aguardo o momento de agir. Ray vai ficar orgulhoso de mim. Ele me ensinou o que fazer. Ray sabe tudo a respeito de autodefesa. Se Jack encostar um dedo em mim — se ele ao menos respirar perto demais de mim —, derrubo o filho da mãe em dois tempos. Minha respiração se acelera. *Não posso desmaiar, não posso desmaiar.*

— Olhe só para você. — Ele me lança um olhar cheio de malícia. — Você está morrendo de tesão, dá para ver. Você fica só me dando mole. Lá no fundo, você quer. Eu sei.

Putá merda. O cara está delirando completamente. Meu medo atinge alerta máximo, ameaçando me dominar.

— Não, Jack. Nunca dei mole para você.

— Ah, deu sim, sua cadela assanhada. Eu sei ler as entrelinhas.

Ele estica o braço e delicadamente afaga meu rosto com as costas dos dedos, até o meu queixo. Seu indicador acaricia meu pescoço, e meu coração praticamente sobe até a boca à medida que tento conter a ânsia de vômito. Ele toca a reentrância na base do meu pescoço, bem no ponto em que o primeiro botão da camisa preta está aberto, e aperta a mão contra o meu peito.

— Você me quer, Ana. Admita.

Mantendo os olhos fixos nos dele e concentrando-me no que tenho de fazer — em vez de no medo e em minha repulsa galopante —, coloco a mão de leve sobre a dele, como numa carícia. Jack sorri em triunfo. Em seguida, agarro seu dedo mindinho e o torço para trás, puxando-o bruscamente para baixo, na direção de seu quadril.

— Ai! — Ele grita de dor e surpresa.

No instante em que ele perde o equilíbrio, ergo o joelho num golpe rápido e violento em sua virilha, acertando o alvo em cheio. Com habilidade, esquivo-me para a esquerda, e seus joelhos se dobram, derrubando-o no chão da cozinha com um gemido de dor e as mãos entre as pernas.

— Nunca mais encoste em mim — rosno para ele. — O roteiro da sua viagem e os folhetos estão empacotados na minha mesa. Estou indo para casa. Faça uma boa viagem. E, daqui para a frente, trate de ir buscar seu próprio café.

— Sua filha da puta desgraçada! — Ele meio que grita e meio que geme para mim, mas eu já saí da cozinha.

Corro até minha mesa, pego o casaco e a bolsa e desço às pressas para a recepção, ignorando os gemidos e xingamentos que emanam do filho da mãe ainda prostrado no chão da cozinha. Saio do prédio e paro por um instante, sentindo o ar gelado bater em meu rosto. Respiro fundo e tento me recompor. Mas não comi nada o dia inteiro, e à medida que a onda indesejável de adrenalina começa a diminuir, minhas pernas ficam moles sob meu corpo, e eu desabo no chão.

Com certo distanciamento, assisto ao filme em câmera lenta que se desenrola diante de mim: Christian e Taylor, ambos de terno

escuro e camisa branca, pulando para fora do carro que estava esperando por mim e correndo na minha direção. Christian se ajoelha ao meu lado, e, em algum plano inconsciente, tudo o que eu posso pensar é: *Ele está aqui. Meu amor está aqui.*

— Ana, Ana! O que foi?

Ele me segura no colo e corre as mãos para cima e para baixo ao longo de meus braços, procurando por algum sinal de lesão. Agarrando minha cabeça entre as mãos, ele coloca os olhos cinzentos e aterrorizados nos meus. Eu me debruço no corpo dele, subitamente dominada pelo alívio e pelo cansaço. Ah, os braços de Christian. Não existe nenhum outro lugar onde eu queira estar.

— Ana. — Ele me sacode com carinho. — O que foi? Está passando mal?

Nego com a cabeça, percebendo que preciso começar a me comunicar.

— Jack — sussurro, e sinto, mais do que vejo, Christian lançar uma olhada rápida para Taylor, que de uma hora para outra desaparece para dentro do prédio.

— Merda! — Christian me envolve em seus braços. — O que aquele babaca fez com você?

E, de algum lugar dentro de mim, uma risada entala na minha garganta e eu me lembro do espanto absoluto de Jack no momento em que agarrei o mindinho dele.

— Foi o que eu fiz com ele. — Começo a rir e não consigo mais parar.

— Ana! — Christian me sacode de novo, e eu paro de rir. — Ele encostou em você?

— Só uma vez.

Seus músculos se retesam à medida que a raiva toma conta dele, e Christian fica de pé num segundo, poderoso, firme como uma pedra, segurando-me em seus braços. E está furioso. *Não!*

— Cadê esse filho da puta?

De dentro do edifício ouvimos gritos abafados. Christian me coloca de pé.

— Você consegue ficar de pé sozinha?

Faço que sim com a cabeça.

— Não vá lá dentro. Não, Christian.

De repente, o medo me domina de novo, medo do que Christian vai fazer a Jack.

— Entre no carro — rosna ele para mim.

— Christian, não. — Agarro o braço dele.

— Entre na merda do carro, Ana. — Ele afasta meu braço.

— Não! Por favor! — imploro. — Fique comigo. Não me deixe aqui sozinha. — Utilizo minha melhor arma.

Fervendo de raiva, Christian corre a mão pelo cabelo e me encara, claramente dividido. Os gritos dentro do prédio aumentam e então cessam de repente.

Ah, não. O que Taylor fez?

Christian pega o BlackBerry.

— Christian, ele abriu os meus e-mails.

— O quê?

— Meus e-mails para você. Ele queria saber onde os seus e-mails para mim foram parar. Ele estava tentando me chantagear.

O olhar de Christian é sanguinário.

Ai, merda.

— Porra! — Ele explode e estreita os olhos para mim. Em seguida digita um número no celular.

Ah, não. Estou ferrada. Para quem ele está ligando?

— Barney. Aqui é o Grey. Preciso que você acesse o servidor principal da SIP e limpe todos os e-mails de Anastasia Steele para mim. Depois, acesse o arquivo pessoal de Jack Hyde e verifique se ele não tem nenhuma cópia deles. Se tiver, apague tudo... Isso, tudo. Agora. Avise-me assim que terminar.

Ele aperta com força o botão de desligar; em seguida, digita outro número.

— Roach. Aqui é o Grey. Jack Hyde... quero ele na rua. Agora. Neste minuto. Chame a segurança. Faça com que ele esvazie a mesa imediatamente ou eu vou liquidar essa empresa amanhã de manhã. Você já tem todos os motivos de que precisa para demitir o cara. Entendeu? — Ele fica ouvindo por um instante e então desliga, aparentemente satisfeito. — BlackBerry — sussurra para mim entre os dentes.

— Por favor, não fique bravo comigo. — Pisco para ele.

— Estou com muita raiva de você agora — rosna ele e mais uma vez corre a mão pelo cabelo. — Entre no carro.

— Christian, por favor...

— Entre na merda do carro, Anastasia, ou então eu mesmo vou colocar você lá dentro — ameaça ele, os olhos em chamas de tanta fúria.

Merda.

— Não faça nenhuma burrice, por favor — imploro.

— Nenhuma BURRICE! — explode. — Eu disse para você usar a porra do BlackBerry. Então não venha me falar de burrice. Entre na merda do carro, Anastasia, AGORA! — rosna ele, e sinto um arrepio de medo.

Este é o Christian Muito Bravo. Nunca o vi com tanta raiva antes. Ele mal consegue se controlar.

— Tudo bem — murmuro, tentando acalmá-lo. — Mas, por favor, tenha cuidado.

Apertando os lábios em uma linha rígida, ele aponta com raiva para o carro, os olhos fixos em mim.

Caramba, tudo bem, já entendi o recado.

— Por favor, tenha cuidado. Não quero que nada aconteça com você. Se alguma coisa acontecesse, acho que eu morreria — murmuro.

Ele pisca depressa e fica parado por um instante. Em seguida respira fundo e baixa o braço.

— Vou ter cuidado — diz, o olhar se suavizando.

Ah, graças a Deus. Seus olhos queimam em mim enquanto caminho até o carro, abro a porta do carona e me sento no banco da frente. Uma vez que estou em segurança, no conforto do Audi, ele some dentro do prédio, e meu coração pula novamente até minha boca. O que ele pretende fazer?

Fico sentada, esperando. Esperando. Esperando. Os cinco minutos mais longos da história. O táxi de Jack estaciona na frente do Audi. Dez minutos. Quinze. Caramba, o que eles estão fazendo lá dentro, e como será que Taylor está? A espera é dolorosa.

Vinte e cinco minutos depois, Jack emerge do edifício segurando uma caixa de papelão. Atrás dele vem um dos seguranças do prédio. Onde ele estava, mais cedo? E depois surgem Christian e

Taylor. Jack parece arrasado. Ele vai direto para o táxi, e eu agradeço que os vidros do Audi sejam tão escuros que ele não possa me ver. O táxi dá a partida — provavelmente não mais para o aeroporto — enquanto Christian e Taylor caminham até o carro.

Christian entra no carro com elegância, sentando-se no banco do motorista, talvez porque eu esteja sentada na frente. Taylor se senta no banco atrás de mim. Nenhum dos dois fala uma palavra sequer, e Christian liga o carro e começa a dirigir. Arrisco uma olhada rápida para ele. Sua boca está contraída numa linha rígida, mas ele parece distraído. O telefone do carro toca.

— Grey — atende Christian.

— Sr. Grey, aqui é Barney.

— Barney, estou no viva-voz, e há outras pessoas no carro — alerta Christian.

— Senhor, tudo certo. Mas tenho que falar com o senhor a respeito do que mais encontrei no computador do Sr. Hyde.

— Eu ligo quando chegar ao meu destino. E obrigado, Barney.

— Sem problema, Sr. Grey.

Barney desliga. A voz parece de alguém muito mais jovem do que eu imaginava.

O que mais havia no computador de Jack?

— Você parou de falar comigo? — pergunto, de mansinho.

Christian me olha de relance antes de voltar os olhos para o trânsito, e sei que ainda está com raiva.

— Parei — resmunga, emburrado.

Ah, lá vamos nós... que infantil. Cruzo os braços e encaro a janela sem enxergar a vista lá fora. Talvez eu devesse simplesmente pedir para ele me deixar no meu apartamento; então ele poderia “não falar” comigo de lá, na segurança do apartamento dele no Escala, e poupar a nós dois de ter que encarar uma briga inevitável. Mas, mesmo ao pensar nisso, sei que não quero deixá-lo se remoendo, não depois de ontem.

Enfim, Christian encosta diante de seu prédio e sai do carro. Caminhando com elegância, ele contorna o Audi e abre a minha porta.

— Vamos — ordena para mim enquanto Taylor se senta no banco do motorista.

Seguro sua mão estendida e o sigo pela portaria a caminho do elevador. Ele não solta minha mão.

— Christian, por que está tão bravo comigo? — sussurro enquanto esperamos.

— Você sabe por quê — resmunga assim que entramos no elevador e ele digita o código para o seu andar. — Deus, se alguma coisa tivesse acontecido com você, ele estaria morto agora. — A voz de Christian me faz sentir um calafrio na espinha.

As portas se fecham.

— Mas eu vou acabar com a carreira dele. Assim ele nunca mais vai poder tirar proveito de moças como você. Aquele projeto miserável de homem. — Ele balança a cabeça. — Meu Deus, Ana! — E me agarra de repente, apertando-me contra o canto do elevador.

Suas mãos se prendem em meu cabelo enquanto ele puxa meu rosto contra o seu e gruda a boca na minha, um desespero apaixonado em seu beijo. Não sei por quê, mas isso me pega de surpresa. Eu provo o seu alívio, seu desejo e a sua raiva residual, sua língua possuindo minha boca. Ele para, olha para mim, descansando seu peso contra o meu corpo de forma que não posso me mover. Fico sem fôlego, agarrando-me a ele para me equilibrar, olhando para cima, para aquele belo rosto marcado pela determinação e sem qualquer traço de humor.

— Se alguma coisa tivesse acontecido com você... Se ele tivesse machucado você... — Sinto um arrepio percorrer o seu corpo. — De agora em diante — ordena calmamente —, só pelo BlackBerry. Entendeu?

Faço que sim com a cabeça, engolindo em seco, incapaz de quebrar o contato visual com seu olhar sombrio e hipnotizante.

Ele se ajeita e me solta assim que o elevador para.

— Ele disse que você deu um chute no saco dele. — O tom de Christian é mais leve, com um toque de admiração, e acho que estou perdoada.

— Dei — sussurro, ainda me recuperando da intensidade do beijo e de sua ordem apaixonada.

— Que bom.

— Ray foi do exército. Ele me ensinou direitinho.

— Fico muito feliz em saber. — Ele respira e acrescenta, arqueando uma das sobrancelhas. — É bom eu me lembrar disso. — Segurando minha mão, ele me conduz para fora do elevador e eu o sigo, aliviada.

Acho que seu humor não deve ficar muito pior do que está.

— Preciso ligar para o Barney. Não vou demorar.

Ele desaparece em seu escritório, deixando-me sozinha na sala de estar. A Sra. Jones está terminando de preparar nosso jantar. E me dou conta de que estou faminta, mas preciso de alguma coisa para me distrair.

— Posso ajudar? — pergunto.

Ela ri.

— Não, Ana. Quer que eu prepare alguma bebida ou algo assim? Você parece abatida.

— Adoraria uma taça de vinho.

— Branco?

— Sim, por favor.

Subo em um dos bancos, e ela me passa uma taça gelada de vinho. Não sei qual é, mas é delicioso, e desce com muita facilidade, suavizando meus nervos despedaçados. No que eu estava pensando hoje mais cedo? Em como me sinto viva desde que conheci Christian. Em como a vida se tornou excitante. Puxa, será que eu não poderia ter ao menos alguns diazinhos maçantes?

E se eu nunca tivesse conhecido Christian? Eu estaria enfurnada em meu apartamento, conversando com Ethan, completamente assustada com a situação com Jack, sabendo que teria de enfrentar o filho da mãe de novo na sexta-feira. Agora, o mais provável é que eu nunca mais o veja novamente. Mas para quem eu vou trabalhar agora? FRANZO a testa. Ainda não tinha pensado nisso. Merda, será que ainda tenho um emprego?

— Boa noite, Gail — diz Christian ao voltar para a sala de estar, arrancando-me de meus pensamentos.

Ele caminha direto para a geladeira e se serve uma taça de vinho.

— Boa noite, Sr. Grey. Jantar em dez minutos?

— Boa ideia.

Christian ergue sua taça.

— A ex-militares que treinam bem suas filhas — diz, e seus olhos ficam mais brandos.

— Saúde — balbucio, levantando a taça.

— O que foi? — pergunta Christian.

— Não sei se ainda tenho um emprego.

Ele deita a cabeça de lado.

— Você ainda quer um?

— Claro.

— Então você ainda tem.

Simples. Está vendo? Ele é o mestre do meu universo. Reviro os olhos para ele, e ele sorri.

* * *

A SRA. JONES faz uma torta de frango e tanto. Ela nos deixou sozinhos para aproveitar a refeição, e já me sinto muito melhor agora que comi alguma coisa. Estamos sentados na cozinha, e apesar de toda a minha bajulação, Christian não quer me contar o que Barney encontrou no computador de Jack. Decido deixar o assunto para lá e abordar logo a questão espinhosa da iminente visita de José.

— José ligou — digo calmamente.

— Ah, é? — Christian se vira para mim.

— Ele quer entregar suas fotos na sexta-feira.

— Uma entrega em pessoa. Que gentil da parte dele — murmura Christian.

— E ele quer sair. Para um drinque. Comigo.

— Sei.

— Kate e Elliot já devem estar de volta na sexta — acrescento rapidamente. Christian baixa o garfo, franzindo a testa para mim.

— O que exatamente você está me pedindo?

Fico logo eriçada.

— Não estou pedindo nada. Estou informando a você quais são os meus planos para sexta-feira. Quero encontrar José, e ele quer passar a noite em Seattle. Ou ele fica aqui ou ele pode ficar no meu apartamento, mas se ele for dormir lá, eu tenho que estar lá também.

Christian arregala os olhos. Parece estarrecido.

— Mas ele deu em cima de você.

— Christian, isso foi há semanas. Ele estava bêbado, eu estava bêbada, você salvou o dia. Não vai acontecer de novo. Ele não é o Jack, pelo amor de Deus.

— Ethan está lá. Ele pode fazer companhia a ele.

— Ele quer encontrar comigo, e não com Ethan.

Christian faz cara feia para mim.

— Ele é só um amigo — minha voz é enfática.

— Não gosto disso.

E daí? Nossa, às vezes ele é tão irritante. Respiro fundo.

— Ele é meu amigo, Christian. Eu não o vejo desde a exposição. E ficamos muito pouco tempo lá. Sei que você não tem amigos além daquela mulher horrorosa, mas não fico aqui reclamando que você não pode se encontrar com ela — ataco. Christian pisca para mim, chocado. — Quero encontrar com ele. Tenho sido uma péssima amiga. — Meu inconsciente está alarmado. *Você está batendo o pé? Preste atenção!*

Os olhos cinza de Grey brilham para mim.

— É isso que você acha? — Ele suspira.

— De quê?

— De Elena. Você preferia que eu não encontrasse com ela?

— É. Eu preferia que você não encontrasse com ela.

— E por que você não me disse?

— Porque não cabe a mim dizer. Você diz que ela é a sua única amiga. — Dou de ombros, exasperada. Ele realmente não entende. Como foi que ela se tornou o foco da questão? Não quero nem pensar nela. Tento trazer José de volta para a conversa. — Assim como não cabe a você dizer se eu posso ou não encontrar com José. Você não entende isso?

Christian olha para mim, e parece perplexo. *O que ele está pensando?*

— Ele pode ficar aqui, suponho — resmunga. — Aqui eu posso ficar de olho nele — diz, petulante.

Aleluia!

— Obrigada! Sabe, se eu for passar a morar aqui também... — minha voz diminui. Christian faz que sim com a cabeça. Ele sabe o

que estou tentando dizer. — Não é como se estivesse faltando espaço — sorrio.

Seus lábios se curvam lentamente.

— Você está rindo de mim, Srta. Steele?

— Pode ter certeza, Sr. Grey.

Por via das dúvidas, eu me levanto, vai que suas mãos começam a coçar de novo. Limpo os pratos e em seguida os coloco no lava-louças.

— Gail pode fazer isso.

— Agora eu já fiz.

Eu me levanto e o encaro. Ele está me observando atentamente.

— Tenho que trabalhar um pouco — diz, desculpando-se.

— Tudo bem. Eu arrumo alguma coisa para fazer.

— Venha aqui — ordena ele, mas sua voz é suave e sedutora, e seu olhar é cálido.

Não hesito em entrar em seu abraço, apertando-o em volta do pescoço enquanto ele permanece sentado no banco. Ele passa os braços ao redor do meu corpo, aperta-me com força e apenas me segura.

— Você está bem? — sussurra em meu cabelo.

— Bem?

— Depois do que aconteceu com aquele filho da puta? Depois do que aconteceu ontem? — acrescenta, a voz calma e sincera.

Fito seus olhos sombrios e sérios. *Se estou bem?*

— Estou — sussurro.

Ele me aperta em seus braços, e eu me sinto segura, valorizada e amada ao mesmo tempo. É uma alegria. Fecho os olhos e desfruto da sensação de estar em seus braços. Amo esse homem. Adoro seu cheiro inebriante, sua força, seu jeito inconstante. Meu Cinquenta Tons.

— Não vamos brigar — murmura ele e beija meu cabelo, inspirando profundamente. — Seu cheiro é sempre tão gostoso, Ana.

— O seu também — sussurro e beijo seu pescoço.

E, rápido demais, ele me solta.

— Devo demorar só umas duas horas.

* * *

CAMINHO DESANIMADA PELO apartamento. Christian ainda está trabalhando. Tomei um banho e vesti uma calça de moletom e uma das minhas camisetas, e estou entediada. Não quero ler. Se eu ficar parada, vou me lembrar das mãos de Jack em mim.

Dou uma olhada no meu antigo quarto, o quarto das submissas. José pode dormir aqui, ele vai gostar da vista. São umas oito e quinze, e o sol está começando a mergulhar a oeste. As luzes da cidade brilham abaixo de mim. É magnífico. Sim, José vai gostar daqui. Onde será que Christian vai pendurar as fotos? Eu preferiria que ele não as pendurasse. Não estou interessada em ficar olhando para mim mesma.

De volta ao corredor, vejo-me de pé diante do quarto de jogos, e, sem pensar, testo a maçaneta. Christian normalmente deixa a porta trancada, mas, para minha surpresa, ela se abre. Que estranho. Sentindo-me feito uma criança que está matando aula para se aventurar pela floresta proibida, entro no quarto. Está escuro. Acendo o interruptor, e as luzes sob a cornija emitem um brilho suave. É exatamente como eu me lembrava. O quarto parece uma espécie de útero.

A memória da última vez em que estive aqui cruza a minha mente. O cinto... Estremeço com a recordação. Agora ele está pendurado ali, inocente, alinhado junto a outros na prateleira ao lado da porta. Timidamente, corro os dedos pelos cintos, açoites, palmatórias e chicotes. Caramba. É sobre isso que preciso falar com o Dr. Flynn. Será que alguém que tem esse estilo de vida consegue simplesmente parar? Parece tão improvável. Caminho até a cama e me sento nos lençóis macios de cetim vermelho, olhando todos aqueles aparelhos ao meu redor.

Ao meu lado está o banco; acima dele, diversos tipos de varas. São tantas! Uma só já devia ser suficiente, não? Bem, quanto menos se falar disso, melhor. E a mesa grande. Nunca cheguei a experimentar, seja lá o que ele faz nela. Meus olhos se voltam para o sofá de couro, e eu me sento nele. É só um sofá, nada de excepcional — não tem nada para prender alguém, não que eu

possa ver. Olhando para trás, vejo a cômoda de museu. Minha curiosidade se aguça. O que ele guarda nela?

À medida que abro a gaveta, percebo que meu sangue está pulsando acelerado em minhas veias. Por que estou tão nervosa? Tenho a sensação de que estou fazendo algo ilícito, como se estivesse invadindo o território de alguém, e é claro que estou. Mas se ele quer se casar comigo, então...

Putá merda, o que é tudo isso? Cuidadosamente alinhados na gaveta, estão instrumentos e apetrechos bizarros — não tenho a menor ideia do que são ou de para que servem. Escolho um, em forma de bala de revólver e com uma espécie de alça. *Hum... que diabo se faz com isso?* Minha mente hesita, mas acho que tenho uma ideia. E existem quatro modelos de tamanhos diferentes! Sinto o couro cabeludo pinicar e olho para cima.

Christian está de pé na porta, olhando para mim, o rosto ilegível. Há quanto tempo está ali? Sinto-me pega em flagrante.

— Oi. — Sorrio, nervosa, e sei que estou com os olhos arregalados e pálida feito um fantasma.

— O que você está fazendo? — pergunta ele gentilmente, mas sinto algo por trás de seu tom de voz.

Merda. Ele está com raiva? Fico vermelha.

— Hum... Eu estava entediada e curiosa — balbucio, envergonhada de ter sido descoberta. Ele tinha dito que iria trabalhar por duas horas.

— É uma combinação muito perigosa. — Ele corre o indicador ao longo do lábio inferior em contemplação silenciosa, sem tirar os olhos de mim.

Minha boca fica seca.

Ele entra no quarto devagar e fecha a porta silenciosamente atrás de si, seus olhos cinzentos pegando fogo. *Meu Deus*. Ele se debruça casualmente sobre a cômoda, mas acho que sua postura é enganosa. Minha deusa interior não sabe se é hora de lutar ou de fugir.

— E então, sobre o que exatamente você está curiosa, Srta. Steele? Talvez eu possa tirar suas dúvidas.

— A porta estava aberta... e eu...

Encaro Christian, prendendo a respiração e piscando; como sempre, incerta sobre qual vai ser a sua reação ou sobre o que devo dizer. Seus olhos estão sombrios. Acho que está se divertindo, mas é difícil saber. Ele apoia os cotovelos na cômoda e repousa o queixo nas mãos entrelaçadas.

— Eu estava aqui hoje mais cedo pensando no que fazer com tudo isso. Devo ter esquecido de trancar. — Por um instante, ele faz uma cara feia, como se o fato de ter deixado a porta aberta fosse uma desatenção terrível. Franzo a testa... não é do feitio dele se esquecer das coisas.

— Ah?

— Mas agora você está aqui, curiosa como sempre. — Sua voz é suave, intrigada.

— Você não está com raiva? — sussurro, gastando o que me resta de fôlego.

Ele inclina a cabeça, e seus lábios se contraem, divertindo-se.

— Por que eu estaria com raiva?

— Eu me sinto como se estivesse invadindo seu território... e você sempre fica com raiva de mim. — Minha voz é calma, mas estou aliviada.

Christian franze a testa mais uma vez.

— Sim, você está invadindo, mas não estou com raiva. Espero que um dia você venha viver comigo aqui, e tudo isso — ele acena vagamente com uma das mãos para o quarto — vai ser seu também.

Meu quarto de jogos...? Eu o encaro, boquiaberta. Isso é muita informação para assimilar.

— É por isso que eu estava aqui hoje. Tentando decidir o que fazer. — Ele toca os lábios com o indicador. — Sempre fico com raiva de você? Não estava com raiva hoje de manhã.

Ah, isso é verdade. Sorrio ao me lembrar de Christian quando acordamos hoje, o que me distrai da ideia a respeito do que acontecerá com o quarto de jogos. Ele estava no modo divertido hoje de manhã.

— Você estava brincalhão. Gosto do Christian brincalhão.

— Gosta, é? — Ele arqueia uma sobrancelha, e sua boca maravilhosa se curva em um sorriso, um sorriso tímido. Uau!

— O que é isto? — Ergo o objeto prateado em formato de bala de revólver.

— Sempre faminta por informação, Srta. Steele. Isso é um plugue anal — diz ele, calmamente.

— Ah...

— Comprado para você.

O quê?

— Para mim?

Ele faz que sim lentamente, uma expressão séria e cautelosa no rosto.

Franzo a testa.

— Você compra, hum... brinquedos novos... para cada submissa?

— Algumas coisas, sim.

— Plugues anais?

— Isso.

Certo... Engulo em seco. Plugue anal. É metal puro — deve ser desconfortável, não? Recordo a discussão sobre brinquedos sexuais e limites rígidos assim que eu me formei. Acho que na época eu disse que iria tentar. Agora, diante de um brinquedo de verdade, não sei se é algo que queira fazer. Examino-o mais uma vez e o coloco de volta na gaveta.

— E isso? — Pego um objeto longo e preto de borracha, feito de bolinhas presas umas às outras e que vão diminuindo gradualmente de tamanho, a primeira grande e a última bem pequena. Oito no total.

— Esferas anais — diz Christian, observando-me atentamente.

Hum... Examino-as com horror fascinado. Todas elas, dentro de mim... *lá!* Eu não tinha ideia.

— Produzem um efeito e tanto se você as retirar no meio de um orgasmo — acrescenta com naturalidade.

— E são para mim? — pergunto num sussurro.

— Para você. — Ele acena lentamente com a cabeça.

— Esta é a gaveta anal?

Ele sorri.

— Se você quiser chamar assim.

Fecho-a rapidamente, sentindo-me vermelha feito um sinal de trânsito.

— Não gosta da gaveta anal? — pergunta, com inocência, achando graça.

Olho para ele e dou de ombros, tentando encobrir meu choque com um ar de confiança.

— Não está na minha lista de presentes de Natal — murmuro, indiferente.

Vacilante, abro a segunda gaveta. Ele sorri.

— A gaveta de baixo tem uma seleção de vibradores.

Fecho-a rapidamente.

— E a seguinte? — sussurro, mais uma vez pálida, mas agora de vergonha.

— Essa é mais interessante.

Hum... Hesitante, abro a gaveta sem desviar os olhos de seu belo e convencido rosto. Lá dentro, há uma variedade de artigos de metal e alguns pregadores de roupa. Pregadores de roupa! Pego um objeto grande de metal parecido com um clipe de papel.

— Grampo genital — diz Christian.

Ele se afasta da cômoda e caminha casualmente até ficar de pé ao meu lado. Coloco o grampo de volta imediatamente no lugar e escolho algo mais delicado: dois pequenos cliques presos por um aro.

— Alguns desses são para produzir dor, mas a maioria é para o prazer — ele sussurra.

— O que é isso?

— Grampo de mamilo... esse é para os dois.

— Os dois? Mamilos?

Christian sorri para mim.

— Bem, são dois grampos, baby. Claro, para os dois mamilos, mas não foi isso o que eu quis dizer. Eles são tanto para o prazer quanto para a dor.

Ah. Ele os tira de minha mão.

— Me dê seu mindinho.

Estendo o dedo para ele, e ele coloca um dos grampos na ponta. Não dói muito.

— A sensação é muito intensa, mas é ao se tirar os grampos que eles são realmente dolorosos e prazerosos.

Solto o grampo. Hum, isso talvez seja bom. Eu me contorço só de pensar.

— Gostei desses — murmuro, e Christian sorri.

— Gostou, é, Srta. Steele? Acho que deu para notar.

Concordo timidamente com a cabeça e coloco os grampos de volta na gaveta. Christian inclina-se para a frente e pega outros dois.

— Estes são ajustáveis. — Ele me passa para eu ver de perto.

— Ajustáveis?

— Você pode usar bem apertado... ou não. Dependendo do seu estado de espírito.

Como ele consegue fazer isso soar tão erótico? Engulo em seco e, para desviar sua atenção, pego um objeto que parece um cortador de massa com espinhos.

— E este? — Franzo a testa. Ele certamente não cozinha no quarto de jogos.

— Isso é uma roda de Wartenberg.

— Para?

Ele estende o braço e a pega.

— Me dê sua mão. Palma para cima.

Estico a mão esquerda, e ele a segura suavemente, correndo o polegar por meus dedos. Um arrepio me atravessa o corpo. O contato de sua pele na minha nunca deixa de me excitar. Ele gira a roda sobre a palma da minha mão.

— Ui. — Os dentes fincam em minha pele. Mas é mais do que apenas dor. Na verdade, faz cócegas.

— Imagine isso nos seus seios — murmura Christian lascivamente.

Hum... Fico vermelha e puxo a mão de volta. Minha respiração acelera junto com meu coração.

— A fronteira é tênue entre prazer e dor, Anastasia — diz ele baixinho ao se inclinar para colocar a roda de volta na gaveta.

— Pregadores de roupa? — sussurro.

— Pode-se fazer um bocado de coisas com um pregador de roupas. — Seus olhos estão em chamas.

Inclino-me contra a cômoda, de modo que a gaveta se fecha.

— Isso é tudo?— Christian parece estar se divertindo.

— Não... — Abro a quarta gaveta e sou confrontada por uma confusão de couro e tiras. Puxo uma das tiras... parece estar presa a uma bola.

— Mordaça de bola. Para mantê-la quieta — diz Christian, divertindo-se uma vez mais.

— Limite brando — murmuro.

— Eu me lembro — diz ele. — Mas ainda dá para respirar. Os dentes envolvem a bola — pegando a mordaça, ele imita com os dedos como uma boca prenderia a bola.

— Você já usou isso antes? — pergunto.

Ele enrijece e me encara.

— Já.

— Para encobrir os gritos?

Christian fecha os olhos, e acho que é de exasperação.

— Não, não é para isso que servem.

Ah?

— O negócio é o controle, Anastasia. Imagine o que é estar amarrada e não poder falar? Imagine a confiança que você teria que depositar em mim, sabendo o poder que eu teria sobre você? Sabendo que eu teria que ler seu corpo e suas reações, em vez de ouvir suas palavras? Isso a torna mais dependente, me põe numa situação de controle máximo.

Engulo em seco.

— Parece que você sente falta disso.

— É só o que eu conheço — murmura ele.

Seus olhos estão sérios e arregalados, e a atmosfera entre nós mudou, como se ele estivesse em modo confessional.

— Você tem poder sobre mim. Você sabe que tem — sussurro.

— Tenho? Você me faz sentir... impotente.

— Não! — *Ah, meu Cinquenta Tons...* — Por quê?

— Porque você é a única pessoa que eu conheço que poderia realmente me machucar. — Ele se aproxima e passa uma mecha de cabelo por trás de minha orelha.

— Ah, Christian... é recíproco. Se você não me quisesse... — Sinto um arrepio e encaro meus dedos que se contorcem.

Eis o meu outro medo sombrio a nosso respeito. Se ele não fosse assim... perturbado, será que iria me querer? Balanço a cabeça. Tenho que tentar não pensar assim.

— A última coisa que quero fazer é machucá-lo. Eu amo você — murmuro, estendendo as mãos para acariciar suavemente suas costeletas e suas bochechas.

Ele inclina o rosto para receber meu toque, deixa a mordança cair na gaveta e se aproxima, envolvendo minha cintura com as mãos e me puxando para junto de si.

— Acabou a sessão de demonstração? — pergunta, a voz suave e sedutora. Sua mão corre ao longo de minhas costas, subindo até a nuca.

— Por quê? O que você queria fazer?

Ele se inclina e me beija suavemente, e eu me derreto contra seu corpo, agarrando-me aos seus braços.

— Ana, você foi praticamente atacada hoje. — Sua voz é suave, mas cautelosa.

— E...? — pergunto, desfrutando a sensação de sua mão em minhas costas e sua proximidade.

Ele afasta a cabeça e me encara.

— Como assim “e...”? — repreende-me.

Eu miro seu rosto lindo e mal-humorado, e fico maravilhada.

— Christian, eu estou bem.

Ele me envolve em seus braços, mantendo-me junto de si.

— Quando penso no que poderia ter acontecido — ofega, enterrando o rosto em meu cabelo.

— Quando você vai aprender que sou mais forte do que pareço? — sussurro junto de seu pescoço, tranquilizando-o, inalando seu aroma delicioso. Não existe nada melhor no planeta do que estar nos braços de Christian.

— Eu sei que você é forte — murmura baixinho.

Ele beija meu cabelo, mas então, para minha total decepção, me solta. *Hein?*

Pego outro item da gaveta aberta. Várias algemas presas a uma barra. Eu a ergo diante dele.

— Isso — diz Christian, o olhar escurecendo — é um separador de pernas com algemas para tornozelo e pulso.

— Como funciona? — pergunto, genuinamente intrigada.

— Você quer que eu mostre? — Ele suspira, surpreso, fechando os olhos brevemente.

Pisco para ele. Quando abre os olhos de novo, eles estão em chamas.

— Sim, quero uma demonstração. Gosto de ser amarrada — sussurro, enquanto minha deusa interior dá um salto de seu abrigo subterrâneo de volta para seu divã.

— Ah, Ana — murmura ele. E, de repente, parece estar sofrendo.

— O que foi?

— Aqui não.

— Como assim?

— Quero você em minha cama, não aqui. Venha. — Ele pega a barra da minha mão; em seguida, me leva rapidamente para fora do quarto.

Por que estamos saindo daqui? Olho para trás ao passarmos pela porta.

— Por que não lá dentro?

Christian para no meio da escada e me encara com uma expressão séria.

— Ana, talvez você esteja pronta para voltar lá, mas eu não. Na última vez em que estivemos nesse quarto, você me deixou. Eu já disse isso várias vezes, quando você vai me entender? — Ele franze a testa, soltando-me para poder gesticular. — A consequência é que toda a minha atitude mudou depois daquilo. Minha visão geral da vida mudou radicalmente. Já falei isso a você. O que eu não falei é que... — Ele para e corre a mão pelo cabelo, buscando as palavras certas — ...eu sou como um alcoólatra em recuperação, entendeu? Essa é a única comparação em que sou capaz de pensar. A compulsão se foi, mas não quero nenhuma tentação cruzando meu caminho. Não quero machucar você.

Ele parece tão arrependido e, neste momento, um arrepio forte e dolorido passa pelo meu corpo. O que eu fiz com ele? Eu melhorei sua vida? Ele era feliz antes de me conhecer, não era?

— Não suporto a ideia de machucar você, porque eu a amo — acrescenta ele, fitando-me com uma expressão de sinceridade

absoluta, feito um menino dizendo uma verdade muito simples.

Ele está sendo completamente franco, sem malícia, e é de tirar o fôlego. Adoro-o mais do que tudo e todos. *Amo* esse homem incondicionalmente.

Jogo-me em cima dele com tanta força que ele tem que soltar o que está carregando para me segurar enquanto o empurro contra a parede. Pegando seu rosto entre as mãos, puxo seus lábios para junto dos meus, provando sua surpresa ao enfiar minha língua em sua boca. Estou de pé um degrau acima dele, estamos da mesma altura, e me sinto euforicamente fortalecida. Beijando-o fervorosamente, correndo os dedos por seus cabelos, minha vontade é tocá-lo em todos os lugares, mas me contenho, consciente de seu medo. Mesmo assim, meu desejo se eleva, quente e denso, florescendo dentro de mim. Ele geme e agarra meus ombros, afastando-me.

— Quer que eu coma você na escada? — murmura, a respiração entrecortada. — Porque, desse jeito, é isso que vou fazer.

— Quero — murmuro, e tenho certeza de que meu olhar escurecido é tão ardente quanto o dele.

Ele me fita, seus olhos sombrios e densos.

— Não. Quero você na minha cama.

Ele me ergue de repente, passando-me por cima do ombro e me fazendo gritar bem alto. Então me dá uma palmada na bunda, o que me faz gritar de novo. Ao descer as escadas, ele se abaixa para pegar a barra separadora do chão.

A Sra. Jones está saindo do quarto dos fundos quando passamos pelo corredor. Ela sorri para nós e eu aceno, de cabeça para baixo, num pedido de desculpas. Acho que Christian nem a viu.

No quarto, ele me coloca de pé e joga a barra na cama.

— Não acho que você vai me machucar — ofego.

— Também não acho que vou machucar você — diz ele.

Ele segura minha cabeça nas mãos e me dá um beijo longo e intenso, inflamando meu sangue já aquecido.

— Quero tanto você — sussurra contra minha boca, ofegante. — Você tem certeza a respeito disso... depois do que aconteceu hoje?

— Tenho. Também quero você. Quero tirar sua roupa.

Mal posso esperar para colocar as mãos nele, meus dedos estão coçando para tocá-lo. Seus olhos se arregalam e ele hesita por um instante, talvez considerando meu pedido.

— Tudo bem — diz, com cautela.

Pego o segundo botão de sua camisa e o ouço prender a respiração.

— Não vou tocar você se você não quiser — sussurro.

— Não — responde ele rapidamente. — Toque. Está tudo bem. Estou bem — balbucia.

Com cuidado, abro o botão e meus dedos deslizam para baixo ao longo da camisa até o botão seguinte. Seus olhos estão arregalados e brilhantes, seus lábios se abrem à medida que sua respiração se acelera. Ele é tão lindo, apesar de seu medo... por causa de seu medo. Abro o terceiro botão e observo o pelo macio saltar pelo grande V da camisa.

— Quero beijar você aí — murmuro.

Ele inspira profundamente.

— Quer me beijar?

— É — murmuro.

Ele arqueja assim que abro o botão seguinte e, muito lentamente, debruço-me, deixando minha intenção muito clara. Ele está prendendo a respiração, mas permanece completamente imóvel enquanto eu deixo um beijo suave nos pelos macios e enrolados. Abro o último botão e ergo o rosto para ele. Ele está me observando, e vejo nele um olhar de satisfação, tranquilidade e... espanto.

— Está ficando mais fácil, não é? — sussurro.

Ele faz que sim com a cabeça e deslizo lentamente a camisa por seus ombros deixando-a cair no chão.

— O que você fez comigo, Ana? — murmura ele. — O que quer que seja, não pare.

Christian me pega em seus braços, enfiando ambas as mãos em meu cabelo e puxando minha cabeça para trás, para deixar meu pescoço à mostra. E corre os lábios até o meu queixo, mordiscando de leve. Solto um gemido. Ah, eu quero esse homem. Meus dedos tateiam junto à sua cintura, abrindo o botão da calça e puxando o zíper para baixo.

— Ah, baby — Ele suspira enquanto me beija atrás da orelha.

Sinto sua ereção, firme e dura, crescendo contra mim. Quero-o... em minha boca. De repente, dou um passo para trás e fico de joelhos.

— Nossa! — Ele se assusta.

Arranco a calça e a cueca bruscamente, e ele surge, livre. Antes que Christian possa me interromper, enfio-o na boca, sugando-o com força, deleitando-me com seu espanto. Embasbacado, ele me olha, observando cada movimento meu, os olhos sombrios e repletos de êxtase. Meu Deus. Cubro os dentes e chupo com mais força. Ele fecha os olhos e se entrega a esse prazer carnal e feliz. Eu sei o que provooco nele, e é uma sensação hedonista, libertadora e sexy para cacete. É inebriante, não sou apenas poderosa, sou onisciente.

— Cacete — sussurra ele e segura minha cabeça com carinho, flexionando o quadril para entrar mais fundo em minha boca.

Isso, eu quero isso, e brinco com a língua em torno dele, sugando com força... mais e mais.

— Ana. — Ele tenta dar um passo para trás.

Ah, não, não faça isso, Grey. Quero você. Agarro seus quadris com força, dobrando meus esforços, e sei que ele está perto.

— Por favor. — Ele ofega. — Eu vou gozar, Ana — diz, gemendo.

Ótimo. Minha deusa interior está com a cabeça jogada para trás, em êxtase, e ele goza em minha boca, gritando.

Ele abre os olhos cinzentos e iluminados, encarando-me, e eu sorrio para ele, lambendo os lábios. Ele sorri de volta para mim, um sorriso perverso e picante.

— Ah, então esse é o jogo que estamos jogando, Srta. Steele? — Ele se abaixa, passa as mãos por debaixo de meus braços e me coloca de pé. De repente, sua boca está colada à minha. Ele geme. — Posso sentir o meu gosto. Prefiro o seu — sussurra contra a minha boca.

Ele arranca minha camiseta e larga-a de qualquer jeito no chão, depois me ergue e me joga na cama. Segurando a bainha de minha calça de moletom, ele a puxa abruptamente, tirando-a num movimento rápido. Estou nua em sua cama. Esperando. Desejando.

Seus olhos se deliciam, e, bem devagar, ele tira o restante de suas roupas, sem desviar os olhos de mim.

— Você é uma mulher linda, Anastasia — murmura, em admiração.

Hum... inclino a cabeça e o encaro de um jeito coquete.

— Você é um homem lindo, Christian, e tem um gosto maravilhoso.

Ele me lança um sorriso perverso e pega a barra separadora. Agarrando meu tornozelo esquerdo, ele o algema depressa, apertando, mas não demais. E testa quanto espaço eu tenho deslizando o mindinho por entre a algema e meu tornozelo; nem tira os olhos dos meus, sequer precisa ver o que está fazendo. Hum... ele já fez isso antes.

— Vamos ter que ver que gosto você tem. Se bem me lembro, você é uma iguaria rara e deliciosa, Srta. Steele.

Ah.

Agarrando meu outro tornozelo, ele o algema depressa e com muita eficiência, e meus pés ficam a uns sessenta centímetros de distância um do outro.

— A vantagem deste separador é que ele se expande — murmura ele.

Ele aperta alguma coisa na barra e então a empurra, de forma que minhas pernas se separam ainda mais. Uau, quase um metro de distância. Fico boquiaberta e inspiro fundo. Nossa, isso é sensual. Estou pegando fogo, inquieta e necessitada.

Christian lambe o lábio inferior.

— Ah, nós vamos nos divertir com isso, Ana.

Esticando-se, ele agarra a barra e a gira, virando-me de bruços e me pegando de surpresa.

— Está vendo o que eu posso fazer com você? — diz ele, numa voz sombria, e a gira de novo, abruptamente, deixando-me mais uma vez de barriga para cima, encarando-o, embasbacando e sem fôlego. — Já essas algemas são para os pulsos. Ainda tenho que pensar se vou usá-las. Depende se você se comporta ou não.

— Quando eu não me comporto?

— Posso pensar em algumas infrações — diz ele de mansinho, passando os dedos pelas solas de meus pés. Sinto cócegas, mas a

barra me mantém presa, embora eu tente me esquivar de seus dedos. — O BlackBerry, por exemplo.

Ofego.

— O que você vai fazer?

— Ah, eu nunca revelo meus planos. — Ele sorri, seus olhos brilhando, travessos.

Uau. Ele é tão assustadoramente sexy, é de tirar o fôlego. Ele sobe na cama, de modo que fica ajoelhado entre minhas pernas, maravilhosamente nu, e estou completamente entregue.

— Hum. Você está tão exposta, Srta. Steele.

Ele corre os dedos de ambas as mãos até a parte interna de minhas pernas, bem devagar, com firmeza, fazendo pequenos padrões circulares. Sem nunca quebrar o contato visual.

— O segredo é a expectativa, Ana. O que eu vou fazer com você?

Pronunciadas com tanta leveza, essas palavras penetram meu ponto mais sombrio e profundo. Eu me remexo na cama e solto um gemido. Seus dedos continuam a investida lenta ao longo de minhas pernas, passando por trás dos meus joelhos. Instintivamente, minha vontade é de fechar as pernas, mas não posso.

— Lembre-se, se você não gostar de alguma coisa, é só me pedir para parar — murmura.

Curvando-se, ele beija minha barriga, suavemente, chupando-a, e suas mãos continuam a lenta e tortuosa jornada até a parte de cima de minhas coxas, tocando-me e brincando comigo.

— Por favor, Christian — imploro.

— Ah, Srta. Steele. Descobri que você pode ser implacável em suas investidas amorosas para cima de mim. Acho que eu deveria retribuir o favor.

Meus dedos agarram o edredom, e eu me entrego a ele, sua boca descendo lentamente pela minha barriga, seus dedos subindo, em direção ao vulnerável e exposto ápice de minhas coxas. Ele desliza os dedos para dentro de mim, e eu solto um gemido, contorcendo o quadril ao encontro de sua mão. Christian geme em resposta.

— Você nunca deixa de me surpreender, Ana. Você está tão molhada — murmura contra a linha onde meus pelos pubianos se

juntam à minha barriga.

Meu corpo se curva quando sua boca me toca.

Meu Deus.

Ele começa um ataque lento e sensual, sua língua girando e girando, seus dedos se movendo dentro de mim. Como não posso fechar as pernas ou me mover, é tudo intenso, muito intenso. Minhas costas arqueiam à medida que tento absorver as sensações.

— Ah, Christian — grito.

— Eu sei, baby — sussurra ele e, para me acalmar, sopra suavemente bem em cima do ponto mais sensível de meu corpo.

— Ah! Por favor! — imploro.

— Diga meu nome — ordena ele.

— Christian — digo, dificilmente reconhecendo minha voz de tão aguda e necessitada que ela soa.

— De novo — ofega.

— Christian, Christian, Christian Grey — clamo em voz alta.

— Você é minha. — Sua voz é suave e mortal, e num último giro de sua língua, eu desabo, de forma espetacular, atingindo o orgasmo. E porque minhas pernas estão tão separadas, ele continua sem parar, deixando-me completamente perdida.

Vagamente, percebo que Christian me colocou de bruços.

— A gente vai tentar uma coisa, baby. Se você não gostar, ou se for muito desconfortável, é só me avisar e a gente para.

O quê? Estou muito perdida para formular qualquer pensamento consciente ou coerente. Estou sentada no colo de Christian. Como isso aconteceu?

— Inclina-se para baixo — ele murmura em meu ouvido. — Cabeça e peito na cama.

Um tanto aturdida, obedeco. Ele puxa minhas mãos para trás e as algemas na barra, junto aos meus tornozelos. *Hum...* Meus joelhos deslizam para a frente, expondo minha bunda para cima, totalmente vulnerável, completamente sua.

— Ana, você está tão linda. — Sua voz é cheia de admiração, e eu ouço o envelopinho rasgando. Ele corre os dedos a partir da base de minha coluna, descendo em direção ao meu sexo, parando por um segundo em minha bunda. — Quando você estiver pronta, também vou querer isso. — Seu dedo está em mim.

Solto um suspiro alto, tensa com o seu toque que me explora delicadamente.

— Não vai ser hoje, minha bela Ana, mas um dia... Quero você de todos os jeitos. Quero possuir cada centímetro de seu corpo. Você é minha.

Penso no plugue anal e, dentro de mim, sinto tudo se contraindo. Suas palavras me fazem gemer, e seus dedos descem até um território mais familiar.

Momentos depois, ele está metendo com força em mim.

— Ai! Devagar — grito, e ele para.

— Tudo bem?

— Devagar... deixe eu me acostumar com isso.

Ele desliza lentamente para fora de mim, então entra de novo com cuidado, preenchendo, abrindo-me, duas, três vezes, e estou completamente entregue.

— Isso, assim, agora sim — murmuro, saboreando a sensação.

Ele geme, e acelera o ritmo. Movendo-se, movendo-se... implacável... para a frente, para dentro, preenchendo-me... e é maravilhoso. Há alegria em minha impotência, alegria na minha entrega, e em saber que ele pode se perder em mim do jeito que quer. Posso fazer isso. Ele me leva para lugares sombrios, lugares que eu nem sabia que existiam e, juntos, nós os preenchemos com a nossa luz ofuscante. Ah, sim... uma luz ofuscante e ardente.

E eu me solto, deleitando-me com o que ele faz comigo, gozando tão, tão gostoso, e de novo gritando alto o seu nome. Ele para, derramando todo o seu coração e a sua alma em mim.

— Ana, baby — grita ele e desaba ao meu lado.

* * *

SEUS DEDOS SOLTAM as tiras com habilidade e esfregam meus tornozelos e pulsos. Quando termina e enfim estou livre, ele me puxa em seus braços e eu adormeço, exausta.

Quando acordo de novo, estou encolhida ao seu lado, e ele está me observando. Não tenho ideia de que horas são.

— Eu poderia ver você dormir para sempre, Ana — murmura ele e beija minha testa.

Sorrio e mudo de posição preguiçosamente ao lado dele.

— Não quero deixar você ir embora nunca — diz baixinho e passa os braços em torno de mim.

Huum.

— Não quero ir embora nunca. Nunca me deixe ir embora — murmuro, sonolenta, minhas pálpebras se recusando a se abrir.

— Preciso de você — sussurra ele, mas sua voz é uma parte distante e etérea de meus sonhos.

Ele precisa de mim... precisa de mim... e, à medida que eu finalmente mergulho na escuridão, o último pensamento que tenho é de um menino pequeno, sujo e de olhos cinzentos, desarrumado, cabelo cor de cobre, sorrindo timidamente para mim.

CAPÍTULO DEZESSETE

Huuuum.

Christian está aconchegando o rosto em meu pescoço, enquanto acordo devagar.

— Bom dia, baby — sussurra, e dá uma mordida de leve em minha orelha.

Meus olhos se abrem, piscando, e eu os fecho depressa. A luz clara da manhã inunda o quarto, e sua mão está acariciando meu peito devagar, brincando suavemente comigo. Descendo a mão, ele pega na minha cintura e se deita atrás de mim, segurando-me bem junto de si.

Eu me espreguiço ao lado dele, deliciando-me com seu toque, e sinto sua ereção atrás de mim. *Minha nossa*. Um despertador Christian Grey.

— Você parece feliz em me ver — balbucio sonolenta, contorcendo-me sugestivamente contra seu corpo. Sinto seu sorriso se abrir junto ao meu queixo.

— Estou muito feliz em ver você — diz ele, deslizando a mão ao longo de minha barriga até o meu sexo, que ele explora com os dedos. — Com certeza há algumas vantagens em acordar a seu lado, Srta. Steele — brinca ele, e me puxa de lado, de modo que fico deitada de barriga para cima. — Dormiu bem? — pergunta, seus dedos prosseguindo em sua tortura sensual. E está sorrindo para mim, seu sorriso perfeito de modelo, com dentes impecáveis, fatal. É de tirar o fôlego.

Meu quadril começa a balançar ao ritmo da dança que seus dedos iniciaram. Ele me beija castamente nos lábios e, em seguida, move-se ao longo de meu pescoço, beliscando lentamente, beijando e chupando à medida que desce. Solto um gemido. Ele está sendo delicado, seu toque é leve e divino. Seus dedos intrépidos se

movem para baixo, e, bem devagar, ele desliza um dedo para dentro de mim, sussurrando de mansinho, com admiração.

— Ah, Ana — murmura com reverência contra meu pescoço. — Você está sempre pronta.

Ele move o dedo no mesmo ritmo com que seus beijos e sua boca percorrem calmamente minha clavícula e seguem até o meu peito. Com os dentes e os lábios, primeiro ele tortura um dos mamilos, depois passa para o outro, com muita ternura, e eles se enrijecem e crescem em resposta.

Solto um gemido.

— Hum — rosna ele baixinho e levanta a cabeça para me lançar um olhar ardente e cinzento. — Quero você agora.

Ele se estica até a mesa de cabeceira. Então fica em cima de mim, apoiando o peso nos cotovelos, e esfrega o nariz no meu enquanto abre minhas pernas com as suas. Ajoelha-se e rasga a embalagem.

— Mal posso esperar até sábado — diz, os olhos brilhando de deleite obsceno.

— A festa? — ofego.

— Não. Não vou mais ter que usar essa porra.

— É um termo muito apropriado — dou uma risadinha.

Ele sorri para mim ao colocar o preservativo.

— Você está achando graça, Srta. Steele?

— Não. — Tento ficar séria e falho miseravelmente.

— Agora não é hora de rir. — Ele balança a cabeça numa reprimenda, e sua voz é grave e soturna, mas sua expressão, *Deus do céu*, é glacial e vulcânica ao mesmo tempo.

O ar fica preso em minha garganta.

— Achei que você gostasse de me ver rir — sussurro, rouca, mirando as profundezas sombrias de seus tempestuosos olhos.

— Agora não. Existe uma hora e um lugar certos para rir. E não é agora. Preciso fazer você parar, e acho que sei como — diz ele, ameaçadoramente, e seu corpo cobre o meu.

* * *

— O QUE VOCÊ GOSTARIA para o café da manhã, Ana?

— Vou só comer um pouco de granola. Obrigada, Sra. Jones.

Eu corro ao me sentar no banco ao lado de Christian. A última vez em que vi a muito correta e decorosa Sra. Jones, eu estava sendo carregada sem a menor cerimônia para o quarto no ombro dele.

— Você está linda — diz Christian, baixinho.

Estou usando minha saia-lápis cinza e a blusa de seda cinza de novo.

— Você também. — Sorrio timidamente para ele.

Ele está vestindo uma camisa azul-clara e calça jeans, e, como sempre, parece descontraído, novo em folha e perfeito.

— A gente precisa comprar mais algumas saias para você — diz, com naturalidade. — Aliás, adoraria levar você para fazer compras.

Hum... compras. Odeio fazer compras. Mas, com Christian, talvez não seja tão ruim. Decido que minha melhor defesa é mudar de assunto.

— Estou me perguntando o que vai acontecer no trabalho hoje.

— Eles vão ter que arrumar alguém para substituir aquele babaca. — Christian faz uma careta, franzindo as sobrancelhas como se tivesse acabado de pisar em alguma coisa muito desagradável.

— Espero que escolham uma mulher como minha nova chefe.

— Por quê?

— Bem, as chances de você se opor a nós viajarmos juntas são bem menores — provoco-o.

Seus lábios se contorcem, e ele começa a comer sua omelete.

— Qual é a graça? — pergunto.

— Você. Coma a granola toda, já que seu café da manhã vai ser só isso.

Autoritário como sempre. Contraio os lábios para ele, mas como tudo.

* * *

— BOM, A CHAVE ENTRA aqui. — Christian aponta a ignição logo abaixo da caixa de câmbio.

— Lugar estranho — murmuro.

No entanto, estou apaixonada por cada pequeno detalhe, praticamente pulando feito uma criança no confortável assento de couro. Christian finalmente vai me deixar dirigir meu carro.

Ele me encara friamente, embora seus olhos estejam vivos de humor.

— Você está muito empolgada com isso, não está? — murmura, divertido.

Concordo com a cabeça, sorrindo como uma boba.

— Sinta só esse cheiro de carro novo. Isso aqui é ainda melhor que o Modelo Especial Submissa... quero dizer, o A3 — acrescento rapidamente, corando.

Christian prende o riso.

— Modelo Especial Submissa, é? Você tem uma habilidade e tanto com as palavras, Srta. Steele. — E se recosta com um olhar falso de desaprovação, mas ele não me engana. Sei que está se divertindo. — Bem, vamos lá. — Ele aponta em direção à entrada da garagem.

Bato palmas, giro a chave, e o motor liga com um ronco. Colocando a marcha em modo “drive”, solto devagar o pé do freio, e o Saab se move lentamente para a frente. Taylor liga o Audi atrás de nós, e, uma vez que a porta da garagem se abre, segue-nos para fora do Escala.

— A gente pode ligar o rádio? — pergunto quando paramos no primeiro sinal.

— Quero que você se concentre — diz ele bruscamente.

— Christian, por favor, posso dirigir com música — reviro os olhos.

Ele faz cara feia por um instante e, em seguida, liga o rádio.

— Além de CD, este rádio toca MP3 e é compatível com o seu iPod — murmura.

Os acordes suaves de The Police invadem o carro, altos demais. Christian baixa o volume. Hum... “King of Pain”.

— Seu hino — brinco com ele, e me arrependo no mesmo instante ao ver seus lábios se contraírem numa linha rígida. *Ah, não.* — Tenho esse disco em algum lugar... — continuo às pressas, tentando distraí-lo. Hum... em algum lugar do apartamento no qual passei tão pouco tempo.

Como será que Ethan está? Eu deveria ligar para ele hoje. Não vou ter muito que fazer no trabalho.

A ansiedade se concentra em meu estômago. O que vai acontecer quando eu chegar ao escritório? Será que as pessoas vão saber o que houve com Jack? Será que vão saber do envolvimento de Christian? Será que ainda tenho um emprego? Deus do céu, e se eu não tiver mais emprego, o que vou fazer?

Você vai se casar com o multimilionário, Ana! Meu inconsciente me lança um olhar esperto. Eu o ignoro. Que ganancioso!

— Ei, Dona Espertinha. Volte aqui. — Christian me traz de volta para o presente assim que paro diante do sinal seguinte. — Você está muito distraída. Trate de se concentrar, Ana — repreende-me. — É quando a gente se distrai que os acidentes acontecem.

Ai, pelo amor de Deus. E de repente sou arremessada de volta à época em que Ray estava me ensinando a dirigir. Não preciso de outro pai. Um marido talvez, um marido pervertido. *Hum.*

— Estava só pensando no trabalho.

— Baby, vai dar tudo certo. Confie em mim. — Christian sorri.

— Por favor, não interfira. Quero fazer isso sozinha. Christian, por favor. É importante para mim — digo o mais suavemente que posso.

Não quero discutir. Sua boca se fecha de novo numa linha teimosa, e acho que ele vai me repreender mais uma vez.

Ah, não.

— Não vamos discutir, Christian. Nós tivemos uma manhã tão maravilhosa. E a noite de ontem foi... — fico sem palavras, a noite de ontem foi... — ...divina.

Ele não responde. Olho para ele, e seus olhos estão fechados.

— Foi. Divina — diz, baixinho. — Eu estava falando sério.

— Sobre o quê?

— Não quero deixar você ir embora.

— Não quero ir embora.

Ele sorri, e é um sorriso novo e tímido que dissolve tudo que tem pela frente. Nossa, é um sorriso poderoso.

— Que bom — diz, apenas, e relaxa visivelmente.

Entro com o carro no estacionamento a meia quadra de distância da editora.

— Eu acompanho você até o trabalho. Taylor vai me levar lá da porta — oferece Christian.

Salto do carro desajeitada, os movimentos restringidos por minha saia-lápis, enquanto Christian desce com elegância, à vontade em seu corpo ou pelo menos dando a impressão de estar à vontade em seu corpo. Hum... alguém que não suporta ser tocado não pode se sentir tão à vontade. Franzo a testa diante desse pensamento errante.

— Não se esqueça de que temos hora marcada com Flynn às sete da noite — diz ele, estendendo a mão para mim.

Aperto o botão para trancar o carro e pego sua mão.

— Não vou me esquecer. Vou preparar uma lista de perguntas para ele.

— Perguntas? Sobre mim?

Faço que sim com a cabeça.

— Posso responder a quaisquer perguntas que você tiver a meu respeito. — Christian me encara, afrontando-me.

Sorrio para ele.

— Sim, mas quero a opinião do charlatão imparcial e caro.

Ele franze o cenho e, de repente, puxa-me num abraço, segurando minhas duas mãos com firmeza às minhas costas.

— Será que isso é uma boa ideia? — diz, a voz baixa e rouca.

Eu me inclino para trás e vejo a ansiedade aparente em seus olhos. É de partir o coração.

— Se você não quiser, eu não faço perguntas. — Fico olhando para ele, piscando, querendo afastar a preocupação de seu rosto com uma carícia. Puxo uma das mãos, e ele a solta. Toco seu rosto com carinho. A pele recém-barbeada está macia. — Qual é a sua preocupação? — pergunto, a voz suave e tranquilizadora.

— Que você vá embora.

— Christian, quantas vezes eu tenho que dizer? Não vou a lugar algum. Você já me contou o pior. Não vou deixar você.

— Então, por que você ainda não me deu uma resposta?

— Uma resposta? — murmuro, cinicamente.

— Você sabe do que estou falando, Ana.

Suspiro.

— Quero ter certeza de que sou suficiente para você, Christian. É só isso.

— E você não vai aceitar a minha palavra quanto a isso? — diz ele, exasperado, soltando-me.

— Christian, tudo tem acontecido muito rápido. E você mesmo já admitiu ser fodido em cinquenta tons. Não posso dar a você o que você precisa — resmungo. — Não é o que eu sou. Só que isso me faz sentir inadequada, principalmente depois de ver você com Leila. Quem me garante que um dia você não vai encontrar uma garota que gosta das coisas que você gosta? E quem me garante que você não vai... você sabe... se apaixonar por ela? Alguém muito mais adequado às suas necessidades. — O pensamento de Christian com outra pessoa me deixa enjoada. Fito meus dedos entrelaçados.

— Já conheci muitas mulheres que gostam de fazer o que eu faço. Nenhuma delas me atraiu do jeito que você me atrai. Jamais estabeleci uma relação emocional com nenhuma delas. É só você, Ana, desde sempre.

— Porque você nunca deu uma chance a elas. Você passou tempo demais trancafiado na sua fortaleza, Christian. Olhe, vamos discutir isso mais tarde. Tenho que ir trabalhar. Talvez o Dr. Flynn possa nos dar alguma luz.

Isso tudo é pesado demais para uma discussão num estacionamento às oito e cinquenta da manhã, e, por uma vez, Christian parece concordar. Ele faz que sim com a cabeça, mas seus olhos estão cautelosos.

— Venha — ordena, estendendo a mão.

* * *

QUANDO CHEGO À minha mesa, encontro um bilhete me pedindo para ir direto para a sala de Elizabeth. Meu coração pula até a boca. Pronto, vai ser agora. Vou ser demitida.

— Anastasia. — Elizabeth sorri gentilmente, indicando-me a cadeira diante de sua mesa.

Sento-me e a encaro com expectativa, torcendo para que ela não possa ouvir meu coração pulsando. Ela alisa o cabelo preto e grosso e me fita com seus compenetrados olhos azul-claros.

— Tenho uma notícia um pouco triste.

Triste! Ah, não.

— Chamei você aqui para avisar que Jack deixou a empresa de forma bastante inesperada.

Fico vermelha. Para mim, isso não tem nada de triste. Será que devo dizer que eu já sabia?

— A saída um tanto apressada dele deixou uma vaga na empresa, e nós gostaríamos que você a ocupasse por enquanto, até acharmos um substituto.

O quê? Sinto o sangue fugir da minha cabeça. *Eu?*

— Mas eu só estou aqui há uma semana, praticamente.

— Sim, Anastasia, eu entendo, mas Jack sempre foi um defensor das suas habilidades. Ele esperava muito de você.

Prendo a respiração. Sei muito bem o que ele esperava de mim, e era me virar de bruços, isso sim.

— Aqui está a descrição do cargo. Dê uma olhada com calma, e a gente pode discutir isso hoje mais tarde.

— Mas...

— Por favor, eu sei que isso é muito repentino, mas você já fez contato com os principais autores de Jack. Os resumos que você preparou não passaram despercebidos pelos outros editores. Você é muito perspicaz, Anastasia. Todos nós achamos que você é capaz de fazer isso.

— Certo — *que loucura.*

— Olhe, pense bem. Enquanto isso, você pode ficar na sala de Jack.

Ela se levanta, obviamente me dispensando, e estende a mão. Eu a aperto, absolutamente aturdida.

— Fico feliz que ele tenha ido embora — sussurra, e um olhar assombrado atravessa seu rosto.

Putá merda. O que ele fez com ela?

De volta à minha mesa, pego meu BlackBerry e ligo para Christian. Ele atende no segundo toque.

— Anastasia. Tudo bem? — pergunta, preocupado.

— Eles acabaram de me dar o cargo de Jack. Bem, temporariamente — falo bem rápido.

— Está brincando? — sussurra ele, chocado.

— Você tem alguma coisa a ver com isso? — minha voz soa mais ríspida do que eu gostaria.

— Não, não. Não mesmo. Quero dizer, com todo o respeito, Anastasia, mas você só está aí há uma semana, ou algo assim. Não me leve a mal.

— Eu sei. — Franzo a testa. — Aparentemente, Jack me avaliou muito bem.

— Ah, foi, é? — O tom de Christian é gélido, e ele suspira. — Bem, baby, se eles acham que você dá conta, tenho certeza de que você dá conta. Parabéns. Talvez a gente devesse comemorar depois da consulta com Flynn.

— Hum. Tem certeza de que você não tem nada a ver com isso?

Ele fica em silêncio por um instante, e então diz numa voz ameaçadora e grave:

— Você está duvidando de mim? Isso me irrita tanto.

Engulo em seco. Nossa, ele tem o pavio curto.

— Desculpe — suspiro, sentindo-me repreendida.

— Se você precisar de alguma coisa, me avise. Estou aqui. E, Anastasia?

— O quê?

— Use o BlackBerry — acrescenta ele, laconicamente.

— Está bem, Christian.

Mas, em vez de desligar, ele solta um suspiro profundo.

— Estou falando sério. Se você precisar, estou aqui. — Suas palavras soam muito mais suaves, conciliadoras. Ele é tão inconstante... suas mudanças de humor são como um metrônomo em andamento *presto*.

— Tudo bem — murmuro. — É melhor eu desligar. Tenho que mudar de sala.

— Para o que quer que você precise. Estou falando sério — murmura ele.

— Eu sei. Obrigada, Christian. Amo você.

Sinto seu sorriso do outro lado da linha. Eu o reconquistei com essas palavras.

— Também amo você, baby.

Ai, será que algum dia vou me cansar de ouvi-lo dizer essas palavras?

— Falo com você mais tarde.

— Até mais, baby.

Desligo o telefone e olho para a sala de Jack. Minha sala. Deus do céu. Anastasia Steele, Editora. Quem diria? Eu devia pedir um aumento.

O que Jack acharia se ficasse sabendo? Tremo só de pensar, e me pergunto vagamente como ele está passando a manhã; na certa, bem longe de Nova York, diferentemente do que imaginava. Caminho até minha sala nova, sento-me à mesa e começo a ler a descrição do cargo.

Ao meio-dia e meia, Elizabeth me liga.

— Ana, precisamos que você participe de uma reunião à uma hora na sala de reuniões. Jerry Roach e Kay Bestie vão estar lá, você sabe, o presidente da empresa e o vice-presidente? Todos os editores vão participar.

Merda!

— Preciso preparar alguma coisa?

— Não, é só uma reunião informal que a gente faz uma vez por mês. Vai ter almoço.

— Estarei lá — desligo.

Put a merda!

Dou uma olhada na lista de autores de Jack. Certo, isso está tranquilo. Tenho os cinco manuscritos que ele estava defendendo, e mais dois, que realmente deveriam ser considerados para publicação. Respiro fundo. Nem acredito que já está na hora do almoço. O dia voou, e eu estou amando isso. Foi tanta coisa para assimilar esta manhã. Meu calendário apita, anunciando um compromisso.

Ah, não... Mia! Em toda a minha empolgação, esqueci do nosso almoço. Pego o BlackBerry e tento freneticamente encontrar o número dela.

Meu telefone toca.

— É ele, na recepção — diz Claire, com a voz abafada.

— Quem? — Por um segundo, acho que pode ser Christian.

— O deus louro.

— Ethan?

Hum, o que ele quer? Imediatamente, sinto-me culpada por não ter ligado para ele.

Ethan sorri para mim assim que apareço na recepção. Está usando uma camisa xadrez azul, uma camiseta branca por baixo e calça jeans.

— Uau! Você está uma gata, Steele — diz ele, balançando a cabeça em aprovação e me dando um abraço rápido.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ele franze a testa.

— Tudo ótimo, Ana. Só queria ver você. Faz um tempo que não tenho notícias suas e queria ver como o Sr. Magnata anda tratando-a.

Fico vermelha e não consigo conter um sorriso.

— Ah, então tá! — exclama Ethan, erguendo as mãos para o alto. — Pelo seu sorrisinho, dá para ver que está tudo bem. Não quero detalhes. Resolvi passar aqui só para ver se existe alguma chance de você almoçar comigo. Vou me inscrever na Universidade de Seattle no curso de psicologia, em setembro. No mestrado.

— Ah, Ethan. Aconteceu tanta coisa. Tenho uma tonelada de novidades para contar, mas agora não posso. Tenho uma reunião — e subitamente tenho uma ideia. — Será que você não faria um favor muito, muito, muito grande pra mim? — uno as mãos em súplica.

— Claro — diz ele, perplexo com o meu pedido.

— Eu tinha marcado de almoçar com a irmã de Christian e Elliot hoje, mas não estou conseguindo falar com ela, e apareceu essa reunião da qual eu preciso participar. Será que você pode levá-la para almoçar? Por favor?

— Ah, Ana! Não estou aqui para ficar de babá de criança mimada.

— Por favor, Ethan. — Lanço-lhe meu olhar mais pidão e pisco meus longos cílios para ele.

Ele revira os olhos, e sei que deu certo.

— Você vai cozinhar para mim? — resmunga ele.

— Claro, qualquer coisa, quando você quiser.

— E então, cadê ela?

— Deve chegar a qualquer momento. — E, como se eu tivesse dado uma deixa, ouço a voz de Mia.

— Ana! — chama ela da entrada.

Nós dois nos viramos, e lá está ela: toda curvilínea e alta, com o cabelinho preto num corte chanel elegante, usando um vestido verde curto e sapatos de salto alto da mesma cor, com uma tirinha em torno dos tornozelos finos. Está deslumbrante.

— É essa a criança mimada? — sussurra ele, boquiaberto.

— Ela mesma. A que precisa de babá — sussurro de volta. — Oi, Mia — dou-lhe um abraço rápido enquanto ela fita Ethan descaradamente. — Mia, este é Ethan, irmão de Kate.

Ele a cumprimenta com a cabeça, as sobrancelhas erguidas de surpresa. Mia pisca várias vezes e lhe oferece a mão.

— É um prazer conhecê-la — murmura Ethan com elegância, e Mia pisca de novo, em silêncio, como raramente acontece com ela. E cora.

Meu Deus. Acho que nunca a vi corar.

— Não vou poder almoçar hoje — digo, sem muita convicção. — Ethan concordou em ir com você, se você topa? Será que a gente pode marcar outro dia?

— Claro — diz ela de mansinho. Mia quieta, isso é novidade.

— Certo, então agora é comigo. Até mais, Ana — diz Ethan, oferecendo o braço para Mia.

Ela o aceita com um sorriso tímido.

— Tchau, Ana. — E se vira para mim, gesticulando com a boca: — Ai. Meu. Deus! — E lança uma piscadela exagerada.

Ela gostou dele! Aceno para os dois enquanto eles saem do prédio e fico me perguntando como Christian vai reagir se a irmã começar a namorar. O pensamento me deixa desconfortável. Ela tem a mesma idade que eu, então ele não pode se opor, ou pode?

É de Christian que estamos falando. Meu inconsciente me lança mais um de seus olhares críticos, a boca tensa, usando um cardigã e com a bolsa encaixada na curva do braço. Afasto a imagem da cabeça. Mia já é adulta, e Christian é capaz de agir racionalmente, não é? Tento não pensar no assunto e volto para a sala de Jack... quero dizer... para a minha sala, para me preparar para a reunião.

São três e meia quando retorno. A reunião correu bem. Consegui até uma aprovação para os dois manuscritos que estava defendendo. É uma sensação inebriante.

Sobre a minha mesa encontro uma enorme cesta de vime repleta de rosas brancas e cor-de-rosa bem clarinho. Uau, só o perfume já é divino. Sorrio ao pegar o cartão. Sei de quem são.

*Parabéns, Srta. Steele
E tudo por conta própria!
Sem nenhuma ajuda de seu CEO supersimpático,
camarada e megalomaníaco
Com amor,
Christian*

Pego meu BlackBerry para mandar um e-mail para ele.

De: Anastasia Steele
Assunto: Megalomaníacos...
Data: 16 de junho de 2011 15:43
Para: Christian Grey

...são o meu tipo favorito de maníacos. Obrigada pelas lindas flores. Elas chegaram numa enorme cesta de vime que me faz pensar em piqueniques e cobertores.

Bjs.

De: Christian Grey
Assunto: Ar puro
Data: 16 de junho de 2011 15:55
Para: Anastasia Steele

Maníacos, é? O Dr. Flynn deve ter algo a dizer sobre isso.

Você quer fazer um piquenique?

A gente poderia se divertir muito ao ar livre, Anastasia...

Como está indo o seu dia, baby?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Minha nossa. Fico vermelha só de ler sua resposta.

De: Anastasia Steele
Assunto: Agitado
Data: 16 de junho de 2011 16:00
Para: Christian Grey

O dia passou voando. Não tive um momento sequer para pensar em nada além do trabalho. Acho que consigo dar conta disso! Conto mais quando chegar em casa.

Um dia ao ar livre parece... interessante.

Amo você.

Um bj.

PS: Não se preocupe com o Dr. Flynn.

Meu telefone toca. É Claire, da recepção, desesperada para saber quem enviou as rosas e o que aconteceu com Jack. Como passei o dia no escritório, não pude acompanhar as fofocas. Digo apressada que as flores são do meu namorado e que não sei quase nada sobre a saída de Jack. Meu BlackBerry vibra, indicando que acabo de receber mais um e-mail de Christian.

De: Christian Grey
Assunto: Vou tentar...
Data: 16 de junho de 2011 16:09
Para: Anastasia Steele

...não me preocupar.

Até mais, baby.

Bj,

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Às cinco e meia, limpo minha mesa. Nem posso acreditar em como o dia passou depressa. Tenho que voltar para o Escala e me preparar para a consulta com o Dr. Flynn. Nem sequer tive tempo de pensar nas perguntas. Talvez hoje a gente possa ter só um primeiro encontro, e Christian me deixe vê-lo de novo depois. Afasto a ideia da cabeça ao deixar o escritório às pressas, acenando rapidamente para Claire.

Também tenho que pensar no aniversário de Christian. Já sei o que vou dar a ele de presente. E queria entregar hoje à noite, antes da consulta com Flynn, mas como vou fazer isso? Ao lado do estacionamento existe uma pequena loja de bugigangas para turistas. Tenho uma inspiração repentina, e entro na loja.

* * *

MEIA HORA DEPOIS, quando chego à sala de estar, Christian está em seu BlackBerry, de pé, olhando para fora pelo janelão de vidro. Ele se vira e sorri para mim, finalizando o telefonema.

— Ótimo, Ros. Diga a Barney que vamos continuar a partir daí... Até mais.

Ele caminha na minha direção, e fico parada, tímida, junto à porta. Trocou de roupa, está usando jeans e camiseta branca, parecendo um menino rebelde e arteiro. *Uau*.

— Boa noite, Srta. Steele — murmura ele e se inclina para me beijar. — Parabéns pela promoção. — Passa os braços ao meu redor. Que cheiro maravilhoso.

— Você tomou banho.

— Acabei de ter uma sessão de luta com Claude.

— Ah.

— Derrubei-o duas vezes. — Christian sorri radiante, feito um menino, satisfeito consigo mesmo. Seu sorriso é contagiante.

— Isso não acontece com frequência?

— Não. E é muito prazeroso quando acontece. Está com fome?

Faço que não com a cabeça.

— O que foi? — Ele franze a testa para mim.

— Estou nervosa. Com o Dr. Flynn.

— Eu também. Como foi o seu dia? — Ele me solta, e eu faço um breve resumo. Ele escuta com atenção.

— Ah, tem mais uma coisa que eu tenho que contar — acrescento. — Eu ia almoçar com Mia hoje.

Ele ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Você não chegou a mencionar isso.

— Eu sei, esqueci. Como eu não pude sair com ela por causa da reunião, Ethan a levou para almoçar.

Sua expressão fica sombria.

— Sei. Pare de morder o lábio.

— Vou trocar de roupa — digo, mudando de assunto e me virando antes que ele possa reagir.

* * *

O CONSULTÓRIO DO Dr. Flynn fica a uma curta distância de carro do apartamento de Christian. *Muito útil*, penso, *para sessões de emergência*.

— Costumo correr lá de casa até aqui — diz Christian ao estacionar meu Saab. — Este carro é o máximo. — Ele sorri para mim.

— Também acho. — Sorrio de volta. — Christian... eu... — Olho ansiosamente para ele.

— O que foi, Ana?

— Aqui. — Tiro a caixinha de presente preta de minha bolsa. — É pelo seu aniversário. Queria dar para você agora, mas só se você me prometer que não vai abrir antes de sábado, tudo bem?

Ele pisca para mim, surpreso, e engole em seco.

— Tudo bem — murmura, com cautela.

Respirando fundo, entrego-a a ele, ignorando sua expressão confusa. Ele sacode a caixa, produzindo um barulho bem satisfatório. E franze a testa. Sei que está desesperado para saber o que tem dentro. Em seguida, sorri, seus olhos brilhando com uma emoção jovem e despreocupada. *Deus do céu...* sua aparência neste instante corresponde à idade que tem... e ele está tão lindo.

— Você não pode abrir antes de sábado — aviso.

— Entendi — diz ele. — Mas por que você está me dando isso agora? — Ele coloca a caixa no bolso interno do paletó azul listrado, junto do coração.

Muito apropriado, penso, e sorrio para ele.

— Porque eu posso, Sr. Grey.

Sua boca se contorce num sorriso irônico.

— Ora, Srta. Steele, roubando minhas falas...

Somos conduzidos ao luxuoso consultório do Dr. Flynn por uma recepcionista rápida e eficiente. Ela cumprimenta Christian calorosamente, um pouco calorosamente demais para o meu gosto — ela tem idade suficiente para ser mãe dele —, e ele sabe o nome dela.

A sala não tem uma decoração ostensiva: verde-claro com dois sofás verde-escuros de frente para duas poltronas de couro, e tem um ar de clube de cavalheiros. Dr. Flynn está sentado a uma mesa ao fundo.

Assim que entramos, ele se levanta e caminha para se juntar a nós na área de estar. Está usando uma calça preta e uma camisa azul-clara com o último botão aberto... sem gravata. Seus olhos azuis e brilhantes parecem não deixar passar absolutamente nada.

— Christian. — Ele sorri com gentileza.

— John. — Christian aperta sua mão. — Você se lembra de Anastasia?

— Como eu poderia esquecer? Bem-vinda, Anastasia.

— Ana, por favor — murmuro quando ele aperta minha mão com firmeza. Adoro seu sotaque britânico.

— Ana — diz ele, gentilmente, conduzindo-nos até os sofás.

Christian aponta um deles para mim. Eu me sento, tentando parecer relaxada, e descanso a mão sobre o braço do sofá, enquanto ele se esparrama no outro, de forma que formamos um ângulo reto, com uma pequena mesa e um abajur simples entre nós. Reparo, com interesse, numa caixinha de lenços junto ao abajur.

Não era bem isso que eu esperava. Tinha imaginado uma sala branca e inóspita, com um divã de couro preto.

Parecendo tranquilo e no controle da situação, Dr. Flynn se senta numa das poltronas e pega um bloco de anotações de couro. Christian cruza as pernas, descansando o tornozelo sobre o joelho,

e estica um dos braços ao longo do encosto do sofá. Em seguida, estende o outro braço, alcançando minha mão e dando-lhe um aperto tranquilizador.

— Christian pediu que você acompanhasse uma de nossas sessões — começa Dr. Flynn calmamente. — Só para você saber, nós tratamos estas sessões com absoluta confidencialidade...

Ergo uma sobrancelha para Flynn, interrompendo-o no meio da frase.

— Hum... eu assinei um termo de confidencialidade — balbucio, envergonhada de que ele tenha parado de falar.

Tanto Flynn quanto Christian me encaram, e Christian solta a minha mão.

— Um termo de confidencialidade? — Dr. Flynn franze a testa e olha de relance para Christian, intrigado.

Christian dá de ombros.

— Você começa todos os seus relacionamentos com um contrato? — Dr. Flynn pergunta para ele.

— Só os contratuais.

Dr. Flynn torce os lábios.

— E você já teve algum outro tipo de relacionamento? — pergunta ele, parecendo achar graça.

— Não — responde Christian depois de um tempo, também parecendo achar graça.

— Foi o que eu pensei. — Dr. Flynn volta sua atenção para mim.

— Bem, acho que não precisamos nos preocupar com confidencialidade, mas posso sugerir que vocês dois discutam isso em algum momento? No meu entendimento, vocês não estão mais num relacionamento contratual.

— Outro tipo de contrato, espero — diz Christian baixinho, olhando para mim.

Fico vermelha, e Dr. Flynn aperta os olhos.

— Ana, me perdoe, mas é provável que eu saiba muito mais sobre você do que você imagina. Christian tem sido bastante expansivo.

Olho de relance para Christian, nervosa. O que foi que ele disse?

— Um termo de confidencialidade? — continua ele. — Isso deve ter chocado você.

Pisco para ele.

— Hum, acho que o choque disso já se tornou insignificante, dadas as revelações mais recentes de Christian — respondo, a voz suave e hesitante. Soo tão nervosa.

— Imagino que sim. — Dr. Flynn sorri gentilmente para mim. — Então, Christian, o que gostaria de discutir?

Christian dá de ombros feito um adolescente mal-humorado.

— Foi Anastasia quem quis ver você. Talvez você devesse perguntar a ela.

Mais uma vez, o rosto do Dr. Flynn registra sua surpresa, e ele me fita, com sagacidade.

Putá merda. Isso é humilhante. Encaro minhas mãos.

— Você ficaria mais à vontade se Christian nos deixasse por um momento?

Meus olhos disparam para Christian, e ele me encara, em expectativa.

— Ficaria — sussurro.

Christian franze a testa e abre a boca; no entanto, muda de ideia e se levanta num movimento rápido e elegante.

— Estarei na sala de espera — diz, a boca fechada numa linha mal-humorada.

Ah, não.

— Obrigado, Christian — responde o Dr. Flynn, impassível.

Christian me lança um olhar longo e inquisitivo, então caminha para fora da sala, mas não bate a porta com força. Ufa. Imediatamente, eu relaxo.

— Ele intimida você?

— Intimida. Mas não tanto quanto antes. — Sinto-me desleal, mas é a verdade.

— Isso não me surpreende, Ana. Como posso ajudá-la?

Fito meus dedos entrelaçados. O que posso perguntar?

— Dr. Flynn, eu nunca estive num relacionamento antes, e Christian é... bem, ele é o Christian. E muita coisa aconteceu na última semana. Não tive a chance de pensar direito.

— No que você precisa pensar?

Ergo o olhar para ele, e ele está com a cabeça deitada de lado, observando-me, acho que com compaixão.

— Bem... Christian me diz que está feliz em abandonar... hum...
— tropeço nas palavras e paro. Isso é muito mais difícil de discutir do que eu imaginava.

Dr. Flynn solta um suspiro.

— Ana, no curto tempo em que você o conhece, você obteve mais progressos com meu paciente do que eu mesmo ao longo dos últimos dois anos. Você teve um efeito profundo sobre ele. E deve saber disso.

— Ele também teve um efeito profundo em mim. Só não sei se sou suficiente para ele. Para satisfazer suas necessidades — sussurro.

— É disso que você precisa? Uma confirmação?

Faço que sim com a cabeça.

— As necessidades mudam — diz ele, simplesmente. — Christian se encontrou numa situação em que seus métodos para lidar com as coisas não são mais eficazes. Resumindo, você o forçou a encarar alguns de seus demônios e a repensar as coisas.

Pisco para ele. Foi exatamente o que Christian me disse.

— Sim, seus demônios — murmuro.

— Nós não perdemos muito tempo com eles; eles ficaram no passado. Christian os conhece muito bem, assim como eu, e agora estou certo de que você também. Estou mais preocupado com o futuro dele e em ajudar Christian a alcançar um ponto em que deseja estar.

Franzo a testa, e ele ergue uma sobrancelha.

— O termo técnico é TBVS. — Ele sorri. — Desculpe, isso quer dizer Terapia Breve Voltada para a Solução. Basicamente, é uma terapia orientada para um objetivo. Nós nos concentramos no que Christian quer alcançar e em como levá-lo até lá. É uma abordagem dialética. Não tem sentido ficar remoendo o passado. Tudo isso já foi analisado à exaustão por todos os médicos, psicólogos e psiquiatras de Christian. Nós já sabemos por que ele é do jeito que é, mas o que importa é o futuro. O que Christian prevê para si mesmo, aonde ele quer chegar. Foi preciso que você o deixasse para que ele passasse a levar esse tipo de terapia a sério. Ele sabe que o objetivo dele é estabelecer uma relação amorosa com você. É

simples assim, e é nisso que estamos trabalhando neste momento. É claro que existem obstáculos... a hafefobia dele, por exemplo.

O quê?, arquejo.

— Desculpe. Estou me referindo ao medo dele de ser tocado — diz Dr. Flynn, balançando a cabeça como se estivesse repreendendo a si mesmo. — Imagino que você esteja ciente.

Coro e faço que sim com a cabeça. *Ah, isso!*

— Christian tem uma aversão mórbida por si mesmo. Sei que isso não é nenhuma novidade para você. E, claro, há também a parassonia... hum... perdão, os terrores noturnos, para os leigos.

Pisco, tentando absorver todas essas palavras tão longas. Sei de tudo isso. Mas Flynn ainda não tocou na minha principal preocupação.

— Mas ele é um sádico. Certamente, como tal, ele precisa de coisas que eu não sou capaz de oferecer.

O Dr. Flynn chega a revirar os olhos diante de minha observação e comprime a boca numa linha rígida.

— Isso não é mais reconhecido como um termo psiquiátrico. Não sei quantas vezes já falei isso para ele. Desde os anos noventa que não é nem mais classificado como uma parafilia.

Mais um termo que não entendo. Pisco para ele. Ele me sorri gentilmente.

— Isso é uma mania minha. — Ele balança a cabeça. — Christian sempre pensa o pior, em qualquer situação. Faz parte da aversão que sente por si mesmo. Claro que o sadismo sexual existe, mas não é uma doença, é uma opção de vida. Se for praticado em um relacionamento consensual, seguro e saudável, entre dois adultos, então ele nem chega a ser uma questão. O meu entendimento é que Christian tem conduzido todos os seus relacionamentos BDSM desse jeito. Você é a primeira amante dele que não consentiu, então ele não quer mais.

Amante!

— Mas na certa não é tão simples assim.

— Por que não? — O Dr. Flynn dá de ombros, bem-humorado.

— Bem... as razões por que ele faz isso.

— Ana, esse é o ponto. Em termos de terapia de solução, é simples assim. Christian quer ficar com você. Para conseguir isso,

ele precisa renunciar aos aspectos mais extremos desse tipo de relacionamento. Afinal, o que você está pedindo é razoável... não é?

Fico vermelha. É... é razoável, não é?

— Acho que é. Mas tenho medo de que ele não ache.

— Christian compreende isso, e tem agido de acordo. Ele não é louco. — Dr. Flynn suspira. — Em poucas palavras, ele não é um sádico, Ana. É um jovem raivoso, assustado e brilhante, que teve que lidar com uma merda de mão no baralho quando nasceu. A gente pode ficar se lamentando por causa disso, e analisar o “quem”, o “como” e o “porquê” até a morte. Ou Christian pode seguir em frente e decidir como quer viver a vida. Ele encontrou algo que funcionou para ele por alguns anos, mais ou menos, mas desde que conheceu você, isso não funciona mais. E, como consequência, ele está mudando o seu *modus operandi*. Você e eu temos que respeitar a escolha dele e apoiá-lo.

Eu o encaro, boquiaberta.

— E essa é a minha confirmação?

— É o melhor que posso fazer, Ana. Não existem garantias nesta vida. — Ele sorri. — E essa é a minha opinião profissional.

Sorrio, também, mas um sorriso sem convicção. Piadas de psicólogos... Deus do céu.

— Mas ele se vê como um alcoólatra em recuperação.

— Christian sempre vai pensar o pior de si mesmo. Como eu disse, faz parte da autoaversão que ele tem. Está em sua composição, não importa o quê. Naturalmente, ele está ansioso com essa mudança de vida. Está se expondo potencialmente a todo um universo de dor emocional, do qual, aliás, teve uma prévia quando você o deixou. É claro que está apreensivo — Dr. Flynn faz uma pausa. — Não quero salientar o quão importante foi o seu papel nessa conversão damasquina. Seu caminho para Damasco. Mas foi. Christian não estaria onde está se não tivesse conhecido você. Pessoalmente, não acho que um alcoólatra seja uma boa analogia, mas se por enquanto ela funciona para ele, então acho que devemos lhe dar o benefício da dúvida.

Dar a Christian o benefício da dúvida. Franzo a testa diante desse pensamento.

— Emocionalmente, Christian é um adolescente, Ana. Ele pulou totalmente essa fase da vida. Canalizou todas as suas energias para o sucesso no mundo dos negócios, o que alcançou para além de todas as expectativas. E agora o seu mundo emocional tem que correr atrás do tempo perdido.

— E como eu posso ajudar?

Dr. Flynn ri.

— É só continuar com o que você já está fazendo. — Ele sorri para mim. — Christian está completamente apaixonado. É muito agradável de se ver.

Eu coro, e minha deusa interior está abraçando a si mesma de tanta alegria, mas algo me incomoda.

— Posso perguntar mais uma coisa?

— Claro.

Respiro fundo.

— Parte de mim acha que se ele não fosse tão perturbado ele não iria... ele não iria me querer.

Dr. Flynn levanta as sobrancelhas para mim, espantado.

— Isso é algo muito negativo de se dizer sobre si mesma, Ana. E, francamente, me diz mais a seu respeito do que a respeito de Christian. Não é tão grave quanto a aversão que ele tem de si mesmo, mas me surpreende.

— Bem, olhe para ele... e olhe para mim.

Dr. Flynn franze o cenho.

— Já olhei. E o que eu vi foi um rapaz atraente e uma jovem atraente. Ana, por que você não se vê como uma pessoa atraente?

Ah, não... Não quero transformar isso em algo sobre mim. Encaro os meus dedos. Ouço uma batida forte na porta que me faz pular. E Christian está de volta na sala, olhando para nós dois. Fico vermelha e volto o olhar depressa para Flynn, que está sorrindo benignamente para Christian.

— Bem-vindo de volta, Christian — diz ele.

— Acho que o tempo acabou, John.

— Quase, Christian. Junte-se a nós.

Dessa vez, Christian se senta ao meu lado e coloca a mão possessivamente em meu joelho. Seu gesto não passa despercebido pelo Dr. Flynn.

— Você tem mais alguma questão, Ana? — pergunta, e sua preocupação é evidente.

Merda... Não devia ter feito a última pergunta. Nego com a cabeça.

— Christian?

— Hoje não, John.

Flynn concorda com a cabeça.

— Talvez fosse bom se vocês dois voltassem aqui. Tenho certeza de que Ana vai ter mais perguntas.

Christian concorda, relutante.

Fico vermelha. Merda... ele quer se aprofundar. Christian aperta minha mão e me fita com atenção.

— Certo? — pergunta, com gentileza.

Sorrio para ele, fazendo que sim com a cabeça. É, o benefício da dúvida vai ter que ser suficiente por enquanto, cortesia do bom médico inglês.

Christian aperta minha mão e se volta para Flynn.

— Como ela está? — pergunta, com cuidado.

Eu?

— Ela vai chegar lá — responde ele, com ar tranquilizador.

— Ótimo. Mantenha-me informado do seu progresso.

— Pode deixar.

Putá merda. Estão falando de Leila.

— Então, vamos comemorar a sua promoção? — pergunta Christian, incisivo.

Concordo timidamente com a cabeça, e ele se levanta. Nós nos despedimos rapidamente do Dr. Flynn, e Christian me conduz para fora da sala com uma pressa indecorosa.

* * *

QUANDO CHEGAMOS à rua, ele se vira para mim e pergunta, ansioso:

— Como foi?

— Foi bom.

Ele me encara, desconfiado. Deito a cabeça de lado.

— Por favor, não me olhe assim, Sr. Grey. Seguindo ordens médicas, eu vou lhe oferecer o benefício da dúvida.

— O que isso quer dizer?

— Você vai ver.

Ele contorce os lábios e estreita os olhos.

— Entre no carro — ordena, abrindo a porta do carona do Saab.

Uau, isso é que mudança de foco. Meu BlackBerry vibra. Eu o tiro da bolsa.

Merda, é o José!

— Alô!

— Ana, oi...

Olho para Christian, que está me observando, desconfiado.

— É o José — gesticulo com a boca para ele.

Ele me olha impassível, mas seus olhos enrijecem. Será que ele acha que eu não percebo? Volto minha atenção para José.

— Desculpe não ter ligado para você. É sobre amanhã? — pergunto a ele, mas com os olhos fixos em Christian.

— É. Escute, falei com alguém lá na casa do Grey, então já sei onde entregar as fotos, e eu devo passar lá entre cinco e seis horas... depois disso, estou livre.

Ah.

— Bem, na verdade estou ficando na casa de Christian esses dias, e se você quiser, ele diz que não tem problema você dormir lá.

Christian contrai os lábios. Hum, belo anfitrião.

José fica em silêncio por um instante, assimilando a notícia. Eu tremo nas bases. Ainda não tive a oportunidade de conversar com ele sobre Christian.

— Tudo bem — diz ele, afinal. — Esse negócio com o Grey está sério?

Eu me afasto do carro e caminho de um lado para o outro na calçada.

— Está.

— Quão sério?

Reviro os olhos e faço uma pausa. Por que Christian tem que ficar escutando?

— Sério.

— Ele está aí do seu lado? É por isso que você está respondendo tudo com uma palavra só?

— Sim.

— Está bem. E você tem permissão para sair amanhã?

— Claro que tenho — espero. E, automaticamente, cruzo os dedos.

— Então, onde a gente se encontra?

— Você pode me buscar no trabalho — sugiro.

— Beleza.

— Mando o endereço por mensagem.

— A que horas?

— Lá pelas seis da tarde?

— Certo. A gente se vê então, Ana. Mal posso esperar, estou com saudade de você.

Sorrio.

— Beleza. A gente se vê. — Desligo o telefone e me viro.

Christian está encostado no carro, observando-me atentamente, a expressão impossível de se ler.

— Como vai o seu amigo? — pergunta, friamente.

— Vai bem. Ele vai me buscar no trabalho amanhã, e acho que a gente vai sair para beber alguma coisa. Quer vir conosco?

Christian hesita, seus olhos cinzentos e frios.

— Você não acha que ele vai tentar alguma coisa?

— Não! — Meu tom é exasperado, mas me abstenho de revirar os olhos.

— Tudo bem. — Christian ergue as mãos, derrotado. — Você sai com o seu amigo, e eu vejo você no final do dia.

Eu estava esperando uma briga, e esse consentimento fácil me pega de surpresa.

— Viu? Posso ser razoável. — Ele sorri.

Meus lábios se contraem. Vamos ver.

— Posso dirigir?

Christian pisca para mim, surpreso com meu pedido.

— Preferia que você não dirigisse.

— Por quê, exatamente?

— Porque não gosto que dirijam para mim.

— Você não teve problemas com isso hoje de manhã, e você não parece se incomodar que Taylor dirija para você.

— Confio implicitamente na direção de Taylor.

— Mas não na minha? — Coloco as mãos nos quadris. — Fala sério, essa sua mania de controle não tem limites. Eu dirijo desde os quinze anos.

Ele encolhe os ombros em resposta, como se isso não fizesse a menor diferença. Ele é tão irritante! O benefício da dúvida? Bem, que se dane o benefício da dúvida.

— O carro não é meu? — pergunto.

Ele franze a testa para mim.

— É claro que é seu.

— Então, por favor, me dê as chaves. Eu só dirigi duas vezes, de casa para o trabalho e do trabalho para casa. E agora você que vai ficar com toda a diversão. — Estou com a corda toda.

Christian contrai os lábios, reprimindo um sorriso.

— Mas você nem sabe aonde a gente vai.

— Tenho certeza de que você pode me ensinar o caminho, Sr. Grey. Você tem se saído um professor e tanto.

Ele me olha espantado, em seguida sorri seu novo sorriso tímido que me desarma completamente e me deixa sem fôlego.

— Professor e tanto, é? — murmura.

Eu corro.

— É, na maior parte do tempo.

— Bem, nesse caso. — Ele me entrega as chaves e dá a volta até a porta do motorista, abrindo-a para mim.

* * *

— VIRE À ESQUERDA — ordena Christian, e seguimos para o norte, na direção da Interestadual 5. — Cuidado, Ana! — Ele se agarra ao painel.

Ah, pelo amor de Deus. Reviro os olhos, mas não me viro para olhar pra ele. Van Morrison canta ao fundo pelos alto-falantes do carro.

— Devagar!

— Estou diminuindo!

Christian suspira.

— O que o Flynn disse? — Posso ouvir a ansiedade infiltrando-se em sua voz.

— Já falei. Ele disse que eu deveria lhe conceder o benefício da dúvida. — Droga, talvez eu devesse ter deixado Christian dirigir. Aí eu poderia observá-lo. Aliás... Dou seta para indicar que vou encostar o carro.

— O que você está fazendo? — pergunta ele, assustado.

— Deixando você dirigir.

— Por quê?

— Para poder olhar para você.

Ele ri.

— Não, não, você queria dirigir. Então, agora você dirige, e eu olho para você.

Faço cara feia para ele.

— Mantenha os olhos na estrada! — grita ele.

Meu sangue ferve. Já chega! Encosto junto à calçada pouco antes de um sinal de trânsito, pulo para fora do carro batendo a porta com força e fico de pé na calçada, de braços cruzados. Encarando-o. Ele sai do carro.

— O que você está fazendo? — pergunta com raiva, olhando para mim.

— Não. O que você está fazendo?

— Você não pode parar aqui.

— Sei disso.

— Então por que parou aqui?

— Porque cansei de você latindo ordens no meu ouvido. Ou você dirige ou cala a boca sobre como eu dirijo!

— Anastasia, volte para o carro antes que a gente tome uma multa.

— Não.

Ele pisca para mim, completamente desnorteadado. Em seguida, corre as mãos pelo cabelo, e sua raiva se transforma em perplexidade. Ele parece tão cômico de repente, e não consigo evitar de sorrir para ele. Ele franze a testa.

— O que foi? — atira mais uma vez.

— Você.

— Ah, Anastasia! Você é a mulher mais frustrante do mundo. — Ele ergue as mãos para o céu. — Tudo bem, eu dirijo.

Agarro a bainha do casaco dele e o puxo para junto de mim.

— Não, Sr. Grey... você é o homem mais frustrante do mundo.

Ele me encara, os olhos sombrios e intensos, em seguida passa os braços ao redor de minha cintura e me abraça, segurando-me apertado.

— Então talvez a gente tenha sido feito um para o outro — diz em voz baixa e inspira profundamente, seu nariz em meu cabelo.

Passo os braços ao redor dele e fecho os olhos. Pela primeira vez desde hoje de manhã, sinto-me relaxar.

— Ah... Ana, Ana, Ana — ofega ele, seus lábios pressionados contra meu cabelo.

Aperto meus braços ao seu redor, e ficamos ali, imóveis, aproveitando um momento de tranquilidade inesperada, no meio da rua. Ele me solta e abre a porta do carona. Entro no carro e me sento em silêncio, observando-o dar a volta até a porta do motorista.

Christian liga o carro de novo e entra no tráfego, cantarolando distraído junto com Van Morrison.

Uau. Nunca o ouvi cantar antes, nem no chuveiro. Nunca. Franço a testa. Ele tem uma bela voz... é claro. Hum... será que ele já me ouviu cantar?

Ele não teria pedido você em casamento se tivesse! De casaco xadrez, meu inconsciente me encara, os braços cruzados. A música acaba, e Christian sorri.

— Você sabe, se a gente tivesse levado uma multa, o carro está em seu nome...

— Bom, ainda bem que acabei de ser promovida. Eu ia poder pagar — digo, presunçosa, fitando o seu lindo perfil.

Ele contrai os lábios. Outra música de Van Morrison começa a tocar assim que ele pega a rampa de acesso à Interestadual 5, no sentido norte.

— Aonde estamos indo?

— É surpresa. O que mais o Flynn disse?

Suspiro.

— Ele falou sobre BBTVS.

— TBVS, Terapia Breve Voltada para a Solução. A opção mais moderna em terapia — resmunga.

— Você já tentou outras?

Christian ri com desdém.

— Baby, já fui submetido a todo tipo de terapia. Cognitivismo, Freud, funcionalismo, Gestalt, behaviorismo... Pode chutar o que você quiser que eu já fiz — explica, e seu tom evidencia sua amargura. O rancor em sua voz é angustiante.

— Você acha que essa abordagem mais moderna vai ajudar?

— O que Flynn disse?

— Ele me disse para não perder tempo pensando sobre o seu passado. Para me concentrar no futuro, no lugar em que você quer estar.

Christian concorda com a cabeça, mas encolhe os ombros ao mesmo tempo, com uma expressão cautelosa.

— O que mais? — persiste.

— Ele falou sobre o seu medo de ser tocado, embora tenha chamado de outra coisa. E sobre os seus pesadelos e a aversão que você tem de si mesmo. — Olho para ele e, na luz do fim da tarde, está pensativo, roendo a unha do polegar enquanto dirige.

Ele me olha de relance.

— Olhos na estrada, Sr. Grey — advirto, uma das sobrancelhas erguida.

Ele parece divertido e exasperado ao mesmo tempo.

— Vocês ficaram conversando durante séculos, Anastasia. O que mais ele disse?

Engulo em seco.

— Ele não acha que você seja um sádico — sussurro.

— Sério? — pergunta Christian em voz baixa e franze a testa. A atmosfera no carro despenca.

— Ele diz que esse termo não é reconhecido pela psiquiatria. Desde os anos noventa — murmuro, tentando depressa resgatar o clima entre nós.

O rosto de Christian se fecha, e ele exala lentamente.

— Flynn e eu temos opiniões diferentes sobre isso — diz, calmamente.

— Ele disse que você sempre pensa o pior de si mesmo. Eu sei que é verdade — murmuro. — Ele também mencionou sadismo sexual, mas disse que é um estilo de vida, uma escolha, não uma condição psiquiátrica. Talvez seja isso que você queira dizer.

Seus olhos me fitam de novo, e sua boca se fecha numa expressão emburrada.

— Então basta uma conversa com um médico e você virou especialista — diz, acidamente, voltando os olhos para a estrada.

Ai, Deus... Suspiro.

— Olhe, se você não quer ouvir o que ele falou, não me pergunte — resmungo baixinho.

Não quero discutir. De qualquer forma, ele tem razão, o que é que eu sei dessa merda toda dele? E será que eu quero mesmo saber? Posso listar os pontos-chave: a mania de controle, a possessividade, o ciúme, a superproteção. E entendo perfeitamente de onde vem tudo isso. Posso até entender por que ele não gosta de ser tocado, vi as cicatrizes físicas. Só imagino as cicatrizes mentais. E já tive uma amostra de seus pesadelos. E o Dr. Flynn disse que...

— Quero saber o que foi discutido. — Christian interrompe meus pensamentos ao pegar a saída 172 da Interestadual 5, seguindo para oeste, em direção ao sol poente.

— Ele me chamou de sua amante.

— Ah, foi, é? — Seu tom é conciliador. — Bem, ele é mais que meticuloso em seus termos. Acho que é uma descrição precisa. Você não concorda?

— Você pensava em suas submissas como amantes?

Christian franze a testa de novo, mas, dessa vez, está pensando. Ele faz uma curva com o Saab, seguindo novamente na direção norte. *Aonde estamos indo?*

— Não. Elas eram parceiras sexuais — murmura, a voz cautelosa de novo. — Você é minha única amante. E quero que seja mais.

Hum... a palavra mágica de novo, repleta de possibilidades. Ela me faz sorrir, e, lá no fundo, eu me abraço, tentando conter a alegria.

— Eu sei — sussurro, esforçando-me para esconder a emoção. — Só preciso de um tempo, Christian. Para minha cabeça se acostumar com tudo o que aconteceu nos últimos dias.

Ele me olha de um jeito estranho, perplexo, a cabeça deitada de lado.

Depois de alguns instantes, o sinal de trânsito em que estamos parados fica verde. Ele faz que sim com a cabeça e aumenta o som. Nossa discussão acabou.

Van Morrison ainda está cantando — mais otimista agora — sobre uma ótima noite para dançar à luz da lua. Olho pela janela para os pinheiros lá fora, polvilhados de dourado pela luz do sol que se põe, suas longas sombras se estendendo ao longo da estrada. Christian entrou numa rua residencial, e estamos indo para o oeste, na direção do estuário.

— Aonde estamos indo? — pergunto de novo assim que fazemos uma curva. Vejo uma placa que diz Nona Avenida NE. Estou perdidinha.

— Surpresa — diz ele, e sorri misteriosamente.

CAPÍTULO DEZOITO

Christian continua a dirigir, passando por casas de madeira bem-conservadas e de um andar só, com crianças jogando basquete nos quintais ou andando de bicicleta e correndo pelas ruas. Parece um bairro rico e elegante, com as casas abrigadas em meio às árvores. Talvez estejamos indo visitar alguém... Mas quem?

Poucos minutos depois, Christian faz uma curva fechada à esquerda, e estamos diante de dois portões brancos de metal ornamentado no meio de um muro de pedra de quase dois metros de altura. Christian aperta um botão junto à sua porta e o vidro elétrico da janela desce com um zumbido suave. Digita um número no teclado e os portões se abrem para nós.

Ele me lança um olhar rápido, e sua expressão mudou. Parece incerto, nervoso até.

— O que foi? — pergunto, e não consigo esconder a preocupação em minha voz.

— Uma ideia — diz ele calmamente, conduzindo o Saab através dos portões.

Nós seguimos ao longo de uma pista arborizada, larga o suficiente para dois carros. De um lado, a linha de árvores delimita um bosque muito denso, e, do outro, há um gramado enorme que, embora já tenha sido usado para algum tipo de cultivo, foi deixado livre de plantações. A grama e as flores silvestres tomaram conta do lugar, criando um ambiente idílico: um prado, onde a brisa noturna perpassa suavemente a relva e o sol do fim de tarde doura as flores do campo. É lindo, de uma tranquilidade absoluta, e, de repente, imagino-me deitada na grama, fitando um céu azul-claro típico de verão. A ideia é tentadora, mas, por alguma estranha razão, me faz sentir saudades de casa. Que esquisito.

A estrada faz uma curva e termina numa enorme entrada de garagem diante de uma impressionante casa em estilo mediterrâneo

feita de arenito cor-de-rosa claro. É suntuosa. Todas as luzes estão acesas, cada uma das janelas iluminada no crepúsculo. Um BMW preto elegante está estacionado na frente da garagem para quatro carros, mas Christian encosta o Saab diante do pórtico principal.

Hum... Quem será que mora aqui? E por que viemos visitá-los?

Christian olha ansiosamente para mim ao desligar o motor.

— Você pode manter a cabeça aberta? — pede.

Franzo a testa.

— Christian, estou mantendo a cabeça aberta desde o dia em que conheci você.

Ele sorri ironicamente e concorda.

— Muito bem colocado, Srta. Steele. Vamos.

As portas de madeira escura se abrem, e uma mulher de cabelo castanho-escuro, sorriso sincero e um elegante terno lilás está nos esperando. Fico feliz de ter colocado meu vestido azul-marinho novo para impressionar o Dr. Flynn. Certo, não estou usando saltos poderosos como os dela, mas pelo menos não estou de calça jeans.

— Sr. Grey. — Ela sorri calorosamente, e lhe dá um aperto de mão.

— Srta. Kelly — diz ele educadamente.

Ela sorri para mim e me estende a mão, que eu aperto. Suas bochechas coradas, que parecem dizer “ele é lindo e maravilhoso, queria que fosse meu”, não passam despercebidas.

— Olga Kelly — diz, descontraída.

— Ana Steele — murmuro em resposta.

Quem é essa mulher? Ela dá um passo para o lado, acolhendo-nos para dentro da casa. Fico chocada quando entro: o lugar está vazio, absolutamente vazio. Estamos num grande saguão de entrada. As paredes são de um amarelo desbotado com marcas de desgaste onde quadros um dia devem ter sido pendurados. Tudo o que resta são os lustres antiquados de cristal. O piso de madeira está sem vida. Há portas fechadas de ambos os lados do saguão, mas Christian não me dá tempo para assimilar o que está acontecendo.

— Venha — diz ele.

Segurando minha mão, Christian me conduz pela arcada à nossa frente até um vestíbulo interno maior. Ele é dominado por

uma larga escada em curva com uma balaustrada de ferro intrincada, mas nem ali ele para. Leva-me até a sala de estar principal, que está vazia exceto por um grande tapete dourado desbotado — o maior tapete que eu já vi. Ah, e quatro lustres de cristal.

À medida que atravessamos o cômodo até as portas duplas envidraçadas, que se abrem para um terraço de pedra, a intenção de Christian já ficou clara. Abaixo de nós há um gramado bem-cuidado e do tamanho de meio campo de futebol, e, além dele, a vista. *Uau.*

A paisagem é de tirar o fôlego, mais que isso, é assombrosa: o crepúsculo sobre o estuário. A distância está a ilha de Bainbridge, e, depois dela, nesta noite cristalina, o sol se põe lentamente para além do Parque Nacional Olympic, deixando no céu tons de vermelho-sangue e laranja encandescente. O vermelho empresta reflexos e tons de azul-marinho do céu, e se funde com o roxo mais escuro das escassas e finas nuvens e da terra para além do estuário. É a natureza em seu auge, uma sinfonia visual orquestrada no horizonte e refletida nas profundas águas mansas do estuário. Eu me perco diante da visão: admirando, tentando absorver tanta beleza.

Percebo que estou prendendo a respiração, espantada, e Christian ainda está segurando minha mão. À medida que desvio, relutante, os olhos da paisagem, vejo que ele está me fitando, ansioso.

— Você me trouxe aqui para admirar a vista? — sussurro.

Ele faz que sim com a cabeça, a expressão muito séria.

— É impressionante, Christian. Obrigada — murmuro, deixando meus olhos saborearem mais uma vez a paisagem.

Ele solta a minha mão.

— O que você acharia de ter essa vista para o resto da vida? — ofega.

O quê? Giro o rosto de volta para ele, olhos azuis espantados mirando olhos cinzentos pensativos. Acho que a minha boca está aberta, e eu o encaro embasbacada.

— Sempre quis morar no litoral. Navego o estuário para cima e para baixo, cobiçando essas casas. Este lugar não está à venda há

muito tempo. Quero comprar, demolir a casa e construir uma casa nova para nós — sussurra, e seus olhos brilham, translúcidos de esperanças e sonhos.

Minha nossa. De alguma forma consigo me manter de pé. Estou quase perdendo o equilíbrio. *Morar aqui! Nesse paraíso maravilhoso! Para o resto da vida...*

— É apenas uma ideia — acrescenta, com cuidado.

Olho de volta para avaliar o interior da casa. Quanto será que vale? Uns cinco, dez milhões de dólares? Não tenho ideia. Caramba.

— Por que você quer demolir a casa? — pergunto, olhando para ele.

Sua expressão se desfaz. *Ah, não.*

— Eu queria fazer uma casa mais sustentável, usando as últimas técnicas ecológicas. Elliot pode construir.

Olho para a sala novamente. A Srta. Olga Kelly está no canto oposto, junto à entrada. É corretora de imóveis, claro. Noto como a sala é grande e tem o pé-direito alto, um pouco como a sala de estar do Escala. Há uma varanda acima, que deve ser o patamar do segundo andar. Há ainda uma lareira enorme e toda uma série de portas duplas envidraçadas que se abrem para o terraço. A construção tem um charme próprio do velho mundo.

— Podemos dar uma olhada na casa?

Ele pisca para mim.

— Claro. — Dá de ombros, intrigado.

Quando entramos de novo na sala, o rosto da Srta. Kelly se ilumina feito uma árvore de Natal. Ela parece encantada por nos mostrar o lugar e derramar sobre nós sua conversa-fiada de corretora.

A casa é enorme: mais de um quilômetro quadrado de construção em seis hectares de terreno. Além da sala de estar principal, há uma cozinha com sala de jantar, digo, sala de banquete, e uma sala íntima contígua — *uma sala familiar!* —, uma sala de música, uma biblioteca, um escritório e, para minha surpresa, uma piscina coberta e sala de ginástica com sauna seca e a vapor. Lá embaixo, no porão, há um cinema — *minha nossa* — e

um quarto de jogos. Hum... que tipo de jogos poderíamos jogar aqui?

A Srta. Kelly ressalta todas as vantagens, mas basicamente é uma casa bonita que foi, obviamente, o lar de uma família feliz. Está um tanto gasta agora, mas nada que um pouco de amor e carinho não possa resolver.

À medida que seguimos a Srta. Kelly pela magnífica escada principal até o segundo andar, mal posso conter minha excitação... esta casa tem tudo que eu poderia desejar num lar.

— Você não poderia transformar a casa que já existe num lugar mais ecológico e autossustentável?

Christian pisca para mim, perplexo.

— Eu teria que perguntar a Elliot. O especialista em tudo isso é ele.

A Srta. Kelly nos leva até a suíte principal, onde os janelões que vão do chão ao teto se abrem para uma varanda, e a vista ainda é espetacular. Eu poderia passar um dia inteiro sentada na cama, olhando lá para fora, observando os barcos à vela e a mudança do tempo.

Existem ainda cinco quartos no mesmo piso. *Filhos!* Afasto o pensamento às pressas. Já tenho muito que processar. A Srta. Kelly está ocupada sugerindo a Christian como o terreno poderia acomodar um centro equestre e um pasto para cavalos. *Cavalos!* Imagens aterrorizantes das poucas aulas de equitação que fiz cruzam minha mente, mas Christian não parece estar escutando.

— O pasto ficaria onde hoje fica o prado? — pergunto.

— Isso — diz a Srta. Kelly, animada.

Para mim, o prado é um lugar para se deitar na grama e fazer piqueniques, não um lugar para se abrigar demônios de quatro patas.

De volta ao cômodo principal, a Srta. Kelly desaparece discretamente, e Christian me leva uma vez mais até o terraço. O sol já se pôs, e as luzes das cidades na península Olympic piscam do outro lado do estuário.

Christian me puxa em seus braços e ergue meu queixo com a ponta do indicador, observando-me com atenção.

— Muito para assimilar? — pergunta, sua expressão ilegível.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu queria ver se você gostava, antes de comprar.

— Da vista?

Ele faz que sim.

— Amei a vista, e gostei da casa atual também.

— Gostou?

Sorrio timidamente.

— Christian, você me ganhou só com o prado.

Ele entreabre os lábios e inspira fundo. Em seguida, seu rosto se abre num sorriso, e suas mãos subitamente agarram meus cabelos, sua boca na minha.

* * *

NO CARRO, ENQUANTO dirigimos de volta para Seattle, o estado de espírito de Christian se eleva consideravelmente.

— E então, você vai comprar? — pergunto.

— Vou.

— E vai colocar o Escala à venda?

Ele franze a testa.

— Por que eu faria isso?

— Para pagar... — minha voz desaparece. É claro. Fico vermelha.

Ele sorri para mim.

— Acredite, tenho dinheiro o bastante.

— Você gosta de ser rico?

— Gosto. Você conhece alguém que não goste? — diz, sombriamente.

Certo, mude logo de assunto.

— Anastasia, você vai ter que aprender a ser rica também, se disser sim — fala de mansinho.

— A riqueza não é algo que eu tenha almejado para a minha vida, Christian. — Franzo a testa.

— Eu sei. Amo isso em você. Mas bom, você também nunca teve fome — diz ele simplesmente. Suas palavras são circunspectas.

— Para onde estamos indo? — pergunto animada, mudando de assunto.

— Comemorar. — Christian relaxa.

Ah!

— Comemorar o quê, a casa?

— Já esqueceu? Seu cargo de editora.

— Ah, é — sorrio. Como posso ter esquecido? — Onde?

— No meu clube.

— No seu clube?

— É. Um deles.

* * *

O MILE HIGH Club fica no septuagésimo sexto andar da Columbia Tower, mais alto até que o apartamento de Christian. É supermoderno e tem a vista mais estonteante da cidade de Seattle.

— Espumante, senhorita? — Christian me entrega uma taça de champanhe gelada enquanto me sento num banquinho do bar.

— Ora, obrigada, *senhor* — ressalto a última palavra cheia de segundas intenções, piscando deliberadamente os cílios para ele.

Ele me encara e seu olhar escurece.

— Flertando comigo, Srta. Steele?

— Sim, Sr. Grey. O que você vai fazer a respeito?

— Tenho certeza de que posso pensar em alguma coisa — diz ele, em voz baixa. — Venha, nossa mesa está pronta.

Quando estamos nos aproximando da mesa, Christian para, segurando-me pelo cotovelo.

— Vá ao banheiro e tire a calcinha — sussurra.

Ah? Um delicioso arrepio percorre minha espinha.

— Agora — ordena, com tranquilidade.

Uau, como assim?

Ele não está sorrindo, está mortalmente sério. Cada músculo abaixo de minha cintura se contrai. Eu lhe entrego minha taça de champanhe, viro-me bruscamente e caminho até o banheiro.

Merda. O que ele vai fazer?

Os banheiros são de última geração, tudo em madeira escura, granito preto e iluminação halogênica instalada em pontos

estratégicos. Na privacidade da cabine, sorrio ao tirar a calcinha. Mais uma vez fico feliz de ter escolhido o vestido azul-marinho. Achei que fosse um traje adequado para encontrar o bom Dr. Flynn — não imaginava que a noite fosse tomar um rumo inesperado.

Já estou agitada. Como ele pode me afetar tanto? Incomoda-me um pouco a facilidade com que me entrego ao seu feitiço. Sei agora que não vamos passar a noite discutindo nossos problemas e os últimos acontecimentos... mas como posso resistir a ele?

Verifico minha aparência no espelho, meus olhos estão radiantes de empolgação. *Ah, que se danem os problemas.*

Respiro fundo e volto para o salão. Bem, não é como se eu nunca tivesse saído sem calcinha antes. Minha deusa interior está envolta num boá de plumas rosa e diamantes, pavoneando-se em seus sapatos “venha me comer”.

Christian se levanta, educado, quando volto para a mesa, a expressão ilegível. Está perfeito como sempre, tranquilo, calmo e concentrado. Claro que sei o que está escondendo por trás disso.

— Sente-se aqui do meu lado — diz ele, e eu obedeço. — Já fiz o seu pedido. Espero que não se importe.

Ele devolve minha taça de champanhe pela metade, observando-me com atenção, e, sob seu escrutínio, meu sangue se aquece de novo. Christian repousa as mãos nas coxas. Fico tensa e entreabro as pernas ligeiramente.

O garçom chega com um prato de ostras sobre gelo picado. *Ostras.* A memória de nós dois numa sala de jantar privativa do Heathman preenche a minha mente. Estávamos discutindo o contrato. Deus do céu. Percorremos um longo caminho desde então.

— Acho que você gostou de ostras na última vez em que experimentou — sua voz é grave, sedutora.

— Na única vez em que experimentei. — Estou ofegante, a voz expondo-me completamente.

Seus lábios se contorcem num sorriso.

— Ah, Srta. Steele, quando você vai aprender? — diz.

Ele pega uma ostra do prato e ergue a outra mão que estava em sua coxa. Eu me encolho de expectativa, mas ele se estica para pegar uma fatia de limão.

— Aprender o quê? — pergunto.

Caramba, minha pulsação está acelerada. Seus longos e habilidosos dedos espremem delicadamente o limão sobre a concha.

— Coma — diz ele, trazendo a ostra para junto de meus lábios. Abro a boca, e ele gentilmente apoia a concha em meu lábio inferior. — Deite a cabeça um pouquinho para trás — murmura.

Obedeço, e a ostra desliza pela minha garganta. Ele não me toca, só a concha encosta em mim.

Christian come uma ostra e em seguida me dá mais uma na boca. Nós continuamos nessa rotina torturante até que todas as doze se foram. Em nenhum momento sua pele tocou a minha. Isso está me deixando louca.

— Ainda gosta de ostras? — pergunta, depois que engulo a última.

Faço que sim com a cabeça, vermelha, desejando seu toque.

— Que bom.

Contorço-me na cadeira. Por que isso é tão erótico?

Ele descansa a mão casualmente sobre a própria coxa mais uma vez, e eu me derreto. Agora. Por favor. Toque-me. Minha deusa interior está de joelhos, só de calcinha, implorando. Ele corre a mão para cima e para baixo ao longo da coxa e ergue o braço, apenas para novamente descansar a mão onde estava antes.

O garçom serve mais champanhe em nossas taças e tira os pratos. Momentos depois, está de volta com o primeiro prato: robalo — *não acredito* — servido com aspargos, batata sauté e um molho *hollandaise*.

— Um dos seus preferidos, Sr. Grey?

— Sem dúvida, Srta. Steele. Embora ache que tenha sido bacalhau fresco o que a gente comeu no Heathman.

Sua mão se move para cima e para baixo na coxa. Minha respiração se acelera, mas ainda assim ele não me toca. É tão frustrante. Tento me concentrar na conversa.

— Pelo que me lembro, estávamos numa sala de jantar privativa, discutindo contratos.

— Bons tempos — diz, sorrindo de lado. — Desta vez espero conseguir comer você. — Ele ergue a mão para pegar a faca.

Ah!

Christian dá uma garfada em seu peixe. Está fazendo isso de propósito.

— Não conte com isso — resmungo com um muxoxo, e ele me olha, divertido. — Por falar em contratos — acrescento —, o termo de confidencialidade...

— Rasgue — diz simplesmente.

Uau.

— O quê? Sério?

— Sério.

— Tem certeza de que não vou sair correndo para fazer revelações bombásticas ao *Seattle Times*? — provoco.

Ele ri, e é um som maravilhoso. Está com uma aparência tão jovem.

— Não. Confio em você. Vou lhe conceder o benefício da dúvida.

Ah. Sorrio timidamente para ele.

— Igualmente — ofego.

Seus olhos se iluminam.

— Fico muito feliz que você esteja de vestido — sussurra.

E pronto: o desejo corre por meu já superaquecido sangue.

— Por que não me tocou até agora, então? — ataco.

— Sentindo falta do meu toque? — pergunta, sorrindo.

Está se divertindo... o filho da mãe.

— Sim. — Estou fervendo.

— Coma — ordena ele.

— Você não vai me tocar, não é?

— Não. — Ele balança a cabeça.

O quê? Suspiro bem alto.

— Pense só em como você vai estar quando chegarmos em casa — sussurra. — Mal posso esperar para levar você embora.

— Pois vai ser sua culpa se eu entrar em combustão aqui no septuagésimo sexto andar — resmungo entre os dentes.

— Ah, Anastasia. A gente daria um jeito de apagar o fogo — diz ele, sorrindo de forma provocante para mim.

Irritada, como meu peixe, e minha deusa interior estreita os olhos numa contemplação quieta e maldosa. Também podemos jogar esse jogo. Aprendi o básico durante a nossa refeição no Heathman.

Dou mais uma garfada. Está uma delícia. Fecho os olhos, saboreando o gosto. Ao abri-los, começo a seduzir Christian Grey, erguendo muito lentamente o vestido, expondo mais as coxas.

Christian para por um instante, a garfada suspensa no ar.

Toque em mim.

Após um segundo, ele volta a comer. Dou outra garfada, ignorando-o. Então, baixo a faca e corro a mão pela parte interna de minha coxa, batendo de leve na pele com as pontas dos dedos. O gesto distrai até a mim, principalmente porque estou louca para que ele me toque. Christian para mais uma vez.

— Sei o que você está fazendo. — Sua voz é baixa e rouca.

— Sei que você sabe, Sr. Grey — respondo suavemente. — Por isso é interessante.

Pego um talo de aspargo, olhando de lado para Christian, por entre os cílios, e o mergulho no molho, girando lentamente a pontinha.

— Você não vai virar o jogo, Srta. Steele.

Sorrindo, ele se aproxima e pega o aspargo da minha mão — para minha surpresa e irritação, sem me tocar. Não, isso não está certo, não está saindo de acordo com o meu plano. *Droga!*

— Abra a boca — ordena.

Estou perdendo nessa batalha de vontades. Olho para ele de novo, e seus olhos cinzentos estão brilhando. Separo os lábios de leve, correndo a língua ao longo do lábio inferior. Christian sorri, e seus olhos parecem ainda mais escuros.

— Mais — suspira, abrindo os próprios lábios, de forma que posso ver sua língua.

Estou gemendo por dentro, e mordo o lábio inferior antes de obedecê-lo. Ouço-o inspirar profundamente: ele não é tão imune assim.

Ótimo, finalmente está fazendo efeito.

Mantendo os olhos fixos nos dele, recebo o aspargo na boca e o chupo com carinho... bem delicadamente... na ponta. O molho é de dar água na boca. Mordo, gemendo baixinho em apreciação.

Christian fecha os olhos. *Isso!* Quando ele os abre novamente, suas pupilas estão dilatadas. O efeito em mim é imediato. Solto um

gemido e estico o braço para tocar sua coxa. Para minha surpresa, ele usa a outra mão para me agarrar pelo pulso.

— Ah, não, nada disso, Srta. Steele — murmura baixinho.

Levando minha mão até sua boca, ele gentilmente roça as costas de meus dedos com os lábios, e eu me contorço. Finalmente! Mais, por favor.

— Nada de tocar em mim. — Ele me censura calmamente, e coloca minha mão de volta em meu joelho. É tão frustrante este contato breve e insatisfatório.

— Você não joga limpo — reclamo.

— Eu sei.

Ele pega sua taça de champanhe e propõe um brinde, eu repito suas ações.

— Parabéns pela promoção, Srta. Steele.

Nós brindamos e eu fico vermelha.

— É, um tanto inesperada — murmuro.

Ele franze a testa como se um pensamento desagradável tivesse atravessado sua mente.

— Coma — ordena. — Não vou levar você para casa até que termine o seu prato, e então vamos poder comemorar de verdade.

Sua expressão é tão sensual, tão crua, tão imponente. E eu me derreto.

— Não estou com fome. Não de comida.

Ele balança a cabeça, claramente se divertindo, mas, ao mesmo tempo, estreita os olhos para mim.

— Coma, ou eu vou ter que lhe dar umas palmadas aqui mesmo, para a diversão dos outros clientes.

Suas palavras me fazem contorcer. Ele não ousaria! Ele e sua mão sempre coçando. Fecho a boca numa linha rígida e o encaro. Pegando um aspargo pelo talo, ele o mergulha no molho.

— Coma isto — murmura, a voz baixa e sedutora.

Obedeço de bom grado.

— Você realmente não come o suficiente. Emagreceu desde que a conheci — seu tom é gentil.

Não quero pensar em meu peso, a verdade é que gosto de ser magra assim. Engulo o aspargo.

— Só quero ir para casa e fazer amor — balbucio, desconsolada.

Christian sorri.

— Eu também, e é o que a gente vai fazer. Vamos, coma.

Relutante, volto a atenção para o meu prato e começo a comer. Poxa, tirei a calcinha e tudo. Sinto-me feito uma criança a quem se negou um doce. Ele é tão provocante.... e delicioso, sensual, impertinente, e é todinho meu.

Ele me faz perguntas a respeito de Ethan. Ao que parece, Christian tem algum negócio com o pai de Kate e Ethan. Hum... que mundo pequeno. Fico aliviada por ele não mencionar o Dr. Flynn ou a casa, pois estou tendo dificuldade para me concentrar na conversa. Quero ir embora.

A expectativa carnal vai se desenrolando entre nós. Ele é tão bom nisso. Em me fazer esperar. Preparar a cena. Entre uma garfada e outra, ele pousa a mão sobre a coxa, tão perto da minha... mas mesmo assim não me toca, só para me provocar ainda mais.

Filho da mãe! Enfim termino a comida e descanso os talheres sobre o prato.

— Boa menina — murmura ele, e essas duas palavrinhas carregam tantas promessas.

Faço cara feia para ele.

— E agora? — pergunto, o desejo me comprimindo a barriga. Ah, quero esse homem.

— Agora? A gente vai embora. Imagino que você tenha certas expectativas, Srta. Steele. Que eu pretendo satisfazer com o melhor de minha capacidade.

Uau!

— O melhor... de sua ca... pa... cidade? — gaguejo.

Putá merda. Ele sorri e fica de pé.

— A gente não precisa pagar? — pergunto, sem fôlego.

Ele deita a cabeça de lado.

— Sou sócio daqui. Vão me mandar a conta. Venha, Anastasia, passe na minha frente.

Ele dá um passo para o lado, e me levanto para ir embora, consciente de que não estou usando calcinha.

Ele olha para mim de um jeito sombrio, despindo-me com os olhos, e é uma glória estar diante de sua avaliação carnal. Me faz sentir tão sensual: esse homem lindo me quer. Será que isso

sempre vai me deixar tão excitada? Parando deliberadamente na frente dele, aliso o vestido sobre meu quadril.

Christian sussurra em meu ouvido:

— Mal posso esperar para levar você para casa. — Ainda assim, ele não me toca.

Na saída, ele murmura algo sobre o carro para o *maître*, mas não estou ouvindo, minha deusa interior está incandescente com tanta expectativa. Deus meu, ela seria capaz de deixar Seattle em chamas.

Enquanto esperamos pelo elevador, dois casais de meia-idade se juntam a nós. Quando as portas se abrem, Christian me leva pelo cotovelo até o fundo. Olho ao redor, e estamos rodeados de espelhos escuros por todos os lados. As pessoas entram no elevador, e um homem usando um terno marrom que não lhe cai nada bem cumprimenta Christian:

— Grey — acena com educação.

Christian responde com um aceno de cabeça, em silêncio.

Os dois casais ficam diante de nós, de frente para as portas do elevador. Obviamente são amigos: as mulheres conversam em voz alta, animadas e alegres após a refeição. Acho que estão todos um pouco embriagados.

Assim que as portas se fecham, Christian se abaixa rapidamente ao meu lado para amarrar o caderço. Estranho, o caderço dele não estava desamarrado. Discretamente ele coloca a mão em meu tornozelo, dando-me um susto, e, à medida que se levanta, sua mão sobe ligeira pela minha perna, deslizando deliciosamente por minha pele — uau — até o alto. Tenho que reprimir um suspiro de surpresa quando sua mão alcança minha bunda. Christian se move atrás de mim.

Deus do céu. Arregalo os olhos para as pessoas à nossa frente, fitando as costas de suas cabeças. Eles não têm ideia do que estamos fazendo. Passando o braço livre em volta de minha cintura, Christian me puxa para junto de si, mantendo-me firme no lugar ao explorar meu corpo com seus dedos. *Minha nossa... aqui dentro?* O elevador desce com suavidade, parando no quinquagésimo terceiro andar para receber mais pessoas, mas não estou prestando atenção. Estou concentrada em cada pequeno movimento que seus

dedos fazem. Desenhando círculos... e então avançando, investigando, e o elevador continua sua descida.

Quando seus dedos alcançam seu objetivo, tenho que sufocar um gemido.

— Sempre tão pronta, Srta. Steele — sussurra ele ao enfiar um dedo dentro de mim.

Eu me contorço e ofego. Como ele pode fazer isso com todas essas pessoas aqui?

— Fique quieta e parada — adverte, murmurando em meu ouvido.

Estou vermelha, quente, ávida, presa num elevador com sete pessoas, seis das quais alheias ao que está acontecendo no canto. Seu dedo desliza para dentro e para fora de mim, de novo e de novo. Minha respiração... Caramba, é constrangedor. Quero lhe dizer para parar... e continuar... e parar. Eu solto o corpo contra o dele, e ele aperta o braço em torno de mim, sua ereção contra meu quadril.

Paramos de novo no quadragésimo quarto andar. *Ai... por quanto tempo essa tortura vai continuar? Para dentro... para fora... para dentro... para fora...* Sutilmente, eu me movo contra seu dedo persistente. Depois de todo esse tempo sem me tocar, ele escolhe logo agora! Aqui! Isso me faz sentir tão... devassa.

— Calma — ofega ele, aparentemente impassível diante das duas outras pessoas que entram.

O elevador está ficando lotado. Christian nos move tão para o fundo que ficamos espremidos nas paredes do canto. Ele me segura firme e continua sua tortura, mergulhando o rosto em meu cabelo. Tenho certeza de que pareceríamos um jovem casal apaixonado, abraçando-se num canto, caso alguém se desse o trabalho de virar para trás para ver o que estamos fazendo... E ele enfia um segundo dedo dentro de mim.

Droga! Solto um gemido, ainda bem que o grupo à nossa frente continua conversando, totalmente alheio.

Ah, Christian, o que você faz comigo... Eu apoio a cabeça contra seu peito, fechando os olhos e me rendendo aos seus incansáveis dedos.

— Não goze — sussurra. — Quero isso mais tarde.

Ele apoia a palma da mão em minha barriga, pressionando de leve para baixo enquanto continua a sua doce tortura. A sensação é fenomenal.

Finalmente o elevador chega ao primeiro andar. Com um apito agudo, as portas se abrem, e quase que instantaneamente os passageiros começam a sair. Christian desliza lentamente os dedos para fora de mim e beija a parte de trás de minha cabeça. Viro o rosto para encará-lo, e ele sorri, e então acena mais uma vez para o Sr. Terno Marrom Desajeitado, que responde com outro aceno ao deixar o elevador com sua esposa. Mal reparo neles, concentrando-me em me manter de pé e controlar minha respiração ofegante. Nossa, sinto-me privada de alguma coisa. Christian me solta, e eu tenho que me apoiar sozinha em meus próprios pés, sem a ajuda dele.

Virando-me, eu o encaro. Ele parece sereno e calmo, em sua postura descontraída de sempre. Hum... Isso não é nada justo.

— Pronta? — pergunta, seus olhos ardendo com um brilho perverso enquanto enfia o indicador e depois o dedo médio na boca e os chupa. — Que beleza, Srta. Steele — sussurra.

Quase tenho uma convulsão ali mesmo.

— Não acredito que você fez isso — murmuro, praticamente desfalecendo.

— Você ficaria surpresa com o que sou capaz de fazer, Srta. Steele — diz ele.

Estendendo a mão, ele prende uma mecha de cabelo atrás de minha orelha, um leve sorriso traindo seu divertimento.

— Quero levar você para casa, mas talvez a gente só consiga chegar até o carro. — Ele sorri para mim, pegando minha mão e me conduzindo para fora do elevador.

O quê! Sexo no carro? A gente não pode simplesmente fazer aqui, no chão frio de mármore do saguão do prédio... por favor?

— Venha.

— Isso, eu quero.

— Srta. Steele! — Repreende-me com uma expressão de espanto fingido.

— Nunca fiz sexo num carro — murmuro.

Christian para e leva os mesmos dedos até a ponta do meu queixo, inclinando minha cabeça para trás e me encarando.

— Fico muito contente de ouvir isso. Posso dizer que eu ficaria muito surpreso, para não dizer irritado, se você já tivesse feito.

Enrubesco-me, piscando para ele. Claro, ele é a única pessoa com quem já fiz sexo. Franzo a testa.

— Não foi o que eu quis dizer.

— E o que você quis dizer? — Seu tom é inesperadamente áspero.

— Christian, era só uma expressão.

— A famosa expressão “nunca fiz sexo num carro”. Realmente, é tão corriqueira.

Qual é o problema dele?

— Christian, eu não estava pensando. Pelo amor de Deus, você acabou de... hum... fazer aquilo comigo num elevador cheio de gente. Minha cabeça não está funcionando direito.

Ele levanta as sobrancelhas.

— O que foi que eu fiz? — Desafia-me.

Faço cara feia para ele. Ele quer que eu diga.

— Você me deixou excitada, para cacete. Agora trate de me levar pra casa e de trepar comigo.

Ele fica boquiaberto e ri, surpreso. Nesse instante parece simplesmente um jovem despreocupado. Ah, ouvir essa risada. Adoro a risada dele, porque é tão rara.

— Você é tão romântica, Srta. Steele. — Ele pega a minha mão, nós saímos do prédio e caminhamos até o manobrista ao lado do meu Saab.

* * *

— ENTÃO VOCÊ QUER fazer sexo no carro — murmura Christian ao ligar o motor.

— Para falar a verdade, eu teria ficado feliz com o piso do saguão.

— Acredite, Ana, eu também. Mas não gosto de ser preso a esta hora da noite, e não queria comer você num banheiro. Bem, não hoje.

O quê!

— Então havia uma possibilidade?

— Ah, sim.

— Vamos voltar.

Ele se vira para olhar para mim e ri. Seu riso é contagiante; logo estamos os dois rindo — um riso maravilhoso, catártico e de jogar a cabeça para trás. Depois ele estica o braço e coloca a mão em meu joelho, acariciando-me de leve com dedos habilidosos. Paro de rir.

— Paciência, Anastasia — murmura e começa a dirigir em meio ao trânsito de Seattle.

* * *

CHRISTIAN ESTACIONA O Saab na garagem do Escala e desliga o motor. De repente, no confinamento do carro, a atmosfera entre nós muda. Com um desejo galopante, olho para ele, tentando conter meu coração acelerado. Ele está virado para mim, encostado na porta do carro, o cotovelo apoiado no volante.

Com o polegar e o indicador, ele puxa o lábio inferior. Tem uma boca tão provocante. Quero essa boca em mim. Ele está me observando atentamente, os olhos cinza-escuro. Minha garganta fica seca. Ele abre um sorriso lento e sensual.

— A gente vai transar no carro numa hora e num lugar de minha escolha. Agora, quero foder com você em todas as superfícies livres do meu apartamento.

É como se ele estivesse falando diretamente com a região abaixo da minha cintura... minha deusa interior executa quatro arabescos e um passo de balé.

— Certo.

Nossa, eu sou tão ofegante, desesperada.

Ele se inclina um milímetro para a frente. Fecho meus olhos, à espera de um beijo, pensando: finalmente. Mas nada acontece. Depois de intermináveis segundos, abro os olhos e o vejo me fitando. Não consigo imaginar o que está pensando, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele me distrai novamente.

— Se eu beijar você agora, não vamos chegar ao apartamento. Venha.

Droga! Como um homem pode ser tão frustrante? Ele salta do carro.

* * *

MAIS UMA VEZ, esperamos pelo elevador, e meu corpo vibra de expectativa. Christian segura minha mão, correndo o polegar ritmicamente ao longo de meus dedos, cada carícia suave ecoando dentro de mim. Ah, quero essas mãos em meu corpo. Ele já me torturou o suficiente.

— O que aconteceu então com a gratificação instantânea? — murmuro, enquanto esperamos.

— Não é apropriada para todas as situações, Anastasia.

— Desde quando?

— Desde hoje à noite.

— Por que você está me torturando desse jeito?

— Olho por olho, Srta. Steele.

— E como estou torturando você?

— Acho que você sabe.

Ergo o olhar para ele, e sua expressão é difícil de avaliar. *Ele quer que eu dê minha resposta... é isso.*

— Também gosto de adiar a gratificação — sussurro, sorrindo timidamente.

De repente, ele puxa a minha mão, e estou em seus braços. Ele me segura pela nuca, puxando de leve meu cabelo, deitando minha cabeça para trás.

— O que eu preciso fazer para que você diga “sim”? — pergunta, fervorosamente, surpreendendo-me de novo.

Eu pisco para ele; sua expressão é linda, séria e desesperada.

— Só me dê um pouco de tempo... por favor — murmuro.

Ele geme e enfim me beija com força, por um longo tempo. E então estamos dentro do elevador, e somos apenas mãos e bocas e línguas e lábios e dedos e cabelo. Um desejo poderoso dispara pelo meu sangue, turvando toda a minha razão. Ele me empurra contra a parede, apertando-me com o quadril, uma mão em meu cabelo, a outra em meu queixo, mantendo-me firme no lugar.

— Eu pertencço a você — ele sussurra. — Meu destino está em suas mãos, Ana.

Suas palavras são inebriantes, e, em meu estado superexcitado, quero arrancar suas roupas. Tiro seu paletó, e tropeçamos para fora do elevador assim que ele chega ao apartamento.

Christian me aperta contra a parede ao lado do elevador, seu paletó caído no chão, e sua mão subindo ao longo da minha perna, sem nunca tirar os lábios dos meus. Ele levanta o meu vestido.

— Primeira superfície — ofega e, de repente, levanta-me. — Passe as pernas em volta de mim.

Obedeço, e ele se vira e me coloca sobre a mesa do saguão, de forma que fica de pé entre minhas pernas. Percebo que o vaso de flores habitual não está ali. *Hein?* Ele enfia a mão no bolso da calça e me passa um pacotinho, abrindo o zíper.

— Você sabe o quanto me excita?

— O quê? — ofego. — Não... eu...

— Bem, você me excita — balbucia —, o tempo todo.

Ele pega o pacotinho das minhas mãos. Ah, é tudo tão rápido, mas, depois de tanta tentação, quero-o agora. Ele me encara ao colocar a camisinha, em seguida, põe as mãos em minhas coxas e abre minhas pernas. Preparando-se, ele faz uma pausa.

— Fique de olhos abertos. Quero ver você — sussurra e, segurando minhas mãos nas suas, entra em mim.

Eu tento, de verdade, mas a sensação é tão estonteante. É tudo o que eu estava esperando desde que ele começou com essa provocação. *Ah, a plenitude, a sensação...* Solto um gemido e arqueio as costas na mesa.

— Abra os olhos — rosna ele, apertando minhas mãos e entrando com força dentro mim, fazendo-me gritar.

Piscando, abro os olhos, e ele está me fitando de olhos arregalados. Ele sai bem devagar e então afunda em mim mais uma vez, a boca entreaberta, formando um *Ah...* mas não diz nada. Ver sua excitação, sua reação ao meu corpo, me incendeia por dentro, o sangue arde nas minhas veias. Seus olhos cinzentos queimam os meus. Ele acelera o ritmo, e eu me entrego, deleitando-me naquilo, vendo-o olhando para mim — sua paixão, seu amor —, enquanto desmoronamos, juntos.

Eu grito, numa explosão, e Christian me acompanha.

— Sim, Ana! — grita.

E cai em cima de mim, soltando minhas mãos e descansando a cabeça em meu peito. Minhas pernas ainda estão ao redor dele, e sob o olhar paciente e maternal das pinturas de Nossa Senhora, embalo sua cabeça contra o meu corpo, lutando para recuperar o fôlego. Ele ergue o olhar para mim:

— Ainda não terminei com você — murmura, inclinando-se para me beijar.

* * *

ESTOU NUA, DEITADA na cama de Christian, esparramada sobre o seu peito, a respiração ofegante. Deus do céu — como ele pode ter tanta energia? Christian corre os dedos para cima e para baixo ao longo de minhas costas.

— Satisfeita, Srta. Steele?

Solto um gemido de aprovação. Não tenho mais forças para falar. Ergo meus olhos embaçados para ele, deleitando-me em seu olhar cáldo e apaixonado. Muito deliberadamente, inclino a cabeça para baixo, para que fique claro que vou beijar seu peito.

Ele enrijece por um instante, e eu deixo um beijo suave em seus pelos, inspirando seu cheiro único, misturado a suor e sexo. É inebriante. Ele rola para o lado, de forma que fico deitada junto a seu corpo, e olha para mim.

— Sexo é assim para todo mundo? Fico surpresa que as pessoas saiam de casa — murmuro, sentindo-me tímida, de repente.

Ele sorri.

— Não posso falar por todo mundo, mas é muito especial com você, Anastasia. — Ele se inclina e me beija.

— Isso é porque você é muito especial, Sr. Grey — concordo, sorrindo e acariciando seu rosto.

Ele pisca para mim, perdido.

— Está tarde. Hora de dormir — diz.

Ele me beija e depois se deita, puxando-me para junto de si, e ficamos de conchinha na cama.

— Você não gosta de elogios.

— Durma, Anastasia.

Hum... Mas ele é muito especial. Caramba... por que ele não percebe isso?

— Amei a casa — murmuro.

Ele fica em silêncio por um minuto, mas sinto seu sorriso.

— Amo você. Agora durma.

Ele enfia o rosto em meu cabelo, e eu caio no sono, sentindo-me segura em seus braços, sonhando com o pôr do sol e portas de varanda e escadas largas... e um pequeno menino de cabelos cor de cobre correndo por um prado, rindo e gargalhando enquanto eu corro atrás dele.

—

— Tenho que ir, baby. — Christian me acorda com um beijo logo abaixo da minha orelha.

Abro os olhos, já é de manhã. Viro-me para encará-lo, mas ele está de pé, de banho tomado e arrumado, maravilhoso, inclinándose sobre mim.

— Que horas são?

Ah, não... Não quero chegar atrasada.

— Não precisa entrar em pânico. Tenho uma reunião no café da manhã. — Ele encosta o nariz no meu.

— Que cheiro bom — sussurro, espreguiçando-me sob ele, os membros rígidos e cansados depois de todas as nossas proezas de ontem. Passo os braços ao redor de seu pescoço. — Não vá.

Ele deita a cabeça de lado e levanta a sobrancelha.

— Srta. Steele, a senhorita está tentando afastar um homem de um dia de trabalho honesto?

Faço que sim com a cabeça, sonolenta, e ele sorri seu novo sorriso tímido.

— Por mais tentadora que você seja, tenho que ir. — Ele me beija e fica de pé.

Está usando um terno azul-marinho, camisa branca e uma gravata azul-marinho, e cada centímetro de seu corpo transmite um ar de CEO... um CEO muito sensual.

— Até mais, baby — murmura ele e vai embora.

Olhando para o relógio, noto que já são sete horas. Não devo ter ouvido o alarme tocar. Bem, hora de levantar.

* * *

NO CHUVEIRO, TENHO uma inspiração. Pensei em outro presente de aniversário para Christian. É tão difícil comprar algo para um homem que já tem tudo. Já lhe entreguei meu presente principal, e ainda tenho o outro que comprei na loja de turismo, mas este na verdade vai ser para mim.

Desligo o chuveiro e dou um abraço em mim mesma, de tanta empolgação. Só preciso fazer uns preparativos.

No closet, coloco um vestido justo vermelho-escuro com um decote quadrado bem avantajado. Pronto, isso deve servir para ir pro trabalho.

Agora, o presente de Christian. Vasculho as gavetas, à procura de suas gravatas. Na gaveta de baixo, encontro a calça jeans desbotada e rasgada, a que ele usa no quarto de jogos — ah, ele fica uma delícia nessa calça. Passo a mão de leve sobre ela. Nossa, é tão macia.

Embaixo dela, encontro uma caixa de papelão grande e preta que desperta o meu interesse imediatamente. O que tem aqui dentro? Olho para ela, sentindo-me invadindo seu território de novo. Ergo a caixa e sacudo. É pesada, como se estivesse cheia de papéis ou manuscritos. Não posso resistir, abro a tampa e fecho-a novamente num susto. Puta merda — fotos do Quarto Vermelho da Dor. O choque me faz cair para trás sentada, enquanto tento limpar a imagem de meu cérebro.

Por que fui abrir a caixa? Por que ele guardou isso?

Tremo. Meu inconsciente faz uma cara feia para mim: *isto é anterior a você. Esqueça.*

Ele tem razão. Quando me levanto, percebo que as gravatas estão penduradas no final do cabideiro. Pego minha favorita e saio depressa.

Aquelas fotos são A. A. — Antes de Ana. Meu inconsciente faz que sim com a cabeça, concordando, mas sigo para a sala de estar

para tomar café da manhã com o coração pesado. A Sra. Jones sorri calorosamente para mim e, em seguida, franze a testa.

— Está tudo bem, Ana? — pergunta gentilmente.

— Sim — murmuro, distraída. — Você tem a chave para o... hum... o quarto de jogos?

Ela faz uma pausa momentânea, surpresa.

— Tenho, claro. — Ela retira um pequeno molho de chaves do cinto. — O que você gostaria de comer no café da manhã, querida? — pergunta ao me entregar as chaves.

— Só um pouco de granola. Não vou demorar.

Eu me sinto mais ambivalente a respeito do presente, agora, mas só porque vi aquelas fotografias. *Nada mudou!*, meu inconsciente grita para mim de novo, encarando-me por sobre os óculos de meia-lua. Aquela foto que você viu por cima era bem sensual, minha deusa interior resolve se intrometer, e, mentalmente, faço cara feia para ela. É, era mesmo... sensual demais para mim.

O que mais ele escondeu por aí? Depressa, vasculho a cômoda de museu, pego o que preciso e tranco a porta atrás de mim. Não gostaria que José descobrisse este lugar!

Entrego as chaves para a Sra. Jones e me sento para devorar meu café da manhã, estranhando a ausência de Christian. As imagens fotográficas dançam, indesejáveis, em minha mente. Imagino quem era. Leila, talvez?

* * *

NO CARRO, DIRIGINDO até o trabalho, pergunto-me se devo ou não dizer a Christian que encontrei as fotografias. *Não*, grita meu inconsciente, fazendo a careta de Edvard Munch. Decido que provavelmente ele está certo.

* * *

ASSIM QUE ME sento em minha mesa, meu BlackBerry vibra.

Assunto: Superfícies

Data: 17 de junho de 2011 08:59

Para: Anastasia Steele

Calculo que ainda faltem umas trinta superfícies pela casa. Estou ansioso por cada uma delas. E depois, ainda temos os pisos, as paredes... e não vamos nos esquecer da varanda.

Depois disso, o meu escritório...

Saudade.

Bj,

Christian Grey

Um CEO priápico, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Seu e-mail me faz sorrir, e todas as minhas ressalvas anteriores se evaporam. É a mim que ele quer agora, e as memórias da noite passada me invadem a mente... *o elevador, o saguão, a cama*. É, priápico mesmo. Pergunto-me vagamente qual seria o equivalente feminino.

De: Anastasia Steele

Assunto: Romance?

Data: 17 de junho de 2011 09:03

Para: Christian Grey

Sr. Grey,

Você só pensa naquilo.

Senti sua falta no café da manhã.

Mas a Sra. Jones foi muito obsequiosa.

Bj.

De: Christian Grey

Assunto: Intrigado

Data: 17 de junho de 2011 09:07

Para: Anastasia Steele

E a Sra. Jones foi obsequiosa a respeito de quê?

O que está aprontando, Srta. Steele?

Christian Grey

Um CEO curioso, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Como ele sabe?

De: Anastasia Steele

Assunto: Confidencial

Data: 17 de junho de 2011 09:10

Para: Christian Grey

Aguarde e confie — é surpresa.

Preciso trabalhar... deixe-me em paz.

Amo você.

Bj.

De: Christian Grey

Assunto: Frustrado

Data: 17 de junho de 2011 09:12

Para: Anastasia Steele

Odeio quando você esconde as coisas de mim.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Fico olhando para a pequena tela do BlackBerry. A veemência implícita em seu e-mail me pega de surpresa. Por que ele se sente assim? Não é como se eu estivesse escondendo fotos eróticas dos meus ex-namorados.

De: Anastasia Steele
Assunto: Para a sua satisfação
Data: 17 de junho de 2011 09:14
Para: Christian Grey

É para o seu aniversário.

Mais uma surpresa.

Não seja tão petulante.

Bj.

Ele não responde de imediato, e eu sou chamada para participar de uma reunião, então não posso me demorar com o assunto.

* * *

QUANDO VERIFICO MEU BlackBerry de novo, percebo, com horror, que já são quatro da tarde. Para onde foi o meu dia? Nenhuma mensagem de Christian ainda. Decido mandar outro e-mail.

De: Anastasia Steele
Assunto: Olá
Data: 17 de junho de 2011 16:03
Para: Christian Grey

Você parou de falar comigo?

Não se esqueça de que vou sair para tomar uma bebida com José e de que ele vai passar a noite com a gente.

Por favor, mude de ideia e venha se encontrar conosco.

Bj.

Ele não responde, e eu sinto um arrepio de desconforto. Espero que esteja bem. Ligo para o seu celular, e a chamada cai na caixa postal. A mensagem diz simplesmente “Grey, deixe seu recado”, em seu tom mais contido.

— Oi... hum... sou eu. Ana. Você está bem? Me ligue — gaguejo.

Nunca tive que deixar um recado para ele antes. Fico vermelha ao desligar. *Claro que ele vai saber que é você, sua idiota!* Meu inconsciente revira os olhos para mim. Sinto-me tentada a ligar para sua assistente, Andrea, mas concluo que isso seria ir longe demais. Relutante, continuo meu trabalho.

* * *

MEU TELEFONE TOCA inesperadamente, e meu coração pula. *Christian!* Mas não, é Kate, minha melhor amiga, finalmente!

— Ana — grita ela do outro lado da linha.

— Kate! Você voltou? Que saudade.

— Eu também. Tenho tanta coisa para contar. Estamos no aeroporto... eu e o meu homem. — Ela ri de um jeito nada típico de Kate.

— Legal. Também tenho um monte de coisa para contar.

— Vejo você no apartamento?

— Vou dar uma saída com José. Venha com a gente.

— José está na cidade? Claro! Me mande o endereço por mensagem.

— Tá — respondo.

— Você está bem, Ana?

— Estou, tudo ótimo.

— Ainda com o Christian?

— Ainda.

— Ótimo. Até mais, baby!

Ah, não, ela também. A influência de Elliot não tem limites.

— É, até mais, baby — sorrio e ela desliga.

Uau. Kate está de volta. Como vou contar a ela tudo o que aconteceu? Eu deveria fazer uma lista para não esquecer de nada.

* * *

UMA HORA DEPOIS meu telefone do escritório toca — *Christian?* Não, é Claire.

— Você deveria ver o cara que está aqui embaixo perguntando por você. Onde você conhece todos esses caras maravilhosos, Ana?

José deve ter chegado. Olho para o relógio: cinco para as seis, e uma pequena empolgação pulsa em mim. Faz séculos que não o vejo.

— Ana, uau! Você está linda. Tão adulta. — Ele sorri para mim. Só porque estou usando um vestido chique... caramba!

Ele me abraça com força.

— E mais alta também — diz, espantado.

— São só os sapatos, José. Você também não está nada mal.

Ele está vestindo calça jeans, uma camiseta preta e uma camisa de flanela xadrez branca e preta.

— Vou pegar as minhas coisas, e a gente já vai.

— Legal. Vou esperar aqui.

* * *

PEGO DUAS GARRAFAS de Rolling Rocks no bar lotado e caminho até a mesa em que José está sentado.

— Você achou a casa de Christian direitinho?

— Achei. Não cheguei a entrar. Só coloquei as fotos no elevador de serviço. Um cara chamado Taylor levou lá para cima. Parece um lugar e tanto.

— E é. Espere só até ver por dentro.

— Mal posso esperar. *Salud*, Ana. Seattle fez bem a você.

Fico vermelha, e brindamos com nossas garrafas. É Christian que me faz bem.

— *Salud*. Conte-me como foi a exposição.

Ele sorri e começa a falar. Vendeu quase todas as fotos, exceto três, e o dinheiro deu para pagar os empréstimos da universidade e ainda sobrou algum.

— E fui contratado para fazer algumas paisagens para o Comitê de Turismo de Portland. Muito legal, não é? — conclui, orgulhoso.

— José, que maravilha. Mas isso não vai atrapalhar os seus estudos, não é? — franzo a testa para ele.

— Que nada. Agora que vocês foram embora, e mais três dos caras com quem eu costumava sair também se mudaram, tenho mais tempo.

— Nenhuma gatinha para manter você ocupado? Na última vez em que o vi, você estava rodeado por meia dúzia de mulheres concentradas em cada palavra que você dizia — levanto uma sobrancelha para ele.

— Não, Ana. Nenhuma delas é mulher o bastante para mim. — Ele é todo bravata.

— Ah, claro. José Rodriguez, destruidor de corações. — Dou uma risadinha.

— Ei, eu tenho meus momentos, Steele. — Ele parece vagamente magoado, e eu me sinto culpada.

— Claro que tem — asseguro.

— Então, como vai o Grey? — pergunta ele, seu tom de voz mudando, tornando-se mais frio.

— Está bem. Estamos bem — murmuro.

— E o negócio está sério?

— Está. Sério.

— Ele não é velho demais para você?

— Ah, José. Você sabe o que minha mãe diz: já nasci velha.

José sorri ironicamente.

— Como vai a sua mãe? — e assim, estamos fora da zona de perigo.

— Ana!

Viro-me e vejo Kate com Ethan. Ela está linda: o cabelo louro-avermelhado descolorido pelo sol, um bronzeado dourado, um sorriso radiante e o corpo bem definido por sob a camiseta branca e a calça jeans branca e justa. Todos os olhos estão em Kate. Eu me levanto e lhe dou um abraço. Nossa, como senti saudade dela!

Ela me afasta e me mantém a distância de um braço, examinando-me de perto. Fico vermelha diante desse olhar intenso.

— Você emagreceu. Muito. E está diferente. Adulta. O que aconteceu? — diz, toda maternal. — Gostei desse vestido. Ficou bem em você.

— Muita coisa aconteceu desde que você viajou. Eu conto depois, quando estivermos sozinhas — ainda não estou pronta para a Inquisição Katherine Kavanagh.

Ela me olha desconfiada.

— Você está bem? — pergunta gentilmente.

— Estou — sorrio, mas estaria mais feliz se soubesse onde Christian está.

— Legal.

— Oi, Ethan. — Sorrio para ele, e ele me dá um abraço rápido.

— Oi, Ana — sussurra ele em meu ouvido.

José franze a testa para ele.

— Como foi o almoço com Mia? — pergunto a Ethan.

— Interessante — diz ele, misteriosamente.

Ah?

— Ethan, você conhece José?

— Já nos vimos uma vez — resmunga José, avaliando Ethan enquanto eles apertam as mãos.

— Sim, na casa de Kate, em Vancouver — responde Ethan, sorrindo gentilmente para José. — Certo, quem aceita uma bebida?

* * *

CAMINHO ATÉ O banheiro e mando uma mensagem de texto para Christian, avisando onde estamos; talvez ele se junte a nós. Meu celular não indica nenhuma chamada não atendida nem e-mail novos. Não é a cara dele.

— O que foi, Ana? — pergunta José assim que volto para a mesa.

— Não consigo falar com Christian. Espero que ele esteja bem.

— Vai estar tudo bem. Mais uma cerveja?

— Claro.

Kate se inclina sobre a mesa.

— Ethan me contou que uma ex-namorada maluca invadiu o apartamento com uma arma?

— É... foi. — Dou de ombros num pedido de desculpas.

Ai, a gente tem que ter essa conversa agora?

— Ana, que diabo está acontecendo? — Kate olha abruptamente para o telefone. — Oi, baby — diz ela, atendendo uma ligação. *Baby!* Ela franze a testa e me olha. — Claro — diz e se vira para mim: — É Elliot... ele quer falar com você.

— Ana. — A voz de Elliot é contida e baixa, e sinto meu couro cabeludo pinicar ameaçadoramente.

— O que houve?

— É o Christian. Ele não voltou de Portland.

— O quê? Como assim?

— O helicóptero dele desapareceu.

— *Charlie Tango?* — sussurro, e todo o ar se esvai de meu corpo. — Não!

CAPÍTULO DEZENOVE

Encaro as chamas, em choque. Elas dançam e se entrelaçam em tons vívidos de laranja com extremidades de azul-cobalto, na lareira do apartamento de Christian. E apesar do calor que emana e do cobertor que me envolve os ombros, estou com frio. Um frio de congelar os ossos.

Ouçoo vozes abafadas, muitas vozes abafadas. Mas elas estão lá no fundo, um zumbido distante. Não identifico as palavras. Tudo o que posso ouvir, tudo em que posso me concentrar é o silvo suave da saída de gás da lareira.

Meus pensamentos se voltam para a casa que vimos ontem e para as lareiras imensas — lareiras de verdade de queimar lenha. Queria fazer amor com Christian diante de uma lareira de verdade. Queria fazer amor com Christian diante desta lareira. É, seria divertido. Sem dúvida, ele acharia um jeito de tornar isso inesquecível, assim como todas as vezes em que fizemos amor. Rio ironicamente para mim mesma; até nas vezes em que a gente estava só fodendo. Sim, essas também foram inesquecíveis. *Onde ele está?*

As chamas se remexem e brilham, aprisionando-me, entorpecendo-me. Eu me concentro apenas na beleza resplandecente e escaldante delas. Elas me enfeitiçam.

Anastasia, você me enfeitiçou.

Ele disse isso para mim na primeira vez em que dormiu comigo na minha cama. *Ah, não...*

Envolvo meu corpo com os braços e o mundo desmorona ao meu redor, a realidade invadindo minha consciência. O vazio rastejante se expande um pouco mais dentro de mim. *Charlie Tango* está desaparecido.

— Ana. Aqui — chama a Sra. Jones com carinho, sua voz me trazendo de volta para a sala, para o presente, para a angústia.

Ela me estende uma xícara de chá. Pego a xícara e o pires com gratidão, o barulho de um contra o outro evidenciando o tremor de minhas mãos.

— Obrigada — sussurro, minha voz rouca das lágrimas não derramadas e do grande nó em minha garganta.

Mia está sentada na minha frente, no enorme sofá em forma de U, de mãos dadas com Grace. Elas me observam, a dor e a ansiedade gravadas em seus belos rostos. Grace parece mais velha — uma mãe preocupada com o filho. Pisco para elas sem emoção. Não posso oferecer um sorriso tranquilizador, uma lágrima sequer — não há nada, só um vazio crescente. Olho para Elliot, José e Ethan, que estão de pé junto à bancada da cozinha, todos de rosto sério, falando baixinho. Discutindo algo com vozes calmas e tristes. Atrás deles, a Sra. Jones se ocupa na cozinha.

Kate está na sala de tevê, acompanhando o jornal local. Ouço o ruído da grande tevê de plasma. Não suporto mais ver a notícia — CHRISTIAN GREY DESAPARECIDO — e o seu lindo rosto na tevê.

Distraída, ocorre-me que nunca tinha visto tanta gente nesta sala, e que ainda assim todos parecem insignificantes perante o tamanho dela. Pequenas ilhas de pessoas perdidas e ansiosas no apartamento do meu Cinquenta Tons. O que ele acharia de estarem todos aqui?

Em algum lugar, Taylor e Carrick conversam com as autoridades que nos dão informações pingadas, mas é inútil. O fato é que ele está desaparecido. Está desaparecido há oito horas. Nenhum sinal, nenhuma notícia dele. As buscas foram interrompidas — isso eu sei. Está escuro demais. E nós não sabemos onde ele está. Ele pode estar machucado, com fome ou pior. *Não!*

Ofereço mais uma oração silenciosa a Deus. *Por favor, faça com que Christian esteja bem. Por favor, faça com que Christian esteja bem.* Repito isso de novo e de novo em minha cabeça: meu mantra, minha tábua de salvação, algo concreto a que me agarrar em meu desespero. Recuso-me a pensar o pior. Não, não pense nisso. Há esperança.

Você é minha tábua de salvação.

As palavras de Christian voltam para me assombrar. Sim, a esperança é a última que morre. Não devo me desesperar. Suas

palavras ecoam em minha mente.

Agora sou um adepto convicto da gratificação instantânea. Carpe diem, Ana.

Por que eu não aproveitei o dia?

Estou fazendo isso porque finalmente conheci alguém com quem eu quero passar o resto da minha vida.

Fecho os olhos numa prece silenciosa, balançando o corpo de leve. *Por favor, não deixe que o resto da vida dele seja assim tão curto. Por favor, por favor.* Não tivemos tempo suficiente... precisamos de mais tempo. Fizemos tanta coisa nas últimas semanas, chegamos tão longe. Isso não pode acabar. Todos os nossos momentos felizes: o batom, quando ele fez amor comigo pela primeira vez no Olympic Hotel, de joelhos diante de mim, oferecendo-se para mim, enfim poder tocá-lo.

Ainda sou eu, Ana, o mesmo eu. Eu amo você e preciso de você. Toque em mim. Por favor.

Ah, eu o amo tanto. Não seria nada sem ele, nada a não ser uma sombra — toda a luz eclipsada. *Não, não, não... meu pobre Christian.*

Isto aqui sou eu, Ana. Eu por inteiro... e sou todo seu. O que eu tenho que fazer para você entender isso? Para você ver que quero você do jeito que for? Que eu amo você?

E eu amo você, meu Cinquenta Tons.

Abro os olhos e, mais uma vez, encaro o fogo às cegas. As lembranças de nossos momentos juntos atravessam a minha mente: sua alegria de menino quando estávamos navegando e voando no planador; seu jeito suave, sofisticado e sensual para cacete no baile de máscaras; dançando comigo, ah, sim, dançando comigo aqui no apartamento, ao som de Sinatra, girando ao redor da sala; seu silêncio esperançoso e ansioso de ontem naquela casa — aquela vista deslumbrante.

Vou colocar o meu mundo a seus pés, Anastasia. Quero você, de corpo e alma, para sempre.

Ah, por favor, faça com que ele esteja bem. Ele não pode ter morrido. Ele é o centro do meu universo.

Um soluço involuntário escapa de minha garganta, e eu levo a mão à boca. Não. Preciso ser forte.

De repente, José está ao meu lado, ou será que já faz um tempo que ele está aqui? Não tenho ideia.

— Você quer ligar para a sua mãe ou para o seu pai? — pergunta gentilmente.

Não! Faço que não com a cabeça e seguro a mão de José. Não posso falar, sei que vou me acabar se o fizer, mas o calor e o aperto suave de sua mão não me oferecem nenhum consolo.

Minha mãe. Meu lábio treme quando penso nela. Será que devo ligar para mamãe? Não. Não poderia lidar com a reação dela. Talvez Ray, ele não ficaria muito emotivo — ele nunca é emotivo, nem quando os Mariners perdem.

Grace se junta aos rapazes, o que me distrai por um momento. Deve ser o período mais longo que ela já passou sentada. Mia se senta ao meu lado e aperta minha outra mão.

— Ele vai voltar — diz, a voz a princípio determinada, mas falhando na última palavra. Seus olhos estão arregalados e vermelhos, o rosto pálido e amassado por causa do tempo sem dormir.

Ergo o olhar para Ethan. Ele está observando Mia e Elliot, que passou os braços ao redor de Grace. Olho para o relógio. Já passam das onze, quase meia-noite. *Porcaria de tempo!* A cada hora que passa, o vazio se expande, consumindo-me, sufocando-me. Lá no fundo, sei que estou me preparando para o pior. Fecho os olhos e ofereço outra oração silenciosa, apertando tanto a mão de Mia quanto a de José.

Abrindo os olhos, encaro as chamas mais uma vez. Posso ver seu sorriso tímido — a minha favorita dentre todas as suas expressões, um vislumbre do verdadeiro Christian, o meu verdadeiro Christian. Ele é tantas pessoas: maníaco por controle, CEO, perseguidor, deus do sexo, Dominador e, ao mesmo tempo, um menino com os seus brinquedos. Sorrio. O carro, o barco, o avião, o helicóptero *Charlie Tango...* meu menino perdido, perdido de verdade agora. Meu sorriso desaparece, e a dor me domina de novo. Eu me lembro dele no chuveiro, limpando as marcas de batom.

Não sou nada, Anastasia. Sou a casca de um homem. Não tenho coração.

O nó em minha garganta se expande. Ah, Christian, você tem sim, você tem um coração, e ele é meu. Quero amá-lo para sempre. Mesmo ele sendo tão complexo e difícil, eu o amo. Sempre vou amar. Nunca haverá outra pessoa. Nunca.

Lembro-me de passar a hora de almoço na Starbucks, avaliando os prós e os contras de Christian. Todos os contras, mesmo as fotografias que encontrei esta manhã, derretem na insignificância agora. Só há ele e o medo de ele não voltar. *Ah, por favor, Senhor, traga-o de volta, por favor, faça com que fique bem. Eu vou à igreja... Faço qualquer coisa.* Ah, se ele voltar, vou aproveitar o dia. Sua voz ecoa em minha cabeça mais uma vez: “Carpe diem, Ana.”

Olho mais fundo nas chamas, as labaredas ainda lambendo e contorcendo-se em torno de si mesmas, brilhando intensamente. E então Grace solta um grito, e tudo fica em câmera lenta.

— Christian!

Viro a cabeça a tempo de ver Grace correndo pela sala de estar, saindo do canto atrás de mim onde estava andando de lá para cá, e, na entrada, vejo um Christian consternado. Está apenas com a camisa, as mangas arregaçadas e a calça do terno, e carrega nas mãos o paletó azul-marinho, os sapatos e as meias. Parece cansado, sujo e absolutamente lindo.

Putá merda... Christian. Ele está vivo. Eu o observo, entorpecida, tentando descobrir se estou alucinando ou se ele está realmente aqui.

Sua expressão é de absoluto espanto. Ele deixa o paletó e os sapatos no chão bem a tempo de pegar Grace, que joga os braços ao redor de seu pescoço e o beija com força na bochecha.

— Mãe? — Christian olha para ela, completamente perdido.

— Achei que nunca mais ia ver você de novo — sussurra Grace, expressando nosso medo coletivo.

— Mãe, estou aqui. — Ouço a consternação em sua voz.

— Morri mil vezes hoje — diz ela, a voz quase inaudível, ecoando meus pensamentos.

Grace suspira e soluça, incapaz de conter as lágrimas. Christian franze a testa — se de horror ou de vergonha, eu não sei — e, depois de um instante, envolve-a num abraço apertado.

— Ah, Christian — engasga, envolvendo os braços em torno dele, chorando em seu pescoço, o comedimento completamente esquecido.

E Christian não recua. Apenas permanece ali, segurando-a, balançando-a de leve, reconfortando-a. Lágrimas escaldantes brotam em meus olhos. Carrick grita do corredor.

— Ele está vivo! Caramba, você está aqui! — Ele aparece do escritório de Taylor, segurando o celular, e abraça os dois, os olhos fechados de alívio.

— Pai?

Mia grita algo ininteligível ao meu lado, e então ela está de pé e corre para se juntar aos pais, abraçando-os também.

Enfim, as lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas. Ele está aqui, ele está bem. Mas não consigo me mover.

Carrick é o primeiro a se afastar, enxugando os olhos e batendo no ombro de Christian. Mia também os solta, e, em seguida, Grace dá um passo para trás.

— Desculpe — murmura.

— Ei, mãe, tudo bem — diz Christian, a consternação ainda evidente em seu rosto.

— Onde você estava? O que aconteceu? — Grace chora, levando as mãos à cabeça.

— Mãe — murmura Christian. Ele a puxa de novo para seus braços e beija o topo de sua cabeça. — Estou aqui. Estou bem. Só levei um tempo absurdo para voltar de Portland. Qual é a do comitê de recepção? — Ele corre os olhos pela sala até pousá-los em mim.

Ele pisca e lança um olhar breve para José, que solta minha mão. A boca de Christian enrijece. Eu me delicio com a visão dele, e o alívio toma conta de meu corpo, deixando-me gasta, exausta e completamente exultante. No entanto, as lágrimas não param. Christian volta a atenção para a mãe.

— Mãe, estou bem. O que houve? — diz, de um jeito tranquilizador.

Ela segura o rosto dele entre as mãos.

— Christian, você estava desaparecido. O seu plano de voo... você nunca pousou em Seattle. Por que não entrou em contato com a gente?

Christian arqueia as sobrancelhas, surpreso.

— Não achei que levaria tanto tempo.

— Por que não ligou?

— A bateria do meu celular acabou.

— Por que você não parou... não ligou a cobrar?

— Mãe, é uma longa história.

— Ah, Christian! Nunca mais faça isso comigo de novo! Você entendeu? — Ela meio que grita com ele.

— Tá bom, mãe. — Ele enxuga as lágrimas dela com os polegares e a abraça mais uma vez. Quando ela se recompõe, ele a solta para dar um abraço em Mia, que lhe dá um tapa forte no peito.

— Você nos deixou tão preocupados! — explode ela, e também está aos prantos.

— Estou aqui agora, pelo amor de Deus — murmura Christian.

À medida que Elliot se aproxima, Christian entrega Mia para Carrick, que já tem um braço ao redor da esposa e envolve a filha com o outro. Para surpresa de Christian, Elliot dá um abraço breve nele e lhe planta um tapa forte nas costas.

— Bom ver você — diz em voz alta, um tanto ríspido, tentando esconder a emoção.

Enquanto as lágrimas me escorrem pelo rosto, vejo tudo. A sala de estar está tomada por ele: amor incondicional. Ele o tem de sobra; apenas nunca o aceitou antes, e mesmo agora, está completamente confuso.

Olhe, Christian, todas essas pessoas amam você! Talvez agora você comece a acreditar nisso.

Kate está de pé atrás de mim — deve ter saído da sala da tevê —, acariciando meu cabelo com carinho.

— Ele está mesmo aqui, Ana — murmura, reconfortando-me.

— Vou dizer oi para a minha garota agora — diz Christian a seus pais e os dois concordam com a cabeça, sorrindo e se afastando dele.

Ele se move em direção a mim, os olhos cinzentos brilhando, embora cansados e ainda confusos. Em algum lugar dentro de mim, encontro forças para ficar de pé e me jogar em seus braços abertos.

— Christian! — soluço.

— Ei — diz ele e me abraça, enterrando o rosto em meu cabelo e inspirando profundamente.

Levanto o rosto coberto de lágrimas para ele, e ele me dá um beijo breve demais.

— Oi — murmura.

— Oi — sussurro de volta, o nó no fundo da garganta ainda queimando.

— Sentiu minha falta?

— Um pouco.

Ele sorri.

— Estou vendo. — E com um toque suave de sua mão, ele enxuga minhas lágrimas, que se recusam a parar de escorrer pelo meu rosto.

— Eu pensei... Eu pensei... — engasgo.

— Eu sei. Já passou... Estou aqui. Estou aqui — murmura ele, dando-me mais um beijo casto.

— Você está bem? — pergunto, soltando-o e tocando seu peito, seus braços, sua cintura.

Ah, sentir esse o homem quente, vigoroso e sensual sob meus dedos me confirma que ele está aqui, de pé, na minha frente. Ele está de volta. E nem sequer recua sob o meu toque. Apenas me encara com atenção.

— Estou bem. Não vou a lugar nenhum.

— Ah, graças a Deus. — Passo os braços ao redor de sua cintura novamente, e ele me abraça de novo. — Está com fome? Quer alguma coisa para beber?

— Quero.

Dou um passo para trás para buscar alguma coisa para ele, mas ele não deixa eu me afastar. Passa um dos braços por sobre meus ombros e estende a mão para José.

— Sr. Grey — diz José, educadamente.

Christian solta um riso e diz:

— Me chame de Christian, por favor.

— Christian, bem-vindo de volta. Que bom que está tudo bem... e, hum... obrigado por me deixar ficar aqui.

— Sem problemas. — Christian estreita os olhos, mas ele é distraído pela Sra. Jones, que de repente está a seu lado.

Só então me ocorre que ela não está arrumada como sempre. Não tinha notado isso antes. O cabelo está solto, e está usando uma calça leggings cinza-clara e uma camiseta cinza e tão larga que a faz parecer menor do que é, o emblema do time da Universidade do Estado de Washington estampado na frente. Parece anos mais nova.

— Posso preparar alguma coisa para o senhor, Sr. Grey? — Ela enxuga os olhos com um lenço.

Christian sorri carinhosamente para ela.

— Uma cerveja, Gail, por favor, pode ser uma Budvar. E alguma coisa para eu beliscar.

— Eu vou buscar — murmuro, querendo fazer algo para o meu homem.

— Não. Não vá — diz ele em voz baixa, apertando o braço em volta de mim.

O restante da família se aproxima, e Ethan e Kate se juntam a nós. Christian aperta a mão de Ethan e dá um beijo rápido na bochecha de Kate. A Sra. Jones volta com uma garrafa de cerveja e um copo. Ele pega a garrafa, mas balança a cabeça, recusando o copo. Ela sorri e volta para a cozinha.

— Fico surpreso que você não queira algo mais forte — murmura Elliot. — Então que diabo aconteceu com você? Eu só me lembro do meu pai me ligando pra dizer que a sua libélula tinha sumido.

— Elliot! — repreende Grace.

— Helicóptero — rosna Christian, corrigindo Elliot, que sorri, e eu suspeito que seja uma piada de família. — Vamos sentar, e eu conto tudo. — Christian me puxa para o sofá, e todo mundo se senta, todos os olhos nele.

Ele dá um longo gole em sua cerveja. Então vê Taylor pairando na entrada e acena para ele. Taylor acena de volta.

— Sua filha?

— Está bem. Alarme falso, senhor.

— Ótimo. — Christian sorri.

Filha? O que aconteceu com a filha de Taylor?

— Que bom que o senhor está de volta. Precisa de alguma coisa?

— Temos um helicóptero para resgatar.

Taylor acena com a cabeça.

— Agora? Ou pode ser pela manhã?

— Amanhã de manhã, Taylor, acho.

— Certo, Sr. Grey. Mais alguma coisa, senhor?

Christian balança a cabeça e levanta a garrafa para ele. Taylor lhe oferece um raro sorriso — mais raro ainda do que os de Christian, acho — e deixa a sala, provavelmente indo para seu escritório ou para seu quarto lá em cima.

— Christian, o que aconteceu? — Carrick exige.

Christian começa a contar sua história. Estava voando no *Charlie Tango*, com Ros, seu braço direito, para tratar de um problema de financiamento na Universidade do Estado de Washington, em Vancouver. Mal consigo acompanhar, estou tão confusa. Fico só segurando a mão de Christian, fitando suas unhas bem-cuidadas, os longos dedos, as rugas nos nós dos dedos, o relógio de pulso — um Omega com três mostradores pequenos. Miro seu belo perfil à medida que ele continua a história.

— Ros nunca tinha visto o monte Santa Helena, então, no caminho de volta, para comemorar, fizemos um pequeno desvio. Eu sabia que a restrição de voo pela região tinha sido cancelada há um tempo, e queria dar uma olhada. Bem, foi a nossa sorte. Estávamos voando baixo, cerca de duzentos metros acima do nível do solo, quando o painel de instrumentos acendeu, indicando fogo na cauda. Eu não tinha escolha a não ser cortar todos os sinais eletrônicos e pousar. — Ele balança a cabeça. — Pousei perto do Silver Lake, tirei Ros da cabine e consegui apagar o fogo.

— Fogo? Nos dois motores? — Carrick está horrorizado.

— É.

— Merda! Mas eu pensei...

— Eu sei — interrompe Christian. — Foi pura sorte que eu estivesse voando tão baixo — murmura ele.

Estremeço. Ele solta minha mão e passa o braço ao meu redor.

— Está com frio? — pergunta.

Nego com a cabeça.

— Como você apagou o fogo? — pergunta Kate, seus instintos investigativos de Carla Bernstein aflorando. Caramba, ela soa meio

ríspida às vezes.

— Extintor. Somos obrigados a levar. Por lei — responde Christian, no mesmo tom.

Suas palavras de há muito tempo invadem minha mente. *Agradeço aos céus que foi você quem veio me entrevistar, e não Katherine Kavanagh.*

— Por que você não ligou ou passou um rádio? — pergunta Grace.

Christian balança a cabeça.

— Com a parte elétrica desligada, ficamos sem rádio. E eu não quis correr o risco de ligar de novo por causa do fogo. O GPS do BlackBerry ainda estava funcionando, então a gente pôde caminhar até a estrada mais próxima. Levamos quatro horas. Ros estava de salto alto. — Christian enrijece a boca em desaprovação. — Não havia sinal de celular. Não tem cobertura em Gifford. A bateria de Ros acabou primeiro. A minha acabou no caminho.

Deus do céu. Estremeço de novo, e Christian me puxa até o seu colo.

— E como você voltou para Seattle? — pergunta Grace, piscando de leve, sem dúvida diante da visão de nós dois. Fico vermelha.

— Pedindo carona. Juntamos todo o nosso dinheiro. Juntos, tínhamos seiscentos dólares; achamos que teríamos que pagar alguém para nos trazer de volta, mas um motorista de caminhão parou e concordou em nos dar uma carona. Ele recusou o dinheiro e dividiu o almoço com a gente. — Christian balança a cabeça, consternado com a memória. — Demorou um século. Ele não tinha celular... estranho, mas é verdade. Eu não me dei conta... — Ele para, olhando para a família.

— De que a gente ficaria preocupado? — zomba Grace. — Ah, Christian! — repreende-o. — A gente estava enlouquecendo aqui!

— Você saiu no jornal, meu irmão.

Christian revira os olhos.

— É. Foi o que eu imaginei quando cheguei aqui na portaria e tinha um punhado de fotografos de plantão. Desculpe, mãe, eu deveria ter pedido ao motorista para parar, para eu ligar. Mas eu estava ansioso para chegar. — Ele olha para José.

Ah, então foi por isso, porque José vai passar a noite aqui.
Franzo a testa diante do pensamento. Nossa mãe, tanta preocupação.

Grace balança a cabeça.

— Que bom que você está inteiro, querido.

Começo a relaxar, descansando a cabeça contra seu peito. Ele está cheirando a ar livre, um pouco de suor, loção de banho — o cheiro de Christian, o perfume mais bem-vindo do mundo. Lágrimas começam a escorrer por meu rosto de novo, lágrimas de gratidão.

— Os dois motores? — diz Carrick novamente, franzindo o cenho, incrédulo.

— Vai entender. — Christian dá de ombros e passa a mão ao meu redor. — Ei — sussurra ele, e leva os dedos até a ponta do meu queixo, inclinando minha cabeça para trás. — Chega de chorar.

Limpo meu nariz com as costas da mão de um jeito nada refinado.

— Chega de desaparecer. — Dou uma fungada, e ele sorri.

— Falha elétrica... estranho, não é? — diz Carrick mais uma vez.

— Pois é, passou pela minha cabeça, também, pai. Mas, agora, eu só quero ir dormir e pensar nisso tudo amanhã de manhã.

— E a imprensa já sabe que o Christian Grey foi encontrado são e salvo? — pergunta Kate.

— Sabe. Andrea vai lidar com a imprensa, junto com minha equipe de RP. Ros ligou para ela depois que a deixamos em casa.

— É, Andrea me ligou para avisar que você estava vivo. — Carrick sorri.

— Preciso dar um aumento para essa mulher — diz Christian. — Está ficando tarde.

— Acho que essa é a nossa deixa, senhoras e senhores. Meu irmãozinho querido precisa de seu sono de princesa — zomba Elliot sugestivamente.

Christian faz uma careta para ele.

— Cary, meu filho está bem. Você pode me levar para casa agora.

Cary? Grace olha com adoração para o marido.

— É. Acho que dormir faria bem a todo mundo — responde Carrick, sorrindo para ela.

— Fiquem aqui — oferece Christian.

— Não, meu querido, quero chegar em casa. Agora que sei que você está bem.

Relutante, Christian me coloca de volta no sofá e se levanta. Grace o abraça mais uma vez, pressionando a cabeça contra seu peito, e fecha os olhos, feliz. Ele a envolve em seus braços.

— Eu estava tão preocupada, querido — sussurra ela.

— Estou bem, mãe.

Grace se inclina para trás e o examina com atenção enquanto ele a segura firme.

— É. Acho que está — diz, lentamente, dando uma olhadinha para mim e sorrindo. Eu coro.

Seguimos Carrick e Grace até o saguão. Atrás de mim, percebo que Mia e Ethan estão tendo uma conversa animada aos sussurros, mas não consigo ouvi-los.

Mia está sorrindo timidamente para Ethan, e ele a encara, embasbacado, balançando a cabeça. De repente, ela cruza os braços e vira-se para ir embora. Ele esfrega a testa com uma das mãos, obviamente frustrado.

— Mãe, pai, esperem por mim — diz Mia, de mau humor. Talvez seja tão inconstante quanto o irmão.

Kate me abraça com força.

— Dá para ver que alguma coisa muito séria andou acontecendo por aqui, enquanto eu estava vagando alegre e ignorante em Barbados. Tá na cara que vocês dois são loucos um pelo outro. Fico feliz que ele esteja bem. Não só por ele, Ana, mas por você também.

— Obrigada, Kate — sussurro.

— É. Quem diria que a gente iria encontrar o amor ao mesmo tempo? — sorri.

Uau. Ela admitiu.

— E com irmãos! — Dou uma risadinha.

— A gente pode virar cunhadas. — Ela brinca.

Fico tensa, reprimindo-me mentalmente, e Kate me encara de volta com um olhar de “o que você não está me contando”. Eu coro. Droga, devo contar a ela que ele me pediu em casamento?

— Vamos, baby — chama Elliot do elevador.

— Amanhã a gente conversa, Ana. Você deve estar exausta. Consegui um adiamento.

— Claro. Você também, Kate, você viajou de tão longe hoje.

Nos abraçamos mais uma vez, então ela e Elliot seguem os pais de Christian até o elevador. Ethan aperta a mão de Christian e me dá um abraço rápido. Parece distraído, mas entra no elevador antes de as portas se fecharem.

Quando voltamos do saguão, José está vagando no corredor.

— Bom. Vou me deitar... deixar vocês à vontade — diz.

Eu corro. Por que isso é tão desconfortável?

— Você sabe para onde ir? — pergunta Christian.

José faz que sim.

— Sim, a empregada...

— A Sra. Jones — corrijo.

— Isso, a Sra. Jones já me mostrou. É um apartamento e tanto, Christian.

— Obrigado — responde Christian educado enquanto se aproxima para ficar ao meu lado, passando um braço sobre meus ombros. Ele se debruça e dá um beijo em meu cabelo. — Vou comer o que quer que a Sra. Jones preparou para mim. Boa noite, José. — Christian caminha de volta para a sala de estar, deixando-nos na entrada.

Uau! Ele me deixou a sós com José.

— Bem, boa noite. — José parece desconfortável de repente.

— Boa noite, José, e obrigada por ter ficado.

— Claro, Ana. Sempre que o seu namorado rico e poderoso desaparecer, eu estarei lá para você.

— José! — repreendo-o.

— Brincadeira. Não fique brava. Vou embora amanhã de manhã cedo. A gente se vê, né? Senti saudades de você.

— Claro, José. Em breve, espero. Foi mal que a noite de hoje tenha sido... bem, uma merda. — Sorrio me desculpando.

— Pois é. — Ele sorri. — Uma merda. — Ele me abraça. — É sério, Ana, fico feliz que você esteja feliz, mas estou aqui pro que der e vier.

— Obrigada. — Eu o encaro.

Ele me lança um sorriso triste, amargo, e então caminha para o segundo andar.

Retorno para a sala de estar. Christian está de pé ao lado do sofá, me olhando com uma expressão indecifrável no rosto. Enfim estamos sozinhos e fitamos um ao outro.

— Ele ainda é doido por você, sabia? — murmura.

— E como você sabe disso, Sr. Grey?

— Reconheço os sintomas, Srta. Steele. Acredito que sofro do mesmo mal.

— Pensei que nunca mais fosse ver você — sussurro. Pronto: as palavras foram ditas. Todos os meus piores medos arrumados numa frase curta, e agora já exorcizados.

— Não foi tão ruim quanto parece.

Pego seu paletó e os sapatos do chão e caminho na direção dele.

— Deixe que eu levo isso — sussurra ele, pegando o paletó.

Christian olha para mim como se eu fosse a sua razão de viver, e tenho certeza de que espelha o meu olhar. Ele está aqui, realmente está aqui. Ele me puxa para seus braços e me envolve.

— Christian — engasgo, e minhas lágrimas brotam de novo.

— Está tudo bem. — Ele me acalma, beijando meu cabelo. — Sabe... nos poucos segundos de puro terror antes de pousar, todos os meus pensamentos estavam em você. Você é o meu talismã, Ana.

— Pensei que tinha perdido você — ofego.

Estamos de pé, abraçando um ao outro, reconectando-nos e assegurando-nos. Ao apertá-lo em meus braços, percebo que ainda estou segurando seus sapatos. Deixo-os cair no chão com um baque.

— Venha tomar banho comigo — murmura ele.

— Está bem. — Ergo o olhar para seu rosto. Não quero soltá-lo.

Olhando para mim, ele ergue meu queixo com os dedos.

— Sabe, mesmo chorando, você é linda, Ana Steele. — Ele se inclina e me beija com carinho. — E seus lábios são tão macios. — Ele me beija de novo, profundamente.

Deus do céu... e pensar que eu poderia tê-lo perdido... não...
Paro de pensar e me entrego.

— Preciso guardar meu paletó — murmura ele.
— Jogue no chão — balbucio contra seus lábios.
— Não posso.

Afasto o corpo para olhar para ele, intrigada.

— Por causa disso. — Ele sorri para mim.

Do bolso interno, puxa a caixinha com o presente que dei a ele. Christian joga o paletó no encosto do sofá e coloca a caixa sobre ele.

Aproveite o dia, Ana, meu inconsciente me cutuca. Bem, já passou de meia-noite, então tecnicamente já é o aniversário dele.

— Abra — sussurro, e meu coração começa a pular.

— Estava torcendo para que você dissesse isso — murmura ele.
— Esse negócio estava me enlouquecendo.

Abro um sorriso travesso. Sinto-me tonta. Ele me lança seu sorriso tímido, e eu me derreto, apesar do coração acelerado, deliciando-me com sua expressão divertida, ainda que intrigada. Com dedos hábeis, ele desembulha o pacote e abre a caixa. Christian franze a testa ao retirar lá de dentro um chaveiro pequeno e retangular de plástico com uma imagem composta de pequenos pixels que se acendem e apagam, como uma minúscula tela de LED. É uma foto do horizonte da cidade de Seattle com a palavra SEATTLE escrita em letras grandes por cima da paisagem.

Ele fita o chaveiro por um momento e depois se vira para mim, perplexo, uma ruga marcando sua testa bem desenhada.

— Olhe atrás — sussurro, prendendo a respiração.

Ele vira o chaveiro, em seguida seus olhos se fixam nos meus, arregalados e cinzentos, repletos de admiração e alegria. Ele abre a boca, incrédulo.

A palavra “sim” se acende e apaga no anel do chaveiro.

— Feliz aniversário — sussurro.

CAPÍTULO VINTE

—Você aceita casar comigo? — sussurra ele, incrédulo.

Faço que sim com a cabeça, com nervosismo, vermelha e ansiosa, sem acreditar muito em sua reação: esse homem que eu pensei que tinha perdido. Como ele pode não entender o quanto o amo?

— Diga — ordena de mansinho, o olhar intenso e cálido.

— Sim, quero me casar com você.

Ele respira fundo e se move de repente, agarrando-me e girando-me de um jeito nada típico de Christian. Está rindo, jovem e despreocupado, irradiando alegria. Seguro seus braços para me apoiar, sentindo seus músculos rígidos sob meus dedos, e sua risada contagiante toma conta de mim: tonta, confusa, uma garota total e absolutamente encantada com seu homem. Ele me coloca no chão e me beija. Com força. Suas mãos estão em ambos os lados do meu rosto, sua língua é insistente, persuasiva... excitante.

— Ah, Ana — ofega contra meus lábios, e é uma alegria que me deixa atônita.

Ele me ama, disso não tenho dúvidas, e eu saboreio o gosto desse homem delicioso, esse homem que pensei que nunca mais veria. Sua felicidade é evidente — os olhos brilhando, seu sorriso jovem —, e seu alívio, quase palpável.

— Pensei que tivesse perdido você — sussurro, ainda deslumbrada e sem fôlego por causa do beijo.

— Baby, vai ser preciso mais do que um 135 com defeito para me separar de você.

— Um 135?

— *Charlie Tango*. É um Eurocopter EC135, o mais seguro da categoria.

Alguma emoção sombria, mas que não posso identificar, cruza seu rosto momentaneamente, distraindo-me. O que ele não está me

contando? Antes que eu possa perguntar, ele enrijece e olha para mim, franzindo a testa, e por um segundo acho que vai me contar. Pisco para ele, mirando seus olhos cinzentos e especulativos.

— Espere aí. Você me deu isso antes da consulta com Flynn — diz, segurando o chaveiro. Parece quase horrorizado.

Ai, Jesus, aonde ele quer chegar com isso? Concorde com a cabeça, mantendo uma expressão séria.

Ele fica boquiaberto.

— Queria que você soubesse que o que quer que Flynn dissesse, não faria diferença para mim. — Dou de ombros, desculpando-me.

Christian pisca para mim, incrédulo.

— Então, ontem à noite, quando eu estava implorando por uma resposta, eu já tinha uma? — Ele está consternado.

Concorde de novo com a cabeça, tentando desesperadamente avaliar sua reação. Ele me olha, embasbacado, mas, em seguida, aperta os olhos e sorri com ironia.

— Todo aquele nervosismo — sussurra, ameaçadoramente. Sorrio para ele, dando de ombros mais uma vez. — Ah, não me venha com essa cara de inocente, Srta. Steele. Neste momento, minha vontade é...

Ele passa a mão pelo cabelo, então balança a cabeça e muda de rumo.

— Não acredito que você me deixou esperando. — Seu sussurro é dominado pela descrença.

E sua expressão muda sutilmente, os olhos brilhando perversos, a boca se abrindo num sorriso carnal.

Minha nossa. Uma empolgação me atravessa o corpo. O que ele está pensando?

— Acredito que um castigo se faz necessário, Srta. Steele — diz lentamente.

Castigo? Ah, merda! Sei que ele está brincando, mas, de qualquer forma, dou um passo cauteloso para trás.

Ele sorri.

— É esse o jogo? — sussurra. — Porque eu vou pegar você. — Seus olhos ardem com uma intensidade luminosa e divertida. — E

você ainda está mordendo o lábio — acrescenta, ameaçadoramente.

Sinto todas as minhas entranhas se contraindo ao mesmo tempo. Meu Deus. Meu futuro marido quer brincar. Dou mais um passo para trás e me viro para correr, em vão. Christian me agarra com facilidade num só golpe, enquanto eu grito de prazer, surpresa e choque. Ele me ergue por cima do ombro e me carrega pelo corredor.

— Christian! — balbucio, sabendo que José está no segundo andar, embora eu duvide que possa nos ouvir.

Eu me apoio na parte inferior de suas costas, em seguida, num impulso corajoso, dou um tapa na bunda dele. Ele me dá um tapa de volta.

— Ai! — grito.

— Hora do banho — declara, triunfante.

— Me ponha no chão! — Tento demonstrar desaprovação e falho terrivelmente. Minha luta é inútil, seu braço me segura firmemente pelas coxas, e, por alguma razão, não consigo parar de rir.

— Gosta desses sapatos? — pergunta, divertido, ao abrir a porta do banheiro.

— Prefiro quando eles encostam no chão — tento rosnar para ele, sem muita eficácia, já que não consigo afastar o riso da voz.

— Seu desejo é uma ordem, Srta. Steele.

Sem me colocar no chão, ele tira ambos os meus sapatos e os deixa cair no piso do banheiro com um barulho. Junto à penteadeira, esvazia os bolsos: o BlackBerry sem bateria, chaves, carteira, o chaveiro. Só posso imaginar como deve estar meu reflexo no espelho, visto desse ângulo. Quando ele termina, caminha direto para o enorme chuveiro.

— Christian! — grito ao perceber suas intenções.

Ele liga a ducha no máximo. *Ui!* Um jato glacial jorra sobre minhas costas, e eu grito e paro logo em seguida, pensando de novo em José acima de nós. Está frio e eu estou completamente vestida. A água gelada embebe meu vestido, minha calcinha e meu sutiã. Estou encharcada e, mais uma vez, não consigo parar de rir.

— Não! — grito. — Me ponha no chão!

Dou outra palmada nele, desta vez com mais força, e Christian me solta, fazendo-me deslizar por seu corpo molhado. Sua camisa branca está grudada ao seu peito e suas calças estão encharcadas. Também estou encharcada; vermelha, tonta e sem fôlego, e ele está sorrindo para mim, e está tão... tão incrivelmente gostoso.

Ele fica sério, os olhos brilhando, e segura meu rosto, puxando meus lábios para junto dos seus. Seu beijo é suave, afetuoso e me distrai totalmente. Não me importo mais de estar completamente vestida e toda molhada no chuveiro de Christian. Somos só nós dois debaixo da água que jorra sobre nós. Ele está de volta, está bem, e é meu.

Minhas mãos se movem involuntariamente até sua camisa, que se agarra a cada linha e músculo de seu peito, revelando seus pelos sob a umidade branca. Puxo a barra da camisa para fora da calça, e ele geme contra minha boca, mas seus lábios não deixam os meus. Quando começo a desabotoar os botões, ele pega o zíper do meu vestido e o desliza para baixo, lentamente. Seus lábios se tornam mais insistentes, mais provocantes, sua língua invadindo minha boca — e meu corpo explode de desejo. Arranco sua camisa com força, rasgando-a. Os botões voam para todos os lados, ricocheteando nos azulejos e desaparecendo no piso do boxe. Ao retirar o tecido molhado de seus ombros e ao longo de seus braços, eu o pressiono contra a parede, impedindo suas tentativas de me despir.

— Abotoaduras — murmura ele, erguendo os pulsos com a camisa pendurada e encharcada.

Com dedos trêmulos, solto primeiro uma das abotoaduras de ouro e depois a outra, deixando-as cair descuidadamente no chão, e então é a vez de sua camisa. Seus olhos buscam os meus sob a ducha, seu olhar ardente, carnal, quente como a água. Estico a mão na direção do cós de sua calça, mas ele balança a cabeça e me segura pelos ombros, girando meu corpo, de forma que fico de costas para ele. Ele termina de abrir o meu zíper, afasta meu cabelo molhado e corre a língua ao longo do meu pescoço até a linha do cabelo e depois de novo para baixo, beijando-me e chupando-me.

Solto um gemido, e, lentamente, ele escorrega meu vestido pelos ombros e para baixo de meus seios, beijando meu pescoço

embaixo da orelha. Ele abre meu sutiã e o puxa para baixo, libertando meus seios. Suas mãos se apossam de cada um deles, enquanto ele murmura sua apreciação em meu ouvido.

— Tão linda — sussurra.

Meus braços estão presos pelo sutiã e pelo vestido, que continuam pendurados logo abaixo de meus seios; os braços ainda estão dentro das mangas, mas minhas mãos estão livres. Deito a cabeça, dando a Christian um acesso melhor ao meu pescoço, e empurro meus seios em suas mãos mágicas. Estico as mãos atrás de mim e o ouço inspirar profundamente quando meus dedos curiosos tocam sua ereção. Ele empurra a virilha contra minhas mãos acolhedoras. Droga, por que ele não me deixou tirar sua calça?

Ele puxa meus mamilos e, à medida que eles endurecem e incham-se sob seu toque experiente, todos os pensamentos a respeito da calça dele somem e o prazer desponta cortante e libidinoso em minha barriga. Jogo a cabeça para trás contra ele e gemo.

— Isso. — Ele ofega, e me vira de novo, aprisionando minha boca na sua.

Ele tira meu sutiã, o vestido e a calcinha, e eles se juntam à sua camisa numa pilha encharcada no piso do boxe.

Pego a loção de banho ao nosso lado. Christian enrijece ao perceber o que estou prestes a fazer. Olhando-o diretamente nos olhos, espremo um pouco do sabonete líquido de cheiro adocicado na palma da mão e mantenho-a parada na frente de seu peito, à espera de uma resposta à minha pergunta implícita. Seus olhos se arregalam, e então ele me dá um aceno quase imperceptível de cabeça.

Com cuidado, coloco a mão sobre o seu esterno e começo a esfregar o sabão em sua pele. Seu peito sobe à medida que ele inspira profundamente, mas, exceto por isso, ele permanece imóvel. Depois de um tempo, suas mãos apertam meus quadris, mas ele não me afasta. Ele me observa com cautela, o olhar intenso, mais do que apavorado; seus lábios, no entanto, se abrem e sua respiração se acelera.

— Tudo bem, eu fazer isso? — sussurro.

— Sim. — Sua resposta é curta, quase um suspiro.

Lembro-me dos muitos banhos que tomamos juntos, mas o primeiro, no Olympic Hotel, é uma lembrança amarga e doce. Bem, agora posso tocá-lo. Lavo seu peito fazendo círculos suaves, limpando meu homem, movendo-me até suas axilas, sobre suas costelas, para baixo até sua barriga musculosa, sobre o seu caminho da felicidade, na direção do cóis da calça.

— Minha vez — sussurra ele e pega o xampu, afastando-nos do alcance da ducha e espremendo um pouco de xampu sobre a minha cabeça.

Acho que é minha deixa para parar de dar banho nele, então enfio os polegares no cóis de sua calça. Ele esfrega o xampu em meu cabelo, seus dedos longos e fortes massageando meu couro cabeludo. Gemendo de prazer, fecho os olhos e me entrego à sensação maravilhosa. Depois de todo o estresse da noite, isso é tudo de o que eu precisava.

Ele ri, e abro um dos olhos para vê-lo sorrindo para mim.

— É bom, é?

— Huuum...

Ele sorri.

— Também gosto — diz e se inclina para beijar minha testa, seus dedos continuando a massagem firme e doce. — Vire-se — diz, com autoridade.

Eu me viro, e seus dedos prosseguem massageando lentamente minha cabeça, limpando-me, relaxando-me, amando-me. Ah, isso é maravilhoso. Ele pega mais xampu e lava com carinho o cabelo comprido ao longo de minhas costas. Ao terminar, puxa-me de volta para debaixo do chuveiro.

— Deite a cabeça para trás — ordena, calmamente.

Obedeço de bom grado, e ele enxágua a espuma com cuidado. Quando acaba, eu o encaro mais uma vez e vou direto para sua calça.

— Quero lavar você inteiro — sussurro.

Ele sorri seu sorriso torto e ergue as mãos num gesto que diz: “Sou todo seu, baby.” Sorrio; é como se fosse Natal. Abro o zíper sem dificuldade, e logo a calça e a cueca se juntam ao resto de nossas roupas. Fico de pé e pego a loção de banho e a esponja.

— Você parece feliz em me ver — murmuro, secamente.

— Sempre fico feliz em ver você, Srta. Steele. — Ele sorri para mim.

Coloco sabão na esponja. Em seguida, refaço minha viagem ao longo de seu peito. Ele está mais relaxado, talvez porque eu não o esteja tocando de fato. Desço com a esponja, atravessando sua barriga, por baixo do umbigo até seus pelos pubianos, e então até sua ereção.

Ergo o olhar para ele, e ele me fita com olhos entreabertos e cheios de desejo. *Hum... Gosto desse olhar.* Largo a esponja e uso minhas mãos, agarrando-o com firmeza. Ele fecha os olhos, deita a cabeça para trás e geme, mexendo os quadris na direção de minhas mãos.

Ah, sim! É tão excitante. Minha deusa interior ressurgiu após passar a noite chorando e se embalando num canto, e está de batom vermelho.

Seus olhos ardentes de repente fixam os meus. Ele se lembrou de alguma coisa.

— Hoje é sábado — exclama, os olhos brilhantes de excitação, e agarra a minha cintura, puxando-me para ele e beijando-me com força.

Uau, mudança de ritmo!

Suas mãos descem pelo meu corpo molhado e escorregadio até meu sexo, seus dedos explorando, provocando-me, e sua boca, implacável, deixando-me sem fôlego. Sua outra mão está em meu cabelo molhado, mantendo-me firme no lugar enquanto eu recebo toda a força de sua paixão desencadeada. Seus dedos se movem dentro de mim.

— Ahhh — gemo em sua boca.

— Isso — sibila Christian e me levanta, as mãos embaixo da minha bunda. — Passe as pernas em volta de mim.

Minhas pernas obedecem, e eu me agarro feito um caramujo ao seu pescoço. Ele me apoia contra a parede do chuveiro e faz uma pausa, olhando para mim.

— Olhos abertos — murmura. — Quero ver você.

Pisco para ele, meu coração martelando, o sangue pulsando quente e forte pelo meu corpo, um desejo real e crescente me

atravessando. E ele entra em mim, ah, tão devagar, preenchendo-me, reivindicando-me, pele contra pele. Faço força para baixo contra ele e solto um gemido alto. Totalmente dentro de mim, ele faz uma pausa de novo, o rosto sério, intenso.

— Você é minha, Anastasia — sussurra.

— Para sempre.

Ele sorri vitorioso e se move, fazendo-me suspirar.

— E agora todo mundo pode saber, porque você disse sim.

Sua voz é reverente, e ele se inclina para baixo, pegando minha boca com a sua, e começa a se mexer... devagar e com carinho. Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás enquanto meu corpo se arqueia, minha vontade se submetendo a ele, escrava de seu ritmo inebriante e lento.

Seus dentes arranham meu maxilar, queixo e pescoço à medida que ele vai acelerando o ritmo, empurrando-me para a frente, para cima — para longe do plano terrestre, do chuveiro abundante, do medo frio da noite. Sou só eu e meu homem nos movendo em uníssono, movendo-nos como se fôssemos um — completamente absorvidos um no outro —, nossos suspiros e gemidos misturados. Eu me deleito na sensação sofisticada de ser possuída por ele enquanto meu corpo se entrega e se desmancha ao seu redor.

Eu poderia tê-lo perdido... e eu o amo... Eu o amo tanto, e, de repente, sou dominada pela enormidade do meu amor e pela profundidade de meu compromisso com ele. Vou passar o resto da vida amando-o. Com esse pensamento assombroso, eu me detono ao redor dele — um orgasmo catártico e curador —, gritando seu nome à medida que as lágrimas escorrem por meu rosto.

Ele atinge o clímax e se derrama dentro de mim. Com o rosto enterrado em meu pescoço, desliza até o chão, segurando-me apertado, beijando meu rosto, beijando minhas lágrimas enquanto a água quente cai sobre nós, nos limpando.

* * *

— MEUS DEDOS ESTÃO enrugados — murmuro, apoiada contra seu peito, com aquela sensação de saciedade pós-coito.

Ele os leva até os lábios e os beija, um de cada vez.

— A gente realmente devia sair desse chuveiro.

— Estou bem aqui. — Estou sentada entre suas pernas e ele está me segurando apertado. Não quero me mover.

Christian concorda com um murmúrio. Mas, de repente, estou cansada até os ossos, cansada do mundo. Tanta coisa aconteceu na última semana — drama o suficiente para uma vida inteira —, e agora eu vou me casar. Um riso de descrença me escapa dos lábios.

— Algo divertido, Srta. Steele? — pergunta ele com carinho.

— Foi uma semana agitada.

Ele sorri.

— Ah, isso foi.

— Graças a Deus você está de volta inteiro, Sr. Grey — sussurro, séria diante do pensamento do que poderia ter acontecido. Seu corpo fica tenso e imediatamente me arrependo de ter lhe lembrado.

— Eu estava com medo — confessa, para minha surpresa.

— Hoje mais cedo?

Ele faz que sim com a cabeça, a expressão séria. *Putá merda.*

— Então você fez pouco caso do que aconteceu para tranquilizar sua família?

— Foi. Eu estava baixo demais para aterrissar bem. Mas, de alguma forma, consegui.

Droga. Meus olhos se voltam para os dele, e ele parece circunspecto, a água jorrando em cima de nós.

— Quão perto foi de dar errado?

Ele me encara.

— Perto. — E faz uma pausa. — Por alguns segundos terríveis, achei que nunca mais ia ver você.

Eu o abraço com força.

— Não posso imaginar minha vida sem você, Christian. Eu amo tanto você que isso me assusta.

— Eu também — ofega. — Minha vida seria vazia sem você. Amo tanto você. — Ele aperta os braços em volta de mim e enfia o rosto em meu cabelo. — Nunca vou deixar você ir embora.

— Não quero ir embora, nunca. — Beijo seu pescoço, e ele se abaixa e me beija com carinho.

Depois de um momento, ele se mexe.

— Vamos, vamos secar você e colocar você na cama. Estou exausto e você parece que levou uma surra.

Eu me inclino para trás e arqueio uma sobrancelha diante de sua escolha de palavras. Ele deita a cabeça de lado e sorri para mim.

— Você tem algo a dizer, Srta. Steele?

Nego com a cabeça e me coloco de pé, cambaleante.

* * *

ESTOU SENTADA NA cama. Christian insistiu em secar meu cabelo — o que faz muito bem. Como ele aprendeu isso é um pensamento desagradável, então o afasto depressa. Já passam das duas da manhã, e eu estou pronta para dormir. Christian me olha e reexamina o chaveiro antes de subir na cama. Ele balança a cabeça mais uma vez, incrédulo.

— É tão maneiro. O melhor presente de aniversário que já ganhei. — Ele me encara, o olhar suave e cálido. — Melhor até que o pôster assinado do Giuseppe DeNatale.

— Eu teria respondido-lhe antes, mas como seu aniversário estava chegando... O que dar ao homem que já tem tudo? Pensei em dar... eu mesma.

Ele coloca o chaveiro na mesa de cabeceira e se aninha ao meu lado, puxando-me em seus braços, contra seu peito, e ficamos de conchinha.

— É perfeito. Igual a você.

Sorrio, embora ele não consiga ver minha expressão.

— Estou longe de ser perfeita, Christian.

— Você está rindo de mim, Srta. Steele?

Como ele sabe?

— Talvez. — Rio. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro. — Ele dá uma fungada no meu pescoço.

— Você não telefonou no caminho para Portland. Foi mesmo por causa de José? Você estava preocupado porque eu estava aqui sozinha com ele?

Christian não responde. Eu me viro para encará-lo, e seus olhos estão arregalados diante de minha reprovação.

— Você tem noção de como isso é ridículo? O tanto de estresse que você fez eu e a sua família passar? Nós todos amamos muito você.

Ele pisca algumas vezes e depois abre seu sorriso tímido para mim.

— Não tinha ideia de que estaria todo mundo tão preocupado.

— Quando é que essa sua cabeça grande vai entender que as pessoas amam você? — Contraio os lábios.

— Cabeça grande? — Ele arregala os olhos, surpreso.

Faço que sim com a cabeça.

— É. Cabeça grande.

— Não acho que a minha cabeça seja proporcionalmente maior do que o restante do meu corpo.

— Estou falando sério! Pare de tentar me fazer rir. Ainda estou meio brava com você, embora isso tenha sido um tanto amenizado pelo fato de que você está em casa são e salvo, quando eu pensei...

— minha voz desaparece assim que me lembro daquelas horas de ansiedade. — Bem, você sabe o que eu pensei.

Seu olhar suaviza, e ele acaricia meu rosto.

— Desculpe.

— E a sua mãe, coitada. Foi muito comovente, ver você com ela — sussurro.

Ele sorri timidamente.

— Nunca a vi daquele jeito. — Ele pisca ao se lembrar. — É, foi realmente impressionante. Ela é sempre tão contida. Foi um choque e tanto.

— Está vendo? Todo mundo ama você. — Sorrio. — Talvez agora você comece a acreditar. — Eu o beijo suavemente. — Feliz aniversário, Christian. Que bom que você está aqui para dividir seu dia comigo. E você nem viu o que eu preparei pra você amanhã... hum... hoje — sorrio.

— Tem mais? — diz ele, espantado, e seu rosto irrompe num sorriso de tirar o fôlego.

— Ah, sim, Sr. Grey, mas você vai ter que esperar.

* * *

ACORDO DE REPENTE de um sonho ou pesadelo, meu coração pulando. Viro, em pânico, e, para meu alívio, Christian está num sono profundo ao meu lado. Como eu me mexi, ele se agita na cama e estende o braço sobre mim, descansando a cabeça em meu ombro, suspirando baixinho.

O quarto está banhado pela luz da manhã. São oito horas. Christian nunca dorme até tão tarde. Eu me recosto e deixo meu coração se acalmar. Por que a ansiedade? Ainda é por causa da noite passada?

Viro-me e olho para ele. Ele está aqui. Está bem. Respiro fundo, acalmando-me, e fito seu belo rosto. Um rosto que agora me é tão familiar, todas as suas reentrâncias e sombras eternamente gravadas em minha mente.

Ele parece muito mais jovem quando está dormindo, e eu sorrio porque hoje ele está um ano inteiro mais velho. Abraço a mim mesma, pensando em meu presente. Hum... o que ele vai fazer? Talvez eu devesse começar trazendo café da manhã na cama para ele. Além do mais, José ainda pode estar aqui.

Encontro José na bancada da cozinha, comendo uma tigela de cereal. Não posso deixar de corar ao vê-lo. Ele sabe que passei a noite com Christian. Por que de repente me sinto tão tímida? Não é como se eu estivesse nua ou algo assim. Estou com meu roupão de seda que vai até o pé.

— Bom dia, José. — Sorrio, espantando a timidez.

— Ei, Ana! — Seu rosto se ilumina, ele parece genuinamente feliz em me ver. Não há nenhum indício de implicância ou desdém em sua expressão.

— Dormiu bem? — pergunto.

— Muito. A vista daqui de cima é demais.

— É, sim. Muito especial — como o dono do apartamento. — Quer um café da manhã de homem? — provoco.

— Adoraria.

— É aniversário do Christian hoje, vou preparar um café na cama pra ele.

— Ele está acordado?

— Não, acho que está exausto de ontem — afasto depressa o olhar dele e caminho até a geladeira, para que ele não me veja

corar. *Caramba, é só o José.* Quando tiro os ovos e o bacon da geladeira, José está sorrindo para mim.

— Você gosta mesmo dele, não é?

Aperto os lábios.

— Eu o amo, José.

Ele arregala os olhos por um momento; em seguida, sorri.

— E por que não amaria? — pergunta, gesticulando ao redor para a sala de estar.

Faço cara feia para ele.

— Puxa, obrigada!

— Ei, Ana, estou só brincando.

Hum... será que sempre vou receber esse tipo de crítica? De que estou me casando com Christian por causa do dinheiro?

— Sério, estou brincando. Você nunca foi esse tipo de garota.

— Que tal uma omelete? — pergunto, mudando de assunto. Não quero discutir.

— Claro.

— Para mim também — diz Christian, entrando na sala de estar.

Putá merda, ele está só com a calça do pijama, que pende de seu quadril daquele jeito absolutamente sensual.

— José. — Ele acena com a cabeça.

— Christian. — José devolve seu aceno solene.

Christian se vira para mim e sorri enquanto eu o encaro. Ele fez de propósito. Semicerrou os olhos, tentando desesperadamente recuperar o equilíbrio, e a expressão de Christian se altera sutilmente. Ele sabe que eu sei o que ele está tramando, e ele não se importa.

— Eu ia levar seu café na cama.

Ele caminha imponente em minha direção, envolve-me com um braço, ergue meu queixo e planta um beijo molhado e barulhento em meus lábios. Nada típico de Christian!

— Bom dia, Anastasia — diz.

Minha vontade é fazer cara feia para ele e mandá-lo se comportar, mas é aniversário dele. Fico vermelha. Por que ele tem que ser tão territorial?

— Bom dia, Christian. Feliz aniversário. — Abro um sorriso, e ele sorri de volta, irônico, para mim.

— Estou ansioso pelo outro presente — diz, e pronto.

Fico da cor do Quarto Vermelho da Dor e olho nervosa para José, que está com uma cara de quem comeu algo ruim. Afasto-me e começo a preparar a omelete.

— Então, quais são seus planos para hoje, José? — pergunta Christian com ar casual ao se sentar num dos bancos.

— Vou encontrar meu pai e o pai de Ana, Ray.

Christian franze o cenho.

— Eles se conhecem?

— Estiveram juntos no exército. Eles perderam o contato até Ana e eu nos conhecermos na faculdade. A história é bem legal. São melhores amigos agora. Vamos viajar juntos, para pescar.

— Pescar? — Christian parece genuinamente interessado.

— É, o estuário é ótimo para a pesca. As trutas são gigantes aqui.

— Verdade. Meu irmão, Elliot, e eu uma vez pegamos uma de quinze quilos.

Eles estão conversando sobre pesca? Qual é a graça de pescar? Nunca entendi.

— Quinze quilos? Nada mau. Mas o recorde é do pai de Ana: dezenove quilos.

— Não brinca! Ele nunca falou nada.

— Feliz aniversário, aliás.

— Obrigado. E aí, onde você gosta de pescar?

Paro de prestar atenção. Não preciso saber disso. Mas, ao mesmo tempo, fico aliviada. Está vendo, Christian? José não é tão mau assim.

* * *

QUANDO JOSÉ SE prepara para ir embora, os dois estão muito mais relaxados um com o outro. Christian rapidamente coloca uma calça jeans e uma camiseta e, descalço, me acompanha com José até o saguão.

— Obrigado por me receber — diz José a Christian enquanto eles apertam as mãos.

— Disponha. — Christian sorri.

José me dá um abraço rápido.

— Se cuida, Ana.

— Claro. Muito bom ver você. Da próxima vez a gente faz um programa decente à noite.

— Vou cobrar, viu? — Ele acena de dentro do elevador e então desaparece.

— Está vendo, ele não é tão mau assim.

— Ele ainda quer comer você, Ana. Mas eu não o culpo.

— Christian, não é verdade!

— Você não tem ideia, não é? — Ele sorri para mim. — Ele quer você. Pra cacete.

Franzo a testa.

— Christian, ele é só um amigo, um bom amigo. — De repente, me dou conta de que soo como Christian quando ele está falando da Mrs. Robinson. O pensamento é desconcertante.

Christian ergue as mãos num gesto apaziguador.

— Não quero brigar — diz, em voz baixa.

Ah! A gente não está brigando... está?

— Eu também não.

— Você não disse a ele que a gente vai se casar.

— Não. Achei que devia avisar minha mãe e Ray primeiro.

Merda. É a primeira vez que penso nisso desde que disse sim. Caramba, o que será que meus pais vão dizer?

Christian concorda.

— É, você tem razão. E eu... hum... deveria pedir a sua mão ao seu pai.

— Ah, Christian — rio —, não estamos no século XVIII.

Putá merda. O que Ray vai dizer? Pensar nessa conversa me enche de pavor.

— É a tradição. — Christian dá de ombros.

— Vamos falar disso mais tarde. Quero lhe dar o seu outro presente.

Meu objetivo é distraí-lo. Pensar no meu presente está abrindo um buraco em minha consciência. Preciso entregar a ele e ver como reage.

Ele abre seu sorriso tímido, e meu coração dá um pulo. Nunca na minha existência vou me cansar de olhar para esse sorriso.

— Você está mordendo o lábio de novo — diz e puxa o meu queixo.

A emoção percorre meu corpo assim que seus dedos me tocam. Sem uma palavra, e enquanto ainda tenho um mínimo de coragem, pego sua mão e o conduzo de volta para o quarto. Solto sua mão, deixando-o de pé junto da cama, e pego as duas caixinhas restantes de debaixo do meu lado da cama.

— Dois? — pergunta, surpreso.

Respiro fundo.

— Comprei isso antes de... hum... do incidente de ontem. Agora não tenho muita certeza. — Entrego uma das caixas depressa, antes que possa mudar de ideia.

Ele olha para mim, perplexo, sentindo minha insegurança.

— Tem certeza de que quer que eu abra?

Faço que sim com a cabeça, ansiosa.

Christian rasga a embalagem e fita a caixa, surpreso.

— *Charlie Tango* — sussurro.

Ele sorri. A caixa contém um pequeno helicóptero de madeira com uma grande hélice movida a energia solar. Ele abre a caixa.

— Movido a energia solar — murmura. — Uau.

E quando me dou conta ele está sentado na cama, montando o helicóptero. Ele termina num instante e ergue-o na palma da mão. Um helicóptero azul de madeira. Ele olha para mim e abre seu sorriso maravilhoso e sensual, e então vai até a janela para que ele receba a luz do sol, e o rotor começa a girar.

— Olhe só para isso — suspira, examinando de perto. — As coisas que já se pode fazer com essa tecnologia.

Ele o eleva até o nível dos olhos, observando a hélice girar. Está fascinado, e é fascinante de assistir, perdido em pensamentos, olhando o pequeno helicóptero. Em que está pensando?

— Gostou?

— Ana, adorei. Obrigado. — Ele me agarra e me beija depressa. Em seguida, se volta para assistir o rotor girar. — Vou colocar junto do planador, no meu escritório — diz, distraído, ainda observando a hélice.

Ele tira a mão do sol, e as hélices desaceleram até parar.

Não posso conter um sorriso de orelha a orelha, e minha vontade é de me abraçar. Ele adorou. Claro, ele adora tecnologias alternativas. Na pressa de comprar o presente, tinha me esquecido disso. Ele o coloca sobre a cômoda e se vira de frente para mim.

— Vai me fazer companhia enquanto a gente conserta *Charlie Tango*.

— É consertável?

— Não sei. Espero que sim. Se não, vou sentir saudade dela.

Dela? Fico chocada comigo mesma pela pequena pontada de ciúme que sinto de um objeto inanimado. Meu inconsciente bufa com um riso de escárnio. Eu o ignoro.

— E o que há na outra caixa? — pergunta ele, os olhos arregalados com uma empolgação infantil.

Putá merda.

— Não tenho muita certeza se este é para você ou para mim.

— Ah, é? — pergunta, e eu sei que despertei seu interesse.

Nervosa, entrego a segunda caixa para ele. Ele a sacode de leve e nós dois ouvimos um barulho pesado. Ele olha para mim.

— Por que está tão nervosa? — pergunta, confuso.

Dou de ombros, ficando envergonhada, animada e vermelha ao mesmo tempo. Ele levanta uma sobrancelha.

— Você está me deixando intrigado, Srta. Steele — sussurra, e sua voz me atinge em cheio, o desejo e a expectativa se concentrando em minha barriga. — Preciso dizer que estou apreciando a sua reação. O que você andou aprontando? — Ele aperta os olhos, especulativamente.

Fico de boca fechada, prendendo a respiração.

Ele remove a tampa da caixa e tira um pequeno cartão. O restante está embalado em papel. Ele abre o cartão, e seus olhos disparam para os meus, arregalados, não sei se chocados ou surpresos.

— Fazer maldades com você? — murmura.

Faço que sim e engulo em seco. Ele deita a cabeça de lado, com cautela, avaliando minha reação, e franze a testa. Então, volta sua atenção para a caixa. Rasga o papel de seda azul-claro e retira uma venda para os olhos, alguns grampos de mamilos, um plugue anal,

o iPod dele, a gravata prateada e, por último, mas não menos importante, a chave do quarto de jogos.

Ele me olha, uma expressão sombria e ilegível no rosto. *Ai, merda*. Será que eu mandei mal?

— Você quer brincar? — pergunta ele, de mansinho.

— Quero — ofego.

— No meu aniversário?

— É. — Será que a minha voz pode soar mais tímida do que isso?

Uma miríade de emoções cruza seu rosto, nenhuma das quais posso identificar, mas enfim ele parece ansioso. *Hum...* Não é bem a reação que eu estava esperando.

— Você tem certeza? — pergunta.

— Nada de chicotes e essas coisas.

— Sei disso.

— Bom, então, tenho certeza.

Ele balança a cabeça e examina o conteúdo da caixa.

— Maníaca sexual e insaciável. Bem, acho que a gente pode fazer alguma coisa com este kit — murmura quase que para si mesmo, e então coloca os itens de volta na caixa.

Ao erguer o olhar para mim de novo, sua expressão mudou completamente. Caramba, seus olhos ardem, e sua boca se abre lentamente num sorriso erótico. Ele me estende a mão.

— Agora — diz, e não é um pedido.

Sinto minha barriga se contrair, forte e intensa, bem fundo dentro de mim. Coloco a mão na sua.

— Venha — ordena, e o sigo para fora do quarto, o coração na boca.

O desejo corre pelo meu sangue, quente e escorregadio, enquanto minhas entranhas se apertam, famintas. Finalmente!

CAPÍTULO VINTE E UM

Christian fica de pé diante do quarto de jogos.

— Você tem certeza disso? — pergunta, o olhar aquecido, mas ainda ansioso.

— Tenho — sussurro, sorrindo timidamente.

Seus olhos se suavizam.

— Tem alguma coisa que você não queira fazer?

Sou pega de surpresa pela pergunta inesperada, e minha mente entra em curto-circuito. Um pensamento me ocorre.

— Não quero que você tire fotos de mim.

Ele fica tenso, e sua expressão fica rígida à medida que deita a cabeça de lado, os olhos me examinando.

Ah, merda. Acho que ele vai me perguntar por quê, mas felizmente ele não o faz.

— Certo — murmura.

Sua testa se franze ao destrancar a porta, e ele dá um passo para o lado, deixando-me entrar no quarto. Sinto seus olhos em mim enquanto ele me segue e fecha a porta.

Ele coloca a caixa de presente sobre a cômoda, pega e liga o iPod e aponta para o aparelho de som na parede de modo que as portas de vidro fumê se abrem, deslizando. Ele aperta alguns botões, e o som de um trem de metrô ecoa pelo quarto. Em seguida, baixa o volume, e a batida eletrônica lenta e hipnótica que se segue fica como música de fundo. Uma mulher começa a cantar, não sei quem é, mas sua voz é suave e rouca, e o ritmo é intenso, deliberado... erótico. *Meu Deus.* É música para fazer amor.

Christian se vira para mim; estou no meio do quarto, o coração batendo forte, meu sangue pulsando nas veias no ritmo sedutor da música — ou pelo menos é o que parece. Ele caminha despreocupado na minha direção e puxa meu queixo para que eu pare de morder o lábio.

— O que você quer fazer, Anastasia? — murmura, deixando um beijo suave no canto da minha boca, seus dedos ainda segurando meu queixo.

— É o seu aniversário. O que você quiser — sussurro.

Ele corre o polegar ao longo do meu lábio inferior, a testa franzida de novo.

— Estamos aqui porque você acha que eu quero estar aqui? — Seu tom de voz é gentil, mas ele me encara intensamente.

— Não — sussurro. — Também quero estar aqui.

Seu olhar escurece, tornando-se mais ousado à medida que assimila minha resposta. Depois do que parece uma eternidade, ele fala:

— Ah, temos tantas possibilidades, Srta. Steele. — Sua voz é baixa, animada. — Mas vamos começar tirando a sua roupa.

Ele puxa a faixa do meu roupão para que ele se abra, revelando minha camisola de seda, então se afasta e se senta displicentemente sobre o braço do sofá.

— Tire a roupa. Devagar. — Ele me lança um olhar sensual e desafiador.

Engulo em seco, pressionando as coxas uma contra a outra. Já estou molhada entre as pernas. Minha deusa interior está nua, fazendo fila, pronta e aguardando, implorando-me para acompanhá-la. Escorrego o roupão pelos ombros, mantendo os olhos fixos nos dele, e, com um movimento dos ombros, deixo-o cair, esvoaçante, no chão. Seus olhos cinzentos se acendem, e ele corre o indicador ao longo dos lábios, fitando-me.

Deslizando as finas alças da camisola pelos ombros, olho para ele por um segundo, e então as solto. A camisola desce suavemente por meu corpo numa onda, caindo aos meus pés. Estou nua, praticamente ofegante e tão, tão pronta.

Christian permanece imóvel por um momento, e fico maravilhada com a apreciação carnal e sincera em sua expressão. Levantando-se, ele caminha até a cômoda e pega a gravata cinza — minha preferida. Brinca com ela entre os dedos ao se virar e caminhar casualmente na minha direção, um sorriso nos lábios. Quando chega diante de mim, imagino que vai exigir minhas mãos, mas não o faz.

— Acho que você está com roupa de menos, Srta. Steele — murmura.

Ele passa a gravata em torno do meu pescoço, e, devagar, mas com muita destreza, faz o que imagino ser um nó Windsor. À medida que ele aperta o nó, seus dedos arranham a base de meu pescoço, provocando disparos elétricos através de meu corpo e me fazendo ofegar. Ele deixa a ponta mais larga da gravata bem longa, longa o suficiente para alisar meus pelos pubianos.

— Você está maravilhosa agora, Srta. Steele — diz ele e se curva para me beijar com carinho nos lábios.

É um beijo rápido, e eu quero mais, o desejo se apoderando desenfreado de meu corpo.

— O que vamos fazer agora? — diz ele e, segurando a gravata, dá um puxão brusco que me faz pular para a frente, em seus braços.

Suas mãos mergulham em meu cabelo, e ele puxa minha cabeça para trás e me beija de verdade, com força, sua língua implacável e impiedosa. Uma de suas mãos passeia livremente pelas minhas costas até minha bunda. Quando se afasta de mim, também está ofegante, encarando-me, seus olhos cor de chumbo; eu fico cheia de desejo, tentando recuperar o fôlego, a mente completamente perdida. Tenho certeza de que meus lábios vão ficar inchados depois de suas investidas sensuais.

— Vire-se — ordena com gentileza, e eu obedeco. Tirando meu cabelo do nó da gravata, ele rapidamente o prende numa trança. Então, puxa a trança, fazendo minha cabeça se inclinar para trás. — Seu cabelo é lindo, Anastasia — murmura e beija meu pescoço, disparando arrepios ao longo de minha espinha. — Você só tem que dizer “pare”. Você sabe disso, não é? — sussurra contra minha garganta.

Concordo com a cabeça, os olhos fechados, e me deleito com a sensação de seus lábios em mim. Ele me vira mais uma vez e pega a ponta da gravata.

— Venha — diz, puxando-me com cuidado e me levando até a cômoda, onde o restante do conteúdo da caixa está exposto. — Anastasia, estes objetos — ele levanta o plugue. — Isto aqui é grande demais. Como uma virgem anal, não é uma boa ideia

começar com isto. É melhor a gente começar com isto. — Ele ergue o dedo mindinho, e eu engasgo, chocada.

Dedos... *lá?* Ele sorri para mim, e a lembrança desagradável da cláusula que fala sobre introdução de mão no ânus, mencionada no nosso contrato, me vem à mente.

— Só “dedo”. No singular — diz baixinho, com aquela estranha habilidade de ler a minha mente.

Meus olhos disparam para os seus. Como ele faz isso?

— Estes grampos são muito cruéis. — Ele ergue os grampos de mamilos. — Vamos usar estes aqui — e coloca um par diferente sobre a cômoda. Eles parecem grampos de cabelo gigantes, mas com pingentes na ponta. — Estes são ajustáveis — sussurra, a voz repleta de gentileza e preocupação.

Pisco para ele, os olhos arregalados. Christian, meu mentor sexual. Ele sabe tão mais sobre tudo isso do que eu. Nunca vou conseguir acompanhá-lo. Franzo a testa. Ele sabe mais do que eu sobre muitas coisas... exceto sobre cozinhar.

— Pronta? — pergunta.

— Pronta — sussurro, minha boca seca. — Você vai me dizer o que pretende fazer?

— Não. Estou improvisando. Isto não é uma cena ensaiada, Ana.

— Como devo me comportar?

Suas sobranceiras se franzem.

— Do jeito que você quiser.

Ah!

— Você estava esperando meu alter ego, Anastasia? — pergunta, seu tom vagamente zombeteiro e espantado ao mesmo tempo. Pisco para ele.

— Bem, estava. Gosto dele — murmuro.

Ele sorri consigo mesmo e passa o polegar ao longo de minha bochecha.

— Ah, gosta, é? — sussurra e corre o polegar por todo o meu lábio inferior. — Sou seu amante, Anastasia, não seu Dominador. Gosto de ouvir seu riso e sua gargalhada de menina. Gosto de você relaxada e feliz, como nas fotos de José. Foi essa a menina que apareceu no meu escritório. Foi por ela que me apaixonei.

Fico boquiaberta, e uma onda bem-vinda de calor surge em meu coração. É felicidade — pura felicidade.

— Mas tendo dito tudo isso, também gosto de fazer maldades com você, Srta. Steele, e meu alter ego conhece um truque ou outro. Então, faça o que estou mandando e se vire — seus olhos brilham com perversidade, e a felicidade se move acentuadamente para o sul, tomando-me com força e apertando cada tendão abaixo de minha cintura.

Obedeço. Atrás de mim, ele abre uma das gavetas e, um momento depois, está diante de mim de novo.

— Venha — ordena e puxa a gravata de leve, levando-me até a mesa.

À medida que passamos pelo sofá, vejo pela primeira vez que todas as varas desapareceram. Isso me distrai. Elas estavam aqui quando entrei ontem? Não me lembro. Será que Christian as retirou? A Sra. Jones? Christian interrompe minha linha de pensamento.

— Quero que você se ajoelhe nisto — diz, quando chegamos à mesa.

Ah, está bem. O que ele tem em mente? Minha deusa interior mal pode esperar para descobrir — ela já foi derrubada em cima da mesa e está olhando para ele com adoração.

Ele gentilmente me ergue sobre a mesa, e eu dobro as pernas debaixo de mim e me ajoelho diante dele, surpresa com minha própria graciosidade. Agora estamos olhos nos olhos. Ele leva as mãos até minhas coxas, agarra meus joelhos e separa minhas pernas, ficando de pé bem na minha frente. Está muito sério, os olhos sombrios, semicerrados... lascivos.

— Braços atrás das costas. Vou algemar você.

Ele pega uma alga de couro do bolso de trás da calça e passa os braços ao redor de mim. É isso. Para onde ele vai me levar dessa vez?

Sua proximidade é inebriante. Este homem vai ser meu marido. Dá para se cobiçar o próprio marido desse jeito? Não me lembro de nunca ter lido nada sobre isso. Sou incapaz de resistir a ele, e corro meus lábios entreabertos ao longo de sua mandíbula, sentindo a barba por fazer, uma combinação inebriante de pele pinicando e

suavidade sob minha língua. Ele fica paralisado e fecha os olhos. Sua respiração falha, e ele se afasta.

— Pare. Ou isso vai terminar muito mais rápido do que nós dois queremos — adverte.

Por um momento, acho que talvez esteja com raiva, mas então ele sorri, e os olhos ardentes se iluminam com diversão.

— Você é irresistível — resmungo.

— Ah, sou, é? — diz ele secamente.

Faço que sim com a cabeça.

— Bem, não me distraia, ou vou amordaçar você.

— Gosto de distrair você — sussurro, encarando-o, teimosa, e ele ergue uma sobrancelha para mim.

— Ou lhe dar umas palmadas.

Hum... Tento esconder meu sorriso. Houve uma época, não faz muito tempo, em que suas ameaças me refreavam. Eu jamais teria a coragem de beijá-lo, espontaneamente, enquanto ele estivesse neste quarto. Percebo agora que já não me sinto intimidada por ele. É uma revelação. Sorrio maliciosamente, e ele sorri para mim.

— Comporte-se — rosna e se afasta, olhando para mim e batendo com as algemas de couro na palma da mão.

O aviso está lá, implícito em suas ações. Tento transmitir um ar de arrependimento, e acho que consigo. Ele se aproxima de mim de novo.

— Melhor — sussurra e passa os braços ao redor de mim mais uma vez, com as algemas na mão.

Resisto à tentação de tocá-lo, mas inspiro seu cheiro maravilhoso, ainda fresco com o banho de ontem à noite. *Hum...* Eu deveria engarrafar isso.

Estava esperando que ele algemasse meus pulsos, mas ele me prende pelos cotovelos, o que me faz arquear as costas, empinando os seios para a frente, embora meus cotovelos não estejam de jeito nenhum juntos um do outro. Assim que termina, ele volta para me admirar.

— Tudo bem? — pergunta.

Não é a mais confortável das posições, mas estou tão excitada com a expectativa de como ele vai conduzir isso que faço que sim com a cabeça, fechando os olhos.

— Ótimo.

Ele pega a venda no bolso de trás.

— Acho que você já viu o suficiente por hoje — murmura.

Ele desliza a venda pela minha cabeça, cobrindo meus olhos. Minha respiração acelera. *Uau*. Por que estar com olhos vendados é tão erótico? Estou aqui, amarrada e ajoelhada sobre uma mesa, esperando — uma sensação quente e pesada de expectativa no fundo da barriga. Ainda posso ouvir, no entanto, o ritmo melódico e constante da música. Ela ressoa pelo meu corpo. Não tinha notado ainda. Ele deve ter programado para repetir.

Christian se afasta. O que está fazendo? Ele caminha de volta para a cômoda e abre uma gaveta, em seguida, fecha-a de novo. Um momento depois, está de volta, e o sinto diante de mim, um cheiro pungente, rico e almiscarado no ar. É delicioso, quase de dar água na boca.

— Não quero estragar minha gravata preferida — murmura. E ela se solta pouco a pouco, à medida que ele desfaz o nó.

Inspiro profundamente à medida que a ponta da gravata viaja pelo meu corpo, fazendo cócegas pelo caminho. Estragar a gravata? Fico ouvindo com atenção para tentar descobrir o que ele vai fazer. Ele está esfregando as mãos. De repente, sinto os nós de seus dedos contra o meu rosto, descendo até o queixo ao longo da mandíbula.

Meu corpo desperta, atento, à medida que seu toque envia um arrepio delicioso ao longo dele. Ele pousa uma das mãos sobre meu pescoço, e ela está coberta por um óleo de cheiro adocicado e, portanto, desliza suavemente por ele, cruzando pelo colo até o ombro, seus dedos massageando minha pele com carinho. Hum, estou ganhando uma massagem. Não é o que eu esperava.

Ele coloca a outra mão em meu outro ombro e começa mais uma viagem provocante e lenta ao longo de minha clavícula. Solto um gemido baixinho enquanto ele prossegue em seu caminho na direção de meus seios cada vez mais sedentos pelo seu toque. É tentador. Arqueio-me mais na direção de seu toque hábil, mas suas mãos deslizam para as laterais do meu corpo, lentas, precisas, acompanhando o ritmo da música, e cuidadosamente evitando meus seios. Gemo, mas não sei se é de prazer ou de frustração.

— Você é tão linda, Ana — murmura ele, a voz baixa e rouca, sua boca junto ao meu ouvido.

Seu nariz segue a linha da minha mandíbula enquanto ele continua a me massagear — debaixo de meus seios, por toda a minha barriga, mais para baixo... Ele me beija por um instante nos lábios, então corre o nariz ao longo do meu pescoço. *Caramba, estou pegando fogo...* sua proximidade, suas mãos, suas palavras.

— E logo você vai ser minha mulher, na alegria e na tristeza — sussurra.

Meu Deus.

— Na saúde e na doença.

Caramba.

— Com meu corpo, vou venerar você.

Deito a cabeça para trás e solto outro gemido. Seus dedos correm por meus pelos pubianos, por cima do meu sexo, e ele esfrega a palma da mão contra meu clitóris.

— Sra. Grey — sussurra, a palma da mão se esfregando em mim.

Outro gemido.

— Isso — ofega ele, a palma da mão continuando a me provocar. — Abra a boca.

Estou arfando, e minha boca já está aberta. Abro um pouco mais, e ele escorrega um objeto grande de metal frio entre meus lábios. É da forma de uma chupeta gigante e tem pequenos sulcos ou reentrâncias e o que parece ser uma corrente na ponta. É grande.

— Chupe — ordena ele, com calma. — Vou colocar isso dentro de você.

Dentro de mim? Dentro de mim onde? Meu coração pula até a boca.

— Chupe — ele repete e para de esfregar a mão em mim.

Não, não pare! Quero gritar, mas estou com a boca cheia. Suas mãos oleosas deslizam por meu corpo e enfim seguram meus seios negligenciados.

— Não pare de chupar.

Delicadamente, ele aperta meus mamilos entre os dedos, e eles enrijecem e se alongam sob seu toque experiente, enviando ondas

sinápticas de prazer até a minha virilha.

— Você tem peitos tão lindos, Ana — murmura, e meus mamilos endurecem ainda mais em resposta.

Ouçõ seu murmúrio de aprovação e solto um gemido. Seus lábios descem ao longo do meu pescoço para um dos seios, deixando mordidas suaves e me chupando mais e mais, na direção do mamilo, e de repente sinto o aperto do grampo.

— Ah! — lanço um gemido através do objeto em minha boca.

Minha nossa, a sensação é deliciosa, crua, dolorosa, prazerosa... uau, o beliscão. Gentilmente, ele lambe o mamilo preso e, ao fazê-lo, coloca o outro grampo. O aperto é igualmente árduo... mas tão bom quanto o primeiro. Solto um grito.

— Sinta isso — sussurra.

Ah, estou sentindo. Estou sentindo. Estou sentindo.

— Me dê isto. — Com cuidado, ele puxa a chupeta de metal adornado de minha boca, e eu a solto.

Mais uma vez suas mãos trilham um caminho ao longo de meu corpo até o meu sexo. Ele passou mais óleo nas mãos. Elas deslizam pela minha bunda.

Suspiro. O que ele vai fazer? Fico tensa, de joelhos, à medida que ele corre os dedos entre minhas nádegas.

— Calma, fique calma — sussurra perto de minha orelha e beija meu pescoço, seus dedos me alisando e me provocando.

O que ele vai fazer? Sua outra mão desliza para baixo ao longo de minha barriga até o meu sexo, esfregando-me mais uma vez. Ele desliza os dedos para dentro de mim, e eu gemo alto, satisfeita.

— Vou colocar isto dentro de você — murmura. — Mas não aqui — seus dedos brincam entre minhas nádegas, espalhando o óleo. — E sim aqui. — Ele move os dedos para dentro e para fora, batendo contra a parede da frente da minha vagina. Eu gemo e meus mamilos presos se incham.

— Ah.

— Silêncio — Christian remove os dedos e enfia o objeto em mim.

Ele segura meu rosto entre as mãos e me beija, a boca invadindo a minha, e eu ouço um clique bem de leve. Imediatamente o plugue começa a vibrar dentro de mim, *lá em baixo!* Suspiro. A

sensação é extraordinária — mais intensa do que tudo que já senti antes.

— Ah!

— Calma. — Christian me tranquiliza, sufocando meus suspiros com a boca. Suas mãos se movem para baixo e puxam os grampos delicadamente. Grito bem alto.

— Christian, por favor!

— Calma, baby. Aguenta só um pouco.

Isso é demais — todo esse excesso de estímulo, em todos os lugares. Meu corpo começa a subir, e de joelhos, sou incapaz de controlar a expectativa. *Deus do céu...* Será que vou ser capaz de aguentar isso?

— Boa menina. — Ele me acalma.

— Christian — ofego, soando desesperada mesmo para meus próprios ouvidos.

— Acalme-se, Ana, sinta isso. Não tenha medo.

Suas mãos estão agora em minha cintura, segurando-me, mas não consigo me concentrar nelas, no que está dentro de mim e também nos grampos. Meu corpo está se preparando, preparando-se para uma explosão: as vibrações implacáveis e a tortura doce, tão doce, em meus mamilos. *Putá merda*. Vai ser intenso demais. Suas mãos descem de meus quadris, escorregadias e oleosas, tocando-me, sentindo-me, massageando minha pele — massageando minha bunda.

— Tão linda.

De repente ele enfia delicadamente um dedo cheio de óleo dentro de mim... *Iá!* Na minha bunda. *Porra*. A sensação é estranha, intensa, proibida... mas, ah... é tão... boa. E ele se move devagar, entrando e saindo, enquanto seus dentes arranham meu queixo erguido.

— Tão linda, Ana.

Estou suspensa no ar — no alto de uma ravina muito larga, e subo e caio ao mesmo tempo, tonta, mergulhando de volta à Terra. Não posso mais aguentar, e grito à medida que meu corpo se contorce e culmina na plenitude avassaladora. E enquanto meu corpo explode, não sou nada exceto sensação, em todos os lugares. Christian solta um dos grampos e depois o outro, fazendo com que

meus mamilos reclamem com uma onda de dor suave, mas é tão, tão bom e faz com que o meu orgasmo se prolongue mais e mais. Seu dedo permanece onde está, saindo e entrando devagar.

— Ah! — grito, e Christian me envolve, segurando-me, e meu corpo continua a pulsar por dentro, sem dó. — *Não!* — grito de novo, implorando, e dessa vez ele tira o vibrador de dentro mim, e o dedo também, enquanto meu corpo continua a se contorcer.

Ele solta uma das algemas, e meus braços caem para a frente. Minha cabeça descansa em seu ombro, e estou perdida, perdida com todas essas sensações esmagadoras. Sou toda respiração entrecortada, desejo exausto e torpor suave e bem-vindo.

Vagamente, percebo que Christian me levanta, leva-me para a cama e me coloca sobre os lençóis frios de cetim. Depois de um momento, com as mãos ainda cheias de óleo, ele massageia de leve as costas das minhas coxas, meus joelhos, minhas panturrilhas e meus ombros. Sinto a cama afundar quando ele se deita ao meu lado.

Ele tira minha venda, mas não tenho energia para abrir os olhos. Pegando minha trança, ele desfaz o laço no cabelo e se inclina para a frente, beijando-me com carinho nos lábios. Só a minha respiração irregular perturba o silêncio no quarto, estabilizando-se à medida que desço devagar de volta à Terra. A música parou.

— Tão linda — murmura ele.

Quando convenço um dos meus olhos a se abrir, ele está me olhando, sorrindo de mansinho.

— Oi — diz. Consigo apenas soltar um grunhido em resposta, e seu sorriso se amplia. — Foi maldade o suficiente para você?

Faço que sim com a cabeça e abro um sorriso relutante. Caramba, mais um pouco de maldade e eu teria que espancar nós dois.

— Acho que você está tentando me matar — murmuro.

— Morte por orgasmo — sorri. — Há maneiras piores de morrer — diz, mas, em seguida, franze o cenho quase imperceptivelmente, quando um pensamento desagradável lhe passa pela cabeça. Isso me incomoda. Estico a mão e acaricio seu rosto.

— Você pode me matar desse jeito sempre que quiser — sussurro.

Noto que ele está maravilhosamente nu e pronto para a ação. Quando pega minha mão e beija meus dedos, aproximo-me e seguro seu rosto entre as mãos, puxando sua boca para a minha. Ele me beija rapidamente e então para.

— Isso é o que eu quero fazer — murmura e enfia a mão debaixo do travesseiro para pegar o controle remoto do aparelho de som. Ele aperta um botão e os acordes suaves de uma guitarra ecoam pelas paredes. — Quero fazer amor com você — diz, olhando para mim, os olhos cinzentos ardendo de amor sincero e vívido. Baixinho, no fundo, uma voz familiar começa a cantar “The First Time Ever I Saw Your Face”. E seus lábios encontram os meus.

* * *

ENQUANTO EU ME comprimo ao redor dele, atingindo o orgasmo mais uma vez, Christian se solta em meus braços, a cabeça jogada para trás, gritando meu nome. Ele me aperta com força contra o peito quando nos sentamos face a face no meio da cama enorme, eu por cima dele. E, nesse momento — esse momento de alegria com esse homem e essa música —, a intensidade de minha experiência essa manhã, aqui com ele, e tudo o que aconteceu na última semana me inunda de novo, não apenas fisicamente, mas emocionalmente. Estou completamente dominada pelos sentimentos. Sou tão profundamente apaixonada por ele. Pela primeira vez tive um vislumbre de como ele se sente a respeito de minha segurança.

Estremeço ao lembrar quão perto ele passou do perigo ontem, com *Charlie Tango*, e meus olhos se enchem d’água. Se alguma coisa acontecesse com ele... Eu o amo tanto. Minhas lágrimas escorrem, expostas, pelas bochechas. As tantas personalidades de Christian... seu lado doce e gentil, e seu jeito arrebatado e Dominador “posso fazer o que bem entender e você vai gozar loucamente”... seus cinquenta tons... ele por inteiro. Espetacular em todas as suas facetas. Todinho meu. E estou ciente de que não conhecemos um ao outro completamente, e temos uma montanha de problemas para superar, mas sei por nós dois que vamos conseguir — e que vamos ter uma vida inteira para fazê-lo.

— Ei — ofega ele, apertando minha cabeça entre as mãos, olhando-me. Ainda dentro de mim. — Por que você está chorando? — Sua voz está repleta de preocupação.

— Porque amo tanto você — sussurro.

Ele semicerra os olhos como se estivesse sob o efeito de uma droga, absorvendo minhas palavras. Quando os abre de novo, eles brilham com amor.

— E eu amo você, Ana. Você me faz... inteiro. — Ele me beija suavemente enquanto Roberta Flack termina sua canção.

* * *

NÓS CONVERSAMOS E conversamos e conversamos, sentados juntos na cama do quarto de jogos, eu em seu colo, nossas pernas em torno um do outro. O lençol de cetim vermelho nos envolve feito um casulo, e não tenho ideia de quanto tempo se passou. Christian está rindo de minha imitação de Kate durante a sessão de fotos no Heathman.

— E pensar que poderia ter sido ela quem foi me entrevistar. Graças a Deus existe o resfriado — murmura, beijando meu nariz.

— Acho que foi uma gripe, Christian — repreendo-o, correndo o dedo preguiçosamente pelos cabelos em seu peito e me admirando que ele esteja tolerando isso tão bem. — As varas todas sumiram — murmuro, recordando meu momento de distração hoje mais cedo.

Ele passa uma mecha de cabelo atrás de minha orelha pela enésima vez.

— Achei que você nunca fosse superar esse limite rígido.

— Não, acho que não — sussurro, os olhos arregalados, e me vejo encarando os açoites, as palmatórias e os chicotes alinhados na parede oposta.

Ele segue meu olhar.

— Você quer que eu me livre deles também? — soa divertido, porém sincero.

— Não o chicote... o marrom. Nem o açoite de pontas de camurça. — Fico vermelha.

Ele sorri para mim.

— Certo, o chicote e o açoite de pontas. Ora, ora, Srta. Steele, você é cheia de surpresas.

— Como você, Sr. Grey. É uma das coisas que amo em você. — Eu o beijo de leve no canto da boca.

— E o que mais você ama em mim? — pergunta ele, e seus olhos se arregalam.

Sei que é um passo enorme, para ele, fazer essa pergunta. Isso me toca profundamente, e eu pisco para ele. Amo tudo nele, até mesmo os seus cinquenta tons. Sei que a vida com Christian nunca vai ser entediante.

— Isto. — Corro o indicador por seus lábios. — Amo isto e o que esta boca me diz e o que ela faz comigo. E o que tem aqui dentro. — Acaricio suas têmporas. — Você é tão inteligente e espirituoso e experiente, competente em tantas coisas. Mas, acima de tudo, amo o que está aqui. — Pressiono a palma da mão suavemente contra seu peito, sentindo seu coração batendo firme. — Você é o homem mais compassivo que já conheci. As coisas que você faz. O jeito como você trabalha. É inspirador — sussurro.

— Inspirador? — Ele está confuso, mas há um traço de humor em seu rosto.

Então seu rosto se transforma, e seu sorriso tímido aparece como se ele estivesse envergonhado, e quero pular em cima dele. E é o que eu faço.

* * *

ESTOU COCHILANDO, ENVOLTA em cetim e em Grey. Christian me acorda com uma fungada no pescoço.

— Com fome? — sussurra.

— Hum, faminta.

— Eu também.

Levanto-me para fitá-lo, esparramado na cama.

— É seu aniversário, Sr. Grey. Vou cozinhar alguma coisa. O que você quer comer?

— Me surpreenda. — Ele passa a mão pelas minhas costas, acariciando-me de leve. — É melhor eu dar uma olhada no BlackBerry para ver as mensagens que perdi ontem. — Suspira e se

senta, e sei que nosso momento especial acabou... por enquanto. — Vamos tomar um banho — diz ele.

Quem sou eu para recusar um pedido do aniversariante?

* * *

CHRISTIAN ESTÁ NO escritório, ao telefone. Taylor está com ele, parecendo sério, mas ao mesmo tempo descontraído, de jeans e uma camiseta preta apertada. Ocupo-me na cozinha preparando o almoço. Encontrei postas de salmão na geladeira, e as estou temperando com limão, fazendo uma salada e cozinhando umas batatinhas. Sinto-me extraordinariamente tranquila e feliz, no topo do mundo — literalmente. Voltando-me para o janelão, fito o céu azul maravilhoso. *Todo aquele tempo conversando... todo aquele sexo... hum.* Acho que posso me acostumar com isso.

Taylor sai do escritório, interrompendo meu devaneio. Baixo o volume do iPod e tiro um dos fones de ouvido.

— Oi, Taylor.

— Ana. — Ele acena com a cabeça.

— Sua filha está bem?

— Sim, obrigado. Minha ex-mulher achou que ela estava com apendicite, mas estava exagerando, como sempre. — Taylor revira os olhos, surpreendendo-me. — Sophie está bem, embora esteja com uma gastroenterite feia.

— Sinto muito.

Ele sorri.

— *Charlie Tango* foi achado?

— Foi. A equipe de recuperação está a caminho. Eles devem levá-lo para o aeroporto da Boeing esta noite.

— Que bom.

Ele me abre um sorriso contido.

— Isso é tudo, senhora?

— Sim, sim, claro. — Fico vermelha... será que algum dia vou me acostumar com Taylor me chamando de senhora? Me faz sentir tão velha, com uns trinta anos, pelo menos.

Ele acena com a cabeça e deixa a sala de estar. Christian ainda está ao telefone. Estou esperando a água das batatas ferver. E

tenho uma ideia. Pego meu BlackBerry de dentro da bolsa. Há uma mensagem de Kate.

* Vejo vc hoje à noite. Estou louca para ter uma loooooooooonga conversa *

Respondo.

* Eu também *

Vai ser bom conversar com Kate.

Abro o programa de e-mails e digito uma mensagem rápida para Christian.

De: Anastasia Steele
Assunto: Almoço
Data: 18 de junho de 2011 13:12
Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey

Estou escrevendo para informar que o almoço está quase pronto.

E que hoje mais cedo eu dei uma trepada sacana de deixar qualquer um maluco.

Recomendo muito trepadas sacanas de aniversário.

E outra coisa: amo você.

Bj

(Sua noiva)

Fico de ouvido atento para escutar sua reação, mas ele ainda está ao telefone. Dou de ombros. Talvez esteja muito ocupado. Meu BlackBerry vibra.

De: Christian Grey
Assunto: Trepada sacana
Data: 18 de junho de 2011 13:15

Para: Anastasia Steele

Que aspectos exatamente deixaram você maluca?

Estou mantendo um histórico.

Christian Grey

Um CEO faminto e definhando depois dos exercícios extenuantes desta manhã, Grey Enterprises Holdings, Inc.

PS: Amei sua assinatura.

PS2: O que aconteceu com a arte da conversação?

De: Anastasia Steele

Assunto: Faminto?

Data: 18 de junho de 2011 13:18

Para: Christian Grey

Caro Sr. Grey

Posso chamar sua atenção para a primeira linha de meu último e-mail, informando que o almoço está de fato quase pronto? Portanto, nada de choramingar que está faminto e definhando. No que diz respeito aos aspectos enlouquecedores da trepada sacana... francamente, tudo. Gostaria de ler suas anotações. E também gosto da minha assinatura entre parênteses.

Bj

(Sua noiva)

PS: Desde quando você é tão loquaz? E você está ao telefone!

Aperto “enviar” e ergo a cabeça. Ele está de pé na minha frente, sorrindo. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele contorna a bancada da cozinha, me pega em seus braços e me beija profundamente.

— Isso é tudo, Srta. Steele — diz, soltando-me, e volta, de calça jeans, pés descalços e camiseta branca para fora da calça, para seu escritório, deixando-me sem fôlego.

* * *

PREPAREI O MOLHO de agrião, coentro e creme de leite para acompanhar o salmão, e arrumei a bancada da cozinha. Odeio interrompê-lo quando está trabalhando, mas agora estou de pé na porta de seu escritório. Ele ainda está ao telefone, descabelado como quem sai de uma boa transa, os olhos cinzentos e brilhantes: um banquete visual completo. Ele ergue o olhar ao me ver e não tira os olhos de mim. Então, franze a testa de leve, e não sei se é por minha causa ou por causa de sua conversa.

— Só deixe eles entrarem e não encha o saco deles. Entendeu, Mia? — Ele chia e revira os olhos. — Ótimo.

Tento imitar uma pessoa comendo, e ele sorri para mim e faz que sim com a cabeça.

— Vejo você mais tarde — desliga. — Só mais um telefonema? — pergunta.

— Claro.

— Esse vestido é muito curto — acrescenta.

— Você gostou? — Dou uma voltinha rápida.

É uma das roupas que Caroline Acton comprou. Um vestido de verão macio azul-turquesa, provavelmente mais adequado para usar na praia, mas o dia está tão bonito em tantos sentidos. Ele franze a testa, e a expressão em meu rosto se desfaz.

— Você fica fantástica nele, Ana. Só não quero que ninguém mais a veja assim.

— Ei! — Faço uma cara feia para ele. — A gente está em casa, Christian. Não tem ninguém aqui além dos funcionários.

Ele contrai a boca. Ou está tentando esconder sua diversão ou realmente não achou graça. Mas ele acaba por fazer que sim com a cabeça, tranquilizado. Balanço a cabeça para ele — ele está mesmo falando sério? Volto para a cozinha. Cinco minutos depois, ele está de novo na minha frente, segurando o telefone.

— Estou com Ray ao telefone, para você — murmura, os olhos cautelosos.

Todo o ar me foge do corpo ao mesmo tempo. Pego o telefone e cubro o bocal.

— Você contou a ele! — sussurro.

Christian faz que sim com a cabeça, e seus olhos se arregalam diante do meu nervosismo óbvio.

Merda! Respiro fundo.

— Oi, pai.

— Christian acaba de me perguntar se ele pode se casar com você — diz Ray.

O silêncio se estende entre nós enquanto tento desesperadamente pensar no que dizer. Ray, como de costume, permanece calado, sem me dar nenhuma pista sobre a sua reação a essa notícia.

— O que você respondeu? — Eu cedo primeiro.

— Eu disse que queria falar com você. É meio repentino, você não acha, Annie? Você não o conhece há muito tempo. Quero dizer, ele é um sujeito bacana, entende de pesca... mas tão cedo assim? — sua voz é calma e controlada.

— É. É repentino mesmo... só um minuto. — Saio depressa da cozinha, afastando-me do olhar ansioso de Christian, e caminho na direção do janelão. As portas da varanda estão abertas, e ando para o lado de fora, até a luz do sol. Não consigo me aproximar da beirada. É alto demais. — Sei que foi de repente e tudo mais... Só que... bem, eu o amo. Ele me ama. Ele quer se casar comigo, e não existe mais ninguém para mim. — Fico vermelha, pensando que essa é provavelmente a conversa mais íntima que já tive com meu padrasto.

Ray permanece em silêncio do outro lado da linha.

— Você já contou à sua mãe?

— Não.

— Annie... Eu sei que ele é rico e é um bom partido e tal, mas casar? É um passo tão grande. Você tem certeza?

— Ele é o meu “felizes para sempre” — sussurro.

— Uau — diz Ray depois de um momento, o tom mais suave.

— Ele é tudo.

— Annie, Annie, Annie. Você é uma jovem tão obstinada. Peço a Deus que você saiba o que está fazendo. Passe o telefone de volta para ele, sim?

— Claro, pai. E pai, você pode entrar comigo na igreja? — pergunto baixinho.

— Ah, querida — sua voz falha, e ele fica quieto por alguns momentos, a emoção em sua voz enchendo meus olhos d'água. — Nada me faria mais feliz — diz, afinal.

Ah, Ray. Amo tanto você... Engulo em seco para não chorar.

— Obrigada, pai. Vou passar para o Christian. Seja gentil com ele. Eu o amo — sussurro.

Acho que Ray está sorrindo do outro lado da linha, mas é difícil saber. Com Ray é sempre difícil saber.

— Pode deixar, Annie. E vê se vem visitar o seu velho, trazendo esse Christian com você.

Volto para a sala — fula da vida com Christian por não ter me avisado — e entrego o telefone para ele, demonstrando pela minha expressão como estou chateada. Ele parece divertido ao pegar o telefone, e caminha de volta para o escritório. Dois minutos depois, reaparece.

— Seu padraсто me deu sua bênção um tanto relutante — diz, orgulhoso, tão orgulhoso que me faz rir, e ele sorri de volta. Está agindo como se tivesse acabado de negociar uma grande fusão ou uma aquisição, o que, suponho, não deixa de ser verdade em algum nível.

* * *

— CARAMBA, MULHER, você cozinha bem. — Christian engole a última garfada e ergue o copo de vinho branco para mim.

Fico toda boba com o elogio e me dou conta de que só vou poder cozinhar para ele nos fins de semana. Franzo a testa. Gosto de cozinhar. Talvez eu devesse ter feito um bolo de aniversário para ele. Dou uma olhada no relógio. Ainda tenho tempo.

— Ana? — Ele interrompe meus pensamentos. — Por que você me pediu para não tirar fotos suas? — Sua pergunta me assusta, especialmente porque sua voz é enganadoramente suave.

Ah... merda. As fotos.

Olho para baixo, para meu prato vazio, torcendo os dedos em meu colo. O que posso dizer? Eu tinha prometido a mim mesma que não falaria que achei sua versão caseira da *Penthouse*.

— Ana — ele resmunga. — O que foi?

Sua voz me faz dar um pulo e olhar para ele. Quando foi que achei que ele não me intimidava mais?

— Achei as suas fotos — sussurro.

Seus olhos se arregalam de choque.

— Você abriu o cofre? — pergunta, incrédulo.

— Cofre? Não. Não sabia que você tinha um cofre.

Ele franze a testa.

— Não estou entendendo.

— No seu armário. A caixa. Estava procurando suas gravatas, e a caixa estava debaixo da sua calça jeans... aquela que você normalmente usa no quarto de jogos. Menos hoje. — Fico vermelha.

Ele me olha boquiaberto, horrorizado, e corre as mãos nervosamente pelo cabelo à medida que assimila essa informação. Esfrega o queixo, perdido em pensamentos, mas não pode esconder o incômodo perplexo em seu rosto.

De repente, balança a cabeça, exasperado — mas também divertido —, e um pequeno sorriso de admiração surge nos cantos de sua boca. Ele junta as mãos numa súplica diante de si mesmo e me encara de novo.

— Não é o que você está pensando. Tinha me esquecido dessas fotos. A caixa foi tirada do lugar. As fotografias normalmente ficam no meu cofre.

— E quem tirou a caixa do lugar? — sussurro.

Ele engole em seco.

— Só tem uma pessoa que poderia ter feito isso.

— Ah. Quem? E o que você quer dizer com “Não é o que eu estou pensando”?

Ele suspira e inclina a cabeça para o lado, acho que está envergonhado. *Acho bom!*, meu inconsciente rosna.

— Isso vai soar frio, mas... elas são uma apólice de seguro — sussurra, preparando-se para a minha resposta.

— Apólice de seguro?

— Contra a exposição da minha pessoa.

A ficha cai com um barulho desconfortável, ressoando dentro de minha cabeça vazia.

— Ah — balbucio, porque não consigo pensar no que dizer. Fecho os olhos. É isso. Isso é cinquenta tons de piração, ao vivo e a

cores. — É. Você tem razão — murmuro. — Realmente soa frio. — Fico de pé para juntar os pratos. Não quero mais saber do assunto.

— Ana.

— Elas sabem? As mulheres... as submissas?

— Claro que sabem. — Ele franze a testa.

Ah, bem, isso já é alguma coisa. Ele estende a mão, agarrando-me e puxando-me para junto de si.

— Essas fotos deveriam estar no cofre. Não são para uso recreativo. — Ele faz uma pausa. — Talvez tenham sido, quando foram tiradas. Mas... — Ele para, implorando. — Elas não significam nada.

— Quem as colocou no seu armário?

— Só pode ter sido Leila.

— Ela sabe a senha do cofre?

— Não me surpreenderia. — Ele dá de ombros. — É um código muito longo, e eu quase nunca uso. É o único número que tenho anotado e nunca mudei. — Ele balança a cabeça. — Eu me pergunto o que mais ela sabe, e se ela pegou mais alguma coisa do cofre. — Ele franze a testa, em seguida, volta sua atenção para mim. — Olhe, vou destruir as fotos. Agora, se você quiser.

— São suas fotos, Christian. Faça o que quiser com elas — balbucio.

— Não fique assim — diz ele, pegando a minha cabeça entre as mãos e prendendo meu olhar no seu. — Não quero essa vida. Quero a nossa vida, juntos.

Deus do céu. Como ele sabe que o que existe por trás do meu horror por essas fotos é a minha paranoia?

— Ana, achei que a gente tinha exorcizado todos esses fantasmas esta manhã. Foi como eu me senti. Você não?

Eu pisco para ele, recordando a nossa manhã muito, mas muito agradável, romântica e para lá de selvagem no quarto de jogos.

— Sim — sorrio. — Sim, eu também.

— Que bom. — Ele se inclina para a frente e me beija, apertando-me em seus braços. — Vou rasgar as fotos — murmura. — E depois, tenho que trabalhar. Me desculpe, baby, mas tenho um monte de coisas para resolver hoje de tarde.

— Tudo bem. Tenho que ligar para minha mãe. — Faço uma careta. — Depois quero fazer umas compras e assar um bolo para você.

Ele sorri e seus olhos brilham feito os de um menino pequeno.

— Um bolo?

Faço que sim com a cabeça.

— De chocolate?

— Você quer de chocolate?

Seu sorriso é contagiante. Ele faz que sim com a cabeça.

— Vou ver o que posso fazer, Sr. Grey.

Ele me beija mais uma vez.

* * *

CARLA FICA MUDA de choque.

— Mãe, diga alguma coisa.

— Você não está grávida, está, Ana? — sussurra, horrorizada.

— Não, não, não é nada disso.

Meu coração se enche de decepção, e eu fico triste que ela pense isso de mim. Mas então, com uma onda de sofrimento, eu me lembro que ela estava grávida de mim quando se casou com meu pai.

— Sinto muito, querida. É só que isso é tão repentino. Quero dizer, Christian é um partidão, mas você é tão jovem, e você deveria ver um pouco do mundo.

— Mãe, você não pode simplesmente ficar feliz por mim? Eu o amo.

— Querida, eu só preciso me acostumar com a ideia. É um choque. Dava para ver na Geórgia que havia algo de especial entre você dois, mas casamento...?

Na Geórgia, ele ainda queria que eu fosse submissa dele, mas não vou dizer isso a ela.

— Vocês já marcaram a data?

— Não.

— Queria que seu pai estivesse vivo — sussurra.

Ah, não... isso não. Não agora.

— Eu sei, mãe. Gostaria de tê-lo conhecido também.

— Ele só segurou você no colo uma vez, e estava tão orgulhoso. Ele achou você a menina mais linda do mundo. — Sua voz é só um sussurro à medida que narra, de novo, o conto familiar. Daqui a pouco vai estar aos prantos.

— Eu sei, mãe.

— E aí ele morreu. — Ela funga, e sei que, como sempre, isso é só o começo.

— Mãe — sussurro, querendo atravessar o telefone para abraçá-la.

— Sou uma velha boba — murmura ela e funga novamente. — É claro que estou feliz por você, querida. Ray já sabe? — acrescenta, parecendo ter recuperado o equilíbrio.

— Christian acabou de pedir a ele.

— Ah, que bonitinho. Que bom. — Ela soa bastante melancólica, mas está se esforçando.

— É, foi mesmo — murmuro.

— Ana, querida, eu amo tanto você. E *estou* feliz por você, sim. Vocês dois tratem de me visitar.

— Pode deixar, mãe. Também amo você.

— Bob está me chamando, tenho que ir. Me avise quando fechar a data. Precisamos planejar as coisas... vai ser um festão?

Festão, droga. Nem tinha pensado nisso. Um festão? Não. Não quero um festão.

— Não sei ainda. Assim que souber, eu ligo para você.

— Ótimo. Se cuide e proteja-se. Vocês dois precisam se divertir um pouco... vocês têm tempo de sobra para filhos depois.

Filhos! *Hum...* e, mais uma vez, lá está a referência não tão velada ao fato de que ela me teve cedo demais.

— Mãe, eu não estraguei a sua vida, estraguei?

Ela arqueja.

— Ah, não, Ana, nunca pense isso. Você foi a melhor coisa que aconteceu a mim e ao seu pai. Eu só queria que ele estivesse aqui para vê-la tão crescida, se casando. — Ela retorna ao tom melancólico e piegas.

— Eu também. — Balanço a cabeça, pensando em meu pai mítico. — Mãe, vou deixar você ir. Ligo de novo depois.

— Amo você, querida.

— Eu também, mãe. Tchau.

* * *

É UM SONHO TRABALHAR na cozinha de Christian. Para um homem que não entende nada de culinária, ele parece ter tudo. Suspeito que a Sra. Jones também adore cozinhar. A única coisa de que preciso é de um chocolate de qualidade para fazer a cobertura. Deixo as duas metades do bolo esfriando sobre uma grelha feita para isso, pego minha bolsa e passo a cabeça pela porta do escritório de Christian. Ele está concentrado diante de seu monitor. Então, ergue o olhar e sorri para mim.

— Vou dar um pulinho no mercado para comprar uns ingredientes.

— Está bem. — Ele franze a testa para mim.

— O que foi?

— Você vai vestir uma calça jeans ou algo assim?

Ah, fala sério.

— Christian, são só pernas.

Ele me encara, nem um pouco divertido. Vai ser uma briga. E é aniversário dele. Reviro os olhos, sentindo-me como uma adolescente problemática.

— E se a gente estivesse na praia? — Tomo um rumo diferente.

— A gente não está na praia.

— Você reclamaria se a gente estivesse na praia?

Ele pensa por um momento.

— Não — diz simplesmente.

Reviro os olhos novamente e lanço um sorriso malicioso para ele.

— Bem, então finja que a gente está. Até mais.

Eu me viro e disparo para o saguão. Entro no elevador antes que ele me alcance. As portas começam a se fechar, e eu aceno para ele, sorrindo docemente enquanto ele assiste de olhos semicerrados, impotente, mas — ainda bem — divertido. Ele balança a cabeça, exasperado, e não posso mais vê-lo.

Hum, isso foi empolgante. A adrenalina está pulsando em minhas veias, e meu coração parece que vai sair pela boca. Mas,

quando o elevador começa a descer, minha animação some. Merda, o que foi que eu fiz?

Cutuquei a onça com vara curta. Ele vai estar furioso quando eu voltar. Meu inconsciente está me encarando por sobre seus óculos de meia-lua, uma vareta na mão. Merda. Penso na pouca experiência que tenho com homens. Nunca morei com um homem antes — quero dizer, exceto Ray — e, de alguma forma, ele não conta. Ele é meu pai... bem, o homem que considero meu pai.

E agora tenho Christian. Ele nunca morou de verdade com ninguém, acho. Vou ter que perguntar a ele — se ainda estiver falando comigo.

Mas acho mesmo que devo vestir o que bem entender. Eu me lembro de suas regras. Sim, isso deve ser difícil para ele, mas com certeza ele pagou por esse vestido. Deveria ter dado instruções mais claras à Neiman: nada muito curto!

E essa saia não é tão curta assim, é? Dou uma olhada no espelho da portaria. Droga. Sim, é bem curta, mas agora já bati o pé. E sem dúvida vou ter que enfrentar as consequências. Pergunto-me vagamente o que ele vai fazer, mas primeiro preciso de dinheiro.

* * *

DOU UMA OLHADA no meu saldo no caixa eletrônico: cinquenta e um mil seiscentos e oitenta e nove dólares e dezesseis centavos. São cinquenta mil a mais do que deveria ter! *Anastasia, você vai ter que aprender a ser rica também, se disser sim.* E é assim que começa. Saco meus parques cinquenta dólares e caminho até o mercado.

* * *

ASSIM QUE CHEGO, vou direto para a cozinha, e não posso deixar de sentir um arrepio de tensão. Christian ainda está no escritório. Caramba, já passou a maior parte da tarde lá dentro. Decido que minha melhor opção é enfrentá-lo e ver o tamanho do meu problema. Dou uma olhada cautelosa pela porta do escritório. Ele está ao telefone, olhando pela janela.

— E o especialista em Eurocopters vai chegar na segunda-feira à tarde?... Ótimo. Basta me manter informado. Diga a eles que vou precisar do relatório inicial na segunda-feira à noite ou na terça-feira pela manhã. — Ele desliga e gira em sua cadeira, mas trava assim que me vê, a expressão impassível.

— Oi — sussurro.

Ele não responde, e meu coração despenca até o estômago. Com cuidado, entro no escritório e dou a volta em sua mesa, até onde ele está sentado. Ele continua sem dizer nada, os olhos fixos nos meus. Fico de pé diante dele, sentindo-me uns cinquenta tons idiota.

— Voltei. Você está bravo comigo?

Ele suspira, pega a minha mão e me puxa até o seu colo. Envolvendo os braços ao redor de mim, enterra o nariz em meu cabelo.

— Estou.

— Desculpe. Não sei o que deu em mim. — Enrosco-me em seu colo, inalando seu cheiro celestial, sentindo-me segura, apesar de ele estar bravo comigo.

— Nem eu. Use as roupas que você quiser — murmura. Ele corre a mão pela minha perna nua até a minha coxa. — Além do mais, esse vestido tem suas vantagens. — E se inclina para me beijar.

Assim que nossos lábios se tocam, sou dominada por uma paixão ou uma lascívia ou uma necessidade profunda de fazer as pazes, e o desejo corre solto em meu sangue. Pego sua cabeça nas mãos, enfiando os dedos em seu cabelo. Christian geme, seu corpo responde, e ele morde faminto meu lábio inferior — meu pescoço, minha orelha, sua língua invadindo minha boca, e antes que eu perceba, ele está abrindo a calça, colocando-me de pernas abertas em seu colo e entrando em mim. Agarro o encosto da cadeira, meus pés mal tocando o chão... e nós começamos a nos movimentar.

* * *

— GOSTO DO SEU JEITO de pedir desculpas. — Ele respira em meu cabelo.

— E eu gosto do seu. — Rio, aninhando-me em seu peito. — Você já acabou?

— Deus do céu, Ana, você quer mais?

— Não! O trabalho.

— Vou acabar em meia hora, mais ou menos. Ouvi sua mensagem na minha caixa postal.

— De ontem.

— Você parecia preocupada.

— Eu estava preocupada. — Abraço-o com força. — Não é do seu feitio não responder.

Ele beija meu cabelo.

— Seu bolo deve ficar pronto em meia hora. — Sorrio para ele e levanto do seu colo.

— Mal posso esperar. O cheiro que veio do forno estava delicioso, sugestivo mesmo.

Eu sorrio timidamente para ele, sentindo-me um pouco envergonhada, e ele espelha minha expressão. Caramba, somos mesmo tão diferentes? Talvez sejam suas memórias de infância de bolo no forno. Inclinando-me, deixo um beijo rápido no canto de sua boca e volto para a cozinha.

* * *

JÁ TENHO TUDO pronto quando o ouço sair do escritório, e acendo uma vela dourada no topo do bolo. Ele abre um sorriso de orelha a orelha enquanto caminha na minha direção, e eu canto “Parabéns pra você” baixinho. Ele se abaixa e assopra a vela, de olhos fechados.

— Já fiz meu pedido — diz ao abri-los novamente e, por algum motivo, seu olhar me faz corar.

— A cobertura ainda está mole. Espero que você goste.

— Mal posso esperar para provar, Anastasia — murmura ele, fazendo a frase soar tão sensual.

Corto uma fatia para cada um de nós, e comemos com garfinhos pequenos.

— Hum — geme ele, satisfeito. — É por isso que quero casar com você.

E eu rio de alívio... ele gostou.

* * *

— PRONTA PARA ENFRENTAR minha família? — Christian desliga o motor do R8.

Estamos estacionados na garagem de seus pais.

— Pronta. Você vai dizer a eles?

— Claro. Estou ansioso para ver a reação deles. — Ele abre um sorriso malicioso para mim e sai do carro.

São sete e meia da noite, e apesar de ter sido um dia quente, uma brisa fresca sopra da baía. Aperto a echarpe ao meu redor ao sair do carro. Estou usando um vestido de festa verde-esmeralda que encontrei hoje de manhã quando estava vasculhando o armário. Ele tem um cinto largo combinando. Christian pega a minha mão, e seguimos para a porta da frente. Carrick abre a porta antes que ele possa bater.

— Christian, olá. Feliz aniversário, meu filho. — Ele pega a mão estendida de Christian, mas o puxa num abraço breve, surpreendendo-o.

— Er... Obrigado, pai.

— Ana, que bom ver você de novo. — Ele também me abraça, e nós o seguimos para dentro da casa.

Antes de chegarmos à sala de estar, Kate atravessa o corredor, fumegando, na nossa direção. Parece furiosa.

Ah, não!

— Vocês dois! Quero falar com vocês — rosna em seu tom de “é melhor vocês não se meterem comigo”.

Olho nervosa para Christian, que dá de ombros e decide fazer sua vontade, e nós a seguimos até a sala de jantar, deixando Carrick confuso sob o umbral da porta da sala de estar. Ela fecha a porta e se vira para mim.

— Que porra é essa? — sussurra e agita uma folha de papel na minha direção.

Completamente confusa, pego a folha e dou uma olhada rápida. Minha boca fica seca. *Putá merda*. É a minha resposta ao e-mail de Christian, discutindo o contrato.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Fico pálida, meu sangue congela, e o medo me domina o corpo. Instintivamente, dou um passo, colocando-me entre ela e Christian.

— O que é? — murmura Christian num tom cauteloso.

Eu o ignoro. Não posso acreditar que Kate esteja fazendo isso.

— Kate! Você não tem nada a ver com isso. — Cravo meus olhos irados nela, a raiva substituindo o medo.

Como ela se atreve? Não agora, não hoje. Não no aniversário de Christian. Surpresa com a minha reação, ela pisca, os olhos verdes arregalados.

— Ana, o que é? — pergunta Christian de novo, num tom mais ameaçador.

— Christian, você pode sair, por favor? — peço a ele.

— Não. Mostre para mim. — Ele me estende a mão, e sei que não vai aceitar um não como resposta; sua voz é fria e ríspida. Relutante, entrego-lhe o e-mail.

— O que ele fez com você? — pergunta Kate, ignorando Christian. Ela parece muito apreensiva. Uma miríade de imagens eróticas me passa pela cabeça, e eu corro.

— Não é da sua conta, Kate. — Não consigo afastar a exasperação de minha voz.

— Onde você conseguiu isso? — pergunta Christian, a cabeça inclinada de lado, o rosto inexpressivo, mas a voz... tão ameaçadoramente calma. Kate cora.

— Não importa. — Mas, diante de seu olhar de pedra, ela continua apressadamente: — Estava no bolso de um casaco, que imagino que seja seu, que encontrei atrás da porta do quarto de Ana.

Kate titubeia perante o olhar furioso de Christian, mas ela parece se recuperar e fecha a cara para ele.

Em seu vestido vermelho-vivo, ela é um mar de hostilidade. Está deslumbrante. Mas por que diabo andou revirando as minhas roupas? Normalmente sou eu que faço isso.

— Você contou para alguém? — A voz de Christian é como uma luva de seda.

— Não! Claro que não — revida Kate, afrontada.

Christian faz que sim com a cabeça e parece relaxar. Ele se vira e caminha até a lareira. Muda, eu e Kate o observamos pegar um isqueiro e colocar fogo no e-mail, deixando-o cair lentamente sobre a lenha até desaparecer. O silêncio na sala chega a ser opressivo.

— Nem mesmo para Elliot? — pergunto, voltando a atenção para Kate.

— Ninguém — diz Kate enfaticamente, e pela primeira vez ela parece confusa e magoada. — Só quero saber se você está bem, Ana — sussurra.

— Estou bem, Kate. Mais do que bem. Por favor, Christian e eu estamos bem, muito bem, e isso aí é passado. Por favor, ignore.

— Ignorar? — pergunta. — Como poderia ignorar aquilo? O que ele fez com você? — Seus olhos verdes estão repletos de preocupação sincera.

— Ele não fez nada comigo, Kate. Falando sério, estou bem.

Ela pisca para mim.

— Mesmo? — pergunta.

Christian passa o braço em volta de mim e me puxa para perto de si, sem tirar os olhos de Kate.

— Ana aceitou se casar comigo, Katherine — diz, calmamente.

— Casar! — Kate solta um gritinho, os olhos arregalados, incrédula.

— Isso mesmo. Nós vamos anunciar o noivado hoje à noite — diz ele.

— Ah! — Kate me olha, boquiaberta. Está atordoada. — Eu deixo você sozinha por dezesseis dias, e é isso que acontece? É muito repentino. Então, ontem, quando eu disse... — Ela olha para mim, perdida. — E onde aquele e-mail entra nessa história?

— Não entra, Kate. Esqueça, por favor. Amo Christian, e ele me ama. Não faça isso. Não estrague a festa dele e a nossa noite — sussurro.

Ela pisca e, inesperadamente, seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Não. Claro que não. Você está bem? — Ela quer ter certeza.

— Nunca estive tão feliz — sussurro.

Ela se aproxima e agarra a minha mão, apesar de Christian manter o braço ao meu redor.

— Bem mesmo? — pergunta, esperançosa.

— Estou. — Sorrio para ela, minha alegria retornando.

Ela está do meu lado de novo. E sorri para mim, minha felicidade refletindo-se em seu rosto. Saio do abraço de Christian, e ela me abraça de repente.

— Ah, Ana, eu fiquei tão preocupada quando li aquilo. Não sabia o que pensar. Você vai me explicar o que é? — sussurra.

— Um dia, não agora.

— Ótimo. Não vou contar a ninguém. Eu amo tanto você, Ana, como minha própria irmã. Eu só pensei... Eu não sabia o que pensar. Sinto muito. Se você está feliz, então eu estou feliz.

Ela olha diretamente para Christian e repete seu pedido de desculpas. Ele acena para ela, os olhos gélidos, e sua expressão não se altera. Ah, merda, ele ainda está com raiva.

— Eu realmente sinto muito. Você tem razão, não é da minha conta — sussurra ela para mim.

Ouvimos uma batida na porta, e Kate e eu saímos do nosso abraço. Grace enfia a cabeça pela porta.

— Tudo bem, querido? — pergunta a Christian.

— Tudo bem, Sra. Grey — responde Kate imediatamente.

— Tudo bem, mãe — diz Christian.

— Ótimo. — Grace entra. — Então vocês não vão se importar se eu der um abraço de aniversário no meu filho. — Ela sorri para nós, e ele se derrete no mesmo instante e a abraça com força. — Feliz aniversário, querido — diz ela baixinho, fechando os olhos em seu abraço. — Estou tão feliz que você ainda esteja entre nós.

— Mãe, estou bem. — Christian sorri para ela.

Ela se afasta e o olha bem de perto, então sorri.

— Estou tão feliz por você — diz, acariciando seu rosto.

Ele sorri para ela, seu sorriso de mil megawatts.

Ela sabe! Quando foi que ele contou?

— Bem, crianças, se vocês já tiverem terminado a conversa de vocês, tem uma multidão de pessoas aqui para se certificarem de que você está mesmo inteiro, Christian, e para lhe desejar um feliz aniversário.

— Já vou.

Grace olha ansiosa para Kate e para mim, e parece se tranquilizar ao ver nossos sorrisos. Ela dá uma piscadela para mim, mantendo a porta aberta para nós. Christian me estende a mão, e eu a seguro.

— Christian, eu sinto muito, mesmo — diz Kate humildemente. Kate agindo com humildade é algo realmente único. Christian faz que sim para ela, e saímos da sala.

No corredor, olho ansiosa para Christian.

— Sua mãe sabe?

— Sabe.

— Ah.

E pensar que a noite poderia ter sido arruinada pela tenaz Srta. Kavanagh. Tremo só de imaginar: as ramificações do estilo de vida de Christian reveladas a todo mundo.

— Bem, a noite já começou interessante. — Sorrio com gentileza para ele.

Ele se vira para mim, e lá está de novo, seu olhar divertido. Graças a Deus.

— Como sempre, Srta. Steele, você tem um dom para o eufemismo. — Ele leva minha mão aos lábios e beija meus dedos enquanto caminhamos até a sala de estar, onde nos deparamos com uma rodada de aplausos espontânea e ensurdecadora.

Merda. Quantas pessoas foram convidadas?

Corro os olhos pela sala de estar: todos os Grey; Ethan com Mia; Dr. Flynn e sua esposa, imagino; Mac, do barco; um homem bonito, negro e alto que me lembro de ter visto no escritório de Christian quando o conheci; Lily, a amiga chata de Mia; duas mulheres que não reconheço mesmo; e... *ah, não.* Meu coração afunda. *Aquela* mulher... A Mrs. Robinson.

Gretchen se materializa com uma bandeja de champanhe. Está usando um vestido decotado preto, o cabelo num penteado alto, em vez das maria-chiquinhas, o rosto corando e os cílios piscando para

Christian. Os aplausos se dissipam, e Christian aperta minha mão quando todos os olhos se voltam para ele, em expectativa.

— Obrigado a todos. Parece que vou precisar de uma destas. — Ele pega duas taças da bandeja de Gretchen e lhe abre um breve sorriso. Acho que Gretchen vai ter um troço ou desmaiar.

Ele me entrega uma das taças e ergue a sua para o restante da sala. Imediatamente, todos se aproximam. Liderando o bando vem a malvada mulher de preto. Será que nunca usa outra cor?

— Christian, eu estava tão preocupada. — Elena lhe dá um abraço breve e dois beijinhos. Ele não me solta, apesar de eu tentar liberar minha mão.

— Estou bem, Elena — murmura Christian com frieza.

— Por que você não me ligou? — Sua súplica é desesperada, os olhos examinando os dele.

— Andei ocupado.

— Você não recebeu minhas mensagens?

Christian se move, desconfortável, e me puxa para junto de si, passando o braço ao redor de mim. Seu rosto permanece impassível enquanto ele segue fitando Elena. Ela não pode mais me ignorar, então acena com a cabeça educadamente em minha direção.

— Ana — ronrona. — Você está linda, querida.

— Elena — ronrono de volta. — Obrigada.

Encontro os olhos de Grace. Ela franze a testa, observando-nos.

— Elena, preciso fazer um anúncio — diz Christian, olhando para ela sem emoção.

Seus olhos azul-claros se cobrem, enevoados.

— Claro. — Ela abre um sorriso fingido e dá um passo para trás.

— Pessoal — chama Christian. Ele espera por um momento até que o burburinho na sala tenha se dissipado e todos os olhos estejam mais uma vez sobre ele. — Obrigado a todos por terem vindo. Devo dizer que estava esperando um jantar em família, então esta festa é uma agradável surpresa. — E olha incisivamente para Mia, que sorri e lhe dá um aceno breve.

Christian balança a cabeça, exasperado, e continua.

— Ros e eu... — ele fita a ruiva de pé ao lado de uma moça loura pequena e vivaz — ... passamos um aperto e tanto ontem.

Ah, então essa é a Ros que trabalha com ele. Ela sorri e ergue sua taça para ele. Ele acena para ela.

— Então, estou especialmente feliz por estar aqui hoje para compartilhar com todos vocês uma ótima novidade. Esta linda mulher — ele se vira para mim —, Srta. Anastasia Rose Steele, consentiu em ser minha esposa, e eu gostaria que vocês fossem os primeiros a saber.

Há uma comoção geral, as pessoas vibram, e então mais uma salva de palmas! Puxa, isso está mesmo acontecendo. Acho que estou da cor do vestido de Kate. Christian segura meu queixo, leva meus lábios até os seus e me beija rapidamente.

— Em breve, você será minha.

— Já sou — sussurro.

— Legalmente — ele gesticula com a boca para mim e me abre um sorriso perverso.

Lily, de pé ao lado de Mia, parece cabisbaixa; Gretchen está com uma cara de quem comeu e não gostou. À medida que corro os olhos, ansiosa, pelas pessoas reunidas ali na sala, vejo Elena. Está boquiaberta — horrorizada, eu diria, e não posso conter a pequena, porém intensa satisfação, de vê-la assim estupefata. O que ela está fazendo aqui, afinal?

Carrick e Grace interrompem meus pensamentos muito pouco caridosos, e logo estou sendo abraçada e beijada e passada de mão em mão pelos Grey.

— Ah, Ana, estou tão feliz que você vá passar a fazer parte da família — solta Grace, espontânea. — O tanto que Christian mudou... Ele está... feliz. Sou muito grata a você.

Fico vermelha, envergonhada por sua exuberância, mas secretamente feliz também.

— Cadê a aliança? — exclama Mia, abraçando-me.

— Hum...

A aliança! Caramba. Não tinha nem pensado na aliança. Olho para Christian.

— Vamos escolher juntos. — Christian fecha a cara para ela.

— Ei, não me olhe assim, Grey! — Mia o repreende, e então o envolve em seus braços. — Estou tão feliz por você, Christian — diz.

Ela é a única pessoa que conheço que não se intimida com os olhares carrancudos de Grey. Ele me deixa completamente amedrontada... Bem, certamente me deixava.

— Quando vai ser? Vocês já marcaram a data? — Ela sorri para Christian.

Ele balança a cabeça, sua exasperação palpável.

— Não, não marcamos nada ainda. Ana e eu precisamos discutir tudo isso — diz, irritado.

— Espero que seja um festão, aqui. — Ela sorri entusiasmada, ignorando o tom cáustico do irmão.

— A gente provavelmente vai viajar para Las Vegas amanhã — rosna ele, e é recompensado com uma careta infantil, bem típica de Mia Grey.

Revirando os olhos, ele se vira para Elliot, que lhe dá seu segundo abraço apertado em dois dias.

— Mandou bem, meu irmão. — Ele dá um tapinha nas costas de Christian.

A comoção dos convidados é enorme, e levo alguns minutos até me ver de novo ao lado de Christian, junto do Dr. Flynn. Elena parece ter desaparecido, e Gretchen está enchendo as taças de champanhe, mau-humorada.

Ao lado do Dr. Flynn há uma bela jovem de cabelos longos e muito escuros, quase pretos, um decote impressionante e encantadores olhos castanhos.

— Christian — diz Flynn, estendendo a mão. Christian a aperta, alegremente.

— John. Rhian. — Ele beija a mulher na bochecha. Ela é pequena e bonita.

— Fico feliz que você ainda esteja entre nós, Christian. Minha vida seria muito mais monótona... e pobre, sem você.

Christian sorri.

— John! — Rhian o repreende, para divertimento de Christian.

— Rhian, esta é Anastasia, minha noiva. Ana, esta é a esposa de John.

— Fico muito feliz de conhecer a mulher que finalmente capturou o coração de Christian. — Rhian sorri para mim com gentileza.

— Obrigada — murmuro, envergonhada de novo.

— Foi uma tacada traiçoeira, hein, Christian. — Dr. Flynn balança a cabeça em descrença divertida. Christian franze a testa para ele.

— John, você e as suas metáforas envolvendo críquete. — Rhian revira os olhos. — Parabéns aos dois, e feliz aniversário, Christian. Que presente de aniversário maravilhoso. — Ela sorri para mim.

Não tinha ideia de que o Dr. Flynn estaria aqui, ou Elena. É um choque, e vasculho a cabeça para ver se tenho alguma pergunta a lhe fazer. Mas uma festa de aniversário não parece o local mais apropriado para uma consulta psiquiátrica.

Trocamos amenidades por alguns minutos. Rhian é dona de casa e mãe de dois filhos pequenos. Imagino que ela seja o motivo pelo qual o Dr. Flynn trabalha nos Estados Unidos.

— Ela está bem, Christian, respondendo bem ao tratamento. Mais umas duas semanas e poderemos levar em consideração um tratamento em casa. — Dr. Flynn e Christian mantêm o tom de voz baixo, mas não posso deixar de prestar atenção, deixando grosseiramente de ouvir Rhian.

— Então, agora a minha vida gira em torno de brincadeiras e fraldas...

— Deve tomar muito tempo. — Fico vermelha, voltando a atenção para Rhian, que ri com gentileza. Sei que Christian e Flynn estão falando de Leila.

— Pode perguntar algo a ela por mim? — murmura Christian.

— Então, o que você faz, Anastasia?

— Pode me chamar de Ana, por favor. Trabalho numa editora.

Christian e o Dr. Flynn baixam ainda mais o tom de voz; é tão frustrante. Mas eles interrompem o que estão falando quando as mulheres que não reconheci no início da festa se juntam a nós: Ros e a loura animada que Christian me apresenta como sua companheira, Gwen.

Ros é encantadora, e logo descubro que elas moram quase em frente ao Escala. Ela se derrama em elogios pelas habilidades de piloto de Christian. Aquela havia sido a sua primeira vez em *Charlie Tango*, e ela diz que nem hesitaria em voar com ele de novo. É uma

das poucas mulheres que conheço que não se derrete por ele... bem, a razão é óbvia.

Gwen é risonha e tem um senso de humor irônico, e Christian parece extraordinariamente à vontade com as duas. Ele as conhece muito bem. Eles não discutem sobre trabalho, mas dá para ver que Ros é uma mulher inteligente que pode facilmente acompanhá-lo. Tem também uma ótima risada, grossa e gutural, de quem fuma demais.

Grace interrompe nossa conversa descontraída para avisar a todos que o jantar está sendo servido em estilo buffet, na cozinha. Lentamente, os convidados caminham para os fundos da casa.

No corredor, Mia me agarra pelo pescoço. Em seu vestido de boneca rosa-claro, de alcinhas, e seu salto agulha, ela se pendura em mim como um enfeite de árvore de Natal. Está segurando dois copos de coquetel.

— Ana — sussurra, num tom conspiratório. Ergo o olhar para Christian, que me solta, com uma expressão de “boa sorte, também acho impossível lidar com essa criatura”, e entro na sala de jantar com ela. — Aqui. É um dos martinis de limão especiais do meu pai. Muito mais gostoso do que champanhe. — Ela me entrega uma taça e me encara ansiosa enquanto dou um gole cuidadoso.

— Hum... delicioso. Mas forte. — O que ela quer? Está tentando me embriagar?

— Ana, preciso de alguns conselhos. E não posso pedir a Lily. Ela é tão crítica sobre tudo. — Mia revira os olhos; em seguida, sorri para mim. — Está morrendo de inveja de você. Acho que ela imaginava que um dia Christian e ela pudessem ficar juntos. — Mia desata a rir do absurdo desse pensamento, e, lá dentro, eu me contorço com a ideia.

Isto é algo com o qual vou ter de lutar por muito tempo: outras mulheres cobiçando o meu homem. Afasto o pensamento indesejado e me distraio com o assunto diante de mim. Tomo mais um gole do martini.

— Posso tentar ajudar você. Diga lá.

— Como você sabe, Ethan e eu nos conhecemos há pouco tempo, graças a você. — Ela sorri, radiante, para mim.

— Certo. — Aonde ela quer chegar com isso?

— Ana, ele não quer sair comigo. — Ela faz beicinho.

— Ah. — Pisco para ela, surpresa, e penso, *Talvez você não seja bem o tipo dele.*

— Não, falei tudo errado. Ele não quer sair comigo porque a irmã dele está saindo com o meu irmão. Sabe, ele acha que é uma situação meio que incestuosa. Mas eu sei que ele gosta de mim. O que eu faço?

— Ah, entendi — balbucio, tentando ganhar tempo. O que eu posso dizer? — Será que não dá para seguir como amigos e dar um tempo a ele? Quero dizer, vocês acabaram de se conhecer.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Olha, eu sei que eu também acabei de conhecer Christian, mas... — Faço uma careta para ela, sem saber bem o que quero dizer. — Mia, isso é uma coisa que você e Ethan vão ter que resolver juntos. Eu tentaria o caminho da amizade.

Mia sorri.

— Você aprendeu esse olhar com Christian.

Eu coro.

— Se você quer um conselho, pergunte a Kate. Ela pode ter alguma ideia sobre como o irmão se sente.

— Você acha? — pergunta Mia.

— Acho. — Sorrio, encorajando-a.

— Legal. Obrigada, Ana.

Ela me dá mais um abraço e deixa a sala de jantar, toda saltitante — o que, diga-se de passagem, com aqueles saltos, é algo impressionante —, sem dúvida indo direto perturbar Kate. Tomo mais um gole do martíni e estou prestes a sair atrás dela quando fico paralisada.

Elena adentra a sala devagar, o rosto tenso, com uma determinação sombria e raivosa. Ela fecha a porta silenciosamente atrás de si e fecha a cara para mim.

Ah, droga.

— Ana — rosna ela.

Tento reunir todo o meu autocontrole, ligeiramente zozna depois de dois copos de champanhe e o coquetel letal que tenho em mãos. Acho que o sangue me fugiu todo do rosto, mas convoco tanto o

meu inconsciente quanto minha deusa interior para tentar parecer o mais calma e equilibrada possível.

— Elena. — Minha voz é baixa, mas firme, apesar de minha boca estar seca. Por que essa mulher me assusta tanto assim? E o que ela quer agora?

— Eu lhe daria meus sinceros parabéns, mas acho que seria inapropriado. — Seus penetrantes e gélidos olhos azuis se fixam nos meus, repletos de repugnância.

— Não quero os seus parabéns, nem preciso deles, Elena. Estou surpresa e decepcionada de vê-la aqui.

Ela arqueia uma sobrancelha. Acho que está impressionada.

— Não teria pensado em você como uma adversária à altura, Anastasia. Mas você me surpreende a cada instante.

— Eu simplesmente não pensei em você — minto, friamente. Christian ficaria orgulhoso. — Agora, se me dá licença, tenho coisas muito melhores a fazer do que perder meu tempo com você.

— Não tão rápido, mocinha — sussurra ela, recostando-se contra a porta e bloqueando minha saída. — Que diabo você pensa que está fazendo, concordando em se casar com Christian? Se você acha por um minuto que é capaz de fazê-lo feliz, está muito enganada.

— O que eu concordei em fazer com Christian não é da sua conta. — Sorrio com uma doçura sarcástica. Ela me ignora.

— Ele tem necessidades, necessidades que você não pode nem começar a satisfazer — ela gaba-se.

— O que você sabe das necessidades dele? — rosno. Meu sentido de indignação explode violento, queimando dentro de mim à medida que uma onda de adrenalina me atravessa o corpo. Como essa vagabunda de merda ousa passar sermão em mim? — Você não passa de uma doente que abusa de crianças, e, se dependesse de mim, eu jogava você no sétimo círculo do inferno e ia embora sorrindo. Agora saia da minha frente, ou vou ter que arrancar você?

— Você está cometendo um grande erro aqui, mocinha. — Ela balança o indicador longo e magro para mim, a unha muito bem-feita. — Como você se atreve a julgar o nosso estilo de vida? Você não sabe de nada, você não tem ideia de onde está se metendo. E

se você acha que ele vai ser feliz com uma garotinha tímida e oportunista, que só pensa em dinheiro, feito você...

Já chega! Atiro o restante do meu martíni de limão na cara dela, deixando-a encharcada.

— Não ouse me dizer onde estou me metendo! — grito para ela.
— Quando você vai aprender? Não é da sua conta!

Ela me encara embasbacada, o horror estampado no olhar, e limpa a bebida pegajosa do rosto. Acho que está prestes a avançar para cima de mim, mas é empurrada para o lado, de repente, quando a porta se abre.

De pé, junto à porta, está Christian. Ele leva um milésimo de segundo para avaliar a situação: eu, pálida e tremendo; ela, encharcada e lívida. Seu belo rosto escurece e se contorce de raiva enquanto ele se aproxima, parando entre nós duas.

— Que merda que você está fazendo, Elena? — diz.

Sua voz é glacial e repleta de ameaça.

Ela pisca para ele.

— Ela não é a pessoa certa para você, Christian — sussurra.

— O quê? — grita ele, assustando a nós duas. Não posso ver seu rosto, mas todo o seu corpo está tenso, e ele irradia animosidade. — E quem é você para saber o que é certo para mim?

— Você tem necessidades, Christian — diz ela, a voz mais suave.

— Já falei: isso não é da sua conta, porra! — ruge ele.

Merda: o Christian Muito Bravo deu as caras nada feias aliás. As pessoas vão acabar ouvindo.

— Qual é o seu problema? — Ele faz uma pausa, olhando para ela. — Você acha que é você? Você? Acha que você é a pessoa certa para mim? — Ele acalma a voz, mas ela está carregada de desprezo.

E, de repente, não quero estar aqui. Não quero testemunhar esse encontro íntimo. Sinto-me uma intrusa. Mas estou paralisada... meus membros incapazes de se mover.

Elena engole em seco e parece erguer o corpo. Sua postura muda sutilmente, tornando-se mais imponente, e ela dá um passo na direção dele.

— Eu fui a melhor coisa que já aconteceu na sua vida — rebate ela, arrogante. — Olhe só para você agora. Um dos empresários mais ricos e mais bem-sucedidos dos Estados Unidos, controlado, obstinado, você não precisa de nada. Você é o mestre do seu universo.

Ele dá um passo para trás, como se tivesse levado um golpe, e a encara, boquiaberto de descrença e indignação.

— Você adorava, Christian, não tente enganar a si mesmo. Você estava no caminho da autodestruição, e eu o salvei, salvei você de passar a vida atrás das grades. Acredite em mim, meu bem, é lá que você teria acabado. Eu ensinei a você tudo o que você sabe, tudo de que você precisa.

Christian fica branco, encarando-a horrorizado. Ao falar, sua voz é baixa e incrédula.

— Você me ensinou a foder, Elena. Mas isso é vazio, vazio como você. Não me admira que Linc tenha ido embora.

A bile me vem até a boca. Eu não deveria estar aqui. Mas estou congelada no mesmo ponto, morbidamente fascinada enquanto eles se atacam.

— Você nunca me abraçou — sussurra Christian. — Você nunca disse que me amava.

Ela estreita os olhos.

— O amor é para os tolos, Christian.

— Saia da minha casa. — A voz furiosa e implacável de Grace assusta a todos nós, e viramos a cabeça rapidamente para onde ela está, sob o umbral da porta. Está encarando Elena, que empalidece sob seu bronzeado de Saint-Tropez.

O tempo parece parar enquanto nós três respiramos fundo, e Grace entra, determinada, na sala. Seus olhos estão ardendo de raiva, sem se desviar de Elena, até que está diante dela. Elena arregala os olhos de susto, e Grace lhe dá um tapa com força no rosto, o som do impacto reverberando nas paredes da sala de jantar.

— Tire as patas imundas do meu filho, sua vadia, e saia da minha casa. Agora! — sussurra por entre os dentes.

Elena leva a mão até o rosto vermelho e encara Grace horrorizada, chocada, piscando para ela. Em seguida, corre para

fora da sala, sem se preocupar em fechar a porta atrás de si.

Grace vira-se lentamente para Christian e um silêncio tenso se instala feito um cobertor grosso sobre nós quando os dois encaram um ao outro. Depois de um tempo, Grace fala.

— Ana, antes que eu o entregue a você, você se importaria de me dar um minuto ou dois a sós com meu filho? — Sua voz é calma, rouca, mas poderosa.

— Claro — sussurro e saio da sala o mais rápido que posso, dando uma olhada rápida e ansiosa por cima do ombro.

Mas nenhum dos dois se vira para me ver sair. Eles continuam a se encarar, com todas as palavras não ditas praticamente berrando entre eles.

No corredor, vejo-me perdida por um instante. Meu coração está pulando, e o meu sangue dispara pelas minhas veias... Estou em pânico, isso tudo é muito mais do que posso compreender. Deus do céu, aquilo foi pesado, e agora Grace sabe. Não consigo imaginar o que ela vai dizer a Christian, e sei que é errado, mas me inclino contra a porta, tentando ouvir.

— Por quanto tempo, Christian? — A voz de Grace é baixa. Mal posso ouvi-la. Não consigo escutar a resposta dele. — Quantos anos você tinha? — A voz dela é mais insistente. — Diga-me. Quantos anos você tinha quando tudo isso começou? — Mais uma vez não posso ouvir Christian.

— Está tudo bem, Ana? — Ros me interrompe.

— Tudo. Tudo bem. Obrigada. Eu...

— Só estou indo pegar minha bolsa — Ros sorri. — Preciso de um cigarro.

Por um breve momento, avalio a possibilidade de me juntar a ela.

— Estou indo ao banheiro.

Preciso recobrar meu juízo e meus pensamentos, para processar o que acabei de testemunhar e ouvir. A parte de cima da casa parece ser o lugar mais seguro para ficar sozinha. Assisto Ros caminhar até a sala de estar e subo, dois degraus de cada vez, até o segundo andar, e então continuo até o terceiro. Só tem um lugar em que quero estar.

Abro a porta do quarto de infância de Christian e a fecho atrás de mim, inspirando profundamente. Caminho até a sua cama, jogo-me em cima dela e fico encarando o teto branco e liso.

Minha nossa. Este deve ser, sem dúvida, um dos confrontos mais excruciantes que já tive de suportar, e agora me sinto entorpecida. Meu noivo e sua ex-amante — nenhuma noiva deveria ter que passar por isso. Dito isto, parte de mim está feliz que ela tenha revelado sua verdadeira faceta, e que eu estivesse lá para testemunhar.

Meus pensamentos se voltam para Grace. Pobre Grace, ter que ouvir aquilo tudo. Agarro um dos travesseiros de Christian. Ela deve ter ouvido que Christian e Elena tiveram um caso, mas não a natureza dele. Graças a Deus. Solto um gemido.

O que estou fazendo? Talvez a bruxa má não deixe de ter alguma razão.

Não, me recuso a acreditar nisso. Ela é tão fria e cruel. Balanço a cabeça. Ela está errada. Eu sou a pessoa certa para Christian. Sou tudo de que ele precisa. E, num momento impressionante de lucidez, não me pergunto *como* ele viveu a vida que viveu até recentemente, mas *por quê*. As razões para fazer o que fez com inúmeras garotas — nem quero saber com quantas. O *como* não é o problema. Todas elas eram adultas. Eram — como foi que Flynn colocou? — pessoas participando de um relacionamento consensual, seguro e saudável. O problema é o *porquê*. O *porquê* estava errado. O *porquê* é que vem de um lugar sombrio.

Fecho os olhos e coloco o braço sobre eles. Mas agora ele seguiu em frente, deixou tudo isso para trás, e ambos estamos na luz. Estou encantada por ele, e ele por mim. Podemos guiar um ao outro. Um pensamento me ocorre. *Merda!* Um pensamento perturbador e traiçoeiro, e estou no único lugar em que posso exorcizar esse fantasma. Sento-me na cama. Sim, preciso fazer isso.

Fico de pé, tremendo, tiro os sapatos, caminho até sua escrivaninha e observo o mural acima dela. As fotos do jovem Christian ainda estão lá — mais pungentes do que nunca, depois do espetáculo que acabei de testemunhar entre ele e a Mrs. Robinson.

E lá está, no canto, o pequeno retrato em preto e branco: sua mãe, a prostituta viciada.

Acendo a lâmpada da mesa e viro o foco de luz para a fotografia. Nem sei o seu nome. Ela se parece muito com ele, só que mais jovem e mais triste, e, olhando para seu rosto infeliz, tudo o que sinto é compaixão. Tento ver as semelhanças entre aquele rosto e o meu. Aperto os olhos diante da imagem, chegando bem perto, e não identifico nenhuma. Exceto, talvez, o cabelo, mas acho que o dela é mais claro que o meu. Não me pareço nem um pouco com ela. É um alívio.

Meu inconsciente se vira para mim, fazendo um barulhinho de desaprovação, os braços cruzados, encarando-me por sobre os óculos de meia-lua. *Por que você está se torturando? Você já disse sim. Você fez a fama, agora deite na cama.* Contraio os lábios para ele. Sim, com muito prazer. Quero me deitar nesta cama com Christian para o resto da vida. Sentada na posição de lótus, minha deusa interior sorri serenamente. Sim. Tomei a decisão certa.

Tenho que encontrá-lo — Christian deve estar preocupado. Não tenho ideia de quanto tempo passei no quarto dele; ele vai achar que eu fugi. Reviro os olhos ao imaginar sua reação exagerada. Espero que ele e Grace tenham terminado a conversa. Estremeço só de pensar no que mais ela pode ter dito a ele.

Encontro Christian subindo as escadas para o segundo andar, procurando por mim. Seu rosto está tenso e cansado — não é o mesmo Cinquenta Tons despreocupado com quem cheguei aqui. Permaneço no topo da escada, e ele para num dos degraus, de modo que ficamos olhos nos olhos.

— Oi — diz, com cautela.

— Oi — respondo, contida.

— Estava preocupado com...

— Eu sei — interrompo-o. — Me desculpe, não estava em condições de enfrentar a comemoração. Só precisava sair um pouco, você sabe. Para pensar.

Acaricio seu rosto. Ele fecha os olhos e inclina o rosto contra a minha mão.

— E você achou que seria uma boa ideia fazer isso no meu quarto?

— É.

Ele pega a minha mão e me puxa para um abraço, que eu aceito de bom grado, meu lugar favorito no mundo inteiro. Tem cheiro de roupa limpa, loção de banho e de Christian — o perfume mais relaxante e excitante do planeta. Ele inspira fundo, o nariz no meu cabelo.

— Sinto muito que você tenha tido que passar por isso.

— Não é sua culpa, Christian. Por que ela estava aqui?

Ele me olha, a boca se contorcendo num pedido de desculpas.

— É amiga da família.

Tento não reagir.

— Não é mais. Como está sua mãe?

— Mamãe está muito brava comigo neste instante. Estou muito feliz que você esteja aqui, e que a gente esteja no meio de uma festa. Caso contrário, estes poderiam ser meus últimos momentos de vida.

— Grave assim, é?

Ele faz que sim com a cabeça, os olhos sérios, e sinto sua perplexidade diante da reação dela.

— E você pode culpá-la por isso? — minha voz é calma, lisonjeira.

Ele me abraça com força e parece incerto, processando seus pensamentos. Enfim, responde:

— Não.

Uau! Um progresso e tanto.

— A gente pode se sentar? — pergunto.

— Claro. Aqui?

Concordo com a cabeça, e nos sentamos no alto da escada.

— Então, como você está se sentindo? — pergunto, segurando sua mão ansiosamente e fitando seu rosto triste e sério.

Ele suspira.

— Sinto-me libertado. — Christian dá de ombros e então sorri seu sorriso maravilhoso e despreocupado, fazendo desaparecer todo o cansaço e a tensão de instantes atrás.

— Sério? — Sorrio de volta para ele. Uau, eu seria capaz de rastejar sobre cacos de vidro por esse sorriso.

— Nossa relação de negócios acabou. Chega.

Franzo a testa.

— Você vai fechar o salão de beleza?

Ele ri com desdém.

— Não sou tão vingativo, Anastasia — repreende-me. — Não. Vou deixar tudo para ela. Na segunda-feira, eu falo com meu advogado. Devo isso a ela.

Arqueio uma sobrancelha para ele.

— Então, chega de Mrs. Robinson?

Ele contorce a boca, divertido, e balança a cabeça.

— Chega.

Sorrio.

— Sinto muito que você tenha perdido uma amiga.

Ele dá de ombros, em seguida, sorri.

— Sente, é?

— Não — confesso, ficando vermelha.

— Venha. — Ele se levanta e me oferece a mão. — Vamos voltar para a festa em nossa homenagem. Talvez eu até me embebede.

— E você por acaso fica bêbado? — pergunto ao segurar sua mão.

— Não desde que era um adolescente selvagem. — Descemos as escadas. — Você comeu? — pergunta ele.

Ah, droga.

— Não.

— Pois deveria. Pela aparência e pelo cheiro de Elena, aquilo que você jogou nela era um dos coquetéis letais do meu pai. — Ele me olha, tentando afastar o humor de seu rosto, e falhando miseravelmente.

— Christian, eu...

Ele ergue a mão para mim.

— Não tem discussão, Anastasia. Se for para beber e jogar álcool nas minhas ex, então você tem que comer. É a regra número um. Acho que já tivemos essa discussão depois da nossa primeira noite juntos.

Ah, sim. No Heathman.

De volta ao corredor, ele para e acaricia meu rosto, seus dedos deslizando ao longo do meu queixo.

— Fiquei acordado durante horas, assistindo você dormir — murmura. — Talvez eu já amasse você então.

Ah.

Ele se inclina e me beija com carinho, e eu me derreto toda por dentro, a tensão da última hora se esvaindo languidamente de meu corpo.

— Coma — sussurra.

— Certo — aquiesço, porque, neste instante, acho que poderia fazer qualquer coisa por ele. Segurando a minha mão, ele me leva até a cozinha, onde a festa segue a toda.

* * *

— TCHAU, JOHN. Boa noite, Rhian.

— Parabéns mais uma vez, Ana. Vocês vão ficar bem. — Dr. Flynn sorri gentilmente para nós, enquanto caminhamos lado a lado pelo corredor para nos despedir dele e de Rhian.

— Boa noite.

Christian fecha a porta e balança a cabeça. Ele me fita, de repente, os olhos brilhando de excitação.

O que foi?

— Só sobrou a família. Acho que minha mãe passou um pouco da conta na bebida. — Grace está cantando karaokê na sala de jogos. E Kate e Mia estão competindo com ela arduamente.

— E você a culpa por isso? — Sorrio para ele, tentando manter o clima leve entre nós. Funciona.

— Você está rindo de mim, Srta. Steele?

— Estou.

— Foi um dia cheio.

— Christian, ultimamente, todos os dias com você têm sido cheios. — Minha voz é sarcástica.

Ele balança a cabeça.

— Muito bem colocado, Srta. Steele. Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

Segurando a minha mão, ele me leva até a cozinha, onde Carrick, Ethan e Elliot estão conversando sobre os Mariners,

bebendo os últimos drinques e comendo as sobras da comida da festa.

— Vão dar um passeio? — Elliot provoca sugestivamente assim que atravessamos as portas para o jardim. Christian o ignora. Carrick franze a testa para Elliot, sacudindo a cabeça numa reprovação silenciosa.

À medida que descemos os degraus até o gramado, tiro os sapatos. Uma lua crescente reluz sobre a baía. Está muito brilhante, mergulhando tudo em inúmeros tons de cinza enquanto as luzes de Seattle piscam a distância. As lâmpadas do ancoradouro estão acesas, um farol suave cintilando sob o brilho frio da lua.

— Christian, eu gostaria de ir à igreja amanhã.

— Ah?

— Rezei para que você voltasse vivo, e você voltou. É o mínimo que posso fazer.

— Está bem.

Caminhamos de mãos dadas num silêncio relaxado por alguns momentos. Então, algo me passa pela cabeça.

— Onde você vai colocar as fotos que José tirou de mim?

— Achei que a gente poderia colocar na casa nova.

— Você comprou a casa?

Ele para e me olha, a voz cheia de preocupação.

— Comprei. Achei que você tivesse gostado dela.

— E gostei. Quando você comprou?

— Ontem de manhã. Agora a gente precisa decidir o que fazer com ela — murmura, aliviado.

— Não a derrube. Por favor. É uma casa tão linda. Só precisa de um pouco de amor e carinho.

Christian olha para mim e sorri.

— Certo. Vou falar com Elliot. Ele conhece uma arquiteta muito boa, ela fez umas obras na minha casa de Aspen. E ele pode cuidar da renovação.

Rio de repente, lembrando-me da última vez em que atravessamos esse gramado sob o luar até o ancoradouro. Ah, talvez seja para lá que estamos indo agora. Sorrio.

— O que foi?

— Estou me lembrando da última vez em que você me levou até o ancoradouro.

— Ah, aquilo foi divertido. — Christian ri baixinho. — Aliás... — Ele para de repente e me coloca no ombro, embora não estejamos muito longe. Solto um gritinho.

— Se me lembro bem, você estava com muita raiva — ofego.

— Anastasia, sempre estou com muita raiva.

— Não, não é verdade.

Ele me dá um tapa na bunda assim que para diante da porta de madeira. Então me coloca no chão, deslizando-me sobre o seu corpo, e segura minha cabeça entre as mãos.

— Não, não mais.

Abaixando-se, ele me beija com força. Quando se afasta, estou ofegante e o desejo vara o meu corpo.

Ele me olha, e, sob o brilho do raio de luz que vem de dentro do ancoradouro, vejo que está ansioso. Meu homem ansioso, não um cavaleiro branco ou um cavaleiro das trevas, mas um homem — um homem lindo, e não tão complicado assim — a quem amo. Acaricio seu rosto, correndo os dedos por suas costeletas e ao longo de sua mandíbula até o queixo; em seguida, deixo meu indicador tocar seus lábios. Ele relaxa.

— Tenho uma coisa pra mostrar a você aí dentro — murmura e abre a porta.

A luz dura das lâmpadas fluorescentes ilumina a impressionante lancha atracada no cais, balançando de mansinho na água escura. Ao lado dela, há um barco a remo.

— Venha.

Christian pega a minha mão e me conduz pelos degraus de madeira. Abrindo a porta no topo da escada, ele se afasta para que eu entre.

Fico boquiaberta. O sótão está irreconhecível, inteiramente coberto de flores... flores por todos os cantos. Alguém criou uma câmara mágica, repleta de belas flores do campo, luzes de Natal e pequenas lanternas de papel que lançam um brilho suave e pálido por todo o ambiente.

Viro o rosto para ele, e ele está me observando, a expressão ilegível. Então, dá de ombros.

— Você queria flores e corações — murmura.

Eu pisco para ele, sem acreditar no que estou vendo.

— Você tem meu coração.

E então ele acena em direção ao cômodo.

— E aqui estão as flores — sussurro, completando sua frase. —

Christian, é lindo. — Não consigo pensar em mais nada para dizer. Meu coração pula até a boca, e as lágrimas ardem em meus olhos.

Segurando minha mão, ele me puxa para dentro do quarto, e antes que eu perceba, está com um dos joelhos no chão, na minha frente. *Minha nossa... Por essa eu não esperava!* Prendo a respiração.

Ele retira uma aliança do bolso interno do casaco e ergue o olhar para mim, os olhos brilhantes, cinzentos e inchados, repletos de emoção.

— Anastasia Steele. Eu amo você. Quero amar, adorar e proteger você para o resto da minha vida. Seja minha. Para sempre. Divida minha vida comigo. Case comigo.

Pisco para ele e as lágrimas me escorrem pelo rosto. Meu Cinquenta Tons, meu homem. Eu o amo tanto, e tudo o que posso dizer em meio à onda de emoção que me invade é:

— Sim.

Ele sorri, aliviado, e, lentamente, desliza a aliança pelo meu dedo. É linda, um diamante oval num anel de platina. *Uau, o diamante é enorme...* Grande, mas simples e deslumbrante em sua simplicidade.

— Ah, Christian — soluço, tomada de súbito pela alegria.

Fico de joelhos diante dele, os dedos em seus cabelos, e o beijo, com todo o meu coração e toda a minha alma. Beijo esse homem lindo, que me ama da mesma forma que eu o amo; e ele me envolve em seus braços, suas mãos subindo até os meus cabelos, sua boca na minha. Sei, no fundo, que sempre serei sua, e ele sempre será meu. Percorremos um longo caminho juntos, e ainda temos muito que caminhar, mas somos feitos um para o outro. Somos almas gêmeas.

A ponta do cigarro brilha intensamente na escuridão à medida que ele dá uma longa tragada. Solta a fumaça numa longa exalação, terminando com dois anéis que dissolvem diante de si, pálidos e fantasmagóricos sob o luar. Ele se ajeita em seu assento, entediado, e dá um gole rápido de bourbon barato direto do gargalo da garrafa embrulhada em papel pardo amassado, antes de descansá-la de novo entre as coxas.

Mal pode acreditar que ele continue cruzando seu caminho. Sua boca se contorce num riso desdenhoso e sarcástico. O helicóptero fora uma jogada precipitada e ousada. Uma das coisas mais emocionantes que já fizera na vida. Mas não deu certo. Ele revira os olhos com ironia. *Quem diria que o filho da puta saberia pilotar aquela merda de verdade?*

Ele bufa.

Eles o subestimaram. Se Grey pensou por um instante que ele iria se recolher sob o crepúsculo, choramingando baixinho, aquele babaca não sabia de nada.

Sua vida toda, foi a mesma coisa. As pessoas constantemente o subestimando — só um homem que lê livros. Que se fodam! Um homem com uma memória fotográfica que lê livros. Ah, as coisas que ele aprendeu, as coisas que ele sabe. Ele bufa de novo. *Sim, Grey, a seu respeito. As coisas que sei sobre você.*

Nada mal para um garoto de um fim de mundo de Detroit.

Nada mal para um garoto que conseguiu uma bolsa de estudos em Princeton.

Nada mal para um garoto que se matou de trabalhar durante toda a faculdade e acabou entrando no mercado editorial.

E agora tudo isso foi por água abaixo, tudo por causa de Grey e daquela vadia dele. Ele franze a testa diante da casa, como se ela representasse tudo o que ele mais despreza. Mas não há nada a fazer. A única confusão é uma loura peituda, toda de preto, cambaleando até a garagem aos prantos antes de entrar num Mercedes-Benz branco e picar a mula.

Ele dá uma gargalhada e estremece. Merda, suas costelas. Ainda estão doloridas do chute ligeiro do capanga de Grey.

Ele reconstrói a cena em sua mente. *“Encoste um dedo na Srta. Steele de novo, e eu mato você.”*

Aquele filho da puta também vai ter o que merece. É, ele vai ver só.

Ele se recosta contra o banco do carro. *Parece que a noite vai ser longa.* Mas não vai a lugar nenhum, vai ficar ali, observando e esperando. Dá outro trago em seu Marlboro vermelho. Sua hora vai chegar. Sua hora vai chegar em breve.

Cinquenta
tons de
liberdade



E L James



E L James

Cinquenta tons de liberdade

TRADUÇÃO DE MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © Fifty Shades Ltd 2011

A autora publicou, inicialmente na internet e sob o pseudônimo Snowqueen's Icedragon, uma versão em capítulos desta história, com personagens diferentes e sob o título *Master of the Universe*.

TÍTULO ORIGINAL
Fifty Shades Freed

CAPA
Jennifer McGuire

IMAGEM DE CAPA
© Kineticimagery/Dreamstime.com

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Milena Vargas

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-217-9

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para mi Mamá con todo mi amor y gratitud.

E para meu amado pai.

Papai, sinto saudades todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Niall, minha rocha.

A Kathleen, por ser simplesmente uma ótima avaliadora de novas ideias, grande amiga e confidente, além de mestre em computadores.

A Bee, pelo infinito apoio moral.

A Taylor (mais um mestre em computadores), Susi, Pam e Nora, pelos bons momentos que me proporcionaram.

E, pelos conselhos e bom senso, meu muito obrigada a:

Dr. Raina Sluder, pela ajuda com todos os assuntos médicos; Anne Forlines, pela orientação quanto às questões financeiras; Elizabeth de Vos, por suas gentis dicas relacionadas ao sistema de adoção de crianças nos Estados Unidos.

Obrigada a Maddie Blandino, por sua arte única e inspiradora.

E a Pam e Gillian, pelo café das manhãs de sábado, e por me trazerem de volta à vida real.

Gostaria de agradecer também à equipe de editores que trabalhou comigo: Andrea, Shay e a incansável e eternamente gentil Janine, que tolera minha falta de concentração com paciência, firmeza e um grande senso de humor.

Obrigada a Amanda e a todos da editora The Writer's Coffee Shop, e, finalmente, um imenso obrigada a todos da Vintage Books.

PRÓLOGO

Mamãe! Mamãe! Mamãe está dormindo no chão. Ela já está dormindo há muito tempo. Penteio seu cabelo, porque ela gosta. Ela não acorda. Dou uma sacudida nela. Mamãe! Minha barriga está doendo. É fome. Ele não está aqui. Estou com sede. Na cozinha, puxo uma cadeira até a pia e tomo um pouco d'água. A água respinga no meu suéter azul. Mamãe ainda está dormindo. Mamãe, acorde! Ela continua quieta. Está fria. Apanho meu cobertor preferido, cubro a mamãe e me deito ao lado dela no tapete verde pegajoso. Mamãe ainda está dormindo. Tenho dois carrinhos de brinquedo. Faço-os apostar corrida no chão onde mamãe dorme. Acho que ela está doente. Procuro alguma coisa para comer. Encontro ervilhas no congelador. Estão geladas. Como devagar. Elas fazem minha barriga doer. Durmo perto da mamãe. As ervilhas acabaram. Encontro outra coisa na geladeira. Tem um cheiro esquisito. Dou uma lambida e minha língua fica grudada. Como devagar. O gosto é horrível. Bebo mais água. Brinco com meus carrinhos e durmo do lado da mamãe. Mamãe está muito fria e não quer acordar. A porta se abre com força. Cubro mamãe com meu cobertor. É ele. *Porra. O que foi que aconteceu aqui, cacete? Ah, essa maluca dessa puta de merda. Merda. Caralho. Sai do meu caminho, seu merdinha.* Ele me chuta e eu bato com a cabeça no chão. Minha cabeça dói. Ele liga para alguém e vai embora. Tranca a porta. Eu me deito ao lado da mamãe. Minha cabeça dói. Chega a policial. Não. Não. Não. Não toque em mim. Não toque em mim. Não toque em mim. Fico ao lado da mamãe. Não. Fique longe de mim. A policial pega meu cobertor e me agarra. Eu grito. Mamãe! Mamãe! Eu quero a minha mãe. As palavras fugiram. Não consigo falar. Mamãe não me escuta. Não consigo falar.

— Christian! Christian! — A voz dela é aflita e o arranca das profundezas de seu pesadelo, das profundezas de seu desespero.

— Estou aqui. Estou aqui.

Ele acorda e a vê inclinada sobre si, segurando seus ombros e o sacudindo, o rosto marcado pela angústia, os olhos azuis arregalados e lágrimas transbordando.

— Ana. — A voz dele é um sussurro aflito, o gosto do medo enchendo sua boca. — Você está aqui.

— É claro que eu estou aqui.

— Eu tive um pesadelo...

— Eu sei. Mas eu estou aqui. Estou aqui.

— Ana. — Ele murmura o nome dela, um talismã contra o pânico negro e asfixiante que percorre seu corpo.

— Shhh, estou aqui.

Ela se enrosca nele, braços e pernas o envolvendo, seu calor aquecendo o corpo dele, afastando a escuridão, afastando o medo. Ela é um raio de sol, é iluminada... ela é dele.

— Por favor, não vamos brigar. — A voz dele soa rouca, e ele a abraça.

— Está bem.

— Os votos. Nada de obediência. Eu consigo. Vamos encontrar uma maneira. — As palavras saem apressadas de sua boca, em um misto de emoção, confusão e ansiedade.

— Vamos, sim. Vamos sempre encontrar uma maneira — diz ela, e cola os lábios nos dele, silenciando-o, trazendo-o de volta para o presente.

CAPÍTULO UM

Olho para cima, pelas brechas do guarda-sol verde, para o mais azul dos céus: um azul de verão, um azul mediterrâneo, e solto um suspiro de satisfação. Christian está ao meu lado, estirado sobre uma espreguiçadeira de praia. Meu marido — meu belo e sensual marido, sem camisa e usando uma bermuda feita de calça jeans cortada — está concentrado em um livro que prevê o colapso do sistema bancário ocidental. Pelo que todos comentam, é viciante de se ler. Eu nunca o tinha visto tão quieto assim, nunca. Mais parece um estudante do que o bem-sucedido CEO de uma das maiores empresas privadas dos Estados Unidos.

Estamos no final da nossa lua de mel, aproveitando o sol da tarde na praia do Beach Plaza Monte Carlo — um nome bem apropriado —, em Mônaco, embora na verdade não estejamos nesse hotel. Abro os olhos e fito o *Fair Lady*, ancorado no porto. Naturalmente, estamos hospedados a bordo de um luxuoso iate. Construído em 1928, o *Fair Lady* flutua majestosamente sobre as águas, soberano em relação a todos os outros iates do porto. Parece um brinquedo de dar corda. Christian o adora; suspeito até de que ele esteja tentado a comprá-lo. Francamente... homens e seus brinquedos.

Recostando-me confortavelmente, escuto a lista de Christian Grey no meu iPod novo e cochilo sob o sol de fim de tarde, lembrando o pedido de casamento. Ah, um pedido dos sonhos, no ancoradouro... Quase consigo sentir o aroma das flores do campo...

—

— Podemos nos casar amanhã? — murmura Christian suavemente no meu ouvido.

Estou languidamente recostada no peito dele, na cobertura florida do ancoradouro, satisfeita depois de fazermos amor apaixonadamente.

— Hmm.

— Isso é um sim? — Capto expectativa na voz dele.

— Hmm.

— Um não?

— Hmm.

Sinto seu sorriso.

— Srta. Steele, você está sendo incoerente?

Sorrio também.

— Hmm.

Ele ri e me abraça apertado, beijando o alto da minha cabeça.

— Então está combinado. Vegas amanhã.

Meio dormindo, levanto a cabeça.

— Acho que meus pais não ficariam muito felizes com isso.

Ele passa os dedos pelas minhas costas nuas, para cima e para baixo, acariciando-me ternamente.

— O que você quer, Anastasia? Vegas? Um casamento grande, com tudo a que tem direito? Vamos, diga.

— Grande não... Só os amigos e a família.

Ergo o olhar para ele, enternecida pela súplica silenciosa em seus brilhantes olhos cinzentos. *O que ele quer?*

— Tudo bem — concorda ele. — Onde?

Dou de ombros.

— Pode ser aqui? — pergunta Christian, hesitante.

— Na casa dos seus pais? Eles não vão se importar?

Ele resmunga.

— Minha mãe ficaria no sétimo céu.

— Aqui, então. Tenho certeza de que minha mãe e meu pai vão preferir.

Ele acaricia meu cabelo. Eu não poderia estar mais feliz.

— Bom, já resolvemos onde; agora vamos definir quando.

— Você tem que perguntar para a sua mãe, é claro.

— Hmm. — O sorriso dele desaparece. — Posso dar a ela um mês, no máximo. Quero muito você, não posso esperar mais que isso.

— Christian, eu já sou sua. Faz um bom tempo. Mas tudo bem: um mês está bom.

Eu beijo seu peito, um beijo suave e casto, e sorrio.

—

— Você vai se queimar muito — sussurra Christian em meu ouvido, tirando-me do meu cochilo.

— Você me faz incendiar por dentro. — Abro meu sorriso mais doce.

O sol do fim de tarde mudou de posição, de forma que os raios fortes incidem diretamente sobre mim. Ele sorri maliciosamente e, com um movimento rápido, puxa minha espreguiçadeira de volta para a sombra do guarda-sol.

— Agora está protegida do sol do Mediterrâneo, Sra. Grey.

— Obrigada por seu altruísmo, Sr. Grey.

— O prazer é todo meu, Sra. Grey, e não estou sendo nem um pouco altruísta. Se você se queimar demais, não vou conseguir tocá-la. — Ele ergue uma sobrancelha, seus olhos brilhando de jovialidade, e meu coração se derrete. — Mas suspeito que você já saiba disso, e está rindo de mim.

— Será? — digo, com um suspiro, fingindo inocência.

— Sim, você vive rindo de mim. É uma das muitas coisas que amo em você.

Ele se abaixa e me beija, mordendo de leve meu lábio inferior.

— Eu esperava que você me lambuzasse com mais protetor solar — digo, fazendo beicinho e colando os lábios nos dele.

— Sra. Grey, esse é um trabalho sujo... mas uma oferta que não posso recusar. Sente-se — ordena ele, a voz áspera.

Obedeço, e, com toques lentos e meticulosos de seus dedos fortes e dóceis, ele me cobre de protetor solar.

— Você é realmente linda. Sou um homem de sorte — murmura enquanto seus dedos deslizam sobre meus seios, espalhando a loção.

— Um homem de sorte, com certeza, Sr. Grey.

Fito-o recatadamente, piscando para fazer charme.

— Seu nome é modéstia, Sra. Grey. Vire-se. Vou passar nas suas costas.

Sorrindo, eu me viro, e ele desamarra o laço do meu biquíni escandalosamente caro.

— Como você se sentiria se eu fizesse topless, que nem as outras mulheres da praia? — pergunto.

— Incomodado — diz ele, sem hesitar. — Já não estou muito feliz em ver você usando tão pouca roupa agora. — Ele se inclina e sussurra em meu ouvido: — Não abuse da sorte.

— É uma ameaça, Sr. Grey?

— Não. É uma afirmação, Sra. Grey.

Solto um suspiro e balanço a cabeça. *Ah, Christian... meu Christian possessivo, ciumento e maníaco por controle.*

Quando acaba, ele dá uma palmada na minha bunda.

— Pronto, lindeza.

O BlackBerry dele, onipresente e sempre ativo, toca. Olho-o com desaprovação e ele sorri maliciosamente.

— É confidencial, Sra. Grey.

Ele ergue uma sobrancelha, brincalhão me dá mais uma palmada e se acomoda na espreguiçadeira para atender à ligação.

Minha deusa interior ronrona. Hoje à noite talvez nós duas possamos fazer algum espetáculo exclusivo para ele. Ela sorri com malícia e astúcia, levantando a sobrancelha. Eu sorrio só de pensar nisso, e mergulho novamente em minha siesta vespertina.

* * *

— *MAM'SELLE? UN PERRIER pour moi, un Coca-Cola Diet pour ma femme, s'il vous plaît. Et quelque chose à manger... laissez-moi voir la carte.*

Humm... O francês fluente de Christian me acorda. Meus cílios tremem à luz ofuscante do sol e percebo que ele me observa enquanto uma jovem uniformizada se afasta, a bandeja erguida, o comprido rabo de cavalo louro balançando provocativamente.

— Com sede? — pergunta ele.

— Sim — murmuro, sonolenta.

— Eu podia ficar apreciando você o dia inteiro. Cansada?

Fico vermelha.

— Não dormi muito na noite passada.

— Nem eu.

Ele sorri, pousa o BlackBerry na espreguiçadeira e se levanta. Sua bermuda abaixa um pouco... deixando visível o calção de banho. Christian tira a bermuda e o chinelo. Perco o fio do pensamento.

— Venha nadar comigo. — Ele oferece a mão e eu o fito, entorpecida. — Nadar? — repete ele, pendendo a cabeça para o lado com uma expressão de quem está achando graça. Quando não respondo, ele balança a cabeça lentamente. — Acho que você precisa de um toque de despertar.

De súbito, ele se lança sobre mim e me ergue nos braços. Eu solto um grito agudo, mais de surpresa do que de medo.

— Christian! Me ponha no chão! — exclamo.

Ele dá uma risadinha.

— Só na água, baby.

Na praia, vários banhistas observam, com um misto de perplexidade e desinteresse que agora percebo ser típico dos franceses, Christian me carregar para o mar, rindo, e entrar na água.

Agarro o pescoço dele.

— Você não faria isso — digo, sem fôlego, tentando abafar o riso.

Ele sorri.

— Ah, Ana, meu amor, você não aprendeu nada sobre mim no curto espaço de tempo desde que nos conhecemos?

Ele me beija, e eu aproveito a oportunidade para deslizar os dedos por seu cabelo, agarrando duas mechas e retribuindo o beijo, invadindo a boca dele com minha língua. Ele inspira forte e se inclina para trás, os olhos embaçados, mas atentos.

— Conheço o seu jogo — sussurra ele, e vagarosamente avança na água límpida e gelada, levando-me junto enquanto nossos lábios se grudam de novo. O frio do mar Mediterrâneo logo foge de minha mente quando me enrosco ao redor do meu marido.

— Pensei que você quisesse nadar — murmuro contra sua boca.

— Você me distrai muito. — Ele roça os dentes no meu lábio inferior. — Mas não sei se quero que a boa gente de Monte Carlo

veja minha mulher nos espasmos da paixão.

Passo os dentes pelo pescoço dele, sua barba por fazer pinicando minha língua; não dou a mínima para a boa gente de Monte Carlo.

— Ana — geme ele.

Christian enrola meu rabo de cavalo em volta de sua mão e puxa gentilmente, fazendo minha cabeça pender para trás, expondo meu pescoço. Ele salpica beijos desde a minha orelha até a base da clavícula.

— Posso trepar com você no mar? — pergunta ele, arquejando.

— Deve — sussurro.

Christian afasta o torso e me encara, os olhos ternos, desejosos e *cheios de humor*.

— Sra. Grey, você é insaciável, e tão atrevida! Que tipo de monstro eu criei?

— Um monstro sob medida para você. Você iria me querer de outra maneira?

— Eu iria querer você de qualquer maneira, você sabe. Mas não agora. Não com plateia. — Ele vira a cabeça em direção à areia.

O quê?

De fato, vários banhistas abandonaram a indiferença e agora nos olham interessados. De repente, Christian me pega pela cintura e me lança no ar, deixando-me cair na água e afundar até bater na areia macia por baixo das ondas. Volto para a superfície tossindo, engasgando e rindo.

— Christian! — repreendo-o, encarando-o com o olhar firme.

Pensei que fôssemos fazer amor no mar... mais uma primeira vez. Ele morde o lábio inferior, contendo seu divertimento. Jogo água nele, que revida jogando em mim.

— Temos a noite inteira — diz ele, rindo como um bobo. — Mais tarde, baby.

Ele então mergulha, emergindo a um metro de distância; depois, em um estilo fluido e gracioso, nada para longe da praia, para longe de mim.

Rá! Meu Cinquenta Tons provocante e brincalhão! Protejo os olhos do sol vendo-o se afastar. Ele adora me provocar... O que posso fazer para trazê-lo de volta? À medida que nado retornando

para a praia, avalio minhas opções. Nas espreguiçadeiras, as bebidas que ele pediu esperam por nós, e tomo um gole rápido da Coca Diet. Christian é uma manchinha ao longe.

Hum... Eu me deito de bruços e, atrapalhando-me um pouco, tiro a parte de cima do biquíni e a jogo despreocupadamente sobre a espreguiçadeira de Christian. Prontinho... vamos ver como eu posso ser atrevida, Sr. Grey. Engula essa. Fecho os olhos e deixo o sol aquecer minha pele... aquecer meus ossos, e começo a divagar sob o calor, meus pensamentos voltando para o dia do meu casamento.

—

— Pode beijar a noiva — anuncia o reverendo Walsh.

Sorrio para o meu marido.

— Finalmente você é minha — sussurra ele, puxando-me para seus braços e me beijando castamente na boca.

Estou casada. Sou a Sra. Christian Grey. Estou tonta de alegria.

— Você está maravilhosa, Ana — murmura ele, e sorri, o olhar brilhando de amor... e de algo mais escuro, mais picante. — Não deixe ninguém tirar esse vestido; só eu, entendeu?

Seu sorriso aquece a quase quarenta graus quando as pontas de seus dedos percorrem meu rosto, fazendo meu sangue ferver.

Ai, meu Deus... Como ele consegue fazer isso, mesmo aqui com todas essas pessoas olhando para nós?

Concordo em silêncio. Nossa, espero que ninguém nos ouça. Por sorte, o reverendo Walsh discretamente deu um passo para trás. Dou uma olhada para o grupo reunido em elegantes trajes de casamento: minha mãe, Ray, Bob e os Grey estão aplaudindo — até Kate, minha dama de honra, que está linda em um vestido cor-de-rosa claro, ao lado de Elliot, irmão e padrinho de Christian. Quem diria que até Elliot pudesse se arrumar tão bem? Todos exibem sorrisos enormes e radiantes — menos Grace, que chora graciosamente em um delicado lenço branco.

— Pronta para festejar, Sra. Grey? — murmura Christian, abrindo um sorriso tímido para mim.

Eu derreto. Ele está divino em um smoking preto e simples com gravata e faixa prateadas. Está... *estonteante*.

— Mais do que nunca — respondo, com um sorriso bobo no rosto.

Mais tarde, a festa de casamento está a todo vapor... Carrick e Grace foram até a cidade. Eles reinstalaram o toldo e o decoraram lindamente em tons de cor-de-rosa claro, prateado e marfim, aberto dos lados e dando para a baía. Felizmente o tempo está bom, e o sol de fim de tarde brilha sobre a água. Há uma pista de dança em uma ponta da grande tenda, e um farto bufê na outra.

Ray e minha mãe estão dançando e rindo juntos. Tenho um sentimento dúbio vendo-os assim próximos. Espero que meu casamento com Christian dure mais. Não sei o que eu faria se ele me deixasse. *Quem casa a correr, toda a vida tem para se arrepender.* O provérbio é um fantasma a me assombrar.

Kate está ao meu lado, linda no seu vestido longo de seda. Ela me fita e franze o cenho.

— Ei, este deveria ser o dia mais feliz da sua vida — repreende-me ela.

— E é — sussurro.

— Ah, Ana, o que há com você? Está pensando em sua mãe com Ray?

Admito tristemente.

— Eles estão felizes.

— Só porque se separaram.

— Você está com dúvidas? — pergunta Kate, preocupada.

— Não, de jeito nenhum. É só que... eu amo tanto o Christian. — Fico travada; não consigo, ou talvez eu não deseje, articular meus temores.

— Ana, está na cara que ele adora você. Sei que foi um início pouco convencional para um relacionamento, mas eu vi como vocês passaram felizes esse último mês. — Ela pega minhas mãos e as aperta com carinho. — Além disso, agora é tarde — acrescenta, com um sorriso bem-humorado.

Dou uma risadinha. Ninguém melhor do que Kate para apontar o óbvio. Ela me puxa para um Abraço Especial de Katherine Kavanagh.

— Ana, vai dar tudo certo. E se ele tocar em um fio do seu cabelo, vai se ver comigo. — Ela me solta e sorri para alguém atrás

de mim.

— Oi, baby. — Christian me abraça de surpresa e me beija na têmpora. — Kate — ele a cumprimenta. Ainda age friamente com ela mesmo depois de seis semanas.

— Olá novamente, Christian. Vou procurar o seu padrinho.

E, sorrindo para nós dois, ela se dirige até Elliot, que está bebendo com o irmão dela, Ethan, e nosso amigo José.

— Hora de irmos — murmura Christian.

— Já? Esta é a primeira festa em que eu não ligo de ser o centro das atenções. — Giro em seus braços para fitá-lo.

— Você merece. Está deslumbrante, Anastasia.

— Você também.

Ele sorri, e sua expressão torna-se mais quente.

— Este lindo vestido ficou perfeito em você.

— Este pedaço de pano velho?

Coro e puxo o delicado acabamento de renda do vestido de casamento, simples e bem-cortado, desenhado para mim pela mãe de Kate. Adoro o fato de a renda deixar apenas os ombros descobertos — recatado mas sedutor, espero.

Ele se inclina e me beija.

— Vamos. Não quero mais dividir você com essa gente toda.

— Podemos ir embora da nossa própria festa de casamento?

— A festa é nossa, baby, podemos fazer o que quisermos. Já cortamos o bolo. E agora eu quero tirar você daqui e tê-la só para mim.

Dou uma risadinha.

— Você me tem para a vida toda, Sr. Grey.

— Fico muito feliz de ouvir isso, Sra. Grey.

— Ah, aqui estão vocês! Os dois pombinhos.

Dou um gemido de desgosto por dentro... A mãe de Grace nos encontrou.

— Christian, querido: mais uma dança com a sua avó?

Ele contorce os lábios.

— É claro, vovó.

— E você, linda Anastasia, vá e faça um velho feliz: dance com o Theo.

— O Theo, Sra. Trevelyan?

— Vovô Trevelyan. E acho que você já pode me chamar de vovó. Agora, de verdade, vocês dois têm que começar a trabalhar para me darem bisnetos. Não vou durar muito mais tempo. — Ela nos lança um sorriso afetado.

Christian a olha horrorizado.

— Venha, vovó — diz, rapidamente pegando a mão dela e levando-a até a pista de dança. Ao se afastar, ele olha para mim, quase fazendo bico por ter sido contrariado, e revira os olhos. — Até mais, baby.

Ao me encaminhar na direção do Sr. Trevelyan, sou abordada por José.

— Não vou pedir outra dança. Acho que já monopolizei muito do seu tempo na pista... Estou feliz de vê-la feliz, Ana, mas é sério: eu estarei aqui... se precisar de mim.

— Obrigada, José. Você é um bom amigo.

— Pode contar comigo. — Seus olhos escuros brilham com sinceridade.

— Eu sei. Obrigada, José. Agora, se me der licença, tenho um encontro marcado com um senhor de idade.

Ele faz uma expressão confusa.

— O avô do Christian — esclareço.

Ele sorri.

— Boa sorte, Ana. Boa sorte com tudo.

— Obrigada, José.

Depois de dançar com o eternamente encantador avô de Christian, posto-me diante das portas francesas e fico apreciando o sol, que mergulha lentamente sobre Seattle, lançando sombras azul-claras e alaranjadas sobre a baía.

— Vamos embora — Christian me chama, apressado.

— Tenho que trocar de roupa.

Pego a mão dele, com a intenção de puxá-lo pelas portas francesas e levá-lo para cima comigo. Ele franze as sobrancelhas, sem compreender, e puxa minha mão de leve, para me deter.

— Pensei que você quisesse tirar o meu vestido — explico.

Seu semblante se ilumina.

— Correto — diz ele, e abre um sorriso lascivo. — Mas não vou tirar sua roupa aqui, senão só iríamos embora depois de... Sei lá...

— Gesticulando a mão comprida, ele deixa a frase incompleta, mas está bastante claro o que quer dizer.

Fico vermelha e solto sua mão.

— E também não solte o cabelo — murmura ele, com ar sério.

— Mas...

— Nada de “mas”, Anastasia. Você está linda. E quero que seja eu a tirar o seu vestido.

Ah. Faço um ar de desagrado.

— Guarde as roupas que você separou para sair daqui — ordena ele. — Vai precisar delas. Taylor já pegou a sua mala.

— Tudo bem.

O que foi que ele planejou? Christian não me contou para onde vamos. Na verdade, acho que ninguém sabe nosso destino. Nem Mia nem Kate conseguiram extrair a informação dele. Aproximo-me de minha mãe e de Kate, que estão circulando ali por perto.

— Não vou me trocar.

— O quê? — diz minha mãe.

— Christian não quer que eu tire o vestido.

Dou de ombros, como se isso explicasse tudo. Ela franze a testa por um breve instante.

— Você não deve obediência a ele — diz ela, com tato.

Kate resmunga ao ouvir isso, e tenta disfarçar com uma tosse fingida. Olho para ela com desaprovação. Nenhuma das duas tem ideia da briga que Christian e eu tivemos sobre isso. Não quero retomar a discussão. *Nossa, meu Cinquenta Tons pode ficar bravo... e ter pesadelos.* As lembranças me deixam tensa.

— Eu sei, mãe, mas ele gosta desse vestido e eu quero agradar meu marido.

Sua expressão fica mais leve. Kate revira os olhos e discretamente se retira para nos deixar sozinhas.

— Você está tão linda, querida. — Carla afasta gentilmente uma pequena mecha do meu cabelo e acaricia meu queixo. — Estou tão orgulhosa de você, meu amor. Christian será um homem muito feliz a seu lado. — Ela me puxa para um abraço.

Ah, mãe!

— É incrível como você parece adulta agora. Começando uma vida nova... Lembre-se apenas de que os homens são de outro

planeta e tudo vai ficar bem.

Dou uma risada. Christian é de outro universo; ah, se ela soubesse...

— Obrigada, mãe.

Ray se junta a nós, sorrindo com doçura para nós duas.

— Você criou uma menina linda, Carla — diz ele, os olhos brilhando de orgulho.

Ray está muito elegante nesse smoking preto com a faixa de um tom pálido de cor-de-rosa. Sinto as lágrimas surgirem no fundo dos meus olhos. Ah, não... até agora eu consegui não chorar.

— E você cuidou dela e a ajudou a crescer, Ray. — A voz de Carla é nostálgica.

— Cada minuto foi maravilhoso para mim. Você está me saindo uma noiva fantástica, Annie. — Ele pega a mesma mecha solta de cabelo e coloca-a atrás da minha orelha.

— Ah, pai...

Sufoco um soluço, e ele me abraça daquele seu jeito apressado e desconfortável.

— E também vai se sair uma esposa fantástica — sussurra ele, a voz rouca.

Quando Ray me solta, vejo Christian novamente ao meu lado.

Eles dão um aperto de mãos caloroso.

— Cuide da minha menina, Christian.

— É o que farei, Ray. Carla. — Ele cumprimenta meu padrasto com a cabeça e dá um beijo em minha mãe.

O resto dos convidados formou um comprido arco humano que nos conduzirá até a frente da casa.

— Pronta? — pergunta Christian.

— Sim.

Ele pega minha mão e me guia por baixo dos braços esticados, enquanto nossos convidados gritam boa sorte e parabéns e jogam arroz sobre nós dois. Esperando-nos com sorrisos e abraços no final do túnel estão Grace e Carrick. Eles se revezam para nos cumprimentar. Grace se emociona novamente quando nos despedimos apressadamente.

Taylor está à nossa espera para nos levar dali no Audi SUV. Christian segura a porta do carro aberta para mim, e jogo meu

buquê de rosas brancas e cor-de-rosa para a multidão de jovens que se formou atrás de mim. Mia triunfantemente o pega no alto, com um sorriso de orelha a orelha.

Entro no SUV rindo da maneira audaciosa como Mia agarrou o buquê, e Christian se abaixa para pegar a bainha do meu vestido. Logo que me vê confortavelmente instalada dentro do carro, ele acena um adeus para a multidão.

Taylor abre a porta do carro para ele.

— Parabéns, senhor.

— Obrigado, Taylor — responde Christian, sentando-se ao meu lado.

Enquanto o motorista arranca, os convidados jogam arroz sobre o automóvel. Christian pega minha mão e beija os nós dos meus dedos.

— Até aqui tudo bem, Sra. Grey?

— Até aqui tudo ótimo, Sr. Grey. Para onde vamos?

— Aeroporto — diz ele simplesmente, e sorri com uma expressão de esfinge.

Humm... o que ele está tramando?

Taylor não se dirige para o terminal de embarque, como eu esperava; em vez disso, passa por um portão de segurança e vai diretamente para a pista. O quê? E então eu vejo: o jatinho de Christian... *Grey Enterprises Holdings, Inc.* Escrito em imensas letras azuis na fuselagem.

— Não me diga que você está novamente usando um bem da empresa para uso pessoal!

— Ah, espero que sim, Anastasia. — Christian sorri.

Taylor para perto da escada que leva até o avião e salta do Audi a fim de abrir a porta para Christian. Eles discutem alguma coisa rapidamente; então Christian abre minha porta — e, em vez de dar um passo para trás e me deixar passar, ele se abaixa e me pega no colo.

Uau!

— O que você está fazendo? — Solto um gritinho.

— Carregando você para dentro.

— Ah... — *Não deveria ser quando chegássemos em casa?*

Ele me leva sem esforço escada acima, e Taylor nos segue com minha mala. Deixa-a na porta do avião antes de retornar ao Audi. Dentro da cabine, reconheço Stephan, o piloto de Christian, em seu uniforme.

— Bem-vindos a bordo, senhor. Olá, Sra. Grey. — Ele sorri.

Christian me coloca no chão e aperta a mão de Stephan. Ao lado do piloto está uma morena de uns... trinta e poucos anos, talvez? Ela também está de uniforme.

— Parabéns aos dois — continua ele.

— Obrigado, Stephan. Anastasia, você já conhece o Stephan. Ele vai ser nosso comandante hoje, e esta é a copiloto Beighley.

Ela cora quando Christian a apresenta, e pisca rápido. Tenho vontade de bufar de raiva. Mais uma mulher completamente encantada pelo meu marido lindo-até-demais-para-o-meu-gosto.

— Prazer em conhecê-la — Beighley me cumprimenta efusivamente.

Sorrio com simpatia para ela. Afinal de contas... ele é meu.

— Tudo certo para decolarmos? — pergunta Christian, dirigindo-se aos dois oficiais, enquanto dou uma olhada na cabine.

O interior é todo composto de madeira clara e couro creme. De extremo bom gosto. Do outro lado vejo mais uma jovem uniformizada — uma morena muito bonita.

— Tudo pronto. O tempo está bom daqui até Boston.

Boston?

— Turbulências?

— Só a partir de Boston. Há uma frente fria sobre Shannon que talvez cause certa instabilidade ao avião.

Shannon? Irlanda?

— Certo. Bom, espero só acordar depois de passarmos o mau tempo — diz Christian, tranquilo.

Acordar?

— Vamos nos preparar, senhor — diz Stephan. — Os senhores ficarão sob os cuidados atenciosos de Natalia, nossa comissária de bordo.

Christian desvia o olhar na direção da moça e franze o cenho, mas vira-se de volta para Stephan com um sorriso.

— Excelente — diz.

Ele pega minha mão e me leva até um dos suntuosos assentos de couro. Deve haver cerca de doze no total.

— Sente-se — diz, tirando o paletó e desabotoando o fino colete de brocado prateado.

Nós nos sentamos em duas poltronas individuais, uma de frente para a outra, com uma mesinha incrivelmente lustrada no meio.

— Bem-vindos a bordo, senhores, e meus parabéns. — Natalia surgiu ao nosso lado e nos oferece uma taça de champanhe rosé.

— Obrigado — diz Christian, e Natalia sorri polidamente ao se retirar para os fundos do avião. — Brindemos a uma feliz vida de casados, Anastasia.

Christian levanta a taça em direção à minha e tocamos de leve as duas. O champanhe é delicioso.

— Bollinger? — pergunto.

— Exato.

— A primeira vez que tomei Bollinger foi em uma xícara de chá. — Sorrio.

— Eu me lembro bem daquele dia. Sua formatura.

— Aonde estamos indo? — Não consigo conter minha curiosidade nem um minuto mais.

— Shannon — responde Christian, os olhos reluzentes de entusiasmo. Parece um menininho.

— Na Irlanda? — Vamos para a Irlanda!

— Para reabastecer — acrescenta ele.

— E depois? — pergunto logo em seguida.

Seu sorriso aumenta e ele balança a cabeça.

— Christian!

— Londres — responde ele, encarando-me com intensidade para avaliar minha reação.

Engulo em seco. *Minha Nossa!* Achei que talvez estivéssemos indo a Nova York ou Aspen ou ao Caribe. Mal posso acreditar. Durante toda a minha vida eu quis conhecer a Inglaterra. Uma chama se acende dentro de mim; sinto-me incandescente de felicidade.

— Depois, Paris.

O quê?

— Depois, sul da França.

Uau!

— Sei que você sempre sonhou em conhecer a Europa — diz ele, suavemente. — Quero fazer seus sonhos se tornarem realidade, Anastasia.

— Você é o meu sonho, Christian.

— Digo o mesmo quanto a você, Sra. Grey — sussurra ele.

Ah, nossa...

— Aperte o cinto.

Dou um sorriso e obedeço.

Enquanto o avião começa a taxiar na pista, tomamos tranquilamente nosso champanhe, rindo um para o outro sem motivo aparente. Não posso acreditar. Aos vinte e dois anos, finalmente estou partindo dos Estados Unidos em direção à Europa — indo justamente a *Londres*.

Uma vez no ar, Natalia nos serve mais champanhe e prepara nosso banquete de casamento. É realmente um banquete: salmão defumado, seguido de perdiz assado com salada de feijão-verde e batatas *dauphinoise*, tudo preparado e servido pela ultraeficiente Natalia.

— Sobremesa, Sr. Grey? — oferece ela.

Ele balança a cabeça em negativa e desliza o dedo pelo lábio inferior ao olhar para mim, a expressão séria e indecifrável.

— Não, obrigada — murmuro, incapaz de desviar o olhar do dele.

Seus lábios se fecham num sorriso pequeno e secreto, e Natalia se retira.

— Ótimo — murmura ele. — Prefiro saborear você como sobremesa.

Opa... aqui?

— Venha — diz ele, levantando-se e me oferecendo a mão.

Ele me leva até a parte posterior da cabine.

— Tem um banheiro aqui.

Ele aponta para uma porta pequena e me conduz por um curto corredor, ao final do qual entramos em outra porta.

Caramba... um quarto. A cabine é decorada em tons de creme e marfim, e a pequena cama de casal está coberta de almofadas douradas e acobreadas. Parece muito confortável.

Christian se vira e me puxa para seus braços, com o olhar fixo em mim.

— Pensei em passarmos nossa noite de núpcias a trinta e cinco mil pés de altura. É algo que nunca fiz antes.

Mais uma primeira vez. Olho para ele boquiaberta, meu coração aos pulos... o clube do sexo nas alturas. Já ouvi falar sobre isso.

— Mas primeiro eu tenho que tirar você desse vestido fabuloso.

Os olhos dele brilham, cheios de amor e de algo mais sombrio, que eu adoro... algo que convoca minha deusa interior. Ele me deixa sem fôlego.

— Vire-se.

A voz dele é baixa, autoritária e incrivelmente sensual. Como ele consegue incutir tantas promessas em apenas uma palavra? Obedeço de bom grado, e suas mãos alcançam meu cabelo. Gentilmente ele retira cada grampo, um de cada vez, seus dedos experientes concluindo a tarefa rapidamente. Meu cabelo cai sobre os ombros, uma mecha de cada vez, cobrindo minhas costas e meus seios. Tento ficar imóvel e não me contorcer, mas desejo ardentemente sentir seu toque. Depois de um dia longo e cansativo, embora emocionante, eu quero Christian — quero-o todo para mim.

— Seu cabelo é tão bonito, Ana.

Sua boca está próxima à minha orelha e eu sinto sua respiração, ainda que seus lábios não encostem em mim. Quando não há mais grampos a tirar, ele desliza os dedos pelo meu cabelo, massageando suavemente meu couro cabeludo... *meu Deus...* Fecho os olhos e aproveito a sensação. Seus dedos se movem para baixo, e ele puxa minha cabeça para trás, expondo meu pescoço.

— Você é minha — sussurra ele, e seus dentes puxam o lóbulo da minha orelha.

Solto um gemido.

— Quietinha agora — adverte ele.

Christian tira meu cabelo de sobre meus ombros e passa um dedo pelas minhas costas, de um ombro ao outro, acompanhando o contorno rendado do vestido. Eu me contorço de expectativa. Ele dá um beijo terno nas minhas costas, acima do primeiro botão do vestido.

— Tão linda — diz, abrindo habilmente o primeiro botão. — Hoje você fez de mim o homem mais feliz do mundo. — Com infinita lentidão, ele abre o vestido, botão por botão, de cima a baixo. — Eu amo tanto você. — Ele me cobre de beijos, desde a minha nuca até a extremidade do meu ombro, e murmura entre cada um deles: — Eu. Quero. Você. Demais. Eu. Quero. Estar. Dentro. De. Você. Você. É. Minha.

Cada palavra me inebria. Fecho os olhos e inclino a cabeça, oferecendo-lhe meu pescoço, e me vejo ainda mais sob o feitiço que é Christian Grey, meu marido.

— Minha — sussurra ele novamente.

Ele faz o vestido deslizar pelos meus braços, de modo que cai nos meus pés como uma nuvem de seda e renda marfim.

— Vire-se — murmura, a voz repentinamente áspera.

Obedeço, e ele engole em seco.

Estou vestindo um corpete apertado de cetim cor-de-rosa, com cinta-liga, calcinha rendada da mesma cor e meias de seda brancas. Seus olhos percorrem meu corpo avidamente, mas ele não diz uma palavra. Apenas me fita, os olhos arregalados de desejo.

— Gostou? — sussurro, já sentindo um rubor tímido subir pelas minhas bochechas.

— Gostar é pouco, meu amor. Você está sensacional. Venha.

Ele me oferece a mão, e, aceitando-a, dou um passo adiante, deixando o vestido para trás.

— Fique parada — murmura ele, e, sem tirar os olhos cada vez mais escuros dos meus, passa o dedo médio sobre meus seios, seguindo a linha do corpete.

Minha respiração fica ofegante, e ele repete o movimento, seu dedo provocante fazendo minha pele formigar por toda a espinha. Ele para e gira o dedo indicador no ar, o que quer dizer que devo me virar.

Nesse momento, eu faria qualquer coisa para ele.

— Pare — diz.

Estou de frente para a cama, afastada dele. Seu braço circunda minha cintura, puxando-me para si, e ele se aninha no meu pescoço. Suavemente, suas mãos cobrem meus seios, brincando

com eles, os polegares desenhando círculos sobre meus mamilos até ficarem tesos contra o tecido do corpete.

— Minha — murmura ele.

— Sua — respondo num sussurro.

Deixando meus seios de lado, suas mãos percorrem minha barriga e minhas coxas, seus polegares passando por meu sexo. Abafo um gemido. Seus dedos deslizam sobre a cinta-liga, e, com sua habitual agilidade, ele desprende as meias dos dois lados simultaneamente. Suas mãos viajam pelo meu corpo até alcançarem minha bunda.

— Minha — murmura ele, suas mãos espalmando nas minhas nádegas, as pontas dos dedos roçando meu sexo.

— Ah.

— Shhh.

As mãos dele descem pela parte posterior das minhas coxas, e novamente Christian desprende as ligas.

Abaixando-se, ele puxa a coberta da cama.

— Sente-se.

Faço o que ele manda, em transe; ele então se ajoelha aos meus pés e delicadamente retira cada um dos meus sapatos de noiva Jimmy Choo. Agarra a parte de cima de minha meia esquerda e despe-a lentamente, deslizando os polegares pela minha perna... Repete o processo com a outra meia.

— É como abrir presentes de Natal. — Ele sorri por trás de seus longos cílios negros.

— Um presente que você já ganhou...

Ele franze o cenho, como em uma reprimenda.

— Ah, não, baby. Desta vez estou ganhando de verdade.

— Christian, eu sou sua desde que disse sim. — Avanço em um movimento rápido e seguro seu rosto em minhas mãos, o rosto que amo tanto. — Sou sua. Serei sempre sua, meu marido. Mas acho que você está usando roupas demais.

Inclino-me para beijá-lo, e ele repentinamente levanta o corpo, me beija na boca e agarra minha cabeça com as mãos, os dedos enroscados no meu cabelo.

— Ana — sussurra ele. — Minha Ana.

Seus lábios procuram os meus novamente, sua língua ao mesmo tempo invasiva e persuasiva.

— Roupas — sussurro, nossas respirações se combinando quando empurro seu colete para baixo e ele o despe, soltando-me por um momento. Ele faz uma pausa, olhando para mim; olhos ávidos, desejosos. — Deixe que eu tiro. — Minha voz é suave e firme. Quero despir meu marido, meu Cinquenta Tons.

Christian se senta sobre os tornozelos; inclinando-me para a frente, agarro sua gravata — aquela prateada, minha preferida —, desfaço vagarosamente o nó e tiro-a de seu pescoço. Ele levanta o queixo para que eu abra o primeiro botão de sua camisa branca; depois, é hora de dar um jeito nas abotoaduras. As que ele está usando hoje são de platina — gravadas com as letras A e C entrelaçadas —, o presente de casamento que lhe dei. Logo que as retiro, ele as pega de mim e as fecha dentro da mão. Em seguida beija a própria mão fechada e põe as joias no bolso da calça.

— Sr. Grey, tão romântico.

— Para você, Sra. Grey... corações e flores. Sempre.

Seguro sua mão e, olhando-o acima de mim através dos meus cílios, beijo sua aliança de platina toda lisa. Ele geme e fecha os olhos.

— Ana — murmura, como se meu nome fosse uma oração.

Começando pelo segundo botão de sua camisa, repito seu gesto de alguns instantes atrás: dou um beijo terno no seu peito a cada botão que abro, sussurrando, entre um beijo e outro:

— Você. Me. Faz. Tão. Feliz. Eu. Amo. Você.

Ele geme e, em um movimento rápido, me agarra pela cintura e me joga na cama, inclinando-se sobre mim. Seus lábios encontram os meus, suas mãos em volta da minha cabeça; ele me abraça, imobilizando-me, enquanto nossas línguas se juntam em êxtase. Subitamente ele ergue o torso e se ajoelha na cama, deixando-me ofegante, querendo mais.

— Você é tão bonita... minha esposa. — Desliza as mãos pelas minhas pernas e pega meu pé esquerdo. — Que pernas mais lindas. Quero beijar cada centímetro dessas pernas. Começando por aqui.

Ele pressiona os lábios contra meu dedão do pé e depois o toca levemente com os dentes. Tudo abaixo da minha cintura entra em convulsão. Sua língua desliza sobre meu pé e seus dentes mordiscam desde meu calcanhar até o tornozelo. Com beijos, ele percorre a parte interna da minha panturrilha; suaves beijos molhados. Por baixo dele, meu corpo se contorce.

— Quieta, Sra. Grey — adverte, e de repente me faz virar de bruços, para então continuar a lenta caminhada de sua boca pelas partes posteriores das minhas pernas, das minhas coxas, até chegar a minha bunda, quando para. Solto um gemido.

— Por favor...

— Quero você nua — murmura ele, e desprende lentamente os ganchinhos do meu corpete, sem pressa, um de cada vez. Quando o corpete já está totalmente aberto embaixo de mim, Christian passa a língua ao longo da minha espinha.

— Christian, por favor.

— O que você quer, Sra. Grey? — Suas palavras são suaves, pronunciadas próximas ao meu ouvido. Ele está quase deitado sobre mim... Consigo senti-lo duro contra minhas costas.

— Você.

— E eu quero você, meu amor, minha vida... — murmura ele, e, antes que eu me dê conta, ele me vira, deixando-me de costas.

Christian levanta-se rapidamente e, com um movimento preciso, tira a calça e a cueca — agora está gloriosamente nu à minha frente, com seu corpo largo pronto para me possuir. A pequena cabine fica ofuscada pela sua beleza estonteante, pela necessidade que ele tem de mim, por seu desejo. Ele se inclina e tira minha calcinha; depois me olha de cima a baixo.

— Minha — mexe a boca, sem emitir som.

— Por favor — suplico, e ele sorri... um sorriso típico do meu Christian: lascivo, malvado e tentador.

Ele volta para a cama e engatinha até mim. Levanta minha perna direita, deixando beijos por todo o percurso... até chegar ao alto das minhas coxas. Escancara vigorosamente minhas pernas.

— Ah... minha mulher — murmura, e desliza a boca em meu corpo.

Fecho os olhos e me rendo à sua língua tão ágil. Minhas mãos agarram seu cabelo enquanto meus quadris se movem e se contorcem, escravos do ritmo que ele imprime, e quase caio da pequena cama. Ele agarra meus quadris para que eu fique quieta... mas não interrompe a deliciosa tortura. Estou quase, quase lá.

— Christian... — Solto um gemido.

— Ainda não — diz ele, sem fôlego, e sobe pelo meu corpo, a língua afundando em meu umbigo.

— Não!

Droga! Sinto seu sorriso contra minha barriga à medida que ele continua seu percurso até em cima.

— Tão ansiosa, Sra. Grey. Ainda temos muito tempo, até chegar à Ilha Esmeralda.

Respeitosamente ele beija meus seios e belisca meu mamilo esquerdo com os lábios. Ao me fitar, seus olhos estão escuros como uma tempestade tropical enquanto ele me provoca.

Ah, meu Deus... Eu tinha esquecido. *Europa.*

— Meu marido, eu quero você. Por favor.

Ele se coloca sobre mim, cobrindo-me com seu corpo, apoiando o peso nos cotovelos. Abaixa o nariz de encontro ao meu, e eu deslizo as mãos por suas costas fortes e flexíveis até seu traseiro maravilhoso.

— Sra. Grey... minha esposa. Nosso objetivo é satisfazer. — Seus lábios roçam em mim. — Eu amo você.

— Também amo você.

— Olhos abertos. Quero ver você.

— Christian... ah... — gemo, enquanto ele me penetra lentamente.

— Ana, ah, Ana — exclama ele, ofegante, e começa a se movimentar.

* * *

— QUE DIABO VOCÊ pensa que está fazendo? — grita Christian, acordando-me de meu sonho tão agradável.

Ele está todo molhado e lindo, de pé em frente à minha espreguiçadeira, olhando-me furioso.

O que foi que eu fiz? *Ah, não... estou deitada de costas...*
Droga, droga, droga, e ele está muito zangado. Merda. Realmente zangado.

CAPÍTULO DOIS

De súbito, desperto completamente, esquecendo meu sonho erótico.

— Eu estava de bruços. Devo ter me virado enquanto dormia — sussurro debilmente em minha defesa.

Os olhos de Christian ardem de fúria. Ele se abaixa, pega com violência a parte de cima do meu biquíni, abandonada sobre sua espreguiçadeira, e a joga para mim.

— Vista isso! — ordena.

— Christian, não tem ninguém olhando.

— Estão olhando sim. Pode acreditar. Tenho certeza de que Taylor e os seguranças estão adorando o espetáculo! — rosna ele.

Mas que droga! Por que eu sempre me esqueço deles? Agarro meus seios em pânico, escondendo-os. Desde o problema de sabotagem do *Charlie Tango*, vivemos constantemente sob os olhares dos malditos seguranças.

— Isso mesmo — continua Christian, sem esconder o mau humor. — E vai que alguns malditos paparazzi tiram uma foto sua? Quer aparecer na capa da *Star*? Nua, dessa vez?

Merda! Os paparazzi! Puta merda! Sinto toda a cor deixar meu rosto quando coloco, apressada e desajeitada, a parte de cima do biquíni. Sinto um arrepio. A desagradável lembrança de ser assediada pelos paparazzi do lado de fora da Seattle Independent Publishing, depois de a notícia do nosso noivado ter vazado, vem à minha mente sem ser convidada — tudo parte do pacote Christian Grey.

— *L'addition!* — diz Christian, ríspidamente, para a garçonete que passa. E dirigindo-se a mim: — Estamos indo.

— Agora?

— É. Agora.

Ah, merda, não dá para discutir com ele.

Ele veste a bermuda, mesmo com a sunga ainda molhada, e a camiseta cinza. A garçonete volta em um minuto com o cartão de crédito dele e a conta.

Relutantemente, visto meu leve vestido turquesa e calço os chinelos. Assim que a garçonete se afasta, Christian apanha seu livro e o BlackBerry e esconde sua fúria atrás dos óculos espelhados estilo aviador. Ele está agitado de tensão e raiva. Meu ânimo se esvai. Quase todas as outras mulheres da praia estão fazendo topless — não é um crime assim tão sério. Na verdade, eu é que pareço estranha *com* a parte de cima do biquíni. Suspiro internamente, meu entusiasmo desaparecendo. Pensei que Christian veria o lado divertido... pelo menos em parte... disso tudo. Talvez se eu tivesse ficado de bruços... Mas não; o senso de humor dele evaporou.

— Por favor, não fique bravo comigo — sussurro, pegando o livro e o BlackBerry das mãos dele e colocando-os na minha mochila.

— Tarde demais — diz ele calmamente... muito calmamente. — Venha.

Pegando minha mão, ele faz um sinal para Taylor e os outros dois sujeitos, os oficiais de segurança franceses Philippe e Gaston. Estranhamente, são gêmeos idênticos. Os três ficaram na varanda pacientemente nos observando e a todas as outras pessoas na praia. Por que insisto em me esquecer da presença deles? Como? Taylor tem uma expressão pétrea por trás dos óculos escuros. Merda, ele também está zangado comigo. Ainda não estou acostumada a vê-lo vestido tão informalmente, de bermuda e camisa polo preta.

Christian me conduz para dentro do hotel, depois passamos pelo saguão e saímos para a rua. Ele permanece calado, emburrado e mal-humorado, e é tudo culpa minha. Taylor e os outros nos seguem como sombras.

— Para onde estamos indo? — pergunto hesitante, erguendo o olhar para ele.

— Vamos voltar para o barco. — Ele não olha para mim.

Não tenho ideia do horário. Acho que deve ser cinco ou seis da tarde. Quando chegamos à marina, Christian me guia até as docas, onde a lancha e o jet ski pertencentes ao *Fair Lady* estão atracados.

Enquanto ele desamarra o jet ski, entrego minha mochila a Taylor. Dou uma olhadela nervosa para ele, mas, assim como Christian, sua expressão não revela nada. Fico ruborizada, pensando no que ele viu na praia.

— Aqui está, Sra. Grey.

Taylor me passa um colete salva-vidas, que eu obedientemente visto. Por que sou a única que tenho que usá-lo? Christian e Taylor trocam um olhar estranho. Céus, será que ele está bravo com Taylor também? Então ele confere se meu colete está bem ajustado, apertando a tira do meio.

— Muito bem — murmura, zangado, ainda sem me encarar. *Merda.*

Ele se ajeita graciosamente no jet ski e me estende a mão para que eu me instale atrás dele. Seguro-a com firmeza e consigo jogar a perna por cima do banco por trás dele sem cair na água, enquanto Taylor e os gêmeos vão para a lancha. Christian empurra o jet ski para longe do cais e flutuamos suavemente na marina.

— Segure-se — ordena, e eu aperto os braços em volta dele.

Essa é a minha parte preferida de andar de jet ski. Eu o abraço bem de perto, meu nariz colado em suas costas, maravilhada ao lembrar que houve uma época em que ele não toleraria ser tocado dessa maneira. Ele tem um cheiro tão bom... cheiro de Christian e de mar. *Perdoe-me, Christian, por favor.*

Seu corpo fica rígido.

— Fique firme — pede, e seu tom agora é mais suave.

Beijo suas costas e descanso meu rosto nele, olhando para as docas, onde alguns turistas se juntaram para observar o espetáculo.

Christian gira a chave e o motor desperta com um ronco. Com apenas um giro do acelerador, o jet ski empina para a frente e ganha velocidade na água escura e gelada, cruzando a marina em direção ao centro do porto, onde está o *Fair Lady*. Eu o seguro com mais força. Adoro isso — é tão emocionante! Sinto cada músculo da estrutura delgada de Christian ao me agarrar a ele.

Taylor emparelha a lancha com o jet ski. Christian dá uma olhada para ele e então acelera de novo. Nós dispparamos à frente, chicoteando a superfície da água como uma pedra bem arremessada. Taylor balança a cabeça, irritado mas resignado, e

segue direto para o iate, enquanto Christian dispara à frente do *Fair Lady* e vai em direção ao mar aberto.

A água que o jet ski levanta espirra em nós, o vento quente bate no meu rosto e faz meu rabo de cavalo balançar loucamente. É tão *divertido*! Talvez essa agitação toda acabe por dissipar o mau humor de Christian. Não consigo ver seu rosto, mas sei que ele está se divertindo — despreocupado, agindo como um homem da sua idade para variar.

Ele pilota em um amplo semicírculo, e eu observo a costa: os barcos na marina, o mosaico de escritórios e apartamentos amarelos, brancos e cor de areia, as montanhas íngremes atrás das construções. Tudo parece muito desorganizado — diferente dos quarteirões uniformes a que estou acostumada —, mas bem pitoresco. Christian me olha por cima do ombro e eu vejo um esboço de sorriso brotar em seus lábios.

— De novo? — grita ele, mais alto que o barulho do motor.

Concordo entusiasmadamente. O sorriso que ele abre em resposta é contagiante, e ele acelera em volta do *Fair Lady* rumo ao mar aberto mais uma vez... Acho que estou perdoada.

* * *

— VOCÊ SE BRONZEOU — diz Christian com ternura ao desatar as fivelas do meu salva-vidas.

Ansiosamente, tento avaliar seu humor. Estamos no deque a bordo do iate e um dos camareiros está parado ao lado, quieto, esperando para recolher meu colete. Christian o entrega a ele.

— Mais alguma coisa, senhor? — pergunta o jovem.

Adoro seu sotaque francês. Christian me olha, tira os óculos escuros e os pendura na gola da camiseta.

— Quer um drink? — pergunta-me.

— Preciso de um?

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Por que está dizendo isso? — Sua voz é calma.

— Você sabe por quê.

Ele franze as sobrancelhas como se ponderasse algo.

Ah, em que será que ele está pensando?

— Dois gins-tônica, por favor. E porções de castanhas e azeitonas — solicita ao camareiro, que faz um sinal positivo com a cabeça e rapidamente desaparece.

— Acha que eu vou punir você? — Sua voz soa sedosa.

— Você quer?

— Quero.

— Como?

— Vou pensar em algo. Talvez depois que você acabar a sua bebida. — E é uma ameaça sensual.

Engulo em seco, e minha deusa interior aperta os olhos em sua espreguiçadeira, onde ela está tentando captar os raios de sol com um refletor prateado acomodado no pescoço.

Christian franze o cenho mais uma vez.

— Você quer ser punida?

Como ele sabe?

— Depende — murmuro, ruborizada.

— Depende de quê? — Ele esconde um sorriso.

— Se você quer me machucar ou não.

Sua boca se aperta formando uma linha fina, o bom humor esquecido. Ele se inclina para a frente e beija minha testa.

— Anastasia, você é minha esposa, não minha submissa. Nunca vou querer machucar você. Você já deveria saber disso. Só não... não tire a roupa em público. Não quero você nua nos tabloides. Você também não quer, e tenho certeza de que sua mãe e Ray também não iriam gostar.

Ah! Ray. Merda, ele teria um ataque cardíaco. Onde eu estava com a cabeça? Fico me castigando mentalmente.

O camareiro surge com as bebidas e os aperitivos e os coloca em cima da mesa de teca.

— Sente-se — ordena Christian.

Obedeço, acomodando-me em uma cadeira de diretor. Christian senta-se em uma cadeira ao meu lado e me passa o gim-tônica.

— Saúde, Sra. Grey.

— Saúde, Sr. Grey.

Tomo um golinho. Está gelado e delicioso, e sacia a sede. Quando olho para Christian, ele está me observando atentamente, e

seu humor é indecifrável. É muito frustrante... Não sei se ele ainda está zangado comigo. Armo minha técnica patenteada de distração.

— Quem é o dono deste barco? — pergunto.

— Um cavaleiro inglês. Sir Fulano ou Beltrano. O bisavô começou com uma mercearia e a filha é casada com um príncipe de algum país europeu.

Ah.

— Super-ricos?

Ele parece subitamente alerta.

— Sim.

— Como você — murmuro.

— Exatamente.

Ah.

— E você — sussurra Christian, e coloca uma azeitona na boca.

Eu pisco rapidamente... A visão dele de smoking e colete prateado vem à minha mente... Ele me encarando com seus olhos ardendo de sinceridade durante a nossa cerimônia de casamento.

— *Tudo que é meu agora passa a ser seu também* — diz ele, sua voz ressoando claramente, recitando os votos de memória.

Tudo meu?

— É estranho. Sair do nada para... — faço um gesto com as mãos para indicar a opulência ao nosso redor — para tudo.

— Você vai se acostumar.

— Acho que nunca vou me acostumar.

Taylor aparece no deque.

— Senhor, telefone.

Christian franze o cenho, mas pega o BlackBerry que lhe é oferecido.

— Grey — atende com rispidez, e se levanta, indo até a proa do iate.

Observo o mar ao longe, desligando-me da conversa dele com Ros — imagino —, seu braço direito. Eu sou rica... podre de rica. Não fiz nada para merecer esse dinheiro... apenas me casei com um homem rico. Fico arrepiada quando minha mente rememora nossa conversa sobre o acordo pré-nupcial. Era um domingo, na mesma semana do aniversário dele, e estávamos sentados à mesa da cozinha curtindo um café da manhã preguiçoso... todos nós.

Elliot, Kate, Grace e eu debatíamos sobre os méritos do bacon em oposição à salsicha, enquanto Carrick e Christian liam o jornal de domingo...

—

— Vejam só isso — exclama Mia, colocando seu netbook sobre a mesa da cozinha à nossa frente. — Tem uma nota no site do Seattle Nooz sobre o seu noivado, Christian.

— Já? — exclama Grace, surpresa.

E então ela fecha a cara: algum pensamento obviamente desagradável cruza sua mente. Christian franze o cenho.

Mia lê alto a coluna:

— Ficamos sabendo aqui no Nooz que o solteiro mais cobiçado de Seattle, Christian Grey, finalmente foi laçado, e que os sinos de casamento estão prestes a badalar. Mas quem é essa moça sortuda? O Nooz está em seu encalço. Ela deve estar lendo um tremendo de um acordo pré-nupcial.

Mia ri, mas para abruptamente quando Christian lhe lança um olhar gelado. O silêncio se instala e a atmosfera na cozinha dos Grey cai a menos de zero.

Ah, não! Um acordo pré-nupcial? Isso nunca passou pela minha cabeça. Engulo em seco, sentindo o sangue sumir do meu rosto. *Por favor, chão, me engula agora!* Christian se mexe desconfortavelmente na cadeira quando eu olho para ele, apreensiva.

Ele balança a cabeça negativamente para mim.

— Christian... — diz Carrick, gentilmente.

— Não vou discutir isso de novo — diz ele ríspidamente a Carrick, que me lança um olhar nervoso e abre a boca para dizer algo. — Nada de acordo! — Christian quase grita para ele, e, emburrado, volta a ler o jornal, ignorando todos na mesa.

Eles olham alternadamente para mim e para ele... e, em seguida, para qualquer outro ponto que não seja nós dois.

— Christian — murmuro —, eu assino qualquer coisa que você e o Sr. Grey queiram.

Ora essa, não seria a primeira vez que ele me faria assinar algo. Christian levanta a cabeça e me encara com ferocidade.

— Não! — diz rispidamente.

Fico pálida de novo.

— É para proteger você.

— Christian, Ana... acho que vocês deveriam discutir isso em particular — repreende-nos Grace.

Ela olha para Carrick e Mia. Ai, meu Deus, parece que eles também estão encrocados.

— Ana, isso não tem nada a ver com você — murmura Carrick, para me tranquilizar. — E, por favor, pode me chamar de Carrick.

Christian lança um olhar gelado para o pai, e meu coração se aperta. *Caramba... Ele está mesmo furioso.*

Todos começam uma conversa animada e Mia e Kate se levantam para arrumar a mesa.

— Eu definitivamente prefiro salsicha — exclama Elliot.

Olho para meus dedos entrelaçados. Droga. Espero que o Sr. e a Sra. Grey não pensem que estou querendo dar o golpe do baú. Christian se inclina para mais perto de mim e carinhosamente pega minhas mãos.

— Pode parar.

Como ele sabe em que eu estou pensando?

— Ignore meu pai — continua ele, sua voz tão baixa que somente eu posso ouvi-lo. — Ele ficou muito bravo por causa da Elena. Todas as repreensões são dirigidas a mim. Minha mãe deveria ter ficado de boca fechada.

Sei que Christian ainda está irritado por causa de sua “conversa” com Carrick, ontem à noite, sobre Elena.

— Ele tem certa razão, Christian. Você é muito rico, e eu não posso lhe oferecer nada além das dívidas que fiz para pagar a faculdade.

Christian me fita, os olhos tristes.

— Anastasia, se você me deixar, pode levar tudo que não vai ficar pior. Você já me deixou uma vez. Eu sei como é.

Putá merda!

— Aquilo foi diferente — sussurro, comovida com a intensidade dele. — Mas... pode ser que você queira me deixar. — Só de

pensar nisso me sinto mal.

Ele bufa e balança a cabeça, fingindo desgosto de brincadeira.

— Christian, você sabe que eu posso fazer algo excepcionalmente estúpido... E você...

Olho para minhas mãos cruzadas no colo, a dor apertando minha garganta, e não consigo terminar a frase. Perder o Christian... *cacete*.

— Pare. Pare agora mesmo. Esse assunto está encerrado, Ana. Não vamos mais discutir isso. Nada de acordo pré-nupcial. Nem agora... nem nunca. — Ele me lança um olhar incisivo, que me silencia. Então se vira para Grace: — Mãe, podemos fazer o casamento aqui?

—

E ele nunca mais mencionou isso. Na verdade, tem aproveitado cada oportunidade para me reassegurar de sua riqueza... garantir que é minha também. Eu me arrepio toda ao recordar o insano festival de compras que Christian me mandou ir fazer com Caroline Acton — a personal shopper da Neiman Marcus — para a lua de mel. Só o biquíni custou quinhentos e quarenta dólares. Quer dizer, é bem bonito, mas sinceramente... é uma quantia ridícula para se gastar em quatro pedaços triangulares de tecido.

— Você vai se acostumar — diz Christian, interrompendo meus devaneios ao retomar seu lugar à mesa.

— Vou me acostumar?

— Ao dinheiro — explica ele, revirando os olhos.

Ah, Christian, talvez com o tempo. Empurro o pratinho na direção dele.

— Seus aperitivos, senhor — digo, com a expressão mais indiferente possível, tentando trazer um pouco de bom humor à nossa conversa depois dos meus pensamentos sombrios e do *incidente* com o biquíni.

Ele dá um sorriso maldoso.

— Eu quero você de aperitivo.

Ele pega uma amêndoa, os olhos brilhando de bom humor e malícia ao entrar na minha brincadeira. Lambe os lábios.

— Termine sua bebida. Vamos para a cama.

O quê?

— Beba — ele articula sem som, seus olhos escurecendo.

Meu Deus, o jeito como ele me olha poderia ser o único responsável pelo aquecimento global. Pego meu gim-tônica e esvazio o copo, sem tirar os olhos dele. Sua boca se abre um pouco e eu vejo a ponta da língua entre os dentes. Ele sorri lascivamente. Em um movimento fluido, fica de pé e se inclina sobre mim, repousando as mãos nos braços da minha cadeira.

— Vou fazer você ser um exemplo. Venha. Não faça xixi — sussurra ele no meu ouvido.

Levo um susto. *Não faça xixi? Que grosseiro.* Meu inconsciente levanta os olhos de seu livro — *Obras completas de Charles Dickens, vol. 1* — alarmado.

— Não é o que você está pensando. — Christian sorri maliciosamente, estendendo a mão. — Confie em mim.

Ele parece tão sexy e inteligente... Como resistir?

— Tudo bem.

Dou a mão a ele, porque eu simplesmente lhe confiaria minha vida. O que será que ele planejou? Meu coração começa a bater forte de ansiedade.

Ele me guia pelo deque, depois passamos pelas portas que dão para o lindo salão central, por um corredor estreito e pela sala de jantar, até descermos as escadas que levam à cabine principal.

A cabine já foi limpa desde a manhã, e a cama, feita. É um belo quarto. Com duas escotilhas, tanto a estibordo quanto a bombordo, é elegantemente decorado com móveis de nogueira escura, paredes em tom creme e estofados dourados e vermelhos.

Christian solta a minha mão, tira a camiseta e a joga em uma cadeira. Tira os chinelos, a bermuda e a sunga em um único movimento gracioso. *Ai, meu Deus. Será que nunca vou me cansar de vê-lo nu?* Ele é completamente lindo, e é todo meu. Sua pele brilha — ele se bronzeou também — e seu cabelo está mais comprido, caindo na testa. Sou uma garota de muita, muita sorte.

Ele pega meu queixo, puxando-o um pouco para baixo para que eu pare de morder o lábio, e passa o polegar pelo meu lábio inferior.

— Assim está melhor.

Ele se vira e vai a passos largos até o imponente armário onde suas roupas estão guardadas. Da gaveta de baixo, tira dois pares de algemas de metal e uma máscara de avião para dormir.

Algemas! Nunca usamos algemas. Olho rápida e nervosamente para a cama. Onde diabo ele vai prender aquilo? Ele se vira e me encara fixamente, os olhos escuros e luminosos.

— Isso pode ser bem doloroso. Elas podem beliscar sua pele se você puxar com muita força. — Ele segura um par. — Mas eu realmente quero usar em você agora.

Cacete. Minha boca fica seca.

— Aqui. — Ele se aproxima sensualmente e me entrega um par. — Quer experimentar antes?

São sólidas, e o metal é gelado. Espero nunca ter que usar uma dessas de verdade.

Christian está me observando atentamente.

— Cadê as chaves? — Minha voz vacila.

Ele mostra a palma da mão, revelando uma pequena chave de metal.

— Serve para as duas. Na verdade, para todas.

Quantas algemas ele tem? Não me lembro de ter visto nada disso em sua cômoda.

Ele toca minha face com o dedo indicador, descendo até minha boca, e se inclina como se fosse me beijar.

— Quer brincar? — pergunta em voz baixa, e todas as partes do meu corpo sucumbem à medida que uma onda de desejo se expande a partir do meu ventre.

— Quero — respondo, com um suspiro.

Ele sorri.

— Ótimo. — Ele me beija na testa, um beijo leve como uma pena. — Vamos precisar de uma palavra de segurança.

O quê?

— “*Pare*” não vai ser suficiente, porque você provavelmente vai falar, mas sem querer realmente dizer isso.

Ele roça o nariz no meu: o único contato entre nós.

Meu coração começa a pular no peito. *Cacete...* Como ele consegue provocar isso só com palavras?

— Não vai doer. Vai ser intenso. Muito intenso, porque eu não vou deixar você se mexer. Tudo bem?

Meu Deus. Parece tão excitante! Minha respiração está ruidosa. *Porra, já estou ofegante.* Graças aos céus eu sou casada com este homem, senão seria tudo muito constrangedor. Meus olhos descem até a excitação dele.

— Tudo bem. — Minha voz está quase inaudível.

— Escolha uma palavra, Ana.

Ah...

— Uma senha — diz ele ternamente.

— Pirulito — digo, ofegante.

— Pirulito? — repete ele, achando graça.

— É.

Ele sorri enquanto inclina o corpo para trás para me olhar melhor.

— Escolha interessante. Levante os braços.

Eu os levanto, ao que ele segura com força a barra da minha saída de praia, tira-a pela minha cabeça e a joga no chão. Ele estende a mão e eu lhe devolvo as algemas. Christian coloca os dois pares na mesa de cabeceira, junto com a máscara, e arranca a colcha da cama, deixando-a cair no chão.

— Vire-se.

Obedeço. Ele desamarra a parte de cima do meu biquíni e a deixa cair também.

— Amanhã eu vou grampear isso em você — murmura ele, e arranca o meu prendedor de cabelo, soltando meu rabo de cavalo.

Ele agarra meu cabelo com uma das mãos e o puxa gentilmente, para que eu dê um passo para trás, encostando nele. Em seu peito. Em sua ereção. Dou um suspiro quando ele inclina minha cabeça para o lado e beija meu pescoço.

— Você foi muito desobediente — murmura ao meu ouvido, provocando arrepios deliciosos pelo meu corpo.

— Fui — sussurro.

— Humm. O que vamos fazer a respeito disso?

— Aprender a superar.

Suspiro. Seus beijos suaves e lânguidos estão me deixando louca. Ele ri contra o meu pescoço.

— Ah, Sra. Grey. Sempre otimista.

Ele se endireita. Agarrando meu cabelo, reparte-o cuidadosamente em três mechas, faz uma trança devagar e então prende a ponta. Agarra a trança com suavidade e se inclina para murmurar em minha orelha:

— Vou lhe ensinar uma lição.

Movendo-se de repente, ele me agarra pela cintura, senta-se na cama, me puxa e me coloca atravessada sobre seus joelhos de tal maneira que sinto sua ereção contra a barriga. Dá uma palmada no meu bumbum uma vez, forte. Eu grito, e logo estou de costas na cama, ele me encarando, os olhos em brasa. Sinto que vou incendiar.

— Você sabe como é bonita?

Com as pontas dos dedos ele percorre minhas coxas, e eu me sinto formigar... em todos os lugares. Sem tirar os olhos de mim, ele se levanta da cama e pega os dois pares de algemas. Segura minha perna esquerda e fecha uma algaema em volta do meu tornozelo.

Ah!

Levantando minha perna direita, ele repete o processo, e assim fico com um par de algemas preso em cada tornozelo. Ainda não tenho ideia de onde ele vai prendê-las.

— Sente-se — ordena ele, e eu obedeço imediatamente.

— Agora abrace os joelhos.

Por um instante fico olhando-o sem entender, mas então levanto as pernas de uma maneira que fiquem dobradas na minha frente e as envolvo com os braços. Ele se abaixa, levanta meu queixo e deposita um beijo suave e molhado na minha boca antes de cobrir meus olhos com a máscara. Não posso ver nada; só consigo escutar minha respiração acelerada e o som da água batendo nos dois lados do iate enquanto ele flutua suavemente no mar.

Meu Deus. Estou tão excitada... já.

— Qual é a senha, Anastasia?

— Pirulito.

— Ótimo.

Pegando minha mão esquerda, ele fecha uma algaema em volta do meu pulso e repete o processo com o lado direito. Minha mão esquerda está atada ao meu tornozelo esquerdo, e minha mão

direita, ao tornozelo direito. Não consigo esticar as pernas. *Putá merda.*

— Agora — fala Christian, num sussurro —, eu vou foder você até você gritar.

O quê? E todo o ar sai do meu corpo.

Ele agarra meus calcanhares e me joga para trás, de modo que caio de costas na cama. Não tenho escolha a não ser manter as pernas dobradas. As algemas ficam mais apertadas quanto mais as puxo. Ele tem razão... elas apertam minha pele até eu quase sentir dor... É estranho: estar atada e impotente — e em um barco. Christian afasta meus tornozelos um do outro e eu solto um gemido.

Ele beija a parte de dentro da minha coxa, e eu quero me contorcer embaixo dele, mas não consigo. Não posso mexer os quadris. Meus pés estão suspensos. Não consigo me mover.

— Você vai ter que absorver todo o prazer, Anastasia. Sem se mexer — murmura ele enquanto vai subindo pelo meu corpo, contornando a parte de baixo do biquíni com beijos. Desfaz o laço de cada lado e o pedaço de tecido cai. Agora estou nua e em seu poder. Ele beija minha barriga, mordiscando meu umbigo.

— Ah — exclamo, suspirando.

Isso vai ser difícil... Eu não tinha ideia. Ele vai deixando uma trilha de beijos suaves e mordidas leves até chegar aos meus seios.

— Shh... — ele me acalma. — Você é tão linda, Ana.

Gemo, frustrada. Normalmente eu estaria mexendo os quadris, respondendo ao toque dele com meu ritmo próprio, mas não consigo nem me mover. Arfo, tentando diminuir minhas limitações. O metal machuca minha pele.

— Argh! — grito. Mas na verdade não me importo.

— Você me deixa louco — sussurra ele. — Então vou deixar você louca também.

Ele está deitado sobre mim agora, apoiando o peso nos cotovelos, e volta sua atenção para meus seios. Mordendo, chupando, rolando meus mamilos em volta dos dedos, deixando-me maluca. Ele não para. É enlouquecedor. *Por favor, por favor.* Sinto sua ereção contra meu corpo.

— Christian — imploro, e sinto seu sorriso triunfante na minha pele.

— Devo fazer você gozar assim? — murmura ele contra meu mamilo, fazendo-o ficar ainda mais rijo. — Você sabe que eu consigo.

Ele me chupa forte e eu grito, o prazer se projetando do meu seio direto para a minha virilha. Puxo inutilmente as algemas, inundada pela sensação.

— Deve — choramingo.

— Ah, baby, seria fácil demais.

— Ah... por favor.

— Shh.

Seus dentes arranham meu queixo à medida que ele leva a boca até a minha, e eu suspiro. Ele me beija. Sua língua habilidosa invade minha boca, saboreando, explorando, dominando, mas a minha encontra a dele, aceitando o desafio, contorcendo-se. Sinto nele o frescor do gim-tônica e o gosto de Christian Grey; ele exala o aroma do mar. Aperta meu queixo, segurando minha cabeça no lugar.

— Parada, baby. Eu quero você parada — sussurra na minha boca.

— Eu quero ver você.

— Ah, não, Ana. Você vai ter mais prazer dessa maneira.

E, com uma lentidão agonizante, ele flexiona os quadris e entra apenas um pouco em mim. Eu normalmente elevaria os quadris para recebê-lo, mas não consigo me mexer. Ele tira.

— Ah! Christian, por favor!

— De novo? — ele me provoca, a voz rouca.

— Christian!

Ele mais uma vez me penetra parcialmente, e depois sai enquanto me beija, os dedos puxando meus mamilos com força. É uma sobrecarga de prazer.

— Não!

— Você me quer, Anastasia?

— Quero! — suplico.

— Diga — murmura ele, a respiração áspera, e me provoca mais uma vez: entrando... e saindo.

— Eu quero você — choramingo. — Por favor.

Ouço um suspiro suave na minha orelha.

— E você vai ter, Anastasia.

Ele se inclina e me penetra forte. Grito, jogando a cabeça para trás, repuxando as algemas enquanto ele atinge meu ponto mais sensível, e sou toda sensações, por toda parte — uma agonia doce, muito doce, e não posso me mexer. Ele se aquieta, e então descreve círculos com os quadris, o movimento irradiando bem fundo em mim.

— Por que você me desafia, Ana?

— Christian, pare...

Ele faz círculos profundos de novo, ignorando meu apelo, depois tirando devagar e empurrando com força para dentro de novo.

— Vamos, diga. Por quê? — exige, e tenho uma vaga percepção de que seus dentes estão semicerrados.

Solto um gemido incoerente... Isso é demais para mim.

— Diga.

— Christian...

— Ana, eu preciso saber.

Ele me penetra de novo, empurrando bem fundo, e eu me sinto crescendo... A sensação é muito intensa: me toma por inteiro, movendo-se em forma de espiral a partir do meu ventre para cada membro, para cada área imobilizada pelas mordidas do metal.

— Eu não sei! — grito. — Porque eu posso! Porque eu amo você! Por favor, Christian.

Ele geme alto e mete bem fundo, várias e várias vezes, repetidamente, e eu me perco nas sensações, tentando absorver o prazer. Minha mente explode... meu corpo explode... Quero esticar as pernas, controlar meu orgasmo iminente, mas não consigo... estou impotente. Sou dele, só dele, para ele fazer comigo o que quiser... Lágrimas se formam nos meus olhos. É muito intenso. Não consigo fazê-lo parar. Não quero que ele pare... quero... não quero... ah, não, ah, não... Isso é tão...

— Isso — rosna Christian. — Sinta, baby!

Eu me sinto explodir em volta dele, várias e várias vezes, mais e mais, gritando alto enquanto meu orgasmo me parte ao meio, queimando como fogo e me consumindo. Estou toda contorcida, as lágrimas escorrendo pelo rosto — meu corpo pulsando e tremendo.

E estou ciente de que Christian se coloca de joelhos, ainda dentro de mim, puxando-me para seu colo. Ele pega minha cabeça com uma das mãos e minhas costas com a outra e goza violentamente dentro de mim, enquanto continuo a tremer por dentro como se tivesse levado um choque. É extenuante, é exaustivo, é o inferno... É o paraíso. É hedonismo selvagem.

Christian tira a máscara dos meus olhos e me beija. Beija minhas pálpebras, meu nariz, minhas faces. Beija minhas lágrimas, apertando meu rosto com as mãos.

— Eu amo você, Sra. Grey — diz ele, arfante. — Mesmo você me enfurecendo tanto... eu me sinto tão vivo com você...

Não tenho energia para abrir nem os olhos nem a boca para responder. Muito ternamente, ele me deita de novo na cama e sai de dentro de mim.

Falo alguma coisa sem sentido em protesto. Ele pula da cama e abre as algemas. Quando estou livre, esfrega suavemente meus pulsos e meus tornozelos, e então se deita na cama ao meu lado, puxando-me para seus braços. Estico as pernas. Nossa, como é bom. Como eu me sinto bem. Esse foi, sem dúvidas, o clímax mais intenso que eu já atingi. Humm... um sexo punitivo de Christian Grey Cinquenta Tons.

Eu realmente preciso desobedecê-lo mais vezes.

* * *

UMA PRESSÃO URGENTE na bexiga me acorda. Quando abro os olhos, fico desorientada. Está escuro lá fora. *Onde estou?* Londres? Paris? Ah, no barco. Sinto o balanço e a ondulação, e ouço o baixo ruído dos motores. Estamos em movimento. *Que estranho.* Christian está ao meu lado, trabalhando no laptop, vestido informalmente: uma camisa de linho branca e calça de brim, os pés descalços. Seu cabelo ainda está molhado e posso sentir o odor fresco de seu corpo recém-banhado e o cheiro de Christian... *Hmm.*

— Oi — murmura ele, fitando-me, os olhos afetuosos.

— Oi. — Eu sorrio, de repente me sentindo tímida. — Por quanto tempo eu dormi?

— Mais ou menos uma hora.

— Estamos navegando?

— Achei que, como jantamos fora na noite passada e ainda fomos ao balé e ao cassino, poderíamos jantar a bordo hoje. Uma noite calma *à deux*.

Abro um sorriso largo.

— Aonde estamos indo?

— Cannes.

— Certo.

Eu me espreguiço, sentindo o corpo rígido. Nem todo o treinamento com Claude poderia me preparar para o que fizemos essa tarde.

Levanto-me cuidadosamente, precisando ir ao banheiro. Pego meu robe de seda e o visto apressadamente. Por que estou tão acanhada? Sinto os olhos de Christian em mim. Quando levanto o olhar, ele volta a se concentrar no laptop, a expressão carregada.

Lavo as mãos na pia distraidamente, lembrando-me da noite passada no cassino, e nisso meu robe se abre. Eu me encaro no espelho, chocada.

Putá merda! O que foi que ele fez comigo?

CAPÍTULO TRÊS

Olho horrorizada para as marcas vermelhas que cobrem meus seios. Chupões! Estou com chupões! Meu marido é um dos homens de negócios mais respeitados dos Estados Unidos, e ele me encheu desses malditos hematomas. Como eu não senti que ele estava fazendo isso comigo? Fico corada. A verdade é que eu sei exatamente por quê — o Sr. Orgasmo estava usando suas habilidades sexuais em mim.

Meu inconsciente me olha por cima dos óculos de leitura e estala a língua em sinal de desaprovação, enquanto minha deusa interior tira uma soneca na sua *chaise longue*, fora de combate. Fico pasma com o meu reflexo. Em cada um de meus pulsos há um círculo vermelho, por causa das algemas. Sem dúvida vão ficar roxos. Examino meus tornozelos — outros círculos. Que inferno, parece que eu sofri algum tipo de acidente. Encaro a mim mesma, tentando absorver minha aparência. Meu corpo anda muito diferente ultimamente. Desde que o conheci, meu corpo mudou de forma sutil... Fiquei mais magra e mais em forma, e meu cabelo está mais brilhante e bem-cortado. Minhas unhas estão pintadas, tanto as das mãos quanto as dos pés; minhas sobrancelhas, feitas e delineadas em um belo formato. Pela primeira vez na vida estou bem-cuidada — exceto por essas horrendas mordidas de amor.

Não quero pensar nos meus cuidados de beleza nesse momento. Estou furiosa. Como ele ousa me marcar dessa maneira, como um adolescente? No pouco tempo em que estamos juntos, ele nunca me deixou com marcas de chupões. Estou horrível. E sei por que ele fez isso. Maldito maníaco por controle. *Tudo bem!* Meu inconsciente cruza os braços — Christian foi longe demais dessa vez. Saio silenciosamente do banheiro da suíte e entro no closet, tomando o cuidado de evitar qualquer olhadela na direção dele. Tirando o robe, visto uma calça de moletom e uma camiseta de

alcinha. Desfaço a trança, pego uma escova de cabelo da pequena penteadeira e desembaraço os fios.

— Anastasia — chama Christian, e noto a tensão em sua voz. — Você está bem?

Ignoro-o. *Se eu estou bem? Não, não estou bem.* Depois do que ele fez comigo, duvido que eu possa usar maiô, muito menos algum dos meus biquínis ridiculamente caros, pelo resto da nossa lua de mel. Pensar nisso me deixa subitamente com raiva. Como ele *ousa*? Nem vou responder. Estou fervendo de raiva. Também sei me comportar como uma adolescente! Voltando para o quarto, arremesso a escova nele, viro-me e saio — não sem antes ver sua expressão surpresa, assim como sua reação instintiva de levantar o braço para proteger a cabeça, de modo que a escova resvala em seu antebraço e cai na cama.

Saio desabalada da cabine e disparo escada acima até o deque, refugiando-me na proa. Preciso de espaço para me acalmar. Está escuro, e o ar rescende a perfume. A cálida brisa traz o cheiro do Mediterrâneo, assim como a essência de jasmim e bougainvília da costa. O *Fair Lady* desliza sem esforço pelo calmo mar azul-cobalto. Apoio os cotovelos no parapeito de madeira, fitando a costa distante, onde piscam e cintilam minúsculas luzes. Inspiro profundamente e aos poucos começo a me acalmar. Percebo a presença dele atrás de mim antes de ouvi-lo falar.

— Você está brava comigo — sussurra ele.

— Que esperto você, Sherlock!

— Quão brava?

— Em uma escala de um a dez, acho que cinquenta. Ótimo, não?

— Puxa, tudo isso. — Ele soa surpreso e impressionado ao mesmo tempo.

— Isso mesmo. Estou prestes a cometer um ato de violência — digo, rangendo os dentes.

Eu me viro e o fito muito zangada, mas ele permanece em silêncio, observando-me com os olhos arregalados e cautelosos. Pela sua expressão, e por ele não ter feito nenhum movimento para me tocar, sei que ele está completamente desnortado.

— Christian, você tem que parar de tentar me manter sob controle. Você já tinha deixado o seu ponto de vista bem claro na praia. Com muita eficiência até, se bem me lembro.

Ele dá de ombros sutilmente.

— Bem, você não vai tirar a parte de cima do biquíni de novo — murmura ele, petulante.

E isso justifica o que ele fez comigo? Eu o encaro.

— Não gosto que você deixe marcas em mim. Quer dizer, pelo menos não tantas assim. É um limite rígido! — falo com rispidez.

— Eu não gosto que você tire a roupa em público. Esse é um limite rígido para mim — resmunga ele.

— Achei que já tivéssemos estabelecido isso — digo entre dentes. — Olhe para mim!

Abaixo a camiseta para mostrar a parte superior dos meus seios. Christian me encara fixamente, sem desviar os olhos do meu rosto, uma expressão de alerta e indecisão. Ele não está acostumado a me ver assim tão irada. Será que não consegue ver o que fez? Será que não vê como ele é ridículo? Quero gritar com ele, mas me contenho — não quero pressioná-lo demais. Só Deus sabe o que ele faria. Finalmente, Christian solta um suspiro e levanta as palmas das mãos, em um gesto conciliatório e resignado.

— Tudo bem — diz, em um tom apaziguador. — Entendi.

Aleluia!

— Ótimo!

Ele passa a mão no cabelo.

— Me desculpe. Por favor, não fique com raiva de mim.

Até que enfim ele parece arrependido — usando minhas próprias palavras comigo.

— Você às vezes parece um adolescente — repreendo-o, insistindo no assunto, mas minha voz perdeu o tom de briga e ele sabe disso.

Christian dá um passo na minha direção e levanta a mão, cauteloso, para colocar meu cabelo atrás da orelha.

— Eu sei — admite ele suavemente. — Tenho muito o que aprender.

As palavras do Dr. Flynn me voltam à memória: *Emocionalmente, Christian é um adolescente, Ana. Ele pulou*

totalmente essa fase da vida. Canalizou todas as suas energias para o sucesso no mundo dos negócios, o que alcançou além de todas as expectativas. E agora o seu mundo emocional tem que correr atrás do tempo perdido.

Meu coração se entenece um pouco.

— Nós dois temos. — Suspiro e, cuidadosamente, levanto a mão, pousando-a no peito dele, na altura do coração. Ele não recua como costumava fazer, mas enrijece o corpo. Coloca a mão em cima da minha e dá um sorriso tímido.

— Acabei de aprender que você tem um bom braço e uma boa pontaria, Sra. Grey. Eu nunca teria imaginado, mas costumo subestimá-la. E sempre me surpreendo.

Levanto as sobrancelhas.

— Já pratiquei muito com o Ray. Sei lançar e atirar bem na mira, Sr. Grey, e é bom você se lembrar disso.

— Vou me esforçar para me lembrar, Sra. Grey, ou ao menos garantir que todos os objetos capazes de servir como projéteis não estejam à mão e que você não tenha acesso a um revólver. — Ele sorri maliciosamente.

Eu também sorrio, apertando os olhos para retrucar:

— Tenho meus recursos.

— Ah, se tem — murmura ele, e solta minha mão para me puxar para si.

Christian me abraça, enterrando o nariz no meu cabelo. Retribuo, apertando-o com força, e sinto a tensão deixando seu corpo enquanto ele roça o rosto no meu.

— Estou perdoado?

— Eu estou?

Sinto seu sorriso.

— Está — responde ele.

— Idem.

Continuamos abraçados, minha irritação já esquecida. O cheiro que vem do seu corpo é muito bom, seja ele um adolescente ou não. Como posso resistir a esse homem?

— Está com fome? — pergunta ele depois de um tempo.

Estou de olhos fechados, minha cabeça recostada a seu peito.

— Sim. Faminta. Toda a nossa... hã... atividade abriu meu apetite. Mas não estou vestida para um jantar.

Tenho certeza de que minha calça de moletom e minha blusa de ficar em casa receberiam olhares de desaprovação na sala de jantar.

— Para mim você está ótima, Anastasia. Além disso, o barco é nosso esta semana. Podemos nos vestir como quisermos. Imagine que hoje é uma terça-feira casual na Côte D’Azur. De qualquer maneira, pensei em comermos no deque.

— É, seria bom.

Ele me beija — um fervoroso beijo de “desculpas” —, e então seguimos de mãos dadas até a proa, onde o gaspacho nos espera.

* * *

O GARÇOM SERVE nosso *crème brulée* e discretamente se retira.

— Por que você sempre faz uma trança no meu cabelo? — pergunto a Christian, por curiosidade.

Estamos à mesa, sentados um ao lado do outro, minha perna enroscada na dele. Prestes a pegar a colher de sobremesa, ele faz uma pausa e franze o cenho.

— Não quero que seu cabelo fique preso em alguma coisa — responde baixinho, e, por um momento, perde-se em pensamentos. — Hábito, eu acho — continua ele, absorto. E de repente franze o cenho, arregala os olhos, as pupilas dilatando em sinal de alarme.

Do que ele se lembrou? Algo doloroso, alguma recordação de infância, eu acho. Não quero que ele fique pensando nisso. Inclino-me para a frente e encosto o indicador nos seus lábios.

— Não, não importa. Não preciso saber. Só estava curiosa.

Dou um sorriso afetuoso e tranquilizador. Sua expressão é tensa; depois de um momento, porém, ele visivelmente baixa a guarda, demonstrando alívio. Eu me inclino para beijá-lo no cantinho da boca.

— Eu amo você — digo em um sussurro. Como resposta, ele abre aquele seu sorriso tímido de doer o coração; eu me derreto. — Sempre vou amar você, Christian.

— E eu, você — diz ele suavemente.

— Apesar da minha desobediência? — brinco, erguendo as sobrancelhas.

— Por causa da sua desobediência, Anastasia. — Ele dá uma risada.

Quebro a camada de açúcar queimado da minha sobremesa com a colher e balanço a cabeça. Será que algum dia vou entender esse homem? Hmm — o *crème brûlée* está delicioso.

* * *

ASSIM QUE O GARÇOM retira nossos pratos, Christian pega a garrafa de vinho rosé e enche a minha taça. Verifico se estamos sozinhos e pergunto:

— Por que você me disse para não ir ao banheiro?

— Quer realmente saber? — Ele dá um meio-sorriso, os olhos iluminados por um brilho indecente.

— Será que eu quero? — Olho para ele com os olhos apertados, tomando um gole de vinho.

— Quanto mais cheia a sua bexiga, mais intenso o orgasmo, Ana.

Fico ruborizada.

— Ah, entendi.

Nossa, isso explica muita coisa.

Ele ri, com ar de sabe-tudo. Será que sempre estarei atrás do Sr. Especialista em Sexo em termos de conhecimento?

— Ah, sim. Bem...

Tento desesperadamente mudar de assunto. Ele vem em meu socorro:

— O que você quer fazer o resto da noite? — Ele inclina a cabeça para o lado e abre aquele seu sorrisinho torto.

O que você quiser, Christian. Testar sua teoria de novo? Dou de ombros.

— Eu sei o que eu quero fazer — murmura. E, pegando sua taça de vinho, ele se levanta e estende a mão para mim. — Venha.

Pego sua mão e sou conduzida ao salão principal.

Seu iPod está conectado ao alto-falante, sobre o aparador. Ele liga o aparelho e escolhe uma música.

— Dance comigo. — Ele me puxa para seus braços.

— Já que você insiste...

— Eu insisto, Sra. Grey.

Uma melodia provocante e cafona começa a tocar. É um ritmo latino? Christian sorri maliciosamente para mim e começa a se mover, fazendo meus pés deslizarem ao me guiar pelo salão.

Um homem com voz açucarada canta apaixonadamente. Eu conheço a música, mas não consigo reconhecer de onde. Christian me joga para trás, dou um gritinho de surpresa e rio. Ele sorri, os olhos transbordando bom humor. Então ele me levanta de volta e rodopia comigo nos braços.

— Você dança tão bem — digo. — Parece até que eu sei dançar também.

Ele me lança um sorriso enigmático, mas não diz uma palavra; fico me perguntando se é porque ele está pensando nela... na Mrs. Robinson, a mulher que o ensinou a dançar — e a fazer sexo. Eu não me lembrava dela havia algum tempo. Christian não a menciona desde seu aniversário e, pelo que eu saiba, a relação profissional deles já é águas passadas. Embora relutante, tenho que admitir: ela foi uma boa professora.

Ele me abaixa de novo e me dá um rápido beijo na boca.

— Eu sentiria falta do seu amor — murmuro, repetindo a letra da música.

— Eu sentiria mais do que falta do seu amor — diz ele, e me gira mais uma vez. Então canta suavemente no meu ouvido, deixando-me em êxtase.

A música acaba e Christian me fita, os olhos escuros e luminosos, sem mais traços de humor; subitamente fico sem fôlego.

— Vem para a cama comigo? — sussurra ele, em um pedido sincero que toca meu coração.

Christian, você me ouviu dizer “eu aceito” duas semanas e meia atrás: eu sou sua. Mas sei que essa é a sua maneira de pedir desculpas e ter certeza de que está tudo bem entre nós depois da briga.

QUANDO ACORDO, o brilho do sol entra pelas escotilhas e a água reflete desenhos tremeluzentes no teto da cabine. Christian não está aqui. Eu me espreguiço e sorrio. Hmm... Eu toparia mais uma sessão de sexo punitivo seguido de amor reconciliatório qualquer outro dia. Como é maravilhoso ir para a cama com dois homens diferentes — o Christian zangado e o Christian eu-quero-me-desculpar-com-você-de-qualquer-maneira. É difícil dizer de qual gosto mais.

Eu me levanto e vou ao banheiro. Quando abro a porta, encontro Christian lá dentro fazendo a barba. Nu, exceto por uma toalha enrolada na cintura. Ele se vira e sorri, sem se incomodar por eu tê-lo interrompido. Já descobri que Christian nunca vai trancar a porta se ele for a única pessoa no cômodo — ele tem um motivo razoável para agir assim, e não gosto de pensar no assunto.

— Bom dia, Sra. Grey — diz ele, irradiando bom humor.

— Bom dia.

Sorrio de volta, observando-o. Adoro vê-lo fazer a barba. Ele eleva o queixo e raspa embaixo, com movimentos longos e metódicos, e eu me pego inconscientemente imitando-o. Estico o lábio superior para baixo, assim como ele, para raspar entre o nariz e a boca. Ele se vira e sorri, metade do rosto ainda coberta de espuma de barbear.

— Aproveitando o espetáculo? — pergunta.

Ah, Christian, eu poderia passar horas olhando você.

— Um dos meus programas preferidos — murmuro, ao que ele se inclina e me dá um selinho, sujando meu rosto de espuma.

— Quer que eu faça de novo? — sussurra ele, maldosamente, segurando o barbeador.

Franzo os lábios para ele.

— Não — resmungo, fingindo estar zangada. — Vou depilar da próxima vez.

Lembro-me da alegria de Christian em Londres, quando ele descobriu que, durante a única reunião a que ele deveria comparecer, eu havia raspado completamente meus pelos pubianos, só por curiosidade. Claro que eu não tinha alcançado os altos padrões do Sr. Exigente...

— O que foi que você fez? — exclama Christian.

Ele não consegue esconder que está horrorizado, embora ache engraçado. Senta-se na cama da nossa suíte no hotel Brown's, perto de Piccadilly, acende a luz do abajur e me olha fixamente, boquiaberto. Deve ser meia-noite. Fico tão vermelha quanto o feltro que cobre as mesas do quarto de jogos, e tento puxar minha camisola de seda para baixo, para que ele não possa ver. Ele pega minha mão para me impedir.

— Ana!

— Eu... hmm... raspei.

— Isso eu posso ver. Por quê? — Ele está sorrindo de orelha a orelha.

Cubro o rosto com as mãos. Por que estou com tanta vergonha?

— Ei — diz ele suavemente, e puxa minha mão para longe. — Não esconda. — Ele está mordendo o lábio para não rir. — Diga. Por quê?

Seus olhos dançam de alegria. Por que ele está achando isso tão engraçado?

— Pare de rir de mim.

— Não estou rindo de você. Desculpe. Estou... encantado.

— Ah...

— Vamos, diga. Por quê?

Respiro fundo.

— Hoje de manhã, depois que você saiu para a reunião, eu estava tomando banho e fiquei me lembrando de todas as suas regras.

Ele não diz nada. O bom humor na sua expressão desaparece e ele me olha com cautela.

— E eu vi que já tinha cumprido quase todas, e pensei também em como eu me sentia a respeito disso; então me lembrei do salão de beleza e pensei... que você podia gostar. Não tive coragem suficiente para depilar. — Minha voz diminuiu até tornar-se um suspiro.

Ele me fita, os olhos brilhando — dessa vez não por achar graça da minha loucura, mas cheios de amor.

— Ah, Ana — suspira Christian. Ele se inclina e me dá um beijo terno. — Você me encanta — sussurra contra minha boca, e me beija de novo, segurando meu rosto com as mãos.

Depois de um momento sem fôlego, ele levanta o corpo e se apoia em um cotovelo. Seu bom humor está de volta.

— Acho que tenho que fazer uma inspeção minuciosa no seu trabalho manual, Sra. Grey.

— O quê? Não.

Ele só pode estar de brincadeira! Eu me cubro, protegendo minha área recém-desmatada.

— Ah, não faça isso, Anastasia.

Ele pega minhas mãos e as afasta, movendo-se agilmente de modo a ficar entre minhas pernas e a prender minhas mãos dos lados. Então me lança um olhar ardente, que poderia causar sérios incêndios, mas, antes que eu arda em chamas, ele desliza os lábios desde a minha barriga descoberta até meu sexo. Eu me contorço embaixo dele, relutantemente conformada com meu destino.

— Ora, o que temos aqui?

Christian dá um beijo onde, até essa manhã, havia pelos pubianos, e então passa na minha pele seu queixo áspero de barba por fazer.

— Ah! — exclamo.

Uau... isso mexe comigo.

Seus olhos buscam os meus, cheios de desejo obsceno.

— Acho que faltou um pedacinho — murmura ele, e puxa gentilmente a minha pele, expondo uma reentrância.

— Ah... droga — exclamo, torcendo para que isso dê um fim ao exame francamente intrusivo que ele está fazendo.

— Tenho uma ideia.

Ele salta nu da cama e vai até o banheiro.

O que será que ele está fazendo? Ele volta instantes depois, trazendo um copo d'água, uma caneca, meu barbeador, seu pincel de barba, um sabonete e uma toalha. Coloca a água, o pincel, o sabonete e o barbeador na mesa de cabeceira e me olha fixamente, segurando a toalha.

Ah, não! Meu inconsciente atira com força para o lado as *Obras completas de Charles Dickens*, levanta-se da poltrona e coloca as

mãos na cintura.

— Não. Não. Não — protesto, minha voz em tom agudo.

— Sra. Grey, se é para fazer um trabalho, então que seja bem-feito. Levante os quadris. — Seus olhos brilham como uma tempestade de verão.

— Christian! Você não vai me raspar.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Por que não?

Eu fico vermelha... Não é óbvio o porquê?

— Porque... é tão...

— Íntimo? — sussurra ele. — Ana, intimidade é o que eu mais quero ter com você, e você sabe disso. Além do mais, depois de certas coisas que já fizemos, não venha dar uma de tímida comigo. Eu conheço essa parte do seu corpo melhor do que você.

Olho embasbacada para ele. Tão arrogante... É verdade, ele a conhece muito bem — mas mesmo assim...

— Isso é estranho! — Minha voz soa afetada e aguda.

— Não é estranho; é excitante.

Excitante? Jura?

— Isso excita você? — Não consigo esconder a perplexidade na minha voz.

Ele solta um suspiro irritado.

— Não está vendo que sim? — E dá uma olhadela para o próprio membro. — Eu quero raspar você — sussurra.

Ah, que se dane. Eu me deito, cobrindo o rosto com o braço para não ter que assistir à cena.

— Se isso o faz feliz, Christian, vá em frente. Você é tão excêntrico — resmungo, ao mesmo tempo que levanto os quadris, e ele coloca a toalha embaixo, depois dá um beijo na parte interna da minha coxa.

— Ah, baby, você tem toda a razão.

Ouçó o barulho da água quando ele mergulha o pincel de barba no copo, e depois a suave torção do pincel na caneca. Ele pega meu tornozelo esquerdo e abre minhas pernas, e a cama afunda um pouco quando ele se senta entre elas.

— Eu queria mesmo amarrar você agora — murmura ele.

— Prometo ficar parada.

— Ótimo.

Dou um suspiro quando ele passa o pincel cheio de espuma na região que cobre meu osso púbico. Está morno. A água no copo deve estar quente. Eu me contorço um pouco. Faz cócegas... Mas é gostoso.

— Não se mexa — repreende-me Christian, e passa o pincel de novo. — Ou eu amarro *mesmo* você — acrescenta, sombriamente, e um arrepio delicioso percorre minha coluna.

— Você já fez isso antes? — pergunto hesitante quando ele pega a lâmina de barbear.

— Não.

— Ah. Que bom. — Dou um sorriso amarelo.

— Mais uma primeira vez, Sra. Grey.

— Hmm. Eu gosto de primeiras vezes.

— Eu também. Lá vai. — E, com uma delicadeza que me surpreende, ele passa a lâmina por minha pele sensível. — Fique parada — repete, distraidamente, e sei que ele está na verdade muito concentrado.

Em questão de minutos ele pega a toalha e tira o excesso de espuma.

— Pronto. Assim está melhor — conclui, e eu finalmente tiro o braço do rosto para fitá-lo: ele afasta o corpo, para admirar seu trabalho.

— Satisfeito? — pergunto, a voz rouca.

— Muito.

Ele abre um sorriso maldoso e lentamente começa a enfiar um dedo em mim.

—

— Mas aquilo foi divertido — diz Christian, com olhos de zombaria.

— Para você, talvez.

Tento fazer beicinho. Mas ele tem razão... foi... excitante.

— Vou ter que lembrar a você que o que fizemos depois foi bastante satisfatório.

Christian volta a se barbear. Olho rapidamente para baixo. Ah, sim, foi bastante satisfatório. Eu não tinha ideia de que a ausência

de pelos pubianos pudesse fazer tanta diferença.

— Ei, estou apenas implicando com você. Não é assim que fazem os maridos desesperadamente apaixonados por suas esposas?

Christian ergue meu queixo e me fita, os olhos subitamente cheios de ansiedade, e tenta decifrar minha expressão.

Hmm... Hora da vingança.

— Sente-se — murmuro.

Ele me olha sem entender. Empurro-o suavemente para o tamborete branco do banheiro. Perplexo, ele se senta e eu tiro a lâmina de barbear da sua mão.

— Ana — adverte ele quando percebe minha intenção. Eu me inclino para baixo e lhe dou um beijo.

— Ponha a cabeça para trás — sussurro.

Ele hesita.

— Olho por olho, Sr. Grey.

Ele me encara incrédulo e um tanto temeroso, mas está se divertindo.

— Você sabe o que está fazendo? — pergunta Christian, em voz baixa.

Balanço a cabeça em negativa, devagar e deliberadamente, tentando parecer o mais séria possível. Ele fecha os olhos e faz um gesto de lamentação, mas se rende e joga a cabeça para trás.

Putá merda, ele vai deixar que eu o barbeie. Vacilante, deslizo a mão para o cabelo úmido em sua testa, agarrando-o firmemente para mantê-lo imóvel. Ele aperta os olhos já fechados e entreabre a boca para inspirar. Muito delicadamente, passo a lâmina do pescoço até o queixo, revelando um caminho de pele embaixo da espuma. Christian solta o ar.

— Estava achando que eu ia machucar você?

— Eu nunca sei o que você vai fazer, Ana, mas não; pelo menos não intencionalmente.

Passo a lâmina pelo seu pescoço de novo, abrindo um caminho ainda maior na espuma.

— Eu nunca machucaria você de propósito, Christian.

Ele abre os olhos e me abraça, enquanto eu delicadamente passo o barbeador por sua face a partir da ponta da costeletas.

— Eu sei — diz ele, virando o rosto para que eu possa terminar a bochecha. Só mais duas vezes e acabo.

— Prontinho, e sem nenhuma gota de sangue.

Abro um sorriso orgulhoso.

Ele passa a mão pela minha perna, levantando minha camisola até minha coxa, e me puxa para seu colo de forma que eu fique montada sobre ele. Eu me apoio nos seus braços, bem abaixo dos ombros — ele é realmente muito musculoso.

— Posso levar você a um lugar hoje?

— Não vamos pegar sol? — Arqueio a sobrancelha sarcasticamente.

Ele umedece os lábios, nervoso.

— Não. Não vamos pegar sol hoje. Achei que você fosse preferir outra coisa.

— Bem, já que você me cobriu de marcas e liquidou esse assunto de vez, então, claro, por que não?

Ele sabiamente opta por ignorar meu tom.

— É um pouco longe, mas merece uma visita, pelo que eu li. Foi meu pai que nos recomendou. É uma vila no alto de um morro, chamada Saint-Paul-de-Vence. Tem algumas galerias por lá. Podemos escolher algumas pinturas ou esculturas para nossa nova casa, se acharmos algo que nos agrade.

Eu me inclino para trás e o encaro. Arte... Ele quer comprar obras de arte. *Como eu posso comprar obras de arte?*

— O que foi? — pergunta ele.

— Eu não entendo nada de arte, Christian.

Ele dá de ombros e sorri de maneira indulgente.

— Só vamos comprar o que acharmos bonito. Nada de pensar em investimento.

Investimento? Céus!

— O que foi? — pergunta ele de novo.

Balanço a cabeça.

— Olha, eu sei que a gente só viu os desenhos da arquiteta outro dia, mas não custa nada olhar. Fora que a cidade é uma área bem antiga, medieval.

Ah, a arquiteta. Ele tinha que me lembrar *dela*... Gia Matteo, uma amiga de Elliot que trabalhou na casa de Christian em Aspen.

Durante as reuniões, ela não saía de cima do meu marido.

— O que foi agora? — exclama Christian. Balanço a cabeça, fingindo que não é nada. — Fale — insiste ele.

Como posso dizer que não gosto de Gia? Minha aversão a ela é irracional. Não quero parecer uma esposa ciumenta.

— Você ainda está com raiva pelo que eu fiz ontem? — Ele suspira e roça o nariz entre meus seios.

— Não. Estou com fome — murmuro, sabendo muito bem que isso vai desviá-lo desse tipo de pergunta.

— Por que não disse antes?

Ele me tira do seu colo e se levanta.

* * *

SAINT-PAUL-DE-VENCE É UM vilarejo medieval que fica no alto de um morro, todo fortificado. Um dos lugares mais pitorescos que eu já vi. Andamos abraçados, lado a lado, pelas estreitas ruas de pedra, minha mão no bolso traseiro da bermuda dele. Somos seguidos de perto por Taylor e Gaston ou Philippe — não consigo distingui-los. Passamos por um quarteirão arborizado onde três velhinhos, um deles usando uma boina tradicional apesar do calor, jogam bocha. A cidade está repleta de turistas, mas me sinto confortável atracada ao braço de Christian. Há muito o que ver — estreitas vielas e passagens que levam a pátios com intrincados chafarizes de pedra, esculturas antigas e modernas, além de fascinantes butiques e lojinhas.

Na primeira galeria, Christian olha distraidamente as fotografias eróticas à nossa frente, mordiscando a armação dos seus óculos de aviador. São os trabalhos de Florence D'elle — mulheres nuas em poses variadas.

— Não é bem o que eu tinha em mente — resmungo em desaprovação.

Elas me lembram a caixa de fotografias que achei no closet dele, no nosso closet. Será que ele chegou a de fato destruí-las?

— Nem eu — diz Christian, sorrindo ironicamente para mim.

Ele pega minha mão e continuamos nosso passeio até o próximo artista. Eu me pergunto, distraidamente, se não deveria deixá-lo tirar

fotos de mim.

A exposição seguinte é de uma pintora especializada em natureza-morta: frutas e vegetais em superclose e em cores ricas e gloriosas.

— Gostei dessas. — Aponto para três pinturas de pimentas. — Elas me lembram você cortando legumes lá em casa.

Dou uma risadinha. Christian retorce a boca, tentando, em vão, disfarçar que achou graça.

— Achei que tinha me saído muito bem naquela tarefa — murmura. — Só um pouco devagar, mas... — ele me puxa para um abraço — ...você estava me distraíndo. Onde você colocaria?

— O quê?

Christian roça o nariz na minha orelha.

— As pinturas. Onde você colocaria?

Ele morde o lóbulo da minha orelha, e eu sinto na virilha.

— Na cozinha — murmuro.

— Hmm. Boa ideia, Sra. Grey.

Arregalo os olhos ao ver o preço. Cinco mil euros cada. *Putá merda!*

— São muito caras! — exclamo, quase engasgando.

— E daí? — Ele volta a roçar o nariz em mim. — Vá se acostumando, Ana.

Então me solta e vai até a mesa de uma jovem vestida inteiramente de branco, que está secando meu marido. Tenho vontade de revirar os olhos de raiva, mas volto minha atenção novamente para as pinturas. Cinco mil euros... Nossa.

* * *

ACABAMOS DE ALMOÇAR e estamos relaxando no hotel Le Saint Paul, tomando um café. A vista dos campos ao redor é deslumbrante. Os vinhedos e as plantações de girassóis formam um patchwork pela planície, salpicados aqui e ali de pequenas e graciosas casas de fazenda francesas. Está um dia tão claro e bonito que a vista alcança o mar, sua superfície reluzindo debilmente no horizonte. Christian interrompe meu devaneio:

— Você me perguntou por que eu sempre faço uma trança no seu cabelo — murmura.

Seu tom de voz me alarma. Ele parece... culpado.

— Perguntei. — *Ih, lá vem.*

— A prostituta drogada me deixava mexer no cabelo dela, eu acho. Não sei se é uma lembrança ou um sonho.

Caramba! A mãe biológica dele.

Ele me fita, a expressão indecifrável. Meu coração quase sai pela boca. O que dizer quando ele me fala essas coisas?

— Eu gosto que você brinque com o meu cabelo. — Minha voz é hesitante.

Ele me olha com incerteza.

— Mesmo?

— Sim. — É verdade. Pego na mão dele. — Eu acho que você amava sua mãe biológica, Christian.

Seus olhos se arregalam e ele me encara impassivelmente, sem dizer nada.

Merda. Será que fui longe demais? *Diga algo, Christian — por favor.* Mas ele permanece resolutamente mudo, encarando-me com olhos cinza impenetráveis enquanto o silêncio se prolonga entre nós. Parece perdido.

Então Christian olha para minha mão na dele e franze o cenho.

— Diga alguma coisa — sussurro, porque não consigo mais suportar o silêncio.

Ele balança a cabeça, exalando o ar bem lá do fundo.

— Vamos.

Ele solta minha mão e se levanta. Parece na defensiva. Será que passei dos limites? Não tenho ideia. Isso corta meu coração, e não sei se digo mais alguma coisa ou se apenas espero passar. Decido pela segunda alternativa, e obedientemente o sigo para fora do restaurante.

Lá fora, na agradável ruela, ele pega minha mão.

— Aonde você quer ir?

Ele fala! E não está zangado comigo — graças aos céus. Eu solto o ar, aliviada, e dou de ombros.

— Já fico contente por você não ter deixado de falar comigo.

— Você sabe que eu não gosto de falar disso. Passou. Acabou — responde ele, bem baixinho.

Não, Christian, não acabou. Esse pensamento me entristece, e pela primeira vez me pergunto se algum dia vai acabar. Ele sempre será o Cinquenta Tons... Meu Cinquenta Tons. Se quero mudá-lo? Não, não exatamente — apenas na medida em que quero vê-lo se sentir amado. Ergo o olhar timidamente, e aproveito um momento para admirar sua beleza cativante... Ele é *meu*. E não é só o encantamento do rosto e do corpo muito atraentes que me enfeitiçam. É o que há por trás dessa perfeição que me atrai, que me chama... Sua alma frágil, machucada.

Ele me olha daquele jeito, nariz empinado, meio arrogante, meio irônico, meio alerta, todo sensual, depois passa o braço pela minha cintura e caminhamos entre os turistas até o lugar onde Philippe/Gaston estacionou a espaçosa Mercedes. Volto a deslizar a mão para dentro do bolso traseiro da sua bermuda, aliviada por ele não estar zangado. Mas, honestamente, que criança de quatro anos não ama a mãe, por pior que seja? Eu suspiro pesadamente e o aperto mais em meu abraço. Sei que atrás de nós a equipe de segurança nos espreita, e me pergunto vagamente se eles almoçaram.

Christian para em frente a uma lojinha que vende joias finas e observa a vitrine, depois olha para mim. Ele pega minha mão livre e passa o polegar pela linha vermelha esmaecida da marca da algema, avaliando o estrago.

— Não está dolorido — tranquilizo-o.

Ele se vira para tirar minha outra mão do seu bolso, e a vira delicadamente para examinar meu pulso. O relógio Omega de platina que ele me deu durante o café da manhã da nossa primeira manhã em Londres cobre a linha vermelha. A inscrição ainda me extasia.

*Anastasia
Você é meu Mais
Meu Amor, Minha Vida
Christian*

Apesar de tudo, de toda a sua personalidade difícil, meu marido também pode ser muito romântico. Olho para as leves marcas vermelhas nos meus pulsos. Mas também pode ser selvagem às vezes. Soltando minha mão esquerda, ele ergue meu queixo com os dedos e examina a minha expressão, os olhos preocupados.

— Não está doendo — repito.

Ele puxa minha mão para seus lábios e dá um suave beijo de desculpas na parte interna do meu pulso.

— Venha — diz ele, e me leva para dentro da loja.

* * *

— AQUI.

Christian abre a pulseira de platina que acabou de comprar. É primoroso, tão delicadamente talhado, as filigranas em formato de minúsculas flores abstratas com pequenos brilhantes no miolo. Ele fecha a pulseira. É uma faixa larga de platina que fica justa no pulso, de forma que esconde a marca vermelha. *E custou trinta mil euros*, penso, apesar de eu não ter conseguido acompanhar toda a conversa em francês com a vendedora. Nunca usei nada tão caro.

— Pronto, assim está melhor — murmura ele.

— Melhor? — sussurro, mirando fixamente seus luminosos olhos cinzentos, consciente de que a vendedora magrela está nos encarando com um olhar de inveja e desaprovação.

— Você sabe por quê — diz ele.

— Eu não preciso disso.

Balanço meu pulso e a pulseira se movimenta, captando a luz da tarde que entra pela vitrine da loja. Os brilhantes formam pequenos arco-íris reluzentes, que dançam pelas paredes.

— Mas eu preciso — retruca ele, com total sinceridade.

Por quê? Por que ele precisa disso? Será que se sente culpado? Pelo quê? Pelas marcas? Pela sua mãe biológica? Por não confiar em mim? *Ah, Christian.*

— Não, não precisa. Você já me deu tanto! Uma lua de mel mágica, Londres, Paris, a Côte D'Azur... e você. Sou uma mulher de muita sorte — sussurro, e seus olhos parecem relaxar.

— Não, Anastasia, eu é que sou um homem de muita sorte.

— Obrigada.

Esticando-me nas pontas dos pés, coloco os braços em volta do seu pescoço e o beijo... Não por me dar a pulseira, mas por ser meu.

* * *

DE VOLTA AO CARRO, Christian está introspectivo, olhando os campos de girassóis em cores vivas, as flores seguindo o sol da tarde e expondo-se a sua luz. Um dos gêmeos — acho que é Gaston — está dirigindo e Taylor está a seu lado, no banco da frente. Christian está remoendo alguma coisa. Aperto sua mão, tranquilizando-o. Ele me olha, e então solta minha mão para acariciar meu joelho. Estou vestindo uma saia curta rodada nas cores azul e branca e uma blusa justa azul, sem mangas. Christian hesita, e não sei se sua mão vai subir em direção à minha coxa ou descer para minha canela. O toque delicado dos seus dedos desperta expectativas em mim, e eu prendo a respiração. *O que ele vai fazer?* Ele escolhe descer, e de repente agarra meu tornozelo e puxa meu pé para seu colo. Eu giro o corpo de forma a ficar de frente para ele no banco de trás do carro.

— Quero o outro também.

Dou uma espiada rápida em Taylor e Gaston, cujos olhos se mantêm firmes na estrada, e coloco meu outro pé sobre o colo dele. Com um ar tranquilo, ele alcança a porta e aperta um botão. Na nossa frente, uma tela de privacidade levemente escurecida desliza de um painel e, dez segundos depois, estamos efetivamente sozinhos. Uau... Não é de admirar que esse carro tenha tanto espaço aqui atrás.

— Quero ver seus tornozelos.

É uma boa explicação. Ele me olha com a expressão tensa. As marcas das algemas? *Caramba...* Achei que já tivéssemos superado isso. Se há marcas, estão escondidas pelas tiras da sandália. Não me recordo de ter visto nenhuma essa manhã. Delicadamente, ele alisa com o polegar o peito do meu pé, provocando em mim um leve tremor. Um sorriso surge em seus

lábios e com destreza ele abre uma tira da sandália. Seu sorriso some quando vê as marcas vermelhas mais fortes.

— Não está doendo — murmuro.

Christian me olha de relance; sua expressão é triste, sua boca, uma linha fina. Ele faz um único gesto com a cabeça, como que para mostrar que acredita na minha palavra. Agito o pé para que a sandália se solte, mas sei que o perdi. Ele está distraído e reflexivo de novo, acariciando mecanicamente meu pé enquanto se vira para olhar pela janela do automóvel.

— Ei. O que você esperava? — pergunto com carinho.

Ele me olha e dá de ombros.

— Não esperava sentir isso que estou sentindo ao olhar para essas marcas — responde ele.

Ah! Reservado em um minuto e disponível no outro? Isso é tão... Tão Cinquenta Tons! Como posso acompanhá-lo?

— E *como* você se sente?

Olhos desanimados me encaram.

— Desconfortável — murmura ele.

Ah, não. Solto o cinto de segurança e chego mais perto dele, sem tirar os pés do seu colo. Quero me aconchegar contra seu corpo e abraçá-lo, e eu faria isso se fosse somente Taylor quem estivesse lá na frente. Mas saber que Gaston está ali paralisa minhas ações, mesmo com a tela divisória. Se estivesse mais escuro... Aperto suas mãos.

— Só os chupões é que me incomodam — sussurro. — Todo o resto... o que você fez — abaixo a voz ainda mais — com as algemas, eu gostei. Quer dizer, gostar é pouco. Foi incrível. Você pode fazer aquilo comigo de novo a qualquer hora.

Ele muda de posição.

— Incrível?

Minha deusa interior, surpresa, ergue o olhar do livro de Jackie Collins que estava lendo.

— Sim.

Abro um sorriso. Flexiono os dedos dos pés no seu sexo, que começa a endurecer, e vejo mais do que ouço sua inspiração aguda, seus lábios se entreabrindo.

— Você realmente deveria estar usando seu cinto de segurança, Sra. Grey.

Ele fala baixo, e eu flexiono os dedos uma vez mais. Ele inspira, seus olhos escurecem, e ele aperta meu tornozelo em advertência. Ele quer que eu pare? Que eu continue? Então faz uma pausa, fecha a cara e pesca do bolso o onipresente BlackBerry, para atender a uma chamada, enquanto olha para o relógio. Sua expressão torna-se ainda mais carregada.

— Barney — fala rispidamente.

Que saco. O trabalho nos interrompendo de novo. Tento tirar os pés do seu colo, mas ele aperta ainda mais meu tornozelo.

— Na sala do servidor? — pergunta ele, incrédulo. — Ativou o sistema de supressão de incêndio?

Incêndio! Tiro os pés do seu colo, e dessa vez ele deixa. Volto para o meu lugar, coloco o cinto e fico mexendo, nervosa, na pulseira de trinta mil euros. Christian pressiona novamente o botão na porta do seu lado e a tela de privacidade desce.

— Alguém se machucou? Algum equipamento danificado? Sei... Quando? — Christian olha para o relógio de novo e passa os dedos no cabelo. — Não. Nem os bombeiros nem a polícia. Pelo menos por enquanto.

Um incêndio? No escritório de Christian? Olho pasma para ele, um turbilhão na minha cabeça. Taylor se ajeita para ouvir melhor a conversa.

— Ele já fez isso? Bom... Tudo bem. Quero um relatório detalhado dos danos provocados. E uma lista completa de todos os que tiveram acesso ao local nos últimos cinco dias, incluindo o pessoal da limpeza... Encontre a Andrea e peça para ela me ligar... Pois é, parece que o argônio realmente funciona, vale seu peso em ouro.

Relatório dos danos? Argônio? Um sino distante da aula de química soa em minha mente — um elemento químico, eu acho.

— Eu sei que está cedo... Quero que você me envie um e-mail daqui a duas horas... Não, eu precisava saber. Obrigado por ligar.

Christian desliga e imediatamente disca um número no BlackBerry.

— Welch... Ótimo... Quando? — Ele olha para o relógio mais uma vez. — Uma hora, então... Certo... Dia e noite no armazenamento remoto de dados... Ótimo. — Ele desliga. — Philippe, preciso estar a bordo em uma hora.

— *Monsieur.*

Merda, é o Philippe, e não o Gaston. O carro acelera.

Christian me olha rapidamente, a expressão indecifrável.

— Alguém se machucou? — pergunto baixinho.

Ele balança a cabeça.

— Pouquíssimos danos. — Ele pega minhas mãos e as aperta, para me tranquilizar. — Não se preocupe com isso. Minha equipe está trabalhando.

E lá está ele, o CEO, no comando, no controle, nem um pouco agitado.

— Onde foi o incêndio?

— Na sala do servidor.

— Na sede da empresa?

— Foi.

Suas respostas são curtas, então sei que ele não quer falar sobre o assunto.

— Por que tão poucos danos?

— A sala do servidor está equipada com o que há de mais moderno em termos de sistema de supressão de incêndio.

Obviamente.

— Ana, por favor... Não se preocupe.

— Não estou preocupada — minto.

— Não temos certeza de que o incêndio foi criminoso — diz ele, indo direto ao âmago da minha ansiedade.

Levo a mão ao pescoço, com medo. Primeiro o *Charlie Tango* e agora isso?

O que está por vir?

CAPÍTULO QUATRO

Estou agitada. Christian se entocou no seu escritório a bordo faz mais de uma hora. Já tentei ler, ver TV, pegar sol — inteiramente vestida —, mas não consigo relaxar nem me livrar desse sentimento inquietante. Depois de colocar um short e uma camiseta, tiro minha pulseira ridiculamente cara e saio à procura de Taylor.

— Sra. Grey — cumprimenta-me, tomando um susto e largando o romance de Anthony Burgess que está lendo. Está sentado na antessala que precede o escritório de Christian.

— Eu gostaria de sair para fazer compras.

— Sim, senhora. — Ele se levanta.

— E queria ir de jet ski.

Ele fica boquiaberto.

— Hã... — Taylor franze o cenho, sem palavras.

— Não quero incomodar Christian com isso.

Ele reprime um suspiro.

— Sra. Grey... hã... Acho que o Sr. Grey não ficaria muito confortável com isso, e eu gostaria de manter meu emprego.

Ah, pelo amor de Deus! Tenho vontade de externar meu desapontamento, mas em vez disso apenas estreito os olhos, suspirando pesadamente e expressando, eu acho, a quantidade exata de indignação e frustração por não ser senhora do meu próprio destino. Mas não quero que Christian fique zangado com Taylor — nem comigo, aliás. Passando confiantemente por ele, bato na porta do escritório e entro.

Christian está no BlackBerry, apoiado sobre a mesa de mogno. Ele ergue os olhos.

— Andrea, só um minuto — murmura ao telefone, a expressão séria.

Seu olhar é de educada expectativa. Merda. Por que eu me sinto como uma estudante que entrou na sala do diretor? Esse homem

me possuiu algemada ontem mesmo. Eu me recuso a ser intimidada, ele é meu marido, droga. Endireito os ombros e abro um largo sorriso.

— Estou indo fazer compras. Vou levar o segurança comigo.

— Claro, leve um dos gêmeos, e Taylor também — diz ele, e sei que o que está acontecendo é grave, porque ele não me questiona mais do que isso. Continuo encarando-o, imaginando se posso ajudá-lo.

— Mais alguma coisa? — pergunta Christian. Ele quer que eu vá embora.

— Quer que eu traga alguma coisa para você?

Ele abre aquele seu sorriso doce e tímido.

— Não, baby, não precisa. A equipe a bordo me ajudará se for preciso.

— Tudo bem.

Quero beijá-lo. Que inferno, eu posso fazer isso: ele é meu marido. Indo até ele de forma decidida, dou um selinho em seus lábios, o que o surpreende.

— Andrea, já ligo de volta para você — balbucia ele.

Christian coloca o BlackBerry na mesa atrás de si, me abraça e me beija apaixonadamente. Estou sem fôlego quando ele me solta. Seus olhos estão escuros e desejosos.

— Você está me distraindo. Tenho que resolver isso para poder voltar para a nossa lua de mel.

Ele passa o dedo indicador pela minha face e acaricia meu queixo, levantando meu rosto.

— Tudo bem. Desculpe.

— Por favor, não peça desculpas, Sra. Grey. Adoro ser interrompido por você. — Ele beija o canto da minha boca. — Vá gastar dinheiro. — E me solta.

— Pode deixar.

Dou um sorriso amarelo para ele ao sair do escritório. Meu inconsciente faz cara de desprezo e aperta os lábios. *Você não disse que estava indo de jet ski*, ela me castiga com sua voz melódica. Eu a ignoro... *Megera*.

Taylor está me esperando com paciência.

— Tudo certo com o alto-comando... Podemos ir?

Sorrio, tentando afastar o sarcasmo da minha voz. Taylor não esconde seu sorriso de admiração.

— Sra. Grey, primeiro as damas.

* * *

TAYLOR PACIENTEMENTE ME explica os controles do jet ski e como pilotá-lo. Ele tem uma autoridade calma e gentil sobre o veículo; é um bom professor. Estamos na lancha a motor, sacudindo e dando voltas nas águas calmas do porto ao lado do *Fair Lady*. Gaston nos observa, sua expressão escondida atrás dos óculos escuros, e tem alguém da tripulação do *Fair Lady* no controle da lancha. Credo — três pessoas comigo, só porque quero fazer compras. É ridículo.

Fechando meu colete salva-vidas, dou um sorriso radiante para Taylor. Ele estende a mão para me ajudar a subir no jet ski.

— Amarre o cordão da chave de ignição em volta do pulso, Sra. Grey. Se a senhora cair, o motor vai desligar automaticamente — explica ele.

— Tudo bem.

— Pronta?

Faço que sim, entusiasmada.

— Pressione a ignição quando estiver a mais de um metro do barco. Nós vamos seguindo a senhora.

— Ok.

Ele empurra o jet ski para longe da lancha, e o veículo sai flutuando suavemente em direção ao porto principal. Quando ele me dá o sinal, aperto o botão de ignição e o motor ganha vida com um rugido.

— Tudo bem, Sra. Grey, é melhor ir com calma! — grita Taylor.

Aperto o acelerador. O jet ski dá um salto para a frente e para. *Droga!* Como é que Christian consegue fazer isso parecer tão fácil? Tento de novo, e uma terceira vez, e ele para. *Droga, droga, droga!*

— É só manter uma pressão estável no acelerador, Sra. Grey — grita Taylor.

— Certo, certo, certo — balbucio.

Tento mais uma vez, pressionando a alavanca delicadamente, e o jet ski dá outro salto para a frente — mas dessa vez continua

avançando. *Eba!* Avança mais um pouco. *Ha ha!* Continua indo! Quero gritar de empolgação, mas me contenho. Navego suavemente, afastando-me do iate rumo à área principal do porto. Atrás de mim ouço o motor gutural da lancha. Quando pressiono mais forte o acelerador, o jet ski dá uma guinada e sai patinando pela água. Com o vento quente no meu cabelo e um esguicho gostoso de água dos dois lados, eu me sinto livre. Isso é o *máximo!* Agora entendo por que Christian nunca me deixa dirigir.

Em vez de ir para a costa e abreviar a diversão, dou a volta para circundar o imponente *Fair Lady* — isso é tão *divertido!* Ignoro Taylor e os outros assistentes atrás de mim e acelero em volta do iate uma segunda vez. Quando estou completando o circuito, vejo Christian no deque. Acho que ele está boquiaberto, mas é difícil dizer. Corajosamente, levanto uma das mãos do guidom e aceno entusiasmadamente. Ele parece petrificado, mas finalmente levanta a mão em um aceno rígido. Não consigo decifrar sua expressão, e alguma coisa me diz que é melhor não fazê-lo; então vou até a marina cortando a água azul do Mediterrâneo, que cintila de leve à débil luz do sol da tardinha.

No cais, espero Taylor e deixo-o parar na minha frente. Sua expressão é sombria e meu coração se aperta, embora Gaston pareça vagamente divertido. Por um momento penso na possibilidade de ter acontecido algo para esfriar as relações franco-americanas, mas no fundo suspeito que o problema seja comigo. Gaston salta da lancha e a amarra ao ancoradouro, enquanto Taylor me guia para o lado. Muito delicadamente, deixo o jet ski na lateral da lancha e me alinho junto a ele. Sua expressão se ameniza um pouco.

— É só desligar a ignição, Sra. Grey — diz calmamente, pegando o guidom e estendendo a mão para me ajudar a subir na lancha.

Subo a bordo com agilidade, impressionada por não ter caído.

— Sra. Grey — diz Taylor, nervoso, as bochechas novamente rosadas —, o Sr. Grey não está totalmente à vontade em ver a senhora pilotando o jet ski.

Ele está quase se contorcendo de tanto constrangimento, e percebo que ele recebeu uma ligação irada de Christian. *Ah, meu*

pobre marido, meu patologicamente superprotetor marido, o que eu faço com você?

Sorrio com serenidade para Taylor.

— Entendo. Bom, Taylor, o Sr. Grey não está aqui, e se ele não está *totalmente à vontade*, tenho certeza de que ele vai ter a cortesia de me falar isso pessoalmente quando eu voltar a bordo.

Taylor estremece.

— Muito bem, Sra. Grey — responde, baixinho, entregando-me minha bolsa.

Quando desço da lancha, vejo de relance seu sorriso relutante, o que me faz querer sorrir também. Tenho muito carinho por Taylor, mas não gosto que me repreenda — ele não é meu pai nem meu marido.

Suspiro. Christian está bravo — e ele já tem muito com que se preocupar no momento. Onde eu estava com a cabeça? Enquanto estou no cais esperando por Taylor, sinto meu BlackBerry vibrar na bolsa, e pego o aparelho para atender. “Your Love is King”, da Sade, é o toque que eu coloquei para Christian — e só para Christian.

— Oi — murmuro.

— Oi — diz ele.

— Vou voltar na lancha. Não fique zangado.

Ouçoo quase engasgar de surpresa.

— Hum...

— Mas foi divertido — sussurro.

Ele suspira.

— Bem, longe de mim cortar sua diversão, Sra. Grey. Apenas tome cuidado. Por favor.

Puxa! Ganhei permissão para me divertir!

— Pode deixar. Quer alguma coisa da cidade?

— Só quero que você volte inteira.

— Vou me esforçar para atender seu pedido, Sr. Grey.

— Fico feliz de ouvir isso, Sra. Grey.

— Nosso objetivo é satisfazer — respondo com uma risadinha.

Sua voz indica que ele está sorrindo.

— Estão me ligando. Até mais, baby.

— Até mais, Christian.

Christian desliga. *Crise do jet ski abortada*, eu acho. O carro está esperando, e Taylor abre a porta para mim. Pisco para ele ao entrar, e ele balança a cabeça, divertido.

No carro, abro o e-mail no BlackBerry.

De: Anastasia Grey
Assunto: Obrigada
Data: 17 de agosto de 2011 16:55
Para: Christian Grey

Por não ficar muito irritado.

Sua esposa que te ama

Bjs

De: Christian Grey
Assunto: Tentando manter a calma
Data: 17 de agosto de 2011 16:59
Para: Anastasia Grey

De nada.

Volte inteira.

Isso não é um pedido.

Bj,

Christian Grey
CEO e Marido Superprotetor, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Sua resposta me faz sorrir. Meu maníaco por controle.

* * *

POR QUE EU QUIS fazer compras? Odeio fazer compras. Mas no fundo sei o motivo, e passo direto pela Chanel, pela Gucci, pela Dior e por outras butikues de marcas famosas para finalmente encontrar o antídoto para o que me aflige em uma lojinha para turistas abarrotada de bugiganga. É uma tornozeleira prateada com minúsculos pingentes em formato de coração e sino, que produzem

um som gostoso. Custa cinco euros. Coloco-a assim que compro. Essa sou eu — é disso que eu gosto. Imediatamente me sinto mais confortável, não quero perder em mim a mulher que gosta disso, nunca. Bem no fundo, sei que não fico intimidada apenas com Christian em si, mas também com sua riqueza. Será que algum dia vou me acostumar?

Taylor e Gaston me seguem obedientemente em meio à multidão de gente que lota as ruas no fim de tarde, e logo esqueço que eles estão lá. Quero comprar alguma coisa para Christian, algo que distraia sua mente do que está acontecendo em Seattle. Mas o que comprar para o homem que tem tudo? Paro em uma pequena praça de estilo moderno rodeada de lojas, e olho uma de cada vez. Quando dou uma espiada numa loja de eletrônicos, relembro a galeria que fomos conhecer hoje mais cedo, e também nossa visita ao Louvre. Estávamos olhando a *Vênus de Milo*... As palavras de Christian ecoam na minha cabeça: *“Todos podemos apreciar as formas femininas. Adoramos olhar, seja em mármore, óleo, cetim ou filme.”*

Isso me dá uma ideia, uma ideia ousada. Só preciso de ajuda para escolher o item certo, e apenas uma pessoa pode me ajudar. Procuro meu BlackBerry na bolsa e ligo para José.

— Quem...? — resmunga ele, sonolento.

— José, aqui é a Ana.

— Ana, oi! Onde você está? Tudo bem? — Ele parece mais alerta agora, preocupado.

— Estou em Cannes, no sul da França, está tudo bem.

— Sul da França, hein? Em um hotel chique?

— Hmm... Não. Estamos hospedados em um barco.

— Um barco?

— Um barco grande — esclareço, suspirando.

— Sei.

Seu tom esfria... Merda, eu não deveria ter ligado para ele. Não preciso disso agora.

— José, preciso de um conselho seu.

— Um conselho meu? — Ele parece surpreso. — Claro — diz, e dessa vez soa bem mais amigável.

Conto meu plano a ele.

* * *

DUAS HORAS DEPOIS, Taylor me ajuda a sair da lancha e a subir a escada para o deque. Gaston está auxiliando um marinheiro com o jet ski. Christian não está por perto, e eu corro até nossa cabine para embrulhar o presente, animada como uma criança.

— Você saiu já faz um tempo.

É Christian, que me surpreende quando estou colando o último pedaço de fita adesiva. Viro-me e o vejo parado à porta da cabine, observando-me atentamente. *Ainda estou encrencada por causa do jet ski?* Ou é o incêndio no escritório?

— Tudo sob controle na empresa? — pergunto, hesitante.

— Mais ou menos — responde ele, uma expressão de aborrecimento passando pelo rosto.

— Fiz umas comprinhas — murmuro, na esperança de fazê-lo se sentir mais leve, e torcendo para que seu aborrecimento não seja por minha causa. Ele sorri calorosamente, e sei que estamos bem.

— O que você comprou?

— Isso.

Coloco o pé na cama e mostro minha tornozeleira.

— Muito bonita — diz ele.

Christian se aproxima e brinca com os sininhos, que tilintam de leve em volta do meu tornozelo. Mas então franze a sobrancelha de novo ao passar os dedos suavemente na marca vermelha; minha perna fica arrepiada.

— E isso.

Ofereço-lhe a caixa, esperando distraí-lo.

— Para mim? — pergunta ele, surpreso.

Eu confirmo timidamente. Ele pega a caixa e a sacode com cuidado. Então, com um sorriso de menino maravilhado, senta-se na cama ao meu lado e, inclinando-se, pega meu queixo para me beijar.

— Obrigado — diz, com um deleite tímido.

— Você ainda não abriu.

— Eu vou adorar, seja lá o que for. — Ele me fita com os olhos brilhando. — Não costumo ganhar muitos presentes.

— É difícil comprar alguma coisa para você. Você tem tudo.

— Eu tenho você.

— É verdade, você tem.

Abro um sorriso. *Ah, você tem mesmo, Christian.*

Ele desembulha rápido a caixa.

— Uma Nikon? — E me olha intrigado.

— Sei que você tem uma câmera digital compacta, mas essa é para... Humm... retratos e coisas parecidas. Vem com duas lentes.

Ele continua me olhando sem entender.

— Hoje na galeria você gostou das fotografias de Florence D'elle. E eu me lembrei do que você comentou no Louvre. E, claro, tinha aquelas suas fotografias. — Engulo em seco, me esforçando para não me lembrar das imagens que vi em seu closet.

Ele para de respirar, os olhos se arregalando quando começa a perceber minha intenção, e continuo depressa, antes que fique muito nervosa:

— Pensei que você poderia, hmm... gostar de tirar fotos de... de mim.

— Fotos? De você? — Ele me olha embasbacado, ignorando a caixa em seu colo.

Aquiesço, tentando desesperadamente avaliar sua reação. Finalmente, ele olha de novo para a caixa, os dedos contornando a ilustração da câmera na frente da embalagem com um respeito fascinante.

O que ele está pensando? Ah, essa não era a reação que eu esperava, e meu inconsciente me fuzila com os olhos como se eu fosse um animal dócil de fazenda. Christian *nunca* reage da maneira como espero. Ele volta a erguer o olhar para mim, a expressão em seu rosto cheia de... não sei... dor?

— Por que você acha que eu quero fazer isso? — pergunta ele, confuso.

Não, não, não! Você disse que adorava...

— Você não quer? — pergunto, recusando-me a dar ouvidos ao meu inconsciente, que está questionando por que alguém iria querer fotos eróticas minhas.

Christian engole em seco e passa a mão pelo cabelo. Parece tão perdido, tão confuso... Ele respira fundo.

— Para mim, fotos assim sempre foram uma apólice de seguro, Ana. Sei que tratei as mulheres como objeto por muito tempo — diz ele, e depois faz uma pausa constrangedora.

— E você acha que tirar fotos de mim seria... me tratar como um objeto?

Eu me sinto sem ar, e o sangue some do meu rosto.

Ele aperta os olhos.

— Estou tão confuso — sussurra ele.

Quando abre os olhos de novo, estão arregalados e atentos, cheios de alguma emoção crua.

Merda. É culpa minha? Minhas perguntas mais cedo sobre sua mãe biológica? O incêndio no escritório?

— Por que está dizendo isso? — pergunto, o pânico crescendo na minha garganta.

Pensei que ele estivesse feliz. Pensei que nós estivéssemos felizes. Pensei que eu o fizesse feliz. Não quero *confundi-lo*. Ou será que quero? Minha mente vira um turbilhão. Ele não vê Flynn há quase três semanas. Será que é isso? É essa a explicação? Merda, será que devo ligar para Flynn? E em um momento possivelmente único de clareza e profundidade extraordinárias, tudo fica claro — o incêndio, *Charlie Tango*, o jet ski... Ele está com medo, está com medo por mim, e ver essas marcas na minha pele deve trazer isso à tona. Passou o dia inteiro incomodado com isso, e fica confuso porque não está acostumado a se sentir desconfortável por infligir dor a alguém. O pensamento faz meu sangue gelar.

Ele dá de ombros, e mais uma vez seu olhar pousa em meu pulso, onde estava a pulseira que ele comprou hoje mais cedo. *Bingo!*

— Christian, isso não importa. — Levanto o pulso, mostrando a marca descorada. — Você me deu uma palavra de segurança. Caramba: ontem foi *divertido*! Eu gostei. Pare de remoar isso. Eu gosto de sexo bruto, já lhe disse antes. — Fico bem vermelha à medida que tento conter meu pânico, que só aumenta.

Ele me fita absorto, e não tenho ideia do que passa pela sua mente. Talvez esteja avaliando minhas palavras. Continuo, meio atrapalhada:

— É por causa do incêndio? Você acha que tem alguma ligação com o *Charlie Tango*? É por isso que está preocupado? Fale comigo, Christian... por favor.

Ele me olha fixamente, sem dizer nada, e o silêncio se expande entre nós de novo, como aconteceu hoje à tarde. *Putá merda!* Ele não vai falar comigo, já sei.

— Não pense demais nisso, Christian — repreendo-o com carinho.

As palavras ecoam, perturbando a lembrança de um passado recente — o que ele me disse sobre seu estúpido contrato. Pego a caixa do seu colo e a abro. Ele me observa passivamente, como se eu fosse um alienígena fascinante. Sabendo que o superprestativo vendedor da loja deixou a câmera já pronta para usar, pesco-a da caixa e tiro a tampa da lente. Aponto-a para ele até enquadrar seu lindo rosto, todo tenso. Pressiono o botão e seguro, e logo dez fotos da expressão preocupada de Christian são capturadas digitalmente para a posteridade.

— Agora você é um objeto para mim — murmuro, apertando o obturador mais uma vez.

Na última foto, seus lábios se torcem quase imperceptivelmente. Tiro mais uma, e dessa vez ele sorri... um sorriso breve, mas ainda assim um sorriso. Aperto uma vez mais o botão e o vejo relaxar fisicamente na minha frente e fazer beicinho, chupando as bochechas — um beicinho exagerado, posado, ridículo —, o que me faz rir. *Ah, graças a Deus.* O Sr. Inconstante está de volta — e eu nunca fiquei tão feliz em vê-lo.

— Pensei que o presente fosse *meu* — murmura ele, amuado, mas acho que está só me provocando.

— Bem, era para ser divertido, mas aparentemente é um símbolo da opressão feminina.

Continuo tirando fotos dele, e vejo uma expressão divertida surgir no seu rosto em super close-up. Então seus olhos escurecem e sua expressão torna-se predatória.

— Você quer ser oprimida? — murmura ele, de modo sensual.

— Oprimida não. Não — respondo, batendo mais fotos.

— Eu poderia oprimir você de verdade, Sra. Grey — ameaça ele, a voz áspera.

— Eu sei, Sr. Grey. Você faz isso frequentemente.

Sua expressão é de surpresa. *Merda*. Abaixo a câmera e o encaro.

— O que houve, Christian? — Minha voz transpira frustração. *Por favor, me diga!*

Ele não fala nada. *Argh!* É tão irritante. Aproximo a câmera do meu olho de novo.

— Diga — insisto.

— Nada — responde ele, e desaparece abruptamente do visor.

Em um movimento rápido e suave, ele joga a caixa da câmera no chão, me agarra e me empurra para a cama. Monta em mim.

— Ei! — exclamo, e tiro mais fotografias dele, que sorri com más intenções.

Ele pega a câmera pela lente e a fotógrafa se torna o alvo quando ele aponta a Nikon para mim e pressiona o botão.

— Então você quer que eu tire fotos de você, Sra. Grey? — pergunta ele, achando graça. Tudo que eu consigo ver do seu rosto é o cabelo rebelde e um sorriso na boca perfeitamente esculpida. — Bem, para começar, acho que você deveria estar sorrindo.

Ele então faz cócegas impiedosas na minha barriga, fazendo-me gargalhar e me contorcer debaixo dele até que eu agarro seu pulso em uma tentativa vã de fazê-lo parar. Seu sorriso se alarga e Christian renova os ataques de cócegas, tirando mais fotos.

— Não! Pare! — grito.

— Está brincando? — rosna ele, e coloca a câmera de lado para poder me torturar com ambas as mãos.

— Christian!

Eu gaguejo e engasgo no meu protesto em meio a gargalhadas. Ele nunca fez cócegas em mim antes. *Mas que merda, pare com isso!* Agito a cabeça de um lado para o outro, tentando sair de debaixo dele, rindo e empurrando suas mãos, mas ele persiste — rindo de mim e curtindo meu tormento.

— Christian, pare! — imploro, e ele para subitamente.

Christian agarra minhas mãos e as segura uma de cada lado da minha cabeça, curvando-se sobre mim. Estou sem fôlego de tanto rir. Sua respiração entra no ritmo da minha e ele me olha com... o

quê? Meus pulmões param de funcionar. Fascinação? Amor? Reverência? *Ai, meu Deus. Aquele olhar!*

— Você. É. Tão. Linda — suspira.

Meus olhos estão erguidos para seu rosto tão, tão querido, e me sinto imersa na intensidade de seu olhar. É como se ele me visse pela primeira vez. Inclinando-se, ele fecha os olhos e me beija, extasiado. É uma chamada à minha libido... vê-lo assim, desprotegido, por minha causa. *Nossa*. Ele solta minhas mãos e enterra os dedos em meu cabelo, segurando minha cabeça delicadamente. Meu corpo se ergue e se enche de excitação, em resposta ao seu beijo. Mas de repente a natureza do beijo se altera, não mais doce, respeitoso e admirador, e sim carnal, profundo e devorador — sua língua invadindo minha boca, possuindo em vez de oferecer, seu beijo transmitindo um gosto de desespero e carência. À medida que o desejo percorre meu sangue, despertando cada músculo e cada nervo, sinto uma sensação súbita de temor.

Ah, meu amor, o que há de errado?

Ele respira fundo e geme.

— Ah, o que você faz comigo — murmura ele, perdido.

Num movimento súbito, ele se deita sobre mim, pressionando-me contra o colchão — uma das mãos cobrindo meu queixo e a outra deslizando pelo meu corpo, meus seios, minha cintura, meus quadris e minha bunda. Ele me dá outro beijo, colocando a perna entre as minhas, levantando meu joelho e me apertando, sua ereção se forçando contra nossas roupas e meu sexo. Arfando, solto um gemido contra seus lábios, perdendo-me na sua paixão ardente. Deixo de lado os distantes sinos de alarme que soam no fundo da minha mente, pois sei que ele me quer, que precisa de mim e que, quando se trata de se comunicar comigo, essa é a sua forma favorita de se expressar. Beijo-o com abandono renovado, acariciando seu cabelo, apertando-o com força, segurando-o junto a mim. Seu gosto é tão bom e seu cheiro é de Christian, meu Christian.

Ele para abruptamente, levanta-se e me puxa para fora da cama, de forma que fico parada à sua frente, confusa. Ele abre o botão do meu short e se ajoelha depressa, arrancando-o junto com minha calcinha, e antes que eu possa respirar de novo já estou de volta à

cama, embaixo do seu corpo, e ele está abrindo a calça. Uau! Ele não vai tirar a roupa nem minha camiseta. Apenas segura minha cabeça e, sem preliminares, enfia-se em mim, fazendo-me gritar — mais de surpresa do que por qualquer outro motivo —, mas ainda posso ouvir o ruído da sua respiração pelos seus dentes cerrados.

— Hmmm — geme ele na minha orelha. Então fica imóvel e depois gira os quadris uma vez, metendo bem fundo, fazendo-me gemer também. — Eu preciso de você — grunhe ele, sua voz baixa e rouca.

Ele passa os dentes pela linha do meu maxilar, mordiscando e chupando, e então me beija de novo, com violência. Envolvero-o com minhas pernas e braços, embalando-o e segurando-o com força contra mim, determinada a eliminar o que quer que o esteja preocupando, e ele começa a movimentar-se... como se tentasse escalar para dentro de mim. Repetidamente, frenético, primitivo, desesperado, e antes que eu me perca no ritmo e no passo insanos que ele estabelece, rapidamente me pergunto, mais uma vez, o que será que o está pressionando, preocupando-o. Mas meu corpo toma o controle, afastando esse pensamento, até que eu fico inundada pela sensação, correspondendo ao ataque de Christian com contra-ataque. Escutando sua respiração áspera, difícil e ofegante no meu ouvido. Sabendo que ele está se perdendo em mim... Dou um gemido alto, ofegante. É tão erótico — a necessidade que ele tem de mim. Estou quase lá... quase lá... E ele me impele a ir mais alto, desarmando-me, levando-me, e eu quero isso. Quero tanto... Por ele e por mim.

— Goze comigo — diz ele, arfante, e se coloca todo sobre mim, de modo que sou obrigada a soltá-lo. — Abra os olhos — ordena ele. — Preciso ver você.

Sua voz é urgente, implacável. Meus olhos se abrem momentaneamente, e a visão dele por cima de mim — seu rosto tenso de ardor, os olhos crus e brilhantes. Sua paixão e seu amor são onde me perco, e nisso eu gozo, jogando a cabeça para trás enquanto meu corpo pulsa a seu redor.

— Ah, Ana — grita ele, e atinge o clímax junto comigo, movimentando-se dentro do meu corpo, depois se aquietando e caindo por cima de mim.

Ele gira o corpo, de forma que me vejo esticada em cima dele, que ainda está dentro de mim. Enquanto me recupero do meu orgasmo e meu corpo se estabiliza e se acalma, quero fazer um gracejo sobre ser oprimida e tratada como objeto, mas seguro a língua, incerta do seu estado de espírito. Com o rosto apoiado em seu peito, ergo o olhar para observar sua expressão. Seus olhos estão fechados e seus braços me envolvem, apertando meu corpo. Beijo seu peito por sob o tecido fino da camisa de linho.

— Christian, me diga, o que está havendo? — pergunto delicadamente, e espero ansiosa para ver se agora, satisfeito pelo sexo, ele me dirá.

Sinto seus braços me apertando mais, mas é sua única resposta. Ele não vai falar. Então tenho um surto de inspiração.

— Eu lhe prometo ser fiel, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza — murmuro.

Ele se retesa. Seu único movimento é arregalar os impenetráveis olhos e me fitar à medida que continuo com meus votos de casamento:

— Eu prometo amá-lo incondicionalmente, apoiá-lo nos seus objetivos e sonhos, honrá-lo e respeitá-lo, rir e chorar com você, dividir com você minhas esperanças e sonhos e lhe dar conforto quando necessário.

Faço uma pausa, esperando que ele fale comigo. Ele me observa, os lábios entreabertos, mas não diz nada.

— E tratá-lo com carinho por todos os dias da nossa vida.

Suspiro.

— Ah, Ana — sussurra ele, e muda de posição de novo, quebrando o precioso contato de nossos corpos para ficarmos deitados lado a lado. Ele acaricia meu rosto com as costas da mão.

— Eu prometo ser seu porto seguro e guardar no fundo do meu coração nossa união e você — sussurra ele, a voz rouca. — Prometo amá-la fielmente, renunciando a todas as outras, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, não importa o rumo que nossa vida tomar. Eu a protegerei e a respeitarei, e confiarei em você. Partilharei das suas alegrias e tristezas, e a confortarei quando preciso. Prometo cuidar de você, apoiar suas esperanças e seus sonhos e mantê-la segura a meu lado. Tudo o que é meu agora

passa a ser também seu. Dou-lhe minha mão, meu coração e meu amor a partir deste momento, até que a morte nos separe.

As lágrimas enchem meus olhos. Vejo seu rosto se suavizar enquanto ele me olha.

— Não chore — murmura, e, com o polegar, seca uma lágrima que escorre.

— Por que você não fala comigo? Por favor, Christian.

Ele fecha os olhos como se sentisse dor.

— Eu prometi que lhe daria conforto quando preciso. Por favor, não me deixe quebrar minha promessa — rogo.

Ele suspira e abre os olhos, a expressão triste.

— Foi incêndio criminoso — diz simplesmente, e de repente parece muito jovem e vulnerável.

Ah, merda.

— E minha maior preocupação é de que estejam atrás de mim. E se estão atrás de mim... — Ele para, incapaz de continuar.

— ...podem me pegar — completo, num sussurro.

Ele fica lívido, e sei que finalmente descobri a raiz da sua tensão. Acaricio seu rosto.

— Obrigada — digo.

Ele franze a sobrancelha.

— Pelo quê?

— Por me contar.

Ele balança a cabeça, e um sorriso pálido aparece em seus lábios.

— Você pode ser muito persuasiva, Sra. Grey.

— E você fica remoendo e internalizando todos os seus sentimentos, morrendo de preocupação. Vai acabar tendo um infarto fulminante antes dos quarenta anos, e eu quero você por perto durante muito mais tempo.

— Você é que é fulminante. Quando vi você no jet ski... quase tive um infarto, de verdade.

Ele se deixa cair de costas na cama pesadamente e cobre os olhos com a mão; sinto-o estremecer.

— Christian, é um jet ski. Até crianças pilotam jet skis. Imagine como você vai ficar quando formos visitar a sua casa em Aspen e eu esquiar pela primeira vez?

Ele inspira o ar com força e se vira para me encarar; tenho vontade de rir do terror estampado em seu rosto.

— Nossa casa — diz, após uns instantes.

Eu o ignoro.

— Sou uma mulher adulta, Christian, e muito mais forte do que aparento. Quando você vai aprender isso?

Ele dá de ombros e aperta a boca. Decido mudar de assunto:

— Então, o incêndio. A polícia sabe que foi criminoso?

— Sabe. — Ele está sério.

— Ótimo.

— A segurança vai ser reforçada — diz ele, sem demonstrar qualquer emoção.

— Entendo.

Olho para seu corpo. Ele ainda está de bermuda e camisa, e eu de camiseta. Puxa! Isso é que é rapidinha... Pensar nisso me faz rir.

— O que foi? — pergunta Christian, sem entender.

— Você.

— Eu?

— É. Você. Ainda vestido.

— Ah.

Ele baixa o olhar para si mesmo e depois volta a me fitar, abrindo um enorme sorriso.

— Ah, você sabe como é difícil manter as mãos longe de você, Sra. Grey. Ainda mais quando eu a vejo rindo como uma garotinha.

Ah, sim... as cócegas. *Ha!* As cócegas. Com um movimento rápido, eu monto nele, mas, percebendo minhas más intenções, ele imediatamente agarra meus pulsos.

— Não — diz, e está falando sério.

Faço charminho, mas vejo que ele não está no clima para isso.

— Por favor, não — sussurra ele. — Eu não aguentaria. Nunca me fizeram cócegas quando criança.

Ele faz uma pausa; eu desisto, para que ele não precise me conter.

— Eu via Carrick brincando com Elliot e Mia, fazendo cócegas neles, e parecia tão divertido, mas eu... eu...

Encosto o indicador nos seus lábios.

— Shh, eu sei — sussurro, e deposito um beijinho em seus lábios, onde meu dedo estava um segundo atrás, depois me aninho em seu peito.

Aquela dor familiar se avoluma dentro de mim e a tristeza profunda que sinto pela infância de Christian toma conta do meu coração mais uma vez. Sei que eu faria qualquer coisa por esse homem, pois o amo tanto!

Ele coloca os braços ao redor de mim e cheira meu cabelo, respirando fundo enquanto delicadamente acaricia minhas costas. Não sei por quanto tempo ficamos deitados ali, mas finalmente quebro o confortável silêncio entre nós:

— Qual o máximo de tempo que você passou sem ver o Dr. Flynn?

— Duas semanas. Por quê? Você não está se aguentando de vontade de me fazer cócegas?

— Não. — Dou uma risada. — Acho que ele ajuda você.

Christian bufa.

— E deve; eu pago muito bem a ele.

Christian puxa meu cabelo delicadamente, virando meu rosto para si. Levanto a cabeça e encontro seus olhos.

— Está preocupada com o meu bem-estar, Sra. Grey? — pergunta suavemente.

— Toda boa esposa se preocupa com o bem-estar do marido amado, Sr. Grey — respondo, provocando-o.

— Amado? — sussurra ele, e é uma pergunta intensa pairando entre nós.

— Muito amado.

Eu ergo o corpo bem rápido para beijá-lo, e ele abre seu sorriso tímido.

— Quer ir comer em terra?

— Quero comer em qualquer lugar em que você esteja feliz.

— Ótimo. — Ele abre um sorriso. — A bordo é onde eu consigo manter você segura. Obrigado pelo presente.

Ele se inclina para pegar a câmera e, estendendo o braço, tira uma foto de nós dois no nosso abraço pós-cócegas, pós-coito e pós-confissão.

— O prazer é todo meu.

Sorrio e seus olhos se iluminam.

—

Passeamos pelo opulento e dourado esplendor oitocentista do Palácio de Versalhes. No início apenas um humilde alojamento para comitivas de caça, foi transformado pelo Rei Sol em uma majestosa e exagerada sede do poder; porém, antes mesmo de o século XVIII terminar, ele testemunhou a queda do último dos monarcas absolutistas.

A sala mais impressionante é sem dúvida a Galeria dos Espelhos. A luz do início da tarde penetra pelas janelas a oeste, reluzindo nos espelhos que se alinham na parede leste e iluminando a decoração de folhas douradas e os enormes lustres de cristal. É de tirar o fôlego.

— Interessante ver o que acontece com um déspota megalomaniaco que se isola em tamanho esplendor — cochicho para Christian, de pé ao meu lado.

Ele olha para mim e pende a cabeça para o lado, achando graça no meu comentário.

— O que quer dizer com isso, Sra. Grey?

— Ah, foi só uma observação, Sr. Grey. — E gesticulo com as mãos, indicando o cenário que nos cerca.

Sorrindo com afetação, ele me segue até o centro da sala, onde paro e olho estupefata para a vista: os espetaculares jardins refletidos nos espelhos e o espetacular Christian Grey, meu marido, refletido atrás de mim, seu olhar brilhante e incisivo.

— Eu construiria isso para você — sussurra ele. — Só para ver a luz incidindo no seu cabelo como agora, bem aqui. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Você parece um anjo. — Ele me beija bem embaixo do lóbulo da orelha, pega minha mão e sussurra: — Nós, déspotas, fazemos isso pelas mulheres que amamos.

Fico ruborizada com seu elogio e sorrio com timidez, acompanhando-o pelo amplo salão.

—

— No que está pensando? — pergunta Christian suavemente, tomando um gole de seu habitual café após o jantar.

— Em Versalhes.

— Ostentoso, não é?

Ele sorri. Olho em volta, para o esplendor não comentado da sala de jantar do *Fair Lady*, e aperto os lábios.

— Isso aqui não é ostentoso — diz Christian, um pouco na defensiva.

— Eu sei. É lindo. A melhor lua de mel que uma mulher poderia querer.

— Verdade? — diz ele, genuinamente surpreso. E abre seu sorriso tímido.

— Claro que sim.

— Só temos mais dois dias aqui. Tem alguma coisa que você queira ver ou fazer?

— Só quero estar com você — murmuro.

Ele levanta, dá a volta na mesa e me beija na testa.

— Bom, você pode ficar sem mim por uma hora? Preciso ver meus e-mails, descobrir o que está acontecendo em Seattle.

— Claro — digo efusivamente, tentando esconder minha decepção diante da ideia de passar uma hora sem ele. É muita obsessão eu querer ficar com ele o tempo todo?

— Obrigado pela câmera — diz ele, e vai para o escritório.

* * *

DE VOLTA À NOSSA CABINE, decido checar meus e-mails também, e abro o laptop. Há alguns da minha mãe e de Kate, contando-me as últimas fofocas e me perguntando como vai a lua de mel. Ia ótima, até alguém decidir incendiar a empresa de Christian... Assim que termino de responder a minha mãe, aparece mais um e-mail de Kate na minha caixa de entrada.

De: Katherine L. Kavanagh

Data: 17 de agosto de 2011 11:45

Para: Anastasia Grey

Assunto: Ai meu Deus!!!!

Ana, acabei de ficar sabendo do incêndio no escritório do Christian.

Vc acha que foi criminoso?

Bjocas

K.

Kate está on-line! Pulo em cima do meu mais novo brinquedo — o Skype — e vejo que ela está disponível. Rapidamente digito uma mensagem.

Ana: Ei, está aí?

Kate: SIM, Ana! Tudo bem? Como vai a lua de mel? Viu meu e-mail? O Christian sabe do incêndio?

Ana: Tudo bem. A lua de mel está ótima. Sim, vi seu e-mail. Sim, Christian sabe.

Kate: Imaginei. As notícias sobre o que aconteceu não são muito completas. E o Elliot não me fala nada.

Ana: Você está catando uma matéria?

Kate: Você me conhece bem demais.

Ana: Christian não me disse muita coisa.

Kate: Elliot soube pela Grace!

Ah, não... Tenho certeza de que Christian não vai querer que isso se espalhe por toda Seattle. Tento minha patenteada técnica de distrair a persistente Kavanagh.

Ana: Como vão Elliot e Ethan?

Kate: Ethan foi aceito no mestrado de psicologia em Seattle. Elliot é um fofo.

Ana: Mandou bem, Ethan.

Kate: E o nosso ex-dominador preferido?

Ana: Kate!

Kate: O que foi?

Ana: VOCÊ SABE O QUÊ!

Kate: Ok. Desculpe.

Ana: Ele vai bem. Mais do que bem. :)

Kate: Bem, contanto que você esteja feliz, eu fico feliz.

Ana: Estou transbordando de felicidade.

Kate: :) Tenho que correr. A gente se fala depois?

Ana: Não sei. Veja se estou on-line. Esse negócio de fuso horário é um saco!

Kate: É verdade. Te amo, Ana.

Ana: Também te amo. Até mais. Bj.

Kate: Até mais. <3

Com certeza Kate não vai largar a pista dessa história. Com ar de enfado, fecho o Skype antes que Christian veja a nossa conversa. Ele não iria gostar do comentário sobre o ex-dominador, e não tenho certeza se ele é completamente ex...

Suspiro alto. Kate sabe de tudo desde nossa noite de bebedeira três semanas antes do casamento, quando finalmente sucumbi à inquisição Kavanagh. Foi um alívio finalmente falar com alguém sobre isso.

Olho o relógio. Já se passou cerca de uma hora desde o jantar e estou com saudades do meu marido. Volto para o deque para ver se ele terminou seu trabalho.

—

Estou na Galeria dos Espelhos e Christian está parado ao meu lado, sorrindo para mim com amor e afeição. *Você parece um anjo*. Eu olho para ele alegremente, mas quando me viro para o espelho, percebo que estou sozinha e que o salão é cinza e sombrio. *Não!* Viro depressa a cabeça de novo para seu rosto e o vejo sorrir triste e melancolicamente. Ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha. Então, se vira sem falar nada e se afasta devagar, o som dos seus passos ecoando no imenso salão, para longe dos espelhos, em direção às portas duplas ornamentadas no final da sala... um homem solitário, um homem sem reflexo... E é quando acordo, sem ar, o pânico tomando conta de mim.

— Ei — sussurra ele ao meu lado na escuridão, sua voz cheia de preocupação.

Ah, ele está aqui. Ele está bem. O alívio me percorre.

— Ah, Christian — murmuro, tentando controlar os batimentos do meu coração.

Ele me abraça, e só então percebo que há lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Ana, o que foi?

Ele afaga minha face, enxugando as lágrimas, e percebo a angústia em sua voz.

— Nada. Um pesadelo bobo.

Ele beija minha testa e minhas faces úmidas, confortando-me.

— Foi só um sonho ruim, querida — murmura ele. — Estou aqui com você. Vou protegê-la.

Inebriada pelo seu cheiro, aninho-me em seu corpo, tentando ignorar a desorientação e a devastação que senti no sonho. Nesse momento, sei que meu medo mais profundo e mais sombrio é perdê-lo.

CAPÍTULO CINCO

Eu me mexo inquieta, instintivamente procurando por Christian, apenas para sentir sua ausência. Merda! Acordo no mesmo instante e olho ansiosa à minha volta. Christian me observa, sentado na pequena cadeira de braço estofada que fica próxima da cama. Ele se abaixa e coloca algo sobre o chão, depois se levanta e se deita na cama ao meu lado. Está vestindo a bermuda jeans que antes era calça e uma camiseta cinza.

— Ei, não entre em pânico. Está tudo bem — diz ele, a voz suave e reconfortante, como se estivesse falando com um animal selvagem acuado.

Ele afasta com carinho uma mecha de cabelo do meu rosto, e imediatamente me sinto mais tranquila. Percebo que ele tenta — sem sucesso — esconder a própria preocupação.

— Você anda tão apreensiva nos últimos dias — murmura ele, os olhos bem abertos e sérios.

— Estou bem, Christian.

Abro um sorriso largo, pois não quero que ele perceba como estou preocupada com a história do incêndio. A dolorosa recordação de como me senti quando o *Charlie Tango* foi sabotado e Christian ficou desaparecido — o vazio extremo, a dor indescritível — volta a me assombrar, a memória me importunando e atormentando meu coração. Mantenho o sorriso fixo no rosto e tento sufocá-la.

— Você estava me vendo dormir?

— Estava — responde ele, observando-me fixamente, perscrutando meu rosto. — Você estava falando.

— Ah, é?

Merda! O que será que eu falei?

— Você está preocupada — acrescenta ele, os olhos cheios de inquietação.

Será que não há nada que eu consiga esconder de Christian? Ele se inclina e me beija entre as sobrancelhas.

— Quando você franze a testa, um pequeno V se forma bem aqui. É macio de beijar. Não se preocupe, baby, vou cuidar de você.

— Não é comigo que eu estou preocupada, é com você — resmungo. — Quem vai cuidar de você?

Ele sorri sem se importar muito com meu tom de voz.

— Já sou bem crescido e bem mau para cuidar de mim mesmo. Venha. Levante-se. Quero fazer uma coisa antes de irmos para casa.

Ele sorri para mim, um sorriso travesso do tipo sim-eu-tenho-apenas- vinte-e-oito-anos, e me dá uma palmada no bumbum. Solto um ganido, surpresa, e percebo que hoje é o dia em que vamos voltar para Seattle; então minha melancolia desperta. Não quero ir embora. Foi tão delicioso ficar com ele vinte e quatro horas por dia... Não estou pronta para dividi-lo com sua empresa e sua família. Tivemos uma lua de mel gloriosa. Com alguns altos e baixos, admito, mas isso deve ser normal para os recém-casados, não é mesmo?

Christian, porém, não consegue conter seu entusiasmo de garoto, e, mesmo com meus pensamentos sombrios, acabo sendo contagiada. Quando ele se levanta animado da cama, eu vou atrás, intrigada. O que será que ele está planejando?

* * *

CHRISTIAN AMARRA a chave no meu pulso.

— Quer que eu pilote?

— Quero. — Ele sorri. — Está muito apertado?

— Está bom. É por isso que você está usando um colete salva-vidas? — Levanto a sobrancelha.

— É.

Não consigo deixar de dar uma risadinha.

— Quanta confiança nas minhas habilidades como piloto, Sr. Grey.

— Mais do que nunca, Sra. Grey.

— Bom, não me passe um sermão.

Ele levanta as mãos em um gesto defensivo, mas está sorrindo.

— Longe de mim!

— Até parece. Você sempre me passa sermões. Mas aqui não podemos parar o motor e discutir na calçada.

— Bom argumento, Sra. Grey. Vamos ficar aqui na plataforma o dia inteiro discutindo sobre a sua destreza na direção ou vamos nos divertir um pouco?

— Bom argumento, Sr. Grey.

Agarro a direção do jet ski e subo nele. Christian sobe atrás e, com o pé, nos impulsiona para longe do iate. Taylor e dois homens da tripulação se divertem observando-nos. Deslizando para a frente, Christian passa os braços ao redor de mim e encosta as coxas nas minhas. *Ah, é disso que eu gosto nesse tipo de transporte!* Insiro a chave de ignição e aperto o botão de partida, e o motor acorda rugindo.

— Pronto? — grito para Christian, para ser ouvida acima do barulho do motor.

— Prontíssimo — responde ele, a boca junto ao meu ouvido.

Suavemente eu puxo a alavanca, e o jet ski se afasta do *Fair Lady*, muito vagarosamente para o meu gosto. Christian me aperta com mais força. Acelero um pouco mais, fazendo o jet ski disparar para a frente, e fico feliz da vida quando o motor não morre.

— Caramba! — grita Christian atrás de mim, mas o contentamento em sua voz é visível.

Passo veloz pelo *Fair Lady* em direção ao mar aberto. Estamos ancorados perto de Saint-Laurent-du-Var, e é possível avistar o aeroporto de Nice Côte d'Azur a certa distância, bem no meio do Mediterrâneo — ou pelo menos é o que parece. Tenho ouvido a assustadora aterrissagem dos aviões desde a noite passada, quando chegamos. Decido dar uma olhada mais de perto.

Seguimos para o aeroporto, saltando rapidamente sobre as ondas. Adoro isso, e estou vibrando porque Christian me deixou pilotar. Todas as preocupações dos dois últimos dias se dissipam à medida que deslizamos pela água.

— Da próxima vez que fizermos isso, vamos precisar de dois jet skis — grita Christian. Sorrio, porque a ideia de apostar corrida com ele é emocionante.

Estamos indo disparados pelo mar azul e gelado em direção ao que parece ser o final da pista quando o ronco atordoante de um jato bem acima de nossas cabeças preparando-se para aterrissar me pega de surpresa. O barulho é tão ensurdecedor que entro em pânico, faço um desvio e ao mesmo tempo bato no acelerador, confundindo-o com o freio.

— Ana! — grita Christian.

Mas é tarde demais. Sou catapultada para fora do jet ski, braços e pernas pelos ares, levando Christian comigo em um tombo espetacular.

Gritando, mergulho no mar azul cristalino e engulo uma porção considerável do nada saboroso Mediterrâneo. Tão longe assim da costa, a água é gelada, mas em poucos segundos subo novamente à tona, graças ao meu solícito colete salva-vidas. Tossindo e cuspidando, esfrego os olhos para tirar a água salgada e olho ao redor procurando por Christian. Ele já está nadando na minha direção. O jet ski flutua inofensivo a alguns metros de distância, o motor em silêncio.

— Você está bem? — Quando ele me alcança, seus olhos estão em pânico.

— Estou — balbucio, mas não consigo conter meu júbilo: *Está vendo, Christian? É o pior que pode acontecer com um jet ski!*

Ele me puxa para um abraço e depois segura minha cabeça entre as mãos, examinando meu rosto mais de perto.

— Viu? Não foi tão ruim assim! — Sorrio, nós dois ainda dentro da água.

Por fim ele força um sorriso, obviamente aliviado.

— Não, não foi. Só que agora eu estou molhado — reclama, mas seu tom de voz é brincalhão.

— Também fiquei molhada.

— Eu gosto de você molhadinha. — Ele me olha com malícia.

— Christian! — repreendo-o, fingindo-me de ofendida.

Ele sorri, lindo, e se inclina para me beijar com força. Quando se afasta, estou sem fôlego.

— Venha. Vamos voltar. Precisamos tomar um banho. Eu piloto.

Estamos descansando na sala VIP da primeira classe da British Airways, no Aeroporto de Heathrow, arredores de Londres, enquanto esperamos nosso voo de conexão para Seattle. Christian está entretido com o *Financial Times*. Pego da bolsa a câmera que lhe dei; quero tirar algumas fotos do meu marido. Ele está muito sexy de camisa branca de linho e calça jeans — sua marca registrada —, os óculos escuros modelo avião pendurados no V da gola da camisa. O flash o distrai da leitura. Ele ergue os olhos para mim, piscando, e sorri timidamente.

— Como vai, Sra. Grey? — pergunta.

— Triste em voltar para casa — digo baixinho. — Gosto de ter você só para mim.

Ele pega minha mão, leva-a até os lábios e beija docemente os nós dos meus dedos.

— Eu também.

— Mas? — pergunto, pois, apesar de não pronunciada, ouvi essa palavrinha no final da frase dele.

Ele franze o cenho.

— Mas? — repete, de forma dissimulada. Inclino a cabeça para o lado, encarando-o com aquela expressão de *Conte para mim* que venho aperfeiçoando nos últimos dias. Ele suspira, deixando o jornal de lado. — Quero esse criminoso preso e fora de nossas vidas.

— Ah.

Uma preocupação bastante justa, mas fico surpresa com sua sinceridade.

— Vou servir as bolas do Welch numa bandeja se ele deixar uma coisa dessas acontecer de novo.

Um calafrio perpassa minha espinha ao ouvir seu tom de ameaça. Ele me olha impassível, e não sei se está me desafiando a ser petulante ou algo parecido. Faço a única coisa que me passa pela cabeça para atenuar a súbita tensão entre nós dois: ergo a câmera e tiro outra foto.

—

— Oi, dorminhoca, chegamos — sussurra Christian.

— Hmm — resmungo, relutante em abandonar o irresistível sonho em que Christian e eu fazíamos piquenique em Kew Gardens.

Estou exausta! Viajar é cansativo, mesmo na primeira classe. Estamos voando há mais de dezoito horas, eu acho — já perdi a conta por causa do cansaço. Ouço a porta ao meu lado se abrir, e Christian está inclinado sobre mim. Ele desprende o cinto de segurança e me ergue nos braços, acordando-me.

— Ei, eu consigo andar — protesto, ainda sonolenta.

Ele bufa.

— Preciso entrar com você no colo em casa.

Coloco os braços em volta do pescoço dele.

— Vai subir os trinta andares? — Abro um sorriso de desafio.

— Sra. Grey, tenho o prazer de anunciar que você engordou um pouco.

— O quê?

Ele sorri.

— Portanto, se não se importar, vamos usar o elevador. — Ele semicerra os olhos ao me fitar, mas sei que é brincadeira.

Taylor abre as portas do vestíbulo do Escala e sorri.

— Bem-vindos, Sr. e Sra. Grey.

— Obrigado, Taylor — diz Christian.

Dirijo um breve sorriso a Taylor e vejo-o voltar para o Audi, onde Sawyer o espera na direção.

— Como assim eu engordei um pouco?

Fuzilo-o com o olhar, mas seu sorriso se amplia. Ele me aconchega mais contra o peito ao me carregar pelo hall.

— Não muito — garante ele, mas seu rosto se entristece de repente.

— O que foi? — Tento manter o temor em minha voz sob controle.

— Você ganhou os quilos que tinha perdido quando me deixou — diz ele calmamente enquanto chama o elevador. Uma expressão desolada toma seu rosto.

Sua angústia repentina e surpreendente faz meu coração se apertar.

— Ei. — Enrosco os dedos em seu cabelo, puxando-o em minha direção. — Se eu não tivesse ido embora, você estaria aqui comigo agora?

Os olhos dele se suavizam, adquirindo o matiz do céu em dia de tempestade, e ele me oferece seu sorriso tímido, o meu preferido.

— Não — responde, e entra no elevador ainda comigo no colo. Inclina-se e me beija ternamente. — Não, Sra. Grey, não estaria. Mas eu saberia que poderia mantê-la segura, porque você não ia me desafiar.

Ele parece vagamente arrependido... *Merda*.

— Gosto de desafiar você. — Estou testando o terreno.

— Eu sei. E isso me deixa muito... feliz. — Ele sorri novamente, mesmo em meio à sua tensão.

Ai, graças a Deus.

— Mesmo eu estando gorda? — sussurro.

Ele ri.

— Mesmo você estando gorda.

Ele me beija novamente, de maneira mais calorosa dessa vez, e eu cravo os dedos em seu cabelo, puxando-o contra mim, nossas línguas se enroscando uma na outra em uma dança lenta e sensual. Quando o elevador soa, avisando que chegou à cobertura, estamos ambos sem fôlego.

— Muito feliz — murmura ele.

Seu sorriso está mais misterioso agora, os olhos turvos e plenos de uma promessa libidínosa. Ele balança a cabeça como que para se recuperar do beijo e me carrega para dentro.

— Bem-vinda ao lar, Sra. Grey.

Ele me beija de novo, agora de maneira mais casta, e me brinda com o sorriso Christian-Grey-patenteado-de-muitos-gigawatts, os olhos cheios de alegria.

— Bem-vindo ao lar, Sr. Grey.

Abro um sorriso largo, radiante, meu coração correspondendo ao seu convite implícito e transbordando de felicidade.

Achei que Christian fosse me colocar no chão agora, mas não: comigo no colo, ele atravessa o vestíbulo, depois o corredor e a enorme sala, colocando-me sentada na ilha da cozinha, onde fico com as pernas penduradas. Ele então pega duas *flûtes* no armário e

uma garrafa de champanhe gelado — Bollinger, nosso preferido. Habilmente ele abre a garrafa e, sem deixar derramar uma gota, verte a bebida cor-de-rosa nas duas taças e me oferece uma. Tomando a outra para si, afasta minhas pernas delicadamente e coloca-se no meio.

— A nós, Sra. Grey.

— A nós, Sr. Grey — sussurro, ciente de meu sorriso tímido.

Brindamos de leve com nossas taças e tomamos um gole.

— Sei que você está cansada — sussurra ele, esfregando o nariz no meu —, mas eu realmente gostaria de ir para a cama... e não dormir. — Ele me beija no cantinho da boca. — É a nossa primeira noite depois de voltarmos para casa e você é realmente minha. — Sua voz vai sumindo à medida que ele deposita ternos beijos no meu pescoço. Anoitece em Seattle e eu estou exausta, mas o desejo brota fundo no meu ventre.

* * *

CHRISTIAN REPOUSA TRANQUILAMENTE ao meu lado e eu fito as listras rosadas e douradas do amanhecer pelas amplas janelas. Seu braço descansa sobre os meus seios, e eu tento adaptar minha respiração à dele, em um esforço para voltar a dormir, mas em vão. Estou completamente desperta, meu corpo ainda funcionando em outro fuso horário, minha mente em plena atividade.

Tanta coisa aconteceu nas últimas três semanas — *a quem eu quero enganar?, nos últimos três meses* — que ainda não sinto meus pés tocando o chão. E aqui estou eu, Sra. Christian Grey, casada com o mais delicioso, sensual, filantrópico e absurdamente rico figurão que qualquer mulher poderia querer. Como isso tudo aconteceu tão rápido?

Viro-me de lado a fim de contemplá-lo. Sei que ele costuma ficar me olhando enquanto durmo, mas raramente tenho a oportunidade de retribuir. Ele parece tão jovem e despreocupado dormindo... os longos cílios abertos como um leque tocando seu rosto, uma leve sombra da barba por fazer contornando seu maxilar e os lábios bem delineados ligeiramente abertos, relaxados, à medida que ele respira profundamente. Quero beijá-lo, colocar minha língua na sua

boca, correr meus dedos por seu rosto macio apesar da aspereza da barba que desponta. Preciso me controlar fortemente para não tocá-lo nem perturbá-lo. Hmm... eu poderia só passar os dentes de leve no lóbulo da orelha dele e depois chupar. Meu inconsciente me encara zangado por sobre seus óculos de leitura, deixando de lado o segundo volume das *Obras completas de Charles Dickens*, e mentalmente me pune. *Deixe o pobre homem em paz, Ana.*

Vou voltar ao trabalho na segunda-feira. Temos o dia de hoje para recuperarmos nossa rotina. Vai ser estranho não ver Christian o dia inteiro, depois de passarmos juntos quase todos os minutos das três últimas semanas. Eu me recosto e fito o teto. Algumas pessoas poderiam pensar que passar tanto tempo juntos seria sufocante, mas não é o caso. Adorei cada minuto que passei com ele, mesmo enquanto brigávamos. Cada minuto... exceto a notícia sobre o incêndio na sede da empresa.

Meu sangue gela. Quem iria querer machucar Christian? Volto a me atormentar com esse mistério. Alguém ligado ao trabalho? Alguma ex? Um funcionário insatisfeito? Não faço ideia, e Christian continua evasivo sobre o caso, fornecendo-me o mínimo de informação na tentativa de me proteger. Suspiro. Meu bravo cavaleiro das luzes e das trevas, sempre tentando me proteger. Como vou fazê-lo se abrir mais comigo?

Ele se mexe e eu fico imóvel, para não acordá-lo, mas o efeito é exatamente o oposto. *Droga!* Dois olhos brilhantes me fitam.

— O que houve?

— Nada. Volte a dormir. — Tento usar meu sorriso reconfortante. Ele se espreguiça, esfrega o rosto e sorri.

— Jet lag? — pergunta.

— Será que é isso? Não consigo dormir.

— Tenho a panaceia universal bem aqui, só para você, meu amor.

Ele sorri como um menino, fazendo-me revirar os olhos e dar um sorriso falso ao mesmo tempo. E assim, num piscar de olhos, meus pensamentos sombrios ficam de lado e meus dentes agarram sua orelha.

CHRISTIAN E EU ESTAMOS cruzando a Interestadual 5 no sentido norte, em direção à ponte 520, no Audi R8. Vamos almoçar na casa dos pais dele, um almoço de domingo de boas-vindas. A família inteira estará lá, além de Kate e Ethan. Vai ser estranho termos companhia depois de passarmos esse tempo todo sozinhos. Não tive oportunidade de falar com Christian a maior parte da manhã. Ele ficou fechado no escritório enquanto eu desarrumava as malas. Ele disse que eu não precisava fazer isso, que a Sra. Jones se encarregaria da tarefa. Essa, porém, é outra coisa com a qual tenho que me acostumar: contar com ajuda doméstica. Deslizo os dedos distraidamente pelo forro de couro da porta para me desviar de minhas divagações. Sinto-me um pouco inquieta. Será o jet lag? Ou o incêndio?

— Você me deixaria dirigir esse carro? — pergunto, surpresa por dizer as palavras em voz alta.

— É claro — responde Christian, sorrindo. — O que é meu é seu. Mas se você amassá-lo, vou ter que levá-la para o Quarto Vermelho da Dor. — Ele me olha rapidamente, com um sorriso malicioso.

Merda! Fico assustada. Será que ele está falando sério?

— Só pode ser brincadeira! Você me castigaria se eu amassasse o seu carro? Você ama seu carro mais do que a mim? — digo, para provocá-lo.

— Quase na mesma medida — responde ele, e estende a mão para apertar meu joelho. — Mas o carro não me aquece à noite.

— Podemos dar um jeito, tenho certeza. É só você dormir dentro do carro.

Christian ri.

— Não faz nem um dia que estamos em casa e você já está me expulsando?

Ele parece deliciado com a nossa discussão. Eu o encaro e recebo em resposta um sorriso de orelha a orelha. Embora eu queira ficar zangada, é impossível quando ele está tão bem-humorado. Aliás, ele melhorou de humor desde que saiu do escritório hoje de manhã. Percebo agora que estou assim rabugenta por termos que voltar para a vida real e eu não saber se Christian

vai retroceder à sua personalidade anterior à lua de mel, mais fechada, ou se vai se manter nessa nova versão aperfeiçoada.

— Por que você está tão contente? — pergunto.

Ele me lança outro sorriso.

— Por que esta conversa é tão... normal!

— Normal! — Faço cara feia. — Não depois de três semanas de casamento! Francamente.

Seu sorriso desaparece.

— Estou brincando, Christian — acrescento depressa, para não acabar com seu bom humor.

Fico surpresa com a insegurança que toma conta dele às vezes. Tenho a impressão de que ele sempre foi assim, mas que esconde a fragilidade por baixo de uma fachada intimidadora. É muito fácil provocá-lo, provavelmente porque ele não está acostumado. Isso é uma revelação para mim, e fico maravilhada de perceber que ainda temos tanta coisa para descobrir um sobre o outro.

— Não se preocupe, eu fico com o Saab — resmungo, e me viro para olhar pela janela, tentando melhorar meu estado de espírito.

— Ei, qual é o problema?

— Nada.

— Você é tão frustrante às vezes, Ana. Por que não me diz?

Eu me viro e forço um sorriso.

— Você também, Grey.

Ele franze o cenho.

— Estou tentando — diz suavemente.

— Eu sei. Eu também.

Sorrio, e me sinto um pouco melhor.

* * *

CARRICK ESTÁ RIDÍCULO na churrasqueira, com um chapéu de chef e um avental com os dizeres *Licença para Assar*. Sempre que olho para ele, tenho vontade de sorrir. De fato, meu estado de espírito melhorou consideravelmente. Estamos todos sentados em volta da mesa na varanda da casa da família Grey, aproveitando o sol do fim do verão. Grace e Mia colocam diversas saladas na mesa, enquanto Elliot e Christian trocam insultos amistosos e discutem planos para a

casa nova, e Ethan e Kate me atormentam com perguntas sobre a lua de mel. Christian mantém minha mão na sua, seus dedos brincando com a minha aliança e o meu anel de noivado.

— Então, se você conseguir finalizar os planos com a Gia, estarei livre de setembro até meados de novembro e posso garantir uma equipe inteira para o projeto — diz Elliot, esticando o braço e colocando-o em volta do ombro de Kate, que sorri.

— Gia ficou de ir lá amanhã à noite para discutir as plantas — responde Christian. — Espero que a gente consiga finalizar tudo. — Ele se vira e olha para mim, com expectativa.

Opa... isso é novidade.

— Claro.

Sorrio para ele, porém mais por causa da família presente, pois meu humor sofre uma queda novamente. Por que ele toma essas decisões sem me consultar? Ou será que fico assim por imaginar Gia — com sua bela bunda, seus seios exuberantes, suas roupas caras de marca e seu perfume — rindo toda provocante para meu marido? Meu inconsciente me lança um olhar de censura. *Ele não deu nenhum motivo para ciúme.* Merda, estou com altos e baixos hoje. Qual é o meu problema?

— Ana — chama Kate, arrancando-me de meus devaneios —, ainda está no sul da França?

— Estou — respondo, com um sorriso.

— Você está tão bem — diz ela, embora franza a testa ao falar.

— Vocês dois estão — completa Grace, abrindo um sorriso radiante enquanto Elliot enche nossos copos.

— Ao feliz casal.

Carrick ri e levanta o copo, e todos ao redor da mesa ecoam o sentimento.

— E parabéns ao Ethan por passar para o mestrado em psicologia em Seattle — intromete-se Mia, orgulhosa.

Ela dá um sorriso apaixonado na direção de Ethan, que sorri também. Fico pensando distraidamente se ela fez algum progresso com ele. É difícil saber.

Ouçó os gracejos em volta da mesa. Christian está desafiando todo o nosso longo itinerário das últimas três semanas, enfeitando aqui e ali. Ele parece relaxado ao falar, no controle da situação,

como se tivesse esquecido a preocupação com o incêndio criminoso. Eu, ao contrário, pareço incapaz de melhorar o astral. Belisco a comida. Ontem Christian disse que eu engordei. *Ele estava brincando!* Meu inconsciente me olha com censura de novo. Elliot acidentalmente derruba o copo no chão, dando um susto em todos, e de repente há certa afobação para limpar os cacos de vidro.

— Vou levar você para o ancoradouro e finalmente lhe dar umas palmadas se você continuar com esse mau humor — sussurra Christian no meu ouvido.

Fico em choque, e me viro para olhá-lo, boquiaberta. *O quê?* Ele está me provocando?

— Você não teria coragem! — rosno, mas por dentro sinto uma excitação familiar e bem-vinda.

Ele ergue a sobancelha. É claro que teria coragem. Olho de soslaio para Kate, do outro lado da mesa. Ela nos observa com interesse. Viro-me novamente para Christian, estreitando os olhos.

— Você teria que me alcançar primeiro; e estou de sandálias rasteiras — aviso.

— Seria uma diversão tentar — sussurra ele, com um sorriso malicioso, e eu *acho* que é uma brincadeira.

Fico vermelha. É estranho, mas me sinto melhor.

Estamos terminando de comer a sobremesa, morangos com creme, quando começa um temporal. Todos corremos para tirar os pratos e copos da mesa, levando tudo para a cozinha.

— Que bom que o tempo esperou até a gente terminar o almoço — diz Grace com prazer ao correremos para a sala dos fundos.

Christian se senta ao negro e brilhante piano, aperta o pedal e começa a tocar uma melodia conhecida que não consigo identificar de imediato.

Grace quer saber minhas impressões de Saint-Paul-de-Vence. Ela e Carrick estiveram lá anos atrás, durante a lua de mel, e passa pela minha cabeça a ideia de que se trata de um bom presságio, já que eles são felizes até hoje. Kate e Elliot estão abraçados em um dos enormes sofás ultrafos, enquanto Ethan, Mia e Carrick seguem em uma conversa animada sobre psicologia, acho. De súbito, todos de uma só vez, todos os Grey param de falar e olham perplexos para Christian.

O que houve?

Christian está ao piano cantando baixinho para si mesmo. O silêncio cai sobre nós, pois estamos tentando ouvir a letra de “Wherever You Will Go” em sua voz doce e melodiosa. Eu já o ouvi cantar antes; eles não? Ele então para, consciente do silêncio mortal que paira sobre o recinto. Kate me olha com ar interrogativo, e eu dou de ombros. Christian se vira na banquetta e franze a testa, sem graça ao perceber que se tornou o centro das atenções.

— Continue — encoraja-o Grace, suavemente. — Eu nunca tinha ouvido você cantar, Christian. Nunca.

Ela o fita maravilhada. Ele permanece sentado na banquetta, olhando-a distraidamente, e, após um instante, dá de ombros. Seus olhos vão nervosamente na minha direção, depois em direção às portas francesas. O restante das pessoas de repente recomeça a conversa, todos um tanto embaraçados, e eu fico observando meu querido marido.

Então Grace me distrai ao pegar minhas mãos e depois me abraçar.

— Ah, minha querida menina! Obrigada, obrigada — sussurra ela, de modo que só eu possa escutar. Sinto um nó na garganta.

— Hm...

Retribuo seu abraço, sem saber direito pelo que ela está me agradecendo. Grace sorri, os olhos brilhantes, e beija meu rosto. *O que foi que eu fiz?*

— Vou preparar um chá — diz ela, a voz rouca de quem está segurando as lágrimas.

Vou lentamente até Christian, que agora está de pé junto às portas francesas, olhando lá para fora.

— Oi — murmuro.

— Oi.

Ele passa o braço pela minha cintura, puxando-me para si, e eu enfio a mão no bolso traseiro da sua calça jeans. Ficamos olhando a chuva.

— Está se sentindo melhor?

Faço um gesto afirmativo com a cabeça.

— Que bom.

— Você sabe como atrair as atenções.

— Faço isso o tempo todo — diz ele, e sorri para mim.

— No trabalho, sim, mas não aqui.

— É verdade, aqui não.

— Ninguém nunca tinha ouvido você cantar? Nunca?

— Pelo visto, não — diz ele, secamente. — Podemos ir?

Olho para ele, tentando avaliar seu estado de espírito. Seus olhos estão doces e ternos e ligeiramente bem-humorados. Decido mudar de assunto:

— Você vai me bater? — sussurro, e de repente sinto um frio na barriga. Talvez eu precise justamente disso... é disso que estou sentindo falta.

Ele me fita, e seus olhos começam a escurecer.

— Não quero machucar você, mas ficaria muito feliz em brincar.

Dou uma olhadela nervosa ao redor, mas estamos longe dos ouvidos alheios.

— Só se você não se comportar direitinho, Sra. Grey — sussurra ele em meu ouvido.

Como é possível haver tantas promessas sensuais em tão poucas palavras?

— Vou ver o que eu posso fazer. — Sorrio.

* * *

DEPOIS DE NOS despedirmos de todos, caminhamos até o carro.

— Aqui. — Christian me joga as chaves do R8. — Não amasse — acrescenta, com a cara mais séria do mundo —, ou eu vou ficar muito irritado.

Minha boca fica seca. Ele está me deixando dirigir o carro dele? Minha deusa interior vibra em suas luvas de direção de couro e seus sapatos sem salto. *Uhul!*, exclama ela.

— Tem certeza? — balbucio, perplexa.

— Tenho. Mas logo posso mudar de ideia.

Acho que nunca antes disso dei um sorriso tão descarado. Ele faz uma cara de desdém e abre a porta do motorista para eu entrar. Dou a partida antes mesmo de ele se sentar ao meu lado, e ele pula para dentro.

— Ansiosa, Sra. Grey? — pergunta-me, com um sorriso oblíquo.

— Muito.

Dou marcha a ré lentamente e manobro pela entrada para carros da casa. Consigo não deixar o carro morrer, o que me surpreende. Nossa, o pedal da embreagem é tão sensível! Percorrendo com cuidado a entrada, olho pelo retrovisor e vejo Sawyer e Ryan entrando no Audi SUV. Eu não fazia ideia de que os seguranças tinham vindo atrás de nós. Faço uma pausa antes de entrar na rua.

— Você tem certeza sobre isso?

— Tenho — diz Christian, tenso, e percebo que ele não tem certeza alguma.

Ah, meu pobre e querido Cinquenta Tons. Quero rir dele e de mim também, porque estou nervosa e empolgada. Um pedacinho de mim quer fazer Sawyer e Ryan nos perderem de vista só de brincadeira. Verifico se algum carro está vindo e entro na rua bem devagar. Christian fica todo tenso, e eu não consigo resistir. A rua está vazia. Enfio o pé no acelerador e disparamos para a frente.

— Ahhhh! Ana! — grita Christian. — Mais devagar! Assim você vai acabar matando a nós dois.

Imediatamente diminuo a pressão no acelerador. Nossa, esse carro realmente corre!

— Desculpe — resmungo, tentando parecer arrependida... mas sem sucesso algum. Christian me dá um sorriso amarelo, acho que para esconder seu alívio.

— Bom, isso conta como mau comportamento — diz ele como quem não quer nada, e eu desacelero imediatamente.

Olho pelo retrovisor. Nenhum sinal do Audi; há apenas um automóvel com vidros escuros atrás de nós. Imagino que Sawyer e Ryan estejam alvoroçados, loucos para nos alcançar, e por algum motivo esse pensamento me empolga. Contudo, sem querer contribuir para um problema coronário em meu querido marido, decido me comportar, portanto conduzo com calma e cada vez mais confiante em direção à ponte 520.

De repente Christian solta um palavrão e se contorce para pegar o BlackBerry do bolso da calça.

— O que foi? — atende ele, ríspido, para quem quer que esteja do outro lado da linha. — Não — diz ele, e olha para trás. — Sim. Ela.

Olho pelo retrovisor rapidamente, mas não percebo nada de estranho, apenas alguns carros atrás de nós. Identifico o SUV atrás de quatro automóveis, e estamos todos seguindo em um ritmo tranquilo.

— Entendi.

Christian solta um demorado e forte suspiro. Esfrega a testa com os dedos, exalando tensão. *Tem alguma coisa errada.*

— Certo... Não sei. — Ele me olha de relance e abaixa o aparelho para falar comigo, calmamente: — Está tudo bem. Continue.

Ele sorri, mas seus olhos permanecem tensos. *Merda!* Meu corpo lança uma dose de adrenalina em meu sangue. Ele ergue o telefone de novo para o ouvido.

— Certo, na 520. Assim que chegarmos lá... Isso... Pode deixar. Ele coloca o aparelho no suporte, deixando-o em viva-voz.

— O que houve, Christian?

— Preste atenção ao caminho, querida — diz ele, suavemente.

Estou a caminho da rampa da 520, sentido Seattle. Quando olho para Christian, seu olhar está fixo à sua frente.

— Não quero que você entre em pânico — diz ele, com calma —, mas logo que entrarmos na 520, quero que você pise fundo. Estamos sendo seguidos.

Seguidos! Puta merda. Meu coração quase sai pela boca, aos pulos, meu couro cabeludo começa a pinicar e minha garganta se fecha, em pânico. Seguidos por quem? Meus olhos correm para o retrovisor: evidentemente, o carro preto que vi mais cedo ainda está atrás de nós. *Merda! Então é isso?* Tento ver, através do para-brisa escuro, quem está ao volante, mas não consigo enxergar.

— Mantenha os olhos na estrada, baby — diz Christian, com cuidado, e não com o tom truculento que ele normalmente assume em relação ao meu modo de dirigir.

Controle os nervos! Mentalmente, dou um tapa em meu rosto para espantar o terror que está ameaçando se apossar de mim. E se a pessoa que nos segue estiver armada? Armada e perseguindo Christian! *Merda!* Uma onda de náusea passa pelo meu corpo.

— Como você sabe que estamos sendo seguidos? — Minha voz sai num sussurro ofegante e esganiçado.

— A placa do Dodge atrás de nós é falsa.

Como é que ele sabe?

Estamos nos aproximando da 520 pela rampa e eu furo o sinal. É final de tarde e, embora a chuva tenha passado, a pista está molhada. Felizmente, o tráfego está razoavelmente tranquilo.

Em minha mente ecoa a voz de Ray, em uma de suas muitas aulas de autodefesa: *É o pânico que vai matar você ou deixá-la gravemente ferida, Annie*. Eu respiro fundo, tentando controlar minha respiração. A pessoa que nos segue está atrás de Christian. Enquanto respiro fundo mais uma vez, minha mente começa a desanuviar e o frio na barriga desaparece. Tenho que proteger Christian. Eu queria dirigir o carro, e queria dirigir em alta velocidade. *Bom, eis aí a minha oportunidade*. Agarro o volante e dou uma última olhada pelo retrovisor. O Dodge está se aproximando.

Diminuo a velocidade, ignorando o súbito olhar de pânico de Christian em minha direção, e calculo minha entrada na 520 de modo que o Dodge precise desacelerar e parar até conseguir uma chance de entrar no tráfego. Diminuo a marcha e acelero. O R8 parte como uma flecha, jogando-nos com força contra os encostos dos assentos. O velocímetro pula para cento e vinte quilômetros por hora.

— Calma, baby — diz Christian calmamente, embora eu tenha certeza de que ele está tudo menos calmo.

Avanço em ziguezague por entre as duas pistas, como uma peça preta em um jogo de xadrez, quase saltando os automóveis e caminhões. Estamos tão próximos do lago nessa ponte que é como se estivéssemos dirigindo sobre a água. Deliberadamente ignoro os olhares irados e reprovadores dos outros motoristas. Christian aperta as mãos no colo, mantendo-se o mais imóvel possível, e, apesar de minha mente estar fervilhando, imagino vagamente que talvez o propósito dele com isso seja não me distrair.

— Boa menina — diz ele, meio sem ar, para me encorajar. Ele olha para trás. — Não estou vendo o Dodge.

— Estamos bem atrás do elemento, Sr. Grey. — É a voz de Sawyer que surge no viva-voz. — Ele está tentando alcançar o

senhor. Vamos tentar chegar pelo lado e nos colocar entre o seu carro e o Dodge.

Elemento? O que isso quer dizer?

— Ótimo. A Sra. Grey está indo muito bem. Nessa velocidade, desde que o trânsito continue bom, e pelo que eu posso ver vai continuar, vamos sair da ponte em alguns minutos.

— Sim, senhor.

Passamos pela torre de controle da ponte, o que indica que já percorremos metade do lago Washington. Quando olho no velocímetro, vejo que ainda estou a cento e vinte quilômetros por hora.

— Você está indo muito bem, Ana — repete Christian, olhando para trás.

Por um momento fugaz, seu tom me faz recordar nosso primeiro encontro no quarto de jogos, quando ele pacientemente me encorajou em nossa primeira cena. A lembrança me distrai, portanto a descarto imediatamente.

— Para onde devo ir? — pergunto, um pouco mais calma.

Agora consigo sentir o carro. É uma maravilha de dirigir, tão silencioso e fácil de manejar que mal dá para acreditar que estamos indo tão rápido. Dirigir a esta velocidade neste carro é fácil.

— Sra. Grey, vá para a Interestadual 5 e depois siga para o sul. Queremos ver se o Dodge segue o R8 por todo esse caminho — diz Sawyer pelo viva-voz.

O sinal na ponte está verde — graças a Deus —; sigo em frente, em disparada.

Olho nervosa para Christian, que me dirige um sorriso tranquilizador. Mas logo seu rosto se anuvia.

— Merda! — xinga ele baixinho.

Há uma fila de carros parados à nossa frente quando saímos da ponte, e sou forçada a reduzir. Tensa, olho pelo retrovisor mais uma vez e acho que vejo o Dodge.

— Depois de uns dez carros?

— É, estou vendo — diz Christian, observando pela janela à sua direita. — Quem será o filho da mãe?

— Também queria saber. Vocês viram se é um homem ao volante? — deixo escapar para o BlackBerry.

— Não sei, Sra. Grey. Pode ser homem ou mulher. Os vidros são muito escuros.

— Uma mulher? — pergunta Christian.

Dou de ombros.

— A sua Mrs. Robinson, talvez? — sugiro, sem tirar os olhos da rua.

O corpo de Christian se contrai e ele tira o BlackBerry do suporte.

— Ela não é a minha Mrs. Robinson — resmunga. — Não falo com ela desde o meu aniversário. E a Elena não faria isso. Não é do estilo dela.

— E a Leila?

— Está em Connecticut com os pais, eu lhe disse.

— Tem certeza?

Ele faz uma pausa.

— Não. Mas se ela tivesse fugido, tenho certeza de que os pais dela teriam contado para o Flynn. Vamos falar sobre isso quando chegarmos em casa. Concentre-se no que está fazendo.

— Talvez seja um carro qualquer.

— Não quero correr riscos. Não se você estiver envolvida. — E ele recoloca o BlackBerry no suporte para ficarmos em contato com a equipe de segurança.

Ah, merda. Não quero desestabilizá-lo logo agora... mais tarde, talvez. Seguro a língua. Felizmente o trânsito melhora um pouco. Consigo atingir uma velocidade maior quando chego ao cruzamento da Mountlake com a Interestadual 5, ziguezagueando entre os carros novamente.

— E se os guardas nos pararem? — pergunto.

— Seria ótimo.

— Não para a minha carteira de motorista.

— Não se preocupe com isso — diz ele. E, inesperadamente, noto um ping de bom humor em sua voz.

Sento o pé no acelerador de novo, e chego a cento e vinte. Minha nossa, este carro realmente corre. Adorei — é tão fácil. Chego a quase cento e quarenta. Acho que nunca dirigi tão rápido. Já ficava feliz quando o meu Fusca fazia oitenta por hora.

— Ele saiu do congestionamento e ganhou velocidade. — É a voz de Sawyer pelo aparelho, calma e informativa. — Está a cento e quarenta e cinco.

Merda! Mais rápido! Mando ver no acelerador, e o carro ronca, chegando a mais de cento e cinquenta ao nos aproximarmos do cruzamento da Interestadual 5.

— Mantenha a velocidade, Ana — murmura Christian.

Diminuo por um instante, para pegarmos a Interestadual 5. A estrada está bastante tranquila, portanto consigo passar para a faixa de alta velocidade em menos de um segundo. Quando piso fundo novamente, o glorioso R8 sai como uma flecha e nós rasgamos a pista da esquerda, os reles mortais nos dando passagem. Se eu não estivesse tão assustada, com certeza iria adorar.

— Ele atingiu cento e sessenta, senhor.

— Fique na cola dele, Luke — berra Christian para Sawyer.

Luke?

Um caminhão entra abruptamente na faixa rápida — *Merda!* —, e tenho que pisar no freio de repente.

— Filho da puta! — xinga Christian quando somos lançados para a frente no banco.

Ainda bem que existe o cinto de segurança.

— Contorne, querida — diz Christian, com os dentes cerrados.

Verifico os espelhos e corto pela direita, cruzando logo três faixas. Ultrapassamos velozmente os veículos mais lentos e voltamos para a faixa de velocidade.

— Boa — elogia-me. — Cadê os guardas quando mais precisamos deles?

— Não quero levar multa, Christian — reclamo, concentrando-me na pista à frente. — Você já levou alguma por excesso de velocidade com este carro?

— Não — responde ele, mas, ao olhar de relance, percebo que está rindo.

— Já pararam você?

— Já.

— Ah.

— Charme. Tudo depende de charme. Agora, concentração. Onde está o Dodge, Sawyer?

— Ele acaba de chegar a cento e oitenta, senhor.

Putá merda! Meu coração quase salta pela boca. Será que consigo dirigir mais rápido que isso? Piso no pedal com ainda mais força e passo como um foguete pelos outros veículos.

— Pisque os faróis — ordena Christian quando um Ford Mustang não sai da nossa frente.

— Mas isso é coisa de babaca.

— Então seja babaca!

Puxa. Tudo bem!

— Hã... Onde eu ligo os faróis?

— O ponteiro. Puxe para você.

Faço isso, e o Mustang dá passagem, mas só depois de o motorista mostrar o dedo para mim de uma forma não muito educada. Rapidinho ele fica para trás.

— Ele é que é babaca — diz Christian, ofegante, e depois grita para mim: — Saia pela Stewart!

Sim, senhor!

— Vamos pegar a saída da Rua Stewart — avisa ele a Sawyer.

— Siga direto para o Escala, senhor.

Diminuo a velocidade, olho nos espelhos, dou sinal e então cruzo, com a maior facilidade, quatro faixas da autoestrada, para depois pegar a saída. Entrando na Stewart, tomamos a direção sul. A rua está tranquila, poucos veículos transitando. *Cadê todo mundo?*

— Tivemos uma puta sorte com o trânsito. Mas isso significa que o Dodge também teve. Não diminua agora, Ana. Vamos chegar logo em casa.

— Não consigo me lembrar do caminho — murmuro, apavorada por saber que o Dodge ainda está em nosso encalço.

— Siga para o sul na Stewart. Continue até eu falar onde virar.

— Ele parece tenso novamente.

Passo rápido por três quarteirões, mas o sinal fica amarelo na Avenida Yale.

— Avance, Ana! — grita Christian.

Dou um pulo tão forte que meu pé faz o acelerador encostar no chão, o que joga nossas costas contra os encostos ao avançarmos o sinal agora vermelho.

— Ele está entrando na Stewart — diz Sawyer.

— Fique na cola dele, Luke.

— Luke?

— É o nome dele.

Um rápido olhar na sua direção e vejo que Christian me olha como se eu fosse louca.

— Olhe para a rua! — fala ele ríspidamente.

Ignoro seu tom de voz.

— Luke Sawyer.

— Isso! — Ele parece exasperado.

— Ah.

Como é que eu não sabia disso? O homem vem me seguindo até o trabalho faz seis semanas e eu nem sabia o primeiro nome dele.

— Sou eu, senhora. — A voz de Sawyer me dá um susto, apesar de ser a voz calma e monótona de sempre. — O elemento está descendo a Stewart, senhor. Ganhando bastante velocidade.

— Vamos lá, Ana. Menos papo furado — reclama Christian.

— Estamos parados no primeiro sinal da Stewart — informa-nos Sawyer.

— Ana! Rápido: aqui! — grita Christian, apontando para um estacionamento no lado sul da Avenida Boren.

Faço a curva, os pneus cantando em protesto quando desvio para o estacionamento lotado.

— Circule. Rápido — ordena Christian. Dirijo o mais depressa que consigo para o final do terreno, longe da rua. — Ali. — Ele aponta uma vaga.

Merda! Ele quer que eu estacione. *Droga!*

— Pare ali — ordena.

E então eu paro... perfeitamente. Deve ser a primeira vez que eu estaciono assim tão direitinho.

— Estamos escondidos no estacionamento entre a Stewart e a Boren — avisa Christian para o BlackBerry.

— Certo. — Sawyer parece irritado. — Fiquem aí; vamos seguir o elemento.

Christian se vira para mim, seus olhos perscrutando meu rosto.

— Você está bem?

— Claro — sussurro.

Ele sorri.

— Seja quem for naquele Dodge, não pode nos escutar, você sabe, né?

Eu dou uma risada.

— Estamos passando pelo cruzamento da Stewart com a Boren, senhor. Já vejo o estacionamento. O Dodge passou direto, senhor.

Nossos ombros desabam simultaneamente, de tanto alívio.

— Muito bem, Sra. Grey. Ótima motorista.

Christian acaricia de leve meu rosto; eu tenho um sobressalto quando sinto o contato da sua mão, e inspiro profundamente. Não fazia ideia de que estava segurando a respiração.

— Isso significa que você vai parar de reclamar quando eu dirijo? — pergunto.

Ele ri — uma risada alta e sincera.

— Não me atrevo a afirmar isso.

— Obrigada por me deixar dirigir seu carro. E sob circunstâncias tão emocionantes. — Tento desesperadamente transmitir leveza.

— Talvez eu deva pegar a direção agora.

— Para falar a verdade, acho que não consigo descer do carro agora para você se sentar aqui. Minhas pernas estão balançando feito gelatina. — De repente começo a tremer e a me sacudir.

— É a adrenalina, baby — diz ele. — Você se saiu muitíssimo bem, como sempre. Você me surpreende, Ana. Nunca me decepçiona.

Ele toca minha face carinhosamente com as costas da mão, seu rosto pleno de amor, medo, arrependimento — tantas emoções simultâneas —, e suas palavras são a gota d'água para mim: dominada pelas emoções, um soluço contido escapa da minha garganta apertada e eu começo a chorar.

— Não, baby, não. Por favor, não chore.

Ele se aproxima e, apesar do espaço limitado, me puxa por cima do freio de mão para me aconchegar em seu colo. Afastando o cabelo do meu rosto, beija meus olhos e minha face, e eu o envolvo em meus braços e choro baixinho em seu pescoço. Ele afunda o nariz no meu cabelo e me aperta nos braços; ficamos ali sentados sem dizer nada, só abraçados.

A voz de Sawyer nos desperta:

— O elemento diminuiu a velocidade perto do Escala. Está estudando o terreno.

— Siga o carro.

Limpo o nariz nas costas da mão e respiro fundo para me acalmar.

— Use a minha camisa. — Christian me beija na têmpora.

— Desculpe — balbucio, envergonhada por ter chorado.

— Por quê? Não se desculpe.

Limpo o nariz mais uma vez. Ele ergue meu queixo e planta um beijo terno nos meus lábios.

— Sua boca fica tão macia quando você chora, minha menina linda e corajosa — sussurra ele.

— Me beije de novo.

Christian permanece imóvel, uma das mãos nas minhas costas, a outra na minha bunda.

— Me beije — peço, ofegante, e observo seus lábios se afastarem quando ele inala fortemente.

Inclinando-se sobre mim, ele tira o BlackBerry do suporte e o joga no assento do motorista, junto aos meus pés. Depois sua boca está colada na minha e ele leva a mão direita até meu cabelo, segurando-me no lugar, e com a esquerda envolve meu rosto. Sua língua invade minha boca, e eu a recebo com satisfação. A adrenalina se transforma em uma onda de luxúria que percorre todo o meu corpo. Agarro seu rosto, passando os dedos por suas costeletas, deleitando-me em seu sabor. Ele geme ante a minha resposta apaixonada, um gemido baixo e do fundo da garganta, e meu ventre se contorce dolorosamente de desejo. Sua mão desce pelo meu corpo, esfregando meus seios, minha cintura e parando no meu traseiro. Eu mudo minimamente minha posição.

— Ah! — exclama ele, e se afasta de mim, sem fôlego.

— O que foi? — murmuro, os lábios colados nos dele.

— Ana, estamos num estacionamento de Seattle.

— E daí?

— Bom, no momento eu quero comer você, e você está se mexendo em cima de mim... é desconfortável.

O desejo me consome quando o ouço dizer isso, mais uma vez retesando todos os músculos abaixo da minha cintura.

— Então me come.

Beijo-o no canto da boca. Eu o quero. Agora. A perseguição foi excitante. Excitante demais. Aterrorizante... e o medo despertou minha libido. Ele se inclina para trás a fim de me fitar, seus olhos escuros e enevoados.

— Aqui? — Sua voz soa rouca.

Minha boca fica seca. Como ele consegue me excitar com uma única palavra?

— Aqui. Eu quero você. Agora.

Ele inclina a cabeça para o lado e me encara por alguns momentos.

— Muito atrevida, Sra. Grey — sussurra, após o que me parece uma eternidade.

Ele aperta o cabelo da minha nuca, segurando-me firmemente no lugar, e sua boca procura a minha novamente, com mais violência dessa vez. A outra mão desliza pelo meu corpo, pela bunda, indo até o meio das coxas. Enrosco os dedos em seu cabelo.

— Que bom que você está de saia — murmura ele, e escorrega a mão por baixo da minha saia estampada em azul e branco para acariciar minha coxa. Eu me retorço novamente em seu colo e ele solta um assovio.

— Fique quieta — diz, sua voz está áspera.

Ele envolve meu sexo com a mão e eu congelo imediatamente. Com o polegar ele esfrega meu clitóris, e minha respiração fica ofegante com o prazer que me sacode como eletricidade, bem dentro de mim.

— Quieta — murmura Christian.

Ele me beija mais uma vez enquanto seu polegar gentilmente desenha círculos por sobre a renda fina e transparente da minha requintada calcinha. Lentamente, ele faz dois dedos passarem pela calcinha e os enfia em mim. Solto um gemido e empurro os quadris na direção da sua mão.

— Por favor... — sussurro.

— Hmm, você está prontinha — diz ele, tirando e botando os dedos numa lentidão torturante. — Você fica excitada com perseguições?

— Você é que me excita.

Ele dá um sorriso voraz e retira os dedos de repente, deixando-me ávida por mais. Ele passa o braço por baixo dos meus joelhos e me pega de surpresa ao me levantar e me fazer girar, para ficar de frente para o para-brisa.

— Encoste as pernas nas minhas como se fosse fechá-las — ordena ele, unindo as pernas na frente.

Obedeço, apoiando os pés no chão, um de cada lado. Ele desliza as mãos pelas minhas coxas, e depois volta a subir, erguendo minha saia.

— Mãos nos meus joelhos, baby. E se incline para a frente. Levante essa bunda maravilhosa. Cuidado com a cabeça.

Merda! Nós realmente vamos fazer isso em um estacionamento público. Dou uma olhada rápida na área à minha frente e não avisto ninguém, mas sinto uma empolgação se apossando de mim. Estou em um local público. Que *excitante!* Christian se mexe por baixo de mim e eu ouço o revelador som do seu zíper se abrindo. Abraçando-me pela cintura e com a outra mão afastando minha calcinha rendada para o lado, ele me penetra em um movimento rápido.

— Ah! — grito, encaixando-me nele, e o ouço soltar um ruído abafado entre os dentes.

Seu braço serpenteia ao redor do meu corpo, subindo até o pescoço, e ele me agarra por baixo do queixo. Sua mão então se abre, puxando-me para trás e inclinando minha cabeça para o lado de modo que ele possa beijar meu pescoço. A outra mão agarra meu quadril e, juntos, começamos a nos movimentar.

Ergo um pouco o corpo, apoiando-me nos pés, e ele vai enfiando em mim — metendo e tirando. A sensação é... Solto um gemido alto. Ele chega bem fundo nessa posição. Com a mão esquerda eu agarro o freio de mão, e com a direita me seguro na porta. Ele mordisca o lóbulo da minha orelha e puxa — quase dói. Ele não para de meter, uma estocada atrás da outra. Eu subo e desço, estamos no mesmo ritmo, e ele enfia a mão por baixo da minha saia até o alto das minhas coxas, e seus dedos começam a brincar

suavemente com meu clitóris por cima da renda transparente da minha calcinha.

— Ah!

— Seja. Rápida — diz ele ofegante no meu ouvido, com os dentes cerrados, a mão ainda no meu pescoço logo abaixo do queixo. — Temos que ser rápidos, Ana. — E ele aumenta a pressão dos dedos sobre o meu sexo.

— Ah!

Sinto aquela onda de prazer tão familiar, reverberando forte dentro de mim, bem fundo.

— Vamos lá, querida. — Sua voz soa áspera no meu ouvido. — Quero ouvir você.

Solto outro gemido, as sensações à flor da pele, os olhos bem fechados. A voz dele no meu ouvido, sua respiração no meu pescoço, o prazer irradiando dos dedos dele no meu corpo, provocando-me, e dos seus movimentos dentro de mim, e então eu me entrego. Meu corpo assume o controle, ansiando pelo desfecho.

— Isso — sibila Christian em meu ouvido, e eu abro os olhos brevemente, encarando o teto forrado do R8, e volto a fechá-los quando gozo com ele dentro de mim.

— Ah, Ana — murmura ele, fascinado.

Christian me abraça e mete com força uma última vez, para finalmente se aquietar ao atingir o clímax dentro de mim, bem fundo.

Ele passa o nariz de leve pelo meu queixo e beija meu pescoço carinhosamente, depois minha face, minha têmpora, e eu me recosto nele, a cabeça reclinada contra seu pescoço.

— Aliviou a tensão, Sra. Grey?

Christian cerra os dentes de novo no lóbulo da minha orelha e puxa. Meu corpo está esgotado, totalmente exausto, e eu choramingo. Sinto o sorriso dele encostado em mim.

— Com a minha ajudou, com certeza — acrescenta ele, tirando-me de cima. — Perdeu a voz?

— Perdi — murmuro.

— Bom, quer dizer que você é uma criatura devassa? Não sabia desse seu lado exibicionista.

Imediatamente me empertigo, assustada. Ele fica tenso.

— Ninguém está olhando, não é?

Olho o estacionamento ao redor, nervosa.

— Você acha que eu ia deixar alguém assistir a minha mulher gozar?

Ele acaricia minhas costas, para me tranquilizar, mas o tom de sua voz me provoca calafrios na espinha. Eu me viro para fitá-lo e abro um sorriso travesso.

— Sexo no carro! — exclamo.

Ele ri e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Vamos voltar. Agora eu dirijo.

Ele abre a porta para me deixar sair do seu colo e saltar do carro. Quando olho para baixo, ele rapidamente fecha a braguilha. Também sai do carro, e segura a porta para eu ocupar o banco do carona. Contornando depressa o carro, ele se senta ao volante, pega o BlackBerry e faz uma chamada.

— Onde está o Sawyer? — pergunta, ríspido. — E o Dodge? Por que o Sawyer não está com você?

Ele ouve Ryan com atenção, suponho.

— Ela? — exclama, surpreso. — Quero que a segure aí. — Christian desliga e me fita.

Ela! A motorista do carro? Quem poderá ser — Elena? Leila?

— Quem estava dirigindo o Dodge era uma mulher?

— Parece que sim — diz ele calmamente. Sua boca se fecha com força e raiva. — Vamos para casa — murmura, e dá partida no R8, manobrando-o suavemente para fora da vaga.

— Cadê o... hã... elemento? Que forma estranha de falar. — Christian dá um breve sorriso, saindo do estacionamento para pegar a Stewart.

— É um termo usado nesses casos. Ryan trabalhou no FBI.

— FBI?

— Nem pergunte.

Christian balança a cabeça. É óbvio que ele está perdido em pensamentos.

— Bem, mas onde está o elemento feminino?

— Na Interestadual 5, seguindo para o sul. — Ele me olha de relance, um ar sério.

Nossa — de ardentemente excitado para calmo e depois ansioso no espaço de poucos minutos. Estico o braço e acaricio sua coxa,

deixando meus dedos roçarem distraidamente a costura interna da sua calça jeans, na esperança de acalmá-lo. Ele tira a mão do volante e interrompe o caminho lento e ascendente que estou traçando.

— Não — diz ele. — Conseguimos chegar até aqui. Você não quer que eu bata o carro a três quarteirões de casa.

Ele leva minha mão aos lábios e deposita um beijo frio no meu indicador para amenizar a bronca. Frio, calmo, autoritário... Meu Cinquenta Tons. E pela primeira vez em um bom tempo ele faz com que eu me sinta uma criança teimosa. Retiro a mão e fico quieta por um momento.

— Mulher?

— Aparentemente, sim.

Ele suspira, dirige-se à entrada da garagem subterrânea do Escala e digita o código de acesso no painel de segurança. O portão se abre e ele entra, estacionando o R8 suavemente na sua vaga.

— Gostei muito desse carro — murmuro.

— Eu também gosto. Gostei também de como você se saiu com ele; e sem causar nenhum estrago.

— Você pode me dar um de aniversário. — Sorrio maliciosamente.

Ele está boquiaberto quando eu saio do carro.

— Branco, acho — acrescento, inclinando-me para dirigir-lhe mais um sorriso travesso.

Ele sorri.

— Anastasia Grey, você nunca deixa de me surpreender.

Fecho a porta e fico esperando por ele junto à traseira do veículo. Ele sai do carro elegantemente, observando-me com aquele olhar... aquele olhar que mexe comigo. Conheço bem esse olhar. Quando chega perto de mim, ele se inclina e sussurra:

— Você gostou do carro. Eu gosto do carro. Comi você ali dentro ... talvez eu deva comer você em cima dele.

Engulo em seco. E um lustroso BMW prateado entra na garagem. Christian olha para o automóvel primeiro com tensão, depois com aborrecimento, e sorri para mim.

— Mas parece que temos companhia. Venha.

Pegando minha mão, ele me leva até o elevador. Aperta o botão para chamar, e, enquanto esperamos, o motorista do BMW se aproxima. Ele é jovem, está vestido casualmente e tem cabelo escuro, longo e abundante. Pela sua aparência, eu diria que trabalha com mídia.

— Oi — diz ele, sorrindo calorosamente.

Christian coloca o braço em volta dos meus ombros e o cumprimenta polidamente.

— Acabei de me mudar. Apartamento dezesseis.

— Olá.

Retribuo o sorriso. Ele tem olhos castanhos simpáticos e tranquilos.

O elevador chega e entramos. Christian me olha com uma expressão indecifrável.

— Você é Christian Grey — diz o jovem.

Christian dá um sorriso contido.

— Noah Logan. — Ele estica a mão. Relutantemente, Christian a aperta. — Qual andar? — pergunta Noah.

— Tenho que digitar um código.

— Ah.

— Cobertura.

— Ah. — Noah abre um largo sorriso. — Claro. — Ele aperta o botão do oitavo andar e as portas se fecham. — Sra. Grey, eu imagino.

— Isso.

Dou um sorriso bem-educado e trocamos um aperto de mãos. Noah fica levemente ruborizado e me fita por mais alguns segundos. Também fico vermelha, e sinto o braço de Christian se apertar sobre mim.

— Quando foi que você se mudou? — pergunto.

— No último fim de semana. Adorei o lugar.

Ficamos num silêncio embaraçoso por alguns momentos, até que o elevador para no andar de Noah.

— Foi ótimo conhecer vocês — diz o jovem, parecendo aliviado, e sai.

As portas se fecham silenciosamente atrás dele. Christian digita o código e o elevador torna a subir.

— Ele me pareceu simpático — comento. — Nunca conheci nenhum vizinho seu antes.

Christian franze a testa.

— Prefiro assim.

— É porque você é um eremita. Eu achei o sujeito agradável.

— Eremita?

— Eremita. Preso na sua torre de marfim — digo calmamente.

Christian retorce a boca, achando graça.

— Nossa torre de marfim. E acho que você pode acrescentar outro nome à sua lista de admiradores, Sra. Grey.

Reviro os olhos.

— Christian, você pensa que todo mundo é meu admirador.

— Você acabou de revirar os olhos para mim?

Minha pulsação acelera.

— Com toda certeza — sussurro, a respiração quase na garganta.

Ele inclina a cabeça para o lado, e sua expressão é divertida, arrogante e sensual.

— E agora, o que fazemos a respeito disso?

— Alguma coisa bruta.

Ele pisca, tentando esconder a surpresa.

— Bruta?

— Por favor.

— Você quer mais, é?

Confirmo lentamente. As portas do elevador se abrem e estamos em casa.

— Muito bruta? — Sua respiração fica mais forte, os olhos escurecendo.

Olho para ele e não digo nada. Ele fecha os olhos por um instante, depois pega minha mão e me puxa para o vestíbulo.

Quando irrompemos pelas portas duplas, Sawyer está de pé na entrada, olhando para nós em expectativa.

— Sawyer, gostaria de ter um resumo do caso daqui a uma hora — diz Christian.

— Sim, senhor. — Sawyer se vira e volta para o escritório de Taylor.

Temos uma hora!

Christian me olha.

— Bruta?

Confirmo com a cabeça.

— Bom, Sra. Grey, a senhora está com sorte. Hoje estou atendendo a pedidos.

CAPÍTULO SEIS

—Alguna coisa em mente? — murmura Christian, cravando em mim um olhar atrevido.

Dou de ombros, repentinamente agitada e sem fôlego. Não sei se foi a perseguição, a adrenalina, o meu mau humor prévio — não entendo, mas quero isso, e quero ardentemente. O rosto de Christian deixa entrever uma expressão intrigada.

— Trepada sacana? — pergunta, e suas palavras são como um carinho.

Confirmo, sentindo meu rosto arder. Por que estou tão constrangida? Já fiz todo tipo de sacanagem com este homem. Ele é meu marido, ora bolas! Estou constrangida porque quero isso e tenho vergonha de admitir? Meu inconsciente me olha feio. Pare de pensar tanto.

— Carta branca? — Suas palavras saem num sussurro, e ele me examina com atenção, como se estivesse tentando ler minha mente.

Carta branca? Puta merda — o que será que vem por aí?

— Sim — murmuro, nervosa, a excitação já crescendo dentro de mim. Ele lentamente abre um sorriso sensual.

— Venha — diz, e me puxa para as escadas.

Sua intenção é clara. *Quarto de jogos!*

No alto da escadaria, ele solta minha mão e destranca a porta. A chave está no chaveiro de Seattle com a palavra “Sim” que eu dei para ele pouco tempo atrás.

— Depois de você, Sra. Grey — diz, e escancara a porta de uma vez.

O quarto de jogos tem um cheiro familiar que me conforta, cheiro de couro, madeira e cera. Fico ruborizada ao pensar que a Sra. Jones deve ter vindo limpar este cômodo enquanto estávamos na lua de mel. Christian acende as luzes quando entramos, e as paredes de um vermelho escuro se iluminam com uma luz suave e

difusa. Continuo de pé, olhando para ele, sentindo nas veias uma expectativa cada vez maior e mais forte. O que vai fazer? Ele tranca a porta e se vira. Inclinando o rosto para o lado, olha para mim pensativo e depois, com um ar de quem está se divertindo, balança a cabeça.

— O que você quer, Anastasia? — pergunta docemente.

— Quero você. — Minha resposta sai como um suspiro.

Ele ri de um jeito malicioso.

— Eu já sou seu. Sou seu desde o dia em que você pisou no meu escritório.

— Então me surpreenda, Sr. Grey.

Ele retorce a boca em um misto de humor contido e promessa carnal.

— Como quiser, Sra. Grey. — Ele dobra os braços e leva o comprido dedo indicador na altura dos lábios ao me avaliar. — Acho que vamos começar tirando você dessas roupas. — Ele dá um passo à frente. Segurando meu casaco curto de brim, abre-o e o joga para trás pelos meus ombros, fazendo-o cair no chão. Depois apanha a barra da minha blusa preta. — Levante os braços.

Obedeço, e ele a faz passar pela minha cabeça. Abaixando-se, deposita um beijo meigo nos meus lábios, os olhos brilhando com uma mistura cativante de luxúria e amor. A blusa logo está fazendo companhia ao casaco no chão.

— Aqui — sussurro, olhando nervosa para Christian enquanto tiro o elástico de cabelo do meu pulso e o estendo para ele.

Ele não se mexe, e seus olhos se arregalam momentaneamente, mas não entregam nada. Afinal, ele pega o elástico.

— Vire-se — ordena.

Aliviada, sorrio para mim mesma e obedeco imediatamente. Parece que ultrapassamos esse obstáculo. Ele junta meu cabelo e o trança rápida e eficientemente antes de prendê-lo com o elástico. Então puxa a trança, forçando minha cabeça para trás.

— Bem pensado, Sra. Grey — sussurra no meu ouvido, e belisca o lóbulo da minha orelha. — Agora vire-se de novo e tire a saia. Deixe cair no chão.

Ele me solta e dá um passo para trás, esperando que eu me volte para ele. Sem tirar os olhos dos seus, desabotoo o cóis da

minha saia e abaixo o zíper. A peça cai no chão e se espalha como um leque ao redor dos meus pés.

— Deixe-a aí — ordena.

Dou um passo na direção dele, que se ajoelha rápido na minha frente e agarra meu tornozelo direito. Habilmente, ele desafivela minhas sandálias, uma de cada vez, enquanto me curvo para a frente, equilibrando-me com uma das mãos na parede, embaixo dos pinos onde costumavam ficar todos os seus chicotes e varas. O açoite e o chicote de montaria são os únicos objetos que sobraram. Eu os observo com curiosidade. *Será que ele vai usar isso?*

Tendo tirado minha sandália e me deixado só com o meu conjunto rendado de calcinha e sutiã, Christian se senta sobre os calcanhares, encarando-me.

— Você é uma linda visão, Sra. Grey. — De repente ele se ajoelha, agarra meus quadris e me puxa, enterrando o nariz no alto das minhas coxas. — E está cheirando a mim, a você e a sexo — diz, inalando com força. — É intoxicante.

Ele me beija por cima da renda e eu perco o fôlego ao ouvir suas palavras; me derreto por dentro. Ele é tão... malvado. Juntando minhas roupas e sandálias, ele se levanta com um movimento único e gracioso, como um atleta.

— Vá e fique de pé ao lado da mesa — diz calmamente, apontando com o queixo. Então vira-se e caminha até a cômoda de museu.

Olhando para trás, ele sorri maliciosamente.

— De frente para a parede — ordena. — Assim você não vai saber o que eu estou planejando. Nosso objetivo é satisfazer, Sra. Grey, e você queria uma surpresa.

Eu me viro de costas, ouvindo atentamente — de repente, meus tímpanos estão sensíveis aos menores sons. Se existe uma coisa em que ele é bom, é isso: criar expectativas em mim, incitar meu desejo... fazer-me esperar. Ouço-o colocar minhas sandálias no chão e minhas roupas na cômoda, acho; depois, o barulho dos seus sapatos caindo ao chão, um de cada vez. Humm... adoro quando está descalço. Um minuto depois, ouço-o abrir uma gaveta.

Brinquedos! Ah, eu gosto tanto, tanto, tanto dessa expectativa! A gaveta se fecha e sinto minha respiração entrecortada. Como é possível que o som de uma gaveta me deixe assim, atordoada e trêmula? Não faz sentido. O chiado baixo do sistema de som ligando indica que teremos um interlúdio musical. Começo a ouvir um solo de piano, tranquilo e suave, e acordes melancólicos enchem o cômodo. Não conheço a melodia. Então entra uma guitarra. *O que é isso?* Surge a voz de um homem e eu mal consigo distinguir as palavras, algo sobre não se ter medo de morrer.

Christian vem sem pressa na minha direção, os pés descalços ressoando contra o piso de madeira. Sinto sua presença atrás de mim no mesmo momento em que uma mulher começa a cantar... ou a choramingar... a cantar?

— Algo bruto, não é mesmo? — sussurra ele no meu ouvido esquerdo.

— Hmm.

— Você tem que me mandar parar se eu for longe demais. Se você disser “pare”, eu paro imediatamente. Entendeu?

— Entendi.

— Preciso que você jure que entendeu.

Inspiro com força. Cacete, o que ele vai fazer?

— Eu juro — murmuro, ofegante, lembrando-me de suas palavras de hoje mais cedo: “Não quero machucar você, mas ficaria muito feliz em brincar”.

— Boa menina.

Inclinando-se, ele dá um beijo no meu ombro nu. Enfia um dedo por baixo da tira do sutiã e traça uma linha que atravessa minhas costas por baixo dela. Tenho vontade de gemer. Como ele consegue tornar sensual o toque mais insignificante?

— Tire — sussurra ele no meu ouvido.

Obedeço imediatamente, deixando meu sutiã cair ao chão.

Suas mãos deslizam pelas minhas costas, até que ele engancha os dois polegares na minha calcinha e a faz descer pelas minhas pernas.

— Um passo — ordena.

Uma vez mais eu obedeco, dando um passo para me livrar da calcinha. Ele beija minha bunda e se levanta.

— Vou vender você para que fique tudo mais intenso.

Ele coloca uma máscara de dormir sobre meus olhos, e meu mundo mergulha na escuridão. A mulher geme incoerentemente na música... uma melodia pungente, inquietante.

— Abaixe-se e se incline sobre a mesa. — Ele fala com suavidade. — Agora.

Sem hesitar, me inclino na lateral da mesa e descanso o torso sobre a madeira polida, sentindo meu rosto corar ao encostar na superfície dura. O tampo da mesa é frio; o odor lembra vagamente cera de abelha com um toque cítrico.

— Estenda os braços para cima e segure nas beiradas.

Ok... Esticando-me, agarro a outra extremidade da mesa. É bem larga, e meus braços estão completamente estendidos.

— Se você soltar, vou bater em você. Entendeu?

— Entendi.

— Você quer apanhar, Anastasia?

Meu corpo se retesa deliciosamente abaixo da cintura. Percebo que quero isso desde que ele me ameaçou na hora do almoço, e nem a perseguição de carro nem nossa subsequente sessão íntima saciaram essa necessidade.

— Quero. — Minha voz é um sussurro rouco.

— Por quê?

Ah... preciso ter um motivo? Dou de ombros.

— Diga — insiste ele.

— Humm...

E sem mais nem menos ele me dá uma palmada forte.

— Ah! — grito.

— Quieta agora.

Carinhosamente ele esfrega meu traseiro, no lugar onde bateu. Depois se inclina sobre mim, seus quadris pressionando minha bunda, crava um beijo entre as minhas omoplatas e inscreve uma trilha de beijos nas minhas costas. Ele tirou a camisa, e o pelo de seu peito me faz cócegas; sua ereção pressiona meu corpo por sob o tecido grosso da calça.

— Abra as pernas — exige.

Eu obedeco.

— Mais.

Solto um gemido e afasto ainda mais as pernas.

— Boa menina — diz ele em voz baixa.

Com o dedo, ele traça uma linha pelas minhas costas, passando pela minha bunda, bem na junção das nádegas, até atingir meu ânus, que se contrai ao ser tocado.

— Vamos nos divertir com isso aqui — sussurra ele.

Porra!

Seu dedo continua pelo meu períneo e lentamente desliza para dentro de mim.

— Vejo que você está bem molhada, Anastasia. De antes ou de agora?

Solto um gemido, e ele enfia e tira o dedo, várias vezes. Empurro o quadril contra a sua mão, saboreando a invasão.

— Ah, Ana. Acho que é por causa das duas coisas. Acho que você adora ficar aqui, assim. Minha.

Adoro — ah, eu adoro. Ele tira o dedo e me dá outra palmada forte.

— Conte para mim — sussurra, a voz ríspida e rouca.

— Sim, eu adoro — choramingo.

Ele me bate forte novamente e eu grito; depois, enfia dois dedos dentro de mim. Retira-os imediatamente, lambuzando a secreção por cima e ao redor do meu ânus.

— O que você vai fazer? — pergunto, ofegante. Minha nossa... será que ele vai comer meu cu?

— Não é o que você está pensando — fala ele baixinho, tranquilizando-me. — Já disse, um passo de cada vez, baby.

Ouçó o leve barulho de um líquido ser derramado, provavelmente de um tubo, e então seus dedos estão me massageando ali de novo. Ele está me lubrificando... ali! Eu me contorço, meu medo lutando contra a excitação do desconhecido. Ele me dá mais uma palmada, mais embaixo dessa vez, atingindo meu sexo. Dou um gemido. Isso é tão... tão gostoso.

— Fique quieta — diz ele. — E não solte.

— Ah...

— É lubrificante.

Ele me lambuza ainda mais. Tento não me mexer por baixo dele, mas meu coração está aos pulos e meu pulso descontrolado, o

desejo e a ansiedade crescendo dentro de mim.

— Eu queria fazer isso com você já faz algum tempo, Ana.

Solto um som abafado. E sinto algo frio, frio como metal, descer pela minha espinha.

— Tenho um presentinho para você aqui — sussurra Christian.

Uma imagem de nossa sessão de demonstração vem à minha mente. *Putá merda*. Um plugue anal. Christian o desliza pelo espaço entre minhas nádegas.

Cacete.

— Vou meter isso em você, bem devagar.

Estou arfando, eletrificada pela expectativa e pela ansiedade.

— Vai doer?

— Não, baby. É pequeno. Mas quando estiver todo lá dentro, vou te comer com força.

Quase tenho um convulsão. Curvando-se sobre mim, ele me beija novamente entre as omoplatas.

— Pronta? — Sua voz é um sussurro.

Pronta? Eu estou pronta para isso?

— Sim — murmuro baixinho, a boca seca.

Ele desliza outro dedo entre meu ânus e o períneo e o enfia em mim. Porra, é o polegar. Ele envolve meu sexo com a mão e seus dedos acariciam meu clitóris. Eu gemo... é tão... bom. E suavemente, enquanto seus dedos estão operando aquela mágica, ele empurra o plugue frio dentro de mim, devagarzinho.

— Ah!

Solto um gemido forte, e meus músculos protestam contra a intrusão. Ele faz um círculo dentro de mim com o polegar e empurra com ainda mais força o plugue, que se encaixa facilmente e não sei se é porque estou tão excitada ou se é porque ele me distraiu com seus dedos deliciosos, mas meu corpo parece aceitar. É pesado... esquisito... está ali!

— Ah, baby.

E eu posso senti-lo... no lugar onde o seu polegar gira, dentro de mim... e o plugue pressionando... ai... Lentamente ele gira o plugue, arrancando de mim um gemido que vem lá do fundo.

— Christian — falo baixinho, como se o nome dele fosse um mantra, enquanto me adapto a essa nova sensação.

— Boa menina.

Ele desliza a mão livre pelo meu corpo até chegar aos quadris. Devagar, tira o polegar, e eu ouço o som que denuncia a abertura do seu zíper. Segurando um dos lados do meu quadril, ele me puxa e afasta minhas pernas ainda mais, seu pé empurrando o meu.

— Não solte a mesa, Ana — avisa.

— Não vou soltar — respondo, ofegante.

— Quer que eu seja bruto? Avise se eu estiver sendo bruto demais. Entendeu?

— Entendi — respondo em um sussurro.

Ele entra em mim e me puxa para si ao mesmo tempo, empurrando o plugue cada vez mais fundo...

— Merda! — eu berro.

Ele para, sua respiração agora mais áspera, e estamos arquejantes no mesmo ritmo. Tento assimilar todas as sensações: a delícia de estar toda preenchida, o sentimento indescritível de estar fazendo algo proibido, o prazer erótico que exala de uma parte minha bem lá no fundo. Ele mexe o plug suavemente.

Meu Deus... Gemo de novo, e ouço sua respiração entrecortada — um sinal de prazer puro e genuíno. Que incendeia meu sangue. Será que alguma vez já me senti tão devassa?... tão...

— Quer mais? — sussurra ele.

— Quero.

— Relaxe — ordena. E sai de mim para me penetrar com força de novo.

Ai... era isso que eu queria.

— Isso... — sussurro.

Ele pega ritmo, a respiração mais difícil, junto com a minha, enquanto mete com força.

— Ah, Ana — balbucia.

Christian tira uma das mãos dos meus quadris e gira o plugue mais uma vez, puxando-o lentamente, depois o retira e o empurra de volta. A sensação é indescritível, e acho que vou desmaiar na mesa. Ele não perde o ritmo, movimentando-se dentro de mim cada vez mais forte e mais rápido, todo o interior do meu corpo tremendo e se contraindo.

— Puta que pariu — gemo. Isso vai me rasgar toda.

— Isso aí — diz ele, sibilando.

— Por favor... — imploro, e não sei exatamente pelo quê: para parar, para não parar nunca, para girar o plugue de novo. Meu corpo parece se contrair em volta dele e do plugue.

— Isso — fala ele, ofegante, e me dá uma palmada forte na bunda, e eu gozo: mais e mais, caindo, caindo, rodando, palpitando... e Christian tira o plugue com cuidado.

— Merda! — grito, e ele agarra meus quadris, imobilizando-me, e goza alto.

* * *

A MULHER AINDA está cantando. Christian sempre coloca as músicas para repetirem aqui. Estranho. Estou enroscada nos braços dele, nossas pernas entrelaçadas, minha cabeça descansando em seu peito. Estamos no chão do quarto de jogos, ao lado da mesa.

— Bem-vinda de volta — diz ele, retirando a venda dos meus olhos.

Fico piscando até meus olhos se ajustarem à luz fraca. Ele pega meu queixo e me beija na boca com carinho, seus olhos procurando os meus ansiosamente. Acaricio seu rosto. Ele sorri.

— E então, cumpri a tarefa? — pergunta ele, bem-humorado.

— Tarefa? — Franco a testa.

— Você queria alguma coisa bruta — diz ele suavemente.

Não posso evitar um sorriso.

— É, acho que sim...

Christian levanta as sobrancelhas e retribui o sorriso.

— Fico feliz em saber. Você está com uma cara de quem acabou de ser muito bem comida, e está linda. — Ele acaricia meu rosto, seus dedos compridos tocando minha face.

— É como eu me sinto — digo, quase ronronando.

Ele se curva para me beijar ternamente, os lábios macios, quentes e entregues.

— Você nunca me decepçiona. — Ele chega para trás a fim de me olhar nos olhos. — Como se sente? — Sua voz soa terna, preocupada.

— Bem — respondo num murmúrio, sentindo o rubor colorir meu rosto. — Muito bem comida. — Sorrio timidamente.

— Ora, Sra. Grey, mas que linguagem mais chula. — Ele se finge de ofendido, mas percebo seu tom de brincadeira.

— Isso é porque eu sou casada com um homem muito, muito pervertido, Sr. Grey.

Ele dá uma risada ridiculamente idiota — e é contagiosa.

— Que bom que você se casou com ele.

Carinhosamente ele pega minha trança, leva-a aos lábios e beija a ponta com um ar de reverência, os olhos brilhantes de amor. Ah, meu Deus... alguma vez eu seria capaz de resistir a esse homem?

Pego a sua mão esquerda e beijo sua aliança, um anel de platina simples igual ao meu.

— Meu — murmuro.

— Seu — responde ele, abraçando-me e enterrando o nariz no meu cabelo. — Quer que eu prepare um banho para você?

— Hmm. Só se você entrar comigo.

— Tudo bem.

Ele me coloca de pé e se levanta. Ainda está de calça jeans.

— Você vai vestir a sua... outra calça jeans?

Ele franze a testa.

— Outra calça?

— Aquela que você costumava usar aqui.

— Aquela? — murmura ele, piscando em surpresa, confuso.

— Você fica muito sexy naquela calça.

— Fico?

— Fica... muito sexy.

Ele sorri timidamente.

— Bem, para você, Sra. Grey, talvez eu use.

Ele se abaixa para me beijar e depois apanha na mesa a tigela com o plugue anal, o lubrificante, a venda e a minha calcinha.

— Quem limpa esses brinquedinhos? — pergunto, seguindo-o até a cômoda.

Ele levanta as sobrancelhas, como se não entendesse minha pergunta.

— Eu. A Sra. Jones.

— O quê?

Ele faz que sim, com um ar que me parece satisfeito e constrangido ao mesmo tempo. Ele desliga a música.

— Bom... é...

— Eram as suas submissas que faziam isso? — termino a frase. Ele dá de ombros, como que se desculpando.

— Tome.

Ele me passa sua camisa, que eu visto, puxando-a ao redor do meu corpo. Seu perfume ainda está entranhado no linho, e logo esqueço minha preocupação com a limpeza do plugue anal. Ele deixa tudo em cima da cômoda, pega minha mão e, destrancando a porta do quarto de jogos, me conduz para fora dali, descendo as escadas. Eu me deixo levar.

A ansiedade, o mau humor, a emoção, o medo e a excitação da perseguição — tudo sumiu. Sinto-me relaxada; finalmente saciada e tranquila. Quando entramos no banheiro, bocejo alto e me espreguiço... à vontade comigo mesma, para variar.

— O que foi? — pergunta Christian ao abrir a torneira.

Balanço a cabeça em negativa.

— Conte para mim — pede ele, suavemente.

Vejo-o despejar óleo de banho de jasmim na água, inebriando o ambiente com o aroma doce e sensual.

Fico corada.

— Estou me sentindo melhor, só isso.

Ele sorri.

— É, hoje você estava meio estranha, Sra. Grey. — Ele ergue as costas e me pega nos braços. — Sei que você está preocupada com os acontecimentos recentes. Lamento que você tenha sido envolvida nisso. Não sei se é uma vingança, um ex-funcionário ou um concorrente. Se acontecer alguma coisa com você por minha causa... — Sua voz torna-se um sussurro doloroso. Eu o envolvo em meus braços.

— E se algo acontecer com você, Christian? — digo, expressando meu medo.

Ele me fita.

— Vamos dar um jeito. Agora tire a camisa e entre no banho.

— Você não tem que falar com o Sawyer?

— Ele pode esperar.

Sua boca se retesa, e de repente sinto pena de Sawyer. O que será que ele fez para aborrecer Christian?

Ele me ajuda a tirar a camisa e franze a testa quando me viro para ele. Meus seios ainda trazem manchas esmaecidas dos chupões da nossa lua de mel, mas decido não provocá-lo com isso.

— Será que o Ryan conseguiu alcançar o Dodge?

— Vamos saber, mas só depois do banho. Entre.

Ele me oferece a mão. Entro na água morna e perfumada e me sento aos poucos.

— Ai. — Meu ânus está sensível e a água quente me faz estremecer.

— Devagar, baby — diz Christian, mas assim que ele fala, a sensação desagradável desaparece.

Christian tira a roupa e também entra na banheira, sentando-se atrás de mim e me puxando para junto de seu peito. Eu me aninho entre as pernas dele e ficamos ali, felizes, aproveitando a água morna. Deslizo os dedos pelas suas pernas e ele brinca com a minha trança.

— Precisamos rever as plantas da casa nova. Pode ser hoje mais tarde?

— Claro.

Aquela mulher vem aqui novamente. Meu inconsciente desvia os olhos do volume três das *Obras completas de Charles Dickens* e me fuzila com o olhar. Concordo com o meu inconsciente. Suspiro. Infelizmente, as curvas de Gia Matteo são impressionantes.

— Tenho que organizar minhas coisas para voltar ao trabalho — sussurro.

Ele para tudo.

— Você sabe que não precisa voltar a trabalhar — diz ele.

Ah, não... de novo não.

— Christian, já discutimos isso. Por favor, não desenterre essa questão.

Ele puxa minha trança e meu rosto se ergue para trás.

— Só estou dizendo... — E me beija ternamente.

VISTO UMA CALÇA de moletom e uma camiseta de alça e resolvo ir pegar minhas roupas no quarto de jogos. Quando passo pelo corredor, ouço Christian aos brados no escritório. Paro na mesma hora.

— Onde é que você se meteu, porra?

Que merda. Ele está gritando com Sawyer. Meu corpo se tensiona e eu disparo para cima rumo ao quarto de jogos. Quero fugir dali para não ouvir o que Christian está dizendo a Sawyer — ainda acho assustador o Christian que grita. Coitado do Sawyer. Pelo menos eu posso gritar de volta.

Junto minhas roupas e o sapato de Christian e então reparo que a pequena tigela de porcelana com o plugue anal continua sobre a cômoda. *Bem... Acho que devo limpar isso.* Acrescento à pilha de coisas que eu já levava e desço as escadas de volta. Dou uma olhada nervosa para a sala, mas está tudo quieto. Graças a Deus.

Taylor deve voltar amanhã à noite; Christian geralmente fica mais calmo com ele por perto. Taylor foi passar os dias de hoje e amanhã com a filha. Será que algum dia vou conhecê-la?, pergunto-me distraidamente.

Dou com a Sra. Jones vindo da área de serviço. Nós duas levamos um susto.

— Sra. Grey, não tinha visto a senhora. — Ah, então agora sou a Sra. Grey!

— Olá, Sra. Jones.

— Bem-vinda, e meus parabéns. — Ela sorri.

— Por favor, me chame de Ana.

— Sra. Grey, eu não ficaria à vontade.

Ah! Por que tudo deve mudar apenas pelo fato de eu ter um anel no dedo?

— A senhora gostaria de conferir o cardápio para a semana? — pergunta ela, demonstrando certa expectativa.

Cardápio?

— Hmm... — Essa é uma pergunta que eu nunca imaginei ouvir. Ela sorri.

— Quando comecei a trabalhar para o Sr. Grey, todo domingo à noite ele repassava comigo o cardápio para a semana e fazia uma lista do que eu teria que comprar no mercado.

— Entendo.

— Quer que eu leve isso para a senhora?

Ela estende as mãos para pegar as roupas.

— Ah... hum. Na verdade, ainda vou usar essas coisas.

E as roupas estão escondendo o potinho com o plugue! Fico vermelha. É impressionante que eu ainda possa encarar a Sra. Jones. Ela sabe o que fazemos — ela limpa o quarto de jogos. Credo, que esquisito não ter privacidade.

— Quando quiser, Sra. Grey. Vai ser ótimo repassar as coisas com a senhora.

— Obrigada.

Somos interrompidas por um Sawyer lívido, que sai do escritório de Christian e atravessa a sala a passos largos. Ele nos cumprimenta rapidamente, sem encarar a nenhuma de nós duas, e se refugia no escritório de Taylor. Fico aliviada com sua aparição, pois no momento não estou muito a fim de conversar sobre cardápios ou plugues anais com a Sra. Jones. Dando-lhe um breve sorriso, volto apressadamente para o quarto. Será que algum dia vou me acostumar a ter criados em casa à minha disposição? Balanço a cabeça... um dia, quem sabe.

Jogo os sapatos de Christian no chão e minhas roupas na cama, e levo para o banheiro o potinho com o plugue anal. Observo desconfiada o pequeno objeto. Parece inofensivo e surpreendentemente limpo. Para acabar logo com isso, lavo-o rapidamente com água e sabão. Será suficiente? Vou ter que perguntar ao Sr. Especialista em Sexo se deve ser esterilizado ou algo do gênero. Sinto um arrepio só de pensar.

* * *

GOSTEI DE CHRISTIAN ter deixado a biblioteca para o meu uso. Agora ela está mobiliada com uma bela escrivaninha de madeira branca onde posso trabalhar. Pego meu laptop e verifico as anotações que fiz sobre os cinco manuscritos que li durante nossa lua de mel.

Pronto, tenho tudo de que preciso. Uma parte de mim está apreensiva com a volta ao trabalho, mas jamais poderei confessar isso a Christian. Ele aproveitaria a oportunidade para me fazer sair

de lá. Lembro-me da reação apoplética de Roach quando lhe contei que ia me casar e com quem, e também de que, pouco tempo depois, meu cargo foi confirmado. Percebo agora que era porque eu ia me casar com o chefe. Não é um pensamento bem-vindo. Não sou mais assistente — sou Anastasia Steele, editora.

Ainda não encontrei coragem para contar a Christian que não vou mudar meu nome no trabalho. Acho meus motivos consistentes. Preciso manter alguma distância dele, mas sei que vai dar briga quando ele finalmente descobrir. Talvez eu deva discutir isso com ele à noite.

Ajeitando-me na cadeira, dou início à minha última tarefa do dia. Verifico o relógio digital do laptop, que indica serem sete horas da noite. Christian ainda não saiu do escritório, então tenho algum tempo. Retiro o cartão de memória da câmera Nikon e o conecto ao laptop para transferir as fotos. Enquanto espero as fotos descarregarem, reflito sobre o que se passou no dia. Será que Ryan já voltou? Ou ainda está a caminho de Portland? Será que ele alcançou a tal mulher misteriosa? Será que Christian teve notícias dele? Queria algumas respostas. Não me importa que Christian esteja ocupado; quero saber o que está acontecendo, e subitamente me sinto um pouquinho ressentida por ele me manter no escuro. Então eu me levanto, com a intenção de confrontá-lo no seu escritório, mas justo nesse momento as fotos dos últimos dias de nossa lua de mel começam a surgir na tela.

Caramba!

Milhares de fotos minhas. Dormindo, muitas fotos em que estou dormindo, meu cabelo caído no rosto ou espalhado no travesseiro, os lábios entreabertos... droga — chupando o dedo. Não chupo o dedo há anos! Tantas fotos... Eu não tinha ideia de que ele tinha tirado isso tudo. Tem algumas sequências longas e meigas, entre elas uma em que estou debruçada sobre a amurada do iate, o olhar perdido à frente. Como eu não notei que estava sendo fotografada? Não contenho um sorriso quando me vejo enroscada por baixo dele, rindo — meu cabelo voando enquanto tento me desvencilhar dos seus dedos, que me atormentavam com as cócegas. E há uma outra de nós dois na cama da cabine, que ele mesmo tirou, esticando o braço. Estou aninhada em seu peito e ele olha para a

câmera, um ar jovem, os olhos bem abertos... apaixonado. Sua outra mão está apoiada na minha cabeça, e eu sorrio como uma boba louca de amor, sem conseguir desviar os olhos de Christian. Ah, meu querido marido, o cabelo pós-foda todo despenteado, os olhos cinzentos brilhando, os lábios entreabertos e sorrindo. Meu lindo marido, que não suporta sentir cócegas, que não suportava ser tocado até pouco tempo mas que agora tolera meu toque. Tenho que lhe perguntar se ele gosta ou se me deixa tocá-lo não pelo seu próprio prazer, mas pelo meu.

Olho para sua imagem com as sobrancelhas franzidas, subitamente tomada pelos sentimentos que tenho por ele. Alguém em algum lugar tem a intenção de lhe fazer mal — primeiro o *Charlie Tango*, depois o incêndio na sede da empresa, e em seguida esse maldito carro nos perseguindo. Engulo em seco, levando a mão à boca quando um soluço involuntário me escapa. De um salto eu me levanto, abandonando o computador, e saio a procurá-lo — agora não mais para confrontá-lo, apenas para ter certeza de que ele está são e salvo.

Sem me dar o trabalho de bater à porta, irrompo em seu escritório. Christian está a sua mesa, falando ao telefone. Ele ergue um olhar de contrariedade e surpresa, mas a irritação em seu rosto some quando ele vê que sou eu.

— Mas então, não dá para ampliar mais? — pergunta, continuando a conversa ao telefone mas mantendo os olhos em mim.

Sem hesitação, circundo sua mesa, e ele, franzindo o cenho, vira a cadeira para ficar de frente para mim, uma expressão intrigada no rosto. Percebo que ele está pensando: O que será que ela quer? Quando monto nele, suas sobrancelhas se erguem de súbito, em surpresa. Coloco os braços em volta de seu pescoço e me aconchoo em seu corpo. Ele cautelosamente me envolve com um braço.

— Hmm... É, Barney. Pode esperar um momento? — E encosta o aparelho no ombro. — Ana, aconteceu alguma coisa?

Balanço a cabeça em negativa. Levantando meu queixo, ele me olha bem nos olhos. Solto a cabeça da mão dele e a deito embaixo

do seu queixo, aninhando-me ainda mais em seu colo. Intrigado, ele me aperta ainda mais em seu braço e me beija no alto da cabeça.

— Certo, Barney, o que você estava dizendo? — continua Christian, segurando o telefone contra a orelha com o ombro, e digita uma tecla no laptop.

Uma imagem granulada e em preto e branco de circuito fechado de TV surge na tela, revelando um homem de cabelo escuro vestindo um macacão claro. Christian pressiona outra tela e o homem está caminhando em direção à câmera, mas de cabeça baixa. Quando ele se aproxima, Christian congela a imagem. É uma sala branca e muito iluminada, e à esquerda do homem vemos o que parece ser uma série de armários escuros. Deve ser a sala dos servidores da empresa.

— Ok, Barney, mais uma vez.

A tela ganha vida. Uma janela aparece em volta da cabeça do homem na gravação do circuito fechado e de repente é ampliada. Eu levanto o corpo, fascinada.

— É o Barney que está fazendo isso? — pergunto baixinho.

— É — responde Christian. — Tem como definir melhor a foto? — pergunta ele a Barney.

A imagem fica borrada mas depois ganha foco novamente, definindo um pouco melhor o homem que propositadamente olha para baixo, evitando a câmera. Enquanto o observo, sinto na espinha um calafrio de reconhecimento. Há algo de familiar na linha do seu maxilar. Ele tem um cabelo estranho, é curto, preto e seboso, todo desgrenhado... e na imagem melhorada, percebo um brinco, uma argolinha.

Putá merda! Eu sei quem é.

— Christian — sussurro —, é Jack Hyde.

CAPÍTULO SETE

—Você acha? — pergunta Christian, surpreso.

— É a linha do maxilar. — Aponto para a tela. — E os brincos e o formato dos ombros. E ele tem o mesmo porte também. Deve estar usando uma peruca; ou então cortou e pintou o cabelo.

— Barney, você ouviu isso? — Christian pousa o telefone sobre a mesa e ativa o viva-voz. — Aparentemente você conhece o seu ex-chefe nos mínimos detalhes, Sra. Grey — murmura, e não parece nem um pouco satisfeito. Olho zangada para ele, mas sou salva por Barney.

— Sim, senhor, ouvi o que a Sra. Grey disse. Estou agora mesmo passando toda a gravação digitalizada do circuito fechado de TV por um software de reconhecimento de fisionomia. Vamos ver por onde mais esse filho da puta... perdão, madame: onde esse homem esteve dentro da empresa.

Olho ansiosa para Christian, que ignora o xingamento de Barney. Está examinando a foto na tela bem de perto.

— Por que ele faria isso? — pergunto a Christian.

Ele dá de ombros.

— Vingança, talvez. Não sei. Não dá para entender por que algumas pessoas se comportam de determinada maneira. Só estou com raiva de você ter trabalhado tão próxima dele. — Seus lábios se apertam, formando uma linha tensa e fina, e ele passa o braço pela minha cintura.

— Temos também o conteúdo do hard drive dele, senhor — acrescenta Barney.

— Sim, eu me lembro. Você tem o endereço do Sr. Hyde? — pergunta Christian, ríspidamente.

— Tenho sim, senhor.

— Alerte Welch.

— Com certeza. Também vou dar uma olhada nas imagens das câmeras de segurança da cidade e ver se consigo rastrear os movimentos dele.

— Procure saber qual é o carro dele.

— Sim, senhor.

— Barney pode fazer tudo isso? — sussurro.

Christian faz que sim e abre um sorriso presunçoso.

— O que tem no hard drive? — sussurro.

O rosto de Christian se endurece e ele balança a cabeça.

— Nada de mais — diz, os lábios apertados, o sorriso fechado.

— Conte.

— Não.

— É sobre você ou sobre mim?

— Sobre mim. — Ele suspira.

— Que tipo de coisa? Seu estilo de vida?

Christian balança a cabeça em negativa e encosta o dedo indicador nos meus lábios para me fazer calar a boca. Faço cara feia para ele. Mas ele aperta os olhos, e é um aviso claro de que devo segurar a língua.

— É um Camaro 2006. Vou mandar os detalhes para Welch também — diz Barney, animadamente, ao telefone.

— Ótimo. Quero que você me avise em que outros lugares do meu prédio esse canalha andou. E compare essa imagem com a foto que consta no arquivo de funcionários da SIP. — Christian me encara, cético. — Quero ter certeza de que é ele.

— Já fiz isso, senhor, e a Sra. Grey tem razão. É mesmo Jack Hyde.

Abro um sorriso largo. *Viu?* Posso ser útil. Christian acaricia minhas costas.

— Muito bem, Sra. Grey. — Ele sorri, o rancor de antes já esquecido. E, dirigindo-se a Barney, diz: — Quero que me informe quando tiver rastreado todos os movimentos dele no QG. E também verifique se ele teve acesso a outras propriedades da GEH e avise à equipe de segurança para que possam fazer outra varredura em todos os prédios.

— Sim, senhor.

— Obrigado, Barney. — Christian desliga.

— Ora, ora, Sra. Grey, parece que você não é só decorativa, mas útil também.

Seus olhos se iluminam com uma expressão de diversão maldosa. Sei que ele está me provocando.

— Decorativa? — zombo, entrando na provocação.

— Muito — fala ele baixinho, plantando um selinho carinhoso em meus lábios.

— Você é muito mais decorativo do que eu, Sr. Grey.

Ele sorri e me beija com mais força, enrolando minha trança no seu pulso e me envolvendo em seus braços. Quando paramos para tomar fôlego, meu coração está disparado.

— Está com fome? — pergunta ele.

— Não.

— Eu estou.

— Fome de quê?

— Bem... De comida, na verdade.

— Vou preparar alguma coisa para você. — Dou uma risadinha.

— Adoro ouvir isso.

— Eu oferecendo comida para você?

— Você rindo.

Ele beija meu cabelo e eu me levanto.

— E então, o que gostaria de comer, senhor? — pergunto docemente.

Ele aperta os olhos.

— Está sendo gentil, Sra. Grey?

— Sempre, Sr. Grey.

Ele abre um sorriso de esfinge.

— Olhe que ainda posso deitar você no meu joelho — murmura ele, sedutoramente.

— Eu sei. — Sorrio. E, apoiando-me nos braços da sua cadeira, inclino-me e lhe dou um beijo. — Essa é uma das coisas que eu amo em você. Mas guarde as palmadas para depois. Agora você está com fome.

Ele abre seu sorriso de menino, e meu coração se derrete.

— Ah, Sra. Grey, o que eu vou fazer com você?

— Vai responder à minha pergunta: o que quer comer?

— Alguma coisa leve. Surpreenda-me — diz ele, repetindo minhas palavras no quarto de jogos hoje mais cedo.

— Vou ver o que posso fazer.

Saio rebolando do escritório e vou à cozinha. Mas desanimo quando encontro a Sra. Jones lá.

— Olá, Sra. Jones.

— Sra. Grey. Quer comer algo?

— Hmm...

Ela está mexendo uma panela no fogão, algo com um cheiro delicioso.

— Eu ia fazer sanduíches para o Sr. Grey e para mim.

Ela faz uma pausa por uma fração de segundo.

— Claro — diz ela. — O Sr. Grey gosta de baguete. Tem no congelador já cortada para sanduíche. Posso preparar para a senhora, madame.

— Eu sei. Mas eu gostaria de fazer.

— Entendo. Vou abrir um espaço para a senhora.

— O que está cozinhando?

— Molho à bolonhesa. Vocês podem usar a qualquer momento. Vou congelar. — Ela sorri calorosamente e abaixa o fogo.

— Hmm... De que o Christian gosta quando vai comer... um sanduíche?

Fico meio constrangida com o que acabei de falar. Será que a Sra. Jones vai entender o duplo sentido?

— A senhora pode usar qualquer coisa, desde que seja na baguete ele vai comer.

Sorrimos uma para a outra.

— Tudo bem, obrigada.

Vou até o congelador e pego o pão já cortado, embalado em um saco ziploc. Ponho dois pedaços em um prato, enfio no micro-ondas e coloco para descongelar.

A Sra. Jones desapareceu. FRANZO a testa e volto para a geladeira para procurar ingredientes. Suponho que dependerá de mim estabelecer os parâmetros sob os quais eu e a Sra. Jones vamos operar. Gosto da ideia de cozinhar para Christian nos fins de semana. Será ótimo ter a Sra. Jones para se ocupar dessa tarefa durante a semana — a última coisa que eu vou querer fazer quando

chegar do trabalho vai ser cozinhar. Hmm... Um pouco como a rotina de Christian com suas submissas. Balanço a cabeça. Não devo pensar muito nisso. Encontro presunto na geladeira e um abacate perfeitamente maduro.

Quando estou adicionando uma pitada de sal e gotas de limão ao abacate amassado, Christian surge do escritório com as plantas da casa nova nas mãos. Ele as coloca no balcão, vem todo alegre até onde estou e me abraça, beijando meu pescoço.

— Descalça e na cozinha — murmura ele.

— O comentário machista não é descalça e grávida na cozinha?

— Abro um sorriso malicioso.

Ele fica imóvel, o corpo inteiro tenso contra o meu.

— Ainda não — declara ele, com uma evidente apreensão na voz.

— Não! Ainda não!

Ele relaxa.

— Nisso nós concordamos, Sra. Grey.

— Mas você quer filhos, não quer?

— Quero, claro. Mais para a frente. Ainda não estou pronto para dividir você. — E beija meu pescoço de novo.

Ah... *dividir*?

— O que você está fazendo? Parece gostoso.

Ele me beija atrás da orelha, e sei que é para me distrair. Um arrepio delicioso desce pela minha espinha.

— Coisas gostosas de comer. — Sorrio maliciosamente, recuperando meu senso de humor.

Ele sorri contra meu pescoço e mordisca o lóbulo da minha orelha.

— Meu prato preferido.

Dou uma cotovelada nele.

— Sra. Grey, assim você me machuca. — Ele aperta a lateral do corpo como se estivesse sentindo dor.

— Fracote — murmuro, em tom de desaprovação.

— Fracote? — repete ele, sem acreditar. E dá uma palmada na minha bunda, fazendo-me soltar um gritinho. — Ande logo com a minha comida, criada. E mais tarde vou lhe mostrar o fracote que eu

sou. — Ele me dá mais uma palmada de brincadeira e vai até a geladeira. — Quer uma taça de vinho?
— Por favor.

* * *

CHRISTIAN ESPALHA SOBRE o balcão da cozinha as plantas feitas por Gia. Ela realmente tem ideias espetaculares.

— Adoro a proposta de fazer a parede atrás da escada toda de vidro, mas...

— Mas? — ele logo indaga.

Suspiro.

— Não quero perder todo o caráter da casa.

— Caráter?

— É. O que a Gia está propondo é bem radical, mas... bem... eu me apaixonei pela casa como ela é... com seus defeitos e qualidades.

A testa de Christian franze como se isso fosse um anátema para ele.

— Eu meio que gosto do jeito que é — sussurro. Será que isso vai irritá-lo?

Ele me observa fixamente.

— Quero que essa casa seja do jeito que você quiser. O que você quiser. Ela é sua.

— Eu quero que você também goste da casa. Que também fique feliz lá.

— Vou ficar feliz onde você estiver. É simples assim, Ana.

Seu olhar sustenta o meu. Ele está sendo sincero, inteiramente sincero. Apenas o olho, sentindo meu coração se expandir. *Nossa, ele realmente me ama.*

— Bem — engulo em seco, brigando com o pequeno nó de emoção preso na garganta —, eu gosto da parede de vidro. Talvez possamos pedir a ela para incorporar na casa de uma maneira mais harmoniosa.

Christian sorri.

— Claro. O que você quiser. O que acha das plantas para o andar de cima e para o porão?

— Isso eu achei legal.

— Ótimo.

Ok... Fico toda tensa para fazer a pergunta de um milhão de dólares:

— Quer acrescentar um quarto de jogos?

Sinto o rubor tão familiar aparecer no meu rosto quando lanço a pergunta. As sobrancelhas de Christian se erguem imediatamente.

— Você quer? — replica ele, surpreso e ao mesmo tempo se divertindo com a discussão.

Dou de ombros.

— Ah... Se você quiser.

Ele me analisa por um momento.

— Por enquanto vamos deixar nossas opções em aberto. Afinal, vai ser uma casa de família.

Fico surpresa com o desapontamento que sinto. Acho que ele tem razão... Mas quando será que teremos uma família? Pode levar anos.

— Além disso, podemos improvisar.

— Eu gosto de improvisos — sussurro.

Ele dá um grande sorriso.

— Tem mais uma coisa que eu quero discutir com você.

Christian aponta para o nosso quarto, e começamos uma discussão detalhada sobre os banheiros e os closets separados.

* * *

QUANDO TERMINAMOS, são nove e meia da noite.

— Vai voltar a trabalhar? — pergunto enquanto Christian enrola as plantas.

— Se você não quiser, eu não volto. — Ele sorri. — O que quer fazer?

— Podíamos ficar vendo TV.

Não quero ler nem ir para a cama... ainda não.

— Tudo bem — concorda Christian prontamente, e vamos juntos até a sala de TV.

Já ficamos sentados aqui umas três vezes, talvez quatro, e Christian em geral lê um livro. Ele não se interessa nem um pouco

por televisão. Eu me aconchego ao seu lado no sofá, sentada em cima das minhas pernas dobradas e descansando a cabeça em seu ombro. Ele liga a TV de tela plana com o controle remoto e zapeia despreocupadamente pelos canais.

— Alguma bobagem específica que você queira ver?

— Você não gosta muito de TV, não é? — murmuro sardonicamente.

Ele balança a cabeça.

— Perda de tempo. Mas vou ver alguma coisa com você.

— Achei que podíamos dar uns amassos.

Ele vira o rosto rapidamente para mim.

— Amassos? — E me encara como se eu tivesse duas cabeças. Até interrompe a interminável troca de canais, parando numa novela espanhola de imagem estourada.

— É. — *Por que ele parece tão horrorizado?*

— Podemos ir para a cama e dar uns amassos.

— A gente faz isso o tempo todo. Quando foi a última vez que você deu uns amassos em frente à TV? — pergunto, tímida e provocante ao mesmo tempo.

Ele dá de ombros e balança a cabeça. Apertando o controle remoto de novo, troca mais alguns canais antes de escolher um episódio antigo de *Arquivo X*.

— Christian?

— Eu nunca fiz isso — diz calmamente.

— Nunca?

— Não.

— Nem mesmo com a Mrs. Robinson?

Ele faz um som de desprezo.

— Baby, eu fiz muitas coisas com a Mrs. Robinson. Dar uns amassos não foi uma delas. — Ele sorri maliciosamente para mim e então aperta os olhos com uma curiosidade divertida. — Você já fez?

Fico corada.

— Claro. — Bem, mais ou menos...

— O quê? Com quem?

Ah, não. Não quero ter essa conversa.

— Conte para mim — insiste ele.

Olho para meus dedos entrelaçados. Ele delicadamente cobre minhas mãos com a dele. Quando levanto os olhos, ele está sorrindo para mim.

— Quero saber. Para eu fazer esse cara em pedacinhos, seja quem for.

Dou uma risada.

— Bem, a primeira vez...

— A primeira vez! Teve mais de um canalha? — rosna ele.

Dou outro risinho.

— Por que a surpresa, Sr. Grey?

Ele franze a testa por um instante, passa a mão no cabelo e me olha como se me visse por uma luz completamente diferente. Depois dá de ombros.

— Só estou surpreso. Quer dizer... dada a sua pouca experiência.

Fico corada.

— Já me atualizei bastante desde que estamos juntos.

— É verdade. — Ele sorri. — Mas conte. Quero saber.

Encaro seus pacientes olhos cinzentos, tentando descobrir qual o seu estado de espírito. Será que isso vai deixá-lo aborrecido ou será que ele quer mesmo saber? Não quero vê-lo irritado... Ele fica impossível quando está irritado.

— Você realmente quer que eu diga?

Ele faz que sim com a cabeça, apenas uma vez, e seus lábios se torcem em um sorriso arrogante e bem-humorado.

— Morei por pouco tempo no Texas com a minha mãe e o Marido Número Três dela. Eu estava no segundo ano do ensino médio. O nome dele era Bradley. Era a minha dupla no laboratório de física.

— Quantos anos você tinha?

— Quinze.

— E o que ele está fazendo agora?

— Não sei.

— E até onde vocês chegaram?

— Christian! — repreendo-o.

E de repente ele agarra meus joelhos, depois meus tornozelos, e me levanta de modo a me fazer cair de costas no sofá, para depois

colocar-se suavemente sobre mim, prendendo-me embaixo de si, uma perna entre as minhas. É tão rápido que eu grito de surpresa. Ele pega minhas mãos e as levanta acima da minha cabeça.

— Então, esse Bradley... Ele levou a bola até a grande área? — murmura ele, roçando o nariz pelo meu e me dando beijinhos suaves no canto da boca.

— Levou — digo contra sua boca.

Ele solta uma das mãos para poder apertar meu queixo e me segurar enquanto sua língua invade a minha boca, e eu me entrego ao seu beijo ardente.

— Assim? — sussurra Christian ao tomar fôlego.

— Não... nada parecido — respondo, e todo o meu sangue parece fluir para o sul do meu corpo.

Soltando meu queixo, ele percorre meu corpo com a mão e chega até os seios.

— Ele fez isso? Tocou você assim?

Seu polegar desliza por sobre a minha blusa em meu mamilo, suave e repetidamente, até deixá-lo enrijecido com seu toque hábil.

— Não. — Eu me contorço embaixo dele.

— Ele chegou a passar pela marca do pênalti? — murmura ele no meu ouvido.

Sua mão desce para minhas costelas, passa pela minha cintura e vai até meus quadris. Ele pega um lóbulo da minha orelha com os dentes e puxa delicadamente.

— Não — sussurro.

Na TV, Mulder fala alguma coisa sobre os elementos mais indesejados do FBI.

Christian para, levanta o corpo e aperta o “mudo” no controle remoto. Depois me olha.

— E o sujeito número dois? Chegou à marca do pênalti com você?

Seus olhos ardem em fogo... Irado? Excitado? É difícil dizer. Ele desliza o corpo para o meu lado e leva a mão para dentro da minha calça de moletom.

— Não — sussurro, presa no seu olhar carnal. Christian sorri maldosamente.

— Ótimo. — Ele coloca a mão no meu sexo. — Sem calcinha, Sra. Grey. Aprovado.

Ele me beija de novo à medida que seus dedos se mexem de maneira mais mágica, seu polegar deslizando sobre meu clitóris, provocando-me, enquanto empurra o dedo indicador para dentro de mim com uma lentidão primorosa.

— Eu só queria dar uns amassos — digo, gemendo.

Christian para.

— Não é o que estamos fazendo?

— Não. Sem sexo.

— O quê?

— Sem sexo...

— Sem sexo, é? — Ele tira a mão da minha calça. — Aqui.

Ele passa o indicador nos meus lábios, e sinto meu gosto salgado e pegajoso. Empurra o dedo para dentro da minha boca, imitando o que estava fazendo no minuto anterior. Então se vira e fica entre minhas pernas, sua ereção me pressionando. Dá estocadas uma, duas vezes, e de novo. Fico ofegante quando sua calça roça em mim do jeito certo. Ele empurra mais uma vez, espremendo-se contra meu corpo.

— É isso que você quer? — murmura ele, e move os quadris ritmadamente, se balançando contra mim.

— Isso — gemo.

Sua mão volta a se concentrar no meu mamilo e seus dentes arranham meu maxilar.

— Você tem ideia de como é gostosa, Ana?

Sua voz está rouca, e ele se movimenta com mais violência contra mim. Abro a boca para articular uma resposta, mas fracasso miseravelmente, gemendo alto. Ele captura minha boca mais uma vez, prendendo meu lábio inferior com os dentes antes de enfiar a língua de novo. Então solta meu outro pulso, e minhas mãos sobem avidamente pelos seus ombros e pelo seu cabelo enquanto nos beijamos. Quando puxo seu cabelo, ele geme e me olha nos olhos.

— Ah...

— Você gosta que eu toque em você? — sussurro.

Suas sobrancelhas se franzem rapidamente, como se ele não entendesse a pergunta. Ele para de pressionar o corpo contra o

meu.

— Claro que sim. Eu adoro que você me toque, Ana. Sou como um homem faminto em um banquete quando se trata do seu toque.

— Sua voz transmite uma sinceridade apaixonada.

Minha Nossa...

Ele se ajoelha entre as minhas pernas e me ergue para poder tirar minha blusa. Estou sem nada embaixo. Agarrando a barra da própria camisa, ele a passa por cima da cabeça e a joga no chão. Depois, ainda de joelhos, arrasta-me para o seu colo, os braços enganchados logo acima da minha bunda.

— Toque em mim — sussurra.

Caramba... Hesitantemente, estendo o braço e com as pontas dos dedos acaricio os pelos do seu peito sobre seu esterno, onde estão as cicatrizes das queimaduras. Ele inspira forte e suas pupilas dilatam, mas não é de medo. É uma resposta sensual ao meu toque. Ele me observa com atenção enquanto meus dedos dançam delicadamente sobre sua pele, primeiro em um mamilo e depois no outro. Eles se contraem com minhas carícias. Curvando-me para a frente, distribuo beijos suaves pelo peito dele, e minhas mãos se movem para seus ombros, sentindo as linhas firmes e definidas dos músculos e dos tendões. Uau... Ele está em boa forma.

— Eu quero você — murmura ele, acendendo o sinal verde para a minha libido.

Meus dedos penetram por entre seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para que eu possa ter acesso a sua boca, o fogo queimando alto e quente na minha barriga. Ele geme e me empurra de volta para o sofá, depois senta-se e arranca minha calça, abrindo a braguilha da dele ao mesmo tempo.

— Gol — sussurra, e rapidamente me preenche.

— Ah... — gemo, e ele para, segurando meu rosto entre as mãos.

— Eu amo você, Sra. Grey — murmura ele, e muito devagar, muito gentilmente, faz amor comigo até que eu desabe, gritando seu nome e me enroscando em volta dele, não querendo nunca soltá-lo.

ESTOU DEITADA ESPARRAMADA sobre seu peito. Estamos no chão da sala de TV.

— Sabe, você ignorou completamente a pequena área. — Meus dedos traçam uma linha nos seus músculos peitorais.

Ele ri.

— Fica para a próxima. — E me dá um beijo no alto da cabeça.

Olho para a tela da televisão, que está passando os créditos finais do *Arquivo X*. Christian alcança o controle remoto e coloca som de novo.

— Você gostava dessa série? — pergunto.

— Quando eu era criança.

Ah... Christian criança... kickboxing, *Arquivo X* e nenhum toque.

— E você? — pergunta ele.

— Não é da minha época.

— Você é tão jovem. — Christian sorri carinhosamente. — Eu gosto de dar uns amassos em você, Sra. Grey.

— Digo o mesmo, Sr. Grey.

Beijo seu peito, e ficamos deitados em silêncio vendo o *Arquivo X* terminar e começarem os comerciais.

— Foram três semanas perfeitas. Apesar da perseguição de carro, do incêndio e do ex-chefe psicopata. Foi como se estivéssemos numa bolha, só nós dois — murmuro sonhadoramente.

— Hmm... — sussurra Christian, do fundo da garganta. — Não sei se já estou pronto para dividir você com o resto do mundo.

— Amanhã voltamos à realidade — falo baixo, tentando disfarçar a melancolia em minha voz.

Christian suspira e passa a outra mão pelo cabelo.

— A segurança vai ficar mais rigorosa... — diz ele, mas levo o dedo aos seus lábios. Não quero ouvir isso de novo.

— Eu sei. Vou ficar bem. Prometo. — O que me faz lembrar... Mudo de posição, apoiando-me nos cotovelos para vê-lo melhor. — Por que você estava brigando com o Sawyer?

Ele enrijece o corpo imediatamente. *Ah, merda.*

— Porque nós fomos seguidos.

— Não foi culpa dele.

Ele me fita, nossos olhos no mesmo nível.

— Eles nunca deveriam ter deixado que você se afastasse tanto. Eles sabem disso.

Fico corada de culpa e volto à minha posição anterior, descansando no seu peito. Foi culpa minha. Eu é que queria me afastar deles.

— Isso não foi...

— Chega! — diz Christian, de repente rude. — Isso não está em discussão, Anastasia. É um fato, e eles não vão deixar que aconteça de novo.

Anastasia! Sou Anastasia quando levo bronca, assim como acontecia em casa com a minha mãe.

— Tudo bem — murmuro, acalmando-o. Não quero brigar. — O Ryan conseguiu alcançar a mulher no Dodge?

— Não. E não estou convencido de que era uma mulher.

— É mesmo? — Olho para cima de novo.

— O Sawyer viu alguém de cabelo preso, mas ele olhou rápido. Deduziu que fosse uma mulher. Mas agora que você identificou aquele filho da mãe, talvez fosse ele. Ele usava o cabelo daquele jeito. — O asco na voz de Christian é palpável.

Não sei o que fazer com essas novidades. Christian passa a mão pelas minhas costas nuas, distraíndo-me.

— Se acontecesse alguma coisa com você... — murmura ele, os olhos arregalados e sérios.

— Eu sei — sussurro. — Sinto o mesmo em relação a você. — Eu me arrepio só de pensar.

— Venha. Você está ficando com frio — diz ele, erguendo o corpo para sentar-se. — Vamos para a cama. Podemos passar pela pequena área lá.

Ele sorri maliciosamente, mais instável do que nunca, apaixonado, zangado, ansioso, sexy — meu Cinquenta Tons. Pego sua mão e ele me puxa para me levantar, e, sem um pedaço de pano sequer no corpo, sigo-o pela sala até o quarto.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, Christian aperta minha mão quando paramos o carro em frente à SIP. Ele tem toda a aparência do executivo

poderoso que é, com seu terno azul-marinho e uma gravata da mesma cor, e eu sorrio. Ele não se vestia assim tão chique desde o balé de Monte Carlo.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não sabe? — murmura Christian. Fico tentada a revirar os olhos para ele, impaciente.

— Eu sei — sussurro, pois não quero que Sawyer e Ryan, sentados no banco da frente do Audi, nos ouçam. Ele franze a testa e eu sorrio. — Mas é o que eu quero — continuo. — Você sabe disso. — Eu me inclino para lhe dar um beijo, mas sua expressão preocupada não desaparece. — O que foi?

Ele olha de soslaio para Ryan, um tanto incerto, e Sawyer salta do carro.

— Vou sentir falta de ter você só para mim.

Acaricio seu rosto.

— Eu também. — Dou-lhe um beijo. — Foi uma lua de mel maravilhosa. Obrigada.

— Vá trabalhar, Sra. Grey.

— Você também, Sr. Grey.

Sawyer abre a porta. Aperto a mão de Christian mais uma vez antes de saltar para a calçada. Ao entrar no prédio, dou-lhe um pequeno aceno. Sawyer abre a porta para mim e me segue até lá dentro.

— Oi, Ana. — Claire sorri atrás da mesa da recepção.

— Claire, olá. — Sorrio de volta.

— Você parece ótima. Como foi a lua de mel?

— Foi excelente, obrigada. Como vão as coisas por aqui?

— O velho Roach está o mesmo, só a segurança que foi intensificada e a nossa sala dos servidores está sendo inspecionada. Mas a Hannah vai contar tudo para você.

Claro que vai. Abro um sorriso amigável para Claire e vou para a minha sala.

Hannah é minha assistente. Ela é alta, magra e tão eficiente que às vezes me intimida um pouco. Mas ela é um doce comigo, apesar de ser uns dois anos mais velha que eu. Minha xícara de café com leite já está à minha espera — o único café que eu admito que ela pegue para mim.

— Oi, Hannah — digo calorosamente.

— Ana, como foi a lua de mel?
— Fantástica. Aqui... Para você.

Coloco na mesa o pequeno frasco de perfume que lhe trouxe de presente, e ela bate palmas de alegria.

— Ah, obrigada! — diz, empolgada. — A correspondência urgente está na sua mesa e o Roach quer falar com você às dez. Por enquanto é só.

— Ótimo. Obrigada. E obrigada também pelo café.

Entro na minha sala, apoio a maleta na mesa e olho para a pilha de cartas. Tenho muito o que fazer.

* * *

POUCO ANTES DAS dez horas ouço batidas tímidas na porta.

— Entre.

Elizabeth enfia a cabeça no vão da porta.

— Oi, Ana. Só queria lhe dar as boas-vindas.

— Oi. Devo admitir que, lendo toda essa correspondência, eu preferia voltar para o sul da França.

Elizabeth ri, mas sua risada é forçada. Inclino a cabeça para o lado e a encaro da mesma maneira que Christian faz comigo.

— Que bom que você voltou e que está bem — diz ela. — A gente se vê daqui a pouco, na reunião com o Roach.

— Ok — murmuro, e ela sai e fecha a porta.

Franzo a testa quando me vejo sozinha. *O que foi isso?* Dou de ombros, descartando o pensamento. Meu e-mail soa um alarme discreto — mensagem de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Esposas malcomportadas

Data: 22 de agosto de 2011 09:56

Para: Anastasia Steele

Esposa,

Mandei o e-mail abaixo e ele voltou.

Foi porque você não trocou o seu nome.

Quer me dizer alguma coisa?

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Anexado:

De: Christian Grey
Assunto: FW: Bolha
Data: 22 de agosto de 2011 09:32
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Adorei todos aqueles dribles e lances de futebol ontem à noite.

Tenha uma boa volta ao trabalho.

Já estou com saudades da nossa bolha.

Bj,

Christian Grey
CEO de Volta ao Mundo Real, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Merda. Aperto o “responder” imediatamente.

De: Anastasia Steele
Assunto: Não Estoure a Bolha
Data: 22 de agosto de 2011 09:58
Para: Christian Grey

Marido,

Adoro suas metáforas de futebol, Sr. Grey.

Quero manter meu nome de solteira aqui.

Explico melhor hoje à noite.

Estou indo para uma reunião.

Também sinto falta da nossa bolha...

P.S.: Achei que eu tivesse que usar meu BlackBerry

Isso vai dar briga. Já estou até vendo. Dou um suspiro e separo os papéis para a reunião.

* * *

A REUNIÃO DURA duas horas. Todos os editores estão presentes, além de Roach e Elizabeth. Discutimos questões de pessoal, estratégias, marketing, segurança e fim de ano. À medida que a reunião prossegue, fico cada vez mais desconfortável. Há uma sutil mudança na maneira como todos me tratam — uma distância e uma deferência que não existiam antes de eu sair em lua de mel. E por parte de Courtney, que gerencia o setor de não ficção, sinto uma hostilidade aberta. Talvez eu esteja apenas sendo paranoica, mas de certa forma explica as estranhas boas-vindas de Elizabeth hoje mais cedo.

Minha mente se perde e volta para o iate, depois para o quarto de jogos, e para o R8 fugindo veloz do misterioso Dodge na Interestadual 5. Talvez Christian tenha razão... Talvez eu não possa mais fazer isso. Essa ideia me deprime — isso é tudo que eu sempre quis fazer. Se eu não puder continuar aqui, o que vou fazer? Ao retornar para a minha sala, tento me livrar desses pensamentos sombrios.

De volta à minha mesa, checo rapidamente meus e-mails. Nenhuma mensagem nova de Christian. Pego o BlackBerry... Também nada. Bom. Pelo menos não houve uma reação adversa ao meu e-mail. Talvez possamos conversar sobre isso hoje à noite, como eu pedi. Acho difícil de acreditar, mas, ignorando meu sentimento de desconforto, abro o plano de marketing que me foi entregue durante a reunião.

* * *

COMO É NOSSO ritual na segunda-feira, Hannah vem até a minha sala trazendo um prato com o meu almoço embalado, cortesia da Sra.

Jones, e enquanto almoçamos juntas, discutimos as metas da semana. Ela também me atualiza das fofocas do escritório, que aliás — considerando que estive fora por três semanas — são bem escassas. Estamos conversando quando batem à porta.

— Pode entrar.

Roach abre a porta e ao seu lado está Christian. Fico momentaneamente muda. Christian me lança um olhar flamejante e entra, antes de sorrir educadamente para Hannah.

— Olá, você deve ser a Hannah. Sou Christian Grey — diz ele.

Hannah fica de pé meio desajeitada e estende a mão.

— Sr. Grey. P-prazer em conhecê-lo — gagueja ela ao apertar sua mão. — Posso lhe trazer um café?

— Por favor — responde ele, calorosamente.

Com um rápido e confuso olhar para mim, ela sai depressa da sala, passando por Roach, que está parado à porta tão mudo quanto eu.

— Se me der licença, Roach, eu gostaria de ter uma palavra com a *Srta.* Steele. — Ele pronuncia o “senhorita” lentamente... Sarcasticamente.

É por isso que ele está aqui... Ah, merda.

— Claro, Sr. Grey. Ana — murmura Roach, fechando a porta da minha sala ao sair.

Recupero a fala:

— Sr. Grey, que bom ver você. — Sorrio com extrema doçura.

— *Srta.* Steele, posso me sentar?

— A empresa é sua. — E indico a cadeira que Hannah acabou de vagar.

— De fato.

Ele sorri ferozmente para mim, mas seus olhos permanecem frios. Seu tom é ríspido. Ele está todo arrepiado de tensão — posso senti-la ao meu redor. *Merda.* Meu coração se aperta.

— Sua sala é bem pequena — diz ele ao se sentar à mesa de frente para mim.

— É o suficiente.

Ele me olha de maneira neutra, mas sei que está zangado. Respiro fundo. Isso não vai ser divertido.

— Então, o que posso fazer por você, Christian?

— Estou apenas conferindo meus bens.
— Seus bens? Todos eles?
— Todos eles. Alguns precisam de um reposicionamento.
— Reposicionamento? De que maneira?
— Acho que você sabe. — Sua voz é ameaçadoramente calma.
— Por favor... Não me diga que você interrompeu seu dia de trabalho depois de três semanas ausente para vir até aqui e brigar comigo por causa do meu nome. — *Eu não sou um maldito bem!*

Ele se ajeita na cadeira, cruza as pernas.

— Não exatamente brigar. Não.

— Christian, eu estou trabalhando.

— A mim pareceu que você estava fofocando com a sua secretária.

Minhas bochechas pegam fogo.

— Estávamos repassando nossas tarefas — falo rispidamente.

— E você não respondeu à minha pergunta.

Alguém bate à porta.

— Entre! — grito, e minha voz sai muito alta.

Hannah entra trazendo uma pequena bandeja. Jarra de leite, açucareiro, café fresco em uma cafeteira francesa — pensou em tudo. Ela coloca a bandeja na minha mesa.

— Obrigada, Hannah — murmuro, envergonhada por ter gritado.

— Precisa de mais alguma coisa, Sr. Grey? — pergunta ela, sem fôlego. Minha vontade é revirar os olhos para ela, mostrando que a visita dele não me agrada.

— Não, obrigado.

E ele abre um sorriso encantadoramente sedutor. Ela enrubesce e sai sorrindo timidamente. Christian volta a atenção novamente para mim.

— Onde estávamos mesmo, *Srta.* Steele?

— Você estava interrompendo rudemente meu dia de trabalho para brigar comigo por causa do meu nome.

Christian pisca uma vez — surpreso, eu acho, pela veemência da minha voz. Cuidadosamente, ele tira uma poeira invisível do seu joelho com os dedos compridos e habilidosos. É para distrair. Ele está fazendo de propósito. Aperto os olhos para ele.

— Gosto de fazer visitas-surpresa. Mantêm os gerentes nos eixos, as esposas nos lugares. Sabe como é. — Ele dá de ombros, e sua boca vira uma linha arrogante.

Esposas nos lugares!

— Eu não sabia que você tinha tempo sobrando para isso — disparo.

Seus olhos viram gelo.

— Por que você não quer mudar seu nome aqui? — pergunta ele, a voz mortalmente calma.

— Christian, temos que discutir isso agora?

— Eu estou aqui. Não vejo por que não discutirmos logo.

— Estou cheia de coisas para fazer, trabalho acumulado das últimas três semanas.

Seus olhos estão frios e avaliadores — distantes, até. É impressionante como ele pode parecer tão frio depois de ontem à noite, depois das últimas três semanas. *Merda*. Ele deve estar furioso — furioso mesmo. Quando é que ele vai aprender a encarar as coisas de uma forma mais equilibrada?

— Você tem vergonha de mim? — pergunta ele, a voz enganosamente suave.

— Não! Christian, é claro que não. — Faço cara feia para ele. — Não tem nada a ver com você.

Caramba, ele é exasperante às vezes. Um bobo de um megalomaníaco dominador.

— Como não tem nada a ver comigo?

Ele pende a cabeça para o lado, genuinamente perplexo, um pouco do seu distanciamento escoando à medida que me encara com olhos arregalados; e eu percebo que ele está magoado. *Que merda!* Eu o magoei. Ah, não... É a última pessoa que eu quero ver magoada. Tenho que fazê-lo enxergar a lógica. Tenho que explicar a razão da minha escolha.

— Christian, quando eu assumi esse emprego, tinha acabado de conhecer você — digo pacientemente, lutando para encontrar as palavras certas. — Não sabia que você ia comprar a empresa...

O que posso dizer desse evento na nossa curta história? Suas razões para fazê-lo eram todas insanas: sua mania de controlar tudo e sua tendência a sufocar aqueles que ama, tudo completamente

sem freio graças à sua espantosa riqueza. Sei que ele quer o meu bem, mas o problema fundamental aqui é o fato de ele ser dono da SIP. Se ele nunca tivesse interferido, eu poderia continuar agindo normalmente e não teria que enfrentar meus colegas de trabalho exibindo esse ar de desagrado e cochichando recriminações. Coloco a cabeça nas mãos, apenas para não precisar olhar nos olhos dele.

— Por que isso é tão importante para você? — pergunto, tentando desesperadamente manter a calma.

Encaro seu olhar impassível, seus olhos luminosos sem deixar transparecer nada, sua mágoa de antes agora escondida. Mas mesmo enquanto faço a pergunta, bem no fundo sei a resposta antes mesmo de ele dizer.

— Quero que todo mundo saiba que você é minha.

— Eu sou sua... Olhe.

Levanto a mão esquerda, mostrando minha aliança e meu anel de noivado.

— Não é suficiente.

— Não é suficiente que eu tenha me casado com você? — Minha voz é quase um suspiro.

Ele apenas pisca, registrando o horror no meu rosto. Aonde isso vai nos levar? O que mais eu posso fazer?

— Não foi isso o que eu quis dizer — fala ele, ríspido, e passa a mão pelo cabelo, que acaba por cair em sua testa.

— O que você *quis* dizer?

Ele engole em seco.

— Quero que o seu mundo comece e termine em mim — diz ele, com expressão franca.

Isso me quebra completamente. É como se ele tivesse me dado um soco forte no estômago, ferindo-me e fazendo eu me dobrar de dor. E a visão que me vem à cabeça é a de um menino de olhos cinzentos e cabelo acobreado, um menino pequeno e amedrontado, dentro de roupas sujas e descombinadas e do tamanho errado para ele.

— E o meu mundo é assim — digo, e é verdade. — Estou apenas tentando estabelecer uma carreira e não quero trocar tudo pelo seu nome. Eu tenho que fazer *alguma coisa*, Christian. Não

posso ficar presa no Escala ou na nossa casa nova sem nada para fazer. Eu ficaria maluca. Sufocada. Sempre trabalhei, e gosto de trabalhar. Este é o emprego dos meus sonhos, tudo o que eu sempre quis. Mas fazer isso não significa que eu ame você menos. Você é o meu mundo.

Minha garganta se fecha e lágrimas brotam nos meus olhos. Não posso chorar, não aqui. Repito isso várias e várias vezes na minha cabeça. *Não posso chorar. Não posso chorar.*

Ele me encara sem dizer nada. Então uma expressão intrigada cruza seu rosto por um momento, como se ele estivesse considerando o que eu disse.

— Eu sufoco você? — Sua voz é triste e é o eco de uma pergunta que ele me fez antes.

— Não... Sim... Não.

Mas que conversa exasperante — não queria tratar desse assunto agora, aqui. Fecho os olhos e esfrego a testa, tentando entender como chegamos a esse ponto.

— Olhe, estávamos conversando sobre o meu nome. Quero manter meu nome aqui porque quero conservar alguma distância entre mim e você... Mas só aqui, só isso. Você sabe que todo mundo pensa que eu consegui esse emprego por sua causa, quando a realidade é... — Paro quando seus olhos se arregalam. *Ah, não... Foi por causa dele?*

— Você quer saber por que conseguiu esse emprego, Anastasia?

Anastasia? Merda.

— O quê? O que você quer dizer?

Ele muda de posição na cadeira como se endurecesse. Será que eu quero saber?

— A gerência daqui deu a você o trabalho do Hyde para você servir de babá do cargo. Seria muito caro contratar um executivo sênior justo quando a empresa estava sendo vendida. Não tinham ideia do que o novo dono faria quando tomasse posse e, sabiamente, não queriam arcar com os altos custos da demissão. Então colocaram você no lugar do Hyde para que ocupasse o cargo até o novo dono... — ele faz uma pausa e seus lábios se torcem em um sorriso irônico — quer dizer, eu, assumir.

Putá merda.

— O que você está dizendo?

Então *foi* por causa dele. *Merda!* Estou horrorizada.

Ele sorri e balança a cabeça como se lamentasse meu susto.

— Relaxe. Você mais do que cresceu com o desafio. Está se saindo muito bem. — Há uma mínima sugestão de orgulho na sua voz que quase me faz desabar.

— Ah — murmuro incoerentemente, ainda absorvendo tudo isso.

Sento-me ereta na cadeira, boquiaberta, encarando-o. Ele muda de posição de novo.

— Não quero sufocar você, Ana. Não quero colocar você em uma jaula dourada. Quer dizer... — Ele faz uma pausa, seu rosto tornando-se sombrio. — Quer dizer, minha parte racional não quer. — Ele coça o queixo pensativamente, sua mente tramando algum plano.

Opa, aonde ele quer chegar com isso? Christian olha para cima de repente, como se tivesse tido um momento de iluminação.

— Então um dos meus objetivos em vir aqui, além de lidar com a minha esposa malcomportada — diz ele, apertando os olhos —, é discutir o que vou fazer com esta empresa.

Esposa malcomportada! Não sou malcomportada e não sou um bem! Faço cara feia para Christian de novo, e já não há mais a ameaça das lágrimas.

— E quais são os seus planos?

Inclino a cabeça para o lado, imitando-o, e não consigo evitar o tom sarcástico. Seus lábios se torcem em uma sugestão de sorriso. Uau — mudança de humor de novo! Como posso me manter atualizada do estado de espírito do Sr. Instável?

— Vou mudar o nome da empresa. Para Grey Publishing.

Putá merda.

— E em um ano ela será sua.

Meu queixo cai de novo — dessa vez para valer.

— É o meu presente de casamento para você.

Fecho a boca e depois volto a abri-la, tentando articular algo — mas não sai nada. Minha mente é um vazio.

— Então, vou ter que mudar o nome para Steele Publishing?

Ele está falando sério. Porra...

— Christian — sussurro quando meu cérebro finalmente se reconecta com a minha boca —, você já me deu um relógio... E eu não sei administrar um negócio.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro e me olha com uma expressão de censura.

— Eu comecei a administrar meu negócio quando tinha vinte e um anos.

— Mas você é... você. Controlador e superdotado. Caramba, Christian, você chegou a estudar economia em Harvard por um tempo. Pelo menos você tem alguma ideia. Eu passei três anos vendendo tintas e braçadeiras em um trabalho de meio período, pelo amor de Deus. Conheço muito pouco do mundo e não sei quase nada! — O volume da minha voz aumenta, ficando mais alta ao fim do meu discurso.

— Você também é a leitora mais voraz que eu conheço — replica ele, com sinceridade. — Você ama um bom livro. Não conseguiu largar o trabalho nem quando estávamos em lua de mel. Quantos originais você leu? Quatro?

— Cinco — sussurro.

— E escreveu relatórios completos sobre todos eles. Você é uma mulher muito inteligente, Anastasia. Tenho certeza de que vai conseguir.

— Você está louco?

— Louco por você — sussurra ele.

Solto um ruído rouco, porque é a única coisa que consigo fazer. Ele aperta os olhos.

— Você vai ser motivo de piada. Comprando uma empresa para a mulherzinha, que só teve um emprego integral por poucos meses na vida adulta.

— Você acha que eu me importo com o que os outros pensam? Além disso, você não vai estar sozinha.

Fico pasma. Ele realmente perdeu a razão dessa vez.

— Christian, eu...

Coloco a cabeça entre as mãos. Minhas emoções estão num turbilhão. *Ele está louco?* E, vindo de algum lugar sombrio e profundo, sinto uma necessidade repentina e inapropriada de rir. Quando volto a fitá-lo, seus olhos estão arregalados.

— Está achando graça em algo, Srta. Steele?

— Estou. Em você.

Seus olhos se arregalam ainda mais; ele parece em choque, mas com certo bom humor.

— Rindo do seu marido? Isso é inaceitável. E você está mordendo o lábio.

Seus olhos se escurecem... daquela maneira. Ah, não — eu conheço esse olhar. Provocante, sedutor, obsceno... Não, não, não! Não aqui.

— Nem pense nisso — alerto-o, o medo evidente na minha voz.

— Nisso o quê, Anastasia?

— Eu conheço esse olhar. Estamos no trabalho.

Ele se inclina para a frente, os olhos grudados nos meus, olhos cor de ferro fundido, olhos famintos. *Merda!* Engulo em seco instintivamente.

— Estamos numa sala pequena, razoavelmente protegida dos ouvidos alheios e com uma porta que pode ser trancada — sussurra ele.

— Conduta moral inadequada. — Enuncio cada palavra com cuidado.

— Não se for com o seu marido.

— Com o chefe do chefe do meu chefe — sibilo.

— Você é minha esposa.

— Christian, não. Estou falando sério. Você pode me comer e castigar hoje à noite. Mas não agora. Não aqui!

Ele pisca e aperta os olhos mais uma vez. E então, inesperadamente, ri.

— Sete níveis de domingo? — Ele arqueia a sobrancelha, intrigado. — Vou cobrar essa promessa, Srta. Steele.

— Ah, pare com isso de Srta. Steele! — falo rispidamente, e bato na mesa: nós dois levamos um susto. — Pelo amor de Deus, Christian. Se é tão importante para você, eu mudo meu nome!

A boca dele se abre quando ele inspira fortemente. E então ele sorri de orelha a orelha, um sorriso alegre, radiante, mostrando todos os dentes. *Uau...*

— Ótimo. — Ele bate palmas e se levanta de repente.

E agora?

— Missão cumprida. Bom, agora eu tenho trabalho a fazer. Se me der licença, Sra. Grey.

Ahhh! Esse homem me deixa louca!

— Mas...

— Mas o quê, Sra. Grey?

Eu fraquejo.

— Nada. Pode ir.

— É o que estou fazendo. A gente se vê à noite. Estou ansioso para castigá-la.

Faço cara feia.

— Ah, e eu tenho um monte de eventos sociais de negócios, quero que você me acompanhe.

Olho embasbacada para ele. *Será que você pode ir logo embora?*

— Vou pedir à Andrea que ligue para Hannah pedindo para ela reservar as datas na sua agenda. Tem algumas pessoas que você precisa conhecer. Você deveria deixar a Hannah cuidar dos seus horários daqui para a frente.

— Tudo bem — resmungo, em completa surpresa, desnorteamento e choque.

Ele se inclina sobre a minha mesa. *O que foi agora?* Sou capturada pelo seu olhar hipnótico.

— Adorei negociar com você, Sra. Grey. — Ele se inclina ainda mais; eu permaneço paralisada em minha cadeira. Christian me dá um beijo suave e terno na boca. — Até mais tarde, querida — murmura. E então levanta-se abruptamente, pisca para mim e sai.

Descanso a cabeça na mesa, sentindo como se tivesse sido atropelada por um trator — o trator que é meu amado marido. Ele deve ser o homem mais frustrante, perturbador e teimoso do planeta. Volto a sentar-me ereta e esfrego freneticamente os olhos. *O que foi que eu acabei de aceitar?* Tudo bem: Ana Grey à frente da Seattle Independent Publishing — quer dizer, da Grey Publishing. Esse homem é insano. Batem à porta, e Hannah coloca a cabeça para dentro.

— Você está bem? — pergunta ela.

Apenas a encaro. Ela franze o cenho.

— Sei que você não gosta disso, mas... quer um chá?

Faço que sim com a cabeça.

— Twinings English Breakfast, fraco e sem leite?

Faço que sim mais uma vez.

— Já está saindo, Ana.

Fico com o olhar perdido, encarando a tela do computador ainda em choque. Como posso fazê-lo entender? E-mail!

De: Anastasia Steele

Assunto: NÃO SOU UM BEM!

Data: 22 de agosto de 2011 14:23

Para: Christian Grey

Sr. Grey,

Da próxima vez que vier me ver, marque uma hora; assim posso ao menos estar mais preparada para a sua autoritária megalomania adolescente.

Um beijo,

Anastasia Grey <—— favor reparar no nome.
Editora, SIP

De: Christian Grey

Assunto: Castigo

Data: 22 de agosto de 2011 14:34

Para: Anastasia Steele

Minha Querida Sra. Grey (ênfase no Minha),

O que posso dizer em minha defesa? Eu estava passando aí perto.

E não, você não é um bem, é minha esposa amada.

Como sempre, você alegrou meu dia.

Christian Grey

CEO & Megalomaníaco Autoritário, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ele está tentando ser engraçado, mas não estou com vontade de rir. Respiro fundo e volto para a minha correspondência.

* * *

CHRISTIAN ESTÁ QUIETO quando eu entro no carro à noite.

— Oi — murmuro.

— Oi — responde ele, cauteloso. Acho bom.

— Interrompeu o trabalho de mais alguém hoje? — pergunto, cheia de simpatia.

Uma sombra de sorriso cruza seu rosto.

— Só o do Flynn.

Ah.

— Da próxima vez que você for vê-lo, vou dar uma lista de assuntos para vocês discutirem — digo acidamente.

— Você parece irritada, Sra. Grey.

Mantenho os olhos fixos à minha frente, contemplando a nuca de Ryan e de Sawyer. Christian se mexe desconfortavelmente ao meu lado.

— Ei — diz com ternura, e pega minha mão.

Em vez de me concentrar no trabalho, passei a tarde toda tentando pensar no que falar para ele. Mas só ficava mais e mais chateada com o passar das horas. Cansei do seu comportamento arrogante, petulante e, francamente, infantil. Puxo a mão, soltando-a da dele — de uma maneira arrogante, petulante e infantil.

— Está com raiva de mim? — sussurra ele.

— Sim — digo.

Cruzando os braços de maneira defensiva, fico olhando para fora pela janela. Ele se mexe no lugar mais uma vez, mas não vou me permitir olhá-lo. Não entendo por que estou tão brava — mas estou. Puta da vida.

Assim que o carro estaciona em frente ao Escala, quebro o protocolo e saio do carro com minha maleta. Entro no prédio batendo os pés, sem verificar se tem alguém me seguindo. Ryan me segue às pressas e corre para chamar o elevador.

— Que foi? — digo ríspidamente quando o vejo ao meu lado. Suas faces ficam vermelhas.

— Minhas desculpas, madame — murmura ele.

Então Christian chega e se coloca ao meu lado para esperar o elevador, e Ryan se afasta.

— Então não é só comigo que você está irritada? — diz ele secamente. Encaro-o e vejo um traço de sorriso no seu rosto.

— Você está rindo de mim? — Aperto os olhos.

— Longe de mim — responde ele, levantando os braços como se eu estivesse lhe apontando uma arma.

Em seu terno azul-marinho, Christian parece fresco e limpo, com seu cabelo desajeitadamente sexy e uma expressão sincera.

— Você precisa cortar o cabelo — resmungo.

E, dando-lhe as costas, entro no elevador.

— Sério?

Ele afasta o cabelo da testa ao entrar atrás de mim no elevador.

— Sério.

Digito o código do nosso apartamento no teclado numérico.

— Então você voltou a falar comigo?

— Só o necessário.

— Por que exatamente você está com raiva de mim? Preciso de uma dica — pergunta ele com cautela.

Eu me viro e o olho boquiaberta.

— Você realmente não tem ideia? Sério, você é tão inteligente, não suspeita de nada? Não acredito que seja tão tapado.

Dá um passo atrás, assustado.

— Você está realmente brava. Achei que tivéssemos resolvido tudo hoje mais cedo na sua sala — murmura, perplexo.

— Christian, eu só capitulei diante das suas exigências petulantes. Só isso.

A porta do elevador se abre e eu saio como um furacão. Taylor está parado no corredor. Ele dá um passo para trás e rapidamente fecha a boca quando passo por ele a todo vapor.

— Oi, Taylor — murmuro.

— Sra. Grey — responde ele.

Largando minha maleta no corredor, entro na sala. A Sra. Jones está ao fogão.

— Boa noite, Sra. Grey.

— Oi, Sra. Jones — cumprimento-a.

Vou direto para a geladeira e pego uma garrafa de vinho branco. Christian me segue até a cozinha e me observa como um falcão tirar uma taça do armário. Ele despe o paletó e o coloca casualmente no balcão.

— Aceita uma bebida? — pergunto, superdoce.

— Não, obrigado — responde ele, sem tirar os olhos de mim.

Sei que ele se sente impotente. Não sabe como agir comigo. É cômico por um lado e trágico por outro. *Ah, ele que se dane!* Estou tendo dificuldade em localizar meu lado compassivo desde a nossa conversa de hoje à tarde. Devagar, ele tira a gravata e abre o botão do colarinho. Eu sirvo uma grande taça de sauvignon blanc e Christian passa a mão pelo cabelo. Quando me viro, a Sra. Jones desapareceu. *Merda!* Ela é meu escudo humano. Tomo um gole do vinho. *Hmm.* É bom.

— Pare com isso — sussurra Christian.

Ele avança os dois passos que nos separam e para à minha frente. Gentilmente, coloca meu cabelo atrás da orelha e acaricia o lóbulo com as pontas dos dedos, deixando-me arrepiada. Foi disso que eu senti falta o dia todo? Do seu toque? Balanço a cabeça, fazendo-o soltar minha orelha, e o encaro.

— Fale comigo — murmura ele.

— Para quê? Você não me escuta.

— Escuto sim. Você é uma das poucas pessoas a quem eu escuto.

Tomo mais um grande gole de vinho.

— É por causa do seu nome?

— Sim e não. É por causa da maneira como você lidou com o fato de que eu discordei de você. — Ergo um olhar agressivo, esperando vê-lo zangado.

Suas sobrancelhas se franzem.

— Ana, você sabe que eu tenho... problemas. Para mim é difícil abrir mão de certas coisas relacionadas a você. Você sabe disso.

— Mas eu não sou uma criança e não sou um bem.

— Eu sei. — Ele suspira.

— Então pare de me tratar como se eu fosse — sussurro, implorando.

Ele esfrega as costas dos dedos na minha face e passa a ponta do polegar no meu lábio inferior.

— Não fique zangada. Você é tão preciosa para mim... Como um bem inestimável, como uma criança — sussurra ele, uma expressão melancólica e reverente no rosto.

Suas palavras me distraem. *Como uma criança*. Preciosa como uma criança... Uma criança seria preciosa para ele!

— Não sou nada disso, Christian. Sou sua esposa. Se você ficou magoado porque eu não ia usar seu nome, deveria ter dito.

— Magoado? — Ele franze bastante a testa, e sei que está avaliando essa possibilidade. Subitamente, porém, Christian fica ereto, embora ainda com uma expressão preocupada, e olha depressa para seu relógio de pulso. — A arquiteta vai estar aqui em menos de uma hora. É melhor comermos.

Ah, não. Solto um gemido por dentro. Ele não me respondeu, e agora tenho que receber Gia Matteo. Meu dia de merda acaba de ficar ainda pior. Faço uma cara feia para Christian.

— Esta discussão não acabou — murmuro.

— O que mais temos para discutir?

— Você poderia vender a empresa.

Christian emite um ruído de desprezo.

— Vender?

— Sim.

— Você acha que eu acharia um comprador no mercado de hoje?

— Quanto custou?

— Foi relativamente barata. — Seu tom é defensivo.

— E se ela fechar?

Ele sorri com afetação.

— Vamos sobreviver. Mas não vou deixar a empresa fechar, Anastasia. Não enquanto você estiver lá.

— E se eu sair?

— E vai fazer o quê?

— Não sei. Alguma outra coisa.

— Você já disse que esse é o emprego dos seus sonhos. E, perdoe-me se estiver errado, mas eu prometi perante Deus, o reverendo Walsh e uma congregação dos nossos entes e amigos mais próximos e mais queridos que eu “cuidaria de você, apoiaria suas esperanças e seus sonhos e a manteria segura ao meu lado”.

— Citar os votos de casamento não é jogar limpo comigo.

— Eu nunca prometi jogar limpo quando a questão envolvesse você. Além disso — acrescenta ele —, você já usou essa arma

contra mim antes.

Faço uma cara contrariada. É verdade.

— Anastasia, se ainda está irritada comigo, desconte na cama mais tarde. — Sua voz subitamente fica baixa e cheia de desejo sensual, os olhos quentes.

O quê? Cama? Como?

Ele sorri com indulgência diante da minha expressão. Será que Christian está querendo que eu o amarre? *Caramba!*

— Castigo — sussurra ele. — Estou ansioso.

Opa!

— Gail! — grita ele abruptamente, e quatro segundos depois a Sra. Jones está de volta.

Onde ela estava? No escritório do Taylor? Ouvindo nossa conversa? Ah, não.

— Sim, Sr. Grey?

— Gostaríamos de comer agora, por favor.

— Muito bem, senhor.

Christian não tira os olhos de mim; me observa como se eu fosse alguma criatura exótica pronta para saltar sobre ele. Tomo outro gole de vinho.

— Acho que vou tomar uma taça também — diz ele, suspirando, e passa a mão no cabelo de novo.

* * *

— NÃO QUER MAIS comer?

— Não.

Olho para meu prato de fettuccine praticamente intocado, para evitar a expressão sombria de Christian. Antes que ele possa dizer algo, levanto-me e tiro os pratos da mesa de jantar.

— Gia deve chegar daqui a pouco — murmuro.

Sua boca se retorce em uma carranca de desagrado, mas ele não diz nada.

— Pode me dar, Sra. Grey — diz a Sra. Jones quando eu entro na cozinha.

— Obrigada.

— A senhora não gostou? — pergunta ela, preocupada.

— Estava ótimo. Só não estou com fome.

Dirigindo-me um breve sorriso de solidariedade, ela se vira para esvaziar meu prato e colocar tudo na máquina de lavar louças.

— Vou fazer algumas ligações — anuncia Christian, dirigindo-me um olhar de avaliação antes de entrar no escritório.

Deixo escapar um suspiro de alívio e vou para o nosso quarto. O jantar foi estranho. Ainda estou aborrecida com Christian, mas ele parece pensar que não fez nada de errado. *Será que fez?* Meu inconsciente levanta uma sobancelha para mim e me encara com pena por trás dos óculos de meia-lua. Sim, ele fez. Deixou as coisas ainda mais estranhas para mim no trabalho. Não esperou para discutir o assunto comigo quando estivéssemos na privacidade relativa da nossa casa. Como ele se sentiria se eu irrompesse pelo seu escritório, baixando a lei? E, para piorar, ele quer me dar a SIP! Como é que eu posso administrar uma empresa? Não sei quase nada de negócios.

Olho para a linha do horizonte de Seattle lá fora, sob a perolada luz cor-de-rosa do anoitecer. E, como de hábito, ele quer resolver nossas diferenças na cama... hmm... no sofá... no quarto de jogos... na bancada da cozinha... *Pare!* Tudo sempre termina em sexo com ele. É o mecanismo que utiliza para enfrentar os problemas.

Entro no banheiro e faço uma careta para meu reflexo no espelho. Voltar ao mundo real é difícil. Conseguimos superar nossas diferenças enquanto estávamos na nossa bolha porque ficamos muito agarrados um no outro. Mas e agora? Por um momento volto ao dia do meu casamento, lembrando-me das minhas preocupações daquele dia — casar tão depressa. Não, não devo pensar assim. Eu sabia que Christian era Cinquenta Tons quando me casei com ele. Só preciso perseverar e tentar resolver isso com ele na base da conversa.

Encaro a mim mesma no espelho, os olhos semicerrados. Estou pálida, e ainda tem aquela mulher para eu enfrentar.

Estou usando uma saia-lápis cinza e uma blusa sem mangas. *Vamos lá!* Minha deusa interior pega seu esmalte vermelho-meretriz. Abro dois botões da blusa, criando um pequeno decote. Lavo o rosto e refaço com cuidado a maquiagem, aplicando mais rímel do

que o usual e colocando brilho extra nos lábios. Jogando a cabeça para baixo, escovo meu cabelo vigorosamente da raiz às pontas. Quando volto a erguer o corpo, ele cai como uma nuvem castanha sobre meus seios. Ajeito-o habilidosamente atrás das orelhas e vou procurar meu scarpin, para ter um pequeno salto sob meus pés.

Quando volto para a sala, Christian está com as plantas da casa espalhadas sobre a mesa de jantar. Uma música toca no aparelho de som. Paro de súbito.

— Sra. Grey — diz ele, caloroso, e me olha zombeteiramente.

— O que é isso? — pergunto. A música é maravilhosa.

— Réquiem de Fauré. Você está diferente — responde ele, distraído.

— Ah. Eu nunca tinha ouvido antes.

— É muito calma, relaxante — diz ele, e levanta uma sobrancelha. — Você fez alguma coisa com o cabelo?

— Escovei.

Sou transportada pelas vozes pungentes. Abandonando as plantas sobre a mesa, ele vem até onde estou, um caminhar vagaroso, no ritmo da música.

— Dança comigo? — murmura ele.

— Isso? Mas é um réquiem — retruco, chocada.

— É.

Ele me puxa para seus braços e me abraça, enterrando o nariz no meu cabelo e me balançando suavemente de um lado para o outro. Seu cheiro é divinamente inconfundível.

Ah... eu senti falta dele. Retribuo o abraço e tento não chorar.
Por que você é tão irritante?

— Odeio brigar com você — sussurra ele.

— Então pare de ser babaca, ora essa.

Ele ri, e o som cativante reverbera pelo seu peito. Christian me aperta contra si.

— Babaca?

— Escroto.

— Prefiro babaca.

— Combina com você.

Ele ri mais uma vez e beija o alto da minha cabeça.

— Um réquiem? — murmuro, um pouco chocada de estarmos dançando essa música.

Ele dá de ombros.

— É só uma linda música, Ana.

Taylor tosse discretamente à entrada, e Christian me solta.

— A Srta. Matteo está aqui — diz ele.

Ah, que alegria!

— Mande-a entrar — diz Christian.

Ele se inclina e pega minha mão quando Gia Matteo entra na sala.

CAPÍTULO OITO

Gia Matteo é uma mulher bonita — uma mulher alta e bonita. Seu cabelo é curto, tingido de loiro, com um perfeito corte repicado e impecavelmente arrumado, quase como uma coroa sofisticada. Está vestida com um terninho cinza-claro, a calça e o paletó justos, definindo suas curvas exuberantes. São roupas que parecem caras. Na base do seu pescoço cintila um brilhante solitário, combinando com os brincos: um único brilhante em cada orelha. Ela é bem-cuidada — uma daquelas mulheres que cresceram com dinheiro e classe, embora sua classe pareça estar falhando hoje: a blusa azul-clara está aberta demais. Assim como a minha. Fico vermelha.

— Christian. Ana.

Ela dá um sorriso alegre, mostrando dentes brancos e perfeitos, e estende a mão com as unhas feitas para apertar primeiro a de Christian e depois a minha, de forma que sou obrigada a soltar a mão dele para cumprimentá-la. Ela é apenas um pouco mais baixa que Christian, mas está usando sapatos de salto altíssimo.

— Gia — diz Christian polidamente.

Eu sorrio com frieza.

— Vocês dois parecem ótimos depois da lua de mel — diz ela suavemente, os olhos castanhos encarando Christian atrás de seus longos cílios cobertos de rímel. Christian coloca o braço à minha volta, puxando-me para si.

— Passamos uma temporada maravilhosa, obrigado. — Ele me dá um beijo na têmpora, pegando-me de surpresa.

Veja... ele é meu. Irritante — exasperante, até —, mas meu. Dou um sorriso maldoso. *Neste exato momento eu realmente amo você, Christian Grey.* Deslizo a mão para sua cintura e depois para o bolso traseiro da sua calça, e aperto sua bunda. Gia dá um sorriso amarelo.

— Vocês conseguiram olhar as plantas?

— Conseguimos — murmuro.

Ergo o olhar para Christian, que sorri para mim com a sobancelha erguida, em uma expressão de divertimento e sarcasmo. Do que ele está achando graça? Da minha reação à chegada de Gia ou do fato de eu ter apertado sua bunda?

— Por favor — diz Christian. — As plantas estão aqui.

Ele gesticula em direção à mesa de jantar e, pegando minha mão, me conduz até lá, Gia atrás de nós. Finalmente me lembro dos bons modos:

— Quer beber alguma coisa? — pergunto. — Uma taça de vinho?

— Seria ótimo — diz Gia. — Branco seco, se tiver.

Merda! Sauvignon blanc é branco seco, não é? Deixando com relutância o posto ao lado do meu marido, vou até a cozinha. Ouço o chiado do iPod quando Christian desliga a música.

— Quer mais vinho, Christian? — pergunto.

— Por favor, querida — fala ele em voz baixa, sorrindo para mim.

Uau, ele pode ser tão sensacional em alguns momentos e tão desagradável em outros.

Ao abrir o armário, estou ciente dos olhos dele em mim, e tenho o estranho sentimento de que Christian e eu estamos atuando, como competidores em um jogo — só que dessa vez estamos do mesmo lado, adversários da Srta. Matteo. Será que Christian sabe que ela se sente atraída por ele e está deixando isso muito óbvio? Sinto um pequeno prazer quando percebo que talvez ele esteja tentando me tranquilizar. Ou talvez esteja apenas mandando uma mensagem clara para essa mulher: de que ele já tem dona.

Ele é meu. *Isso mesmo, sua vaca: meu.* Minha deusa interior está usando seu uniforme de gladiadora e não está poupando ninguém. Sorrindo para mim mesma, tiro três taças do armário, pego a garrafa aberta de sauvignon blanc da geladeira e coloco tudo no balcão da cozinha. Gia está inclinada sobre a mesa, enquanto Christian, de pé ao lado dela, aponta para algo nas plantas.

— Acho que a Ana tem alguns ajustes a sugerir sobre a parede de vidro, mas no geral estamos satisfeitos com as ideias que você propôs.

— Ah, fico feliz em saber — diz Gia efusivamente, obviamente aliviada. Ao falar, toca o braço dele rapidamente; um pequeno gesto de flerte. Christian enrijece no mesmo instante, embora de forma sutil. Ela nem parece notar.

Deixe-o em paz, sua piranha. Ele não gosta de ser tocado.

Afastando-se dela discretamente, Christian se vira para mim:

— E o vinho?

— Já estou indo.

Ele está mesmo jogando. Ela o deixa desconfortável. Como não vi isso antes? É por isso que não gosto dela. Ele está habituado ao efeito que causa nas mulheres. Já vi isso muitas vezes e em geral ele nem pensa no assunto. Já contato físico é diferente. Bem, aí vai a Sra. Grey ao resgate.

Sirvo o vinho depressa, junto as três taças nas mãos e corro de volta para meu cavaleiro em perigo. Oferecendo uma taça a Gia, posiciono-me deliberadamente entre eles. Ela sorri com polidez ao aceitar o vinho. Entrego a segunda taça para Christian, que aceita com ansiedade, demonstrando gratidão.

— Tim-tim — diz Christian para nós duas, mas olhando apenas para mim.

Gia e eu levantamos nossas taças e respondemos em uníssono. Tomo um gole feliz.

— Ana, você tem restrições à parede de vidro? — pergunta Gia.

— Tenho. Eu adorei, não me entenda mal. Mas acho melhor incorporarmos de uma maneira mais orgânica à casa. Afinal, eu me apaixonei por ela como era e não quero fazer nenhuma mudança radical.

— Entendo.

— Só quero que o projeto seja harmonioso, sabe... Mais em coerência com a casa original. — Olho para Christian, que está me encarando pensativamente.

— Sem grandes renovações? — murmura ele.

— Isso. — E confirmo com a cabeça para enfatizar.

— Você gosta do jeito que está?

— Na maior parte, sim. Sempre achei que só precisava de uma reforma.

Os olhos de Christian brilham calorosamente.

Gia olha para nós dois e suas faces ficam rosadas.

— Tudo bem — diz ela. — Acho que estou entendendo aonde você quer chegar, Ana. Que tal se conservarmos a parede de vidro, mas a abriremos para um deque maior, que mantenha o estilo mediterrâneo? Já temos o terraço de pedras. Podemos colocar pilares de uma pedra que combine, bem espaçados, para não perdermos a vista. Acrescentamos um telhado de vidro ou colocamos telhas, tal como no resto da casa. Assim, também servirá como uma área aberta para refeições ou descanso.

Tenho que reconhecer... essa mulher é muito boa.

— Ou, em vez do deque, podemos incorporar madeira colorida à sua escolha entre as portas de vidro, o que ajudaria a manter o espírito mediterrâneo — continua ela.

— Como as lindas janelas azuis do sul da França — murmuro para Christian, que me observa atentamente.

Ele toma um gole de vinho e dá de ombros, sem expressar nenhuma opinião. *Hmm*. Ele não gosta da ideia, mas não dá um veredito negativo, não passa por cima de mim nem faz com que eu me sinta estúpida. Deus, esse homem é um poço de contradições. Suas palavras de ontem me vêm à mente: *Quero que essa casa seja do jeito que você quiser. O que você quiser. Ela é sua*. Ele quer me ver feliz — feliz em tudo o que eu faça. Bem no fundo, acho que sei disso. É só que... eu me detenho. *Não pense na nossa briga agora*. Meu inconsciente me olha com censura.

Gia está olhando para Christian, esperando que ele tome a decisão. Vejo as pupilas dela se dilatarem e seus lábios cobertos de gloss se entreabrirem. Sua língua passa rapidamente pelo seu lábio superior antes de ela tomar um gole do vinho. Quando me viro para Christian, ele ainda está olhando para mim — não para ela. *Uhul!* Vou ter uma conversinha com a Srta. Matteo.

— Ana, o que você quer fazer? — murmura Christian, muito claramente transferindo a decisão para mim.

— Gostei da ideia do deque.

— Eu também.

Eu me viro de novo para Gia. *Ei, queridinha, olhe para mim, não para ele. Sou eu que estou tomando as decisões aqui*.

— Acho que eu gostaria de ver novos desenhos, mostrando o deque maior e os pilares que vão manter o estilo da casa.

Gia relutantemente afasta seus desejosos olhos do meu marido e sorri para mim. Será que ela pensa que eu não vou notar?

— Claro — concorda ela com simpatia. — Mais alguma questão?
Além de você devorar meu marido com os olhos?

— Christian quer remodelar a suíte principal — murmuro.

Ouvimos uma tosse discreta vindo da entrada da sala. Nós três nos viramos ao mesmo tempo e vemos Taylor parado lá.

— Taylor? — pergunta Christian.

— Preciso falar com o senhor sobre um assunto urgente, Sr. Grey.

Christian aperta meus ombros por trás e se dirige a Gia:

— A Sra. Grey está no comando desse projeto. Ela tem carta branca. O que ela quiser, nós faremos. Confio plenamente em seus instintos. Ela é muito perspicaz. — Sua voz se altera quase imperceptivelmente. Detecto orgulho e um alerta velado — um alerta para Gia?

Ele confia em meus instintos? Ah, esse homem é irritante. Meus instintos o deixaram me tratar de maneira rude hoje à tarde. Balanço a cabeça em frustração, mas estou satisfeita por ele estar dizendo à Srta. Provocante-e-Infelizmente-Boa-no-Que-Faz quem é que está dando as ordens. Acaricio sua mão, que descansa no meu ombro.

— Agora se me dão licença...

Christian aperta meus ombros e deixa o salão com Taylor. Pergunto-me vagamente o que será que está acontecendo.

— Então... a suíte principal? — pergunta Gia, nervosa.

Eu a encaro, fazendo uma pausa por um momento para ter certeza de que os dois já se afastaram o suficiente. Então, unindo minha força interior ao fato de ter passado as últimas cinco horas sendo seriamente provocada, coloco tudo para fora:

— Você tem razão de estar nervosa, Gia, porque neste momento sua colaboração nesse projeto está por um fio. Mas tenho certeza de que vamos ficar bem desde que você mantenha as mãos longe do meu marido.

Ela engasga.

— Senão, você está fora. Entendeu? — Enuncio cada palavra com clareza.

Ela pisca rapidamente, em completo atordoamento. Não consegue acreditar no que eu falei. Eu não consigo acreditar no que acabo de falar. Mas me mantenho firme, olhando impassivelmente dentro dos seus olhos castanhos que se arregalam cada vez mais.

Não recue. Não recue! Aprendi esse olhar enlouquecedoramente impassível com Christian, que consegue ser impassível como ninguém. Sei que reformar a residência principal dos Grey é um projeto de prestígio para a empresa de arquitetura de Gia — uma resplandecente cereja no seu bolo. Ela não pode perder essa comissão. E no momento não estou ligando a mínima para o fato de ela ser amiga do Elliot.

— Ana... Sra. Grey... P-por favor me desculpe. Eu nunca... — Ela ruboriza, sem saber mais o que dizer.

— Vou ser bem clara: meu marido não está interessado em você.

— Com certeza — murmura ela, ficando lívida.

— Como eu disse, só queria deixar claro.

— Sra. Grey, eu sinceramente lamento que a senhora tenha pensado... que eu... — Ela para, ainda procurando as palavras.

— Ótimo. Desde que a gente se entenda, vai dar tudo certo. Agora, vou lhe contar o que temos em mente para a suíte principal e então gostaria de receber uma lista de todos os materiais que você tem intenção de usar. Como sabe, Christian e eu estamos determinados a fazer dessa casa um local ecologicamente sustentável, e eu quero deixá-lo tranquilo quanto a todos os materiais e às suas origens.

— C-claro — gagueja ela, os olhos arregalados e, francamente, um pouco intimidada por mim. Essa é uma primeira vez. Minha deusa interior percorre a arena, acenando para a multidão delirante.

Gia mexe no cabelo, e percebo que é um gesto de nervosismo.

— A suíte principal? — repete ela, tensa, e sua voz é um sussurro sem fôlego.

Agora que tenho domínio da situação, sinto-me relaxada pela primeira vez desde o encontro com Christian hoje à tarde. Posso fazer isso. Minha deusa interior está celebrando sua megera interior.

* * *

CHRISTIAN VOLTA QUANDO estamos terminando.

— Tudo pronto? — pergunta ele, passando o braço pela minha cintura e se virando para Gia.

— Tudo, Sr. Grey. — Gia sorri com alegria, embora seu sorriso pareça forçado. — Daqui a alguns dias entrego as novas plantas para vocês.

— Excelente. Está feliz? — pergunta-me ele diretamente, seus olhos calorosos ao me sondar.

Confirmo com a cabeça e fico corada por alguma razão que não consigo entender.

— É melhor eu ir andando — diz Gia, de novo alegre demais.

Ela estende a mão primeiro para mim dessa vez, e depois para Christian.

— Até a próxima, Gia — murmuro.

— Até mais, Sra. Grey. Sr. Grey.

Taylor aparece à entrada da sala.

— Taylor vai acompanhar você à saída.

Falo alto o suficiente para que ele ouça. Mexendo no cabelo mais uma vez, ela gira em seus saltos e vai embora, seguida de perto por Taylor.

— Ela estava visivelmente mais fria — comenta Christian, olhando intrigado para mim.

— Estava? Nem notei. — Dou de ombros, tentando me manter neutra. — O que o Taylor queria? — pergunto, em parte porque estou curiosa e em parte porque quero mudar de assunto.

Franzindo o cenho, Christian me solta e começa a enrolar as plantas sobre a mesa.

— Era sobre o Hyde.

— O que tem o Hyde? — sussurro.

— Nada para se preocupar, Ana. — Deixando de lado as plantas, Christian me envolve nos braços. — Descobrimos que ele não aparece em casa há semanas, só isso.

Ele beija meu cabelo, então me solta e continua a enrolar os papéis.

— E então, o que vocês decidiram? — pergunta ele, e sei que é porque não quer que eu continue questionando-o sobre Hyde.

— Só o que eu e você já tínhamos discutido. Acho que ela gosta de você — digo calmamente.

Ele bufa.

— Você disse alguma coisa para ela? — pergunta ele, e eu fico vermelha.

Como ele descobriu? Sem saber o que dizer, olho para baixo, para os meus dedos.

— Éramos Christian e Ana quando ela chegou, e Sr. e Sra. Grey quando ela foi embora. — Seu tom é seco.

— Talvez eu tenha falado alguma coisa — murmuro.

Quando o espio, ele está me observando com carinho, e por um momento de descuido em sua armadura emocional ele parece... satisfeito. Então para de me olhar, balançando a cabeça, e sua expressão se transforma.

— Ela está apenas reagindo a este rosto. — Ele soa vagamente amargo, aborrecido até.

Ah, Christian, não!

— O que foi? — Ele fica confuso com minha expressão perplexa. Seus olhos se arregalam em preocupação. — Você não está com ciúmes, está? — pergunta, horrorizado.

Fico corada e engulo em seco; então olho para meus dedos cruzados. *Estou?*

— Ana, essa mulher é uma predadora sexual. Não faz nem um pouco o meu tipo. Como você pode ter ciúmes dela? Ou de qualquer outra mulher? Nada nela me interessa.

Quando ergo o olhar, ele está me fitando embasbacado como se tivesse crescido um terceiro braço em mim. Ele passa a mão pelo cabelo.

— É só você, Ana — diz calmamente. — E vai ser sempre só você.

Puxa. Abandonando as plantas mais uma vez, Christian vem até mim e segura meu queixo entre o polegar e o indicador.

— Como você pode pensar outra coisa? Eu já lhe dei algum sinal de que poderia estar remotamente interessado em outra pessoa? — Seus olhos fitam ardentemente os meus.

— Não — sussurro. — Estou sendo boba. É só porque hoje... você...

Todas as emoções conflitantes que eu senti mais cedo vêm à tona. Como posso expressar a confusão em que estou? Fiquei perplexa e frustrada com seu comportamento hoje à tarde no escritório. Em um minuto ele quer que eu fique em casa, no outro me dá uma empresa de presente. Assim fico perdida!

— O que tem eu?

— Ah, Christian — meu lábio inferior treme —, estou tentando me adaptar a essa nova vida que nunca imaginei para mim. Eu tenho tudo de bandeja: o emprego, você, meu marido lindo, a quem eu nunca... nunca pensei que amaria desse jeito, dessa forma tão intensa, tão rápida, tão... indelével.

Respiro fundo para me acalmar. Christian está boquiaberto. Continuo:

— Mas você é como um trator, e eu não quero ser arrastada, porque senão a garota por quem você se apaixonou vai ser esmagada. E o que restaria? Só um raio X social oco, transitando de um evento de caridade para outro. — Faço mais uma pausa, tentando encontrar as palavras capazes de transmitir como me sinto. — E agora você quer que eu seja a CEO de uma empresa, o que nunca foi minha intenção. Estou perdida entre todas essas ideias, estou me debatendo. Você quer que eu fique em casa. Você quer que eu administre uma empresa. É tão confuso...

Paro de falar, as lágrimas ameaçando escorrer, e reprimo um soluço.

— Você tem que me deixar tomar as minhas próprias decisões, correr meus próprios riscos e cometer meus próprios erros, deixar que eu aprenda com eles. Preciso aprender a andar antes de começar a correr, Christian, você não vê? Quero alguma independência. É isso o que o meu nome significa para mim. — Pronto, era isso o que eu queria falar para ele hoje à tarde.

— Você se sente arrastada? — sussurra ele.

Faço que sim com a cabeça.

Ele fecha os olhos, perturbado.

— Eu só quero lhe dar o mundo, Ana, tudo que você quiser, qualquer coisa. E também defender você do mundo. Proteger você.

Mas ao mesmo tempo quero que todo mundo saiba que você é minha. Eu entrei em pânico hoje quando recebi o seu e-mail. Por que você não me avisou que ia manter seu nome?

Fico vermelha. Ele tem razão.

— Eu pensei nisso durante a nossa lua de mel, mas, bem, eu não queria estourar a nossa bolha, e acabei me esquecendo. Só me lembrei ontem à noite. E aí teve o Jack... você sabe, aquilo me distraiu. Desculpe, eu deveria ter contado ou discutido isso com você, mas parecia que eu nunca conseguiria encontrar o momento certo.

O jeito intenso de Christian me olhar é enervante. É como se ele tentasse entrar no meu cérebro, mas ele não diz nada.

— Por que você entrou em pânico? — pergunto.

— Só não quero deixar você escorregar por entre os meus dedos.

— Pelo amor de Deus, eu não vou a lugar algum. Quando é que você vai enfiar isso nessa sua cabeça dura? Eu. Amo. Você. — Faço um gesto no ar, como ele faz às vezes, para enfatizar o que digo. — Mais que... “a luz dos meus olhos, o espaço ou a liberdade”.

Seus olhos se arregalam.

— O amor de uma filha? — E abre um sorriso irônico.

— Não. — Rio, mesmo sem querer. — Foi a única citação que me veio à cabeça.

— O louco rei Lear?

— O querido rei Lear; querido e louco. — Acaricio seu rosto, e ele se inclina para receber meu toque, fechando os olhos. — Você mudaria o seu nome para Christian Steele para que todo mundo soubesse que você me pertence?

Seus olhos se abrem, e ele me encara como se eu tivesse acabado de dizer que o mundo é quadrado. Ele franze a testa.

— Que eu pertenço a você? — murmura, testando as palavras.

— Meu.

— Seu — repete ele, as mesmas palavras que dissemos no quarto de jogos ainda ontem. — Sim, eu mudaria. Se significasse tanto assim para você.

Ai, meu Deus.

— Significa tanto assim para você?

— Sim. — Ele é bem claro.

— Tudo bem.

Farei isso por ele. Vou lhe dar a segurança de que ele ainda precisa.

— Achei que você já tivesse concordado com isso.

— Sim, eu concordei, mas agora que discutimos melhor, estou mais feliz com a minha decisão.

— Ah — murmura ele, surpreso.

Então ele abre seu lindo sorriso juvenil, do tipo sim-eu-realmente-sou-meio-que-um-garoto, que me deixa sem fôlego. Agarrando-me pela cintura, Christian me balança. Solto um grito agudo e rio, e não sei se ele está apenas feliz ou aliviado ou... o quê?

— Sra. Grey, sabe o que isso significa para mim?

— E como.

Ele se inclina e me beija, os dedos penetrando por entre o meu cabelo, segurando-me firme.

— Significa sete níveis de domingo — murmura ele contra minha boca, e passa o nariz de leve no meu.

— Você acha? — Inclino-me para trás para encará-lo.

— Certas promessas foram feitas. Uma oferta concedida, um negócio intermediado — sussurra ele, os olhos brilhando com um deleite malicioso.

— Hmm... — Ainda estou meio perdida, tentando acompanhar suas variações de humor.

— Está me renegando? — pergunta ele, incerto, e uma expressão especulativa surge no seu rosto. — Tenho uma ideia.

Mais uma trepada sacana? O que será agora?

— Uma questão muito importante para resolver — continua ele, de repente todo sério de novo. — Sim, Sra. Grey. Uma questão da maior importância.

Espere aí — ele está rindo de mim.

— O que é? — pergunto.

— Preciso que você corte meu cabelo. Tenho a impressão de que está grande demais, e minha mulher não gosta.

— Eu não posso cortar o seu cabelo!

— Pode, sim.

Ele ri e balança a cabeça, fazendo seu cabelo cobrir os olhos.

— Bem, se a Sra. Jones tiver uma cuia para servir de molde... —

Dou uma risada.

Ele também ri.

— Tudo bem, já entendi. Vou pedir ao Franco.

Ah, não! O Franco trabalha para a monstra filha da mãe! Talvez eu pudesse dar uma aparada. Afinal, corto o cabelo do Ray há anos e ele nunca reclamou.

— Venha.

Puxo-o pela mão. Ele arregala os olhos. Levo-o para o banheiro, onde o solto e pego a cadeira de madeira branca que fica no canto. Coloco-a em frente à pia. Quando olho para Christian, ele está me encarando, os polegares enfiados nos passadores de cinto da parte da frente da calça, mal disfarçando que acha aquilo tudo muito divertido; mas seus olhos estão ardentes, pegando fogo.

— Sente-se. — Aponto para a cadeira vazia, tentando manter a autoridade.

— Você vai lavar meu cabelo?

Faço que sim. Ele levanta uma sobrancelha em surpresa, e por um momento acho que desistiu.

— Tudo bem.

Devagar, ele começa a abrir cada botão da camisa branca, iniciando pelo que fica logo embaixo do queixo. Dedos hábeis e ligeiros se movem, um botão de cada vez, até sua camisa estar toda aberta.

Minha nossa... Minha deusa interior faz uma pausa na sua volta vitoriosa pela arena.

Christian estende os punhos, em um gesto de “abra logo isso”, e sua boca se torce daquela maneira sensual e desafiante.

Ah, as abotoaduras. Pego seu pulso e abro a primeira delas, um disco de platina com suas iniciais gravadas em uma letra simples em itálico — e depois tiro a do outro lado. Quando termino, olho para ele: sua expressão de divertimento foi embora, substituída por algo mais quente... muito mais quente. Inclino-me e empurro a camisa dos seus ombros, deixando que ela caia no chão.

— Pronto? — sussurro.

— Estou pronto para qualquer coisa que você quiser, Ana.

Desço o olhar para sua boca: entreaberta, para que ele possa inspirar mais profundamente. Esculpida, bem delineada, o que for: é uma boca linda, e ele sabe exatamente o que fazer com ela. Eu me vejo na ponta dos pés para beijá-lo.

— Não — diz ele, e coloca as mãos nos meus ombros. — Não. Se você me beijar, vai acabar não cortando o meu cabelo.

Ah...

— Eu quero que você corte — continua ele.

Seus olhos estão bem abertos e inflamados, por alguma razão inexplicável. Isso me desarma.

— Por quê? — sussurro.

Ele me encara por um segundo, e seus olhos se abrem ainda mais.

— Porque vai fazer com que eu me sinta amado.

Meu coração praticamente para. Ah, *Christian... meu Cinquenta Tons*. E, antes que eu me dê conta, abraço-o e beijo seu peito, aninhando o rosto nos pelos do seu tórax.

— Ana. Minha Ana — sussurra ele.

Christian me abraça também, e ficamos ali parados, imóveis, agarrados um ao outro no banheiro. Ah, como eu amo estar nos seus braços. Mesmo ele sendo um babaca megalomaniaco e autoritário, ele é o meu babaca megalomaniaco e autoritário, um babaca que necessita de uma boa dose de carinho. Inclino-me para trás, sem soltá-lo.

— Você realmente quer que eu faça isso?

Ele confirma com a cabeça e abre seu sorriso tímido. Retribuo o sorriso e me descolo dele.

— Então sente-se — repito.

Ele obedece, sentando-se com as costas para a pia. Tiro meus sapatos e chuto-os para perto da sua camisa, que está caída toda amassada no chão. Pego de dentro do box seu xampu Chanel, comprado na França.

— Que tal isto, senhor? — Seguro-o com as duas mãos, como se estivesse vendendo-o em um canal de vendas na TV. — Trazido diretamente do sul da França. Gosto do cheiro deste produto... É o

seu cheiro — acrescento num sussurro, deixando de lado meu papel de apresentadora.

— Sim, obrigado. — Ele ri.

Pego uma pequena toalha do toalheiro térmico. A Sra. Jones realmente sabe deixá-las supermacias.

— Incline-se para a frente — ordeno, e Christian obedece.

Colocando a toalha em volta dos seus ombros, abro as torneiras e encho a pia com água morna.

— Agora para trás.

Ah, como eu gosto de estar no comando. Christian se recosta, mas ele é muito alto. Então afasta um pouco a cadeira da pia e a inclina para trás até deixar o topo apoiado. Distância perfeita. Ele deita a cabeça para trás. Olhos audaciosos me fitam, e eu sorrio. Pego um dos copos que costumamos deixar na penteadeira, mergulho-o na água e viro-o na sua cabeça, ensopando seu cabelo. Repito o processo, inclinando-me sobre ele.

— Você está tão cheirosa, Sra. Grey — murmura ele, e fecha os olhos.

Enquanto molho metodicamente seu cabelo, contemplo-o abertamente. *Minha nossa*. Será que algum dia vou me cansar disso? Seus longos cílios escuros são como um leque tocando as pálpebras inferiores; sua boca se entreabre, formando um pequeno e escuro diamante entre os lábios; ele inspira suavemente. Hmm... Como eu queria enfiar minha língua ali...

Espirro água nos olhos dele. *Merda!*

— Desculpe!

Ele pega a ponta da toalha e ri ao enxugar os olhos.

— Ei, eu sei que sou um idiota, mas não me afogue.

Dobro o corpo para beijar sua testa, rindo.

— Não me tente.

Ele me segura pela nuca e ergue o corpo para encostar a boca na minha. É um selinho rápido, e ele faz um barulhinho satisfeito com a garganta que se conecta com os músculos bem lá dentro do meu ventre. É um som muito sedutor. Ele me solta e volta a deitar para trás obedientemente, encarando-me com expectativa. Por um momento parece vulnerável, como uma criança. Meu coração se aperta.

Ponho um pouco de xampu na palma da mão e massajeio seu couro cabeludo, começando pelas têmporas e indo até o topo da cabeça, depois descendo pelos dois lados, desenhando círculos ritmados com os dedos. Ele fecha os olhos e faz aquele som baixo de novo.

— Que gostoso — diz depois de um momento, e relaxa sob o toque firme dos meus dedos.

— Aham. — Beijo sua testa mais uma vez.

— Eu gosto quando você arranha meu couro cabeludo com as pontas das unhas.

Seus olhos ainda estão fechados, mas sua expressão é de total satisfação — nenhum traço de vulnerabilidade permanece. Caramba, como seu estado de espírito mudou! Fico contente em saber que fui eu que fiz isso.

— Cabeça para cima — ordeno, e ele obedece.

Hmm... Uma mulher pode se acostumar com isso. Espalho a espuma na parte de trás da sua cabeça, percorrendo seu couro cabeludo com as unhas.

— Para trás.

Ele se inclina para trás e eu enxáguo a espuma, usando o copo. Dessa vez, consigo não espirrar nele.

— Mais uma vez? — pergunto.

— Por favor.

Seus olhos vibram e seu olhar sereno encontra o meu. Abro um sorriso para ele.

— É pra já, Sr. Grey.

Viro-me para a pia que Christian normalmente usa e encho-a de água morna.

— Para enxaguar — digo, quando noto seu olhar confuso.

Repito o processo com o xampu, ouvindo sua respiração calma e profunda. Assim que ele está cheio de espuma, levo mais um minuto apreciando o belo rosto do meu marido. Não consigo resistir a ele. Acaricio sua face ternamente, e ele abre os olhos, observando-me sonolento por entre os longos cílios. Inclinando-me para a frente, dou um beijo suave e casto na sua boca. Ele sorri, fecha os olhos e deixa escapar um suspiro de total satisfação.

Quem iria imaginar que depois da discussão que tivemos hoje à tarde ele ficaria tão relaxado? Sem sexo? Inclino-me sobre ele.

— Hmm... — murmura Christian em satisfação quando meus seios esbarram no seu rosto.

Resistindo à vontade de balançá-los, puxo a tampa da pia para que escorra a água cheia de espuma. Suas mãos se movem para meus quadris e para a minha bunda.

— Nada de passar a mão na cabeleireira — murmuro, fingindo desaprovação.

— Não esqueça que eu estou surdo — diz ele.

Ainda de olhos fechados, ele passa as mãos pela minha bunda e começa a levantar minha saia. Dou um tapa no seu braço. Estou gostando de bancar a cabeleireira. Ele ri alto, uma risada infantil, como se eu o tivesse apanhado fazendo algo ilícito do qual ele secretamente tem orgulho.

Pego o copo de novo, mas dessa vez uso a água da outra pia para cuidadosamente tirar todo o xampu do seu cabelo. Continuo me inclinando sobre ele, que mantém as mãos no meu traseiro, passando os dedos para trás e para a frente, para cima e para baixo... Para trás e para a frente... Hmm... Eu agito o corpo. Ele faz um ruído com a garganta.

— Pronto. Tudo enxaguado.

— Que bom.

Seus dedos apertam minha bunda e subitamente ele se endireita na cadeira, seu cabelo ensopado pingando por todo o seu corpo. Ele me puxa para o seu colo, as mãos subindo do meu traseiro para minha nuca e então para o meu queixo, segurando-me. Levo um susto, e então seus lábios estão nos meus, sua língua quente e firme na minha boca. Agarro seu cabelo molhado, e pingos d'água escorrem pelos meus braços; à medida que o nosso beijo fica mais intenso, seu cabelo encharca o meu rosto. Suas mãos descem do meu queixo até o primeiro botão da minha blusa.

— Chega dessa encenação. Quero comer você agora e pode ser aqui ou no quarto. Você decide.

Seus olhos brilham, quentes e cheios de promessas, seu cabelo pingando em nós dois. Minha boca fica seca.

— O que vai ser, Anastasia? — pergunta ele, segurando-me no seu colo.

— Você está molhado — respondo.

Ele joga a cabeça para a frente de repente, passando o cabelo molhado por toda a frente da minha blusa. Dou um grito agudo e tento me esquivar, mas ele me segura com mais força.

— Ah não, você não vai embora, querida.

Quando ele levanta a cabeça, está rindo lascivamente para mim, e eu sou a Garota Camiseta Molhada. Minha blusa está ensopada e totalmente transparente. Estou toda molhada... toda mesmo.

— Que bela visão — murmura ele, e se curva para passar o nariz em círculos ao redor de um dos meus mamilos molhados. Eu me contorço. — Quero uma resposta, Ana. Aqui ou no quarto?

— Aqui — sussurro em agonia.

Que se dane o corte de cabelo. Faço isso mais tarde. Ele abre um sorriso devagar, seus lábios curvando-se com sensualidade, cheio de promessas libidinosas.

— Boa escolha, Sra. Grey — sussurra ele contra a minha boca.

Christian solta meu queixo e desce a mão para o meu joelho, depois a faz subir suavemente pela minha perna, levantando minha saia e passeando na minha pele, o que provoca arrepios em mim. Seus lábios vão fazendo uma trilha de suaves beijos desde a base da minha orelha, contornando meu maxilar.

— Ah, o que eu faço com você? — sussurra ele. Seus dedos param no alto das minhas meias sete oitavos. — Eu gosto disso.

Ele coloca um dedo dentro da meia e o desliza para a parte interior da minha coxa. Fico ofegante e me contorço mais uma vez no seu colo.

Ele faz um barulho rouco com a garganta.

— Se eu vou foder com força, quero que fique parada.

— Vai ter que me obrigar — eu o desafio, minha voz suave e sussurrante.

Christian inspira forte. Ele aperta os olhos e me fita com uma expressão quente, velada.

— Ah, Sra. Grey. Basta você pedir. — Sua mão se move da minha meia para minha calcinha. — Vamos tirar isso.

Ele puxa de leve, e eu me mexo para ajudar. Sua respiração sibila contra seus dentes enquanto faço isso.

— Fique parada — grunhe ele.

— Estou ajudando.

Faço um beicinho, e ele morde suavemente meu lábio inferior.

— Parada — rosna ele.

Christian faz minha calcinha deslizar pelas minhas pernas e tira-a. Levantando minha saia para que fique toda acima dos meus quadris, ele leva as duas mãos para minha cintura e me levanta, minha calcinha ainda na sua mão.

— Monte em mim — ordena, olhando bem dentro dos meus olhos.

Eu mudo de posição, montando nele, e o encaro provocativamente. *Pode vir com tudo!*

— Sra. Grey — avisa ele —, está me atijando?

Ele me olha com um ar de diversão, mas ao mesmo tempo excitado. É uma combinação sedutora.

— Estou. O que vai fazer?

Seus olhos se iluminam com o meu desafio, cheios de um deleite obscuro, e sinto sua ereção embaixo de mim.

— Junte as mãos às costas.

Oh! Faço o que ele manda, e ele habilmente amarra meus pulsos com a calcinha.

— Minha calcinha? Sr. Grey, você não tem vergonha — digo em reprovação.

— Não em assuntos relacionados a você, Sra. Grey, mas você sabe muito bem disso.

Seu olhar é intenso e quente. Segurando a minha cintura, ele me coloca mais para trás no seu colo. A água ainda escorre pelo seu pescoço, até seu peito. Quero me inclinar para a frente e lamber as gotas, mas é mais difícil agora que estou com os braços presos.

Christian acaricia minhas coxas e desliza as mãos até os meus joelhos. Ele gentilmente os afasta mais, e também abre as próprias pernas, para me manter nessa posição. Seus dedos alcançam os botões da minha blusa.

— Acho que não precisamos disso — diz ele.

Christian começa a abrir metodicamente cada botão da minha blusa molhada, sem tirar os olhos dos meus. Seu olhar escurece cada vez mais à medida que prossegue, vagarosamente, no seu próprio tempo. Minha pulsação acelera e fico ofegante. Não consigo acreditar: ele mal me tocou e eu já me sinto assim — excitada, conturbada... pronta. Quero me contorcer. Ele deixa aberta minha blusa molhada e, usando as duas mãos, acaricia meu rosto com os dedos, seu polegar deslizando pelo meu lábio inferior. De repente, ele enfia o polegar na minha boca.

— Chupe — ordena ele.

Fecho a boca em volta do seu dedo e faço exatamente o que ele manda. Ah... Eu gosto desse jogo. O gosto dele é bom. O que mais eu gostaria de chupar? Os músculos da minha barriga tensionam só de pensar. Sua boca se entreabre quando passo os dentes pela parte macia do seu polegar e mordo.

Ele geme e, devagar, tira o dedo molhado da minha boca, fazendo-o descer pelo meu queixo, meu pescoço, meu esterno. Então o engancha no bojo do meu sutiã e puxa, revelando meu seio.

Seu olhar nunca deixa o meu. Ele está observando cada reação que seu toque provoca em mim, e eu também o observo. É excitante. Devorador. Possessivo. Eu adoro. Ele faz o mesmo com a outra mão, de forma que agora meus dois seios estão nus, e, cobrindo-os com a palma da mão delicadamente, cada polegar dele acaricia um mamilo meu, traçando círculos devagar, provocando e mexendo em cada um até que ficam duros e inflados debaixo do seu toque habilidoso. Eu tento, realmente tento, não me mexer, mas meus mamilos estão ligados à minha virilha, então eu gemo e jogo a cabeça para trás, fechando os olhos e me rendendo a essa tortura tão deliciosa.

— Shh. — Sua voz tranquila soa incoerente com o ritmo provocador e insistente de seus dedos habilidosos. — Paradinha, baby, paradinha.

Soltando um dos meus seios, ele estica o braço e abre a mão sobre a minha nuca, para então inclinar-se adiante e engolir meu mamilo, sugando com força, seu cabelo molhado me fazendo cócegas. Ao mesmo tempo, ele para de acariciar meu outro mamilo,

já alongado, pegando-o entre o polegar e o indicador e apertando e girando delicadamente.

— Ah! Christian! — gemo, e salto para a frente no seu colo.

Mas ele não para. Continua a provocação lenta, prazerosa e agonizante. E meu corpo arde à medida que o prazer toma um caminho mais sombrio.

— Christian, por favor — choramingo.

— Hmm... — murmura ele, baixinho, um som que sai do seu peito. — Quero que você goze assim.

Meu mamilo ganha um alívio momentâneo enquanto suas palavras acariciam minha pele, e é como se ele estivesse evocando uma parte obscura e profunda da minha mente que só ele conhece. Quando ele volta a atacar com os dentes, o prazer é quase intolerável. Gemendo alto, estremeço no seu colo, tentando encontrar alguma boa fricção contra sua calça. Luto inutilmente contra a calcinha que prende meus braços, louca para tocá-lo, mas me perco nessa sensação perigosa.

— Por favor — sussurro, implorando, e o prazer percorre o meu corpo, indo direto do meu pescoço para as minhas pernas, para os dedos dos meus pés, envolvendo tudo à sua passagem.

— Você tem peitos tão lindos, Ana. — Ele geme. — Ainda vou comer esses peitos.

O que ele quer dizer com isso? Abrindo os olhos, fito seu rosto boquiaberta enquanto ele me chupa, minha pele respondendo a seu toque. Não sinto mais minha blusa encharcada, seu cabelo molhado... Nada a não ser a ardência. E arde deliciosamente quente e fundo, bem no fundo, e todos os meus pensamentos evaporam à medida que meu corpo se enrijece e se contrai... quase chegando lá... clamando pela liberação. E ele não para — provoca, puxa, me deixa louca. Eu quero... Eu quero...

— Não resista — diz ele.

E eu me entrego, gemendo alto, meu orgasmo fazendo meu corpo entrar em convulsões, e ele para sua doce tortura e me envolve nos seus braços, segurando-me enquanto meu corpo se contorce em clímax. Quando abro os olhos, estou descansando no seu peito e ele está me fitando.

— Meu Deus, eu adoro ver você gozar, Ana. — Sua voz está maravilhada.

— Isso foi... — As palavras me faltam.

— Eu sei.

Ele se inclina para a frente e me beija, a mão ainda na minha nuca, segurando-me, inclinando minha cabeça para que ele possa me beijar profundamente — com amor, com reverência.

Fico perdida no seu beijo.

Ele se afasta para tomar fôlego, seus olhos da cor de uma tempestade tropical.

— Agora eu vou foder você com força — murmura ele.

Put a que pariu. Agarrando-me pela cintura, ele me levanta das suas coxas e me coloca na ponta dos seus joelhos, para então, com a mão direita, abrir o botão da sua calça azul-marinho. Os dedos da sua mão esquerda passeiam para cima e para baixo pela minha coxa, sempre parando no alto da minha meia. Ele me observa atentamente. Estamos cara a cara e eu estou impotente, toda envolta no meu sutiã e com as mãos presas pela calcinha. Este deve ter sido um dos nossos momentos mais íntimos — eu sentada no colo dele, olhando bem dentro dos seus lindos olhos cinzentos. Sinto-me uma devassa, mas também muito conectada a ele — não estou constrangida nem tímida. Este é Christian, meu marido, meu amante, meu megalomaníaco autoritário, meu Cinquenta Tons — o amor da minha vida. Ele abre o zíper, e minha boca fica seca quando sua ereção salta para fora.

Ele sorri maliciosamente.

— Você gosta? — pergunta ele, num sussurro.

— Hmm... — murmuro em aprovação.

Pegando-o, ele movimenta as mãos para cima e para baixo... *Ai, meu Deus.* Encaro-o com os olhos semicerrados. Cacete, ele é tão sexy...

— Está mordendo o lábio, Sra. Grey.

— É porque eu estou com fome.

— Fome? — Sua boca se abre em surpresa, e seus olhos quase se arregalam.

— Aham... — concordo, e passo a língua nos lábios.

Ele abre um sorriso enigmático e morde o lábio inferior enquanto continua se acariciando. Por que é tão excitante ver meu marido se dando prazer?

— Entendo. Você deveria ter comido o seu jantar. — Seu tom é ao mesmo tempo de zombaria e censura. — Mas talvez eu possa ajudá-la. — Ele coloca as mãos na minha cintura. — Levante-se — diz suavemente, e eu sei o que ele vai fazer.

Obedeço, minhas pernas não mais tremendo.

— Ajoelhe-se.

Faço o que ele manda: ajoelho-me no piso gelado do banheiro. Ele desliza para a frente na cadeira.

— Beije — profere ele, segurando sua ereção.

Olho-o de relance e vejo-o passar a língua pelos dentes superiores. É excitante, muito excitante ver o desejo dele, seu desejo nu por mim e pela minha boca. Inclinando-me para a frente, meus olhos nos dele, beijo a ponta da sua ereção. Vejo-o inspirar forte e cerrar os dentes. Christian segura a lateral da minha cabeça e eu passo a língua pela ponta, provando a pequena gota do líquido que repousa no final. Hmm... Que gosto bom. Sua boca se abre ainda mais quando ele inspira, e eu parto para o ataque, engolindo-o e chupando forte.

— Ah...

O ar sibila entre seus dentes e ele flexiona os quadris para a frente, enfiando ainda mais na minha boca. Mas eu não paro. Cobrindo os dentes com os lábios, eu desço e subo. Ele move ambas as mãos, de forma que agora segura totalmente minha cabeça, enterrando os dedos no meu cabelo, e então começa a se mexer devagar, entrando e saindo da minha boca, sua respiração cada vez mais rápida, mais áspera. Giro a língua em volta da ponta e o engulo de novo, em um perfeito contraponto ao movimento dele.

— Meu Deus, Ana.

Ele suspira e fecha os olhos com força. Ele está entregue, e é inebriante vê-lo reagir a mim. *A mim*. Muito devagar, contraio os lábios para trás, deixando só os dentes.

— Ah!

Christian para de se mexer. Dobrando-se para a frente, ele me agarra e me puxa para o seu colo.

— Chega! — murmura ele.

Alcançando minhas costas, ele solta minhas mãos com um puxão na minha calcinha. Flexiono os pulsos e encaro os olhos ardentes que me olham de volta com amor, desejo e luxúria. E percebo que sou eu que quero transar com este homem. Eu o quero demais. Quero vê-lo gozar enlouquecidamente embaixo de mim. Agarro sua ereção e monto nele. Colocando a outra mão no seu ombro, faço-o entrar em mim, muito devagar e delicadamente. Ele solta um barulho grave, gutural e selvagem e, com as mãos para cima, arranca minha blusa, deixando-a cair no chão. Suas mãos agarram meus quadris.

— Quieta. — Ele faz um ruído estridente, as mãos se enterrando na minha pele. — Por favor, deixe-me saborear isso. Saborear você.

Eu paro. *Nossa...* É tão bom senti-lo dentro de mim. Ele acaricia meu rosto, os olhos bem abertos e selvagens, os lábios semiabertos ao respirar. Ele se flexiona por baixo de mim e eu gemo, fechando os olhos.

— Esse é o meu lugar preferido — sussurra ele. — Dentro de você. Dentro da minha mulher.

Ai, cacete. Christian. Não consigo mais me conter. Meus dedos deslizam entre o seu cabelo molhado, minha boca procura a dele e eu começo a me movimentar. Subindo e descendo nos dedos dos pés, saboreando-o, saboreando a mim. Ele geme alto, e suas mãos estão no meu cabelo e nas minhas costas, e sua língua invade minha boca com avidez, tomando tudo o que eu ofereço com prazer. Depois da nossa discussão de hoje à tarde, minha frustração com ele, a dele comigo... Ainda temos isso. Sempre teremos isso. Eu o amo tanto que é quase esmagador. Ele segura minha bunda e começa a me controlar, erguendo-me e baixando-me, repetidas vezes, imprimindo seu ritmo — um ritmo quente e agradável.

— Ah! — gemo, impotente, dentro da sua boca, enquanto sou levada.

— Isso. Isso, Ana — sibila ele, e eu inundo de beijos seu rosto, seu queixo, sua mandíbula, seu pescoço. — Baby — diz ele, capturando minha boca mais uma vez.

— Ah, Christian, eu amo você. Sempre vou amar você. — Estou sem fôlego, querendo que ele saiba do meu amor, que tenha

certeza disso depois da batalha de vontades que tivemos hoje mais cedo.

Ele geme alto e me abraça, no mesmo momento em que chega ao clímax, com um soluço lamurioso, e isso basta... isso basta para me deixar no limite de novo. Aperto os braços em volta da sua cabeça e me deixo levar, e gozo em volta dele, as lágrimas surgindo nos meus olhos por amá-lo tanto.

* * *

— Ei — SUSSURRA ELE, levantando meu queixo e me fitando com uma preocupação discreta. — Por que está chorando? Machuquei você?

— Não — murmuro, tranquilizando-o.

Ele afasta o cabelo do meu rosto, seca uma lágrima solitária com o polegar e me beija ternamente na boca. Ainda está dentro de mim. Ele se mexe, e eu estremeço quando sai do meu corpo.

— O que houve, Ana? Por favor, diga.

Dou uma fungada.

— É só que... é só que às vezes eu me sinto esmagada pelo amor que sinto por você — sussurro.

Depois de um instante, ele abre seu sorriso tímido especial — reservado para mim, eu acho.

— Você provoca o mesmo em mim — sussurra ele, e me beija mais uma vez.

Sorrio, e por dentro minha alegria se desdobra e se estica preguiçosamente.

— Mesmo?

Ele sorri com malícia.

— Você sabe que sim.

— Às vezes eu sei. Não o tempo todo.

— Digo o mesmo em relação a você, Sra. Grey.

Dou um grande sorriso e deposito beijos suaves no seu peito, leves como uma pluma. Esfrego o rosto nos pelos do seu peito. Christian acaricia meu cabelo e passa a mão pelas minhas costas. Ele abre o fecho do meu sutiã e desce a alça de um dos braços.

Mudo de posição; então ele puxa a outra alça e deixa o sutiã cair no chão.

— Hmm... Pele com pele — murmura com prazer, e me envolve em seus braços de novo, beijando meu ombro e roçando o nariz pela minha orelha. — Seu cheiro é magnífico, Sra. Grey.

— O seu também, Sr. Grey.

Passo o rosto no seu peito de novo e inalo seu aroma de Christian, agora misturado com o inebriante cheiro de sexo. Eu poderia ficar assim, em seus braços, saciada e feliz, para sempre. É só disso que eu preciso depois de um dia cheio, agitado pela volta ao trabalho, pelas nossas discussões e pela surra verbal que dei naquela vaca. É aqui que eu quero estar, e, apesar do seu espírito controlador e da sua megalomania, sinto que aqui é o meu lugar. Christian enterra o nariz no meu cabelo e inspira profundamente. Deixo escapar um suspiro de contentamento e sinto seu sorriso. E ficamos assim, sentados, os braços envolvendo um ao outro, sem falar nada.

Finalmente, a realidade vem se intrometer.

— Está tarde — diz Christian, seus dedos acariciando metodicamente minhas costas.

— Seu cabelo ainda precisa de um corte.

Ele dá uma risada.

— Isso é verdade, Sra. Grey. Você ainda tem energia para terminar o trabalho que começou?

— Por você, Sr. Grey, faço qualquer coisa. — Beijo seu peito mais uma vez e relutantemente me levanto.

— Não vá.

Agarrando-me pelos quadris, Christian me gira. Então senta-se ereto na cadeira e tira minha saia, deixando-a cair no chão. Estende a mão para mim. Aceito-a, e dou um passo adiante, deixando a saia para trás. Agora estou apenas de meia e cinta-liga.

— Você é uma belíssima visão, Sra. Grey.

Ele se recosta de novo na cadeira e cruza os braços, avaliando-me abertamente de alto a baixo.

Abro os braços e dou uma voltinha para ele.

— Meu Deus, que grande filho da puta sortudo que eu sou — diz ele, admirando-me.

— É mesmo.

Ele ri.

— Vista a minha camisa para cortar meu cabelo. Desse jeito você só vai me distrair, e vamos acabar nunca indo para a cama.

Não consigo evitar um sorriso em resposta. Sabendo que ele está observando cada movimento meu, vou rebolando até onde deixamos meus sapatos e a camisa dele. Inclinando-me devagar, eu me abaixo, pego a camisa, cheiro-a — hmm — e então a visto.

Os olhos de Christian estão bem abertos. Ele fechou a braguilha e está me olhando atentamente.

— Esse foi um tremendo espetáculo solo, Sra. Grey.

— Você tem uma tesoura? — pergunto inocentemente, piscando os cílios.

— No meu escritório — responde ele, em voz baixa e rouca.

— Vou procurar.

Deixando-o no banheiro, entro no quarto e pego meu pente na penteadeira antes de ir para o escritório. No corredor principal, reparo na porta aberta do escritório de Taylor. A Sra. Jones está parada alguns passos depois da entrada. Eu paro, completamente congelada.

Taylor está passando os dedos pelo rosto dela e sorrindo docemente. Então ele se inclina e a beija.

*Putá merda! Taylor e a Sra. Jones? Fico boquiaberta de espanto — quer dizer, eu pensei... Bem, eu meio que desconfiava. Mas eles obviamente estão juntos! Fico rubra, sentindo-me uma voyeur, e consigo fazer meus pés se mexerem. Atravesso correndo o salão e entro no escritório de Christian. Acendo a luz e vou até a mesa. Taylor e a Sra. Jones... Uau! Estou tonta. Sempre achei que a Sra. Jones fosse mais velha que ele. Ah, tenho que tirar essa cena da minha cabeça. Abro a primeira gaveta e imediatamente sou distraída de meus pensamentos ao ver uma arma. *Christian tem uma arma!**

Um revólver. *Putá merda!* Eu não fazia ideia de que Christian tinha uma arma. Tiro-a da gaveta, abro o tambor e verifico o cilindro. Está completamente carregada, mas é leve... muito leve. Deve ser de fibra de carbono. O que Christian quer com uma arma? Caramba, espero que ele saiba usar isso. Os incessantes alertas de

Ray quanto a armas passam rapidamente pela minha cabeça. Ele nunca esqueceu o treinamento militar. *Armas de fogo podem matar você, Ana. Você precisa saber o que está fazendo quando pegar numa dessas.* Coloco o revólver de volta e encontro a tesoura. Pegando-a rapidamente, corro de volta para o banheiro, minha cabeça girando. Taylor e a Sra. Jones... O revólver...

Na entrada da sala de estar, deparo com Taylor.

— Sra. Grey, me desculpe. — Seu rosto fica vermelho quando ele vê meus trajes.

— Hmm, Taylor, oi... Hmm. Estou cortando o cabelo do Christian! — falo abruptamente, constrangida.

Taylor está tão mortificado quanto eu. Abre a boca para falar algo, mas então a fecha rapidamente, afastando-se para o lado.

— Primeiro as damas — diz ele, todo formal.

Devo estar da cor do meu antigo Audi, o especial de submissa. Tem como isso ficar mais embaraçoso?

— Obrigada — murmuro, e disparo pelo corredor.

Droga! Será que algum dia vou me acostumar com o fato de que não estamos sozinhos? Entro no banheiro correndo, sem fôlego.

— O que aconteceu?

Christian está de pé em frente ao espelho, segurando meus sapatos. Todas as minhas roupas, que estavam espalhadas, estão agora cuidadosamente empilhadas sobre a pia.

— Acabei de cruzar com o Taylor.

— Ah. — Christian franze a testa. — Vestida dessa maneira.

Ah, merda!

— Não foi culpa dele.

Christian franze ainda mais a testa.

— Não. Mas mesmo assim.

— Estou vestida.

— Com quase nada.

— Não sei quem ficou mais constrangido, eu ou ele. — Tento minha técnica de distração: — Você sabia que ele e a Gail estão... bem, juntos?

Christian ri.

— Sim, claro que eu sabia.

— E nunca me contou?

— Achei que você soubesse também.

— Não.

— Ana, eles são adultos. Vivem sob o mesmo teto. Nenhum dos dois é comprometido. Os dois são bonitos.

Fico corada, sentindo-me boba por não ter notado.

— Bem, vendo dessa maneira... Eu só pensei que a Gail fosse mais velha do que o Taylor.

— Ela é, mas não muito. — Ele me encara, perplexo. — Alguns homens gostam de mulheres mais velhas... — Ele para abruptamente e seus olhos se arregalam.

Olho mal-humorada para ele.

— Eu sei disso — falo rispidamente.

Christian parece arrependido. Sorri afetuosamente para mim. Pronto! Minha técnica de distração foi um sucesso! Meu inconsciente me olha com desaprovação — mas a que custo? Agora a sombra da inominável Mrs. Robinson está pairando entre nós.

— Isso me lembra... — diz ele alegremente.

— O quê? — murmuro com petulância. E, pegando uma cadeira, viro-a para o espelho acima das pias. — Sente-se — ordeno.

Christian me fita com um ar meio divertido e meio indulgente, mas faz o que eu mando e se senta na cadeira. Começo a pentear seu cabelo, agora meramente úmido.

— Eu estava pensando em transformar os quartos de cima das garagens, na casa nova, num espaço para eles — comenta Christian. — Fazer um lar para os dois. Então talvez a filha do Taylor pudesse passar mais tempo com o pai.

Ele me observa com cautela pelo espelho.

— Por que ela não fica aqui?

— O Taylor nunca me pediu isso.

— Talvez você deva propor isso a ele. Mas aí teríamos que nos comportar.

Ele franze as sobrancelhas.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Talvez seja por isso que o Taylor nunca tenha pedido. Você conhece a menina?

— Conheço. Um doce. Tímida. Uma graça. Eu pago a escola dela.

Ah. Paro de penteá-lo e o encaro pelo espelho.

— Eu não tinha ideia.

Ele dá de ombros.

— Acho que é o mínimo que eu posso fazer. Além do mais, assim ele não vai embora.

— Tenho certeza de que ele gosta de trabalhar para você.

Christian me encara sem nenhuma expressão e então dá de ombros.

— Não sei.

— Acho que ele gosta muito de você, Christian.

Volto a penteá-lo e desvio o olhar para ele; Christian não deixa de me fitar.

— Você acha?

— Acho.

Ele emite um som desdenhoso mas contente, como se estivesse secretamente satisfeito pelo fato de seus empregados gostarem dele.

— Que bom. Você fala com a Gia sobre os quartos em cima da garagem?

— Sim, claro.

Não sinto mais a mesma irritação que sentia antes quando surgia o nome dela. Meu inconsciente concorda solenemente comigo. *É... nós nos saímos bem hoje.* Minha deusa interior exulta. Agora ela vai deixar meu marido em paz e não vai deixá-lo desconfortável.

Estou pronta para cortar o cabelo de Christian.

— Tem certeza disso? É sua última chance de desistir.

— Faça o pior que puder, Sra. Grey. Não sou eu que tenho que olhar para mim, e sim você.

Dou uma risada.

— Christian, eu poderia olhar para você o dia inteiro.

Ele balança a cabeça, aborrecido.

— É só um rosto bonito, querida.

— E atrás dele, um homem muito bonito. — Beijo-o na têmpora.

— Meu homem.

Ele sorri timidamente.

Pegando a primeira mecha de cabelo, penteio-a para cima e seguro-a entre o indicador e o dedo médio. Coloco o pente na boca, pego a tesoura e faço o primeiro corte, tirando uns dois centímetros do comprimento. Christian fecha os olhos e fica sentado como uma estátua, suspirando contente enquanto eu continuo. Às vezes ele abre os olhos e eu o pego me olhando fixamente. Ele não me toca durante a tarefa, o que é um alívio. Seu toque me faz... perder a concentração.

Quinze minutos depois, está pronto.

— Acabei.

Fico satisfeita com o resultado. Ele está mais lindo do que nunca, o cabelo ainda desalinhado e sexy... apenas um pouco mais curto.

Christian se olha no espelho. Parece positivamente surpreso. Ele abre um largo sorriso.

— Bom trabalho, Sra. Grey.

Ele vira a cabeça de um lado para o outro e me envolve em seus braços. Puxando-me para si, me beija e se aninha na minha barriga.

— Obrigado — diz ele.

— O prazer foi meu. — Inclino-me e lhe dou um beijo rápido.

— Está tarde. Dormir. — E ele dá um tapinha de brincadeira na minha bunda.

— Ah! Tenho que limpar isso aqui. — Tem cabelo espalhado no chão todo.

Christian franze o cenho, como se esse pensamento fosse algo que nunca lhe ocorreria.

— Tudo bem, vou pegar a vassoura — diz ele sarcasticamente.

— Não quero que você constranja os empregados com esses trajes inapropriados.

— Você sabe onde fica a vassoura? — pergunto inocentemente.

Isso o faz parar na mesma hora.

— Hmm... Não.

Dou uma risada.

— Eu vou.

* * *

EU ME DEITO na cama e, enquanto espero por Christian, reflito sobre como esse dia poderia ter terminado tão diferente. Eu estava com muita raiva dele hoje mais cedo, e ele de mim. Como vou conseguir lidar com esse absurdo de me fazer administrar uma empresa? Não sinto vontade nenhuma de ter minha própria empresa. Não sou ele. Preciso tirar essa ideia da cabeça dele. Talvez devêssemos combinar uma senha para quando ele estiver agindo de forma autoritária e dominadora, para quando estiver sendo um babaca. Dou uma risadinha. Talvez a senha devesse ser babaca. Uma ideia muito interessante.

— O que foi? — pergunta ele ao deitar ao meu lado na cama, vestindo só a calça do pijama.

— Nada. Só uma ideia.

— Que ideia? — Ele se espreguiça ao meu lado.

Isso não vai dar em nada.

— Christian, acho que eu não quero administrar uma empresa.

Ele ergue o corpo, apoiando-se no cotovelo, e me encara.

— Por que está dizendo isso?

— Porque é algo que nunca desejei.

— Você é mais do que capaz, Anastasia.

— Eu gosto de ler livros, Christian. Não vou conseguir fazer isso enquanto dirijo uma empresa.

— Você poderia ser a diretora de conteúdo.

Franzo o cenho.

— Veja — continua ele —, gerenciar uma empresa de sucesso se resume a abraçar o talento dos indivíduos que você tem à sua disposição. Se é aí que estão os seus talentos e interesses, então você estrutura a empresa de uma forma que lhe permita explorá-los. Não descarte essa possibilidade logo de cara, Anastasia. Você é uma mulher muito capaz. Acho que poderia fazer qualquer coisa que quisesse.

Uau! Como ele pode saber se eu vou ser boa nisso?

— Também tenho medo de que isso tome muito do meu tempo.

Christian franze o cenho.

— Tempo que eu poderia dedicar a você. — Recorro à minha arma secreta.

Seu olhar escurece.

— Sei o que você está fazendo — murmura ele, achando graça.
Droga!

— O quê? — digo, fingindo inocência.

— Está tentando me distrair do assunto em questão. Você sempre faz isso. Só não descarte logo a ideia, Ana. Pense sobre o assunto. É só o que eu peço.

Ele se inclina e me beija castamente, depois passa o polegar pelo meu rosto. Essa discussão vai render. Dou um sorriso para ele — e algo que ele disse mais cedo me vem de repente à cabeça.

— Posso perguntar uma coisa? — Minha voz é fraca, hesitante.

— Claro.

— Hoje você disse que se eu estivesse com raiva de você, que era para descontinuar na cama. O que você quis dizer com isso?

Ele fica parado.

— O que acha que eu quis dizer?

Merda! Vou ter que falar logo.

— Acho que você queria que eu o amarrasse.

Suas sobrancelhas se erguem em surpresa.

— Hmm... não. Não era isso. Não mesmo.

— Ah. — E fico surpresa ao notar a pontada de desapontamento que sinto.

— Você quer me amarrar? — pergunta ele, obviamente interpretando minha expressão da forma correta. Ele parece chocado. Fico vermelha.

— Bem...

— Ana, eu... — Ele então para de falar, e algo sombrio cruza seu rosto.

— Christian — sussurro, alarmada.

Mudo de posição, deitando de lado, e me apoio em um cotovelo, imitando-o. Acaricio seu rosto. Seus olhos estão muito abertos e cheios de medo. Ele balança a cabeça tristemente.

Merda!

— Christian, pare. Não importa. Eu pensei que fosse isso o que você quisesse dizer.

Ele pega minha mão e a coloca sobre seu coração, que bate acelerado. *Cacete!* O que está havendo?

— Ana, não sei como eu me sentiria sendo tocado se eu estivesse amarrado.

Meu couro cabeludo começa a formigar. É como se ele estivesse confessando algo profundo e sombrio.

— Isso é tudo muito recente ainda. — Sua voz é baixa e rouca.

Merda. Foi só uma pergunta, e eu percebo que ele já avançou muito, mas ainda tem um longo caminho pela frente. *Ah, Christian, meu Cinquenta Tons.* A angústia aperta meu coração. Inclino-me para perto de Christian e ele congela, mas dou apenas um beijo suave no canto da sua boca.

— Christian, eu entendi errado. Por favor, não se preocupe, não pense nisso.

Dou um beijo nele. Ele fecha os olhos, geme e retribui o beijo, puxando meu corpo para me derrubar no colchão, suas mãos segurando meu queixo. E logo estamos perdidos... perdidos um no outro de novo.

CAPÍTULO NOVE

Pela manhã, acordo antes de o despertador tocar e vejo Christian enrolado em mim, a cabeça no meu peito, o braço em volta da minha cintura e a perna entre as minhas. E ele está no meu lado da cama. É sempre a mesma coisa. Se discutimos à noite, é assim que ele fica durante o sono, todo enrolado em mim, deixando-me com calor e incomodada.

Ah, meu Cinquenta Tons. Tão carente em alguns aspectos. Quem diria? A imagem que tenho de Christian como um menininho sujo e infeliz me persegue. Acaricio delicadamente seu cabelo, agora mais curto, e minha melancolia desaparece. Ele se mexe, e seus olhos sonolentos encontram os meus. Ele pisca algumas vezes à medida que vai despertando.

— Oi — murmura ele, e sorri.

— Oi. — Adoro acordar com esse sorriso.

Ele se aninha nos meus seios e deixa escapar um gemido de apreciação, que vem bem do fundo da garganta. Suas mãos descem pelo meu corpo a partir da cintura, passando levemente sobre o frio cetim da minha camisola.

— Que tentação você é — murmura ele. — Mas, apesar da tentação — ele olha o relógio —, tenho que levantar.

Ele se espreguiça, se solta de mim e se levanta.

Eu me recosto na cabeceira da cama, coloco as mãos atrás da cabeça e aproveito o espetáculo: Christian tirando a roupa para entrar no banho. Ele é perfeito. Eu não mudaria um fio de cabelo dele.

— Admirando a vista, Sra. Grey? — Christian levanta uma sobrelhaça irônica para mim.

— É uma bela vista, Sr. Grey.

Ele ri e joga a calça do pijama em mim de um jeito que quase cai no meu rosto, mas eu a pego a tempo, dando risadinhas como uma

menina. Com um sorriso malicioso, ele puxa o edredom, coloca um joelho na cama, agarra meus tornozelos e me arrasta na direção dele, de modo que minha camisola sobe. Dou um grito agudo e ele engatinha por cima do meu corpo, deixando uma trilha de beijos no meu joelho, na minha coxa... na minha... ah... *Christian!*

* * *

— BOM DIA, Sra. Grey — cumprimenta-me a Sra. Jones.

Fico ruborizada, constrangida, recordando-me do seu momento de intimidade com Taylor ontem à noite.

— Bom dia — respondo enquanto ela me oferece uma xícara de chá.

Sento-me num banco alto ao lado do meu marido, que parece simplesmente radiante: recém-saído do banho, o cabelo molhado, usando uma camisa branca engomada e aquela gravata prateada. Minha preferida. Tenho deliciosas lembranças dela.

— Como vai, Sra. Grey? — pergunta ele, os olhos calorosos.

— Acho que você sabe, Sr. Grey. — E ergo o olhar com o rosto para baixo.

Ele sorri.

— Coma — ordena. — Você não comeu ontem.

Ah, meu Cinquenta Tons mandão!

— Eu não comi porque você estava sendo um babaca.

A Sra. Jones derruba alguma coisa com um estrondo na pia, fazendo-me pular de susto. Christian parece não se dar conta do barulho. Ignorando-a, ele continua a me olhar impassivo.

— Babaca ou não, coma. — Seu tom de voz é sério. Não vou discutir.

— Tudo bem! Pegando a colher, comendo granola... — murmuro, como uma adolescente petulante.

Pego o iogurte grego e coloco um pouco sobre o meu cereal, seguido de um punhado de blueberries. Olho de esguelha na direção da Sra. Jones e ela capta o meu olhar. Sorrio, e ela abre um sorriso caloroso em resposta. Ela providenciou o meu café da manhã preferido, que me foi apresentado durante a nossa lua de mel.

— Talvez eu tenha que ir a Nova York no final da semana. — O anúncio do Christian interrompe meus devaneios.

— Ah.

— Devo dormir uma noite lá. Quero que você vá comigo.

— Christian, eu não vou ter folga.

Ele me olha daquele seu jeito que diz “Ah, jura? Mas eu sou o seu chefe”. Solto um suspiro.

— Sei que você é o dono da empresa, mas eu passei três semanas fora. Por favor. Como você espera que eu administre um negócio se nunca estou lá? Vou ficar bem. Presumo que você vá levar o Taylor, mas o Sawyer e o Ryan vão estar aqui... — Paro de falar, porque Christian está sorrindo para mim. — O quê? — pergunto rispidamente.

— Nada. Só você — diz ele.

Fecho a cara. Ele está rindo de mim? Então um pensamento horrível surge na minha mente.

— Como você vai para Nova York?

— No jatinho da empresa. Por quê?

— Só queria saber se você iria no *Charlie Tango*. — Minha voz sai baixa e um arrepio desce pela minha espinha.

Eu me lembro da última vez que ele voou nesse helicóptero. Uma onda de náusea me atinge quando me recordo das horas tensas que passei à espera de notícias. Deve ter sido o momento mais difícil da minha vida. Noto que a Sra. Jones também ficou imóvel. Tento descartar esse pensamento.

— Eu não poderia ir a Nova York no *Charlie Tango*. Ele não tem autonomia para um voo desses. Além disso, os engenheiros só vão liberá-lo daqui a duas semanas.

Graças aos céus. Meu sorriso é em parte de alívio, mas também de satisfação em saber que o desaparecimento do *Charlie Tango* ocupou grande parte da atenção e do tempo de Christian ao longo das últimas semanas.

— Bem, fico feliz que o conserto esteja quase pronto, mas...

Paro de falar. Será que posso lhe contar que vou ficar muito nervosa da próxima vez que ele entrar naquele helicóptero?

— O que foi? — pergunta ele, terminando o omelete.

Dou de ombros.

— Ana? — insiste ele, dessa vez mais firme.

— Eu só... Você sabe. Da última vez que você voou nele... Eu pensei... todos pensamos... que você tinha... — Não consigo terminar a frase, e a expressão de Christian se suaviza.

— Ei. — Ele acaricia meu rosto com as costas dos dedos. — Aquilo foi sabotagem.

Uma expressão sombria cruza seu rosto, e por um momento me pergunto se ele sabe quem foi o responsável.

— Eu não aguentaria perder você — murmuro.

— Cinco pessoas foram demitidas por causa daquilo, Ana. Não vai acontecer de novo.

— Cinco?

Ele confirma com a cabeça, a expressão séria.

Caramba!

— Isso me lembra uma coisa. Tem uma arma na sua gaveta.

Ele franze a testa diante do meu comentário fora de propósito e, provavelmente, também pelo meu tom acusatório, embora não fosse essa a minha intenção.

— É da Leila — diz ele finalmente.

— Está completamente carregada.

— Como você sabe? — Ele franze ainda mais a testa.

— Eu vi ontem.

Ele me olha zangado.

— Não quero você mexendo com armas. Espero que tenha colocado de volta a trava de segurança.

Fico sem reação por um momento, estupefata.

— Christian, aquele revólver não tem trava de segurança. Você não entende nada de armas?

Seus olhos se arregalam.

— Hã... Não.

Taylor tosse discretamente à entrada. Christian assente com a cabeça para ele.

— Temos que ir — diz Christian.

Ele se levanta, distraído, e veste o paletó cinza. Vou atrás dele pelo corredor.

Ele está com a arma da Leila. Estou chocada com essa novidade, e me pergunto rapidamente o que terá acontecido com

ela. Será que ainda está em... onde é mesmo? Algum lugar no leste. New Hampshire? Não consigo me lembrar.

— Bom dia, Taylor — diz Christian.

— Bom dia, Sr. e Sra. Grey.

Ele nos cumprimenta com um aceno de cabeça, mas toma o cuidado de não me olhar nos olhos. Fico aliviada, lembrando de como estava pouco coberta quando esbarramos um com o outro ontem à noite.

— Vou só escovar os dentes — murmuro.

Christian sempre escova os dentes antes do café da manhã. Não entendo por quê.

* * *

— VOCÊ DEVERIA PEDIR ao Taylor para ensiná-lo a atirar — digo quando estamos no elevador. Christian me encara com um ar de quem acha graça.

— Deveria, é? — diz ele secamente.

— Sim.

— Anastasia, eu tenho desprezo por armas. Minha mãe cuidou de muitas vítimas de crimes com armas de fogo e meu pai condena veementemente as armas. Eu cresci imbuído desse espírito. Ajudo pelo menos duas iniciativas para o controle de armas aqui em Washington.

— Ah. O Taylor anda armado?

Ele pressiona os lábios.

— Às vezes.

— Você não aprova? — pergunto, enquanto Christian me apressa para fora do elevador ao chegarmos ao térreo.

— Não — diz ele, os lábios cerrados. — Digamos que eu e o Taylor temos visões muito diferentes no que diz respeito ao controle de armas.

Estou com o Taylor nessa.

Christian abre a porta da entrada para mim e eu me dirijo para o carro. Ele não me deixa ir sozinha para a SIP desde que descobriu que o *Charlie Tango* foi sabotado. Sawyer sorri com simpatia, segurando a porta aberta para Christian e eu entrarmos no carro.

— Por favor. — Pego a mão de Christian.

— Por favor o quê?

— Aprenda a atirar.

Ele revira os olhos.

— Não. Discussão encerrada, Anastasia.

E mais uma vez sou uma criança sendo repreendida. Abro a boca para dizer algo cortante, mas decido que não quero começar meu dia de trabalho de mau humor. Em vez disso, cruzo os braços e vejo Taylor me observando pelo espelho retrovisor. Ele parece absorto, concentrado na rua à sua frente, mas balança a cabeça um pouco, numa frustração óbvia.

Hmm... Ele também fica enlouquecido com Christian às vezes. Esse pensamento me faz sorrir, e meu bom humor está salvo.

— Onde está a Leila? — pergunto, enquanto Christian olha para fora pela janela.

— Já falei. Está em Connecticut com os pais. — Ele me olha de relance.

— Você verificou isso? Afinal, ela tem cabelo comprido. Poderia ser ela dirigindo o Dodge.

— Sim, eu verifiquei. Ela está matriculada numa escola de artes em Hamden. Começou esta semana.

— Você falou com ela? — sussurro, e meu rosto fica lívido.

Christian vira a cabeça rapidamente ao ouvir o tom da minha voz.

— Não. Foi o Flynn. — Ele investiga meu rosto à procura de uma pista para meus pensamentos.

— Entendi — murmuro, aliviada.

— O quê?

— Nada.

Christian suspira.

— Ana. O que foi?

Dou de ombros, não querendo admitir meu ciúme irracional.

Christian continua:

— Estou de olho nela, para ter certeza de que ela está do outro lado do país. Ela está melhor, Ana. Flynn a encaminhou para um psiquiatra em New Haven, e todos os relatórios têm sido bem positivos. Ela sempre se interessou por artes, então...

Ele para, o rosto ainda perscrutando o meu. E nesse momento eu suspeito de que ele esteja pagando pelas aulas de artes dela. Será que eu quero saber? Será que devo perguntar? Não é que ele não possa fazer isso, mas por que ainda se sente na obrigação? Suspiro. A bagagem de Christian nem se compara ao Bradley Kent, da aula de biologia, com suas tentativas fajutas de me beijar. Christian pega minha mão.

— Não fique pensando nisso, Anastasia — murmura ele, e eu retribuo seu gesto tranquilizador. Sei que ele está fazendo o que acha certo.

* * *

NO MEIO DA MANHÃ, tenho um intervalo entre as reuniões. Quando pego o telefone para ligar para Kate, noto um e-mail novo de Christian.

De: Christian Grey
Assunto: Elogios
Data: 23 de agosto de 2011 09:54
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Recebi três elogios ao meu novo corte de cabelo.

Ser elogiado pelos meus funcionários é algo novo para mim. Deve ser o sorriso ridículo que aparece no meu rosto sempre que eu me lembro de ontem à noite. Você é, sem dúvida, uma mulher linda, talentosa e maravilhosa.

E toda minha.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Eu me derreto lendo isso.

De: Anastasia Grey
Assunto: Tentando me concentrar aqui
Data: 23 de agosto de 2011 10:48
Para: Christian Grey

Sr. Grey,

Estou tentando trabalhar e não quero ser distraída por lembranças deliciosas.

Agora é a hora de confessar que eu costumava cortar o cabelo do Ray regularmente? Não tinha ideia de que seria tão útil.

E sim, eu sou sua, e você, meu marido querido e autoritário, que se recusa a exercer seu direito constitucional, de acordo com a Segunda Emenda, de portar arma de fogo, é meu. Mas não se preocupe, eu vou protegê-lo. Sempre.

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Annie Oakley
Data: 23 de agosto de 2011 10:53
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Estou encantado de ver que você falou com o depto. de TI e trocou o seu nome. :D

Dormirei em segurança na minha cama sabendo que minha esposa armada dorme ao meu lado.

Christian Grey
CEO & Hoplofóbico, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Hoplofóbico? Que diabo é isso?

De: Anastasia Grey
Assunto: Palavras compridas
Data: 23 de agosto de 2011 10:58
Para: Christian Grey

Sr. Grey,

Mais uma vez o senhor me confunde com sua destreza linguística.

Na verdade, sua destreza em geral, e eu acho que o senhor sabe do que estou falando.

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Opa!

Data: 23 de agosto de 2011 11:01
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Está flertando comigo?

Christian Grey
CEO Chocado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey
Assunto: Você preferiria...
Data: 23 de agosto de 2011 11:04
Para: Christian Grey

... que eu flertasse com outra pessoa?

Anastasia Grey
Editora Corajosa, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Grrrrr
Data: 23 de agosto de 2011 11:09
Para: Anastasia Grey

NÃO!

Christian Grey
CEO Possessivo, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey
Assunto: Uau...
Data: 23 de agosto de 2011 11:14
Para: Christian Grey

Você está rosnando para mim? Porque isso meio que dá tesão.

Anastasia Grey
Editora se contorcendo (no bom sentido), SIP

De: Christian Grey
Assunto: Cuidado
Data: 23 de agosto de 2011 11:16
Para: Anastasia Grey

Flertando e brincando comigo, Sra. Grey?

Talvez eu lhe faça uma visita hoje à tarde.

Christian Grey
CEO Priápico, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey
Assunto: Ah, não!
Data: 23 de agosto de 2011 11:20
Para: Christian Grey

Vou me comportar. Não quero o chefe do chefe do meu chefe em cima de mim no trabalho. ;)

Agora me deixe trabalhar. O chefe do chefe do meu chefe pode me dar um pé na bunda.

Anastasia Grey

Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: &*%\$&*
Data: 23 de agosto de 2011 11:23
Para: Anastasia Grey

Pode acreditar que tem muitas coisas que ele gostaria de fazer com a sua bunda agora. Mas não com o pé.

Christian Grey
CEO & Fanático por Bundas, Grey Enterprises Holdings, Inc.

A resposta dele me faz rir.

De: Anastasia Grey
Assunto: Vá embora!
Data: 23 de agosto de 2011 11:26
Para: Christian Grey

Você não tem um império para administrar?

Pare de me atrapalhar.

Tenho uma reunião agora.

Achei que você preferisse peitos...

Pense na minha bunda e eu penso na sua...

Amo vc. Bj.

Anastasia Grey
Editora Agora Molhadinha, SIP

—

Não consigo evitar um ar deprimido quando Sawyer me leva para o trabalho na quinta. A ameaça da viagem de Christian a Nova York a negócios se concretizou e, embora ele tenha partido há apenas algumas horas, já sinto saudades. Ligo o computador e tem um e-mail me esperando. Fico mais animada imediatamente.

De: Christian Grey
Assunto: Já com saudades
Data: 25 de agosto de 2011 04:32
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Você estava encantadora esta manhã.

Comporte-se enquanto eu estiver fora.

Amo você.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Esta será a primeira noite em que dormiremos separados desde o casamento. Pretendo me encontrar com Kate para tomar uns drinques — que vão me ajudar a dormir. Impulsivamente, respondo o e-mail, mesmo sabendo que ele ainda está no avião.

De: Anastasia Grey
Assunto: Comporte-se!
Data: 25 de agosto de 2011 09:03
Para: Christian Grey

Avise quando pousar — até lá vou ficar preocupada.

E vou me comportar. Afinal, que tipo de besteira eu posso fazer ao lado de Kate?

Anastasia Grey
Editora, SIP

Clico em “enviar” e dou um gole no meu café com leite, cortesia da Hannah. Quem diria que um dia eu adoraria café? Apesar de ter combinado de sair à noite com Kate, sinto como se uma parte de mim estivesse faltando. Uma parte que no momento se encontra a trinta e cinco mil pés de altura, a caminho de Nova York. Não pensei que eu fosse me sentir assim tão insegura e ansiosa só porque Christian está longe. Tenho certeza de que com o tempo vou deixar de sentir essa perda e insegurança, não é? Deixo escapar um suspiro pesado e continuo meu trabalho.

Quase na hora do almoço, começo a checar obsessivamente meus e-mails e meu BlackBerry por uma mensagem. Cadê ele? Será que chegou bem? Hannah pergunta se eu quero almoçar, mas estou muito apreensiva, então a dispenso. Sei que é irracional, mas preciso ter certeza de que ele chegou são e salvo.

O telefone da minha sala toca, assustando-me.

— Ana St... Ana Grey.

— Oi. — A voz de Christian é calorosa e traz um traço de divertimento. O alívio me percorre.

— Oi. — Estou sorrindo de orelha a orelha. — Como foi o voo?

— Longo. O que você e a Kate vão fazer hoje?

Ah, não.

— Só vamos sair para relaxar, tomar alguma coisa.

Christian não fala nada.

— Sawyer e a mulher nova, Prescott, também vão, para garantir nossa segurança — acrescento, numa tentativa de apaziguá-lo.

— Achei que a Kate fosse lá em casa.

— Ela prefere dar uma saída rápida. — *Por favor, deixe-me sair!*

Christian suspira pesadamente.

— Por que você não me falou? — pergunta ele, em voz baixa. Muito baixa.

Protesto mentalmente.

— Christian, vamos ficar bem. O Ryan, o Sawyer e a Prescott estão aqui. É só uma saída rápida.

Christian permanece em resolutio silêncio, e eu sei que ele não está feliz.

— Eu a vi poucas vezes desde que nós estamos juntos. Por favor. Ela é a minha melhor amiga.

— Ana, eu não quero afastar você dos seus amigos. Mas pensei que ela fosse lá em casa.

— Tudo bem — eu cedo. — Vamos ficar em casa.

— Só enquanto aquele lunático está solto. Por favor.

— Eu já disse que sim — murmuro, exasperada, e reviro os olhos com impaciência.

Christian bufa de leve no telefone.

— Eu sempre sei quando você está revirando os olhos para mim. Faço uma careta para o telefone.

— Olha, me desculpe. Eu não queria preocupar você. Vou falar com a Kate.

— Ótimo — diz ele, com evidente alívio. Sinto-me culpada por preocupá-lo.

— Onde você está?

— Na pista do JFK.

— Ah, então você acabou de pousar.

— Sim. Você pediu para eu ligar assim que pousasse.

Sorrio. Meu inconsciente me encara com ar de desdém. *Viu? Ele faz o que promete.*

— Bem, Sr. Grey, pelo menos um de nós dois é escrupuloso.

Ele ri.

— Sra. Grey, seu dom para hipérboles não conhece limites. O que vou fazer com você?

— Tenho certeza de que você vai pensar em algo criativo. Você é bom nisso.

— Você está flertando comigo?

— Estou.

Sinto-o sorrir.

— É melhor eu ir. Ana, faça o que lhe pedirem, por favor. A equipe de segurança sabe o que faz.

— Pode deixar, Christian, vou fazer. — Soo exasperada de novo.
Tudo bem, já entendi.

— A gente se vê amanhã à noite. Ligo mais tarde.

— Para me vigiar?

— Isso.

— Ora, por favor, Christian! — exclamo, repreendendo-o.

— *Au revoir*, Sra. Grey.

— *Au revoir*, Christian. Amo você.

Ele inspira com força.

— Também amo você, Ana.

Nenhum de nós dois desliga.

— Desligue, Christian — sussurro.

— Mas que mandona que você é!

— Você é que é mandão.

— Minha. — Ele suspira. — Faça o que lhe pedirem. Desligue.

— Sim, senhor.

Desligo o telefone e sorrio estupidamente.

Alguns minutos depois, um e-mail aparece na minha caixa de entrada.

De: Christian Grey

Assunto: Dedos coçando

Data: 25 de agosto de 2011 13:42 LESTE

Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Você, como sempre, foi muito divertida ao telefone.

É sério. Faça o que mandarem.

Preciso saber que você está segura.

Amo você.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Sinceramente, o mandão é ele. Mas bastou um telefonema e toda a minha tensão desapareceu. Ele chegou bem e está preocupando-se comigo, como de costume. Abraço a mim mesma

momentaneamente. Meu Deus, como eu amo esse homem. Então Hannah bate à porta, distraíndo-me; trazendo-me de volta para o presente.

* * *

KATE ESTÁ LINDA. Com uma calça jeans branca e justa e uma blusa vermelha, ela está pronta para arrasar. Encontro-a conversando animadamente com Claire na recepção quando entro.

— Ana! — exclama ela, me dando um abraço estilo Kate. Então se afasta um pouco, segurando minhas mãos.

— Veja só quem está parecendo a mulher de um magnata! Quem diria, a pequena Ana Steele? Você está tão... sofisticada!

Ela abre um enorme sorriso. Reviro os olhos em modéstia. Estou usando um vestido creme com um cinto azul-marinho e sapatos de salto alto da mesma cor.

— Que bom ver você, Kate. — E retribuo seu abraço.

— Então, aonde vamos?

— Christian quer que a gente fique em casa.

— Ah, sério? Não podemos fugir para um drinque rápido no Café Zig Zag? Eu reservei uma mesa.

Abro a boca para protestar.

— Por favor... — choraminga ela, e faz um beicinho gracioso.

Kate deve estar pegando essa mania da Mia. Ela normalmente não faz beicinho. Eu realmente gostaria de tomar um drinque no Zig Zag. Foi tão divertido da última vez que fomos lá, e é perto de onde Kate mora.

Levanto o dedo indicador.

— Um.

Ela sorri.

— Um.

Kate me dá o braço e vamos passeando até o carro, que está estacionado no meio-fio, Sawyer ao volante. Somos seguidas pela Srta. Belinda Prescott, que é nova na equipe de segurança — uma mulher alta, negra, com uma postura direta e objetiva. Ainda tenho que quebrar o gelo entre nós, talvez por ela ser tão fria e profissional. Nenhuma decisão foi tomada ainda, mas, assim como

os outros da equipe, ela foi escolhida a dedo por Taylor. Prescott está vestida como Sawyer, com um terninho escuro e formal.

— Pode nos levar ao Zig Zag, por favor, Sawyer?

Sawyer se vira para me olhar e eu sei que ele quer dizer alguma coisa. Obviamente recebeu ordens. Ele hesita.

— O Café Zig Zag. Vamos tomar só um drinque.

Dou uma olhadela de lado para Kate: ela está encarando Sawyer com hostilidade. Pobre homem.

— Sim, madame.

— O Sr. Grey solicitou que a senhora voltasse para o apartamento — intromete-se Prescott.

— O Sr. Grey não está aqui — falo rispidamente. — Para o Zig Zag, por favor.

— Madame — replica Sawyer, com um olhar de esquelha para Prescott, que sabiamente segura a língua.

Kate olha pasma para mim, como se não conseguisse acreditar no que vê e ouve. Franzo os lábios e dou de ombros. Tudo bem, então estou sendo um pouco mais assertiva do que eu costumava ser. Kate faz que sim com a cabeça enquanto Sawyer arranca com o carro rumo ao trânsito do início da noite.

— Você sabe que a Grace e a Mia estão enlouquecendo com o reforço na segurança — comenta Kate casualmente.

Olho para ela boquiaberta, pareço estúpida.

— Você não sabia? — Ela parece incrédula.

— Sabia do quê?

— A segurança para todos os Grey foi triplicada. Quadruplicada, até.

— Sério?

— Ele não contou para você?

Fico vermelha.

— Não. — *Porra, Christian!* — Você sabe por quê?

— Jack Hyde.

— O que tem o Jack? Pensei que ele estivesse atrás só do Christian — exclamo.

Meu Deus. Por que ele não me disse?

— Desde segunda-feira — acrescenta Kate.

Segunda-feira? *Hmm... Nós identificamos Jack no domingo. Mas por que todos os Grey?*

— Como você sabe de tudo isso?

— Elliot.

Claro.

— Christian não falou nada disso para você, não é?

Fico vermelha mais uma vez.

— Não.

— Ah, Ana, que droga.

Suspiro. Como sempre, Kate enfiou o punhal bem no coração, no seu costumeiro estilo impiedoso de enfiar punhais.

— Você sabe por quê?

Se Christian não vai me contar, talvez Kate conte.

— Elliot disse que tem a ver com alguma informação que foi armazenada no computador do Jack Hyde quando ele trabalhava na SIP.

Droga.

— Você está brincando.

Um surto de raiva cresce dentro de mim. Como a Kate sabe disso e eu não?

Ergo o olhar e vejo Sawyer me observando pelo retrovisor. Então o sinal abre e ele arranca, olhando para a rua à frente. Levo o dedo aos lábios e Kate concorda com a cabeça. Aposto que Sawyer sabe também e eu não.

— Como vai Elliot? — pergunto, para mudar de assunto.

Kate sorri estupidamente, dizendo-me tudo o que eu preciso saber.

Sawyer para ao sair do túnel que leva ao Café Zig Zag, e Prescott abre a porta para mim. Saio do carro e Kate salta atrás de mim. Damos os braços e vagueamos pela passagem, seguidas por Prescott, que está com uma expressão ameaçadora no rosto. Ah, pelo amor de Deus, é só um drinque. Sawyer vai estacionar.

* * *

— E ENTÃO, DE ONDE Elliot conhece a Gia? — pergunto, tomando um gole do meu segundo mojito de morango.

O bar é íntimo e aconchegante e eu não quero ir embora. Kate e eu não paramos de falar. Eu havia esquecido como gosto de estar com ela. É uma sensação libertadora sair, relaxar, aproveitar a companhia da minha amiga. Penso em mandar uma mensagem de texto para Christian, mas descarto a ideia. Ele só vai ficar zangado e me obrigar a ir para casa como uma criança desobediente.

— Não me fale daquela vaca! — solta Kate.

A reação dela me faz rir.

— O que tem de tão engraçado nisso, Steele? — reclama ela, mas sei que é de brincadeira.

— Eu também não gosto dela.

— Ah, é?

— É. Ela ficava toda se jogando em cima do Christian.

— Ela teve um caso com Elliot. — Kate faz bico.

— Não!

Ela confirma com a cabeça, os lábios apertados e o rosto fechado numa carranca Katherine Kavanagh devidamente patenteada.

— Coisa rápida. Ano passado, eu acho. É uma alpinista social. Não me admira que tenha se interessado pelo Christian.

— Christian já tem dona. Eu disse a ela para deixá-lo em paz, ou então não trabalharia mais para mim.

Kate me olha boquiaberta de novo, atordoada. Confirmo com a cabeça, orgulhosa, e ela levanta o copo para fazer um brinde, impressionada e sorridente.

— Sra. Anastasia Grey! Muito bem!

Brindamos.

* * *

— ELLIOT TEM uma arma?

— Não. Ele é totalmente contra. — Kate mexe seu terceiro drinque.

— Christian também. Acho que foi influência de Grace e Carrick — murmuro. Estou me sentindo um pouco tonta.

— Carrick é um homem bom.

— Ele queria um acordo pré-nupcial — murmuro tristemente.

— Ah, Ana. — Ela estende a mão por cima da mesa e pega no meu braço. — Ele só estava protegendo o filho dele. Como nós duas sabemos, está escrito golpe do baú na sua testa. — Ela sorri, e eu mostro a língua para ela, depois dou uma risada.

— Muito maduro, Sra. Grey — diz ela, sorrindo. Parece Christian falando. — Você vai fazer a mesma coisa pelo seu filho um dia.

— Meu filho?

Nunca havia passado pela minha cabeça que meus filhos seriam ricos. Droga. Eles vão ter tudo o que quiserem. Quer dizer... tudo mesmo. Isso exige mais reflexão — mas não agora. Dou uma olhada em Prescott e Sawyer, que estão sentados a uma mesa próxima, diante de copos de água mineral com gás, observando os muitos frequentadores da noite e a nós duas.

— Você acha que devemos comer? — pergunto.

— Não. Devemos beber — diz Kate.

— Por que você está tão a fim de beber?

— Porque quase não vejo mais você. Não imaginei que você fosse se casar com o primeiro cara que virasse a sua cabeça. — Ela faz beicinho de novo. — Sinceramente, você se casou tão rápido que eu pensei que estivesse grávida.

Dou uma risada.

— Todo mundo pensou isso. Mas não vamos voltar a esse assunto. Por favor! E eu preciso ir ao banheiro.

Prescott me acompanha. Ela não fala nada. E não precisa. A desaprovação irradia dela como um gás letal.

— Não saio sozinha desde que me casei — articulo as palavras, sem emitir som, para a porta fechada da cabine.

Faço uma careta, sabendo que ela está do outro lado da porta, esperando eu terminar de fazer xixi. O que exatamente Hyde faria em um bar, aliás? Christian está apenas exagerando, como de costume.

* * *

— KATE, ESTÁ TARDE. É melhor irmos embora.

São dez e quinze e eu acabei com o meu quarto mojito de morango. Estou definitivamente sentindo os efeitos do álcool,

sentindo-me tonta e quente. Christian vai ficar bem. No devido tempo.

— Claro, Ana. Foi muito bom ver você. Você parece tão mais, não sei... confiante. Dá para ver que o casamento lhe fez bem.

Sinto meu rosto esquentar. Vindo da Srta. Katherine Kavanagh, isso é um indubitável elogio.

— É verdade — sussurro.

Provavelmente porque eu bebi demais, meus olhos ficam cheios d'água. Eu não poderia estar mais feliz. Apesar de toda a sua bagagem, sua natureza, seus Cinquenta Tons, eu conheci e me casei com o homem dos meus sonhos. Rapidamente mudo de assunto para frear meus pensamentos sentimentais, porque senão eu sei que vou chorar.

— Eu realmente adorei nossa noite. — Pego a mão de Kate. — Obrigada por me arrastar para fora de casa!

Nós nos abraçamos. Quando ela me solta, aceno para Sawyer e ele entrega a Prescott as chaves do carro.

— Tenho certeza de que a Sra. Certinha-Prescott contou ao Christian que eu não estou em casa. Ele vai ficar muito bravo — murmuro para Kate.

E talvez ele pense em alguma maneira deliciosa de me punir... Tomara.

— Por que esse sorriso bobo, Ana? Você gosta de deixar o Christian bravo?

— Não. Na verdade, não. Mas é fácil de acontecer. Ele é muito controlador às vezes. — *Na maior parte do tempo.*

— Reparei — diz Kate, fazendo uma careta.

* * *

PARAMOS EM FRENTE ao prédio de Kate. Ela me abraça forte.

— Não vire uma estranha — sussurra ela, e me dá um beijo na bochecha.

Então ela sai do carro. Eu dou tchau, estranhamente com saudade de casa. Estava sentindo falta de conversas femininas. É divertido, relaxante e me faz lembrar que ainda sou jovem. Preciso me esforçar para ver Kate mais vezes, mas a verdade é que eu

adoro ficar na minha bolha com Christian. Ontem à noite fomos a um jantar de caridade juntos. Havia um monte de homens de terno e mulheres elegantes e arrumadas falando sobre preços de imóveis, a economia em declínio e sobre a queda da bolsa de valores. Ou seja, foi um saco, um saco mesmo. Então é revigorante trocar confidências com alguém da minha idade.

Meu estômago ronca. Ainda não comi. *Merda — Christian! Mexo na minha bolsa e pesco meu BlackBerry. Droga — cinco ligações perdidas!* Uma mensagem...

ONDE VOCÊ SE METEU?

E um e-mail.

De: Christian Grey
Assunto: Furioso. Você ainda não me viu furioso
Data: 26 de agosto de 2011 00:42 LESTE
Para: Anastasia Grey

Anastasia,

Sawyer me disse que você está tomando drinques em um bar, sendo que você disse que não iria.

Tem alguma ideia de como estou aborrecido no momento?

Vejo você amanhã.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Meu ânimo desaba. Ah, merda! Estou realmente encrencada. Meu inconsciente me encara com frieza e depois dá de ombros, adotando sua expressão de você-pedi-ou-agora-aguenta. O que eu esperava? Considero a ideia de ligar para Christian, mas é tarde e ele provavelmente está dormindo... ou andando de um lado para o outro. Decido que uma mensagem rápida é o suficiente.

*AINDA ESTOU INTEIRA. TIVE UMA NOITE ÓTIMA.
SAUDADES — POR FAVOR, NÃO FIQUE ZANGADO*

Fico olhando para o BlackBerry, desejando que ele responda, mas só há um silêncio abominável. Suspiro.

Prescott para em frente ao Escala e Sawyer sai para abrir a porta para mim. Enquanto estamos parados esperando o elevador, aproveito a oportunidade para interrogá-lo.

— A que horas o Christian telefonou?

Sawyer fica vermelho.

— Por volta das nove e meia, madame.

— Por que você não interrompeu minha conversa com Kate para que eu pudesse falar com ele?

— O Sr. Grey pediu que eu não fizesse isso.

Aperto os lábios. O elevador chega e subimos em silêncio. Subitamente sinto alívio por Christian ter uma noite inteira para se recuperar do seu acesso de raiva e por estar do outro lado do país. Isso me dá algum tempo. Por outro lado... sinto saudades dele.

A porta do elevador se abre e por um segundo eu contemplo a mesa do hall de entrada.

O que está errado nessa cena?

O vaso de flores está quebrado em pedaços por todo o chão, água, flores e pedaços de porcelana espalhados por todo lado, e a mesa está de cabeça para baixo. Meu couro cabeludo formiga; Sawyer agarra meu braço e me puxa de volta para o elevador.

— Fique aqui — sussurra ele, pegando uma arma.

Ele entra no hall e desaparece do meu campo de visão.

Eu me escondo no fundo do elevador.

— Luke! — ouço Ryan chamar do salão. — Código azul!

Código azul?

— Você pegou o invasor? — Sawyer grita de volta. — Santo Deus!

Eu me aperto contra a parede do elevador. *O que está acontecendo?* A adrenalina percorre meu corpo e meu coração ameaça sair pela boca. Ouço vozes suaves, e, um minuto depois, Sawyer reaparece no hall, parado na poça d'água. Seu revólver está no coldre.

— Pode entrar agora, Sra. Grey — diz ele gentilmente.

— O que aconteceu, Luke? — É um fiapo de voz que sai da minha boca.

— Tivemos visita.

Ele me segura pelo cotovelo, e fico agradecida pelo apoio: minhas pernas viraram gelatina. Passamos juntos pelas portas duplas, já abertas.

Ryan está parado na entrada do salão. Tem um corte aberto no supercílio, sangrando, e outro na boca. Ele está bem acabado, as roupas amarfanhadas. Mas o mais chocante é ver Jack Hyde caído aos seus pés.

CAPÍTULO DEZ

Meu coração está batendo forte e o sangue ressoa alto nos meus tímpanos; o álcool que flui pelo meu organismo amplifica o som.

— Ele está...? — gaguejo, incapaz de terminar a frase e encarando Ryan aterrorizada, de olhos arregalados. Não consigo nem olhar para a figura caída no chão.

— Não, madame. Apenas desmaiado.

O alívio percorre o meu corpo. *Ah, graças a Deus.*

— E você? — pergunto, ainda olhando para Ryan.

Percebo que não sei seu primeiro nome. Ele está ofegante como se tivesse corrido uma maratona. Ele limpa o canto da boca, enxugando o sangue, e vejo que um hematoma está se formando em seu rosto.

— Foi uma luta dos diabos, mas eu estou bem, Sra. Grey.

Ele sorri de forma tranquilizadora. Se eu o conhecesse melhor, diria que parece até um pouco convencido.

— E Gail? A Sra. Jones?

Ah, não... Será que ela está bem? Será que se machucou?

— Estou aqui, Ana.

Olhando para trás, vejo-a de camisola e robe, o cabelo solto, o rosto pálido e os olhos arregalados — como os meus, imagino.

— Ryan me acordou. Insistiu em que eu viesse para cá. — Ela aponta para trás, na direção do escritório de Taylor. — Não aconteceu nada comigo. E a senhora, está bem?

Faço que sim várias vezes, num movimento de cabeça frenético, e percebo que ela deve ter acabado de sair do quarto do pânico, que é contíguo ao escritório de Taylor. Quem diria que precisaríamos desse cômodo tão cedo? Christian insistiu na sua instalação logo depois do nosso noivado — e eu desdenhei a ideia. Agora, ao ver Gail parada à entrada, fico aliviada por ele ter tomado essa precaução.

Um rangido na porta do hall me distrai. As dobradiças estão despencando. Que diabo aconteceu com aquilo?

— Ele estava sozinho? — pergunto a Ryan.

— Sim, madame. Do contrário a senhora não estaria aqui, posso lhe garantir. — Ele parece levemente ofendido.

— Como ele entrou? — pergunto, ignorando seu tom de voz.

— Pelo elevador de serviço. Ele é bem ousado, madame.

Olho para a figura caída de Jack. Ele está usando um uniforme esfarrapado — um macacão, eu acho.

— Quando?

— Uns dez minutos atrás. Eu vi no monitor de segurança. Ele estava de luvas... Meio estranho em pleno verão. Então o reconheci e decidi deixá-lo entrar. Assim poderíamos pegar o sujeito. A senhora não estava aqui e Gail estava segura, então achei que seria agora ou nunca. — Mais uma vez Ryan parece satisfeito consigo mesmo; Sawyer olha para ele com ar de desaprovação.

Luvas? O pensamento me distrai, e dou mais uma olhada em Jack. Sim, ele está usando luvas de couro marrom. Assustador.

— E agora? — Tento descartar os desdobramentos que surgem na minha cabeça.

— Precisamos amarrá-lo — responde Ryan.

— Amarrá-lo?

— Para o caso de ele acordar. — Ryan dirige um olhar rápido para Sawyer.

— Do que você precisa? — pergunta a Sra. Jones, dando um passo à frente. Ela recuperou a compostura.

— Alguma coisa para prender; barbante ou corda — responde Ryan.

Braçadeiras. Fico ruborizada quando as lembranças da noite passada invadem minha mente. Esfrego os punhos reflexivamente e dou uma olhada rápida na pele do local: não, nenhuma marca. Ainda bem.

— Eu tenho braçadeiras. Serve?

Todos os olhos se voltam para mim.

— Sim, madame. Perfeito — diz Sawyer, todo sério.

Quero que o chão me engula, mas me viro e vou até o quarto. Às vezes é preciso simplesmente encarar as coisas de frente, sem

pudores. Talvez seja a combinação do medo com o álcool que está me deixando audaciosa.

Quando retorno, a Sra. Jones está conferindo a bagunça no hall e a Srta. Prescott chegou. Entrego as braçadeiras a Sawyer, que, devagar e com um cuidado desnecessário, prende as mãos de Hyde às costas. A Sra. Jones desaparece na cozinha e volta com um kit de primeiros socorros. Ela pega o braço de Ryan e o leva até a entrada do salão, para cuidar do corte em seu supercílio. Ele se encolhe quando ela passa de leve um antisséptico. Então reparo na Glock no chão, com um silenciador acoplado. *Putá merda! Jack estava armado?* A bile sobe à minha garganta e eu tento segurar.

— Não toque, Sra. Grey — diz Prescott quando eu me inclino para pegar a arma.

Sawyer surge do escritório de Taylor com luvas de borracha.

— Eu cuido disso, Sra. Grey — diz ele.

— É dele? — pergunto.

— Sim, madame — diz Ryan, estremeando mais uma vez devido aos cuidados da Sra. Jones.

Minha nossa. Ryan lutou com um homem armado na minha casa. O pensamento me dá arrepios. Sawyer se abaixa e pega cuidadosamente a Glock.

— Você deveria estar fazendo isso? — pergunto.

— O Sr. Grey esperaria isso de mim, madame.

Sawyer coloca a arma em um saco plástico e se agacha para revistar Jack. Ele para e, do bolso do homem, puxa apenas um pouco para fora um rolo de fita adesiva. Sawyer fica branco e enfia a fita de volta.

Fita adesiva? Minha mente registra de maneira vaga essa informação, enquanto observo os procedimentos fascinada e com um estranho desinteresse. Então a bile sobe à minha garganta de novo quando percebo as implicações disso. Rapidamente afasto esses pensamentos da minha cabeça. *Não pense nisso, Ana.*

— Não devemos chamar a polícia? — murmuro, tentando esconder meu medo. Quero Hyde fora da minha casa, e quanto mais cedo melhor.

Ryan e Sawyer se entreolham.

— Acho que deveríamos chamar a polícia — digo, dessa vez mais firme, me perguntando o que estará acontecendo entre os dois.

— Acabei de tentar falar com o Taylor, mas ele não atende o celular. Talvez esteja dormindo. — Sawyer olha para o relógio. — É uma e quarenta e cinco da manhã na Costa Leste.

Ah, não.

— Você ligou para o Christian? — sussurro.

— Não, madame.

— Estava ligando para o Taylor para pedir instruções?

Sawyer parece constrangido por um momento.

— Sim, madame.

Uma parte de mim se arrepia. Esse homem — dou mais uma olhada para Hyde — invadiu minha casa e precisa ser retirado pela polícia. Porém, olhando para os quatro, para seus olhos ansiosos, sinto que tem alguma coisa que eu não sei ou não percebi; então, decido ligar para Christian. Meu couro cabeludo está formigando. Sei que ele está bravo comigo — muito, muito bravo —, e hesito ao imaginar o que ele vai falar. E sei que ele vai ficar estressado porque não está aqui e só poderá estar amanhã à noite. Sei que já o preocupei o suficiente esta noite. Talvez eu não devesse ligar. E então algo me ocorre. Merda. *E se eu estivesse aqui?* Fico lívida diante dessa ideia. Graças aos céus, eu estava fora. Talvez minha desobediência não cause tanto problema afinal.

— Ele está bem? — pergunto, apontando para Jack.

— Ele vai sentir o crânio dolorido quando acordar — responde Ryan, olhando para Jack com desprezo. — Mas precisaríamos chamar os paramédicos para ter certeza.

Pego meu BlackBerry da bolsa e, antes que eu possa pensar muito na extensão da raiva de Christian, disco seu número. Cai direto na caixa postal. Ele deve ter desligado o telefone de tão irritado que está. Não consigo pensar no que falar. Virando-me de costas, vou para o início do corredor, para longe de todos.

— Oi. Sou eu. Por favor, não fique zangado. Tivemos um incidente no apartamento. Mas está tudo sob controle, então não se preocupe. Ninguém se machucou. Quando puder, ligue para mim. — Desligo. — Chame a polícia — ordeno a Sawyer.

Ele concorda com um aceno de cabeça, pega seu celular e dá o telefonema.

* * *

O OFICIAL SKINNER conduz uma intensa conversa com Ryan à mesa de jantar. O oficial Walker está com Sawyer no escritório de Taylor. Não sei onde Prescott está, talvez no escritório de Taylor também. O detetive Clark me enche de perguntas ríspidas, sentado ao meu lado no sofá da sala. Ele é alto, moreno e seria bonito se não fosse pela imutável cara fechada. Suspeito de que ele tenha sido acordado e tirado da sua cama quentinha porque a casa de um dos executivos mais influentes e ricos de Seattle foi invadida.

— Ele era seu chefe? — pergunta Clark sucintamente.

— Era.

Estou cansada — exausta mesmo — e quero dormir. Ainda não tive notícias de Christian. Pelo menos os paramédicos já removeram Hyde. A Sra. Jones entrega uma xícara de chá para o detetive Clark e outra para mim.

— Obrigado. — Clark se vira de volta para mim. — E onde está o Sr. Grey?

— Em Nova York. A negócios. Ele volta amanhã à noite. Quer dizer, hoje à noite. — Já passa da meia-noite.

— Hyde é nosso conhecido — murmura o detetive Clark. — Vou precisar que a senhora vá à delegacia prestar depoimento. Mas isso pode esperar. Está tarde, e já tem alguns repórteres acampados na calçada. A senhora se importa se eu der uma olhada por aí?

— Claro que não — digo, aliviada por que as perguntas dele acabaram.

Estremeço ao pensar nos fotografos lá fora. Bem, eles só serão um problema amanhã. Tenho que lembrar de ligar para minha mãe e Ray caso eles venham a saber de alguma coisa e fiquem preocupados.

— Sra. Grey, por que não vai se deitar? — sugere a Sra. Jones, sua voz cheia de carinho e preocupação.

Olhando nos seus olhos calorosos e gentis, repentinamente sinto uma necessidade esmagadora de chorar. Ela se aproxima e acaricia

meu ombro.

— Estamos em segurança agora — murmura ela. — Tudo isso vai parecer melhor de manhã, depois que a senhora tiver dormido um pouco. E o Sr. Grey volta à noite.

Olho nervosa para ela, mal contendo as lágrimas. Christian vai ficar tão bravo.

— A senhora deseja alguma coisa antes de ir para a cama? — pergunta ela.

Percebo agora como estou com fome.

— Adoraria alguma coisa para comer.

Ela abre um sorriso.

— Um sanduíche e um copo de leite?

Aceito agradecida, e ela vai para a cozinha. Ryan ainda está com o oficial Skinner. No hall, o detetive Clark examina a bagunça à saída do elevador. Ele parece atencioso, apesar da expressão fechada. E subitamente fico com saudades — saudades de Christian. Segurando a cabeça entre as mãos, desejo fervorosamente que ele estivesse aqui. Ele saberia o que fazer. *Que noite*. Quero me aconchegar no seu colo, sentir seu abraço e ouvi-lo dizer que me ama, muito embora eu não faça o que ele manda — mas isso só será possível à noite. No fundo, sinto certa irritação... Por que ele não me disse que havia aumentado a segurança para todo mundo? O que exatamente havia no computador de Jack? Ele é tão frustrante, mas no momento eu não me importo. Quero meu marido. Sinto falta dele.

— Aqui está, querida.

É a Sra. Jones, interrompendo meu turbilhão interior. Quando ergo o olhar, ela me entrega um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, os olhos brilhantes. Não como um desses há anos. Sorrio timidamente e ataco meu lanche.

Quando finalmente me deito na cama, me encolho do lado de Christian, vestindo uma camiseta sua. Tanto o travesseiro quanto a roupa têm o cheiro dele, e, ao adormecer, silenciosamente desejo que ele volte para casa em segurança... e de bom humor.

ACORDO COM UM sobressalto. Já está claro e minha cabeça dói, latejando nas têmporas. Ah, não. Espero que não seja ressaca. Abrindo os olhos com cautela, percebo que a cadeira do quarto não está no mesmo lugar e que Christian está sentado nela. Ele está de smoking, a ponta da gravata-borboleta saindo do bolso do paletó. Será que estou sonhando? Seu braço esquerdo está apoiado na cadeira, e na sua mão há um copo de vidro decorado contendo um líquido âmbar. Conhaque? Uísque? Não tenho ideia. Uma de suas longas pernas está cruzada sobre a outra, o tornozelo sobre o joelho. Ele está usando meias pretas e sapatos sociais. Seu cotovelo direito descansa no braço da cadeira, a mão no queixo, e ele passa o dedo indicador devagar e ritmadamente de um lado a outro do lábio inferior. Sob a luz do começo da manhã, seus olhos queimam com intensidade e gravidade, mas sua expressão geral é completamente indecifrável.

Meu coração quase para. Ele está aqui. Como chegou? Deve ter partido de Nova York à noite. Há quanto tempo ele está aqui, me olhando dormir?

— Oi — sussurro.

Ele me olha friamente e meu coração quase para mais uma vez. *Ah, não.* Ele tira o dedo comprido da boca, engole o restante do drinque e coloca o copo na mesa de cabeceira. Eu meio que espero um beijo, mas ele não faz isso. Apenas se recosta, continuando a me observar, a expressão impassível.

— Olá — diz ele finalmente, a voz baixa. E sei que ainda está zangado. Muito zangado.

— Você voltou.

— Parece que sim.

Devagar, eu levanto o corpo para me colocar sentada, sem tirar os olhos dele. Minha boca está seca.

— Há quanto tempo você está aí me observando dormir?

— Tempo suficiente.

— Ainda está zangado. — Mal consigo falar.

Ele me encara, como se refletisse sobre a resposta.

— Zangado — repete ele, como se testasse a palavra, pesando suas nuances, seus significados. — Não, Ana. Estou muito, muito mais que zangado.

Droga. Tento engolir, mas é difícil com a boca seca.

— Muito mais que zangado... Isso não parece bom.

Ele me fita, completamente impassivo, e não responde. Um silêncio absoluto se instala entre nós. Pego o meu copo d'água e tomo um gole, tentando controlar meus batimentos cardíacos.

— Ryan pegou o Jack. — Tento um outro caminho e coloco meu copo ao lado do dele na mesa de cabeceira.

— Eu sei — responde ele, gelado.

Claro que ele sabe.

— Vai ficar monossilábico por muito tempo?

As sobrancelhas dele se movem ligeiramente, registrando sua surpresa, como se ele não esperasse essa pergunta.

— Vou — diz ele finalmente.

Ah... tudo bem. O que fazer? Defesa — a melhor forma de ataque.

— Sinto muito por ter saído.

— Sente mesmo?

— Não — murmuro depois de uma pausa, porque é a verdade.

— Então por que disse isso?

— Porque eu não quero que você fique bravo comigo.

Ele suspira pesadamente, como se estivesse segurando essa tensão há mil horas, e passa a mão pelo cabelo. Ele está lindo. Furioso, mas lindo. Fico aliviada por vê-lo ali — ele voltou —, furioso, mas inteiro.

— Acho que o detetive Clark quer falar com você.

— Com certeza.

— Christian, por favor...

— Por favor o quê?

— Não seja tão frio.

Suas sobrancelhas se arqueiam de surpresa mais uma vez.

— Anastasia, frieza não é o que eu estou sentindo no momento. Estou queimando por dentro. Queimando de raiva. Não sei como lidar com esses... — ele levanta a mão, procurando a palavra — ... sentimentos. — Seu tom é amargo.

Ah, merda. A honestidade dele me desarma. Tudo o que quero é sentar no seu colo. É o que eu quero fazer desde que voltei para casa ontem à noite. *Que se dane.* Vou até ele, pegando-o de

surpresa e deitando constrangedoramente no seu colo, onde me aninho. Ao contrário do que eu temia, ele não me afasta. Depois de um tempo, ele dobra os braços em volta de mim e enterra o nariz no meu cabelo. Christian está cheirando a uísque. *Quanto ele bebeu?* Também sinto o cheiro da sua loção de banho. Cheiro de Christian. Abraço seu pescoço e me aconchego em sua garganta, e ele suspira mais uma vez, agora profundamente.

— Ah, Sra. Grey. O que eu faço com você?

Ele beija a minha cabeça. Fecho os olhos, saboreando nosso contato.

— Quanto você bebeu?

Ele fica imóvel.

— Por quê?

— Você não costuma tomar nada forte.

— Esse é o meu segundo copo. Tive uma noite exaustiva, Anastasia. Dê um desconto.

Eu sorrio.

— Se você insiste, Sr. Grey — sussurro em seu pescoço. — Você está divinamente cheiroso. Dormi do seu lado da cama, porque o travesseiro tem o seu cheiro.

Ele faz carinho no meu cabelo.

— Foi isso, então? Fiquei me perguntando por que você estava daquele lado. Ainda estou com muita raiva de você.

— Eu sei.

Sua mão acaricia ritmadamente minhas costas.

— E eu de você — sussurro.

Ele faz uma pausa.

— E o que eu fiz, me diga, para merecer a sua ira?

— Eu digo mais tarde, quando você não estiver mais queimando de raiva.

Beijo seu pescoço. Ele fecha os olhos e se inclina para o meu beijo, mas não faz nenhum movimento para me beijar de volta. Seus braços me apertam com mais força.

— Quando eu penso no que poderia ter acontecido... — Sua voz é quase um suspiro. Débil, embargada.

— Eu estou bem.

— Ah, Ana. — É quase um soluço.

— Eu estou bem. Estamos todos bem. Um pouco abalados. Mas Gail está bem. Ryan está bem. E Jack se foi.

Ele balança a cabeça.

— Embora você não tenha nenhum crédito nisso — murmura ele.

O quê? Inclino-me para trás e o encaro com frieza.

— O que você quer dizer?

— Não quero discutir sobre isso agora, Ana.

Bem, talvez eu queira, mas é melhor não. Pelo menos ele está falando comigo. Eu me aninho no seu colo mais uma vez. Seus dedos sobem para a minha cabeça e começam a brincar com meu cabelo.

— Quero punir você — sussurra ele. — Espancar você até não poder mais.

Meu coração parece saltar pela boca. *Porra.*

— Eu sei — sussurro, sentindo meu couro cabeludo formigar.

— Talvez eu faça isso.

— Espero que não.

Ele me abraça mais apertado.

— Ana, Ana, Ana. Até um santo perderia a paciência com você.

— Eu poderia acusá-lo de muitas coisas, Sr. Grey, mas não de ser santo.

Finalmente sou abençoada com sua risada relutante.

— É verdade; sempre usando bons argumentos, Sra. Grey. — Ele beija minha testa e se remexe na cadeira. — Volte para a cama. Você dormiu tarde também. — E, com um movimento rápido, ele me pega e me joga de volta no colchão.

— Deita comigo?

— Não. Tenho umas coisas para fazer. — Ele se inclina e pega o copo. — Volte a dormir. Eu acordo você daqui a algumas horas.

— Ainda está zangado comigo?

— Estou.

— Vou dormir mais, então.

— Ótimo. — Ele me cobre e beija minha testa mais uma vez. — Durma.

E, como ainda estou atordoada pela noite passada, além de aliviada por ele já ter voltado e emocionalmente fatigada pelo nosso

reencontro, faço exatamente o que ele manda. Enquanto adormeço, fico curiosa mas aliviada, dado o gosto horrroso na minha boca, em saber por que ele não se utilizou do seu costumeiro mecanismo de lidar com essas situações e não avançou sobre mim com sua típica perversidade.

* * *

— AQUI: SUCO DE LARANJA para você — diz Christian, e meus olhos se abrem de novo.

Tive as duas horas de sono mais repousantes de que me lembro, e acordo renovada, a cabeça não mais latejando. O suco de laranja é uma visão feliz — assim como meu marido. Ele está de moletom. E eu momentaneamente me recordo do Hotel Heathman e da primeira vez que acordei a seu lado. Sua camiseta regata cinza está encharcada de suor. Ou ele andou malhando na academia do porão ou saiu para dar uma corrida, mas ele não deveria ficar tão bonito assim depois de fazer exercícios.

— Vou tomar um banho — murmura ele, e desaparece no banheiro.

Franzo a testa. Ele continua distante. Ou está distraído, com tudo o que aconteceu, ou ainda está com raiva ou... o quê? Ergo o corpo, sentando-me, e pego o suco de laranja, que bebo rápido. Está delicioso, geladinho, tornando a minha boca um lugar muito melhor. Desço da cama, ansiosa para diminuir a distância — real e metafísica — entre meu marido e eu. Dou uma olhada rápida para o relógio. São oito horas. Tiro a camiseta de Christian que eu estava vestindo e vou atrás dele no banheiro. Encontro-o no chuveiro, lavando o cabelo, e não hesito. Coloco-me muito discretamente atrás dele, que se enrijece no momento em que o envolvo em meus braços — a parte da frente do meu corpo contra as suas costas musculosas e molhadas. Ignoro sua reação; continuo segurando-o apertado, e colo a face na sua pele, fechando os olhos. Depois de um momento ele muda de posição, de forma que estamos ambos embaixo do chuveiro de água quente, e continua lavando o cabelo. Deixo a água correr pelo meu corpo enquanto me aninho junto ao homem que amo. Penso em todas as vezes que transamos e em

todas as vezes que ele fez amor comigo aqui. FRANZO o cenho. Ele nunca ficou tão quieto. Virando a cabeça, começo a traçar uma linha de beijos nas suas costas. Seu corpo se enrijece de novo.

— Ana — diz ele; é um alerta.

— Hmm...

Desço as mãos devagar pelo seu abdômen firme. Ele segura minhas duas mãos, interrompendo-me abruptamente, balançando a cabeça.

— Não. — Mais um alerta.

Eu o solto na mesma hora. *Ele está dizendo não?* Minha mente entra em queda livre — isso já aconteceu antes? Meu inconsciente balança a cabeça, os lábios apertados, e me encara através dos seus óculos de meia-lua, com aquela sua expressão de você-realmente-abusou-dessa-vez. Eu me sinto como se tivesse levado um tapa, um tapa bem forte. Rejeitada. E uma vida inteira de insegurança produz o pensamento horroroso de que *ele não me quer mais*. Respiro com dificuldade, pois a dor me queima por dentro. Mas então Christian se vira, e fico aliviada de ver que ele não está completamente imune aos meus encantos. Pegando no meu queixo, ele inclina minha cabeça para trás, e eu me pego fitando seus olhos circunspectos e cinzentos.

— Ainda estou puto da vida com você — diz ele, numa voz baixa e séria.

Merda! Inclinando-se para baixo, ele descansa a testa na minha, fechando os olhos. Acaricio seu rosto.

— Não fique zangado comigo, por favor. Acho que você está exagerando — sussurro.

Ele fica tenso, pálido. Minha mão cai livre ao lado do meu corpo.

— Exagerando? — rosna ele. — Um lunático maldito entra no meu apartamento para sequestrar a minha mulher e você acha que eu estou exagerando! — A ameaça contida na voz dele é aterrorizante, e seus olhos me encaram com uma fúria que é como se *eu* fosse o lunático maldito.

— Não... hã... não era disso que eu estava falando. Achei que você estivesse assim porque eu dei uma saída.

Ele fecha os olhos mais uma vez, como se estivesse com dor, e balança a cabeça.

— Christian, eu não estava aqui — digo, na tentativa de apaziguá-lo e tranquilizá-lo.

— Eu sei — sussurra ele, abrindo os olhos. — E tudo porque você não consegue atender uma merda de um pedido tão simples. — Seu tom é amargo, e é minha vez de empalidecer. — Não quero discutir isso agora, no banho. Ainda estou puto com você, Anastasia. Você está me fazendo repensar certas coisas.

Ele se vira e sai de supetão do box, pegando uma toalha no caminho para o quarto, deixando-me fria e desolada debaixo da água.

Merda. Merda. Merda.

Então finalmente compreendo o que ele acabou de dizer. *Sequestrar?* Cacete. Jack queria me sequestrar? Lembro-me então da fita adesiva, e da minha resistência em pensar sobre o motivo para Jack estar carregando aquilo consigo. Será que Christian tem mais informações? Eu me lavo às pressas, depois passo xampu e condicionador no cabelo. Eu quero saber. Eu preciso saber. Não vou permitir que ele me deixe no escuro nessa história.

Christian não está no quarto quando eu saio. Caramba, como ele se arruma rápido. Faço o mesmo, colocando meu vestido preferido, aquele cor de ameixa, e sandálias pretas, e percebo que escolhi essa roupa porque é também uma das preferidas de Christian. Seco o cabelo vigorosamente com a toalha, depois faço uma trança e a prendo num coque. Colocando brincos de brilhante nas orelhas, corro até o banheiro para passar um pouco de rímel e me olho no espelho. *Estou pálida. Estou sempre pálida.* Respiro fundo; tenho que me controlar. Preciso encarar as consequências da minha decisão impetuosa de me divertir um pouco com uma amiga. Suspiro, pois sei que Christian não vai encarar dessa maneira.

Não o encontro na sala. A Sra. Jones está ocupada na cozinha.

— Bom dia, Ana — diz ela, com doçura.

— Bom dia.

Abro um largo sorriso para ela. Voltei a ser Ana!

— Chá?

— Sim, obrigada.

— Alguma coisa para comer?

— Por favor. Eu queria um omelete hoje.

— Com cogumelos e espinafre?
— E queijo.
— Já está saindo.
— Cadê o Christian?
— O Sr. Grey está no escritório.
— Ele já tomou café? — Olho para os dois lugares postos no
balcão.
— Não, madame.
— Obrigada.

Christian está ao telefone. Está vestindo uma camisa branca sem gravata, a visão perfeita de um CEO relaxado. Como as aparências enganam! Talvez ele nem vá à empresa hoje. Ele ergue o olhar quando apareço à porta, mas balança a cabeça para mim, indicando que não sou bem-vinda. *Merda...* Eu me viro e volto cabisbaixa para o balcão da cozinha. Taylor aparece, elegante em um terno escuro, com a aparência de quem desfrutou de oito horas de sono ininterruptos.

— Bom dia, Taylor — murmuro, tentando avaliar seu humor e ver se ele vai me dar alguma dica visual sobre o que aconteceu.

— Bom dia, Sra. Grey — responde ele, e percebo solidariedade nessas quatro palavras.

Retribuo com um sorriso compassivo, sabendo que ele teve que aturar um Christian raivoso e frustrado voltando para Seattle bem antes do previsto.

— Como foi o voo? — ousou perguntar.

— Longo, Sra. Grey. — Sua concisão diz mais do que mil palavras. — Como está a senhora, se me permite a pergunta? — acrescenta ele, num tom mais suave.

— Estou bem.

Ele assente com a cabeça.

— Se me der licença...

E ele vai para o escritório de Christian. Hmm. Taylor pode entrar, mas eu não.

— Aqui está.

A Sra. Jones coloca meu café da manhã na minha frente. Meu apetite já era, mas eu como mesmo assim, pois não quero ofendê-la.

Quando termino de comer o máximo que consigo, Christian ainda não saiu do escritório. Será que ele está me evitando?

— Obrigada, Sra. Jones — murmuro, descendo do banco e indo ao banheiro.

Enquanto escovo os dentes, lembro do mau humor em que Christian ficou por causa dos votos do casamento. Ele também se entocou no escritório na ocasião, só de pirraça. Será que é isso? Pirraça? Então sinto um arrepio ao me lembrar do pesadelo que ele teve logo depois. Será que aquilo vai acontecer de novo? Nós realmente precisamos conversar. Preciso saber sobre Jack e lhe perguntar sobre o reforço da segurança para os Grey — todos os detalhes que foram ocultados de mim, mas não de Kate. Obviamente, Elliot conversa decentemente com ela.

Olho o relógio. São oito e cinquenta — estou atrasada para o trabalho. Termino de escovar os dentes, passo um pouquinho de gloss na boca, pego meu paletó preto superleve e volto para a sala. É um alívio ver que Christian está lá, tomando seu café da manhã.

— Está saindo? — pergunta ele quando me vê.

— Para o trabalho? Sim, claro.

Corajosamente, vou até ele e apoio as mãos na ponta do balcão. Ele me encara sem expressão alguma.

— Christian, nós voltamos não faz nem uma semana. Tenho que ir trabalhar.

— Mas...

Ele para de falar e passa a mão no cabelo. A Sra. Jones sai silenciosamente do recinto. *Discrição, Gail, discrição.*

— Sei que temos muito o que conversar. Talvez, se você tiver se acalmado, a gente possa fazer isso de noite.

Sua boca se abre em espanto.

— Acalmado? — Sua voz está assustadoramente suave.

Fico vermelha.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Não, Anastasia. Não sei o que você quer dizer.

— Não quero brigar. Só vim perguntar se eu posso ir no meu carro.

— Não. Não pode — responde ele, ríspidamente.

— Tudo bem. — Aquiesço de imediato.

Ele me olha desarmado. Estava obviamente esperando que eu criasse caso.

— A Prescott vai acompanhar você. — Seu tom é um pouco menos beligerante.

Droga, a Prescott não. Quero fazer bico e protestar, mas decido acatar o que ele diz. Agora que Jack foi pego, com certeza poderemos amenizar as medidas de segurança.

Recordo-me da conversa ao estilo “palavras de sabedoria” que tive com minha mãe na véspera do meu casamento. *Ana, querida, você realmente terá que escolher que batalhas lutar. E vai ser a mesma coisa com os seus filhos quando você os tiver.* Bem, pelo menos ele está me deixando ir trabalhar.

— Tudo bem — balbucio.

E como não quero deixá-lo assim com tantas questões não resolvidas e tanta tensão entre nós, eu me aproximo hesitantemente. Seu corpo se tensiona, os olhos quase se arregalam, e por um momento ele parece tão vulnerável que me toca lá no fundo escuro do meu coração. *Ah, Christian, eu sinto muito.* Dou um beijo casto no canto da sua boca. Ele fecha os olhos como se saboreasse imensamente meu toque.

— Não me odeie — sussurro.

Ele pega minha mão.

— Eu não odeio você.

— Você não me deu nem um beijo — sussurro.

Ele me olha com suspeita.

— Eu sei — murmura.

Quero desesperadamente lhe perguntar por quê, mas não sei se quero ouvir a resposta. Então, bruscamente, ele se levanta e segura meu rosto entre as mãos, e no segundo seguinte sua boca está colada na minha, buscando-me com violência. Solto uma exclamação de surpresa, inadvertidamente concedendo acesso à sua língua. Ele aproveita a chance, invadindo minha boca, clamando por mim, e logo quando estou começando a retribuir o beijo ele me solta, a respiração mais rápida.

— O Taylor vai levar você e a Prescott para a SIP — diz Christian, os olhos ardendo de avidez. — Taylor! — grita ele.

Fico ruborizada, tentando recuperar a compostura.

— Sim, senhor. — Taylor surge à porta.

— Diga à Prescott que a Sra. Grey está indo para o trabalho. Você pode levar as duas, por favor?

— Certamente. — E, virando-se, Taylor desaparece.

— Se você pudesse tentar não se meter em nenhuma confusão hoje, eu agradeceria — balbucia Christian.

— Vou ver o que posso fazer.

Sorrio docemente. Um pequeno e relutante sorriso aparece em seu rosto, mas ele não se deixa entregar.

— Até mais tarde, então — diz friamente.

— Até mais tarde — sussurro.

Prescott e eu pegamos o elevador de serviço até a garagem subterrânea, para evitar a mídia do lado de fora. A prisão de Jack e o fato de que ele foi apreendido no nosso apartamento são agora de conhecimento público. Ao entrar no Audi, pergunto-me se haverá mais paparazzi esperando na SIP, como no dia do anúncio do nosso noivado.

Percorremos algumas ruas em silêncio por um tempo, até eu me lembrar de ligar primeiro para Ray e depois para minha mãe, a fim de tranquilizá-los e dizer que eu e Christian estamos bem. Felizmente, ambos os telefonemas são curtos, e quando desligo estamos justamente chegando à SIP. Como eu temia, há um aglomerado de repórteres e fotógrafos esperando. Eles se viram todos de uma vez, olhando com expectativa para o Audi.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Sra. Grey? — pergunta Taylor.

Parte de mim quer ir para casa, mas isso significaria passar o dia com o Sr. Ardendo de Raiva. Espero que, com um pouco de tempo, ele comece a ver as coisas por outra perspectiva. Jack está detido na polícia; logo, Christian deveria estar feliz, mas não está. Parte de mim entende a razão; esse problema está quase totalmente fora do seu controle, inclusive eu, mas não tenho tempo para pensar nisso agora.

— Taylor, dê a volta até o portão para carga e descarga, por favor.

— Sim, madame.

* * *

É UMA HORA da tarde e eu consegui ficar imersa no trabalho a manhã toda. Batem à porta e Elizabeth coloca a cabeça para dentro.

— Posso entrar um momento? — pergunta ela alegremente.

— Claro — murmuro, surpresa pela sua visita não agendada.

Ela entra e se senta, jogando para trás o longo cabelo preto.

— Só queria ver se você está bem. O Roach me pediu para dar uma passada aqui — acrescenta apressadamente, seu rosto ficando vermelho. — Sabe, depois de tudo o que aconteceu ontem à noite...

A prisão de Jack Hyde está em todos os jornais, mas ninguém parece ter feito a conexão com o incêndio na empresa de Christian ainda.

— Estou bem — respondo, tentando não pensar muito profundamente sobre como me sinto.

Jack queria me fazer mal. Bem, isso não é novidade. Ele já havia tentado antes. É com Christian que estou mais preocupada.

Olho rapidamente o meu e-mail. Ainda não há nenhum novo dele. Não sei se eu deveria escrever algo ou se estaria apenas provocando mais ainda o Sr. Ardendo de Raiva.

— Que bom — responde Elizabeth, e, uma vez na vida, seu sorriso parece sincero. — Se eu puder fazer alguma coisa... qualquer coisa que você precise... é só me falar.

— Pode deixar.

Ela se levanta.

— Eu sei como você está ocupada, Ana. Vou deixá-la voltar ao trabalho.

— Hm... Obrigada.

Essa deve ter sido a reunião mais curta e mais sem sentido do hemisfério ocidental no dia de hoje. Por que Roach a mandou aqui? Talvez ele esteja preocupado, já que sou a esposa do seu chefe. Afasto os pensamentos sombrios e pego meu BlackBerry, na esperança de que haja uma mensagem de Christian. Nesse momento, soa o meu e-mail do trabalho.

De: Christian Grey

Assunto: Depoimento

Data: 26 de agosto de 2011 13:04

Para: Anastasia Grey

Anastasia,

O detetive Clark irá à sua sala hoje às três da tarde para pegar o seu depoimento.

Insisti em que ele fosse até você, já que não quero que você vá até a delegacia.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Fico olhando para o e-mail dele por cinco minutos inteiros, tentando formular uma resposta leve e engenhosa para levantar seu astral. Não consigo pensar em nada, portanto escolho ser sucinta.

De: Anastasia Grey

Assunto: Depoimento

Data: 26 de agosto de 2011 13:12

Para: Christian Grey

Ok.

Bj,

Anastasia Grey

Editora, SIP

Fico olhando para a tela por mais cinco minutos, ansiosa pela resposta, mas não chega nada. Christian não está para brincadeiras hoje.

Eu me reclino na cadeira. Será que posso condená-lo? Meu pobre marido devia estar fora de si nas primeiras horas desta manhã. Então algo me ocorre. Christian estava de smoking quando acordei hoje. A que horas ele decidiu voltar de Nova York? Ele normalmente deixa o trabalho entre dez e onze. Ontem à noite, a essa hora, eu ainda estava com Kate.

Será que Christian voltou porque eu tinha saído ou por causa do incidente com Jack? Se foi porque eu estava fora me divertindo, ele não teria ideia sobre Jack, sobre a polícia, nada — só quando pousasse em Seattle. De repente, descobrir isso é muito importante para mim. Se Christian voltou só porque eu estava no bar, então foi

um exagero. Meu inconsciente faz um ruído de desprezo e assume sua expressão de harpia. Tudo bem, estou feliz que ele tenha voltado, então talvez seja irrelevante. Mas ainda assim — Christian deve ter sofrido um choque danado quando pousou. Não é de admirar que ele esteja tão confuso hoje. Suas palavras voltam à minha mente: *“Ainda estou puto com você, Anastasia. Você está me fazendo repensar certas coisas.”*

Eu preciso saber — ele voltou por causa dos meus controversos drinques ou por causa do maldito lunático?

De: Anastasia Grey
Assunto: Seu voo
Data: 26 de agosto de 2011 13:24
Para: Christian Grey

A que horas você decidiu voltar para Seattle ontem?

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Seu voo
Data: 26 de agosto de 2011 13:26
Para: Anastasia Grey

Por quê?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey
Assunto: Seu voo
Data: 26 de agosto de 2011 13:29
Para: Christian Grey

Curiosidade.

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Seu voo

Data: 26 de agosto de 2011 13:32

Para: Anastasia Grey

A curiosidade matou o gato.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey

Assunto: Hã?

Data: 26 de agosto de 2011 13:35

Para: Christian Grey

O que foi essa referência oblíqua? Mais uma ameaça?

Você sabe aonde quero chegar com isso, não sabe?

Você resolveu voltar porque eu saí para tomar um drinque com uma amiga mesmo você tendo pedido que eu não fosse ou porque tinha um homem louco no seu apartamento?

Anastasia Grey

Editora, SIP

Encaro a tela. Não há resposta. Olho para o relógio no computador. Uma e quarenta e cinco e ainda nada.

De: Anastasia Grey

Assunto: É o seguinte...

Data: 26 de agosto de 2011 13:56

Para: Christian Grey

Vou tomar seu silêncio como uma confirmação de que você realmente voltou para Seattle porque EU MUDEI DE IDEIA. Sou uma mulher adulta e saí para tomar um drinque com uma amiga. Eu não podia avaliar os desdobramentos, em termos de segurança, do fato de eu ter MUDADO DE IDEIA porque VOCÊ NUNCA ME FALA NADA. Descobri pela Kate que, na verdade, a segurança foi reforçada para todos os Grey, e não só para nós. Acho que você em geral exagera quando se trata da minha segurança, e entendo o motivo, mas você está sempre agindo como o menino que avisava do lobo sem ser verdade.

Eu nunca sei o que é uma preocupação real ou o que é meramente algo que você encara como uma preocupação. Eu estava com dois seguranças. Achei que tanto Kate quanto eu estaríamos seguras. O fato é que estávamos mais seguras no bar do que em casa. Se eu tivesse sido INFORMADA DIREITO da situação, teria agido de maneira diferente.

Pelo que sei, as suas preocupações têm algo a ver com um material que estava no computador do Jack — ou pelo menos é o que a Kate disse. Você sabe como é irritante descobrir que minha melhor amiga sabe mais sobre o que está acontecendo com você do que eu? E eu sou sua ESPOSA. Então, você vai me falar? Ou vai continuar a me tratar como uma criança, para que eu continue a me comportar como uma?

Você não é o único que está puto da vida. Entendeu?

Ana

Anastasia Grey
Editora, SIP

Clico em “enviar”. *Pronto — toma essa, Grey.* Inspiro profundamente. Agora fiquei uma fera. Estava me sentindo culpada e arrependida por ter me comportado mal. Bem, não estou mais.

De: Christian Grey
Assunto: É o seguinte...
Data: 26 de agosto de 2011 13:59
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey, como sempre, você foi franca e desafiadora em seu e-mail.

Talvez possamos discutir isso quando você voltar para NOSSA casa.

Você deveria tomar cuidado com o que fala. Ainda estou puto da vida.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Tomar cuidado com o que falo! Olho para o computador de cara feia, percebendo que isso não está me levando a lugar algum. Não respondo; em vez disso, pego um original recém-recebido de um autor novo promissor e começo a ler.

* * *

MEU ENCONTRO COM o detetive Clark é tranquilo. Ele está menos carrancudo do que ontem à noite, talvez por ter conseguido dormir um pouco. Ou talvez apenas prefira trabalhar durante o dia.

— Obrigado pelo seu depoimento, Sra. Grey.

— De nada, detetive. O Hyde ainda está detido?

— Sim, madame. Ele saiu do hospital de manhã cedo. Pelas acusações que pesam sobre ele, deverá ficar conosco por um tempo. — Ele sorri, os olhos escuros enrugando-se nos cantos.

— Que bom. Tem sido uma época de bastante tensão para mim e meu marido.

— Conversei muito com o Sr. Grey esta manhã. Ele parece aliviado. Homem interessante, o seu marido.

O senhor não tem ideia.

— É, acho que sim.

Dirijo-lhe um sorriso educado, e ele sabe que está sendo dispensado.

— Caso se lembre de mais alguma coisa, pode me ligar. Aqui está meu cartão. — Com esforço, ele tira um cartão da carteira e me entrega.

— Obrigada, detetive. Pode deixar.

— Tenha um bom dia, Sra. Grey.

— Bom dia.

Quando ele sai, me pergunto quais exatamente são as acusações contra Hyde. Sem dúvida, Christian não vai me contar. Aperto os lábios, irritada.

* * *

VOLTAMOS EM SILÊNCIO até o Escala. Sawyer é quem dirige dessa vez, Prescott a seu lado, e meu coração fica cada vez mais pesado ao nos aproximamos de casa. Sei que Christian e eu vamos brigar, e não sei se tenho energia para isso.

Enquanto o elevador da garagem leva Prescott e eu à cobertura, tento ordenar meus pensamentos. O que eu quero falar? Acho que disse tudo por e-mail. Talvez ele me dê algumas respostas. Espero que sim. Não consigo não ficar nervosa. Meu coração bate acelerado, minha boca está seca, e minhas mãos suam. Não quero brigar. Mas às vezes ele é difícil demais, e eu preciso fincar o pé.

A porta do elevador se abre, revelando o hall, que está novamente limpo e arrumado. A mesa foi reerguida, e sobre ela há um novo vaso, guarnecido com um lindo arranjo de peônias brancas e cor-de-rosa. Verifico as pinturas ao entrar — as Madonas todas

parecem intactas. A porta quebrada já foi consertada e voltou a funcionar; Prescott a abre gentilmente para mim. Ela esteve muito quieta hoje. Acho que prefiro assim.

Largo minha maleta no hall e entro na enorme sala de estar. Paro. *Putá merda.*

— Boa noite, Sra. Grey — diz Christian suavemente.

Ele está de pé ao lado do piano, vestindo uma camiseta preta justa e uma calça jeans... *Aquela* calça — a que ele usava no quarto de jogos. *Ai, meu Deus.* É uma calça de um azul-claro lavado e desbotado, rasgada no joelho — justa e excitante. Ele vem calmamente até mim, os pés descalços, o botão da calça aberto, os olhos ardentes fixos nos meus.

— Que bom que você chegou. Eu estava à sua espera.

CAPÍTULO ONZE

—Estava, é? — sussurro.

Minha boca fica ainda mais seca, meu coração batendo forte no peito. Por que Christian está vestido assim? O que isso significa? Ele ainda está bravo?

— Sim. — Sua voz é muito suave, mas ele sorri maliciosamente ao vir em minha direção.

Ele está muito gato — a calça jeans caindo no quadril bem daquele jeito. Ah, não, não vou me distrair pelo Sr. Tesão Ambulante. Tento descobrir seu estado de espírito enquanto ele se aproxima aos poucos. Zangado? Brincalhão? Excitado? *Grrr!* Impossível dizer.

— Gostei da sua calça — murmuro.

Ele abre um sorriso feroz e irresistível, mas seus olhos permanecem sérios. *Merda — ele ainda está bravo.* Está usando esses artifícios para me distrair. Christian para na minha frente e eu me sinto queimar sob a intensidade de seu olhar. Ele me fita, os olhos bem abertos e ilegíveis ardendo nos meus. Engulo em seco.

— Parece que você tem algumas questões para resolver, Sra. Grey — diz ele delicadamente, e puxa algo do bolso traseiro da calça.

Não consigo desviar o olhar do dele, mas o ouço desdobrar um pedaço de papel. Ele o ergue, e, dando uma olhada rápida naquela direção, reconheço meu e-mail. Volto a fitá-lo; seus olhos ardem de raiva.

— Sim, eu tenho algumas questões para resolver — sussurro, sem fôlego.

Preciso de distância se vamos discutir isso. Mas antes que eu possa dar um passo para trás, ele se inclina e encosta o nariz no meu. Meus olhos quase se fecham, e eu saboreio esse toque leve e inesperado.

— Eu também tenho — sussurra ele contra a minha pele, e abro os olhos ao ouvir essas palavras. Ele empertiga o corpo e me encara intensamente mais uma vez.

— Acho que já conheço bem as suas questões, Christian.

Minha voz soa ácida, e ele aperta os olhos, reprimindo o ar divertido que surge neles momentaneamente. Vamos brigar? Dou um passo para trás por precaução. Preciso me distanciar fisicamente dele — do seu cheiro, do seu olhar, do seu corpo nessa calça jeans sensual que me distrai. Ele franze o cenho quando eu me afasto.

— Por que você voltou de Nova York? — pergunto, num sussurro. Vamos acabar logo com isso.

— Você sabe por quê. — Seu tom carrega um sinal de advertência.

— Por que eu saí com Kate?

— Porque você não cumpriu sua palavra e me desafiou, correndo um risco desnecessário.

— Não cumpri minha palavra? É assim que você vê? — digo, ofegante, ignorando o resto da sua frase.

— É.

Droga. Isso é que é exagero! Começo a revirar os olhos em reprovação, mas paro quando ele me olha de cara feia.

— Christian, eu mudei de ideia — explico devagar, pacientemente, como se ele fosse uma criança. — Sou uma mulher. Somos conhecidas por mudar de ideia o tempo todo. É o que fazemos.

Ele pisca como se não compreendesse.

— Se eu tivesse pensado, por um minuto que fosse, que você cancelaria sua viagem...

As palavras me faltam. Percebo que não sei o que dizer. Sou momentaneamente catapultada de volta à discussão sobre nossos votos. *Eu nunca prometi obedecer você, Christian.* Mas seguro a língua, porque no fundo estou feliz que ele tenha voltado. Apesar de sua fúria, estou feliz de vê-lo aqui, inteiro, zangado e supersexy à minha frente.

— Quer dizer que você mudou de ideia? — Ele não consegue conter a incredulidade e o desdém.

— Isso.

— E por que não me ligou? — Ele me encara com censura, incrédulo, antes de continuar: — Além do mais, você deixou a equipe de segurança em falta aqui, colocando o Ryan em risco.

Bem, eu não tinha pensado nisso.

— Eu deveria ter ligado, mas não queria preocupar você. Se eu ligasse, você com certeza me proibiria de ir, e eu estava com saudades de Kate. Queria me encontrar com ela. Além disso, estando no bar, acabei ficando fora do caminho de Jack. Ryan não deveria tê-lo deixado entrar.

Isso é tão confuso... Se Ryan não tivesse feito isso, Jack ainda estaria solto.

Seus olhos brilham selvagememente e depois se fecham, o rosto se enrugando como se ele estivesse sentindo dor. *Ah, não.* Ele balança a cabeça e, antes que eu me dê conta, ele já me abraçou, puxando-me forte contra si.

— Ah, Ana — sussurra ele ao me apertar mais, de forma que mal consigo respirar. — Se alguma coisa acontecesse com você... — Sua voz mal passa de um sussurro.

— Não aconteceu nada — consigo dizer.

— Mas poderia ter acontecido. Eu morri mil vezes hoje pensando o que poderia ter acontecido. Eu estava furioso, Ana. Furioso com você. Furioso comigo mesmo. Com todo mundo. Não consigo me lembrar de já ter sentido tanta raiva assim... exceto... — Ele para de novo.

— Exceto?

— Uma vez no seu antigo apartamento. Quando Leila estava lá.

Ah. Não quero pensar nisso.

— Você estava tão frio hoje de manhã — murmuro.

Minha voz falha na última palavra, quando me lembro do terrível sentimento de rejeição no banho. Suas mãos sobem para a minha nuca, deixando-me mais solta, e eu respiro profundamente. Ele puxa minha cabeça para trás.

— Não sei como lidar com essa raiva. Acho que eu não quero machucar você — diz ele, os olhos bem abertos e atentos. — Hoje de manhã eu queria punir você, punir mesmo, e... — Ele para,

provavelmente perdido nas palavras ou com muito medo de proferi-las.

— Você estava com medo de me machucar? — termino a frase por ele, sem acreditar nessa hipótese nem por um minuto, mas também aliviada. Uma parte de mim, uma parte pequena mas cruel, tinha medo de que fosse porque ele não me quisesse mais.

— Eu não podia confiar em mim mesmo — diz ele, baixinho.

— Christian, eu sei que você nunca me machucaria. Não fisicamente, pelo menos. — Seguro a cabeça dele entre as mãos.

— Sabe? — pergunta ele, e há ceticismo na sua voz.

— Claro. Eu sabia que o que você disse era uma ameaça vazia, à toa. Tinha certeza de que você não ia me bater até cansar.

— Mas eu queria.

— Não, não queria. Você só pensou que quisesse.

— Não sei se isso é verdade — murmura ele.

— Pense nisso — encorajo-o, envolvendo-o em meus braços mais uma vez e acariciando seu peito com o rosto, por sobre a camiseta preta. — Em como você se sentiu quando eu fui embora. Você me contou muitas vezes como aquilo afetou você. Como alterou sua visão de mundo, de mim. Eu sei do que você abriu mão por minha causa. Pense em como você se sentiu quando viu as marcas das algemas, durante a nossa lua de mel.

Ele fica parado, e eu sei que está processando a informação. Aperto os braços em volta dele, minhas mãos nas suas costas, sentindo seus músculos firmes e tonificados por baixo da camiseta. Gradativamente, ele vai relaxando, a tensão diminuindo.

É isso que o tem deixado preocupado? O medo de me machucar? Por que eu confio mais nele do que ele mesmo? Não entendo; nós certamente nos transformamos. Em geral ele é tão forte, tão controlado, mas sem isso ele se sente perdido. *Ah, Christian, Christian, Christian... Me desculpe.* Ele beija meu cabelo, eu ergo o rosto para ele e seus lábios encontram os meus, procurando, dando, tomando, implorando — pelo quê, eu não sei. Só quero sentir sua boca na minha, e retribuo o beijo apaixonadamente.

— Você confia tanto em mim — sussurra ele depois que se afasta.

— Confio mesmo.

Ele acaricia meu rosto com as costas dos dedos e a ponta do polegar, olhando atentamente dentro dos meus olhos. Sua raiva passou. Meu Cinquenta Tons está de volta, de onde quer que estivesse. É bom vê-lo. Ergo o olhar e sorrio timidamente.

— Além disso — suspiro —, você não tem a papelada.

Ele abre a boca, chocado e achando graça ao mesmo tempo, e me aperta contra seu peito de novo.

— Você tem razão. — Ele ri.

Ficamos parados no meio da sala, colados em nosso abraço, apenas apertando um ao outro.

— Vamos para a cama — sussurra ele, depois de sabe-se lá quanto tempo.

Ai, meu Deus...

— Christian, precisamos conversar.

— Mais tarde — implora ele suavemente.

— Christian, por favor. Fale comigo.

Ele suspira.

— Sobre o quê?

— Você sabe. Você me deixa no escuro.

— Quero proteger você.

— Não sou uma criança.

— Estou plenamente ciente disso, Sra. Grey.

Ele desliza as mãos pelo meu corpo e apalpa minha bunda. Flexionando o quadril, pressiona sua ereção crescente contra mim.

— Christian! — repreendo-o. — Converse comigo.

Ele suspira mais uma vez, exasperado.

— O que você quer saber? — Sua voz é resignada, e ele me solta.

Eu empaco... *Isso não quer dizer que você precisa me soltar.* Pegando minha mão, ele se abaixa para apanhar meu e-mail no chão.

— Um monte de coisas — balbucio, enquanto me deixo levar por ele até o sofá.

— Sente-se — ordena.

Algumas coisas nunca mudam, penso, e obedeco. Christian se senta ao meu lado e, inclinando-se para a frente, enterra a cabeça

nas mãos.

Ah, não. Será que é difícil demais para ele? Então ele se senta ereto, passa as duas mãos no cabelo e se vira para mim, parecendo ao mesmo tempo ansioso e resignado com seu destino.

— Pergunte — diz ele simplesmente.

Ah. Bem, isso foi mais fácil do que eu pensava.

— Por que reforçar a segurança para a sua família?

— Hyde era uma ameaça para eles.

— Como você sabe?

— Pelo computador dele. Tinha armazenados detalhes pessoais sobre mim e sobre o resto da minha família. Principalmente Carrick.

— Carrick? Por que ele?

— Não sei ainda. Vamos para a cama.

— Christian, conte!

— Contar o quê?

— Você é tão... irritante.

— Você também. — Ele me lança um olhar penetrante.

— Você não aumentou a segurança logo que descobriu que havia informação sobre a sua família no computador. Então o que aconteceu? Por que agora?

Christian aperta os olhos.

— Eu não sabia que ele iria tentar incendiar minha empresa ou...

— Ele para. — Pensamos que se tratasse de uma obsessão indesejável, mas, você sabe — ele dá de ombros —, quando se está em evidência, as pessoas ficam interessadas. Eram coisas aleatórias: notícias sobre mim de quando eu estudava em Harvard: minhas atividades no remo, meu trabalho. Relatórios sobre o Carrick: informações sobre a carreira dele, sobre a carreira da minha mãe, e, até certo ponto, sobre Elliot e Mia.

Que estranho.

— Você disse *ou* — continuo.

— Ou o quê?

— Você disse: “tentar incendiar minha empresa ou...” Como se fosse falar mais alguma coisa.

— Está com fome?

O quê? Franzo a testa para ele e meu estômago ronca.

— Você comeu hoje? — Seu tom é severo e seus olhos, frios.

Sou traída pelo rubor na minha face.

— Foi o que pensei. — Sua voz é cortante. — Você sabe como eu me sinto quanto a você deixar de comer. Venha — diz ele, levantando-se e estendendo a mão. — Vou alimentar você. — E ele muda de novo... Dessa vez sua voz está cheia de promessas sensuais.

— Vai me alimentar? — sussurro, e tudo abaixo do meu umbigo se liquefaz.

Mas que inferno. Essa é uma distração tão tipicamente volátil em relação ao que estávamos discutindo. *Acabou? É só isso o que eu vou conseguir tirar dele agora?* Levando-me para a cozinha, Christian pega um banco e o suspende para colocá-lo no outro lado da ilha.

— Sente-se — ordena.

— Cadê a Sra. Jones? — pergunto ao me sentar, notando a ausência dela pela primeira vez.

— Dei esta noite de folga a ela e ao Taylor.

Ah.

— Por quê?

Ele me fita por um instante, e seu divertimento arrogante volta.

— Porque eu posso.

— Então você vai cozinhar? — Minha voz trai minha incredulidade.

— Ah, está lhe faltando um pouco mais de fé, Sra. Grey. Feche os olhos.

Uau. Achei que fôssemos ter uma briga feia, e aqui estamos, brincando na cozinha.

— Feche os olhos — repete ele.

Primeiro eu reviro os olhos, depois obedeço.

— Hmm... Não foi muito bom — murmura Christian.

Abro um olho e o vejo pegar um lenço de seda cor de ameixa do bolso de trás da calça. Combina com o meu vestido. *Caramba.* Olho inquisidoramente para ele. *Em que momento ele pegou isso?*

— Feche — ordena ele de novo. — Sem roubar.

— Você vai me vender? — balbucio, chocada. De repente, fico sem fôlego.

— Vou.

— Christian... — Ele encosta um dedo nos meus lábios, silenciando-me.

Eu quero conversar.

— A gente conversa mais tarde. Quero que você coma agora. Você disse que estava com fome.

Ele me beija de leve na boca. Sinto a maciez da seda do lenço contra minhas pálpebras quando ele dá um nó firme na parte de trás da minha cabeça.

— Está conseguindo ver? — pergunta ele.

— Não — murmuro, revirando os olhos figurativamente. Ele dá uma risada.

— Eu sei quando você está revirando os olhos... e você sabe como eu me sinto em relação a isso.

Aperto os lábios.

— Podemos acabar logo com isso? — falo rispidamente.

— Quanta impaciência, Sra. Grey. Tão ansiosa para conversar. — Seu tom é brincalhão.

— Isso mesmo!

— Preciso alimentá-la antes — diz ele, e esfrega os lábios na minha têmpora, acalmando-me instantaneamente.

Tudo bem... Como você quiser. Eu me conformo com meu destino e fico ouvindo seus movimentos pela cozinha. A porta da geladeira se abre e Christian coloca vários pratos no balcão atrás de mim. Depois vai até o micro-ondas, põe alguma coisa lá dentro e o liga. Minha curiosidade fica aguçada. Ouço o barulho da torradeira, o controle sendo girado e o som baixo do timer. Hmm... torrada?

— Isso aí. Estou doida para conversar — murmuro, distraída.

Uma variedade de aromas picantes e exóticos enche a cozinha e eu me mexo ansiosa na cadeira.

— Fique parada, Anastasia. — Ele está perto de mim de novo. — Quero que você se comporte... — sussurra.

Ai, meu Deus.

— E não morda o lábio.

Delicadamente, ele puxa meu lábio inferior, tirando-o dos meus dentes, e não consigo evitar um sorriso.

Depois, ouço o estouro nítido de uma rolha de cortiça saindo de uma garrafa e o som suave de vinho sendo servido em uma taça.

Então um momento de silêncio, seguido por um estalido e pelo suave ruído branco das caixas de som surround quando elas ganham vida. O som alto e metálico de um violão começa uma música que eu não conheço. Christian abaixa o volume para manter um som ambiente. Um homem começa a cantar, uma voz grave, baixa e sensual.

— Um drinque primeiro, eu acho — sussurra Christian, tirando minha atenção da música. — Cabeça para trás. — Inclino a cabeça ligeiramente. — Mais — ordena ele.

Obedeço, e seus lábios estão nos meus. Um vinho fresco e seco escorre para dentro da minha boca. Engulo por reflexo. *Nossa.* Lembranças de não muito tempo atrás me vêm à mente — eu amarrada na minha cama em Vancouver, antes de me formar, com um Christian sexy e bravo por causa do meu e-mail. *Hmm... Os tempos mudaram?* Não muito. Exceto que agora eu reconheço o vinho, o preferido de Christian — um Sancerre.

— Hmm — murmuro em aprovação.

— Gostou do vinho? — sussurra ele, a respiração quente contra a minha face.

Estou inebriada com sua proximidade, sua vitalidade, o calor irradiando do seu corpo, embora ele não me toque.

— Gostei — balbucio.

— Mais?

— Eu sempre quero mais com você.

Quase ouço-o sorrir. O que faz com que eu sorria também.

— Sra. Grey, está flertando comigo?

— Estou.

Ouço sua aliança tinindo contra a taça quando ele toma mais um gole de vinho. Que som sensual... Dessa vez ele puxa minha cabeça bem para trás e me ampara. Ele me beija novamente e, com avidez, engulo o vinho que me oferece. Ele sorri e me beija de novo.

— Está com fome?

— Achei que já tivéssemos definido isso, Sr. Grey.

O trovador no iPod está cantando sobre jogos perversos. *Hmm... que adequado.*

O micro-ondas apita e Christian me solta. Empertigo-me no banco. A comida tem um cheiro picante: alho, menta, orégano,

alecrim e cordeiro, acho. A porta do micro-ondas se abre e o cheiro apetitoso fica ainda mais forte.

— Merda! Droga! — pragueja Christian, e um prato cai com estrondo sobre o balcão.

Ah, meu Cinquenta Tons!

— Tudo bem aí?

— Sim! — responde ele, rispidamente, a voz contida. Um instante depois, ele está de pé ao meu lado mais uma vez.

— Acabei de me queimar. Aqui. — Ele coloca o dedo indicador dentro da minha boca. — Por que não dá um beijo para passar?

— Opa. — Pegando sua mão, puxo seu dedo devagar de dentro da minha boca. — Pronto, pronto — conforto-o, e, inclinandome para a frente, sopro, esfriando sua pele, e então o beijo duas vezes, delicadamente.

Ele para de respirar. Engulo seu dedo de novo e chupo suavemente. Ele inspira com força, e o som vai até a minha virilha. Seu gosto é delicioso como sempre, e eu percebo que este é o seu jogo: seduzir a esposa lentamente. Pensei que ele estivesse zangado, mas agora...? Este homem, meu marido, me confunde. Mas é assim que eu gosto dele. Brincalhão. Divertido. Sexy de doer. Ele me deu algumas respostas, mas sou gananciosa. Quero mais, mas também quero brincar. Depois da ansiedade e da tensão de hoje, além do pesadelo de ontem à noite, com Jack, essa é uma distração bem-vinda.

— Em que está pensando? — murmura Christian, interrompendo meus pensamentos ao puxar o dedo da minha boca.

— Em como você é inconstante.

Ele fica parado ao meu lado.

— Cinquenta Tons, baby — diz ele finalmente, e me dá um beijo terno no canto da boca.

— Meu Cinquenta Tons — sussurro. E, agarrando-o pela camiseta, puxo-o para mim.

— Ah, não faça isso, Sra. Grey. Sem contato físico... ainda não.

Ele pega minha mão, tira-a da sua camiseta e beija um dedo de cada vez.

— Sente-se direito — ordena ele.

Faço um beicinho.

— Vou bater em você se fizer beicinho. Agora abra bem a boca.

Ah, merda. Abro a boca e ele enfia um garfo cheio de cordeiro picante coberto com um molho refrescante, de menta e iogurte. Hmm. Mastigo.

— Gostou?

— Gostei.

Ele faz um barulho de quem saboreia algo, e sei que também está comendo e gostando.

— Mais?

Aquiesço. Ele me dá outra garfada e mastigo entusiasmadamente. Então ele abaixa o garfo e corta... pão, eu acho.

— Abra — ordena ele.

Dessa vez é pão pita com homus. Percebo que a Sra. Jones — ou talvez até Christian — andou fazendo compras na delicatessen que eu descobri há cerca de cinco semanas a apenas dois quarteirões do Escala. Mastigo aliviada. Christian brincalhão aumenta meu apetite.

— Mais? — pergunta ele.

Faço que sim com a cabeça.

— Mais de tudo. Por favor. Estou morrendo de fome.

Ouçoo sorrir com deleite. Lenta e pacientemente ele me alimenta, de vez em quando beijando uma migalha no canto da minha boca ou limpando com os dedos. E ocasionalmente me oferecendo um gole de vinho à sua maneira singular.

— Abra bem a boca, depois dê uma mordida — murmura ele.

Sigo seu comando. Hmm... Adoro isso, charuto de uva. Mesmo frio é delicioso, embora eu prefira quente, mas não quero que Christian se queime de novo. Ele me dá aos poucos, e, quando acabo, lambo seus dedos.

— Mais? — pergunta ele, a voz baixa e rouca.

Nego com a cabeça. Estou satisfeita.

— Que bom — sussurra ele no meu ouvido —, porque está na hora do meu prato preferido. Você.

Ele me levanta nos braços, surpreendendo-me tanto que dou um gritinho agudo.

— Posso tirar a venda?

— Não.

Quase faço beicinho, mas me lembro da ameaça e penso melhor.

— Quarto de jogos — murmura ele.

Oh. Não sei se é uma boa ideia.

— Que tal um desafio? — pergunta ele.

E como ele usou a palavra *desafio*, não posso dizer não.

— Manda ver — digo, sentindo meu corpo ser atravessado pelo desejo e por algo cujo nome não quero mencionar. Ele passa pela porta me carregando, e então sobe as escadas para o segundo andar.

— Acho que você emagreceu — balbucia ele, em desaprovação.

Será? Ótimo. Eu me recordo do seu comentário quando voltamos da lua de mel e de como aquilo me magoou. Nossa — faz só uma semana?

Antes de entrar no quarto de jogos ele me faz deslizar pelo seu corpo e me coloca de pé, mas mantém o braço em volta da minha cintura. Rapidamente ele destranca a porta.

O cheiro é sempre o mesmo: um toque cítrico e madeira envernizada. Na verdade, esse se tornou um aroma reconfortante. Soltando-me, Christian me vira de costas para si. Ele tira a venda e eu pisco sob a luz suave. Com gestos delicados, ele puxa os grampos do meu cabelo e minha trança cai, solta. Então ele a pega e a puxa suavemente, obrigando-me a dar um passo para trás, encostando-me nele.

— Eu tenho um plano — sussurra ele no meu ouvido, mandando arrepios deliciosos pela minha espinha.

— Imaginei — respondo.

Ele me beija embaixo da orelha.

— Ah, Sra. Grey, tenho sim.

Seu tom é suave, enfeitiçante. Ele joga minha trança para o lado e desce pelo meu pescoço, depositando beijos suaves em minha pele.

— Primeiro temos que deixar você nua. — Sua voz soa rouca na garganta e ressoa pelo meu corpo.

Eu quero — seja lá o que ele tenha planejado. Quero que nos conectemos da maneira como sabemos fazer. Ele me vira de frente

para si. Baixo o olhar para sua calça jeans, o botão de cima ainda aberto, e não consigo me controlar. Esfrego o indicador pela cintura da calça, evitando a camiseta, sentindo os pelos do seu caminho da felicidade fazerem cócegas nas costas do meu dedo. Ele inspira forte, e eu volto a erguer os olhos. Paro no botão aberto. Seus olhos escurecem, adquirindo um tom mais profundo de cinza... *Ai, meu Deus.*

— Você não deveria tirar a calça — digo num sussurro.

— É exatamente essa a minha intenção, Anastasia.

E ele avança, agarrando-me com uma das mãos na minha nuca e a outra no meu traseiro. Ele me puxa para si, e então sua boca está colada à minha e ele me beija como se sua vida dependesse disso.

Uau!

Ele vai me empurrando para trás, nossas línguas entrelaçadas, até que eu sinto a estrutura de madeira em forma de X atrás de mim. Ele se inclina sobre mim, o contorno do seu corpo pressionando o meu.

— Vamos nos livrar desse vestido — diz ele, fazendo-o deslizar pelas minhas coxas, meu quadril, minha barriga... deliciosamente devagar, o tecido roçando de leve a minha pele, meus seios.

— Inclina-se para a frente — ordena ele.

Obedeço; ele puxa o vestido pela minha cabeça e o joga no chão, deixando-me de sandálias, calcinha e sutiã. Seus olhos ardem enquanto ele pega minhas mãos e as levanta acima da minha cabeça. Ele pisca uma vez e pende a cabeça para o lado, e sei que está pedindo minha permissão. *O que ele vai fazer comigo?* Engulo em seco e concordo com a cabeça, e o esboço de um sorriso encantado, quase orgulhoso, surge em seus lábios. Ele prende meus pulsos nas algemas de couro da barra acima e pega o lenço mais uma vez.

— Acho que você já viu o suficiente.

Ele amarra o lenço em volta da minha cabeça, cobrindo meus olhos mais uma vez, e sinto um frisson percorrer meu corpo, todos os meus outros sentidos ficando mais aguçados; o som da sua respiração suave, minha própria excitação, o sangue pulsando nos meus ouvidos, o cheiro de Christian misturado ao odor cítrico e de

madeira envernizada da sala — tudo ganha um foco mais nítido porque não posso enxergar. Seu nariz toca o meu.

— Vou deixar você louca — sussurra ele.

Ele agarra meu quadril e se abaixa, tirando minha calcinha enquanto suas mãos deslizam pelas minhas pernas. *Vai me deixar louca... Uau.*

— Levante os pés, um de cada vez.

Obedeço, ao que ele tira minha calcinha e depois as sandálias, uma de cada vez. Segurando meu tornozelo com suavidade, ele leva minha perna para a direita.

— Pise — ordena ele.

Então Christian algema meu tornozelo direito na cruz, e depois faz o mesmo com o esquerdo. Estou impotente, esticada na cruz. Ficando de pé, Christian avança na minha direção, e meu corpo é mais uma vez banhado em seu calor, embora ele não me toque. Depois de um momento, ele segura meu queixo, ergue minha cabeça e me dá um beijo casto.

— Uma música e alguns brinquedos, eu acho. Você está linda assim, Sra. Grey. Acho que vou ficar um momento apreciando a visão. — Sua voz é suave. Tudo se contrai dentro de mim.

Depois de um segundo, talvez dois, eu o ouço caminhar silenciosamente até a cômoda antiga e abrir uma das gavetas. A dos apetrechos anais? Não tenho ideia. Ele tira alguma coisa e coloca em cima da cômoda; em seguida, mais outra coisa. As caixas de som ganham vida, e depois de um momento o ambiente é preenchido por um solo de piano, uma melodia suave e alegre. Soa-me familiar — Bach, eu acho —, mas não sei que peça. Algo na música me deixa apreensiva. Talvez seja uma melodia muito calma, muito desconectada. FRANZO o cenho, tentando compreender por que ela me perturba, mas Christian me surpreende, pegando no meu queixo e puxando-o delicadamente até soltar meu lábio inferior dos meus dentes. Sorrio, tentando me tranquilizar. Por que estou apreensiva? Será a música?

Christian desce a mão pelo meu queixo, meu pescoço, chegando até os seios. Com o polegar ele puxa o bojo do meu sutiã, expondo meu seio. Ouço seu “hmmm” de prazer, um som que sai bem do fundo da sua garganta, e ele beija meu pescoço. Agora, com a

boca, ele percorre o mesmo caminho dos seus dedos, beijando-me e me chupando até alcançar meu seio. Seus dedos alcançam o seio esquerdo, livrando-o do sutiã. Eu gemo quando ele passa o polegar pelo meu mamilo esquerdo e seus lábios se fecham simultaneamente em volta do direito, puxando e provocando com delicadeza até que ambos os mamilos estejam longos e duros.

— Ah.

Ele não para. Com um cuidado especial, vagarosamente aumenta a intensidade em cada um. Em vão tento me desvencilhar das algemas, à medida que um prazer agudo vai dos meus mamilos até a minha virilha. Tento me contorcer, mas mal consigo me mexer, o que só torna a tortura mais intensa.

— Christian... — imploro.

— Eu sei — murmura ele, a voz rouca. — É assim que você faz eu me sentir.

Como é que é? Dou um gemido, e ele começa de novo, sujeitando meus mamilos cada vez mais ao seu doce e agonizante toque — fazendo-me chegar ainda mais perto.

— Por favor... — choramingo.

Ele produz um som baixo e selvagem com a garganta e então se levanta, deixando-me impotente, sem fôlego e me contorcendo contra as algemas. Então passa as mãos pelas laterais do meu corpo, uma parando no meu quadril enquanto a outra viaja pela minha barriga.

— Vamos ver como você está — murmura.

Gentilmente, ele envolve meu sexo com a mão, esfregando o polegar no meu clitóris e me fazendo gritar. Devagar, ele insere um e depois dois dedos em mim. Dou um gemido e projeto o quadril para a frente, ansiosa pelos seus dedos e pela palma da sua mão.

— Ah. Anastasia, você está tão pronta — diz ele.

Ele circula os dedos dentro de mim, dando voltas e voltas, enquanto seu polegar acaricia meu clitóris, para a frente e para trás, mais uma vez. É o único ponto do meu corpo que toca agora, e toda a tensão, toda a ansiedade do dia está concentrada nessa parte da minha anatomia.

Merda... é intenso... e estranho... a música... começo a me elevar... Christian muda de posição, sua mão ainda se movendo

para dentro e para fora de mim, e ouço um zumbido baixo.

— O que foi? — pergunto, arfando.

— Sssh — ele me silencia, e logo seus lábios estão nos meus, efetivamente me silenciando. Recebo com agrado o contato mais íntimo, caloroso, beijando-o vorazmente. Até que ele quebra o contato, e o zumbido parece mais perto.

— Isto é uma varinha mágica, baby. Ela vibra.

Ele a encosta no meu peito, e sinto um objeto grande de forma cilíndrica vibrando. Fico arrepiada quando ele a move sobre minha pele, entre meus seios, em um mamilo e depois no outro; fico inundada pela sensação provocada, formigando em todos os lugares, sinapses ardendo enquanto uma necessidade sombria se concentra na base da minha barriga.

— Ah — gemo, enquanto Christian continua mexendo os dedos dentro de mim.

Estou quase lá... todo esse estímulo... Inclinando a cabeça para trás, dou um gemido alto, e Christian interrompe os movimentos dos dedos. Toda a sensação é suspensa.

— Não! Christian... — imploro, tentando mexer o quadril para a frente, em busca da fricção.

— Paradinha, baby — diz ele, enquanto meu orgasmo iminente se desfaz. Ele se inclina para a frente mais uma vez e me beija.

— Frustrante, não é? — murmura ele.

Ah, não! De repente eu entendo seu jogo.

— Christian, por favor.

— Sssh — diz ele, e me beija.

E começa tudo de novo: varinha mágica, dedos, polegar — uma combinação letal de tortura sexy. Ele muda de posição para que seu corpo se esfregue no meu. Ainda está vestido, e o tecido suave da sua calça jeans roça a minha pele, sua ereção contra o meu quadril. Tão perto que fico atordoada. Ele me leva ao limite de novo, meu corpo ardendo de desejo, e então para.

— Não... — choramingo alto.

Ele dá beijos suaves e molhados no meu ombro ao mesmo tempo em que tira os dedos de dentro de mim, e move a varinha mágica para baixo. Ela oscila na minha barriga, no meu sexo, contra o meu clitóris. Porra, isso é demais.

— Ah! — grito, puxando as algemas com vigor.

Meu corpo está tão sensível que parece que vou explodir, e justo nesse momento ele para de novo.

— Christian! — grito.

— Frustrante, não é? — murmura ele contra o meu pescoço. — Assim como você. Prometendo uma coisa e depois... — Sua voz some.

— Christian, por favor! — suplico.

Ele aperta a varinha contra meu corpo mais algumas vezes, sempre parando no momento vital. *Ah!*

— Sempre que eu paro, parece que recomeça mais forte. Certo?

— Por favor — choramingo. Minhas terminações nervosas estão clamando por alívio.

O zumbido para e Christian me beija. Ele roça o nariz no meu.

— Você é a mulher mais frustrante que eu já conheci.

Não, Não, Não.

— Christian, eu nunca prometi obedecer a você. Por favor, por favor...

Ele faz um movimento na minha frente, agarra minha bunda e puxa meu quadril para junto dele, deixando-me ofegante — sua virilha roçando na minha, os botões da sua calça me pressionando, mal contendo sua ereção. Com uma das mãos, ele arranca a venda e segura meu queixo; eu pisco, fitando seus olhos ardentes.

— Você me deixa louco — balbucia ele, empurrando o quadril contra o meu uma vez, duas vezes, três vezes e mais, fazendo meu corpo faiscar, deixando-o pronto para entrar em ebulição.

E de novo ele me nega. Eu o quero alucinadamente. Preciso dele alucinadamente. Fecho os olhos e murmuro uma súplica. Não consigo deixar de sentir que estou sendo punida. Estou impotente, e ele é impiedoso. Lágrimas escorrem dos meus olhos. Não sei até que ponto ele vai levar isso.

— Por favor... — sussurro mais uma vez.

Mas ele me olha implacável. Ele vai continuar. Por quanto tempo? Será que consigo jogar esse jogo? *Não. Não. Não* — *não consigo fazer isso*. Sei que ele não vai parar. Vai continuar a me torturar. Suas mãos descem pelo meu corpo mais uma vez. *Não...* E a represa estoura — toda a apreensão, a ansiedade e o medo dos

últimos dois dias me esmagando de novo, as lágrimas brotando nos meus olhos. Eu me afasto dele. Isso não é amor. É vingança.

— Vermelho — choramingo. — Vermelho. Vermelho. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Ele fica imóvel.

— Não! — exclama ele, atordoado. — Por Deus, não.

Ele faz tudo rápido: solta minhas mãos, me abraça pela cintura e se abaixa para soltar meus tornozelos, enquanto eu descanso a cabeça nas mãos e choro.

— Não, não, não. Ana, por favor. Não.

Ele me pega no colo e me leva até a cama, onde se senta e me aninha contra si, enquanto eu soluço, inconsolável. Estou arrasada... Meu corpo ferido ao limite, minha mente, um vazio, e minhas emoções, espalhadas ao vento. Ele se estica atrás de mim, pega o lençol de cetim da cama com dossel e me cobre. O lençol frio parece hostil e estranho ao encostar em minha pele sensível. Ele me envolve em seus braços, apertando-me forte, embalando-me gentilmente para a frente e para trás.

— Desculpe. Desculpe — murmura Christian, a voz embargada. Ele beija meu cabelo repetidas vezes. — Ana, me perdoe, por favor.

Virando o rosto para seu pescoço, continuo a chorar, e é uma libertação catártica. Muita coisa aconteceu nos últimos dias — incêndios em salas de computadores, um carro nos perseguindo, carreiras sendo planejadas para mim, arquitetas piranhas, lunáticos armados invadindo nossa casa, discussões, a raiva dele —, e Christian ficou fora um tempo. Odeio que ele viaje... Uso o canto do lençol para assoar o nariz e gradativamente percebo que as notas racionais de Bach continuam ecoando pela sala.

— Por favor, desligue a música. — Dou uma fungada.

— Sim, claro. — Christian se mexe sem me soltar e pega o controle remoto do bolso de trás. Ele pressiona um botão e o solo de piano cessa, substituído pela minha respiração tremida. — Melhor? — pergunta ele.

Aquiesço, meus soluços diminuindo. Christian enxuga minhas lágrimas delicadamente, com o polegar.

— Não é muito fã das Variações Goldberg de Bach? — pergunta ele.

— Não dessa peça.

Ele me encara, tentando em vão esconder a vergonha que aparece em seus olhos.

— Me desculpe — repete ele.

— Por que você fez isso? — Minha voz é quase inaudível, pois estou tentando processar o emaranhado de sentimentos e pensamentos.

Ele balança a cabeça tristemente e fecha os olhos.

— Eu me perdi no momento — diz ele, de modo pouco convincente.

Franzo o cenho, e ele suspira.

— Ana, a negação do orgasmo é uma ferramenta padrão no... Você nunca... — Ele não termina a frase. Mudo de posição no seu colo e ele estremece.

Ah. Fico ruborizada.

— Me desculpe — balbucio.

Ele revira os olhos e se inclina para trás subitamente, levando-me consigo, de forma que agora estamos os dois deitados na cama, eu nos seus braços. Ajeito o sutiã, que estava me incomodando.

— Precisa de ajuda? — pergunta ele, baixinho.

Balanço a cabeça em negativa. Não quero que ele toque nos meus seios. Ele muda de posição para poder me olhar; levanta a mão, hesitante, e afaga meu rosto gentilmente com os dedos. As lágrimas enchem meus olhos novamente. Como ele pode ser tão insensível em um minuto e tão terno no outro?

— Por favor, não chore — sussurra ele.

Estou pasma e confusa com esse homem. Minha raiva me abandonou bem na hora em que eu precisava dela... Sinto-me entorpecida. Quero me dobrar em posição fetal e hibernar. Pisco algumas vezes para tentar conter as lágrimas, enquanto fito seus olhos angustiados. Inspiro o ar, trêmula, sem desviar os olhos dos dele. O que eu vou fazer com esse homem controlador? Aprender a me deixar controlar? Acho que não...

— Eu nunca o quê? — pergunto.

— Você nunca obedece. Você mudou de ideia; não me disse onde estava. Ana, eu estava em Nova York, sem poder fazer nada, e furioso. Se eu estivesse em Seattle, teria trazido você para casa.

— Então você está me punindo?

Ele engole em seco e fecha os olhos. Não precisa responder, pois sei que me punir era exatamente sua intenção.

— Você tem que parar com isso — murmuro.

Sua sobrancelha se enrugou.

— Para começar, só faz você se sentir pior depois.

Ele bufa.

— É verdade — murmura Christian. — Não gosto de ver você assim.

— E eu não gosto de me sentir assim. Você disse no *Fair Lady* que não tinha se casado com uma submissa.

— Eu sei. Eu sei. — Sua voz é suave e carregada de emoção.

— Bem, então pare de me tratar como se eu fosse uma submissa. Lamento por não ter ligado. Não vou mais ser tão egoísta. Sei que você se preocupa comigo.

Ele me fita, me examinando de perto, os olhos tristes e ansiosos.

— Tudo bem. Está certo — diz finalmente.

Ele se inclina para baixo, mas para antes que seus lábios toquem os meus, silenciosamente pedindo permissão. Levanto a cabeça para ele, que me beija ternamente.

— Sua boca fica sempre tão macia depois que você chora — murmura ele.

— Eu nunca prometi obedecer você, Christian — sussurro.

— Eu sei.

— Aprenda a lidar com isso, por favor. Para o nosso bem. E eu vou tentar ter mais consideração com as suas... tendências controladoras.

Ele parece perdido e vulnerável, completamente desorientado.

— Vou tentar — balbucia ele, sua voz transbordando sinceridade.

Deixo escapar um suspiro, um longo e trêmulo suspiro.

— Por favor, tente. Além disso, se eu *estivesse* aqui...

— Eu sei — diz ele, e empalidece.

Deitando-se para trás, Christian cobre o rosto com o braço livre. Eu me enrosco nele e coloco a cabeça no seu peito. Ficamos deitados por alguns momentos em silêncio. Sua mão se move para a ponta da minha trança e ele tira o elástico, soltando meu cabelo.

Delicada e ritmadamente, começa a penteá-lo com os dedos. Então a questão toda é esta: seu medo... seu medo irracional quanto à minha segurança. Uma imagem de Jack Hyde estirado no chão do nosso apartamento com uma Glock me vem à cabeça... Bem, talvez não tão irracional, o que me lembra...

— O que você quis dizer mais cedo quando falou *ou*? — pergunto.

— Ou?

— Alguma coisa sobre o Jack.

Ele me fita.

— Você não desiste, não é?

Repouso o queixo no seu esterno, aproveitando o carinho tranquilizador dos seus dedos no meu cabelo.

— Desistir? Nunca. Quero que me diga. Não gosto que escondam as coisas de mim. A sua noção quanto à minha necessidade de proteção é muito exagerada. Você nem sabe atirar; e eu sei. Você acha que eu não vou conseguir enfrentar isso que você não quer me contar, seja lá o que for? A sua ex-submissa obcecada já apontou uma arma para mim, sua ex-amante pedófila já me atormentou; e não me olhe dessa maneira — falo rispidamente quando ele me olha de cara feia. — Sua mãe tem a mesma opinião em relação a ela.

— Você conversou com a minha mãe sobre Elena? — sua voz sobe algumas oitavas.

— Sim, Grace e eu conversamos sobre ela.

Ele me olha embasbacado.

— Ela ficou muito aborrecida com tudo aquilo. Sua mãe se culpa pelo que aconteceu.

— Não acredito que você falou com a minha mãe. Merda! — Ele se deita e coloca o braço sobre o rosto de novo.

— Não falei nada específico.

— Espero que não. A Grace não precisa saber de todos os detalhes sórdidos. Por Deus, Ana. Meu pai também?

— Não! — Balanço a cabeça veementemente. Não tenho esse tipo de relacionamento com Carrick. Seus comentários sobre o acordo pré-nupcial ainda me incomodam. — Mas você está tentando me distrair; de novo. O Jack. O que tem ele?

Christian levanta o braço por uns instantes e me encara, sua expressão indecifrável. Suspirando, ele cobre o rosto novamente.

— O Hyde está envolvido na sabotagem do *Charlie Tango*. Os investigadores acharam parte de uma impressão digital; apenas parte, então não conseguiram fazer uma comparação exata. Mas então você o reconheceu na sala do servidor. Ele tem algumas condenações de quando era menor, em Detroit, e as impressões correspondiam com a dele.

Minha mente repassa os fatos enquanto tento absorver essa informação. Jack derrubou o *Charlie Tango*? Mas Christian não para por aí:

— Hoje de manhã, uma van de carga foi encontrada aqui na garagem. Quem dirigia era o Hyde. Ontem ele entregou alguma merda para aquele vizinho novo, o que acabou de se mudar. O sujeito que encontramos no elevador.

— Não me lembro do nome dele.

— Eu também não — diz Christian. — Mas foi assim que Hyde conseguiu entrar no edifício legitimamente. Estava trabalhando para uma empresa de entregas...

— E...? O que tem de tão importante com a van?

Ele não fala nada.

— Christian, me conte.

— Os policiais encontraram... umas coisas na van. — Ele para de novo, e me aperta ainda mais em seus braços.

— Que coisas?

Ele fica quieto por alguns instantes, e eu abro a boca para pressioná-lo, mas ele fala:

— Um colchão, tranquilizante de cavalo em quantidade suficiente para apagar uma dúzia de cavalos e um bilhete. — Sua voz diminuiu ao ponto de tornar-se quase um sussurro, o horror e a repulsa tomando conta dele.

Putá merda.

— Bilhete? — Minha voz soa igual à dele.

— Endereçado a mim.

— O que dizia?

Christian balança a cabeça, indicando que não sabe ou que não vai mencionar o conteúdo.

Oh.

— Ele veio aqui ontem à noite com a intenção de sequestrar você.

Christian congela, o rosto rígido de tensão. Quando ele fala essas palavras, me recordo da fita adesiva, e um arrepio me percorre, embora no fundo isso não seja novidade para mim.

— Merda — balbucio.

— Pois é — diz Christian, tenso.

Tento me lembrar de Jack no trabalho. Ele sempre foi louco? Como ele pôde pensar que se sairia bem dessa? Quer dizer, ele era bem esquisito, mas tão desvairado assim?

— Não entendo por quê — murmuro. — Não faz sentido para mim.

— Eu sei. A polícia está investigando mais a fundo, e o Welch também. Mas achamos que Detroit é a conexão.

— Detroit? — Eu o encaro, confusa.

— Sim. Tem alguma coisa lá.

— Ainda não entendo.

Christian levanta o rosto e me olha fixamente, a expressão indecifrável.

— Ana, eu nasci em Detroit.

CAPÍTULO DOZE

—Pensei que você tivesse nascido aqui em Seattle — murmuro.

Minha mente está a mil. O que isso tem a ver com Jack? Christian levanta o braço que lhe cobria o rosto, estende-o para trás e pega um dos travesseiros. Colocando-o sob a cabeça, ele se acomoda e me fita com uma expressão de cautela. Depois de um momento, ele balança a cabeça.

— Não. Tanto Elliot quanto eu fomos adotados em Detroit. Viemos para cá logo depois da minha adoção. Grace queria morar na Costa Oeste, longe da expansão urbana, e arranjou um trabalho no hospital Northwest. Tenho poucas lembranças dessa época. Mia foi adotada aqui.

— Então o Jack é de Detroit?

— É.

Puxa...

— Como você sabe?

— Fiz um levantamento do passado do Jack quando você foi trabalhar com ele.

Mas é claro.

— Você também tem um arquivo com informações sobre ele, num envelope de papel pardo e tudo? — Abro um sorriso irônico.

Ele torce a boca, achando graça mas disfarçando.

— Acho que é uma pasta azul-clara.

Seus dedos continuam a afagar meu cabelo; é tranquilizador.

— O que consta no arquivo dele?

Christian apenas pisca. Inclinando-se para baixo, ele acaricia minha bochecha.

— Quer realmente saber?

— É tão ruim assim?

Ele dá de ombros.

— Já vi piores.

Não! Será que ele está se referindo a si mesmo? E a imagem que tenho de Christian como um garotinho perdido, amedrontado e sujo me vem à mente. Eu me aconchego nele, apertando-o, puxando o lençol por cima do seu corpo, e deito o rosto em seu peito.

— O que foi? — pergunta ele, intrigado com a minha reação.

— Nada — murmuro.

— Não, não. Isso serve para os dois lados, Ana. O que foi?

Ergo o olhar por um momento e vejo sua expressão apreensiva. Voltando a descansar o rosto no seu peito, decido lhe contar:

— Às vezes eu imagino você quando criança... Antes de você vir morar com os Grey.

Seu corpo enrijece.

— Eu não estava falando de mim. Não quero sua piedade, Anastasia. Essa parte da minha vida já se foi. Acabou.

— Não é piedade — sussurro, assustada. — É solidariedade e tristeza... Tristeza por alguém fazer aquilo com uma criança. — Respiro profundamente para me acalmar, pois meu estômago se revira e as lágrimas brotam nos meus olhos de novo. — Essa parte da sua vida não acabou, Christian... como pode dizer isso? Você precisa conviver todos os dias com o seu passado. Você mesmo me disse: cinquenta tons, lembra? — Minha voz é quase inaudível.

Christian bufa e passa a mão livre pelo cabelo, embora permaneça mudo e tenso embaixo de mim.

— Eu sei que é por isso que você tem necessidade de me controlar. De me proteger.

— E mesmo assim você prefere me desafiar — murmura ele, perplexo, com a mão ainda no meu cabelo.

Franzo o cenho. *Nossa! Será que eu faço isso deliberadamente?* Meu inconsciente tira os óculos de leitura e morde a ponta da haste, enrugando os lábios e concordando. Ignoro-o. Isso é tão confuso... Sou sua esposa, não sua submissa, não uma empresa que ele comprou. Não sou a prostituta viciada que sua mãe era... *Cacete.* Só de pensar me sinto mal. As palavras do Dr. Flynn me voltam à mente:

É só continuar com o que você já está fazendo. O Christian está completamente apaixonado... É muito agradável de se ver.

É isso. Estou apenas fazendo o que sempre fiz. Não foi isso que atraiu Christian em primeiro lugar?

Ah, esse homem é tão confuso.

— O Dr. Flynn disse que eu deveria dar a você o benefício da dúvida. Acho que é isso o que eu faço; não tenho certeza. Talvez seja a minha maneira de trazer você para o aqui e agora, para longe do seu passado — sussurro. — Não sei. Só não consigo calcular até que ponto a sua reação vai ser exagerada.

Ele fica em silêncio por um momento.

— Maldito Flynn — murmura para si mesmo.

— Ele disse que eu deveria continuar a me comportar da maneira como sempre me comportei com você.

— Ele disse isso? — comenta Christian, secamente.

Ok. Não adianta nada, mas lá vai:

— Christian, eu sei que você amava sua mãe e não conseguiu salvá-la. Não competia a você fazer isso. Mas eu não sou ela.

Ele congela de novo.

— Pare — pede ele.

— Não, escute. Por favor. — Levanto a cabeça para olhar nos seus olhos arregalados e paralisados de medo. Ele está prendendo a respiração. *Ah, Christian...* Meu coração se aperta. — Eu não sou ela. Sou muito mais forte do que ela era. Eu tenho você, que está tão mais forte agora, e sei que você me ama. E eu também amo você — sussurro.

Sua testa se enrugava como se minhas palavras não fossem o que ele esperava.

— Você ainda me ama? — pergunta ele.

— Claro que sim. Christian, eu vou amar você para sempre. Não importa o que você faça comigo. — Será essa garantia o que ele quer?

Ele exala o ar e fecha os olhos, colocando o braço sobre o rosto de novo, mas me abraçando mais apertado também.

— Não se esconda de mim. — Eu pego a mão dele e tiro seu braço de sobre seu rosto. — Você passou a vida se escondendo. Por favor, não faça isso, não comigo.

Ele me olha com incredulidade e franze a testa.

— Acha que estou me escondendo?

— Sim.

Ele muda de posição subitamente, rolando para um lado e me colocando deitada junto a si na cama. Levanta o corpo, afasta o cabelo do meu rosto e o coloca atrás da minha orelha.

— Você me perguntou mais cedo se eu a odiava. Eu não entendi por quê, e agora... — Ele para de falar, encarando-me como se eu fosse um enigma completo.

— Você acha que eu odeio você? — Agora minha voz soa incrédula.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Agora não. — Ele parece aliviado. — Mas eu preciso saber... Por que você usou a palavra de segurança, Ana?

Fico branca. O que posso dizer? Que ele me assustou. Que eu não sabia se ele iria parar. Que eu implorei — e ele não parou. Que eu não queria que as coisas piorassem... como... como daquela única vez, aqui mesmo. Estremeço ao me lembrar dele me batendo com o cinto.

Engulo em seco.

— Porque... Porque você estava tão zangado e distante e... frio. Eu não sabia aonde você ia chegar.

Sua expressão é indecifrável.

— Você ia me deixar gozar? — Minha voz é quase um suspiro, e sinto o rubor na minha face, mas sustento o seu olhar.

— Não — responde ele após um tempo.

Putá merda.

— Isso é... cruel.

Seus dedos gentilmente acariciam minha face.

— Mas eficaz — murmura ele, e me olha fixamente como se tentasse enxergar minha alma, seus olhos escurecendo. Depois de uma eternidade, ele balbucia: — Fico feliz por você ter me interrompido.

— Sério? — Eu não entendo.

Seus lábios se contorcem num sorriso triste.

— Sim. Eu não quero machucar você; fui levado pelo momento. — Ele se inclina e me beija. — Acabei perdendo o controle. — Ele me beija de novo. — Acontece muito quando estou com você.

É? E, por alguma razão bizarra, esse pensamento me agrada... Dou um sorriso. Por que isso me deixa feliz? Ele sorri também.

— Não sei por que você está sorrindo, Sra. Grey.

— Eu também não.

Ele se enrosca em mim e deita a cabeça no meu peito. Somos um emaranhado de braços e pernas nus e cobertos de jeans e lençóis de cetim vermelho. Afago suas costas com uma das mãos e passo os dedos da outra pelo seu cabelo. Ele suspira e relaxa nos meus braços.

— Quer dizer que eu posso confiar em você... para me fazer parar. Não quero machucar você nunca — murmura ele. — Eu preciso... — Ele não completa a frase.

— Precisa do quê?

— Preciso de controle, Ana. Assim como preciso de você. É a única maneira como eu consigo funcionar. Não consigo parar. Não consigo. Já tentei... Mas com você... — Ele balança a cabeça, irritado.

Engulo em seco. Esse é o cerne do nosso dilema: a necessidade que ele tem de controle e a necessidade que tem de mim. Recuso-me a acreditar que sejam sentimentos mutuamente exclusivos.

— Eu também preciso de você — sussurro, abraçando-o com mais força. — Vou tentar, Christian. Vou tentar ter mais consideração.

— Eu quero que você precise de mim — murmura ele.

Putá merda!

— Eu preciso! — Minha voz soa apaixonada. Eu preciso muito dele. Amo-o tanto...

— Eu quero cuidar de você.

— Você já cuida. O tempo todo. Eu senti tanta saudade quando você viajou...

— Mesmo? — Seu tom de voz revela surpresa.

— Sim, claro. Detesto ficar longe de você.

Sinto que ele sorri.

— Você podia ter ido comigo.

— Christian, por favor. Não vamos voltar a essa discussão. Eu quero trabalhar.

Ele suspira, e passo os dedos delicadamente pelo seu cabelo.

— Eu amo você, Ana.

— Eu também amo você, Christian. Sempre vou amar.

Ficamos ali deitados, quietos, a calma que vem depois da tempestade. Escutando as batidas regulares do seu coração, eu me entrego exausta ao sono.

* * *

ACORDO COM UM sobressalto, desorientada. Onde estou? No quarto de jogos. As luzes ainda estão acesas, iluminando suavemente as paredes vermelho-sangue. Christian geme de novo, e percebo que foi isso o que me acordou.

— Não — geme.

Ele está jogado ao meu lado, a cabeça para trás, os olhos apertados, o rosto contorcido de angústia.

Putá merda. Ele está tendo um pesadelo.

— Não! — grita outra vez.

— Christian, acorde.

Levanto o corpo com dificuldade, arrancando o lençol. Ajoelhando-me ao lado dele, agarro-o pelos ombros e o chacoalho, as lágrimas brotando em meus olhos.

— Christian, por favor. Acorde!

Seus olhos se abrem, cinzentos e assustados, as pupilas dilatadas pelo medo. Ele me olha meio perdido.

— Christian, foi só um pesadelo. Você está em casa. Está tudo bem.

Ele pisca várias vezes, olha ao redor de si em pânico e franze o cenho quando se dá conta do ambiente que o cerca. Então seus olhos voltam para mim.

— Ana — sussurra ele.

E, sem qualquer aviso, agarra meu rosto com as duas mãos, me puxa na direção do seu peito e me beija. Forte. Sua língua invade a minha boca, e sinto seu gosto de desespero e carência. Mal me dando chance para respirar, ele rola para cima de mim, os lábios colados nos meus, pressionando-me contra o colchão duro da cama de dossel. Com uma das mãos ele aperta minha mandíbula, e a outra, aberta, segura o alto da minha cabeça, mantendo-me parada

enquanto ele abre minhas pernas com o joelho e se aninha, ainda de calça jeans, entre as minhas coxas.

— Ana — sussurra ele, ofegante, como se não acreditasse que estou ali.

Ele me fita por um segundo, permitindo que eu respire por um momento. Então seus lábios colam nos meus de novo, roubando minha boca para si, tomando tudo que eu tenho para dar. Ele solta um gemido alto, empurrando o quadril contra o meu corpo. Sua ereção, coberta pelo tecido da calça, pressiona minha pele macia. Ah... Solto um gemido, e toda a tensão sexual reprimida de antes extravasa, voltando à tona como uma vingança, alimentando meu organismo com desejo e necessidade. Guiado por seus demônios, ele beija meu rosto, meus olhos, minhas bochechas e o contorno do meu rosto com sofreguidão.

— Estou aqui — digo, tentando acalmá-lo, nossa respiração quente e ofegante se misturando. Envolvero seus ombros em meus braços e movimento a pélvis contra a dele, acolhendo-o em boas-vindas.

— Ah, Ana — balbucia ele, numa voz rouca e baixa. — Eu preciso de você.

— Eu também — sussurro de maneira incisiva, meu corpo desesperado pelo seu toque.

Eu o quero. E quero agora. Quero curá-lo. Quero me curar... Eu preciso disso. Sua mão desce e alcança o botão da calça, tateando por um momento e depois liberando sua ereção.

Putá merda. Eu estava dormindo há menos de um minuto.

Ele muda de posição, encarando-me por uma fração de segundo, suspenso sobre mim.

— Sim. Por favor — peço, minha voz áspera e cheia de desejo.

E, em um movimento brusco, ele se enterra dentro de mim.

— Ah! — grito, não de dor, mas de surpresa pela sua avidez.

Ele geme, e seus lábios encontram os meus novamente enquanto ele mete em mim repetidas vezes, sua língua também me possuindo. Ele se move freneticamente, compelido por medo, luxúria, desejo... amor? Não sei, mas eu o acolho dentro de mim a cada impulso, recebendo-o com prazer.

— Ana — murmura ele, quase inarticuladamente, e goza com força, se despejando dentro de mim, o rosto contorcido, o corpo rígido, antes de desabar com todo o peso em cima do meu corpo, ofegante, e me deixando na mão... de novo.

Putá merda. Esse não é meu dia. Eu o abraço, inspirando o ar para encher o pulmão e praticamente me debatendo de necessidade embaixo dele. Ele sai de dentro de mim e me abraça por uns minutos... muitos minutos. Finalmente, Christian balança a cabeça e se apoia nos cotovelos, aliviando um pouco do seu peso sobre mim. Ele me fita como se me visse pela primeira vez.

— Ah, Ana. Meu Deus. — Ele se inclina e me beija ternamente.

— Você está bem? — sussurro, acariciando seu belo rosto.

Ele aquiesce, mas parece agitado e definitivamente perturbado. Meu garoto perdido. Ele franze a testa e me olha hesitante, como se finalmente registrasse onde se encontra.

— E você? — pergunta ele, e noto preocupação na sua voz.

— Hmm...

Faço um movimento sinuoso por baixo dele, e após um momento ele sorri, um sorriso carnal que se abre devagar.

— Sra. Grey, você tem necessidades — murmura ele. E me beija rapidamente, para então pular da cama.

Ajoelhando-se no chão, ele me segura logo acima do joelho e me puxa na sua direção até que eu alcance a beirada da cama.

— Sente-se — murmura.

Com esforço eu me coloco sentada, meu cabelo caindo como um véu à minha volta, ao longo dos meus seios. Seu olhar cinzento sustenta o meu enquanto ele gentilmente abre ao máximo minhas pernas. Inclino-me para trás, apoiada nas mãos — sabendo muito bem o que ele vai fazer. Mas... ele acabou de... hum...

— Você é linda demais, Ana — sussurra ele.

Vejo sua cabeça com cabelo acobreado mergulhar e depositar uma trilha de beijos ao longo da minha coxa direita, rumo à parte de cima. Meu corpo inteiro se enrijece de expectativa. Ele ergue o olhar para mim, seus olhos escurecendo e semicerrados.

— Observe — diz ele com a voz áspera, e então sua boca está em mim.

Ai, meu Deus. Eu grito, o mundo concentrado no ápice das minhas coxas, e é tão erótico — *Putá que pariu* — olhá-lo. Ver sua língua agir no que parece ser a parte mais sensível do meu corpo. E ele não demonstra misericórdia alguma, provocando e atijando, me venerando. Meu corpo se tensiona e meus braços começam a tremer, mal sustentando meu peso.

— Não... Ah — murmuro.

Delicadamente, ele enfia em mim um dos seus dedos compridos, e não consigo mais me conter: caio de costas na cama, saboreando sua boca e seus dedos tanto sobre minha pele quanto dentro de mim. Devagar e gentilmente, ele massageia aquele ponto tão, tão gostoso, bem dentro de mim. E então... eu chego lá. Explodo em volta dele, gritando uma versão incoerente do seu nome enquanto meu orgasmo intenso arqueia minhas costas, erguendo-me da cama. Acho que vejo estrelas, um sentimento primitivo e visceral... Aos poucos percebo que ele está acariciando minha barriga, beijando-me suave e docemente. Inclinando-me para baixo, acaricio seu cabelo.

— Ainda não terminei — avisa ele.

E, antes que eu volte completamente a Seattle, ao planeta Terra, ele está me buscando, agarrando meu quadril e me puxando para fora da cama, para onde ele ainda está ajoelhado, para seu colo, colocando-me sobre a sua ereção, que me aguarda.

Solto uma exclamação quando ele me penetra. *Nossa...*

— Ah, baby — sussurra ele, envolvendo-me em seus braços e ficando imóvel, afagando minha cabeça e beijando meu rosto. Ele flexiona o quadril, e o prazer avança quente e duro dentro de mim. Ele me segura e me levanta, erguendo sua virilha.

— Ai — gemo, e seus lábios estão nos meus de novo, enquanto ele, devagar, muito devagar, levanta e movimenta o corpo... levanta e movimenta. Jogo os braços em volta do pescoço dele, entregando-me ao seu ritmo suave e deixando que ele me leve aonde quiser. Flexiono as coxas, montando nele... está tão gostoso! Inclinando-me para trás, deixo a cabeça pender, minha boca bem aberta em uma expressão silenciosa de prazer, deleitando-me no amor que ele faz comigo tão suavemente.

— Ana — sussurra, e se inclina para baixo, beijando meu pescoço.

Segurando-me apertado, entrando e saindo devagar, me impelindo... mais e mais... no tempo certo e perfeito — uma espontânea força carnal. E de dentro, bem de dentro de mim, um delicioso prazer se irradia para fora, enquanto ele me segura tão intimamente.

— Eu amo você, Ana — diz junto à minha orelha, sua voz baixa e áspera, e me levanta de novo: subindo e descendo, subindo e descendo. Agarro seu pescoço e enterro minhas mãos em seu cabelo.

— Também amo você, Christian.

Abrindo os olhos, encontro-o me fitando, e tudo o que vejo é o seu amor, brilhando forte e nítido à luz suave do quarto de jogos, seu pesadelo aparentemente esquecido. E quando sinto meu corpo evoluir rumo ao alívio, percebo que era isso o que eu queria — essa conexão, essa demonstração do seu amor.

— Goze para mim, baby — murmura ele, a voz grave.

Aperto os olhos com força, e meu corpo se enrijece ao som baixo da sua voz, e eu gozo alto, contorcendo-me no clímax intenso. Ele para, a testa contra a minha, sussurrando suavemente meu nome, envolvendo-me em seus braços e encontrando a própria liberação.

* * *

ELE ME LEVANTA delicadamente e me coloca na cama. Fico deitada nos seus braços, exausta e finalmente saciada. Ele roça o rosto pelo meu pescoço.

— Está melhor agora? — sussurra.

— Hmm.

— Vamos para a cama, ou você quer dormir aqui?

— Hmm.

— Sra. Grey, fale comigo. — Ele parece estar achando graça.

— Hmm.

— Isso é o melhor que você consegue fazer?

— Hmm.

— Venha. Vou colocar você na cama. Não gosto de dormir aqui. Relutantemente, mudo de posição, virando-me para olhá-lo.

— Espere — sussurro.

Ele apenas pisca para mim, os olhos arregalados com inocência fingida, e ao mesmo tempo com cara de quem fez um ótimo sexo e está satisfeito consigo mesmo.

— Você está bem? — pergunto.

Ele aquiesce e abre um sorriso convencido, como um adolescente.

— Agora estou.

— Ah, Christian — repreendo-o, e gentilmente afago seu lindo rosto. — Eu estava falando do seu pesadelo.

Sua expressão se congela momentaneamente; então ele fecha os olhos e aperta os braços em volta de mim, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Não — sussurra ele, a voz rouca e embargada.

Meu coração se aperta mais uma vez no meu peito, e eu o abraço com mais força, acariciando suas costas e seu cabelo.

— Desculpe — balbucio, assustada com a sua reação. Puta merda. Como posso acompanhar essas mudanças de humor? O que será que havia nesse maldito pesadelo? Não quero lhe causar mais dor fazendo-o reviver os detalhes. — Está tudo bem — murmuro suavemente, desesperada para trazer de volta o garoto brincalhão de um minuto atrás. — Está tudo bem — fico repetindo, para tranquilizá-lo.

— Vamos para a cama — diz ele baixinho depois de um tempo, e se afasta, deixando-me com um vazio doloroso quando se levanta da cama. Levanto-me depois dele, meio desajeitada, mantendo o lençol de cetim enrolado em volta do corpo, e me abaixo para pegar minhas roupas.

— Deixe isso aí — diz ele, e, antes que eu me dê conta, ele me pega no colo. — Não quero que você tropece nesse lençol e quebre o pescoço.

Coloco os braços em volta dele, encantada por vê-lo recuperado, e o afago enquanto ele me carrega escada abaixo para o nosso quarto.

* * *

MEUS OLHOS SE abrem de súbito. Tem algo errado. Christian não está na cama, embora ainda esteja escuro. Olhando para o relógio na mesa de cabeceira, vejo que são três e vinte da manhã. Cadê ele? Então ouço o piano.

Descendo rapidamente da cama, pego meu robe e passo pelo corredor em direção à sala. A música que ele está tocando é tão depressiva — um lamento triste que eu já o ouvi tocar antes. Paro à porta e o observo, mergulhado em um fecho de luz, enquanto a música dolorosamente aflita preenche a sala. Ele termina, e então reinicia a peça. Por que algo tão melancólico? Abraço a mim mesma e fico ouvindo-o, fascinada. Mas meu coração dói. *Christian, por que tanta tristeza? É por minha causa? Fui eu quem provoquei isso?* Quando ele termina, apenas para começar pela terceira vez, não consigo mais me conter. Ele não ergue o olhar quando me aproximo do piano, mas chega para o lado, para que eu possa sentar-me ao seu lado no banco. Ele continua a tocar, e eu apoio a cabeça no seu ombro. Ele beija meu cabelo, mas só para de tocar quando termina a peça. Olho para ele: Christian me encara com cautela.

— Acordei você? — pergunta.

— Só porque você não estava lá. Qual o nome dessa peça?

— É Chopin. Um dos prelúdios em mi menor. — Ele faz uma pausa. — Chama-se “Suffocation”...

Pego sua mão.

— Você ficou realmente mexido com tudo isso, não foi?

Ele solta um ruído abafado.

— Um babaca demente entra na minha casa para sequestrar a minha mulher. Ela não faz o que lhe mandam fazer. Ela me deixa louco. Ela recorre à palavra de segurança. — Ele fecha os olhos rapidamente e, quando volta a abri-los, estão severos e rudes. — É, fiquei bem mexido.

Aperto sua mão.

— Desculpe.

Ele pressiona a testa contra a minha.

— Eu sonhei que você tinha morrido — sussurra ele.

O quê?

— Deitada no chão... tão fria... e você não acordava.

Ah, meu Cinquenta Tons.

— Ei... Foi só um sonho ruim. — Seguro sua cabeça com as mãos. Seus olhos ardem nos meus, transmitindo uma angústia sombria. — Eu estou aqui, e estou com frio sem você na cama. Volte para a cama, por favor.

Pego sua mão e me levanto, esperando para ver se ele vai fazer o mesmo. Finalmente, ele também se levanta. Está só com a calça do pijama, que cai daquela maneira; fico com vontade de passar os dedos pela parte interna da cintura da calça, mas resisto e o levo de volta ao quarto.

* * *

QUANDO ACORDO, ELE está enroscado em mim, dormindo tranquilamente. Relaxo e aproveito seu calor ao redor do meu corpo, sua pele na minha. Fico deitada sem me mexer, pois não quero perturbar seu sono.

Caramba, que noite. Parece que fui esmagada por um trator — o pesado trator que é o meu marido. Difícil acreditar que o homem deitado ao meu lado, parecendo tão sereno e jovem em seu sono, estava tão atormentado ontem à noite... e que também me atormentou. Olho para o teto, e me ocorre que sempre penso em Christian como forte e dominador — mas, na verdade, ele é muito frágil, meu menino perdido. E a ironia é que ele me vê como frágil — o que eu não acho que seja. Comparada a ele, *eu* é que sou forte.

Mas será que sou forte o suficiente para nós dois? Forte o suficiente para obedecer-lhe e dar-lhe alguma paz de espírito? Suspiro. Ele não está me pedindo tanta coisa assim. Repasso nossa conversa da noite anterior. Decidimos alguma outra coisa além de que ambos vamos nos esforçar mais? O fato é que eu amo esse homem, e preciso traçar uma rota para nós dois. Uma rota que me permita manter minha integridade e independência, mas ao mesmo tempo ser mais para ele. Eu sou o seu *mais*, e ele é o meu. Resolvo fazer um esforço especial esse fim de semana, para não lhe dar mais motivo de preocupação.

Christian se agita e levanta a cabeça do meu peito, olhando-me sonolento.

— Bom dia, Sr. Grey. — Sorrio.

— Bom dia, Sra. Grey. Dormiu bem? — Ele se espreguiça ao meu lado.

— Depois que o meu marido parou com aquele lamento horrível ao piano, sim, dormi bem.

Ele abre seu sorriso tímido, e eu me derreto.

— Lamento horrível? Pode ter certeza de que eu vou mandar um e-mail para a Srta. Kathie contando isso.

— Srta. Kathie?

— Minha professora de piano.

Dou uma risadinha.

— Que lindo som — diz ele. — Que tal termos um dia melhor hoje?

— Tudo bem — concordo. — O que você quer fazer?

— Depois que eu fizer amor com a minha esposa e ela preparar o meu café da manhã, eu gostaria de levá-la a Aspen.

Olho embasbacada para ele.

— Aspen?

— É.

— Aspen, no Colorado?

— Isso mesmo. A não ser que tenham tirado de lá. Afinal de contas, você pagou vinte e quatro mil dólares pela experiência.

Abro um sorriso.

— Era dinheiro seu.

— Dinheiro nosso.

— Era seu quando eu fiz a oferta. — Reviro os olhos.

— Ah, Sra. Grey, você e seu revirar de olhos — sussurra ele, passando a mão na minha coxa.

— Não vai levar horas para chegarmos ao Colorado? — pergunto, para distraí-lo.

— Não no meu jatinho — explica ele, muito dócil, e sua mão alcança minha bunda.

Claro, meu marido tem um avião. Como pude esquecer? Sua mão continua a deslizar pelo meu corpo, levantando minha camisola por onde passa, e logo eu já esqueci tudo.

* * *

TAYLOR NOS LEVA até a pista do aeroporto Sea-Tac, depois até o jato da Grey Enterprises Holdings, que está à nossa espera. É um dia cinza em Seattle, mas me recuso a deixar que o clima faça murchar minha empolgação. Christian está muito mais bem-humorado. Está animado com alguma coisa — iluminado como o Natal, e saltitante como um garotinho que guarda um grande segredo. O que será que ele está tramando? Ele parece um sonho: o cabelo desalinhado, camiseta branca e calça jeans preta. Nem um pouco CEO. Ele pega minha mão quando Taylor para perto da escada do jato.

— Tenho uma surpresa para você — murmura ele, e beija os nós dos meus dedos.

Abro um sorriso.

— Surpresa boa?

— Espero que sim. — Ele sorri calorosamente.

Hmm... O que será?

Sawyer salta do banco da frente e abre a minha porta. Taylor abre a de Christian, e em seguida tira nossa bagagem da mala do carro. Stephan está esperando no topo da escada quando entramos na aeronave. Olho para a cabine e vejo o comandante Beighley acionando botões no imponente painel de instrumentos.

Christian e Stephan apertam as mãos.

— Bom dia, senhor. — Stephan sorri.

— Obrigado por atender ao meu pedido tão repentino. — Christian lhe sorri de volta. — Nossos convidados já chegaram?

— Chegaram sim, senhor.

Convidados? Eu me viro e solto uma exclamação de surpresa. Kate, Elliot, Mia e Ethan estão sentados nos bancos de couro cor de creme, todos sorrindo. Uau! Viro de volta para Christian.

— Surpresa! — diz ele.

— Como? Quando? Quem? — balbucio inarticuladamente, tentando conter meu deleite e meu entusiasmo.

— Você disse que quase não tem visto seus amigos. — Ele dá de ombros e abre um sorriso torto de desculpas.

— Ah, Christian, obrigada.

Jogo os braços em volta do seu pescoço e o beijo com força na frente de todo mundo. Ele me segura pela cintura, enfiando os polegares nos passadores de cinto da minha calça jeans, e me beija com mais intensidade.

Ai, meu Deus.

— Continue com isso e eu arrasto você para o quarto — murmura ele.

— Você não teria coragem — sussurro contra seus lábios.

— Ah, Anastasia.

Ele sorri, balançando a cabeça; então me solta sem mais preâmbulos, abaixa-se, pega-me pelas coxas e me coloca nos ombros.

— Christian, me ponha no chão! — Dou-lhe uma palmada na bunda.

Vejo de relance o sorriso de Stephan quando ele se vira e entra na cabine do piloto. Taylor está parado à porta, tentando disfarçar o riso. Ignorando meus apelos e meus socos inúteis, Christian percorre a passos largos a cabine estreita, passando por Mia e Ethan, que estão um de frente para o outro nas poltronas, e por Kate e Elliot, que berra incentivos feito um maluco.

— Se vocês me dão licença... — diz ele para nossos quatro convidados. — Preciso ter uma palavrinha em particular com a minha esposa.

— Christian! — grito. — Me ponha no chão!

— Tudo a seu tempo, querida.

Vejo rapidamente Mia, Kate e Elliot rindo. *Que saco!* Isso não é engraçado, é constrangedor. Ethan nos olha estupefato, a boca aberta e totalmente chocado, enquanto desaparecemos na cabine.

Christian fecha a porta após entrarmos e então me solta, deixando-me deslizar pelo seu corpo lentamente, de modo que sinto a rigidez de todos os seus músculos e tendões. Ele abre seu sorriso de garoto, completamente satisfeito consigo mesmo.

— Foi realmente um espetáculo, Sr. Grey. — Cruzo os braços e olho para ele me fazendo de indignada.

— Foi divertido, Sra. Grey. — E seu sorriso aumenta. *Minha nossa...* Ele parece tão jovem.

— Você vai continuar com isso?

Arqueio uma sobancelha, incerta de como me sinto a respeito. Afinal, os outros vão nos escutar, pelo amor de Deus. De repente fico tímida. Olhando nervosa para a cama, sinto um rubor corar meu rosto quando me lembro da nossa noite de núpcias. Conversamos tanto ontem, fizemos tanta coisa ontem... Sinto como se tivéssemos atravessado uma barreira desconhecida — mas esse é o problema: ela é desconhecida. Meus olhos encontram o olhar intenso mas bem-humorado de Christian, e não consigo manter o rosto sério. Seu sorriso é contagioso demais.

— Acho que seria indelicado deixar nossos convidados esperando — diz ele, caminhando suavemente na minha direção.

Quando ele começou a se importar com o que as pessoas pensam? Dou um passo para trás, minhas costas contra a parede da cabine, e ele me imprensando, o calor do seu corpo me mantendo no lugar. Ele se inclina para baixo e roça o nariz no meu.

— Surpresa boa? — sussurra ele, e há certa preocupação na sua voz.

— Ah, Christian, surpresa fantástica.

Deslizo as mãos pelo seu peito, subindo até seu pescoço, e o beijo.

— Quando você organizou isso? — pergunto quando o solto, afagando seu cabelo.

— Ontem à noite, quando eu não conseguia dormir. Mandei um e-mail para Elliot e Mia e aqui estão eles.

— Muito bem pensado. Obrigada. Tenho certeza de que vamos nos divertir muito.

— Espero que sim. Achei que seria mais fácil evitar a imprensa em Aspen do que em casa.

Os paparazzi! Ele tem razão. Se tivéssemos ficado no Escala, estaríamos aprisionados. Um arrepio desce pela minha espinha ao me lembrar das câmeras em ação e dos flashes pipocando hoje de manhã, quando Taylor conseguiu fugir dos poucos fotógrafos que nos cercavam.

— Venha. É melhor nos sentarmos. O Stephan vai decolar daqui a pouco. — Ele me oferece a mão, e juntos retornamos à cabine.

Elliot aplaude quando nos vê voltar.

— Isso é o que eu chamo de rapidinha no ar! — diz ele zombeteiramente.

Christian o ignora.

— Por favor, permaneçam sentados, senhoras e senhores, pois em instantes daremos início à decolagem.

A voz de Stephan ecoa calma e autoritária pela cabine. A morena — *hum... Natalie?* — que estava no voo da nossa noite de núpcias surge da área da cozinha do avião e recolhe os copos de café usados. *Natalia... O nome dela é Natalia.*

— Bom dia, Sr. e Sra. Grey — diz ela, quase ronronando.

Por que ela me deixa desconfortável? Talvez por ser morena. O próprio Christian admitiu que normalmente não contrata mulheres morenas, porque as considera bonitas. Ele dirige um sorriso educado para Natalia ao deslizar por trás da mesa, sentando-se de frente para Elliot e Kate. Dou um abraço rápido em Kate e Mia e aceno para Ethan e Elliot, para então me sentar ao lado de Christian e colocar o cinto de segurança. Ele põe a mão no meu joelho e o aperta carinhosamente. Parece relaxado e feliz, muito embora tenhamos companhia. Pergunto-me vagamente por que ele não pode ser sempre assim: sem tentar controlar tudo.

— Espero que você tenha trazido as suas botas de caminhada — diz ele, a voz calorosa.

— Não vamos esquiar?

— Isso seria um desafio, considerando que estamos em agosto — responde ele, achando graça.

Ah, claro.

— Você costuma esquiar, Ana? — É Elliot nos interrompendo.

— Não.

Christian tira a mão do meu joelho e segura minha mão.

— Tenho certeza de que meu irmãozinho pode lhe ensinar. — Elliot pisca para mim. — Ele também é bastante rápido em descer montanhas.

E não consigo evitar o rubor. Quando me volto para Christian, ele está olhando fixa e impassivelmente para Elliot, mas acho que está tentando conter a alegria. O avião dá um tranco para a frente e começa a taxiar pela pista.

Natalia repassa os procedimentos de segurança do avião em uma voz clara e ressoante. Ela veste uma elegante camisa azul-marinho sem manga e uma saia-lápis da mesma cor. Sua maquiagem é impecável: ela é realmente uma mulher muito bonita. Meu inconsciente ergue para mim uma sobrancelha finíssima.

— Tudo bem com você? — pergunta Kate agudamente. — Quer dizer, depois de toda essa história com o Hyde?

Faço que sim com a cabeça. Não quero pensar ou falar em Hyde, mas as intenções de Kate parecem ser diferentes das minhas.

— E então, por que ele enlouqueceu? — pergunta ela, indo direto ao ponto, no seu estilo inimitável. Ela joga o cabelo para trás, preparando-se para investigar a história mais a fundo.

Olhando-a friamente, Christian dá de ombros.

— Eu botei aquele filho da puta no olho da rua — diz ele, sem rodeios.

— Ah, é? Por quê? — Kate inclina a cabeça para o lado, e eu sei que ela está incorporando totalmente Nancy Drew.

— Ele deu em cima de mim — murmuro.

Tento chutar a canela de Kate por baixo da mesa, mas não acerto. Merda!

— Quando? — Kate me encara com avidez.

— Já faz séculos.

— Você nunca me contou que ele deu em cima de você! — solta ela.

Dou de ombros como que me desculpando.

— Não pode ser só ressentimento por conta disso, ah, mas não mesmo. Afinal, foi uma reação muito extremada — continua Kate, e agora ela direciona as perguntas a Christian: — Ele é mentalmente instável? E quanto a toda a informação que ele tem sobre vocês, os Grey?

Vê-la interrogando Christian dessa maneira faz meus pelos se eriçarem, mas ela já estabeleceu para si mesma que eu não sei de nada, então não pode me fazer mais perguntas. Pensar nisso me irrita.

— Achamos que tem alguma relação com Detroit — diz Christian calmamente. Calmamente demais. *Ah, não, Kate, desista disso por*

enquanto.

— O Hyde também é de Detroit?

Christian aquiesce.

O avião acelera, e eu aperto a mão de Christian com mais força. Ele me lança um olhar tranquilizador. Christian sabe que eu detesto pousos e decolagens. Ele aperta minha mão e, com o polegar, afaga os nós dos meus dedos, acalmando-me.

— O que você realmente *sabe* sobre ele? — pergunta Elliot, ignorando o fato de que estamos nos movendo rapidamente pela pista em um jatinho prestes a se lançar ao ar, e ignorando igualmente a crescente irritação de Christian com Kate. Ela se inclina para a frente, ouvindo atentamente.

— O que eu vou dizer é confidencial — diz Christian, dirigindo-se diretamente a ela. A boca de Kate vira uma linha fina mas sutil. Engulo em seco. *Ah, merda.*

— Sabemos um pouco sobre Jack — continua Christian. — O pai dele morreu numa briga de bar. A mãe bebeu até perder a consciência. Ele passou a infância pulando de orfanato em orfanato... e de confusão em confusão também. A maioria por roubo de carros. Passou um tempo no reformatório. A mãe superou o alcoolismo com a ajuda de algum programa de reabilitação, e o Hyde deu a volta por cima. Ganhou uma bolsa de estudos em Princeton.

— Princeton? — A curiosidade de Kate se aguça.

— Isso. Um rapaz inteligente. — Christian dá de ombros.

— Não tanto. Ele foi pego — murmura Elliot.

— Mas com certeza ele não armou isso tudo sozinho, não é? — pergunta Kate.

Christian se enrijece ao meu lado.

— Não sabemos ainda.

Sua voz é muito baixa. *Droga.* Será que poderia ter alguém nisso junto com ele? Eu me viro e fito Christian horrorizada. Ele aperta minha mão mais uma vez, mas não me olha nos olhos. O avião decola suavemente e eu sinto na barriga a terrível sensação de estar afundando.

— Quantos anos ele tem? — pergunto a Christian, aproximando-me dele de forma que os outros não me ouçam. Por mais que eu

queira saber o que está acontecendo, não quero encorajar as perguntas de Kate. Sei que ela o está irritando, e tenho certeza de que ela está na sua lista negra desde o Escândalo dos Drinques.

— Trinta e dois. Por quê?

— Curiosidade, só isso.

Ele contrai o maxilar.

— Não fique curiosa em saber mais sobre o Hyde. Só estou feliz porque aquele babaca está preso. — É quase uma reprimenda, mas resolvo ignorar seu tom.

— Você acha que ele tem um cúmplice?

A ideia de que mais alguém possa estar envolvido nisso faz meu estômago embrulhar. Significaria que ainda não acabou.

— Não sei — responde Christian, e contrai o maxilar mais uma vez.

— Talvez alguém que tenha algum rancor contra você, será? — sugiro. Merda. Espero que não seja a monstra filha da mãe. — Elena, por exemplo — sussurro.

Percebo que mencionei seu nome alto, mas só ele pode me ouvir. Olho preocupada para Kate, mas ela está entretida na sua conversa com Elliot, que olha irritado para ela. Hmm.

— Você gosta mesmo de demonizar a Elena, hein? — Christian revira os olhos e balança a cabeça em desdém. — Ela pode até ter ressentimento, mas não faria uma coisa desse tipo. — Ele me fita com seu inflexível olhar cinza. — Não vamos falar dela. Sei que não é o seu assunto preferido.

— Você a confrontou? — sussurro, mas não sei se realmente quero saber.

— Ana, eu não falo com Elena desde a minha festa de aniversário. Por favor, esqueça isso. Não quero falar dela.

Ele levanta a minha mão e roça a boca com os nós dos meus dedos. Seus olhos ardem nos meus, e sei que não devo insistir nesse interrogatório agora.

— Por que vocês não vão procurar um quarto? — provoca Elliot. — Ah, é... Vocês já têm um, mas não precisaram ficar por lá muito tempo.

Christian ergue o olhar e encara Elliot friamente.

— Vai se foder, Elliot — diz ele, sem maldade.

— Cara, só estou dando umas dicas. — Seus olhos se acendem de bom humor.

— Como se você soubesse — murmura Christian ironicamente, erguendo uma sobrancelha.

Elliot sorri, gostando da brincadeira.

— Você se casou com a sua primeira namorada. — Elliot aponta para mim.

Ah, merda. Aonde isso vai dar? Fico vermelha.

— E eu tinha como resistir? — Christian beija minha mão de novo.

— Não. — Elliot ri e balança a cabeça.

Fico vermelha; Kate bate na coxa de Elliot.

— Pare com essa babaquice — ela o repreende.

— Ouça a sua namorada — aconselha-o Christian, sorrindo, e sua preocupação de antes parece ter desaparecido.

Meus ouvidos estalam à medida que ganhamos altitude, e a tensão na cabine se dissipa durante o voo. Kate faz uma careta para Elliot. Hmm... Tem alguma coisa errada entre eles? Não sei dizer.

Elliot tem razão. Suspiro ao pensar na ironia. Eu sou — era — a primeira namorada de Christian, e agora sou sua esposa. As quinze e a maldita Mrs. Robinson não contam. Mas Elliot não sabe da existência delas, e ficou claro que Kate não contou a ele. Eu sorrio para ela, que me responde com uma piscadela conspiratória. Meus segredos estão a salvo com Kate.

— Muito bem, senhoras e senhores, vamos viajar a uma altitude de aproximadamente trinta e dois mil pés e o tempo estimado de viagem é de uma hora e cinquenta e seis minutos — anuncia Stephan. — Os passageiros agora podem transitar pela cabine.

Natalia surge abruptamente da cozinha.

— Alguém aceita um café? — pergunta ela.

CAPÍTULO TREZE

Aterrissamos suavemente em Sardy Field ao meio-dia e vinte e cinco, hora local. Stephan para o avião bem perto do terminal principal, e pela janela vejo uma grande minivan VW nos esperando.

— Belo pouso.

Christian sorri e aperta a mão de Stephan quando estamos nos preparando para deixar a aeronave.

— É tudo uma questão de altitude e densidade, senhor. — Stephan retribui o sorriso. — Beighley é muito eficiente nos cálculos.

Christian acena com a cabeça para a copiloto de Stephan.

— Foi cravado, Beighley. Um pouso perfeito.

— Obrigada, senhor. — Ela sorri orgulhosa.

— Aproveitem o fim de semana, Sr. e Sra. Grey. Voltamos a nos ver amanhã.

Stephan se afasta, abrindo caminho para desembarcarmos, e, tomando minha mão, Christian me conduz pela escada da aeronave. Lá embaixo, Taylor já está à nossa espera, junto ao veículo.

— Minivan? — pergunta Christian, surpreso, quando Taylor abre a porta do carro.

Taylor esboça um sorriso contrito e dá de ombros ligeiramente.

— Em cima da hora, eu sei — diz Christian, perdoando-o de imediato. Taylor retorna ao avião para apanhar nossa bagagem.

— Quer dar uns amassos nos fundos do carro? — murmura Christian em meu ouvido, um lampejo malicioso nos olhos.

Dou uma risadinha. Quem é este homem, e o que ele fez com o Sr. Super Irritado dos últimos dias?

— Andem, vocês dois. Entrem logo — diz Mia às nossas costas, parecendo impaciente ao lado de Ethan.

Entramos no carro e nos acomodamos no banco traseiro. Eu me aconchego contra o corpo de Christian, e ele passa o braço por

cima do encosto do meu assento.

— Confortável? — murmura ele, enquanto Mia e Ethan se sentam à nossa frente.

— Sim.

Sorrio, e ele me beija na testa. E, por algum motivo insondável, hoje me sinto tímida na sua presença. *Por quê?* Por causa de ontem à noite? Por não estarmos sozinhos? Não consigo identificar o motivo.

Elliot e Kate são os últimos a entrar, e Taylor abre o porta-malas para colocar as bagagens. Cinco minutos depois, estamos a caminho.

Rumamos para Aspen, e aproveito para apreciar a paisagem lá fora. As árvores estão verdes, mas um indício do outono que se aproxima insinua-se aqui e ali, nas pontas amareladas das folhas. O céu é de um azul cristalino, embora algumas nuvens escuras insinuem-se na direção do oeste. Ao nosso redor, para todos os lados, veem-se as Montanhas Rochosas, o pico mais alto bem à nossa frente. As montanhas estão verdes e viçosas, e os picos mais altos têm neve no topo — igual às montanhas que as crianças costumam desenhar.

Estamos no playground de inverno dos ricos e famosos. *E eu possuo uma casa aqui.* Mal posso acreditar. Lá do fundo da minha mente, brota o conhecido mal-estar que sempre se evidencia quando tento me acostumar à fortuna de Christian, fazendo com que eu me sinta culpada. O que eu fiz para merecer um estilo de vida como esse? Nada, não fiz nada a não ser me apaixonar.

— Já estive em Aspen antes, Ana? — pergunta Ethan, virando-se para mim e interrompendo minha divagação.

— Não, primeira vez. E você?

— Kate e eu sempre vínhamos aqui na adolescência. Meu pai é um ótimo esquiador. Minha mãe, nem tanto.

— Estou torcendo para que meu marido me ensine a esquiar. — E olho para Christian de relance.

— Não conte com isso — murmura ele.

— Não vou me sair tão mal!

— Você pode acabar quebrando o pescoço. — Seu sorriso desaparece.

Ah. Não quero discutir e azedar seu bom humor, então mudo de assunto.

— Há quanto tempo você tem essa casa?

— Quase dois anos. Agora é sua também, Sra. Grey — responde ele, com suavidade.

— Eu sei — sussurro.

Por algum motivo, porém, não me sinto inteiramente convencida. Aproximando-me mais de Christian, beijo a linha do seu maxilar e me aconchego novamente ao seu lado, ouvindo-o rir e brincar com Ethan e Elliot. Mia entra na conversa de tempos em tempos, mas Kate se mantém quieta, e me pergunto se ela está pensando em Jack Hyde ou alguma outra coisa. Então eu me lembro: Aspen... A casa que Christian possui aqui foi reformada por Gia Matteo e reconstruída por Elliot. Será que é isso que a está preocupando? Não posso perguntar nada na frente de Elliot, dada sua história com Gia. Será que Kate sabe da ligação entre Gia e a casa? Franzo o cenho, imaginando qual será o motivo da preocupação de minha amiga, e decido que vamos conversar quando estivermos sozinhas.

Passamos pelo centro de Aspen, e me sinto revitalizada à medida que conheço o visual da cidade. Vejo-me diante de prédios baixos com tijolinhos vermelhos na sua maioria, chalés em estilo suíço e numerosas casas da virada do século pintadas em cores divertidas. Há também uma boa quantidade de bancos e lojas de grife, indicando a afluência da população local. É óbvio que Christian se encaixa perfeitamente neste lugar.

— Por que você escolheu Aspen? — pergunto.

— O quê? — Ele me olha sem entender.

— Para ter uma segunda casa.

— Meus pais costumavam nos trazer aqui quando éramos pequenos. Foi onde aprendi a esquiar, e gosto do lugar. Espero que você goste também... senão, a gente vende a casa e escolhe outra cidade.

Simples assim!

Ele pega uma mecha solta do meu cabelo e a coloca atrás da minha orelha.

— Você está linda hoje — murmura Christian.

Fico vermelha. Estou vestindo apenas meu uniforme de viagem: calça jeans e camiseta, com um leve casaco azul-marinho. *Droga*. Por que ele me deixa tímida?

Ele me dá um beijo terno, doce e apaixonado.

Taylor, ao volante, começa a sair da cidade e a subir o outro lado do vale, pegando uma estrada sinuosa por entre as montanhas. Quanto mais subimos, mais entusiasmada eu fico; Christian, ao contrário, está cada vez mais tenso.

— O que foi? — pergunto ao contornarmos uma curva.

— Espero que você goste — diz ele, baixinho. — Chegamos.

Taylor reduz e atravessa uma entrada de pedras vermelhas, cinzentas e bege. Ele segue adiante até finalmente parar em frente à imponente casa. Com uma porta no centro da fachada simétrica e telhados altos e pontudos, é uma construção em madeira escura e pedras da mesma mistura de tonalidades da entrada. Uma casa impressionante — moderna e severa, bem ao estilo de Christian.

— Nosso lar — balbucia ele enquanto nossos hóspedes descem da minivan.

— Promissor.

— Venha. Vamos entrar.

Em seus olhos há um brilho de empolgação e ansiedade ao mesmo tempo, como se ele fosse me mostrar seu projeto de ciências ou coisa parecida.

Mia sobe correndo os degraus até a porta principal, onde uma mulher nos espera. Ela é bem pequena, e seu cabelo negro está salpicado de fios grisalhos. Mia joga os braços em volta do pescoço da mulher e lhe dá um abraço apertado.

— Quem é aquela? — pergunto, enquanto Christian me ajuda a sair do veículo.

— A Sra. Bentley. Ela mora aqui com o marido. Eles tomam conta da casa.

Putá merda... mais funcionários?

Mia está fazendo as apresentações: Ethan, e depois Kate. Elliot também abraça a Sra. Bentley. Taylor tira as bagagens do carro, e Christian me pega pela mão e me conduz até a porta da casa.

— Bem-vindo de volta, Sr. Grey. — A Sra. Bentley sorri.

— Carmella, esta é minha mulher, Anastasia — anuncia Christian, orgulhoso. Sua língua acaricia meu nome, fazendo meu coração bater mais forte.

— Sra. Grey. — A Sra. Bentley acena respeitosamente com a cabeça.

Estendo a mão e nos cumprimentamos. Não me surpreende que ela seja muito mais formal com Christian do que com o resto da família.

— Espero que tenham feito uma boa viagem. Parece que o tempo vai ficar bom durante todo o fim de semana, mas não tenho certeza. — Ela aponta para as nuvens escuras que se acumulam atrás de nós. — Quando quiserem o almoço, é só falar. — Ela sorri novamente, os olhos escuros brilhando, e me sinto imediatamente bem na sua presença.

— Venha cá. — Christian me pega e me levanta no colo.

— O que você está fazendo? — exclamo.

— Estreando mais um lugar nosso, Sra. Grey.

Abro um sorriso, e ele me carrega para o interior da ampla entrada, onde, após um breve beijo, coloca-me gentilmente no piso de madeira. A decoração é sóbria e lembra a sala do apartamento do Escala — paredes totalmente brancas, madeira escura e obras de arte abstrata contemporânea. Entramos em uma grande sala de estar com três sofás de couro branco em torno de uma lareira de pedra que predomina no ambiente. A única cor vem das almofadas macias espalhadas pelos sofás. Mia pega a mão de Ethan e o arrasta para dentro da casa. Christian estreita os olhos e aperta os lábios ao vê-los se afastando. Então balança a cabeça com desdém e se vira para mim.

Kate dá um assovio alto.

— Lindo lugar.

Dou uma olhada ao redor e vejo Elliot ajudando Taylor com nossa bagagem. Mais uma vez me pergunto se ela sabe que tem a mão de Gia aqui.

— Tour? — sugere Christian.

Seja lá o que o tenha incomodado em relação a Mia e Ethan, Christian já esqueceu. Ele irradia entusiasmo — ou seria ansiedade? Difícil dizer.

— Claro.

Uma vez mais me sinto esmagada diante de tanta riqueza. Quanto será que custou esta casa? E eu não contribuí com nada. Por um instante sou transportada de volta para a primeira vez que Christian me levou ao Escala. Também me senti oprimida na ocasião. *Você já se acostumou àquele apartamento*, meu inconsciente sussurra para mim com acidez.

Christian franze o cenho, mas pega minha mão e me leva para conhecer os outros cômodos. A cozinha ultramoderna é toda feita de bancadas de mármore claro e armários pretos. Há uma adega impressionante, e uma ampla sala no andar de baixo, com TV de plasma, sofás confortáveis... e uma mesa de sinuca. Olho pasma para a mesa, e fico vermelha ao ser flagrada por Christian.

— Quer jogar? — pergunta ele, com um brilho malicioso no olhar.

Balanço a cabeça em negativa, e sua expressão parece ficar carregada mais uma vez. Ele pega minha mão de novo e me leva para o primeiro andar. Há quatro quartos lá em cima, e todos são suítes.

A suíte principal é uma coisa do outro mundo. A cama é imensa, maior do que a da nossa casa, e fica de frente para uma enorme janela envidraçada com vista para Aspen e para as montanhas verdejantes.

— É a Montanha de Ajax; ou Montanha de Aspen, se preferir — diz Christian, observando-me temeroso. Ele está parado à porta, os polegares enfiados nos bolsos da sua calça jeans preta.

Faço um gesto de concordância com a cabeça.

— Você está muito quieta — murmura ele.

— É lindo, Christian. — E subitamente estou morrendo de vontade de voltar para o Escala.

Em cinco largos passos ele chega perto de mim, pega meu queixo e puxa meu lábio inferior, para soltá-lo dos meus dentes.

— O que foi? — pergunta ele, seu olhar procurando o meu.

— Você é muito rico.

— Sou.

— Às vezes eu fico surpresa com a sua fortuna.

— Nossa fortuna.

— Nossa fortuna — murmuro, como um autômato.

— Por favor, Ana, não fique preocupada com isso. É só uma casa.

— E o que a Gia fez aqui exatamente?

— A Gia? — Ele ergue as sobrancelhas em sinal de surpresa.

— É. Ela projetou a reforma da casa, não foi?

— Sim, foi. Ela reprojeteu a sala lá de baixo, e Elliot providenciou a construção. — Ele passa os dedos pelo cabelo e franze a testa. — Por que você está perguntando sobre a Gia?

— Você sabia que ela teve um caso com o Elliot?

Christian me fita por um instante, sua expressão indecifrável.

— Elliot já transou com metade de Seattle, Ana.

Solto uma exclamação.

— A maioria mulheres, pelo que eu sei — completa ele, de brincadeira. Acho que Christian está se divertindo com a minha expressão de choque.

— Não!

Ele confirma com a cabeça.

— Não tenho nada a ver com isso. — E levanta as palmas das mãos num gesto de defesa.

— Acho que Kate não sabe disso.

— Ele não deve divulgar muito essa informação. E Kate parece bastante segura.

Estou chocada. O doce e despretensioso Elliot, com seus olhos azuis e seu cabelo louro? Fico olhando para Christian sem acreditar.

Ele inclina a cabeça para o lado, observando-me.

— Mas aposto que isso não tem a ver só com a promiscuidade da Gia ou do Elliot.

— Eu sei. Desculpe. Depois de tudo o que aconteceu essa semana, eu só...

Encolho os ombros, sentindo vontade de chorar de repente. Christian parece relaxar, aliviado. Puxando-me para si, ele me abraça bem apertado, o nariz no meu cabelo.

— Eu sei. Me desculpe também. Vamos relaxar e nos divertir, que tal? Você pode ficar aqui e ler, ver um daqueles programas de TV horrorosos, fazer compras, caminhadas... até pescar. O que quiser. E esqueça o que eu disse sobre Elliot. Foi indiscrição minha.

— De certa maneira explica por que ele está sempre provocando você — murmuro, aninhando-me em seu peito.

— Ele não faz ideia do meu passado. Eu já disse a você, minha família achava que eu era gay. Celibatário, mas gay.

Dou uma risada e começo a relaxar nos braços dele.

— Eu achei que você fosse celibatário. Como me enganei.

Envolvo-o em meus braços, admirada ao pensar em como é ridícula a ideia de Christian ser gay.

— Sra. Grey, está rindo de mim?

— Um pouquinho, talvez — admito. — Sabe, o que eu não entendo é por que você tem esta casa aqui.

— Como assim? — Ele beija meu cabelo.

— Você tem o barco, e eu entendo, e também o apartamento de Nova York, por causa dos negócios; mas por que aqui? E você nem dividia este lugar com outra pessoa.

Christian fica imóvel e em silêncio por um bom tempo.

— Eu estava esperando por você — diz ele suavemente, os olhos cinzentos escuros e luminosos.

— Isso... isso é uma coisa linda de se dizer.

— Mas é verdade. Só que eu não sabia na época. — Ele sorri timidamente.

— Estou feliz que você tenha esperado.

— Você valeu a espera, Sra. Grey. — Ele ergue meu queixo com a ponta do dedo, abaixa-se e me beija com ternura.

— Você também. — Sorrio. — Mas acho que eu trapaceei. Nem esperei tanto tempo por você.

Ele ri.

— Sou um prêmio tão bom assim?

— Christian, você é um prêmio de loteria, a cura para o câncer e os três desejos que o Aladim pediu ao gênio: tudo isso junto.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Quando você vai perceber isso? — reclamo. — Você era um ótimo partido. E nem estou me referindo a isso. — Faço um gesto em volta, indicando o ambiente luxuoso. — Eu me refiro a isto aqui. — E coloco a mão sobre o seu coração. Seus olhos se abrem mais. Meu marido confiante e sensual desapareceu para dar lugar ao meu

menino perdido. — Acredite em mim, Christian, por favor – sussurro, e seguro seu rosto, puxando sua boca para a minha.

Ele solta um gemido, não sei se por causa do que eu disse ou por ser sua costumeira reação primitiva. Eu o quero, meus lábios beijando os seus, minha língua invadindo sua boca.

Quando estamos os dois sem fôlego, ele se afasta e me lança um olhar duvidoso.

— Quando é que você vai enfiar de vez nessa sua cabeça dura que eu amo você? — pergunto, exasperada.

Ele engole em seco.

— Algum dia.

Já é um progresso. Sorrio, e sou recompensada com seu sorriso tímido.

— Venha. Vamos almoçar. Os outros devem estar se perguntando onde fomos parar. Podemos discutir o que vamos fazer.

* * *

— AH, NÃO! — EXCLAMA Kate de repente.

Todos os olhares se voltam para ela.

— Olhem — diz ela, apontando para a ampla janela.

Lá fora, a chuva começou a cair torrencialmente. Estamos sentados ao redor da mesa de madeira escura da cozinha, e acabamos de consumir um banquete italiano de antepasto misto, preparado pela Sra. Bentley, mais uma ou duas garrafas de Frascati. Estou me sentindo saciada, e também um pouco tonta por causa do álcool.

— Lá se vai nossa caminhada — murmura Elliot, mas parece até aliviado.

Kate faz cara feia para ele. Sem dúvida, tem alguma coisa esquisita entre os dois. Eles têm agido naturalmente com todos em volta, mas não um com o outro.

— Podíamos ir até o centro — intervém Mia.

Ethan lança um sorriso amarelo para ela.

— Clima perfeito para pescar — sugere Christian.

— Eu fico com a pescaria — diz Ethan.

— Vamos nos dividir. — Mia bate palmas. — Meninas, compras; rapazes, programas chatos ao ar livre.

Olho de relance para Kate, que observa Mia com ar tolerante. Pescar ou fazer compras? Puxa, que escolha.

— Ana, o que você quer fazer? — pergunta Christian.

— Qualquer coisa — minto.

Kate captura meu olhar e mexe os lábios: “compras”. Talvez ela queira conversar.

— Mas eu ficaria feliz em sair para as compras.

Dou um sorriso torto para Kate e Mia. Christian sorri amarelo. Ele sabe que eu detesto fazer compras.

— Posso ficar aqui com você, se quiser — murmura ele, e alguma coisa sombria se contorce em meu ventre devido ao seu tom de voz.

— Não, pode ir pescar — respondo.

Christian precisa de um tempo com os rapazes.

— Bem, então vai ser isso — fala Kate, deixando a mesa.

— Taylor vai acompanhar vocês — diz Christian, e é um fato: sem espaço para discussão.

— Não precisamos de babá — retruca Kate, com audácia; sempre direta.

Coloco a mão no braço dela.

— Kate, é melhor o Taylor ir conosco.

Ela franze a testa e depois dá de ombros. Pela primeira vez na vida, consegue segurar a língua.

Sorrio timidamente para Christian, mas sua expressão permanece impassível. Ai, espero que ele não esteja com raiva de Kate.

Elliot franze o cenho.

— Preciso buscar uma bateria para o meu relógio no centro.

Ele olha de relance para Kate, e percebo que fica levemente vermelho. Ela não nota porque está deliberadamente ignorando-o.

— Vá no Audi, Elliot. Quando você voltar a gente vai pescar — diz Christian.

— Tudo bem — murmura Elliot, mas parece distraído. — Boa ideia.

* * *

— AQUI.

Pegando minha mão, Mia me puxa para dentro de uma butikue toda decorada com seda cor-de-rosa e mobília rústica em decapê, ao estilo francês. Kate entra atrás de nós e Taylor fica esperando do lado de fora, protegendo-se da chuva sob a marquise. No sistema de som da loja, Aretha canta “Say a Little Prayer” a plenos pulmões. Adoro essa música. Acho que vou colocar no iPod de Christian.

— Vai ficar incrível em você, Ana. — Mia está segurando um vestido de tecido metalizado. — Tome, experimente.

— Hmm... é curto demais.

— Vai ficar fantástico em você. Christian vai amar.

— Você acha?

Mia abre um largo sorriso.

— Ana, suas pernas são de dar inveja, e se a gente sair para dançar hoje à noite — ela sorri, farejando uma presa fácil —, você vai ficar sexy para o seu marido.

Pisco os olhos várias vezes seguidas, ligeiramente chocada. *Vamos sair para dançar?* Eu não saio para dançar.

Kate ri da expressão no meu rosto. Ela parece mais relaxada agora que está longe de Elliot.

— Podíamos treinar uns passinhos para hoje à noite — diz ela.

— Vá experimentar — ordena Mia.

E eu me encaminho relutante para a cabine de prova.

* * *

ENQUANTO ESPERO KATE e Mia saírem dos provadores, passeio pela loja; vou até a vitrine e fico olhando para a rua lá fora, distraidamente. O pot-pourri de música soul continua: agora Dionne Warwick está cantando “Walk on By”. Outra música maravilhosa — uma das preferidas da minha mãe. Olho rapidamente para o vestido em minhas mãos. *Vestido* talvez seja um exagero. É muito curto e de costas nuas, mas um achado, segundo Mia, perfeito para passar a noite toda dançando. Supostamente, também preciso de sapatos novos e um grande e volumoso colar, e é isso que vamos procurar

agora. Revirando os olhos em desdém, penso novamente que sou muito sortuda por ter Caroline Acton como minha personal shopper.

Algo lá fora me chama a atenção: Elliot. Ele apareceu do outro lado da arborizada rua principal, saindo de um vistoso Audi, e agora corre para dentro de uma loja parecendo que vai se abrigar da chuva. Acho que é uma joalheria... talvez ele esteja procurando a tal bateria para relógio. Ele ressurgue alguns minutos depois, mas não sozinho: com uma mulher.

Putá merda! Ele está conversando com a Gia! *O que ela está fazendo aqui?*

Enquanto assisto à cena, eles se abraçam rapidamente e ela joga a cabeça para trás, rindo animadamente de algo que ele diz. Ele a beija no rosto e corre de volta para o carro. Ela se vira e segue pela rua, e eu fico olhando-a boquiaberta. *O que foi isso?* Viro-me, inquieta, na direção dos provadores, mas ainda não há nenhum sinal de Kate ou Mia.

Dou uma olhada para Taylor, que ainda está à espera lá fora. Ele encontra meu olhar e dá de ombros. Mais um que testemunhou o rápido encontro de Elliot. Fico vermelha, constrangida por ter sido flagrada bisbilhotando. Virando-me, vejo Mia e Kate voltando, ambas rindo. Kate me olha intrigada.

— O que aconteceu, Ana? — pergunta ela. — Desistiu do vestido? Ficou sensacional em você.

— Hmmm... não.

— Está tudo bem? — Ela arregala os olhos.

— Tudo ótimo. Vamos pagar? — E me dirijo para o caixa junto com Mia, que escolheu duas saias.

— Boa tarde, madame. — A jovem vendedora, com a maior quantidade de brilho nos lábios que já vi em toda a minha vida, sorri para mim. — São oitocentos e cinquenta dólares.

O quê? Por este pedacinho de pano?! Fico um instante absorvendo a informação, e depois entrego obedientemente meu cartão Amex preto.

— Sra. Grey — ronrona a Srta. Brilho Labial.

Durante as duas horas seguintes, acompanho Kate e Mia em um estado de torpor, brigando internamente comigo mesma. Será que devo contar para Kate? Meu inconsciente balança a cabeça em

negativa com firmeza. Sim, devo contar. Não, não devo. Pode ter sido apenas um encontro inocente. *Merda*. O que eu faço agora?

* * *

— E AÍ, GOSTOU do sapato, Ana? — pergunta Mia, as mãos na cintura.

— Hum... gostei, claro.

Acabo comprando um par de sapatos Manolo Blahnik incrivelmente altos com tiras que parecem feitas de espelhos. Combinam admiravelmente bem com o vestido e deixam Christian menos rico em pouco mais que mil dólares. Tenho mais sorte com o longo colar de prata que Kate insiste que eu compre; apenas oitenta e quatro dólares, uma pechincha.

— Já se acostumou a ter dinheiro? — pergunta Kate, sem soar indelicada, quando voltamos para o carro. Mia já está bem à nossa frente.

— Você sabe que não sou assim, Kate. Fico um pouco desconfortável com tudo isso. Mas pelo que me dizem, faz parte do pacote. — Contraio os lábios, e ela passa o braço em volta de mim.

— Você vai se acostumar, Ana — diz ela, solidária. — Vai ficar linda.

— Kate, como vai a sua relação com o Elliot? — pergunto.

Seus grandes olhos azuis se viram de súbito para mim.

Ah, não.

Ela balança a cabeça.

— Não quero falar sobre isso agora. — Kate aponta para Mia com a cabeça. — Mas as coisas estão... — Ela não termina a frase.

É um comportamento nada típico da tenaz Kate. *Merda*. Eu sabia que tinha alguma coisa errada. Será que conto para ela o que eu vi? Mas o que foi que eu vi, afinal? Elliot e a Srta. Predadora-Sexual-Bem-Produzida conversando e se abraçando, e um beijo no rosto. São apenas velhos amigos, não são? Não, não vou contar nada para ela. Não agora. Faço um gesto afirmativo com a cabeça, como quem diz “eu compreendo perfeitamente e vou respeitar sua privacidade”. Ela pega a minha mão e a aperta, agradecida, e lá está: um breve lampejo de dor e mágoa nos seus olhos, mas que

ela rapidamente afasta com uma piscadela. Sinto uma vontade repentina de proteger minha querida amiga. O que será que Elliot Mulherengo Grey está aprontando?

* * *

DE VOLTA À CASA, Kate decide que merecemos uns coquetéis após nossa tarde de extravagância consumista e prepara daiquiris de morango para nós. Aconchegamo-nos nos sofás da sala de estar, em frente ao fogo da lareira.

— Elliot tem andado meio distante ultimamente — murmura Kate, fitando as chamas. Finalmente temos um momento a sós, pois Mia está guardando suas compras.

— Ah, é?

— E eu acho que me ferrei por ter ferrado você.

— Você ouviu alguma coisa sobre isso?

— Ouvi. Christian ligou para o Elliot; e Elliot me ligou.

Reviro os olhos. *Ah, Christian, Christian, Christian.*

— Lamento. O Christian é... superprotetor. Você não via o Elliot desde o Escândalo dos Drinques?

— Não.

— Ah.

— Eu realmente gosto dele, Ana — sussurra ela.

E por um terrível momento eu acho que ela vai começar a chorar. Isso não combina com Kate. Será que essa crise significa a volta do pijama cor-de-rosa? Ela se vira para mim.

— Eu me apaixonei por ele. No início pensei que fosse só pelo sexo maravilhoso. Mas ele é charmoso, bondoso, carinhoso e divertido. Eu podia nos imaginar envelhecendo juntos; você sabe... filhos, netos... o pacote completo.

— Felizes para sempre — sussurro.

Ela confirma tristemente.

— Talvez vocês devam conversar. Tente arranjar um tempinho a sós com ele aqui. Descubra o que o está incomodando.

Ou quem o está incomodando, meu inconsciente retruca. Eu o enxoto logo, chocada com a insistência dos meus próprios pensamentos.

- Que tal vocês fazerem uma caminhada amanhã de manhã?
- Vamos ver.
- Kate, odeio ver você assim.

Ela abre um sorriso débil, e eu me inclino para abraçá-la. Decido não comentar nada sobre Gia, embora eu talvez fale sobre isso com Elliot. Como é que ele brinca com os sentimentos da minha amiga desse jeito?

Mia volta, e nossa conversa passa para terrenos mais seguros.

* * *

O FOGO CHIA e cospe centelhas quando coloco o último pedaço de madeira. Quase não temos mais lenha. Ainda que seja verão, o calor da lareira é muito bem-vindo em um dia úmido como este.

— Você sabe onde podemos encontrar mais lenha? — pergunto a Mia, que saboreia seu daiquiri.

— Acho que fica na garagem.

— Vou lá buscar. Aproveito e exploro um pouco mais a casa.

A chuva já está mais fraca quando me aventuro lá fora e me dirijo à garagem anexa à casa, cujo espaço pode abrigar até três carros. A porta lateral está destrancada; eu entro, acendendo a luz para me tirar da escuridão. As lâmpadas fluorescentes dão o ar de sua graça com um ruído sibilante.

Há um carro na garagem, e percebo que é o Audi que Elliot usou hoje à tarde. Há ainda duas motos de neve. Porém, o que realmente me chama a atenção são as duas motos de trilha, ambas 125cc. Vêm à minha mente recordações de Ethan corajosamente se esforçando para me ensinar como pilotar, no verão passado. Inconscientemente, esfrego o braço no local onde me machuquei feio ao sofrer uma queda.

— Sabe dirigir isso? — pergunta Elliot atrás de mim.

Eu me viro.

— Você já voltou.

— Parece que sim. — Ele sorri, e percebo que Christian me responderia a mesma coisa; mas sem o sorriso largo e encantador. — E então? — insiste ele.

Galinha!

— Mais ou menos.

— Quer dar uma volta?

Dou uma fungada.

— Hmm, não... Acho que o Christian não ficaria muito feliz se eu saísse.

— Ele não está aqui.

Elliot abre um sorriso forçado — *ah, é uma característica da família* — e acena com o braço, indicando que estamos sozinhos. Ele vai até a moto mais próxima e passa a longa perna, coberta pela calça jeans, por sobre o selim, montando e agarrando a direção.

— Christian tem, hã... certos problemas em relação à minha segurança. Prefiro não ir.

— Você sempre faz o que ele diz?

Elliot revela uma centelha maliciosa nos seus olhos azul-bebê, e tenho um vislumbre do bad boy... o bad boy por quem Kate se apaixonou. O bad boy de Detroit.

— Não. — Levanto uma sobrancelha em sinal de advertência para ele. — Mas estou tentando mudar isso. Ele já tem muita coisa com que se preocupar, não precisa me incluir na lista. Ele já voltou?

— Não sei.

— Vocês não foram pescar?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Eu tinha uns assuntos para resolver no centro.

Assuntos! Puta merda — um assunto com uma loura peru! Inspiro profundamente e o encaro, pasma.

— Se você não quer andar de moto, o que está fazendo na garagem? — pergunta Elliot, intrigado.

— Estou procurando lenha para a lareira.

— Aí está você. Ah, Elliot; você já voltou. — É Kate, nos interrompendo.

— Oi, baby. — Ele abre um largo sorriso.

— Pegou algum peixe?

Observo a reação dele.

— Não. Tinha umas coisas para resolver na cidade. — E, por um breve instante, eu percebo um lampejo de incerteza cruzar seu rosto.

Ah, merda.

— Vim ver por que a Ana estava demorando. — Kate olha para nós, confusa.

— Estávamos só batendo papo — diz Elliot, e sinto certa tensão entre os dois.

É então que ouvimos um carro chegando lá fora. *Ah! É Christian. Graças a Deus.* O mecanismo automático do portão da garagem chia alto, nos assustando, e o portão sobe lentamente, revelando Christian e Ethan, que descarregam um caminhão plataforma preto. Christian para o que está fazendo quando nos vê de pé ali dentro.

— Estão montando uma banda de garagem? — pergunta ele ironicamente, e entra, vindo direto até mim.

Sorrio. Estou aliviada em vê-lo. Por baixo da capa impermeável ele está usando o macacão que lhe vendi quando eu trabalhava na Clayton's.

— Oi — diz ele, olhando curioso para mim e ignorando Kate e Elliot.

— Oi. Belo macacão.

— Cheio de bolsos. Muito prático para pescar. — Sua voz é suave e sedutora, apenas para meus ouvidos, e, quando ele me fita, sua expressão é apaixonada.

Fico vermelha, e ele sorri — um sorriso enorme, aberto, que diz “sou todo seu”.

— Você se molhou — murmuro.

— Estava chovendo. O que vocês estão fazendo na garagem? — Finalmente ele reparou que não estamos sozinhos.

— Ana veio pegar lenha. — Elliot levanta uma sobrancelha. De algum modo, ele faz com que a frase soe maliciosa. — Eu tentei convencê-la a dar uma volta. — Ele é um mestre na arte do duplo sentido.

O rosto de Christian se fecha, e meu coração para de bater.

— Ela não quis. Disse que você não ia gostar — continua Elliot, num tom gentil e sem insinuações.

O olhar cinzento de Christian se volta para mim.

— Ah, foi? — murmura ele.

— Escutem, eu adoraria continuar essa discussão sobre o que a Ana disse, mas será que podemos voltar para dentro de casa? — pede Kate.

Ela se curva, apanha duas achas de lenha e gira nos calcanhares, dirigindo-se ruidosamente ao portão. Ah, que merda. Kate está irritada — mas sei que não é comigo. Elliot dá um suspiro e, sem dizer uma palavra, vai atrás dela. Eu os acompanho com o olhar, mas Christian me distrai.

— Você sabe pilotar uma moto? — pergunta ele, a voz exalando descrédito.

— Não muito bem. Ethan me ensinou.

Seus olhos esfriam imediatamente.

— Você fez bem em não sair de moto hoje — continua ele, a voz mais isenta. — O solo está muito duro no momento, e por causa da chuva ficou escorregadio e traiçoeiro.

— Onde eu coloco o material de pesca? — grita Ethan lá de fora.

— Deixe aí, Ethan. Taylor cuida disso.

— E o peixe? — continua ele, num tom levemente zombeteiro.

— Você pegou um peixe? — pergunto, surpresa.

— Eu não. O Kavanagh. — E Christian faz beicinho... um beicinho lindo.

Caio na risada.

— A Sra. Bentley vai cuidar do peixe — grita ele em resposta.

Ethan ri e se dirige à casa.

— Sra. Grey, está rindo de mim?

— Com certeza. Você está todo molhado... Vou preparar um banho.

— Desde que você me acompanhe.

Ele se inclina e me beija.

* * *

NO BANHEIRO DA SUÍTE, encho a enorme banheira oval e despejo na água um gel caro de banho, que começa a formar espuma imediatamente. O aroma é divino... jasmim, acho. De volta ao quarto, vou pendurar o tal vestido enquanto a banheira enche.

— Você se divertiu? — pergunta Christian, surgindo no quarto descalço e vestindo apenas uma camiseta e uma calça de moletom. Ele fecha a porta ao entrar.

— Sim — murmuro, admirando-o.

Senti falta dele. Que ridículo — quanto tempo faz, algumas horas?

Ele inclina a cabeça para o lado e me observa.

— O que foi?

— Estava pensando em como senti sua falta hoje.

— Você fala como se sofresse de amor, Sra. Grey.

— Eu sofri, Sr. Grey.

Ele se aproxima e para na minha frente.

— O que você comprou? — sussurra ele, e sei que é para mudar de assunto.

— Um vestido, um par de sapatos e um colar. Torrei o seu dinheiro. — Ergo um olhar culpado para ele.

Ele acha engraçado.

— Que bom — murmura ele, e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — E pela bilionésima vez: é o nosso dinheiro.

Ele puxa meu queixo, fazendo-me parar de morder o lábio, e corre o dedo indicador pela minha camiseta, passando pelo esterno, por entre os meus seios, descendo pela minha barriga até a bainha.

— Você não vai precisar disso no banho — sussurra ele, e, pegando a minha camiseta pela barra, ele a puxa para cima, lentamente. — Levante os braços.

Obedeço, sem desviar os olhos dos seus, e ele joga minha camiseta no chão.

— Achei que fôssemos só tomar um banho. — Minha pulsação acelera.

— Primeiro eu quero deixar você bem suja. Também senti saudades.

Ele se inclina e me beija.

* * *

— MERDA, A ÁGUA!

Levanto o corpo com certa dificuldade, toda desorientada após o orgasmo.

Ele não me solta.

— Christian, a banheira! — Olho para ele; estou deitada sobre seu peito.

Ele ri.

— Relaxe. Tem um sistema de escoamento. — Ele gira o corpo na cama e me dá um selinho. — Vou lá fechar a torneira.

Com movimentos graciosos, ele desce da cama e vai até o banheiro. Sigo-o com os olhos, observando-o com avidez. Hmm... meu marido, nu e logo logo molhado. Pulo para fora da cama.

* * *

ESTAMOS SENTADOS UM em cada ponta da banheira, que encheu demais — tanto que, sempre que nos mexemos, a água transborda pelas laterais e se esparrama no chão. Muito esbanjador. Ainda mais esbanjador é ver Christian lavando meus pés, massageando-os, puxando meus dedos de leve. Ele beija cada dedo e morde delicadamente o mindinho.

— Aaah!

Eu sinto *ali*, na minha virilha.

— Assim? — sussurra ele.

— Hmm — balbucio incoerentemente.

Ele recomeça a massagem. Ah, é tão bom. Fecho os olhos.

— Eu vi Gia quando fomos à cidade — murmuro.

— É mesmo? Acho que ela tem casa aqui — diz ele, indiferente. Não está nem um pouco interessado.

— Ela estava com Elliot.

Ele interrompe a massagem. Isso lhe despertou a atenção. Quando abro os olhos, sua cabeça está inclinada para o lado, como se não entendesse.

— Como assim com Elliot? — pergunta Christian, mais perplexo do que preocupado.

Descrevo a cena que vi.

— Ana, eles são só amigos. Acho que o Elliot está bem empolgado com Kate. — Depois de uma pausa, ele acrescenta, mais baixo: — Na verdade, eu *sei* que ele está bem empolgado com ela. — E me lança um olhar do tipo não-me-pergunte-por-quê.

— Kate é deslumbrante — rebato, defendendo minha amiga.

Christian bufa em desdém.

— Ainda fico feliz por ter sido você quem foi ao meu escritório.

Ele beija meu dedão, solta meu pé esquerdo e pega o direito, para então recomeçar todo o processo de massagem. Seus dedos são tão fortes e flexíveis que relaxo novamente. Não quero brigar por causa de Kate. Fecho os olhos e deixo suas mãos operarem sua mágica nos meus pés.

* * *

OLHO BOQUIABERTA PARA mim mesma, refletida no espelho de corpo inteiro: não me reconheço na beldade que me encara do outro lado. Kate hoje se esmerou e brincou de Barbie comigo, me penteando e me maquiando. Meu cabelo está volumoso e liso, meus olhos delineados com lápis, minha boca de um vermelho vivo. Eu fiquei... gostosa. Sou só pernas, principalmente nos Manolos altíssimos e no meu vestido indecentemente curto. Preciso da aprovação de Christian, embora eu tenha uma terrível sensação de que ele não vai gostar de ver tanta exposição da minha carne. Tendo em vista nossa *entente cordiale*, decido consultá-lo. Pego meu BlackBerry.

De: Anastasia Grey

Assunto: Minha bunda está muito grande nesse vestido?

Data: 27 de agosto de 2011 18:53 Hora local

Para: Christian Grey

Sr. Grey,

Preciso do seu aconselhamento de moda.

Bj,

Sra. G.

De: Christian Grey

Assunto: Maravilha

Data: 27 de agosto de 2011 18:55 Hora local

Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Duvido muito.

Mas vou aí averiguar e examinar sua bunda em detalhes, só para ter certeza.

Ansiosamente,

Sr. G.

Christian Grey,
CEO, Grey Enterprises Holdings & Fiscalização de Bundas, Inc.

Ainda estou lendo o e-mail quando a porta do quarto se abre e Christian para estático na soleira. Seu queixo cai e seus olhos se arregalam.

Putá merda... ou ele gostou muito ou odiou.

— E então? — sussurro.

— Ana, você está... Uau.

— Você gostou?

— Gostei, acho que sim.

Sua voz está um pouco rouca. Lentamente, ele entra no quarto e fecha a porta. Está usando uma calça jeans preta e uma camisa branca, com um casaco preto. E está divino. Ele vem devagar até mim, mas logo que chega perto, coloca as mãos nos meus ombros e me faz girar, de forma que eu fique de frente para o espelho, e se coloca atrás de mim. Meu olhar encontra o dele no espelho, e então ele baixa o olhar para as minhas costas nuas, fascinado. Seu dedo desliza pela minha coluna e chega até a beirada do vestido, logo abaixo da cintura, onde minha pele clara encontra o tecido prateado.

— Isso mostra demais — murmura ele.

Sua mão desliza mais para baixo, pela minha bunda, até minhas coxas descobertas. Ele faz uma pausa, os olhos cinzentos ardendo intensamente, parecendo quase azuis. Então, lentamente, seus dedos percorrem o caminho inverso até a bainha da saia.

Observo seus compridos dedos se movimentarem com suavidade, roçando minha pele de forma provocante; sinto o arrepio que sua mão vai despertando por onde passa, e minha boca se abre involuntariamente.

— Isso aqui não está longe... — ele toca a bainha do vestido e depois sobe os dedos — daqui — sussurra.

Inspiro fundo quando seus dedos acariciam meu sexo, movendo-se sensualmente por sobre a minha calcinha, sentindo-me, estimulando-me.

— E isso quer dizer que... — sussurro.

— Quer dizer que... que isso aqui não está longe... — seus dedos deslizam sobre a minha calcinha, e um deles entra por baixo do tecido, acariciando minha pele macia e umedecida — ... daqui. E mais um pouco... daqui. — Ele enfia um dedo em mim.

Solto uma exclamação e um gemido baixo.

— Isso é meu — sussurra ele no meu ouvido. Fechando os olhos, ele lentamente tira e põe o dedo. — Não quero que ninguém mais veja.

Minha respiração fica entrecortada e entra no ritmo que ele impõe. Olhando-o pelo espelho, fazendo isso... é mais que erótico.

— Então, seja uma boa menina e não se abaixe, e vai ficar tudo bem.

— Você aprova? — murmuro.

— Não, mas não vou impedi-la de usar o vestido. Você está deslumbrante, Anastasia.

Ele tira o dedo bruscamente, deixando-me sedenta por mais, e se coloca diante de mim. A ponta do seu dedo invasor toca meu lábio inferior. Instintivamente o beijo, e, como recompensa, ganho um sorriso largo e malicioso. Ele então chupa o próprio dedo, e pela sua expressão vejo que meu sabor é bom... delicioso. Fico vermelha. Será que sempre vou ficar chocada quando ele fizer isso?

Ele pega minha mão.

— Venha, vamos gozar o fim de semana — ordena ele suavemente.

Eu ia replicar que estava quase gozando, mas, diante do que aconteceu no quarto de jogos ontem, decido me conter.

* * *

ESTAMOS ESPERANDO A sobremesa em um restaurante luxuoso e exclusivo no centro da cidade. Até o momento a noite foi bem animada, e Mia insiste em esticarmos nosso programa em uma boate. Neste exato instante ela está quieta, para variar um pouco,

absorvendo cada palavra dita por Ethan, que conversa com Christian. Mia está obviamente encantada por Ethan, e ele está... bem, é difícil dizer. Não sei se eles são apenas amigos ou se há algo mais ali.

Christian parece à vontade. Ele conversa animadamente com Ethan. É evidente que a tarde de pesca criou um elo entre os dois. A conversa gira principalmente em torno de psicologia. Por incrível que pareça, Christian parece o mais entendido. Ouço vagamente a conversa dos dois, e dou uma fungada triste ao perceber que o conhecimento demonstrado por Christian é resultado de sua experiência com tantos psicanalistas.

Você é a melhor terapia. Essas palavras, sussurradas por ele enquanto fazíamos amor certa vez, ecoam em minha mente. Será que sou mesmo? *Ah, Christian, espero que sim.*

Olho de relance para Kate. Ela está linda; como sempre, aliás. Ela e Elliot estão menos entusiasmados. Ele parece nervoso, suas piadas um pouco altas demais e sua risada, um pouco forçada. Será que eles brigaram? O que será que o está incomodando? Será aquela mulher? Meu coração se aperta quando penso que ele pode vir a magoar a minha melhor amiga. Olho para a entrada, meio que esperando ver Gia cruzando o restaurante em nossa direção, rebolando afetadamente seu traseiro elegante. Minha mente está me pregando peças; suspeito de que seja a quantidade de álcool que ingeri. Começo a sentir dor de cabeça.

De repente, Elliot nos pega de surpresa ao se levantar, empurrando a cadeira para trás ruidosamente pelo chão de cerâmica. Todos os olhos se voltam para ele, que fita Kate por um momento para depois se ajoelhar ao lado dela.

Ai. Meu. Deus.

Ele pega a mão dela, e o silêncio cai como um cobertor sobre o restaurante inteiro, todos parando de comer, parando de falar, parando de andar para olhar.

— Minha linda Kate, eu amo você. Sua graça, sua beleza e sua determinação são únicas, e você conquistou meu coração. Passe o resto da vida comigo. Case comigo.

Putá merda!

CAPÍTULO QUATORZE

O restaurante inteiro tem a atenção voltada para Kate e Elliot, todos respirando juntos, esperando. A ansiedade é insuportável. O silêncio se prolonga como um elástico tensionado ao máximo. A atmosfera está sufocante, cheia de apreensão e de esperança ao mesmo tempo.

Kate o encara sem expressão, enquanto ele a fita com olhos arregalados de ansiedade — de medo, até. *Droga, Kate! Acabe com a tortura do homem. Por favor.* Nossa... ele podia ter feito o pedido em particular.

Uma única lágrima desce pela face de Kate, que ainda assim permanece sem expressão alguma. Merda! Kate chorando? Então ela sorri, um sorriso incrédulo que se abre devagar, um sorriso que diz “Alcancei o Nirvana!”.

— Sim — sussurra ela, um sim doce e suspirante: nem um pouco a sua cara.

Por uma fração de segundo há uma pausa em que o restaurante inteiro exala um suspiro de alívio coletivo, e depois vem um barulho ensurdecedor. Aplausos espontâneos, vivas, assovios, gritaria, e de repente sinto as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, borrando minha maquiagem.

Alheios à comoção ao redor, Kate e Elliot estão em seu mundo particular. Elliot tira uma caixinha do bolso, abre-a e a oferece a Kate. Um anel. E, até onde consigo ver, um anel extremamente sofisticado — mas preciso olhar mais de perto. Então era isso que ele estava fazendo com Gia? Escolhendo o anel de noivado? *Merda!* Ah, estou feliz por não ter contado a Kate.

Kate olha primeiro para o anel e depois para Elliot, e então joga os braços em volta do pescoço dele. Eles se beijam, um beijo excepcionalmente recatado para os dois, e a multidão vai à loucura. Elliot se levanta e agradece a ovação com uma reverência

surpreendentemente graciosa; em seguida, munido de um sorriso que deixa transparecer um ar de imensa satisfação consigo mesmo, ele volta a se sentar. Não consigo parar de olhar para eles. Tirando o anel da caixinha, Elliot o desliza com delicadeza pelo dedo de Kate, e o casal se beija mais uma vez.

Christian aperta minha mão. Eu não havia percebido que estava agarrando a dele com tanta força. Solto-o, um pouco constrangida, e ele balança a mão, dizendo um “Ai” só com o movimento dos lábios.

— Desculpe. Você sabia disso? — sussurro.

Christian sorri, e percebo que sim. Ele chama o garçom.

— Duas garrafas de Cristal, por favor. Safra 2002, se tiver.

Lanço-lhe um sorriso enviesado.

— O que foi? — pergunta ele.

— Porque a safra de 2002 é muito melhor do que a de 2003 — provoco-o.

Ele ri.

— Para um paladar criterioso, sim.

— Você tem um paladar muito criterioso, Sr. Grey, e um gosto singular. — Sorrio.

— Isso eu tenho, Sra. Grey. — Ele se inclina para mais perto de mim. — Mas o seu sabor é ainda melhor — sussurra ele, e beija um ponto específico atrás da minha orelha, provocando pequenos arrepios pela minha espinha. Fico vermelha e relembro com verdadeiro prazer sua demonstração de como faltava pano ao meu vestido.

Mia é a primeira a abraçar Kate e Elliot, e, um de cada vez, todos nós damos os parabéns ao feliz casal. Puxo Kate para um abraço apertado.

— Viu? Ele só estava tenso com o pedido — sussurro.

— Ah, Ana. — Ela ri e chora ao mesmo tempo.

— Kate, estou tão feliz por você. Parabéns.

Christian está atrás de mim. Ele aperta a mão de Elliot e — para minha surpresa e do próprio Elliot — puxa o irmão para um abraço. Ouço vagamente o que ele diz:

— É isso aí, L Elliot.

Elliot não responde. Pela primeira vez na vida, o espanto o deixa sem palavras; depois, ele retribui afetosamente o abraço do irmão.

L Elliot?

— Obrigado, Christian — diz Elliot, emocionado.

Christian dá um abraço rápido em Kate, um tanto constrangido, mantendo uma distância de quase um braço. Sei que ele adota um posicionamento de tolerância em relação a ela, na melhor das hipóteses, e de ambivalência a maior parte do tempo; então, isso já é um progresso. Soltando-a, ele diz, tão baixo que só nós duas conseguimos ouvir:

— Espero que você seja tão feliz no seu casamento quanto eu sou no meu.

— Obrigada, Christian. Também espero — diz Kate polidamente.

O garçom retorna com o champanhe e abre a garrafa com um floreio comedido.

Christian ergue sua taça.

— A Kate e meu querido irmão, Elliot. Parabéns.

Todos damos um golinho na bebida; bem, eu tomo um golão. Hmm, o Cristal é delicioso, faz com que eu me lembre da primeira vez que tomei esse champanhe, no clube noturno de Christian, e também do nosso memorável percurso de elevador até o primeiro andar, mais tarde na mesma noite.

Christian me olha com o cenho franzido.

— Está pensando em quê? — sussurra ele.

— Na primeira vez em que eu tomei esse champanhe.

Sua expressão torna-se ainda mais inquisidora.

— Estávamos no seu clube — lembro-lhe.

Ele sorri.

— Ah, sim. Lembrei. — E pisca para mim.

— Elliot, já tem data? — pergunta Mia.

Elliot olha irritado para a irmã.

— Eu acabei de pedir a mão de Kate. Vamos manter você informada, está bem?

— Ah, marquem para o Natal. Seria tão romântico... Além do mais, vocês não esqueceriam a data do aniversário de casamento.

— Ela bate palmas, deliciada.

— Vou pensar no assunto. — E ele sorri, irônico.

— Depois do champanhe, podemos por favor ir dançar? — Virando-se para Christian, ela o fita com os olhos castanhos bem

abertos.

— Acho que é melhor perguntarmos a Elliot e Kate o que eles gostariam de fazer.

Todos nos voltamos ao mesmo tempo para eles, à espera de uma resposta. Elliot dá de ombros e Kate fica roxa. Seu desejo carnal pelo noivo é tão evidente que eu quase cuspo o champanhe de quatrocentos dólares na mesa toda.

* * *

A ZAX É A BOATE mais exclusiva de Aspen — ou pelo menos é o que Mia diz. Christian vai até o início da pequena fila abraçando minha cintura, e imediatamente o deixam entrar. Por um momento me pergunto se ele é o dono do lugar. Olho para o relógio — onze e meia da noite, e estou me sentindo tonta. As duas taças de champanhe e as diversas outras de Pouilly-Fumé que tomei durante o jantar estão começando a fazer efeito, e é um alívio ter o braço de Christian me segurando.

— Sr. Grey, bem-vindo novamente — cumprimenta uma loura muito bonita de pernas bem longas, vestida com um shortinho preto de cetim, uma blusa sem manga da mesma cor e uma pequena gravata-borboleta vermelha. Ela abre um sorriso largo, revelando dentes perfeitos entre lábios escarlate que combinam com a gravata.

— Max vai se encarregar dos casacos.

Um jovem todo de preto — mas sem cetim, felizmente — sorri ao se oferecer para pegar meu casaco. Seus olhos escuros são calorosos e convidativos. Sou a única de casaco no grupo — Christian insistiu em que eu pegasse o trench coat de Mia para cobrir as costas —, portanto Max só tem que se dirigir a mim.

— Belo casaco — diz ele, encarando-me intensamente.

Ao meu lado, Christian se eriça e lança para Max um olhar que diz “cai fora”. Ele fica vermelho e rapidamente entrega a Christian o número para recolher o casaco.

— Vou acompanhar vocês até a mesa.

A Srta. Shortinho Sexy de Cetim tremula os cílios para o meu marido, sacode o cabelão louro e entra na boate desfilando. Seguro

Christian ainda mais forte, e ele me olha interrogativamente por um momento. Depois, sorri com ironia enquanto seguimos a Srta. Shortinho Sexy de Cetim até a área do bar.

A iluminação ali é reduzida, as paredes pretas, e os móveis, vermelho-escuros. Há mesas ao longo de duas paredes, e um grande bar em forma de U no centro. Está cheio, levando-se em consideração que estamos fora de temporada, mas não lotado, e a frequência é composta por abastados de Aspen a fim de se divertir em um sábado à noite. As pessoas estão vestidas de maneira casual, e pela primeira vez na vida sinto que meu traje está um pouco demais... hmm, melhor dizendo, de menos. Não sei bem qual dos dois. O chão e as paredes vibram com a música que pulsa na pista de dança atrás do bar, e as luzes giram e piscam. Zonza como estou, chego a pensar que se trata de um pesadelo epilético.

Shortinho Sexy de Cetim nos leva até uma mesa em um canto isolado por uma corda. É perto do bar e dá acesso à pista de dança. Claramente, o melhor lugar da boate.

— Logo alguém virá anotar seus pedidos.

Ela nos dirige seu sorriso de dois mil megawatts e, com uma piscadela final para o meu marido, volta desfilando para o lugar de onde veio. Mia já está saltitando, doida para ir logo dançar, e Ethan decide acompanhá-la.

— Champanhe? — pergunta Christian quando eles estão quase indo para a pista de dança, de mãos dadas. Ethan ergue o polegar e Mia faz que sim com a cabeça entusiasmadamente.

Kate e Elliot se recostam no assento de veludo macio, as mãos entrelaçadas. Eles parecem extremamente felizes, suas feições suaves e radiantes sob o brilho das pequenas velas que tremulam nos castiçais de cristal dispostos sobre a mesa baixa. Christian, com um gesto, pede que eu me sente, e corro para perto de Kate. Ele ocupa um lugar ao meu lado e ansiosamente examina o ambiente à nossa volta.

— Quero ver seu anel — digo bem alto, por causa da música.

Vou sair daqui rouca. Kate sorri exultante e levanta a mão. O anel é primoroso, um solitário em uma garra finamente elaborada, e pequenos brilhantes de cada lado. Tem um estilo retrô vitoriano.

— É lindo.

Ela concorda, encantada, e, inclinando-se para a frente, aperta a coxa de Elliot. Ele se abaixa e a beija.

— Vão para um quarto! — grito.

Elliot sorri.

Uma jovem de cabelo escuro e curto vem anotar os nossos pedidos. Ela exibe um sorriso travesso e veste o mesmo shortinho sexy de cetim preto, que parece ser o uniforme da casa.

— O que vão querer beber? — pergunta Christian.

— Você não vai pagar a conta aqui também — reclama Elliot.

— Não comece com isso, Elliot — diz Christian calmamente.

Apesar da resistência de Kate, Elliot e Ethan, Christian pagou pelo jantar. Ele simplesmente ignorou as objeções de todos e não quis nem saber do dinheiro deles. Olho-o apaixonadamente. Meu Cinquenta Tons... sempre no controle.

Elliot abre a boca para dizer algo, mas, sabiamente, desiste.

— Vou querer uma cerveja — responde ele.

— Kate? — pergunta Christian.

— Mais champanhe, por favor. O Cristal é uma delícia. Mas é claro que o Ethan ia preferir uma cerveja.

Ela sorri toda meiga — *sim, meiga* — para Christian. Kate não cabe em si de tanta felicidade. Sinto a alegria irradiar dela, e é um prazer estar aqui para testemunhar esse momento.

— Ana?

— Champanhe, por favor.

— Uma garrafa de Cristal, três de Peroni e uma de água mineral gelada, seis copos — exige ele, no seu modo direto e autoritário de costume.

Até que isso é sexy.

— Obrigada, senhor. Eu já trago.

A Srta. Shortinho Sexy Número Dois abre um sorriso gracioso para Christian, mas o poupa do piscar de olhos, ainda que suas faces estejam um pouco vermelhas.

Balanço a cabeça, resignada. *Ele é meu, querida.*

— O que foi? — pergunta ele.

— Ela não ficou fazendo charme para você. — Dou um sorriso enviezado.

— Ah. E deveria? — Ele não consegue esconder que está achando graça.

— É costume entre as mulheres. — Meu tom é irônico.

Ele sorri.

— Sra. Grey, está com ciúmes?

— Nem um pouco.

Faço um beicinho. E neste momento percebo que estou começando a tolerar as mulheres devorando meu marido com os olhos. Quase. Christian pega minha mão e beija os nós dos meus dedos.

— Você não tem motivo nenhum para sentir ciúmes, Sra. Grey — murmura ele ao meu ouvido, sua respiração me fazendo cócegas.

— Eu sei.

— Ótimo.

A garçonete retorna, e logo me vejo bebendo mais uma taça de champanhe.

— Aqui. — Christian me oferece um copo d'água. — Beba isto.

Franzo o cenho e vejo-o, mais do que ouço, suspirar.

— Três taças de vinho branco no jantar e duas de champanhe depois de um daiquiri de morango e duas taças de Frascati no almoço. Beba. Agora, Ana.

Como Christian sabe dos drinques da tarde? Faço uma careta para meu marido, mas realmente ele tem razão. Pego o copo d'água e engulo tudo de uma vez, de uma maneira nada feminina, como protesto por ter que obedecê-lo... de novo. Enxugo a boca com as costas da mão.

— Boa menina — diz ele, com um sorriso irônico. — Você já vomitou em cima de mim uma vez. Não quero repetir a experiência tão cedo.

— Não sei do que está reclamando. Você acabou dormindo comigo.

Ele sorri, e seu olhar se ameniza.

— É verdade.

Ethan e Mia voltam.

— Ethan cansou, por enquanto. Venham, garotas. Vamos incendiar a pista. Precisamos queimar as calorias da musse de

chocolate.

Kate se levanta imediatamente.

— Você vem? — pergunta ela a Elliot.

— Prefiro ficar olhando você — diz ele. E sou obrigada a virar para o outro lado rapidamente, corando diante do olhar que ele lança para Kate. Ela sorri quando eu me levanto.

— Vou queimar algumas calorias — digo, e, me curvando, sussurro no ouvido de Christian: — Você pode me olhar.

— Não se abaixe assim — rosna ele.

— Tudo bem.

Levanto-me bruscamente. Uau! Minha cabeça roda, e eu agarro o ombro de Christian, o lugar girando e balançando um pouco.

— Talvez você deva beber um pouco mais de água — murmura ele, com um claro tom de advertência na voz.

— Eu estou bem. Essas cadeiras é que são baixas, e o meu sapato é alto.

Kate me pega pela mão; inspirando profundamente, sigo Kate e Mia, em perfeito equilíbrio, até a pista de dança.

A música está pulsando, um ritmo tecno com batidas graves. A pista não está lotada, o que significa que temos algum espaço. É uma mistura eclética de gente — tanto jovens quanto um pessoal mais velho se acabando na noite. Eu nunca soube dançar muito bem. Na verdade, só fui começar depois que conheci Christian. Kate me abraça.

— Estou tão feliz — grita ela, mais alto que a música, e começa a dançar.

Mia está fazendo o que costuma fazer, sorrindo para nós duas e se movimentando para todo lado. Nossa, ela está tomando muito espaço. Dou uma olhadela para a mesa. Nossos homens estão nos observando. Começo a me mexer. O ritmo é pulsante. Fecho os olhos e me entrego à batida.

Ao abrir os olhos novamente, vejo a pista de dança se enchendo. Kate, Mia e eu somos forçadas a ficar mais próximas. E, para minha surpresa, percebo que estou realmente me divertindo. Começo a me mexer um pouco mais... com coragem. Kate ergue os dois polegares para mim, e eu sorrio alegre para ela.

Fecho os olhos. Por que foi que eu passei os primeiros vinte anos da minha vida sem fazer isso? Preferi ler a dançar. *Na época de Jane Austen não tinha músicas assim tão animadas para fazê-la se sacudir, e Thomas Hardy... Ih, ele morreria de culpa por não estar dançando com a primeira esposa.* Dou uma risada quando penso isso.

Foi Christian. Ele fez com que eu me sentisse segura a respeito do meu corpo e de como movimentá-lo.

De repente, duas mãos estão na minha cintura. Sorrio. Christian veio dançar comigo. Eu me movimento, e suas mãos descem para apertar minha bunda, retornando depois para a minha cintura.

Abro os olhos. E Mia está me encarando horrorizada. *Merda... Estou me saindo tão mal assim?* Pego nas mãos de Christian. Estão cabeludas. *Putá que pariu!* Não são dele. Giro o corpo e vejo um gigante louro, com mais dentes do que o natural e sorrindo abertamente para exibí-los.

— Tire as mãos de mim! — berro, mais alto do que a música pulsante; estou apoplética de raiva.

— Que isso, doçura, só estamos nos divertindo.

Ele sorri, levantando as mãos de macaco, os olhos azuis brilhando sob as luzes ultravioleta pulsantes.

Antes de me dar conta do que estou fazendo, dou um tapa forte no seu rosto.

Ai! Merda... Minha mão. Está ardendo.

— Saia de perto de mim! — grito.

Ele me encara, apalpando a face vermelha. Estico minha mão ilesa na frente do seu rosto, abrindo bem os dedos para mostrar a aliança.

— Eu sou casada, seu babaca!

Ele dá de ombros, um tanto arrogante, e abre um sorriso frouxo de desculpas.

Olho ao redor freneticamente. Mia, à minha direita, encara com raiva o Gigante Louro. Kate está entretida nos seus passos de dança. Não vejo Christian à mesa. *Espero que ele tenha ido ao banheiro.* Dou um passo para trás e encosto em alguém cujo corpo eu conheço muito bem. *Ah, merda.* Christian passa o braço pela minha cintura e me puxa para o lado.

— Tire as mãos de cima da minha mulher, seu filho da puta. — Ele não está gritando, mas de alguma maneira ouve-se sua voz acima da música.

Putá merda!

— Ela sabe se cuidar sozinha — grita o Gigante Louro.

Ele então tira a mão do rosto, de onde o acertei, e Christian o atinge. É como se eu estivesse assistindo a tudo em câmera lenta. Um soco no queixo perfeitamente calculado, movendo-se a tamanha velocidade, mas com tão pouco dispêndio de energia, que o Gigante Louro só percebe quando é atingido. Ele desaba no chão como o desprezível monte de lixo que é.

Putá que pariu.

— Christian, não! — exclamo, em pânico, e me coloco na sua frente para contê-lo. Merda, ele vai matar o cara. — Eu já dei um tapa nele — berro, mais alto que a música.

Christian parece não me ver. Ele está encarando o gigante com uma crueldade que eu nunca vi antes nos seus olhos. Bem, talvez uma vez, antes de Jack Hyde dar em cima de mim.

As outras pessoas na pista se afastam como uma onda concêntrica num lago, abrindo espaço à nossa volta e mantendo uma distância segura. O Gigante Louro se levanta com dificuldade no momento em que Elliot se junta a nós.

Ah, não! Kate está comigo, olhando embasbacada para todos nós, e Elliot agarra o braço de Christian. Nessa hora, Ethan também aparece.

— Pega leve, cara. Não fiz por mal.

O Gigante Louro levanta as mãos admitindo a derrota e batendo rapidamente em retirada. Christian o segue com os olhos para longe dali. Ele não olha para mim.

A música muda, a letra explícita de “Sexy Bitch” dando lugar a um tecno pulsante cantado por uma mulher com voz apaixonada. Elliot olha para mim, depois para Christian e, soltando o irmão, puxa Kate para dançar. Coloco os braços em torno do pescoço de Christian, até que ele finalmente faz contato visual comigo, os olhos ainda em chamas — primitivos e ferozes. Um vislumbre de um adolescente brigão. *Putá merda.*

Ele examina meu rosto.

— Você está bem? — pergunta, finalmente.

— Estou.

Esfrego a palma da mão, tentando aliviar a ardência, e encosto ambas as mãos no peito dele — uma delas latejando. Eu nunca havia batido em ninguém antes. O que foi que me deu? Tocar em mim não era o pior crime contra a humanidade. Ou era?

No entanto, bem no fundo, sei por que bati no Gigante Louro: porque, instintivamente, eu sabia como Christian reagiria ao ver um estranho dando em cima de mim. Eu sabia que ele perderia seu precioso autocontrole. E só de pensar que um idiota insignificante pode tirar do sério meu marido, meu amor, fico irritada. Extremamente irritada.

— Quer se sentar? — pergunta Christian, um tom de voz mais alto do que a música pulsante.

Ah, volte para mim, por favor.

— Não. Dance comigo.

Ele me fita de modo impassível, sem dizer nada.

Toque em mim... a mulher canta.

— Dance comigo. — Ele ainda está bravo. — Dance. Christian, por favor.

Pego suas mãos. Christian olha ao redor, com raiva, à procura do rapaz, mas começo a me mexer em torno dele, entrelaçando-me em seu corpo.

A massa de gente voltou a nos rodear, apesar de haver agora uma zona de exclusão de cerca de meio metro à nossa volta.

— Você bateu nele? — pergunta Christian, mantendo-se imóvel. Pego suas mãos, ainda fechadas.

— Claro que sim. Pensei que fosse você, mas as mãos dele eram mais cabeludas. Por favor, dance comigo.

Enquanto Christian me fita, a chama em seus olhos muda devagar, evoluindo para outro sentimento, algo mais escuro, mais sensual. De repente, ele me agarra pelos pulsos e me puxa vigorosamente para si, segurando minhas mãos às minhas costas.

— Você quer dançar? Então vamos dançar — diz ele junto ao meu ouvido, e, quando começa a balançar o quadril ao meu redor e contra meu corpo, suas mãos segurando as minhas para trás, não consigo fazer outra coisa a não ser acompanhá-lo.

Ah... Christian sabe mexer o corpo, realmente sabe. Ele me mantém junto de si, sem me soltar; gradativamente, porém, suas mãos relaxam, libertando-me. Minhas mãos movem-se lentamente para a frente, subindo pelos braços dele, sentindo os feixes de músculos sob o casaco, chegando até os ombros. Ele me pressiona contra seu corpo e eu sigo seus movimentos — dançamos lentamente, sensualmente, acompanhando a batida pulsante da música eletrônica.

No momento em que Christian pega minha mão e me gira, primeiro para um lado e depois para o outro, sei que ele voltou para mim. Sorrio. Ele sorri.

Dançamos juntos, e é libertador — divertido. Sua raiva foi esquecida, ou suprimida, e ele me rodopia à sua volta, com total habilidade, no nosso pequeno espaço na pista, sem nunca me soltar. Com ele, torno-me graciosa, esse é o seu dom. Ele me torna sensual, porque é isso o que ele é. E me faz sentir amada, porque, apesar dos seus cinquenta tons, Christian tem muito amor para dar. Observando-o agora, vendo-o se divertir, eu compreenderia se alguém pensasse que ele não se importa com nada no mundo. Sei que seu amor é turvado por questões de controle e superproteção, mas isso não faz com que eu o ame menos.

Estou sem fôlego quando outra música começa.

— Podemos nos sentar? — pergunto, ofegante.

— Claro. — E juntos saímos da pista.

— Você me deixou suada e quente — sussurro ao voltarmos para a mesa.

Ele me puxa para seus braços.

— Eu gosto de você suada e quente. Embora prefira deixar você assim quando estamos a sós — murmura ele, e um sorriso lascivo surge em seu rosto.

Quando me sento, é como se o incidente na pista de dança nunca tivesse acontecido. Estou até um pouco surpresa de não terem nos expulsado daqui. Dou uma olhada em volta. Não tem ninguém nos observando, e não vejo mais o Gigante Louro. Talvez tenha ido embora, ou talvez ele é que tenha sido expulso. Kate e Elliot dançam de forma indecente na pista; Ethan e Mia estão mais comportados. Tomo outro gole de champanhe.

— Aqui.

Christian coloca outro copo d'água na minha frente e me fita com atenção. Sua expressão é de expectativa: *Beba. Beba agora.*

Faço o que ele manda. Além disso, estou com sede.

Ele pega uma garrafa de Peroni do balde de gelo que há na mesa e toma um longo gole.

— E se a imprensa estivesse aqui? — pergunto.

Christian sabe exatamente que estou me referindo ao fato de ele ter socado o Gigante Louro.

— Eu tenho advogados caros — responde ele friamente, a arrogância em pessoa.

Olho para ele de cenho franzido.

— Mas você não está acima da lei, Christian. Eu tinha a situação sob controle.

Seus olhos ficam gelados.

— Ninguém toca no que é meu — diz ele, com fria determinação, como se eu estivesse ignorando o óbvio.

Ah... Tomo mais um gole de champanhe. De repente me sinto sufocada. A música está alta, martelando na minha cabeça, que dói tanto quanto meus pés; além disso, estou tonta.

Christian pega minha mão.

— Venha, vamos embora. Quero levar você para casa — diz ele.

Kate e Elliot aparecem.

— Vocês estão indo? — pergunta ela, ansiando por uma resposta afirmativa.

— Sim — responde Christian.

— Ótimo, vamos com vocês.

* * *

ENQUANTO ESPERAMOS CHRISTIAN pegar o meu casaco, Kate me interroga:

— O que houve com aquele cara na pista?

— Ele estava passando a mão em mim.

— Eu abri os olhos e você tinha dado um tapa nele.

Dou de ombros.

— Bem, eu sabia que o Christian viraria uma usina termonuclear, e isso poderia arruinar a sua noite.

Ainda estou processando como me sinto em relação ao comportamento de Christian. Na hora, tive medo de que ele fizesse coisa ainda pior.

— Nossa noite — corrige Kate. — Ele é bem esquentado, hein? — acrescenta ela secamente, observando Christian apanhar o meu casaco.

Solto um suspiro e sorrio.

— Pode-se dizer que sim.

— Acho que você consegue controlá-lo bem.

— Controlar?

Franzo a testa. Será que eu *controlo* Christian?

— Aqui está — diz ele, segurando meu casaco aberto para que eu o vista.

* * *

— ACORDE, ANA.

Christian está me sacudindo delicadamente. Já chegamos em casa. Abro os olhos relutante e cambaleio para fora da minivan. Kate e Elliot desapareceram e Taylor espera pacientemente ao lado do veículo.

— Vou ter que carregar você? — pergunta Christian.

Balanço a cabeça em negativa.

— Vou buscar a Srta. Grey e o Sr. Kavanagh — avisa Taylor.

Christian concorda com um gesto de cabeça e depois me guia até a porta de casa. Meus pés estão latejando e eu o sigo cambaleante. Chegando à porta, ele se abaixa, pega meu tornozelo e arranca gentilmente meus sapatos, primeiro um, depois o outro. *Ah, que alívio.* Ele então se levanta e me olha, segurando meus Manolos.

— Melhor? — pergunta, achando graça.

Faço um gesto afirmativo com a cabeça.

— Tive visões deliciosas desses sapatos atrás das minhas orelhas — murmura ele, olhando para os meus sapatos pensativamente. Até que ele balança a cabeça e, pegando minha

mão mais uma vez, me guia pela casa escura, e subimos a escada para o nosso quarto.

— Você está destruída, não está? — pergunta ele suavemente, fitando-me.

Admito que sim. Ele começa a abrir o cinto do meu trench coat.

— Eu faço isso — balbucio, em uma débil tentativa de afastá-lo.

— Deixa comigo.

Suspiro. Eu não tinha ideia de que estava tão cansada.

— É a altitude. Você não está acostumada. E o álcool, claro.

Com um sorriso irônico, ele tira meu casaco e o joga em uma das cadeiras do quarto. Depois, pegando minha mão, me leva ao banheiro. *Por que estamos indo para lá?*

— Sente-se — ordena ele.

Eu me sento na cadeira e fecho os olhos. Ouço quando ele mexe em alguns frascos no armário do banheiro. Estou cansada demais para abrir os olhos e descobrir o que ele está fazendo. Um instante depois, ele inclina minha cabeça para trás com delicadeza, e eu abro os olhos, surpresa.

— Olhos fechados — diz Christian.

Puxa vida, ele está segurando um chumaço de algodão! Gentilmente, ele o esfrega no meu olho direito. Permaneço sentada, perplexa, enquanto ele metodicamente remove a minha maquiagem.

— Ah. Aí está a mulher com quem eu me casei — diz ele após algumas esfregadelas.

— Não gosta de maquiagem?

— Gosto bastante, mas prefiro o que está por baixo dela. — Ele beija a minha testa. — Aqui. Pegue isso. — Ele coloca um Advil na palma da minha mão e me entrega um copo d'água.

Vejo o que é e faço um beicinho.

— Tome — ordena ele.

Reviro os olhos, mas obedeco.

— Ótimo. Você precisa de um momento sozinha? — pergunta ele, sarcasticamente.

Solto um resmungo de desaprovação.

— Tão recatado, Sr. Grey. Sim, eu preciso fazer xixi.

Ele ri.

— Quer que eu saia?

Dou uma risada.

— Você quer ficar?

Ele joga a cabeça para o lado, uma expressão bem-humorada no rosto.

— Você é um filho da puta de um pervertido. Fora. Não quero que você fique me vendo fazer xixi. Assim já é demais.

Eu me levanto e o expulso do banheiro.

* * *

QUANDO SAIO DO banheiro, ele já vestiu a calça do pijama. Hmm... Christian de pijama. Hipnotizada, contemplo seu abdômen, seus músculos, os pelos abaixo da cintura. A visão me perturba. Ele vem até mim.

— Admirando a vista? — pergunta ele, maliciosamente.

— Sempre.

— Acho que você está um pouco bêbada, Sra. Grey.

— Acho que, pela primeira vez, vou ter que concordar com você, Sr. Grey.

— Deixe que eu a ajudo a tirar o pouco pano que esse vestido tem. Realmente deveria vir com uma advertência de risco para a saúde. — Ele me vira e abre o único botão no pescoço.

— Você ficou tão zangado — murmuro.

— Fiquei, sim.

— Comigo?

— Não. Não com você. — Ele beija meu ombro. — Não dessa vez.

Sorrio. *Não comigo*. Isso é um progresso.

— Uma boa mudança.

— Sim. É mesmo.

Ele beija meu outro ombro e depois puxa o vestido, fazendo-o descer pelas minhas costas e cair no chão. Tira minha calcinha ao mesmo tempo, deixando-me nua. Ele pega a minha mão.

— Dê um passo — ordena, e eu piso para fora do vestido, equilibrando-me com a ajuda de sua mão.

Ele se levanta e joga meu vestido e minha calcinha na cadeira, junto com o trench coat de Mia.

— Levante os braços — exige ele suavemente.

Christian passa uma camiseta sua pela minha cabeça e a puxa para baixo, cobrindo-me. Estou pronta para ir deitar.

Ele me puxa para seus braços e me beija, meu hálito de menta misturando-se com o dele.

— Eu adoraria trepar com você, Sra. Grey, mas você bebeu demais, além de estar a quase dois mil e quinhentos metros de altitude e de não ter dormido bem a noite passada. Venha. Deite-se.

Christian puxa o edredom e eu me deito. Ele então me cobre e beija minha testa mais uma vez.

— Feche os olhos. Quando eu voltar para a cama, espero que já esteja dormindo. — É uma ameaça, uma ordem... é Christian.

— Não vá — suplico.

— Preciso dar alguns telefonemas, Ana.

— Hoje é sábado. Está tarde. Por favor.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Ana, se eu me deitar nessa cama agora, você não vai descansar nada. Durma.

Ele está inflexível. Fecho os olhos, e seus lábios roçam minha testa mais uma vez.

— Boa noite, baby — sussurra ele.

Imagens do dia passam em flashes pela minha mente... Christian me carregando no ombro dentro do avião. Sua preocupação, imaginando se eu iria ou não gostar da casa. Fazendo amor à tarde. O banho. A reação dele ao meu vestido. A briga com o Gigante Louro — a palma da minha mão formiga com a lembrança. E então Christian me colocando na cama.

Quem diria? Abro um largo sorriso, a palavra *progresso* passeando pelo meu cérebro à medida que minha mente cai no sono.

CAPÍTULO QUINZE

Estou com muito calor. Christian está me esquentando. Sua cabeça está no meu ombro e ele respira suavemente em meu pescoço enquanto dorme, as pernas entrelaçadas nas minhas, o braço cobrindo minha cintura. Permaneço no limite da consciência, ciente de que, se eu despertar totalmente, vou acordá-lo também, e ele nunca dorme o suficiente. Minha mente passeia de forma enevoadada pelos eventos de ontem à noite. Eu bebi demais — nossa, como eu bebi. Estou admirada que Christian tenha deixado. Sorrio ao me lembrar de como ele me colocou na cama. Foi meigo, muito meigo, e inesperado também. Faço um rápido inventário mental de como estou me sentindo. Estômago? Bom. Cabeça? Surpreendentemente boa, mas anuviada. A palma da minha mão ainda está vermelha por causa dos acontecimentos da noite anterior. Nossa. Sem mais nem menos, penso nas palmas das mãos de Christian quando ele me bateu. Eu me contorço, e ele acorda.

— O que houve? — Seus sonolentos olhos cinza procuram os meus.

— Nada. Bom dia.

Passo os dedos da minha mão que não está vermelha pelo seu cabelo.

— Sra. Grey, está linda de manhã — diz ele, beijando meu rosto, e eu fico toda radiante.

— Obrigada por cuidar de mim ontem à noite.

— Eu gosto de cuidar de você. É o que eu gosto de fazer — diz ele baixinho, mas seus olhos o traem, o triunfo brilhando no fundo cinza. É como se ele tivesse ganhado o prêmio máximo do Super Bowl.

Ah, meu Cinquenta Tons.

— Você me faz sentir querida.

— Porque você é querida — murmura ele, e meu coração se derrete.

Ele agarra minha mão, mas, quando estremeço, me solta imediatamente, alarmado.

— Foi o soco? — pergunta ele.

Seus olhos tornam-se frios ao examinar os meus, sua voz tomada por uma raiva súbita.

— Eu dei um tapa nele. Não um soco.

— Aquele filho da mãe!

Achei que já tivéssemos encerrado esse assunto ontem à noite.

— Não consigo suportar que ele tenha tocado em você.

— Ele não me machucou, só foi inconveniente. Christian, eu estou bem. Minha mão está um pouco vermelha, só isso. Você sabe como é, não sabe? — Sorrio com malícia, e sua expressão muda, demonstrando uma surpresa bem-humorada.

— Ora, Sra. Grey, estou muito familiarizado com essa sensação.

— Ele franze os lábios, achando graça. — E poderia voltar a senti-la neste exato minuto, se você desejasse.

— Ah, contenha-se, Sr. Grey.

Afago seu rosto com a mão dolorida, acariciando sua costeleta com os dedos. Puxo os cabelinhos com carinho. Isso o distrai, e ele pega meu pulso para dar um beijo terno na palma da minha mão. Milagrosamente, a dor desaparece.

— Por que você não me disse ontem à noite que estava doendo?

— Hmm... Eu quase não estava sentindo ontem à noite. Mas já está melhor agora.

Seus olhos se suavizam, e sua boca se contorce.

— Como está se sentindo?

— Melhor do que mereço.

— Você tem uma bela direita, Sra. Grey.

— É melhor se lembrar disso, Sr. Grey.

— Ah, é?

Ele rola de repente, ficando inteiramente em cima de mim, pressionando-me no colchão, segurando meus pulsos acima da minha cabeça. E me olha.

— Eu poderia lutar com você a qualquer hora, Sra. Grey. Na verdade, subjugar você na cama é uma das minhas fantasias. — Ele beija meu pescoço.

O quê?

— Achei que você me subjugasse o tempo todo. — Dou um gemido quando ele mordisca o lóbulo da minha orelha.

— Hmm... mas eu queria sentir alguma resistência — murmura ele, passando o nariz pelo contorno do meu maxilar.

Resistência? Fico imóvel. Ele para, soltando minhas mãos, e se apoia nos cotovelos.

— Quer que eu lute com você? Aqui? — sussurro, tentando conter a surpresa. Tudo bem: o choque. Ele admite que sim, os olhos velados mas cautelosos, avaliando minha reação.

— Agora?

Ele dá de ombros, e eu vejo a ideia passar rapidamente pela sua cabeça. Ele abre um sorriso tímido e admite de novo, devagar.

Ai, meu Deus... Ele está tenso, deitado em cima de mim, e sua ereção crescente encontra de maneira tentadora minha pele macia e desejosa, distraíndo-me. O que será isso? Briga? Fantasia? Será que ele vai me machucar? Minha deusa interior balança a cabeça — *Jamais.*

— Era isso que você queria dizer quando falou sobre vir para a cama zangado?

Ele admite mais uma vez, os olhos ainda cautelosos.

Hmm... meu Cinquenta Tons quer lutar.

— Não morda o lábio — avisa ele.

Eu solto o lábio, obediente.

— Acho que estou em desvantagem, Sr. Grey.

Bato os cílios, fazendo charme, e me contorço provocantemente embaixo dele. Isso pode ser divertido.

— Desvantagem?

— Você já me colocou na posição em que quer, não?

Ele sorri maliciosamente, e pressiona a virilha contra a minha mais uma vez.

— Bom argumento, Sra. Grey — sussurra, e me dá um beijo rápido na boca.

Então, abruptamente, muda de posição, levando-me junto, até que estou montada nele. Pego suas mãos, segurando-as junto à sua cabeça. Minha mão machucada protesta, mas ignoro a dor. Meu cabelo cai como um véu castanho à nossa volta, e mexo a cabeça de forma a fazer cócegas no rosto dele com as pontas dos fios. Ele vira a cabeça, esquivando-se, mas não tenta me impedir.

— Então quer dizer que você quer uma brincadeira bruta? — pergunto, esfregando minha virilha na dele.

Ele entreabre a boca e inspira forte.

— Quero — sussurra, e eu o solto.

— Espere.

Alcanço o copo d'água ao lado da cama. Deve ter sido Christian que o deixou ali. A água está fresca e ainda tem gás — fresca demais para estar ali há muito tempo —, e me pergunto a que horas ele veio para a cama.

Enquanto tomo um longo gole, Christian vai desenhando pequenos círculos com os dedos ao longo das minhas coxas, fazendo minha pele formigar, depois agarra e aperta minha bunda exposta. Hmm.

Inspirando-me em seu incrível repertório, inclino-me para a frente e o beijo, despejando água gelada dentro de sua boca.

Ele bebe.

— Muito gostoso, Sra. Grey — murmura ele, abrindo um sorriso infantil e divertido.

Depois de colocar o copo de volta na mesa de cabeceira, tiro suas mãos da minha bunda e as seguro junto à sua cabeça mais uma vez.

— Então eu devo mostrar resistência? — Sorrio maliciosamente.

— Isso mesmo.

— Não sou muito boa atriz.

— Tente. — Ele sorri.

Inclino-me para baixo e dou-lhe um beijo casto.

— Tudo bem, vou tentar — sussurro, passando os dentes no queixo dele, sentindo sua barba por fazer me arranhando.

Christian produz um som baixo e sensual na garganta e se mexe, jogando-me na cama ao seu lado. Solto um grito de surpresa, e logo ele está sobre mim, e começo a me debater, mas ele agarra

minhas mãos. Seguro seu peito com violência e o empurro com todas as minhas forças, tentando tirá-lo de cima de mim, enquanto, com o joelho, ele tenta abrir minhas pernas.

Continuo empurrando seu peito — *Caramba, que homem pesado* —, mas ele não recua nem se imobiliza, como teria feito antes. *Ele está gostando!* Christian tenta agarrar meus pulsos, e finalmente pega um deles, apesar das minhas corajosas tentativas de soltá-lo. É minha mão machucada, então não tenho como resistir, mas agarro o cabelo dele com a outra mão e puxo com força.

— Ai!

Ele consegue soltar a cabeça e me encara com o olhar feroz e libidinoso.

— Selvagem — balbucia ele, sua voz cheia de um deleite lascivo.

Em resposta a apenas essa única palavra sussurrada, minha libido explode, e eu paro de atuar. Mais uma vez luto em vão para soltar minha mão da dele. Ao mesmo tempo, tento cruzar os tornozelos para conter sua investida. Mas ele é muito pesado. *Ah!* É frustrante e excitante.

Com um gemido, Christian captura minha outra mão. Segurando meus dois pulsos com a mão esquerda, ele faz a direita viajar vagorosamente — de maneira quase insolente — pelo meu corpo, apalpando e acariciando por onde passa, beliscando meu mamilo no caminho.

Uivo em resposta, o prazer produzindo fisgadas curtas, agudas e quentes do meu mamilo até a virilha. Faço outra tentativa vã de afastá-lo, mas ele está todo *em cima de mim*.

Quando ele tenta me beijar, jogo a cabeça para o lado a fim de impedi-lo. Prontamente, sua mão insolente larga a barra da minha camiseta para subir até o meu queixo, segurando-me enquanto ele passa os dentes pelo meu maxilar, numa referência ao que eu lhe fiz antes.

— Ah, baby, resista — murmura ele.

Eu giro e torço o corpo, tentando me libertar da sua prisão impiedosa, mas é inútil. Ele é muito mais forte do que eu. Christian está mordendo de leve meu lábio inferior, e sua língua tenta invadir minha boca. Então percebo que não quero resistir. Eu o desejo —

agora, mais do que nunca. Paro de resistir e, fervorosamente, retribuo seu beijo. Não ligo se não escovei os dentes. Não ligo para o jogo que deveríamos estar jogando. O desejo, quente e intenso, flui pela minha corrente sanguínea, e eu me entrego. Descruzando os tornozelos, abraço seu quadril com minhas pernas e, com os calcanhares, desço seu pijama.

— Ana — sussurra ele, e me beija em todos os lugares.

E então não estamos mais lutando, somos só mãos e línguas e tato e gosto, em movimentos rápidos e urgentes.

— Pele — murmura ele com a voz rouca, a respiração ofegante. E, me puxando para cima, tira minha camiseta com um único e preciso movimento.

— Você — sussurro ao me sentar na cama, porque é a única coisa que me vem à cabeça.

Agarro seu pijama e o puxo para baixo com violência, libertando sua ereção. Pego-o e o aperto. Ele está duro. Christian inspira com força, o ar assobiando ao passar por entre seus dentes, e eu me deleito diante de sua resposta.

— Foder — murmura ele.

Christian inclina o corpo para trás, levantando minhas coxas e me jogando na cama, enquanto eu o puxo e o aperto mais forte, subindo e descendo a mão pela sua ereção. Sentindo uma gota de umidade na ponta, desenho um redemoinho com o polegar. Quando ele me deita no colchão, eu levo o polegar à boca para sentir seu gosto, e suas mãos viajam pelo meu corpo, acariciando meu quadril, minha barriga, meus seios.

— É bom? — pergunta ele, em cima de mim e com o torso erguido, os olhos em chamas.

— Sim. Prove.

Enfio o polegar na sua boca; ele chupa e morde meu dedo. Dou um gemido, seguro sua cabeça e o puxo para mim, para poder beijá-lo. Envolvendo-o com minhas pernas, tiro de vez seu pijama com os pés e então subo nele, mantendo as pernas em volta da sua cintura. Seus lábios percorrem o contorno do meu rosto, mordiscando de leve.

— Você é tão linda. — Ele enterra a cabeça na base do meu pescoço. — Que pele linda. — Sua respiração é suave à medida

que seus lábios deslizam para os meus seios.

O quê? Estou ofegante, confusa — ávida, e agora em compasso de espera. Achei que seria rápido.

— Christian. — Ouço o sutil apelo na minha voz e me inclino para baixo, enterrando as mãos no seu cabelo.

— Quieta — sussurra ele, e circula meu mamilo com a língua antes de colocá-lo na boca e sugar com força.

— Ah!

Eu gemo e me contorço, erguendo a pélvis para provocá-lo. Ele sorri encostado à minha pele e volta a atenção para meu outro seio.

— Ansiosa, Sra. Grey? — Ele então suga com força meu mamilo. Agarro seu cabelo. Ele geme e ergue o olhar. — Vou fazer você parar — ameaça ele.

— Me possua — imploro.

— Tudo a seu tempo — murmura ele, com a boca ainda grudada na minha pele.

Sua mão viaja com uma velocidade irritantemente lenta para o meu quadril enquanto ele reverencia meu mamilo com a boca. Solto um gemido alto, a respiração curta e rápida, e tento mais uma vez guiá-lo para dentro de mim, erguendo meu corpo ao encontro do dele. Ele já está duro, pronto e perto do clímax, mas demora o quanto pode comigo.

Foda-se. Eu me debato e torço o corpo, determinada a afastá-lo de mim de novo.

— Mas o que...

Agarrando minhas mãos, Christian as segura contra a cama, meus braços bem abertos, e joga todo o peso do corpo sobre mim, dominando-me completamente. Estou sem fôlego, descontrolada.

— Você queria resistência — digo, ofegante.

Christian ergue o torso, ainda em cima de mim, e me encara, suas mãos sem soltar meus pulsos. Posiciono meus calcanhares embaixo de sua bunda e o puxo para mim. Mas ele nem se mexe. *Argh!*

— Não quer uma brincadeira mais leve? — pergunta ele, maravilhado, os olhos brilhando de excitação.

— Só quero que você faça amor comigo, Christian.

Ele poderia ser mais complicado? Primeiro estamos brigando e lutando, depois ele fica todo terno e doce. Isso me confunde. Estou na cama com o Sr. Inconstante.

— Por favor.

Forço os calcanhares na bunda dele mais uma vez. Olhos cinzentos em chamas procuram os meus. *Ah, o que será que ele está pensando?* Ele parece momentaneamente perplexo e confuso. Solta as minhas mãos e se senta sobre os calcanhares, puxando-me para o seu colo.

— Tudo bem, Sra. Grey, vamos fazer do seu jeito.

Ele então me levanta e me coloca sobre si, de maneira que eu fico montada nele.

— Ah!

É isso. É isso o que eu quero. É disso que eu preciso. Abraçando o pescoço dele, enfio os dedos no seu cabelo, exaltando-me na sensação de tê-lo dentro de mim. Começo a me movimentar. O controle agora é meu e eu o guio no meu ritmo, na minha velocidade. Ele geme, sua boca encontra a minha, e nos perdemos.

* * *

PASSO OS DEDOS nos pelos do peito de Christian. Ele está deitado de costas, imóvel e quieto ao meu lado, enquanto nós dois recuperamos o fôlego. Sua mão afaga ritmadamente minhas costas.

— Você está tão calado — sussurro, e beijo seu ombro. Ele se vira e me olha, mas sua expressão não revela nada. — Foi divertido.

Merda, tem alguma coisa errada?

— Você me deixa confuso, Ana.

— Confuso?

Ele muda de posição para que fiquemos cara a cara.

— É. Você. Dando as cartas. É... diferente.

— Diferente bom ou diferente ruim?

Passo um dedo pelos seus lábios. Ele franze a testa, como se não entendesse bem a pergunta. Absorto, beija meu dedo.

— Diferente bom — diz, mas não soa convincente.

— Você nunca cedeu a essa fantasia antes?

Fico corada ao fazer a pergunta. Eu realmente quero saber mais sobre a vida sexual colorida... hmm, caleidoscópica do meu marido antes de mim? Meu inconsciente me olha com cautela por trás dos óculos de leitura de armação de tartaruga. *Você quer realmente mexer nisso?*

— Não, Anastasia. Você pode me tocar.

É uma explicação simples mas que diz muito. Claro, as outras quinze não podiam.

— A Mrs. Robinson podia tocar em você. — Murmuro essas palavras antes que meu cérebro registre o que eu disse. *Merda. Por que eu a mencionei?*

Ele fica estático. Seus olhos se arregalam, assumindo uma expressão de “Ah, não, aonde ela quer chegar com isso?”.

— Era diferente — sussurra ele.

De repente, quero saber mais.

— Diferente bom ou diferente ruim?

Ele me fita. Em seu rosto transparece dúvida e, talvez, dor. Por um brevíssimo momento ele parece estar se afogando.

— Ruim, eu acho. — Suas palavras são quase inaudíveis.

Put a merda!

— Achei que você gostasse.

— Eu gostava. Na época.

— E agora não?

Ele me encara, os olhos arregalados, e então balança a cabeça devagar.

Ai, meu Deus...

— Ah, Christian.

Sinto-me completamente oprimida pelos sentimentos que me invadem. Meu menino perdido. Eu me jogo em cima dele e beijo seu rosto, seu pescoço, seu peito, suas pequenas cicatrizes redondas. Ele geme, puxa-me para si e me beija apaixonadamente. E muito devagar, ternamente, no seu ritmo, ele faz amor comigo mais uma vez.

* * *

— ANA TYSON. DERRUBANDO adversários bem mais pesados que ela!
— diz Ethan, aplaudindo quando chego à cozinha para o café da manhã. Ele está sentado com Mia e Kate no balcão, enquanto a Sra. Bentley faz waffles. Christian não está em nenhum lugar à vista.

— Bom dia, Sra. Grey. — A Sra. Bentley sorri. — O que gostaria para o café?

— Bom dia. O que tiver, obrigada. Cadê o Christian?

— Lá fora. — Kate gesticula com a cabeça na direção do quintal.

Olho pela janela que dá para o quintal e, mais além, para as montanhas. Está claro, um dia de verão bem azul, e meu lindo marido está a cerca de seis metros de distância, absorto em uma conversa séria com um homem.

— É o Sr. Bentley — diz Mia do balcão.

Eu me viro para olhá-la, surpresa pelo seu tom emburrado. Ela lança um olhar maldoso para Ethan. *Ai, céus*. E me pergunto mais uma vez o que estará acontecendo entre eles. Franzindo o cenho, volto a observar meu marido e o Sr. Bentley.

O marido da Sra. Bentley é magro mas musculoso, com cabelo claro e olhos escuros. Ele veste uma calça cargo e uma camiseta do corpo de bombeiros de Aspen. Christian está de calça jeans e camiseta. Enquanto os dois atravessam o gramado a passos lentos em direção à casa, entretidos na conversa, Christian casualmente se abaixa para apanhar o que parece ser um bambu que deve ter voado pelo ar ou ter sido jogado no canteiro de flores. Ele para e, distraidamente, segura o bambu com o braço esticado, como se o estivesse pesando com muito critério, e com ele golpeia o ar, uma só vez.

Ah...

O Sr. Bentley aparenta não achar nada estranho no comportamento de Christian. Eles continuam a conversa, mais perto da casa dessa vez; então, param de novo, e Christian repete o gesto. A ponta do bambu atinge o solo. Olhando para cima, Christian me vê à janela. De repente, sinto como se o estivesse espionando. Ele para. Aceno constrangida e depois dou meia-volta, retornando para o balcão onde os outros tomam café.

— O que você estava fazendo? — pergunta Kate.

— Só olhando o Christian.
— Você está realmente apaixonada — comenta ela, fungando.
— E você não, futura cunhada? — respondo, sorrindo e tentando esquecer a visão perturbadora de Christian empunhando uma vara. Levo um susto quando Kate se levanta de um salto e me abraça.
— Irmã! — exclama ela, e é difícil não ser contagiada por sua alegria.

—

— Ei, dorminhoca. — É Christian me acordando. — Já vamos pousar. Coloque o cinto.

Tateio em volta, sonolenta, procurando o cinto de segurança, mas Christian já o está prendendo para mim. Ele beija minha testa e então volta a se recostar em seu assento. Deito a cabeça no seu ombro de novo e fecho os olhos.

Uma caminhada por uma trilha interminável e um almoço-piquenique no topo de uma montanha espetacular me deixaram exausta. Os outros também estão quietos — até mesmo Mia. Ela parece desanimada, como aliás estive o dia todo. Como será que vão seus esforços com Ethan? Nem sei onde eles dormiram na noite passada. Meus olhos encontram os dela, e abro um sorriso para perguntar se está tudo bem. Ela me devolve um rápido e triste sorriso e volta para seu livro. Dou uma espiada em Christian. Ele está trabalhando em um contrato ou algo do tipo, lendo e fazendo anotações nas margens. Mas parece relaxado. Elliot ronca de leve ao lado de Kate.

Ainda tenho que encurralar Elliot num canto e interrogá-lo sobre Gia, mas tem sido impossível tirá-lo de perto de Kate. Christian não está interessado o suficiente para perguntar, o que é irritante, mas eu não o pressionei. Estávamos nos divertindo tanto. Elliot descansa a mão no joelho de Kate, num gesto possessivo. Ela parece radiante. E pensar que apenas ontem à tarde ela estava tão insegura com relação ao namorado... Como foi mesmo que Christian o chamou? L Elliot. Deve ser um apelido familiar. É fofo; melhor do que “mulherengo”. Elliot de súbito abre os olhos e me fita diretamente. Fico vermelha, por ser pega encarando-o.

Ele sorri.

— Adoro quando você fica vermelha, Ana — ele me provoca, espreguiçando-se.

Kate me olha com seu sorriso de quem está mais do que satisfeita, mais feliz que pinto no lixo.

A copiloto Beighley anuncia que estamos nos aproximando do aeroporto de Sea-Tac. Christian aperta minha mão.

—

— Como foi o seu fim de semana, Sra. Grey? — pergunta Christian quando já estamos no Audi, voltando para o Escala. Taylor e Ryan estão na frente.

— Bom, obrigada. — Sorrio, sentindo-me tímida de repente.

— Podemos voltar lá a qualquer hora. Leve quem você quiser.

— Podíamos levar o Ray. Ele ia gostar de pescar.

— É uma boa ideia.

— E para você, foi bom? — pergunto.

— Foi — responde ele após um instante, surpreso com a minha pergunta, eu acho. — Muito bom.

— Você parecia relaxado.

Ele dá de ombros.

— Eu sabia que você estava segura.

Franzo o cenho.

— Christian, eu estou segura a maior parte do tempo. Já falei: você vai pifar aos quarenta anos se continuar com esse nível de ansiedade. E eu quero ficar velhinha com você.

Pego sua mão. Christian me olha como se não compreendesse o que estou falando. Ele beija suavemente os nós dos meus dedos e muda de assunto.

— Como está a sua mão?

— Melhor, obrigada.

Ele sorri.

— Muito bem, Sra. Grey. Pronta para encarar a Gia de novo?

Ah, droga. Tinha esquecido que a encontraríamos hoje à noite para rever as plantas finais. Reviro os olhos.

— Talvez eu queira que você fique longe de nós duas, para protegê-lo. — Dou um sorriso malicioso.

— Para me proteger? — Ele está rindo de mim.

— Sempre, Sr. Grey. De todas as predadoras sexuais — sussurro.

—

Christian está escovando os dentes quando eu me deito na cama. Amanhã voltaremos à realidade: ao trabalho, aos paparazzi e à prisão de Jack — que talvez tenha um cúmplice. *Hmm...* Christian foi vago quando falou sobre isso. Será que ele sabe? E se soubesse, será que me contaria? Dou um suspiro. Tirar informações de Christian é como extrair um dente, e tivemos um fim de semana tão agradável... Será que quero destruir esse momento de bem-estar tentando arrancar algo dele?

Foi uma revelação vê-lo fora do seu ambiente habitual, fora deste apartamento, relaxado e feliz com a família. Será que não é por estarmos aqui, de volta ao apartamento, com todas as suas lembranças e associações, que ele fica nervoso? Talvez devêssemos nos mudar.

Ora essa. *Nós vamos nos mudar* — estamos reformando uma casa enorme na praia. As plantas de Gia estão prontas e aprovadas, e a equipe de Elliot deve começar as obras semana que vem. Dou uma risada quando me lembro da expressão de choque de Gia quando comentei com ela que a vira em Aspen. Acabou que não passou de uma coincidência. Ela tinha se isolado na sua casa de férias para trabalhar exclusivamente no nosso projeto. Por um momento terrível eu pensara que ela tinha dado sua opinião na escolha da aliança, mas pelo visto não. No entanto, ainda não confio em Gia. Quero ouvir a versão de Elliot. Pelo menos ela manteve distância de Christian dessa vez.

Contemplo o céu noturno. Vou sentir saudades dessa vista panorâmica... Seattle a nossos pés, tão cheia de possibilidades e ainda assim tão distante. Talvez seja esse o problema de Christian: ele ficou tempo demais isolado da vida real, graças ao seu exílio autoimposto. Com a família por perto, porém, ele é menos

controlador, menos ansioso — mais livre, mais feliz. Fico imaginando o que Flynn diria de tudo isso. Caramba! Talvez seja essa a resposta. Talvez ele precise de uma família para ele. Balanço a cabeça em negativa — somos jovens demais, e ainda é tudo muito novo para nós dois. Christian entra no quarto, lindo como sempre, ainda que com uma expressão grave e pensativa.

— Tudo bem? — pergunto.

Ele anui distraidamente enquanto se ajeita na cama.

— Não estou muito ansiosa para voltar à realidade — murmuro.

— Não?

Balanço a cabeça e acaricio seu belo rosto.

— Tive um fim de semana maravilhoso. Obrigada.

Ele abre um sorriso suave.

— Você é a minha realidade, Ana — murmura, e me beija.

— Você sente falta?

— De quê? — pergunta ele, perplexo.

— Você sabe. Das submissões... essas coisas — sussurro, constrangida.

Ele me fita com o olhar impassível. Depois, a dúvida cruza seu rosto, e sua expressão torna-se algo do tipo “aonde ela quer chegar com isso?”.

— Não, Anastasia, não sinto falta. — Sua voz é calma e baixa. Ele afaga meu rosto. — O Dr. Flynn me disse uma coisa quando você foi embora, algo que me marcou. Ele disse que eu não poderia ser daquela maneira se você não estivesse disposta a fazer aquilo. Foi uma revelação. — Ele faz uma pausa e franze o cenho. — Eu não conhecia outra maneira, Ana. Agora conheço. Tem sido educativo.

— Estou educando você? — zombo.

Seus olhos ficam mais suaves.

— Você sente falta? — pergunta ele.

Oh!

— Eu não quero que você me machuque, mas gosto de brincar, Christian. Você sabe disso. Se quisesse fazer alguma coisa... — Encolho os ombros, fitando-o.

— Alguma coisa?

— Você sabe, com um chicote ou o seu açoite... — Paro de falar, ruborizada.

Ele levanta a sobrancelha, surpreso.

— Bem... Vamos ver. Mas no momento eu quero o bom e velho sexo baunilha.

Seu polegar contorna meu lábio inferior e ele me beija mais uma vez.

—

De: Anastasia Grey

Assunto: Bom dia

Data: 29 de agosto de 2011 09:14

Para: Christian Grey

Sr. Grey,

Só queria dizer que amo você.

É só isso.

Sempre sua,

A.

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey

Assunto: Expulsando a tristeza da segunda-feira

Data: 29 de agosto de 2011 09:18

Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Que palavras gratificantes de se ouvir da esposa (seja ela malcomportada ou não) numa manhã de segunda-feira.

Saiba que eu sinto exatamente o mesmo por você.

Sinto muito pelo jantar desta noite. Espero que não seja muito entediante para você.

Bj,

Christian Grey,
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah sim. O jantar da Associação Americana de Construtores Navais. Reviro os olhos... Mais gente de nariz em pé. Christian realmente me arruma os programas mais fascinantes.

De: Anastasia Grey
Assunto: Navios que passam de noite
Data: 29 de agosto de 2011 09:26
Para: Christian Grey

Prezado Sr. Grey,

Tenho certeza de que você consegue pensar em uma maneira de apimentar o jantar...

Ansiosamente,

Sra. G.

Anastasia (bem-comportada) Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: A variedade é o tempero da vida
Data: 29 de agosto de 2011 09:35
Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Tenho algumas ideias...

Bj,

Christian Grey
CEO agora impaciente pelo jantar, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Todos os músculos da minha barriga se enrijecem. Hmm... Fico pensando no que ele terá em mente. Hannah bate à porta, interrompendo meus devaneios.

— Pronta para ver a agenda desta semana, Ana?

— Claro. Sente-se. — Sorrio me recuperando, e minimizo a caixa de e-mails.

— Tive que trocar alguns compromissos. O Sr. Fox, na semana que vem, e a Dra...

Meu telefone toca, interrompendo-a. É Roach. Ele me pede para ir até sua sala.

— Podemos continuar daqui a vinte minutos?

— Claro.

—

De: Christian Grey

Assunto: Ontem à noite

Data: 30 de agosto de 2011 09:24

Para: Anastasia Grey

Foi... divertido.

Quem diria que o jantar anual da Associação de Construtores Navais poderia ser tão estimulante?

Como sempre, você nunca me desaponta, Sra. Grey.

Amo você.

Bj,

Christian Grey

CEO Fascinado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey

Assunto: Adoro um bom jogo de bola

Data: 30 de agosto de 2011 09:33

Para: Christian Grey

Querido Sr. Grey,

Estava com saudade das bolas prateadas.

Você nunca me desaponta.

Isso é tudo.

Bj,

Sra. G.

Anastasia Grey
Editora, SIP

Hannah bate à porta, interrompendo meus pensamentos eróticos sobre a noite passada. *As mãos de Christian... sua boca.*

— Entre.

— Ana, o assistente do Sr. Roach acabou de ligar. Ele gostaria da sua presença numa reunião hoje de manhã. Significa que tenho que trocar mais alguns compromissos seus. Tudo bem?

Sua língua.

— Claro. Tudo bem — murmuro, tentando deter meus pensamentos desobedientes.

Ela sorri e sai da minha sala... deixando-me com minhas deliciosas lembranças da noite passada.

—

De: Christian Grey
Assunto: Hyde
Data: 1º de setembro de 2011 15:24
Para: Anastasia Grey

Anastasia,

Para sua informação, o Hyde teve a fiança negada e permanece detido. Ele está sendo acusado de tentativa de sequestro e incêndio criminoso. Ainda não foi marcada a data do julgamento.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey
Assunto: Hyde
Data: 1º de setembro de 2011 15:53
Para: Christian Grey

Que boa notícia.

Isso significa que você vai diminuir a segurança?

Eu realmente não vou com a cara da Prescott.

Bj,

Ana

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Hyde
Data: 1º de setembro de 2011 15:59
Para: Anastasia Grey

Não. A segurança continua a mesma. Sem discussão.

O que tem de errado com a Prescott? Se você não gosta dela, podemos substituí-la.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Olho de cara feia para o seu e-mail autoritário. A Prescott não é tão ruim assim.

De: Anastasia Grey
Assunto: Não arranque os cabelos!
Data: 1º de setembro de 2011 16:03
Para: Christian Grey

Foi só uma pergunta (revirando os olhos). E vou pensar a respeito da Prescott.

Segure essa mão nervosa!

Bj,

Ana

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Não me provoque
Data: 1º de setembro de 2011 16:11
Para: Anastasia Grey

Posso lhe assegurar, Sra. Grey, que meu cabelo está bem firme na cabeça — você mesma comprovou isso, não?

Já a minha mão está coçando.

Acho que vou dar um jeito nisso hoje à noite.

Bj,

Christian Grey
CEO ainda não careca, Grey Enterprises Holdings, Inc.

De: Anastasia Grey
Assunto: Me contorcendo
Data: 1º de setembro de 2011 16:20
Para: Christian Grey

Promessas, promessas...

Agora pare de me importunar. Estou tentando trabalhar; tenho um encontro de última hora com um escritor. Vou tentar não me distrair pensando em você durante a reunião.

Bj,

A.

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Anastasia Grey
Assunto: Casa, comida e palmadas
Data: 5 de setembro de 2011 09:18
Para: Christian Grey

Marido,

Você realmente sabe como entreter uma mulher.

Com certeza vou esperar receber esse tipo de tratamento todo fim de semana.

Você está me mimando. Adoro isso.

Bjs,

Sua esposa

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey

Assunto: Minha missão na vida...
Data: 5 de setembro de 2011 09:25
Para: Anastasia Grey

É mimar você, Sra. Grey.

E mantê-la segura, porque eu amo você.

Christian Grey
CEO apaixonado, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Meu Deus. Tem coisa mais romântica?

De: Anastasia Grey
Assunto: Minha missão na vida...
Data: 5 de setembro de 2011 9:33
Para: Christian Grey

É deixar você me mimar — porque eu também amo você.

Agora deixe de ser tão bobo.

Está me fazendo chorar.

Anastasia Grey
Editora igualmente apaixonada, SIP

—

No dia seguinte, consulto o calendário em cima da minha mesa. Faltam só cinco dias para dez de setembro — meu aniversário. Sei que vamos dar uma passada na casa para ver o quanto Elliot e sua equipe estão progredindo. Hmm... Será que Christian tem mais algum plano? Sorrio ao pensar nisso. Hannah bate à porta.

— Entre.

Prescott está parada do lado de fora. *Estranho...*

— Oi, Ana — diz Hannah. — Tem uma tal de Leila Williams aqui querendo falar com você. Ela diz que é particular.

— Leila Williams? Eu não conheço nenhuma...

Minha boca fica seca, e os olhos de Hannah se arregalam diante da minha expressão.

Leila? Merda. O que será que ela quer?

CAPÍTULO DEZESSEIS

—Quer que eu a mande embora? — pergunta Hannah, assustada com a minha expressão.

— Hã, não. Onde ela está?

— Na recepção. E não está sozinha. Veio acompanhada de outra jovem.

Oh!

— E a Srta. Prescott quer falar com você também — acrescenta Hannah.

É evidente que ela quer falar comigo.

— Mande a Srta. Prescott entrar.

Hannah abre caminho e Prescott entra na sala. Sua postura é a de quem está em uma missão, alerta, transbordando eficiência profissional.

— Hannah, deixe-nos a sós por uns instantes. Prescott, sente-se.

Hannah fecha a porta, e nos deixa sozinhas.

— Sra. Grey, Leila Williams está na sua lista de visitantes proibidos.

— O quê? — *Eu tenho uma lista de visitantes proibidos?*

— Na nossa lista de vigilância, madame. Taylor e Welch foram bem específicos ao me alertar que ela não deveria entrar em contato com a senhora.

Franzo o cenho, sem entender.

— Ela é perigosa?

— Não sei, madame.

— Se ela está na lista, eu não deveria nem ter sido avisada da presença dela aqui, não acha?

Prescott engole em seco e, por um momento, parece constrangida.

— Eu estava no toalete. Ela entrou, falou diretamente com Claire, e Claire chamou a Hannah.

— Ah. Entendi. — Percebo que até a Prescott precisa fazer xixi, e rio. — Que coisa.

— Sim, madame.

Prescott me dirige um sorriso envergonhado, e é a primeira vez que a vejo abrir a guarda. Seu sorriso é encantador.

— Preciso falar de novo com Claire sobre o protocolo — acrescenta ela, num tom de voz aborrecido.

— Claro. Taylor sabe que Leila está aqui?

Cruzo os dedos inconscientemente, torcendo para ela não ter contado a Christian.

— Deixei uma breve mensagem de voz para ele.

Ah.

— Então tenho pouco tempo. Eu queria saber o que ela quer.

Prescott me olha por um momento.

— Devo advertir a senhora a não fazer isso, madame.

— Ela está aqui para me ver por algum motivo.

— Meu trabalho é impedir isso, madame. — Sua voz é suave, mas resignada.

— Eu realmente quero escutar o que ela tem a dizer. — Meu tom é mais veemente do que eu pretendia.

Prescott abafa um suspiro.

— Eu gostaria de revistar as duas antes.

— Tudo bem. Você pode fazer isso?

— Estou aqui para proteger a senhora, Sra. Grey, então sim, eu posso. Também gostaria de estar presente durante a conversa.

— Tudo bem. — Vou fazer essa concessão. Além disso, da última vez que encontrei Leila, ela estava armada. — Vá em frente.

Prescott se levanta.

— Hannah — chamo.

Hannah abre a porta rápido demais. Ela devia estar esperando lá fora.

— Você pode verificar se a sala de reuniões está livre, por favor?

— Já verifiquei e está livre, sim.

— Prescott, você pode revistar as duas lá? Tem privacidade suficiente?

— Sim, madame.

— Estarei lá em cinco minutos, então. Hannah, leve Leila Williams e quem quer que esteja com ela para a sala de reuniões.

— É pra já. — Hannah olha aflita de Prescott para mim. — Devo cancelar seu próximo compromisso? É às quatro horas, mas do outro lado da cidade.

— Pode cancelar — murmuro, distraída. Hannah aquiesce e depois sai.

Que diabo Leila quer? Não acho que ela esteja aqui para tentar me fazer algum mal. Ela não fez isso quando teve oportunidade. *Christian vai enlouquecer*. Meu inconsciente aperta os lábios, cruza as pernas afetadamente e concorda. Preciso avisar a Christian sobre esse encontro. Escrevo um rápido e-mail e então paro, olhando a hora. Sinto uma momentânea pontada de arrependimento. Estávamos nos dando tão bem desde Aspen... Clico em “enviar”.

De: Anastasia Grey

Assunto: Visita

Data: 6 de setembro de 2011 15:27

Para: Christian Grey

Christian,

Leila está aqui para me ver. Prescott vai ficar comigo durante o encontro.

Se precisar, vou usar minhas recém-adquiridas habilidades de estapeamento, com minha mão agora curada.

Tente, mas tente mesmo, não se preocupar.

Sou uma garota crescida.

Eu ligo depois da nossa conversa.

Bj,

A.

Anastasia Grey

Editora, SIP

Escondo meu BlackBerry apressadamente na gaveta da mesa. Depois me levanto, aliso minha saia-lápis cinza no quadril, belisco as bochechas para lhes dar alguma cor e abro o primeiro botão da minha blusa de seda cinza. Pronto, vamos lá. Após respirar profundamente, saio da minha sala para encontrar a infame Leila, ignorando o som baixinho de “Your Love Is King” tocando dentro da gaveta.

Leila parece bem melhor. Mais do que melhor — ela está muito bonita. Há um tom rosado nas suas faces, seus olhos castanhos estão iluminados, e seu cabelo está limpo e brilhante. Ela veste uma blusa cor-de-rosa e uma calça branca. Levanta-se assim que entro na sala de reuniões, bem como sua amiga — outra jovem de cabelo escuro e suaves olhos castanhos, cor de conhaque. Prescott está de pé no canto, sem tirar os olhos de Leila.

— Sra. Grey, muito obrigada por me receber. — A voz de Leila é suave, mas firme.

— Hmm... Desculpe pela segurança — murmuro, porque não consigo pensar em outra coisa para falar. Aceno vagamente na direção de Prescott.

— Esta é minha amiga Susi.

— Olá.

Cumprimento Susi com a cabeça. Ela se parece com Leila; se parece comigo. *Ah, não. Mais uma.*

— Sim — diz Leila, como se lesse meus pensamentos. — Susi também conhece o Sr. Grey.

Que diabo eu devo responder? Dou um sorriso educado.

— Por favor, sentem-se — murmuro.

Alguém bate à porta. É Hannah. Eu a mando entrar com um gesto, sabendo muito bem o que ela veio fazer.

— Desculpe interromper, Ana. O Sr. Grey está na linha.

— Diga que estou ocupada.

— Ele foi bem insistente — diz ela, amedrontada.

— Não tenho dúvida. Você poderia pedir desculpas a ele e dizer que ligo daqui a pouquinho?

Hannah hesita.

— Hannah, por favor.

Ela aquiesce e vai embora apressada. Eu me volto para as duas mulheres sentadas à minha frente. Ambas estão me encarando perplexas. É desconfortável.

— O que posso fazer por você? — pergunto.

Susi fala:

— Sei que isso é meio estranho, mas eu queria conhecer você também. A mulher que conseguiu prender o Chris...

Levanto a mão, fazendo com que ela pare no meio da frase. Não quero ouvir isso.

— Hmm... Já entendi — balbucio.

— Somos o clube das submissas. — Ela sorri para mim, os olhos brilhando de alegria.

Ai, meu Deus.

Leila solta uma exclamação e olha pasma para Susi, assustada mas também achando graça. Susi se retrai subitamente. Suspeito que Leila tenha lhe dado um chute por baixo da mesa.

O que eu devo dizer quanto a isso? Lanço um rápido olhar nervoso para Prescott, que permanece impassível, sem desviar os olhos de Leila.

Susi parece se recompor. Ela fica vermelha, depois faz um sinal afirmativo com a cabeça e se levanta.

— Vou esperar na recepção. Esse é o momento da Lulu. — Dá para ver que ela está constrangida.

Lulu?

— Você vai ficar bem? — pergunta ela a Leila, que sorri para a amiga.

Susi abre um largo sorriso, franco e genuíno, em minha direção e sai da sala.

Susi e Christian... Não é algo que eu queira imaginar. Prescott pega no bolso seu telefone e atende. Eu não ouvi tocar.

— Sr. Grey — diz ela.

Leila e eu nos viramos para olhá-la. Prescott fecha os olhos como se sentisse dor.

— Sim, senhor — diz ela, dando um passo para a frente e me entregando o telefone.

Reviro os olhos.

— Christian — murmuro, tentando conter minha irritação.

Levanto-me e saio da sala a passos largos e rápidos.

— Que porra de brincadeira é essa? — grita ele, colérico.

— Não grite comigo.

— Como assim não gritar com você? — berra ele, ainda mais alto do que antes. — Eu dei instruções específicas, que você desacatou completamente; de novo. Que merda, Ana, estou furioso.

— Quando você estiver mais calmo, a gente conversa.

— Não ouse desligar na minha cara — fala ele, entre os dentes.

— Tchau, Christian.

Encerro a chamada e desligo o telefone de Prescott.

Putá merda. Não tenho muito tempo com Leila. Tomando fôlego, entro de novo na sala de reuniões. Sou recebida por olhares de expectativa, tanto de Leila quanto de Prescott, a quem devolvo o telefone.

— Onde estávamos? — pergunto a Leila ao me sentar em frente a ela na mesa. Seus olhos se arregalam de leve.

Sim. Aparentemente, eu *controlo* ele, quero dizer a ela. Mas não acho que Leila queira ouvir isso.

Ela mexe nervosamente nas pontas do cabelo.

— Primeiro, eu queria me desculpar — começa ela, com suavidade.

Puxa...

Ela ergue o olhar para mim e registra minha surpresa.

— É verdade — apressa-se a dizer. — E obrigada por não dar queixa. Você sabe... pelo que eu fiz com seu carro e pelo que aconteceu no seu apartamento.

— Eu sei que você não estava... hmm, bem — murmuro, vacilante. Eu não esperava um pedido de desculpas.

— Não, eu não estava bem.

— Está melhor agora? — pergunto gentilmente.

— Muito melhor. Obrigada.

— Seu médico sabe que você está aqui?

Ela balança a cabeça em negativa.

Ah.

Ela parece culpada, e com razão.

— Sei que vou ter que arcar com as consequências disso depois. Mas eu tinha que pegar algumas coisas, e queria ver a Susi,

e você, e... o Sr. Grey.

— Você quer ver o Christian?

Meu estômago cai em queda livre até o chão. *É por isso que ela está aqui.*

— Quero. Eu queria perguntar a você se teria algum problema.

Putá merda. Olho pasma para ela, e quero responder que sim, teria problema. Não quero ver esta mulher chegar nem perto do meu marido. Por que ela está aqui? Para avaliar a concorrência? Para me desestabilizar? Ou será que precisa disso para alguma espécie de conclusão em sua vida?

— Leila — balbucio, irritada. — Isso não depende de mim, depende do Christian. Você vai ter que perguntar a ele. Ele não precisa da minha permissão. É um homem adulto... na maior parte do tempo.

Ela me encara por uma fração de segundo, como se estivesse surpresa com a minha reação, e depois ri suavemente, sem largar o tique nervoso de enrolar as pontas do cabelo.

— Ele vem recusando repetidamente todos os meus pedidos para vê-lo — diz ela, baixinho.

Ah, merda. Fiz uma besteira maior do que eu pensava.

— Por que é tão importante para você se encontrar com ele? — pergunto com gentileza.

— Para agradecer. Eu estaria apodrecendo num manicômio judiciário fedorento se não fosse por ele. Sei disso. — Ela olha para baixo e passa o dedo pela borda da mesa. — Sofri uma crise psicótica grave e, sem o Sr. Grey e o John... o Dr. Flynn... — Ela dá de ombros e me olha mais uma vez, o rosto cheio de gratidão.

Novamente, fico sem palavras. O que ela espera que eu diga? Ela deveria dizer essas coisas para Christian, não para mim, com certeza.

— E pelas aulas de artes. Não tenho como agradecer o suficiente por isso a ele.

Eu sabia! Christian *está* financiando as aulas dela. Permaneço sem expressão, tentando avaliar meus sentimentos a respeito desta mulher agora que ela confirmou minha desconfiança em relação à generosidade de Christian. Para minha surpresa, não sinto raiva dela. É uma revelação, e fico contente por ver que está melhor.

Agora, espero que ela possa seguir em frente com sua vida e sair da nossa.

— Você está faltando às aulas para estar aqui? — pergunto, porque estou interessada.

— Só duas. Volto para casa amanhã.

Ah, que bom.

— Quais são os seus planos enquanto estiver aqui?

— Pegar meus pertences com a Susi e voltar a Hamden. Continuar pintando e aprendendo. O Sr. Grey já tem uns dois quadros meus.

Que porra é essa? Meu estômago mergulha em queda livre mais uma vez. *Estão pendurados na minha sala?* Eu me arrepio só de pensar.

— Que tipo de quadros você pinta?

— Na maioria abstratos.

— Entendo.

Minha mente rememora os quadros, agora familiares, em nossa sala de estar. Dois deles são obras da ex-submissa de Christian... talvez.

— Sra. Grey, posso ser franca? — pergunta ela, completamente alheia às minhas emoções beligerantes.

— Por favor — murmuro, olhando para Prescott, que parece ter relaxado um pouco.

Leila se inclina para a frente como se fosse revelar um segredo antigo.

— Eu amei o Geoff, o meu namorado que morreu este ano. — Sua voz se transforma num mísero sussurro triste.

Merda, essa conversa está ficando muito pessoal.

— Sinto muito — digo automaticamente, mas ela continua como se não tivesse me ouvido:

— Eu amei o meu marido... e mais um outro homem — balbucia ela.

— Meu marido. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las.

— Isso. — Ela mal emite o som da palavra.

Isso não é novidade para mim. Quando ela ergue os olhos castanhos e fita os meus, vejo que estão bem abertos, deixando

transparecer emoções conflitantes, das quais a que parece sobressair é o receio... da minha reação, talvez? Mas o meu principal sentimento com relação a essa pobre jovem é o de compaixão. Mentalmente, percorro toda a literatura clássica que conheço que aborde o tema do amor não correspondido. Engolindo em seco com força, mantenho o nível:

— Eu sei. É muito fácil amá-lo — sussurro.

Seus olhos já grandes se abrem ainda mais, expressando surpresa, e ela sorri.

— É verdade. Ele é... era.

Ela se corrige rapidamente e fica vermelha. Então, ri de maneira tão doce que não consigo evitar: rio também. Sim, Christian Grey nos faz rir. Meu inconsciente revira os olhos para mim, incrédulo, e volta a ler seu exemplar bastante manuseado de *Jane Eyre*. Olho para o relógio. Bem no fundo, sei que Christian logo estará aqui.

— Você vai ter a oportunidade de ver o Christian.

— Imaginei. Sei como ele pode ser protetor. — Ela sorri.

Então esse era o plano. Ela é muito sagaz. *Ou manipuladora*, sussurra meu inconsciente.

— Então foi por isso que você veio me ver?

— Foi.

— Entendo.

E Christian está fazendo exatamente o jogo dela. Tenho que admitir, embora com relutância, que ela o conhece bem.

— Ele parecia muito feliz. Com você — diz ela.

O quê?

— Como é que você sabe?

— Das vezes em que eu estive no apartamento — acrescenta ela, cautelosamente.

Ah, droga... Como eu pude esquecer aquilo?

— Você ia muito lá?

— Não. Mas ele era bem diferente com você.

Será que eu quero ouvir isso? Um arrepio me percorre. Meu couro cabeludo começa a formigar quando me recordo do medo que senti quando ela era uma sombra invisível no nosso apartamento.

— Você sabe que isso é crime. Invadir uma residência.

Ela concorda, baixando o olhar para a mesa, e passa a ponta do dedo pela borda.

— Foram só algumas vezes, e eu tive sorte de não ter sido pega. Mais uma vez, eu gostaria de agradecer ao Sr. Grey por isso. Ele podia ter me colocado na cadeia.

— Acho que ele não faria isso — murmuro.

De repente há um alvoroço fora da sala, e instintivamente sei que Christian chegou. Um instante depois ele irrompe pela porta, e, antes de fechá-la, capto o olhar de Taylor, que espera pacientemente do lado de fora. A boca de Taylor está contraída, e ele não retribui meu sorriso contido. Ah, droga, até ele está bravo comigo.

O fulminante olhar cinzento de Christian se volta primeiro para mim, depois para Leila. Sua atitude é de calma determinação, mas eu sei que é só fachada, e suspeito de que Leila também saiba. O brilho frio e ameaçador nos seus olhos revela a verdade: Christian está exalando raiva, embora a esconda bem. De terno cinza, com a gravata escura afrouxada e o primeiro botão da camisa branca aberto, ele exibe um ar tanto profissional como informal... e sensual. Seu cabelo está desalinhado — sem dúvida passou as mãos por ele várias vezes, em sua irritação.

Leila baixa os olhos nervosamente para a mesa e mais uma vez passa o dedo indicador pela borda; o olhar de Christian vai de mim para ela, e depois para Prescott.

— Você — diz ele para Prescott, em um tom suave. — Está despedida. Saia.

Fico branca. Ah, não — isso não é justo.

— Christian... — Faço menção de me erguer.

Ele ergue o dedo indicador em alerta.

— Não — diz ele, numa voz tão ameaçadoramente baixa que na mesma hora faz com que eu me cale e fique grudada na cadeira.

Curvando a cabeça, Prescott sai rápido da sala para se juntar a Taylor. Christian fecha a porta depois que ela sai e vai até a ponta da mesa. *Droga! Droga! Droga!* Foi culpa minha. Christian se põe em frente a Leila e, pousando as mãos sobre a superfície de madeira, inclina-se para a frente.

— O que é que você quer aqui? — rosna ele para ela.

— Christian! — exclamo. Ele me ignora.

— E então? — insiste ele.

Leila ergue um olhar temeroso, ainda de cabeça baixa, os olhos bem abertos, o rosto pálido — o brilho rosado se foi.

— Eu queria vê-la, mas você não deixava — sussurra ela.

— E aí você veio aqui assediar a minha esposa? — Sua voz é calma. Calma demais.

Leila baixa os olhos para a mesa de novo.

Ele se levanta, olhando furioso para ela.

— Leila, se você chegar perto da minha mulher mais uma vez, vou cortar toda a assistência que eu lhe dou. Médicos, aulas de artes, seguro-saúde: tudo. Pode dar adeus. Você entendeu?

— Christian... — tento de novo.

Mas ele me silencia com um olhar gelado. Por que está sendo tão irracional? Minha compaixão por essa triste mulher aumenta.

— Entendi — responde ela, a voz quase inaudível.

— O que a Susannah está fazendo na recepção?

— Ela veio comigo.

Ele passa a mão pelo cabelo, fulminando-a com o olhar.

— Christian, por favor — imploro. — A Leila só veio agradecer. Só isso.

Ele me ignora, concentrando toda a sua ira em Leila.

— Você ficou na casa da Susannah enquanto estava doente?

— Fiquei.

— Ela sabia o que você estava fazendo na época?

— Não. Ela estava de férias, viajando.

Ele passa o dedo indicador pelo lábio inferior.

— Por que precisava me ver? Você sabe que qualquer pedido deve ser encaminhado ao Flynn. Está precisando de alguma coisa? — Seu tom ficou mais ameno, talvez por uma fração de segundo.

Leila passa o dedo pela borda da mesa mais uma vez.

Pare de atormentá-la, Christian!

— Eu precisava saber. — E pela primeira vez ela olha diretamente para ele.

— Precisava saber o quê? — pergunta ele, ríspido.

— Que você estava bem.

Ele a olha pasmo.

— Que eu estava bem? — debocha ele, sem acreditar.

— É.

— Estou ótimo. Pronto, pergunta respondida. Agora Taylor vai levá-la até o aeroporto para que você volte para a Costa Leste. E se você der um passo a oeste do Mississippi, está tudo acabado. Entendeu?

Putá merda... Christian! Olho-o boquiaberta. O que foi que deu nesse homem, cacete? Ele não pode confiná-la a um lado do país.

— Entendi — responde Leila calmamente.

— Ótimo. — Seu tom de voz agora é mais conciliatório.

— Talvez não seja conveniente para a Leila voltar agora. Ela tem outros planos — oponho-me, tomando as dores dela.

Christian me encara com raiva.

— Anastasia — avisa ele, a voz gelada —, isso não é da sua conta.

Olho para ele de cara feia. Claro que é da minha conta. Ela veio ao meu trabalho. Deve haver algo mais que eu não saiba. Ele não está sendo racional.

Cinquenta Tons, meu inconsciente sussurra acidamente para mim.

— A Leila veio ver a mim, não a você — murmuro petulante.

Ela se vira na minha direção, os olhos mais arregalados que nunca.

— Eu recebi instruções, Sra. Grey. E desobedeci. — Ela olha de soslaio para o meu marido, e depois para mim de novo. — Esse é o Christian Grey que eu conheço — diz ela, num tom de voz triste e melancólico.

Christian franze o cenho para ela, e todo o ar evapora dos meus pulmões. Não consigo respirar. Christian era assim com ela o tempo todo? Ele era assim comigo no princípio? Não consigo me lembrar. Dirigindo-me um sorriso desolado, Leila se levanta da mesa.

— Eu gostaria de ficar até amanhã. Meu voo é ao meio-dia — diz ela calmamente a Christian.

— Vou pedir para alguém pegar você às dez para levá-la ao aeroporto.

— Obrigada.

— Você está na casa da Susannah?

— Estou.

— Ok.

Lanço um olhar de reprimenda para Christian. Ele não pode dar ordens assim para ela... e como ele sabe onde a Susannah mora?

— Tchau, Sra. Grey. Obrigada por me receber.

Eu me levanto e estendo a mão. Ela aceita agradecida e nos cumprimentamos.

— Hã... tchau. Boa sorte — murmuro, porque não sei direito qual é o protocolo para me despedir da ex-submissa do meu marido.

Ela acena com a cabeça e se vira para ele.

— Tchau, Christian.

Os olhos dele se desanuviam um pouco.

— Tchau, Leila. — Sua voz é baixa. — Dr. Flynn, lembre-se.

— Sim, senhor.

Ele abre a porta para fazê-la sair logo, mas ela para na frente dele e o encara. Ele permanece imóvel, observando-a com cautela.

— Fico contente por vê-lo feliz. Você merece — diz ela, e sai antes que ele possa responder.

Christian franze o cenho e então faz um gesto de cabeça para Taylor, que acompanha Leila até a recepção. Fechando a porta, Christian me encara hesitante.

— Nem pense em ficar bravo comigo — sibilo. — Chame o Claude Bastille e arranque o couro dele ou marque uma consulta com o Flynn.

Ele fica boquiaberto, surpreso com o meu rompante, e sua sobrelance se franze mais uma vez.

— Você prometeu que não faria isso. — Agora seu tom é acusatório.

— Isso o quê?

— Me desafiar.

— Não prometi. Eu disse que teria mais consideração. Avisei a você que ela estava aqui. A Prescott a revistou, e revistou também aquela sua outra amiguinha. Além disso, Prescott ficou aqui comigo o tempo todo. E agora você demitiu a pobre coitada, quando ela só estava fazendo o que eu pedi. Eu falei para você não se preocupar, e veja só você. Não me lembro de ter recebido uma bula papal sua decretando que eu não podia ver a Leila. Não sabia que as minhas

visitas estavam sujeitas a uma lista de proibições. — Minha voz aumenta de indignação à medida que eu me empolgo, advogando pela minha causa. Christian perscruta meu rosto, sua expressão indecifrável. Depois de um momento, sua boca se contorce.

— Bula papal? — repete ele, achando engraçado, e relaxa visivelmente.

Não era minha intenção amenizar o tom da nossa conversa; no entanto, Christian está sorrindo ironicamente para mim, o que me deixa com ainda mais raiva. Testemunhar a troca de palavras entre ele e sua ex foi penoso. Como ele pôde ser tão frio com ela?

— O que foi? — pergunta ele, irritado, ao ver que meu rosto permanece completamente sério.

— Você. Por que foi tão duro com ela?

Ele suspira e dá um passo na minha direção, apoiando-se na mesa.

— Anastasia — diz, como se falasse com uma criança —, você não entende. A Leila, a Susannah, todas elas eram só um passatempo divertido, prazeroso. Mas só isso. Você é o centro do meu universo. E da última vez que vocês estiveram juntas em um mesmo cômodo, ela estava apontando uma arma para você. Não quero que ela chegue nem perto de você.

— Mas, Christian, ela estava doente.

— Eu sei disso, e sei que está melhor agora, mas não quero mais dar a ela o benefício da dúvida. O que a Leila fez foi imperdoável.

— Mas você fez exatamente o jogo dela. Ela queria vê-lo de novo, e sabia que você viria correndo se ela viesse até mim.

Christian dá de ombros, como se não se importasse.

— Não quero que você seja maculada pela minha antiga vida.

O quê?

— Christian... você é quem você é por causa da sua antiga vida, sua nova vida, o que for. O que afeta você me afeta também. Eu aceitei isso quando aceitei seu pedido de casamento, porque eu amo você.

Christian fica imóvel. Sei que ele tem dificuldade de ouvir isso.

— Ela não queria me machucar. Ela também ama você.

— Não dou a mínima.

Olho para ele boquiaberta devido ao choque. E me sinto surpresa também ao constatar que ele ainda consegue me chocar. *Esse é o Christian Grey que eu conheço.* As palavras de Leila ficam martelando na minha cabeça. A atitude de Christian com ela foi tão fria, tão em desacordo com o homem que eu conheço e amo... É estranho, pois me recordo do remorso que ele sentiu quando Leila sofreu aquele colapso nervoso, quando ele pensou que talvez fosse, de alguma maneira, responsável pela dor dela. Engulo em seco, lembrando-me também de que ele lhe deu banho. Meu estômago se retorce de dor com essa lembrança, e a bile sobe até a minha garganta. Como ele pode dizer que não se importa com ela? Ele se importava naquele momento. O que mudou? Às vezes, como agora, eu simplesmente não o entendo. Ele opera em um nível muito, muito distante do meu.

— Por que de repente você resolveu tomar as dores dela? — pergunta ele, confuso e irritado.

— Escute, Christian, não é que eu vá trocar receitas com a Leila, nem vamos tricotar juntas. Mas eu também não imaginei que você seria tão insensível com ela.

Seus olhos ficam gelados.

— Eu já lhe disse que não tenho coração — murmura ele.

Reviro os olhos. Ah, agora ele *está* agindo como um adolescente.

— Isso não é verdade, Christian. Você está sendo ridículo. Você se importa com ela, sim. Não estaria pagando pelas aulas de artes e pelas outras coisas se não se importasse.

De repente, minha maior ambição na vida é fazê-lo perceber isso. É absurdamente óbvio que ele se importa. Por que, então, ele nega? É a mesma coisa quanto aos seus sentimentos pela sua mãe biológica. *Ah, merda — mas é claro.* Os sentimentos de Christian por Leila e pelas suas outras submissas estão entrelaçados com os sentimentos que ele tem pela mãe. *Eu gosto de chicotear garotas morenas feito você porque todas vocês se parecem com a prostituta viciada.* Não é de admirar que ele esteja tão zangado. Suspiro e balanço a cabeça em lamentação. Alguém chame o Dr. Flynn, por favor. Como é que ele consegue não ver isso?

Imediatamente meu coração se enche de amor por ele. Meu garotinho perdido... Por que é tão difícil para ele recuperar a bondade, a compaixão que demonstrou em relação a Leila quando ela teve aquele surto?

Ele me encara, os olhos fumegando de raiva.

— Essa discussão acabou. Vamos para casa.

Olho para o relógio. São quatro e vinte e três. Tenho trabalho a fazer.

— Ainda está cedo — balbucio.

— Vamos — insiste ele.

— Christian. — Minha voz denota cansaço. — Estou cansada de discutir sempre a mesma coisa com você.

Ele franze a testa como se não entendesse.

— Você sabe — esclareço —, eu faço algo que o desagrada, e você pensa em alguma maneira de se vingar. Geralmente envolve alguma das suas sacanagens, que podem ser magníficas ou cruéis.

— Dou de ombros, resignada. Isso é exaustivo e confuso.

— Magníficas? — repete ele.

Hã?

— Geralmente sim.

— O quê, por exemplo? — pergunta, os olhos agora brilhando de divertida e sensual curiosidade. E sei que ele está tentando me distrair.

Droga! Não quero discutir isso na sala de reuniões da SIP. Meu inconsciente examina suas unhas bem-feitas com desdém. *Então não deveria ter começado.*

— Você sabe.

Fico vermelha, irritada tanto comigo quanto com ele.

— Posso adivinhar — sussurra ele.

Mas que saco. Estou tentando repreendê-lo e ele está me confundindo.

— Christian, eu...

— Eu gosto de satisfazer você.

Ele delicadamente passa o polegar pelo meu lábio inferior.

— É o que você faz — admito, minha voz é um suspiro.

— Eu sei — diz ele suavemente. Então curva-se para a frente e sussurra no meu ouvido: — É a única coisa que eu realmente sei

fazer.

Ah, como seu cheiro é bom. Ele se inclina para trás e me encara, os lábios retorcidos em um sorriso arrogante, do tipo você-é-tão-minha.

Apertando os lábios, tento com muito esforço não demonstrar como ele mexe comigo. Ele é tão hábil em me desviar de qualquer assunto doloroso ou qualquer assunto que não lhe interesse discutir... *E você deixa*, intromete-se em vão meu inconsciente, erguendo os olhos de seu exemplar de *Jane Eyre*.

— O que foi magnífico, Anastasia? — instiga-me Christian, com um brilho malicioso no olhar.

— Você quer uma lista? — pergunto.

— Existe uma lista? — Ele está se deliciando.

Ah, esse homem é exaustivo.

— Bem, as algemas — murmuro, minha mente me levando de volta para a nossa lua de mel.

Ele franze o cenho e pega minha mão, passando o polegar no meu pulso.

— Eu não quero deixar você marcada.

Ah...

Seus lábios se curvam em um sorriso lascivo que se abre lentamente.

— Vamos para casa. — Seu tom é sedutor.

— Preciso trabalhar.

— Vamos — repete ele, mais insistente.

Fitamos um ao outro, cinza-chumbo em azul desconcertado, um testando o outro, testando nossos limites e nossas vontades. Procuo algum esclarecimento em seus olhos, tentando decifrar como este homem pode ir do maníaco por controle irado para o amante sedutor em um segundo. Seus olhos se arregalam e escurecem: sua intenção é clara. Ele acaricia meu rosto suavemente.

— Podíamos ficar aqui. — Sua voz é baixa e rouca.

Ah, não. Não. Não. Não. Não no meu trabalho.

— Christian, eu não quero fazer sexo aqui. Sua amante acabou de sair desta sala.

— Ela nunca foi minha amante — resmunga ele, sua boca se apertando.

— É só forma de falar, Christian.

Ele franze o cenho, a expressão confusa. O Christian sedutor foi embora.

— Não pense muito nisso, Ana. Ela é passado — diz com desdém.

Suspiro... Talvez ele tenha razão. Só quero que ele admita para si mesmo que se importa com ela. Um frio toma meu coração. *Ah, não.* Já sei por que isso é tão importante para mim. E se *eu* fizer algo imperdoável? E se eu não me ajustar? Vou virar passado também? Se ele pode se transformar assim, apesar de ter ficado tão preocupado e aborrecido quando Leila esteve doente... será que ele poderia se virar contra mim também? Solto uma exclamação, lembrando-me de fragmentos de um sonho: espelhos dourados e o som dos seus calcanhares soando no chão de mármore enquanto ele vai embora, deixando-me sozinha em um esplendor de opulência.

— Não... — A palavra sai da minha boca num suspiro de horror, antes que eu consiga impedir.

— Sim — diz ele, e, segurando meu queixo, inclina-se e me dá um beijo terno na boca.

— Ah, Christian, às vezes você me assusta.

Seguro sua cabeça com as mãos, enfio os dedos no seu cabelo e puxo sua boca para a minha. Ele permanece imóvel por um momento e então me envolve em seus braços.

— Por quê?

— Foi tão fácil para você dar as costas para ela...

Ele franze a testa.

— E você acha que eu posso um dia dar as costas para você, Ana? Por que diabo acha isso? O que faz você pensar assim?

— Nada. Me beije. Me leve para casa — imploro.

E quando seus lábios tocam os meus, eu me perco.

—

— Ah, por favor — suplico, enquanto Christian chupa meu sexo com delicadeza.

— Tudo a seu tempo — murmura ele.

Puxo meus membros presos e solto um gemido alto em protesto ao seu ataque carnal. Estou presa por algemas de couro macias, cada cotovelo amarrado a um joelho, e a cabeça de Christian se agita e avança por entre minhas pernas, sua língua habilidosa me provocando, incansável. Abro os olhos e fito distraidamente o teto do nosso quarto, banhado pela suave luz da tardinha. A língua de Christian se move em círculos, dançando e girando sobre o centro do meu universo e em volta. Quero esticar as pernas e luto, numa tentativa vã de controlar o prazer. Mas não consigo. Meus dedos agarram seu cabelo e puxo com força para resistir a essa sublime tortura.

— Não goze — murmura ele contra o meu sexo, sua respiração suave na minha pele quente e molhada, enquanto ele resiste aos meus dedos. — Vou bater em você se você gozar.

Solto um gemido.

— Controle, Ana. É só controlar.

E sua língua renova sua incursão erótica.

Ah, ele sabe o que está fazendo. Não posso resistir ou interromper minha reação irrefreável; eu tento — realmente tento —, mas meu corpo explode sob a ação implacável de Christian, cuja língua não para, arrancando cada centímetro de prazer de dentro mim.

— Ah, Ana — reclama ele. — Você gozou. — Sua voz é suave; sua repreensão, triunfante. Ele me vira, e me apoio trêmula nos braços. Recebo uma palmada forte...

— Ah! — grito.

— Controle — adverte ele, e, agarrando meu quadril, me penetra.

Grito de novo, minha carne ainda tremendo com as convulsões provocadas pelo orgasmo. Ele para quando está bem dentro de mim e, inclinando-se para a frente, abre as algemas, uma de cada vez. Ele me envolve em seus braços e me puxa para o seu colo, minhas costas coladas à frente do seu corpo, e suas mãos envolvem meu

pescoço, abaixo do meu queixo. Eu me deleito nessa sensação de plenitude.

— Mexa-se — ordena ele.

Dou um gemido e começo a subir e descer no seu colo.

— Mais rápido — sussurra.

E eu acelero. Ele geme e, com a mão, puxa minha cabeça para trás enquanto mordia meu pescoço. Sua outra mão viaja prazerosamente pelo meu corpo, indo do meu quadril até o meu sexo, meu clitóris... que ainda está sensível graças à generosa atenção recebida antes. Solto um gemido quando seus dedos se fecham em volta de mim, provocando-me mais uma vez.

— Isso mesmo, Ana — fala ele no meu ouvido, sua voz suave e em tom estridente. — Você é minha. Só você.

— Sou — sussurro à medida que meu corpo se enrijece, fechando-se em volta dele, encaixando-se nele da maneira mais íntima possível.

— Goze para mim — exige ele.

E eu me entrego, meu corpo seguindo obedientemente seu comando. Ele me segura, imobilizando-me enquanto o clímax percorre meu corpo e eu grito seu nome.

— Ah, Ana, eu amo você — geme ele, e segue meu exemplo, metendo em mim para encontrar também seu alívio.

* * *

ELE BEIJA MEU ombro e afasta o cabelo do meu rosto.

— Isso vai para a lista, Sra. Grey? — murmura ele.

Estou deitada de bruços na nossa cama, quase inconsciente. Christian faz uma massagem suave na minha bunda. Ele está ao meu lado, apoiado em um cotovelo.

— Hmm.

— Isso é um sim?

— Hmm. — Sorrio.

Ele sorri também e me beija de novo; relutante, viro de lado para ficar de frente para ele.

— E então? — insiste.

— Sim. Vai para a lista. Mas é uma lista bem comprida.

Ele abre um sorriso maior que seu próprio rosto, e me beija delicadamente.

— Ótimo. Vamos jantar? — Seus olhos brilham de amor e boa disposição.

Concordo com a cabeça. Estou faminta. Começo a puxar de leve os pelos do peito dele.

— Quero que você diga uma coisa — sussurro.

— O quê?

— Não fique bravo.

— O quê, Ana?

— Eu sei que você se importa.

Ele arregala os olhos, e qualquer traço de bom humor some.

— Quero que você admita que se importa. Porque o Christian que eu conheço e amo se importaria.

Ele fica imóvel, sem tirar os olhos dos meus, e testemunho sua luta interna, como se ele estivesse prestes a fazer o julgamento de Salomão. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas depois a fecha de novo; de relance, seu rosto deixa transparecer uma expressão... de dor, talvez.

Diga, eu o instigo.

— Sim. Sim, eu me importo. Satisfeita? — diz ele, num fiapo de voz.

Ah, como fico agradecida. É um puta alívio.

— Sim. Muito.

Ele franze o cenho.

— Não acredito que estou aqui, agora, na nossa cama, falando com você sobre...

Encosto o dedo nos seus lábios.

— Não estamos falando sobre isso. Vamos comer. Estou com fome.

Ele suspira e balança a cabeça.

— Você me encanta e me confunde, Sra. Grey.

— Que bom.

Eu ergo o corpo para beijá-lo.

—

De: Anastasia Grey
Assunto: A lista
Data: 9 de setembro de 2011 09:33
Para: Christian Grey

Essa com certeza entrou para as primeiras posições.

:D

Bj,

A.

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Conte uma novidade
Data: 9 de setembro de 2011 09:42
Para: Anastasia Grey

Você disse a mesma coisa nos últimos três dias.

Decida-se.

Ou... podemos tentar algo diferente.

;)

Christian Grey
CEO Gostando Deste Jogo, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Abro um sorriso para a tela do computador. As últimas noites têm sido... divertidas. Relaxamos de novo, e a breve interrupção de Leila foi esquecida. Ainda não tive coragem de perguntar se tem algum quadro dela na nossa parede — e, francamente, não me importo. Meu BlackBerry toca e eu atendo esperando que seja Christian.

— Ana?

— Sim?

— Ana, meu bem. Aqui é o pai do José.

— Sr. Rodriguez! Olá!

Meu couro cabeludo começa a formigar. O que o pai do José quer comigo?

— Querida, me desculpe por ligar para você no trabalho. É sobre o Ray. — Sua voz vacila.

— O que foi? O que aconteceu? — Meu coração parece que vai saltar pela boca.

— Ele sofreu um acidente.

Ah, não. Meu pai. Prendo a respiração.

— Ele está no hospital. É melhor você vir logo.

CAPÍTULO DEZESSETE

—Sr. Rodriguez, o que aconteceu? — Minha voz soa rouca e pesada devido às lágrimas contidas. *Ray. O querido Ray. Meu pai.*

— Ele sofreu um acidente de carro.

— Ok, estou indo... já estou indo.

A adrenalina invade minha corrente sanguínea, deixando um rastro de pânico. Não consigo respirar direito.

— Ele foi transferido para Portland.

Portland? O que ele está fazendo em Portland?

— Ele foi transportado via aérea, Ana. Estou indo para lá agora. Para o hospital universitário. Ah, Ana, eu não vi o carro. Simplesmente não consegui ver... — Sua voz falha.

Sr. Rodriguez — não!

— Vejo você lá. — O Sr. Rodriguez reprime um soluço e a ligação é encerrada.

Uma sensação sombria de terror aperta meu pescoço, deixando-me sem ar. Ray. Não. Não. Respiro fundo para me acalmar, apanho o telefone e ligo para Roach. Ele atende no segundo toque.

— Ana?

— Jerry. É o meu pai.

— Ana, o que aconteceu?

Explico, mal conseguindo parar para respirar.

— Vá, sim. Claro, você deve ir. Espero que o seu pai esteja bem.

— Obrigada. Eu mando notícias.

Sem querer, bato o telefone na cara dele, mas, no momento, essa é a última das minhas preocupações.

— Hannah! — grito, consciente da ansiedade em minha voz.

Minutos depois ela enfia a cabeça pela porta e me encontra arrumando a bolsa e apanhando alguns papéis para colocar na pasta.

— Sim? — Ela franze o cenho.

— Meu pai sofreu um acidente. Tenho que ir.

— Ah, meu Deus...

— Cancele todos os meus compromissos de hoje. E de segunda-feira. Você vai ter que terminar de preparar a apresentação sobre o livro digital; minhas anotações estão no arquivo da rede. Peça ajuda a Courtney, se precisar.

— Claro — murmura Hannah. — Tomara que ele esteja bem. Não se preocupe com nada aqui. A gente se vira.

— Estou com o BlackBerry.

A inquietação estampada em seu rosto pálido e aflito quase me deixa devastada.

Meu pai.

Apanho o casaco, a bolsa e a pasta.

— Eu ligo se precisar de alguma coisa.

— Claro, ligue mesmo. Boa sorte, Ana. Espero que ele esteja bem.

Dou-lhe um sorriso breve e tenso, lutando para manter a compostura, e deixo a minha sala. Tenho que me segurar para não sair correndo. Sawyer fica de pé num salto quando me vê.

— Sra. Grey? — pergunta ele, intrigado por eu surgir tão de repente.

— Vamos para Portland. Agora.

— Certo, madame — diz ele, franzindo o cenho, mas abre a porta.

Faz bem me movimentar.

— Sra. Grey — pergunta Sawyer enquanto corremos em direção ao estacionamento —, importa-se se eu perguntar por que vamos fazer essa viagem imprevista?

— Meu pai. Ele sofreu um acidente.

— Entendo. O Sr. Grey já sabe?

— Vou ligar para ele do carro.

Sawyer faz um gesto de concordância e abre a porta traseira do Audi SUV para que eu possa entrar. Com dedos trêmulos, pego o BlackBerry e disco o número do celular de Christian.

— Sra. Grey. — A voz de Andrea soa clara e eficiente.

— O Christian está por aí? — murmuro.

— Hmm... Ele está em algum lugar da empresa, madame. Deixou o BlackBerry aqui para carregar.

Resmungo por dentro, frustrada.

— Você pode lhe dizer que eu liguei e que preciso falar com ele? É urgente.

— Eu posso tentar descobrir onde ele se encontra. Ele tem esse costume de andar por aí às vezes.

— Por favor, basta pedir que ele retorne minha ligação — imploro, lutando contra as lágrimas.

— Claro, Sra. Grey. — Ela hesita. — Está tudo bem?

— Não — sussurro, insegura quanto à minha própria voz. — Por favor, peça para ele me ligar.

— Sim, senhora.

Desligo. Não consigo mais conter minha angústia. Puxando os joelhos para o peito, eu me encolho toda no banco traseiro e as indesejáveis lágrimas descem pela minha face.

— Para onde vamos em Portland, Sra. Grey? — pergunta Sawyer, com delicadeza.

— Hospital universitário — falo entre um soluço e outro. — Aquele grande.

Sawyer pega a rua e rumamos para a Interestadual 5. No banco traseiro, fico choramingando baixinho, balbuciando orações. *Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem.*

Meu celular toca, e “Your Love Is King” interrompe bruscamente meu mantra.

— Christian — exclamo, sem ar.

— Por Deus, Ana. O que aconteceu?

— Foi o Ray... ele sofreu um acidente.

— Merda!

— É. Estou indo para Portland.

— Portland? Por favor, me diga que o Sawyer está com você.

— Sim, ele está dirigindo.

— Onde está o Ray?

— No hospital universitário.

Ouçoo uma voz abafada ao fundo.

— Sim, Ros — diz Christian, ríspido. — Eu sei! Desculpe, querida: só poderei estar lá daqui a umas três horas. Tenho um

assunto a resolver aqui. Posso ir voando.

Ah, merda. O Charlie Tango está de volta, e a última vez que Christian voou nele...

— Tenho uma reunião com uns caras de Taiwan. Não posso cancelar agora. É uma transação que estamos negociando há meses.

Como é que eu não sei nada sobre isso?

— Assim que puder eu vou.

— Certo — sussurro. E quero dizer que não tem problema, fique aqui em Seattle e conclua essa negociação, mas a verdade é que eu o quero ao meu lado.

— Ah, baby — diz ele, baixinho.

— Vou ficar bem, Christian. Vá quando puder. Não corra. Não quero me preocupar com você também. E faça uma boa viagem.

— Pode deixar.

— Amo você.

— Também amo você, baby. Vou encontrá-la assim que der. Mantenha o Luke por perto.

— Está bem.

— Até mais tarde.

— Tchau.

Depois de desligar, abraço novamente os joelhos. Não sei nada sobre o trabalho de Christian. Que diabo ele está fazendo com esse pessoal de Taiwan? Olho pela janela quando passamos pelo Aeroporto Internacional de King County. Ele precisa viajar em segurança. Meu estômago dá um nó e começo a ficar enjoada. Ray e Christian. Acho que meu coração não aguentaria. Eu me recosto e recomeço meu mantra: *Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem.*

* * *

— SRA. GREY — a voz de Sawyer me desperta —, já chegamos ao hospital. Agora tenho que encontrar a Emergência.

— Eu sei onde é.

Minha mente me leva de volta à minha última visita ao hospital universitário. Foi no meu segundo dia de trabalho na Clayton's,

quando caí de uma escada de mão e torci o tornozelo. Lembro-me de Paul Clayton se inclinando sobre mim e estremeço com a recordação desagradável.

Sawyer para no local de desembarque de passageiros e salta para abrir a porta para mim.

— Vou estacionar, madame, e volto para encontrar a senhora. Pode deixar que eu levo a sua pasta, deixe no carro.

— Obrigada, Luke.

Ele aquiesce, e eu caminho resoluta até à barulhenta recepção da Emergência. A recepcionista no balcão sorri polidamente; após alguns minutos, ela localiza Ray e me encaminha para o centro cirúrgico, no terceiro andar.

Centro cirúrgico? Droga!

— Obrigada — balbucio, tentando me concentrar no caminho indicado por ela para os elevadores. Sinto um frio na barriga e quase bato com a cara na porta de um deles.

Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem.

É uma agonia a lentidão do elevador, parando em todos os andares. *Anda logo... Anda logo!* Fico torcendo para que vá mais rápido e fecho a cara para as pessoas que entram e saem, impedindo-me de chegar até o meu pai.

Finalmente as portas se abrem no terceiro andar, e corro para mais um balcão de recepção. Neste, as enfermeiras trajam uniformes azul-marinho.

— Posso ajudar? — pergunta uma prestativa enfermeira de olhar míope.

— Meu pai, Raymond Steele. Ele acabou de dar entrada. Está no centro cirúrgico 4, acho. — Digo as palavras desejando ardentemente que não sejam verdadeiras.

— Vou verificar, Srta. Steele.

Aquiesço, sem me dar o trabalho de corrigi-la, e aguardo enquanto ela procura as informações na tela do computador.

— Certo. Ele chegou há umas duas horas. Se a senhora puder esperar, vou avisar da sua presença. A sala de espera é ali. — Ela indica uma grande porta branca com os dizeres sala de espera pintados em grossas letras azuis.

— Ele está bem? — pergunto, tentando manter minha voz calma.

— A senhora vai ter que esperar um dos médicos para ter informações sobre ele.

— Obrigada — balbucio, mas por dentro estou gritando: *Quero saber agora!*

Abro a porta e me vejo em uma sala de espera austera e funcional, onde estão sentados o Sr. Rodriguez e José.

— Ana! — exclama o Sr. Rodriguez.

Ele tem o braço engessado e o rosto machucado em um dos lados. Está sentado em uma cadeira de rodas com uma das pernas também engessada. Abraço-o energicamente.

— Ah, Sr. Rodriguez — digo, soluçando.

— Ana, querida. — Ele me dá tapinhas nas costas com o braço livre. — Eu lamento muito — balbucia, sua voz rouca quase falhando.

Ah, não.

— Não, Papá — diz José suavemente atrás de mim, em tom de reprimenda. Quando me viro, ele me puxa e me abraça.

— José — balbucio.

E não consigo mais me controlar... as lágrimas caem, liberando toda a tensão, o medo e a dor que estavam presos em meu coração nas últimas três horas.

— Ei, Ana, não chore.

José acaricia meu cabelo suavemente. Enrosco meus braços em volta do seu pescoço e choro baixinho. Ficamos assim por uma eternidade, e me sinto aliviada por ter meu amigo por perto. Afastamo-nos quando Sawyer aparece na sala de espera. O Sr. Rodriguez me passa um lenço de papel, que ele pega de uma caixa deixada convenientemente à mão, e eu enxugo as lágrimas.

— Este é o Sr. Sawyer. Segurança — murmuro.

Sawyer acena educadamente para José e o Sr. Rodriguez e depois vai se acomodar em uma cadeira no canto.

— Sente-se, Ana. — José me conduz para uma poltrona estofada em vinil.

— O que aconteceu? Dá para saber como ele está? O que estão fazendo com ele?

José levanta as mãos para interromper minha avalanche de perguntas e se senta ao meu lado.

— Não tivemos notícias ainda. Ray, meu pai e eu estávamos indo pescar em Astoria. Fomos atingidos por um maldito bêbado idiota...

O Sr. Rodriguez tenta interromper, gaguejando uma frase de desculpas.

— *Cálmate*, Papá! — diz José, rispidamente. — Eu quase não me machuquei, só estou com umas costelas doloridas e um galo na cabeça. Meu pai... bom, meu pai quebrou o pulso e o tornozelo. Mas o carro atingiu o lado do carona... e Ray.

Ah, não, *não*... O pânico começa a inundar meu cérebro novamente. Não, não, não. Meu corpo é invadido por estremecimentos e calafrios quando imagino o que estará acontecendo com Ray no centro cirúrgico.

— Ele está sendo operado. Fomos levados para o hospital comunitário em Astoria, mas transferiram o Ray de helicóptero para cá. Não sabemos o que estão fazendo. Estamos esperando por notícias.

Começo a tremer.

— Ei, Ana, está com frio?

Faço que sim com a cabeça. Estou usando uma camisa branca sem manga e um casaco preto leve, e nenhum dos dois me aquece o suficiente. José tira a própria jaqueta de couro na mesma hora e a coloca nos meus ombros.

— Quer um pouco de chá, madame?

Sawyer está ao meu lado. Aceito agradecida, e ele sai da sala.

— Por que vocês estavam indo pescar em Astoria? — pergunto. José dá de ombros.

— Dizem que lá é um bom lugar para a pesca. Era um encontro só dos homens. Eu queria passar um tempo com o meu velho antes que os estudos ficassem puxados demais no meu último ano.

Os olhos escuros de José estão bem abertos e deixam transparecer medo e arrependimento.

— Você podia ter se ferido também. E o Sr. Rodriguez... poderia ter sido pior.

Engulo em seco ao pensar na possibilidade. A temperatura do meu corpo cai ainda mais, e tremo novamente. José pega minha mão.

— Caramba, Ana, você está gelada.

O Sr. Rodriguez aproxima-se lentamente e apoia minha outra mão na sua ilesa.

— Ana, eu lamento muito.

— Sr. Rodriguez, por favor. Foi um acidente... — Minha voz se reduz até um sussurro.

— Por favor, pode me chamar de José — ele me corrige.

Dirijo-lhe um sorriso débil, porque é o máximo que consigo. Estremeço uma vez mais.

— A polícia prendeu o filho da mãe. Sete da manhã e o sujeito já tinha enchido a cara — diz José, num tom baixo e cheio de desprezo.

Sawyer retorna trazendo um copo descartável com água quente e um saquinho de chá separado. *Ele sabe como eu gosto do meu chá!* Fico surpresa e satisfeita com a interrupção. O Sr. Rodriguez e José soltam minhas mãos, e eu, agradecida, pego o copo que Sawyer me oferece.

— Os senhores querem alguma coisa? — pergunta Sawyer, dirigindo-se ao Sr. Rodriguez e a José. Ambos recusam a oferta, e Sawyer volta a se sentar no canto. Mergulho o saquinho de chá na água e, depois de balançar um pouco, jogo-o na pequena lata de lixo.

— Por que estão demorando tanto? — murmuro para ninguém especificamente, e tomo um gole.

Papai... Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem.

— Logo vamos saber, Ana — diz José, amável.

Aceno positivamente com a cabeça e tomo mais um gole. Sento-me ao lado dele outra vez. Esperamos... e esperamos. O Sr. Rodriguez mantém os olhos fechados — rezando, eu acho — e José segura minha mão, apertando-a de vez em quando. Tomo o chá aos poucos. Não é Twinings, mas uma marca barata e ruim, e o gosto é horrível.

Lembro-me da última vez que fiquei esperando por alguma notícia. Da última vez que pensei que tudo estava perdido, quando o *Charlie Tango* desapareceu. Fechando os olhos, rezo mentalmente para que meu marido faça uma boa viagem. Dou uma olhada no relógio: duas e quinze. Ele já deve estar chegando. Meu chá esfriou... Argh!

Eu me levanto e ando um pouco de um lado para o outro, depois volto a me sentar. Por que os médicos não vieram falar comigo? Pego a mão de José, e ele aperta a minha para me tranquilizar. *Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem.*

O tempo se arrasta de tão devagar.

De súbito a porta se abre, e todos erguemos o olhar, ansiosos. Sinto um nó na barriga. *Será agora?*

Christian entra apressado. Seu rosto escurece por um instante quando ele me vê de mãos dadas com José.

— Christian! — exclamo, e fico de pé em um salto, agradecendo a Deus por ele ter chegado são e salvo.

Depois estou em seus braços, seu nariz no meu cabelo, e eu sinto seu cheiro, seu carinho, seu amor. Uma pequena porção de mim se acalma, ficando mais forte e mais animada simplesmente porque ele está aqui. Ah, a diferença que sua presença faz para minha paz de espírito.

— Alguma notícia?

Balanço negativamente a cabeça, incapaz de falar.

— José. — Ele o cumprimenta com a cabeça.

— Christian, este é o meu pai, José.

— Sr. Rodriguez. Nós nos conhecemos no casamento. Deduzo que o senhor também estava no acidente.

José conta a história de maneira breve.

— E vocês dois se sentem bem o suficiente para estarem aqui? — indaga Christian.

— Não queremos ir para nenhum outro lugar — responde o Sr. Rodriguez, com a voz baixa e cheia de dor.

Christian aquiesce; depois, pegando na minha mão, me faz sentar e se instala ao meu lado.

— Você já comeu? — pergunta ele.

Nego com a cabeça.

— Está com fome?

Balanço a cabeça novamente.

— Mas está com frio? — continua ele, olhando para a jaqueta de José.

Admito que sim. Ele se mexe desconfortável na cadeira, mas, sensatamente, não diz nada.

A porta se abre mais uma vez, e entra um jovem médico de uniforme azul-claro. Ele parece exausto e aflito.

Todo o sangue se esvai da minha cabeça quando me levanto, cambaleante.

— Ray Steele — sussurro. Christian está ao meu lado, com o braço em volta da minha cintura.

— É parente próxima? — pergunta o médico.

Seus olhos azuis brilhantes são quase da mesma cor do jaleco, e, em outras circunstâncias, eu o teria achado atraente.

— Sou Ana, filha dele.

— Srta. Steele...

— Sra. Grey — corrige Christian.

— Perdão — gagueja o médico, e por um minuto tenho vontade de dar um chute em Christian. — Sou o Dr. Crowe. Seu pai está estável, mas em condição crítica.

O que isso significa? Meus joelhos vacilam sob o peso do meu corpo, e só o braço de Christian em volta de mim me impede de cair no chão.

— Ele sofreu diversos traumas internos — explica o Dr. Crowe —, principalmente no diafragma, mas conseguimos reconstituir os tecidos e também salvar o baço. Infelizmente, ele sofreu um ataque cardíaco durante a cirurgia por causa da perda de sangue. Reestabilizamos o coração, mas isso ainda nos preocupa. Nossa maior preocupação, porém, é com a cabeça, que teve contusões graves, e a ressonância magnética mostra inchaço no cérebro. Ele está em coma induzido para permanecer imóvel enquanto controlamos o edema no cérebro.

Dano cerebral? Não.

— Trata-se do procedimento padrão nesses casos. Por enquanto, só nos resta esperar e ver como a condição dele progride.

— Qual é o prognóstico? — pergunta Christian friamente.

— Sr. Grey, é difícil dizer no momento. É possível que ele consiga se recuperar por completo, mas isso agora está nas mãos de Deus.

— Quanto tempo ele vai ser mantido em coma?

— Depende de como o cérebro vai reagir. Em geral, são de setenta e duas a noventa e seis horas.

Ai, tanto tempo!

— Eu posso ver o meu pai? — murmuro.

— Pode, sim. Dentro de mais ou menos meia hora. Ele foi levado para a UTI, no sexto andar.

— Obrigada, doutor.

O Dr. Crowe faz um cumprimento com a cabeça, dá meia-volta e vai embora.

— Bom, ele está vivo — sussurro para Christian. E as lágrimas começam a rolar novamente pelo meu rosto.

— Sente-se — ordena Christian, com gentileza.

— Papá, acho que devemos ir embora. Você precisa descansar. Não vamos ter outra notícia tão cedo — murmura José para o Sr. Rodriguez, que olha para o filho com uma expressão vazia no rosto. — Podemos voltar de noite, depois que você descansar. Tudo bem por você, Ana? — pergunta ele em tom suplicante, virando-se para mim.

— É claro.

— Vocês vão ficar em Portland? — pergunta Christian.

José confirma.

— Querem uma carona para casa?

José franze o cenho.

— Eu ia chamar um táxi.

— O Luke pode levar vocês.

Sawyer se levanta, e José parece confuso.

— Luke Sawyer — esclareço.

— Ah... Claro. Acho que seria bom mesmo. Obrigado, Christian.

Levantando-me, abraço rapidamente pai e filho.

— Seja forte, Ana — sussurra José em meu ouvido. — O Ray é um homem saudável e que se cuida. Isso conta a favor dele.

— Espero que sim.

Dou-lhe um abraço apertado. Depois, tiro a sua jaqueta e a devolvo a ele.

— Pode ficar, você ainda está com frio.

— Não, já estou bem. Obrigada.

Olhando nervosa para Christian, vejo que ele nos observa impassível. Christian pega minha mão.

— Se houver alguma mudança no quadro dele, eu aviso vocês na hora — digo para José, que empurra a cadeira de rodas do pai até a porta que Sawyer mantém aberta.

O Sr. Rodriguez levanta a mão, e os dois param à porta.

— Vou incluir seu pai nas minhas orações, Ana — diz ele, a voz vacilante. — Foi tão bom retomar o contato com o Ray depois de todos esses anos... Ele se tornou um bom amigo.

— Eu sei.

E então eles vão embora. Christian e eu ficamos sozinhos. Ele acaricia meu rosto.

— Você está pálida. Venha cá.

Ele senta-se na cadeira e me coloca no colo, abraçando-me mais uma vez, e eu me deixo levar de boa vontade; aconchego-me nele, sentindo-me aflita com o infortúnio do meu padrasto mas grata por ter meu marido aqui, para me consolar. Ele faz um suave carinho no meu cabelo e segura minha mão.

— Como estava o *Charlie Tango*? — pergunto.

Ele sorri.

— Ah, ele estava *yar* — responde ele, com certo orgulho na voz, o que me faz rir pela primeira vez em muitas horas. Eu o fito, intrigada.

— *Yar*?

— É um trecho de *Núpcias de escândalo*. O filme favorito da Grace.

— Não conheço.

— Acho que eu tenho em casa, em blu-ray. Podemos assistir e dar uns amassos. — Ele beija meu cabelo e eu sorrio novamente.

— Será que eu consigo convencer você a comer alguma coisa? — pergunta ele.

Meu sorriso desaparece.

— Agora não. Quero ver o Ray primeiro.

Seus ombros se curvam em desânimo, mas ele não insiste.

— E os taiwaneses?

— Foram afáveis — responde ele.

— Afáveis como?

— Aceitaram me vender o estaleiro deles por menos do que eu estava disposto a pagar.

Ele comprou um estaleiro?

— E isso é bom?

— É bom, sim.

— Mas eu pensei que você já tivesse um estaleiro. Aqui na cidade.

— Eu tenho. Vamos usar o daqui para o acabamento. E construir os cascos no Extremo Oriente. Sai mais barato.

Ah.

— E quanto aos funcionários do estaleiro daqui?

— Vamos realocar. Acho que conseguiremos fazer com que o número de demissões seja mínimo. — Ele beija meu cabelo. — Vamos ver como está o Ray? — pergunta, em voz baixa e suave.

* * *

A UTI, NO SEXTO ANDAR, é uma ala austera, estéril e funcional, com vozes sussurradas e sons estridentes dos equipamentos. Quatro pacientes estão internados, cada um em uma área high-tech separada. Ray está na última.

Papai.

Ele parece tão pequeno na imensa cama, cercado por toda aquela aparelhagem. É um choque. Meu pai nunca me pareceu tão diminuído. Há um tubo na sua boca, e em cada braço uma agulha recebe as gotas vindas de diversas ramificações. Uma espécie de pinça está presa a um dos seus dedos. Fico me perguntando vagamente para que será que serve. A perna dele está apoiada em travesseiros, envolta em uma bota azul. Um monitor mostra o batimento cardíaco: *bip, bip, bip*. É um ritmo forte e regular. Isso eu posso perceber. Eu me aproximo lentamente. Seu peito está coberto por uma enorme e recente atadura, que desaparece por baixo do fino lençol que protege seu corpo.

Percebo que o tubo que sai do canto direito de sua boca segue até um respirador mecânico, cujo barulho se combina com o *bip, bip, bip* do monitor cardíaco e forma uma batida percussiva rítmica. Sugando, expelindo, sugando, expelindo, sugando, expelindo no tempo marcado pelos bips. Há quatro linhas na tela do monitor cardíaco, cada uma delas se movendo de um lado ao outro, demonstrando claramente que Ray ainda está conosco.

Ah, papai.

Mesmo com a boca repuxada pelo tubo do respirador, sua aparência é tranquila, como se ele estivesse dormindo.

Uma enfermeira jovem e baixinha está de pé ao lado da cama, verificando os monitores.

— Posso tocá-lo? — pergunto, buscando hesitante a mão dele.

— Pode.

Ela sorri amigavelmente. O crachá diz “ENFERMEIRA KELLIE”. Ela é loura e tem olhos muito, muito escuros; deve estar na casa dos vinte anos.

Christian está aos pés da cama, observando-me com atenção. Ao pegar a mão de Ray, sinto-a surpreendentemente quente, e isso me faz desabar. Afundo na cadeira próxima da cama, encosto a cabeça de leve no braço de Ray e começo a chorar.

— Ah, pai. Por favor, melhore logo — sussurro. — Por favor.

Christian coloca a mão no meu ombro e aperta ligeiramente, com a intenção de me tranquilizar.

— Todos os sinais vitais do Sr. Steele estão se mantendo bons — diz a enfermeira Kellie, baixinho.

— Obrigado — murmura Christian.

Ergo o olhar para ela a tempo de vê-la ficar boquiaberta. Finalmente ela deu uma boa olhada no meu marido. Não ligo. Pode admirá-lo o quanto quiser, contanto que faça meu pai melhorar.

— Ele consegue me ouvir? — pergunto.

— Está em um sono profundo. Mas nunca se sabe...

— Posso ficar aqui por um instante?

— Claro.

A enfermeira sorri para mim, suas faces rosadas denunciando-a. Incongruentemente, me pego pensando que ela deve ser loura falsa.

Christian se vira para mim, ignorando-a.

— Preciso dar um telefonema. Vou estar aqui fora. Fique um tempo a sós com o seu pai.

Faço que sim com a cabeça, ele beija meu cabelo e sai da sala. Pego a mão de Ray, impressionada com a ironia de que só agora que ele está inconsciente e não pode me ouvir é que eu realmente quero lhe dizer o quanto o amo. Esse homem tem sido um porto seguro para mim. Minha rocha. E eu nunca tinha pensado nisso até agora. Não sou sangue do seu sangue, mas ele é o meu pai e eu o amo muito. As lágrimas escorrem pelas minhas faces. *Por favor, por favor, fique bom.*

Bem baixinho, para não perturbar ninguém, conto para ele sobre o fim de semana em Aspen e sobre o fim de semana anterior, quando velejamos e viajamos a bordo do *Grace*. Conto também sobre a casa nova, os projetos, nossa expectativa de torná-la ecologicamente sustentável. Prometo que vamos levá-lo conosco para Aspen, para que ele possa pescar com Christian, e garanto-lhe que o Sr. Rodriguez e José também serão bem-vindos. *Por favor, esteja aqui para fazer tudo isso, pai. Por favor.*

Ray permanece imóvel, o sugar e expelir do respirador mecânico e o monótono mas tranquilizador *bip, bip, bip* do monitor cardíaco são sua única resposta.

Quando levanto o olhar, vejo Christian sentado quieto ao pé da cama. Não sei há quanto tempo ele está ali.

— Oi — diz ele, seus olhos transbordando compaixão e preocupação.

— Oi.

— Quer dizer que eu vou pescar com o seu pai, o Sr. Rodriguez e o José? — pergunta ele.

Confirmo com a cabeça.

— Tudo bem. Vamos comer. Deixe o Ray dormir.

Franzo o cenho. Não quero deixá-lo.

— Ana, ele está em coma. Eu dei os números dos nossos celulares para as enfermeiras daqui. Se alguma coisa mudar no quadro dele, elas ligam. Vamos comer, arranjar um hotel, descansar um pouco, e à noite voltamos para cá.

* * *

A SUÍTE NO HEATHMAN está exatamente como eu me lembro. Quantas vezes eu já pensei naquela primeira noite e naquela manhã que passei com Christian Grey? Paro na entrada do quarto, paralisada. Nossa, tudo começou aqui.

— O lar quando estamos longe do lar — diz Christian, a voz suave, colocando minha pasta no chão ao lado de um dos sofás confortáveis. — Quer tomar um banho? Ficar um pouco na banheira? Do que você precisa, Ana?

Christian me fita, e eu sei que ele está desnortado: meu garotinho perdido lidando com acontecimentos que estão além do seu controle. Ele ficou fechado e contemplativo a tarde toda. Trata-se de uma situação que ele não pode manipular nem prever. Essa é a vida real em sua essência, e ele se manteve por tanto tempo afastado dela que agora se sente vulnerável e impotente. Meu querido e protegido Cinquenta Tons.

— Um banho de banheira. É o que eu quero agora — murmuro, ciente de que lhe dar uma ocupação vai fazê-lo se sentir melhor, até mesmo útil. *Ah, Christian... estou entorpecida e sinto frio e medo, mas que bom que você está aqui comigo.*

— Banheira. Ótimo. Tudo bem.

Ele cruza o quarto a passos largos e desaparece no suntuoso banheiro. Alguns momentos depois, ecoa na sala o barulho da água correndo para encher a banheira.

Finalmente, reúno minhas forças ante de ir para o quarto. Fico espantada ao ver diversas sacolas da Nordstrom em cima da cama. Christian volta ao quarto, sem gravata nem paletó, as mangas da camisa arregaçadas.

— Mandei o Taylor fazer umas compras. Camisola, essas coisas — diz ele, me observando com certo temor.

Mas é claro que ele fez isso. Sinalizo minha aprovação de modo a fazê-lo sentir-se melhor. *Cadê o Taylor?*

— Ah, Ana — murmura Christian. — Nunca vi você assim. Normalmente você é tão forte e corajosa...

Não sei o que dizer. Apenas olho para ele, com os olhos bem abertos. Não tenho nada a lhe oferecer no momento. Acho que

estou em choque. Abraço a mim mesma, tentando controlar o frio insistente, mas sei que é em vão, já que o frio vem de dentro de mim. Christian me envolve em seus braços.

— Baby, ele está vivo. Os sinais vitais estão bons. Só temos que ser pacientes — murmura. — Venha.

E, pegando-me pela mão, ele me leva até o banheiro. Com delicadeza, faz meu casaco deslizar pelos ombros e o coloca na cadeira do banheiro; depois, vira-se de novo e desabotoa minha camisa.

* * *

A ÁGUA ESTÁ deliciosamente morna e perfumada, o aroma de flor de lótus invadindo o ar quente e abafado do banheiro. Estou recostada entre as pernas de Christian, minhas costas de encontro ao seu corpo, meus pés descansando sobre os dele. Estamos ambos calados e introspectivos, e finalmente sinto-me mais aquecida. Christian, com o braço ao redor dos meus ombros, beija meu cabelo de vez em quando; eu apenas estouro as bolhas de espuma, sem pensar em nada.

— Você não ficava na banheira com a Leila, ficava? Naquela época você dava banho nela? — pergunto.

Ele se retesa, solta um barulho rouco, e a mão que descansa no meu ombro se contrai.

— Hmm... não. — Seu tom de voz indica surpresa.

— Imaginei. Que bom.

Ele puxa de leve meu cabelo, preso em um coque improvisado, fazendo minha cabeça se inclinar para trás de forma a poder ver meu rosto.

— Por que a pergunta?

Dou de ombros.

— Curiosidade mórbida. Não sei... ver a Leila essa semana...

A expressão em seu rosto endurece.

— Entendo. Menos dessa morbidez, por favor. — Seu tom de voz transmite uma reprimenda.

— Até quando você vai sustentá-la?

— Até ela conseguir andar com as próprias pernas. Não sei. —
Ele dá de ombros. — Por quê?

— Existem outras?

— Outras?

— Alguma outra ex que você sustente.

— Havia outra, sim. Mas acabou.

— Ah, é?

— Ela estava estudando medicina. Já se formou e arranhou outra pessoa.

— Outro Dominador ?

— É.

— A Leila disse que você tem dois quadros dela — murmuro.

— Eu tinha, mas não gostava muito. Apresentavam certa qualidade técnica, mas eram muito coloridos para o meu gosto. Acho que estão com o Elliot. Como você bem sabe, ele não tem bom gosto.

Dou uma risadinha, e ele passa o outro braço ao redor do meu corpo, entornando água pela lateral da banheira.

— Assim está melhor — sussurra ele, e me dá um beijo na têmpora.

— Ele vai se casar com a minha melhor amiga.

— Então é melhor eu calar a boca.

* * *

SINTO-ME MAIS RELAXADA depois do banho. Enrolada no roupão macio do Heathman, dou uma olhada nas várias sacolas em cima da cama. Nossa, deve ter muito mais do que roupa de dormir aí. Hesitante, espreito uma delas. Uma calça jeans e um suéter azul-claro, com capuz, do meu tamanho. Caramba... Taylor comprou um enxoval completo para um fim de semana — e ele conhece o meu gosto. Sorrio, lembrando que não foi a primeira vez que ele comprou roupas para mim enquanto eu estava hospedada no Heathman.

— Tirando aquela vez que você foi me assediar na Clayton's, algum dia você efetivamente entrou em uma loja para comprar alguma coisa?

— Assediar você?

— Exato, me assediar.

— Você ficou toda nervosa, se bem me lembro. E aquele rapaz estava sempre rodeando você. Como era mesmo o nome dele?

— Paul.

— Um dos seus muitos admiradores.

Reviro os olhos, e ele sorri — um sorriso genuíno, aliviado — e me beija.

— Essa é a minha garota — sussurra ele. — Vá se vestir. Não quero que fique com frio de novo.

* * *

— ESTOU PRONTA — MURMURO.

Christian está trabalhando no seu Mac. Ele veste uma calça jeans preta e um suéter cinza de tricô; eu coloquei a calça, o casaco com capuz e camiseta branca.

— Você parece tão jovem — diz Christian, baixinho, os olhos brilhando ao me fitar. — E pensar que vai ficar um ano inteiro mais velha amanhã.

Sua voz soa melancólica. Abro um sorriso triste.

— Não estou muito a fim de celebrações. Podemos ir ver o Ray agora?

— Claro. Eu queria que você comesse alguma coisa. Você mal tocou na comida.

— Christian, por favor. Não estou com fome. Talvez depois de ver o Ray. Quero dar boa-noite a ele.

* * *

QUANDO CHEGAMOS À UTI, encontramos José saindo. Ele está sozinho.

— Ana, Christian, oi.

— Cadê seu pai?

— Estava cansado demais para vir. Afinal de contas, ele também sofreu um acidente de carro hoje de manhã. — José força um sorriso triste. — E os analgésicos contribuíram. Ele capotou. Tive

que brigar para poder entrar e ver o Ray, já que eu não sou da família.

— E aí? — pergunto, ansiosa.

— Ele está bem, Ana. Na mesma... mas bem.

Sinto uma onda de alívio. Falta de notícia é boa notícia.

— Vejo você amanhã, aniversariante?

— Claro. Vamos ficar por aqui.

José olha Christian de esguelha rapidamente e depois me dá um breve abraço.

— *Mañana*.

— Boa noite, José.

— Boa noite, José — repete Christian.

José acena e segue pelo corredor.

— Ele ainda é louco por você — diz Christian calmamente.

— Não é não. E mesmo que fosse... — Dou de ombros, porque, no momento, não me importo nem um pouco.

Christian me dá um sorriso contido, e meu coração se derrete.

— Meus parabéns — murmuro.

Ele franze a testa.

— Por não espumar pela boca.

Ele me olha boquiaberto, e vejo que ficou magoado — mas também achou graça.

— Eu nunca fiz isso. Vamos ver o seu pai. Tenho uma surpresa para você.

— Surpresa? — Arregalo os olhos, temerosa.

— Venha.

Christian me pega pela mão, e juntos abrimos as portas duplas da UTI.

Ao pé da cama está Grace, entretida numa conversa com Crowe e uma mulher que eu ainda não tinha visto, também médica. Ao nos ver, Grace sorri.

Ah, graças a Deus.

— Christian.

Ela o beija no rosto, depois se volta para mim e me envolve em um abraço afetuoso.

— Ana. Como você está se aguentando?

— Estou bem. É com o meu pai que eu estou preocupada.

— Ele está em boas mãos. A Dra. Sluder é especialista nessa área. Estudamos juntas em Yale.

Ah...

— Sra. Grey — cumprimenta muito formalmente a Dra. Sluder. Ela tem um porte franzino, cabelo curto, um sorriso tímido e um leve sotaque do sul. — Como a principal médica do seu pai nesse momento, fico feliz em dizer que tudo está correndo conforme o previsto. Os sinais vitais dele estão fortes e estáveis. Temos muita fé em que ele vai se recuperar plenamente. O edema cerebral cessou e mostra sinais de que está diminuindo. Isso é muito promissor depois de tão pouco tempo.

— Que boa notícia — murmuro.

Ela sorri afetuosamente.

— É mesmo, Sra. Grey. Estamos cuidando muito bem dele. — Ela se volta para Grace. — Foi bom ver você de novo.

Grace sorri.

— Digo o mesmo, Lorraina.

— Dr. Crowe, vamos deixar a família fazer uma visita ao Sr. Steele. — E Crowe segue junto com a Dra. Sluder até a saída.

Volto minhas atenções para Ray, e pela primeira vez desde o acidente me sinto mais esperançosa. As palavras gentis de Grace e da Dra. Sluder renovaram minha fé.

Grace pega minha mão e a aperta ligeiramente.

— Ana, querida, fique sentada ao lado dele. Fale com ele. Isso só faz bem. Ficarei com o Christian na sala de espera.

Aquiesço, e Christian sorri, transmitindo tranquilidade. Ele e a mãe me deixam com meu querido pai dormindo em paz ao som da canção de ninar do respirador mecânico e do monitor cardíaco.

* * *

VISTO A CAMISETA branca de Christian e me enfio na cama.

— Você parece mais animada — diz ele cautelosamente ao vestir o pijama.

— É verdade. Acho que conversar com a Dra. Sluder e com a sua mãe fez uma grande diferença. Foi você que pediu à Grace para vir até aqui?

Christian desliza para debaixo dos lençóis e me puxa para seus braços, virando-me de costas para si.

— Não. Ela quis vir e verificar pessoalmente como estava o seu pai.

— Como ela soube?

— Liguei para ela hoje de manhã.

Ah.

— Baby, você está exausta. Durma um pouco.

— Aham — murmuro.

Ele tem razão. Estou tão cansada! Foi um dia cheio de emoções. Viro a cabeça e o observo por um breve momento. *Não vamos fazer amor?* E fico aliviada. Na verdade, durante todo o dia ele se comportou como se não devesse me tocar muito. Fico pensando se devo ficar preocupada com isso; porém, como a minha deusa interior deu uma saída, levando minha libido consigo, resolvo pensar no assunto amanhã de manhã. Eu me viro e me aconchoo em Christian, enroscando minha perna na dele.

— Quero que me prometa uma coisa — diz ele suavemente.

— Hmm? — É uma pergunta, já que estou cansada demais para articular qualquer palavra.

— Prometa que vai se alimentar amanhã. Posso até tolerar ver você usando a jaqueta de outro homem sem espumar pela boca, mas, Ana... você tem que comer. Por favor.

— Hmm — concordo. Ele beija meu cabelo. — Obrigada por estar aqui — balbucio, e, já meio dormindo, beijo seu peito.

— E onde mais eu estaria? Quero estar onde você estiver, Ana. Estar aqui me faz pensar em como chegamos tão longe. E na primeira noite que dormimos juntos. Que noite! Fiquei observando você por horas e horas. Você era simplesmente... *yar* — sussurra ele.

Abro um sorriso com o rosto encostado em seu peito.

— Durma — murmura ele, e é uma ordem.

Fecho os olhos e me entrego.

CAPÍTULO DEZOITO

Eu me mexo, abrindo os olhos para uma clara manhã de setembro. Quente e confortável sob lençóis novos e limpos, levo um tempo para me orientar e me surpreendo com uma sensação de *déjà vu*. É claro, estou no Heathman.

— Merda! Meu pai! — exclamo alto, e, sentindo uma crise de aflição que faz meu coração se apertar e começar a bater acelerado, recordo o motivo que me trouxe a Portland.

— Ei. — Christian está sentado na beira da cama. Ele afaga minha face com os nós dos dedos, o que me acalma instantaneamente. — Liguei para a UTI agora de manhã. Ray passou bem a noite. Está tudo certo — diz ele, para me tranquilizar.

— Ah, que bom. Obrigada — murmuro, me sentando.

Ele se inclina e pressiona os lábios contra a minha testa.

— Bom dia, Ana — sussurra, e beija minha têmpora.

— Oi — murmuro.

Ele já está desperto e vestido com camiseta preta e calça jeans.

— Oi — responde ele, os olhos cheios de suavidade e afeto. — Queria desejar um feliz aniversário. Posso?

Esboço um sorriso e acaricio seu rosto.

— Sim, claro. Obrigada. Por tudo.

Ele franze a testa.

— Tudo?

— Tudo.

Por um instante ele parece confuso, mas passa rápido, e então seus olhos se arregalam, ansiosos.

— Aqui.

Ele me entrega uma caixinha delicadamente embalada, com um pequenino cartão de presente.

Apesar da aflição que sinto por causa de meu pai, posso perceber a ansiedade e a empolgação de Christian — e é

contagioso. Leio o cartão.

*Por todas as nossas primeiras vezes, no seu primeiro aniversário
como minha amada esposa.*

Amo você

Bj,

C.

Ah, meu Deus, tem coisa mais fofa?

— Também amo você — murmuro, sorrindo para ele.

Ele sorri de volta.

— Abra.

Desembrulho o papel com cuidado para não rasgar e encontro uma linda caixa de couro vermelho. *Cartier*. A embalagem já me é familiar, graças ao relógio e aos brincos que ele me deu ao pedir uma segunda chance. Abro a caixa cautelosamente. Dentro, há uma pulseira de pingentes, feita de prata, platina ou ouro branco — não sei dizer, mas é simplesmente linda. Possui vários pingentes: a Torre Eiffel; um táxi preto de Londres; um helicóptero — o *Charlie Tango*; um planador, um catamarã — *The Grace*; uma cama; e uma casquinha de sorvete? Olho para ele, intrigada.

— Baunilha?

Ele dá de ombros como se pedisse desculpas, e não consigo deixar de dar uma risada. É óbvio.

— Christian, é maravilhosa. Obrigada. É *yar*.

Ele abre um sorriso.

O que eu mais gostei foi do coração. É um relicário.

— Você pode colocar uma foto ou o que quiser.

— Uma foto sua. — Ergo os olhos para ele. — Em meu coração para todo o sempre.

Ele sorri, seu belo e tímido sorriso de cortar o coração.

Acaricio os dois últimos pingentes: uma letra C — ah, sim, eu fui a única namorada a usar seu primeiro nome. Sorrio ao pensar nisso. E, finalmente, uma chave.

— Do meu coração e da minha alma — sussurra ele.

Meus olhos ficam marejados. Eu me jogo em seus braços, me enroscando no pescoço dele e me sentando em seu colo.

— É um presente tão atencioso... Adorei. Muito obrigada — murmuro no ouvido dele.

Ah, ele está tão cheiroso — um cheiro de limpeza, de linho puro, de sabonete e de Christian. Como um lar, o meu lar. As lágrimas que ameaçavam cair afinal rolam pelo meu rosto.

Ele emite um som baixo e rouco e me aperta em seu abraço.

— Não sei o que eu faria sem você. — Minha voz falha, pois tento conter uma esmagadora onda de emoções.

Ele engole em seco e me abraça ainda mais apertado.

— Por favor, não chore.

Dou uma fungada nada educada para uma moça.

— Desculpe. É que eu estou tão feliz e triste e nervosa, tudo ao mesmo tempo. É um doce amargo.

— Ei. — Sua voz é leve como uma pluma. Erguendo meu queixo, ele me dá um selinho. — Eu entendo.

— Eu sei — murmuro, e recebo em troca o seu sorriso tímido.

— Queria que estivéssemos em circunstâncias mais felizes e em casa. Mas estamos aqui. — Ele dá de ombros mais uma vez, à guisa de desculpas. — Venha, levante-se. Depois do café, vamos ver como está o Ray.

* * *

DEPOIS DE VESTIR a camiseta e a calça jeans novas, afinal meu apetite faz uma aparição, breve mas bem-vinda, durante o café da manhã na suíte. Sei que Christian fica contente de me ver comer granola com iogurte grego.

— Obrigada por pedir meu café da manhã preferido.

— É seu aniversário — diz ele docemente. — E você tem que parar de ficar me agradecendo. — Ele revira os olhos em irritação, mas de uma maneira afetuosa, eu acho.

— Só quero que você saiba que me agrada.

— Anastasia, é essa a minha função.

A expressão em seu rosto é séria — é claro, Christian no comando e no controle. Como pude esquecer... Será que eu ia gostar dele se fosse diferente?

— É verdade. — Sorrio.

Ele me lança um olhar intrigado, mas depois balança a cabeça.

— Vamos?

— Só vou escovar os dentes.

— Tudo bem. — E ele abre um sorriso irônico.

Por que a ironia? Essa ideia persiste em minha cabeça enquanto me dirijo para o banheiro. Uma recordação surge repentina em minha mente. Eu usei a escova de dentes dele depois da primeira noite que passamos juntos. Também sorrio ironicamente e pego a escova dele em homenagem àquela primeira vez. Ao me olhar escovando os dentes, percebo que estou pálida, muito pálida. Se bem que eu estou sempre pálida. Da última vez que estive aqui, eu era solteira, e agora estou casada, aos vinte e dois anos! Estou ficando velha. Cuspo a pasta de dente.

Levanto o punho e balanço: os penduricalhos da pulseira produzem um chacoalhar gostoso. Como o meu doce Christian consegue sempre saber exatamente a coisa certa para me dar de presente? Respiro fundo, tentando abafar as emoções ainda presentes em meu organismo, e admiro a pulseira mais uma vez. Aposto que custou uma fortuna. *Ah... bem.* Ele tem dinheiro para isso.

Quando nos dirigimos para o elevador, Christian pega minha mão e beija os nós dos dedos, seu polegar roçando o *Charlie Tango* na minha pulseira.

— Você gostou?

— Gostar é pouco. Eu adorei. Adorei mesmo. Assim como eu adoro você.

Ele sorri e beija os nós dos meus dedos novamente. Sinto-me mais leve do que ontem. Talvez por ser de manhã, quando o mundo sempre parece mais promissor do que no meio da noite. Ou talvez seja o doce despertar providenciado pelo meu marido. Ou então por saber que Ray não piorou.

Quando entramos no elevador vazio, ergo os olhos para Christian por um momento. Ele rapidamente encontra meu olhar e sorri daquele jeito meio irônico novamente.

— Não faça isso — sussurra ele quando as portas se fecham.

— Isso o quê?

— Não me olhe assim.

— Foda-se a papelada — balbucio, sorrindo.

Ele ri, um som despreocupado e infantil. Depois me puxa para seus braços e ergue meu queixo.

— Um dia vou alugar este elevador por uma tarde inteira.

— Só pela tarde? — Levanto a sobrancelha.

— Sra. Grey, mas que ambiciosa.

— Quando se trata de você, sou mesmo.

— Fico muito feliz em ouvir isso. — Ele me beija suavemente.

E não sei se é porque estamos *nesta* elevador ou porque ele não me tocou nas últimas vinte e quatro horas ou apenas porque ele é meu inebriante marido, mas o desejo se solta e se instala preguiçosamente no meu ventre. Passo os dedos pelo cabelo dele e intensifico o beijo, empurrando-o contra a parede e pressionando meu corpo contra o dele.

Ele geme, sua boca ainda na minha, e segura minha cabeça, me embalando enquanto nos beijamos — um beijo de verdade, nossas línguas explorando um território tão conhecido e ao mesmo tempo novo e excitante que é a boca do outro. Minha deusa interior entra em êxtase, trazendo minha libido de volta. Acaricio seu rosto tão querido, em minhas mãos.

— Ana — sussurra ele.

— Eu amo você, Christian Grey. Nunca se esqueça disso — sussurro, fitando seus olhos cinza cada vez mais escuros.

O elevador para suavemente e as portas se abrem.

— Vamos lá visitar seu pai antes que eu decida alugar esse elevador hoje mesmo.

Ele me beija rapidamente, pega minha mão e me conduz até a entrada.

Quando passamos pela recepção, Christian faz um discreto sinal para o amável senhor de meia-idade atrás do balcão. Ele aquiesce e pega o telefone. Fito Christian com ar inquisidor e ele me responde com um sorriso cheio de segredos. Franzo a testa, e, por um instante, ele aparenta nervosismo.

— Cadê o Taylor? — pergunto.

— Ele deve chegar daqui a pouco.

É óbvio, provavelmente está pegando o carro.

— E o Sawyer?

— Resolvendo uns assuntos.

Que assuntos?

Christian evita a porta giratória, e sei que é para não ter que soltar minha mão. Isso aquece meu coração. Lá fora está uma agradável manhã de final de verão, mas o aroma do outono vindouro paira na brisa do ar. Olho em volta, procurando o Audi SUV e Taylor. Nenhum sinal dos dois. Christian aperta minha mão ainda mais, e eu olho para ele. Parece ansioso.

— O que foi?

Ele dá de ombros. O barulho do motor de um automóvel que se aproxima me distrai. É um ronco... e familiar. Quando me volto para procurar de onde vem o barulho, ele cessa repentinamente. Taylor está saindo de um carro esportivo branco e lustroso estacionado na nossa frente.

Ah, merda! É um R8. Viro bruscamente a cabeça para Christian, que me examina com um olhar cauteloso. *“Você pode me dar um de aniversário... branco, acho.”*

— Feliz aniversário — diz ele, e sei que está avaliando minha reação. Fico boquiaberta, pois é o máximo que consigo fazer. Ele estende uma chave para mim.

— Agora você passou totalmente dos limites — murmuro.

Ele me deu um Audi R8! Puta merda. Exatamente como eu pedi! Meu rosto se abre num sorriso enorme, e dou pulinhos sem sair do lugar, sem conseguir esconder ou refrear minha superempolgação. A expressão de Christian reflete a minha, e eu avanço dançando até cair em seus braços. Ele me gira no ar.

— Você tem mais dinheiro do que bom senso! — grito de alegria.
— Adorei! Obrigada mesmo!

Ele para e subitamente me inclina para baixo, o que me assusta e me obriga a agarrar seus braços.

— Tudo para você, Sra. Grey. — Ele abre um grande sorriso. *Minha nossa.* Que grande demonstração pública de amor. E me beija. — Venha. Vamos ver seu pai.

— Claro. Posso dirigir?

Ele ri.

— Pode. É seu.

Ele me levanta e me solta. Corro para o lado do motorista.

Taylor abre a porta para mim, com um grande sorriso.

— Feliz aniversário, Sra. Grey.

— Obrigada, Taylor.

Eu o surpreendo ao lhe dar um rápido abraço, que ele retribui meio sem graça. Ainda há rubor em seu rosto quando entro no carro e ele fecha a porta assim que me instalo no banco.

— Dirija com cuidado, Sra. Grey — diz, todo bronco. Olho radiante para ele, mal conseguindo conter minha empolgação.

— Pode deixar — prometo, enfiando a chave na ignição depois que Christian se acomoda ao meu lado.

— Vá com calma. Não tem ninguém nos perseguindo agora — avisa ele.

Quando viro a chave, o motor ganha vida com um ronco. Verifico o espelho retrovisor e os laterais e, percebendo um raro momento de tráfego livre, executo uma perfeita curva em U e saio rugindo em direção ao hospital universitário.

— Uau! — exclama Christian, tenso.

— O que foi?

— Não quero ver você internada na UTI junto com o seu pai. Vá devagar — ordena ele, sem chance de discussão.

Piso mais leve no acelerador e sorrio para ele.

— Melhor assim?

— Bem melhor — balbucia, tentando parecer austero... mas falhando totalmente.

* * *

A CONDIÇÃO DE RAY permanece inalterada. Vê-lo faz meus pés fincarem novamente no chão, após a emocionante viagem de carro até aqui. *Eu realmente deveria dirigir com mais cuidado.* Não dá para controlar todo motorista embriagado que existe no mundo. Preciso perguntar a Christian o que aconteceu com o babaca que provocou o acidente com Ray — tenho certeza de que ele sabe. Apesar dos tubos, meu pai parece confortável, e acho que vejo um pouco mais de cor nas suas faces. Enquanto converso com ele, contando como foi minha manhã, Christian vai até a sala de espera para dar uns telefonemas.

A enfermeira Kellie se aproxima, verificando o estado de Ray e fazendo anotações no prontuário dele.

— Todos os sinais estão bons, Sra. Grey. — Ela sorri amavelmente.

— Isso é bem animador.

Um pouco mais tarde, o Dr. Crowe aparece com dois assistentes de enfermagem e diz cordialmente:

— Sra. Grey, está na hora de levar o seu pai para a radiologia. Vamos fazer uma tomografia computadorizada. Para ver como anda o cérebro dele.

— Vai demorar?

— No máximo uma hora.

— Vou esperar. Quero saber o resultado.

— É claro, Sra. Grey.

Vou caminhando lentamente até a sala de espera — felizmente vazia a essa hora —, onde Christian está falando ao telefone, andando de um lado para o outro. Enquanto fala, contempla pela janela a vista panorâmica de Portland. Ele se volta para mim quando fecho a porta, e parece zangado.

— Excedeu em quanto a velocidade?... Entendo... Todas as acusações, tudo. O pai da Ana está na UTI. Quero que você use tudo que puder contra esse filho da puta... Ótimo, pai. Mantenha-me informado. — Ele desliga.

— O outro motorista?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Um babaca de um bêbado de merda que mora num trailer na parte sul de Portland — zomba ele, e fico chocada com a terminologia e com o tom depreciativo. Seu tom de voz suaviza quando ele continua, vindo na minha direção: — Já viu o Ray? Quer ir embora?

— Hmm... não.

Olho para ele, ainda incomodada com o desprezo que ele manifestou.

— O que aconteceu?

— Nada de mais. Ele está sendo levado para a radiologia. Vão fazer uma tomografia computadorizada para ver como está o edema no cérebro. Eu queria esperar o resultado.

— Tudo bem. Vamos esperar. — Ele se senta e estica os braços para mim. Como estamos sozinhos, aceito o convite e me aconchego feliz em seu colo. — Não foi assim que eu imaginei passar o dia de hoje — murmura Christian, com a boca no meu cabelo.

— Eu também não, mas estou mais otimista agora. Sua mãe me tranquilizou bastante. Foi muito gentil da parte dela ter aparecido ontem à noite.

Christian acaricia minhas costas e repousa o queixo na minha cabeça.

— Minha mãe é uma mulher extraordinária.

— É verdade. Você tem muita sorte de tê-la por perto.

Ele concorda.

— Eu deveria ligar para a minha mãe. Avisar sobre o Ray — murmuro, e Christian se enrijece. — Estou surpresa de ela não ter me ligado.

Franzo a testa ao pensar nisso. Na realidade, estou magoada. Afinal de contas, é meu aniversário, e ela estava lá no momento em que nasci. Por que ela não telefonou?

— Talvez ela tenha ligado — diz Christian.

Pego meu BlackBerry do bolso. Não há chamadas perdidas, mas algumas poucas mensagens de texto: feliz aniversário de Kate, José, Mia e Ethan. Nada da minha mãe. Balanço a cabeça, desanimada.

— Ligue logo para ela — diz ele ternamente.

Eu ligo, mas ninguém atende, só a secretária eletrônica. Não deixo recado. Como minha própria mãe pode esquecer o meu aniversário?

— Ela não está. Tento de novo mais tarde, depois que eu souber o resultado da tomografia.

Christian me aperta mais em seus braços, cheirando meu cabelo de novo, e sabiamente não tece nenhum comentário acerca da falta de interesse por parte da minha mãe. Eu sinto mais do que ouço o zumbido do BlackBerry dele. Ele não me deixa levantar, e fiska o aparelho do bolso com certo esforço.

— Andrea — atende, seco, reassumindo o tom profissional.

Faço outra tentativa de me levantar, mas ele me detém, franzindo o cenho e apertando minha cintura. Eu volto a me aninhar em seu peito e ouço a conversa parcial.

— Ótimo... Qual é o horário previsto para a chegada?... E os outros, hã... pacotes? — Ele consulta o relógio. — O Heathman tem todos os detalhes?... Ótimo... Sim. Pode esperar até segunda de manhã, mas me mande um e-mail, em todo caso: eu imprimo, assino e escaneio para enviar de volta para você... Eles podem esperar. Vá para casa, Andrea... Não, estamos bem, obrigado. — E desliga.

— Está tudo bem?

— Sim.

— É o lance dos taiwaneses?

— É.

Christian muda de posição embaixo de mim, desconfortável.

— Estou muito pesada?

Ele emite um som de desdém.

— Não, baby.

— Está preocupado com o lance dos taiwaneses?

— Não.

— Pensei que fosse importante.

— E é. O estaleiro daqui depende disso. Tem muitos empregos em jogo.

Ah!

— Só temos que vender a ideia para os sindicatos. É aí que entram Sam e Ros. Mas pelo rumo que está tomando a economia, nenhum de nós tem muitas opções.

Bocejo.

— Estou aborrecendo você, Sra. Grey? — Ele roça o nariz no meu cabelo de novo, achando graça.

— Não! De jeito nenhum... É só que está muito confortável aqui no seu colo. Eu gosto de ouvir sobre o seu trabalho.

— Ah, é? — Ele parece surpreso.

— Claro. — Eu me inclino para trás, para poder fitá-lo melhor. — Gosto de ouvir qualquer informação que você se digne a compartilhar comigo. — Forço um sorriso, ao que ele me observa com ar divertido e balança a cabeça.

— Sempre ávida por mais informação, Sra. Grey.
— Conte para mim — peço, aconchegando-me mais no peito dele.

— Contar o quê?

— Por que você faz isso.

— Isso o quê?

— Por que você trabalha desse jeito.

— Todo mundo tem que ganhar o seu sustento. — Ele está achando graça no meu comentário.

— Christian, o que você ganha é mais do que o seu sustento — retruco, minha voz cheia de ironia.

Ele franze a testa e fica quieto por um momento. Penso que ele não vai revelar nenhum segredo, mas ele me surpreende:

— Não quero ficar pobre — diz, em voz baixa. — Já passei por isso. Não vou passar de novo. Além do mais... é um jogo — murmura ele. — O objetivo é ganhar. Um jogo que eu sempre achei muito fácil.

— Ao contrário da vida — murmuro para mim mesma. Depois percebo que pensei em voz alta.

— É, acho que sim. — Ele franze o cenho. — Embora seja mais fácil estando com você.

Mais fácil comigo? Eu o abraço forte.

— Não pode ser só um jogo. Você é tão filantrópico!

Ele dá de ombros, e sei que está ficando pouco à vontade.

— Em relação a algumas coisas, talvez — diz ele, com tranquilidade.

— Eu adoro o Christian filantrópico — murmuro.

— Só ele?

— Ah, adoro o Christian megalomaníaco também, e o Christian maníaco por controle, o Christian especialista em sexo, o Christian perverso, o Christian romântico, o Christian tímido... a lista é interminável.

— É uma porção de Christians.

— Eu diria que são pelo menos cinquenta.

Ele ri.

— Cinquenta tons — murmura ele, o rosto enfiado no meu cabelo.

— Meu Cinquenta Tons.

Ele muda de posição, puxa minha cabeça para trás e me beija.

— Bem, Sra. Tons, vamos ver como está seu pai.

— Isso mesmo.

* * *

— PODEMOS DAR uma volta?

Christian e eu retornamos ao R8, e me sinto andando nas nuvens. O cérebro de Ray voltou ao normal: todo o inchaço regrediu. A Dra. Sluder decidiu despertá-lo do coma amanhã. Ela diz estar satisfeita com o progresso dele.

— Claro. — Christian abre um enorme sorriso. — É seu aniversário... podemos fazer o que você quiser.

Opa! Seu tom de voz me faz virar para fitá-lo. Seus olhos estão escuros.

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa.

Como duas palavras podem carregar tantas promessas?

— Bom, eu quero dirigir.

— Então dirija, baby. — Ele sorri novamente, e eu retribuo o sorriso.

É um sonho dirigir um carro como esse, e, quando atingimos a Interestadual 5, piso sutilmente mais fundo no acelerador, jogando nossas costas contra o encosto dos assentos.

— Devagar — aconselha Christian.

* * *

ESTAMOS VOLTANDO PARA Portland quando eu tenho uma ideia.

— Tem alguma coisa em mente para o almoço? — pergunto, hesitante.

— Não. Está com fome? — Ele parece torcer por um sim.

— Estou.

— Aonde você quer ir? Hoje é o seu dia, Ana.

— Conheço um lugar perfeito.

Paro o carro perto da galeria onde José expôs seu trabalho e estaciono em frente ao restaurante Le Picotin, aonde fomos após a exposição do meu amigo.

Christian abre um sorriso.

— Por um minuto eu pensei que você ia me levar para aquele bar horroroso de onde você me ligou bêbada.

— Por que eu faria isso?

— Para ver se as azaleias ainda estão vivas. — Ele arqueia uma sobrancelha, cheio de ironia.

Fico ruborizada.

— Nem me lembre! Além do mais... você depois me levou para o seu quarto de hotel. — Dou um sorriso.

— A melhor decisão que eu já tomei — diz ele, os olhos cálidos e afetuosos.

— É. Foi sim. — Eu me inclino e o beijo.

— Você acha que aquele filho da puta arrogante ainda é garçom lá? — pergunta Christian.

— Arrogante? Achei ele simpático.

— Ele estava tentando impressionar você.

— Bom, ele conseguiu.

De brincadeira, Christian retorce a boca em desprezo.

— Vamos entrar? — digo.

— Primeiro as damas.

* * *

DEPOIS DO ALMOÇO e de um rápido desvio até o hotel para pegar o notebook de Christian, voltamos ao hospital. Passo a tarde com Ray, lendo em voz alta um original que recebi. Meu único companheiro é o som dos aparelhos que o mantêm vivo, que o mantêm comigo. Agora que sei que ele está evoluindo bem, posso relaxar. Estou esperançosa. Ele só precisa de tempo para se recuperar. Tempo, eu tenho; posso dar a ele. Fico pensando distraidamente se não deveria ligar para a minha mãe de novo, mas resolvo adiar isso. Seguro a mão de Ray de leve enquanto leio para ele. De vez em quando aperto sua mão, desejando que fique bom logo. Sinto seus dedos macios e quentes. O anular ainda tem uma

depressão no lugar onde ele usava a aliança — mesmo depois de tanto tempo.

Uma ou duas horas depois, não sei bem quanto tempo, ergo o olhar e vejo Christian, laptop na mão, junto com a enfermeira Kellie ao pé da cama de Ray.

— Hora de ir, Ana.

Ah. Aperto com força a mão de Ray. Não quero deixá-lo.

— Você precisa comer. Venha. Já é tarde. — Christian parece insistente.

— Agora vou fazer a higiene do Sr. Steele — diz a enfermeira Kellie.

— Está bem — consinto. — A gente volta amanhã de manhã.

Dou um beijo no rosto de Ray, sentindo uma barba por fazer que não lhe é habitual. Não gostei disso. *Continue melhorando, papai. Eu amo você.*

* * *

— ACHEI QUE PODÍAMOS jantar lá embaixo. Numa mesa isolada — diz Christian, com um brilho nos olhos, ao abrir a porta da nossa suíte.

— Sério? Terminar o que você começou meses atrás?

Ele sorri.

— Só se você tiver muita sorte, Sra. Grey.

Dou uma risada.

— Christian, eu não tenho nada mais arrumado para vestir.

Ele sorri, estende a mão e me conduz até o quarto, onde abre o guarda-roupa para me mostrar uma enorme capa branca para roupas pendurada.

— Taylor? — pergunto.

— Christian — responde ele, veemente e magoado ao mesmo tempo.

Seu tom de voz me faz rir. Abro a capa e tiro um vestido de cetim azul-marinho. É deslumbrante — justo, com alças finas. Parece pequeno.

— É lindo. Obrigada. Espero que caiba.

— Vai caber — diz ele, confiante. — E tem isso aqui — ele pega uma caixa de sapatos —, para usar com o vestido. — E me dá um

sorriso malicioso.

— Você pensa em tudo. Obrigada. — Estico o corpo para beijá-lo.

— Penso mesmo. — E me entrega mais uma sacola.

Olho para ele intrigada. De dentro tiro um corpete preto sem alças, com o meio rendado. Ele acaricia meu rosto, pega meu queixo e me beija.

— Estou ansioso para tirar isso de você mais tarde.

* * *

RECÉM-SAÍDA DO BANHO, depilada, limpa e me sentindo paparicada, sento-me na beira da cama e ligo o secador de cabelo. Christian entra no quarto. Acho que ele estava trabalhando.

— Deixa que eu faço isso — diz apontando para a cadeira em frente à penteadeira.

— Secar o meu cabelo?

Ele faz que sim. Fico sem reação.

— Venha — insiste ele, me olhando intensamente.

Conheço essa expressão, e sei que é melhor obedecer. Ele então seca meu cabelo, lenta e metodicamente, uma mecha de cada vez, com sua costumeira habilidade.

— Você já fez isso antes — murmuro.

Seu sorriso se reflete no espelho, mas ele não diz nada e continua a escovar meu cabelo. Hmm... é tão relaxante.

* * *

NÃO ESTAMOS SOZINHOS no elevador ao descermos para jantar. Christian está apetitoso com a combinação que é sua marca registrada: camisa de linho branco, calça jeans preta e blazer. Sem gravata. As duas mulheres dentro do elevador lançam olhares de admiração para ele e outros menos bondosos para mim. Disfarço um sorriso. *Sim, senhoras, ele é meu.* Christian pega minha mão e me puxa para junto de si. Descemos em silêncio até o mezanino.

O andar está repleto, cheio de pessoas arrumadas para a noite, sentadas pelo local batendo papo e bebendo, esquentando para a

noite de sábado. Estou feliz por me adequar ao ambiente. Meu vestido é justo, destacando minhas curvas e mantendo meu corpo todo no lugar. Tenho que admitir que me sinto... atraente. E sei que Christian aprova.

A princípio, penso que estamos nos encaminhando para a sala de jantar privada onde discutimos o contrato pela primeira vez, mas, ao me conduzir, ele passa direto por aquela porta e segue até o extremo oposto, onde abre uma porta para outra sala revestida em madeira.

— *Surpresa!*

Meu Deus. Kate e Elliot, Mia e Ethan, Carrick e Grace, o Sr. Rodriguez e José e minha mãe e Bob estão todos ali, erguendo suas taças para um brinde. Fico parada olhando pasma para eles, sem palavras. *Como? Quando?* Viro-me em choque para Christian, que aperta minha mão. Minha mãe dá um passo para a frente e me abraça. *Ah, mãe!*

— Querida, você está linda. Feliz aniversário.

— Mãe! — soluço, abraçando-a.

Ah, mamãe. As lágrimas descem pelas minhas faces apesar da plateia, e enterro o rosto no pescoço dela.

— Minha querida. Não chore. O Ray vai ficar bom. Ele é um homem muito forte. Não chore. Não no seu aniversário.

Sua voz falha de tanta emoção, mas ela mantém a postura. Segurando meu rosto entre as mãos, ela enxuga minhas lágrimas com os polegares.

— Pensei que você tinha esquecido.

— Ah, Ana! Como eu ia esquecer? Não dá para esquecer assim tão fácil dezessete horas de trabalho de parto.

Dou uma risada por entre as lágrimas, e ela sorri.

— Enxugue os olhos, querida. Tem um monte de gente aqui para comemorar esse dia especial.

Eu fungo, sem querer olhar para mais ninguém na sala, envergonhada e emocionada por todos terem feito tanto esforço para vir me ver.

— Como você veio? Quando?

— Seu marido mandou o avião, querida. — Ela sorri, impressionada.

E eu rio.

— Obrigada por vir, mãe. — Ela limpa meu nariz com um lenço de papel, como só uma mãe faria. — Mãe! — repreendo-a, recompondo-me.

— Assim está melhor. Feliz aniversário, querida.

Ela então se coloca de lado, e todo mundo faz uma fila para me abraçar e me desejar feliz aniversário.

— Ele está se saindo bem, Ana. A Dra. Sluder é uma das melhores do país. Feliz aniversário, meu anjo. — Grace me abraça apertado.

— Chore o quanto quiser, Ana: a festa é sua. — José me dá um abraço.

— Feliz aniversário, minha querida. — Carrick sorri, com a mão no meu rosto.

— E aí, garota? Seu velho vai ficar bem. — Elliot me envolve em seus braços. — Feliz aniversário.

— Já chega. — Pegando minha mão, Christian me separa de Elliot. — Pode parar de se esfregar na minha mulher. Vá se esfregar na sua noiva.

Elliot ri com malícia para ele e dá uma piscadela para Kate.

Um garçom que eu ainda não tinha notado oferece taças de champanhe rosé para mim e meu marido.

Christian pigarreia.

— Este seria um dia perfeito se Ray estivesse aqui conosco, mas ele não está longe. Está se recuperando, e eu sei que ele gostaria que você se divertisse, Ana. Agradeço a todos vocês por terem vindo participar do aniversário de minha bela esposa, o primeiro de muitos que passaremos juntos. Felicidades, meu amor.

Christian ergue a taça em minha homenagem em meio a um coro de “feliz aniversário”, e tenho que conter novamente as lágrimas que teimam em surgir.

* * *

OBSERVO AS CONVERSAS animadas em volta da mesa de jantar. É estranho estar cercada pelos meus familiares mais chegados, sabendo que o homem que considero meu pai está ligado a uma

máquina que sustenta suas funções vitais, no ambiente frio da UTI. Estou um pouco alheia às comemorações, embora muito grata por tê-los todos aqui. Observo as disputas entre Elliot e Christian, a sagacidade refinada e célere de José, a animação de Mia, bem como seu entusiasmo com a comida, tendo Ethan como um observador disfarçado. Acho que ele gosta dela... ainda que seja difícil dizer com certeza. O Sr. Rodriguez permanece sentado, como eu, aproveitando as conversas ao redor. Ele parece melhor. Mais descansado. José é muito atencioso com o pai, corta a comida dele e mantém seu copo cheio. Ele não tem mais mãe, então o fato de ter visto o pai chegar tão perto da morte o fez valorizar mais o Sr. Rodriguez... sei disso.

Olho para minha mãe. Ela está muito à vontade, charmosa, espirituosa e animada. Eu a amo muito. Tenho que me lembrar de dizer-lhe isso. Percebo agora como a vida é preciosa.

— Está tudo bem? — pergunta Kate, numa voz atipicamente baixa.

Aquiesço e pego sua mão.

— Sim. Obrigada por ter vindo.

— E você acha que o Sr. Cheio da Grana ia me deixar longe de você no seu aniversário? A gente andou de helicóptero! — Ela sorri.

— Sério?

— Aham. Nós todos. Incrível o Christian saber pilotar.

Concordo com um gesto de cabeça.

— Isso é um tanto sexy.

— Também acho.

Nós rimos.

— Você vai passar a noite aqui? — indago.

— Vou. Todos nós, eu acho. Você não sabia de nada?

Balanço a cabeça em negativa.

— Legal, hein?

Concordo.

— O que ele lhe deu de aniversário?

— Isso. — Mostro minha pulseira nova.

— Ah, que graça!

— É mesmo.

— Londres, Paris... sorvete?

— Nem queira saber.

— Eu posso imaginar.

Rimos, e fico vermelha ao me lembrar de Ben & Jerry's e Ana.

— Ah... e um R8.

Kate cospe o vinho, que escorre pelo seu queixo; é uma cena nem um pouco bonita, o que nos faz rir ainda mais.

— O filho da puta sabe fazer um agrado, hein? — Ela dá uma risada.

* * *

DE SOBREMESA, GANHO um magnífico bolo de chocolate com vinte e duas velas prateadas luzindo em cima e um animado coro cantando “Parabéns para você”. Grace observa Christian cantar junto com meus amigos e minha família, e seus olhos reluzem de amor. Captando meu olhar, ela me sopra um beijo.

— Faça um pedido — sussurra Christian.

Apago todas as velas de uma só vez, desejando ardorosamente que meu pai melhore. *Papai, fique bom. Por favor, fique bom. Amo muito você.*

* * *

À MEIA-NOITE, o Sr. Rodriguez e José se despedem.

— Muito obrigada por terem vindo. — Dou um abraço apertado em José.

— Eu não perderia essa festa por nada neste mundo. Estou contente por Ray estar melhorando.

— É verdade. O senhor e o Ray têm que ir pescar com Christian em Aspen.

— Mesmo? Parece ótimo.

José sorri antes de se afastar para ir buscar o casaco do pai, e me abaixo para me despedir do Sr. Rodriguez.

— Você sabe, Ana, teve uma época em que... bem, eu pensei que você e o José... — Sua voz vai desaparecendo, e ele me fita, seus olhos escuros intensos mas amorosos.

Ah, não.

— Gosto muito do seu filho, Sr. Rodriguez, mas ele é como um irmão para mim.

— Você teria sido uma excelente nora. E você é. Para os Grey.

— Ele sorri melancolicamente, e eu fico vermelha.

— Espero que o senhor aceite uma amiga.

— É claro. Seu marido é um bom homem. Você escolheu bem, Ana.

— Também acho — murmuro. — Amo muito o meu marido. — Abraço o Sr. Rodriguez.

— Cuide bem dele, Ana.

— Pode deixar — prometo.

* * *

CHRISTIAN FECHA A porta de nossa suíte.

— Enfim sós — murmura ele, recostando-se contra a porta para me observar.

Dou um passo em sua direção e afago a lapela do seu casaco.

— Obrigada pelo aniversário maravilhoso. Você é realmente o mais adorável, atencioso e generoso dos maridos.

— Ao seu dispor.

— Sim... ao meu dispor. Agora eu quero desembulhar meu presente — sussurro.

E, apertando as mãos em volta da sua lapela, puxo sua boca para a minha.

—

Após um café da manhã com os nossos convidados, abro os meus presentes e depois me dedico a uma série de bem-humoradas despedidas de todos os Grey e Kavanagh que vão retornar para Seattle no *Charlie Tango*. Minha mãe, Christian e eu nos dirigimos ao hospital com Taylor na direção, já que nós três não caberíamos no meu R8. Bob preferiu não nos acompanhar na visita, e fiquei secretamente feliz. Seria bastante estranho, e tenho certeza de que Ray não ia gostar que Bob o visse naquela condição.

Ray parece basicamente igual. Com mais cabelo. Minha mãe fica chocada quando o vê, e juntas choramos um pouco mais.

— Ah, Ray.

Ela aperta a mão dele e carinhosamente afaga seu rosto. Fico emocionada ao ver o amor dela pelo ex-marido. Que bom que tenho lenços de papel na bolsa. Sentamo-nos junto a ele, eu segurando a mão dela e ela, a mão de meu pai.

— Ana, houve uma época em que este homem era o centro do meu mundo. Tudo girava em torno dele. Eu sempre vou amar o Ray. Ele cuidou tão bem de você...

— Mãe...

Eu engasgo; ela acaricia meu rosto e põe uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você sabe que sempre vou amá-lo. Nossos caminhos se afastaram, só isso. — Ela solta um suspiro. — E eu simplesmente não conseguia viver com ele.

Ela olha para os próprios dedos, e imagino se estará pensando em Steve, o Marido Número Três, sobre quem não conversamos.

— Eu sei que você o ama — murmuro, secando os olhos. — Vão tirá-lo do coma hoje.

— Ótimo. Tenho certeza de que ele vai ficar bem. Ele é tão teimoso. Acho que você aprendeu isso com ele.

Sorrio.

— Você andou conversando com o Christian?

— Ele acha você teimosa?

— Acredito que sim.

— Vou dizer a ele que é de família. Vocês parecem tão bem juntos, Ana. Tão felizes.

— Nós somos felizes, eu acho. Caminhando para isso, pelo menos. Eu amo o Christian. Ele é o centro do meu mundo. Tudo gira em torno dele também, para mim.

— Ele obviamente adora você, querida.

— E eu o adoro.

— Não deixe de dizer isso a ele. Os homens precisam ouvir essas coisas tanto quanto nós.

INSISTO EM IR ao aeroporto com mamãe e Bob para me despedir. Taylor nos segue no R8, e Christian dirige o SUV. Fico triste por eles não poderem ficar mais tempo, mas ambos têm que voltar para Savannah. É uma despedida chorosa.

— Tome conta dela, Bob — murmuro quando ele me abraça.

— Pode deixar, Ana. E você se cuide também.

— Pode deixar. — Eu me viro para minha mãe. — Tchau, mãe. Obrigada por ter vindo — sussurro, com a voz rouca. — Amo muito você.

— Ah, minha garotinha linda, também amo você. E o Ray vai ficar bom. Ele ainda não está pronto para se aposentar dessa vida. Deve ter algum jogo dos Mariners que ele não pode perder.

Dou uma risada. Ela tem razão. Decido ler as páginas esportivas do jornal de domingo para Ray esta noite. Fico vendo minha mãe e Bob subirem as escadas para o jatinho de Christian. Ela acena para mim, toda chorosa, e desaparece. Christian passa o braço em volta do meu ombro.

— Vamos embora, querida — murmura ele.

— Você dirige?

— Claro.

* * *

QUANDO VOLTAMOS PARA o hospital, à noite, Ray parece diferente. Custo um pouco a perceber que o barulho de sugar e soprar do respirador mecânico desapareceu. Ray está respirando por conta própria. Sinto uma onda de alívio. Acaricio seu rosto já um pouco barbado e pego um lenço de papel para limpar com cuidado a saliva que escorre de sua boca.

Christian vai à procura da Dra. Sluder ou do Dr. Crowe, para saber das notícias, e eu assumo meu já costumeiro lugar ao lado da cama, para ficar de vigília.

Abro a edição de domingo do *Oregonian* na seção de esportes e começo a ler meticulosamente a matéria sobre o jogo de futebol dos Sounders contra o Real Salt Lake. Pelo que dizem, foi uma partida disputada, mas os Sounders perderam com um gol contra de Kasey Keller. Seguro firme na mão de Ray enquanto leio.

— E o placar final foi Sounders um, Real Salt Lake dois.

— Ei, Annie, perdemos? Ah, não! — exclama Ray com a voz rouca, e aperta minha mão.

Papai!

CAPÍTULO DEZENOVE

As lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ele voltou. Meu pai voltou.

— Não chore, Annie. — A voz de Ray soa rouca. — O que está acontecendo?

Seguro sua mão entre as minhas e a encosto em meu rosto.

— Você sofreu um acidente e está no hospital, em Portland.

Ray franze o cenho, e não sei dizer se é porque ele se sente desconfortável com a minha demonstração de afeto incomum ou porque não consegue se lembrar do acidente.

— Quer um pouco d'água? — pergunto, embora eu não tenha certeza se posso realmente lhe dar de beber.

Ele aceita, um pouco desorientado. Meu coração infla de emoção. Levanto-me e me inclino por sobre ele, beijando-lhe a testa.

— Amo você, papai. Bem-vindo de volta.

Ele acena com a mão, desconcertado.

— Eu também, Annie. Água.

Embora o posto de enfermagem fique bem próximo, vou correndo até lá.

— Meu pai... ele acordou! — digo radiante para a enfermeira Kellie, que retribui meu sorriso.

— Avise a Dra. Sluder — pede ela ao seu colega, e sai apressada de trás do balcão.

— Ele quer água.

— Vou levar.

Volto correndo para perto da cama do meu pai, sentindo-me no sétimo céu. Encontrando-o de olhos fechados, imediatamente temo que ele tenha entrado em coma novamente.

— Pai?

— Estou aqui — balbucia ele, e seus olhos se abrem devagar quando a enfermeira Kellie aparece com um copo e uma jarra de

cubos de gelo.

— Olá, Sr. Steele. Eu sou a Kellie, sua enfermeira. Sua filha me disse que o senhor está com sede.

* * *

NA SALA DE ESPERA, Christian olha fixo para o notebook, totalmente concentrado. Ele ergue o olhar quando fecho a porta.

— Ele acordou — anuncio.

Ele sorri, fazendo desaparecer a tensão ao redor de seus olhos. Ah... eu não tinha notado antes. Será que estava assim tão tenso esse tempo todo? Ele coloca o notebook de lado, fica de pé e me abraça.

— Como ele está? — pergunta quando retribuo seu abraço.

— Falante, desorientado, com sede. Não se lembra de nada do acidente.

— É compreensível. Agora que ele acordou, quero transferi-lo para Seattle. Assim podemos voltar para casa e minha mãe pode dar atenção a ele.

Já?

— Não sei se ele já está em condições de ser transferido.

— Vou falar com a Dra. Sluder, saber a opinião dela.

— Está com saudades de casa?

— Sim.

— Tudo bem.

* * *

— VOCÊ SÓ SABE SORRIR — comenta Christian quando paro o carro em frente ao Heathman.

— Estou muito aliviada. E feliz.

— Ótimo. — Ele abre um largo sorriso.

A luz do dia está desaparecendo, e estremeço de frio quando saio do carro e sinto o frescor da noite. Entrego a chave ao manobrista, que observa o R8 com admiração. Não posso culpá-lo. Christian coloca o braço em volta de mim.

— Vamos comemorar? — sugere ele quando entramos na recepção.

— Comemorar?

— Seu pai.

Dou uma risada.

— Ah, tá.

— Senti falta da sua risada. — Ele beija meu cabelo.

— Podemos jantar no quarto mesmo? Sabe, uma noite calma, sem sair?

— Claro. Venha.

E, me pegando pela mão, ele me leva até os elevadores.

* * *

— ESTAVA DELICIOSO — murmuro satisfeita, e afasto o prato, sentindo-me farta pela primeira vez em séculos. — Eles sabem fazer uma *tarte tatin* aqui.

Tomei banho agora há pouco e estou apenas de calcinha e com uma camiseta de Christian. Ao fundo, Dido canta uma música sobre bandeiras brancas; o iPod de Christian está no shuffle.

Christian me olha de maneira contemplativa. Seu cabelo ainda está molhado do banho, e ele está usando apenas uma camiseta preta e calça jeans.

— Desde que chegamos aqui, essa foi a primeira vez que eu vi você comer bem — diz ele.

— Eu estava com fome.

Ele se recosta na cadeira com um sorriso e toma um gole do vinho branco.

— O que você gostaria de fazer agora? — Sua voz é suave.

— O que você quer fazer?

Ele levanta uma sobrancelha, achando graça.

— O que eu sempre quero fazer.

— E o que seria?

— Sra. Grey, não seja recatada.

Estico o braço por sobre a mesa de jantar, pego a mão dele, viro a palma para cima e começo a alisá-la com o indicador.

— Quero que me toque com este aqui. — Levo meu dedo até seu indicador.

Ele muda de posição na cadeira.

— Só isso? — Seus olhos imediatamente ficam escuros e se aquecem.

— Talvez este? — Toco seu dedo médio e depois volto para a palma de sua mão. — E este. — Passo a unha pelo anular dele. — Este aqui, sem dúvida. — Meu dedo para sobre a sua aliança de casamento. — Este é muito sexy.

— Você acha?

— Com certeza. Ele diz *este homem é meu*.

Acaricio o pequenino calo que já se formou por baixo da aliança. Ele se inclina e pega meu queixo com a mão livre.

— Sra. Grey, você está me seduzindo?

— Espero que sim.

— Anastasia, eu já fui fisgado. — Ele fala baixinho. — Venha cá. — Ele puxa minha mão, colocando-me no colo. — Gosto de ter acesso desimpedido.

Correndo a mão pela minha coxa, ele chega à bunda. Agarra minha nuca com a outra mão e me beija, mantendo-me firme no lugar.

Sinto nele o gosto de vinho branco, torta de maçã e Christian. Passo os dedos pelo seu cabelo, abraçando-o enquanto nossas línguas se exploram e se retorcem uma em volta da outra, o sangue ardendo em minhas veias. Estamos sem fôlego quando nos afastamos.

— Vamos para a cama — murmura ele contra meus lábios.

— Cama?

Ele inclina o corpo mais para trás e me puxa pelo cabelo, obrigando-me a olhar em seus olhos.

— Onde você prefere, Sra. Grey?

Dou de ombros, fingindo indiferença.

— Quero ser surpreendida.

— Você hoje está cheia de energia. — Ele roça o nariz no meu.

— Talvez eu precise que alguém me contenha.

— Talvez precise mesmo. A idade está deixando você muito mandona. — Ele aperta os olhos, mas não consegue ocultar o bom

humor.

— E o que você vai fazer a respeito? — desafio-o.

Seus olhos brilham.

— Eu sei bem o que eu quero fazer a respeito. Mas não sei se você vai topa.

— Ah, Sr. Grey, você tem sido extremamente gentil comigo nos últimos dias. Eu não sou feita de vidro, sabia?

— Não gosta de gentilezas?

— Com você, é claro que sim. Mas, sabe... é sempre bom variar um pouco. — E faço charme batendo os cílios.

— Está a fim de alguma coisa menos gentil?

— Alguma coisa revigorante.

Ele levanta as sobrancelhas em surpresa.

— Revigorante — repete, com humor e surpresa na voz.

Confirmo. Ele me fita por um momento.

— Não morda o lábio — sussurra ele, e se levanta de repente, ainda comigo nos braços.

Levo um susto e me agarro ao seu bíceps, com medo de que ele me deixe cair. Ele vai até o menor dos três sofás e me joga em cima.

— Espere aqui. Não se mexa.

Com um olhar breve, intenso e ardente, ele se vira, caminhando todo pomposo até o quarto. Ah... Christian descalço. Por que seus pés são tão sensuais? Ele volta em poucos minutos, surpreendendo-me ao se inclinar sobre mim por trás do sofá.

— Acho que não vamos precisar disso aqui.

Ele agarra minha camiseta e tira-a, deixando-me só de calcinha. Depois, puxando meu rabo de cavalo para trás, me beija.

— Fique de pé — ordena ele, falando bem próximo dos meus lábios, e me solta.

Obedeço imediatamente. Ele cobre o sofá com uma toalha.

Toalha?

— Tire a calcinha.

Engulo em seco, mas obedeco novamente, jogando-a sobre o sofá.

— Sente-se. — Mais uma vez ele agarra meu rabo de cavalo e puxa minha cabeça para trás. — Você vai pedir para parar se eu for

longe demais, tudo bem?

Faço que sim com a cabeça.

— Diga. — Seu tom é severo.

— Tudo bem — digo, a voz um pouco esganiçada.

Ele sorri com malícia.

— Ótimo. Então, Sra. Grey... atendendo a pedidos, vou prender você.

Sua voz se reduz a um sussurro aflito de excitação. O desejo atravessa meu corpo como um raio apenas por ouvir essas palavras. Ah, meu doce Cinquenta Tons — no sofá?

— Levante os joelhos — ordena ele suavemente. — E sente-se ereta.

Descanso os pés na ponta da almofada do sofá, os joelhos dobrados à minha frente. Ele pega minha perna esquerda e, tirando a faixa de um dos roupões de banho, amarra uma das pontas acima do meu joelho.

— Um roupão?

— Estou improvisando.

Novamente ele sorri com malícia, então aperta o nó sobre o meu joelho e prende a outra ponta da faixa em torno do remate no canto traseiro do sofá, efetivamente separando minhas pernas.

— Não se mexa — adverte ele, e repete o processo com a perna direita, atando a outra faixa ao outro remate do sofá.

Ah, meu Deus... Estou sentada ereta, esparramada no sofá, as pernas escancaradas.

— Tudo bem? — pergunta Christian suavemente, olhando para mim por trás do sofá.

Faço um gesto afirmativo, esperando que ele amarre minhas mãos também. Mas não; ele apenas se inclina e me beija.

— Você não tem ideia de como está sexy neste momento — murmura ele, e esfrega o nariz no meu. — Hora de mudar a música, eu acho. — Ele se levanta e anda despreocupadamente até seu iPod.

Como ele faz isso? Aqui estou eu, toda amarrada e cheia de tesão, ao passo que ele está calmo e impassível. Posso vê-lo daqui, e, enquanto ele escolhe outra música, observo os contornos da musculatura de suas costas por baixo da camiseta. Imediatamente,

uma voz feminina suave, quase infantil, começa a cantar algo sobre me observar.

Ah, eu gosto dessa música.

Christian se vira e gruda os olhos nos meus ao contornar o sofá. Ele para na minha frente e cai graciosamente de joelhos.

De súbito, me sinto muito exposta.

— Exposta? Vulnerável? — indaga ele, com sua misteriosa capacidade de dar voz às minhas palavras não proferidas. Ele está com as mãos nos joelhos. Faço que sim.

Por que ele não me toca?

— Ótimo — murmura. — Me dê as mãos.

Obedeço, sem conseguir desviar os olhos de seu olhar hipnotizante. De um pequeno frasco transparente, Christian derrama um líquido oleoso nas palmas das minhas mãos. É perfumado — um odor picante, agradável e almiscarado que não consigo definir o que é.

— Esfregue as mãos. — Eu me contorço sob seu olhar intenso e sensual. — Fique parada — adverte ele.

Ah, nossa.

— Agora, Anastasia, eu quero que você se toque.

Put a merda.

— Comece pelo pescoço e vá descendo.

Hesito.

— Não fique tímida, Ana. Vamos. Faça o que eu pedi. — O humor e o desafio em sua expressão são tão evidentes quanto o seu desejo.

A voz doce canta que ela não é nada doce. Levo as mãos ao pescoço e faço-as deslizar até a parte superior dos meus seios. O óleo as faz escorregar pela minha pele sem esforço. Minhas mãos estão quentes.

— Mais para baixo — murmura Christian, seus olhos escurecendo. Ele não me toca.

Minhas mãos envolvem meus seios.

— Acaricie seu corpo.

Minha nossa. Puxo meus mamilos de leve.

— Mais forte — insiste Christian. Ele continua sentado imóvel entre as minhas coxas, apenas assistindo. — Como eu faria —

acrescenta, os olhos escuros reluzindo.

Os músculos se contraem dentro do meu ventre. Solto um gemido em resposta e puxo meus mamilos mais forte, sentindo-os se enrijecerem e se alongarem ao meu toque.

— Isso. Assim mesmo. De novo.

Fechando os olhos, eu puxo forte, girando-os e torcendo-os entre meus dedos. Solto um gemido.

— Abra os olhos.

Vejo-o à minha frente.

— De novo. Quero ver você. Quero ver você aproveitar a sensação.

Ai, cacete. Repito o processo. É tão... erótico.

— As mãos. Mais para baixo.

Eu me contorço.

— Fique parada, Ana. Absorva o prazer. Mais para baixo. — Sua voz é calma e rouca, ao mesmo tempo provocante e sedutora.

— Faça você — sussurro.

— Ah, vou fazer sim... mas só daqui a pouco. Agora é sua vez. Mais para baixo. Agora.

Transpirando sensualidade, ele passa a língua pelos dentes. *Putá merda...* Eu me contorço, puxando as faixas que me prendem.

Ele balança a cabeça, devagar.

— Parada. — Ele coloca as mãos nos meus joelhos, para me manter imóvel. — Vamos lá, Ana... mais para baixo.

Deslizo as mãos pela minha barriga.

— Mais para baixo — balbucia ele, a própria lascívia personificada.

— Christian, por favor.

As mãos dele deslizam dos meus joelhos, passando pelas minhas coxas até chegar ao meu sexo.

— Vamos, Ana. Quero ver você se tocar.

Com a mão esquerda eu roço meu sexo, lentamente desenhando um círculo, minha boca aberta, minha respiração ofegante.

— De novo — sussurra Christian.

Solto um gemido mais forte e repito o movimento ao mesmo tempo que jogo a cabeça para trás, arfando.

— De novo.

Meu gemido fica mais alto, e Christian inspira com força. Pegando minhas mãos, ele se curva e passa o nariz e depois a língua pelo vértice das minhas coxas, de cima abaixo.

— Ah!

Quero tocá-lo, mas quando tento mexer as mãos, ele aperta ainda mais meus punhos.

— Vou amarrar você aqui também. Fique parada.

Dou um gemido. Ele me solta, depois enfia dois dedos em mim, a palma da sua mão apoiada no meu clitóris.

— Vou fazer você gozar bem rápido, Ana. Está pronta?

— Sim — sussurro, quase sem fôlego.

Ele começa a mexer os dedos, a mão, subindo e descendo bem rápido, atingindo tanto aquele local especial dentro de mim quanto meu clitóris, ambos ao mesmo tempo. Ah! Que sensação intensa — realmente intensa. O prazer se intensifica e impregna toda a parte inferior do meu corpo. Tenho vontade de esticar as pernas, mas não posso. Cravo as mãos na toalha embaixo de mim.

— Deixe-se levar — sussurra Christian.

Sinto uma explosão em volta dos dedos dele e grito palavras incoerentes. Ele pressiona a palma da mão contra o meu clitóris enquanto as contrações atravessam meu corpo, prolongando a deliciosa agonia. Quase sem me dar conta, vejo que está soltando as minhas pernas.

— Agora é a minha vez — murmura ele, e me vira, colocando-me com a cabeça apoiada no sofá e os joelhos no chão. Então ele abre minhas pernas e me dá um forte tapa na bunda.

— Ah! — grito, e ele me penetra com força.

— Ah, Ana — murmura ele entre os dentes, e começa a se movimentar.

Seus dedos se cravam no meu quadril e ele se mexe dentro de mim sem parar. Começo a sentir aquilo novamente. *Não... Ah...*

— Vamos, Ana! — grita Christian, e eu me desfaleço mais uma vez, pulsando com ele dentro de mim e gritando no momento do clímax.

— FOI REVIGORANTE como você queria?

Christian beija meu cabelo.

— Ah, sim — murmuro, fitando o teto.

Estamos deitados no chão ao lado do sofá, minhas costas contra o peito dele. Christian ainda está vestido.

— Podíamos repetir a dose. Você sem roupa dessa vez.

— Meu Deus, Ana. Preciso me recuperar.

Dou uma risadinha, e ele ri também.

— Que bom que o Ray recobrou a consciência. Parece que todos os seus apetites voltaram — comenta ele, sem esconder um sorriso na voz.

Eu me viro e faço cara feia para ele.

— Está se esquecendo de ontem à noite e hoje de manhã? — Faço beicinho.

— Não tem como esquecer nem um nem outro. — Christian ri, e parece tão jovem, despreocupado e feliz... Ele segura meu traseiro.

— Você tem uma bunda fantástica, Sra. Grey.

— Você também. — Levanto uma sobancelha. — Só que a sua ainda está coberta.

— E o que vai fazer a respeito, Sra. Grey?

— Ora essa, vou tirar a sua roupa, Sr. Grey. Todinha.

Ele sorri.

— E acho você muito doce — murmuro, referindo-me à música que está tocando repetidamente.

Seu sorriso desaparece.

Ah, não.

— Você é — sussurro.

Dou um beijo no canto da sua boca. Ele fecha os olhos e me aperta mais em seus braços.

— Christian, você é uma pessoa doce. Você tornou este fim de semana tão especial... apesar do que aconteceu com o Ray. Obrigada.

Ele abre os grandes e sérios olhos cinzentos, e sua expressão faz meu coração se apertar.

— Porque eu amo você — murmura ele.

— Eu sei. Também amo você. — Acaricio seu rosto. — E você é precioso para mim, também. Você sabe disso, não sabe?

Ele fica parado, parece perdido.

Ah, Christian... meu doce Cinquenta Tons.

— Acredite em mim — sussurro.

— Não é fácil. — Sua voz é quase inaudível.

— Tente. Tente o máximo que puder, pois é verdade.

Acaricio novamente seu rosto, meus dedos roçando suas costeletas. Seus olhos são oceanos cinzentos de perda, mágoa e dor. Tenho vontade de me colocar em cima dele e abraçá-lo. Qualquer coisa que afaste essa expressão do seu rosto. Quando é que ele vai perceber que é o meu mundo? Que merece muito o meu amor, o amor de seus pais e de seus irmãos? Eu já lhe disse isso muitas e muitas vezes, e no entanto aqui estou eu, novamente testemunhando seu olhar perdido e desamparado. Tempo. Vai levar algum tempo, é só isso.

— Você vai se resfriar. Venha.

Ele se levanta graciosamente e me ajuda a me levantar. Passo o braço ao redor da sua cintura enquanto voltamos para o quarto. Não vou pressioná-lo mais; no entanto, desde o acidente de Ray tornou-se mais importante para mim que ele saiba o quanto o amo.

Quando entramos no quarto, estou desesperada para recuperar sua leveza e descontração de apenas alguns minutos atrás.

— Vamos ver TV? — sugiro.

Christian pigarreia.

— Eu tinha esperanças de começar o segundo round.

E o meu inconstante Cinquenta Tons está de volta. Levanto a sobancelha e paro perto da cama.

— Bom, nesse caso, acho que eu dito as regras.

Ele me olha perplexo; jogo-o na cama e monto rapidamente sobre ele, imobilizando-lhe as mãos.

Ele sorri com malícia.

— Muito bem, Sra. Grey. Agora que você me pegou, o que vai fazer comigo?

Eu me abaixo e cochicho em seu ouvido:

— Vou foder você com a minha boca.

Ele fecha os olhos, inspirando profundamente, e passo os dentes de leve pelo contorno do seu rosto.

—

Christian está trabalhando no computador. O dia amanheceu glorioso, ainda é cedo, e ele está digitando um e-mail, eu acho.

— Bom dia — murmuro timidamente da porta.

Ele se vira e sorri para mim.

— Sra. Grey, já de pé tão cedo. — E abre os braços.

Atravesso a suíte como um raio e me aconchego no colo dele.

— Você também.

— Estou só trabalhando. — Ele se ajeita desconfortavelmente na cadeira e beija meu cabelo.

— O que foi? — pergunto, pressentindo algum problema.

— Recebi um e-mail do detetive Clark. Ele quer falar com você sobre aquele filho da puta do Hyde. — Christian solta um suspiro.

— Sério?

Afasto um pouco o corpo para fitá-lo.

— É. Respondi que você deve passar um tempo em Portland e que ele vai ter que esperar. Mas ele disse que viria até aqui para interrogar você.

— Ele vem aqui?

— Acho que sim. — Christian parece perplexo.

Franzo a testa.

— O que será tão importante que não pode esperar?

— Justamente.

— E quando ele vem?

— Hoje. Vou responder o e-mail dele.

— Eu não tenho nada para esconder. O que será que ele quer saber?

— Vamos descobrir quando ele chegar. Também estou intrigado.

— Christian muda novamente de posição. — O café da manhã já vai ser servido. Vamos comer para podermos visitar seu pai.

Concordo.

— Você pode ficar aqui, se quiser. Dá para ver que está ocupado.

Ele me olha contrariado.

— Não, quero ir com você.

— Tudo bem.

Sorrio, passo os braços em volta do seu pescoço e o beijo.

* * *

RAY ESTÁ DE mau humor. É uma dádiva. Ele está inquieto, irritado, impaciente e desconfortável.

— Pai, você sofreu um grave acidente de carro. Vai demorar um tempo para se recuperar. Christian e eu queremos transferi-lo para Seattle.

— Não sei por que você está se preocupando comigo. Vou ficar bem por aqui, sozinho.

— Não seja ridículo.

Aperto sua mão com ternura, e ele se digna a me dar um sorriso.

— Está precisando de alguma coisa?

— Eu poderia devorar um donut, Annie.

Abro um sorriso indulgente.

— Vou trazer um ou dois para você. Podemos ir à Voodoo.

— Maravilha!

— Quer um café decente também?

— Puxa, é claro!

— Está bem, vou trazer.

* * *

CHRISTIAN ESTÁ NOVAMENTE na sala de espera, falando ao telefone. Ele bem poderia instalar um escritório ali. O estranho é que está sozinho na sala de espera, embora os outros leitos da UTI estejam ocupados. Será que ele assustou os outros visitantes? Ele desliga o telefone.

— O Clark chega às quatro.

Franzo a sobrancelha. O que poderá ser tão urgente?

— Tudo bem. Ray quer café e donuts.

Christian dá uma risada.

— Acho que eu ia querer a mesma coisa, se tivesse sofrido um acidente. Peça ao Taylor para comprar.

— Não, eu vou.

— Mas leve o Taylor. — Ele soa inflexível.

— Ok.

Reviro os olhos, e ele me encara com ar de censura. Depois, força um sorriso e inclina a cabeça para o lado.

— Não tem ninguém aqui.

Sua voz soa deliciosamente baixa, e eu sei que ele está ameaçando me bater. Estou a ponto de desafiá-lo quando um jovem casal entra na sala. A mulher está chorando baixinho.

Dou de ombros para Christian, e ele assente. Em seguida, pega o notebook, segura minha mão e me guia para fora da sala.

— Eles precisam de privacidade mais do que nós — murmura Christian. — Nós vamos nos divertir mais tarde.

Lá fora, Taylor está esperando pacientemente.

— Vamos todos comprar café e donuts.

—

Às quatro horas em ponto alguém bate à porta da suíte. Taylor aparece acompanhado do detetive Clark, que parece mais mal-humorado do que de costume. Na verdade, ele sempre aparenta irritação. Talvez seja o formato do seu rosto.

— Sr. e Sra. Grey, obrigado por atenderem ao meu pedido.

— Detetive Clark — diz Christian, apertando a mão dele, e lhe indica um assento.

Eu me instalo no mesmo sofá onde me diverti tanto ontem à noite. E, ao pensar nisso, fico vermelha.

— É com a Sra. Grey que eu gostaria de conversar — diz Clark, dirigindo-se a Christian e Taylor, que ficou parado ao lado da porta.

Christian olha rapidamente para Taylor e lhe faz um gesto quase imperceptível com a cabeça; Taylor se vira e sai do recinto, fechando a porta atrás de si.

— Tudo o que o senhor quiser falar com a minha mulher, pode falar na minha frente. — A voz de Christian é fria e profissional.

O detetive Clark se volta para mim:

— A senhora tem certeza de que gostaria de ter seu marido presente?

Franzo a testa.

— É claro que sim. Não tenho nada a esconder. O senhor quer apenas me fazer algumas perguntas, não?

— Exatamente, madame.

— Eu gostaria que o meu marido ficasse.

Christian está ao meu lado, irradiando tensão.

— Muito bem — murmura Clark, resignado. Ele pigarreja. — Sra. Grey, o Sr. Hyde sustenta que a senhora o assediou sexualmente e fez várias investidas libidinosas contra ele.

Oh! Quase caio na gargalhada, mas coloco a mão na coxa de Christian de modo a contê-lo quando percebo que ele está se inclinando para a frente.

— Isso é ridículo — gagueja Christian, de tão insultado.

Aperto sua perna para silenciá-lo.

— Isso não aconteceu — afirmo com calma. — Na verdade, foi justamente o oposto. Ele me fez uma proposta de um jeito bastante rude, e foi demitido.

Vejo a boca do detetive Clark se contrair, formando uma linha fina, e então ele continua:

— Hyde alega que a senhora inventou uma história de assédio sexual a fim de provocar a demissão dele. Que fez isso porque ele não cedeu aos seus avanços e porque a senhora queria o emprego dele.

Franzo a testa. *Putá merda.* Jack está ainda mais alucinado do que eu pensava.

— Isso não é verdade. — Balanço a cabeça em negativa.

— Detetive, por favor, não me diga que o senhor veio até aqui só para importunar minha esposa com essas acusações ridículas.

O detetive Clark direciona seu olhar azul metálico para Christian.

— Preciso ouvir isso da boca da sua esposa, senhor — diz ele, calma e moderadamente.

Aperto a perna de Christian mais uma vez, implorando por dentro para que ele fique calmo.

— Você não precisa ouvir essas merdas, Ana.

— Acho que devo relatar ao detetive Clark o que aconteceu.

Christian me fita impassível por um instante e depois balança a mão, num gesto de resignação.

— O que Hyde afirma simplesmente não é verdade. — Minha voz soa calma, embora o que eu sinto seja tudo menos calma. Estou surpresa com essas acusações e com medo de Christian explodir. *O que é que o Jack pretende?* — O Sr. Hyde me acuou na cozinha do escritório uma noite. Ele me disse que eu tinha sido contratada graças a ele e que esperava favores sexuais em troca. Tentou me chantagear, usando e-mails que eu tinha enviado para o Christian, que não era meu marido na época. Eu não sabia que Hyde estava monitorando meu e-mail. Ele estava fora de si; até me acusou de ser uma espiã a mando do Christian, provavelmente para ajudá-lo a tomar a empresa. Ele não sabia que Christian já tinha comprado a SIP. — Balanço a cabeça ao me lembrar do meu encontro tenso e angustiante com Hyde. — No final, e-eu o derrubei no chão.

Clark ergue as sobrancelhas, surpreso.

— A senhora o derrubou?

— Meu pai foi do Exército. O Hyde... ele... hã... me tocou, e eu sei como me defender.

Christian me fita com um breve olhar orgulhoso.

— Entendo.

Clark se recosta no sofá, suspirando pesadamente.

— O senhor falou com alguma das ex-assistentes de Hyde? — É uma pergunta inteligente de Christian.

— Falamos, sim. Mas a verdade é que não conseguimos fazer com que nenhuma delas nos conte nada. Todas dizem que ele era um patrão exemplar, embora nenhuma tenha durado mais do que três meses no cargo.

— Também tivemos esse problema — murmura Christian.

Hein? Olho perplexa para Christian, assim como o detetive Clark.

— O meu chefe de segurança. Ele entrevistou cinco ex-assistentes do Hyde.

— E posso saber por quê?

Christian lhe dirige um olhar glacial.

— Porque minha mulher trabalhou para ele, e eu faço uma verificação de segurança com todo mundo com quem minha mulher trabalha.

O detetive Clark fica vermelho. Dou de ombros, como se pedindo desculpas, e abro um sorriso amarelo do tipo “bem-vindo ao meu mundo”.

— Entendo — murmura Clark. — Acho que essa história esconde mais do que parece à primeira vista, Sr. Grey. Amanhã vamos realizar uma busca mais completa no apartamento dele. Talvez surja algo. Embora já faça um tempo que ele não aparece por lá, pelo que nos disseram.

— Vocês já fizeram uma busca?

— Já. Vamos fazer de novo. Nos mínimos detalhes dessa vez.

— Ainda não o acusaram de tentativa de homicídio contra mim e Ros Bailey? — pergunta Christian em voz baixa.

O quê?

— Esperamos encontrar mais provas com relação à sabotagem de sua aeronave, Sr. Grey. Precisamos de mais do que uma impressão digital parcial, e podemos fundamentar o caso enquanto ele está detido.

— Era só isso que o senhor queria conosco?

Clark se irrita.

— Era, Sr. Grey, a não ser que o senhor tenha mais alguma coisa a acrescentar sobre o bilhete.

Bilhete? Que bilhete?

— Não. Já lhe disse. Para mim, não significa nada. — Christian não consegue ocultar sua exasperação. — E não vejo por que não podíamos ter discutido isso por telefone.

— Acho que já lhe disse que prefiro uma abordagem presencial. E aproveito para visitar minha tia-avó, que mora em Portland, então são dois coelhos... com uma cajadada só.

Clark permanece impassível e não se abala com o mau humor do meu marido.

— Bom, então, se isso é tudo, tenho trabalho a fazer.

Christian se levanta e o detetive Clark segue a deixa.

— Perdão por tomar o seu tempo, Sra. Grey — diz ele, educadamente.

Respondo apenas com um aceno de cabeça.

— Sr. Grey.

Christian abre a porta, e Clark sai.

Só então eu relaxo o corpo no sofá.

— Dá para acreditar nesse babaca? — explode Christian.

— O Clark?

— Não. Aquele filho da puta, o Hyde.

— Não, não dá para acreditar.

— O que é que o merdinha pretende? — murmura Christian, rangendo os dentes.

— Não sei. Você acha que o Clark acreditou em mim?

— É claro que sim. Ele sabe que o Hyde é um babaca de merda.

— Você está muito xingão.

— Xingão? — Christian força o riso. — E essa palavra existe?

— Agora existe.

Inesperadamente, ele abre um largo sorriso e senta-se ao meu lado, puxando-me para seus braços.

— Não pense naquele babaca. Vamos ver seu pai e tentar providenciar a transferência amanhã.

— Ele estava inflexível: queria porque queria ficar em Portland e não se tornar um estorvo.

— Vou falar com ele.

— Eu quero ir com ele.

Christian me olha, e, por um momento, acho que vai negar meu pedido.

— Está bem. Vou com vocês. Sawyer e Taylor podem levar os carros. E deixo o Sawyer dirigir o seu R8 hoje à noite.

—

No dia seguinte, Ray está examinando seu novo ambiente: um quarto claro e arejado no centro de reabilitação do hospital Northwest, em Seattle. É meio-dia, e ele parece sonolento. A viagem de helicóptero o deixou exausto.

— Diga ao Christian que eu agradeço — fala ele, baixinho.

— Pode dizer você mesmo. Ele vem aqui hoje à noite.

— Você não vai trabalhar?

— Provavelmente. Só quero ter certeza de que você está bem instalado aqui.

— Vá cuidar da sua vida. Não precisa se preocupar comigo.

— Eu gosto de me preocupar com você.
Meu BlackBerry vibra. Verifico o número — e não reconheço.
— Não vai atender? — pergunta Ray.
— Não. Não sei quem é. Seja quem for, pode deixar uma mensagem de voz. Eu trouxe umas coisinhas para você ler.
Aponto para a pilha de revistas de esportes na mesinha ao lado da cama.
— Obrigado, Annie.
— Você está cansado, não está?
Ele admite.
— Vou deixar você dormir um pouco. — Beijo sua testa. — Até mais, papai — murmuro.
— Vejo você mais tarde, querida. E obrigado. — Ray pega minha mão e a aperta carinhosamente. — Eu gosto quando você me chama de papai. Me faz voltar no tempo.
Ah, papai. Retribuo seu aperto de mão.

* * *

QUANDO ATRAVESSO AS portas da entrada em direção ao SUV onde Sawyer me espera, ouço alguém me chamar:

— Sra. Grey! Sra. Grey!
Ao me virar, vejo a Dra. Greene correndo na minha direção. Ela está, como sempre, impecável, embora um pouco agitada.
— Sra. Grey, como vai? Recebeu minha mensagem? Telefonei hoje mais cedo.
— Não. — Meu couro cabeludo começa a formigar.
— Bom, eu estava me perguntando por que a senhora tinha desmarcado quatro consultas.
Quatro consultas? Olho para ela, perplexa. *Eu faltei a quatro consultas! Como?*
— Talvez seja melhor conversarmos no meu consultório. Eu ia sair para almoçar; a senhora tem um tempinho agora?
Aquiesço sem discutir.
— Claro. Eu...
As palavras não me vêm à cabeça. *Faltei quatro consultas? Atrasei minha injeção de anticoncepcional. Merda.*

Meio entorpecida, sigo-a até o hospital e o consultório. Como fui perder quatro consultas? Eu me lembro vagamente de remarcar uma delas — Hannah mencionou —, mas *quatro*? Como fui me esquecer de quatro?

O consultório da Dra. Greene é espaçoso, minimalista e bem aparelhado.

— Que bom que a senhora me encontrou antes de eu ir embora — gaguejo, ainda chocada. — Meu pai sofreu um acidente de carro, e nós acabamos de providenciar a remoção dele, de Portland para cá.

— Puxa, lamento muito. Como ele está passando?

— Está bem, obrigada. Ainda se recuperando.

— Que bom. E isso explica por que você desmarcou na sexta-feira.

A Dra. Greene mexe com o mouse na sua mesa, e o computador ganha vida.

— Bem... já tem mais de treze semanas. Está bem no limite. Acho melhor fazermos um teste antes de aplicar outra injeção.

— Um teste? — sussurro, sentindo o sangue fugir da minha cabeça.

— Um teste de gravidez.

Ah, não.

Ela pega algo de dentro da gaveta da mesa.

— Você sabe o que fazer com isso. — Ela me entrega um pequeno frasco. — O banheiro fica logo na saída do consultório.

Eu me levanto em transe, meu corpo se movendo como se em piloto automático, e cambaleio até o banheiro.

Merda, merda, merda, merda, *merda*. Como pude deixar isso acontecer... de novo? Subitamente me sinto enjoada e começo a rezar em silêncio. *Por favor, não. Por favor, não. Ainda é cedo demais, cedo demais, cedo demais.*

Quando retorno ao consultório da Dra. Greene, ela me dá um breve sorriso e aponta para a cadeira em frente à sua mesa. Eu me sento e, sem dizer uma palavra, entrego-lhe o frasco. Ela mergulha nele um pequeno bastonete branco e observa. Então levanta as sobrancelhas quando a cor muda para azul-claro.

— O que significa o azul? — A tensão quase me sufoca.

Ela ergue o olhar para mim, um ar sério.

— Bem, Sra. Grey, significa que a senhora está grávida.

O quê? Não. Não. Não. Merda.

CAPÍTULO VINTE

Fito, pasma, a Dra. Greene, o mundo ruindo ao meu redor. Um filho. Um filho. Eu não quero um filho... ainda não. *Merda*. E, bem no fundo, sei que Christian vai pirar.

— A senhora está muito pálida. Quer um copo d'água?

— Sim, por favor.

Mal se ouve minha voz. Minha cabeça está a mil. Grávida? Quando?

— Vejo que a senhora ficou surpresa.

Aquiesço sem pronunciar uma palavra enquanto a médica, atenciosa, me entrega o copo d'água que ela pegou de um bebedouro convenientemente próximo. Tomo um gole aliviador.

— Em choque — balbucio.

— Podemos fazer uma ultrassonografia para ver em que estágio está a sua gravidez. A julgar pela sua reação, suspeito de que seja recente: quatro ou cinco semanas de gravidez. Imagino também que não tenha percebido nenhum sintoma.

Balanço a cabeça em silêncio. *Sintomas?* Acho que não.

— Eu pensei... pensei que esse método anticoncepcional fosse confiável.

A Dra. Green ergue uma sobrancelha.

— Geralmente é, *quando* a pessoa se lembra de tomar a injeção — diz ela friamente.

— Devo ter perdido a noção do tempo.

Christian vai pirar. Tenho certeza disso.

— Teve algum sangramento?

— Não — respondo, franzindo a testa.

— Isso é normal com o Depo-Provera. Vamos fazer uma ultrassonografia, está bem? Eu tenho um tempo agora.

Concordo, desorientada, e a Dra. Greene me conduz até uma mesa de exames forrada de couro preto que fica atrás de um

biombo.

— Peço que tire a saia e a roupa íntima e se cubra com o lençol que está sobre a mesa, para podermos começar — diz ela, em tom enérgico e eficiente.

Roupa íntima? Eu esperava uma ultrassonografia sobre a barriga. Por que eu preciso tirar a calcinha? Dou de ombros, consternada, e depois faço rapidamente o que ela mandou, deitando-me sob o macio lençol branco.

— Muito bem.

A Dra. Greene aparece na extremidade da mesa e puxa a máquina de ultrassom para mais perto. É uma pilha de computadores de última geração. Ela se senta, posicionando a tela de modo que fique visível para nós duas, e move o *trackball* no teclado. A tela se acende.

— Por favor, levante os joelhos, depois flexione e afaste-os. — Ela é objetiva.

Franzo a testa, receosa.

— É uma ultrassonografia transvaginal. Se você estiver grávida há pouco tempo, vamos conseguir encontrar o bebê com isto aqui. — Ela ergue uma sonda comprida e branca.

Ah, a senhora deve estar brincando!

— Tudo bem — balbucio, aflita, e faço o que ela manda.

A médica cobre a sonda com uma camisinha e a lubrifica com gel transparente.

— Sra. Grey, por favor, relaxe.

Relaxar? Eu estou grávida, droga! Como você espera que eu relaxe? Fico vermelha e me esforço para me concentrar no meu local ideal de descanso e felicidade... que foi realocado para algum lugar perto do continente perdido de Atlântida.

Lenta e cuidadosamente, ela insere a sonda.

Putá merda!

Tudo o que enxergo na tela é o equivalente visual a um ruído branco — embora seja mais cor de sépia. A Dra. Green move a sonda dentro de mim, devagar, o que é muito perturbador.

— Olhe ali — murmura ela, pressionando um botão para congelar a imagem na tela e apontando para um pequenino ponto na tempestade sépia.

É só um pontinho. Há um ponto minúsculo dentro da minha barriga. *Uau*. Esqueço o desconforto e o encaro, pasma.

— Ainda é muito cedo para ver o coração, mas isso comprova que a senhora está realmente grávida. Quatro ou cinco semanas, eu diria. — Ela franze o cenho. — Parece que o anticoncepcional perdeu o efeito cedo. Bem, isso às vezes acontece.

Estou aturdida demais para dizer qualquer coisa. O diminuto ponto é um bebê. Um bebê de verdade. O bebê de Christian. O meu bebê. Minha nossa. *Um bebê!*

— Quer que eu imprima a imagem?

Aceito, ainda incapaz de falar, e a Dra. Greene aperta um botão. Depois ela remove a sonda delicadamente e me entrega papel toalha para eu me limpar.

— Parabéns, Sra. Grey — diz ela quando eu me sento. — Precisamos marcar outra consulta. Sugiro que seja daqui a quatro semanas. Aí já vamos poder determinar a idade exata do seu bebê e estabelecer uma data de nascimento provável. Pode se vestir agora.

— Está certo.

Meio cambaleante, visto-me apressada. Eu tenho um ponto pequenino, um pontinho. Quando saio de trás do biombo, a Dra. Greene já está de volta à sua mesa.

— Enquanto isso, gostaria que a senhora começasse a tomar ácido fólico e vitaminas pré-natais. Aqui está uma lista do que fazer e do que não fazer.

Ela me entrega algumas cartelas de comprimidos e um folheto e continua a falar, mas não estou mais ouvindo. Estou em choque. Perplexa. É claro que eu deveria ficar feliz. Mas eu poderia esperar até os trinta... pelo menos. Ainda é cedo — muito cedo. Tento reprimir uma crescente sensação de pânico.

Educadamente, despeço-me da Dra. Greene e me dirijo outra vez à saída, para a fresca tarde de outono. De repente, sou tomada por um frio arrepiante e um profundo mau pressentimento. Christian vai pirar, sei disso, mas não faço ideia de até que ponto nem por quanto tempo. As palavras dele me assombram. *“Ainda não estou pronto para dividir você.”* Aperto o casaco em volta do meu corpo, tentando afastar o frio.

Sawyer salta do SUV e abre a porta para mim. Ele franze o cenho quando repara em meu rosto, mas ignoro sua expressão preocupada.

— Para onde, Sra. Grey? — pergunta ele delicadamente.

— SIP.

Eu me acomodo no banco traseiro, fecho os olhos e recosto a cabeça no apoio do assento. Eu deveria estar feliz. Sei que deveria estar feliz. Mas não estou. Ainda é muito cedo. Cedo demais. E o meu trabalho? E a SIP? E minha vida com Christian? Não. Não. *Não*. Nós vamos ficar bem. Ele vai ficar bem. Ele adorava Mia quando ela era bebê — eu me lembro de Carrick contando isso —, e continua mimando a irmã. Talvez eu deva avisar ao Dr. Flynn... Talvez eu não deva contar a Christian. Talvez eu... talvez eu pudesse acabar com isso. Interrompo meus pensamentos quando eles se encaminham para essa estrada sombria, assustada com o rumo que vão tomando. Instintivamente, minha mão desce até a minha barriga, onde descansa de forma protetora. *Não. Meu Pontinho*. Lágrimas brotam nos meus olhos. O que eu vou fazer?

A visão de um menininho de cabelo acobreado e brilhante e olhos cinzentos na campina perto da nossa casa nova invade meus pensamentos, provocando-me e me atormentando com inúmeras possibilidades. Ele dá risadas e gritinhos de felicidade enquanto Christian e eu corremos atrás dele. Christian o balança nos braços, bem alto, e o carrega no colo ao retornarmos para dentro de casa, de mãos dadas.

Minha visão se transforma em Christian me rejeitando, com repulsa. Estou gorda e esquisita, com uma barriga avantajada. Ele caminha pelo longo corredor de espelhos, para longe de mim, os sons de seus passos ecoando no chão, nas paredes e nos espelhos prateados. *Christian...*

Dou uma sacudida para despertar. *Não*. Ele vai ficar fora de si.

Quando Sawyer para o automóvel em frente à SIP, saio rápido e me dirijo ao prédio.

— Ana, que bom ver você. Como está o seu pai? — pergunta Hannah logo que entro.

Eu a fito friamente.

— Melhor, obrigada. Você pode vir à minha sala?

— Claro. — Ela me acompanha, e parece surpresa. — Está tudo bem?

— Preciso saber se você adiou ou desmarcou alguma consulta minha com a Dra. Greene.

— Dra. Greene? Desmarquei sim. Duas ou três. Basicamente porque você estava em outras reuniões ou com o tempo corrido. Por quê?

Porque agora eu estou grávida, porra!, berro com ela na minha imaginação. Respiro fundo para tentar me tranquilizar.

— Se você mudar qualquer um dos meus compromissos, não deixe de me avisar. Nem sempre eu verifico minha agenda.

— Claro — diz Hannah, em voz baixa. — Desculpe. Eu fiz alguma coisa errada?

Balanço a cabeça em negativa e suspiro alto.

— Pode me preparar um chá? Aí então a gente conversa sobre o que aconteceu enquanto eu estive fora.

— Certo. É pra já.

E, novamente animada, ela sai da sala.

Eu a acompanho com o olhar quando ela deixa o recinto.

— Está vendo aquela mulher? — falo bem baixo para o Pontinho. — Talvez ela seja responsável pela sua existência.

Afago o meu ventre, mas depois me sinto uma idiota completa, porque estou falando com um ponto. *Meu* pequenino Pontinho. Balanço a cabeça, irritada comigo e com Hannah... embora, bem lá no fundo, eu saiba que não posso realmente culpá-la. Desolada, ligo o computador. Há um e-mail de Christian.

De: Christian Grey

Assunto: Saudades

Data: 13 de setembro de 2011 13:58

Para: Anastasia Grey

Sra. Grey,

Faz apenas três horas que voltei ao escritório e já estou com saudades.

Espero que Ray tenha se instalado bem em seu novo quarto. Minha mãe vai visitá-lo hoje à tarde para ver como ele está.

Busco você lá pelas seis, e podemos passar lá para vê-lo antes de voltarmos para casa.

Que tal?

Seu apaixonado marido,

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Digito uma resposta rápida.

De: Anastasia Grey
Assunto: Saudades
Data: 13 de setembro de 2011 14:10
Para: Christian Grey

Claro.

Bj,

Anastasia Grey
Editora, SIP

De: Christian Grey
Assunto: Saudades
Data: 13 de setembro de 2011 14:14
Para: Anastasia Grey

Você está bem?

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Não, Christian, não estou. Estou pirando só de pensar que você vai pirar. Não sei o que fazer. Mas não vou contar para você por e-mail.

De: Anastasia Grey
Assunto: Saudades
Data: 13 de setembro de 2011 14:17
Para: Christian Grey

Sim. Só muito ocupada.

Vejo você às seis.

Bj,

Quando é que eu vou contar a ele? Esta noite? Talvez depois do sexo? Talvez durante o sexo. Não, pode ser perigoso para nós dois. Quando ele estiver dormindo? Descanso a cabeça nas mãos. Droga, o que eu vou fazer?

—

— Oi — diz Christian cautelosamente quando entro no SUV.

— Oi — murmuro.

— O que houve?

Ele franze o cenho. Balanço a cabeça no mesmo momento em que Taylor parte com o carro rumo ao hospital.

— Nada.

Talvez agora? Eu podia contar a ele logo agora, pois estamos em um local fechado e Taylor está conosco.

— Tudo bem no trabalho? — insiste ele.

— Tudo bem. Ótimo. Obrigada.

— Ana, o que aconteceu? — Seu tom fica um pouco mais insistente, e eu perco a coragem.

— Só estava com saudades de você, só isso. E preocupada com Ray.

Christian relaxa visivelmente.

— Ray está bem. Falei com minha mãe hoje à tarde e ela está impressionada com o progresso dele. — Christian pega minha mão.

— Nossa, sua mão está fria. Você comeu hoje?

Fico vermelha.

— Ana — repreende-me Christian, aborrecido.

Bom, eu não comi porque sei que você vai arrancar os cabelos quando souber que estou grávida.

— Vou comer de noite. Não tive tempo.

Ele balança a cabeça, frustrado.

— Quer que eu acrescente “alimentem minha mulher” à lista de tarefas dos seguranças?

— Desculpe. Vou comer alguma coisa. É só que o dia hoje foi meio estranho. Você sabe, a transferência do papai e tudo o mais.

Seus lábios se contraem com força, mas Christian não diz nada. Olho para fora. *Conte a ele!*, meu inconsciente sibila no meu ouvido. Não. Sou uma covarde.

Christian interrompe minha divagação:

— Talvez eu tenha que ir a Taiwan.

— Ah, é? Quando?

— No final da semana. Ou talvez semana que vem.

— Está bem.

— Queria que você fosse comigo.

Engulo em seco.

— Christian, por favor. Eu tenho o meu trabalho. Não vamos voltar a discutir isso.

Ele suspira e faz beicinho como um adolescente contrariado.

— Achei melhor perguntar — murmura ele, petulante.

— Vai ficar quanto tempo?

— Uns dois dias, no máximo. Eu queria que você me dissesse o que está acontecendo.

Como é que ele sabe?

— Bom, agora que meu amado marido está indo viajar...

Christian beija meus dedos.

— Não vou ficar longe muito tempo.

— Ótimo.

E abro um sorriso murcho.

* * *

RAY ESTÁ MUITO mais animado e bem menos carrancudo. Fico tocada por sua discreta gratidão a Christian, e por um momento, quando me sento para ouvir os dois conversarem sobre pescaria e sobre os Mariners, esqueço a desagradável notícia que recebi hoje. Mas ele se cansa fácil.

— Papai, vamos deixá-lo dormir.

— Obrigado, Ana querida. Gostei de ver você. Hoje também vi sua mãe, Christian. Ela me tranquilizou bastante. E ainda por cima torce pelos Mariners.

— Mas ela não é muito fã de pesca — diz Christian, com uma careta, ao se levantar.

— Não conheço muitas mulheres que sejam, não é? — Ray abre um sorriso.

— Vejo você amanhã, ok?

Dou-lhe um beijo. Meu inconsciente faz cara de reprovação. *Se Christian não resolver trancar você... ou se não fizer coisa pior.* Meu ânimo vai lá no chão.

— Venha.

Christian estende a mão para mim, franzindo o cenho. Eu aceito sua mão e deixamos juntos o hospital.

* * *

MAL TOCO NO JANTAR. A Sra. Jones preparou frango à caçadora, mas simplesmente não estou com fome. A ansiedade dá um nó apertado no meu estômago.

— Droga! Ana, quer fazer o favor de me dizer o que está havendo? — Christian afasta seu prato vazio, irritado. Eu olho para ele. — Por favor. Você está me deixando louco.

Engulo em seco e tento controlar o pânico que cresce na minha garganta. Respiro fundo para me recompor. É agora ou nunca.

— Estou grávida.

Ele fica imóvel, e pouco a pouco toda a cor foge de seu rosto.

— O quê? — murmura ele, pálido.

— Estou grávida.

Surgem vincos de incompreensão entre suas sobrancelhas.

— Como?

Como assim *como*? Que espécie de pergunta ridícula é essa? Eu fico vermelha e lanço-lhe um olhar irônico, como quem diz “Como é que você acha?”.

Imediatamente sua postura se transforma, seus olhos se endurecendo como pedra.

— E a injeção? — rosna ele.

Ah, merda.

— Você esqueceu de tomar a injeção?

Eu apenas o encaro, incapaz de falar. Cacete, ele está com raiva — muita raiva.

— Meu Deus, Ana! — Ele dá um soco na mesa, fazendo-me pular, e se levanta tão bruscamente que quase derruba a cadeira. — Você só precisava se lembrar de uma coisa, uma única coisa. Merda! Eu não acredito. Como é que você pôde ser tão idiota?

Idiota! Engulo em seco. Merda. Quero dizer a ele que o método falhou, mas as palavras me faltam. Olho para os meus dedos.

— Sinto muito — sussurro.

— Sente muito? Porra! — repete.

— Eu sei que não é a melhor hora.

— Não é a melhor hora! — grita ele. — A gente se conhece faz só cinco minutos, porra. Eu queria levar você para conhecer o mundo, mas agora... Puta que pariu. Fralda, vômito e merda!

Ele fecha os olhos. Acho que está tentando se controlar, mas perdendo a batalha.

— Você esqueceu? Diga. Ou fez de propósito?

Seus olhos ardem, e a raiva emana dele como um campo de força.

— Não — sussurro.

Não posso contar sobre Hannah — ele a demitiria.

— Eu achei que tivéssemos concordado sobre isso! — grita ele.

— Eu sei. E tínhamos. Desculpe.

Ele me ignora.

— É por isso. É por isso que eu gosto de controle. Assim não acontece esse tipo de merda, pra foder com tudo.

Não... Pontinho.

— Christian, por favor, não grite comigo.

As lágrimas começam a rolar pelo meu rosto.

— Não venha com a sua choradeira agora — reclama ele. — Puta que pariu. — Ele passa a mão no cabelo, puxando-o como se quisesse arrancá-lo. — Você acha que eu estou preparado para ser pai? — Sua voz está embargada, um misto de raiva e pânico.

E então tudo fica claro, o medo e o lampejo de ódio em seus olhos: sua raiva é como a de um adolescente impotente. *Ah, meu Cinquenta Tons, eu sinto muito mesmo. Também estou em choque.*

— Eu sei que nenhum de nós dois está pronto para isso, mas acho que você vai ser um ótimo pai — falo, contendo as lágrimas. — Vamos dar um jeito.

— Como é que você sabe, porra?! — berra ele, dessa vez mais alto. — Como?

Seus olhos queimam, e muitas emoções cruzam seu rosto, sendo o medo a mais evidente.

— Ah, foda-se! — vocifera ele, numa atitude de rejeição, e joga as mãos para o alto como se admitindo derrota.

Ele vira-se e, a passos largos, dirige-se ao hall, pegando o casaco ao sair da sala. Seus passos ecoam no assoalho de madeira e ele desaparece por trás das portas duplas que dão para o hall, batendo a porta atrás de si e me fazendo novamente dar um pulo.

Fico sozinha com o silêncio — o silêncio total e vazio da sala. Estremeço involuntariamente quando olho entorpecida para as portas fechadas. *Ele se afastou de mim. Merda!* Sua reação foi muito pior do que eu jamais teria imaginado. Empurro meu prato para a frente e dobro os braços sobre a mesa, e então afundo a cabeça e choro.

* * *

— ANA, QUERIDA. — A Sra. Jones aparece ao meu lado.

Eu me empertigo rápido, esfregando as lágrimas do rosto.

— Eu ouvi tudo. Sinto muito — diz ela gentilmente. — A senhora gostaria de um chá de ervas ou algo assim?

— Quero uma taça de vinho branco.

A Sra. Jones faz uma pausa por uma fração de segundo, e eu me lembro do Pontinho. Agora não posso mais ingerir álcool. Ou será que posso? Tenho que ler a lista de proibições e deveres que a Dra. Greene me deu.

— Vou trazer.

— Na verdade, vou tomar uma xícara de chá, por favor.

Limpo meu nariz. Ela sorri com candura.

— Já está saindo.

Ela tira os pratos e se dirige à cozinha. Vou junto, e me acomodo em um dos bancos, de onde fico vendo-a preparar meu chá.

Ela coloca uma caneca fumegante na minha frente.

— O que mais posso preparar para a senhora?

— Nada, obrigada; assim está bom.

— Tem certeza? Você não comeu muito.

Eu a fito.

— Não estou com fome, só isso.

— Ana, você precisa comer. Agora não está mais sozinha. Por favor, deixe que eu prepare alguma coisa. Do que você gostaria?

Ela me olha ansiosa. Mas é sério: não consigo encarar comida alguma.

Meu marido acabou de me deixar sozinha porque eu engravidei, meu pai sofreu um grave acidente de carro, e ainda tenho que enfrentar o doido do Jack Hyde inventando que eu o assediei sexualmente. De repente tenho uma vontade incontável de rir. *Veja o que você fez comigo, Pontinho!* Acaricio minha barriga.

A Sra. Jones sorri para mim, indulgente.

— Sabe de quanto tempo está? — pergunta ela, com suavidade.

— Bem pouco. Quatro ou cinco semanas, a médica não tem certeza.

— Se não vai comer, deve pelo menos descansar.

Concordo, e, levando meu chá, vou para a biblioteca. É o meu refúgio. Procuro meu BlackBerry na bolsa e penso em ligar para Christian. Sei que é um choque para ele — mas realmente foi uma reação extremada. *E quando é que ele age de forma diferente?* Meu inconsciente ergue para mim uma sobancelha bem delineada. Solto um suspiro. Cinquenta tons de uma cabeça toda fodida.

— É, é o seu pai, Pontinho. Vamos torcer para que ele esfrie a cabeça e volte para casa... logo.

Pego o folheto que explica o que se deve ou não fazer e me sento para ler.

Não consigo me concentrar. Christian nunca me largou sozinha assim. Ele estava tão atencioso e carinhoso nos últimos dias, tão amável, e agora... E se ele nunca mais voltar? *Merda!* Talvez eu deva telefonar para Flynn. Não sei o que fazer. Estou desorientada. Christian é tão frágil em tantos aspectos, e eu sabia que ele reagiria mal quando soubesse. Ele estava tão doce durante o fim de

semana... As circunstâncias estavam fora do seu controle, e mesmo assim ele se saiu bem. Mas essa novidade agora foi demais.

Desde que conheci Christian que minha vida tem sido complicada. Será que é por causa dele? Será que é por estarmos juntos? E se ele não quiser passar por isso? E se quiser o divórcio? A bile sobe à minha boca. Não. Não posso pensar assim. Ele vai voltar. Vai, sim. Eu sei que vai. Apesar dos gritos e das palavras duras, sei que ele me ama... E vai amar você também, Pontinho.

Recostando-me na cadeira, começo a cochilar.

* * *

ACORDO DESORIENTADA E com frio. Tremendo, vejo as horas: onze da noite. *Ah, sim... Você.* Acaricio minha barriga. Cadê Christian? Será que já voltou? Levanto-me da cadeira ainda meio dura e vou procurar meu marido.

Cinco minutos depois, percebo que ele não está em casa. Espero que não tenha acontecido nada com ele. As recordações da longa espera quando o *Charlie Tango* desapareceu surgem na minha mente.

Não, não, não. Pare de pensar assim. Ele deve ter ido encontrar... Quem? A quem ele iria recorrer? Elliot? Ou talvez tenha ido se consultar com Flynn. Espero que sim. Volto à biblioteca para pegar meu BlackBerry e digito uma mensagem.

Onde você está?

Vou até o banheiro e preparo um banho de banheira. Estou com tanto frio...

* * *

CHRISTIAN AINDA NÃO voltou quando saio do banho. Escolho uma camisola de cetim estilo anos 1930, coloco o robe por cima e vou até a sala. No caminho, dou uma parada diante do quarto vago. Talvez pudesse ser o quarto do Pontinho. Chocada diante dessa

ideia, continuo ali parada na porta, contemplando essa realidade. Será que vamos pintar de azul ou cor-de-rosa? Meu doce devaneio azeda quando lembro que meu indócil marido ficou furioso com a minha gravidez. Apanhando o edredom da cama vazia, vou para a sala iniciar minha vigília.

* * *

ALGO ME DESPERTA. Um barulho.

— Merda!

É Christian no hall. Ouço novamente o barulho da mesa arrastando no chão.

— Merda! — repete ele, dessa vez um som mais abafado.

Ergo o corpo, meio desajeitada, a tempo de vê-lo passar cambaleando pelas portas duplas. *Ele está bêbado*. Sinto uma comichão no couro cabeludo. *Merda, Christian bêbado?* Ele odeia bêbados. Levanto-me em um salto e corro até ele.

— Christian, você está bem?

Ele se inclina contra o batente das portas.

— Sra. Grey — diz, com a voz pastosa.

Droga. Ele está *muito* bêbado. Não sei o que fazer.

— Ah... Você está extremamente elegante, Anastasia.

— Onde você estava?

— Shh! — Ele leva o dedo aos lábios e abre um sorriso torto.

— Acho que é melhor você ir para a cama.

— Com você... — Ele solta um riso baixo, de escárnio.

Rindo desse jeito! Franzindo a testa, coloco o braço delicadamente em volta da sua cintura, pois ele mal se aguenta em pé — quanto mais andar sozinho. Onde será que ele estava? Como conseguiu voltar para casa?

— Vou ajudar você a chegar até a cama. Apoie-se em mim.

— Você está muito bonita, Ana.

Ele se deixa cair sobre mim e cheira meu cabelo, quase derrubando a nós dois.

— Christian, ande. Vou colocar você na cama.

— Tudo bem — diz, como se tentasse se concentrar.

Cambaleamos pelo corredor até finalmente chegarmos ao quarto.

— Cama — diz ele, com um sorriso.

— Isso mesmo, cama.

Eu o conduzo até a beirada, mas ele não me solta.

— Vem cá, vem — diz.

— Christian, acho que você precisa dormir.

— Ih, já começou. Bem que me falaram.

Franzo o cenho.

— Falaram o quê?

— Que com bebês não existe mais sexo.

— Isso não é verdade. Se fosse assim, todo mundo seria filho único.

Ele me fita.

— Você está engraçada.

— E você está bêbado.

— Aham.

Ele sorri, mas seu sorriso se transforma quando ele começa a pensar no significado disso, e uma expressão atormentada passa pelo seu rosto, uma expressão que me dá calafrios.

— Venha, Christian — digo com ternura. Detesto a expressão dele. Parece trazer consigo lembranças terríveis, que nenhuma criança deveria ter. — Venha para a cama.

Empurro-o com delicadeza, e ele se joga no colchão, todo esparramado e rindo para mim, já sem o semblante atormentado.

— Vem cá — chama ele, enrolando a língua.

— Primeiro, vamos tirar essa sua roupa.

Ele dá um sorriso selvagem e embriagado.

— Agora sim você está falando a minha língua.

Putá merda. O Christian bêbado é fofo e engraçado. Qualquer hora dessas vou substituir o Christian soltando fogo pelas ventas por esse.

— Sente-se. Para eu poder tirar o seu casaco.

— O quarto está rodando.

Droga... será que ele vai vomitar?

— Christian, sente-se!

Ele me lança um sorriso esquisito.

— Mas como você é mandona, Sra. Grey...

— Sou mesmo. Faça o que eu estou mandando: levante o corpo e fique sentado na cama.

Ponho as mãos na cintura. Ele ri novamente, ergue o corpo apoiando-se nos cotovelos e então se senta, de uma maneira desajeitada e totalmente não Christian. Antes que ele caia novamente, agarro sua gravata e tiro o casaco cinza, um braço de cada vez.

— Você está cheirosa.

— E você está cheirando a álcool.

— É... bour-bon.

Ele pronuncia as sílabas com tanto exagero que preciso conter o riso. Jogo seu casaco no chão e começo a tirar a gravata, enquanto ele repousa as mãos no meu quadril.

— Gostoso esse tecido em você, Anasta-shia... — diz ele, pronunciando mal as palavras. — Você devia usar cetim ou seda o tempo todo.

Ele desliza as mãos pelos meus quadris, subindo e descendo, e depois me puxa na sua direção, pressionando a boca contra a minha barriga.

— E tem um intruso aqui.

Paro de respirar. Puta merda. Ele está falando com o Pontinho.

— Você vai me deixar a noite toda acordado, não vai? — pergunta ele à minha barriga.

Ai, meu Deus. Christian ergue o olhar para mim, seus olhos cinzentos embaçados e sombrios. Meu coração se aperta.

— Você vai gostar mais dele do que de mim — diz ele, triste.

— Christian, você não tem ideia do que está falando. Não seja ridículo; não vou preferir ninguém. E ele pode ser ela.

Ele franze a testa.

— Ela... Ah, meu Deus.

Ele cai novamente na cama e cobre os olhos com o braço. Consegui desatar a gravata. Desamarro os cadarços e tiro seus sapatos e meias. Quando me levanto, percebo por que não encontrei nenhuma resistência — Christian simplesmente desmaiou. Está dormindo profundamente e ressona baixinho.

Fico contemplando-o. Ele é lindo de morrer, mesmo bêbado e roncando. Os lábios bem delineados entreabertos, um braço acima da cabeça, bagunçando o cabelo já todo despenteado, o rosto com ar relaxado. Ele parece jovem — quer dizer, ele é jovem; meu jovem marido, estressado, embriagado e infeliz. Esse pensamento pesa no meu coração.

Bom, pelo menos ele está em casa. Fico me perguntando aonde ele foi. Não sei se tenho energia ou força suficientes para empurrá-lo ou despi-lo mais. Além disso, ele caiu por cima do edredom. Voltando à sala, pego o edredom que eu estava usando e o levo para o nosso quarto.

Ele continua dormindo profundamente, ainda de gravata e cinto. Subo na cama ao seu lado, tiro a gravata e, com cuidado, abro o primeiro botão da sua camisa. Ele balbucia alguma coisa incoerente, mas não acorda. Abro o cinto com jeitinho, vou puxando-o pelos passadores e, com alguma dificuldade, consigo tirá-lo. A camisa está para fora da calça, revelando um trecho do caminho da felicidade. Não resisto: me abaixo e beijo sua barriga. Ele se mexe, jogando o quadril para a frente, mas continua dormindo.

Volto a erguer o corpo e o contemplo novamente. *Ah, Christian, meu Cinquenta Tons... o que é que eu vou fazer com você?* Passo os dedos pelo cabelo dele — tão macio — e o beijo na têmpora.

— Eu amo você, Christian. Mesmo quando está bêbado e desaparece de casa, indo sabe Deus aonde, eu amo você. Vou amá-lo para sempre.

— Hmm — murmura ele.

Beijo-o na têmpora mais uma vez, depois saio da cama e o cubro com o outro edredom. Posso dormir ao seu lado, atravessada na cama... *É, vou fazer isso.*

Porém, primeiro vou dobrar as roupas dele. Balanço a cabeça, resignada, e então apanho as meias e a gravata e dobro o casaco no braço. Nisso, seu BlackBerry cai no chão. Ao pegá-lo, acabo sem querer desbloqueando-o. Ele mostra a caixa de entrada de mensagens. Vejo a que eu enviei. Mas há uma mais recente.

Putá merda. Sinto uma comichão na cabeça.

*Foi bom ver você. Agora eu entendo.
Não fique assim. Você vai ser um pai maravilhoso.*

A mensagem é *dela*. Elena Monstra Filha da Mãe Robinson.
Merda. Então foi isso. Ele foi ver *aquela mulher*.

CAPÍTULO VINTE E UM

Fico pasma quando leio a mensagem, e olho para meu marido dormindo. Ele ficou fora até uma e meia da madrugada, bebendo — com *ela*! Christian ressona suavemente, dormindo o sono de um entorpecido e supostamente inofensivo bêbado. Parece tão sereno.

Ah, não, não, não. Sinto minhas pernas perderem a força e afundo lentamente na cadeira ao lado da cama, incrédula. Uma sensação de traição amarga, desleal e humilhante se abate sobre mim. Como ele pôde fazer isso? Como pôde procurar aquela mulher? Lágrimas de raiva descem queimando minhas faces. O medo e a cólera que ele sentiu, a necessidade de me agredir verbalmente — tudo isso eu posso entender e até perdoar. Mas isso... essa traição é demais para mim. Dobro os joelhos de encontro ao peito e abraço minhas pernas, protegendo a mim e ao meu Pontinho. Balanço o corpo para a frente e para trás, chorando silenciosamente.

O que eu esperava? Eu me casei depressa demais com este homem. Eu sabia... sabia que ia dar nisso. Por quê? Por quê? *Por quê?* Como ele pôde fazer isso comigo? Ele conhece meus sentimentos em relação a essa mulher. Como ele pôde correr logo para ela? Como? Sinto uma adaga se torcer lenta e dolorosamente dentro do meu coração, dilacerando-o. Será que vai ser sempre assim?

Através da cortina das minhas lágrimas, sua silhueta prostrada fica borrada e trêmula. *Ah, Christian.* Eu me casei com ele porque o amo, e lá no fundo sei que ele também me ama. Sei disso. O presente de aniversário que ele me deu, de uma ternura extrema, me vem à mente.

Por todas as nossas primeiras vezes, no seu primeiro aniversário como minha amada esposa. Bj, C.

Não, não, não... não posso acreditar que vai ser sempre assim, dois passos para a frente e três para trás. Mas é assim que tem sido com ele. Após cada obstáculo que nos faz recuar, caminhamos para a frente, centímetro por centímetro. Ele vai dar a volta por cima... sei que vai. Mas e eu? Será que vou me recuperar dessa... dessa traição? Penso em como ele se comportou nesse último fim de semana, que foi tão horrível quanto maravilhoso. A força silenciosa que ele me transmitiu enquanto meu padrasto jazia ferido e em coma na UTI... minha festa surpresa, a preocupação de trazer os amigos e parentes... a cena em frente ao hotel — me jogando para trás apoiada nos seus braços e me beijando na frente de todos. *Ah, Christian, você leva minha confiança e minha fé ao limite... e eu amo você.*

Agora, porém, não posso pensar só em mim mesma. Coloco a mão na barriga. Não, não vou deixar que ele faça isso comigo e com o nosso Pontinho. O Dr. Flynn disse que eu deveria lhe dar o benefício da dúvida... tudo bem, mas não dessa vez. Seco as lágrimas dos olhos e limpo o nariz com as costas da mão.

Christian se mexe e se vira, puxando as pernas que pendiam pela beirada da cama, e se aconchega debaixo do edredom. Estica uma das mãos, como se estivesse procurando alguma coisa, e depois balbucia algo ininteligível, franzindo as sobrancelhas, mas acaba por dormir novamente, o braço esticado.

Ah, meu Cinquenta Tons. O que é que eu vou fazer com você? E que diabo você estava fazendo com a Monstra Filha da Mãe? Preciso saber.

Olho mais uma vez para a ultrajante mensagem de texto e depressa traço um plano. Inspiro profundamente e encaminho a mensagem para o meu BlackBerry. Primeiro passo concluído. Em seguida, verifico as outras mensagens que ele recebeu recentemente, mas são todas minhas ou de Elliot, Andrea, Taylor e Ros. Nenhuma de Elena. Ótimo, eu acho. Saio da caixa de entrada, aliviada por ver que ele não tem se correspondido com ela, e neste momento meu coração quase sai pela boca. *Meu Deus.* O papel de parede do telefone dele é um conjunto de fotos minhas, um patchwork de pequenas Anastasias em várias poses: em nossa lua de mel, no fim de semana que passamos velejando e viajando, além

de algumas tiradas por José. Quando foi que ele montou isso? Deve ter sido há pouquíssimo tempo.

Reparo no ícone do e-mail e sinto-me tentada por uma ideia que se insinua em minha mente... *Eu podia ler os e-mails do Christian*. Ver se ele tem se comunicado com *ela*. Será que devo? Vestida em seda verde-jade, a boca franzida e zangada, minha deusa interior concorda enfaticamente. Antes que eu possa pensar duas vezes, invado a privacidade dele.

Há centenas e centenas de e-mails. Parecem todos desinteressantes e normais... a maioria enviada por mim, por Ros e por Andrea, além de vários executivos da empresa. Nenhum da Monstra Filha da Mãe. Aproveitando, vejo que também não há nenhum de Leila — o que me deixa aliviada.

Um dos e-mails, porém, chama minha atenção. Foi enviado por Barney Sullivan, o sujeito responsável pela TI na empresa, e o assunto da mensagem é: Jack Hyde. Lanço um rápido olhar de culpa para Christian, mas ele continua ressonando suavemente. Eu nunca o tinha visto roncar. Abro o e-mail.

De: Barney Sullivan

Assunto: Jack Hyde

Data: 13 de setembro de 2011 14:09

Para: Christian Grey

O rastreamento da caminhonete branca que conseguimos fazer pelas câmeras de segurança de Seattle só chegam até a Rua South Irving. Antes disso, não consigo encontrar nenhum rastro, então Hyde deve ter partido daquela área.

Como Welch já lhe disse, o carro do elemento foi alugado por uma mulher desconhecida com uma carteira falsa, mas nada liga o veículo à área da South Irving.

No arquivo anexado, seguem detalhes de funcionários conhecidos da GEH e da SIP que moram na área. Enviei o arquivo também para Welch.

No computador que Hyde usava na SIP não havia nada sobre suas ex-assistentes.

Só para lembrar, aqui vai uma lista do que foi obtido no computador de Hyde na SIP.

Endereços de residências dos Grey:

Cinco propriedades em Seattle

Duas propriedades em Detroit

Resumos detalhados das vidas de:

Carrick Grey
Elliot Grey
Christian Grey
Dra. Grace Trevelyan
Anastasia Steele
Mia Grey

Artigos de jornais impressos e digitais relacionados a:

Dra. Grace Trevelyan
Carrick Grey
Christian Grey
Elliot Grey

Fotografias:

Carrick Grey
Dra. Grace Trevelyan
Christian Grey
Elliot Grey
Mia Grey

Vou continuar investigando para ver se encontro mais alguma coisa.

B. Sullivan
Diretor de TI, Grey Enterprises Holdings Inc.

Esse e-mail estranho desvia minha atenção momentaneamente desta noite de infortúnio. Clico no anexo para verificar os nomes da lista, mas obviamente é imensa, extensa demais para ser aberta no BlackBerry.

O que eu estou fazendo? É tarde. Tive um dia desgastante. Não encontrei e-mails da Monstra Filha da Mãe ou de Leila Williams, o que já me deixa um pouco reconfortada. Olho para o relógio: já são pouco mais de duas da madrugada. Hoje foi um dia repleto de revelações. Vou ser mãe, e meu marido andou confraternizando com a inimiga. Bom, ele que arque com as consequências. Não vou ficar dormindo aqui com ele. Ele que acorde sozinho amanhã de manhã. Depois de deixar o BlackBerry dele na mesa de cabeceira, apanho minha bolsa, que está ao lado da cama, e, após um último olhar para o meu angelical Judas adormecido, saio do quarto.

A chave reserva do quarto de jogos está no local costumeiro, no armário da lavanderia. De posse da chave, corro lá para cima. Pego

travesseiro, edredom e lençóis do armário de rouparia, depois destranco a porta do quarto de jogos e entro, ajustando a luz para uma iluminação suave. É esquisito eu achar o aroma e o ambiente desse cômodo reconfortantes, considerando que acabei usando a palavra de segurança na última vez que estive aqui. Tranco a porta após entrar, deixando a chave na fechadura. Sei que de manhã Christian vai ficar fora de si tentando me encontrar, e acho que ele não vai me procurar aqui se a porta estiver trancada. Bem-feito para ele.

Eu me aconchego no sofá Chesterfield, enrolo-me no edredom e tiro meu BlackBerry da bolsa. Encontro a mensagem de texto da diabólica Monstra Filha da Mãe que eu encaminhei do telefone de Christian para mim mesma. Aperto “encaminhar” e digito:

***VAI QUERER QUE A SRA. LINCOLN ESTEJA PRESENTE
QUANDO DISCUTIRMOS ESTA MENSAGEM QUE ELA MANDOU
PARA VOCÊ? ASSIM NÃO VAI PRECISAR CORRER ATÉ ELA
DEPOIS. SUA ESPOSA***

Aperto “enviar” e coloco o celular no modo silencioso. Então me encolho embaixo do edredom. Apesar de minha suposta bravura, sinto-me esmagada pela enormidade da decepção que tive com Christian. Essa deveria ser uma ocasião feliz. Puxa, vamos ser pais. Por breves instantes revivo o momento em que contei a Christian que estou grávida e fantasio que ele cai de joelhos na minha frente de tanta alegria, abraçando-me e me dizendo o quanto ama a mim e ao nosso Pontinho.

No entanto, aqui estou eu, na fria solidão de um quarto de jogos repleto de fantasias BDSM. Subitamente me sinto velha, mais velha do que realmente sou. Lidar com Christian sempre foi um desafio, mas hoje ele se superou.

Onde estava com a cabeça? Bom, se o que ele quer é briga, é o que vou lhe dar. De jeito nenhum vou aceitar que ele se veja no direito de correr para aquela mulher monstruosa sempre que tivermos um problema. Ele vai ter que escolher — ou ela ou eu e nosso Pontinho. Fungo baixo, mas estou tão exausta que logo caio no sono.

* * *

ACORDO SOBRESSALTADA, momentaneamente desorientada... *Ah, sim* — *estou no quarto de jogos*. Como não há janelas, não faço ideia de que horas são. A maçaneta da porta chacoalha.

— Ana! — grita Christian lá de fora.

Congelo onde estou, mas ele não entra. Ouço vozes indistintas, mas depois se afastam. Solto o ar dos pulmões e vejo as horas no BlackBerry. São sete e meia, e há quatro chamadas perdidas e duas mensagens de voz. As chamadas são quase todas de Christian, mas tem também uma de Kate. *Ah, não*. Ele deve ter ligado para ela. Não tenho tempo para ouvir os recados. Não quero chegar atrasada no trabalho.

Eu me enrolo no edredom e pego minha bolsa antes de me dirigir à porta. Destranco-a devagar e espio do lado de fora. Ninguém à vista. *Ah, merda...* Talvez eu esteja sendo meio melodramática. Reviro os olhos para mim mesma, depois respiro fundo e desço as escadas.

Taylor, Sawyer, Ryan, a Sra. Jones e Christian estão todos parados à entrada da sala, Christian dando instruções a toque de caixa. Todos se viram ao mesmo tempo e me olham perplexos. Christian usa as mesmas roupas com que dormiu. Está desalinhado, pálido e lindo de morrer. Seus grandes olhos cinzentos estão arregalados, não sei se por medo ou raiva. É difícil dizer.

— Sawyer, vamos sair em uns vinte minutos — murmuro, enrolando-me mais ainda no edredom, como uma proteção.

Ele faz um gesto de aquiescência, e todos os olhares se viram para Christian, que ainda me fita intensamente.

— Gostaria de alguma coisa para o café, Sra. Grey? — pergunta a Sra. Jones.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não estou com fome, obrigada.

Ela aperta os lábios, mas não diz mais nada.

— Onde você estava? — pergunta Christian, numa voz baixa e rouca.

De súbito, como se fossem ratos apavorados em um navio prestes a afundar, Sawyer, Taylor, Ryan e a Sra. Jones se

dispersam, desaparecendo na direção do escritório de Taylor, do hall ou da cozinha.

Ignoro Christian e me encaminho para o quarto.

— Ana — ele me chama —, responda.

Ouçó seus passos atrás de mim, seguindo-me até o quarto, mas me dirijo ao banheiro da suíte e rapidamente tranco a porta.

— Ana! — Christian começa a esmurrar a porta. Ligo o chuveiro. A porta sacode. — Ana, abra essa porra dessa porta.

— Vá embora!

— Não vou a lugar algum.

— Como quiser.

— Ana, por favor.

Entro no chuveiro, deixando-o lá fora. Ah, tão quentinho... A água revigorante cai sobre mim, lavando minha pele de toda a exaustão da noite passada. *Nossa*. Tão gostoso... Por um momento, por um breve momento, consigo fingir que está tudo bem. Lavo o cabelo e quando termino já me sinto melhor, mais forte, pronta para enfrentar o trator chamado Christian Grey. Enrolo o cabelo em uma toalha, enxugo-me rapidamente com outra e depois a enrolo no corpo.

Destranco a porta e, quando a abro, vejo Christian encostado na parede oposta, as mãos atrás do corpo. Ele tem uma expressão prudente, semelhante à de um predador sendo caçado. Passo rapidamente por ele e entro no closet.

— Você está me ignorando? — pergunta Christian, incrédulo, parado à porta do closet.

— Que perspicaz, você — murmuro distraidamente enquanto escolho o que vestir.

Ah, sim... meu vestido ameixa. Tiro-o do cabide, pego as botas pretas de cano longo e salto agulha e volto para o quarto. Paro por um momento, esperando que Christian saia do meu caminho, o que ele acaba fazendo — suas boas maneiras falam mais alto. Sinto seus olhos me atravessando enquanto cruzo o quarto até a cômoda e, pelo espelho, dou uma espiada nele, estático na porta, examinando-me. Em um ato digno de uma vencedora de Oscar, deixo a toalha cair no chão e finjo não me importar. Ouçó seu suspiro contido e ignoro.

— Por que você está fazendo isso? — pergunta ele, em voz baixa.

— O que você acha? — Minha voz é suave como veludo. Enquanto isso vou pegando uma linda calcinha de renda preta da La Perla.

— Ana...

Ele para quando me vê vestir a calcinha.

— Vá perguntar à sua Mrs. Robinson. Tenho certeza de que ela vai lhe dar alguma explicação — sussurro, enquanto procuro o sutiã que forma o conjunto.

— Ana, eu já disse que ela não é minha...

— Não quero ouvir, Christian. — Faço um gesto de desdém com a mão. — A oportunidade de conversar foi ontem, mas, em vez disso, você preferiu se divertir e se embriagar com a mulher que abusou de você durante anos. Ligue para ela. Tenho certeza de que ela vai ter a maior boa vontade em escutar você.

Encontro o sutiã que procurava e o visto lentamente. Christian avança e coloca as mãos na cintura.

— Por que você estava me espionando? — pergunta ele.

Apesar da minha firmeza, fico vermelha.

— Essa não é a questão, Christian — retruco com rispidez. — O fato é que, quando as coisas complicam, você corre para ela.

Ele aperta a boca numa expressão severa.

— Não foi bem assim.

— Não estou interessada.

Pegando um par de meias sete oitavos pretas com barra rendada, vou até a cama. Então me sento, estico a ponta do pé e, delicadamente, cubro minha perna até a coxa com o leve tecido.

— Onde você estava? — pergunta ele, seus olhos seguindo minhas mãos ao longo das minhas pernas, mas continuo a ignorá-lo e passo para a outra meia.

Fico de pé e me curvo para secar meu cabelo com a toalha. Através das minhas coxas entreabertas, posso ver seus pés descalços e sentir seu olhar penetrante. Quando termino, volto a me levantar e vou até a cômoda para pegar o secador de cabelo.

— Responda. — Sua voz é baixa e ríspida.

Ligo o secador e não consigo mais ouvir sua voz. Pelo espelho, olho para ele de cabeça baixa enquanto seco o cabelo com os dedos. Ele me encara com olhos semicerrados e frios, gélidos até. Olho para o outro lado e foco na minha tarefa, tentando reprimir o calafrio que percorre meu corpo. Engulo em seco e me concentro em secar meu cabelo. Ele ainda está bravo. Ele sai com aquela filha da puta e está bravo *comigo? Que ousadia!* Quando meu cabelo parece rebelde e volumoso, paro. Sim... gostei. Desligo o secador.

— Onde você estava? — pergunta ele, seu tom de voz agora congelante.

— E você se importa?

— Ana, pare com isso. Agora.

Dou de ombros, e Christian atravessa o quarto rapidamente na minha direção. Dou um giro e um passo para trás quando ele tenta me alcançar.

— Não toque em mim — falo ríspidamente, e ele congela no meio do movimento.

— Onde você estava? — pergunta, o punho cerrado pendendo ao longo do corpo.

— Eu não estava enchendo a cara com o meu ex — respondo, ardendo de raiva. — Você dormiu com ela?

Ele leva um susto.

— *O quê?* Não!

Olhando para mim perplexo, ele tem o desprazer de parecer ao mesmo tempo magoado e zangado. Meu inconsciente solta um breve e bem-vindo suspiro de alívio.

— Você acha que eu trairia você? — Seu tom de voz sugere um ultraje moral.

— Você traiu — falo com hostilidade. — Abrindo nossa vida particular para aquela mulher e mostrando fraqueza ao contar tudo para ela.

Christian fica boquiaberto.

— Fraqueza. É isso que você pensa? — Seus olhos estão em brasa.

— Christian, eu li a mensagem. Disso eu sei.

— A mensagem não era endereçada a você — rebate ele.

— Bom, o fato é que eu vi a mensagem quando o BlackBerry caiu do seu casaco enquanto eu tentava tirar a sua roupa porque você estava tão bêbado que não conseguia nem se trocar sozinho. Você tem ideia de como me magoou indo ver aquela mulher?

Ele empalidece por um instante, mas eu engatei a primeira e continuo, soltando minha fera interior:

— Você se lembra da noite passada, quando chegou em casa? Lembra-se do que disse?

Ele me encara sem reação, o rosto estático.

— Pois bem: você tinha razão. Tendo que escolher, eu escolho este bebê indefeso em vez de você. É o que faria qualquer mãe ou pai decente. É o que a sua mãe deveria ter feito com você. E eu lamento muito que ela não tenha feito isso, porque não estaríamos nesta discussão agora se ela tivesse agido de outra maneira. Só que você já é um adulto; então cresça, porra, olhe à sua volta e pare de agir como um adolescente petulante.

“Você pode não estar feliz com este filho. Também não estou dando pulos de alegria, por não ser a hora e por causa da sua reação mais que indiferente a este novo ser, sangue do seu sangue, carne da sua carne. Mas você pode encarar essa situação junto comigo, ou eu vou encarar sozinha. A decisão é sua.

“Enquanto você se afunda no seu poço de autopiedade e auto-ódio, eu vou trabalhar. E quando voltar, vou levar minhas coisas para o quarto de cima.”

Ele me olha em choque.

— Agora, se me der licença, eu queria terminar de me vestir. — Minha respiração é ofegante.

Muito lentamente, Christian dá um passo para trás, adotando uma atitude mais dura.

— É isso que você quer? — sussurra ele.

— Não sei mais o que eu quero.

Meu tom de voz reflete o dele, e faço um esforço monumental para fingir desinteresse ao molhar as pontas dos dedos com o hidratante e passar suavemente no rosto. Eu me olho no espelho. Enormes olhos azuis, rosto pálido, mas faces rosadas. *Você está se saindo muito bem. Não ceda agora. Não ceda agora.*

— Você não me quer? — murmura ele.

Ah, não... ah, não, nem comece com isso, Grey.

— Ainda estou aqui, não é? — retruco.

Pego o rímel e começo a passar no olho direito.

— Você pensou em me deixar? — Mal ouço suas palavras.

— Quando o seu marido prefere a companhia da ex-amante, não costuma ser um bom sinal.

Lanço o desdém apenas no nível necessário, fugindo da pergunta dele. Agora brilho labial. Com a boca brilhante, faço um biquinho para minha imagem no espelho. *Fique forte, Steele... quer dizer, Grey.* Puta merda, nem consigo me lembrar do meu sobrenome. Apanho as botas, vou até a cama novamente e as calço, puxando-as até a altura dos joelhos. Isso aí. Estou só de calcinha, sutiã e botas, bem sexy. Sei disso. Eu me levanto e olho para ele sem paixão. Ele pisca várias vezes, e seus olhos percorrem meu corpo rápida e avidamente.

— Eu sei o que você está fazendo — murmura ele, e sua voz adota um viés quente e sedutor.

— Sabe, é?

Minha voz falha. *Não, Ana... aguente firme.*

Ele engole em seco e avança. Dou um passo para trás e levanto as mãos.

— Nem pense nisso, Grey — sussurro ameaçadoramente.

— Você é minha esposa — diz ele, suave e ameaçador.

— Sou a mulher grávida que você abandonou ontem, e, se você tocar em mim, vou gritar até arrebentar os vidros.

Ele levanta as sobrancelhas, sem acreditar.

— Vai gritar, é?

— Até morrer. — Estreito os olhos.

— Ninguém iria ouvir você — murmura ele, encarando-me intensamente, e por um breve momento me lembro da nossa manhã em Aspen. *Não. Não. Não.*

— Está tentando me assustar? — balbucio, quase sem fôlego, deliberadamente tentando detê-lo.

Funciona. Ele para e engole em seco.

— Não era minha intenção. — Ele franze a testa.

Mal consigo respirar. Se ele me tocar, não vou resistir. Conheço o poder que ele exerce sobre mim e sobre meu corpo traiçoeiro.

Conheço bem. Então me agarro à minha raiva.

— Eu tomei um drinque com uma pessoa que costumava ser próxima de mim. Só para espalhar. Não vou vê-la de novo.

— Você a procurou?

— Não de primeira. Tentei entrar em contato com o Flynn. Mas acabei indo para o salão de beleza.

— E você espera que eu acredite que não vai mais ver aquela mulher? — Não consigo conter minha fúria ao cuspir as palavras. — E da próxima vez que eu cruzar uma linha imaginária? É sempre a mesma briga, toda vez a mesma coisa. Parece até que estamos presos à roda de Íxion. Se eu fizer mais alguma merda, você vai correr para ela outra vez?

— Não vou vê-la de novo — diz ele, com uma determinação desconcertante. — Ela finalmente entendeu como eu me sinto.

Levo um tempo para absorver suas palavras.

— O que isso quer dizer?

Ele se enrijece e passa a mão no cabelo, irritado, bravo e mudo. Tento uma tática diferente:

— Por que você pode falar com ela e não comigo?

— Eu estava zangado com você. Como estou agora.

— Não me diga! — disparo. — Pois bem: *eu* estou zangada com você agora. Por você ter sido tão frio e insensível ontem, quando eu precisava de você. Por me acusar de engravidar deliberadamente, o que não foi o caso. Por me trair.

Consigo engolir um soluço. Ele abre a boca, chocada, e fecha os olhos por um instante, como se eu tivesse lhe dado uma bofetada. Engulo em seco. *Acalme-se, Anastasia.*

— Eu deveria ter sido mais cuidadosa com as aplicações do anticoncepcional. Mas não foi de propósito. Esta gravidez também é um choque para mim — balbucio, tentando um mínimo de civilidade. — Além do mais, o método pode ter falhado.

Ele me encara com ar de reprovação, em silêncio.

— Você fez muita merda ontem — sussurro, a raiva fervendo dentro de mim. — Passei por poucas e boas nas últimas semanas.

— E você fez uma merda das grandes três ou quatro semanas atrás. Ou sei lá quando você esqueceu de tomar a injeção.

— Bom, Deus me ajude a não ser perfeita como você!

Ah, pare, pare, pare. Ficamos ali imóveis, fulminando um ao outro com o olhar.

— Bela performance, Sra. Grey — sussurra ele.

— Fico feliz de saber que mesmo grávida sou uma boa diversão.

Ele me olha sem expressão e murmura:

— Preciso tomar um banho.

— E já chega do meu espetáculo de cabaré.

— É um ótimo espetáculo, aliás — sussurra ele, e dá um passo à frente. Novamente eu dou um passo para trás.

— Não ouse.

— Odeio quando não me deixa tocar em você.

— Que ironia, não?

Seus olhos se estreitam ainda mais.

— Não decidimos muita coisa, não é?

— Eu diria que não. Só decidi me mudar para o outro quarto.

Os olhos dele se arregalam e brilham por um breve instante.

— Ela não significa nada para mim.

— A não ser quando você precisa dela.

— Eu não preciso dela. Preciso de você.

— Você não precisou de mim ontem. Aquela mulher é um limite rígido para mim, Christian.

— Ela não faz mais parte da minha vida.

— Como eu queria acreditar em você.

— Puta que pariu, Ana.

— Por favor, preciso terminar de me vestir.

Ele suspira e passa a mão no cabelo novamente.

— Vejo você à noite — diz, a voz fria e destituída de qualquer emoção.

E por um breve momento tenho vontade de envolvê-lo em meus braços e tranquilizá-lo... mas resisto, porque estou irada demais. Ele se vira e se dirige ao banheiro. Permaneço estática até ouvir a porta se fechar.

Vou cambaleante até a cama e me jogo. Não recorri a lágrimas ou gritos ou homicídio, nem sucumbi a seus encantos de especialista em sexo. Mereço uma medalha de honra; no entanto, me sinto lá no chão. Merda. Não resolvemos nada. Estamos à beira de um precipício. Será que nosso casamento está correndo perigo?

Como é que ele não consegue perceber que agiu como um completo babaca quando foi se encontrar com aquela mulher? E o que ele quer dizer ao afirmar que nunca mais vai vê-la de novo? Afinal, como é que eu vou conseguir acreditar nisso? Olho para o relógio: oito e meia. *Droga!* Não quero me atrasar. Inspiro profundamente.

— O segundo assalto terminou em empate técnico, Pontinho — sussurro, afagando a barriga. — O papai talvez seja uma causa perdida, mas espero que não. Por que, Pontinho, por que você veio tão cedo? Agora é que as coisas estavam ficando boas. — Meus lábios tremem, mas respiro fundo para me recuperar e controlar minhas emoções. — Vamos, Pontinho. Vamos lá arrasar no trabalho.

* * *

NÃO ME DESPEÇO de Christian. Ele ainda está no chuveiro quando Sawyer e eu saímos. Fico olhando para fora pelos vidros escuros do SUV, e nesse momento minha postura desaba e meus olhos se enchem de lágrimas. Meu estado de espírito se reflete no céu cinzento e lúgubre, e tenho um mau pressentimento. Não chegamos a conversar sobre o bebê. Tive menos de vinte e quatro horas para assimilar a novidade do meu Pontinho. Christian teve ainda menos tempo.

— Ele nem sabe o seu nome.

Acaricio a barriga e limpo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— Sra. Grey. — É Sawyer, interrompendo meus devaneios. — Chegamos.

— Ah. Obrigada, Sawyer.

— Vou dar um pulo na confeitaria, madame. A senhora quer alguma coisa?

— Não, obrigada. Não estou com fome.

* * *

HANNAH ME RECEBE com meu café com leite já pronto. Tomo um golinho e meu estômago fica embrulhado.

— Hmm... pode me trazer um chá, por favor? — murmuro, constrangida.

Eu sabia que havia uma razão para eu nunca ter gostado muito de café. Nossa, que cheiro ruim.

— Você está bem, Ana?

Faço que sim e corro para a segurança do meu escritório. O BlackBerry toca. É Kate.

— Por que Christian estava procurando você? — pergunta ela, sem preâmbulos.

— Bom dia, Kate. Tudo bem?

— Poupe-me do papo furado, Steele. O que aconteceu? — E assim começa o Interrogatório de Katherine Kavanagh.

— Christian e eu brigamos, só isso.

— Ele machucou você?

Reviro os olhos.

— Sim, mas não do jeito que você está pensando. — Não quero me abrir com Kate agora. Sei que vou chorar, e no momento estou orgulhosa de mim mesma por não ter desabado esta manhã. — Kate, eu tenho uma reunião. Depois eu ligo.

— Ok. Você está bem?

— Sim. — *Não*. — Eu ligo mais tarde.

— Tudo bem, Ana, como quiser. Se precisar, estou aqui.

— Sei disso — sussurro, lutando contra a torrente de emoções que me vêm por causa das palavras amigas de Kate. *Não vou chorar. Não vou chorar.*

— O Ray está bem?

— Está — murmuro.

— Ai, Ana — sussurra ela.

— Não diga nada.

— Tudo bem. A gente se fala mais tarde.

— Certo.

* * *

NO DECORRER DA MANHÃ, de vez em quando verifico meu e-mail, na esperança de encontrar alguma palavra de Christian. Mas não há nada. À medida que o dia transcorre, percebo que ele simplesmente não vai entrar em contato comigo e que ainda está zangado. Ora, eu também estou zangada. Entrego-me ao trabalho, fazendo uma pausa apenas para comer um sanduíche de salmão e cream cheese na hora do almoço. É impressionante como me sinto melhor depois de conseguir comer alguma coisa.

Às cinco, Sawyer e eu vamos ao hospital fazer uma visita a Ray. Sawyer está mais vigilante do que o normal, chega a ser exageradamente solícito. É irritante. Quando nos aproximamos do quarto de Ray, ele me interpela:

— A senhora quer um chá enquanto visita seu pai?

— Não, obrigada, Sawyer. Estou bem.

— Vou esperar lá fora.

Ele abre a porta para mim, e fico aliviada ao me ver livre dele por alguns instantes. Ray está sentado na cama, lendo uma revista. Está barbeado e usa uma camisa de pijama — parece novamente o Ray que eu conheço.

— Oi, Annie. — Ele sorri. E seu rosto murcha.

— Ah, papai...

Corro para ele e, em um gesto pouco usual de sua parte, ele abre os braços e me acolhe.

— Annie? — sussurra. — O que aconteceu?

Ele me abraça apertado e beija meu cabelo. Enquanto estou assim aninhada em seus braços, percebo como são raros esses momentos entre nós dois. *Por que será?* E será que é por isso que gosto de ficar no colo de Christian? Depois de um minuto, solto-o e me sento na cadeira ao lado da cama. Ele tem o cenho franzido em uma expressão de preocupação.

— Conte ao seu velho.

Balanço a cabeça. Ele não precisa dos meus problemas nesse momento.

— Não é nada, pai. Você está com uma aparência boa. — Aperto sua mão.

— Já estou me sentindo recuperado, apesar dessa perna engessada me acossando.

— Acossando? — A palavra me faz sorrir.

Ele retribui o sorriso.

— “Acossar” soa melhor que “coçar”.

— Ah, pai, fico tão feliz de ver você bem.

— Eu também, Annie. Ainda vou querer colocar meus netinhos sentados nesse joelho acossado um dia. Não ia perder isso por nada no mundo.

Olho para ele receosa. *Merda*. Será que ele sabe? E luto contra as lágrimas que teimam em surgir nos cantos dos meus olhos.

— Você e o Christian estão bem?

— Tivemos uma briga — murmuro, tentando falar mesmo com o nó que aperta minha garganta. — Mas a gente supera.

Ray aquiesce.

— Ele é um homem bom, o seu marido — diz ele, para me reconfortar.

— Ele tem seus momentos. O que os médicos disseram?

Não quero continuar a falar sobre o meu marido agora; é um assunto doloroso.

* * *

QUANDO CHEGO EM casa, Christian ainda não voltou.

— Christian ligou e disse que ficaria trabalhando até tarde — informa-me Sra. Jones, em tom de quem pede desculpas.

— Ah. Obrigada por me avisar.

Por que ele próprio não me avisou? Puxa, ele realmente está levando sua pirraça para um patamar acima. Por breves instantes me recordo da briga que tivemos sobre nossos votos de casamento e sobre a fúria que se apoderou dele na ocasião. Mas dessa vez eu é que fui magoada.

— O que gostaria de comer? — A Sra. Jones tem um brilho forte e determinado no olhar.

— Massa.

— Espaguete, penne, fusilli? — Ela sorri.

— Espaguete, com o seu molho à bolonhesa.

— É pra já. E, Ana... você deveria ter visto como o Sr. Grey ficou transtornado hoje de manhã, quando ele achou que você tinha ido

embora. Ficou fora de si. — Ela sorri amigavelmente.

Ah...

* * *

ÀS NOVE HORAS, ainda nada de Christian. Sentada à minha mesa na biblioteca, fico matutando onde ele pode estar. Telefone para ele.

— Ana — atende ele, a voz fria.

— Oi.

Ele inspira suavemente.

— Oi — diz ele, mais baixo.

— Você vem para casa?

— Mais tarde.

— Está no escritório?

— Claro. Onde mais eu estaria?

Com ela.

— Vou deixar você trabalhar, então.

Ambos continuamos na linha, o silêncio entre nós se alongando e se avolumando.

— Boa noite, Ana — diz ele, afinal.

— Boa noite, Christian.

Ele desliga.

Ah, merda. Fico olhando para o BlackBerry. Não sei o que ele espera que eu faça. Não vou deixar que passe por cima dos meus sentimentos. Sim, ele está zangado, ok. Eu também estou. Mas estamos neste barco juntos. Não fui eu que saí correndo com a língua solta atrás da minha ex-amante pedófila. Quero que ele reconheça que essa atitude não é aceitável.

Eu me recosto na cadeira, olhando para a mesa de sinuca da biblioteca, e me lembro de tempos divertidos jogando isso. Ponho a mão na barriga. Talvez ainda seja muito cedo. Talvez isso não deva acontecer... E, logo que penso nisso, meu inconsciente grita *Não!* Se eu interromper esta gravidez, nunca vou me perdoar — ou a Christian.

— Ah, Pontinho, o que você fez com a gente?

Não tenho ânimo para ligar para Kate. Não tenho ânimo para ligar para ninguém. Mando uma mensagem para ela, prometendo

telefonar em breve.

Lá pelas onze horas, não consigo mais manter as pálpebras abertas. Resignada, vou para o meu antigo quarto. Encolho-me embaixo do edredom e não me contenho mais: soluço com a cabeça enfiada no travesseiro, grandes soluços de tristeza, sacudindo-me toda sem a menor classe feminina...

* * *

QUANDO ACORDO, sinto a cabeça pesada. Pelas grandes vidraças do quarto brilha a luz clara do outono. Olho para o radiorelógio e descubro que já são sete e meia. Meu pensamento imediato é: *Onde está Christian?* Sento-me e jogo as pernas para fora da cama. Vejo jogada no chão a gravata prateada de Christian, a minha preferida. Isso não estava aqui quando fui dormir. Apanho-a e fico olhando para a gravata, acariciando o tecido sedoso entre o polegar e o indicador; depois a aperto contra o meu rosto. Ele esteve aqui, observando-me enquanto eu dormia. E um lampejo de esperança se acende dentro de mim.

* * *

QUANDO DESÇO, a Sra. Jones está ocupada em seus afazeres na cozinha.

— Bom dia — diz ela, radiante.

— Bom dia. E o Christian? — pergunto.

O rosto dela perde a vivacidade.

— Já saiu.

— Então ele veio para casa?

Preciso ter certeza, apesar da evidência da gravata.

— Veio, sim. — Ela faz uma pausa. — Ana, por favor, me perdoe por me intrometer, mas não desista dele. Ele é muito teimoso.

Faço um gesto de concordância e ela não insiste. Tenho certeza de que minha expressão deixa claro que não quero conversar sobre o meu malcomportado marido neste momento.

* * *

LOGO QUE CHEGO ao trabalho, verifico os e-mails. Meu coração quase salta do peito quando vejo uma mensagem de Christian.

De: Christian Grey
Assunto: Portland
Data: 15 de setembro de 2011 06:45
Para: Anastasia Grey

Ana,

Vou a Portland hoje.

Tenho alguns negócios a fechar com a WSU.

Achei que você fosse querer saber.

Christian Grey
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Ah. As lágrimas brotam nos meus olhos. Só isso? Sinto um nó no estômago. Merda! Vou vomitar. Corro para o banheiro e chego justo a tempo de pôr todo o meu café da manhã para fora. Deixo-me cair no chão do cubículo e coloco as mãos na cabeça. Será que esse é o fundo do poço? Depois de um tempo, alguém bate delicadamente à porta.

— Ana? — É Hannah.

Merda.

— Sim?

— Você está bem?

— Já vou sair.

— Boyce Fox está aqui para falar com você.

Merda.

— Leve-o para a sala de reuniões. Chego lá em um minuto.

— Você quer chá?

— Sim, por favor.

* * *

DEPOIS DO ALMOÇO — mais um sanduíche de salmão com cream cheese, só que dessa vez consigo manter a comida no estômago —, fico sentada olhando distraída para o computador, procurando inspiração e matutando sobre como Christian e eu vamos resolver nosso imenso problema.

Dou um pulo de susto quando meu BlackBerry toca. Olho para a tela: é Mia. Minha nossa, é tudo o que eu queria agora: o entusiasmo desmedido de Mia. Hesito, considerando simplesmente ignorar, mas a boa educação prevalece.

— Mia — atendo com animação.

— Ora, ora, olá, Ana... há quanto tempo não nos falamos.

É uma voz masculina que me soa familiar. *Putá que pariu!*

Meu couro cabeludo começa a pinicar, e todos os pelos do meu corpo se eriçam — a adrenalina flui nas minhas veias e o mundo para de girar.

É Jack Hyde.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

—Jack.

Minha voz desapareceu, sufocada pelo medo. Como ele saiu da prisão? Como está com o telefone da Mia? O sangue se esvai do meu rosto, e me sinto tonta.

— Ah, então você se lembra de mim — diz ele, a voz suave. Posso imaginar seu sorriso amargo.

— É evidente. — Minha resposta é automática; minha cabeça está a mil.

— Você deve estar se perguntando por que resolvi telefonar.

— E estou.

Desligue.

— Não desligue. Eu andei batendo um papo com a sua cunhadinha.

O quê? Mia! Não!

— O que você fez? — murmuro, tentando conter meu pavor.

— Escute aqui, sua puta vendida e safada. Você fodeu com a minha vida. O Grey fodeu com a minha vida. Você me *deve muito*. Eu estou com a putinha aqui comigo agora. E você, aquele filho da puta do seu marido e toda a maldita família dele vão me pagar.

O desprezo e a cólera de Jack me chocam. *A família dele?* Que merda é essa?

— O que você quer?

— Eu quero o dinheiro dele. Quero a porra do dinheiro dele, ah, se quero. Se as coisas tivessem sido diferentes, podia ter sido eu. Então, você vai conseguir essa grana para mim. Quero cinco milhões de dólares, hoje.

— Jack, eu não tenho acesso a tanto dinheiro assim.

Jack destila seu menosprezo:

— Você tem duas horas para arrumar a grana. Só isso: duas horas. Não conte para ninguém, ou essa putinha aqui já era. Nem

polícia, nem o sacana do seu marido. Nem o pessoal da segurança. Eu vou saber, está entendendo? — Ele faz uma pausa, e tento responder, mas o pânico e o temor fecharam minha garganta. — Você entendeu? — grita ele.

— Entendi — sussurro.

— Senão eu mato a putinha.

Minha respiração falha.

— Mantenha o telefone por perto. Não conte para ninguém, ou antes de matar a sua cunhadinha eu dou uma canseira nela. Você tem duas horas.

— Jack, eu preciso de mais tempo. Três horas. E como vou saber que ela está mesmo com você?

A ligação cai. Olho aterrorizada para o telefone, os lábios crispados com medo e, na boca, um horrível gosto metálico de pavor. *Mia, ele está com a Mia.* Será mesmo? Minha mente ferve diante da obscena possibilidade, e meu estômago fica embrulhado de novo. Acho que vou vomitar, mas respiro fundo, tentando apaziguar o pânico, e o enjoo passa. Rapidamente, considero as possibilidades. *Contar a Christian? Contar a Taylor? Chamar a polícia? Como Jack vai saber? Será que ele realmente sequestrou Mia?* Preciso de tempo, tempo para pensar — mas só vou conseguir isso se seguir as instruções dele. Pego a bolsa e corro até a porta.

— Hannah, vou ter que sair. Não sei ao certo quanto tempo vou demorar. Cancele todos os meus compromissos desta tarde. Avise à Elizabeth que precisei resolver um assunto urgente.

— Claro, Ana. Está tudo bem? — Ela franze a testa, sua fisionomia demonstrando preocupação ao me ver sair correndo.

— Sim — respondo distraidamente, dirigindo-me às pressas para a recepção, onde Sawyer me espera. — Sawyer.

Ele salta da poltrona ao som da minha voz e franze o cenho ao notar a expressão no meu rosto.

— Não estou me sentindo bem. Por favor, me leve para casa.

— Claro, madame. Quer esperar aqui enquanto pego o carro?

— Não, vou com você. Estou com muita pressa de chegar em casa.

* * *

OLHO PELA JANELA em completo terror enquanto repasso meu plano. Chegar em casa. Trocar de roupa. Pegar o talão de cheques. Dar um jeito de me livrar de Ryan e Sawyer. Ir ao banco. Droga, quanto espaço será que ocupam cinco milhões de dólares? Será que pesa muito? Vou precisar de uma mala? Será que tenho que telefonar para o banco com antecedência? Mia. *Mia*. E se ele não estiver com a Mia? Como posso ter certeza? Se eu telefonar para Grace, ela vai desconfiar, e isso pode colocar a vida de Mia em risco. Ele disse que tinha como saber. Olho pelo vidro escuro do SUV. Será que estou sendo seguida? Examino os carros atrás de nós, meu coração disparado. Parecem inofensivos. *Ah, Sawyer, mais rápido. Por favor.* Meus olhos encontram os dele pelo retrovisor, e sua expressão preocupada se acentua.

Sawyer pressiona um botão do seu headset de bluetooth para atender a uma chamada.

— T... só queria que você soubesse que a Sra. Grey está comigo. — Seus olhos encontram os meus mais uma vez antes de ele voltar sua atenção novamente para o tráfego e continuar com a ligação: — Ela não está se sentindo bem e pediu para ir para casa. Estamos a caminho do Escala... Entendi... senhor. — Mais uma vez Sawyer tira os olhos da rua para me fitar pelo espelho. — Tudo bem — concorda ele, e desliga.

— Taylor? — murmuro.

Ele anui com a cabeça.

— Ele está com o Sr. Grey?

— Sim, madame. — Sua expressão se suaviza, mostrando solidariedade.

— Eles ainda estão em Portland?

— Estão, madame.

Ótimo. Tenho que proteger Christian. Levo a mão à barriga e a esfrego conscientemente. E você também, Pontinho. Proteger vocês dois.

— Podemos ir mais depressa, por favor? Não estou me sentindo bem.

— Certo, madame.

Sawyer pisa no acelerador, e nosso carro avança pelo trânsito.

* * *

A SRA. JONES não se encontra em nenhum lugar à vista quando Sawyer e eu entramos no apartamento. Já que o carro dela não está na garagem, presumo que tenha saído com Ryan para resolver alguma coisa qualquer. Sawyer se dirige ao escritório de Taylor enquanto eu disparo para o de Christian. Fico tateando em pânico sobre a mesa dele e arrombo a gaveta para pegar o talão de cheques. O revólver de Leila escorrega para a frente. Sinto uma pontada inconveniente de aborrecimento por Christian não ter guardado a arma em local mais seguro. Ele não entende nada de armas. *Céus, vai acabar se machucando.*

Depois de hesitar por um minuto, pego o revólver, verifico se está carregado e o enfio no cóis da minha calça preta folgada. Talvez eu venha a precisar. Engulo em seco. Até hoje eu só pratiquei em alvos. Nunca aponteí uma arma para ninguém; espero que Ray me perdoe. Concentro-me, então, em descobrir o talão de cheques correto. Há cinco deles, e apenas um nos nomes de C. Grey e Sra. A. Grey. Tenho cerca de cinquenta e quatro mil dólares na minha conta particular. Não faço ideia de quanto há na conta conjunta. Mas é bem capaz de que Christian tenha cinco milhões. Será que há dinheiro no cofre? Droga. Não faço ideia do segredo. Acho que uma vez ele mencionou que o segredo estava no armário de arquivos. Tento abrir o armário, mas está trancado. *Merda.* Vou ter que voltar ao plano A.

Respiro fundo e, mais calma, porém ainda determinada, vou até o nosso quarto. A cama foi arrumada, e por um minuto sinto certa angústia. Talvez eu devesse ter dormido aqui na noite passada. De que adianta discutir com alguém que admite, ele próprio, ter cinquenta tons? Ele não está nem falando comigo. Não; não tenho tempo para pensar nisso agora.

Rapidamente troco de roupa: visto uma calça jeans e um suéter com capuz e calço um tênis. Coloco a arma no cóis da calça, na parte de trás. Apanho uma enorme bolsa de lona macia. Será que cabem cinco milhões de dólares aqui? A bolsa de ginástica de Christian está ali jogada num canto. Eu a abro, esperando encontrar um monte de roupa suja, mas não... está tudo limpo e cheiroso. A

Sra. Jones cuida mesmo de tudo. Despejo o conteúdo todo no chão e a coloco dentro da minha bolsa de lona. Bom, acho que isso vai ser suficiente. Verifico se estou com minha carteira de motorista para apresentar no banco e olho as horas. Faz trinta e um minutos que Jack ligou. Agora eu só tenho que sair do Escala sem Sawyer me ver.

Caminho lenta e silenciosamente até o hall, ciente da câmera de vigilância, que fica acoplada no elevador. Acho que Sawyer ainda está no escritório de Taylor. Abro com cuidado a porta do hall, fazendo o mínimo de ruído possível. Fecho-a atrás de mim em silêncio e fico embaixo da soleira, apoiada na porta, longe do campo de visão das lentes da câmera. Pego o celular da bolsa e ligo para Sawyer.

— Pronto, Sra. Grey.

— Sawyer, estou no quarto de cima; você pode vir aqui me ajudar? — digo em voz baixa, pois sei que ele está aqui perto, poucos metros depois desta porta.

— Já estou indo, madame — responde ele, e percebo que ficou confuso.

Eu nunca tinha telefonado para ele pedindo ajuda. Meu coração parece que vai sair pela boca, batendo num ritmo instável e frenético. Será que isso vai dar certo? Desligo, e então ouço os passos dele atravessando a entrada e subindo as escadas. Respiro fundo mais uma vez, tentando me tranquilizar, enquanto, por um momento, penso em como é irônico ter que fugir da minha própria casa como um marginal.

Logo que Sawyer chega ao segundo andar, corro até a porta do elevador e pressiono o botão para chamá-lo. As portas se abrem com um *plim!* alto demais, anunciando que o elevador chegou. Entro e aperto furiosamente o botão da garagem. Após uma pausa agonizante, as portas começam a se fechar devagar, e é então que ouço Sawyer gritar.

— Sra. Grey! — Assim que as portas do elevador se fecham, eu o vejo despontar no hall. — Ana! — chama ele, sem acreditar no que está acontecendo. Mas já é tarde demais, e sua figura desaparece de vista.

O elevador desce suavemente até o nível da garagem. Tenho alguns minutos de vantagem sobre Sawyer, e sei que ele vai tentar me deter. Olho desejosa para meu R8, mas corro para o Saab, abro a porta, jogo a bolsa de lona no banco do carona e me sento ao volante.

Ligo o carro e saio cantando pneu até a entrada, onde fico esperando onze intermináveis segundos até a cancela se abrir. Assim que posso, acelero, a tempo de ver, pelo espelho retrovisor, Sawyer saindo em disparada do elevador de serviço. Sua expressão desnorteada e injuriada me persegue quando viro para pegar a Quarta Avenida.

Solto finalmente o ar, preso esse tempo todo. Sei que Sawyer vai ligar para Christian ou Taylor, mas depois eu vejo o que fazer — não tenho tempo para pensar nisso agora. Eu me mexo desconfortável no banco do carro, sabendo no fundo do coração que Sawyer provavelmente perdeu o emprego. *Não pense*. Tenho que salvar Mia. Preciso chegar ao banco e sacar cinco milhões de dólares. Olho pelo retrovisor, esperando ver o SUV saindo desvairado da garagem, mas vou me distanciando sem o menor sinal de Sawyer.

* * *

O BANCO É MODERNO, agradável e de bom gosto. Há burburinho de vozes baixas, pisos que ecoam os passos das pessoas e vidro verde jateado para todo lado. Vou até o balcão de informações.

— Posso ajudá-la, madame?

A jovem me dá um sorriso largo e falso, e por um instante eu me arrependo de ter vestido calça jeans.

— Eu gostaria de retirar uma quantia considerável de dinheiro.

A Srta. Sorriso Falso arqueia uma sobancelha ainda mais falsa.

— A senhora tem conta conosco? — Ela não consegue ocultar o sarcasmo.

— Tenho — falo ríspidamente. — Meu marido e eu temos diversas contas aqui. O nome dele é Christian Grey.

Os olhos da moça se ampliam quase imperceptivelmente, e sua falsidade dá lugar ao choque. Ela me olha de alto a baixo mais uma vez, agora numa mistura de descrença e admiração.

— Por aqui, madame — murmura, e me conduz até uma sala pequena, com poucos móveis e paredes do mesmo vidro verde jateado. — Por favor, sente-se. — Ela aponta para uma cadeira de couro preto perto de uma mesa de vidro onde estão um computador de última geração e um telefone. — Quanto a senhora gostaria de sacar hoje, Sra. Grey? — pergunta ela amavelmente.

— Cinco milhões de dólares. — Eu a fito nos olhos, como se fosse uma quantia que eu retirasse diariamente.

Ela empalidece.

— Muito bem. Vou chamar o gerente. Ah, desculpe perguntar, mas a senhora trouxe algum documento de identificação?

— É claro. Mas eu gostaria de falar com o gerente.

— Certamente, Sra. Grey.

Ela sai depressa da saleta. Eu afundo na cadeira, com uma onda de enjoo ao sentir a arma pressionando a base das minhas costas. *Agora não. Não posso vomitar aqui.* Respiro fundo, e o enjoo passa. Consulto o relógio, nervosa. Duas e vinte e cinco.

Um senhor de meia-idade entra na saleta. Seu cabelo é escasso e ele veste um terno cor de carvão, caro e bem-cortado, e uma gravata do mesmo tom. Ele estende a mão.

— Sra. Grey. Meu nome é Troy Whelan. — Ele sorri, apertamos as mãos, e ele se senta do outro lado da mesa. — Fui informado de que a senhora gostaria de retirar uma grande quantia de dinheiro.

— É verdade. Cinco milhões de dólares.

Ele se vira para o impecável computador e digita alguns números.

— Normalmente solicitamos que nos avisem com antecedência em casos de retirada de valores tão altos. — Ele faz uma pausa e me lança um sorriso tranquilizador mas arrogante. — Felizmente, porém, nós dispomos da reserva de caixa para toda a região do noroeste do Pacífico — vangloria-se.

Meu Deus, será que ele está tentando me impressionar?

— Sr. Whelan, eu estou com pressa. O que preciso fazer? Trouxe minha carteira de motorista e o talão de cheques da nossa conta conjunta. É só eu preencher um cheque?

— Uma coisa de cada vez, Sra. Grey. Posso ver sua identidade? — Ele se transforma de jovial exibido para bancário eficiente.

— Aqui está. — Entrego-lhe o documento.

— Sra. Grey... aqui diz Anastasia Steele.

Ah, merda.

— Ah... é mesmo. Hmm.

— Vou ligar para o Sr. Grey.

— Ah, não, não vai ser necessário. — *Merda!* — Devo ter algum documento com o nome de casada. — Procuro dentro da bolsa. Que documento tem o meu nome de casada? Pego a carteira, abro-a e vejo uma fotografia minha e de Christian na cama, na cabine do *Fair Lady*. *Não posso mostrar isso a ele!* Pego o meu Amex preto. — Aqui está.

— Sra. Anastasia Grey — Whelan lê o nome impresso. — Acho que isso vai ser suficiente. — Ele franze o cenho. — Esse procedimento é bastante irregular, Sra. Grey.

— O senhor quer que eu diga ao meu marido que o seu banco não foi muito solícito comigo? — Empertigo os ombros e lanço-lhe meu olhar mais ameaçador.

Ele para por um instante, reavaliando-me, acho.

— A senhora vai ter que preencher um cheque, Sra. Grey.

— Claro. Desta conta? — Mostro o talão de cheques a ele, tentando controlar meu coração acelerado.

— Sim, está ótimo. Também vou precisar que a senhora preencha alguns papéis. Pode me dar licença um instante?

Faço um gesto de anuência, e ele se levanta e sai da sala com um porte arrogante. Novamente, solto o ar preso. Não imaginei que isso seria tão difícil. Desajeitada, abro o talão e tiro uma caneta da bolsa. Coloco ao portador? Não faço ideia. Com dedos trêmulos, escrevo: *Cinco milhões de dólares. US\$ 5.000.000,00.*

Ah, meu Deus, tomara que eu esteja fazendo a coisa certa. Mia, pense em Mia. Não posso contar para ninguém.

As repugnantes e ameaçadoras palavras de Jack me assombram: “Não conte para ninguém, ou antes de matar a sua cunhadinha eu dou uma canseira nela.”

O Sr. Whelan retorna, o rosto pálido e encabulado.

— Sra. Grey? Seu marido quer falar com a senhora — murmura ele, e aponta para o telefone sobre a mesa de vidro.

O quê? Não.

— Ele está na linha um. É só apertar o botão. Vou esperar lá fora.

Ele pelo menos tem a dignidade de parecer constrangido. Judas perde para Whelan. Sinto o sangue fugir do meu rosto e fecho a cara para Whelan depois que ele sai da sala.

Merda! Merda! *Merda!* O que eu vou dizer a Christian? Ele vai saber. Vai intervir. Ele é um perigo para a irmã. Minha mão treme ao pegar o telefone. Levo-o à orelha, tentando acalmar minha respiração instável, e pressiono o botão para a linha um.

— Oi — murmuro, tentando inutilmente acalmar os nervos.

— Você está me deixando? — Suas palavras não passam de um sussurro ofegante e cheio de angústia.

O quê?

— Não!

Minha voz não parece muito diferente da dele. *Ah, não. Ah, não. Ah, não* — *como ele pode pensar uma coisa dessas?* Será o dinheiro? Ele acha que eu estou indo embora por causa do *dinheiro*? E, em um lampejo de terrível clareza, percebo que a única maneira de manter Christian afastado e longe do perigo, e também a única forma de salvar a irmã dele... é mentir.

— Sim — murmuro.

E uma dor lancinante me acomete, as lágrimas brotando nos olhos.

Ele engole em seco, quase um soluço.

— Ana, eu... — Ele não consegue terminar a frase.

Não! Aperto a boca com a mão na tentativa de conter as emoções.

— Christian, por favor. Não faça isso. — Luto contra as lágrimas.

— Você vai embora? — pergunta ele.

— Vou.

— Mas por que o dinheiro? Esse tempo todo foi só pelo dinheiro? — Sua voz angustiada é quase inaudível.

Não! As lágrimas descem pelo meu rosto.

— Não — sussurro.

— Cinco milhões de dólares basta?

Ah, por favor, pare!

— Basta.

— E o bebê? — Sua voz soa como um eco ofegante.

O *quê?* Minha mão desce da boca para a barriga.

— Vou tomar conta do bebê — murmuro. *Meu Pontinho... nosso Pontinho.*

— É isso o que você quer?

Não!

— É.

Ele inspira profundamente.

— Pode tirar tudo — fala com rispidez.

— Christian — digo entre soluços. — É para você. Para a sua família. Por favor. Não faça isso.

— Pegue tudo, Anastasia.

— Christian...

E quase volto atrás. Quase conto tudo para ele: sobre Jack, sobre Mia, sobre o resgate. *Por favor, confie em mim!*, imploro internamente a ele.

— Vou amar você para sempre. — Sua voz soa rouca. Ele desliga.

— Christian! Não... Eu também amo você.

E toda a estupidez daquilo por que passamos nos últimos dias, todo o mal que fizemos um ao outro, tudo perde completamente a importância. Eu prometi que nunca o deixaria. Não estou deixando você, Christian. Estou salvando a sua irmã. Afundo na poltrona, chorando copiosamente com as mãos no rosto.

Sou interrompida por uma tímida batida na porta. Whelan entra, embora eu não tenha respondido. Ele olha para todos os lados, menos para mim. Está mortificado.

Você ligou para ele, seu filho da mãe! Eu o fuzilo com o olhar.

— Seu marido concordou em resgatar cinco milhões de dólares dos investimentos, Sra. Grey. Isso é bastante irregular, mas, como nosso principal cliente... ele insistiu na transação... insistiu muito.

Ele faz uma pausa e cora. Depois franze o cenho ao olhar para mim, e não sei se é por Christian estar agindo de forma bastante incomum ou porque Whelan não sabe o que fazer com uma mulher aos prantos em sua sala.

— A senhora está bem? — pergunta ele.

— Eu pareço bem? — retruco.

— Sinto muito, madame. Quer um copo d'água?

Aquiesço, com expressão emburrada. Acabo de abandonar meu marido. Bom, pelo menos é o que Christian acha. Meu inconsciente torce os lábios. *Porque você disse isso a ele.*

— Vou pedir que lhe tragam água enquanto eu providencio o dinheiro. Se a senhora puder assinar aqui, madame... e preencher o cheque e assinar também.

Whelan coloca um formulário em cima da mesa. Rabisco minha assinatura na linha pontilhada do cheque e do formulário. *Anastasia Grey.* As lágrimas caem na mesa, quase molhando a papelada.

— Vou levar os documentos, madame. Será preciso cerca de meia hora para levantar todo o montante.

Dou uma rápida olhada no relógio. Jack pediu duas horas — tudo deve acabar no tempo previsto. Faço que sim com a cabeça, e Whelan sai do escritório pé ante pé, deixando-me sozinha com a minha dor.

Alguns segundos, minutos, horas depois — não sei dizer —, a Srta. Sorriso Falso retorna com uma jarra de água e um copo.

— Sra. Grey — diz ela suavemente ao colocar o copo em cima da mesa e enchê-lo.

— Obrigada.

Pego o copo e bebo com alívio. Ela se retira, deixando-me ali com meus pensamentos confusos e aterradores. Vou encontrar algum modo de me acertar com Christian... se não for tarde demais. Pelo menos ele está fora de cena. Neste exato momento, tenho que me concentrar em Mia. E se Jack estiver mentindo? E se não a tiver sequestrado? Eu realmente deveria avisar à polícia.

“Não conte para ninguém, ou antes de matar a sua cunhadinha eu dou uma canseira nela.” Não posso. Eu me recosto na cadeira, sentindo a presença reconfortante do revólver de Leila preso à minha cintura, cravado às minhas costas. Quem diria que algum dia eu seria grata a Leila por ter apontado uma arma para mim? Ah, Ray, estou tão feliz que você tenha me ensinado a atirar.

Ray! Engulo em seco. Eu combinei de visitá-lo hoje à noite. Talvez eu possa simplesmente deixar o dinheiro com Jack. Ele pode fugir enquanto eu levo Mia para casa. *Ah, isso parece absurdo!*

Meu BlackBerry toca, “Your Love Is King” preenchendo o recinto. *Ah, não!* O que Christian quer? Torcer a faca que cravou nas minhas feridas?

“Esse tempo todo foi só pelo dinheiro?”

Ah, Christian... como você pôde pensar isso? A raiva me consome. Isso mesmo, raiva. Isso vai ajudar. Deixo a chamada cair na caixa postal. Vou ver o que faço com meu marido mais tarde.

Alguém bate à porta.

— Sra. Grey. — É Whelan. — A quantia já está pronta.

— Obrigada.

Eu me levanto, e o escritório parece rodar; apoio-me na cadeira.

— Sra. Grey, está se sentindo bem?

Aquiesço, e lanço para ele um olhar do tipo saia-da-minha-frente-agora-mesmo. Inspiro profundamente de novo, para me acalmar. *Tenho que fazer isso. Tenho que fazer isso. Preciso salvar a Mia.* Puxo a bainha do suéter para baixo, de modo a esconder o cano do revólver nas minhas costas.

O Sr. Whelan franze a testa, mas mantém a porta aberta, e eu me forço a sair, caminhando sobre minhas pernas trêmulas.

Sawyer está esperando na entrada, olhando em volta. *Merda!* Nossos olhares se cruzam, e ele franze as sobrancelhas, avaliando minha reação. Ah, ele está possesso. Levanto o indicador como se dissesse “já vou falar com você”. Ele concorda com um aceno de cabeça e atende a uma chamada no celular. *Merda! Aposto que é Christian.* Bruscamente dou meia-volta, quase colidindo com Whelan logo atrás de mim, e me precipito novamente para dentro da sala.

— Sra. Grey? — diz Whelan, e parece confuso ao ir atrás de mim até a saleta.

Sawyer poderia estragar todo o plano. Ergo o olhar para Whelan.

— Tem uma pessoa ali fora com quem eu não quero falar. Ele está me seguindo.

Os olhos de Whelan se arregalam.

— A senhora quer que eu chame a polícia?

— Não!

Putá merda, não. O que eu vou fazer? Verifico as horas. São quase três e quinze. Jack vai telefonar a qualquer momento. *Pense,*

Ana, pense! Whelan me fita com crescente desespero e perplexidade. Ele deve achar que eu sou louca. *Você é louca*, retruca meu inconsciente.

— Preciso dar um telefonema. O senhor poderia me dar licença, por favor?

— É claro — responde Whelan, e acho que ele fica aliviado ao sair da sala. Quando ele fecha a porta, ligo para o celular de Mia com dedos trêmulos.

— Ora, ora, se não é o meu bilhete de loteria — atende Jack, com escárnio.

Não tenho tempo para a conversa mole dele.

— Estou com um problema.

— Eu sei. O seu segurança seguiu você até o banco.

O quê? Como ele sabe?

— Você vai ter que se livrar dele. Eu tenho um carro esperando atrás do banco. Um SUV preto, um Dodge. Você tem três minutos para chegar lá. — *O Dodge!*

— Talvez leve mais do que três minutos.

Meu coração quase sai pela boca de novo.

— Você é bem esperta para uma puta vendida, Grey. Vai dar um jeito. E jogue fora seu celular assim que alcançar o veículo. Entendeu, piranha?

— Entendi.

— Repita! — ordena ele ríspidamente.

— Entendi!

Ele desliga.

Merda! Abro a porta e vejo Whelan esperando-me pacientemente.

— Sr. Whelan, preciso de ajuda para levar as sacolas para o carro. Está estacionado lá fora, atrás do banco. Existe alguma saída nos fundos?

Ele franze o cenho.

— Existe, sim. Para os funcionários.

— Podemos sair por ali? Assim eu evito a atenção indesejada na porta principal.

— Como preferir, Sra. Grey. Vou pedir a dois funcionários para ajudarem com as sacolas e dois seguranças. Venha comigo, por

favor.

— Vou pedir mais um favor ao senhor.

— Às suas ordens, Sra. Grey.

* * *

DOIS MINUTOS DEPOIS, eu e minha comitiva estamos na rua, nos dirigindo para o Dodge. Os vidros são escuros, e não consigo distinguir quem está na direção. Porém, quando estamos nos aproximando, a porta do motorista se abre e uma mulher vestida de preto, com um boné também preto puxado de forma a cobrir os olhos, desce graciosamente do carro. *Elizabeth, da SIP! Como assim?* Ela vai até a traseira do SUV e abre o porta-malas. Os dois jovens funcionários do banco que estão carregando o dinheiro depositam as pesadas sacolas ali dentro.

— Sra. Grey. — Ela tem a audácia de sorrir como se estivéssemos em um passeio amigável.

— Elizabeth. — Meu cumprimento é glacial. — Que bom ver você fora do escritório.

O Sr. Whelan limpa a garganta.

— Bem, foi uma tarde interessante, Sra. Grey — diz ele.

E sou forçada a realizar as formalidades sociais de cumprimentá-lo e agradecer-lhe enquanto minha mente está a mil. *Elizabeth?* Por que ela se juntou a Jack? Whelan e seu grupo retornam para o banco, deixando-me sozinha com a chefe de recursos humanos da SIP, que está envolvida em sequestro, extorsão e, muito possivelmente, outros crimes. Por quê?

Elizabeth abre a porta de trás e faz sinal para eu entrar.

— Seu telefone, Sra. Grey? — pede ela, observando-me com desconfiança. Eu o entrego nas suas mãos, e ela o joga numa lata de lixo próxima.

— Isso vai dar uma despistada — diz, presunçosa.

Afinal, quem é esta mulher? Ela fecha minha porta com violência e se senta ao volante. Olho para trás, tensa, à medida que ela dá partida e sai com o carro, seguindo na direção leste. Não vejo Sawyer em lugar algum.

— Elizabeth, você já está com o dinheiro. Ligue para o Jack. Diga a ele para soltar a Mia.

— Acho que ele quer agradecer pessoalmente.

Merda! Encaro-a com um olhar pétreo pelo retrovisor.

Ela empalidece, e uma careta ansiosa desfigura seu rosto tão bonito.

— Por que está fazendo isso, Elizabeth? Achei que você não gostasse do Jack.

Novamente ela me olha de relance pelo espelho, e percebo um lampejo de dor cruzar seu rosto.

— Ana, vamos nos dar muito bem se você ficar de boca fechada.

— Mas você não pode fazer isso. É tão errado...

— Calada — diz ela, mas noto seu desconforto.

— Ele está coagindo você de alguma maneira? — pergunto.

Ela me fuzila com o olhar, e então pisa no freio bruscamente, fazendo-me cair para a frente com tanta força que bato com o rosto no apoio de cabeça do assento diante de mim.

— Eu mandei ficar calada — fala ela, ríspidamente. — E sugiro que coloque o cinto de segurança.

E neste momento eu vejo que sim, ele tem algum meio de coagi-la. Algo tão terrível que ela está disposta a fazer isso. Fico pensando por um instante o que poderia ser. Desfalque na companhia? Algo da vida pessoal dela? Algo sexual? Estremeço só de pensar. Christian disse que nenhuma das ex-assistentes pessoais de Jack quis falar. Talvez seja a mesma história com todas elas. *É por isso que ele quis transar comigo também.* Sinto a bile subir à boca, enojada ante esse pensamento.

Elizabeth se afasta do centro de Seattle e começa a subir rumo às colinas que ficam a leste. Logo estamos passando por ruas residenciais. Avisto uma das placas: Rua South Irving. Ela vira abruptamente para a esquerda em uma rua deserta onde, de um lado, há um parque infantil decadente, e, do outro, um amplo estacionamento em concreto, ladeado por uma fileira de prédios baixos e vazios feitos de tijolinhos vermelhos. Ela entra no estacionamento e para diante do último prédio.

Então se vira para mim.

— Hora do show — murmura.

Meu couro cabeludo começa a pinicar, a adrenalina e o medo fluindo no meu organismo.

— Você não precisa fazer isso — sussurro em resposta.

Elizabeth aperta os lábios, sua boca formando uma linha severa, e ela desce do carro.

Isso é pela Mia. Isso é pela Mia. Rezo rapidamente: *Por favor, que ela esteja bem; por favor, que ela esteja bem.*

— Saia — ordena Elizabeth rispidamente, abrindo a porta de trás com um puxão.

Merda. Quando desço do carro, minhas pernas tremem tanto que não sei se vou conseguir me manter de pé. A brisa fresca do fim de tarde traz o aroma do outono vindouro, assim como o cheiro de poeira e cal vindo dos prédios abandonados.

— Ora, ora, vejam só.

Jack emerge de uma porta pequena e coberta de tábuas à esquerda do prédio. Ele cortou o cabelo, tirou os brincos e está usando um terno. Um *terno*? Ele se aproxima a passos lentos, destilando arrogância e ódio. As batidas do meu coração chegam ao máximo.

— Onde está a Mia? — gaguejo, minha boca tão seca que mal consigo articular as palavras.

— Existem prioridades, piranha — zomba ele, parando bem na minha frente. Quase consigo sentir o gosto do seu desprezo. — Cadê o dinheiro?

Elizabeth está examinando as sacolas no porta-malas.

— Tem uma montanha de dinheiro aqui — diz ela, estupefata, abrindo e fechando cada sacola.

— E o celular?

— No lixo.

— Ótimo — diz Jack, quase rosnando, e do nada ele me dá um tapa, batendo as costas da mão contra o meu rosto com força.

O golpe violento e gratuito me joga no chão, e minha cabeça resvala no concreto com uma pancada nauseante. Minha cabeça explode de dor, meus olhos se enchem de lágrimas e minha visão fica embaçada, o choque do impacto ressoando e liberando uma agonia que lateja no meu crânio.

Solto um grito baixo de pavor, choque e sofrimento. Ah, não... *Pontinho*. Jack não perde tempo e desfere um chute rápido e cruel nas minhas costelas; o ar foge dos meus pulmões com a força do golpe. Aperto os olhos ao máximo, tentando reprimir o enjoo e a dor, buscando o precioso ar. *Pontinho, Pontinho, ah, meu Pontinho...*

— Isso é pela SIP, sua piranha filha da puta! — grita Jack.

Puxo as pernas para cima, encolhendo-me como uma bola e esperando o próximo golpe. *Não. Não. Não.*

— Jack! — berra Elizabeth. — Aqui não. Não em plena luz do dia, porra!

Ele faz uma pausa.

— Mas ela merece, essa puta! — exulta ele.

E isso me dá um precioso segundo para me virar e puxar o revólver. Tremendo, miro em Jack, aperto o gatilho e atiro. A bala o atinge logo acima do joelho, e ele cai na minha frente, gritando de agonia, agarrando a coxa, seus dedos cada vez mais vermelhos de sangue.

— *Puta que pariu!* — urra Jack.

Viro o rosto para Elizabeth, que me fita boquiaberta, apavorada, e levanta as mãos acima da cabeça. Sua imagem fica borrada... a escuridão me cerca. *Merda...* Ela está no fim de um túnel. A escuridão se apossa dela. De mim. Ao longe, vejo o caos irromper. Pneus de carros cantando... freadas... portas... gritaria... correria... passos. A arma cai da minha mão.

— Ana!

É a voz de Christian... a voz de Christian... a voz de Christian em agonia. Mia... *salvar* Mia.

— ANA!

Escuridão... paz.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Só existe dor. Minha cabeça, meu peito... uma dor lancinante. A lateral do meu corpo, meu braço. Dor. Dor e palavras sussurradas na penumbra. *Onde estou?* Embora eu tente, não consigo abrir os olhos. As palavras sussurradas ficam mais claras... um farol na escuridão.

— Ela sofreu uma contusão nas costelas, Sr. Grey, e uma fratura no crânio, fina como um fio de cabelo, mas os sinais vitais estão fortes e estáveis.

— Por que ela continua inconsciente?

— A Sra. Grey sofreu um grave trauma na cabeça. Mas sua atividade cerebral está normal, e não há nenhum edema. Ela vai despertar quando estiver pronta. Basta esperar.

— E o bebê? — As palavras são ofegantes, angustiadas.

— O bebê está bem, Sr. Grey.

— Ah, graças a Deus. — As palavras soam como uma súplica... uma oração. — Graças a Deus.

Ah, meu Deus. Ele está preocupado com o bebê... o bebê?... *Pontinho.* Claro. Meu Pontinho. Tento mover a mão até a barriga, mas é em vão. Nada se move, nada reage.

“E o bebê?... Ah, graças a Deus.”

O Pontinho está a salvo.

“E o bebê?... Ah, graças a Deus.”

Ele se importa com o bebê.

“E o bebê?... Ah, graças a Deus.”

Ele quer o bebê. Ah, graças a Deus. Eu relaxo, e a inconsciência novamente toma conta de mim, arrancando-me da dor.

TUDO PESA E DÓI: membros, cabeça, pálpebras, nada se mexe. Meus olhos e minha boca estão resolutamente fechados, negando-se a abrir, deixando-me cega, muda e dolorida. À medida que emergo das névoas, a consciência começa a pairar sobre mim, como uma sirene sedutora mas fora de alcance. Os sons se transformam em vozes.

— Não vou sair de perto dela.

Christian! Ele está aqui... Tenho que acordar — sua voz é um sussurro tenso e angustiado.

— Christian, você precisa dormir.

— Não, pai. Quero estar aqui quando ela acordar.

— Eu fico com a Ana. É o mínimo que posso fazer depois que ela salvou a vida da minha filha.

Mia!

— Como está a Mia?

— Está toda grogue... com medo e com raiva. Ainda vai levar algumas horas até o Rohypnol sair totalmente do organismo dela.

— Meu Deus do céu.

— É, eu sei. Estou me sentindo o mais idiota do mundo por ter relaxado na segurança dela. Você me avisou, mas Mia é teimosa. Se não fosse pela Ana aqui...

— Todo mundo achava que o Hyde estava fora do caminho. E a louca da minha esposa... Por que ela não me contou? — A voz de Christian é um poço de angústia.

— Christian, acalme-se. Ana é uma jovem incrível. Ela foi de uma coragem surpreendente.

— Corajosa, cabeça-dura, teimosa e burra. — Sua voz falha.

— Ei — murmura Carrick —, não seja tão duro com ela, nem com você, filho... Acho que é melhor eu voltar para ficar com a sua mãe. Já são mais de três da madrugada, Christian. Você realmente deveria tentar dormir um pouco.

A névoa me encobre.

* * *

A NÉVOA SE DISPERSA, mas não tenho nenhuma noção de tempo.

— Se você não der uma bronca nessa menina, juro que eu mesmo vou dar. Que diabo ela estava pensando?

— Pode acreditar, Ray. Vou brigar com ela sim.

Pai! Ele está aqui. Luto contra a névoa... tento... Mas mergulho novamente na inconsciência. Não...

* * *

— DETETIVE, COMO O SENHOR pode ver, minha esposa não está em condições de responder a pergunta alguma. — Christian está zangado.

— Ela é uma jovem teimosa, Sr. Grey.

— Ela devia ter matado o filho da puta.

— Isso significaria mais papelada para mim, Sr. Grey...

— A Srta. Morgan está abrindo o jogo todo. O Hyde é realmente um filho da puta de um pervertido. Ele tem um enorme ressentimento contra o senhor e o seu pai...

A escuridão me envolve mais uma vez, e sou sugada para baixo... *Não!*

* * *

— COMO ASSIM VOCÊS não estavam se falando?

É a voz de Grace. Ela parece zangada. Tento mexer a cabeça, mas do meu corpo só recebo um silêncio indiferente e retumbante.

— O que você fez?

— Mãe...

— Christian! O que você fez?

— Eu estava com tanta raiva... — É quase um soluço... Não.

— Ei...

O mundo afunda, escurece e eu apago.

* * *

OUÇO VOZES ALTAS e indistintas.

— Você me disse que tinha cortado todos os laços. — É Grace falando. Sua voz transparece calma, mas é uma reprimenda.

— Eu sei. — Christian parece resignado. — Mas me encontrar com ela finalmente colocou tudo numa nova perspectiva para mim. Você sabe... com relação à criança. Pela primeira vez eu senti... O que nós dois fizemos... foi errado.

— O que *ela* fez, querido... Os filhos vão fazer isso por você. Vão fazê-lo ver o mundo sob uma ótica diferente.

— Finalmente ela entendeu... e eu também... Eu magoei a Ana — murmura ele.

— Nós sempre magoamos as pessoas que amamos, querido. Você tem que pedir desculpas a ela. E fazer isso de coração, dando tempo ao tempo.

— Ela disse que estava me deixando.

Não. Não. Não!

— E você acreditou?

— No início, sim.

— Querido, você sempre acredita no pior em relação a todo mundo, inclusive a você mesmo. Sempre foi assim. A Ana ama você demais, e é óbvio que você também a ama.

— Ela ficou bem brava.

— É claro que ficou. Eu mesma estou muito zangada com você agora. Mas acho que a gente só consegue ficar realmente zangada com quem a gente ama de verdade.

— Eu pensei sobre isso, e ela já me mostrou várias e várias vezes como me ama... ao ponto de colocar a própria vida em perigo.

— É verdade, meu filho.

— Ah, mãe, por que ela não acorda? — Sua voz fica embargada.

— Eu quase a perdi.

Christian! Ouço soluços contidos. Não...

Ah... A escuridão me envolve. Não...

* * *

— VOCÊ LEVOU vinte e quatro anos para me deixar abraçá-lo assim...

— Eu sei, mãe... E fico contente de termos conversado.

— Eu também, querido. Vou estar sempre ao seu lado. Nem acredito que vou ser avó.

Avó!

A doce inconsciência me chama.

* * *

HMM. SUA BARBA por fazer arranha as costas da minha mão quando ele aperta meus dedos contra seu rosto.

— Ah, meu amor, por favor, volte para mim. Eu sinto muito. Por tudo. Acorde. Estou com saudades. Eu amo você...

Eu tento. Tento. Quero vê-lo. Mas meu corpo não me obedece, e caio no sono mais uma vez.

* * *

SINTO UMA NECESSIDADE enorme de fazer xixi. Abro os olhos. Estou no ambiente limpo e estéril de um quarto de hospital. Está escuro, a não ser por uma janela, e tudo quieto. Minha cabeça e meu peito doem, mas o pior é a bexiga prestes a estourar. Preciso fazer xixi. Testo meus membros. Meu braço direito dói, e reparo no soro preso na parte interna do cotovelo. Fecho os olhos rapidamente. Girando a cabeça — e fico satisfeita ao ver que ela responde à minha vontade —, abro novamente os olhos. Christian está dormindo sentado ao meu lado, debruçado na cama com a cabeça sobre os braços dobrados. Levanto a mão, mais uma vez feliz em ver que meu corpo reage, e passo os dedos pelo seu cabelo macio.

Ele acorda assustado, e levanta a cabeça tão bruscamente que minha mão cai fraca na cama.

— Oi — falo, num arremedo de voz.

— Ah, Ana. — Sua voz parece contida e carregada de alívio. Ele pega minha mão e a aperta com força, encostando-a em sua face áspera.

— Preciso ir ao banheiro — murmuro.

Ele fica perplexo, depois enruga a testa por um instante.

— Tudo bem.

Tento me colocar sentada.

— Ana, não se mexa. Vou chamar a enfermeira.

Levantando-se rapidamente, ele aperta uma campainha ao lado da cama, alarmado.

— Por favor — murmuro. *Por que será que está tudo doendo?* — Preciso levantar. — *Caramba, eu me sinto tão fraca.*

— Pelo menos uma vez você podia obedecer — reclama ele, exaltado.

— Eu preciso muito fazer xixi. — Minha voz continua fraca e aguda. Minha garganta e minha boca estão tão secas...

Uma enfermeira irrompe no quarto. Ela deve ter uns cinquenta anos, apesar do cabelo preto retinto. Está usando imensos brincos de pérolas.

— Sra. Grey, bem-vinda de volta. Vou avisar à Dra. Bartley que a senhora acordou. — Ela se aproxima da cama. — Meu nome é Nora. A senhora sabe onde está?

— Sei. Hospital. Preciso fazer xixi.

— A senhora está com um cateter.

O quê? Ai, que nojo. Olho tensa para Christian, depois me volto para a enfermeira.

— Por favor. Eu quero me levantar.

— Sra. Grey...

— Por favor.

— Ana — adverte Christian.

Novamente faço esforço para me levantar.

— Vou retirar o cateter. Sr. Grey, tenho certeza de que a sua esposa vai querer um pouco de privacidade. — Ela olha incisivamente para Christian.

— Não vou a lugar nenhum. — Ele a encara.

— Christian, por favor — murmuro, pegando sua mão. Ele aperta minha mão por um segundo e depois me fita exasperado. — Por favor — suplico.

— Tá bom! — Ele passa a mão pelo cabelo. — Você tem dois minutos — diz, ríspido, à enfermeira, depois se abaixa e beija minha testa antes de se virar e deixar o quarto.

* * *

CHRISTIAN IRROMPE DE volta no quarto dois minutos depois, no momento em que a enfermeira Nora está me ajudando a sair da cama. Estou vestindo uma fina camisola hospitalar. Não me lembro de terem tirado minha roupa.

— Deixe que eu a levo — diz ele, e vem apressado até nós.

— Sr. Grey, eu posso fazer isso — repreende-o a enfermeira Nora.

Ele lança um olhar hostil para ela.

— Mas que droga, ela é minha mulher. Eu é que vou levá-la — diz ele entredentes, e afasta do seu caminho o suporte para soro.

— Sr. Grey! — protesta a enfermeira.

Ele a ignora, abaixa-se e gentilmente me levanta da cama. Passo os braços ao redor do pescoço dele, sob protestos do meu corpo. *Nossa, está doendo em tudo quanto é lugar.* Ele me carrega até o banheiro enquanto a enfermeira Nora nos acompanha, empurrando o suporte do soro.

— Sra. Grey, você está muito leve — murmura ele em tom de reprovação, e me coloca de pé com cuidado.

Eu me desequilibro. Minhas pernas parecem gelatina. Christian aperta o interruptor e fico momentaneamente cega pela luz fluorescente que estala e treme, ganhando vida.

— Sente-se para não cair — diz ele como se me desse bronca, ainda me segurando.

Hesitante, sento-me no vaso sanitário.

— Saia. — Tento enxotá-lo.

— Não. Faça logo, Ana.

Que coisa mais constrangedora!

— Não consigo; não com você aqui.

— Você pode cair.

— Sr. Grey!

Ambos ignoramos a enfermeira.

— Por favor — suplico.

Ele levanta a mão, aceitando a derrota.

— Estou aqui fora, de porta aberta.

Ele dá alguns passos até se postar de pé logo após a porta, junto com a enfermeira irada.

— Vire de costas, por favor — peço.

Por que me sinto tão ridiculamente tímida com este homem? Ele revira os olhos, mas obedece. E quando ele me dá as costas... eu solto a bexiga, e me alivio.

Verifico meus ferimentos. A cabeça dói, o peito dói no lugar onde Jack me chutou, e a lateral do corpo lateja, no ponto em que caí no chão ao ser empurrada. Além disso, estou com sede e com fome. *Minha nossa, muita fome.* Eu termino, feliz de não ter que levantar para lavar as mãos, já que a pia é bem próxima. Simplesmente não tenho forças para me levantar.

— Pronto — chamo, secando as mãos na toalha.

Christian retorna, e, antes que eu possa perceber, estou em seus braços novamente. Como senti falta destes braços. Ele faz uma pausa e enterra o nariz no meu cabelo.

— Ah, eu estava com saudades, Sra. Grey — murmura ele, e, com a enfermeira Nora na sua cola, me deita de novo na cama e me solta; relutantemente, eu acho.

— Se o senhor já acabou, Sr. Grey, eu gostaria de verificar a condição da Sra. Grey agora. — A enfermeira Nora está irritadíssima.

Ele se afasta.

— Ela é toda sua — diz, em tom mais contido.

Ela olha irada para Christian e depois volta sua atenção para mim.

Ele é irritante, não é?

— Como se sente? — pergunta-me, a voz entremeada de afabilidade e um traço de irritação; provavelmente devido ao comportamento de Christian.

— Dolorida e com sede. Muita sede — murmuro.

— Vou buscar água depois que verificar seus sinais vitais e que a Dra. Bartley examine a senhora.

Ela apanha um aparelho de medir a pressão e o envolve em meu braço. Olho ansiosa para Christian. Sua aparência é horrível — parece até um fantasma —, como se ele não dormisse há dias. O cabelo está desganhado, a barba não é feita há muito tempo e a camisa está toda amarrotada. Franzo a sobancelha.

— Como você está se sentindo?

Ele ignora a enfermeira e se senta na ponta da cama.

— Confusa. Dolorida. Faminta.

— Faminta? — Ele pisca, surpreso.

Aquiesço.

— O que quer comer?

— Qualquer coisa. Sopa.

— Sr. Grey, precisamos ter o consentimento da médica antes de a Sra. Grey começar a se alimentar.

Ele a fita impassível por um minuto, depois tira o BlackBerry do bolso da calça e pressiona um número.

— Ana quer canja de galinha... Ótimo... Obrigado. — E desliga.

Dou uma espiada em Nora, que estreita os olhos para Christian.

— Taylor? — pergunto logo.

Christian confirma.

— Sua pressão está normal, Sra. Grey. Vou chamar a médica.

Ela retira a braçadeira e, sem mais nenhuma palavra, sai a passos largos do quarto, irradiando reprovação.

— Acho que você deixou a enfermeira Nora zangada.

— Eu tenho esse efeito sobre as mulheres. — Ele ri com sarcasmo.

Dou uma risada, mas paro subitamente porque a dor se propaga no meu peito.

— É verdade.

— Ah, Ana, adoro ouvir você rir.

Nora volta com uma jarra d'água. Ambos ficamos em silêncio, olhando um ao outro, enquanto ela enche um copo e me oferece.

— Pequenos goles por enquanto — avisa ela.

— Sim, senhora — murmuro, e tomo um delicioso gole de água fresca.

Meu Deus. Que delícia. Tomo outro gole, e Christian me observa intensamente.

— E a Mia? — pergunto.

— São e salva. Graças a você.

— Ela estava mesmo com eles?

— Estava.

Toda aquela loucura teve sua razão de ser. Sinto uma onda de alívio invadir meu corpo. *Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus ela está bem.* Franzo a testa.

— Como eles a capturaram?

— Elizabeth Morgan — responde ele, e diz apenas isso.

— Não!

Ele confirma.

— Ela pegou a Mia na academia.

Continuo sem entender.

— Ana, eu conto os detalhes mais tarde. Mia está bem, apesar de tudo. Ela foi dopada. Ainda está grogue e abalada, mas, por um milagre, não se machucou. — Christian retesa o queixo. — O que você fez — ele passa a mão no cabelo — foi incrivelmente corajoso e incrivelmente estúpido. Você podia ter morrido.

Seus olhos brilham num tom cinzento metálico, frio, e sei que ele está contendo a cólera.

— Eu não sabia mais o que fazer — murmuro.

— Você podia ter me contado! — diz ele com veemência, fechando os punhos no colo.

— Ele disse que mataria a Mia se eu contasse para alguém. Eu não podia correr esse risco.

Christian fecha os olhos, deixando transparecer o terror no rosto.

— Eu morri mil vezes desde quinta-feira.

Quinta-feira?

— Que dia é hoje?

— Quase sábado — diz ele, olhando o relógio de pulso. — Você ficou inconsciente por mais de vinte e quatro horas.

Ah.

— E quanto a Jack e Elizabeth?

— Sob custódia da polícia. Se bem que Hyde está aqui no hospital, sob escolta. Tiveram que remover a bala que você enfiou nele — diz Christian em tom amargo. — Felizmente não sei em que ala ele se encontra, ou era provável que eu mesmo matasse o canalha. — Seu rosto escurece.

Ah, merda. Jack está aqui?

Empalideço ao me lembrar de suas palavras: *“Isso é pela SIP, sua piranha filha da puta!”* Meu estômago vazio dá um nó, as lágrimas brotam nos meus olhos e um estremecimento percorre meu corpo.

— Ei. — Christian se aproxima, a voz cheia de preocupação. Ele tira o copo da minha mão e me envolve ternamente nos braços. — Agora você está a salvo — murmura ele por entre o meu cabelo, a voz embargada.

— Christian, me perdoe. — As lágrimas começam a cair.

— Shhh. — Ele acaricia meu cabelo e eu choro agarrada ao seu pescoço.

— Pelo que eu disse. Eu jamais ia abandonar você.

— Shhh, baby, eu sei.

— Você sabe? — Minhas lágrimas cessam.

— Eu deduzi. Depois de um tempo. Francamente, Ana, onde você estava com a cabeça? — Sua voz soa tensa.

— Você me pegou de surpresa — murmuro contra seu colarinho. — Quando a gente se falou no banco. Achando que eu ia deixar você. Pensei que você me conhecesse melhor. Eu já disse milhares de vezes que nunca vou deixar você.

— Mas depois da maneira horrível como eu me comportei... — Quase não consigo ouvi-lo, e seus braços me estreitam mais. — Por um curto tempo, cheguei a pensar que tinha perdido você.

— Não, Christian. Nunca. Eu não queria que você interferisse, para não pôr a vida da Mia em perigo.

Ele solta um suspiro, que não sei se vem da raiva, da irritação ou da mágoa.

— Como você deduziu? — apresso-me a perguntar, para desviá-lo para outros pensamentos.

Ele coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Eu tinha acabado de aterrissar em Seattle quando o banco ligou. A última notícia que eu tinha era de que você estava doente e indo para casa.

— Então você estava em Portland quando o Sawyer telefonou do carro?

— Estávamos prestes a levantar voo. Fiquei preocupado com você — diz ele suavemente.

— Ficou?

Ele franze a testa.

— É claro que fiquei. — Ele passa o polegar no meu lábio inferior. — Eu só faço me preocupar com você. E você sabe muito

bem disso.

Ah, Christian!

— Jack me ligou quando eu estava no trabalho — murmuro. — Ele me deu duas horas para conseguir o dinheiro. — Dou de ombros. — Eu tinha que ir embora, e essa me pareceu a melhor desculpa.

Christian comprime os lábios, que formam uma linha reta.

— E você passou a perna no Sawyer. Ele também está bravo com você.

— Também?

— Também; assim como eu.

Hesitante, toco seu rosto e passo os dedos pela sua barba por fazer. Ele fecha os olhos, inclinando-se na direção dos meus dedos.

— Por favor, não fique bravo comigo — sussurro.

— Estou muito bravo com você. O que você fez foi de uma estupidez monumental. No limite da insanidade.

— Já falei, eu não sabia o que fazer.

— Você não parece ter nenhuma consideração com a sua segurança pessoal. E agora não é só você — acrescenta, irritado.

Meus lábios tremem. Ele está pensando no nosso Pontinho.

A porta se abre, e levamos um susto. Uma jovem negra vestindo um jaleco branco sobre um traje cinza de médico entra no quarto.

— Boa noite, Sra. Grey. Sou a Dra. Bartley.

Ela começa a me examinar minuciosamente, acendendo uma lanterna nos meus olhos, me fazendo tocar seus dedos e depois meu nariz com um dos olhos fechados, primeiro o esquerdo e depois o direito, verificando todos os meus reflexos. Mas sua voz é suave e seu toque, agradável; ela é gentil. A enfermeira Nora a assiste, e Christian vai para um canto do quarto e dá alguns telefonemas enquanto as duas cuidam de mim. É difícil me concentrar na Dra. Bartley, na enfermeira Nora e em Christian simultaneamente, mas noto que ele ligou para o pai dele, para minha mãe e para Kate, com o intuito de contar que acordei. Finalmente, ele deixa uma mensagem para Ray.

Ray. Ah, merda... Tenho uma vaga lembrança de ouvir a voz dele. Ele esteve aqui... sim, enquanto eu ainda estava inconsciente.

A Dra. Bartley examina minhas costelas, apertando delicada mas firmemente.

Eu me retraio.

— A senhora bateu com as costelas, mas não vejo sinais de fissura ou fratura. Teve muita sorte, Sra. Grey.

Faço uma careta. *Sorte?* Não é exatamente a palavra que eu usaria. Christian também faz cara feia para a médica. Ele mexe os lábios, dizendo-me alguma coisa em silêncio. Acho que é *bobagem*, mas não tenho certeza.

— Vou lhe receitar alguns analgésicos. A senhora vai precisar tomar não só para a dor nas costelas, mas também para a dor de cabeça que deve estar sentindo. Mas parece estar tudo no lugar, Sra. Grey. Sugiro que durma um pouco. Dependendo de como se sentir amanhã de manhã, podemos tentar lhe dar alta. A Dra. Singh vai examinar a senhora amanhã.

— Obrigada.

Alguém bate à porta, e Taylor entra trazendo uma caixa de papelão com a marca *Fairmont Olympic* escrita em cor creme.

Putá merda!

— Comida? — pergunta a Dra. Bartley, surpresa.

— A Sra. Grey está com fome — retruca Christian. — É canja de galinha.

A Dra. Bartley sorri.

— Pode tomar, mas só o caldo. Nada pesado. — Ela olha fixamente para nós dois e sai do quarto com a enfermeira Nora.

Christian empurra a bandeja com rodinhas na minha direção e Taylor coloca a caixa em cima.

— Bem-vinda de volta, Sra. Grey.

— Olá, Taylor. Obrigada.

— A senhora é muito bem-vinda, madame. — Acho que ele quer dizer mais alguma coisa, mas se contém.

Christian abre a caixa e retira de dentro uma garrafa térmica, uma tigela para sopa, um prato auxiliar, guardanapo de linho, colher de sopa, uma pequena cesta com pãezinhos, saleiro e pimenteira de prata... O Olympic veio inteiro ao hospital.

— Isso está maravilhoso, Taylor.

Meu estômago ronca. Estou faminta.

— Mais alguma coisa? — pergunta ele.

— Não, obrigado — responde Christian, liberando-o.

Taylor faz um gesto de aquiescência.

— Obrigada, Taylor.

— A senhora não quer mais nada, Sra. Grey?

Olho para Christian.

— Apenas roupa limpa para o meu marido.

Taylor sorri.

— Sim, senhora.

Christian olha para a própria camisa, confuso.

— Há quanto tempo você está com essa camisa? — pergunto.

— Desde quinta de manhã. — Ele me dá um sorriso meio torto.

Taylor sai do quarto.

— Ele também está bravo com você — acrescenta Christian, amuado, desenroscando a tampa da garrafa térmica e vertendo uma cremosa canja de galinha na tigela.

Taylor também! Mas não penso nisso, pois estou concentrada na minha sopa. O cheiro é delicioso, e uma fumaça sobe da tigela convidativamente. Provo um pouco: o sabor é exatamente o que prometia ser.

— Está bom? — pergunta Christian, empoleirando-se novamente na cama.

Confirmo com entusiasmo e não paro de comer. Estou com uma fome de leão. Só interrompo para limpar a boca com o guardanapo.

— Conte o que aconteceu depois que você percebeu o que estava havendo.

Christian passa a mão pelo cabelo e balança a cabeça.

— Ah, Ana, como é bom ver você comer.

— Estou com fome. Conte.

Ele franze o cenho.

— Bom, depois que me ligaram do banco, e que eu pensei que o mundo inteiro tinha desmoronado... — Ele não consegue ocultar a dor na voz.

Paro de comer. *Ah, merda.*

— Não pare de comer, ou eu vou parar de falar — sussurra ele, num tom de voz bem rígido, encarando-me com censura.

Continuo a tomar a sopa. *Certo, certo... Caramba, que gostoso.* Christian suaviza o olhar e, após um instante, continua o relato:

— Enfim: depois que falei com você e desliguei, Taylor me informou que o Hyde tinha sido solto sob fiança. Como ele conseguiu, eu não sei, pois achei que tivéssemos impedido qualquer tentativa nesse sentido. Mas isso me fez parar para pensar no que você tinha dito... e então eu percebi que havia alguma coisa muito errada.

— Nunca foi pelo dinheiro — disparo repentinamente, sentindo uma onda inesperada de raiva atravessar meu ventre. Minha voz se eleva. — Como você pôde pensar isso? Nunca me interessei pelo seu maldito dinheiro de merda!

Minha cabeça começa a latejar. Christian me olha pasmo por um átimo, surpreso com minha veemência. Ele estreita os olhos.

— Olha essa língua — vocifera. — Acalme-se e coma.

Olho para ele com ar hostil.

— Ana — repreende-me.

— Isso me magoou mais do que qualquer outra coisa, Christian — sussurro. — Quase tanto quanto você ter ido ver aquela mulher.

Ele inspira com força, como se eu tivesse lhe dado um tapa, e subitamente parece exausto. Fechando os olhos por um instante, balança a cabeça, resignado.

— Eu sei. — Ele solta um suspiro. — E estou muito arrependido. Mais do que você possa imaginar. — Seus olhos irradiam contrição. — Por favor, continue comendo. Enquanto a sopa ainda está quente. — Sua voz é suave, impelindo-me a comer, e faço o que ele pede. Ele suspira de alívio.

— Continue — murmuro, entre uma mordida e outra no ilícito pãozinho branco e fresco.

— Não sabíamos que a Mia tinha sido sequestrada. Achei que talvez ele estivesse chantageando você ou coisa parecida. Liguei para o seu celular, mas você não atendia. — Ele assume um ar zangado. — Deixei uma mensagem e liguei para o Sawyer. Taylor começou a rastrear o seu celular. Eu sabia que você estava no banco, então fomos direto para lá.

— Eu não sei como o Sawyer me encontrou. Ele também estava rastreando o meu celular?

— O Saab tem um dispositivo de rastreamento. Todos os nossos carros têm. Quando chegamos ao banco, você já estava partindo, e nós seguimos. Por que está rindo?

— No fundo eu sabia que você estaria me seguindo.

— E por que isso é engraçado? — pergunta ele.

— Jack me instruiu a me livrar do celular. Então, eu peguei o do Whelan emprestado, e foi esse que eu joguei fora. O meu, eu coloquei dentro de uma das sacolas de lona, para que você pudesse rastrear o seu dinheiro.

Christian suspira.

— Nosso dinheiro, Ana — diz ele com suavidade. — Coma.

Raspo a tigela de sopa com o último pedaço de pão e o enfio na boca. Pela primeira vez em muito tempo me sinto satisfeita, apesar de nossa conversa.

— Acabei.

— Boa menina.

Alguém bate à porta, e a enfermeira Nora entra novamente, trazendo um pequenino copo de papel. Christian retira meu prato e começa a pôr todos os itens de volta na caixa.

— Analgésico. — Nora sorri, mostrando-me o comprimido branco dentro do copo.

— Não tem problema tomar isso? Sabe... por causa do bebê?

— Não, Sra. Grey. É paracetamol com hidrocona; não vai afetar o bebê.

Aquiesço, aliviada. Minha cabeça está latejando. Engulo o comprimido com um gole d'água.

— A senhora deveria repousar, Sra. Grey. — A enfermeira olha incisivamente para Christian.

Ele concorda.

Não!

— Você vai embora? — exclamo, entrando em pânico. *Não vá... mal começamos a conversar!*

Christian bufa:

— Sra. Grey, se você pensou por um minuto que vou deixar você fora da minha vista, está muito enganada.

Nora parece ofendida, mas se aproxima de mim e arruma meus travesseiros para que eu possa me deitar.

— Boa noite, Sra. Grey — diz ela, e, lançando mais um olhar de censura para Christian, sai do quarto.

Ele levanta uma sobrancelha quando ela fecha a porta.

— Acho que a enfermeira Nora não gosta de mim.

Ele está de pé ao lado da cama, com aparência cansada, e, apesar de eu querer que ele fique, sei que preciso tentar convencê-lo a ir para casa.

— Você precisa descansar também, Christian. Vá para casa. Você parece exausto.

— Não vou deixar você. Posso dormir na poltrona.

Faço uma cara brava e então me viro de lado.

— Durma comigo.

Ele franze a testa.

— Não. Não posso.

— Por que não?

— Não quero machucar você.

— Você não vai me machucar. Por favor, Christian.

— Você está com o soro.

— Christian. Por favor.

Ele me fita, e percebo que está tentado.

— Por favor.

Levanto os cobertores, como um convite para que ele suba na cama.

— Que se foda.

Ele tira os sapatos e as meias e cautelosamente se acomoda ao meu lado. Ele me abraça com cuidado, e descanso a cabeça em seu peito. Ele beija meu cabelo.

— Acho que a enfermeira Nora não vai ficar muito feliz com isso — sussurra em tom conspiratório.

Dou uma risada, mas tenho que parar por causa da dor que atravessa meu peito.

— Não me faça rir, porque dói.

— Ah, mas eu adoro ouvir você rindo — diz ele com certa tristeza, em voz baixa. — Eu sinto muito, baby, sinto muito mesmo.

Ele beija meu cabelo de novo e inspira profundamente. Não sei por que está pedindo desculpas... por me fazer rir? Ou pela confusão em que nos metemos? Descanso a mão sobre seu

coração e ele delicadamente a cobre com a sua. Ficamos ambos em silêncio por um momento.

— Por que você foi se encontrar com aquela mulher?

— Ah, Ana. — Ele solta um gemido. — Você quer discutir isso agora? Não podemos simplesmente esquecer? Eu me arrependi, caramba!

— Eu preciso saber.

— Amanhã eu explico — balbucia ele, irritado. — Ah, e o detetive Clark quer falar com você. Apenas rotina. Agora vá dormir.

Ele beija meu cabelo e eu suspiro alto. Preciso saber por quê. Pelo menos ele diz estar arrependido. Já é alguma coisa, admite meu inconsciente, que aparentemente está de bom humor hoje. Argh, o detetive Clark. Estremeço só de pensar em reviver os eventos de quinta-feira.

— Já descobriram por que o Jack estava fazendo isso tudo?

— Hmm — murmura Christian.

O movimento do seu peito, subindo e descendo devagar, me acalma, balançando minha cabeça de leve, me ninando à medida que sua respiração fica mais lenta. E, enquanto vou caindo no sono, tento dar sentido aos fragmentos de conversa que ouvi quando estava no limiar da consciência, mas eles fogem da minha mente, permanecendo completamente indefinidos, zombando de mim nos recônditos da minha memória. Ah, é tão frustrante e cansativo... e...

* * *

A ENFERMEIRA NORA tem a boca franzida e os braços cruzados em hostilidade. Levo o dedo aos lábios.

— Por favor, deixe-o dormir — sussurro, apertando os olhos ante a luz do início da manhã.

— Esta cama é da senhora, não dele — fala ela baixinho, mas num tom ríspido e severo.

— Eu dormi melhor porque ele estava aqui — insisto, em defesa do meu marido. Além do mais, é verdade. Christian se mexe, e tanto a enfermeira Nora quanto eu ficamos imóveis.

Ele resmunga adormecido.

— Não me toque. Nunca mais. Só a Ana.

Franzo a testa. Raramente ouço Christian falar durante o sono. É verdade que talvez seja porque ele dorme menos do que eu. Só ouvia algo quando ele tinha pesadelos. Seus braços em volta de mim me apertam com mais força, e eu estremeço.

— Sra. Grey... — A enfermeira me olha furiosa.

— Por favor — suplico.

Ela balança a cabeça, vira-se e sai; e eu me aconchoo em Christian novamente.

* * *

QUANDO ACORDO, NÃO vejo Christian por perto. O sol brilha forte através da vidraça, e agora realmente me sinto bem no quarto. *Ganhei flores!* Não tinha reparado isso ontem à noite. Vários buquês. Quem será que enviou?

Uma leve batida à porta me distrai, e Carrick espia para dentro do quarto. Ele sorri feliz quando me vê acordada.

— Posso entrar? — pergunta ele.

— Claro.

Carrick entra no quarto a passos largos e se aproxima da cama, seus suaves e gentis olhos azuis me avaliando intensamente. Ele veste um terno escuro — deve estar no meio do expediente. E me surpreende ao se inclinar e beijar minha testa.

— Posso me sentar?

Faço um gesto de consentimento, ao que ele se acomoda na beirada da cama e pega minha mão.

— Minha querida maluca corajosa, não sei como agradecer pelo que você fez pela minha filha. Você salvou a vida de Mia. Minha dívida será eterna. — Sua voz vacila, repleta de gratidão e compaixão.

Ah... Não sei o que dizer. Aperto sua mão, mas permaneço muda.

— Como está se sentindo?

— Melhor. Dolorida. — Opto pela sinceridade.

— Eles lhe deram alguma coisa para a dor?

— Hidro... alguma coisa.

— Ótimo. Cadê o Christian?

— Não sei. Quando acordei, ele já tinha saído.

— Não deve estar longe, aposto. Ele não saiu do seu lado enquanto você esteve inconsciente.

— Eu sei.

— Ele está um pouco bravo com você, o que é compreensível.

Carrick dá um sorriso irônico. Ah, então foi com ele que Christian aprendeu.

— Ele vive bravo comigo.

— É mesmo?

Carrick sorri, satisfeito — como se fosse uma coisa boa. Seu sorriso é contagioso.

— Como vai a Mia?

Seus olhos então se anuviam, e o sorriso desaparece.

— Melhor. Com raiva de Deus e do mundo. Acho que a raiva é uma reação saudável para o que ela passou.

— Ela está internada aqui?

— Não, já voltou para casa. Acho que a Grace não vai tirar os olhos dela nunca mais.

— Sei como é.

— Você também precisa de vigilância — repreende-me ele. — Não quero nunca mais vê-la colocar em risco a sua vida e a do meu neto por bobagem.

Fico vermelha. *Ele sabe!*

— Grace leu o seu prontuário. Ela me contou. Parabéns.

— Hmm... obrigada.

Ele me fita e seus olhos tornam-se mais suaves, embora franza a testa ao notar minha expressão.

— O Christian vai se acostumar — diz gentilmente. — Vai ser ótimo para ele. É só... lhe dar um pouco de tempo.

Aquiesço. *Ah... Eles conversaram.*

— Acho que é melhor eu ir. Estão me esperando no tribunal. — Ele sorri e se levanta. — Venho ver você mais tarde. Grace fala muito bem da Dra. Singh e da Dra. Bartley. Elas sabem o que estão fazendo.

Ele se curva para me beijar novamente.

— Eu falei de coração, Ana. Não tenho como retribuir o que você fez por nós. Muito obrigado.

Ergo o olhar para ele, piscando bastante para segurar as lágrimas, pois subitamente me sinto emocionada, e ele afaga minha face com ternura. Depois se vira e sai.

Puxa vida. Fico tocada com a gratidão dele. Talvez agora eu consiga parar de pensar no fiasco do acordo pré-nupcial. Meu inconsciente sabiamente faz um gesto de anuência, mais uma vez concordando comigo. Balanço a cabeça e saio da cama com cautela. É um alívio ver que estou muito mais firme sobre as pernas do que ontem. Apesar de Christian ter dividido a pequena cama comigo, dormi bem e me sinto revigorada. Minha cabeça ainda dói, porém é mais um incômodo, nada comparado ao latejar de ontem. Estou meio dura e dolorida, mas preciso apenas de um banho: sinto-me encardida. Então, me dirijo ao banheiro.

* * *

— ANA! — GRITA CHRISTIAN.

— Estou no banheiro — respondo enquanto termino de escovar os dentes.

Bem melhor. Ignoro meu reflexo no espelho. *Droga, estou horrível.* Quando abro a porta, Christian está junto à cama segurando uma bandeja de comida. Ele é outra pessoa. Inteiramente de preto, está barbeado, limpo e com ar descansado.

— Bom dia, Sra. Grey — diz ele com vivacidade. — Trouxe o café da manhã. — Ele parece um garotinho, e tão feliz!

Uau. Ao subir na cama, dou um imenso sorriso. Ele puxa a bandeja com rodinhas e abre a tampa para mostrar o café da manhã: mingau de aveia com frutas secas, panquecas com calda de bordo, bacon, suco de laranja e chá Twinings. Fico com água na boca; estou morrendo de fome. Acabo com o suco de laranja em apenas alguns goles e devoro o mingau. Christian se senta na beirada da cama para observar. Ele ri.

— O que foi? — pergunto, de boca cheia.

— Gosto de ver você comer — responde ele. Mas não creio que seja por isso. — Como está se sentindo hoje?

— Melhor — murmuro entre uma garfada e outra.

— Nunca vi você comer assim.

Olho para ele, e meu coração se contrai. Temos que parar de ignorar esse minúsculo elefante branco.

— É porque eu estou grávida, Christian.

Ele solta um resmungo e torce a boca num sorriso irônico.

— Se eu soubesse que assim você ia comer, eu a teria engravidado antes.

— Christian Grey! — exclamo, e largo o prato de mingau.

— Não pare de comer — adverte ele.

— Christian, precisamos falar sobre isso.

Ele fica imóvel.

— Falar o quê? Vamos ser pais.

Ele dá de ombros, tentando desesperadamente parecer indiferente, mas tudo que vejo é o seu medo. Afastando a bandeja, desço da cama e pego as mãos dele entre as minhas.

— Você está com medo — sussurro. — Eu sei disso.

Ele me fita impassível, os olhos bem abertos; sua expressão de menino se foi.

— Eu também estou. É normal — digo.

— Que tipo de pai eu posso pensar em ser? — Sua voz está rouca, quase inaudível.

— Ah, Christian. — Contenho um soluço. — Um pai que dá o melhor de si. É tudo o que podemos fazer.

— Ana... Não sei se eu consigo...

— É claro que consegue. Você é amoroso, é engraçado, é forte, você vai estabelecer os limites. Não vai faltar nada ao nosso filho.

Ele permanece estático, me olhando, a dúvida estampada em seu lindo rosto.

— Sim, o ideal teria sido esperar mais. Ter mais tempo só para nós dois. Mas agora vamos ser nós três, e vamos todos crescer juntos. Seremos uma família. Nossa própria família. E o seu filho vai amar você incondicionalmente, como eu. — Sinto as lágrimas brotando nos olhos.

— Ah, Ana — sussurra Christian, a voz angustiada e aflita. — Eu pensei que tinha perdido você. Depois pensei que tinha perdido você de novo. Vê-la caída no chão, pálida, fria, inconsciente... vi meus piores medos transformados em realidade. E agora você está

aqui, forte e corajosa... me transmitindo esperança. E me amando depois de tudo o que eu fiz.

— É verdade, eu amo você, Christian, desesperadamente. Vou amar você para sempre.

Ele segura minha cabeça com delicadeza e limpa minhas lágrimas com os polegares. Nossos olhares se encontram, e capto seu medo, sua admiração, seu amor.

— Eu também amo você — fala ele, baixinho. E me beija com ternura e afeição, como um homem que adora a esposa. — Vou tentar ser um bom pai — acrescenta, seus lábios contra os meus.

— Vai tentar, vai conseguir. E verdade seja dita: você não tem opção, porque o Pontinho e eu não vamos a lugar algum.

— Pontinho?

— Pontinho.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Eu tinha pensado em Júnior.

— Que seja Júnior, então.

— Mas eu gostei de Pontinho.

Ele sorri timidamente e me beija mais uma vez.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

—Por mais que eu queira passar o dia todo beijando você, o seu café da manhã está esfriando — murmura Christian, com os lábios grudados nos meus. Ele me fita, achando graça, mas seus olhos ficam mais escuros e sensuais. Puta merda, ele mudou de novo. Meu Sr. Instável. — Coma — ordena ele, com voz suave.

Engulo em seco diante do seu olhar provocante, e volto para a cama, com cuidado para não puxar o tubo do soro. Ele empurra a bandeja para mim. O mingau de aveia esfriou, mas as panquecas, ainda cobertas, estão boas — na verdade, são de dar água na boca.

— Você sabe — falo entre uma garfada e outra — que o Pontinho pode ser uma menina, não sabe?

Christian passa a mão no cabelo.

— Duas mulheres, hein? — Seu rosto revela sobressalto, e o olhar sedutor desaparece.

Ah, merda.

— Você tem preferência?

— Preferência?

— Menino ou menina.

Ele franze a testa.

— Prefiro com saúde — diz ele baixinho, evidentemente desconcertado com a pergunta. — Coma — acrescenta bem rápido, e sei que está tentando mudar de assunto.

— Estou comendo, estou comendo... Nossa, relaxe um pouco, Grey.

Observo-o com cuidado. Os cantos dos seus olhos estão enrugados de preocupação. Ele disse que vai tentar, mas sei que ainda está apavorado com a ideia do bebê. *Ah, Christian, eu também estou.* Ele se senta na cadeira ao meu lado e pega o *Seattle Times*.

— Você saiu no jornal de novo, Sra. Grey — diz ele, em tom amargo.

— De novo?

— Os picaretas estão só repetindo a história de ontem, mas parece correta quanto aos fatos. Quer ler?

Balanço a cabeça em negativa.

— Leia para mim. Estou comendo.

Ele dá um sorriso e começa a ler em voz alta. É um relato sobre Jack e Elizabeth, pintando o casal como uma versão moderna de Bonnie e Clyde. Em poucas palavras cobre o sequestro de Mia, meu envolvimento no resgate dela, e o fato de Jack e eu estarmos internados no mesmo hospital. Como é que a imprensa consegue toda essa informação? Preciso perguntar isso a Kate.

Quando Christian termina, peço:

— Por favor, leia mais alguma coisa; gosto de ouvir você.

Ele concorda e pega uma reportagem sobre a expansão de uma padaria especializada em bagels e uma outra relatando que a Boeing foi obrigada a cancelar o lançamento de uma aeronave. Christian franze a testa ao ler. Porém, ao ouvir sua voz suave enquanto como, e tendo a certeza de que estou bem, que Mia está bem e que meu Pontinho está bem, sinto um precioso momento de paz apesar de tudo o que aconteceu nos últimos dias.

Eu entendo que Christian esteja assustado com a minha gravidez, mas não entendo a intensidade do seu medo. Decido falar mais com ele sobre isso. Ver se consigo deixá-lo mais à vontade. O que me intriga é que ele não pode sentir falta de modelos positivos de pai e mãe. Tanto Grace quanto Carrick são exemplares, ou pelo menos assim parece. Talvez tenha sido a interferência da Monstra Filha da Mãe que o afetou tanto. Gosto de pensar assim. Na realidade, porém, acho que tudo remonta à sua mãe biológica, embora eu tenha certeza de que a Mrs. Robinson não ajudou muito. Interrompo meus pensamentos quando me recordo vagamente de uma conversa sussurrada. *Droga!* É uma conversa que está guardada em um canto da minha memória, quando eu ainda estava inconsciente. Era Christian conversando com Grace. Tudo se dissolve nas sombras da minha mente. *Ah, é tão frustrante.*

Fico pensando se Christian algum dia vai dizer voluntariamente por que foi procurá-la ou se terei que extrair dele essa informação. Estou prestes a perguntar-lhe quando alguém bate à porta.

O detetive Clark entra no quarto já se desculpando. E ele tem toda razão em pedir desculpas, pois meu coração se aperta quando o vejo.

— Sr. e Sra. Grey. Estou atrapalhando?

— Sim — dispara Christian.

Clark o ignora.

— Fico contente por vê-la acordada, Sra. Grey. Preciso lhe fazer algumas perguntas sobre os acontecimentos da tarde de quinta-feira. Apenas rotina. Agora seria conveniente?

— Claro — balbucio, embora não queira reviver esses acontecimentos.

— Minha mulher deveria estar descansando — reclama Christian.

— Não vou demorar, Sr. Grey. Além do mais, assim eu já deixo o casal em paz.

Christian se levanta e oferece a cadeira para Clark, depois se senta ao meu lado na cama, pega minha mão e a aperta, para me tranquilizar.

* * *

MEIA HORA DEPOIS, Clark já acabou suas perguntas. Não acrescentou nenhuma novidade, mas recontei os eventos de quinta-feira em voz baixa e entrecortada, observando como Christian ficava pálido e angustiado em algumas partes.

— Eu queria era que você tivesse mirado mais em cima — balbucia Christian.

— Teria feito um bem às mulheres — concorda Clark.

O quê?

— Obrigado, Sra. Grey. É tudo por enquanto.

— O senhor não vai deixar o Hyde livre novamente, vai?

— Acho difícil que ele consiga fiança dessa vez, madame.

— Aliás, quem pagou para soltá-lo? — pergunta Christian.

— Isso é informação sigilosa.

Christian franze a testa, mas acho que ele suspeita de alguém. Clark se levanta para sair no momento que a Dra. Singh e dois médicos residentes entram no quarto.

* * *

APÓS UM EXAME minucioso, a Dra. Singh me declara apta a voltar para casa. Christian relaxa de alívio visivelmente.

— Sra. Grey, fique atenta caso as dores de cabeça piorem ou a sua visão fique embaçada. Se isso ocorrer, retorne ao hospital imediatamente.

Aquiesço, tentando conter minha imensa satisfação por voltar para casa.

Quando a Dra. Singh está saindo do quarto, Christian pede para ter uma conversa rápida com ela no corredor. Ele mantém a porta aberta enquanto faz uma pergunta. Ela sorri.

— Sim, Sr. Grey, sem problema.

Ele sorri e volta para o quarto bem mais feliz.

— Sobre o que vocês estavam falando?

— Sexo — responde ele, com um sorriso libidinoso.

Ah. Fico vermelha.

— E então?

— Você está liberada. — Ele sorri maliciosamente.

Ah, Christian!

— Estou com dor de cabeça. — E também abro um sorriso.

— Eu sei. Você vai estar fora de combate por um tempo. Só quis verificar.

Fora de combate? Tenho uma súbita sensação de decepção. Não sei se quero ficar fora de combate.

A enfermeira Nora vem retirar o soro. Ela encara Christian com hostilidade. Acho que é uma das poucas mulheres que conheço que ignora o charme do meu marido. Digo uma palavra de agradecimento quando ela sai com o suporte do soro.

— Vamos para casa? — indaga Christian.

— Eu queria ver o Ray primeiro.

— Claro.

— Ele já sabe sobre o bebê?

— Achei que você mesma ia querer contar. Também não disse nada à sua mãe.

— Obrigada. — Sorrio, grata por ele não ter roubado minha novidade.

— Minha mãe sabe — acrescenta Christian. — Ela viu no prontuário. Contei para o meu pai, mas só ele. Minha mãe diz que os casais em geral esperam umas doze semanas... para ter certeza. — Ele dá de ombros.

— Não sei se estou preparada para contar ao Ray.

— Tenho que avisar: ele está bravo à beça. Disse que eu deveria dar umas palmadas em você.

O quê? Christian ri da minha expressão horrorizada.

— Eu disse que ficaria bem feliz em fazer isso.

— Você não disse isso! — exclamo, apesar de a minha memória estar sendo assombrada pelos ecos de uma conversa sussurrada. Sim, Ray passou aqui quando eu estava inconsciente...

Christian me dá uma piscadela.

— Olhe aqui, o Taylor trouxe roupas limpas. Eu ajudo você a se vestir.

* * *

COMO CHRISTIAN PREVIU, Ray está enfurecido. Não me lembro de algum dia tê-lo visto assim. Christian teve a sensatez de nos deixar sozinhos. Taciturno como ele só, Ray enche seu quarto de hospital com críticas severas, repreendendo-me por meu comportamento irresponsável. Voltei a ter doze anos.

Ah, papai, por favor, acalme-se. Sua pressão não vai aguentar isso.

— E ainda tive que aturar a sua mãe — resmunga ele, acenando com as mãos em irritação.

— Pai, desculpe.

— E o pobre do Christian? Nunca vi o rapaz assim. Ele até envelheceu. Nós dois envelhecemos várias décadas nos últimos dias.

— Ray, desculpe.

— Sua mãe está esperando um telefonema seu. — Seu tom de voz agora é mais moderado.

Beijo-o no rosto, e finalmente ele ameniza o discurso.

— Vou ligar para ela. Eu sinto muito, sinto mesmo. Mas agradeço por você ter me ensinado a atirar.

Por um instante ele me observa com um orgulho paterno mal disfarçado.

— Ainda bem que você sabe atirar direito — diz ele, com a voz áspera. — Agora, vá para casa e descanse um pouco.

— Você está com uma aparência boa, pai. — Tento mudar de assunto.

— Você está pálida.

O medo está estampado em seu rosto. Sua expressão é a mesma de Christian ontem à noite. Seguro sua mão.

— Eu estou bem. Prometo que não vou mais fazer uma coisa dessas.

Ele aperta minha mão e me puxa para um abraço.

— Se acontecesse alguma coisa com você... — sussurra ele, numa voz rouca e baixa.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Não estou habituada a ver meu padrasto fazendo demonstrações abertas de afeto.

— Pai, eu estou bem. Nada que um bom banho quente não cure.

* * *

SAÍMOS PELA PORTA dos fundos do hospital, para evitar os paparazzi amontoados na entrada principal. Taylor nos conduz ao SUV que está à nossa espera.

Christian fica calado durante o caminho para casa. Constrangida, procuro evitar o olhar de Sawyer pelo retrovisor, já que a última vez que o vi foi quando o despistei no banco. Ligo para minha mãe, que está aos prantos. Durante todo o percurso do hospital para casa eu tento acalmá-la, mas afinal acabo conseguindo, sob a promessa de que vou visitá-la em breve. Enquanto estou ao telefone, Christian fica segurando minha mão, acariciando-a com o polegar. Ele está nervoso... aconteceu alguma coisa.

— O que foi? — pergunto quando finalmente me livro da minha mãe.

— O Welch quer me ver.

— O Welch? Por quê?

— Ele descobriu alguma coisa sobre aquele filho da mãe do Hyde. — Seus lábios se dobram em fúria; uma onda de medo atravessa meu corpo. — Não quis me contar o que era pelo telefone.

— Ah.

— Ele vem de Detroit hoje à tarde.

— Você acha que ele descobriu alguma ligação?

Ele assente.

— O que acha que é?

— Não faço ideia. — E suas sobrancelhas se enrugam em perplexidade.

Taylor entra na garagem do Escala e, antes de estacionar, para junto ao elevador para sairmos. Ali dentro podemos evitar a atenção dos fotógrafos de plantão. Christian me ajuda a descer. Com o braço em volta da minha cintura, me leva até o elevador.

— Feliz de chegar em casa? — pergunta ele.

— Sim — sussurro.

Porém, quando me vejo no ambiente familiar do elevador, a enormidade daquilo por que passei me faz desabar e começo a tremer.

— Ei... — Christian me envolve em seus braços e me puxa para si. — Você está em casa. Está tudo bem — diz, beijando meu cabelo.

— Ah, Christian.

Começo a soluçar, liberando uma represa de lágrimas que eu nem sabia que estava prestes a se romper.

— Shhh — sussurra Christian, aninhando minha cabeça contra seu peito.

Mas é tarde demais. Completamente abalada pelas minhas emoções, choro na camiseta dele, lembrando-me do ataque cruel de Jack (“Isso é pela SIP, sua piranha filha da puta!”), das minhas palavras ao dizer a Christian que o estava deixando (“Você vai

embora?”) e de meu temor, meu temor visceral por Mia, por mim mesma e pelo meu Pontinho.

Quando as portas do elevador se abrem, Christian me pega como se eu fosse uma criança e me carrega pelo hall. Enrosco as mãos em seu pescoço e me agarro nele, chorando em silêncio.

Ele me carrega até o banheiro e me coloca delicadamente na cadeira.

— Quer tomar um banho de banheira? — pergunta.

Balanço a cabeça. Não... não... não como a Leila.

— Uma chuveirada? — Sua voz está engasgada de preocupação.

Por entre as lágrimas, faço um gesto de anuência. Quero me lavar da sensação de sujeira dos últimos dias, me livrar da lembrança da agressão de Jack. “*Sua puta vendida.*” Continuo a soluçar, o rosto entre as mãos, enquanto o som da água caindo do chuveiro ecoa nas paredes.

— Ei — sussurra Christian, ajoelhando-se na minha frente.

Ele tira as minhas mãos do meu rosto banhado de lágrimas e o segura em suas mãos. Eu o fito, piscando para afastar as lágrimas.

— Você está a salvo. Vocês dois — murmura ele.

Eu e o Pontinho. Meus olhos novamente se enchem de lágrimas.

— Agora pare. Não suporto ver você chorar. — Sua voz está rouca. Seus polegares limpam minha face, mas as lágrimas teimam em cair.

— Eu sinto muito, Christian. Por tudo. Por fazer você ficar preocupado, por arriscar tudo... pelo que eu disse.

— Não fale mais, querida, por favor. — Ele beija minha testa. — Também sinto muito. Também errei muito, Ana. — Ele me dá um sorriso torto. — Eu disse e fiz coisas das quais não me orgulho. — Seus olhos cinzentos estão desolados, arrependidos. — Vou tirar sua roupa — diz ele, com a voz suave. Limpo o nariz com as costas da mão, e ele beija minha testa mais uma vez.

Christian tira minha roupa com agilidade, sendo especialmente cuidadoso ao passar a camiseta pela minha cabeça. Mas já não sinto tanta dor de cabeça. Ele me conduz até o chuveiro e tira a própria roupa em tempo recorde, para então entrar comigo embaixo da água tão quente e agradável. Christian me puxa para si e me

abraça por um longo tempo, enquanto a água cai sobre nós dois, confortando-nos.

Ele me deixa chorar colada ao seu peito. De vez em quando beija minha cabeça, mas não me solta, apenas me balança suavemente sob a água morna. É tão bom sentir sua pele contra a minha, os pelos do seu peito no meu rosto... o homem que amo, este homem belo e inseguro, o homem que eu poderia ter perdido por causa da minha irresponsabilidade. Sinto-me vazia e angustiada diante desse pensamento, mas ao mesmo tempo aliviada por ele estar aqui, ainda aqui — apesar de tudo o que aconteceu.

Ainda me deve explicações, mas no momento quero aproveitar a sensação dos seus braços protetores e reconfortantes ao redor do meu corpo. E é então que me ocorre: quaisquer explicações têm que vir dele próprio. Não posso forçá-lo a nada... é preciso que ele queira me contar. Não vou passar pela esposa resmungona, que vive tentando adular o marido em troca de informações. É exaustivo. Eu sei que ele me ama. Sei que ele me ama mais do que jamais amou qualquer outra pessoa; por enquanto, isso basta. Essas conclusões me trazem uma sensação de libertação. Paro de chorar e dou um passo para trás.

— Está melhor? — pergunta ele.

Faço que sim.

— Ótimo. Agora me deixe dar uma olhada em você — diz ele, e por um segundo não entendo o que quer.

Mas ele pega minha mão e examina o braço sobre o qual caí quando Jack me bateu. Há hematomas no meu ombro e arranhões no cotovelo e no pulso. Ele beija cada uma dessas partes. Então, pegando uma esponja e gel de banho, o doce e conhecido aroma de jasmim chega até as minhas narinas.

— Vire-se.

Delicadamente, ele começa a lavar meu braço machucado, meu pescoço, meus ombros, minhas costas e meu outro braço. Ele me gira de lado e passa os dedos compridos pela lateral do meu corpo, e quando alcança o enorme hematoma no meu quadril, eu me retraio. Seus olhos se endurecem, seus lábios se estreitam. É perceptível sua raiva quando ele assobia por entre os dentes.

— Não está doendo — murmuro, para tranquilizá-lo.

Olhos cinzentos em brasas encontram os meus.

— Quero matar aquele homem. Quase o matei — murmura ele misteriosamente.

Franzo o cenho e estremeço diante de sua expressão sombria. Ele derrama mais gel de banho na esponja e, com gestos suaves e extremamente ternos, lava a lateral do meu corpo e a parte de trás. Depois, se ajoelha e passa para as minhas pernas. Faz uma pausa para examinar meu joelho. Roça os lábios sobre o machucado antes de voltar a me lavar, dessa vez meus pés e pernas. Abaixando-me um pouco, acaricio sua cabeça, passando os dedos pelo seu cabelo molhado. Ele se põe de pé e, com os dedos, traça o contorno do hematoma sobre as minhas costelas, onde Jack me chutou.

— Ah, querida — geme ele, sua voz revelando angústia e seus olhos destilando fúria.

— Eu estou bem.

Puxo sua cabeça e o beijo na boca. Ele hesita em retribuir o beijo, mas quando minha língua encontra a dele, seu corpo se mexe contra o meu.

— Não — murmura ele, ainda com os lábios próximos dos meus, e se afasta. — Vamos acabar o banho.

Seu rosto está sério. *Droga...* Ele realmente quer assim. Faço beicinho, e a atmosfera se desanuvia logo. Ele ri e me dá um beijo rápido.

— Quero você limpinha — diz ele. — Não suja.

— Eu gosto de coisas sujas.

— Eu também, Sra. Grey. Mas não agora, nem aqui.

Ele apanha o xampu e, antes que eu possa convencê-lo do contrário, começa a lavar meu cabelo.

* * *

TAMBÉM GOSTO DE coisas limpas. Sinto-me renovada e revigorada, e não sei se é por causa do banho, do choro ou da minha decisão de parar de discutir com Christian por qualquer coisa. Ele me envolve em uma enorme toalha e enrola uma outra no próprio quadril enquanto enxugo o cabelo com cuidado. Minha cabeça dói — uma dor maçante e persistente, porém perfeitamente suportável. A Dra.

Singh me deu alguns analgésicos, mas pediu que eu só os tomasse em caso de real necessidade.

Quando estou penteando o cabelo, penso em Elizabeth.

— Ainda não entendo por que a Elizabeth se envolveu com o Jack.

— Eu entendo — balbucia Christian, numa voz sombria.

Isso é novidade. Franzo a testa para ele, mas me distraio: ele está secando o cabelo com uma toalha, o peito e os ombros ainda com gotas de água brilhando sob as lâmpadas halógenas. Ele faz uma pausa e abre um sorriso malicioso.

— Apreciando a vista?

— Como você sabe? — pergunto, tentando ignorar que fui flagrada admirando o meu próprio marido.

— Que você está apreciando a vista? — provoca ele.

— Não — retruco em tom de reprimenda. — Sobre a Elizabeth.

— O detetive Clark me deu uma pista.

Olho para ele com minha expressão de me-conte-mais, e me vem outra recordação desagradável do tempo em que fiquei inconsciente. Clark esteve no meu quarto. Queria me lembrar do que ele disse.

— Hyde tinha vídeos. Vídeos delas todas. Em diversos pen drives.

O quê? Arregalo os olhos, minha testa se enrugando toda.

— Vídeos dele trepando com ela e com todas as outras assistentes.

Ah!

— Exatamente. Material para chantagem. Ele gosta de sexo violento.

Christian franze o cenho, e percebo a confusão, depois o nojo, passarem pelo seu rosto. Ele empalidece à medida que o nojo se transforma em auto-ódio. É claro: ele também gosta de sexo violento.

— Não faça isso — falo antes de pensar duas vezes.

Sua testa se franze ainda mais.

— Isso o quê? — Ele fica parado e me olha apreensivo.

— Você não se parece *em nada* com ele.

Seu olhar endurece, mas ele não diz uma palavra, o que confirma que era exatamente isso o que ele estava pensando.

— Em nada mesmo. — Minha voz soa inflexível.

— Somos farinha do mesmo saco.

— Não são, não — retruco incisivamente, apesar de entender por que ele pensaria dessa forma.

“O pai dele morreu numa briga de bar. A mãe bebeu até perder a consciência. Ele passou a infância pulando de orfanato em orfanato... e de confusão em confusão também. A maioria por roubo de carros. Passou um tempo no reformatório.” Lembro-me das informações que Christian me revelou no avião para Aspen.

— Você dois têm passados atribulados e os dois nasceram em Detroit. A semelhança acaba aí, Christian. — Ponho as mãos na cintura.

— Ana, sua fé em mim é tocante, ainda mais diante do que aconteceu nos últimos dias. Vamos saber de mais coisas quando o Welch chegar. — Ele está fugindo do assunto.

— Christian...

Ele me interrompe com um beijo.

— Chega — diz ele baixinho, e eu me lembro da promessa que fiz a mim mesma de não pressioná-lo por informações. — E não faça beicinho — acrescenta. — Venha. Vou secar o seu cabelo.

E percebo que o assunto está encerrado.

* * *

DEPOIS DE VESTIR uma camiseta e uma calça de moletom, eu me sento entre as pernas de Christian e deixo que ele seque meu cabelo.

— Então o Clark disse algo mais enquanto eu estava inconsciente?

— Não que eu me lembre.

— Eu ouvi algumas conversas suas.

O secador de cabelos para de se mover.

— Ah, é? — pergunta ele, num tom indiferente.

— Sim. Com meu pai, seu pai, o detetive Clark... sua mãe.

— E a Kate?

— Kate esteve lá?

— Sim, rapidamente. Ela também está uma fera com você.

Eu me viro no colo dele.

— Vamos parar com essa chatice de *Ana, todo mundo está bravo com você?*

— Só estou dizendo a verdade — rebate Christian, confuso com a minha explosão.

— Eu sei, foi insensato, mas poxa, a sua irmã estava em perigo.

Seu rosto adquire um ar abatido.

— É verdade.

Ele desliga o secador e o coloca ao seu lado na cama. Então pega meu queixo.

— Obrigado — diz, para minha surpresa. — Mas chega de insensatez. Porque, da próxima vez, eu vou encher você de porrada.

Solto uma exclamação.

— Você não se atreveria!

— Aterveria, sim. — Ele fala sério. Puta merda. Sério mesmo. — Eu tenho a permissão do seu padrasto.

Ele sorri. Está me provocando! Ou será que não? Eu me jogo em cima dele, e ele se torce de modo que caio sobre a cama, em seus braços. Quando aterrisso, sinto uma forte dor nas costelas e estremeço.

Christian empalidece.

— Comporte-se! — ralha ele comigo, e por um momento fica irritado.

— Desculpe — balbucio, acariciando seu rosto.

Ele afaga minha mão e a beija com delicadeza.

— Francamente, Ana, você não tem nenhuma consideração com a sua própria segurança. — Ele levanta a minha camiseta e descansa os dedos na minha barriga. Paro de respirar. — Não se trata mais só de você — murmura ele, fazendo uma trilha com os dedos ao longo da cintura da minha calça, acariciando minha pele.

O desejo explode inesperadamente, surgindo quente e intenso no meu sangue. Solto um suspiro, e Christian enrijece o corpo, deixando os dedos descansarem sobre mim e me olhando

fixamente. Ele levanta a mão e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Não — murmura.

O quê?

— Não olhe para mim dessa forma. Eu vi os hematomas. E a resposta é não. — Sua voz é firme, e ele me beija na testa.

Eu me contorço.

— Christian... — gemo.

— Não. Já para a cama. — Ele se senta.

— Cama?

— Você precisa descansar.

— Eu preciso de você.

Ele fecha os olhos e balança a cabeça como se fizesse um grande esforço. Quando os abre novamente, percebo que seus olhos brilham, e ele está firme em sua resolução.

— Faça o que eu mandei, Ana.

Fico tentada a tirar a roupa, mas me lembro dos hematomas e vejo que não vou ganhá-lo por esse caminho.

Aquiesço relutante.

— Tudo bem — e deliberadamente faço um bico bem exagerado.

Ele sorri, achando graça.

— Vou lhe trazer o almoço.

— Você vai cozinhar? — Quase tenho uma síncope.

Ele se digna a rir.

— Vou esquentar alguma coisa. A Sra. Jones tem andado ocupada.

— Christian, eu faço. Estou bem. Puxa, se eu quero fazer sexo, com certeza posso cozinhar.

Eu me sento de uma maneira esquisita, tentando esconder o desconforto causado pelas minhas costelas doloridas.

— Cama! — Os olhos de Christian faíscam, e ele aponta para o travesseiro.

— Deite comigo — murmuro, desejando estar usando algo mais atraente do que calça de moletom e camiseta.

— Ana, vá para a cama. Agora.

Assumindo uma expressão zangada, eu me levanto e deixo minha calça cair no chão sem cerimônia, encarando-o emburrada o

tempo todo. Sua boca se torce enquanto ele puxa o edredom, achando graça.

— Você ouviu a Dra. Singh. Ela disse para você descansar. — Sua voz soa mais suave. Deito na cama e cruzo os braços, frustrada. — Não saia daqui — diz ele, sem dúvida se divertindo.

E fico ainda mais zangada.

* * *

O ENSOPADO DE galinha da Sra. Jones é com certeza um dos meus pratos prediletos. Christian come comigo, sentado de pernas cruzadas no meio da cama.

— Essa comida foi muito bem aquecida. — Dou um riso forçado e ele sorri. Estou satisfeita e sonolenta. Será que era esse o plano dele?

— Você parece cansada. — Ele pega minha bandeja.

— E estou.

— Ótimo. Durma, então. — Ele me beija. — Tenho que trabalhar. Vou fazer isso aqui, se não se importar.

Faço que sim... lutando em vão contra minhas pálpebras. Eu não fazia ideia de que um ensopado de galinha podia ser tão cansativo.

* * *

JÁ ESTÁ ANOITECENDO quando acordo. Uma luz rosada e pálida inunda o quarto. Christian está sentado na poltrona, observando-me, os olhos cinzentos brilhando na luz ambiente. Ele segura alguns papéis, o rosto sem cor.

Putá merda!

— O que aconteceu? — pergunto imediatamente, sentando-me e ignorando as costelas doloridas.

— Welch acabou de sair.

Ah, merda.

— E então?

— Eu morei com o filho da puta — murmura ele.

— Morou? Com o Jack?

Ele confirma, os olhos bem abertos.

— Vocês são parentes?

— Não. Por Deus, não.

Eu me arrasto para um lado da cama e puxo o edredom, convidando-o a vir para mais perto de mim. Para minha surpresa, ele não hesita. Chuta os sapatos para fora dos pés e desliza para dentro do edredom. Passando um braço ao meu redor, ele se encolhe, descansando a cabeça no meu colo. Fico pasma. *O que é isso?*

— Não entendo — murmuro, fitando-o e passando os dedos pelo seu cabelo. Christian fecha os olhos e franze as sobrancelhas como se tentasse com muito esforço se lembrar de algo.

— Depois que me encontraram com a prostituta drogada, antes de eu ir morar com o Carrick e a Grace, eu fiquei aos cuidados do estado de Michigan. Morei com uma família adotiva provisória, mas não consigo me lembrar nada daquela época.

Minha mente agora está a mil. Família provisória? Isso é novidade para nós dois.

— Por quanto tempo? — murmuro.

— Uns dois meses. Não me lembro de nada.

— Você falou com os seus pais sobre isso?

— Não.

— Pois deveria, eu acho. Talvez eles o ajudem a preencher algumas lacunas.

Ele me abraça apertado.

— Olhe.

Ele me entrega os papéis que estava segurando: duas fotografias. Acendo a luz da cabeceira para poder examinar melhor as imagens. A primeira delas mostra uma casa velha com a porta da frente amarela e uma enorme janela no telhado. Tem uma varanda e um pequeno quintal na frente. Uma casa totalmente comum.

A segunda é de uma família; à primeira vista, uma família de operários normal: um homem e sua esposa, eu acho, e os filhos. Os dois adultos vestem camisetas azuis desbotadas e deselegantes. Devem ter uns quarenta anos. A mulher tem o cabelo louro esticado para trás e o homem usa o cabelo bem curto e austero, mas ambos sorriem calorosamente para a câmera. O homem está com um

braço em volta dos ombros de uma adolescente mal-humorada. Dou uma olhada nas crianças: dois meninos — gêmeos idênticos, de cerca de doze anos —, ambos com cabelo cor de areia, rindo largamente para a câmera; um outro menino, menor, de cabelo louro arruivado e olhar carrancudo; e atrás dele, mais um menino, pequeno, com cabelo cor de cobre e olhos cinzentos. O menorzinho, com os olhos arregalados e amedrontados, veste roupas descombinadas e está agarrado a um cobertorzinho sujo.

Cacete.

— Este aqui é você — murmuro, o coração quase saindo pela boca.

Sei que Christian tinha quatro anos quando a mãe morreu, mas essa criança parece bem mais nova. Ele devia estar muito malnutrido. Abafo um soluço quando as lágrimas brotam nos meus olhos. *Ah, meu amor.*

— Sou eu. — Ele confirma com um aceno de cabeça.

— Welch trouxe essas fotografias?

— Sim. Eu não me lembro de nada disso. — Sua voz parece sem entonação, sem vida.

— De um lar adotivo provisório? E por que você iria se lembrar disso? Christian, foi há muito tempo. É isso que está preocupando você?

— Eu me lembro de outras coisas, de antes e depois. Quando conheci minha mãe e meu pai. Mas isso... é como se fosse um gigantesco hiato.

Meu coração se retorce, e começo a compreender. Meu querido maníaco por controle gosta de tudo em seu devido lugar, e agora soube que há peças faltando no quebra-cabeça.

— Jack aparece na foto?

— Sim, é o menino mais velho.

Os olhos de Christian continuam bem fechados, e ele se agarra a mim como se eu fosse um bote salva-vidas. Deslizo os dedos pelo cabelo dele e presto mais atenção ao menino mais velho, que encara a câmera com ar desafiador e arrogante. Dá para perceber que é Jack. Porém, ele não passa de uma criança, um menino triste de oito ou nove anos, ocultando seu medo por trás da atitude hostil. De repente me lembro de algo.

— Quando o Jack me telefonou para dizer que estava com a Mia, ele disse que, se as coisas tivessem sido diferentes, ele poderia ser você.

Christian fecha os olhos e estremece.

— Aquele filho da puta!

— Você acha que ele agiu assim porque os Grey adotaram você em vez dele?

— Quem sabe? — Seu tom de voz traz amargura. — Não dou a mínima para ele.

— Talvez ele soubesse que a gente estava junto quando eu fui para aquela entrevista de emprego. Talvez ele estivesse o tempo todo planejando me seduzir. — Sinto um gosto de fel na boca.

— Acho que não — murmura Christian, abrindo os olhos. — As pesquisas que ele fez sobre a minha família só começaram pelo menos uma semana depois de você começar a trabalhar na SIP. Barney sabe as datas exatas. E, Ana, ele trepou com todas as assistentes que teve, e filmou tudo. — Christian fecha os olhos e se aconchega mais em mim.

Reprimindo o pavor que as lembranças me trazem, tento me recordar das várias conversas que tive com Jack logo que comecei a trabalhar na SIP. No fundo eu sabia que ele não prestava, mas assim mesmo ignorei todos os meus instintos. Christian tem razão: não me importo muito com minha própria segurança. Eu me lembro da briga que tivemos por causa da minha viagem a Nova York com Jack. Minha nossa... eu poderia ter ido parar em algum sórdido vídeo pornográfico. Só de pensar, fico enjoada. E então me lembro das fotos que Christian guardava de suas submissas.

Ah, merda. “*Somos farinha do mesmo saco.*” Não, Christian, não são, você não se parece em nada, nadinha com ele. Christian continua enroscado em mim como uma criancinha.

— Acho que você deveria falar com os seus pais.

Não quero que ele se mexa; por isso, deslizo para trás na cama de modo a encará-lo.

Um olhar cinzento e desnorteado encontra o meu, fazendo-me lembrar a criança da fotografia.

— Eu ligo para eles, ok? — murmuro. Ele balança a cabeça. — Por favor — suplico.

Ele me fita, e em seu olhar vejo a dor e a insegurança que o afligem, enquanto ele considera meu pedido. *Ah, Christian, por favor!*

— Eu ligo — diz ele, em voz baixa.

— Que bom. Podemos ir juntos visitá-los, ou você vai sozinho. O que preferir.

— Não. Eles podem vir aqui.

— Por quê?

— Não quero que você vá a lugar algum.

— Christian, eu posso muito bem sair de carro.

— Não. — Sua voz é firme, mas ele me dá um sorriso irônico. — Além do mais, é sábado à noite, eles devem ter saído.

— Ligue para eles. Essa história perturbou você, sem dúvida. Talvez eles possam esclarecer alguma coisa.

Olho para o relógio. São quase sete da noite. Ele me observa impassível por um momento.

— Tudo bem — diz afinal, como se eu estivesse lhe propondo um desafio. Então senta-se e pega o telefone que fica ao lado da cama.

Passo os braços em volta dele e descanso a cabeça em seu peito enquanto faz a ligação.

— Pai? — Noto que ele fica surpreso de Carrick ter atendido o telefone. — Ana está bem. Estamos em casa. O Welch acabou de sair daqui. Ele descobriu a conexão... a casa de adoção provisória em Detroit... Não me lembro de nada disso. — Sua voz é quase inaudível quando ele profere a última frase. Meu coração se comprime de novo. Eu o abraço, e ele aperta meu ombro. — É... Vocês vêm?... Ótimo. — Ele desliga. — Estão vindo para cá. — Ele parece surpreso, e percebo que nunca deve ter pedido a ajuda dos pais antes.

— Muito bem. Tenho que me vestir.

Seu braço se aperta ao meu redor.

— Não vá.

— Tudo bem.

Eu me aconchego nele outra vez, surpresa por ter me contado tanta coisa a seu respeito — e de forma inteiramente voluntária.

* * *

QUANDO NOS ENCONTRAMOS, à porta da sala, Grace me acolhe ternamente nos braços.

— Ana, Ana, minha querida Ana — murmura ela. — Você salvou dois dos meus filhos. Como posso algum dia lhe agradecer?

Fico vermelha, ao mesmo tempo emocionada e constrangida pelas suas palavras. Carrick me abraça também e beija minha testa.

Em seguida, Mia me agarra, apertando minhas costelas. Eu estremeço e solto uma exclamação de dor, mas ela não percebe.

— Obrigada por me livrar daqueles babacas.

Christian olha bravo para ela:

— Mia! Cuidado! Ela está dolorida.

— Ah! Desculpe.

— Estou bem — balbucio, aliviada quando ela me solta.

Ela parece bem. Impecavelmente vestida numa calça jeans preta e numa blusa de um cor-de-rosa claro com babados. Que bom que troquei de roupa, tendo colocado um confortável vestido transpassado e sapatos sem salto. Pelo menos tenho uma aparência apresentável.

Correndo para Christian, Mia passa o braço pela cintura dele.

Sem dizer nada, ele entrega a fotografia a Grace. Ela solta uma exclamação de surpresa e cobre a boca com a mão, tentando reprimir a emoção ao reconhecer Christian instantaneamente. Carrick passa o braço em volta dos ombros de Grace e também se põe a examinar a foto.

— Ah, querido. — Grace acaricia o rosto de Christian.

Taylor aparece, dizendo:

— Sr. Grey? A Srta. Kavanagh, o irmão dela e o seu irmão estão subindo, senhor.

Christian franze o cenho.

— Obrigado, Taylor — balbucia, confuso.

— Liguei para o Elliot e disse que estávamos vindo para cá. — Mia sorri. — É uma festa de boas-vindas.

Rapidamente lanço um olhar de solidariedade para meu pobre marido; tanto Grace quanto Carrick encaram Mia exasperados.

— Acho melhor providenciar algo para comermos — digo. —
Mia, você pode me ajudar?

— Ah, eu adoraria.

Eu a levo rapidamente para a área da cozinha, enquanto
Christian conduz os pais até seu escritório.

.

* * *

KATE ESTÁ APOPLÉTICA de indignação direcionada a mim e a Christian,
mas principalmente a Jack e Elizabeth.

— O que é que você estava *pensando*, Ana? — grita ela quando
me encontra na cozinha, atraindo os olhares de todas as pessoas
presentes.

— Kate, por favor. Já ouvi esse mesmo sermão de todo mundo!
— retruco rispidamente.

Ela me encara com ar de censura, e por um minuto tenho a
impressão de que vou ter que me submeter a um sermão Kavanagh
sobre como não sucumbir a sequestradores, mas, em vez disso, ela
me abraça.

— Caramba, Steele... às vezes você esquece que tem cérebro
— sussurra ela. E, quando me beija no rosto, vejo que seus olhos
estão marejados. *Kate!* — Fiquei tão preocupada com você!

— Não chore. Senão eu choro junto.

Ela se afasta e enxuga os olhos, envergonhada; depois, inspira
profundamente e se recompõe.

— Agora aos assuntos felizes: marcamos a data do casamento.
Pensamos em maio. E claro que queremos você como madrinha.

— Ah... Kate... Uau. Parabéns! — *Droga... Pontinho... Júnior!*

— O que foi? — pergunta ela, interpretando mal a minha
expressão preocupada.

— Hã... Estou muito feliz por você. Alguma notícia boa, afinal.

Passo os braços em volta de Kate e a puxo para um abraço.
Merda, merda, *merda*. Quando o Pontinho deve nascer?
Mentalmente calculo a data provável. A Dra. Greene disse que eu
estava de quatro ou cinco semanas. Então... em algum momento de
maio? *Merda*.

Elliot me passa uma taça de champanhe.

Ah. Merda.

Christian sai do escritório de tez pálida, e acompanha os pais até a sala. Seus olhos se arregalam quando ele vê a taça em minha mão.

— Kate — ele a cumprimenta, com frieza.

— Christian. — Ela é igualmente fria. Solto um suspiro.

— Seus remédios, Sra. Grey. — Ele está olhando para a taça em minha mão.

Estreito os olhos. *Droga. Eu queria beber.* Grace chega na cozinha sorrindo e pega uma taça oferecida por Elliot.

— Um golinho só não tem importância — sussurra ela, com uma piscadela conspiratória, e ergue a taça para brindar.

Christian encara a nós duas com expressão carrancuda, até que Elliot o distrai com as novidades sobre o último jogo entre os Mariners e os Rangers.

Carrick também se junta a nós e coloca os braços em volta dos nossos ombros. Grace beija seu rosto antes de sentar-se perto de Mia no sofá.

— Como ele está? — sussurro para Carrick enquanto nós estamos na cozinha observando a família recostada no sofá. Surpresa, noto que Mia e Ethan estão de mãos dadas.

— Abalado — sussurra Carrick, sua testa se enrugando e seu rosto sério. — Ele se lembra tanto da vida que levava com a mãe biológica... muitas coisas que eu até gostaria que ele esquecesse. Mas isso... — Ele faz uma pausa. — Espero que a gente tenha dado uma ajuda. Fico feliz de ele ter nos chamado. Ele disse que foi você que sugeriu. — Seu olhar se suaviza. Dou de ombros e tomo um gole bem pequeno de champanhe. — Você é muito boa para ele. Ele não ouve mais ninguém.

Franzo a testa. Não acho que isso seja verdade. O espectro inoportuno da Monstra Filha da Mãe ainda me assombra constantemente. Sei que Christian fala com Grace também. Eu ouvi. Mais uma vez, sinto uma breve frustração quando tento decifrar a conversa que eles tiveram no hospital, mas a lembrança me foge.

— Venha se sentar, Ana. Você parece cansada. Tenho certeza de que não esperava tanta gente aqui esta noite.

— É ótimo ver todo mundo.

Sorrio. Porque é verdade, é ótimo. Sou uma filha única que se agregou a uma família grande e gregária, e adoro isso. Eu me aconchego junto a Christian.

— Um gole só — diz ele, baixinho, e tira a taça da minha mão.

— Sim, senhor.

Pisco os cílios, desarmando-o completamente. Ele coloca o braço em volta dos meus ombros e volta à sua conversa sobre beisebol com Elliot e Ethan.

* * *

— MEUS PAIS PENSAM que você pode até caminhar sobre a água — murmura Christian enquanto tira a camiseta.

Estou aconchegada na cama assistindo ao espetáculo.

— Ainda bem que você sabe que não é verdade.

— Ah, não sei não. — Ele tira a calça jeans.

— Eles falaram algo de útil?

— Algumas coisas. Eu morei com os Collier durante dois meses, enquanto meus pais esperavam a papelada ficar pronta. Eles já tinham sido aprovados para adoção, por causa do Elliot, mas a lei exige um tempo de espera para ver se algum parente vivo quer reivindicar a guarda.

— Como você se sente a respeito disso? — murmuro.

Ele franze a testa.

— O fato de não ter parentes vivos? Que se foda. Se fossem parecidos com a prostituta drogada... — Ele balança a cabeça com repugnância.

Ah, Christian! Você era uma criança e amava a sua mãe.

Ele veste o pijama, sobe na cama e delicadamente me puxa para seus braços.

— Minha memória está voltando. Eu me lembro da comida. A Sra. Collier sabia cozinhar. E pelo menos sabemos agora por que aquele filho da puta é tão cismado com a minha família. — Ele passa a mão livre pelo cabelo. — Cacete! — diz, repentinamente se virando para mim, perplexo.

— O que foi?

— Agora faz sentido. — Seus olhos revelam que ele se recordou de algo.

— O quê?

— Passarinho. A Sra. Collier me chamava de Passarinho.

Franzo o cenho, sem entender.

— E isso faz sentido?

— O bilhete — explica ele, olhando-me fixamente. — O bilhete de resgate que o filho da puta me deixou. Era algo parecido com “Você sabe quem eu sou? Porque eu sei quem você é, Passarinho”.

Para mim, não faz nenhum sentido.

— É de um livro infantil. Meu Deus. Tinha esse livro na casa dos Collier. Chamava-se... *Você é a minha mãe?* Merda. — Seus olhos se arregalam. — Eu adorava aquele livro.

Ah. Eu conheço o livro. Meu coração fica em pedaços... *Christian!*

— A Sra. Collier lia essa história para mim.

Fico perdida, sem saber o que dizer.

— Meu Deus. Ele sabia... o filho da puta sabia.

— Você vai contar isso à polícia?

— Vou. Vou, sim. Só Deus sabe o que o Clark vai fazer com essa informação. — Ele balança a cabeça, como se tentasse clarear os pensamentos. — Bom, obrigado por esta noite.

Uau. Mudança total.

— Pelo quê?

— Por fazer uma refeição para a minha família num piscar de olhos.

— Não me agradeça, agradeça à Mia. E à Sra. Jones, que mantém a despensa cheia.

Ele balança a cabeça parecendo irritado. Comigo? Por quê?

— Como está se sentindo, Sra. Grey?

— Bem. E você? Como está se sentindo?

— Estou bem. — Ele franze o cenho... sem entender minha preocupação.

Ah... Nesse caso... Faço meus dedos descerem do seu peito até onde começam seus pelos pubianos.

Ele ri e agarra minha mão.

— Ah, não. Não comece com essas ideias.

Faço um beicinho triste, e ele suspira.

— Ana, Ana, Ana, o que eu vou fazer com você? — Ele beija meu cabelo.

— Tenho algumas sugestões.

Eu me contorço por baixo dele e estremeço quando a dor se irradia das minhas costelas machucadas para todo o meu tronco.

— Baby, você já passou por problemas suficientes. Além disso, eu tenho uma história para lhe contar.

Hã?

— Você queria saber... — Ele não termina a frase; fecha os olhos e engole em seco.

Todos os pelos do meu corpo se eriçam. *Merda.*

Ele começa, numa voz suave:

— Imagine a cena: um adolescente louco para ganhar um dinheirinho extra para poder continuar com seu hábito secreto de beber.

Ele se vira de lado e ficamos cara a cara, ele olhando bem nos meus olhos.

— Então eu me vi no quintal dos Lincoln, limpando pedregulhos e entulho da ampliação que o Sr. Lincoln tinha acabado de concluir na casa...

Putá merda... ele está falando.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Mal consigo respirar. Será que eu quero mesmo ouvir isso? Christian fecha os olhos e engole em seco. Quando os abre novamente, estão brilhantes e acanhados, cheios de lembranças inquietantes.

— Era um dia quente de verão. Eu estava trabalhando bastante — diz ele, com a voz rouca, e balança a cabeça, repentinamente achando graça. — Era bem puxado, retirar entulho. Eu estava sozinho, e a Elen... a Sra. Lincoln apareceu do nada me trazendo limonada. Batemos um papo, coisas banais, até que eu fiz um comentário debochado... e ela me deu um tapa. Um tapa bem forte.

Inconscientemente, sua mão vai ao rosto e ele acaricia a própria face, seus olhos se anuviando por causa da recordação. *Putá merda!*

— Mas aí ela me beijou. E, quando acabou, me deu outro tapa. — Ele pisca várias vezes, aparentemente ainda confuso mesmo depois desse tempo todo. — Eu nunca tinha sido beijado antes, nem nunca tinha levado um tapa daquele jeito.

Ah! Ela partiu para cima dele. Um menino.

— Você quer ouvir isso? — pergunta Christian.

Sim... Não...

— Só se você quiser me contar. — Estou deitada fitando-o, e minha voz sai bem baixa, minha mente a mil.

— Estou tentando contextualizar.

Faço um gesto com a cabeça, anuindo e — espero — incentivando-o a prosseguir. Porém, suspeito de que eu talvez esteja parecendo uma estátua, imóvel, em choque, os olhos arregalados.

Ele franze o cenho, seu olhar procurando o meu, tentando avaliar minha reação. Depois se deita de costas e fica mirando o teto.

— Bem, naturalmente eu fiquei confuso, irado e cheio de tesão. Quer dizer, uma mulher mais velha, toda gostosa, aparece e se atira em cima de você daquela maneira... — Ele balança a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar.

Gostosa? Fico enojada.

— Ela voltou para dentro da casa, deixando-me sozinho no quintal. Agiu como se nada tivesse acontecido. Fiquei completamente perdido. Então voltei ao meu trabalho, despejando o entulho na caçamba. Quando saí de lá, à noite, ela me pediu para voltar no dia seguinte. Nem mencionou o que tinha acontecido. E no outro dia, quando eu voltei, mal podia esperar para ver a Sra. Lincoln de novo. — Ele fala num murmúrio, como se fosse uma confissão sombria; e, francamente, é mesmo.

— Ela não me tocou quando me beijou — continua ele, e vira o rosto para mim. — Você tem que entender... minha vida era o inferno na terra. Eu tinha quinze anos, era alto para a minha idade, vivia com tesão o tempo todo, os hormônios ensandecidos. As garotas da escola...

Ele para por um momento, mas eu imagino o quadro: um adolescente amedrontado e solitário, mas atraente. Meu coração se contorce.

— Eu vivia com raiva, uma raiva tão grande, irado com todo mundo, eu mesmo, minha família. Não tinha amigos. Meu analista na época era um babaca completo. E os meus pais... eles me mantinham com rédea curta, não conseguiam entender.

Ele volta a olhar para o teto e passa a mão no cabelo. Minha mão está coçando de vontade de fazer o mesmo, mas fico no meu lugar.

— Eu simplesmente não suportava que ninguém me tocasse. Não suportava. Não suportava ninguém perto de mim. Eu me metia em brigas... porra, muitas brigas. E umas bem pesadas. Fui expulso de algumas escolas. Mas era uma maneira de extravasar. De tolerar algum tipo de contato físico. — Ele interrompe o relato novamente. — Bom, você já tem uma ideia. E quando ela me beijou, só segurou o meu rosto. Não tocou em mim. — Quase não ouço sua voz.

Ela devia saber. Talvez Grace tivesse lhe contado. *Ah, meu pobre Cinquenta Tons.* Preciso dobrar as mãos embaixo do

travesseiro e deitar a cabeça por cima para resistir à necessidade que sinto de abraçá-lo.

— Bom, no dia seguinte eu voltei até a casa, sem saber o que esperar. Vou poupar você dos detalhes sórdidos, mas a coisa toda se repetiu. E foi assim que o nosso relacionamento começou.

Putá merda, é doloroso ouvir isso.

Ele deita de lado novamente, para me olhar.

— E sabe de uma coisa, Ana? Meu mundo achou um foco. Claro e nítido. Em tudo. Era exatamente daquilo que eu precisava. Ela era um sopro de ar fresco. Tomava as decisões todas, me afastava daquela merda, me deixava respirar.

Putá merda.

— E mesmo quando acabou, meu mundo continuou em foco por causa dela. E assim permaneceu até que eu encontrei você.

Que espécie de comentário devo fazer depois disso? Hesitante, ele põe uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você fez meu mundo virar de cabeça para baixo. — Ele fecha os olhos, e, quando os abre novamente, vejo que estão tomados pela emoção. — Meu mundo era organizado, calmo e controlado. Até você entrou na minha vida, com essa sua boca afiada, a sua inocência, a sua beleza e a sua coragem discreta... e todo o resto, tudo antes de você simplesmente ficou bobo, vazio, medíocre... nada.

Ai, meu Deus.

— Eu me apaixonei — sussurra ele.

Paro de respirar. Ele acaricia minha face.

— E eu também — murmuro, com o fio de respiração que ainda me resta.

Seus olhos se suavizam.

— Eu sei — diz ele sem produzir som, só mexendo os lábios.

— Você sabe?

— Sei.

Aleluia! Sorrio tímida.

— Finalmente — sussurro.

Ele aquiesce.

— E isso colocou tudo em perspectiva para mim. Quando eu era mais jovem, a Elena era o centro do meu mundo. Não havia nada

que eu não fizesse por ela. E ela também fazia muito por mim. Ela me fez parar de beber. Fez com que eu me empenhasse nos estudos... Você sabe, ela me forneceu uma forma de lidar com o que acontecia à minha volta, algo que eu não tinha antes, e me permitiu experimentar coisas que eu nunca tinha imaginado fazer.

— Contato físico — digo.

Ele aquiesce.

— Em certo sentido.

Franzo o cenho, sem entender.

Ele hesita diante da minha reação.

Conte!, peço-lhe.

— Se você cresce com uma autoimagem inteiramente negativa, pensando que é algum tipo de rejeitado, um selvagem incapaz de ser amado, você acha que merece apanhar.

Christian... você não é nada disso.

Ele faz uma pausa e passa a mão no cabelo.

— Ana, é muito mais fácil lidar com a dor do lado de fora... — Novamente, trata-se de uma confissão.

Ah.

— Ela canalizou minha raiva. — Seus lábios se apertam em uma expressão triste. — Principalmente por dentro; agora eu percebo isso. O Dr. Flynn tem tocado nesse ponto já faz algum tempo. Mas há pouco eu enxerguei nossa relação pelo que era. Você sabe... no meu aniversário.

Estremeço quando me vem à mente a desagradável lembrança de Elena e Christian se digladiando verbalmente na festa de aniversário dele.

— Para ela, aquela parte do nosso relacionamento era uma questão de sexo e controle, uma mulher solitária encontrando algum tipo de conforto em seu menino de estimação.

— Mas você gosta de controle — murmuro.

— É. Eu gosto. Sempre vou gostar, Ana. Eu sou assim. Abri mão disso por um curto espaço de tempo. Deixei outra pessoa tomar as decisões por mim. Eu mesmo não conseguia fazer isso; não estava em condições. Mas, com a minha submissão a ela, eu me reencontrei, e descobri a força de que precisava para tomar as

rédeas da minha vida... ter o controle e tomar minhas próprias decisões.

— Tornar-se um Dominador?

— Sim.

— Decisão sua?

— Sim.

— Abandonar Harvard?

— Foi decisão minha, e a melhor que já tomei na vida. Até conhecer você.

— Eu?

— É. — Seus lábios desenhavam um sorriso suave. — A melhor decisão que eu já tomei na vida foi me casar com você.

Ai, meu Deus.

— Não foi começar a sua empresa?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Nem aprender a pilotar?

Ele balança a cabeça.

— Você — diz ele sem emitir som. Ele acaricia minha face com os nós dos dedos. — Ela sabia — murmura ele.

Franzo a testa.

— Sabia o quê?

— Que eu estava completamente apaixonado. Ela me incentivou a ir para a Geórgia ver você, e que bom que fez isso. Ela achou que você entraria em pânico e se afastaria. O que realmente aconteceu.

Empalideço. Prefiro não pensar no assunto.

— Ela achava que eu precisava de todos os subterfúgios do estilo de vida de que eu gostava.

— O Dominador? — murmuro.

Ele admite.

— Dessa forma eu podia evitar me relacionar de verdade com quem quer que fosse, e isso me dava controle e me mantinha livre: ou pelo menos eu pensava assim. Tenho certeza de que você já imaginou por quê — acrescenta suavemente.

— Sua mãe biológica?

— Eu não queria sofrer de novo. E foi aí que você me deixou. — Mal ouço suas palavras. — E eu fiquei um trapo.

Ah, não.

— Eu fugi da intimidade por tanto tempo... não sei como fazer isso.

— Você está se saindo muito bem — murmuro.

Desenho o contorno dos seus lábios com o indicador. Ele os franze na forma de um beijo. *Você está me contando.*

— Você sente falta? — sussurro.

— Falta de quê?

— Daquele estilo de vida.

— Sinto, sim.

Ah!

— Mas só na medida em que sinto falta do controle que aquilo me dava. E sinceramente, a sua façanha estúpida — ele faz uma pausa — que salvou a minha irmã — murmura, suas palavras irradiando alívio, admiração e descrença. — É assim que eu sei.

— Sabe o quê?

— Realmente sei que você me ama.

Franzo a testa.

— Sabe mesmo?

— Sim, porque você arriscou tanto... por mim, pela minha família.

Enrugo ainda mais a testa. Ele se aproxima e passa o dedo entre as minhas sobrancelhas, acima do nariz.

— Aparece um V aqui quando você franze a testa. É bem gostoso de beijar. Eu às vezes me comporto tão mal... e ainda assim você continua aqui.

— Por que está surpreso de eu continuar aqui? Eu disse que não ia abandonar você.

— Por causa da minha reação quando você me contou que estava grávida. — Ele desce o dedo pelo meu rosto. — Você tinha razão. Eu sou um adolescente.

Ah, merda... Eu realmente disse isso. Meu inconsciente me olha com ar de censura. *O médico dele disse isso!*

— Christian, eu disse coisas horríveis.

Ele encosta o indicador nos meus lábios.

— Shh. Eu merecia ouvir. Além disso, estou lhe contando uma história. — Ele gira, deitando de costas novamente. — Quando você me disse que estava grávida... — Ele faz uma pausa. — Eu tinha

pensado que seria só você e eu por um tempo. Eu tinha considerado a hipótese de uma criança, mas só de maneira abstrata. Eu tinha uma vaga ideia de um filho em algum momento no futuro.

Só um? Não... Não um filho único. Não como eu. Talvez não seja a melhor hora para eu tocar nesse assunto.

— Você ainda é tão jovem, e sei que é discretamente ambiciosa.

Ambiciosa? Eu?

— Bom, você me deixou sem chão. Nossa, aquilo me pegou de surpresa. Quando perguntei o que havia de errado, jamais, nem em um milhão de anos, eu imaginaria que você pudesse estar grávida. — Ele solta um suspiro. — Eu fiquei com tanta raiva... Raiva de você. De mim. De todo mundo. E isso me trouxe de volta aquela sensação de não ter nada sob o meu controle. Eu tinha que sair. Fui procurar o Flynn, mas ele estava ocupado, em um evento de associação de pais na escola. — Christian faz uma pausa e ergue uma sobrancelha.

— Que ironia — sussurro. Ele dá um sorriso, concordando.

— Então eu andei e andei e andei, e aí... me vi em frente ao salão. A Elena estava saindo. Ela ficou surpresa em me ver. E, verdade seja dita, também fiquei surpreso de estar naquele lugar. Ela percebeu que eu estava irritado e me convidou para beber alguma coisa.

Ah, merda. Direto ao ponto. Meu coração dispara. *Será que eu realmente quero saber o que aconteceu?* Meu inconsciente me censura com o olhar novamente, uma sobrancelha bem delineada erguida em sinal de alerta.

— Fomos a um bar tranquilo que eu conheço e tomamos uma garrafa de vinho. Ela se desculpou pelo modo como tinha se comportado da última vez que nos viu. Ficou magoada porque a minha mãe não quer mais saber dela, o que restringiu o círculo social que ela frequentava, mas compreende. Falamos sobre o negócio, que está indo bem apesar da recessão... E eu mencionei que você gostaria de ter filhos.

Franzo o cenho.

— Pensei que você tinha contado a ela que eu estava grávida.

Ele me observa, o rosto com uma expressão sincera.

— Não, não contei.

— Por que não me disse isso antes?

Ele dá de ombros.

— Não tive oportunidade.

— Teve sim.

— Não consegui encontrar você na manhã seguinte, Ana. E quando encontrei, você estava tão furiosa comigo...

Ah, sim.

— Estava mesmo.

— Enfim, em algum momento daquela noite, já no meio da segunda garrafa de vinho, ela se inclinou para me tocar. E eu fiquei paralisado — murmura ele, jogando o braço por cima dos olhos.

Meu couro cabeludo começa a pinicar. *O que é isso?*

— Ela viu que eu me retraí com o seu toque. Nós dois ficamos chocados. — A voz dele está baixa, muito baixa.

Christian, olhe para mim! Eu puxo seu braço, e ele se vira para me encarar. Merda. Seu rosto está pálido, os olhos arregalados.

— E aí? — falo baixinho.

Ele franze a testa e engole em seco.

Ah... O que ele não está me contando? Será que eu quero saber?

— Ela me passou uma cantada. — Ele está chocado, dá para perceber.

Todo o ar se esvai do meu corpo. Sinto-me exaurida e acho que meu coração parou de bater. *Aquela Monstra Filha da Mãe!*

— Foi só um instante, suspenso no tempo. Ela viu minha expressão e percebeu que tinha ido longe demais. Eu disse... não. Não penso nela naqueles termos há anos, e além do mais — ele engole em seco —, eu amo você. Eu disse a ela que eu amo a minha mulher.

Eu o fito. Não sei o que dizer.

— Ela recuou imediatamente. Pediu desculpas mais uma vez, fez parecer que tinha sido uma brincadeira. Sabe, ela disse que estava feliz com o Isaac e com o negócio, e que não queria causar mal a nós dois. Disse que sentia falta da minha amizade, mas que entendia que minha vida agora era com você. E foi muito estranho, tendo em vista o que aconteceu na última vez que estivemos no

mesmo ambiente. Concordei inteiramente com ela. Então nos despedimos, dissemos um adeus definitivo. Eu disse que nunca mais iria procurá-la, e ela foi embora.

Engulo em seco, o medo trespassando meu coração.

— Vocês se beijaram?

— Não! — grunhe ele. — Eu não conseguiria ficar assim tão perto dela.

Ah, bem.

— Eu me sentia horrível e queria vir para casa, para perto de você. Mas... eu sabia que tinha agido muito mal. Então fiquei no bar e acabei com a garrafa, e depois comecei a tomar bourbon. Enquanto eu estava bebendo, me lembrei do que você me disse um tempo atrás: “Se fosse meu filho...” E comecei a pensar no Júnior e em como tinha começado a minha relação com Elena. E isso me deixou... desconfortável. Eu nunca tinha pensado nisso dessa forma.

Uma lembrança surge em minha mente: uma conversa sussurrada quando eu estava semiconsciente — a voz de Christian: *“Mas me encontrar com ela finalmente colocou tudo numa nova perspectiva para mim. Você sabe... com relação à criança. Pela primeira vez eu senti... O que nós dois fizemos... foi errado.”* Ele estava falando com Grace.

— E foi só isso?

— Basicamente.

— Ah.

— Ah?

— Acabou?

— Acabou. Acabou desde que eu pus os olhos em você. Finalmente eu percebi naquela noite, e ela também.

— Desculpe — balbucio.

Ele franze a testa.

— Pelo quê?

— Por ter ficado tão furiosa no dia seguinte.

Ele solta um gemido rouco.

— Baby, eu entendo a fúria. — Ele faz uma pausa e suspira. — Sabe, Ana, eu quero você só para mim. Não quero dividir você. O

que nós temos... eu nunca tive antes. Quero ser o centro do seu universo, pelo menos por um tempo.

Ah, Christian.

— E você é. Isso não vai mudar.

Ele me dá um sorriso triste, indulgente e resignado.

— Ana — murmura ele. — Isso simplesmente não é verdade.

Fico com os olhos marejados.

— Como é possível? — continua ele.

Ah, não.

— Merda... não chore, Ana. Por favor, não chore. — Ele acaricia meu rosto.

— Sinto muito. — Meu lábio inferior treme, e ele esfrega o polegar na minha boca, tranquilizando-me.

— Não, Ana, não. Não fique assim. Você vai ter alguém mais para amar também. E você tem razão. É assim que deve ser.

— O Pontinho também vai amar você. Você vai ser o centro do mundo do Pontinho... do Júnior — murmuro. — Os filhos amam os pais incondicionalmente, Christian. É assim que eles vêm ao mundo. Programados para amar. Todos os bebês... até você. Pense naquele livro infantil de que você gostava quando era criança. Você ainda queria a sua mãe. Você a amava.

Ele franze o cenho e puxa a mão, fechando-a e apoiando-a no queixo.

— Não — sussurra ele.

— Sim. Você a amava. — Minhas lágrimas agora descem livremente. — É claro que amava. Você não tinha escolha. É por isso que é tão doloroso.

Ele me olha fixamente, com uma expressão inflamada.

— É por isso que você é capaz de me amar — murmuro. — Perdoe a sua mãe. Ela tinha a própria dor para suportar. Ela foi uma péssima mãe, mas você a amava.

Ele me olha sem dizer uma palavra, os olhos assombrados — por lembranças que não posso nem sonhar em desvendar.

Ah, por favor, não pare de falar.

Após um tempo, ele diz:

— Eu costumava escovar o cabelo dela. Ela era bonita.

— Basta olhar para você que ninguém duvida.

— Ela foi uma péssima mãe. — Sua voz está quase inaudível.
Concordo, e ele fecha os olhos.

— Tenho medo de ser um péssimo pai.

Acaricio seu querido rosto. *Ah, meu amor, meu amor.*

— Christian, como você pode pensar que eu deixaria você ser um péssimo pai?

Ele abre os olhos e me encara por um tempo que parece uma eternidade. E começa a sorrir quando o alívio pouco a pouco ilumina seu rosto.

— É mesmo, você não deixaria. — Ele acaricia meu rosto com as costas da mão, olhando-me com admiração. — Meu Deus, você é tão forte, Sra. Grey. Eu amo tanto você. — Ele beija minha testa.
— Nunca pensei que fosse capaz.

— Ah, Christian — murmuro, tentando conter minha emoção.

— Bom, e esse é o fim da minha história.

— Foi uma história e tanto...

Ele sorri melancolicamente, mas acho que está aliviado.

— Como está a sua cabeça?

— Minha cabeça? — *Na verdade, está a ponto de explodir, com tudo o que você me contou!*

— Ainda dói?

— Não.

— Ótimo. Acho que é bom você dormir agora.

Dormir! Como vou conseguir dormir depois de tudo isso?

— Durma — ordena ele, severo. — Você precisa.

Faço beicinho.

— Tenho uma pergunta.

— Ah, é? Qual? — Ele me olha com cautela.

— Por que você de repente ficou tão... comunicativo, por falta de palavra melhor?

Ele enrug a testa.

— Está me contando tudo isso, quando normalmente extrair informação de você é uma tarefa bastante difícil e cansativa.

— É?

— Você sabe que é.

— Por que estou sendo comunicativo? Não sei dizer. Talvez por ter visto você praticamente morta no chão frio de concreto. Ou

porque vou ser pai. Não sei. Você disse que queria saber, e eu não desejo que a Elena se torne um problema entre nós. Ela não pode. Ela agora é passado, e eu já lhe disse isso muitas e muitas vezes.

— Se ela não tivesse dado em cima de você... vocês ainda seriam amigos?

— Isso é mais do que uma pergunta.

— Desculpe. Não precisa me responder. — Fico vermelha. — Você já se dispôs a contar muito mais do que eu jamais imaginei.

Seu olhar se suaviza.

— Não, acho que não, mas ela era uma questão não resolvida para mim desde o meu aniversário. Agora ela cruzou a linha, e acabou. Por favor, acredite. Não vou mais me encontrar com ela. Você disse que ela era um limite rígido para você. Esse é um termo que eu compreendo — responde ele, com sinceridade.

Tudo bem. Vou deixar esse assunto para trás. Meu inconsciente relaxa na cadeira. *Finalmente!*

— Boa noite, Christian. Obrigada pela história tão esclarecedora.

Eu me inclino para beijá-lo, e nossos lábios se tocam brevemente, mas ele recua quando tento intensificar o beijo.

— Não — murmura. — Estou desesperado para fazer amor com você.

— Então faça.

— Não, você precisa descansar, e está tarde. Vá dormir.

Ele apaga a luz da cabeceira, nos fazendo mergulhar na escuridão.

— Eu amo você incondicionalmente, Christian — murmuro, e me aconchego ao seu lado.

— Eu sei — sussurra ele, e posso sentir seu sorriso tímido.

—

Acordo com um sobressalto. A luz inunda o quarto, e Christian não está na cama. Olho para o relógio e vejo que são sete e cinquenta e três. Inspiro profundamente e estremeço, pois minhas costelas doem muito — embora não tanto quanto ontem. Acho que posso voltar ao trabalho. *Trabalho — sim.* Quero ir trabalhar.

Hoje é segunda-feira, e ontem passei o dia todo de preguiça na cama. Christian me deixou sair apenas por pouco tempo, para ver Ray. Francamente, ele ainda é maníaco por controle. Sorrio com ternura. *O meu maníaco por controle*. Ele anda atencioso, amoroso e falante... e não me toca desde que voltei para casa. Faço cara feia. Vou ter que tomar uma atitude quanto a isso. Minha cabeça não incomoda mais, a dor em torno das costelas já aliviou — embora eu tenha que admitir que preciso tomar cuidado ao rir —, mas estou frustrada. Acho que nunca fiquei tanto tempo sem sexo desde... bem, desde a primeira vez.

Acho que nós dois recuperamos nosso equilíbrio. Christian está muito mais relaxado; a longa história que ele me contou parece ter servido para apaziguar alguns fantasmas, para ele e para mim. Vamos ver.

Tomo um banho rápido e, após me secar, passo a escolher cuidadosamente uma roupa. Procuro algo sensual. Algo que excite Christian a ponto de fazê-lo entrar em ação. Quem diria que um homem tão insaciável pudesse efetivamente exercer tanto autocontrole? Não faço questão de saber como Christian aprendeu a ter tanta disciplina em relação ao próprio corpo. Nós não falamos da Monstra Filha da Mãe nem mais uma vez depois da sua explosão confessional. Espero não voltar ao assunto. Para mim, ela está morta e enterrada.

Escolho uma saia preta quase indecente de tão curta e uma blusa branca de seda com babados. Visto meias sete oitavos com renda e meus scarpins pretos de salto alto Louboutin. Um pouco de rímel e brilho nos lábios para manter uma aparência natural e, após umas escovadas vigorosas, deixo meu cabelo solto. Pronto. Acho que assim está bom.

Christian está tomando o café da manhã no balcão. Sua garfada de omelete para a caminho da boca quando me vê. Ele franze o cenho.

— Bom dia, Sra. Grey. Vai a algum lugar?

— Trabalhar. — Sorrio docemente.

— Pois eu acho que não — diz Christian, com um deboche bem-humorado. — A Dra. Singh disse uma semana de descanso.

— Christian, eu não vou passar o dia inteiro deitada na cama sozinha. Então é melhor eu ir trabalhar. Bom dia, Gail.

— Sra. Grey. — A Sra. Jones tenta esconder o sorriso. — Gostaria de tomar o café da manhã?

— Sim, por favor.

— Granola?

— Prefiro ovos mexidos com torrada de pão integral.

Ela sorri, e a expressão de Christian deixa transparecer sua surpresa.

— Pois não, Sra. Grey — diz a Sra. Jones.

— Ana, você não vai trabalhar.

— Mas...

— Não. É simples assim. Não discuta.

Christian está inflexível. Eu o fuzilo com o olhar, e só então reparo que ele ainda está com a calça do pijama e a camiseta que usou para dormir.

— Você não vai trabalhar? — pergunto.

— Não.

Será que estou ficando maluca?

— Hoje é segunda-feira, não é?

Ele sorri.

— Da última vez que eu olhei, era.

Eu semicerro os olhos.

— Vai fugir do trabalho hoje?

— Não vou deixar você aqui sozinha para se meter em alguma enrascada. E a Dra. Singh disse que só daqui a uma semana você poderia voltar ao trabalho. Lembra?

Sento-me num banco ao lado dele e levanto a saia um pouco. A Sra. Jones coloca uma xícara de chá na minha frente.

— Você está com uma aparência boa — diz Christian. Cruzo as pernas. — Muito boa. Principalmente aqui. — Com o dedo, ele traça uma linha sobre a faixa de pele que aparece acima da minha meia. Minha pulsação acelera quando o sinto tocar minha pele. — Essa saia é muito curta — murmura ele, os olhos seguindo seu dedo, a voz denotando uma leve reprovação.

— É mesmo? Não tinha reparado.

Christian me fita com a boca retorcida num riso de irritação e divertimento ao mesmo tempo.

— Verdade, Sra. Grey?

Fico vermelha.

— Não sei se esse traje é adequado para o ambiente de trabalho — murmura ele.

— Bom, já que eu não vou trabalhar, isso é discutível.

— Discutível?

— Discutível. — Articula as sílabas em silêncio.

Ele sorri novamente e volta a comer sua omelete.

— Tenho uma ideia melhor.

— Você tem?

Ele me fita com os olhos semicerrados, seu olhar cinzento escurecendo. Eu inspiro com força. *Ah, meu Deus. Já não era sem tempo.*

— Podemos ir ver o que o Elliot está aprontando na reforma da casa.

O quê? Ah! Que sacanagem! Lembro vagamente que estávamos para fazer isso antes de Ray sofrer o acidente.

— Eu adoraria.

— Ótimo. — Ele ri.

— Você não tem que ir trabalhar?

— Não. Ros já voltou de Taiwan. Tudo correu bem. Hoje está tudo em seus devidos lugares.

— Pensei que *você* é que iria a Taiwan.

Ele emite um som rouco.

— Ana, você estava no hospital.

— Ah.

— Isso mesmo: ah. Então hoje eu vou aproveitar e passar um tempo com a minha esposa. — Ele estala os lábios após tomar um gole de café.

— Aproveitar... comigo? — Não consigo disfarçar a esperança na voz.

A Sra. Jones coloca os ovos mexidos na minha frente, novamente mal disfarçando o sorriso.

Christian sorri.

— Aproveitar com você — anui ele.

Estou com tanta fome que paro de flertar com o meu marido.

— É bom ver você comer — murmura ele. Então se levanta e se inclina para beijar minha cabeça. — Vou tomar um banho.

— Hmm... posso ir junto para esfregar as suas costas? — pergunto, com a boca cheia de torrada e ovos mexidos.

— Não. Coma.

Ao se afastar do balcão, Christian tira a camiseta, oferecendo-me uma bela visão de seus ombros esculpidos e de suas costas nuas enquanto sai tranquilamente do salão. Paro de mastigar por um instante. Ele está fazendo isso de propósito. *Por quê?*

* * *

CHRISTIAN ESTÁ RELAXADO na Drive North. Acabamos de deixar Ray e o Sr. Rodriguez assistindo a um jogo de futebol na nova televisão de tela plana que desconfio ter sido comprada por Christian para o quarto de Ray no hospital.

Christian tem andado mais calmo desde “a conversa”. É como se ele tivesse tirado um grande peso de cima dos próprios ombros. A sombra da Mrs. Robinson não está mais tão presente entre nós; talvez por eu ter decidido não me preocupar mais... ou então por ele ter decidido assim — não sei dizer. Eu agora me sinto mais próxima dele do que jamais me senti. Talvez porque ele finalmente confiou em mim. Espero que continue a confiar. Além disso, ele está aceitando melhor a vinda do bebê. Ainda não saiu para comprar um berço, mas tenho grandes expectativas.

Eu o contemplo, devorando-o com os olhos enquanto ele dirige. Ele tem o ar descontraído, tranquilo... e sensual, com o cabelo despenteado, óculos Ray-ban, paletó listrado, camisa de linho branco e calça jeans.

Ele me olha e aperta minha perna logo acima do joelho, seus dedos me acariciando delicadamente.

— Que bom que você não mudou de roupa.

Na verdade, eu vesti uma jaqueta jeans e troquei os sapatos por outros sem saltos, mas continuo de minissaia. Seus dedos descansam sobre meu joelho. Coloco a mão sobre a dele.

— Você vai continuar me provocando?

— Talvez. — Christian sorri.
— Por quê?
— Porque sim. — Ele alarga o sorriso, mais infantil do que nunca.
— Olhe que eu posso pagar na mesma moeda — murmuro.
Seus dedos se movem provocativamente por cima da minha coxa.
— Vá em frente, Sra. Grey. — Seu sorriso se amplia ainda mais.
Pego sua mão e a coloco de volta sobre seu joelho.
— Bom, segure essas mãos nervosas.
Ele ri.
— Como quiser, Sra. Grey.
Droga. Desse jeito, meu tiro vai sair pela culatra.

* * *

CHRISTIAN PARA NA entrada para carros da nossa casa nova. Ele estaciona junto ao teclado numérico e digita um número; os portões de ferro branco trabalhado se abrem. Subimos a alameda ladeada de árvores, sob uma cobertura de folhas mescladas de verde, amarelo e cobre. A grama alta da campina já está ficando com tons dourados, mas ainda há algumas flores silvestres amarelas pincelando a relva. O dia está bonito. O sol brilha no céu e o cheiro acre e salgado do canal se mistura com o aroma do outono vindouro no ar. É um lugar tranquilo. E pensar que vamos construir nosso lar aqui!

A alameda faz uma curva e adiante surge nossa casa. Estacionados na frente estão vários grandes caminhões com o logotipo da Grey Construction gravado nas laterais. A casa está coberta de andaimes, onde trabalham diversos operários com capacetes de obra.

Christian para o carro em frente ao pórtico e desliga o motor. Posso sentir seu entusiasmo.

— Vamos procurar o Elliot.
— Ele está aqui?
— Espero que sim. Pelo que ele está recebendo...

Solto um resmungo de desdém, e Christian ri ao sairmos do carro.

— E aí, mano! — grita Elliot de algum lugar desconhecido. Ambos olhamos em volta. — Aqui em cima! — Ele está no telhado, acenando para nós e sorrindo de orelha a orelha. — Já era hora de vocês darem uma passada por aqui. Fiquem aí mesmo. Estou descendo.

Dou uma olhada para Christian, que dá de ombros. Alguns minutos depois, Elliot aparece na porta da frente.

— E aí, mano. — Ele aperta a mão de Christian. — E como vai você, senhorinha? — Ele me levanta e me gira no ar.

— Melhor, obrigada. — Dou uma risadinha sem ar, minhas costelas protestando. Christian olha zangado para o irmão, mas Elliot o ignora.

— Vamos para o escritório. Vocês vão precisar disso aqui. — E dá tapinhas no capacete.

* * *

A CASA É APENAS o esqueleto. O piso está coberto com um material duro e fibroso que parece aniagem; algumas das paredes originais desapareceram, substituídas por outras. Elliot nos conduz pelo local, explicando o que está acontecendo, enquanto os operários — e algumas operárias — trabalham por toda parte ao nosso redor. Fico aliviada ao ver que a escada de pedra, com sua intrincada balaustrada de ferro, permanece no mesmo lugar, inteiramente coberta por capas de proteção brancas.

Na sala de estar principal, a parede dos fundos foi removida para dar lugar à parede de vidro proposta por Gia, e o terraço está começando a ser alterado. Apesar da bagunça, a vista ainda é estonteante. O novo visual da reforma é harmonioso, combinando com o charme antigo da casa... Gia fez um bom trabalho. Elliot explica pacientemente os passos da obra e nos dá uma estimativa de tempo para cada parte. Ele espera que possamos estar instalados até o Natal, embora Christian considere esse prazo excessivamente otimista.

Puxa vida — passar o Natal com vista para o Canal. Mal posso esperar. Uma onda de entusiasmo se forma dentro de mim. Vejo a nós dois enfeitando uma árvore enorme, enquanto um menininho de cabelo acobreado nos observa maravilhado.

Elliot termina a excursão pela cozinha.

— Vou deixar vocês dois livres para andar por aí. Cuidado. Estamos num canteiro de obras.

— Claro. Obrigado, Elliot — murmura Christian, pegando a minha mão. — Feliz? — ele me pergunta quando nos vemos sozinhos. Estou olhando para a estrutura do cômodo e imaginando onde vou pendurar os quadros de pimenta que compramos na França.

— Muito. Adorei. E você?

— Idem. — Ele sorri.

— Ótimo. Eu estava pensando nos quadros de pimenta aqui.

Christian aquiesce.

— Quero colocar nesta casa as suas fotos que o José tirou. Você tem que decidir onde.

Fico vermelha.

— Em algum lugar onde eu não precise vê-las sempre.

— Não fale assim — repreende-me ele, esfregando o polegar no meu lábio inferior. — São os meus quadros prediletos. Adoro o que está no meu escritório.

— Não sei por quê — murmuro, e beijo seu polegar.

— Tem coisas piores para se fazer do que ficar olhando o seu lindo rosto sorridente o dia inteiro. Está com fome?

— Fome de quê? — sussurro.

Ele dá um sorriso malicioso, seus olhos escurecendo. Desejo e esperança começam a correr em minhas veias.

— De comida, Sra. Grey. — E ele pousa um beijo suave na minha boca.

Faço cara de zangada e solto um suspiro.

— Estou. Ultimamente eu ando sempre com fome.

— Podemos fazer um piquenique, nós três.

— Nós três? Alguém mais está vindo?

Christian inclina a cabeça para o lado.

— Daqui a uns sete ou oito meses.

Ah... Pontinho. Abro um sorriso bobo para ele.

— Achei que você fosse gostar de comer ao ar livre.

— Na campina? — indago.

Ele faz que sim.

— Claro. — Sorrio.

— Este vai ser um excelente lugar para se criar uma família — murmura ele, me olhando.

Família! Mais de um? Será que me atrevo a mencionar isso agora?

Christian estende os dedos sobre a minha barriga. *Putá merda.* Prendo a respiração e coloco minha mão sobre a dele.

— É difícil de acreditar — sussurra ele, e pela primeira vez percebo fascinação em sua voz.

— Eu sei. Ah! Aqui. Tenho uma prova. Uma foto.

— Você tem? O primeiro sorriso do bebê?

Tiro da carteira a ultrassonografia do Pontinho.

— Está vendo?

Christian examina a imagem atentamente, olhando por vários segundos.

— Ah... Pontinho. Claro, estou vendo. — Ele parece distante, admirado.

— Seu filho — sussurro.

— Nosso filho — corrige-me ele.

— O primeiro de muitos.

— Muitos? — Ele arregala os olhos de susto.

— Pelo menos dois.

— Dois? — Ele pronuncia a palavra com cautela. — Não podemos pensar em uma criança de cada vez?

Eu sorrio.

— Claro.

Saímos novamente, voltando à quente tarde de outono.

— Quando você vai contar para os seus pais?

— Logo — murmuro. — Pensei em contar ao Ray hoje de manhã, mas o Sr. Rodriguez estava lá. — Dou de ombros.

Christian aquiesce e abre a capota do R8. Lá dentro há uma cesta de piquenique e a toalha xadrez que compramos em Londres.

— Venha — diz ele, segurando a cesta e a toalha com uma das mãos e estendendo a outra na minha direção. Juntos caminhamos até a campina.

* * *

— CLARO, ROS, pode providenciar.

Christian desliga. É o terceiro telefonema durante o nosso piquenique. Ele chutou para longe os sapatos e as meias e agora está me observando, os braços sobre os joelhos dobrados. Seu paletó está jogado sobre a minha jaqueta, por causa do sol quente. Estou deitada a seu lado, estirada na toalha de piquenique, nós dois rodeados pela grama alta verde e dourada, longe do barulho da casa e fora do alcance dos olhos curiosos dos operários. Estamos em nosso refúgio bucólico. Ele me dá na boca mais um morango, que eu mastigo com prazer, fitando seus olhos, que começam a escurecer.

— Gostoso? — sussurra ele.

— Muito.

— Saciada?

— De morangos, já.

Seus olhos reluzem perigosamente, e ele sorri com malícia.

— A Sra. Jones prepara um piquenique de primeira — diz.

— Ah, isso é — sussurro.

Subitamente mudando de posição, ele se deita de forma a descansar a cabeça na minha barriga. Fecha os olhos e parece satisfeito. Enfia os dedos no seu cabelo.

Ele solta um suspiro pesado, depois franze o rosto e verifica o número que aparece na tela do seu BlackBerry. Revirando os olhos, atende a ligação.

— Welch — fala rápido. Ele se enrijece, ouve por um ou dois segundos e de repente se ergue de um salto.

— Dia e noite... Obrigado — diz entre os dentes, e desliga.

A metamorfose em seu estado de espírito é instantânea. Adeus ao meu marido provocante e galanteador, que foi substituído por um frio e calculista mestre do universo. Ele estreita os olhos por um momento e depois me dirige um sorriso frio e assustador. Sinto um

calafrio na espinha. Christian pega o BlackBerry e pressiona um número de discagem rápida.

— Ros, quantas ações da Madeireira Lincoln nós temos? — Ele se ajoelha.

Meu couro cabeludo começa a pinicar. *Ah, não, o que é isso?*

— Então, incorpore as ações à GEH e demita a diretoria... menos o CEO... Não me interessa... Já ouvi você, agora faça o que estou mandando... Obrigado... Mantenha-me informado. — Ele desliga e me olha impassível por um instante.

Puta merda! Christian está furioso.

— O que aconteceu?

— Linc — murmura ele.

— Linc? O ex da Elena?

— Ele mesmo. Foi ele quem pagou a fiança do Hyde.

Olho para ele boquiaberta; estou chocada. Ele pressiona com força os lábios.

— Bom... ele vai parecer um idiota — murmuro, abismada. — Afinal, o Hyde cometeu outro crime depois que foi solto.

Os olhos de Christian se estreitam, e ele sorri.

— Muito bem colocado, Sra. Grey.

— O que você acabou de fazer? — Eu me ajoelho, encarando-o.

— Acabei de foder com ele.

Ah!

— Hmm... isso parece um pouco impulsivo — murmuro.

— Sou um cara que age na empolgação do momento.

— Sei bem disso.

Seus olhos se estreitam e seus lábios se apertam.

— Eu tinha esse plano na manga já faz algum tempo — diz ele secamente.

Franzo a testa.

— É?

Ele faz uma pausa, parecendo pesar algo mentalmente, e depois respira fundo.

— Um tempo atrás, quando eu tinha vinte e um anos, Linc encheu a mulher de porrada. Quebrou o maxilar dela, o braço esquerdo e quatro costelas, porque ela estava transando comigo. — Seus olhos endurecem. — E agora eu descobri que ele pagou a

fiança de um homem que tentou me matar, sequestrou a minha irmã e fraturou o crânio da minha esposa. Já chega. Acho que é hora de dar o troco.

Fico lívida. *Putá merda.*

— Muito bem colocado, Sr. Grey — sussurro.

— Ana, é assim que eu ajo. Normalmente não sou vingativo, mas não posso deixar o Linc se safar dessa vez. O que ele fez com a Elena... Bom, ela devia ter dado queixa, mas não. Preferiu assim.

Ele continua: Mas ele realmente ultrapassou todos os limites com o Hyde. O Linc tornou tudo isso pessoal quando começou a perseguir a minha família. Vou acabar com ele, fazer a sua empresa quebrar bem debaixo do nariz dele e vender as partes para quem der a maior oferta. Vou fazer com que ele peça falência.

Puxa...

— Além disso — Christian ri afetadamente —, vamos faturar um bom dinheiro com o negócio.

Os olhos que eu encaro são cinzentos e estão em chamas, mas subitamente se suavizam.

— Eu não queria assustar você — sussurra ele.

— Você não me assustou — minto.

Ele levanta uma sobrancelha, achando graça.

— Você só me pegou de surpresa — murmuro, e depois engulo em seco. Christian às vezes é bem assustador.

Ele roça os lábios nos meus.

— Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para manter você segura. Para manter a minha família segura. Para deixar este menininho em segurança — murmura ele, e estende a mão sobre a minha barriga, acariciando delicadamente.

Ah... Minha respiração fica suspensa. Christian me encara, os olhos escurecendo. Seus lábios se abrem quando ele inspira e, em um movimento deliberado, as pontas dos seus dedos roçam meu sexo.

Putá merda. O desejo detona como um dispositivo incendiário, ardendo nas minhas veias. Agarro sua cabeça, meus dedos se enfiando no seu cabelo, e o puxo forte até minha boca encontrar a dele. Ele leva um susto, surpreso com meu ataque, e dá livre acesso à minha língua dentro de sua boca. Ele geme e retribui meu

beijo, seus lábios e sua língua famintos pelos meus, e durante um instante nós consumimos um ao outro, perdidos em línguas, lábios e respirações e a sensação mais do que doce de redescobrir um ao outro.

Ah, eu quero esse homem. Já faz muito tempo. E o quero aqui, agora, ao ar livre, na nossa campina.

— Ana — fala ele, sem fôlego, em êxtase, e sua mão desliza pela lateral do meu corpo até a bainha da minha saia. Eu me contorço para desabotoar a camisa dele, e sou só dedos e polegares. — Uau, Ana... pare. — Ele se afasta, o maxilar contraído, e agarra as minhas mãos.

— Não. — Meus dentes prendem seu lábio inferior, e eu puxo. — Não — murmuro novamente, encarando-o. Eu o solto. — Quero você.

Ele inspira profundamente. Está dividido, a indecisão estampada em seus luminosos olhos cinzentos.

— Por favor, eu preciso de você. — Todos os poros do meu ser suplicam. *É isso o que fazemos.*

Ele geme, capitulando, e sua boca encontra a minha, moldando meus lábios junto aos seus. Uma das mãos agarra a minha cabeça enquanto a outra desliza pelo meu corpo até a minha cintura, e cuidadosamente ele me faz deitar de costas e se deita também, ao meu lado, sem jamais desfazer o contato com a minha boca.

Ele se afasta e ergue o torso, olhando-me fixamente de cima.

— Você é tão linda, Sra. Grey.

Acaricio seu lindo rosto.

— Você também, Sr. Grey. Por dentro e por fora.

Ele franze o cenho, e meus dedos traçam uma linha nas rugas formadas em sua testa.

— Não faça essa cara. Para mim, você é lindo sim, mesmo quando está zangado — sussurro.

Ele geme mais uma vez, e sua boca se prende à minha, empurrando-me para o gramado macio por baixo da toalha.

— Senti sua falta — murmura ele, e seus dentes arranham de leve o meu queixo. Meu coração dispara.

— Também senti sua falta. Ah, Christian.

Seguro seu cabelo com força, e com a outra mão aperto seu ombro.

Seus lábios descem até o meu pescoço, deixando beijos doces no caminho, e seus dedos também agem, desabotoando minha blusa com destreza, de cima a baixo. Abrindo-a com aidez, Christian beija a curva macia dos meus seios. Ele solta murmúrios de apreciação, sons baixos e guturais, que ecoam dentro do meu corpo até os locais mais íntimos e profundos.

— Seu corpo está mudando — sussurra ele. Seu polegar brinca com o meu mamilo até torná-lo ereto, duro contra o sutiã. — Gostei — acrescenta.

Observo sua língua contornar a linha do sutiã, saboreando a pele dos meus seios, provocando-me. Agarrando o bojo do meu sutiã delicadamente com os dentes, ele o abaixa, liberando meu seio. No processo, seu nariz roça meu mamilo, que se contrai com o toque e o frescor da suave brisa de outono. Seus lábios se fecham em volta do bico do meu seio; Christian chupa demorada e intensamente.

— Ah! — gemo, inspirando com força, e depois estremeço, pois a dor se irradia para além das minhas costelas machucadas.

— Ana! — exclama Christian, e me fita com censura e preocupação. — Era disso que eu estava falando — adverte. — Sua falta de instinto de autopreservação. Não quero machucar você.

— Não... não pare — choramingo. Ele me encara, travando uma batalha consigo mesmo. — Por favor.

— Aqui.

Subitamente ele muda de posição, fazendo-me montar nele, minha minissaia agora enrolada ao redor do meu quadril. Suas mãos deslizam para as minhas coxas, até encontrar minhas meias.

— Pronto. Assim está melhor, e eu ainda posso apreciar a vista.

Ele enfia o indicador no outro bojo do sutiã, liberando também meu outro seio. Então agarra os dois, e joga a cabeça para trás, empurrando-os para suas mãos habilidosas e convidativas. Ele me provoca, puxando e girando meus mamilos até eu gritar, e depois se senta para ficarmos com os narizes colados, seus olhos gulosos pregados nos meus. Ele me beija, seus dedos ainda me provocando. Eu agarro sua camisa e abro os dois primeiros botões,

e isso funciona como uma sobrecarga de sensações: quero beijá-lo em todas as partes, despi-lo, fazer amor com ele agora mesmo.

— Ei... — Ele segura minha cabeça delicadamente e a puxa para trás, seus olhos escuros cheios de promessas sensuais. — Não temos pressa. Vá devagar. Quero saborear você.

— Christian, faz tanto tempo... — Estou ofegante.

— Devagar — sussurra ele, e é uma ordem. Ele beija o canto direito da minha boca. — Devagar. — Agora o esquerdo. — Sem pressa, baby. — Puxa meu lábio inferior com os dentes. — Vamos bem devagar. — Enfia os dedos no meu cabelo, mantendo-me imóvel quando sua língua invade minha boca, buscando, provando, acalmando... inflamando. Ah, meu homem sabe beijar.

Acaricio seu rosto, depois levo as mãos hesitantemente para seu queixo e seu pescoço, e então recomeço a desabotoar sua camisa, lentamente, enquanto ele continua me beijando. Abro sua camisa devagar, passando os dedos pelas suas clavículas, sentindo sua pele quente e sedosa. Empurro-o delicadamente de costas, até que fique deitado por baixo de mim. Estou sentada sobre ele e o encaro, ciente de que estou me contorcendo sobre sua ereção cada vez maior. *Hmm*. Com os dedos, desenho uma linha imaginária dos seus lábios até o queixo, depois até o pescoço, passando pelo pomo de adão, até chegar à pequenina cavidade na base da garganta. *Meu homem lindo*. Então me abaixo, e deposito beijos no mesmo caminho traçado pelos meus dedos. Agarro seu queixo com os dentes e beijo seu pescoço. Ele fecha os olhos.

— Ah.

Christian geme e joga a cabeça para trás, dando-me acesso mais livre para a base do seu pescoço, a boca relaxada e aberta em silenciosa veneração. O Sr. Grey entregue e excitado é uma visão tão estimulante... e me deixa excitada também.

Com a língua, traço uma trilha pelo esterno dele, enrolando os pelos do seu peito. *Hmm*. Que gosto bom. Que cheiro bom. Inebriante. Beijo duas das suas pequenas cicatrizes redondas, uma de cada vez, e quando ele me agarra pelo quadril, deixo meus dedos sobre seu tórax e o encaro. Sua respiração está ofegante.

— Você quer isso? Aqui? — pergunta ele, quase sem ar, os olhos encobertos por uma extasiante combinação de amor e luxúria.

— Quero — murmuro, e meus lábios e minha língua descem pelo seu peito até o mamilo. Puxo e giro delicadamente com os dentes.

— Ah, Ana — murmura ele, e, passando os braços pela minha cintura, me levanta, abrindo o botão e o zíper da calça e libertando sua ereção.

Ele me acomoda novamente, e eu me empurro contra ele, deliciada com a sensação de tê-lo quente e duro por baixo de mim. Ele desliza as mãos pelas minhas coxas, parando no ponto onde a meia se encontra com a pele, as mãos desenhando círculos pequenos e provocantes no alto das minhas coxas de modo a que as pontas dos seus polegares me tocam... me tocam onde quero ser tocada. Minha respiração fica arfante.

— Espero que você não seja apegada a essa calcinha — murmura ele, os olhos selvagens e brilhantes.

Seus dedos seguem o elástico na altura da minha barriga e depois deslizam para dentro, provocando-me, antes de agarrar minha calcinha com força e enfiar os polegares pelo tecido fino. A peça se rasga. Suas mãos se abrem sobre minhas coxas e seus polegares roçam no meu sexo uma vez mais. Ele flexiona o quadril, esfregando sua ereção em mim.

— Estou sentindo que você está bem molhada. — Sua voz está tingida de satisfação lasciva. De repente ele se senta, o braço em torno da minha cintura, e ficamos com os narizes colados. Ele esfrega o nariz no meu. — Vamos fazer isso devagar, Sra. Grey. Quero sentir você toda.

Ele me levanta e, em um ritmo lento, delicado e até frustrante, me abaixa sobre si. Sinto cada centímetro dele entrar em mim.

— Ah...

Gemo palavras incoerentes e agarro seus braços. Tento me levantar para provocar uma fricção agradável, mas ele me mantém no lugar.

— Todo dentro de você — murmura ele, e inclina a pélvis, metendo em mim até o fundo. Jogo a cabeça para trás e solto um grito abafado de puro prazer. — Quero ouvir você — pede. — Não... não se mexa, apenas sinta.

Abro os olhos, minha boca congelada em um silencioso *Ah!*. Ele está me encarando, os olhos cinzentos nublados e libidinosos fitando diretamente os meus, de um azul deslumbrado. Ele se mexe, girando o quadril, mas me mantém no lugar.

Solto um gemido. Seus lábios estão grudados no meu pescoço, me beijando.

— Esse é o meu lugar preferido. Enterrado em você — sussurra ele.

— Por favor, eu quero movimento — imploro.

— Devagar, Sra. Grey. — Ele flexiona os quadris novamente e o prazer atravessa todo o meu corpo. Prendo seu rosto entre as mãos e o beijo, consumindo-o.

— Faça amor comigo. Por favor, Christian.

Seus dentes deslizam do meu queixo até a orelha.

— Comece — sussurra ele, e me levanta, para cima e para baixo.

Minha deusa interior se vê solta, e eu o empurro de encontro ao solo e começo a me mover, saboreando a sensação de tê-lo dentro de mim... montando nele... montando nele de verdade. Com as mãos ao redor da minha cintura, ele entra no meu ritmo. Como eu senti falta disso... a inebriante sensação de tê-lo por baixo de mim, dentro de mim... o sol batendo nas minhas costas, o doce aroma do outono no ar, a brisa suave. É uma mescla embriagante de sentidos: tato, paladar, olfato e a visão de meu amado marido debaixo de mim.

— Ah, Ana — geme ele, os olhos fechados, a cabeça para trás, a boca aberta.

Ah... Eu adoro isso. E por dentro eu me aproximo... chegando lá... cada vez... mais. As mãos de Christian se movem para as minhas coxas e seus polegares delicadamente pressionam-nas no alto, e eu sinto uma explosão em volta dele... e outra... e outra... e outra, e desmorono, esparramando-me sobre seu peito quando ele, por sua vez, grita, aliviando-se e chamando o meu nome com amor e satisfação.

ELE ME ACARICIA contra o peito, aconchegando minha cabeça. *Hmm*. Fecho os olhos e saboreio o prazer de ter seus braços ao redor do meu corpo. Minha mão descansa sobre seu peito, sentindo a batida regular do seu coração, que vai reduzindo o ritmo e acalmando. Eu o beijo e me aninho nele, e fico maravilhada porque há um tempo nem tão longínquo assim, ele não me deixava fazer isso.

— Está melhor? — pergunta ele. Levanto a cabeça. Ele está sorrindo largamente.

— Muito melhor. E você? — Meu sorriso é tão grande quanto o dele.

— Senti saudades suas, Sra. Grey. — Ele fica sério por um instante.

— Eu também.

— Nada de heroísmo agora, viu?

— Tudo bem — prometo.

— Fale sempre comigo — murmura.

— O mesmo para você, Grey.

Ele ri.

— Muito bem colocado. Vou tentar. — Ele beija minha cabeça.

— Acho que vamos ser felizes aqui — sussurro, fechando os olhos novamente.

— Aham. Você, eu e... o Pontinho. Aliás, como se sente?

— Bem. Relaxada. Feliz.

— Ótimo.

— E você?

— Todas essas coisas — murmura ele.

Eu o fito, tentando avaliar sua expressão.

— O que foi? — indaga ele.

— Sabe, você é muito mandão durante o sexo.

— Está reclamando?

— Não, só estava pensando... você disse que sentia falta.

Ele fica imóvel, me fitando.

— Às vezes — sussurra ele.

Ah.

— Bom, vamos ter que ver o que podemos fazer com relação a isso — murmuro, e beijo-o de leve na boca, aninhando-me nele como uma trepadeira.

Imagens de nós dois juntos, no quarto de jogos; o Tallis, a mesa, a cruz, algemada na cama... Eu adoro a trepada sacana dele — *nossa* trepada sacana. Sim, eu posso fazer esse tipo de coisa. Posso fazer isso por ele, com ele. *Posso fazer isso por mim*. Minha pele formiga quando me lembro do chicote de montaria.

— Eu também gosto de jogar — murmuro, e, olhando para cima, recebo um sorriso tímido em retribuição.

— Você sabe, eu realmente gostaria de testar os seus limites — diz ele.

— Limites de quê?

— De prazer.

— Ah, acho que eu vou gostar disso.

— Bom, quem sabe quando voltarmos para casa? — sussurra ele, deixando a promessa suspensa no ar.

E me aconchego nele novamente. Eu o amo tanto.

—

Já se passaram dois dias desde o nosso piquenique. Dois dias desde a promessa de *bom, quem sabe quando voltarmos para casa*. Christian ainda está me tratando como se eu fosse quebrar a qualquer instante. Ele ainda não me deixa ir à editora, então tenho trabalhado de casa. Sentada a minha mesa, coloco de lado a pilha de cartas de propostas de livros que estou lendo e solto um suspiro. Christian e eu não voltamos ao quarto de jogos desde que eu usei a palavra de segurança. E ele disse que sente falta. Pois eu também... ainda mais agora que ele quer explorar meus limites. Fico ruborizada, pensando a que isso poderia levar. Olho para a mesa de sinuca... É sério, mal posso esperar para explorar meus limites.

Meus pensamentos são interrompidos por um som lírico e suave que enche o apartamento. Christian está tocando piano; não um de seus costumeiros lamentos, mas uma melodia doce, uma melodia carregada de esperanças — que reconheço, mas que nunca o tinha ouvido tocar.

Na ponta dos pés, me aproximo do arco da sala e fico observando Christian ao piano. É a hora do entardecer. O céu está colorido com um tom forte de cor-de-rosa, e a luz se reflete no seu

cabelo cor de cobre. Ele está como sempre, lindo de tirar o fôlego, e se concentra na música, sem se dar conta da minha presença. Christian tem andado tão acessível nos últimos dias, tão atencioso... oferecendo pequenas doses do seu dia, dos seus pensamentos, dos seus planos. É como se tivesse sido aberta uma fenda em uma barragem e ele começasse a falar.

Sei que daqui a poucos minutos ele virá ver como estou, o que me dá uma ideia. Animada, saio às escondidas, na esperança de que ele ainda não tenha me visto, e corro para o nosso quarto, tirando a roupa no caminho, até estar apenas com a minha calcinha de renda azul-clara. Encontro uma blusinha da mesma cor e a visto rapidamente. Vai esconder meu hematoma. Procurando no closet, pego na gaveta o jeans surrado de Christian — a calça que ele usa no quarto de jogos; a minha predileta. Pego o BlackBerry na minha mesa de cabeceira, dobro a calça jeans cuidadosamente e me ajoelho perto da porta do quarto, que, entreaberta, me permite ouvir os acordes de outra peça musical — essa eu não conheço. Mas também é uma melodia alegre; e é linda. Rapidamente digito um e-mail.

De: Anastasia Grey
Assunto: O prazer do meu marido
Data: 21 de setembro de 2011 20:45
Para: Christian Grey

Senhor,

Aguardo instruções.

Sempre sua,

Sra. G.

Pressiono “enviar”.

Alguns momentos depois, a música é interrompida bruscamente. Meu coração parece parar, e depois dispara. Fico esperando, até que finalmente ouço o apitar do BlackBerry.

De: Christian Grey

Assunto: O prazer do meu marido <——— adorei o assunto, querida

Data: 21 de setembro de 2011 20:48

Para: Anastasia Grey

Sra. G.,

Fiquei intrigado. Estou indo atrás de você.

Prepare-se.

Christian Grey

CEO Ansioso, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Prepare-se! Meu coração acelera e eu começo a contar. Trinta e sete segundos depois, a porta se abre. Olho para seus pés descalços que pararam na soleira da porta. *Hmm*. Ele não diz nada. Uma eternidade sem dizer nada. *Ah, merda*. Resisto à tentação de erguer o olhar e mantenho os olhos baixos.

Finalmente, ele se abaixa e pega a calça jeans. Fica em silêncio, mas se dirige ao closet enquanto permaneço parada. *Ah, meu Deus... é agora*. Meu coração golpeia meu peito, e saboreio a onda de adrenalina que percorre meu corpo. Começo a me contorcer à medida que meu entusiasmo aumenta. O que ele vai fazer comigo? Alguns minutos depois ele está de volta, de calça jeans.

— Então você quer brincar? — murmura ele.

— Sim.

Ele não diz nada, e arrisco uma espiada rápida... na sua calça jeans, nas coxas cobertas pelo tecido grosso, na suave protuberância na braguilha, no botão aberto na cintura, nos pelos do baixo ventre, no umbigo, no abdômen definido, nos pelos do peito, nos olhos cinzentos em chamas e na cabeça inclinada para o lado. Ele levanta uma sobrancelha. *Ah, merda*.

— Só “sim”? — sussurra ele.

Ah.

— Sim, senhor.

Seus olhos se suavizam.

— Boa menina — murmura ele, e acaricia minha cabeça. — Acho que é melhor levar você lá para cima — acrescenta.

E eu me desfaço por dentro, meu ventre se contraindo de uma maneira deliciosa.

Ele pega minha mão e eu o sigo pelo apartamento, escada acima. Antes de entrar no quarto de jogos, ele para, se curva e me beija delicadamente, e então agarra meu cabelo com força.

— Sabe, na verdade é você quem está no comando — murmura ele, os lábios colados nos meus.

— O quê? — Não entendo o que ele quer dizer.

— Não importa. Posso viver com isso — sussurra ele, achando graça, e roça o nariz no meu queixo, beijando minha orelha delicadamente. — Quando entrarmos, ajoelhe-se, como eu lhe ensinei.

— Sim... senhor.

Ele me fita novamente, os olhos brilhando de amor, admiração e pensamentos pecaminosos.

Puxa... A vida nunca será monótona com Christian, e eu entrei nessa de vez. Amo este homem: meu marido, meu amante, pai do meu filho, meu Dominador ocasional... meu Cinquenta Tons.

EPÍLOGO

Casa Grande, maio de 2014

Estou deitada na nossa toalha xadrez de piquenique e olho para o céu claro e azul do verão, minha visão emoldurada por flores silvestres e pela grama verde alta. O calor do sol da tarde de verão aquece minha pele, meus ossos e minha barriga, e eu relaxo, meu corpo virando gelatina. É uma sensação agradável. Nossa, não... na verdade, é maravilhosa. Saboreio o momento, um momento de paz, de satisfação pura e absoluta. Eu deveria me sentir culpada por essa alegria, essa plenitude, mas não me sinto. A vida agora está boa, e eu aprendi a apreciá-la e a viver o presente, como o meu marido. Abro um sorriso e me contorço quando minha mente rememora a deliciosa lembrança da nossa última noite no Escala...

—

As tiras do açoite deslizam sobre minha barriga protuberante em um ritmo lânguido e ansioso.

— Você já não teve o suficiente, Ana? — sussurra Christian no meu ouvido.

— Ah, por favor — suplico, puxando as amarras acima da minha cabeça. Estou de pé com uma venda nos olhos e presa à grade do quarto de jogos.

A doce corda do açoite belisca minha bunda.

— Por favor o quê?

Solto uma exclamação.

— Por favor, senhor.

Christian toca minha pele ardida e esfrega delicadamente.

— Pronto. Pronto. — Suas palavras são suaves. Sua mão desce e desenha círculos, e seus dedos deslizam para dentro de mim.

Solto um gemido.

— Sra. Grey — sussurra ele, e seus dentes puxam o lóbulo da minha orelha —, você está tão molhada...

Seus dedos entram e saem com facilidade, atingindo novamente aquele ponto mágico, aquele ponto doce e mágico. O açoite cai ruidosamente no chão, e a mão de Christian acaricia minha barriga, indo até os meus seios. Eu me reteso — eles estão extremamente sensíveis.

— Shh — diz Christian, pegando um deles inteiro na mão e, com o polegar, esfregando suavemente o meu mamilo.

— Ah...

Seus dedos são suaves e tentadores, e o prazer se espirala dos meus seios para baixo, mais baixo, mais baixo... Inclino a cabeça para trás, empurrando o mamilo contra sua palma, e solto mais um gemido.

— Eu gosto de ouvir você — sussurra Christian. A ereção dele esbarra no meu quadril, os botões da calça fazendo pressão em minha pele enquanto seus dedos continuam seu ataque inflexível: dentro, fora, dentro, fora... mantendo o ritmo. — Quer que eu faça você gozar assim?

— Não.

Seus dedos interrompem o movimento dentro de mim.

— Mesmo? E isso depende de você? — Seus dedos apertam o meu mamilo.

— Não... Não, senhor.

— Assim está melhor.

— Ah, por favor — imploro.

— O que você quer, Anastasia?

— Você. Sempre.

Ele inspira com força.

— Você todo — acrescento, sem ar.

Ele retira os dedos de dentro de mim, me gira de modo a fitá-lo e tira a venda. Pisco várias vezes e encontro olhos cinzentos que escurecem cada vez mais e queimam ao me olhar. Os dedos indicadores de Christian fazem um desenho em torno do meu lábio

inferior e ele enfia o indicador e o médio na minha boca, me fazendo provar do gosto forte e salgado da minha excitação.

— Chupe — murmura ele. Passo a língua ao redor e entre os seus dedos.

Hmm... até eu tenho um gosto bom nos dedos dele.

Suas mãos deslizam pelos meus braços até alcançarem as algemas, acima da minha cabeça, e ele as abre, soltando-me. Ele me faz girar, colocando-me de frente para a parede, e me puxa pela trança para os seus braços. Então inclina minha cabeça para o lado e roça os lábios pelo meu pescoço até a minha orelha, mantendo-me colada em seu corpo.

— Eu quero dentro da sua boca. — Sua voz é suave e sedutora. Meu corpo, já pronto, se contrai bem lá no fundo. O prazer é doce e intenso.

Solto um gemido. Virando-me para encará-lo, puxo sua cabeça para mim e beijo-o com força, minha língua invadindo sua boca, saboreando-o, apreciando-o. Ele geme, pega na minha bunda e me puxa contra si, mas apenas o meu ventre grávido o toca. Mordo seu queixo e desenho uma trilha de beijos pelo seu pescoço, levando os dedos para sua calça jeans. Ele inclina a cabeça para trás, expondo o pescoço ainda mais; eu passo a língua, descendo até seu peito e lambendo os pelos do seu tórax.

— Ah.

Puxo o cós da sua calça, fazendo os botões se abrirem, e ele agarra meus ombros quando caio de joelhos à sua frente.

Ergo o rosto, encarando-o através dos cílios e sentindo seu olhar sobre mim. Seus olhos estão escuros, a boca entreaberta, e ele inspira profundamente quando o liberto e capturo com a boca. Adoro fazer isso com Christian. Vê-lo perder o controle, ouvir sua respiração entrecortada e os suaves gemidos que lhe saem da garganta. Fecho os olhos e chupo com força, engolindo-o todo, saboreando seu gosto, deliciando-me em ouvi-lo ofegante.

Ele agarra minha cabeça, deixando-me imóvel, e eu cubro os dentes com os lábios e o empurro mais para dentro da minha boca.

— Abra os olhos e olhe para mim — ordena ele em voz baixa.

Olhos ardentes encontram os meus, e ele flexiona os quadris, preenchendo minha boca até o fundo da garganta e depois tirando

rapidamente. Ele enfia de novo e eu tento agarrá-lo. Ele interrompe o movimento e me faz ficar parada.

— Não toque, ou vou algemar você de novo. Só quero a sua boca — fala ele, em tom gutural.

Puxa vida. *Vai ser assim?* Coloco as mãos para trás e o encaro inocentemente, com a boca cheia.

— Boa menina — diz ele, rindo para mim, a voz rouca. Ele se retrai e, me prendendo suave mas firmemente, mete de novo em mim. — Você tem uma boca tão boa de comer, Sra. Grey.

Ele fecha os olhos e penetra a minha boca, e eu o aperto entre meus lábios, passando a língua por cima e em volta dele. Eu o tomo mais fundo e retiro, vezes e mais vezes, repetidamente, ouvindo o ar sibilar entre seus dentes.

— Ah! Pare — diz ele, e se afasta, me deixando com mais vontade.

Christian agarra meus ombros e me suspende para que eu fique em pé. Puxando minha trança, me dá um beijo intenso, sua língua persistente, gulosa e generosa ao mesmo tempo. De repente ele me solta e, antes que eu me dê conta, me pega no colo e me leva até a cama com dossel. Delicadamente me deita no colchão, de forma que a minha bunda fique na beirada.

— Abrace minha cintura com as pernas — ordena.

Faço isso, e o puxo na minha direção. Ele se abaixa, as mãos uma de cada lado da minha cabeça, e, ainda de pé, me penetra bem devagar.

Ah, como isso é bom. Fecho os olhos e me deleito em ser possuída lentamente.

— Tudo bem? — pergunta ele, num tom de evidente preocupação.

— Ah, meu Deus, Christian. Tudo bem. Tudo bem. Por favor.

Aperto as pernas em volta dele e me empurro contra seu corpo. Ele solta um ruído rouco. Eu me agarro em seus braços, e ele flexiona os quadris, no início devagar, dentro, fora.

— Christian, por favor. Mais forte: eu não vou quebrar.

Ele geme e começa a se mexer, mexer mesmo, forçando a penetração repetidamente. Ah, é uma sensação celestial.

— Isso — exclamo, ofegante, apertando-o ainda mais, quando começo a gozar...

Ele geme, movimentando-se dentro de mim com determinação renovada... e eu estou quase. *Ah, por favor. Não pare.*

— Goze, Ana — ruge ele entre os dentes, e eu me deixo explodir em volta dele, meu orgasmo indo e vindo, indo e vindo. Grito seu nome e Christian fica imóvel, gemendo bem alto, no momento em que ele próprio atinge o clímax dentro de mim. — Ana! — grita.

* * *

CHRISTIAN ESTÁ DEITADO ao meu lado, a mão acariciando minha barriga, os compridos dedos bem abertos.

— Como está a minha filha?

— Ela está dançando. — Sorrio.

— Dançando? Ah, sim! Uau. Estou sentindo. — Ele ri quando o Pontinho Número Dois dá um salto dentro de mim.

— Acho que ela já gosta de sexo.

Christian franze o cenho.

— Sério? — diz ele secamente. E aproxima o rosto da minha barriga redonda. — Nada disso até completar trinta anos, hein, mocinha?

Dou uma risada.

— Ah, Christian, você é tão hipócrita.

— Não, sou só um pai preocupado. — Ele me olha, a testa franzida, traindo sua ansiedade.

— Você é um pai maravilhoso, exatamente como eu previa. — Acaricio seu lindo rosto, e ele abre seu sorriso tímido.

— Gosto disso — murmura ele, afagando e depois beijando minha barriga. — Mais uma igual a você.

Faço cara feia.

— Não quero outra igual a mim.

— É maravilhoso quando você goza.

— Christian!

— E eu estou doido para sentir o gosto de leite no seu peito de novo.

— Christian! Você é tão sacana...

Ele me ataca subitamente, beijando-me com força, jogando a perna sobre a minha e prendendo minhas mãos acima da minha cabeça.

— Você adora uma trepada sacana — sussurra ele, e esfrega o nariz de leve no meu.

Eu rio, retribuindo seu sorriso cheio de malícia e contagioso.

— É, eu adoro uma trepada sacana. E eu adoro você. Demais.

—

Desperto com um sobressalto. Fui acordada por um gritinho agudo de alegria do meu filho, e mesmo sem vê-lo ou a Christian, sorrio como uma boba, de puro prazer. Ted acordou do seu cochilo e agora está brincando com o pai aqui por perto. Fico deitada quieta, ainda admirada com a habilidade de Christian para brincadeiras. Sua paciência com Teddy é extraordinária — muito mais do que comigo. Dou uma fungada de puro despeito. Na verdade, porém, é assim que deve ser. E o meu lindo garotinho, tão querido pelos seus pais, não conhece o medo. Christian, por outro lado, ainda é superprotetor — tanto comigo quanto com nosso filho. Meu doce, instável e controlador Cinquenta Tons.

— Vamos procurar a mamãe. Ela está em algum lugar aqui da campina.

Ted diz alguma coisa que não consigo ouvir, e Christian ri à vontade, feliz. É um som mágico, cheio de alegria paterna. Não consigo resistir. Com esforço, me levanto sobre os cotovelos para espia-los daqui do meu esconderijo em meio à grama alta.

Christian está balançando Ted, girando e girando, fazendo-o dar mais gritinhos de alegria. Ele para, o lança alto no ar — prendo a respiração —, para então agarrá-lo. Ted dá um gritinho de despreocupação infantil, e eu respiro aliviada. Ah, meu homenzinho, meu querido homenzinho, não para nunca.

— De novo, papai! — grita ele.

Christian repete a brincadeira, e meu coração vai na garganta quando ele joga novamente o menino e o agarra no ar, apertando-o em seus braços. Christian beija o cabelo cor de cobre de Ted e depois sua bochecha; e então começa a fazer cócegas sem

piedade. Teddy urra de tanto gargalhar, se contorcendo e empurrando o peito de Christian, tentando se soltar dos braços do pai. Rindo, Christian o coloca no chão.

— Vamos encontrar a mamãe. Ela está escondida na grama.

Ted fica radiante, adorando a brincadeira, e começa a procurar pela campina. Pegando a mão de Christian, ele aponta para um lugar onde não estou, me fazendo dar risadinhas. Volto a me deitar rapidamente, entrando na brincadeira.

— Ted, eu ouvi a mamãe. Você ouviu?

— Mamãe!

Dou uma risada, mal podendo acreditar no tom autoritário de Ted. Minha nossa... ele parece tanto com o pai e só tem dois anos.

— Teddy! — grito de volta, olhando para o céu com um sorriso ridículo no rosto.

— Mamãe!

Logo ouço os passos dos dois correndo pela campina, e primeiro Ted depois Christian irrompem pela grama alta.

— Mamãe! — exclama Ted com um grito agudo, como se tivesse encontrado o tesouro perdido de Sierra Madre, e pula em cima de mim.

— Oi, meu querido!

Eu o aninho em meus braços e beijo sua bochecha. Ele dá uma risada e retribui meu beijo, depois tenta se soltar.

— Olá, mamãe. — Christian sorri para mim.

— Olá, papai.

Sorrio de volta, enquanto ele pega Ted e se senta ao meu lado com nosso filho no colo.

— Mais carinho com a mamãe — ele repreende Ted.

Eu rio — a duplicidade da frase não me passou despercebida. Christian tira do bolso o BlackBerry e o empresta a Ted, o que provavelmente vai nos dar uns cinco minutos de paz, no máximo. Teddy examina o aparelho com as pequenas sobranceiras enrugadas. Ele parece muito sério, os olhos azuis concentrados, assim como o pai quando lê e-mails. Christian afaga o cabelo de Ted, e meu coração se entenece ao vê-los juntos. Meus amores: meu filho sentado quieto — pelo menos por alguns minutos — no colo do meu marido. Meus dois homens prediletos no mundo todo.

Obviamente, Ted é a criança mais linda e talentosa do planeta, mas como sou a mãe dele pensaria assim de qualquer forma. E Christian é... bem, Christian é ele mesmo. Com uma camiseta branca e calça jeans, está sensual como sempre. O que eu fiz para merecer esse enorme prêmio?

— Você está com uma cara boa, Sra. Grey.

— Você também, Sr. Grey.

— A mamãe não está bonita? — sussurra Christian no ouvido do filho. Ted o empurra, mais interessado no BlackBerry do pai.

Dou uma risada.

— Você não consegue enrolar o Ted.

— Eu sei. — Christian ri e beija o cabelo do filho. — Nem acredito que ele vai fazer dois anos amanhã — diz em tom melancólico. Depois, aproxima-se de mim e coloca a mão aberta sobre a minha barriga protuberante. — Vamos ter uma porção de filhos.

— Pelo menos mais um. — Abro um sorriso, e ele acaricia minha barriga.

— Como está a minha filha?

— Está bem. Dormindo, eu acho.

— Olá, Sr. Grey. Olá, Ana.

Nós dois nos viramos para ver Sophie, a filha de dez anos de Taylor, surgir em meio à grama alta.

— Sofííí — grita Ted, feliz ao reconhecer a menina. Com certo esforço, ele sai do colo do pai e deixa o BlackBerry de lado.

— Ganhei uns picolés da Gail — diz Sophie. — Posso dar um para o Ted?

— É claro — respondo. Ai, meu Deus, vai ser uma bagunça.

— Colé! — Ted estende as mãozinhas, e Sophie dá um para ele. Já está até pingando.

— Venha aqui, deixe a mamãe ver.

Eu me sento, pego o picolé da mão de Ted e rapidamente o coloco na minha boca para lamber o excesso de caldo. Hmm... amora... refrescante e delicioso.

— Meu! — protesta Ted, sua voz vibrando de indignação.

— Tome. — Devolvo um picolé um pouco menos derretido, que vai diretamente para sua boca. Ele ri feliz.

— O Ted pode dar um passeio comigo? — pergunta Sophie.

— Claro.

— Não vá muito longe.

— Pode deixar, Sr. Grey.

Sophie arregala os olhos castanho-claros, em uma expressão compenetrada. Acho que ela tem um pouco de medo de Christian. Ela estende a mão, que Teddy pega contente. Eles se afastam, atravessando a grama alta.

Christian os observa.

— Eles vão ficar bem, Christian. O que pode acontecer de errado aqui com os dois? — Ele me olha com uma expressão séria por um instante, e eu engatinho até seu colo. — Além disso, Ted está completamente apaixonado pela Sophie.

Christian solta um resmungo e afaga meu cabelo.

— Ela é uma criança encantadora.

— É verdade. E bonita também. Um anjinho louro.

Christian fica imóvel, depois coloca as mãos na minha barriga.

— Meninas, hein? — Sua voz soa um pouco tremida. Seguro sua nuca.

— Você só vai ter que se preocupar com a sua filha daqui a três meses. Agora, ela está bem protegida comigo. Tudo bem?

Ele me beija atrás da orelha e arranha de leve a ponta do lóbulo com os dentes.

— Como quiser, Sra. Grey. — E me morde. Eu solto um gritinho.

— Gostei da noite passada — diz ele. — Podíamos fazer aquilo mais vezes.

— Também acho.

— E podíamos mesmo, se você parasse de trabalhar...

Reviro os olhos, e ele aperta os braços em volta de mim e sorri com o rosto encostado no meu pescoço.

— Está revirando os olhos para mim, Sra. Grey? — Sua ameaça é implícita mas sensual, me fazendo rir; mas como estamos no meio da campina, com as crianças por perto, ignoro o convite.

— A Grey Publishing tem um autor na lista dos mais vendidos do *New York Times*; as vendas de Boyce Fox estão nas alturas, o projeto de livros digitais estourou e eu finalmente tenho a equipe que queria.

— E você está ganhando dinheiro nessa época de crise — acrescenta Christian, sua voz refletindo seu orgulho. — Mas... eu gosto de ter você em casa.

Eu me inclino para trás a fim de ver seu rosto. Ele me fita, os olhos brilhantes.

— Também gosto — murmuro, e ele me beija, as mãos ainda na minha barriga.

Notando seu bom humor, decido abordar um assunto delicado:

— Você já pensou melhor na minha sugestão?

Ele fica parado.

— Ana, a resposta é não.

— Mas Ella é um nome tão bonito...

— Não vou dar à minha filha o nome da minha mãe. Não. Fora de cogitação.

— Tem certeza?

— Tenho. — Pegando meu queixo, ele me lança um olhar determinado, irradiando irritação. — Ana, desista. Não quero que a minha filha fique marcada pelo meu passado.

— Tudo bem. Desculpe. — Merda... Não quero deixá-lo zangado.

— É melhor. Pare de tentar consertar as coisas — balbucia ele. — Você já conseguiu que eu admitisse que amava minha mãe, já me arrastou até o túmulo dela. Agora basta.

Ah, não. Eu giro no seu colo de forma a ficar montada nele, e seguro sua cabeça nas mãos.

— Desculpe. De verdade. Por favor, não fique bravo comigo.

Dou-lhe um beijo, e depois outro apenas no canto de sua boca. Após um instante, ele aponta para o outro canto. Sorrio, e beijo também esse lado. Ele aponta para o nariz. Eu o beijo ali também. Ele dá um amplo sorriso e me agarra.

— Ah, Sra. Grey... o que vou fazer com você?

— Você vai pensar em alguma coisa, tenho certeza — murmuro. Ele abre outro sorriso e, girando de maneira repentina, me joga sobre a toalha.

— Que tal agora? — sussurra ele, com um sorriso lascivo.

— Christian! — exclamo.

Subitamente, ouvimos o gritinho agudo de Ted. Com a agilidade de uma pantera, Christian se levanta de um salto e corre na direção de onde veio o som. Vou atrás, só que mais devagar. No fundo, não estou tão preocupada quanto ele — não foi um grito capaz de me fazer subir as escadas de dois em dois degraus.

Christian apanha Teddy e o coloca no colo. Nosso menininho está chorando desconsoladamente e apontando para o chão, onde os restos de seu picolé se derretem na grama, formando uma massa empapada.

— Ele deixou cair — diz Sophie, com ar triste. — Eu teria dado o meu, mas já acabou.

— Ah, Sophie querida, não se preocupe. — Afago seu cabelo.

— Mamãe! — choraminga Ted, estendendo as mãos para mim. Relutantemente, Christian o deixa vir para o meu colo.

— Pronto, passou.

— Colé — diz ele, soluçando.

— Eu sei, queridinho. Vamos procurar a Sra. Taylor e pedir outro. Beijo sua cabeça... hmm, que cheiro bom. O cheiro do meu menininho.

— Colé. — Ele funga. Pego sua mão e beijo seus dedos melados.

— Estou sentindo o gosto do picolé aqui nos seus dedos.

Ted para de chorar e examina a própria mão.

— Ponha o dedo na boca.

Ele obedece.

— Colé!

— Isso. Picolé.

Ele ri. Meu menininho instável, exatamente como o pai. Bom, pelo menos ele tem uma desculpa: só tem dois anos de idade.

— Vamos procurar a Sra. Taylor? — Ele concorda, abrindo seu lindo sorriso infantil. — Você vai no colo do papai?

Ele balança a cabeça e abraça meu pescoço, apertando-me forte ao enterrar o rosto acima da minha clavícula.

— Acho que o papai também quer provar o picolé — sussurro no seu pequeno ouvido.

Ted franze a testa, depois olha para a própria mão e a estende para o pai. Christian sorri e chupa os dedinhos do filho.

— Hmm... gostoso.

Ted dá uma risada e se estica, querendo que o pai o carregue. Christian me dá um grande sorriso e pega Ted no colo, acomodando-o no quadril.

— Sophie, onde está a Gail?

— Ela estava na casa principal.

Dou uma olhada para Christian. Seu sorriso deixou transparecer um sinal de amargor, e eu me pergunto o que ele estará pensando.

— Você é tão boa com ele — murmura Christian.

— Este pequeno aqui? — Despenteio o cabelo de Ted. — É porque eu conheço bem os integrantes masculinos da família Grey. — E abro um sorriso para o meu marido.

Ele ri.

— É verdade, Sra. Grey.

Ted se contorce para sair do colo de Christian. Agora ele quer andar, meu menininho teimoso. Eu seguro sua mão, o pai pega a outra, e juntos o balançamos entre nós dois durante o caminho de volta para a casa. Sophie vai saltitando na nossa frente.

Aceno para Taylor, que, em um raro dia de folga, está do lado de fora da garagem, de calça jeans e camiseta regata, consertando uma velha motocicleta.

—

Paro do lado de fora do quarto de Ted e fico escutando Christian ler para o garoto:

— Eu sou o Lorax! Eu falo pelas árvores...

* * *

ESPIO PARA DENTRO do quarto e Teddy já está no sétimo sono, enquanto Christian continua a ler. Ele ergue o olhar quando abro a porta, e fecha o livro. Encosta o dedo nos lábios e liga a babá eletrônica perto do berço. Ele arruma os lençóis de Ted, acaricia sua bochecha, depois se ergue e vem até mim na ponta dos pés, sem emitir um único ruído. É difícil não rir com a cena.

Já no corredor, Christian me puxa para um abraço.

— Meu Deus, eu amo esse garoto, mas é tão bom quando ele está dormindo... — murmura junto à minha boca.

— Concordo plenamente.

Ele me fita com o olhar suave.

— Quase não acredito que já faz dois anos.

— Eu sei.

Dou-lhe um beijo e por um momento me sinto transportada de volta ao nascimento de Teddy: a cesariana de emergência, a ansiedade devastadora de Christian, a calma e eficiência da Dra. Greene quando o meu Pontinho estava em perigo. Estremeço por dentro com a recordação.

—

— Sra. Grey, a senhora está em trabalho de parto há quinze horas. As contrações ficaram mais lentas, apesar da Pitocina. Precisamos fazer uma cesariana: o bebê corre perigo. — A Dra. Greene está inflexível.

— Porra, já não era sem tempo! — Christian urra para ela. A Dra. Greene o ignora.

— Christian, fique quieto. — Aperto a mão dele. Minha voz é baixa e fraca, e tudo em volta está rodopiando: as paredes, as máquinas, as pessoas de verde... Eu só quero dormir. Mas tenho uma coisa importante para fazer antes... Ah, se tenho. — Queria eu mesma fazer o bebê nascer.

— Sra. Grey, por favor. Cesárea.

— Por favor, Ana — implora Christian.

— Vou poder dormir?

— Vai, querida, vai. — É quase um soluço, e Christian beija minha testa.

— Eu quero ver o Pontinho.

— Você vai ver.

— Tudo bem — sussurro.

— Finalmente — murmura a Dra. Greene. — Enfermeira, avise o anestesista. Dr. Miller, prepare material para cesariana. Sra. Grey, vamos transferi-la para o centro cirúrgico.

— Transferir? — falamos Christian e eu, ao mesmo tempo.

— Sim. Agora.

E de repente estou em movimento — e rápido; as luzes do teto ficando borradas e se transformando numa longa listra brilhante à medida que vou sendo levada às pressas pelo corredor.

— Sr. Grey, o senhor vai ter que vestir uma roupa hospitalar.

— O quê?

— Agora, Sr. Grey.

Ele aperta a minha mão e logo me solta.

— Christian! — chamo, o pânico tomando conta de mim.

Passamos por outras portas e logo a enfermeira está ajeitando uma tela acima do meu peito. A porta se abre e se fecha, e a sala está lotada de gente. Tanto barulho... quero ir para casa.

— Christian? — Procuro por meu marido entre os rostos presentes.

— Ele já vem, Sra. Grey.

Um minuto depois, ele está ao meu lado, com traje azul de médico, e seguro sua mão.

— Estou com medo — murmuro.

— Não, baby, não. Eu estou aqui. Não fique com medo. Não a minha Ana, que é tão forte. — Ele beija minha testa, e percebo, por seu tom de voz, que alguma coisa está errada.

— O que houve?

— O quê?

— O que está acontecendo?

— Não aconteceu nada. Tudo está correndo bem. Você só está exausta, querida. — Seus olhos estão queimando de medo.

— Sra. Grey, o anestesista está aqui. Ele vai aplicar a peridural, e então podemos prosseguir.

— Ela está tendo mais uma contração.

Tudo se aperta como uma faixa de aço em volta da minha barriga. Merda! Comprimo a mão de Christian até a contração passar. É isso que é exaustivo — suportar a dor. Estou tão cansada... Sinto o líquido dormente se espalhar... para baixo. Eu me concentro no rosto de Christian. Nas rugas entre suas sobrancelhas. Ele está tenso. Está preocupado. *Por que ele está preocupado?*

— Está sentindo isso, Sra. Grey? — A voz etérea da Dra. Greene vem do outro lado da cortina.

- Isso o quê?
- Não está sentindo.
- Não.
- Ótimo. Dr. Miller, vamos começar.
- Você está indo bem, Ana.

Christian está pálido. Há suor na sua testa. Ele está assustado.
Não fique assustado, Christian. Não fique assustado.

- Amo você — sussurro.
- Ah, Ana. — Ele soluça. — Também amo você. Muito.

Sinto um puxão esquisito dentro de mim. Uma sensação que nunca experimentei antes. Christian olha por cima da tela e fica branco, mas mantém os olhos fixos, fascinado.

- O que está acontecendo?
- Sucção! Excelente...

De repente ouço um agudo choro raivoso.

— A senhora ganhou um menino, Sra. Grey. Verifiquem sua escala de Apgar.

- Nove.
- Posso ver meu bebê? — pergunto, ofegante.

Christian desaparece do meu campo de visão por um segundo e logo em seguida reaparece carregando meu filho, enrolado numa manta azul. Seu rostinho é rosado e está coberto de sangue e de um viscoso líquido branco. Meu bebê. Meu Pontinho... Theodore Raymond Grey.

Quando olho novamente para Christian, seus olhos estão marejados.

— Este é o seu filho, Sra. Grey — murmura ele, a voz embargada e rouca.

— Nosso filho — sussurro. — Ele é lindo.

— É mesmo — diz Christian, e dá um beijo na testa do nosso lindo menino, abaixo de uma mecha de cabelo escuro.

Theodore Raymond Grey está indiferente ao que se passa ao redor. Olhos fechados, o choro do nascimento esquecido, ele dorme. É a coisa mais linda que eu já vi. Tão maravilhoso que começo a chorar.

— Obrigado, Ana — murmura Christian, também com os olhos cheios de lágrimas.

—

— O que houve? — Christian ergue meu queixo.

— Estava só me lembrando do nascimento do Ted.

Christian empalidece e pousa a mão na minha barriga.

— Não vou passar por aquilo de novo. Desta vez, vai ser uma cesariana planejada.

— Christian, eu...

— Não, Ana. Você quase morreu da outra vez, merda. Não.

— Quase morri, nada.

— Não. — Seu tom é enfático, sem deixar margens a discussões, mas, ao me fitar, seu olhar é terno. — Gosto de Phoebe — murmura ele, e esfrega o nariz no meu.

— Phoebe Grey? Phoebe... É. Também gosto. — Sorrio para ele.

— Que bom. Eu queria preparar o presente do Ted.

Ele pega minha mão, e descemos as escadas. Christian transborda entusiasmo; ele estava esperando por esse momento o dia inteiro.

* * *

— ACHA QUE ELE vai gostar? — Seu olhar apreensivo encontra o meu.

— Ele vai adorar. Por uns dois minutos. Christian, ele tem só dois anos.

Christian acabou de arrumar o conjunto de trenzinho de madeira que comprou para Teddy de aniversário. Ele pediu que Barney, que trabalha com ele, convertesse dois pequenos motores para energia solar, como o do helicóptero que dei a Christian alguns anos atrás. Christian parece ansioso para ver o sol nascer. Tenho minhas suspeitas de que é porque ele próprio quer brincar com o trenzinho. O esquema cobre a maior parte do chão de pedra da nossa sala ao ar livre.

Amanhã vamos dar uma festa para Ted. Ray e José virão, além de todos os Grey, inclusive a nova priminha de Ted, Ava, a filhinha de dois meses de Kate e Elliot. Estou ansiosa para conversar com Kate e ver como ela está se saindo com a maternidade.

Ergo o olhar para ver o sol sumir por trás da península Olympic. É tudo aquilo que Christian prometeu que seria, e ainda hoje me sinto tão emocionada com esta visão quanto na primeira vez. Simplesmente deslumbrante: o pôr do sol sobre o Canal. Christian me puxa para seus braços.

— É uma bela vista.

— Verdade — concorda Christian, e, quando me viro para olhá-lo, está me encarando. Ele me dá um beijo suave na boca. — É uma bela vista — murmura. — A minha predileta.

— Nosso lar.

Ele sorri e me beija novamente.

— Amo você, Sra. Grey.

— Também amo você, Christian. Para sempre.

TONS DE *Christian*

O PRIMEIRO NATAL DE CHRISTIAN

Meu suéter pinica e tem cheiro de novo. Tudo é novo. Eu tenho uma mamãe nova. Ela é médica. Ela tem um toscópio que eu posso enfiar no ouvido e ouvir meu coração. Ela é boa e sorri. Ela sorri o tempo todo. Os dentes dela são pequenos e brancos.

— Quer me ajudar a decorar a árvore de Natal, Christian?

Tem uma árvore grande na sala dos sofás grandes. Uma árvore bem grande. Eu já vi outras árvores dessas antes. Mas só nas lojas. Não do lado de dentro, junto com os sofás. Minha casa nova tem uma porção de sofás. Não é só um, não. E nem é um sofá marrom todo grudento.

— Olhe aqui.

Minha mãe nova me mostra uma caixa, está cheia de bolas. Um monte de bolinhas brilhantes.

— São os enfeites da árvore.

En-fei-tes. En-fei-tes. Repito a palavra na cabeça. En-fei-tes.

— E isso aqui... — Ela para por um instante e puxa um fio cheio de flores pequenas grudadas. — Estas são as luzes. Primeiro colocamos as luzes; depois enfeitamos a árvore. — Ela passa os dedos no meu cabelo. Fico bem quieto. Mas eu gosto dos dedos dela no meu cabelo. Gosto de ficar perto da minha mamãe nova. Ela tem um cheiro bom. Limpo. E ela só toca o meu cabelo.

— Mãe!

Ele está chamando. O Lelliot. Ele é grande e barulhento. Muito barulhento. Ele fala. O tempo todo. Eu não falo nada. Eu não tenho nenhuma palavra. Só tenho palavras dentro da minha cabeça.

— Elliot, querido, estamos na sala.

Ele entra correndo. Estava na escola. Ele mostra um desenho. Um desenho que ele fez para a minha mamãe nova. Ela é a mamãe do Lelliot também. Ela se ajoelha, abraça o Lelliot e olha o desenho. É uma casa com uma mamãe e um papai e um Lelliot e um

Christian. O Christian é bem pequeno no desenho do Lelliot. O Lelliot é grande. Ele tem um sorriso grande e o Christian tem uma cara triste.

O papai está aqui também. Ele vai até a Mamãe. Eu seguro com força meu cobertor. Ele beija a mamãe nova e a mamãe nova não fica com medo. Ela sorri. Ela também beija o papai. Eu aperto ainda mais o meu cobertorzinho.

— Olá, Christian.

O papai tem uma voz leve e grossa. Eu gosto da voz dele. Ele nunca fala alto. Ele não grita. Ele não grita que nem o... Ele lê uns livros para mim quando eu vou dormir. Ele lê uma história sobre um gato e um chapéu e ovos verdes e presunto. Eu nunca vi ovos verdes. O Papai se abaixa. Ele fica pequeno.

— O que você fez hoje?

Eu mostro a árvore para ele.

— Você comprou uma árvore? Uma árvore de Natal?

Digo que sim com a cabeça.

— É uma árvore linda. Você e a mamãe escolheram muito bem. É muito importante escolher a árvore certa.

Ele passa a mão no meu cabelo também, e eu fico bem quieto e seguro o meu cobertor com força. O Papai não me machuca.

— Papai, olha o meu desenho.

Lelliot fica com raiva quando o papai fala comigo. O Lelliot está com raiva de mim. Eu bato no Lelliot quando ele fica com raiva de mim. A mamãe nova fica zangada quando eu faço isso. O Lelliot não me bate. O Lelliot tem medo de mim.

* * *

AS LUZES DA árvore são bonitas.

— Aqui, vou mostrar para você. O gancho passa pelo buraquinho, e aí então você pode pendurar na árvore. — A Mamãe coloca o en-fei... en-fei-te vermelho na árvore. — Tente você com esse sininho.

Eu balanço o sininho e ele toca. É um som feliz. Balanço de novo. A mamãe sorri. Um sorriso grande. Um sorriso especial para mim.

— Gostou do sino, Christian?

Confirmo com a cabeça e balanço o sino mais uma vez, e ele tilinta de um jeito alegre.

— Você tem um sorriso lindo, meu querido. — A mamãe pisca e enxuga os olhos com a mão. Ela acaricia o meu cabelo. — Eu adoro ver você sorrindo. — A mão dela desce para tocar meu ombro. Não. Dou um passo para trás e aperto o meu cobertor. A mamãe parece triste e depois feliz. Ela faz carinho no meu cabelo. — Vamos colocar o sino na árvore?

Minha cabeça diz que sim.

* * *

— CHRISTIAN, VOCÊ PRECISA me dizer quando estiver com fome. Você pode fazer isso. Pode pegar a mão da mamãe e levar a mamãe para a cozinha e apontar.

Ela aponta um dedo comprido para mim. A unha dela é rosa e brilhante. É bonita. Mas eu não sei se a minha mamãe nova está zangada ou não. Eu comi todo o meu prato do jantar. Macarrão com salsicha. Gostoso.

— Eu não quero que você fique com fome, querido. Tudo bem? Agora, você quer sorvete?

Minha cabeça diz que *sim*! A mamãe sorri para mim. Eu gosto dos sorrisos dela. É melhor até que macarrão com salsicha.

* * *

A ÁRVORE ESTÁ bonita. Eu me levanto e olho para ela e abraço o meu cobertor. As luzes piscam e são de todas as cores, e os en-fei-tes são de todas as cores. Eu gosto dos azuis. E no topo da árvore tem uma estrela bem grande. O papai levantou o Lelliot e o Lelliot colocou a estrela na árvore... mas eu não quero que o papai me segure no alto. Eu não quero que ele me segure. A estrela é brilhante.

Ao lado da árvore fica o piano. Minha mamãe nova me deixa tocar nos pretos e nos brancos do piano. Preto e branco. Eu gosto do som dos brancos. O som dos pretos é errado. Mas eu gosto do

som dos pretos também. Eu vou dos brancos para os pretos. Dos brancos para os pretos. Dos pretos para os brancos. Branco, branco, branco, branco. Preto, preto, preto, preto. Eu gosto do som. Eu gosto muito do som.

— Quer que eu toque para você, Christian?

Minha mamãe nova se senta. Ela toca os brancos e os pretos e as músicas aparecem. Ela aperta os pedais embaixo. Às vezes é alto e às vezes é baixo. A música é feliz. O Lelliot gosta que a mamãe cante também. A mamãe canta uma música sobre um patinho feio. A mamãe faz um barulho engraçado, quá-quá. O Lelliot faz o barulho engraçado de quá-quá e balança os braços como se fossem asas e abana os braços para cima e para baixo que nem uma ave. O Lelliot é engraçado.

A Mamãe ri. O Lelliot ri. Eu rio.

— Você gosta dessa música, Christian?

E a mamãe está com aquela cara triste-feliz.

* * *

EU TENHO UMA meia. Ela é vermelha e tem o desenho de um homem com um gorro vermelho e uma barba branca comprida. Ele é o Papai Noel. O Papai Noel traz presentes. Eu já vi fotos do Papai Noel. Mas o Papai Noel nunca me trouxe presentes antes. Eu era mau. O Papai Noel não traz presentes para meninos maus. Agora eu sou bonzinho. Minha mamãe nova diz que eu sou bonzinho, muito bonzinho. A mamãe nova não sabe. Eu nunca vou contar para a mamãe nova... mas eu sou mau. Eu não quero que a mamãe nova saiba.

* * *

O PAPAI PENDURA a meia lá em cima da lareira. O Lelliot também tem uma meia. O Lelliot sabe ler a palavra na meia dele. Está escrito Lelliot. Tem uma palavra na minha meia também. Christian. A mamãe nova soletra. C-H-R-I-S-T-I-A-N.

* * *

O PAPAÍ SENTA na minha cama. Ele lê para mim. Eu seguro o meu cobertor. Eu tenho um quarto grande. Às vezes o quarto está escuro e eu tenho sonhos ruins. Sonhos ruins sobre antes. A minha mamãe nova vem ficar comigo quando eu tenho algum sonho ruim. Ela deita do meu lado e canta músicas gostosas e eu durmo. O cheiro dela é bom e novo e gostoso. A minha mamãe nova não é fria. Não é que nem a... que nem a... E os meus sonhos ruins vão embora quando ela dorme comigo.

* * *

O PAPAÍ NOEL veio aqui. O Papai Noel não sabe que eu fui mau. Que bom que o Papai Noel não sabe. Eu tenho um trem e um helicóptero e um avião e um helicóptero e um carro e um helicóptero. Meu helicóptero voa. Meu helicóptero é azul. Ele voa em volta da árvore de Natal. Ele voa por cima do piano e pousa no meio dos brancos. Ele voa por cima da mamãe e voa por cima do papai e voa por cima do Lelliot enquanto ele brinca de Lego. O helicóptero voa pela casa, pela sala de jantar, pela cozinha. Ele voa e passa pela porta do escritório do papai e voa lá para cima até o meu quarto, o quarto do Lelliot, o quarto da mamãe e do papai. Ele voa pela casa, porque é a minha casa. A minha casa onde eu moro.

CONHEÇA O CINQUENTA TONS

Segunda-feira, 9 de maio de 2011

—Amanhã — murmuro, dispensando Claude Bastille, que está à porta do meu escritório.

— Golfe esta semana, Grey?

Bastille abre um sorriso arrogante, contando como certa sua vitória no golfe.

Faço uma careta quando ele vira as costas e sai. Suas últimas palavras colocam sal nas minhas feridas, porque, apesar das minhas heroicas tentativas na academia hoje de manhã, meu personal trainer acabou comigo. Bastille é o único que pode me vencer, e agora ele quer me maltratar mais, dessa vez no campo de golfe. Eu detesto golfe, mas tantos negócios são feitos durante as partidas que preciso suportar suas aulas também por lá... E, embora eu odeie admitir, Bastille me ajuda a melhorar meu jogo.

Enquanto contemplo a silhueta de Seattle no horizonte, a conhecida sensação de tédio se instala na minha consciência. Meu estado de espírito está nublado e cinza como o tempo. Meus dias se misturam sem diferença, e eu estou precisando de algum tipo de diversão. Trabalhei o fim de semana inteiro e agora, nos limites contínuos do meu escritório, estou inquieto. Eu não deveria me sentir assim, não depois de várias disputas com Bastille. Mas me sinto.

Franzo o cenho. A verdade é que a única coisa que captou meu interesse recentemente foi minha decisão de mandar dois navios cargueiros para o Sudão. O que me lembra: Ros tem que me trazer os números e as logísticas. *Por que raios ela está demorando tanto?*

Com a intenção de descobrir o que ela está fazendo, verifico a agenda e pego o telefone.

Ah, meu Deus! Tenho que dar uma maldita entrevista para o jornal da WSU, com a persistente Srta. Kavanagh. *Por que eu aceitei fazer essa merda?* Eu detesto entrevistas — perguntas inúteis vindas de idiotas vazios, mal informados e fúteis. O telefone toca.

— Sim — falo rispidamente com Andrea, como se a culpa fosse dela. Pelo menos posso fazer essa entrevista durar o mínimo possível.

— A Srta. Anastasia Steele está aqui para vê-lo, Sr. Grey.

— Steele? Eu estava esperando Katherine Kavanagh.

— É a Srta. Anastasia Steele que está aqui, senhor.

Faço cara feia. Odeio coisas inesperadas.

— Mande-a entrar — murmuro, sabendo que pareço um adolescente mal-humorado, mas não dou a mínima.

Ora, ora... A Srta. Kavanagh não está disponível. Conheço o pai dela, o proprietário da Kavanagh Media. Já fizemos negócios, e ele parece um empresário sagaz e um ser humano racional. Essa entrevista é um favor que estou prestando a ele — que vou cobrar mais tarde quando precisar. E devo admitir que fiquei vagamente curioso quanto à filha, interessado em ver se ela conseguiu fugir às feições do pai.

Uma agitação na porta me traz de volta à Terra quando um redemoinho de longos cabelos castanhos, braços pálidos e botas marrons mergulham de cabeça no meu escritório. Reviro os olhos e reprimo meu aborrecimento natural com tanta falta de jeito enquanto corro para a garota que aterrissou de quatro no chão. Segurando-a pelos ombros estreitos, ajudo-a a se levantar.

Olhos claros, de um azul brilhante, e constrangidos encontram os meus e me fazem parar. São de uma cor espetacular — um franco azul-claro —, e, por um horrível momento, acho que ela é capaz de ver dentro de mim. Eu me sinto... exposto. A sensação é desconcertante. Ela tem um rosto pequeno e meigo, que está corado agora, um inocente cor-de-rosa. Eu me pergunto rapidamente se toda a sua pele é desse jeito — perfeita — e como ficaria avermelhada e quente depois de um golpe de vara. *Merda.*

Detenho meus pensamentos devaneadores, com medo da direção que estão tomando. *O que é que você está pensando, Grey? Essa garota é muito nova.* Ela me olha pasma, e quase reviro os olhos de novo. *Isso, isso mesmo, é só um rosto, e a beleza é só do lado de fora.* Quero afastar o olhar admirador e incauto desses grandes olhos azuis.

Hora do espetáculo, Grey. Vamos nos divertir.

— Srta. Kavanagh? Sou Christian Grey. Tudo bem? Gostaria de se sentar?

Lá vem de novo aquele rubor. No controle mais uma vez, eu a examino. Ela é atraente, de uma maneira estranha — frágil, pálida, com uma longa cabeleira cor de mogno mal contida por um elástico de cabelo. Sim, é atraente. Estendo a mão e ela gagueja o começo de um pedido de desculpas envergonhado e coloca sua pequena mão na minha. Sua pele é fria e macia, mas o aperto de mãos é surpreendentemente firme.

— A Srta. Kavanagh está indisposta, e me mandou no lugar dela. Espero que não se importe, Sr. Grey. — Sua voz é baixa e hesitante, e ela pisca erráticamente, os longos cílios vibrando sobre os grandes olhos azuis.

Incapaz de esconder o divertimento na minha voz, pois me lembro da sua entrada pouco elegante na minha sala, pergunto quem é ela.

— Anastasia Steele. Estudo Literatura Inglesa com Kate, hum... Katherine... hum... a Srta. Kavanagh, na WSU em Vancouver.

Um tipo nervoso, tímido e estudioso, hein? É o que parece; terrivelmente malvestida, escondendo sua estrutura pequena embaixo de um suéter disforme e uma saia evasé marrom. *Minha nossa, ela não tem nenhum senso de moda?* Ela olha nervosamente ao redor — para toda parte do meu escritório menos para mim, noto com ironia, achando graça.

Como essa jovem pode ser jornalista? Ela não tem um único osso assertivo no corpo. É charmosamente establanada, meiga, suave... submissa. Balanço a cabeça, surpreso com a direção de meus pensamentos. Murmurando alguma banalidade, convido-a a se sentar, e então percebo que ela admira compenetrada os

quadros da minha sala. Antes que eu possa me deter, forneço uma explicação sobre eles.

— Um artista local. Trouton.

— São lindos. Tornam extraordinário um objeto comum — diz ela sonhadoramente, perdida no belo e requintado trabalho artístico dos meus quadros. Seu perfil é delicado: nariz arrebitado, lábios macios e cheios, e nas suas palavras ela expressou exatamente os meus sentimentos. “*Tornam extraordinário um objeto comum.*” É uma observação perspicaz. A Srta. Steele é inteligente.

Balbucio algo em concordância e observo aquele rubor surgir devagar na sua pele, mais uma vez. Quando me sento do lado oposto ao dela, tento controlar meus pensamentos.

Ela pesca uma folha de papel amassada e um gravador digital da bolsa excessivamente grande. Gravador? *Isso não acabou junto com as fitas VHS?* Caramba — ela se atrapalha com os polegares, deixando aquela coisa cair duas vezes na minha mesinha Bauhaus. Fica óbvio que nunca fez isso antes, mas, por alguma razão que não consigo entender, acho engraçado. Normalmente esse tipo de falta de jeito me irrita muito, mas agora escondo meu sorriso sob o dedo indicador e resisto à vontade de eu mesmo ajeitar o gravador para ela.

Enquanto ela fica cada vez mais atrapalhada, ocorre-me que eu poderia aperfeiçoar sua coordenação motora com a ajuda de um chicote. Usado com eficiência, um chicote pode deixar até a mais nervosa das mulheres de joelhos. Esse pensamento me faz mudar de posição na cadeira, um tanto desconfortável. Ela olha para cima e morde o lábio inferior. *Porra!* Como eu não notei essa boca antes?

— Desculpe, não estou acostumada com isso.

Posso perceber — meu pensamento é irônico —, *mas no momento não dou a mínima, porque não consigo parar de olhar para a sua boca.*

— Não tenha pressa, Srta. Steele.

Preciso de um momento para controlar minha mente. *Grey... pare com isso.*

— O senhor se incomoda se eu gravar a entrevista? — pergunta ela, o rosto demonstrando franqueza e expectativa.

Tenho vontade de rir. *Ah, pelo amor de Deus.*

— Depois de todo esse esforço para configurar o gravador, é agora que me pergunta?

Ela pisca várias vezes, os olhos bem abertos e desnorteados por um instante, e sinto uma atípica pontada de culpa. *Deixe de ser babaca, Grey.*

— Não, não me importo — murmuro, tentando me livrar desse olhar.

— Kate, quer dizer, a Srta. Kavanagh... explicou-lhe para o que era a entrevista?

— Sim. Para sair na edição de formatura do jornal da faculdade, já que eu vou entregar os diplomas na cerimônia de graduação deste ano.

Por que eu fui concordar com isso, não sei. Sam, o RP, me disse que era uma honra, e que o Departamento de Ciências Ambientais de Vancouver precisava da publicidade a fim de atrair uma verba extra para igualar a doação que eu fiz para eles.

A Srta. Steele pisca seus grandes olhos azuis, como se minhas palavras fossem uma surpresa, e — merda — parece desaprovar o que eu disse! Será que ela não fez nenhuma pesquisa antes da entrevista? Ela deveria saber disso. Esse pensamento esfria o meu sangue. É... desagradável; não é o que eu espero dela nem de nenhuma outra pessoa a quem eu ceda meu tempo.

— Ótimo. Tenho algumas perguntas, Sr. Grey.

Ela prende uma mecha de cabelo atrás da orelha, distraíndo-me do meu aborrecimento.

— Achei que poderia ter — murmuro secamente.

Vamos fazê-la se contorcer. Como se adivinhasse, ela se contorce, depois se recompõe, sentando-se ereta e ajeitando os ombros estreitos. Inclinando-se para a frente, ela pressiona o botão de “gravar” e franze o cenho quando olha para suas anotações amarrotadas.

— O senhor é muito jovem para ter construído um império deste porte. A que deve seu sucesso?

Ah, meu Deus! Será que ela não consegue fazer melhor do que isso? Que pergunta mais enfadonha, porra. Nem um pinga de originalidade. É decepcionante. Dou minha resposta habitual, de que tenho excelentes pessoas nos Estados Unidos trabalhando para

mim. Pessoas em quem confio, presumindo que confio em alguém, e pago bem — blá-blá-blá... Mas, Srta. Steele, a verdade é que eu sou um puta de um gênio no que faço. Para mim, é tão fácil como roubar doce de criança. Comprar empresas mal administradas e com problemas e consertá-las ou, se estiverem realmente quebradas, separar seus ativos e vendê-los pela melhor oferta. É simplesmente uma questão de saber a diferença entre as duas coisas, e, invariavelmente, a questão se resume às pessoas que estão no comando dessas empresas. Para se ter sucesso nos negócios, você precisa de profissionais eficientes, e eu sei julgar bem as pessoas, melhor do que a maioria.

— Quem sabe o senhor simplesmente tenha sorte — diz ela calmamente.

Sorte? Um arrepio de aborrecimento me percorre. *Sorte?* Não tem porra nenhuma de sorte envolvida aqui, Srta. Steele. Ela parece despretensiosa e tranquila, mas essa pergunta! Ninguém nunca me perguntou se eu tive *sorte*. Trata-se de um trabalho árduo, trazer pessoas para trabalharem comigo, mantê-las em rédea curta, fazer um segundo julgamento sobre elas se for preciso; e, se não forem capazes de realizar suas tarefas, livrar-me delas de maneira implacável. *É isso o que eu faço, e faço bem. Não tem nada a ver com sorte. Ah, que se foda.* Exibindo erudição, menciono as palavras do meu empresário americano preferido.

— O senhor fala como um maníaco por controle — diz ela, totalmente séria.

Como é que é?

Talvez esses olhos sem malícia possam *mesmo* ver dentro de mim. Controle é meu sobrenome.

Olho para ela com frieza.

— Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele. — *E gostaria de controlá-la agora.*

Os olhos dela se arregalam. Aquele lindo rubor toma seu rosto de novo, e ela morde o lábio mais uma vez. Continuo falando desconexamente, tentando me distrair da visão da sua boca.

— Além do mais, é possível conquistar um imenso poder quando nos convencemos, em nossos devaneios mais secretos, que nascemos para controlar.

— Acha que possui um imenso poder? — pergunta ela, com uma voz suave e calma, mas arqueia sua delicada sobrancelha, revelando censura nos olhos. Meu aborrecimento cresce. Ela está tentando me irritar? São suas perguntas, sua atitude ou o fato de eu achá-la atraente que estão me deixando irritado?

— Emprego mais de quarenta mil pessoas, Srta. Steele. Isso me dá certo senso de responsabilidade; ou poder, se quiser chamar assim. Se eu resolvesse não me interessar mais por telecomunicações e vendesse minha empresa, em um mês, mais ou menos, vinte mil pessoas teriam dificuldade para pagar suas hipotecas.

Sua boca se abre com a minha resposta. Assim está melhor. *Engula essa, Srta. Steele.* Sinto meu equilíbrio voltando.

— O senhor não tem uma diretoria à qual precise responder?

— A empresa é minha. Não tenho que responder a uma diretoria. — respondo rispidamente.

Ela deveria saber disso. Levanto uma sobrancelha, implicitamente questionando suas capacidades.

— E tem algum interesse fora o trabalho? — continua ela, de forma apressada, julgando minha reação corretamente. Ela sabe que eu estou com raiva, e, por alguma razão inexplicável, isso me satisfaz enormemente.

— Tenho interesses variados, Srta. Steele. Muito variados.

Sorrio. Imagens dela em diversas posições no quarto de jogos cruzam minha mente: algemada, com as pernas abertas na cama de dossel, esticada sobre o banco de açoitamento. *Putá que pariu! De onde está vindo isso?* E veja — lá está o rubor novamente. É como um mecanismo de defesa. *Acalme-se, Grey.*

— Mas se trabalha tanto, o que faz para relaxar?

— Relaxar?

Sorrio. Ouvir isso da sua boca inteligente parece estranho. Além do mais, quando é que eu tenho tempo para relaxar? Ela não faz ideia do número de empresas sob o meu controle? Mas ela me encara com aqueles olhos ingênuos e, para minha surpresa, me pego considerando sua pergunta. O que eu *faço* para relaxar? Velejo, voo, trepo... testo o limite de garotinhas como ela e as faço se ajoelharem... Pensar nisso me faz mudar de posição na cadeira,

mas respondo a pergunta gentilmente, omitindo meus dois hobbies preferidos.

— O senhor investe no setor manufatureiro. Por quê, especificamente?

Sua pergunta me traz rudemente de volta ao presente.

— Gosto de construir coisas. Gosto de saber como funcionam: o que faz com que funcionem, como construí-las e desconstruí-las. E tenho adoração por navios. O que mais posso dizer?

Eles distribuem comida pelo planeta — levam bens dos que têm para os que não têm, e então retornam. Como não gostar?

— Parece que é o seu coração falando e não a lógica e os fatos.

Coração? Eu? Não. Meu coração foi maltratado ao máximo há muito tempo, tendo ficado irreconhecível.

— É possível. Embora muitas pessoas digam que eu não tenho coração.

— Por que diriam isso?

— Porque me conhecem bem.

Dou um sorriso oblíquo. Na verdade, ninguém me conhece tão bem, exceto Elena. O que será que ela diria da pequena Srta. Steele aqui? Essa garota é um poço de contradições: tímida, inquieta, obviamente inteligente e provocante de doer. *Sim, tudo bem, eu admito. Ela é realmente atraente.*

Ela faz a próxima pergunta mecanicamente:

— Seus amigos diriam que é fácil conhecê-lo?

— Sou uma pessoa muito fechada, Srta. Steele. Esforço-me muito para proteger minha privacidade. Não dou muitas entrevistas... — Fazendo o que faço, levando a vida que escolhi, preciso de privacidade.

— Por que aceitou dar esta?

— Porque sou benemérito da universidade e, em termos práticos, não consegui me livrar da Srta. Kavanagh. Ela não parou de importunar meu pessoal de relações públicas, e eu admiro esse tipo de tenacidade. — *Mas estou feliz por você ter vindo, e não ela.*

— O senhor também investe em tecnologias agrícolas. Por que se interessa por essa área?

— Não podemos comer dinheiro, Srta. Steele, e há muita gente neste planeta que não tem o que comer. — Eu a encaro com uma

expressão indecifrável.

— Essa justificativa soa muito filantrópica. É algo que o torna passional? Alimentar os pobres do mundo?

Ela me fita com uma expressão inquisitiva, como se eu fosse um tipo de enigma que precisasse decifrar, mas não quero que esses grandes olhos azuis vejam minha alma sinistra. Não é uma área aberta a discussão. Jamais.

— É um negócio inteligente.

Dou de ombros, fingindo enfado, e imagino como deve ser foder sua boca inteligente para me distrair de todos os pensamentos sobre fome. Sim, essa boca precisa de treino. *Este* sim é um pensamento atraente, e me permito imaginá-la de joelhos na minha frente.

— O senhor tem uma filosofia? Caso tenha, qual é? — pergunta ela, mais uma vez mecanicamente.

— Não tenho uma filosofia propriamente dita. Talvez alguns princípios orientadores. Como diz Carnegie: *“O homem que adquire a habilidade de tomar posse completa da própria mente, pode tomar posse de qualquer coisa a que tenha direito.”* Sou muito singular, ambicioso. Gosto de controlar, a mim e a quem me cerca.

— Então gosta de possuir coisas? — Seus olhos se abrem mais.
Sim. Você, por exemplo.

— Quero merecer possuí-las, mas sim, em resumo, eu gosto.

— O senhor parece ser um consumidor voraz.

Sua voz transborda desaprovação, irritando-me novamente. Ela fala como uma garota rica que sempre teve o que quis, porém, olhando mais atentamente para suas roupas — Walmart, ou talvez Old Navy —, sei que não é.

Eu realmente poderia cuidar de você.

Merda, de onde veio isso? Mas, pensando bem, estou mesmo precisando de uma nova submissa. Já faz... o quê?... dois meses desde Susannah? E aqui estou eu, salivando por essa garota de cabelo castanho. Tento um sorriso e concordo com ela. Não há nada de errado com o consumo — afinal, é ele que conduz o que sobrou da economia americana.

— O senhor foi adotado. Até que ponto acha que isso moldou sua maneira de ser?

O que isso tem a ver com o preço do petróleo, cacete? Faço cara de desgosto. Que pergunta ridícula. Se eu tivesse ficado com a prostituta drogada, provavelmente estaria morto. Dou uma resposta vaga, tentando não alterar o tom da minha voz, mas ela insiste, perguntando quantos anos eu tinha quando fui adotado. *Cale a boca dessa garota, Grey!*

— Isso é assunto de domínio público, Srta. Steele. — Minha voz é glacial. Ela deveria saber isso. Agora parece arrependida. Ótimo.

— O senhor teve que sacrificar a vida familiar por causa do trabalho.

— Isso não é uma pergunta — retruco rispidamente.

Ela enrubesce de novo e morde aquele maldito lábio. Mas tem a delicadeza de se desculpar.

— O senhor teve que sacrificar a família por causa do trabalho?

Que me importa a porra de uma família?

— Eu tenho uma família. Tenho um irmão, uma irmã e pais amorosos. Não tenho interesse em expandir minha família além desse ponto.

— O senhor é gay, Sr. Grey?

Que merda é essa?! Não *acredito* que ela tenha dito isso em voz alta! A pergunta que minha própria família não ousa, para meu divertimento. *Como ela ousa!* Tenho que lutar contra a vontade de arrastá-la para fora da cadeira, colocá-la de costas sobre os meus joelhos e arrancar seu couro, e então trepar com ela em cima da minha mesa, com as suas mãos amarradas com força às costas. Isso responderia à pergunta. Como pode esta mulher ser tão frustrante? Respiro fundo para me acalmar. Para meu deleite vingativo, ela parece bastante constrangida com a própria pergunta.

— Não, Anastasia, não sou. — Arqueio as sobrancelhas, mas mantenho a expressão impassível. Anastasia. É um bonito nome. Gosto da maneira como a minha língua se dobra para pronunciá-lo.

— Peço desculpas. Está... hum... escrito aqui. — Nervosa, ela coloca o cabelo atrás da orelha.

Ela não conhece as próprias perguntas? Talvez não tenham sido escritas por ela. Eu lhe questiono isso, e ela fica branca. Puta merda, é uma menina realmente muito atraente, só um pouco apagada. Eu iria mais longe, até: diria que ela é linda.

— Hmm... não. Kate... A Srta. Kavanagh. Ela compilou as perguntas.

— Vocês são colegas no jornal dos alunos?

— Não. Eu divido o apartamento com ela.

Não é de se admirar que esteja tão atrapalhada. Coço o queixo, pensando se devo ou não deixar as coisas bem piores para ela.

— Você se ofereceu para fazer esta entrevista? — indago, e sou recompensado com um olhar submisso: olhos bem abertos, temendo a minha reação. Gosto do efeito que provoco nela.

— Fui convocada. Ela está passando mal — diz, suavemente.

— Isso explica muita coisa.

Alguém bate à porta e Andrea aparece.

— Sr. Grey, desculpe interromper, mas a próxima reunião é em dois minutos.

— Ainda não terminamos aqui, Andrea. Por favor, cancele a próxima reunião.

Andrea olha pasma para mim. Eu a encaro. *Fora! Agora! Estou ocupado com a pequena Srta. Steele aqui.* Andrea fica rubra, mas se recompõe rapidamente.

— Está bem, Sr. Grey — diz ela, e, virando-se, sai da sala.

Volto minhas atenções para essa criatura intrigante e frustrante no meu sofá.

— Onde estávamos, Srta. Steele?

— Por favor, não quero incomodá-lo.

Ah, não, baby. É a minha vez agora. Quero saber se existem segredos escondidos atrás desses lindos olhos.

— Quero saber sobre você. Acho que é muito justo.

Quando me inclino para trás e pressiono os lábios com os dedos, seus olhos se voltam para minha boca e ela engole em seco. *Ah, sim — o efeito usual.* E é gratificante saber que ela não está completamente alheia aos meus encantos.

— Não há muito que saber — diz ela, o rubor voltando. Eu a estou intimidando. *Ótimo.*

— Quais são seus planos para depois que se formar?

Ela dá de ombros.

— Não fiz planos, Sr. Grey. Só preciso passar nas provas finais.

— Temos um excelente programa de estágios aqui.

Cacete. O que deu em mim para falar isso? Estou quebrando uma regra de ouro — nunca, nunca transar com alguém do trabalho. *Mas, Grey, você não está transando com essa garota.* Ela parece surpresa, e seus dentes se enterram no lábio inferior novamente. *Por que isso é tão excitante?*

— Ah. Vou me lembrar disso — balbucia ela. Então, pensando melhor, acrescenta: — Apesar de não ter certeza se me encaixaria aqui.

Ora essa, e por que não? O que tem de errado com a minha empresa?

— Por que diz isso? — pergunto.

— É óbvio, não é?

— Não para mim. — Fico confuso com a sua resposta.

Ela se afoba de novo ao pegar o gravador. *Merda, ela está indo embora.* Mentalmente, repasso minha agenda para esta tarde — nada que não possa esperar.

— Gostaria que eu a levasse para conhecer a empresa?

— Tenho certeza de que o senhor é ocupado demais, Sr. Grey, e tenho uma longa viagem pela frente.

— Vai voltar dirigindo para Vancouver? — Olho para fora da janela. É longe à beça, e está chovendo. Merda. Ela não deveria dirigir com esse tempo, mas não posso proibi-la. Pensar nisso me irrita. — Bem, seria melhor dirigir com cuidado. — Minha voz é mais severa do que eu pretendia.

Ela quer ir embora, e, por alguma razão que não sei explicar, não quero que ela se vá.

— Conseguiu tudo de que precisava? — acrescento, em um nítido esforço para fazê-la ficar mais.

— Sim, senhor — responde ela calmamente.

Sua resposta me derruba — a maneira como essas palavras soam, saindo daquela boca inteligente —, e rapidamente imagino aquela boca à minha disposição.

— Obrigada pela entrevista, Sr. Grey.

— O prazer foi meu — respondo.

E é verdade, porque faz muito tempo que não fico fascinado assim por alguém. Esse pensamento me perturba.

Ela se levanta e eu estendo a mão, ansioso para tocá-la.

— Até a próxima, Srta. Steele. — Minha voz é baixa; ela coloca sua pequena mão na minha.

Sim, eu quero chicotear e comer essa garota no quarto de jogos. Tê-la aprisionada e ávida... precisando de mim, confiando em mim. Engulo em seco. Isso não vai acontecer, Grey.

— Sr. Grey. — Ela acena com a cabeça e recolhe logo a mão... rápido demais.

Merda, não posso deixar que ela se vá assim. É evidente que está desesperada para sair daqui. Irritação e inspiração me atingem simultaneamente enquanto a vejo sair.

— Só estou garantindo que passe pela porta, Srta. Steele.

Ela fica corada no ato, seu delicioso tom de rosa.

— É muita consideração sua, Sr. Grey — retruca ela.

A Srta. Steele sabe ser poderosa! Dou um sorriso enquanto ela sai, e então a sigo. Tanto Andrea como Olivia me olham em choque. *Sim, sim. Estou apenas levando a garota até a saída.*

— Você veio de casaco? — pergunto.

— De jaqueta.

Faço cara feia para Olivia, que tem um sorriso bobo no rosto, e ela imediatamente se levanta de um salto para apanhar uma jaqueta azul-marinho. Eu a pego das mãos dela e a olho fixamente, impelindo-a a se sentar. Por Deus, Olivia é irritante — cercando-me o tempo todo.

Hmm. A jaqueta é do Walmart. A Srta. Anastasia Steele deveria se vestir melhor. Eu seguro a jaqueta para ela e, enquanto a coloco sobre seus ombros estreitos, toco a pele da sua nuca. Ela fica imóvel com o contato, e empalidece. *Sim!* Ela se sente afetada por mim. Saber disso me dá uma imensa satisfação. Indo até o elevador, aperto o botão, e ela fica irrequieta ao meu lado.

Ah, eu poderia acabar com essa inquietação, baby.

As portas se abrem e ela escapa para dentro e depois se vira para me encarar.

— Anastasia — murmuro em despedida.

— Christian — sussurra ela.

E as portas do elevador se fecham, deixando meu nome suspenso no ar, soando estranho e não familiar, mas sensual como os diabos.

Mas que merda. O que foi isso?

Preciso saber mais sobre essa garota.

— Andrea — falo ríspidamente ao me dirigir de volta à minha sala —, coloque o Welch na linha comigo, agora.

Sentado à mesa esperando pela ligação, observo as pinturas na parede, e as palavras da Srta. Steele me vêm à mente: “*Tornam extraordinário um objeto comum.*” Ela poderia facilmente estar descrevendo a si mesma.

Meu telefone toca.

— Estou com o Sr. Welch na linha para o senhor.

— Pode passar.

— Sim, senhor.

— Welch, preciso checar uns antecedentes.

* * *

Sábado, 14 de maio de 2011

**Anastasia Rose
Steele**

Data de nascimento:	10 de setembro de 1989, Montesano, WA
Endereço:	Rua Green, 1114 SW, apartamento 7, Haven Heights, Vancouver, WA, 98888
Nº celular:	360 959 4352
Nº identidade:	987-65-4320
Dados bancários:	Banco Wells Fargo, Vancouver, WA 98888 Cc: 309361 Saldo: US\$ 683,16
Ocupação:	Estudante de graduação WSU — Vancouver Literatura Inglesa — Especialização em Inglês
Avaliação desempenho:	Excelente

Educação anterior: Colégio Montesano — Ensino médio

Pontos no exame SAT: 2150

Trabalho: Loja de Material de Construção Clayton's, Estrada Vancouver, Portland, OR (meio período)

Pai: Franklin A. Lambert
Nascimento: 1º de setembro de 1969
falecido em 11 de setembro de 1989

Mãe: Carla May Wilks Adams
Nascimento: 18 de julho de 1970
casou-se com Frank Lambert — 1º de março de 1989,
enviuuou em 11 de setembro de 1989
casou-se com Raymond Steele — 6 de junho de 1990,
divorciou-se em 12 de julho de 2006
casou-se com Stephen M. Morton — 16 de agosto de 2006,
divorciou-se em 31 de janeiro de 2007
casou-se com Robbin (Bob) Adams — 6 de abril de 2009

Filiações políticas: Não encontradas

Filiações religiosas: Não encontradas

Orientação sexual: Desconhecida

Relacionamentos: Nenhuma indicação no presente

Olho para o resumo pela centésima vez desde que o recebi, dois dias atrás, procurando compreender a enigmática Srta. Anastasia Rose Steele. Não consigo tirar essa maldita mulher da cabeça, e isso está começando a me irritar. Durante a última semana, inclusive no meio de reuniões maçantes, me peguei pensando na entrevista. Seus dedos atrapalhados no gravador, a maneira como ela colocava

o cabelo atrás da orelha, a mania de morder o lábio. *Ah, sim.* Aquela porra daquele lábio sendo mordido me persegue o tempo todo.

E agora aqui estou eu, estacionado em frente à Clayton's, a modesta loja de material de construção no subúrbio de Portland onde ela trabalha.

Você é um idiota, Grey. Por que está aqui?

Eu sabia que ia dar nisso. A semana inteira... Sabia que precisava vê-la de novo. Soube desde que ela disse meu nome no elevador e desapareceu. Tentei resistir. Esperei por cinco dias, cinco malditos dias, para ver se conseguia esquecer. *E eu não costumo esperar. Odeio esperar...* Nunca efetivamente corri atrás de uma mulher. As mulheres que tive entendiam exatamente o que eu queria delas. Meu medo é que a Srta. Steele seja muito jovem e não esteja interessada no que eu tenho a oferecer... Será? Será que ela daria uma boa submissa? Balanço a cabeça. Só existe uma maneira de descobrir... então aqui estou eu, um idiota, sentado em um estacionamento suburbano numa região sombria de Portland.

Seus antecedentes não tinham nada de notável — exceto pelo último fato, que tem estado em primeiro plano na minha mente. Essa é a razão pela qual estou aqui. *Por que não tem namorado, Srta. Steele?* Orientação sexual desconhecida — talvez ela seja homossexual. Bufo, achando improvável. Eu me recordo da pergunta que ela fez durante a entrevista, seu grande constrangimento, a maneira como sua pele ficou rosada de rubor... *Merda.* Estou sofrendo com esses pensamentos ridículos desde que a conheci.

É por isso que você está aqui.

Estou me coçando para vê-la de novo — aqueles olhos azuis vêm me assombrando, mesmo nos meus sonhos. Não a mencionei ao Flynn, e fico feliz por isso, porque estou me comportando como um caçador à espreita. *Talvez eu devesse contar a ele.* Reviro os olhos — não quero que ele fique me perturbando com aquela baboseira de seguir uma resolução. Preciso apenas de uma distração... e agora a única distração que eu quero trabalha como balconista de uma loja de material de construção.

Você veio até aqui. Vamos ver se a pequena Srta. Steele é tão atraente como você se lembra. Hora do espetáculo, Grey. Salto do

carro e me encaminho para a entrada da loja. Um sino produz um som eletrônico monótono quando entro.

A loja é bem maior do que parece por fora, e, embora seja quase hora do almoço, o lugar está vazio para um sábado. Há corredores e mais corredores das bugigangas que se espera de um lugar assim. Eu tinha esquecido as possibilidades que uma loja de material de construção pode apresentar para alguém como eu. Praticamente só compro on-line as coisas de que preciso, mas, enquanto estou aqui, talvez adquira alguns itens... Velcro, argola de chaveiro — *Sim*. Vou encontrar a deliciosa Srta. Steele e me divertir.

Demoro três segundos para avistá-la. Ela está debruçada sobre o balcão, olhando atentamente para a tela de um computador e comendo seu almoço — um sanduíche. Sem pensar, ela limpa uma migalha de pão no canto dos lábios e a enfia na boca, sugando os dedos. Meu pênis se contorce. *Porra! Quantos anos eu tenho, quatorze?* Minha reação é irritante pra cacete. Talvez essa resposta adolescente pare se eu a acorrentar, se eu comer e açoitar essa garota... e não necessariamente nessa ordem. É. É disso que eu preciso.

Ela está completamente absorvida na sua tarefa, o que me dá a oportunidade de observá-la. Pensamentos obscenos à parte, ela é atraente, muito atraente. Eu me lembrava bem.

Ela ergue o olhar e congela, fixando em mim seus olhos inteligentes e sagazes — os mais azuis dos azuis, e que parecem ver dentro de mim. É tão desconcertante quanto da primeira vez que a vi. Ela apenas olha, chocada, eu acho, e não sei se essa é uma reação boa ou ruim.

— Srta. Steele. Que surpresa agradável.

— Sr. Grey — sussurra ela, ofegante e nervosa.

Ah... é uma reação boa.

— Eu estava pela área. Preciso me abastecer de algumas coisas. É um prazer tornar a vê-la, Srta. Steele.

Um prazer mesmo. Ela está com uma camiseta justa e calça jeans, e não com aquela merda disforme que vestia no início da semana. O que vejo agora são pernas compridas, cintura fina e seios perfeitos. Ela continua boquiaberta, e tenho que reprimir minha vontade de me aproximar dela e agarrar seu queixo para

fechar sua boca. *Vim de Seattle só para vê-la, e, pela maneira como você está agora, valeu a pena.*

— Ana, meu nome é Ana. Em que posso servi-lo, Sr. Grey?

Ela respira profundamente, ajeita os ombros da maneira como fez durante a entrevista e me dá um sorriso falso que com certeza é reservado aos clientes.

E começa o jogo, Srta. Steele.

— Estou precisando de alguns artigos. Para começar gostaria de umas braçadeiras de plástico.

Seus lábios se entreabrem quando ela inspira com força.

Você ficaria impressionada com o que eu posso fazer com apenas umas braçadeiras, Srta. Steele.

— Temos de vários tamanhos. Posso lhe mostrar?

— Por favor. Vá na frente, Srta. Steele.

Ela sai de trás do balcão e gesticula em direção a um dos corredores. Está de tênis. Distraidamente, imagino como ela ficaria de saltos altíssimos. Louboutins... teria que ser Louboutins.

— Estão na seção de artigos de eletricidade, corredor oito. — Sua voz vacila e ela fica vermelha... de novo.

Ela se sente afetada por mim. A esperança cresce no meu peito. Cadê o gay agora? Dou um sorriso malicioso.

— Vá na frente — murmuro, estendendo a mão para deixá-la guiar o caminho.

Com ela à frente, tenho espaço e tempo para admirar sua bunda fantástica. Ela realmente é um pacote completo: doce, educada e linda, com todos os atributos físicos que eu valorizo em uma submissa. Mas a pergunta que não quer calar é: Será que ela poderia ser uma submissa? Não deve saber nada sobre meu estilo de vida, mas quero muito apresentá-lo a ela. *Você está se precipitando, Grey.*

— Está em Portland a trabalho? — pergunta ela, interrompendo meus pensamentos. Sua voz é alta, tentando fingir desinteresse. Tenho vontade de rir, o que é animador. As mulheres raramente me fazem rir.

— Eu estava visitando a divisão agrícola da WSU. Fica em Vancouver — minto. *Na verdade, estou aqui para ver você, Srta. Steele.*

Ela fica vermelha, e eu me sinto um merda.

— No momento, estou financiando umas pesquisas em rotação de culturas e ciência do solo. — Isso, pelo menos, é verdade.

— Tudo parte do seu plano de alimentar o mundo? — Seus lábios se transformam em um meio sorriso.

— Mais ou menos — murmuro.

Ela está rindo de mim? Ah, eu adoraria colocar um fim nisso, se for verdade. Mas como começar? Talvez com um jantar, em vez da entrevista costumeira... Isso sim seria uma novidade: levar uma pretendente para jantar.

Chegamos às braçadeiras, que estão organizadas de acordo com tamanhos e cores. Distraidamente, meus dedos percorrem os pacotes. *Eu poderia apenas convidá-la para jantar.* Como em um encontro? Será que ela iria? Quando a olho, ela está examinando os próprios dedos. Não consegue olhar para mim... *isso é promissor.* Escolho as braçadeiras maiores. Afinal, são mais flexíveis — podem acomodar tornozelos e pulsos de uma vez só.

— Estas vão servir — murmuro, e ela ruboriza novamente.

— Mais alguma coisa? — pergunta rapidamente. Ou está sendo superatenciosa ou quer que eu vá logo embora, não sei dizer.

— Eu gostaria de fita adesiva.

— Está fazendo uma reforma?

Reprimos um som de desdém.

— Não, não estou reformando.

Não seguro um pincel há muito tempo. Pensar nisso me faz sorrir; tenho gente para fazer essa porcaria toda.

— Por aqui — murmura ela, parecendo desapontada. — As fitas adesivas ficam no corredor de decoração.

Vamos, Grey. Você não tem muito tempo. Engate uma conversa.

— Trabalha aqui há muito tempo?

É claro que já sei a resposta. Ao contrário de outras pessoas, eu pesquiso. Ela cora mais uma vez — caramba, como é tímida. *Não tenho a menor chance.* Ela se vira rapidamente e segue pelo corredor em direção à seção com uma placa que diz DECORAÇÃO. Eu a sigo, ansioso. *Virei o quê, um maldito cachorrinho?*

— Quatro anos — balbucia ela quando alcançamos a fita adesiva. Ela se abaixa e pega dois rolos, cada um de uma

espessura diferente.

— Vou levar essa — digo.

A mais larga é muito mais eficaz como mordança. Ao me entregar a fita, as pontas dos nossos dedos se tocam rapidamente, reverberando na minha virilha. *Porra!*

Ela empalidece.

— Mais alguma coisa? — Sua voz é suave e rouca.

Estou produzindo o mesmo efeito nela que ela produz em mim. *Talvez...*

— Um pedaço de corda, eu acho.

— Por aqui.

Ela anda pelo corredor, dando-me outra oportunidade de apreciar sua bela bunda.

— De que tipo procura? Temos cordas de fios naturais e sintéticos... barbantes... cabos...

Merda — *pare*. Dou um gemido por dentro, tentando afastar a imagem dela suspensa no teto do quarto de jogos.

— Vou levar quatro metros e meio de corda de fios naturais, por favor.

É mais áspera e arranha mais se você tenta se soltar... sempre uso essa.

Um tremor percorre seus dedos, mas ela mede eficientemente os quatro metros e meio. Puxando uma faca do bolso direito, corta a corda em um único gesto rápido, depois a enrola com cuidado e a prende com um nó. *Impressionante*.

— Você foi escoteira?

— Atividades organizadas em grupo não são minha praia, Sr. Grey.

— Qual é a sua praia, Anastasia? — Capturo seu olhar, e suas íris se dilatam quando eu a encaro. *Sim!*

— Livros — sussurra ela.

— Que tipo de livros?

— Ah, você sabe. O normal. Os clássicos. Literatura inglesa, principalmente.

Literatura inglesa? Brontë e Austen, aposto. Todo aquele romantismo. Merda. Isso não é bom.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Não sei. O que mais você recomendaria? — Quero ver a reação dela.

— Para um praticante de bricolagem? — pergunta ela, surpresa.

Quero me acabar de rir. *Ah, querida, bricolagem não é o que eu curto.* Aquiesço, abafando minha vontade de gargalhar. Seus olhos se direcionam para o meu corpo e eu fico tenso. Ela está me examinando! *Cacete.*

— Macacões — ela deixa escapar.

É a coisa mais inesperada que eu já ouvi da sua boca inteligente e doce desde a pergunta “O senhor é gay?”.

— Você não ia querer estragar sua roupa. — Ela aponta para a minha calça jeans, constrangida mais uma vez.

Não resisto:

— Eu sempre poderia tirá-las.

— Hum. — Ela fica vermelha como um pimentão e olha para o chão.

— Vou levar uns macacões. Deus me livre de estragar qualquer roupa — murmuro, tentando livrá-la do seu constrangimento. Sem uma palavra, ela se vira e segue pelo corredor; mais uma vez, eu a sigo.

— Precisa de mais alguma coisa? — pergunta, sem fôlego, entregando-me um macacão azul. Ela está mortificada, os olhos baixos, o rosto corado. Minha nossa, ela me provoca certas coisas...

— Como está o artigo? — pergunto, na esperança de vê-la relaxar um pouco.

Ela ergue o olhar e abre um breve sorriso aliviado. *Finalmente.*

— Não o estou redigindo, Katherine é que está. A Srta. Kavanagh. A moça com quem divido a casa, ela é a redatora. Está muito feliz com ele. É a editora do jornal, e ficou arrasada por não ter podido fazer a entrevista pessoalmente.

Essa foi a maior frase dirigida a mim desde que nos conhecemos, e ela está falando sobre outra pessoa, não ela mesma. *Interessante.*

Antes de eu fazer um comentário, ela acrescenta:

— A única preocupação dela é que não tem nenhuma fotografia sua.

A obstinada Srta. Kavanagh quer uma foto. Um retrato para publicidade? Posso fazer isso. Vai me possibilitar passar mais tempo com a agradável Srta. Steele.

— Que tipo de fotografia ela quer?

Ela me olha por um momento, depois balança a cabeça.

— Bem, estou por aí. Amanhã, talvez...

Posso ficar em Portland. Trabalhar do hotel. Heathman, talvez. Vou precisar que o Taylor traga meu laptop e algumas roupas. Ou Elliot — a não ser que ele esteja galinhando por aí, que é o que ele costuma fazer no fim de semana.

— Estaria disposto a fazer uma sessão de fotos? — Ela não consegue esconder a surpresa.

Faço um ligeiro sinal positivo com a cabeça. *Você nem imagina o que eu faria para passar mais tempo com você, Srta. Steele... na verdade, nem eu imagino.*

— Kate vai ficar encantada, se a gente conseguir encontrar um fotógrafo. — Ela sorri e seu rosto se ilumina. Nossa, ela é de tirar o fôlego.

— Fale comigo amanhã. — Pego minha carteira. — Meu cartão. O número do meu celular está aí. Você vai precisar ligar antes das dez da manhã.

E, se ela não ligar, vou voltar para Seattle e esquecer essa aventura estúpida. Este pensamento me deprime.

— Tudo bem. — Ela continua sorrindo.

— *Ana!*

Nós dois nos viramos quando um jovem com roupas caras aparece. Ele é todo sorrisos para Anastasia Steele. *Quem é esse panaca?*

— Hum... com licença um instante, Sr. Grey.

Ela vai até ele e o filho da puta a engole em um abraço de gorila. Meu sangue congela. É uma resposta selvagem. *Tire suas malditas patas dela.* Fecho as mãos e só fico um pouco mais calmo ao ver que ela não faz nenhum movimento para retribuir o abraço.

Eles conversam em cochichos. *Merda, talvez a pesquisa do Welch estivesse errada.* Talvez esse cara seja seu namorado. Ele tem a idade certa e não consegue tirar os olhos dela. Ele a segura por um momento a certa distância, examinando-a, e depois fica

parado, com o braço descansando no ombro dela. O gesto parece casual, mas sei que ele está querendo fazer valer seus direitos e me dizendo para me afastar. Ela parece constrangida, mudando de um pé para o outro.

Merda. É melhor eu ir embora. Então ela diz alguma coisa e faz um gesto para alcançá-lo, tocando seu braço e não sua mão. Está claro que eles não são próximos. *Ótimo.*

— Ah, Paul, este é Christian Grey. Sr. Grey, este é Paul Clayton. O irmão dele é o proprietário da loja. — Ela me olha de uma maneira estranha que não entendo, e continua: — Conheço Paul desde que comecei a trabalhar aqui, embora a gente não se veja muito. Ele voltou de Princeton, onde estuda administração de empresas.

O irmão do chefe, não um namorado. A extensão do alívio que sinto é inesperada e me faz franzir o cenho. *Esta mulher realmente mexeu comigo.*

— Sr. Clayton. — Meu tom é deliberadamente ríspido.

— Sr. Grey. — Ele aperta minha mão sem firmeza. *Filho da puta molenga.* — Espera aí, não é o Christian Grey? Da Grey Enterprises Holdings? — Em um instante, observo-o se metamorfosear de dono do pedaço para obsequioso.

Sim, sou eu, seu babaca.

— Nossa! Há alguma coisa que eu possa lhe trazer?

— Anastasia já me atendeu, Sr. Clayton. Foi muito atenciosa. — *Dê o fora.*

— Legal — diz ele efusivamente, respeitoso e com os olhos bem abertos. — Depois a gente se fala, Ana.

— Claro, Paul — diz ela, e o sujeito vai embora, graças a Deus. Eu o observo desaparecer em direção aos fundos da loja. — Mais alguma coisa, Sr. Grey?

— Só isso — murmuro.

Merda, meu tempo está acabando e ainda não sei se vou vê-la de novo. Quero saber se existe alguma chance de ela considerar o que eu tenho em mente. Como posso perguntar? Estou pronto para a nova submissa que não conhece nada do assunto? Ela vai precisar de um treinamento substancial. Solto um gemido por dentro para todas as possibilidades interessantes que isso oferece...

Chegar lá vai ser metade da diversão. Ela vai se interessar? Ou estou julgando-a errado?

Ela vai para detrás do balcão do caixa e registra minhas compras, sempre olhando para baixo. *Olhe para mim, droga!* Quero ver seus lindos olhos azuis de novo e tentar descobrir o que está pensando.

Finalmente, ela levanta a cabeça.

— São quarenta e três dólares, por favor.

Só isso?

— Quer uma sacola? — pergunta ela, enquanto eu entrego meu cartão de crédito.

— Por favor, Anastasia.

Seu nome — um nome lindo para uma garota linda — dança em minha língua.

Ela empacota as compras rápida e eficientemente. É isso. Eu tenho que ir.

— Você me telefona se quiser que eu pose para as fotos?

Ela confirma com a cabeça e me devolve meu cartão de crédito.

— Ótimo. Até amanhã, talvez. — *Não posso apenas ir embora. Tenho que mostrar que estou interessado.* — Ah... e Anastasia, ainda bem que a Srta. Kavanagh não pôde fazer a entrevista.

Adorando sua expressão atordoada, coloco a sacola no ombro e saio da loja.

Sim, apesar do que diz meu lado racional, eu a quero. Agora tenho que esperar... esperar, porra... de novo.

Isso é tudo... por ora.

Obrigada, obrigada, obrigada por terem lido.

E L James

Sobre a autora

© Michael Lionstar



E L JAMES é ex-executiva de TV e mora em Londres. Casada e com dois filhos, desde pequena sonhava em escrever histórias pelas quais os leitores se apaixonassem, mas adiou esse sonho para se concentrar na família e na carreira. Quando finalmente arranhou coragem para escrever, pôs no papel seu primeiro romance, *Cinquenta tons de cinza*. Na sequência, publicou os outros dois livros da série, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*, completando a trilogia que se tornou o maior fenômeno editorial dos últimos anos.

Conheça os livros da autora



Cinquenta tons de cinza



Cinquenta tons mais escuros

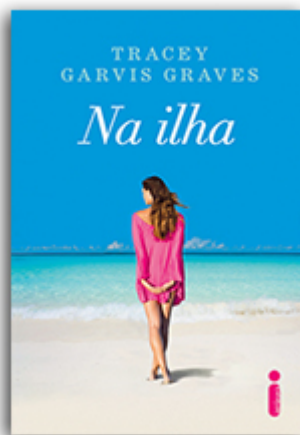


Cinquenta tons de liberdade

Leia também



O segredo do meu marido
Liane Moriarty



Na ilha
Tracey Garvis Graves



A garota que você deixou para trás
Jojo Moyes